SUPPLEMENTO
AO
VOCABULARIO
PORTUGUEZ, E LATINO,
QUE ACABOU DE SAHIR A' LUZ,
Anno de 1721.

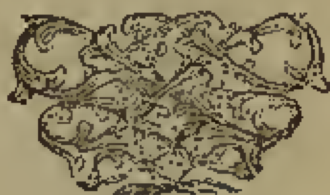
Dividido em oito volumes,

DEDICADOS AO MAGNIFICO REY DE PORTUGAL

D. JOAÕ V.

PARTE PRIMEIRA.

PELO PADRE D. RAFAEL BLUTEAU,
Clerigo Regular,
DOUTOR NA SAGRADA THEOLOGIA, PRE'GADOR DA Rainha da Grãa Bretanha, Henriqueta Maria de França, Qualificador do Santo Officio no Sagrado Tribunal da Inquisiçaõ de Lisboa, e Academico da Academia Real.





LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de JOSEPH ANTONIO DA SYLVA,
Impressor da Academia Real.

M. DCC. XXVII.
Com todas as licenças necessarias.





AO MUITO ALTO,

MUITO PODEROSO, E MAGNIFICO REY,

D. JOAÕ QUINTO.

SENHOR.



STE Supplemento he effeito do bom gosto de Vossa Magestade, e he juntamente tributo da minha obediencia. Quando tive a honra de pôr aos pés de Vossa Magestade o setimo,

e oitavo volume do Vocabulario Portuguez, e Latino, Vossa Magestade, a cuja Soberania prespicacissima comprehensaõ nada se occulta, considerou, que a dita obra, ainda que ampla, era diminuta pela innumeravel quantidade de vocabulos, que na vastissima extensaõ de hum idioma, por todo o theatro da natureza em creaturas, por Artes Liberaes, e Mecanicas, por todas as Sciencias, e ministerios da Republica, por todos os officios do vulgo, e geralmente por todas as expressoens do trato humano, com insensivel, e perpetua fecundidade se multiplicaõ.

Assim he, Senhor; e desde o anno de mil e seiscentos e sessenta e oito, que cheguey a primeira vez a este Reyno, estou admirando no idioma Portuguez esta notavel multiplicaçaõ em palavras, antigamente desconhecidas, e hoje sublimadas ao throno da mais excelsa eloquencia, e por isso me animo a sahir com este Supplemento.

Todos os Vocabularios saõ obras, que nunca chegaõ a ter coroa, porque naõ tem, nem moralmente fallando, podem ter fim. Este mesmo defeito, bem considerado, he grande privilegio. Tudo neste Mundo acaba; hum Vocabulario sempre póde crescer; he hum rio, em que às primeiras ondas succedem as segundas, e a estas outras, com indeficiente affluencia; he hum Ceo sereno, em que naõ podem os olhos determinar o numero das Estrellas, porque apoz humas vem nascendo outras; nem as de hum, e outro hemisferio se deixaõ ver no mesmo tempo todas juntas; naõ he pequena gloria huma infinidade, ainda que apparente; nas suas dicçoens, qualquer idioma tem huma participaçaõ desta gloria; nenhum Author de Diccionario se póde justamente gavar de as ter ajuntado todas.

Quando no anno de 1509. *vio Ambrosio Calepino o seu Diccionario Latino impresso, sem vaidade podia crer ter dado à Republica das letras hum grande soccorro; porém nas paginas do seu livro, naõ foraõ as columnas, como as de Hercules, limitadas com o* Non plus ultra *do progresso; sahiraõ famosos Descobridores, que senaõ abriraõ como Colon, e Gama o caminho a novos Mundos, com doutos accrescentamentos encheraõ o Mundo de eruditos additamentos, e*

desde

desde o Occidente até o Oriente estenderaõ as propriedades, e elegancias da sempre venerada locuçaõ dos antigos Romanos.

No seu Diccionario Historico naõ foy menos venturoso Luiz Moreri, e se hoje vivera, e na sua obra se vira, naõ se reconhecera a si proprio na sua numerosa corpulencia. Quem no mar deste genero de literatura se engolfa, naõ ha de acabar a viagem, navegando de barra a barra em direitura; nem aos curiosos convem, que tome porto, e lance ferro para sempre; he preciso, que dé outra volta, e arripie a carreira, para tornar a correr pelas letras todos os rumos do Alfabeto.

Esta com o mandado, ou beneplacito de Vossa Magestade animada, he a potentissima causa deste novo, e repetido estudo; torno a soletrar o Abecedario Portuguez, e com este exercicio, restituido à puericia, agradeço a Vossa Magestade a mercé, com que me favorece em hum tempo, em que me vem atropellando a muita idade; mas por muito mais que ella fosse crescendo, nunca chegaria esta obra a ser completa. Só Deos, que fez tudo, póde dar conta perfeita de tudo o que elle fez. Poz Adaõ nomes a todos os animaes da terra, e a todas as aves; naõ se acha, que chamasse pelos seus nomes os peixes; nem taõ pouco se sabe, que soubesse Adaõ os nomes de todas as Estrellas: só Deos, que fez todas aquellas peregrinas luzes, sabe os nomes de todas. Numerat multitudinem Stellarum, & omnibus eis nomina vocat.

Taõ fóra está o homem de saber tudo, que de tudo nem os nomes sabe. Deve o homem contentarse com a noticia dos nomes, que para o seu trato lhe saõ mais necessarios; naõ deve esperar por livro, que diga tudo: naõ he desdouro da obra o que fica no tinteiro. Desta verdade taõ persuadidos estavaõ os Athenienses, que à estatua de Mercurio (para elles Deos das sciencias) ainda que mutilada, e manca, faziaõ as mesmas honras, que se fora inteiriça. Nos Diccionarios, principios fundamentaes de todas as sciencias, se representa Mercurio, eloquente Ministro dos Deoses da Fabula; naõ he razaõ, que por qualquer defeito percaõ o credito. Até nas obras de Deos ha claros, e escuros; da luz, e das trevas compoz Deos o

 dia

dia natural; creou Deos o Ceo, e a terra, isto he, corpos lucidos, e opacos; no meyo dos Astros mais resplandecentes ha Estrellas nebulósas; que muito he, que entre milhoens de palavras, fiquem algumas em branco; destas mesmas se póde dizer, que naõ ficaõ às escuras.

Conheço, que para hum Monarcha, como Vossa Magestade, de solidas Filosofias amigo, nenhuma efficacia tem estas razoens, mas em todo o rigor de justiça, quem faz quanto póde, naõ está obrigado a mais; nem podia eu fazer mais do que vencer os obstaculos, que pareciaõ impossibilitar a execuçaõ desta obra. Parecia-me impossivel a empreza de alfabetar em lingua, naõ minha, o Mundo; sem carta de naturalizaçaõ, ostentarme Lusitano, sendo Inglez de nascimento; e sem desconfiança das forças precisas, nem cuidado dos cabedaes, necessarios para as despezas Tipograficas, gastar a melhor parte da vida na construcçaõ de taõ vasta machina literaria.

Estes, e outros apparentes impossiveis venceo a zelosa ambiçaõ de servir a Vossa Magestade, e aproveitar os seus Vassallos; porque por engenhosos, por doutos, e eruditos que sejaõ, com o soccorro de dez volumes, lhes será mais facil fundar, e ornar em toda a materia os seus discursos no idioma Portuguez, e Latino.

Por experimentado que seja o Piloto, necessita de roteiro, e agulha de marear; por pratico que seja o viandante, naõ deixa de levar em grandes jornadas itinerario; no mar da literatura, este Vocabulario he roteiro; no caminho para o saber, he guia; os erros saõ do Author, mas entre alguns erros, e desvios, ha estradas Reaes, e vias rectas, que sem tropeço vaõ entestar nos dominios da verdade.

A isto se accrescenta, que de todos os livros, que se daõ à estampa, os Diccionarios saõ os que mais prompta, e facilmente instruem quem os consulta; basta buscar pelas letras do Alfabeto a palavra, da qual se deseja ter noticia, em breves instantes se acha alguma noçaõ ignorada; e assim para a intelligencia de todo o genero de palavras, hum bom Vocabulario he hum Indice de todos os Indices de

huma

huma grande Livraria; he hum thesouro, em que se acha junto, o que anda em muitos cofres dividido; he a ucharia dos pastos do entendimento, a guardaroupa das sciencias; o armazem das noticias; e o banquete universal de toda a sabedoria.

Se o Vocabulario for Historico, como o de Luiz Moreri, nos nomes das pessoas insignes, e dignas da memoria da posteridade, se achará hum compendio da sua historia.

Se o Vocabulario for de cousas, e naõ de pessoas, como o do Abbade de Furetiere, ou da Academia da lingua Franceza, nos nomes de todas as cousas corporeas, e incorporeas se acharaõ as suas mais singulares propriedades.

Se o Vocabulario for como o do Lexicon Universal de Hofman, achará o Leitor noticias das pessoas juntamente, e das cousas, e andará advertido nas materias concernentes á pureza da Fé; porque o Author naõ he Orthodoxo.

Este meu Vocabulario, como naõ he de pessoas, nelle só se acharáõ os nomes de alguns Numes, ou Heroes, e Personagens fabulosas, cujo conhecimento me pareceo preciso para os Poetas, e Mythologicos. Porém de todas as cousas, que me vieraõ á noticia, faz o dito Vocabulario mençaõ; e para credito, e honra de seu Author, foy acabado no reynado de hum Monarcha taõ amante das letras, que de seu proprio motu, e por sua ingenita munificencia, lhe deu para sahir á luz preciosos alentos.

Sim, Senhor, se com auxilios do erario Real naõ acudira Vossa Magestade, no meyo da carreira parava a obra, e a suspensaõ della era por agora huma especie de suffocaçaõ, e morte para a lingua Portugueza, lingua hoje viva, e taõ viva, que com ventagem á lingua Latina morta, cada dia com novas expressoens se amplifica.

Mas por ampla, e elegante que chegue a ser a nossa lingua, para Vossa Magestade sempre será esteril, e defectuosa na composiçaõ dos encomios; fundados na sagrada magnificencia do culto Divino, na pia observancia da Liturgia Romana, na sua inalteravel serenidade, e firmeza de animo em emprezas arduas, na gloria das

armas

armas, na creação das Academias, no patrocinio das letras, e em outras excelsas prerogativas, tão superiores ao discurso humano, que para dignamente celebrallas, não tem cabedaes as mais ricas linguas do Mundo.

A outras pennas, que à minha toca, tão grande, tão excelso, tão glorioso assumpto; e outro campo, que huma epistola dedicatoria, seria preciso para o alarde das incomparaveis virtudes de Vossa Magestade; mas consagrando a Vossa Magestade este fruto dos meus estudos, tenho a satisfação de dar a Vossa Magestade huma, ainda que leve, prova do meu agradecimento. Se della colhèr o publico alguma utilidade, a Vossa Magestade deverá toda a obrigação, e esta mesma me obrigará a confessarme ainda mais obrigado a Vossa Magestade, cuja vida, prosperidade, e gloria sempre pedirey a Deos, em quanto eu viver. Lisboa Occidental, Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia, anno de 1722.

D. Rafael Bluteau,
Clerigo Regular.

PRO-

PROLOGO SEGUNDO,

OU SEGUNDA ADVERTENCIA DO AUTHOR aos Leitores, já nomeados nas primeiras folhas do primeiro volume do Vocabulario, a saber,

O Leitor Benevolo. O Leitor Malevolo. O Leitor Impaciente. O Leitor Portuguez. O Leitor Estrangeiro. O Leitor Douto. O Leitor Indouto. O Leitor Pseudocritico. O Leitor Impertinente. O Leitor Mofino.

AO LEITOR BENEVOLO.

CONHEÇO o muito, que me tens favorecido, Benevolo Leitor, e confesso o muito, que te devo. Sey, que te fizeste contraste do valor desta obra, e tiraste pela espada, para acutilar a Pseudocritica. Com discreta moderaçaõ reprimiste as demazias dos Aristarcos; de alguns, que naõ tem juizo, te fizeste Juiz, e apadrinhaste a minha causa, para confundir necios: mostraste a grande differença, que vay de erratas a erros, declarando, que aquellas saõ peccados do Impressor, e estes pela mayor parte, inadvertencias do Author, ou ignorancias das pessoas, que consultou, e algumas vezes malicias de malevolos, como logo manifestarey no segundo paragrafo deste Prologo.

AO LEITOR MALEVOLO.

Naõ sey quem es, nem como te chamas, nem adonde moras; nem procuro saballo. porque es malfazejo, e cruelmente malevolo. A quem te conhece, e comtigo tem muito trato, ouvi dizer, que todas as vezes, que te consultey sobre o significado de algum vocabulo Portuguez, sempre me disseste o contrario do que significa; linda habilidade! Bella acçaõ! Grande façanha! A hum peregrino duvidoso ensinaste a errar o caminho; ao aprendiz, desejoso de saber, déste regras contrarias à arte; ao innocente comprador vendeste gato por lebre. Verdade he, que nada vendeste, porque em ti o fazer mal, he mercancia de graça. Muito obri-

gada

gada te fica a tua Patria: manchaste a pureza da sua locução; e com tua lingua sujaste huma das melhores linguagens da Europa.

Naturalmente todo o homem procura encobrir o mal, que faz; em ti, o fazer mal he taõ natural, que fazes gala do mal que fazes; nos mais homens a maldade he vicio, em ti he natureza; e assim naõ pódes ser bom, senaõ para fazer mal; mas nem isto sabes fazer bem, porque em tudo andas desatinado.

O fazer mal tambem he arte. Para matar com espingarda, naõ basta ter polvora, e bala; he necessario prover a escorva, pôr ponto, desfechar o caõ, e dar em parte, que derrube, e mate; tu, quando muito, abalas, mas naõ derrubas; atiras, mas naõ matas; só para ti tens hum bem, e he, que se naõ sabe bem quem es; para nós naõ importa saber cousa taõ pouca. Mas já que naõ sey dizer quem es, direy quem naõ es.

Naõ es cousa digna de se saber. Naõ es nenhum dos homens honrados, e amigos da Patria, que persuadidos da utilidade desta obra, me deraõ noticias, e me ajudaraõ na empreza. Para evitar competencias de precedencia, eu os irey nomeando, naõ segundo as calidades das pessoas, mas pouco mais, ou menos segundo a serie dos tempos, em que me favoreceraõ.

Logo em primeiro lugar, naõ es Antonio Luiz de Azevedo, primeiro Official da Secretaria das Mercês, e sogeito notoriamente versado nas boas letras, o qual vio a obra nas mantilhas, e com a liçaõ dos primeiros cadernos, medindo *Ex ungue leonem*, considerava o muito que a obra daria de si, e juntamente me animava a continuar o trabalho com a esperança do premio.

Tambem naõ es Mendo de Foyos Pereira, Secretario de Estado, Ministro a todas as luzes grande, e taõ empenhado em favorecer esta producçaõ, que para a emulaçaõ naõ abortar o feto, em quanto viveo, solicitou o parto.

Naõ es Antonio Rodrigues da Costa, Academico Real, da Republica das letras Gregas, e Latinas singularmente benemerito, a cujo prespicacissimo juizo foy em primeiro lugar commettida a censura do Vocabulario.

Naõ es o Capitaõ da Guarda delRey D. Pedro II. e do seu Conselho de Estado D. Francisco de Sousa, Varaõ cortado dos Astros para modello da galantaria Aulica, e da politica sagacidade; na carta, que está no principio do primeiro volume, se vê, como sempre foy acerrimo defensor desta obra, e pregoeiro da sua utilidade.

Certamente naõ es o Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, taõ versado em toda a sciencia do Hippodromo, e manejo Equestre, que tendo em tudo bom termo de Cavalheiro, com a noticia dos termos, que

me

me deu, se acreditou insigne Cavalleiro; e sem offender na Academia Real o seu officio de Secretario, sabe publicar o que sabe.

Naõ es o Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, viva encyclopedia, e perpetuo manancial de toda a literatura. Na Universidade de Coimbra, em hum Congresso de homens doutos, taõ singularmente acreditou o Vocabulario, que lhe chamou *Livro universal*; e depois com os additamentos, que me communicou, o fez ainda mais copioso.

Naõ es o Conde de Assumar D. Joaõ de Almeida e Portugal, do Conselho de Estado, em toda a parte magestoso, na sua Embaixada em Castella, representando a pessoa do seu Rey; e da Academia Real Portugueza, pela sua erudiçaõ venerando ornamento. Para este Supplemento mandou vir da Corte de Madrid noticias, nesta Corte ou duvidosas, ou ignoradas.

Naõ es o Academico Real Joseph Soares da Sylva, excellente Orador, Poeta elegante, e na Arithmetica das glorias da Mãy de Deos, Contador taõ primoroso, que no seu *Diario Metrico*, de toda a Eternidade da Graça, naõ deixou passar hum instante sem triunfo. Com seus conselhos, e noticias, naõ só ajudou a composiçaõ desta obra, mas com encomios, impressos no primeiro volume, honrou o seu nascimento, e com repetidos abonos sempre deu ao Author novos alentos.

Naõ es o Licenciado Agostinho Gomes Guimaraens, Academico Real, e Deputado do Santo Officio, que levado do zelo da verdade, solicitou o remedio de humas travacontas, que embaraçavaõ a impressaõ dos primeiros volumes do Vocabulario, e foy causa de que emendey hum erro, em que me fez cahir o Diccionario Historico de Moreri, na lista das Reliquias da Igreja de Santo Ambrosio de Milaõ. Na primeira parte deste Supplemento, *verbo* Milaõ, achará o Leitor huma curiosa, e ampla emenda deste erro.

Naõ es o estudioso Ignacio de Carvalho e Sousa, hoje Academico Real, e taõ singular, que ainda que Anonymo, he digno dos nomes Applicado, e Generoso. Ao seu laborioso estudo, e discreta curiosidade deve este Vocabulario a noticia dos termos mais exquisitos da Poesia Portugueza.

Naõ es o Cosmografo mór Manoel Pimentel, em cuja casa se fez hereditaria a Nautica, Geometrica, e Astronomica sabedoria. Do pay ao filho, do filho ao neto, se foy communicando o saber, sem degenerar com os annos a descendencia, porque sempre foy sobindo do amor das letras a nobreza. Develhe esta obra muitas emendas, e proveitosas advertencias.

Naõ es o amigo, e visinho meu Luiz Peres, sogeito taõ caritativo, que

que tomou à sua conta a investigaçaõ de vocabulos peregrinos; até aos menos conhecidos dey com boa vontade bom gasalho.

Certamente naõ es o Desembargador Gregorio Pereira Fidalgo, que da Lusitania, na India, e na Persia, do Occidente para o Oriente, e do Oriente para o Occidente, sempre se houve taõ fidalgamente, que depois de honradas peregrinaçoens, só no Supremo Tribunal do Paço tomou lugar para o descanço, e este taõ nobiemente laborioso, que no meyo das suas quotidianas occupaçoens, achou tempo para ajudarme a ornar, e amplificar este Supplemento, com a noticia da continuada successaõ dos Vice-Reys, e Governadores da India.

Naõ es o Reverendissimo Padre Antonio dos Reys, Padre do Oratorio, Academico da Academia Real, primeiro Chronista Latino da sua Illustrissima Congregaçaõ; nem es o Padre Domingos Pereira, tambem filho de S. Filippe Neri, Religiosissimo, ambos com as ricas palavras que me deraõ, accrescentaraõ este literario thesouro da providencia.

Já que fallamos em Padres, certamente naõ es tu dos meus. Naõ es o Reverendissimo D. Joseph Barbosa, Academico Real, e Chronista da Casa de Bragança; naõ es o Reverendissimo D. Luiz de Lima, Academico Real, Secretario das linguas Europeas na Corte, e nas linguas Orientaes versado; nem es o Reverendissimo D. Jeronymo Contador de Argote, Academico Real, elegante, e pio Escritor das virtudes, e glorias do seu Patriarca; muito menos es o Reverendissimo Padre D. Manoel Caetano de Sousa, tambem Clerigo Regular Theatino, Examinador das Ordens Militares, e dignissimo Pro-Commissario da Bulla da Cruzada. Contribuiraõ estes quatro eruditos sogeitos à formaçaõ, e perfeiçaõ do Vocabulario; o primeiro, com hum livro, escrito de sua letra, intitulado *Indice de palavras, e frases Portuguezas, tomadas de varios Authores*; o segundo, com outras expressoens, por ordem alfabetica distribuidas em cadernos avulsos; o terceiro, com humas objecções, ou criticas advertencias sobre os primeiros volumes do Vocabulario, que lhe foraõ à maõ, estando actualmente em Braga; o quarto, de tempo em tempo com selectos, e exquisitos termos, cuja intelligencia, quanto mais rara, he mais preciosa.

Até na Serafica pobreza se abrio hum thesouro, com que o Reverendissimo Padre Fr. Manoel de S. Boaventura, e da Academia Real doutissimo Academico, da Villa de Amarante, sua nobilissima Patria, me deu noticias taõ ricas, e tantas, que tive trabalho em coarctar a extensaõ, e reprimir a abundancia. Para esta obra palavras da India saõ perolas do Oriente; com muitas dellas ornou a eloquencia Portugueza as Historias, e Relaçoens daquellas terras, e foy providencia de Deos, que a

esta

eſta Corte chegaſſe hum ſogeito, tambem Serafico, a tempo de ajudarme a enriquecer eſte Vocabulario com termos, que ainda que proprios de outro hemisferio, uſados dos Portuguezes no ambito de ſuas Conquiſtas, tem direito para ſerem naturalizados neſte Reyno. Eſte Religioſo Ultramarino he o Reverendiſſimo Padre Fr. Affonſo da Madre de Deos Guerreiro, naõ ſó de nome, mas de officio, pela profiſſaõ das armas quando ſecular, e hoje tambem guerreiro pelo genio bellicoſo, com que à Academia Real (de que he digniſſimo alumno) deu papeis, em que propoem meyos para a recuperaçaõ, e fortificaçaõ de Praças, dentro deſte Reyno, e fóra.

Que he iſto, Leitor Malevolo? Naõ acabo de ſaber quem es? Entre os meus naõ te acho; naõ te acho entre os alheyos.

Naõ es o curioſo, e douto Joſeph Caetano, que de Setuval me enviou humas palavras, que faltaõ, e com generoſa caridade me prometteo remetter outras, cuja expectaçaõ me alvoroça, e me recreará com a ſua novidade a chegada.

Naõ es o engenhoſo Franciſco de Souſa e Almada, dos Ennueaticos applauſos Author diſcretamente feſtivo, que com eſtudioſa prodigalidade me trouxe papeis, cheyos de palavras epicas, e vulgares para o eſtylo ſerio, e jocoſo.

Tambem naõ es o primoroſo, e muito douto Advogado Manoel Tinoco de Magalhaens, que da Cidade de Braga me eſcreveo huma carta, com data de 12. de Janeiro de 1727. a qual começa aſſim.

„ Reverendiſſimo Senhor. Reconhecendo a grande obrigaçaõ em que „ a naçaõ Portugueza eſtà a V. Reverendiſſima no exceſſivo deſvelo, e „ louvavel trabalho, com que exhaurio, e acreditou a propriedade, e „ excellencia de ſua lingua, com incançavel eſtudo, e revoluçaõ de tan„ tos livros, ſe anima a minha confiança cá deſtas partes remotas, a dar„ lhe em nome deſta Cidade Primaz, o condigno agradecimento de taõ „ frutifero, e generoſo beneficio, &c. Neſta meſma carta me dá o Author della para o Supplemento do Vocabulario humas noticias, que por virem tarde, naõ poderaõ occupar o ſeu lugar alfabetico; mas ficaõ no fim do ſegundo volume deſte Supplemento, debaixo do titulo, que diz, *Vocabulario de nomes, pela mayor parte ignorados, &c.*

Finalmente naõ acho o teu nome entre os Qualificadores do Santo Officio, e Revedores do Paço, que com ſuas expeditas approvaçoens deraõ à minha obra pés para correr, e com ſuas pennas, azas para voar.

Abre, Leitor Malevolo, o primeiro volume do Vocabulario, e repara no que diz, o Cancellario da Univerſidade de Coimbra, e Geral dos Conegos Regrantes, o Reverendiſſimo Padre D. Gaſpar da Encarnaçaõ. Declara, que a empreza do Author he digna da attençaõ da Mageſtade,

e que merece honra o seu trabalho. Revolve os outros sete volumes Malevolo Leitor, e nos principios delles vê o que da dita obra diz o Doutissimo, e Sapientissimo Padre Fr. Manoel Guilherme, do Ceo Dominicano Astro taõ benefico, que ainda depois de se ausentar para sempre dos seus posthumos resplandores, ficará com que allumiar, e eternizar na Livraria do seu Convento o seu nome, e o seu saber.

Vê o que diz o Padre Pantaleaõ de Barros, da Companhia de Jesus, Mestre da Primeira no seu Collegio de Coimbra. Na sua approvaçaõ faz ao Author hum taõ solido, e honorifico elogio, que toda a Rhetorica he insufficiente para o agradecimento.

Vê o que diz o Reverendissimo Padre Mestre Fr. Bernardo Telles, que coroando com a fidalguia da sua urbanidade a nobreza do seu sangue, se faz de Revedor admirador, e de Censor Panegyrista. No mesmo tempo vê o que no outra pagina diz o suavissimo Mestre Fr. Bernardo de Castro, tambem filho de S. Bernardo. Com lingua duplicadamente melliflua, porque duas vezes Bernarda, celebra este novo Promptuario da lingua Portugueza, e para o tirar da ple[...]os Diccionarios *Epilogo de erudiçoens* o chama.

Naõ tinha eu razaõ, Leitor Malevolo, para dizer, que já que naõ sey dizer quem ès, saberia dizer quem naõ es?

Naõ es o esclarecido Mestre Fr. Joseph do Nascimento, Religioso Jeronymo, de todos singularmente estimado, e taõ notavel estimador do Vocabulario, que se naõ tivera fama de verdadeiro, e synceero, podera parecer encarecido, e lisongeiro. O mesmo se póde justamente dizer dos outros quatro doutissimos, sapientissimos, e benignissimos Qualificadores, o Padre D. Bento de Santo Agostinho, do Collegio Augusto da Sapiencia; o Padre Fr. Antonio Chichorro, da Ordem de Christo; o Padre Fr. Antonio da Expectaçaõ, Religioso de S. Francisco; e o Padre Fr. Antonio do Sacramento, Religioso de S. Domingos, cujos encomios naõ repito, para que em mim naõ pareça filancia, e vaidade, o que certamente he confusaõ, raiva, e amofinaçaõ para o Malevolo Leitor.

Ah sim, de louvores alheyos te amofinas? Pois armate de paciencia, e tapa essa boca. Em quatro censuras, hum só Revedor fez ao Vocabulario quatro panegyricos. Por mandado delRey, que Deos guarde, revio os quatro ultimos volumes o Reverendissimo Padre Fr. Lucas de Santa Catharina, filho do grande Patriarcha S. Domingos, Historiografo da sua Sagrada Religiaõ, e da Academia Real Academico. Este zelosissimo Patrono do Vocabulario, e curiosissimo descobridor das suas utilidades, depois de fulminar com o rayo da sua penna as ignorancias, e invejas dos maledicos, em cada censura engrandece ao Vocabulario com titulos, que se já os naõ tivera publicado o prélo, a modestia do

Author

Author os entregara ao silencio. Na primeira das suas censuras este benevolo Censor chama ao Vocabulario, *Microcosmo noticioso, e Mundo abreviado; que inclue o melhor, e o tudo, como o homem o tudo, e o melhor do Universo.* Na segunda censura chamalhe *Bibliotheca da erudiçaõ humana.* Na terceira censura dalhe o titulo de *Thesouro inexhausto*, &c. *com que sem estudo de outras sciencias póde o entendimento doutrinado entrar na Patria de todas, talvez com o conhecimento do melhor dellas*; finalmente na quarta, e ultima censura diz, que a empreza do Vocabulario *He toda desta Coroa, pelo idioma; toda da sua gloria, pelos commercios estranhos, que lhe grangea, e toda da Magestade del Rey Nosso Senhor, pelo patrocinio, e pelo dispendio.*

A tudo isto dirá o Leitor Malevolo, que todos estes abonos saõ adulaçoens, e que naõ ha livro, por inutil, e mao que seja, que naõ tenha seu padrinho. Eu para mim, supponho, que a minha obra he a peor das que até agora viraõ a luz do Mundo; mas com que consciencia o Leitor Malevolo a fez ainda peór do que era, multiplicando nella com noticias falsas os erros. Ao triste do Vocabulario naõ lhe bastava ser mao; para que foy fazello peor? A razaõ he clara; o Leitor Malevolo he homem pessimo, e como tal, deleitouse em fazer o mao mais mao.

Mas como havia de fazer cousa boa hum sogeito, que se por huma parte parece, que he, por outra parte naõ he. Sim, Malevolo Leitor, ainda que naõ conhecido, bem considerado, tu es hum es naõ es. Naõ es hum dos muitos doutos, prudentes, discretos, e benignos, que acabo de nomear, e naõ acabarey de estimar, e louvar; e com tudo naõ deixas de ser, porque es o contrario do que elles saõ; mas este mesmo es, he hum naõ es, porque naõ es o que houveras de ser, e este teu es, he hum naõ es.

AO LEITOR IMPACIENTE.

Trinta annos gastados na composiçaõ dos oito volumes do Vocabulario, com outros dez empregados na emenda, reforma, e additamentos delle, em outros dous volumes de folha, saõ quarenta. Em todo este tempo a tua paciencia se exercitou, ou se amoffinou a tua impaciencia.

Agora naõ tens razaõ de queixarte da tardança deste Supplemento. Se eu me tivera detido em dar conta do que nestes additamentos se encerra, ainda naõ teria apparecido o Vocabulario. Eraõ precisos alguns annos mais, para dar noticia de tudo o que neste Supplemento tens de novo. Naõ te peze ter esperado. Aqui se acha o que parecia perdido; aqui se faz mençaõ do que escapou à penna; aqui se emenda o em que errou a impericia; aqui se authorizaõ com exemplos, expressoens destitui-

das de abonador. Vocabulos vulgares, e outros inauditos ao vulgo; termos nobres, frases elegantes, jaziaõ no sepulchro do esquecimento; neste segundo theatro sahem à luz, e as noticias que daõ, saõ premios devidos à paciencia dos curiosos.

AO LEITOR PORTUGUEZ.

Perdaõ, amigo, perdaõ; se eu te pareço atrevido, considera, que sou curioso. A curiosidade, que tenho do teu idioma, me obriga a este novo atrevimento. Torno a correr pelas letras do alfabeto a linguagem Portugueza, e aos oito volumes do Vocabulario accrescento outro com o titulo de Supplemento. Tu (se me naõ engano) tornàs a enfadarte da teima do Flamengo em estender o Vocabulario.

Sey, que es bom Portuguez, e como tal estranhas, que em toda a obra, e principalmente neste additamento haja muita palavra, que naõ he inteiramente Portugueza. A huma linguagem taõ nobre como a tua, naõ sofres, que viva de esmolas; e na realidade naõ só he miseria, mas tambem vileza, mendigar o necessario, principalmente a estranhos. A vergonha com que se pede aos seus, fica das portas a dentro; a necessidade, que occupa os de fora, se faz publica, e envergonha ao necessitado. A hum Gentio, que pedia pelos Deoses, respondeo hum Spartano, naõ tenho devoçaõ a Deidades mais pobres do que eu.

Mas como ha de ser? Todas as linguas nascem pobres, e mendigando se enriquecem. Desde o principio da confusaõ das linguas na empreza da Torre Babilonica, da lingua Hebrea mendigaraõ palavras a lingua Caldaica, a Arabica, ou Madianitica, a Samaritana, a Ethiopica, e a Syriaca. Com outra semelhante inopia, pobreza, e em certo modo insensivel mendicidade, em todas as naçoens se foraõ humas linguas remedeando com os cabedaes das outras.

Que imaginas, Leitor Portuguez, que ha lingua no Mundo de seus bens de raiz, e de seu patrimonio taõ rica, que naõ necessite dos soccorros de outra? Todas com imperceptivel caridade, humas às outras daõ do seu, e com o tempo se fazem ricas. Com a lingua Grega enriqueceo a lingua Latina, e com esta cada dia se vay fazendo mais opulenta a lingua Portugueza.

Que imaginas, Leitor Portuguez, que a tua lingua nasceo rica, abastada, e provida de todo o necessario? Como andas enganado, se tal imaginas. A tua lingua, ainda que nobilissima, nos seus principios foy muito pobre; para se tirar de lazeira, se valeo de palavras derivadas de nomes Gregos, Hebraicos, Latinos, Arabicos, e Syros; Francezes, Italianos, Alemaens lhe meteraõ em casa peregrinas expressoens;

pressoens; em memoria da sua dominaçaõ, alguns vocabulos lhe deixaraõ os Godos.

Das palavras das ditas nações, introduzidas no idioma Portuguez, faz mençaõ Duarte Nunes de Leaõ, no seu livrinho intitulado Origem da lingua Portugueza, desde a pagina 53. até a pag. 97. e das palavras originariamente Portuguezas, que naõ foraõ tomadas de outras gentes, faz o dito Author hum Catalogo, em que depois de as contar por curiosidade, achey, que entre todas saõ unicamente setecentas e oitenta e oito.

Dirás, que saõ muito poucas, e assim he; mas nos mais florentes idiomas se acha esta mesma penuria de palavras nativas. Hoje a lingua Franceza passa por huma das mais ricas da Europa. Naõ quizera eu jurar, que tem a dita lingua setecentas palavras originariamente Francezas. No livro composto por Egidio Menage, intitulado *Diccionario Etymologico da lingua Franceza*, muitas palavras ha meramente Francezas; mas folheando, e repassando o dito livro, achey, que a mayor parte das palavras de que o dito Author faz mençaõ, saõ derivadas de linguagens differentes da Franceza. Se pois a lingua Franceza he de sua natureza taõ pobre, como a Portugueza, que muito he, que huma, e outra, com os emprestimos, ou despojos de outras remedee a sua indigencia? Os idiomas saõ como os elementos; em todos os mixtos os elementos entraõ; a mayor parte dos discursos saõ huns mixtos de varias linguagens; com a primeira mistura se compoem a harmonia da natureza; na outra mistura consiste a harmonia da locuçaõ.

Amigo, naõ queiras ser Portuguez mais do necessario; no coraçaõ sempre sê Portuguez; na lingua nem sempre; na falla da mais orgulhosa naçaõ subtilmente se insinuaõ palavras estranhas.

AO LEITOR ESTRANGEIRO.

Tambem a ti te faz este Supplemento subir a mostarda ao nariz? Vejote picado de ver outro volume de vocabulos Portuguezes. Que culpa tenho eu, se na tua linguagem naõ tens outros tantos? Neste genero de obras naõ faltaõ palavras para os Authores, faltaõ Authores para ajuntar as palavras; a huns falta a curiosidade; parecelhes cansaço inutil, andar à caça de palavras, alistar dicçoens, e fazer reclutas de vocabulos. A outros falta paciencia, e valor para taõ trabalhoso estudo.

De toda a empreza literaria a mais molesta, e embaraçada he a de hum Vocabulario. Qualquer outro livro se divide em paragrafos, ou capitulos concernentes a huma só materia, ou assumpto; nos Vocabularios, cada palavra he de por si hum paragrafo, cada dicçaõ he hum capitulo, com materia muitas vezes taõ differente, e remota da que

immediata lhe fica, como he a terra do Ceo; e do Ceo o Inferno. Nas ancas de hum officio fabril, poderá vir hum termo Theologico; a hum medicamento se seguirá hum veneno; a hum monstro hum Anjo; e a hum Anjo hum demonio. Para toda a variedade de objectos ha de ser geralmente preparado o Author do Vocabulario; a mesma ordem alfabetica lhe causa confusaõ pela diversidade das materias, que humas às outras instantaneamente se seguem; e assim passa o miseravel de labyrintho em labyrintho; sahe de hum caos, entra em outro; semelhante ao vento Tufaõ, que no espaço de hum relogio de area, corre todos os rumos da agulha; nas poucas folhas de huns livros se vè obrigado a dar conta de varias creaturas terrestres, e maritimas; corporeas, e incorporeas; de muitos officios da Republica; de muitos modos de fallar de Cidades, Provincias, e Reynos de hum Polo a outro Polo, andando sempre em huma roda viva de cima para abaixo, e debaixo para cima, do Empyreo para o Averno, da primeira esfera para o ultimo elemento, quasi com risco de lhe dar o juizo volta; tanto assim, que Scaligero, invitado dos amigos para compor hum Vocabulario da lingua Italiana, respondeo, que naõ queria enlouquecer, como se este genero de obra fosse caminho certo para a loucura.

Muito menos trabalhosa, e menos util he a composiçaõ dos Vocabularios de duas, ou tres linguas, que unicamente trazem as palavras, que de hum idioma correspondem às de outro, como v. g. do Portuguez ao Latim, Paõ, *Panis*. Cabeça, *Caput*. Guerra, *Bellum*, &c. Em poucos mezes, e com pouco trabalho se póde fazer hum Vocabulario destes; mas desta summa esterilidade, que proveito póde tirar o Leitor? Quando muito chega a saber os nomes de duas cousas em duas linguas; mas da essencia, e propriedades dellas naõ aprende nada; para jornadas por terras alheas, póde hum Diccionario destes ter serventia; para a sciencia pouco importa. Que importa, que em Inglez, e em Alemaõ, ou em outras linguas eu saiba como se chama hum Thermometro, se realmente naõ sey outra cousa delle, que o seu nome, nos ditos idiomas.

Vocabularios proveitosos, saõ os que declaraõ a natureza, virtudes, e propriedades das cousas, que os vocabulos significaõ; e saõ muito mais necessarios aos Estrangeiros, que aos naturaes, porque o Estrangeiro facilmente se equivoca nas palavras de huma lingua, que naõ he sua, e talvez succede, que com a presumpçaõ de pronunciar huma sentença, com hum disparate desfecha. Na Corte de França, ao Cardeal Bentivolhio, Italiano de naçaõ, querendo gavar à Duqueza de Guisa a gentil postura do Duque seu marido a cavallo, escapou hum termo taõ descomposto, que depois de o saber o dito Cardeal, envergonhado, nunca mais quiz dizer huma só palavra Franceza.

Scy,

Sey, que a mayor parte dos Estrangeiros, que assistem em Portugal, saõ homens de negocio, mas tambem a quem negocea, lhe convem saber bem a linguagem da terra. No commercio ha muitos termos nacionaes, que ignorados podem ser causa de grandes damnos; e bem entendidos podem occasionar grandes lucros. Segundo a ordem, que Deos tem posto nos negocios do Mundo, quer Deos que os homens se conheçaõ, e huns com os outros communiquem. Com a noticia das linguas se abre, e se fomenta està communicaçaõ.

A isto se accrescenta, que toda a naçaõ naturalmente estima, e ama aos que fallaõ a sua lingua. Para conciliar a benevolencia de Povos estranhos, aprenderaõ, e fallaraõ grandes Principes as suas linguas. Mithridates, Rey de Ponto, fallava vinte e duas linguagens diversas; o Emperador Carlos Magno fallava Grego, Latim, e outros idiomas; affirmaõ os Historiadores o mesmo de Carlos IV. Emperador, e de Maximiliano I. *Cuspinian.*

Ordinariamente a palavra Estrangeiro, he nome odioso. Em muitas terras saõ os homens como os caens; ao mais vil criado de casa faz o caõ festa, porque he de casa; ao mais honrado homem do Mundo ladrará o caõ, e o morderá, porque he de fóra; na falla mais, que em nenhuma outra cousa se conhece, que hum sugeito he desta, ou daquella terra, e juntamente mais, ou menos digno de amor. No livro 3. dos Juizes, cap. 12. he celebre a prova, com que os Galaaditas, para reconhecerem aos Povos de Ephraim, seus inimigos, os obrigavaõ a pronunciar a palavra Schibboleth, porque estes naõ sabendo aspirar a primeira syllaba, diziaõ Sibboleth, e pronunciando sin, em lugar da letra Hebraica Schin, eraõ passados à espada; falta de lingua, que naõ custou menos, que as vidas de quarenta e dous mil homens.

Nos principios da Acclamaçaõ del Rey D. Joaõ IV. com outra semelhante experiencia reconheciaõ os Portuguezes aos Castelhanos, que encontravaõ de noite; porque obrigando-os a dizer area, diziaõ arena; e esta unica palavra, diversamente pronunciada, os declarava estranhos, por naõ dizer inimigos. A todo o homem, tanto como isto, importa o fallar bem a lingua da terra, em que se acha.

Com estas razoens naõ pertendo persuadir aos Estrangeiros, moradores neste Reyno, que se entreguem ao estudo da lingua Portugueza; façaõ bem os seus negocios, e os alheyos; acceitem, e paguem letras, ainda que nem Humanas, nem Divinas; com as bolças de Londres, e Amsterdaõ tratem de encher a sua; mas naõ deixem de parecer affeiçoados à lingua dos que lhe abrem o coraçaõ, e os trataõ como naturaes; procurem fallar bom Portuguez, pareceráõ menos estranhos. Observaõ os Medicos a lingua, para conhecerem a constituiçaõ do corpo; pela lin-

guagem

guagem se conhece o temperamento do espirito; com gosto falla o homem a lingua da naçaõ de que gosta.

AO LEITOR DOUTO.

Já que es douto, certamente sabes, que nenhum homem póde naturalmente saber tudo, mas só algumas cousas, e estas ainda imperfeitamente, porque até nas sciencias demonstrativas, huma sciencia suppoem outra, e estoutra muitas vezes se ignora, ou se naõ sabe com a perfeiçaõ requisita. He o homem creatura mediana, entre corpo, e espirito; e assim com a alma se levanta ao Ceo, e com o corpo se abate à terra, e na sua esfera fica como a Lua, Planeta ora escuro, e ora luminoso. Desta participaçaõ de luz, e de sombra nasce a incerteza, que ha em toda a sciencia humana; e he a razaõ porque (excepto nas materias de Fé) tudo se póde defender problematicamente, como antigamente fizeraõ os Scepticos, ou Pyrrhonios, e ultimamente Dionysio Egeo, que (segundo escreve Phocio na sua Bibliotheca) compoz hum livro de Medicina, o qual consta de cem capitulos, com cem proposiçoens, provadas com razoens de huma, e outra parte taõ oppostas, e contrarias, que no meyo dellas fica o juizo forçosamente indeterminado, e suspenso.

Nesta universal ambiguidade, da qual tomou Plataõ motivo, para chamar à Natureza enigma, que luz posso eu dar para o conhecimento do Mundo? E se (como o diz o titulo) este meu Leitor he douto, com que doutrina de mais poderey satisfazer a sua curiosidade?

Amigo, tudo o que nesta minha obra te poderey ensinar, saõ nomes. Todos os Leitores, que quizerem revolver as folhas dos oito volumes do Vocabulario, e do seu Supplemento, se poderáõ propriamente chamar Nominaes, naõ já Nominaes da eschola de Guilhelme Occaõ, e de Rucelino, que contra os Thomistas, Scotistas, e outros Filosofos, queriaõ, que tudo no Mundo fossem nomes, e naõ cousas, e realidades e a que, por serem Authores desta falsa doutrina, Anselmo Cantuariense chamou Hereges da Dialectica; mas Nominaes, indagadores de substancias; Nominaes, investigadores de realidades; Nominaes, interpretes de cousas existentes; Nominaes de tudo o que vem os olhos, ouvem os ouvidos, conhecem os mais sentidos, e percebem os entendimentos; Nominaes finalmente de todas as invisiveis, e visiveis creaturas.

Lib. De Verbi Incarnat.

Outros Vocabularios de duas linguas, que sem definir, nem descrever o em que fallaõ, só trazem nomes, saõ meramente Nominaes; nomeaõ, e paraõ; apontaõ o vocabulo, o mais fica em silencio; tudo

he

he huma mera nomenclatura alfabetica ; dicçoens interruptas ; muito vocabulo em fileiras ; muita palavra sem discurso.

Pelo contrario em todos os volumes do nosso Vocabulario, e juntamente neste seu Supplemento, cada cousa de que se faz mençaõ, vem, ou definida, ou descrita ; de sorte, que toda a obra se poderá justamente chamar *Definicionario Universal* ; titulo, que já deraõ alguns Authores aos seus Diccionarios, e entre outros o doutissimo Padre Fr. Stanislaõ de S. Bartholomeu, Carmelita Descalço, ao seu Vocabulario Latino, impresso na Cidade de Bolonha, anno 1685.

Segundo os Peripateticos, dos modos de saber, demonstrativos do que se ignora, o primeiro he a definiçaõ ; e esta he huma oraçaõ, que explica a natureza da cousa, qualidade, que ajuda muito a adquirir sciencias, porque conhecida pela definiçaõ a natureza, ou essencia de huma cousa, se vem em conhecimento das propriedades, e virtudes, que della emanaõ ; por exemplo, quando definindo a natureza do homem, digo, que he animal racional, facilmente infiro, que he risivel ; desta inferencia pois resulta a demostraçaõ, da qual se origina a sciencia, que he habito adquirido por demostraçaõ.

A isto se accrescenta, que sempre a definiçaõ he fundamento, e principio da conclusaõ scientifica, para a qual (segundo as leys da Dialectica) he preciso conhecer a qualidade da cousa, que he o que a definiçaõ declara. A razaõ disto he manifesta, e he, que como se naõ póde demostrar *à priori* a essencia do subjecto, mas da essencia se procede à demostraçaõ das propriedades, convem, que anticipadamente se conheça a essencia, ou a questaõ *Quid sit.*

Uso dos termos da eschola, porque supponho, que o Leitor he homem douto, e capaz para conhecer a differença dos Vocabularios, que definem, daquelles, que sem definir, nem dar noticia alguma quidditativa, amontoaõ palavras, sem dar conhecimento algum das cousas de que trataõ, e sem outro trabalho, que de colloçar as dicçoens segundo a ordem do alfabeto.

Como homem douto, naõ podes deixar de conhecer o muito, que custa este methodo definitivo, ou descriptivo de toda a materia em que se falla.

O ignorante, que naõ falla, porque saiba o que diz ; mas (como diz o vulgo) falla, porque tem boca, naõ repara nesta doutrina, nem faz caso della ; mas antes faz zombaria das definiçoens, ou descripçoens de cousas, que na sua estimaçaõ saõ indignas da attençaõ do Author.

De hum destes falladores ouvi dizer, que folheando o Vocabulario, e topando com a palavra aranha, escandalizado do muito que digo della, dissera,

dissera: *He boa esta; o Padre nos quer ensinar, que cousa he aranha*; pouco mais, ou menos disse o mesmo Doutor, lendo o que digo da mosca. Naõ sabe o barbaro, que do soberano artificio da Omnipotencia Divina ha tanto que admirar na pulga, como no camelo, e no mosquito, como no elefante.

Pelo que vejo, tem o Leitor Douto grandes espiritos, e só com cousas grandes se alegra. Tem huns brios, como aquella Dama, que para fazer inveja às visinhas, pedio ao seu amante, que lhe mandasse hum presente, que avultasse muito; o galan, depois de cuidar muito na materia, mandou à amiga, como mimo de mayor vulto, hum naõ sey que; ou que naõ he para se dizer. Naõ havia este Doutor de abater os voos da sua penna a celebrar, como Filippe Melanthon, os louvores da formiga, ou como Marco Antonio Majoragio, os encomios do ovo. Só aos Gigantes de Flegra, às Aguias altivolantes, e aos Astros da primeira magnitude se havia de remontar o seu estylo. Que tarde se havia de cançar hum Doutor destes em definir, ou descrever o onçaõ, o ponto mathematico, a semente da mostardeira, e mil outros quasi indivisiveis, e impalpaveis objectos.

Lembrame a este proposito o encontro, que tive com hum destes desprezadores das definiçoens, e descripçoens de miudezas, e cousas de non nada, que naturalmente vem à maõ, de que dou conta na obra. Dizia eu, e torno a dizer, que o definir, ou descrever qualquer cousa, ainda que commua, e trivial, naõ he taõ facil como parece. Rindose o homem do meu dito, e dando por razaõ, que tudo o que se vê, ou se ouve, e na esfera dos sentidos cabe facilmente, e sem dar tratos ao juizo, com palavras se exprime; bem está (disse eu) visto isto, digame vossa mercè, que cousa he maõ; desconfiou o homem, mudou de cor, e depois de malgar, e remoer na boca a dita palavra, se sahio com esta discreta definiçaõ, Maõ, maõ, maõ, he maõ; viva vossa mercè mil annos (disse eu) por nos dar huma regra, ou exemplo taõ facil para definir qualquer cousa, homem he homem, &c.

Eis ahi, meu Douto Leitor, a pouca fortuna, que tem os que querem ser, ou procuraõ passar por doutos. O ignorante taõ fóra está de reconhecer hum trabalho literario, que nem conhece que he trabalho. Cuida, que as sciencias saõ lebres, que a correr se apanhaõ, imagina; que occupar hum homem estudioso, he premiar o seu talento; encomenda-vos huma traducçaõ, mais difficultosa do que foy para o proprio Author a composiçaõ, para dizer melhor, empurra-vos huma pagina, que he hum livro, e a seu ver, naõ foy pequena honra a empurraçaõ. Honradores deste lote naõ só naõ sabem, mas nem saber querem, quanto custa o saber. Ouvem fallar em artes liberaes, e se persuadem, que os

pro-

professores dellas saõ os que devem mostrar a sua liberalidade. Leitor Douto, se assim he, naõ tens bom officio; por muito que dês, sempre ficarás devendo.

AO LEITOR INDOUTO.

Sey o pouco cuidado, que te dá a impressaõ de qualquer livro; se for livro de nomes, ainda menos; porque como só attendes a cousas de teu gosto, de nomes naõ fazes caso. A qualquer animal succede o mesmo. Corre o cavallo, nada o peixe, voa a ave; nenhum delles sabe o nome do que vê, do que ouve, nem do que come.

Notaveis privilegios saõ os da ignorancia. O ignorante naõ se acha obrigado a carregar de noticias a memoria; em apurar verdades naõ cança o entendimento; nas Academias naõ dá conta dos seus estudos; naõ recea o rigor dos Aristarcos. Sem frequentar as escholas, tem confiança para se insinuar nos congressos dos Sabios; esquecidos das ruinas de Troya, naõ reparaõ em admittir hum cavallo.

O mais besta de todos, he o ignorante enfronhado em Filosofias; sonhou, que aprendeo sem Mestres, e que para saber naõ ha mister livros. Para elle a palavra Mestre he injuriosa, porque he correlativa de discipulo. Zomba do que escreveraõ os Antigos das honras, que se faziaõ aos Mestres; da ley de Pithagoras, que mandava, que no cabo do anno fossem os discipulos ao Templo declarar com juramento quanto tinhaõ aprendido das liçoens dos Mestres, e que à proporçaõ do proveito pagassem o ensino. Diz, que era impertinencia; da obrigaçaõ em que no primeiro artigo poem Hypocrates aos Medicos moços de reconhecer por pays aos que os instruiraõ, (titulo que o Emperador Alexandre costumava dar a Ulpiano Jurisconsulto) diz, que he lisonja, e affectaçaõ; até da galantaria com que ao seu Mestre Aristoteles, dava Alexandre Magno a maõ direita; diz, que era baixeza; finalmente de todas as merces honorificas, ou lucrativas, com que Principes agradecidos, e magnanimos remuneraraõ aos que os ensinaraõ, e particularmente das estatuas de ouro, que (segundo Julio Capitolino) o Emperador Antonino mandou levantar aos seus Mestres, diz o ignorante presumido, que saõ, ou necedades, ou patranhas. *Rossi, tom. 2. 234.*

Dos livros faz o Leitor Indouto a mesma estimaçaõ, que dos Mestres. Nenhum livro lhe parece bem; porque em todos vê o muito que naõ sabe, e naõ póde saber bem o que se ignora. Até para os sabios ha livros, de que elles naõ gostaõ. Naõ tem os livros o privilegio do maná, que sabia bem segundo o gosto de todo. De huns livros gosta hum homem douto, de outros gosta outro. Ao ignorante todo o livro faz nojo.

Naõ

Naõ he daquelles, a que Cicero chama *Helluones librorum*, devoradores de livros. Para literarios alimentos, he homem indigeſto; naõ o convide Plutarco para o banquete dos ſabios; dos guizados da ſabedoria, ficaria em jejum. Camaleaõ da vaidade, ſó de ſuſtentos aereos ſe deleita; prezaſe de dançar com bom ar; á huma Comedia, ou galhofa irá pelos ares; ſem ponderar circunſtancias, apanha as couſas no ar, ſempre faz caſtellos no ar, porque para tudo lhe falta fundamento; mas tem hum bem, e he, que como faz tiros no ar, ninguem do que elle diz, ſe offende.

Eu em mim meſmo experimento eſta verdade. Sey, que certo Leitor Indouto, ouvindo gavar o Vocabulario, e juntamente encarecer a neceſſidade delle, ſe ſahio com hum dito, que aos circunſtantes pareceo reparo malicioſo, e a mim parece judicioſa reflexaõ, e verdade manifeſta. Aos louvores, que alguns davaõ ao Vocabulario, reſpondeo o dito Leitor: Até agora paſſamos ſem iſto; abaixo das verdades da Fé, naõ ha verdade mais certa que eſta. Sim, ſenhor Leitor Indouto. Até agora ſem o Vocabulario de D. Rafael paſſaraõ os Portuguezes dias, mezes, e annos, e ſeculos, paſſaraõ Invernos, Primaveras, Eſtios, e Oitonos. Até agora ſem eſte pezadello paſſaraõ as Provincias deſte Reyno, e ſuas Conquiſtas, e no meſmo tempo ſobre as cabeças dos Portuguezes paſſaraõ o Sol, e a Lua, Jupiter, e Saturno com ſeus Satellites, todas as Eſtrellinhas da Via Lactea, e todos os Aſtros do Firmamento. Dos Portuguezes huns paſſaraõ para a India, outros para o Braſil, para Angola, outros muitos para a outra vida, e ainda hoje para lá todos vaõ paſſando.

Mas aſſim como ſem o Vocabulario, até agora paſſaraõ os Portuguezes, aſſim foy paſſando ſem ti o Mundo. Nas primeiras Monarchias paſſaraõ ſem ti os Aſſyrios, os Medas, os Babylonios, os Gregos, e os Romanos; paſſaraõ em Portugal, e em toda Heſpanha, Celtas, Turdulos, Suevos, Alanos, Godos, Oſtrogodos, e Viſigodos; e ſem liſonja ſupponho, que até o dia do Juizo poderá paſſar ſem ti o Mundo, porque naõ faltaõ no Mundo idiotas, e ainda hoje, como no tempo de Salamaõ, *Stultorum infinitus eſt numerus.*

Vem cá miſeravel; para que ſobre ignorante, queres à força ſer tolo? Eſta tua ridicula advertencia, Até agora paſſamos ſem iſto, de toda a couſa nova, ainda que excellentiſſima, incontraſtavelmente ſe verifica. Quando Vaſco da Gama dobrou o Cabo Naõ, e pelas portas do Oriente abrio hum theatro às glorias da ſua naçaõ, e à propagaçaõ da Ley de Chriſto, he certo, que até entaõ paſſara Portugal ſem iſto. Depois, que Pedro Alvares Cabral lançou ferro nas prayas da America, e do lugar de Porto Seguro foy deſcobrindo para o Imperio Portuguez hum

novo

novo Mundo, tambem até entaõ passára Portugal sem isto. Finalmente até à execuçaõ de todas as emprezas por mar, e por por terra; de todas as batalhas dadas, e vitorias conseguidas, depois de todas as acções illustres dos antigos, e modernos Heroes Portuguezes, havia Portugal passado sem isto.

Mas para naõ sahir dos limites da esfera literaria, até a impressaõ do livro de alguma sciencia, sem aquelle livro certamente passou o Mundo. Em quanto naõ sahiraõ à luz as obras de Santo Agostinho, de Santo Thomás, de Cicero, e de Virgilio, e geralmente de todos os Authores sagrados, e profanos, passou o Mundo sem ellas. Mas he necessario saber o como passou, porque ha dous modos de passar, a saber, passar bem, e passar mal. Com soldada muito tenue passa o criado; mas naõ passa bem; com huma commenda muito limitada passa o Cavalheiro, mas passa mal. Do mesmo modo, sem as obras dos Santos Padres, e sem os Interpretes da Sagrada Escritura, naõ passaria bem a Igreja; sem os livros de Direito, passaria mal a Jurisprudencia. E assim de todas as mais sciencias, e artes, que com livros, ensinos, e exemplos se communicaõ.

Primeiro que em Portugal sahissem a Grammatica do Padre Manoel Alvares, os Diccionarios de Agostinho Barbosa, de Amaro de Roboredo, e de Jeronymo Cardoso, naõ passavaõ os estudantes do Latim taõ bem como agora: appareceo a Prosodia do Padre Bento Pereira, e com ella passaõ todos taõ egregiamente, que de annos em annos a repassaõ pelo prélo, com novos additamentos, e para brevemente conseguir a ultima perfeiçaõ, que os Filosofos chamaõ *ut octo*, a sua setima edicçaõ espera pela oitava.

Naõ ignoro o genuino sentido das palavras do Leitor Indouto. Até agora passamos sem isto, quer dizer, para nós os Portuguezes, os Bluteaus saõ livros escusados. Para ti, Leitor Indouto saõ escusadissimos. Para o surdo he escusada a solfa; para o cego he escusada a pintura; para o aleijado de mãos he escusada a espada. Tambem para Leitor obstinadamente indouto, todo o genero de liçaõ he escusado.

AO LEITOR PSEUDOCRITICO.

Primeiro que eu desabafe comtigo, bom será, que eu trate da minha justificaçaõ. Dizem alguns, que eu sou o verdadeiro Pseudocritico, e que sem razaõ, nem piedade, com todo o genero de Leitores entendo, chamando a huns ignorantes, a outros malevolos, e geralmente fazendo advertencias a todos, como queixoso, e mal satisfeito. Isto mesmo que em mim estranhas, houveras de condemnar

em hum Historiador dos mais celebres, e benemeritos da sua naçaõ.

No principio da quarta Decada de Joaõ de Barros, impressa em Madrid, anno de 1615. em lugar de Prologo, faz Joaõ de Barros a sua Apologia, para se desculpar dos Censores da sua Historia. Em primeiro lugar, como se todos os tempos fossem os mesmos, diz o dito Author, que toda a obra publicamente feita, tem tres generos de Juizes, Ignorantes, Doutos, e Maliciosos. Dos ignorantes diz, que naõ se contentaõ de emendar o sapato, a que sómente chega o seu juizo, mas como fez o Sapateiro de Apelles, querem entender na cabeça.

Dos Doutos, que o naõ saõ em solida doutrina diz, que tomaõ o officio de hum Medico, que olhando para outra taboa de pintura, tambem posta a juizo publico, chegou a condemnalla em cousas fóra do seu officio, para mostrar, que em tudo sabia. O que naõ podendo sofrer o Pintor, sahio donde estava ouvindo estes juizos, e disse ao Medico: as minhas obras julgaõse porque se vem; as vossas naõ, porque as meteis debaixo da terra, onde ninguem as póde ver. Motejando delle por matar muitos enfermos com suas erradas curas.

Dos Maliciosos diz, que naõ se prezaõ de dar na capa; mas que o seu gosto he tirar ao rosto; e naõ satisfeitos de apontar vicios da obra, condemnaõ a pessoa, advertindo, que naõ póde gastar tanto papel, sem roubar muito tempo ao governo da casa, e às obrigaçoens do officio.

Se contra Escritor taõ grave, e taõ singularmente benemerito da Historia Portugueza Oriental, se armaraõ as linguas de Leitores Ignorantes, Malevolos, e Doutos Pseudocriticos; da rigurosa censura de outros semelhantes Leitores, como havia de escapar hum triste Estrangeiro, que neste Reyno naõ tem parente, nem adherente, nem outro patrocinio, que o desejo de trabalhar, e prestar?

A razaõ porque ha tantos, e taõ maos Criticos he, que hoje he officio, que cada hum toma, e exerce, sem authoridade do Magistrado. Antigamente houve Censores em Roma, mas naõ eraõ mais que dous, e estes eraõ escolhidos da ordem Senatoria, e approvados só para o espaço de cinco annos, depois dos quaes se elegiaõ outros, e eraõ chamados *Magistri morum*, Mestres, ou Juizes dos costumes; porque supposto ao seu officio incumbiaõ muitos cuidados, e entre outros o fazer, ou tomar o rol das fazendas, officio, que em Latim se chama *Censere*, donde se deriva o nome *Censor*, tomavaõ conhecimento do trato, vida, e costumes da gente para os emendar, e manter nas familias o decoro, e bom procedimento.

Rosinus Dempsteri, Antiquit. Roman. lib. 7. cap. 10.

Hoje em lugar de Censores de obras domesticas, temos Censores de obras literarias, e estes em muito mayor numero que os Authores, porque cada Author tem muitos; e estes sem outra authoridade, que a que injusta-

injuſtamente ſe arrogaõ, e com a qual, *per fas*, *& nefas*, fazem, e desfazem, approvaõ, e reprovaõ, louvaõ, e condemnaõ quanto querem.

A eſtes Cenſores lhes chamamos vulgarmente Criticos, e ſe dividem, ou degeneraõ em Hypercriticos, e Pſeudocriticos. Os Hypercriticos, ſaõ os que ſaõ nimios em criticar; os Pſeudocriticos, ſaõ os que ſem baſtante fundamento criticaõ, e condemnaõ. Famoſo Hypercritico foy Miguel de Montanha, Cavalheiro Francez, o qual ſe obrigava a deſcobrir na melhor, e mais virtuoſa acçaõ cincoenta defeitos. Criticos houve taõ Hypercriticos, que pertenderaõ achar erros na fabrica do Mundo. *Lib. 1. cap. 26. dos ſeus Eſſais.*

De Pſeudocriticos eſtaõ cheas as terras, habitadas de ſogeitos enfarinhados de ſciencias, e ſemidoutos. Saõ eſtas terras xarcos, povoados de humas raãs, que naõ tendo dentes para morder, tem grandes bocas para gritar. Nos areaes da Lybia vá viver, quem naõ quizer ouvir os ſeus clamores. Naõ ſe acha, que râas ſe tenhaõ aggregado em Palacios, ſenaõ no de Farao, Tyranno do Egypto.

Graças a Deos, que aſſiſto em huma Corte, onde a modeſtia deſarmou, e a ſciencia emmudeceo a Pſeudocritica. Aqui a Critica he douta, e cortezãa; conhece o erro, naõ envergonha o errante; procura emenda, naõ ſolicita ruina. Ninguem melhor do que eu experimentâ o zelo deſta urbanidade, e a diſcriçaõ deſte zelo. A empreza do Vocabulario Portuguez, e Latino, foy honra uſurpada, e roubada à naçaõ. A Portuguezes lhe tocava de juro eſte genero de eſtudo. Por naõ inculcarem em cada paragrafo as ricas expreſſoens do ſeu idioma, deixaraõ ao cuidado de hum Eſtrangeiro eſte glorioſo exercicio; permittiraõ, que fizeſſe huma reſenha geral dos ſeus vocabulos; dividiſſe os ſeus adagios em eſquadroens; com armas nacionaes déſſe batalhas aos inimigos da ſua linguagem, e ao eſtandarte da Luſitania attribuiſſe as glorias do triunfo.

Com as advertencias de Leitores Pſeudocriticos, naõ ſaõ incompativeis eſtas honras; nem ſempre a cenſura do Pſeudocritico he inſulto do criticante, ou do criticado injuria. Aqui chamo Pſeudocriticos aos que ſem nota de ignorancia, e ſem malicia, fazem nas obras dos Authores huns reparos eſcuſados, e procedidos da deſcurioſidade dos ſeus eſtudos. Alguns delles, que ſe governaõ por Orthografia, ou errada, ou differente da noſſa, naõ achaõ no Vocabulario a palavra que buſcaõ, e naõ advertindo na cauſa da falta, daõ ao Author a culpa. Se (como já muitas vezes tenho repreſentado, e com mais particularidade em hum diſcurſo, que ſobre eſta materia fiz na Academia do Conde da Ericeira) ſe reformara a Orthografia Portugueza, e ſe reduzira a hum modo do

 elere-

ſecrever commum, ſenaõ a todos, aos zeloſos da perfeiçaõ da ſua lingua, naõ haveria hoje tanta diverſidade no eſcrever, nem tanto trabalho em buſcar inutilmente palavras, de cujo ſignificado ſe neceſſita. Huns eſcrevem ley, com I Latino; outros eſcrevem leÿ com I Grego. Huns dobraõ os conſoantes, e eſcrevem communicaçaõ, comminaçaõ, Aggravo, allegoria, &c. outros com huma ſó conſoante eſcrevem comunicaçaõ, agravo, alegoria, &c. A huns lhes parece bem fazer do I hum E e aſſim eſcrevem deminuir, dereito, &c. em lugar de diminuir, direito, &c. a outros lhes parece melhor uſar do I, em lugar do E, e aſſim dizem dirivar, por derivar, rindeiro, por rendeiro, &c. Variedades, por naõ dizer ignorancias, e deſconcertos, pela mayor parte naſcidos de ſe naõ reſpeitar os nomes primitivos, ou de ſe naõ guardar a analogia dos vocabulos, derivados da lingua Latina, ou Grega, ou qualquer outra, que antes de nós uſou delles.

Entre tanto ſe levantaõ ſem eſcrupulo teſtemunhos ao Vocabulario, e ſem piedade ſe accuſa o Author de diminuto, ſem outra razaõ, que a deſgraça de naõ ter naſcido em Portugal, porque os Diccionarios atè agora compoſtos pelos naturaes do Reyno, ſeraõ mais certos, mas naõ ſaõ nem mais copioſos, nem mais elaborados, que o ſeu.

Tambem no numero dos Pſeudocriticos entraõ os que eſtranhaõ, ou condemnaõ o grande numero de eſdruxulos, que com apparente affectaçaõ eſcolhidos, ou amontoados, enchem o frontiſpicio do meu Vocabulario. Tomara eu ſaber, que modo havia mais breve, para declarar as materias de que trata a obra. Sey, que das Officinas de França ſahiraõ Vocabularios com titulos taõ mageſtoſamente breves, que com duas, ou tres palavras manifeſtaõ o ſeu cabedal, v. g. *Le Diccionaire del Academie Françoiſe*; *le Diccionaire des Arts, por Monſieur de Corneille*, e outros; mas nem a todos os Authores pareceo bem eſta riguroſa brevidade. Em mais de vinte regras eſtendeo o Abbade Furetiere os titulos do ſeu Diccionario Francez, impreſſo na Haya, e em Roterdaõ, anno de 1612. Em huma landa deſte papel naõ cabem os titulos do Diccionario Hiſtorico de Moreri; naõ he menos pompoſo, e rico de enfaticos attributos o Lexicon Univerſal de Joaõ Jacobo Hofman, impreſſo em Leida, ou Leiden, Cidade de Hollanda, anno de 1698.

Digame agora o Pſeudocritico, porque razaõ havia eu de negar ao meu Vocabulario Portuguez, e Latino todo o honorifico epitheto de que he digno? Do ſeu idioma tanta eſtimaçaõ fazem os Portuguezes, como do ſeu os Francezes, e qualquer outra naçaõ. Nas ſuas expreſſoens he a lingua Portugueza taõ nobre, que ſenaõ fora filha da lingua Latina, podera competir com ella; os que a ignoraõ, a deſprezaõ, porque ninguem eſtima o que ignora; da ſua abundancia, e maravilhoſa

fecun-

fecundidade provas authenticas saõ os dez volumes deste Vocabulario. Tudo nelles saõ termos Portuguezes, ou aportuguezados para a intelligencia, e uso dos nacionaes.

Enganaõse os que attribuem a vastidaõ da obra à insaciavel curiosidade do Author, que para accrescentar o numero dos vocabulos, os foy accumulando sem a escolha, e moderaçaõ que convem. Todas as palavras, que tem nesta obra seu particular paragrafo, saõ usadas do vulgo, ou dos homens doutos, e da mayor parte delles se confirma o uso com exemplos de Escritores Portuguezes, com que allega o Author, para que os Leitores pouco lidos o naõ façaõ inventor delles.

Como tambem na Geografia tambem a lingua Portugueza com sua differente locuçaõ se explica, me foy preciso trazer os nomes das Cidades, rios, e Reynos, de que outros Diccionarios fazem mençaõ. O que para os Italianos he Venezia, ou Venegia, e para os Francezes Venize, para os Portuguezes he Veneza; o Bordeaux de França, para nós he Bordeos; o que os Francezes chamaõ Gennes, e os Italianos Genoa, lhe chamamos Genova; em Roma he Tevere, o que em Lisboa he Tybre. Sem estes, e outros semelhantes nomes das Cidades, rios, Provincias, e Reynos de differentes naçoens, qualquer Diccionario he imperfeito, principalmente em Portugal, aonde faz muita falta nesta noticia. E he muito para admirar, que sendo os Mappas, e cartas Geograficas da Africa, Asia, e America cheas de nomes Portuguezes, que successivamente vaõ eternizandoos nomes, e a fama de seus descobridores, tem os seus descendentes taõ pouca curiosidade dos nomes proprios das terras, e naçoens da Europa, que alguns delles, ainda que nobres, e bem creados, naõ se pejaõ de perguntar, em que parte de Roma está a Hungria: perguntaõ outros se Hollanda he huma taõ bella Cidade como dizem, e communmente a todo o genero de estrangeiro, quer Inglez, quer Italiano, Francez, ou Alemaõ, chamaõ Flamengo.

No tocante pois ao grande numero de esdruxulos da primeira folha do Vocabulario, entendo, que se o Francez, e outros idiomas foraõ taõ capazes destas dactylicas dicçoens, como o Portuguez, naõ fariaõ escrupulo de usar delles, pois vejo, que naõ podendo valerse dos adjectivos, recorrem aos substantivos, e com elles daõ aos seus Vocabularios taõ amplos, e soberbos titulos, que naõ promettem menos que os termos proprios de todas as artes, e sciencias.

As primeiras regras do titulo do grande Diccionario do Abbade Furetiere, dizem assim:

Dictionaire Universal, contenant generalement tous les mots François, & les termes de toutes les sciences, & les Arts, sçavoir, la Filosofie, Logique, & Fisique, la Medicine, ou Anatomie, Patologie, Terapeu-

c iii *tique,*

tique, Chirurgie, Farmacopée, Chymie, Botanique, ou l'Histoire Naturalle des plantes, & celles des Animaux, Mineraux, Metaux, & Pierreries, & les nomes des drogues artificialles; la Jurisprudence Civile, & Canonique, Feodale, & Municipale; les Mathematiques, la Geometrie, l'Aritmetique, & l'Algebre, la Trigonometrie, Geodesie, ou l'Arpentage, & les sections Coniques, l'Astronomie, l'Astrologie, la Gnomonique, la Geografie, la Musique, tant en theorie, qu'en pratique, les instrumens à vent, & à cordes, l'Optique, Catoptrique, Dioptrique, & Perspective, l'Architecture Civile, & Militaire, la Pyrotechnie, Tactique, & Statique.

Por naõ molestar ao Leitor, deixo em silencio outras oito regras dos titulos da dita obra; e pergunto se nas leys Typograficas, só os Francezes tem o privilegio de ornar com magnificas expressoens os frontispicios dos seus Vocabularios. Que culpa temos nós da falta, que elles tem de esdruxulos? Se assim como nos permitte o idioma Portuguez, que digamos Aulico, Architectonico, Bellico, Florifero, Fructifero, Nautico, Numerico, Syllabico, &c. aos Francezes lhe dera o seu idioma faculdade, para dizer. *Aulique, Architectonique, Florifere, Fructifere, Nautique, Numerique, Bellique, Syllabique, &c.* quem estranharia, que usassem destes, e outros semelhantes termos, para evitar circunloquios, e com succinta elegancia abreviar discursos?

Segundo a idéa, que tenho do genio Portuguez, tenho por certo, que se à imitaçaõ do dito Vocabulario Francez, sahira o meu com titulos no frontispicio mais claros, e especificos declarando, que nelle se tratados nomes das sciencias humanas, e Divinas, dos officios fabris, e politicos, dos animaes aquaticos, e terrestres, dos bipedes, e quadrupedes, dos sentidos do tacto, e do ouvido, dos instrumentos musicos de corda, e de assopro, de todos os doces, liquidos, e secos; o mais sizudo Leitor se riria de taõ miuda, e distincta especificaçaõ.

Para justificar o seu riso, poderia elle dizer, que com o titulo de Diccionario Universal, ficaria escusada toda a caterva de titulos superfluos; e na realidade he assim, e parece, que por naõ cahir no erro desta inutilidade, os dous mais celebres Vocabularios Francezes reduziraõ toda a pompa titular a estas breves inscripçoens; a primeira diz: *Dictionaire de l'Academie Françoise*; a segunda diz, *Dictionaire des Artes, & des Sciences.* De obras taõ grandes, naõ póde haver titulos mais laconicos do que estes. Mas que damno, ou que injuria faz ao publico hum Author, que com mais clareza expoem o cabedal da sua obra, e de hum jacto faz em certo modo patente ao Leitor a sua substancia? O frontispicio de hum livro, he huma especie de taboleta, ou insignia com que o Author, que mais claramente pintou a sua mercancia, procura darlhe

melhor

melhor sahida. João Jacobo Hofmanno, que se fora Escritor Orthodoxo, na minha opinião merecera hum dos primeiros lugares no consistorio dos Authores de Vocabularios, não se contentou com dar aos seus quatro volumes Latinos o titulo de *Lexicon Universale*; a este titulo, que *ex vi nominis*, dizendo, accrescentou calidades, e prerogativas tantas, que em huma folha destas não cabem; e fulano d'Herbelot, que na primeira folha do seu livro chama à sua Bibliotheca Oriental, *Diccionario Universal*, como se com este titulo differa pouco. com o sainete das muitas noticias, que promette a todo o genero de Leitores, convida o gosto, e desperta o appetite.

Obstinado Pseudocritico, se a estas razoens, com que pertendo abonar os titulos do meu Vocabulario, te não renderes, entenderey, que es inimigo de esdruxulos, que tens antipatia com as razoens do Francez, como tinha Germanico com o cantar do gallo. Temos outra classe de *Plut.* Pseudocritos mas sofriveis, porque modestos, e desejosos do bem commum, mas sem a moderação, e limitação, que a este genero de obras se deve. Diccionarios de linguas, trazem nomes de cousas, e não de pessoas; porque em todas as linguas os nomes das pessoas, pouco mais, ou menos são os mesmos; e os nomes das cousas são quasi sempre diversos. Diccionarios de nomes de pessoas, são Historicos; dão conta da genealogia, nascimento, vida, e morte, virtudes, ou vicios, fortunas, ou desgraças de pessoas celebres no Mundo. Diccionarios de nomes de cousas, são Etymologicos, Grammaticaes, Scientificos; dão conta das cousas produzidas da natureza, ou da arte.

Hum dia, sem reparar nesta differença, certo amigo meu, homem de boa nota, e não mediocremente versado nas letras, fallando no meu Vocabulario, me fez esta pergunta: Padre na sua obra como lhe escapou Adam? Eu admirado da innocencia do homem, respondilhe: E vossa merce como escapou a Herodes? O meu Vocabulario não he de pessoas. Se nas folhas dos nomes das pessoas entrar o de Adam, será necessario dar nellas lugar a Abel, a Abrahaõ, a Abimelec, e todas as mais pessoas insignes, cujos nomes começão por A, e pelo conseguinte será preciso fazer o mesmo nos nomes, que principião pelas mais letras de todo o Alfabeto: nomes de pessoas pertencem a Vocabularios Historicos, como he o de Moreri; nomes de cousas são para Vocabularios de linguagem.

He verdade, que no meu Vocabulario tenho dado lugar a nomes de pessoas, como v. g. Apollo, Atlante, Bacco, Bellorophon, Cadmo, Faetonte, &c. mas estas são pessoas fabulosas, e ficticias, e como taes, nem cousas são; porém devem ser admittidas nos Vocabularios de linguagem, pelas razoens, que logo darey ao Leitor Impertinente, para lhe tirar escrupulos, e livrarme das suas perseguiçoens.

Ainda

Ainda assim a hum Pseudocritico me confesso obrigado; he este certo sogeito muy discreto, e cortezaõ, que com sua singularissima agudeza procura persuadir aos amigos, e conhecidos, que o meu Vocabulario naõ he obra de homem douto, por quanto tudo o que na dita obra digo, em outros livros se acha. Conforma-se esta advertencia com a judiciosa sentença de outro, que disse, e vay dizendo, que o dito Vocabulario naõ he outra cousa mais, que huma traducçaõ do Calepino em Portuguez. Outros para mais me honrarem, dizem, que a obra he hum *Theatrum vitæ humanæ*; porém a Calepino, e a Beyerling, se ainda vivessem neste Mundo, lhes seria necessario aprender o Portuguez; para abonarem a comparaçaõ.

Desde a idade de nove para dez annos, em hum Collegio dos Padres da Companhia, tive Mestres muito doutos, e toda a minha vida tratey, e conversey com homens doutos; porém sempre conheci o pouco, que eu sabia; e hoje melhor que nunca conheço o muito pouco que sey, e taõ fóra estou de querer parecer douto, que na mayor obra que até agora dey à luz, faço ver a todos, que no A B C ando. Folgo muito, que o Pseudocritico diga, que tudo o que diz o Vocabulario em outros livros se acha; se isto assim he, os erros naõ saõ meus; e os acertos, se os ha, ainda que naõ sejaõ frutos da minha lavra, saõ colheitas da minha diligencia.

A todos os compiladores se póde dar o mesmo louvor, porque ajuntaõ noticias separadas, e encadeaõ doutrinas avulsas. Daqui tomaraõ o nome muitas cadeas de Sagrada, e profana erudiçaõ *Catena Lippomani, Catena Divi Thomæ, Catena, seu Cyclus totius Mythologiæ Græcorum; &c.* Estas, e outras muitas cadeas foraõ para os Authores dellas coroas do seu estudo, e zelo do bem commum literario. No encadeamento das palavras de hum Vocabulario, he preciso muito mayor trabalho, porque naquellas chamadas Catenas, ou cadeas nada poem o Author do seu, e a cada passo póde o Author de hum Vocabulario dar amplas noticias do vocabulo de que fizer mençaõ, como em effeito se póde ver na explicaçaõ, e declaraçaõ de muitas dicçoens desta obra, que em nenhum outro livro se achaõ, e cujo significado por carta, ou de palavra foy manifestada ao Author.

Tambem deve o Pseudocritico advertir, que em muitas partes deste Vocabulario ha discursos Moraes, Filosoficos, e Theologicos, que sahiraõ da penna do Author, e a Oradores Sagrados, e profanos podem dar para muitos assumptos grande soccorro. Estes literarios auxilios naõ os achará o Pseudocritico em nenhum outro Author; e para que naõ entenda, que todo o nosso estudo se limita no destricto de hum Vocabulario, saberá, que a nossa laboriosa estudiosidade se estendeo a outros dez volumes, tambem de folha.

Os

Os dous primeiros feraõ de Sermoens, prégados nesta Corte, que andaõ impressos em tres volumes de quarto, com alguns outros Sermoens avulsos, e outro volume, que ainda naõ sahio à luz, e já tem a licença do Santo Officio.

Tenho entre mãos dous volumes de Prosas Portuguezas, Academicas, Filologicas, Theologicas, Gratulatorias, Funebres, Economicas, Symbolicas, &c.

O quinto volume, tambem de folha, tem por titulo *Musæum Bluteavianum*, contém varios Opusculos Latinos em prosa, e em verso, Elogios, Epitafios, &c.

Os outros cinco volumes constaõ de perguntas, e repostas, em muitos lugares da Sagrada Escritura, com o titulo de *Oraculum utriusque Testamenti*; já tem os dous primeiros as licenças da Religiaõ, e do Santo Officio; os outros tres só alinhavados, esperaõ pelo seu complemento.

Supponho, que o Pseudocritico dirá, que tambem nestas obras haverá muita doutrina, e erudiçaõ, tomada de outros Authores, e eu o confesso, porque para saber de tudo, dos escritos de todos cada dia mendigo; nem chega a darme cuidado a severidade do Pseudocritico, que naõ tem por homem douto ao Author, que para o seu intento de noticias alheas se aproveita. Porém estranhando este rigor, tenho lastima de todos os mais Authores de Vocabularios, porque como forçosamente se valem de noticias, tomadas de outros Escritores, na idea do cruel Aristarco, naõ podem ter lugar entre os Doutos; e assim com o seu Lexicon Juridico, naõ póde Simaõ Scardio passar por homem douto, porque em cada paragrafo allega com Tiraquello, com Accursio, com Cujacio, com Antonio Goveano, e outros Juristas; nem no Catalogo dos homens doutos poderá ter lugar o meu Padre D. Jeronymo Vital, que no seu Lexicon Mathematico, com as observaçoens de Astronomos Arabes, antigos, e modernos explicá, e solta as mais intrincadas questoens da sua profissaõ; finalmente, nem com os elementos de Euclides na cabeça, parecerá douto na Geometria; nem com os Aforismos de Hippocrates na ponta da lingua, será julgado douto na Medicina; nem com todos os problemas de Aristoteles, promptos na memoria, será tido por douto na Filosofia; nem com toda a Summa de Santo Thomás nos cascos, douto na Theologia, Doutor algum que der livros à luz, abonados com exemplos de outros Doutores, porque destas authoridades saõ cheyos os livros, e dos livros de seus Authores estaõ abarrotadas as Livrarias. A razaõ pois desta exclusaõ da cathegoria dos doutos he, que no bestunto do Pseudocritico, o valerse do que está escrito, naõ he proprio de homem douto.

Pois que? Será necessario, que por naõ parecer indouta a Academia

da

da lingua Franceza recolha o seu famoso Diccionario? Sim, porque ao juizo dos Pseudocriticos tudo o que no dito Diccionario se explica, naõ he outra cousa, que huma serie de vocabulos, locuçoens, e frases do idioma Francez, que em Authores da dita naçaõ se achaõ espalhadas, e accommodadas ao sentido, e materia de que trataõ.

E do Diccionario das Artes, composto por Thomás Corneille, alumno da dita Academia, que estimaçaõ fará a Pseudocritica? Dirá, que no he hum Alfabeto conglobado de nomes de plantas, animaes, artefactos, e termos scientificos, de que já muitos Authores deraõ noticia ao Mundo. Isto mesmo confessa o proprio Author da obra, porque na prefacçaõ della diz, que o dito seu Vocabulario he hum extracto dos melhores Authores, que escreveraõ sobre materias de sua profissaõ; e nesta mesma prefacçaõ declara, que para dar razaõ das plantas, se valera de Matthiolo, e Dioscorides, das obras de Etmuller, para a Medicina; do Diccionario de Perraut, para termos Chimicos; do livro de Felibien, para dicçoens de Architectura, Escultura, e Pintura; de varios livros de viagens, para a descripçaõ de ervas, e animaes, naõ conhecidos na Europa, &c.

Desta mesma sorte na declaraçaõ das obras da natureza, e da arte, muitos outros Authores de Vocabularios se ajudaõ com as noticias, que em outros livros achaõ; e se na opiniaõ do Leitor Pseudocritico, naõ merecem estes taes o nome de homens doutos; he porque com bom zelo divulgaõ o que sabem; e os mesmos, que indoutos lhes chamaõ, sem o auxilio deste genero de livros, na mayor parte das cousas deste Mundo seriaõ, ou difficultosamente doutos, ou forçosamente ignorantes.

Finalmente naõ posso deixar de chamar Pseudocritico a huns sogeitos, que com o especioso titulo de perfeiçaõ, e zelo do bem commum, dizem, que a este Vocabulario lhe falta outro, que comece pelo Latim. Para Vocabularios pequenos, e taõ succintos, que só apontaõ a palavra Latina, com o numero da folha, em que se faz mençaõ della, como se vè no Diccionario de Agostinho Barbosa, ou que junto de cada palavra Latina poem o seu significado em Portuguez, como tem feito Jeronymo Cardoso no seu Diccionario Latino Lusitanico, naõ seria totalmente inutil esta circunstancia; mas em hum Vocabulario como este, cheyo de frases, de adagios, de noticias, descripçoens, e discursos, que figura faria huma palavra Latina, na testa de cada vocabulo, com sentidos muito differentes huns dos outros, e com paragrafos, que trazem materias diversas, e talvez contrarias ao genuino significado da palavra Latina, debaixo da qual tiveraõ lugar? A isto se accrescenta, que toda a pessoa, que quer compor em Latim, naturalmente cuida na sua lingua

gua

gua materna, e muitas vezes ignora o vocabulo Latino, que lhe he necessario, v. g. quero dizer em Latim: cahio hum foguete em hum palheiro; para o meu intento naõ me serve Vocabulario Latino, porque naõ sey como se chama em Latim foguete; e assim me vejo obrigado a recorrer ao Vocabulario Portuguez, e Latino, e ver o que nesta materia se pode dizer em bom Latim, porque como no tempo dos Romanos naõ havia polvora, naõ podia haver foguetes. Em qualquer outra materia, ainda que haja vocabulos Latinos, ao compositor Latino sempre lhe he mais necessario valerse do Diccionario, que começa pelo idioma natural, do que pelo Latino. Para verter o Latim em outra lingua, he excellente o Calepino; mas para verter qualquer lingua em Latim, saõ precisos Vocabularios do idioma nativo para o Latino. Se com estas razoens se naõ satisfaz o Pseudocritico, busque quem lhe faça Vocabularios ao seu modo.

AO LEITOR IMPERTINENTE.

A impertinencia he filha do primor. Com pretexto de perfeiçaõ, em tudo embica, e quer emendar tudo. O excesso a faz viciosa; e em todas as materias lhe muda o nome. Na Religiaõ a impertinencia he escrupulo; na cortezania affectaçaõ; na negociaçaõ empicilho; na fidelidade desconfiança; no trato do corpo melindre; na communicaçaõ importunidade; em toda a materia immoderaçaõ, e demasia.

Tambem na censura das obras de engenho ha impertinencias. Huns querem hum estylo muito conciso, como o dos Athenienses, outros o querem amplo, e diffuso, como o dos Asiaticos; gava Quintilliano o estylo dos Rhodios, entre a brevidade Atheniense, e a pompa Asiatica; e tem Quintilliano razaõ, porque nas obras literarias, como nas moraes, o lugar da virtude he o meyo entre dous extremos. *Quintil. Instit. Orator.*

Na censura das ditas obras corre a mesma razaõ; o Censor discreto he como o Sol, a mediania he a sua ecliptica entre rigor, e mollidaõ. O Sol, perpetuo védor, e revedor das obras da natureza, nunca sahe da linha do meyo no Zodiaco. Só os Planetas passaõ dos limites, e declinaõ para os Climas frios do Norte; à imitaçaõ destes excede os termos o Leitor Impertinente, e dá em frionciras.

Póde haver reparo mais insulso do que este? Estranha o Leitor Impertinente, e condemna de ridicula a definiçaõ, que dou de algumas plantas, v. g. maceira, arvore, que dá maçãas, pereira, arvore, que dá peras. Em todas as escholas da Logica se ensina, que toda a definiçaõ, que consta de genero, e differença he boa; nestas definiçoens arvore, he o genero, maçãas, e peras, saõ as differenças. Que queria o Impertinente?

te? Queria, que eu dissesse: Maceira, arvore que dá medronhos? Pereira, arvore, que dá castanhas? Dirá o Impertinente, melhor fora naõ dizer nada. Bem está; mas ao Impertinente se acaso lhe perguntarem, que cousa he maceira, ou pereira, que dirá elle? A mim me succedeo, que pedindo a hum destes sabichoens à moda, que me dissesse, que cousa he maõ, mudou de cor, e depois de mascar, e revolver entre dentes o monosyllabo maõ, se sahio finalmente com esta bella definiçaõ: maõ he maõ; supponho, que deste mesmo modo o nosso Impertinente affectando gravidade, e arcando as sobrancelhas, se descartaria com dizer: maceira he maceira: pereira he pereira. Muito obrigada ficaria a Republica, a quem lhe désse noticia taõ peregrina.

Segunda o dito Leitor a sua impertinencia dizendo, que contra as leys dos Diccionarios das linguas, que (segundo a minha propria observaçaõ) naõ admittem nomes de pessoas, trago no meu Vocabulario muitos nomes de pessoas, particularmente das de que a Fabula, e a Gentilidade fazem mençaõ. Assim he; mas em primeiro lugar he necessario saber, que tambem à lingua Portugueza, muitos destes nomes de pessoas pertencem; porque ha Authores Portuguezes, particularmente Poetas, que chamaõ a Jupiter Jove, a Faetonte Faetaõ, ao Sol Febo, a Lua Febe, &c.

Tambem he de notar, que como a mayor parte dos Numes, ou Heroes fabulosos tem além do nome mais commum, outros nomes no idioma Portuguez usados, porque chamaõ os nossos Poetas a Vulcano *Mulciber*, a Marte *Gradivo*, a Bacco *Lyeo*, &c. naõ he escusada a noticia, e declaraçaõ destes appellidos: de mais, como este Vocabulario he Portuguez, e Latino, entendi, que convinha fazer mençaõ dos nomes, epithetos, e frases Latinas dos antigos Poetas, para ajudar aos compositores em hum, e outro idioma.

Tambem naõ fiz escrupulo de ajuntar tudo o que de semelhantes personagens inventou a Fabula, e a Gentilidade; porque as suas noticias, ainda que profanas, e ficticias, servem muito para a Mythologia; e as patranhas da Theologia Gentilica, quanto mais extravagantes saõ, mais acreditaõ as solidas verdades da nossa Sagrada Theologia.

Com esta mesma razaõ respondo ao Leitor Impertinente, escandalizado de ver no meu Vocabulario os nomes de muitos idolos antigos, e modernos, porque os idolos naõ saõ pessoas, mas cousas, pedras, v. g. metaes, e outras materias em figura de animaes, ou de homens, que nunca existiraõ, nem saõ dignos da nossa memoria, senaõ para escarneo, e aborrecimento; e a cegueira com que humas naçóes os adoraõ, e crem as ridiculas fabulas, que delles se contaõ, nos devem servir de motivo para dar graças a Deos, de nos ter allumiado com a doutrina do Evangelho.

Aprende

Aprende Leitor Impertinente a naõ ser nimio em censurar; embicar em obras alheas, naõ he difficultoso; em fazer outras melhores, está o busilis. Todos os Poetas contemporaneos de Virgilio, deraõ unhadas na sua Eneida, nenhum delles teve a penna taõ bem aparada, que fizesse outra obra taõ boa. Naõ condemno a censura; só digo, que convem usar della com o sal da discriçaõ. A censura moderada he virtude, a immoderada he vicio; este vicio he temeridade, ou insolencia, e quando menos, impertinencia.

AO LEITOR MOFINO.

Se imaginas, que com estas regras te quero exhortar a comprar o meu Vocabulario, andas enganado; pelo bem que te quero, naõ quero comprés tal livro. Para o teu estudo unicamente saõ bons livros de contas, livros de razaõ, e livros de haver. Que te importa saber termos de artes liberaes, ou mecanicas; de sciencias humanas, ou divinas? Tens arte para poupar; sciencia tens para naõ gastar; consiste a tua Rhetorica em amplificar indigencias; a tua Poesia está em fingirte necessitado; da Agricultura tomaste o podar, e o privarte do superfluo; na Logica aprendeste a apertar em toda a materia o argumento. Na caça de montaria es caõ de fila, naõ largas a preza; na alta volataria es falcaõ, bom apegador, em toda a tralé afferras; na Nautica pouco te adiantarás, sempre navegas com tempos escassos. Deu Aristoteles a razaõ da tua tenacidade. Diz este Filosofo, que todo o homem vil, e sem habilidade para grangear, he mofino; porque largando o que tem, desconfia de poder adquirir outro tanto.

Eu compadecido da tua miseria, estou com vontade de darte os Vocabularios de graça; mas duvido muito, que os queiras aceitar, porque o Euangelho dos velhos diz: O escasso, por naõ dar, naõ quer tomar. Ainda assim, sem esperança do retorno, e desobrigandote do agradecimento, fizerate este donativo, se naõ reparara, que a homem, o qual talvez mal saberá ler, naõ podem parecer bem as boas letras, nem com mofinos se podem adjectivar artes liberaes.

Sem duvida es do numero daquelles, que condemnaõ a grande extensaõ desta obra. Dez volumes de Vocabulario, atè agora naõ ha exemplo de taõ exorbitante verbosidade. Já entendo a razaõ da tua queixa. Se com o numero dos volumes, naõ subira de preço a obra, naõ lhe havias de achar redundancia. Todo o custoso te aborrece; atè na sabedoria buscas o barato. Dos Italianos diz certo Author, que fazem a Pedra Filosofal com os dentes, porque para ajuntar quatrini, alguns delles naõ comem. Tambem tu queres filosofar sem gastar; dos livros compostos por Apuleio, só te agrada o Asno d'ouro.

 Padre,

Padre, veja lá como falla, que naõ faltará quem lhe responda. Responda embora, mas ponha o seu nome na reposta, que de papeis anonymos ninguem faz caso. De mais do que, em todos estes meus discursos, faço o que de si diz o Epigrammatico Poeta.

Martial lib. 10.cap. 33.
Hunc servare modum nostri novere libelli,
Parcere personis, dicere de vitiis.

Manifesto as culpas, mas perdoo às pessoas, porque as naõ nomeo, nem a mayor parte dellas conheço.

ADVERTENCIAS A TODO O LEITOR, para o uso deste Supplemento.

I. QUando no Vocabulario topar com palavra, cuja explicaçaõ lhe pareça errada, ou diminuta, tome o trabalho de recorrer a este Supplemento, buscando a mesma palavra pelo seu lugar Alfabetico; poderá ser, que ache emenda, ou accrescentamento.

II. Neste Supplemento, como tambem nos oito volumes do Vocabulario, naõ está a Orthografia certa; porque até agora naõ achey no idioma Portuguez regras de Orthografia taõ certas, nem Authores nesta arte taõ uniformes, que tenhaõ assentado com geral aceitaçaõ, e approvaçaõ dos Doutos, o verdadeiro modo de escrever; huns principiaõ a mesma dicçaõ com H, outros com I, ou com O, ou com outra vogal; outros em alguns vocabulos usaõ do Y em lugar do I, outros do I em lugar do Y, outros antepoem, ou pospoem o R, ou o L às vogaes de algumas palavras; finalmente na Orthografia Portugueza, como na casa onde naõ ha paõ, todos gritaõ, e ninguem tem razaõ, porque até naõ assentarem os Doutos, como o tem feito os das outras naçoens, o modo com que se ha de escrever, sempre haverá contendas, e naõ saberá o vulgo quem tem razaõ. Eu, que (como Estrangeiro) naõ tenho voto na materia, muitas vezes me achey taõ confuso, que naõ sabendo que partido seguir, em huns vocabulos me conformey com a Orthografia de huns Authores, em outros com a de outros; e o peor he, que já naõ tem remedio esta diversidade, porque nem posso fazer outra impressaõ, nem já me he possivel emendar o que escrevi.

III. Neste Supplemento a muitos vocabulos falta o Latim, porque ou saõ jocosos, e chulos, sem expressoens correspondentes na Latinidade, ou saõ termos fabris, e de artes novamente inventadas, ou ervas, e drogas, ignoradas dos Romanos.

COPIA

COPIA DA CARTA DO SANTISSIMO PADRE INNONENCIO XIII.

AO AUTHOR DO VOCABULARIO PORTUGUEZ, E LATINO.

MOlto Reverendo Padre: E ſtato accolto con ſpecial'gradimento da Noſtro Signore l'eſemplare del Vocabulario Univerſale Portogheſe, che gli hà fatto V. R. preſentare, ſtimando la Santità ſua ben degna l'opera ſteſſa d'havere luogo diſtinto nella Pontificia ſua Libreria. Io nel ſignificare a V. R. per commiſſione avuta da ſua Beatitudine queſti benigni ſuoi ſentimenti, hò il piacere di portar le anche in atteſtato del paterno ſuo affetto l'Apoſtolica ſua benedizione, ed offerendole in tal congiuntura la mia prontezza, per le ſue religioſe Convenienze, le prego dal cielo ogni vero bene. Roma 27. Marzo 1723.

Affettionatiſſimo di V. R.

Il Cardinale de Santa Agneze.

Em applauſo delRey D. Joaõ o V. noſſo Senhor, concorrendo com a ſua grandeza, para a impreſſaõ do Vocabulario da lingua Portugueza, em dez volumes.

SONETO ACROSTICO.

D o voſſo nome, à luz ſahe animado
O corpo da eloquencia Portugueza,
M agnifico exercicio, em que a grandeza
I nflue Regia eſpirito elevado.
O Sol, que ſó produz eſſe illuſtrado
A dorado metal, tanto o deſpreza,
M as na mina o recata da avareza,
O uro apenas naſcido, ſepultado.
Q uanto vós o excedeis admira o Mundo,
U nindo no luzido o generoſo
I nfluxo ſuperior, claro, e profundo:
N aſcem por vós, ò Principe famoſo,
T antas letras, que o livro ja fecundo,
O nome eſcreve a hum Aſtro luminoſo.

Conde da Ericeira.

Reve-

Reverendissimo, atque Sapientissimo D.D. Raphaeli Bluteavio &c. in voluminibus quinque octuplicato ejus Lusitanorum verborum Indici superadditis.

EPIGRAMMA.

PUblica post octo, dum quinque volumina pergis:
Tantæ molis opus postulat esse tuum.
Quinque tenent elementa plagas, ut machina Mundi
Firmetur melius: non minor iste labor.
Fandi postquam elementa doces in partibus octo,
Pro zonis operi corpora quinque paras.
Atlas alter adest, totum qui continet; iste,
Etsi non maior, maximus, ille minor.

Gaspar Leitaõ à Fonseca.

Au tres Reverend Pere Dom Raphael Bluteau.

MADRIGAL.

NOvs avoir ſaintement inſtruit
Par tes travaux Apoſtoliques,
Briller avec autant & d'henneur & de fruit
Par tes diſcours Acadèmiques.
Qvoyqu' eſtranger dans ce pays,
En polir le pompeux langage
En ſçavoir enrichir l'ancien, & bel uſage,
Par des termes nouveaux, inconnus, inovis
Tel eſt le merveilleux ouvrage
De l'incomparable Bluteau,
Peut on trop rechercher un ouvrage ſi veau

Lequien de la Neufville.

LICENÇAS
DA RELIGIAÕ.

HOc opus inſcriptum, *Supplemento ao Vocabulario Portuguez, e Latino, tomo primeiro, e ſegundo*, à Reverendo Patre D. Raphaele Bluteau, noſtræ Congregationis Sacerdote compoſitum, & juxta aſſertionem Patrum, quibus id commiſſum fuerat, approbatum, ut typis mandetur, quoad nos ſpectat, facultatem concedimus; in quorum fidem præſentes literas manu propriâ ſubſcripſimus, ac ſolito noſtro ſigillo firmavimus. Romæ, 29. Martii 1727.

D. Joannes Baptiſta Gazelli, Propoſitus Generalis, Clericorum Regularium.

D. Petrus ab Eccleſia, Secretarius.

Do

Do Santo Officio.

CENSURA DO M. R. PADRE Fr. VICENTE das Chagas, Qualificador do Santo Officio.

EMINENTISSIMO SENHOR.

LI por ordem de Vossa Eminencia esta primeira parte do Supplemento ao Vocabulario Portuguez, e Latino, dividido em oito volumes, que compoz o M. R. P. M. D. Rafael Bluteau, Clerigo Regular da Divina Providencia, Doutor na Sagrada Theologia, &c. e naõ achey nella, que censurar, que louvar sim; por ser obra muy singular, e util para todos, grandes, e pequenos, porque nella o Reverendo Author, sendo taõ eloquente, naõ poz tanto cuidado no enfeite das palavras, como na verdade das cousas diversas de que trata, seguindo a doutrina de Santo Isidoro: *Non verba, sed veritas rerum est amanda.* D. Isidor. de summo bono. Porque aquellas servem só para o apparato; e esta primeiro para o aproveitamento; e quem a este olha, das palavras naõ cuida tanto, como diz Chrysologo: *Verborum flosculos non quæramus. ille, qui maturitati fructum quærit, despicit amæna camporum: violæ, rosæ, lilia, narcisus, grati flores; sed gratior panis.* Chrysol. Serm. 18. Nas mesmas arvores vemos, que em quanto estaõ ornadas de flores, perderá as diligencias quem lhe buscar os frutos; pois para se colherem estes, naõ ha de haver aquellas: *Cum fructus apparent, flores disparent, fructus enim florum interitus est*: affirma o nosso Sylveira. Sylv. tom. 1. in Apoc. cap. 2. q. 13. num. 102. E se a obra deste Supplemento merece louvores pela sua singularidade, e utilidade universal, tambem o Reverendo Author della merece mil encomios, e elogios, por a escrever agora cheyo de annos, tempo em que havia de descançar dos gloriosos trabalhos das suas grandes emprezas, seguindo o que diz Pedro Blesense, e he, que no Soldado o vicio mais detestavel he o ocio: *Nihil damnabilius est in milite, quàm otium.* Petr. Bles. Epist. 94. Em quanto duraõ ao Reverendo Author os alentos da vida, naõ larga a arma da sua scientifica penna, antes agora quando mais cheyo de annos, pega della com mais esforço, escrevendo duas partes do Supplemento muy ajustadas, e conformes com as partes do seu Vocabulario Portuguez, e Latino. Naõ tem esta primeira parte do Supplemento cousa, que se opponha aos dogmas da nossa Santa Fé, ou dos bons costumes. Pelo que merece a licença, que pede o Reverendo Author para se imprimir, com tanto, que ponha no principio desta obra peregrina a licença do seu Prelado, como se costuma, e ordena o Concilio Tridentino. Este he o meu parecer, salvo, &c. Vossa Eminencia fará o que for servido. Santo Antonio dos Capuchos de Lisboa Occidental, 19. de Mayo de 1724.

Fr. Vicente das Chagas.

CEN-

CENSURA DO M. R. PADRE Fr. MANOEL de Cerqueira, Qualificador do Santo Officio.

EMINENTISSIMO SENHOR.

VI por ordem de Vossa Eminencia esta primeira parte do Supplemento, que ao seu Vocabulario Portuguez, e Latino, dividido em oito volumes, fez o R. P. M. D. Rafael Bluteau, Doutor na Sagrada Theologia, Prégador da Rainha da Grãa Bretanha, e Qualificador do Santo Officio. E sendo os oito volumes, em que este eruditissimo Author dividio este seu Vocabulario, em tudo merecedores de todos os elogios, com que em suas censuras foraõ bem qualificados; he este seu Supplemento taõ douto, e abundante, que naõ taõ sómente suppre o que os fez diminutos, se naõ que a todos faz, e a cada hum por si, ainda muito mais dignos de mayores elogios. Das obras, que Deos formou em o principio do Mundo, sendo cada huma dellas adequadamente boas, diz o Texto expressamente, que vistas, e examinadas todas eraõ mais que boas: *Et erant valde bona.* Quem vir, e examinar com este seu Supplemento todos os oito volumes, em que o Author divide todo o seu Vocabulario, ha de achar, ha de ver, e ha de reconhecer, que sendo cada hum delles adequadamente bom, serem elles juntamente com este seu Supplemento todos oito mais que bons; obra cabalmente boa, digna de todo o louvor, encomio, e elogio; e obra em fim taõ perfeita, que nella com evidencia qualifica seu Author, que em seu thesouro tem muito grandes cabedaes; mostrando, que delle sahe; como de mina fecunda quanto mais fundo, e profundo, mais fino, e quilatado o ouro de suas letras. Naõ tem cousa, que repugne, nem á nossa Santa Fé, nem ainda aos bons costumes; antes para todos he sem excepçaõ utilissima; e assim a julgo digna, e muito merecedora da licença, que se pede. Lisboa Oriental. Convento de Nossa Senhora da Graça, em o 1. de Junho de 1724.

O Mestre Fr. Manoel de Cerqueira.

VIstas as informaçoens, póde-se imprimir o livro de que se trata, de que he Author o Padre D. Rafael Bluteau; e depois de impresso, tornará para se conferir, e dar licença para correr, sem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 2. de Junho de 1724.

Rocha. Fr. R. Alencastre. Cunha. Teixeira. Sylva. Cabêdo.

Do Ordinario.

VIsta a informaçaõ, póde-se imprimir o livro de que se trata, e depois de impresso, tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 30. de Setembro de 1724.

D. J. Arcebispo de Lacedemonia.

Do

Do Desembargo do Paço.

CENSURA DO EXCELLENTISSIMO CONDE da Ericeira.

SENHOR.

O Preceito de Vossa Magestade, que me obriga a censurar os dous ultimos volumes do Vocabulario Portuguez, e Latino, que escreveo o Padre D. Rafael Bluteau, para servirem de Supplemento aos oito que correm impressos, naõ só se fez preciso na obediencia, mas agradavel na execuçaõ, porque se me anticipou o gosto de ver concluida esta Decada de livros, que naõ dará menos gloria a Portugal, que Tito Livio deu às vitorias de Roma, e Joaõ de Barros aos triunfos da India, com outras Decadas, de que as primeiras se naõ conservaraõ perfeitas pelas injurias do tempo, e as segundas se interromperaõ no seu Author, e nos que o continuaraõ. Qualquer daquelles volumes, divididos em dez livros, comprehendia, e contava com admiravel ordem, e estylo as historias do Imperio Lacio, e do Imperio Lisio, de que o parallelo correo infinitamente (como na Geometria as suas linhas) taõ semelhante, que era preciso se visse na nova Decada, que tambem o saõ as duas linguas Latina, e Lusitana, sendo esta huma estatua viva daquella, que ainda morta, anima a verdadeira elegancia. Mais de cinco mil palavras acreditaõ tanto a copia do idioma Portuguez neste Supplemento, que ellas que faltavaõ, excedem os vocabulos genuinos da lingua mais santa, e mais antiga do Mundo? He a nossa a que se lè como padraõ os heroicos descubrimentos dos felicissimos investigadores das partes do Mundo menos conhecidas, nas costas Occidentaes de Europa, nas Ilhas mais separadas do seu continente, nas que saõ adjacentes a todo o triangulo de Africa, nos Reynos, e Colonias do seu centro, e das suas Regioens Orientaes, e Occidentaes, em grande parte da Asia atè as extremidades da China, e no Novo Mundo, a que deu o nome, e donde conserva o mais opulento dominio; a conquista, a navegaçaõ, e o commercio de ambos os mares, de que Vossa Magestade he Senhor, fez a lingua Portugueza, como o foraõ sempre os dominantes, universal, e precisa entre as naçoens barbaras, que só o naõ parecem quando a aprendem, e entre as Europeas, que ou com ambiçaõ, ou com curiosidade encaminhaõ as suas viagens a taõ remotos districtos, e traduzem as nossas historias com tanta applicaçaõ, que na mesma gloria que nos resultava, introduziaõ a Critica do nosso descuido, no que tinhamos em as naõ imprimir, e em naõ repetir as ediçoens, em quanto Vossa Magestade se naõ fez em huma nova Academia o Restaurador da verdade, e da memoria, que se achava pervertida, e quasi apagada.

Quantos saõ os termos, que por antiquados, por estranhos, por naõ usados, por particulares às sciencias, e artes, aos ritos, às leys, e aos costumes de tantas naçoens, descubertas, e dominadas pelos Portuguezes, senaõ entendiaõ já, nem nos mesmos Paizes, de que os Reys, e as linguas tambem mudaraõ, e nos primeiros tempos se escreviaõ com a pronuncia que entaõ tinhaõ, muitas vezes alterada pela diversidade da eufonia, perturbada na Orthografia de caracteres ignorados, e corrupta

corrupta pela serie dos tempos, que se atreverão até às mais cultas, e polidas, que nem sendo vivas se defenderaõ, nem sendo mortas se respeitaraõ; e o que he mais, quantos saõ os termos do nosso idioma proprio, que totalmente desconhecemos, e que impropriamente diffinimos, mudando nas ideas confusas o genero, a differença; e a propriedade de que naõ sirva para duas cousas a mesma definiçaõ, defeito, que ainda em Plataõ, chamado Divino, arguio a Critica de Diogenes. Todos estes damnos preveniô hum eruditissimo Estrangeiro em hum laborioso, douto, e largo estudo de muitas Decadas de annos, fazendo com hum louvavel furto, proprio o que era alheyo, e de que já lhe pertence a posse por huma prescripçaõ de mais de meyo seculo; se lhe devemos tanta applicaçaõ, e se elegeo a nossa entre tantas linguas, que sabe para o seu mayor estudo, que a preferio às faculdades mais dignas de respeito por sagradas, e às artes mais deliciosas por amenas, quando em humas tanto luzio; como em outras floreceo, qual seria a ingratidaõ de naõ agradecer, e estimar ver naturalizado, e com a nossa lingua, a quem a tem taõ discreta, e taõ eloquente? Naõ he novo, que dos que fallavaõ muitas linguas, differentes os antigos, que tinhaõ muitos corações; mostrou o Author deste Vocabulario, que podendo ter tantos, escolheraõ o de Portuguez; quando com tanta razaõ como a Homero, o podiaõ pleitear Inglaterra pelo nascimento; França pelo sangue, Italia pela Religiaõ, Grecia pela sciencia, e pelo conhecimento da sua lingua, e ainda com mais razaõ a antiga Roma, pela pureza com que sabe a Latina, e o resto de Hespanha, pela perfeiçaõ com que adquirio a Castelhana, sendo a Portugueza, como succedeo à verdadeira Patria das sete, que pertendiaõ adoptar o mesmo Homero, a que foy preferida.

Neste Diccionario se vê huma abundancia de termos quasi immensa; como he universal, justamente abraçou as palavras que compoem o estylo sublime, o mediano, e o pupular; estas, que parecem menos dignas de escreverse, procuraraõ conservar no estylo Comico os Menandros, os Aristofanes, os Plautos, e os Terencios, e as da infima lingua Grega, e Latina deveraõ, separadas das outras, aos Spelmanos, e aos Ducanges continuas applicações; o que mais facilmente se perde, he o que mais deve conservarse, a dicçaõ ludrica, a fraze jocosa, espalharaõ muitas vezes o sal Atico, que preservou da corrupçaõ muitas obras grandes, e que fez o amargoso do estylo satyrico, mais util à saude publica, que o doce da Oratoria. Os nomes proprios, que comprehende, saõ aquelles, que se fazem precisos para a erudiçaõ de quem falla, que será ignorante, se naõ entender o que na nossa historia politica, e natural, na antiga, nas fabulas, na Geografia, e em outras artes he mais commum. Sessenta annos se empregaraõ quarenta homens doutos, que sempre foraõ multiplicandose, para conservar completo este numero na Academia de França; e póde ser, que cada letra do Alfabeto tivesse mais estudiosos, que quantos caracteres nelle se contaõ; e apenas produziraõ dous volumes de hum Diccionario, na mesma naçaõ; e na Italiana adquirio grande gloria Egidio Menage, porque escreveo as origens desta ultima lingua, sendo a sua a Franceza; e Marco Varraõ foy julgado pelo mais sabio dos Romanos, e compoz livros, de que ainda existem alguns das Etymologias Latinas; e o grande Julio Cesar das suas analogias, ainda que era mais propria a comparaçaõ de Santo Isidoro Arcebispo de Sevilha, que entre os Commentos da Escritura achou tempo, para se empregar todo nos seus excellentes livros, sobre a lingua Latina. O que mais me admira nesta vastissima collecçaõ he, que sendo hum Diccionario sempre livro util, serve só para buscar, porque as palavras separadas das materias, saõ huns espiritos sem corpo, que se temem ainda quando se admiraõ; saõ huns frutos insipidos, e humas flores sem cultura, vozes sem harmonia, e instrumentos, que quando naõ estaõ temperados, naõ parecem suaves, em quanto naõ estaõ acordes; porém neste Vocabulario se acha a cada folha huma flor, e hum fruto, que como se vê no terreno felice,

e no

e no clima benigno, sem artificio nasce fragrante, e sazonado; e por esta causa repito sempre, que os outros Diccionarios servem só para buscar, e este tambem para se ler, instruindo, e deleitando. A mesma approvação merecem os tratados, que o Author accrescentou para facilitar o uso da Grammatica, e da Eloquencia Portugueza, e Latina, e que incorporou no ultimo volume, que depois que mereceo, como os outros, na magnificencia de Vossa Magestade huma generosa approvação, se vê independente, e superior à minha censura, que pareceria suspeitosa, nos elogios, que em cinco linguas lhe dedicou a minha poesia, se agora com o preceito de Vossa Magestade não dissesse com a syncerid ade a que he obrigado hum Censor, que são estes dous volumes, que Vossa Magestade me manda examinar, muito dignos de sahir a luz. Lisboa Occidental 3. de Janeiro de 1725.

Conde da Ericeira.

QUe se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e taixar, que sem isso não correrá. Lisboa Occidental 10. de Janeiro de 1725.

Duque P. Pereira. Oliveira. Teixeira.

VIsto estar conforme com o original, póde correr. Lisboa Occidental 17. de Outubro de 1728.

Fr. R. Alencastro. Cunha. Teixeira. Sylva. Cabedo.

VIsto estar conforme com seu original póde correr. Lisboa Occidental 12. de Outubro de 1728.

Gouvea.

TAixão a primeira parte em 1100. em papel, e a segunda em 1200. para que possão correr. Lisboa Occidental 13. de Outubro de 1728.

Marquez P. Teixeira. Pereira. Oliveira. Bonicho.

ERRA-

ERRATAS

DOS OITO VOLUMES DO VOCABULARIO,
alfabetadas com ſuas emendas em letra grifa.

O Catalogo das erratas, que eſtaõ no principio do quinto volume, ſó contém as que ſe acharaõ nos primeiros quatro volumes, impreſſos em Coimbra. Com eſte ſegundo Catalogo poderá o Leitor emendar tambem as erratas dos outros quatro volumes, impreſſos em Lisboa. Para mayor commodo dos Leitores, trago humas, e outras todas juntas, e alfabetadas. Naõ foy neceſſario apontar as paginas, porque o meſmo Leitor, tendo na maõ o volume, verá o lugar em que eſtaõ.

ERRATAS, E EMENDAS DAS palavras, que começaõ pela letra A.

NA LETRA A.

ARmenia, *Armonia.*
Abate, *de Abate.*
Aſceterniis, *Aſceteriis.*
Abecdario, *Abecedario.*
Abobara, *Abobaras.*
Abocadas, *Aboladas.*
Accelerat, *Mortem accelerat.*
Abrotonum, *Abrotanum.*
Aſſi, *a ſi.*
Abundante, *Logarithmo.*
Aſia, *da Aſia.*
A quem, *A que.*
ABABADO, *ACABADO.*
Aliqua, *Reliqua.*
Abſte, *Abs te.*
Aſſueſce, *Aſſueſcere.*
Adjuctorem, *Adjutorem.*
Aſcanio, *Aſconio.*
Adiantarſe, Adiantaſe.
ADUFADA, *ADUFADO.*
Afendo, *Aferido.*
Accidens, *Accidit.*
Affugentar, Afugentar.
Abſtracçaõ, *Diſtracçaõ.*
Arreſtaçaõ. Vid. *Atteſtaçaõ* no Supplemento.
Agoa ardente. Vid. *no Supplemento.*
Agoas, Uvas.
Alma, *Alguma.*
Aquarium, *Aquarum.*
Agoada, *Agoarda.*
Ajuntarſe, *Ajuſtarſe.*
Alargarſe, *Alargouſe.*
Albana, *Albania.*
ALBENOZ, *ALBERNOZ.*
Alboſeira, *Albufeira.*
Aliquo, *Ab aliquo.*
Approvaçaõ, *Povoaçaõ.*
AFENA, *ALFENA.*
Algravia, *Algaravia.*
Aljubarrota, Aldea, *Alujbarrota Villa.*
Alizarſe, *Alizaſe.*
Adiçoens, *Acçoens.*
Almagraio, *Almagrai-o.*
Da Alma, *de Alma.*
ALMEGEGA, *ALMECEGA.*
ALMEGEGAR, *ALMECEGAR.*
Aos, *E aos.*
Alra xox, *Alta voz.*
Alvinado, *Alvitanado.*
Admiraçaõ, *Admirado*, *Admirante*, *Admirar.* Vid. no Supplemento.
Alibi, *Albi.*
Ambos, *Para ambos.*
Ameaçado, *Ameaço.*
Amalia, *Amelia.*
Atura, *Aturas.*
A meu, *Meu.*
Applicari, *Applicare.*
Ancora, *Anchora.*
Aula, *Aura.*
ANNELISTA, *ANNALISTA.*
Aos Planetas, *Aos amios.*
ANSLA, *ANSIA.*
Antegoniſta, *Antagoniſta.*
Anteparalytico, *Antiparalytico.*
Accercere, *Accerſere.*
Ab omni, *Ab imo.*
Accintus, *Accinctus.*

Avariti, *Avaritia.*
Ærefteli, *Ære textili.*
Apontando, *Apontado.*
Apontar dia, *Apontar do dia.*
Apontar, *Apontoar.*
Anatomico, *Anatomico.*
Anatomicos, *Anatomicos.*
Apostrapha, *Apostropha.*
Arimar, *Arrimar.*
Applicar, *Applicarse.*
As Alpes, *Os Alpes.*
Acrecentaõ, *Acrecentaõ.*
Apreger, *Apregoava.*
Aprimiar, *Apremiar.*
A properare, *Approperare.*
Aproveita, *Aproveitára.*
Averdugada. Vid. *Verdugada.* Vid. *Guarda-Infante.*
Accesa, *Acesa.*
Antithonas, *Antithones.*
Arbitrase, *Arbitrarse.*
Archonte, *Archontes.*
ARCHONTALOGIA *ARCHONTOLOGIA.*
Accesos, *Acesos.*
Accendem, *Acendem.*
Arcipreste, *Acipreste.*
Acudio, *Alludio.*
Armerica, *Armenia.*
Aula-orum, *Aulæorum.*
Armarlhe, *Armalhe.*
AROMA que, *AROMAS*, derivase do Grego Aro, que.
Artaveiar, *Arrevesar.*
Avozari, *Avozari.*
Arrenegado, *Arrenegando.*
Arrias, *Arriar.*
Arrobar, *Arribada.*
Alleva, *Altera.*
Armerita, *Armenia.*
Arruchas, *Arruelas.*
Astranaloi, *Astragaloi.*
Ascendentes, *Ascendente.*
ACESSUAR, *ASSESTAR.*
Adolterina, *Adulterina.*
ATMOS, *ATHOS.*
Atomos, *Saõ atomos.*
ATRAVESSADIÇA, *ATRAVESSADIÇO.*
AURIPHRIGLATA, *AURIPHRIA.*

Avezinharse, *Avezinhase.*
Aprazimento. Falta esta authoridade. (Tanto que D. Henrique teve este aprazimento delRey, Barros 3. Decada, 257.)

NA LETRA B.

O verso Latino, que está no fim da segunda columna da 1. pag. diz assim: *Simul inclusis profertur utrinque labellis.* Naõ esta no seu lugar: leaíe na quinta regra da dita columna; e no fim d este he necessario accrescentar, isto que se segue, *Saõ vento, que bento que faz.*
A contrabaldar, *E contrabaldar.*
Abexterá *A' dextera.*
Ad Calorum, *Ad Carolum.*
Asqueletos, *Esqueletos.*
A gente daõ, *A' gente do Norte daõ.*
Asivelli, *Asinelli.*
Assim se diz, *Assim como se diz.*
Aluguer, *Aluguel.*
Armaria, *Armeria.*
Aborrese, *Aborrece.*

NA LETRA C.

Aulo Gelcio, *Aulo Gellio.*
Alguma cousa conseguir, *Conseguir alguma cousa.*
Alguem, *Algum.*
Andrinapla, *Andrinopla.*
Abylla, *Abyla.*
A Conclave *Ao Conclave.*
Amphacio, *Omphacio.*
Agriculæ, *Agricolæ.*
Ager sterilis, *Ager immunis*, Cic.
Adjungar, *Adjungant.*
Accommodatores, *Accommodatiores.*
Alacaõ, *Alazaõ.*
Applausu, *Appulsu.*
Arruinados, *Arrimados.*
Alta, *Alto.*
Assertitius, *Assertitiæ litteræ*, ou *Assertorius libellus*, porque aonde acharaõ elles *Assertitius.*
Aos chocolheiros, *Ao chocalheiro.*
Adiu, *Abitu.*
Agendique, *Agendique ratione.*

Assos,

Assos, *Asses*.
Arrus, *Arius*.
Avillares, *Axillares*.
Argustos, *Argutos*.
Ascosidade, *Acosidade*.
Alvare, *Alveare*.
Applicasse, *Applicasse*.
Aperteiçoa, *A aperfeiçoa*.
Ainda que as palavras, *Ainda que palavras*.
Alluriones, *Allocutiones*.
Ausos est, *Ausus es*.
As penas, *As vossas penas*.
Accipere, *Accipe*.
Aprovado, *Aprovando*.
Animo, *Amico*.
A architrave, *O architrave*.
Animi, *Anima*.
A interposiçaõ, *Com a interposiçaõ*.
Autrazes, *Antrazes*.
Alimento, *Alimentoso*.
Arguem, *Erguem*.
Affingere, effingere.
Antepolto *Antaposto*.
Aciam, *Aciem*.

NA LETRA D.

Auno, *Anno*.
Aprodrecem, *Apodrecem*.
Artem, *Arcem*.
A dicitur, *O dicitur*.
Appressaõ, *Oppressaõ*.
Acrecenta, *Acrecenta*.
Acrecentando, *Acrecentado*.
Alta, esta
Amaçado, *Ameaçado*.
Amittir, *Admittir*.

NA LETRA E.

Apienter, *Sapienter*.
Absorbendos, *Absorbendos*.
Aufugere, *Aufugere*.
Autores [illegible] costume de aos, *Com outros Authores falla no costume de fundar aos*.
Arcanjo, *Arcanjo*.
Angustre, *Angustè*.

NA LETRA G.

Admirone, *Admirome*.
Avore, *Arvore*.
Arterismo, *Asterismo*.
Armotaçaõ, *Amotaçaõ*.
Accasiaõ, *Occasiaõ*.
Astribarias, *Estriberias*.
Arumoniaco, *Ammoniaco*.
Amplasto, *Emplasto*.

NA LETRA H.

Alodo, *Alado*.
Avelles, *Avelar*.
Arsquicè, *Arabicè*.

NA LETRA I.

Aalguns, *Alguns*.
Arabica, *Arabia*.
Arvare, *Arvore*.
alemanha, *Alemanha*.
Amarellos, *Amarella*.
Ataca, *Aparta*.
Antigo, *Antigos*.

NA LETRA M.

Aos Longobardos, *Contra os Longobardos*.
Artigo, *Antigo*.

NA LETRA P.

Alphelia, *Aphelia*.

NA LETRA S.

Amador, *Armador*.
Assimulivere, *Assimilavere*.

NA LETRA V.

Akungia, *Axungia*.

ERRATAS, E EMENDAS DAS palavras que começaõ pela letra B.

NA LETRA A.

Braccdeiras, *Braçadeiras.*
Baldino, *Babuino.*
Boldini, *Boldonio.*
Biante, *Diante.*

NA LETRA B.

BAINA, *BAINILHA.*
Balõ, *BALAÕ.*
Baldio, *BALDIO.*
Balhestilha, *Balestilha.*
Balfo, *Bilfa.*
Bado, *Byda.*
Com bem venhas, *Mal, se vieres só.*
Balagate zarhna, *Balagate zalina.*
Balearia, *Palearia.*
BARBITOM, *BARITOM.*
BAROIL, *BARONIL.*
Baterios, *Baterias.*
Baldesfaõ, *Baldes taõ.*
Butler, *Por Butler.*
Bigamos, *Digamos.*
De baxo, *De baxo preço.*
Da Beira, *De Beja.*
Bolera, *Bolota.*
Bolota lenço, *Bolota de lenço.*
BRADALO, *BRADADO.*
Huma bigora, *Huma bigota.*
Bubulus, *Bubulcus.*

NA LETRA C.

Baccho, *Bacco.*
Brenice, *Berenice.*
Bilatres, *Bilhafres.*
Barbuino, *Babuino.*
Bacos, *Barcos.*
Barbaras, *Barbara.*
Branco, *Bruco.*
Bolatus, *Boletus.*
Baxolo, *Baxo.*
Blanditiæ, *Blanditiæ.*
Baranda, *Varanda.*
Bisultrorum, *Bisulcorum.*

NA LETRA D.

Binda, *Bina.*

NA LETRA E.

Barenica, *Berenice,*

NA LETRA F.

Beatudo, *Beatitudo.*
Braba, *Braza.*

NA LETRA G.

Bellone, *Bellona.*
Biriga, *Briga.*
Bandrand, *Baudrand.*

NA LETRA H.

Naõ abaixou, *Naõ baixou.*

NA LETRA I.

Bibliotheca, *Na Bibliotheca.*
Bacelor, *Barcelor.*
Ba, *Baa.*
Barrus, e Beleguiis, *Barris, e Beleguis.*

NA LETRA M.

Bragança, e Miranda, *A Torre de Moncorvo, e Miranda.*

NA LETRA T.

Buarcos, *Barcos.*

ERRATAS, E EMENDAS DAS palavras que começaõ pela letra C.

NA LETRA A.

Cidadoens, *Cidadãos.*
Cilendro, *Cylindro.*
Cucurbitio, *Cucurbitis.*
Como de, *Como ar de.*
Canal do canal do, *Canal do.*

Começou,

ERRATAS.

Começou, *Se começou.*
Cimou, *Cimon.*
Cintus, *Cinctus.*
Como, *Corpo.*
Cev a, *Cevaõ.*
Coaptacus, *Cooptatus.*
Chamase aisto, *Chamase isto.*
Collere, *Colere.*
Camsaubono, *Casaubono.*
Compesta, *Composto.*
Caravansera, *Caravançara.*
Cidades, *Povoaçoens.*
Cedendo della, *Cedendo ella.*
Colhe nem, *Colhe, que nem.*
Carpintana, *Carpintaria.*
Combada, *Lombada.*
Carraes, *Curraes.*
Compridos, *Compridas.*
Con Lysum, *Contra Lysum.*
Colatio, *Collatio.*
Chefre, *Chefe.*
Chegoa, *Chegou.*
Como tem, *Como naõ tem.*
Cedatè, *Sedatè.*
Colonnia, *Colonia.*
Cofre, *Cofres.*

NA LETRA B.

Cortidouros, *Cortidores.*
Com pela, *Como pela.*
Copos, *Capa.*
Cacyro, *Cayero.*
Cheme, *Cherne.*
Combatido, *Combatia.*
Chambariz, *Chambaril.*
Com area, *Como area.*
Confidentia, *Ventris confidentia.*
Cucarve, *Cucarne.*
Calorum, *Carolum.*
Copere, *Carpere.*
Celeirciro, *Celereiro.*
Chamasse, *Chamase.*
Como as drogas, *Como os Boticarios vendem as drogas.*
Cicota, *Escota.*
Cetoris, *Cæteris.*

NA LETRA C.

Cadilho, *Cedilho.*
CABAINHA, *CABANA.*
CABEC,ALHA, *CABEC,ALHO.*
Cachoens, *Caixoens.*
CACHAC,A, *CACHAC,O.*
Coleuza, *Cosença.*
Cautauzaro, *Catanzaro.*
Charcado, *Charoado.*
Como, *E como.*
A Conclave, *Ao Conclave.*
Cancus, *Carneus.*
Cenea, *Canea.*
Civilas, *Civilites.*
CANCADA, *CANIC,ADA.*
Colloquiæ, *Colliquiæ.*
Citedella, *Citadella.*
CAPAROTE, *CAPOTE.*
Cancro, *Cancer.*
Grande copo, *Graõ copo.*
Caritates, *Caritate.*
CARPORALSAMO, *CARPOBALSAMO.*
Conjugis, *Conjugio.*
Carrearse, *Cartease.*
Chamadrys, *Chamatris.*
Cravos, *Chamados cravos.*
De catadura, *De boa catadura.*
Cavalleiró, *Cavalleiro.*
Cerriva, *Cervina.*
Cavadura, *Cavatura.*
Ceboles, *Celebes.*
Cælibs, *Cælebs.*
Cælicoia, *Cælicolæ.*
Cerrasse, *Cerrase.*
Cerrarse, *Cerrase.*
CHALYRES, *CHALYBES.*
Corrupiâ, *Corruptè.*
Continent, *Continens.*
Consemicircular, *Semicircular.*
Claves, *Clavis.*
Chocolheiros, *Chocalheiros.*
Combatido, *Combatia.*
Chorava, *Chorara.*
Chusma, *Churma.*
Censo, *Conso.*
Chirurgia, *Chirurgica.*

Clermonte, *Clermont.*
O mesmo, *Camdicer he o mesmo.*
Cogular, *Cogulo.*
COHORAR, *COHOBAR.*
Cohorese, *Cohobese.*
Cecitado, *Cuitado.*
Capud, *Caput.*
Se começa, *Se começa a usar.*
Caeyro, *Cayeiro.*
Cathaphainomas, *Cataphainomas.*
COLORRINA, *COLOBRINA.*
Compor, *Composto.*
Congos, *Congas.*
Com mó, *Em mó.*
CONSEQUENTE, *CONSEQUENTEMENTE.*
Contencio, *Contencioso.*
Cupiditates, *Cohibere cupiditates.*
Contracambiere, *Contracambiare.*
Cedere, *Reddere.*
Corruptum, *Corruptorum.*
Os Copeiros, *Ao Copeiro.*
Concernente, *Concernentes.*
O corço, *A corço.*
Capataz, *Capataz.*
Crupear, *Debulhar.*
Cernea, *Coronæ.*
Commentibus, *Commeatibus.*
Corovelada, *Cotovelo.*
CREDULU, *CREDULO.*
Criminal, por *Criminoso*, he erro.
Cultus medicus, *Cultu modicus.*
Cuquinarius, *Caquinarius.*
Celebravaõ, *Celebraõ.*
Cornucopeas, *Cornucopias.*

NA LETRA D.

Cenens, *Cecens.*
Comedientes, *Comediantes.*
Concidero, *Considere.*
Configiunt, *Confugiunt.*
Consogrario, *Consagrarse.*
Circuitancia, *Circunstancia.*
Camanaras, *Camaras.*
Coroçoens, *Coraçoens.*
Canochia, *Canochiale.*
Cottaes, *Cristaes.*
Carboens, *Carvoens.*

NA LETRA E.

Cunabilis, *Cunabulis.*
Chomaõlhe, *Chamaõlhe.*
Concelhos, *Conselhos.*
Coroadas, *Coroados.*
Conredere, *Contendere.*
Cum, *Com.*
Conhal, *Cunhal.*
Concraciuo, *Contractum.*
Chaiaõ, *Cabiao.*
Corna, *Cornadura.*
Com alma, *Como alma.*
Coporis, *Corporis.*
Concidernar, *Considerat.*
Cavalhos, *Cavallos.*
Costtar, *Castrar.*
Confideravel, *Consideravel.*
Celebrace, *Celebrase.*
Cuidado, *Cuidadoso.*
Cofdroas, *Chofrors.*
Cabinere, Gabinete.
Cid *Cic.*

NA LETRA F.

Cercoi de Lisboa, *Cercos de Malaca.*
Calchos, *Colchos.*
Cineteres, *Cineres.*
Cencemos, *Vencemos.*
Chamas, *Chamaõ.*
Corta o fio, *Cortar o fio.*

NA LETRA G.

Calorca, *Calor, e a.*
Coriosos, *Curiosos.*
Chrmæcerasi, *Chamæcerasi.*
Criptoris, *Scriptoris.*
Comes, *Comer.*
Caha, *Cabe.*
Ceruleos, *Ceruleos.*
Cidace, *Cidade.*

NA LETRA H.

Conveniro, *Convenire.*
C,aõ, *Caõ.*

NA

ERRATAS.

NA LETRA I.

Cultivava, *Cultivava.*
Como vidraças, *Com vidraças.*
Condas, *Cordas.*

NA LETRA L.

Cani, Compages, *Carri, Compages.*

NA LETRA P.

Casa, *Caça.*
Com que, *Com o que.*

NA LETRA R.

Cebate, *Cebete.*

NA LETRA T.

Castelhano, e Portuguez, *Castelhano, e Francez.*
Calculo da bexiga, *Colo da bexiga.*
Cincoenta e sete, *Quarenta e sete.* fol. 647.

ERRATAS, E EMENDAS DAS palavras, que começaõ pela letra D.

NA LETRA A.

De Armenia, *da Armenia.*
Do abate, *De abate.*
Da proa, *De proa.*
De Algebra, *Da Algebra.*
Decedia, *Decidia.*
Dragma, *Drama.*
Decoaçaõ, *Decorçaõ.*
Dilatum, *Dilatatum.*
Daque, *Dague.*
Das agoas, *Das uvas.*
Desmanchese, *Desmanchase.*
Disse, *Dizse.*
Dem, *Nem.*
Dilitar, *Dilatar.*
Dar á graça, *Dar graça.*
Da tabûa, *De tabûa.*
Desterado, *Desterrado.*
Descompor, *Descompor sua grandeza.*
De palha, *Da palha.*
Dividida, *Dividido.*
Da alma, *De alma.*
Do Encidos, *Dos Eneidos.*
Decediraõ, *Decidiraõ.*
Despedio, *Despedeo.*
Dispetos, *Disputatio.*
Dicem, *Dizem.*
Das da, *Das.*
De Lacio, *Do Lacio.*
De humanidade, *Da humanidade.*
Determinaçaõ dos, *Determinaçaõ, e dissecçaõ dos.*
Dissicare, *Dissecare.*
Da giesta, *A' da giesta.*
Dia, *Do dia.*
Divide, *Dividem.*
Diciderunt, *Deciderunt.*
Do Chili, *De Chili.*
Deceptatore, *Disceptatore.*
Destruçaõ, *Destruiçaõ.*
De Roma, *Fóra de Roma.*
Dos cavallos, *Destes cavallos.*
Della, *Delles.*
Disposta, *Dispostas.*
Dirumpar, *Dirumpat.*
Degravaçaõ, *Depravaçaõ.*
Do motum, *De motum.*
Deserto, *Deserta.*
Doura, *Dourada.*
Dissidiarumque, *Dissidiorumque.*
Detter, *Deter.*
Dizemos, *Se dizemos.*

NA LETRA B.

Da paõ, *De paõ.*
Da rapina, *De rapina.*
Da véla, *De véla.*
De Varro, *He de Varro.*

NA LETRA C.

Do genero, *O faz do genero.*
Da Califa, *Do Califa.*
De vagante, *De Sé Vagante.*
Do campo, *De campo.*
DANDURA, *CANTURA.*
Delle, *Delle S. Gregorio.*

Des-

Desprezais, *Desprezeis.*
Dos mares, *Das marés.*
De cor, *De cor.*
De catadura, *De boa catadura.*
Dos Diccionarios, *De Diccionarios.*
Depois limpa, *Depois de limpa.*
Do mana, *De Umena.*
Doze Planetas, *Sete Planetas.*
Divisaõ, *Derisaõ.*
Da primeira, *De primeira.*
Da musica, *De musica.*
Dormirem, *Naõ dominem.*
Dice, *Disse.*
Do custo, *De custo.*
Dedicisti, *Didicisti.*
De metro, *Do metro.*
Demissus, *Dimissus.*
Dicer, *Differ.*
Do coto, *De coto.*
Dividise, *Dividese.*

NA LETRA D.

Decon, *Decan.*
Dero, *Decoro.*
Decorandosse, *Decotaõse.*
DEMOSTRANTE, *DEMONSTRANTE.*
Doportado, *Deportado.*
Daportaçaõ, *Deportaçaõ.*
Dosejo, *Desejo.*
DESEMPARAR, *DESAMPARAR.*
Delizando-o, *Deslizando o.*
Defloraçaõ, *Desfloraçaõ.*
Deflorar, *Desflorar.*
Deverim, *Severim.*
Desorrigado, *Desobrigado.*
Desterado, *Desterrado.*
Debeer, *Debet.*
Dianceiro, *Dianteiro.*
Dejunctivo, *Disjunctivo.*
Diviciis, *De vitiis.*
Dialecta, *Dialectica.*
Dignade, *Dignidade.*
DIEFAMADO, *DIFFAMADO.*
DILACMA, *DILACAM.*
Diminutivo, *Diminuto.*
Do eu, *Do seu.*
Daraõ, *Deraõ.*
Dirscursiva, *Discursiva.*

De naõ, *De o naõ.*
Dominua, *Dominava.*
Dominicas, *Dominicas.*
Domonio, *Dominio.*
Duoro, *Douro.*
Digiones, *Diogenes.*
Ducurioens, *Decurioens.*
DIVISAM, *DIVISAR.*
DUOAI, *DOVAI.*
Driadas, *Das Dryadas.*
Drydryadas, *Dryadas.*
Dedicarse, *Dedignarse.*
Deslivar, *Deslivrar.*
Desperdiçgar, *Desperdiçar.*
Deivanecer alguem, *Desvanecer a alguem*
DITONNO, *DITONO.*
DEPENNADO, e DEPENNAR, *Estaõ fóra do seu lugar.* Vid pag. 67. col. 2.

NA LETRA E.

Derivasse, *Deriva-se.*
Darr, *Barra.*
Descrga, *Descarga.*
Debarar, *Desbastar.*
Daudrandino, *Baudrand.*

NA LETRA G.

Dus, *Dous.*
Didoro, *Diodoro.*
Disfarçado, *Disfarce.*
Deccan, *Decan.*
Delicadissimi, *Delicatissimi.*
Dasta, *Casta.*
Digirir, *Digerir.*

NA LETRA I.

Disejo, *Desejo.*
Descubir, *Descubrir.*
Demonio, *Demonio faz.*
Do antigo, *Dos antigos.*
Defendum, *Defendendum.*

NA LETRA S.

Dura braças, *Duas braças.*

ERRA-

ERRATAS, E EMENDAS DAS palavras, que começaõ pela letra E.

NA LETRA A.

Epistulam, *Epistolam.*
Experio, *Experior.*
Excepit, *Excipit.*
Este he verdadeiro, *Este verdadeiro.*
Exquisitionis, *Exquisitioris.*
Exageregare, *Ex aggregare.*
Encacha, *Encaixa.*
E recebe, *Que recebe.*
Excrotoria, *Excretoria.*
Espalheie, *Espalhase.*
Exercito Cæsar, *Exercito aquari Cæsar.*
Em demasiado, *Com demasiado.*
Escolher, *Póde Pedro escolher.*
Ex quo, *Ex æquo.*
Especiosa, *Espaçosa.*
Ephipium, *Ephippium.*
Estavaõ, *Estaraõ.*
Estiril, *Esteril.*
Errodentium, *Erodentium.*
Estinctor, *Extinctor.*
Faser, *Fazer.*
E o Orador, *O Orador.*
Expugnare, *Expurgare.*
Ex æresteli, *Ex ære textili.*
Esther, *Asser.*
Eclipse, *Elipse.*
Esfeito, *Esfeito mao.*

NA LETRA B.

Euphania, *Euphonia.*
Exarmata navis reliquis, *Exarmatæ navis reliquiis.*
Estados do Mogol, *Estados do Congo.*
Estendeise, *Estendese.*
E he consta, *E he a que consta.*
Epist, *Epist.*

NA LETRA C.

Escrupulos, *Escrupulosos.*
Embaixadas, *Emboscada.*
E hum, *E he hum.*
E, *He.*

Engado, *Enganado.*
Edicçaõ, *Ediçaõ.*
Em que pouco, *Em que se lê pouco.*
Esfossi, *Esfossi.*
Everem, *Escrevem.*
Enginava, *Originava.*
Ex merito, *Et meritò.*
Edicçoens, *Ediçoens.*
Espeza, *Espessa.*
Esavelho, *Escaravelho.*
Entricar, *Enfrear.*
Espada, *Esquadra.*
Escandeli a, *Escandaliza.*
E se ha, *Se ha.*
Extrix, *Estrix.*
Entitant, *Emtitant.*
Explicado, *Explicada.*
Em seu Rey, *Em serviço de seu Rey.*
E manda, *Emanada.*
Embarase, *Embarace.*
En cautis, *Encaustis.*
Entera, *Enterra.*
Esta tem, *Esta casa tem.*
Este, *Estes.*
Exserore, *Exscreare.*
Eleegancia, *Elegancia.*

NA LETRA D.

Ex vicinate, *Ex vicinitate.*
Examinaõ, *Examinaõ.*
Esfera, *Esfera.*
Esperito, *Espirito.*
Entedimento, *Entendimento.*

NA LETRA E.

Eus, *Eus.*
E fizera, *E neõ fizera.*
Eprega, *Emprega.*
Epigraphica, gaba muito, *Na sua Epigrafica o Padre Boldonio gava muito.*
Encravando e, *Encruandose.*
Entenderse, *Entenderse.*
Entro denvolta, *Entrou d'envolta.*
Epilerico, *Epileptico.*
Epiucium, *Epinicium.*
Exautus, *Exhaustus.*
Ejuculari, *Ejaculari.*
Estaada, *Estacada.*

Espes,

Efpes, *Spes.*
Eftada, *Eftava.*
Efincamento, *Eftazamento.*
Eferve, *Efcreve.*
Eftrodo, *Eftrondo.*
Eftufefaciente, *Eftupefaciente.*
Execuda, *Executada.*
Euhaurir, *Exhaurir.*
Exhauto, *Exhaufto.*
Expediçaõ, *Expiaçaõ.*
Etremidade, *Extremidade.*
Epoco, *Epoca.*

NA LETRA F.

Enchindio, *Enchiridion.*
Elementar, *Elemental.*

NA LETRA G.

Ezercito, *Exercito.*
Exercios, *Exercicios.*
Excada, *Eneade.*
Eompanhia, *Companhia.*

NA LETRA H.

Eftyla, *Eftylo.*
Enformo, *Enfermo.*
Eu, *En.*

NA LETRA I.

Efcommungado, *Excommungado.*
Embarcaçoans, *Embarcaçoens.*
Exemplarilaçaõ, *Exemplificaçaõ.*
Eredifieava, *Edificava.*
Epilapfia, *Epilepfia.*

NA LETRA S.

Eucubias, *Excubias.*

NA LETRA T.

Extenfaõ, *Extinçaõ.*

ERRATAS, E EMENDAS DAS palavras, que começaõ pela letra F.

NA LETRA A.

Fermofi, *Formofi.*
Fideijubere, *Fidejubere.*
Fomenino, *Feminino.*
Favaõ, *Tavaõ.*
Filiam. *Ajuftar o cafamento de fua filha, Filiam.*
Fraldes, *Fraldas.*
Foy cafado, *Que foy cafado.*
Funtorum, *Functorum.*
Falta Vareadores, *Falla dos Vareadores.*
Fultibalo, *Fuftibalo*
Floci, *Flocci.*
Felga, *Felpa.*
Franfi, *Tranfi.*
Foliculi, *Folliculi.*
Floreteado.s, *Floreteadas.*
Firunculus, *Tirunculus.*
Firiacula, *Tiruncula.*
Fafto, *Fefto.*
Febofos, *Felofas.*
Fulmentum, *Fulcimentum.*
Faciales, *Feciales.*
Feftinax, *Pertinax.*

NA LETRA B.

Freriça, *França.*
Faftidiofus, *Faftidiofiüs.*
Fructicibus, *Fruticibus.*

NA LETRA C.

Flactibus, *Flatibus.*
Forjavaõ, *Forjaraõ.*
Fazfe, *Fazerfe.*
Se faz, *Se fez.*
Florens, *Ferens.*
Foris, *Floris.*
Faftigium, *Faftigiatum.*
Fetuum, *Fœtuum.*
Faftigio, *Faftidio.*
Fiebat ejus culpa, *Fiebat ut omnia minus profperè gefta, ejus culpæ, &c.*
Faz, *Faziaõ.*

NA

NA LETRA D.

Fomentar, *Fomentaõ.*
Febres despedem, *Febres, que despedem.*
Fomentação, *Fermentação.*

NA LETRA E.

Fumes, *Funes.*
Fizera, *Naõ fizera.*
Fasildade, *Falsidade.*

NA LETRA F.

Furtar, outro adagio, *A quem coze, e amassa, naõ furtes fogaça.*
Fovonio, *Favonio.*
Fulianses, *Fulienses.*
Fuso, outro adagio, *Quando naõ tenho vontade de fiar, deito o fuso a nadar.*

NA LETRA G.

Frutum, *Frustum.*
Fæminum, *Feminum.*
Fixo, *Eixo.*

NA LETRA H.

Fogida, *Fugida.*
Famosos os Filosofos, *Famosos Filosofos.*
Forme, *Ferme.*
Fabula, *Tabula.*

NA LETRA I.

Flnvius, *Fluvius.*

NAS EMENDAS DO TOMO oitavo.

Fundador, sem que, *Fundados em que.*
Fortuna mayor, *Fortuna menor.*
Forlex, *Forpex.*

ERRATAS, E EMENDAS DAS palavras do primeiro volume, que começaõ pela letra G.

NA LETRA A.

Gosto extraordinario, *Gasto extraordinario.*
Genetivo, *Genitivo.*
Genova, Genevra.
Genoa, *Genova.*
Goa, *Coa.*
Gamaica, *Jamaica.*
Custa, *Justa.*
Ganire, *Gannire.*
Gollio, *Gellio.*
Gesconha, *Gascunha.*
Gonco, *Ganço.*

NA LETRA B.

Giovenezo, *Giovenazo.*
Germinæ, *Geminæ.*
Garambazes, *Barambazes.*
Guidilhoens, *Gudilhoens.*

NA LETRA C.

Genet, *Genit.*
Garafulho, *Garabulho.*
Garecona, *Garamna.*

NA LETRA D.

Gonero, *Genero.*
Gabamus, *Gabamos.*

NA LETRA E.

Granveon, *Grangeou.*
Gregorio onze, *Gregorio primeiro.*

NA LETRA G.

Gualde. *Daõ os Pintores este nome ao amarello muito claro.*
Gonstono, *Jonstono.*
Gastos os, *Os gastos.*
Gentros, *Gentios.*

Glo-

Glorificais. *Glorificais.*
Golcada, *Golfada.*
GORGUCIRA; *GORGUEIRA*
Gandulas, *Glandulas.*
Grgssidam, *Grossidaõ.*
Guaridas, *Guaritas.*
Guavela; *Gavela.*

NA LETRA I.

Gotifrado, *Gotifredo.*
Gomas, *Gomos.*

ERRATAS, E EMENDAS DAS palavras, que começaõ pela letra H.

NA LETRA A.

He a terra, *He terra.*
Hertio, *Hirtio.*
Haveis de vos hir, *Haveis vos de hir.*
Haba, *Aba.*
Hircio, *Hirtio.*
He preciso, *Mas como poem duas castas de area, he preciso.*
Ha imitaçaõ, *He imitaçaõ.*
He de Cicero, *E de Cicero.*

NA LETRA B.

Hum homem, *He homem.*
Hum bigora, *Huma bigota.*
Hierolericon, *Hierolexicon.*

NA LETRA C.

Hum navio, *Navio.*
He caõ, *Que he caõ.*
E hum, *E he hum.*
He o mesmo, *Claudicar he o mesmo.*
E se ha, *Se ha.*
Hortentencio, *Hortensio.*
Hortenrius, *Hortensius.*
Hoc, *Hos.*
Has, *Naõ has.*

NA LETRA D.

Hihi, *Nihil.*
Haratius, *Horatius.*

Humanidade, *Humidade.*

NA LETRA E.

Hansiatica, *Asiatica.*

NA LETRA F.

Humeres, *Humores.*

NA LETRA H.

Heres, ex asse, *Hæres ex asse.*
Habitadotres, *Habitadores.*
Hereo, *Heroe.*
Hereos, *Heroes.*
Horreres, *Horrores.*
Hopede, *Hospede.*
Humm, *Hum.*

NA LETRA I.

Huma, *Huma inscripçaõ.*
Hilario, *Hilariaõ.*
Heber Patriarca, 454. *Heber Patriarca 460.*

NA LETRA Z.

Ho hum pao, *He hum paõ.*

ERRATAS, E EMENDAS DAS palavras, que começaõ pela letra I.

NA LETRA A.

Intermisserint, *Intermiserint.*
Invictus, *Invitus.*
Injicem, *Injicere.*
Impenidade, *Impunidade.*
Inveterat tam, *Inveteratam.*
Infidas, *Insidias.*
Instrictis, *Intritis.*
Inverata, *Inveterata.*
Ingressus, *Gressus.*
Ilha, *Da Ilha.*
Imprimidura, *Imprimadura.*
Junto litis, *Junto ao feito. Litis.*
Indicti, *Inditi.*
Inurgere, *Non urgere.*

Jocun-

Jocundo, *Jucundo.*
Inigando, *Irrigando.*
Jocosarias, *Jocoserias.*
Jarrojadiça, *arrojadiça.*

NA LETRA B.

Insultare calcibus, *Insultare fores calcibus.*
Imbellico, *Imbecillo.*
Inbellicus, *Imbecillus.*
Imperadores, *Emperadores.*
Jucundus, *Injucundus.*

NA LETRA C.

Idolatria, *Idolatra.*
Interclusum, *Iter interclusum.*
Infectum, *Infestum.*
Inextricabile, *Inextricabiles.*
Irremiabilis, *Irremeabilis.*
Insussurrat, *Insusurrat.*
Inferior, *E inferior.*
Irmaõ, *Irmãa.*
Insonalencia, *Insonmolencia.*
Julgavasse, *Julgavase.*
Insistuhio, *Insistuyo.*
Intestado. *Intestato.*
Inicçaõ, *Infecçaõ.*
Intrinsecus, *Extrinsecus.*
Incos, *Incas.*
Jambique, *Lambique.*

NA LETRA D.

Introzidos, *Introduzidos.*
Incoriosos, *Incuriosos.*
Isaac, *Isac.*
Instria, *Industria.*
Irmãa, *Irmaõ.*
Ite, *He.*

NA LETRA E.

Intarea, *Interea.*
Interpretatur, *Interpretantur.*
Inmorta, *Inmota.*

NA LETRA G.

Isthma, *Isthmo.*
Iha, *Ilha.*
Infurtunio, *Infortunio.*
Ilhos, *Ilhós.*
Justructa, *Instructa.*

NA LETRA I.

Janô, *Jano.*
Jaculuçaõ, *Jaculaçaõ.*
Jacent tes, *Jacentes.*
Ingnorancia, *Ignorancia.*
Infallevilidade, *Infallibilidade.*
Invicto, na pag. 185. falta este vocabulo; na 2. col. da pag. 186. o Leitor o achará.
Nistrucçoens, *Instrucçoens.*
Insuncieticia, *Insufficiencia.*
Itenert, *Itineri.*

NA LETRA T.

Inferior, *Superior.*

ERRATAS, E EMENDAS DAS palavras, que começaõ pela letra L.

NA LETRA A.

Letigiosas, *Litigiosas.*
Lacessisti, *Lacessiti.*
Luzidas, *Luzidias.*
Luzido recinoso, *Luzidio resinoso.*
Lencacantha, *Leucacantha.*
Locanum, *Locorium.*
Logios, *Relogios.*
Luzidos, *Luzidios.*
Lançar, *Levar.*
Lacraõ, *Lacrao.*

NA LETRA C.

Lecrim, *Alecrim.*
Legoas, *Velas.*
Langueris, *Laugicens.*
Liberalis, *Liberali.*
Luxoriofo, *Luxurioso.*

f   Lugar,

ERRATAS.

Lugar, *Parte do lugar.*
Languadoc, *Languedoc.*
Lucutulcius, *Locutuleius.*
Limpidius, *Limpidus.*
Lodis, *Lodix.*
Lusitani, *Lusitanicè.*
Lyncecum, *Lyncæum.*
Letigioso, *Litigioso.*
Latuit, *Attulit.*
Liegu, *Liege.*
Laba, *Lata.*
Lauçadas, *Laçadas.*
Lucrecto, *Lucrecio.*

NA LETRA E.

Lavantada, *Levantado.*

NA LETRA F.

Lavenha, *Lavanha.*
Lançadas, *Enlaçadas.*

NA LETRA I.

Lii, vii, corrii, crii, *Lî, vî, corrî, crî.*

ERRATAS, E EMENDAS DAS palavras, que começaõ pela letra M.

NA LETRA A.

Meligo, *Melligo.*
Medicina, Cirurgia, *Medicina, e Cirurgia.*
Miudalhas, *Minçalhas.*
Minares, *Mineraes.*
Moves, te, *Moves te.*
Mirum est hoc, *Mirum est te hoc.*
Moletrivæ, *Moletrinæ.*
Mais cincoenta, *Mais de cincoenta.*
Mostrar a cara, *Mostrar cara.*
Minas, *Ruinas.*
Mid. *Vid.*
Muita, *Muito.*
Mate, *Mote.*
Misse, *Misce.*
Meritricius, *Meretricius.*
Mina, *Ruina.*
Medicus, *Mendicus.*
Malatia, *Malacia.*
Morada, *Moradia.*
Manuum, *Morum.*
Moral, *Natural.*
Macha, *Marcha.*
Multa dicta, *Mulsa dicta.*
Mile, *Mille.*
Mandara para, *Mandara construir em Thebas, para.*

NA LETRA B.

Manuu, *Manuum.*

NA LETRA C.

Ministro, *Ministros.*
Maneyo, *Manejo.*
Medecina, *Medicina.*
Molaõ, *Milaõ.*
Mana, *Urrena.*
Materio, *Mater.*
Mosca, *Musa.*
Má bofe, *Mao bofe.*
Morrecem, *Merecem.*
Meris, *Moris.*
Miserari, *Misereri.*
Mendatium, & mendatio, *Mendacium, & mendacio.*
Moço, *Novo.*
Melhorase, *Melhorasse.*
Marres, *Patres.*
Milaõ, *Milon.*
Manda, *Emandada.*
Mocro, *Macro.*
Mendatio, *Mendacio.*
Metus, *Metas.*

NA LETRA D.

Mollitem, *Mollitiem.*
Magistratu, *Magistratus.*
Melhor, *Melhorar.*
Miuto, *Muito.*

NA LETRA E.

Microscapio, *Microscopio.*
Meco, *Medico.*
Mauscrito, *Manuscritos.*

Multiphlicou, *Multiplicou.*
Munição, *Nutrição.*
Methpora, *Metaphora.*

NA LETRA G.

Musiaõ, *Musico.*
Mortifico, *Morbifico.*

NA LETRA H.

Medirional, *Meridional.*

NA LETRA I.

Mstrucçoens, *Instrucçoens.*
Moscovio, *Moscovia.*
Mais, *Mas.*

NA LETRA M.

Mediador, *Mediator.*
Mentecauto, *Mentecato.*
Mestre das obras, *Mestre de obras.*
Mulla, *Mula.*

NA LETRA V.

Meracius, *Dilutius.*

ERRATAS, E EMENDAS DAS palavras, que começaõ pela letra N.

NA LETRA A.

Naõ accusastes, *O naõ accusastes.*
Na ma, *Em huma.*
Natu, *Nata.*
Na sua abundancia, *Na abundancia.*
Naõ tey, *Naõ tem.*
Naõ havia, *Havia.*
Nobiado, *Nublado.*
Nervos, *Beiços.*
No vento, *De vento.*

NA LETRA B.

Naõ saõ menos dignos, *Naõ he menos digna.*
Naõ he calma, *Naõ he Latino calma.*

Noeorti, *Noè orti.*
Nome, *Seu nome.*

NA LETRA C.

Nella, *Nelle.*
Naõ cabissem, *Cabissem.*
Negotiorum, *Negotium.*
Nephitico, *Nephritico.*

NA LETRA D.

No numa, *Ou em huma.*
Nostri, *Nostris.*

NA LETRA E.

No fins, *Nos fins.*
Nos, *Nox.*

NA LETRA G.

Novio, *Navio.*
Niminam, *Miniman.*
Narnes, *Carnes.*

NA LETRA H.

Nodossos, *Nodosos.*
Nancone, *Vascone.*

NA LETRA I.

Nsticia, *Noticia.*

NA LETRA N.

Nascer, *Morrer.*
Natalium, *Natalitium.*

ERRATAS, E EMENDAS DAS palavras, que começaõ pela letra O.

NA LETRA A.

Os que, *Para os que.*
O canal do canal, *O canal de.*
O que começou, *O que se começou.*
O mesmo Agucena, *O mesmo que assucena.*
observari, *Obversari.*

Ouve, *Ouver.*
Obrace, *Obrasse.*
Operativas, *Aperitivas.*
Obras, *Chagas, obras.*
Outro, *Outros.*
Ovatorios, *Oratorios.*
O espaço, *He o espaço.*
O gota, *Ou gota.*
Oprimat, *Opprimat.*
Opes, *Apes.*
Opinioens, *As opinioens.*
O dinheiro, *A dinheiro.*
Omni mihi, *Omni tibi.*
Os quaes atomos, *Os quaes saõ atomos.*
O menina, *A menina.*

NA LETRA C.

O capello, *No capello.*
Os levasse, *Vos levasse.*
Occipicipial, *Occipicial.*
Outras, *Ostras.*
Oppidi, *Oppidani.*
O mesmo, *Claudicar he o mesmo.*
Oblectancum, *Oblectaneum.*
Oroacia, *Croacia.*
Occupada, *Occupado.*
Os Copeiros, *Ao Copeiro.*
Obrutis, *Obrutus.*
Os declaraõ, *O declaraõ.*
Om zimborio, *Ou zimborio.*

NA LETRA E.

Ovelhas, *Orelhas.*
Ouro no dó meyo, *De ouro no meyo.*
Ou collo, *No collo.*

NA LETRA F.

Ojo, *ja.*
Ovest, *Oeste.*

NA LETRA G.

O calorea humidade, *O calor, e a humidade:*
Ovazephyria, *O va zephyria.*
O faz comes, *O faz comer,*

NA LETRA O.

De pôco, dizemos, pócos, e pócos, de tôrto, tórtos, e tórtos, e de novo nóvos, e novos, e de osso, cssos, e óssos, e de Pôvo, Póvos, e Póvos. Na Impressaõ os accentos destes vocabulos estaõ mudados, e he necessario mudallos na fórma seguinte. *De póço, dizemos pôços, e póços; e de tórto, tôrtos, e tórtos; e de nôvo, nôvos, e nóvos; e de ósso, ôssos, e óssos, e de Pôvo, Pôvos, e Póvos;* porém contra esta differença de accentos no plural tenho reparado, que na regra quarta da sua Grammatica Lusitano-Latina, o Padre Bento Pereira naõ admitte segundo accento, nem diz, que se possa usar in differentemente de hum, e outro; só diz o que se segue: *Notatur, multa, quæ desinunt in o, & carent accentu longo in prima syllaba singularis illum habere in prima pluralis ut ovo, ôvos, osso, ôssos, Povo, Pôvos.*
Ou sem som, *Ou som.*
Olhaes, 24. *Olhaes.*

NA LETRA Z.

Oves-issel, *Overisel.*

ERRATAS, E EMENDAS DAS palavras, que começaõ pela letra P.

NA LETRA A.

Perturbase, *Perturbasse.*
Papuus 73. 53.
Porietaria, *Parietaria.*
Producet, *Producit.*
Pastor, *Posto.*
Peço, *Paço.*
Plebeculum, *Plebeculam.*
Parasiense, *Parisiense.*
Preciso, *Mas como poem duas castas de area, he preciso.*
Propulæum, *Propylæum.*
Pagos, *Papos.*

Peleja,

Peleija, *Peleijar.*
Privativo, *do A privativo.*
Philanbropos, *Philantropos.*
Posonhento, *Peçonhento.*
Potiu, *Potius.*
Paralytia, *Paralyzia.*
Pigneus, *Pnigeus.*
Prestimonis, *Prestimonio.*
Perigrinus, *Peregrinus.*
Parcipipromus, *Parcipromus.*
Perderia, *Naõ perderia.*
Pallos, *Pallas.*
Potentes, *Potenteas.*
Principium, *Principum.*
Placco, *Planco.*
Perniciosa, *Preciosa.*
Privativativo, *Privativo.*
Phalangius, *Phalangii.*
Paginam, *Paginam volui.*

NA LETRA B.

Pellis, *Pelvis.*
Profiadamente, *Porfiadamente.*
Povoadas Buler, *Povoadas por Butler.*
Posiiolum, *Ossiolum.*
Prtincipes, *Principes.*
Porco, *Pombo.*
Para, *Pará.*
Paraba, *Paraiba.*
Pencedanum, *Peucedanum.*

NA LETRA C.

Poem, e *Em que se poem.*
Pasmances, *Pesmancos.*
Pyramedes, *Pyramides.*
Pernas, *Penas.*
Preparado, *Preparada.*
Perplexum, *Iter perplexum.*
Penulla, *Penula.*
Pianera, *Planta.*
Posto, *Pasta.*
Provincia, *Provedoria.*
Petulente, *Petulante.*
Palavra, *Polvora.*
Pari, *Pars.*
Plurar, *Plural.*
Phænicia, *Phœnicia.*
Passaõ, *Possaõ.*

Proverbio, *Adverbio.*
Pia materia, *Pia mater.*
Pepú, *Perú.*
Passaro, *Pardal.*
Pitos, *Pintos.*
Pitainho, *Pintainho.*
Perisabis, *Peristasis.*
Perterito, *Preterito.*
Persebejo, *Persobejo.*
Piloletus, *Boletus.*
Pedrenceira, *Pederneira.*
Præliare, *Præliari.*
Potest, *Potes.*
Penas, *Vossas penas.*
Pede, *Pode.*
Primeira do, *Primeira noite do.*
Perdomina, *Predomina.*
Parnasius, *Parnassus.*
Palavra, *A palavra.*
Percurrere, *Percurre.*
Præmediata, *Præmeditata.*
Præfer, *Præfert.*
Procotus, *Percoctus.*
Para o baixo, *Para baixo.*
Paschal, *Paschoal.*

NA LETRA D.

Pholosophiæ, *Philosophiæ.*
Precusor, *Precursora.*
Perigo, *Perigeo.*
Plaumas, *Plauto.*
Precipio, *Precipicio.*
Pasto, *Passo.*
Perjuns, *Perjuri.*
Papulhas, *Papoulas.*
Pronunciaçaõ, *Pronunciaõ.*
Para a, *Para as.*
Porugal, *Portugal.*
Pato, *Para.*
Poella, *Puella.*

NA LETRA E.

Persuadento, *Persuadindo.*
Primeiros, *Primeira.*
Por onde, *Por onde passa.*
Punctum, *Punctum.*
Pro, *Por.*

NA LETRA F.

Prlavra, *Palavra.*
Pytharicos, *Pythagoricos.*

NA LETRA G.

Parade, *Parede.*
Porte, *Parte.*

NA LETRA H.

Pululos, *Pilulas.*
Palavis, *Palavra.*
Præter, *Propter.*
Propriedaces, *Propriedades.*
paulus, *Paulus.*
Prærhere, *Præbere.*

NA LETRA I.

Persos, *Persas.*
Porug. *Portug.*
Parpertatem, *Paupertatem.*
Proque, *Porque.*
Peripatetico, *Pathetico.*
Pesquins, *Pasquins.*
Portugueza, *Castelhana.*
Planispherio, nas emendas, que se achaõ no principio do tomo oitavo aonde diz, verbo *Planisphe rio*, se apontaõ, como se apontaõ, lease, *Se apontaõ com*, &c.

NA LETRA P.

Pejar de fallar, *Pejaria de fallar.*
A primeira corda, *A corda.*
Philippinas, aonde diz *cento e vinte*; lease, *mil e duzentas*; segundo Morcri no seu Diccionario, e Joaõ Jacobo Hofman no seu Lexicon, as Ilhas Philippinas saõ 1200.

ERRATAS; E EMENDAS DAS palavras, que começaõ pela letra Q.

NA LETRA A.

Quatrocentos, *Em quatrocentos.*
Que começou, *Que se começou.*
Quanraria, *Cantaria.*
Quartala, *Quartela.*
Que, *O a que.*
Quarenta hum, *Quarenta e hum.*

NA LETRA C.

Que dantes naõ, *Que dantes. Naõ.*
Queroy, *Querey.*
Quinences, *Quincunces.*
Que applicar, *Que sabe applicar.*
Que as palavras, *Ainda que as palavras.*
Quomodo, *Quo modo.*
Que quatro vezes, *Que he quatro vezes.*

NA LETRA D.

Quado, *Quando.*

NA LETRA E.

Quotianas, *Quotidianas.*

NA LETRA F.

Qua, *Quæ.*

NA LETRA G.

Quaes Julio Cesar, *Dos quaes Julio Cesar.*
Qua, *Que.*

NA LETRA I.

Que o Demonio, *Que o Demonio faz.*

NA LETRA O.

Quem *Que.*

ERRATAS.

ERRATAS, E EMENDAS DAS palavras, que começaõ pela letra R.

NA LETRA A.

Recortados, *Recortadas.*
Repartiou, *Repartio.*
Resfcribere, *Perfcribere.*
Recebeo, *Recebeo-o.*
Recreafe, *Recrearfe.*
Romendados, *Remendados.*
Reft. Port. *Reft.*
Roma, *Fóra de Roma.*
Rendina Arethufa, *Rendina. Arethufa.*
Reformaçaõ, *Refracçaõ.*
Reprans, *Reptans.*
Realidade, *Realidade he.*
Robo, *Bobo.*
Rafalgate, *Rozalgate.*

NA LETRA B.

Real, *Baal.*
Retuftis, *Vetuftis.*
Rilevi, *Relevi.*
Raftrum, *Roftrum.*
Recordadas, *Recortadas.*

NA LETRA C.

Refolve, *Revolve.*
Refto, *Rofto.*
Refayo, *Refaco.*
Regularis, *Regulis.*
Recebido, *Recebida.*
Recipifti, *Recepifti.*
Rey, *Serviço de feu Rey.*
Rofina, *Rofino.*

NA LETRA D.

Roprprio, *Proprio.*
Refurreiçaõ, *Refurreiçaõ do Senhor, refufcitaraõ, e que.*
Religiofum, *Religiofam.*

NA LETRA E.

Revelogoens, *Revoluçoens.*

Remittere, *Remittere.*
Riftes, *Triftes.*

NA LETRA G.

Rales, *Ralés.*
Riquezas, e quer, *Riquezas, e Philachi quer, &c.*

NA LETRA I.

Rogos do Ceo, *Fogos do Ceo.*

NA LETRA R.

RECONDILHO, *REDONDILHO.*
Ralodia, *Rapfodia.*

NA LETRA T.

Ramos, *Rumos.*

NA LETRA V.

Roda, *Rede.*

ERRATAS, E EMENDAS DAS palavras, que começaõ pela letra S.

NA LETRA A.

Sobentendeffe, *Sobentendefe.*
Suciflora, *Succiflora.*
Significatiùs, *Significantiùs.*
Saõ difto, *Saõ amigos difto.*
Sobre o canal do canaldo, *Sobre o canal do.*
Solitudine, *Sollicitudine.*
Sujicere, *Subjicere.*
Subrilem gracilem, *Subtilem vocem.*
Sahiraõ, *Sahiriaõ.*
Subftines, *Suftines.*
Salapa, *Jalapa.*
Serpio, *Sergio.*
Storro, *Horto.*
Se colhe nem, *Se colhe, que nem.*
Sinodocos, *Synodicos.*
Stractos, *Stratos.*
Se naõ fe vem, *Se naõ vem.*
Spontione, *Sponfione.*

Ser,

Ser da, *Ser erro da.*
Salum, *Solum.*
Selvecia, *Seleucia.*
Salarin, *Salariar.*
Se estende, *Se estendeo.*

NA LETRA B.

Sergere, *Tergere.*
Singulares, *Taõ singulares.*
Synonymo de Bodo, *Synonymo de boda.*
Souvens, *Ouvens.*
Serve, *Servem.*
Siligua, *Siliqua.*

NA LETRA C.

Se poem, *Em que se poem.*
Soldados., *Soldãos.*
Se conserva, em que se recolhe a agoa, *Se conserva, e se recolhe a agoa.*
Salmario, *Salmasio.*
Sacerdota, e Diacona, *Sacerdote, e Diacono.*
Scapanto, *Scarpante.*
Sallere, *Salere.*
Seluçaõ, *Soluçaõ.*
Substancia, *Huma substancia.*
Saxageni, *Sexageni.*
Sem, *Tem.*
Sobiasse, *Sobiase.*
Sestercio, *Sestercio.*
Sacramento, *No Sacramento.*
Sermaõ, *No Sermaõ.*
Scutela, *Scutella.*
Satiendæ, *Satiandæ.*
Staco, *Estaço.*

NA LETRA D.

Saltio, *Saltatio.*
Segundariamente, *Primariamente.*
Significaçaõ, *Significaõ.*
Senas, *Scenas.*
Sentido, *Sentidos.*
Sig ficado, *Significado.*
suabia, *Suabia.*

NA LETRA E.

Saliantes, *Salientes.*
Salvia, *Salva.*
Syrac, *Sirach.*
Sugundo, *Segundo.*
Supesticiosos, *Superisticiosos.*
Sciencttia, *Sciencia.*
Suba, *Stuba.*

NA LETRA F.

Selia, *Solea.*
Segue, *Se que.*

NA LETRA G.

Per multos, *Permultos.*
Socerdotes, *Sacerdotes.*
Quem quer com, *Quem quer orar, ou rezar com.*
Saõ as graças, e discretas, *Saõ as graças discretas.*
Sem folhas, *Com folhas compridas.*

NA LETRA I.

Septentional, *Septentrional.*
Santo Hilerio, *Santo Hilariaõ.*
Spieglio, *Spigelio.*
Senite, *Sinete.*

NA LETRA S.

Seu, *Sandeu.*
Scelerarum, *Sceleratam.*
STACHE, *STACTE.*
Sem som, *Som.*
Sorumbativo, *Sorumbatico.*
Sobscrever, e sobscripçaõ, *Subscrever, e subscripçaõ.*
Signo, *Sirio*, nas emendas do tomo oitavo.

NA LETRA V.

Stua, *Stoa.*
Seis mil peças de grossa artilharia, *Tres mil peças de grossa artilharia.*

ERRA-

ERRATAS.

ERRATAS, E EMENDAS DAS palavras, que começaõ pela letra T.

NA LETRA A.

Terrario, *Ferrario.*
Texos, *Textos.*
Tenho, *Tenio.*
Turcos da, *Turcos, e da.*
Tratique, *Trattique.*
Tulvio, *Fulvio.*
Teima, *Teimar.*
Terpo, *Tergo.*
Tres dias, *Quatro dias.*
Tey, *Tem.*
Tantum uno, *Tantum agri, quantum.*
Tracem, *Thracem.*
Theodosionis, *Teodotionis.*
Tribaca, *Tribacca.*

NA LETRA B.

Tobaion, *To baion.*
Turbara in figuræ, *Turbinatâ figuræ.*
Tomentis, *Tormentis.*
Terra figillata, porque, *Terra figillata he o mesmo, que Bolo Armenio, porque.*
Trincal, *Tincal.*
Traducto, *Traductor.*
Turcos, *Tucros.*

NA LETRA C.

Ter, *Tem.*
Tur, *Tus.*
Tigni cap. *Tigni capita.*
Teriti, *Fereti.*
Tomado, *Tomada.*
Tua enfis, *Tua Lipsis.*
Tunia, *Tunis.*
Tem, *Tenido.*
Terraplano, *Terrapleno.*
Tem cara, *Ter cara.*
Tromentas, *Tormentas.*
Terras, *Terra.*
Traquinio, *Tarquinio.*
Tarta, *Farta.*
Tapia, *Sapia.*

Ter, *Terei.*
Trenarum, *Strenarum.*

NA LETRA D.

Tusit, *Lusit.*
Tom 8. *Tom. 5.*
Transilalania, *Transilvania.*
Tempestadas, *Tempestades.*
Tiulo, *Titulo.*
Topas, *Tapas.*

NA LETRA E.

Toucilho, *Toucinho.*

NA LETRA F.

Trata, *Tratado.*

NA LETRA G.

Tourf, *Tours.*

NA LETRA H.

Theoloologo, *Theologo.*

NA LETRA :

Tacio, *Tacito.*
Tolligata, *Colligata.*

NA LETRA P.

Todos os homens, *Todos homens.*
Tarouca nos Sylvas, *Tarouca, e Santiago nos Sylvas.*
Tira de nada, *Tirado nada.*

NA LETRA S.

Terem, *Ter.*
Tritulação, *Trituração.*

NA LETRA T.

Tença, peixe, *Tenca peixe.*
Trintario de S. Lamberto, *O seu lugar he pag. 294. col. 2. da letra T.*

Testa,

Tesla com outra cousa, *Huma cousa testa com outra.*

Tonelada he o pezo de duas mil livras, ou arrateis, no Reyno de França; porém em Portugal, só lhe daõ cincoenta e quatro arrobas, que fazem mil e setecentos e vinte e oito arrateis.

Traquete, em lugar da definiçaõ, que traz o Vocabulario, leasse, *A véla principal do masto successivo grande para a parte da proa, o qual se chama masto do traquete.*

Tarquinio julgou, segundo as authoridades seguintes, melhor he que se diga *julgou Porsena*, porque no livro 1. cap. 10. diz Floro: *Mutius Scævola, Regem per insidias in castris ipsius aggreditur. Sed ubi frustrato, circa purpuratum ejus ictu tenetur, ardentibus focis injicit manum, terroremque geminat dolo; ut scias (inquit) quem virum effugeris; idem trecenti juravimus, cum interim (immane dictu) hic interritus, ille trepidaret, tanquam manus Regis arderet.* Mais claramente narra Marcial o caso, lib. 1. Epigram. mihi 21.

Cum peteret Regem, decepta satellite dextra
Injecit sacris se peritura focis.
Se tam sæva pius miracula non tulit hostis,
Et raptum flammis jussit abire virum.
Urere quam potuit, contempto Mutius igne,
Hanc spectare manum Porsena non potuit.
Maior deceptæ fama est, & gloria dextræ,
Si non errasset, fecerat ille minus.

Eu supponho, que foy equivocaçaõ do Author, em que achey *Tarquinio* em lugar de *Porsena*. A qual equivocaçaõ nasceo deste Rey querer segunda vez meter em Roma os Tarquinios expulsos, como se vê do mesmo Floro, citado de Virgilio, lib. 8. verso 646. e de Silio Italico, lib. 10. vers. 485. tomo 2. tomo 3.

Tapaze, *Topase.*

Thuribulo, *Turibulo.*

ERRATAS, E EMENDAS DAS palavras, que começaõ pela letra V.

NA LETRA A.

Umbelicum, *Umbilicum.*
Vellim, *Velim.*
Vallent, *Valent.*
Villas 31. *Villas* 13.
Vestidos, *Vestidos.*
Verrucam ivam, *Verrucam illam.*
Vescosidade, *Viscosidade.*
Vescosidades, *Viscosidades.*
Vadio, *Radio.*
Velet, *Velut.*
Vestas, *Avessa.*
Versiculæ, *Vesicula.*
Villa de em, *Villa de Portugal, em.*

NA LETRA B.

Umbical, *Umbilical.*

NA LETRA C.

Vesta, *Tecla.*
Vagante, *Sé vagante.*
Ulcaras, *Ulceras.*
Vegetaticos, *Vegetativos.*
Victa, *Vita.*
Via, *Vita.*
Vita, *Vitæ.*
Vitrioso, *Vitriolo.*
Voctorum, *Votorum.*
Vitrum, *Vinum.*
Valim, *Velim.*

NA LETRA D.

Vicidate, *Vicinitate.*

NA LETRA E.

Uulveraria. *Vulneraria.*
Versudo, *Hirsuto.*
Vir, *Ver.*
Utilmente, *Inutilmente.*

ERRATAS.

NA LETRA F.

Venerosas, *Venenosas.*
Unimas, e gente, *Ourinas, e adstringente.*
Vocavit, *Vacavit.*

NA LETRA G.

Verrogas, *Verrugas.*

NA LETRA H.

Vestholia, *Vestphalia.*
Virginius, *Virgineus.*

NA LETRA I.

Valen calendis, *Valvulis.*
Violata, *Viola, ou violeta.*
Vutros, *Outros.*

NA LETRA V.

Vinum meracius, *Vinum dilutius.*

ERRATAS, E EMENDAS DAS palavras, que começaõ pela letra X.

NA LETRA T.

Xexel, *Texel.*
Ximil, rio da Lusitania, *Rio de Andalusia.*

ERRATAS, E EMENDAS DAS palavras, que começaõ pela letra Z.

NA LETRA B.

Zathna, *Zalina.*

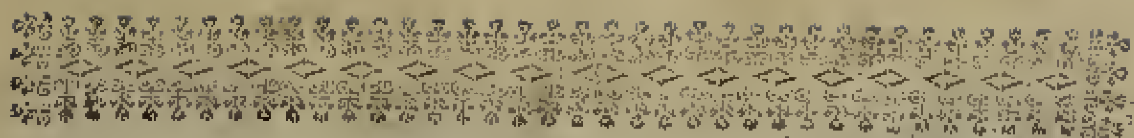
NA LETRA Z.

Zigzigue, *Ziguezigue.*

Algumas omissoens, erratas, e paragrafos inteiros, que ha mister emendados, e reformados se acharão nas primeiras folhas do tomo oitavo começando pelo titulo, quiz diz: Soluçaõ das duvidas, &c.

CATA-





CATALOGO

DE MAIS DE CINCO MIL VOCABULOS,

accrescentados aos oito volumes do Vocabulario Portuguez, e Latino,

OU COM MAIS AMPLAS NOTICIAS DECLARADOS no Supplemento, que se segue a este Catalogo.

A

ABadejos.
Abanamosca.
Abanar as orelhas.
Abarca.
Abaster, *cavallo de Plutaõ.*
Abatido. Bottas abatidas. Vid. infra Bottas.
Abatos, *Ilha do Egypto.*
Abbacial.
Abbade, *Padre, filho, avô, e bisavô.*
Abdicaçaõ.
Abiul, *Villa de Portugal.*
Abotoar a planta.
Abrencr, *Villa de Armenia.*
Abujaõ, ou Avejaõ.
Abundoso.
Abunhadio, e Abunhado.
Aburrarse.
Aca, ou Acha, *Regiaõ da Numidia.*
Academiar.
Acaia.
Acayas, *em Santarem.*
Açalcanhar.
Acanhoar.
Acantho, *Flor.*
Acapulco, *Cidade da nova Hespanha.*
Acarear.
Acarnania, *Provincia do Epiro, e Cidade de Sicilia.*
Acatisto, *Hymno da Igreja Grega.*
Acçaõ nas Bancas.
Accedeceau.
Accionario.
Accitavel.
Aceldama.
Acendrado.
Acequia.
Acesines, *Rio da India.*
Achaque.
Acharna, *Cidade da Comarca de Athenas.*
Acheronrico
Acherusia, *Lagoa do Epiro.*
Achicar bombas.
Achillea, *Ilha do Ponto Euxino.*
Achradina, *Celebre bairro da Cidade de Syracusa.*
Aci, ou Acis, *Rio de Italia.*
Acidalia, *Epitheto de Venus.*
Aclarar, *Termo militar.*
Acoçarse, ou Acossarse.
Acocorarse.
Acoemeres, *Nome de certos Religiosos.*
Acolyto.
Acorado.
Acordados, *Na India.*
Açote.
Açoute de Deos.
Acrate, *Genio das Baccantes.*
Acrescimo.
Adad, *Deos dos Assyrios.*
Adao, *Termo da India.*
Addicto.
Adel, *Reyno de Africa.*
Adem, *Ave.*
Ademanes.
Adenoso, *Termo de Medico.*
Ader, *Torre, edificada por Jacob.*
Ades, *Rey do Epiro.*
Adià.

Adjacencia.
Addiçaõ, *Termo Forense.*
Addir *Termo Forense.*
Admiraçaõ.
Admirado.
Admirador.
Admirante.
Admirar.
Adnominaçaõ, *Figura da Rhetorica.*
Adocicar.
Adonis, *Mimoso de Venus.*
Adõnis, *Rio da Phenicia.*
Adormentar.
Adramelech, *Idolo dos Assyrios.*
Adraste, *Cidade da Asia menor.*
Adrastea, *Nome da Deosa Nemesis.*
Adro.
Adûa.
Aduchas, *Termo de marinhagem.*
Advenida.
Advertidamente.
Adverso.
Adunco.
Advocar a si.
Advogado, *Na Igreja Primitiva.*
Adyrmachides, *Povos da Lybia.*
Afagar em roda.
Afeito.
Affectativo.
Afferro.
Aficar.
Afilamento.
Afiiar.
Aficimarse.
Aforçurado.
Agapetas.
Agapios, ou Agapos, *Eraõ huns banquetes que os Christãos faziaõ.*
Agatanhar.
Agare, *Reyno de Africa.*
Agaus, *Gentios da Ethiopia.*
Agen, *Cidade de França.*
Agenoria, *Deosa da industria.*
Agiomaco.
Agnifero.
Agno casto, ou castil.
Agoa vay.
Agoas vivas, ou mortas. Vid. *Marinhas.*
Agoa ardente.
Agoa da Rainha de Hungria.
Agoa Imperial.
Agoa Revel, *Villa de Portugal.*
Agoas Bellas, *Villa de Portugal.*
Agoada, *Termo de Pintor.*
Agon, *Exercicio dos Romanos.*
Agonaes jogos.
Agonotheta.
Agora.
Agra, *Cidade do Mogor.*
Agro.
Aguça.
Aguçar de lô.
Aguda, *Villa de Portugal.*
Aguer, *Cidade de Africa.*
Aguila, *Cidade de Africa.*
Agusta, *Cidade de Sicilia.*
Ah.
Ainda.
Ajorcado.
Ajoviado.
Airaõ.
Ajuramentado.
Ajuste.
Al.
Alaba, *Regiaõ de Hespanha.*
Alabanda, *Cidade.*
Alabarca.
Alabastro.
Alaçor, *Planta.*
Alagamento.
Alambazado.
Alamia.
Alandel, *Termo de Boticario.*
Alapardado.
Alares, *Povos de Pannonia.*
Alarves.
Alastor, *Hum dos cavallos do carro de Plutaõ.*
Alastores, *Duendes, ou Espiritos malignos.*
Alastrar.
Albafar, *Peixe.*
Albardo, e Albardaõ.
Albardilha.
Albardo, *Serra de Portugal.*
Albarrada.
Albercas.
Albor.
Alborcar.

Albula, *Rio.*
Albunca, *Deosa, ou Sybilla.*
Alcacema.
Alcadefe, *Vaso de Taverneiro.*
Alcachas, *Termo de navio.*
Alcanede, *Villa de Portugal.*
Alcanforar.
Alça, e Alças.
Alcedones, *Aves.*
Alchimista.
Alcides, *Hercules.*
Alcione, *Filha de Neptuno.*
Alcobaça.
Alcochete, *Villa de Portugal.*
Alcoentre, *Villa de Portugal.*
Alcomonia.
Aldea Gallega, *Villa de Portugal.*
Aldea dos Diabos, *Villa da India, na terra de Salsete.*
Aldeas dos Portuguezes, na India.
Aldemenos.
Ale, *Reyno de Negros na Africa.*
Alçar.
Alecto, *Huma das tres Furias.*
Alegraõ.
Alegrar, *Termo da Cirurgia.*
Alfabetar.
Alfaços, *Casta de cogumelos.*
Alfaques.
Alfaquim.
Alfayarse.
Alfario cavallo.
Alfarrabio.
Alfeça.
Alfenim.
Alfombra.
Alforrecas.
Alfugera.
Algaravia.
Algaravio.
Algebrista.
Algeziras.
Algibebe.
Algiraõ.
Alhandra, *Villa de Portugal.*
Alheaçaõ.
Alheta.
Alhetas, *Termo de Navio.*
Alhur, *Termo antiquado.*
Alhosvedros, *Villa de Portugal.*

Alho.
Aliançado.
Alicantina, *Chularia.*
Alidada, *Termo Geometrico.*
Aliste.
Aljesur, *Villa de Portugal.*
Alifase.
Aljûs.
Allach, *Nome de Deos na lingua Turquesca.*
Alleli.
Allusivo.
Alma da Padeira.
Almanjarra.
Almargear.
Almargem do Bispo.
Almartaga.
Almedina, *Cidade de Africa.*
Almirantado.
Almonda, *Rio.*
Almogavar.
Almotacel.
Almotaçadamente.
Almoxatre.
Aloa.
Aloes, *Festa de Lavradores.*
Alojar paõ.
Aloides, *Filhos de Neptuno, e de Iphimedia.*
Alpendre das eiras.
Alpheo, *Rio da Morea.*
Alquies, *Medida.*
Alquimista. Vid. Alchimista.
Alquirivia.
Altai, *Montes da Asia.*
Altamura, ou Altavilla, *Cidade de Italia.*
Altarista.
Altemberga, *Cidade de Alemanha.*
Alteza Real.
Althea, *Mulher Fabulosa.*
Altipotencias, *Titulo.*
Altisono.
Alvanco.
Alvares, *Villa de Portugal.*
Alvaro, *Villa de Portugal.*
Alviduco, *Palavra Medica.*
Alvinhos, *Homens da Ethiopia.*
Alvitana, *Rede.*
Alvorninha, *Villa de Portugal.*

Alzira, *Cidade do Reyno de Valença.*
Amaza, ou Amaia, *Antiga Cidade de Portugal.*
Amabilidade.
Amaçagarar.
Amadurar.
Amâgo.
Amalecitas, *Povos.*
Amalthéa, *Sibylla.*
Amanhar as bacias.
Amantes, *Termo de Marinhagem.*
Amarante, *Villa de Portugal.*
Amarlotar.
Amaro, *No sentido Moral.*
Amarrar, *Termo da Agricultura.*
Amarreta, *Termo de marinhagem.*
Amassar a carne, ou Amassar o corpo.
Ambicionar.
Ambotino.
Amborete.
Ambreta.
Amuraço.
Amealgar.
Ameijoa.
Ameudoas, *Villa de Portugal.*
Amendoas confeitas.
Amentar, e Amentas.
Amercearse, *Termo antiquado.*
Ameijoada, *Termo pastoril.*
Amezeadado.
Amezendarse, *Palavra do vulgo.*
Amiguinha.
Amimetrobia, *Gastos excessivos para o regalo da vida.*
Amizade.
Ammonitas, *Filhos de Ammon, inimigos dos Israelitas.*
Amocllamento.
Amoldar.
Amolgadura.
Amor.
Amorrheos, *Povos.*
Amoroso, *Brando ao tacto.*
Amoucos.
Amphidromias, *Festas dos Antigos.*
Amplexo.
Ampola.
Amstel, *Rio de Hollanda.*
Amsterdaõ, *Nas Conquistas dos Hollandezes.*
Amulato d'alma.
Anacandet, *Serpente.*
Anachoreta.
Anactoria, *Cidade do Epiro.*
Analecta, *Collecçaõ.*
Anaitis, *Deosa Fabulosa.*
Analpsis.
Anape, *Rio de Sicilia.*
Anaphe, *Ilha do mar Egeo.*
Anapliste, *Cidade da Grecia.*
Anastasia, *Capella de Constantinopla.*
Ancil, *Rodella.*
Ancorado.
Ancoradouro.
Andabatas, *Homens, que pelejavaõ olhos tapados.*
Andarilho.
Andarim.
Andrino.
Andro, *Ilha no mar Egeo.*
Anecdotos, *Noticias de successos ignorados.*
Anel graduado.
Anelo.
Anetis, *Deosa adorada dos Persas.*
Anfiaõ.
Angariari, *Planta.*
Angamala, *Cidade do Oriente.*
Angediva, *Ilha.*
Angelica, *Planta.*
Angote, *Cidade, e Reyno.*
Anhima, *Ave do Brasil.*
Anhoie.
Aniagem.
Aninho, *Lãa*
Aniro, *Superstiçaõ.*
Annexaçaõ.
Anniversario.
Anno Bom, *Ilha.*
Annos, ou dias de S. Pedro.
Annolo.
Annotino, *Pascoa Annotina.*
Annuente.
Annunciaçaõ, *Ordem Militar.*
Antaglipho, *Pedra notavel.*
Antemanhãa.
Antéo, *Gigante Fabuloso.*
Antevorte, *Nume Gentilico.*
Anthesterios, *Festa dos Athenienses.*
Antichtones, *Certos Antipodas.*

Antigonia, *Cidade.*
Antilibano, *Monte da Syria.*
Antamba, *Fera.*
Antidoron, e Antidoral.
Antiperistasis.
Antirrina, *Erva.*
Antiscorbutico, *Remedio contra o scorbuto.*
Antisigma.
Antistrophe, *Figura, e termo da Poesia Lyrica.*
Antitypo, *Epitheto mysterioso.*
Antivari, *Cidade de Dalmacia.*
Antivenereo, *Contrario a males venereos.*
Antonomastico.
Antro, *Caverna.*
Antron, *Cidade.*
Antros, *Ilha.*
Anubis, *Nume fabuloso.*
Apa.
Apaches, *Povos da America.*
Apagado, *Naõ conhecido.*
Apage.
Apalaches, *Povos da Florida.*
Apamea, *Nome de varias Cidades.*
Apas.
Apaturias, *Festas dos Athenienses.*
Apavorar.
Apeirado, *Termo de Abegaõ.*
Apeiragem.
Apeiro.
Apesarado.
Apis, *Deos Fabuloso.*
Apno, *Termo de Medico.*
Apocrifamente.
Apocrisario, *Antigo termo Ecclesiastico.*
Apodixe.
Apodo.
Apollinares, *Jogos.*
Apollo.
Apontado.
Apontar.
Apophoretas, *Donativos.*
Apostemarse, por Agastarse.
Apostrophia, *Epitheto de Venus.*
Apellidar.
Aporrear a paciencia.
Appenzel, *Cantaõ dos Suicos ou Esguiçaros.*
Appia via, *ou Familia.*
Apre.
Aprehensaõ.
Aprehenso.
Aprestimo.
Aprouvar, *Antiquado.*
Aproximaçaõ.
Aquecer, *Acontecer.*
Aquesta, e aqueste.
Aquila, *Pao.*
Aquisto.
Ara, *Antiga Academia.*
Arabesca pintura.
Araca.
Arachna, *Fabulosa bordadora.*
Aradega, *Tributo.*
Aramà, *Termo da Beira.*
Aranha.
Aranzel.
Arbim.
Arcabouço.
Arcabuzada.
Arcano.
Arcas, *Filho de Jupiter.*
Arcaz.
Archaismo, *Defeito na locuçaõ.*
Archiacolyto.
Archicantor.
Archiclavo.
Archipelago.
Archipresbytero.
Arco de pipa.
Ardilha. Vid. Doninha na letra D.
Ardres, *Reyno de Africa.*
Arear.
Arega, *Villa de Portugal.*
Arelhana.
Arenoso.
Arequeira, *Planta.*
Aresta.
Argaço.
Arganeo, *Termo de marinhagem.*
Arganizes, *Pano.*
Argao.
Argentaria.
Argentifero.
Argentino, *Nume Gentilico.*
Argeos, *Bairros de Roma.*
Arguente.
Argyra, *Ninfa.*

Arguiçaõ.
Aria.
Ariadne, ou Ariadna, *Filha de Pasiphae, e de Minos.*
Ariano, *Cidade.*
Aricia.
Arimono, *Palavra antiquada.*
Arion.
Ariſtarco.
Arma.
Armaçaõ.
Armamar, *Villa de Portugal.*
Armamentos, *Aparelhos.*
Armanhac, *Terra de França.*
Armas da Serra.
Armatoſte.
Armezim.
Armilheiro.
Armiluſtrio.
Armiſono.
Armiſticio.
Arnodes, *Cantores, que antigamente levavaõ premios.*
Arona, *Cidade de Italia.*
Armas.
Arot, e Marot, *Nomes de dous Anjos.*
Arotes, *Homens nobres, obrigados a ſervir.*
Arpaia, *Villa do Reyno de Napoles.*
Arpino, *Caſtello.*
Arqueiro.
Arrair, *Termo de Agricultura.*
Arramar.
Arranjar.
Ararar.
Arraſtaõ, *Termo de Agricultura.*
Arraſtrar.
Arratelar.
Arreaz.
Arrebatapunhadas, *Chularia.*
Arrebem.
Arrebentar o diabo.
Arrecabe.
Arredio.
Arredo.
Arredores, *Cayar arredores.*
Arregalar.
Arreitera.
Arrelà, &c.
Arrelequim.

Arremangir.
Arremeçaõ.
Arremelquinhos, *Termo chulo.*
Arreminado.
Arreminarſe.
Arrendar bacello.
Arrepelar.
Arrepia.
Arrezoadamente.
Arrial.
Arrimado.
Arriſcado.
Arroba.
Arrobar.
Arrocho.
Arroſo.
Arrojadura.
Arromba.
Arrotaduras, *Termo de marinhagem.*
Arrotea, e Arrotear, *Termos de Agricultura.*
Arruela.
Arrumaços, *Termo chulo.*
Arteiro.
Artequim, *Fruta.*
Artes.
Artificio.
Artilheria.
Artiſta.
Arval.
Arvo, *Rio de Saboya.*
Arvore, *Arvore triſte.*
Aſca.
Aſcendente, *Termo Aſtronomico.*
Aſcios, *Povos, que vivem na Zona Torrida.*
Aſcites, *Certos Arabes.*
Aſclepias, *Erva.*
Aſcolias, *Feſtas de huns Camponezes.*
Aſcua, *Chamma, lingua de fogo.*
Aſinha, *Fruta.*
Aſmento.
Aſna, *Cidade do Egypto.*
Aſno.
Aſnoga, *Synagoga.*
Aſobiar a ſapateta.
Aſſaria, *Uva.*
Aſſemblea.
Aſſento.
Aſſeveraçaõ.

Aſſim,

Assim.
Assinação.
Assinceira, *Villa de Portugal.*
Assiria.
Assoalhado.
Assoviadeira.
Assovinar.
Astcrite, *Pedra fina.*
Astilha.
Astingas, *Povos do Norte.*
Astomos, *Povos Fabulosos.*
Astéa.
Astro.
Astroite, *Pedra fina.*
Asymptoto, *Termo Geometrico.*
Atacar, *Termo de Carpinteiro.*
Atalanta, *Moça Fabulosa.*
Atartacar.
Atermar.
Attestaçaõ, ou Attestaçaõ, e Attestar.
Atezar.
Athamas, *Rio da Ethiopia.*
Athanatos, *Soldados escolhidos.*
Atino.
Atossigar.
Atra, *Cidade da Mesopotamia.*
Atrapalhado.
Atributar.
Attica, *Provincia da Achaia.*
Attuso, *Serpente.*
Atum.
Atys, *Mancebo, querido dos Deoses da Fabula.*
Ava, *Reyno, e rio da India.*
Avaros, *Povos do Norte.*
Aucupio.
Avecas.
Aveiras, *Nome de duas Villas de Portugal.*
Avela, *Palavra da India.*
Avelar, *Villa de Portugal.*
Avenenado.
Averno, *Infernal.*
Averbar, *Termo Forense.*
Augea, *Princeza Fabulosa.*
Augio, *Fabuloso filho do Sol.*
Augustaes, *Sacerdotes da Gentilidade Romana, jogos, e titulo de dignidade, &c.*
Avir, *Verbo antiquado.*
Avo, *Termo Arithmetico.*
Avocaçaõ.
Avondoso, *Termo antiquado.*
Avoo, *Villa de Portugal.*
Aureo, *Moeda Romana.*
Auricidio, *Ambiçaõ.*
Aurora.
Auso, *Atrevimento.*
Aussary, *Termo da India.*
Autocephalo, *Titulo de Bispos independentes.*
Ay, *Interjeiçaõ.*
Ayraõ, *Penacho.*
Aza, *Arrastrar a aza.*
Azabe-kaberi, *Castigo de criminosos na Turquia.*
Azanomba, *Interjeiçaõ chula.*
Azafama.
Azafamado.
Azambugeira, *Villa de Portugal.*
Azedamente.
Azem, *Reyno da India.*
Azeviche.
Azia de mulher prenhe.
Azimitas. Vid. Azymitas.
Azimuth.
Azimos dias.
Azinhoso, *Villa de Portugal.*
Aziumarse.
Azoens, *Povos da Assyria.*
Azuagues, *Povos de Africa.*
Azymitas.

B

Baalitas, *Adoradores de Baal.*
Babalhao, *Outeiro celebre na Villa de Torres Novas.*
Babao.
Babaré, e Babareo.
Baboza, *Peixe.*
Bacatella, ou Bagatella.
Baccanaes, *Festas de Bacco.*
Baccantes, *Sacerdotizas de Bacco.*
Bacchiades, *Fabulosos descendentes de Bacco.*
Bacco, *Nume Fabuloso.*
Bacineta.
Bacco, *Vinho.*
Bacoti, *Famosa Feiticeira.*
Bacu, *Cidade da Persia.*

Badagás, *Gente da India.*
Badajoz, *Seu nome Arabico.*
Badana.
Badulaque.
Baeça, *Cidade de Andaluzia.*
Bafora figueira.
Bagamedri, *Reyno de Africa.*
Bagatella, ou *Bacatella.*
Bagóas, *Eunucos da Persia.*
Bagoe, *Ninfa, ou Sibylla.*
Bagrado, *Nome de dous rios.*
Bahama, *Ilha da America.*
Bazar.
Bains.
Bailadeiras da India.
Baile, *Titulo de Embaixadores.*
Baile, *Dança.*
Bairaõ. Vid. Bayraõ, tomo 2. do Vocabulario.
Baivo, *Falso Nume.*
Balagata, *Reyno da Asia.*
Balagate zalina, Balagate zagari.
Balanco.
Balandrao.
Balaos, *Pano.*
Balares, *Desterrados.*
Balafio, *Pedra fina.*
Balayo.
Baldado.
Baldeaçaõ.
Baldroca.
Baldrocar.
Balegocus, *Calçado antigo.*
Balhadeira. Vid. Bailadeira.
Bali, *Ilha do mar da India.*
Baltar.
Baluma.
Bambalhaõ, *Termo chulo.*
Bambalhona, *Outra chularia.*
Bambolaõ.
Bambual.
Bambulim.
Banana, *Fruta do Brasil.*
Banazol.
Banca, *Jogo de Parar.*
Bancada.
Bancaes.
Banco roto.
Bancoas de carrapichana.
Bandarim, *Termo da India.*
Bandeira de Candieiro.
Bandel.
Bandins, *Termo da India.*
Bando, *Cidade.*
Bandoleiro.
Bandulho, *Termo chulo.*
Bandurias, *Peliona.*
Bandurra.
Banha de flor.
Banharca, *Cidade de Italia.*
Banho de Maria, *Termo de Chimicos.*
Banqueiro.
Banquete.
Bantaõ, *Ilha do mar da India.*
Bar, *Medida.*
Barafustar.
Bárathro.
Barba.
Missa de barba.
Barbaria, *Terra de Africa.*
Barbaros.
Barbarraõ.
Barbearia.
Barbechar, *Termo de Agricultura.*
Barbilho.
Barbo, *Peixe.*
Barca, *Regiaõ de Africa.*
Barceiro.
Bardar.
Bardo.
Bargante.
Baris, *Bugios notaveis.*
Barjuleta.
Barnabitas.
Barocha, *Cidade de Cambaya.*
Barometro, *Instrumento Mathematico.*
Barra a Barra.
Barra de Tozador.
Barregar, *Chularia.*
Barrentaterra.
Barrica.
Barribete, *Ferro de Entalhador.*
Barrunto.
Baruic, *Cidade de Inglaterra.*
Basbaque.
Basilicas leys.
Basim.
Basofia.
Bassano, *Cidade de Italia.*
Bastiaõ.

Bastida.
Bastilha, *Prisaõ, carcere Real.*
Batacchino, *Ilhas de Moro.*
Batalha, *Villa de Portugal.*
Batalhaõ.
Bataõ. *Termo de dança.*
Batea *Termo de Mineiro.*
Batecaia.
Batedor.
Batecú.
Bath-kol, *Hum dos Oraculos dos Judeos.*
Bathon, *Valle celebrado dos Antigos.*
Batica.
Batracomyomachia. *Batalha Fabulosa.*
Batti, *Palavra da India.*
Batto, *Pastor celebrado na Fabula.*
Batucar.
Baucis, *Velha Fabulosa.*
Baumal, *Notavel caverna de Alemanha.*
Bayas. *Antiga Cidade do Reyno de Napoles.*
Bexana, *Arvore notavel.*
Baxo.
Bazaria, *Provincia dos Scythas.*
Bebedice.
Beca.
Beco.
Beda.
Bedelho.
Beduim, ou Biduim.
Beelzephon, *Idolo dos Egypcios.*
Beguinos.
Beijar o pé.
Beijar a maõ.
Beilho.
Belgacia, *Antiga Cidade de Portugal.*
Beldade.
Beleno, *Nome do Sol.*
Belfas, *Termo chulo.*
Belgas, *Povos.*
Belgrado.
Belides, *As filhas de Belo, por outro nome as Danaides.*
Belis.
Belilcar.
Belisco.
Belladona, *Planta.*
Bellagarça, *Passaro.*
Bellagarda.
Bellas, *Villa de Portugal.*
Bellatrice, *Guerreira.*
Bellerophon, *Cidadaõ de Corintho, do qual se contaõ fabulas.*
Bellona, *Deosa da guerra.*
Belo, *Rey de Babylonia.*
Belo, *Rio da Fenicia.*
Bem.
Bem mal.
Bemtere, *Ave do Brasil.*
Bendis, *Titulo, que se deu a Diana.*
Bengalla.
Benim, *Reyno de Africa.*
Bento, *Agoa Benta.*
Bentó.
Beque.
Berberisco.
Bergamota.
Berillo, *Pedra fina.*
Beringella.
Berlinga.
Berna, *Hum dos Cantoens dos Suiços.*
Bernardinos, *Religiosos.*
Berne, *Cidade dos Suiços.*
Beroé, *Pano.*
Beroe, *Cidade de Macedonia.*
Bersabea, *Cidade da Palestina.*
Bertinoro, *Cidade de Italia.*
Beryto, *Cidade da Asia.*
Besselga, *Antiga Cidade de Portugal.*
Besta, *A Grãa Besta.*
Bestunio.
Beth, *Pedra notavel.*
Beth, *Letra Hebraica.*
Bethania, *Villa no Monte Olivete.*
Bethlem, *Cidade da Palestina.*
Bethlemitas.
Bethphania.
Bethis, *Cidade da America.*
Betre, *Planta do Brasil.*
Bexiga de caõ, *Planta.*
Beziers, *Cidade de França.*
Biblia.
Bibliotheca.
Biblis, *Moça Fabulosa.*
Bibrach, *Cidade de Alemanha.*
Bica, *Peixe.*
Bical.
Bicalado.

Bichan-

Bichancro, *Chularia de Estudantes.*
Bichano, *Termo chulo.*
Bicheiro.
Bico.
Bicuda, *Peixe do Brasil.*
Bicuiva, *Unguento.*
Bietala, *Fortaleza na Tartaria.*
Biguinos.
Bilhaõ.
Bilhar, *Termo do truque de taco.*
Bilhostre, *Termo chulo.*
Biliario, *Termo de Medico.*
Biombos, *Panos de armar.*
Bipartido.
Birbantes.
Birliquc, Birloque.
Birro.
Bisbilhoteira.
Bislingua, *Erva.*
Bisnagar, *Reyno da Asia.*
Bisnow, *Seita de Banianes.*
Bisinhano, *Cidade do Reyno de Napoles.*
Bispoté, *Ourinol.*
Bispal.
Bitton, *Fabuloso filho de Marte.*
Bitaces, *Povos.*
Bithios, *Povos da Thracia.*
Bitola.
Biul, *Villa de Portugal.*
Blandicia, *Meiguice.*
Blaya, *Cidade de França.*
Boa Deosa, *Deidade adorada das Damas Romanas.*
Boa nova.
Boazes, *Instrumentos de assopro.*
Bobelhes, *Chularia.*
Bobbio, *Cidade do Estado de Milaõ.*
Boca da noite.
Bocamolle, *Peixe do Brasil.*
Bocejar.
Bocejando.
Bochechaõ.
Bodo. Vid. Vodo.
Bodromias, *Festa dos Athenienses.*
Boens.
Boeta.
Bofé.
Bojarda, *Pera.*
Bojares, *Fidalgos da Corte do Moscovita.*
Bois, *Termo do India Portugueza.*
Bolacha.
Bolea.
Bolcima, *Termo chulo.*
Bolo, *No jogo da renegada.*
Bolonio.
Bolsa. *Onde se ajuntaõ os homens de negocio.*
Bolsas da India.
Bolsena, *Cidade de Italia.*
Bombáras.
Bombardar.
Bombazina.
Bombear.
Bombiz, *Bicho da seda.*
Boncurt, *Villa de França.*
Bonito, *Peixe.*
Bonna, *Deosa Gentilica.*
Bonna, *Cidade de Alemanha.*
Boqueiraõ, *Enseada muito-larga.*
Boquelho do forno.
Boquerano, *Ilheo do mar da India.*
Borbolegaõ, *Arroyo celebre de Portugal.*
Borcas, *Vento.*
Borguinhota, *Carapuça.*
Borilada.
Bornal.
Boroa.
Borracha.
Borras.
Borrelho, *Ave.*
Boscobel, *Bosque celebre na Historia.*
Bosquete.
Bosigueiro.
Bottos, *Sacerdotes Gentios.*
Boucha, *Termo de Agricultura.*
Boy.
Bozor, *Cidade da Arabia.*
Brabante, *Suas Cidades.*
Braçada.
Braçal.
Bracarense.
Braga, *Cidade de Portugal.*
Bramanes.
Branca ursina, *Planta.*
Brancacento.
Branchides, *Sacerdotes de Apollo.*
Brancos, e Negros, *Nomes de duas facçoens.*
Brandeo. *Bocado de pano, com que cobriaõ as sepulturas dos Martyres.*

Branquimento.
Brava, *Cidade de Africa.*
Bravada, *Festejo.*
Bravo.
Brasil.
Brechil.
Brejo.
Bremen, *Cidade de Alemanha.*
Breviario.
Briareo, *Gigante da Fabula.*
Brichote, *Adjectivo.*
Brinquinheiro.
Brim, *Pano.*
Bristol, *Cidade de Inglaterra.*
Britar, *Antiquado.*
Britomartis, *Ninfa Fabulosa.*
Brizo, *Deosa Gentilica.*
Broa, *Alimento.*
Broa, *Termo Nautico.*
Brocarnido.
Brochasa.
Brochas.
Broconcella, *Papeira.*
Bronchio do bofe.
Bronteo, *Epitheto de Jupiter.*
Brontes, *Cyclope.*
Brotheo, *Filho de Minerva.*
Bruma, *Frio do Inverno.*
Bruma, *Deos dos Bramanes.*
Brumal.
Brutescos.
Bruteza.
Brutios, *Povos de Italia.*
Bruxa.
Bruxaria.
Bua, *Voz de meninos.*
Bua, *Titulo dos Reys do Tunquin.*
Buabin, *Idolo do Tunquin.*
Buccellarios, *Soldados Wisigodos.*
Buchan, *Provincia de Escocia.*
Bucicodeo, *Termo chulo.*
Buço.
Bucre.
Budia.
Budoa, *Cidade de Dalmacia.*
Buenos Ayres, *Cidade da America.*
Bufaõ da Comedia.
Bufoneria.
Bugia, *Provincia, e Cidade de Africa.*
Buginico.
Bugio, *Peixe.*
Bujamé.
Bul, *Mez dos Hebreos.*
Bulla, *Insignia.*
Bumba.
Bura, *Cidade de Achaia.*
Buraco, *Casa pequena.*
Buraco, *Peixe do Brasil.*
Burgravia, *Terra de Alemanha.*
Burro.
Burro do cabeçalho.
Bursa, *Cidade da Natolia.*
Buscar.
Busillis, *Termo chulo.*
Busiris, *Cidade do Egypto.*
Busiris, *Nome de dous Reys do Egypto.*
Bustuarios, *Gladiatores das fogueiras.*
But.
Butgeros, *Artilheiros da India.*
Butiqueiro, *Tendeiro.*
Butrinto, *Cidade, e golfo defronte de Corfù.*
Butua, *Cidade de Africa.*
Buxa.
Buxo de Sapateiro.
Buz.
Byrro.
Byrsa.
Bysso.
Byzancios, *Moeda dos Emperadores Gregos.*

C

CA.
Cabaço de fazer manteiga.
Cabana.
Cabanas.
Cabarbanda.
Cabeça.
Cabeçal.
Cabeças, *Bottas de Rusticos.*
Cabeceira da mesa.
Cabelleireiro.
Cabelludos, *Alcunha, que se poz aos Godos.*
Cabicanqua, *Nome que em huma terra do Bispado de Lamego, se diz a huma Cegonha.*

Cabida.

Cabida.
Cabires, *Deoses da Samothracia.*
Cabo de Boa Esperança, *Flor.*
Cabo, *Termo de Sapateiro.*
Caboeiro.
Cabra.
Cabriola.
Cabul, *Cidade, e Reyno da India.*
Caca, *Irmãa de Caco.*
Caca, *Immundicia.*
Cácaracá, *Voz do Gallo.*
Cacareos, *Moveis de pouco preço.*
Cacatuá, *Certa casta de papagayos bran-cos.*
Cacha.
Cachachaõ.
Cachete.
Cachimanha, *Termo chulo.*
Cachimònia.
Cachimbaches.
Cachorro do mato.
Cachucho.
Cacicos, *Antiga Dignidade no Perû.*
Cacis.
Caco, *Famoso pastor de Italia.*
Caçola.
Cada, *Adagios do Cada.*
Cadaver.
Cadavericio.
Cadea.
Caderinhas, *Jogo de meninos.*
Cadexo.
Cadi, *Officio no Imperio Ottomano.*
Cadimo.
Cadis.
Cadizadelitas, *Seita de Mahometanos.*
Cadmo, *Rey de Fenicia Fabuloso.*
Caducario, *Termo de Direito.*
Cafare.
Cafua.
Cafurna.
Cagalume.
Cagarola.
Cajaõ.
Caibros do carro.
Caiçalha.
Caimaõ, *Crocodilo.*
Cainho.
Cajon.
Cairo.
Caju.
Cala.
Calaçaria.
Calaceiro.
Calafate.
Calafrio.
Calaluz.
Calamaco.
Calamba.
Calamina, *Cidade da India.*
Calamocar, *Termo chulo.*
Calarse a terra.
Calarse o melaõ.
Calazophylaces, *Sacerdotes da Grecia.*
Calcadouro.
Calcas.
Calcorrear, *Termo chulo.*
Calcular o Sol.
Caldeira.
Caldeira da Ilha do Fayal.
Caldeira de Pero botelho.
Caldeiraõ, e malheiraõ, *Jogo de meni-nos.*
Calendario.
Calha.
Calhe.
Calianna.
Caligaritanos.
Calliope, *Musa.*
Callirhoe, *Fonte notavel, e filha Fa-bulosa do rio Acheloo.*
Calo, *Paõ de calo.*
Calmorrear, *Termo chulo.*
Calote, e calotear, *Termos chulos.*
Caloyeros, *Religiosos Gregos.*
Calpurnia, *Ley dos Romanos.*
Calva.
Calumba.
Calumnia, *Deosa adorada dos Atheni-enses.*
Calumniar.
Calypso, *Ninfa amiga de Ulysses.*
Cama.
Camafeo.
Camaleaõ.
Camara cerrada.
Camara geral.
Camaraõ.
Camarabando.
Camarate.

Camar-

Camarção.
Camareiro, *Vaso.*
Camarina, *Cidade de Sicilia.*
Camarinhas, *Planta.*
Cambal.
Cambalu, *Cidade.*
Cambaya, *Reyno da India.*
Cambolim.
Cambota.
Cambra, *Espinheiro.*
Camelaõ, *Pano.*
Camelo.
Camelopardal.
Camera.
Camisa.
Camisola.
Camos.
Camotim.
Campainha nos almazens de Lisboa.
Campanado, *Termo de Boticario.*
Campanudo.
Campeador.
Campeche.
Campestre.
Caminho, *Som na viola.*
Canadà, *Terra Septentrional da America.*
Canadas.
Canario, *Som.*
Canastras, *Jogo de meninos.*
Cancaburrada, *Termo chulo.*
Cancanas.
Cancellario, *Officio no Imperio Romano.*
Candala, *Moda antiquada.*
Candelabro, *Castiçal.*
Candente, *Abrazado.*
Candidato, *Pertendente de dignidade no Imperio Romano.*
Candonga, *Trapaça.*
Caneiro.
Canceloria, *Festa de Diana.*
Cangalhas.
Cangalheiro.
Cangar.
Cangarrilhada.
Cangosta.
Canha.
Canhamaço, *Pano.*
Canhota, *Acha de lenha.*
Canja, *Canudo.*
Canica.
Caniço.
Canicular.
Cannibales.
Canonico.
Canonização.
Canopo, *O mayor dos Deoses no Egypto.*
Canopo, *Cidade do Egypto.*
Cantarella.
Cantaro.
Cantico.
Canto.
Cantoneira de livro.
Cantor.
Canzil.
Caõ.
Capa.
Capaõ.
Capar hum sino.
Capataz.
Capaz, *Titulo na Religiaõ de Malta.*
Capellaõ.
Capello.
Capes.
Cafareo, *Monte famoso.*
Capigorraõ.
Capilha, *Propina.*
Capillar.
Capitaõ de Cinetes.
Capiroa.
Capitula.
Capitulaçaõ do Imperio.
Capitulares, *Ordenaçoens.*
Caprarola, *Castello dos Duque de Parma.*
Caprichosamente.
Capricornio.
Caprotina, *Epitheto de Juno.*
Capsa, *Cidade de Africa.*
Capuchinhos.
Cara.
Carabá.
Caracterizara.
Carafuz.
Caraibas, *Povos da America Septẽtrional.*
Carambola, *Annexim pueril.*
Caramelga.
Caraminhola.
Caranguejar.
Caranguejo, *Postura de maõ na viola.*
Carapetá.
Carapeva, *Peixe.*

Caravana.
Caravata.
Caraveláõ, *Termo chulo.*
Carbalo, *Véla.*
Carcacola.
Carcunda, ou Cacunda.
Carcundo.
Cardinalato.
Cardenilho.
Cardinia, *Falsa Deidade.*
Cardino.
Carear. Vid. Acarear.
Carecente.
Carença.
Carga.
Cargo, *Officio.*
Cariatides, *Termo de Architectura.*
Caricioso.
Carijós, *Gentio do Brasil.*
Carilo, *Preto no Brasil, e na India.*
Carima, *Flor de farinha no Brasil.*
Carimaõ.
Carinas.
Carissia, *Avesinha.*
Cariz.
Carnicaõ, *Fleimaõ.*
Carnide, *Lugar.*
Caroço, *Ilheo.*
Carolo, *Termo do jogo do Aro.*
Carafpana, *Termo chulo.*
Carrear.
Carregado, *Termo do Açougue.*
Carreira.
Carreira a cego.
Carreta.
Carreteira barca.
Carro, *Termo de Impressor.*
Carta de marcar.
Carraxo, *Passaro.*
Carvalhal, pera, e pereira.
Caravansera.
Carvata.
Caruaz.
Carybdis.
Casa.
Casaca amargosa, *Herva.*
Casapo, *Peça de artelharia.*
Casçaes, *Villa de Portugal.*
Cascalho.
Cascaõ.
Cascar.
Cascarraõ.
Cascavel, *Cobra de cascavel.*
Casco.
Casinha, *Desembargador da Castilha.*
Cassino, *Monte.*
Cassiopea.
Cassis.
Cassopo, *Cidade.*
Casta, *Cidade impudica.*
Castabale, *Cidade de Cilicia.*
Castanheira, *Arvore.*
Castellaõ preto, *Uva.*
Crasteval, *Palavra antiquada.*
Castoens, ou Costoens, *Guardas das costas.*
Castrar.
Casualidade.
Cata, *Termo de Mineiros.*
Cataclysmo, *Diluvio.*
Catachresis, *Figura da Rhetorica.*
Catadupa.
Catalecto, *Collecçaõ de Opusculos.*
Cataló.
Catalonas, *Feiticeiras das Filippinas.*
Catalusa, *Tecido de lãa.*
Cataonia, *Cidade da Asia Menor.*
Catapacos, *Titulo antigo de certos Governadores.*
Catapu.
Catapulta, *Antiga maquina bellica.*
Cataro, *Cidade de Dalmacia.*
Catasol.
Catatao.
Catatua.
Cathedral.
Catimbao, *Termo chulo.*
Catinga.
Catoblepa, *Fera.*
Catrabuxa, *Instrumento de Dourador.*
Catrapoz.
Catraya.
Catia, *Passaro.*
Catulo, *O filho de qualquer animal.*
Cava.
Cavalhada, *Festa da cavallos.*
Cavallaria. Vid. no tomo segundo deste Supplemento, o vocabulo de Cavallaria.
Cavalleiro, *Formiga.*

Cavalleiro amante.
Cavallete, *Potro.*
Cavalletes de carro.
Cavanejo.
Cáucaso, *Monte.*
Cavidade.
Cauzidico.
Cautela.
Cawreslan, *Villa da Persia.*
Caxa, *Moeda.*
Caxamalca, *Terra da America Meridional.*
Caxo.
Caxume, *Cidade dos Abexins.*
Cayar o rostro.
Cazan, *Reyno da Tartaria.*
Cazan, ou Hazan, *Officio na Synagoga.*
Cazerna, *Casinha.*
Cazol.
Ç,alema.
Ç,anfonha.
Ceara, e Ceareiro.
Cecear, e Ceceoso.
Cedar.
Cedilho.
Cedo.
Cega, *Serpente.*
Cegonha, *Ferro do sino.*
Ceira.
Ceita.
Ceix, ou Ceyx, *Filho de Lucifer, na Fabula.*
Celebrar.
Celeiro.
Celemim.
Celena, *Cidade da Frygia.*
Celeno, *Huma das Pleyades.*
Celeno, *Huma das Harpias.*
Celeres, *Mancebos escolhidos por Romulo.*
Celestina.
Celestinos, *Ordem Religiosa.*
Celestria, *Famosa Feiticeira.*
Celeusma.
Celibado.
Celico, *Celeste.*
Celins.
Cellareiro, ou Celereiro.
Celeiro.
Celmes, *Valido de Jupiter.*
Celmis, *Curetes, ou Corybantes.*
Celorico dos bebados, *Villa de Portugal.*
Celsitude, *Altura, ou Alteza.*
Celso, *Alto.*
Cenco, *Moça, e moço Fabulosos.*
Cenobralmente.
Centelha, *Faisca.*
Centenario.
Centobriga, *Cidade de Hespanha.*
Centonarios, *Officiaes dos Exercitos Romanos.*
Centro.
Cephalalgia, *Termo de Medico.*
Cephas, *Pedro.*
Cephéo, *Fabulóso Rey da Ethiopia.*
Cepheo, *Principe de Arcadia.*
Cêphalo, *Filho de Eolo na Fabula.*
Cephiso, *Rio da Phocida.*
Cepinho do Arçaõ da sella.
Cera.
Cera bella.
Cereaes, *Jogos.*
Cereja.
Ceremonia.
Ceres.
Ceroferario.
Cerolico.
Çerraçaõ de tempo.
Cerrada carga.
Certeiro.
Cestuado.
Ceto.
Cevada.
Cevadeira.
Cevadeiro.
Cevar, *Pedra de cevar.*
Ceyx.
Cezimbra, *Villa de Portugal.*
Chabuco.
Chacabout, *Seita Gentilica.*
Chacaras, *Sacerdotes Idolotras.*
Chaço de Tanoeiro.
Chacouna, *Dança.*
Chacorreiro.
Chacorrice.
Chafalhaõ, *Termo chulo.*
Chafarsuz, *Jogo.*
Chafurdarse.
Chafurdo.

Chagas, *Flores.*
Chagre, *Rio da America.*
Chalé.
Chamaceira do barco.
Chamaceiras, *Partes do carro.*
Chamarra, *Vestido antigo.*
Chambaril.
Chamberga, *Moda.*
Chameira.
Chamiços, *Paos meyos queimados.*
Chemos, ou Camos, *Idolo dos Moabitas.*
Chamotim.
Chancharas, marrancharas, *chilaria.*
Chaangcheu, *Cidade da China.*
Changxa, *Cidade da China.*
Chantel. Vid. Xantel.
Chapado.
Chapeiraõ.
Chapuz.
Charamela.
Charistias, *Festa dos Romanos.*
Charneca.
Charodos.
Charola de rapazes.
Charpa.
Charybde, *Pego do mar.*
Chasquear.
Chatilhon, *Nome de muitas Cidades em França.*
Chaudeis, *Panos da India.*
Chave.
Chavilhaõ.
Chaxan, *Cidade da China.*
Chazeiros.
Chefia.
Chegar a roupa ao couro.
Chella, *Pano.*
Chekiang, *Provincia da China.*
Chemmis, *Ilha no Egypto.*
Cheque, ou Xaque.
Cherazoul, *Cidade da Persia.*
Cherinola.
Cherubico, *Hymno.*
Cherubim.
Ches meninés.
Cheuxan, *Ilha da China.*
Chi, Chi.
Chiado.
Chial.
Chiampaa, *Reyno da India.*
Chiaoul, *Official do Turco.*
Chiaca, *Provincia da nova Hespanha.*
Chichelada.
Chichelo, *Dar ao chichelo.*
Chichisbeo, *Obsequioso Cortezaõ de Damas em Italia.*
Chilideco.
Chilidoco.
Chilraõ.
Chilrera.
Chilro.
Chimbeo.
Chimpar.
Chin.
China, *Deos do Gentio de Guiné.*
Chincha.
Chincheiro.
Chinchorro.
Chinchin, *Provincia da Tartaria.*
Chingalás.
Chione, *Filha de Dedalion, na Fabula.*
Chiote.
Chipo.
Chipre.
Chispo, *Termo da Extremadura.*
Chitaõ, ou Chiton.
Chitó, *Escrito na India.*
Chloris, *Flora.*
Chocalho.
Chochim.
Chocho.
Chochorrobio.
Choco.
Chocolate.
Chocolococa, *Cidade do Perú.*
Chogan, *Cidade da China.*
Chopra.
Choramigas, *Termo chulo.*
Chorar.
Choromandel, *Regiaõ da India.*
Choromigar.
Chorume.
Chover a cantaros.
Choutador.
Choutar.
Chouto.
Chucheu, *Cidade da China.*
Chuchurriar.
Chuço.

Chuéj

Chué, chué, *Termo chulo.*
Chufa.
Chularia.
Chulo.
Chumbeira.
Chumeas.
Chunambo.
Chungxiong, *Cidade da China.*
Chupar, *Tirar destramente, fallando em dinheiro.*
Chupar tabaco.
Churume.
Chusistan.
Chusmar.
Chuteanos, *Povos da Persia.*
Chuz, nem buz.
Cibele.
Cibola.
Cicisbeo.
Cicladas.
Ciclopes.
Cid, ou Cide.
Cidao.
Cidno, *Rio da Asia Menor.*
Cifras da viola.
Cilicio, *Tecido.*
Cimbre.
Cimeira.
Cimentaras.
Cinan, *Cidade da China.*
Cinca, *Rio de Hespanha.*
Cincheu, *Cidade da China.*
Cinerario.
Cingcheu, *Cidade da China.*
Cinico. Vid. Cynico.
Cinnabaro, *Cinabrio.*
Cinnamomo.
Cinxia, *Epitheto de Juno.*
Ciparisso. Vid. Cyparisso.
Cipò, *Planta do Brasil.* Vid. *etiam* Cypò, *mais abaixo.*
Cirara.
Circassia, *Regiaõ da Asia.*
Circe, *Feiticeira celebre na Fabula.*
Circenses, *Jogos.*
Circunductar.
Circunfluir.
Circunfuso.
Cirene. Vid. Cyrene.
Cirenaicos.

Cirio, *Festa de romagem.*
Cirzir.
Cifcar, *Termo chulo.*
Cisne, *Cavalleiros da Ordem do Cisne.*
Cisterna, *Principado.*
Cita, por Citaçaõ.
Cithara. Vid. mais abaixo *Cythara.*
Citherea. Vid. *Cytherea.*
Citheron. Vid. *Cytheron.*
Citra. Vid. *Cythara.*
Città, *Cidade.*
Città di Castello.
Città di Chieti.
Città Ducale, ou Reale.
Città Nova.
Città de Sole.
Città Vecchia.
Ciudad Real.
Ciudad delRey Filippe.
Ciudad Rodrigo.
Civencheu, *Cidade da China.*
Civitá.
Civitá Busella.
Civitá Nova.
Civitá Vecchia.
Civitella, *Cidade do Reyno de Napoles.*
Cizir.
Cizirao.
Clade, *Estrago.*
Clagenfurt, *Cidade de Alemanha.*
Clara, *Cidade de Irlanda.*
Clarença, *Cidade de Inglaterra.*
Clarendon, *Cidade de Inglaterra.*
Claros, *Cidade da Jonia.*
Claros, *Ilha do Archipelago.*
Classe, *Armada.*
Clazomena, *Cidade da Asia Menor.*
Claudicar.
Clemencia, *Deosa da Antiguidade.*
Clerac, *Cidade de França.*
Clicia. Vid. Clitia.
Cliente.
Clio, *Huma das nove Musas.*
Clitia, ou Clicia, *Fabulosa filha do Oceano.*
Clitoris, *Amiga de Jupiter muito pequena.*
Clotho, *Huma das tres Parcas.*
Coa, *Ilha do Archipelago.*
Coanza, *Rio de Africa.*

Cobalcs, *Demonios em figura humana.*
Coblants, *Cidade de Alemanha.*
Cobra, *Pao de cobra.*
Cobra de capello.
Coça.
Coçar.
Cocas.
Cocedra.
Cochumiacos, *Palavra do Japaõ.*
Coco de meninos.
Coco de Maldiva.
Cocorim.
Codea, e Codear.
Codeicherif, *Cidade de Jerusalem.*
Codilim.
Codo.
Coeiros.
Coercivo.
Cogombro.
Cogumelos.
Cohen, *Sacrificador entre os Hebreos.*
Coima.
Coincidir.
Coira, *Cidade dos Grisoens.*
Cola, *Arvore.*
Coira.
Colao, *Titulo de Letrados no Oriente.*
Colatorio.
Colberga, *Cidade de Alemanha.*
Colerim, *Pedra notavel da China.*
Colhedor, *Ministro do Papa.*
Colher de Pedreiro.
Colitoco, *Termo de Medico.*
Colimbriga.
Collectaneo, *Collaçaõ.*
Colligaçaõ.
Colliquaçaõ, *Termo de Medico.*
Collitigante.
Collitigar.
Colocasia, *Planta.*
Color.
Colutea, *Erva.*
Com.
Combalido.
Começo, *Principio.*
Comer os Santos.
Comesainas.
Cometa.
Commenticio.
Commeter.
Commensal.
Commisso.
Commissorio.
Commovido.
Communal.
Communicaçaõ, *Figura de Rhetorica.*
Como, *Fabuloso Deos das gulhosas.*
Companha, *Termo de marinhagem.*
Comparte.
Competencia.
Compitalicios, *Jogos.*
Completar, *Termo Militar.*
Composiçaõ de lugar, *Termo Ascetico.*
Compostella.
Comprazido.
Comprido.
Comprimentar.
Comprovincial.
Conceiçaõ da Virgem, e de S. Joaõ Bautista.
Concelebrar.
Concertante.
Concessaõ, *Figura da Rhetorica.*
Conchegar.
Conchego.
Concilio.
Concitado.
Conclavista.
Concordia, *Sua imagem, ou figura.*
Conde Andeiro.
Condenaçaõ, *Pena pecuniaria.*
Condessilho.
Condestable.
Condor.
Condimento.
Conduplicaçaõ, *Figura da Rhetorica.*
Conduto.
Conego Doutoral.
Conego Magistral.
Confecto, *Acabado.*
Confeitar.
Confeitos do Porto.
Confessar.
Confesso, *Irmaõ Leigo.*
Confessora.
Confiscado.
Confiado.
Confortativo.
Conhecer.
Conjunctura.

Conluyo.

Conluyo.
Conluyosamente.
Connivencia.
Consenes ; Certos Deoses dos Romanos.
Consogro.
Cônsono.
Consto, Certidaõ.
Consuaes, Festas dos Romanos.
Consul, Sua primeira instituiçaõ.
Consul, Rio de Portugal.
Consus, Antigo Deos do conselho.
Conta.
Contas de rezar.
Contentarse.
Conterraneo.
Contestaçaõ.
Contija.
Contiguidade.
Contino.
Contra, Contradiçaõ.
Contrabandista.
Contracadaste, Termo de navio.
Contraditar.
Contraditorio.
Contrafazerse.
Contramarchar, Termo Militar.
Contraparente.
Contraposiçaõ, Figura da Rhetorica.
Contrariar.
Controverso.
Conversaçaõ.
Convidar.
Convinhavel.
Copa.
Copal.
Copo de roca.
Copra.
Coque.
Coraçaõ.
Corbelha.
Cordelejo.
Corcovado, Peixe.
Corda.
Cordovaõ.
Corifco, Ilha.
Cormaró.
Corna.
Corneiras.
Cornicabra, Pera.
Coroa de Rey, Abobara.
Coroa de nossa Senhora, Meteoro.
Coroa, Insignia de vitoria, ou dignidade.
Coroaçaõ.
Coroça.
Coromandel.
Coronide, Ramate de edificio.
Coronis, Deosa dos Sicyonios.
Coronis, Filha de Flegras na Fabula.
Corotiis, Remate. Vid. Coronide.
Corpo.
Corporal.
Corpus, Dia de Corpo de Deos.
Correaõ.
Corredella.
Corredor, Corrente de agua, na barra de Lisboa.
Corredor, Andarim.
Correcnte.
Correcçaõ, Figura da Rhetorica.
Corregir.
Corrigido.
Corrego, Termo de Mineiro.
Correr.
Corretor.
Corrilho.
Corriola.
Corramaõ, Termo de Carpinteiro.
Corrupao, Passaro do Brasil.
Corrimento dos vinhos.
Corrir o vinho.
Coruche, Villa de Portugal.
Cojuja.
Corvo da Fabula.
Coruscante.
Cós; Corpinho de mulher.
Cosença, Cidade da Calabria.
Cosmolabio, Instrumento Mathematico.
Costoens. Vid. Castoens.
Costumeiro da Companhia de Jesus.
Cotabaça.
Cota de Armas.
Cota, Peixe.
Cota, na praxe Forense.
Coria, Embarcacaõ.
Cotio, Alpes cotios.
Cotitta, Deosa da Imprudencia.
Cotonias.
Cotoval, Juiz na India.
Cotonco.

Cotovelo,

Cotovelo, *Peras de sete cotovelos.*
Cova, *Porto.*
Covato, *Termo de Agricultura.*
Covato de Coveiro.
Couce, *Termo de navio.*
Coucon do carro.
Coulaõ, *Cidade, e Reyno da India.*
Couraça.
Couto.
Coxo.
Coz, *Villa de Portugal.*
Craco, *Deidade dos Egypcios.*
Crana, *Filha de Jano, na Fabula.*
Cranganor, *Reyno da India.*
Crapula.
Cras, cras, *Voz do corvo.*
Crau, *Campo de oito legoas, cheyo de pedras.*
Craveira.
Craveiro, *Fenomeno.*
Cravo, *Flor.*
Cravo, *Fixar o cravo, superficiosa ceremonia.*
Credencial cart.
Credo.
Crema, *Cidade de Italia.*
Creme, *Tinhoso.*
Cremelena, *Castello de Moscovia.*
Crencha.
Creoulo.
Crepudina.
Crepuscular.
Crer.
Crerizia.
Crés.
Creve.
Criada, *A festa das criadas.*
Crime, *Gesto crime.*
Crimemente.
Crimeza.
Criminal.
Cris.
Crisé.
Cristal de roca.
Cristaleira, *Erva.*
Criticos.
Crocal, *Pedra fina.*
Crocodilon, *Cidade do Egypto.*
Crocota, ou Crocuta, *Fera do Ethiopia.*
Crocus, *Amante da Ninfa Smilax.*
Crodo, *Fabuloso Nume em Saxonia.*
Cronicoens.
Crotona, *Cidade de Italia.*
Croya, *Cidade da Albania.*
Cruamente.
Cruciferos, *Religiosos.*
Crucifixo.
Crusca, *Academia da Crusca.*
Cruzado.
Cû.
Cû de Judas, *Anexim chulo.*
Cuada.
Cuba.
Cubertos.
Cubiculario.
Cubilheira, ou Cuvilheira.
Cubricama.
Cubricunha, *Peixe.*
Cuche, cuche.
Cucho.
Cuços.
Cucufa, *Coifa.*
Cucuruta.
Cucufa, *Cidade de Armenia.*
Cueiros. Vid. Coeiros.
Cuhiung, *Cidade da China.*
Cuidado.
Culpa.
Culacharins, *Termo da India.*
Culcarni.
Cumbas.
Cumular.
Cuneo, *Termo Militar.*
Cunhal.
Cunto, *Termo da India.*
Cuntucares, *Termo da India.*
Cuntur, *Ave notavel.*
Cupido, *Fabuloso Deos do amor.*
Cupula.
Cura, *Cuidado.*
Curaçao, *Ilha da America.*
Curdistan, *Regiaõ da Asia.*
Curdos, *Povos do Curdistan.*
Cureotis, *O terceiro dia de humas festas Athenienses.*
Curetes, *Povos da Ilha de Creta.*
Curral.
Curricar.
Cursolarias, *Ilhas.*

Cursos.

Curfos.
Curta.
Curtalim.
Curtalho.
Cufcuta.
Cufiry.
Cuspido.
Cufpir.
Cufpo.
Cuft, ou Cuzt.
Cufto.
Cuftodia.
Cutrubana.
Cuvilheira.
Cuvilhete.
Cuzt.
Cybele, *Fabulofa mulher de Saturno.*
Cynocephalo, *Deos dos Egypcios.*
Cynopolis, *Cidade do Egypto.*
Cypariffo, *Mancebo querido de Apollo.*
Cypariffo, *Cidade de Meffenia.*
Cypò, *Planta do Brafil.*
Cythara, *Inftrumento Mufico.*
Cythera, *Ilha do mar Egeo.*
Cytheron, *Monte.*
Cytno, *Ilha.*
Cytifo, *Mata.*
Czaslaw, *Cidade de Bohemia.*
Czyrknizerzce, *Notavel lagoa de Alemanha.*

D

DActylos Ideos, *Famofos dançadores.*
Dadivan, *Celebre campo da Perfia.*
Dadivofo.
Dado, *Jogo de Dados.*
Dadora.
Dagon, *Idolo.*
Dala da bomba, *Termo de marinhagem.*
Dalecarlia, *Provincia da Suecia.*
Dalem, *Cidade dos Paizes Baixos.*
Dalia, *Provincia da Suecia.*
Damia, *Cognome de Cybele.*
Daminho.
Damoaõ, *Monte da Armenia.*
Damorim, *Pera.*
Damute.
Danae, *Fabulofa filha do Rey de Argos.*
Danaides, *Cincoenta moças, todas filhas do mefmo pay.*
Dança.
Dar.
Darandella, *Trage antiquiffimo.*
Daroga, *Cidade de Aragaõ.*
Dativo.
Debaxo.
Decemvirato, e Decemviros.
Decertar.
Decimal.
Declive.
Decretar, *Termo chimico.*
Declarativo.
Decretaes.
Decuriaõ.
Dedalo, *Artifice engenhofo.*
Dedaliaõ, *Homem, fegundo a Fabula mudado em açor.*
Dedecorar.
Dedicaçaõ dos Templos da Gentilidade.
Dedilhar.
Defenfor.
Defeza.
Definhado, e Definhar.
Defirir.
Defluvio, *Termo de Medico.*
Defrontar.
Defumadouro. Vid. Fumeiro, tomo 4.
Degelar.
Degolar o vinho.
Degradaçaõ.
Degrao.
Deianira, *Mulher de Hercules na Fabula.*
Deifta.
Deitar.
Delegada.
Deleitear.
Delicado.
Delicia.
Deliciarfe.
Delio.
Delis, *Guarda do Graõ Vifir.*
Delles, *Lagoas de Sicilia.*
Delongo.
Delos, *Ilha.*
Delfos, *Cidade com Templo celebre pelo Oraculo de Apollo.*
Delta, *Ilha do Nilo.*

Delucidario.
Demanda.
Demonſtraçaõ.
Dendroforos.
Denodado.
Dentifricio, *Termo Farmaceutico.*
Dentuça.
Deoſes da Antiguidade.
Departiçaõ, *Termo antiquado.*
Departir.
Depennar.
Deperado, *Termo de Armenia.*
Deplorar.
Deponente, *Termo da Grammatica.*
Depopulado.
Depor a vida.
Depoſiçaõ, *Termo Eccleſiaſtico.*
Depraça, *Termo antiquado.*
Deprecaçaõ, *Figura da Rhetorica.*
Depreſſa.
Derbant, *Cidade da Georgia.*
Derbices, *Povos da Perſia.*
Derceto, *Fabuloſa Deidade dos Syrios.*
Dernis, *Cidade da Dalmacia.*
Derpt, *Cidade da Livonia.*
Derradeiro.
Derrancar.
Derrancar.
Derrangar.
Derrencar.
Deſacoroçoar.
Deſafio.
Deſalentarſe.
Deſalivado, ou Deſaliviado.
Deſalaſtrar.
Deſapegar.
Deſapiedado.
Deſaprovar.
Deſaſſombrar.
Deſaſuſtar.
Deſatençaõ.
Deſauthorar.
Deſazo.
Desbarate.
Deſo.
Deſaſuſtar.
Desbarato.
Desbarbar.
Deſcambaçaõ, *Termo chulo.*
Deſcambado.
Deſcançar.
Deſcanado.
Deſcender.
Deſcomer.
Deſcorchar.
Deſcornar.
Deſcortino.
Deſcurioſidade.
Deſcurioſo.
Deſdourar.
Deſembargador da caſinha.
Deſemmaſcarar.
Deſemmoinhar.
Deſempenar.
Deſencommendar.
Deſenroſcar.
Deſentoar.
Deserçaõ.
Deſertar.
Desfaçarſe.
Desfechar beſta.
Deſguarnecer.
Deſgabar.
Deshoras.
Deſiderada, *Ilha da America.*
Deſinfectar.
Deſlaſtrar, Deslaſtre.
Deſmarcado.
Deſmedrar.
Deſparzido.
Deſpejado.
Deſpenar.
Deſpezo.
Deſporto.
Deſpoto, *Senhor abſoluto.*
Deſprivar.
Deſque.
Deſſar, *Palavra da Beira.*
Deſſau, *Cidade de Alemanha.*
Deſſay.
Deſſeinarſe, *Termo chulo.*
Deſſervir.
Deſtripar.
Deſvanecidamente.
Deſvairo.
Detençoſo.
Deterſivo.
Devagar.
Devanter, *Cidade dos Paizes Baixos.*
Deucaliaõ, e ſeu diluvio.

Deverba, *Deosa Gentilica.*
Devoçoens.
Devonia, *Provincia de Inglaterra.*
Dexiercome, *Sobrenome de Venus.*
Dhiritash.
Dhorovetti.
Dia civil.
Dia, *Astronomico.*
Dia, *Deosa dos Antigos.*
Dia, *Ilha no mar Egeo.*
Diabitha, *Erva.*
Diabo.
Diablintes, *Povos da Gallia Celtica.*
Diabroria, *Lagoa.*
Diacho.
Diaco, *Na Região de Malta.*
Diagalves, *Certa casta de uvas.*
Dial.
Diamante de rodella.
Diamante de encurvar as peças de artilharia.
Diamastigose, *Flagellação.*
Diana, *Tres Dianas diversas.*
Dianre.
Dianteira do Exercito.
Diaforetico.
Diarbekir, *Cidade da Mesopotamia.*
Dias de S. Pedro.
Diaspro, *Jaspe de muitas cores.*
Dibres, *Cidade do Epiro.*
Dicção.
Dicé, *Deosa da Antiga Gentilidade.*
Dichote.
Dictamo.
Dicterio.
Dictymna, *Fabulosa amiga de Venus.*
Differença.
Differmar.
Diffuso.
Diffirir.
Digamma, *Termo Orthografico.*
Digna, *Cidade de França.*
Dilecção, *Titulo, que o Emperador dá aos Eleitores do Imperio.*
Dilinghen, *Cidade de Alemanha.*
Dilucidario.
Dinheirama, *Termo chulo.*
Dinheiro.
Diocesano.
Dione, *Ninfa querida de Jupiter.*
Dionysio, *Hum dos epithetos de Bacco*
Dyonysiopoli, *Nome de muitas Cidades.*
Diospolis, *Cidade do Egypto.*
Diospolitas.
Diptyco.
Dircé, *Mulher mudada em fonte.*
Dircé, *Outra mulher mudada em peixe.*
Direcco.
Dirgh, *Lagoa notavel.*
Dis, ou Dite, *Irmão de Jupiter.*
Dispar, *Desigual.*
Dispositor.
Dissecção.
Dissertação.
Dissolver.
Distincto.
Distractivo.
Distribuição.
Disturbio.
Dite. Vid. Dis.
Dithyrambo, *Cognome de Bacco.*
Ditinho.
Dito.
Diu.
Diva, *Divina.*
Diva, *Nome de rios.*
Diversorio, *Estalagem.*
Divertido.
Divida.
Divino.
Divido.
Divisorio.
Divorcio.
Dixímes, Dixímes, *Termo chulo.*
Dobradura.
Dobre.
Dobrez de animo.
Dobreza, *Pano.*
Doce.
Docel do Altar.
Dodo, *Passaro.*
Dodona, *Cidade do Epiro.*
Doença.
Docente.
Doesburgo, *Cidade dos Paizes Baixos.*
Doesllo.
Doge.
Dogo, *Cão de fila.*
Doilo.

Dol, e Dola, *Cidades.*
Dolanquim, *Tinta da China.*
Dolinha.
Dom, *Titulo.*
Dominico.
Donabranca, *Casta de uva.*
Donaverta *Cidade de Alemanha.*
Donaire.
Donde.
Dondo.
Doninha, e Doninha peixe.
Dono.
Dor.
Dorida, *Região da Grecia.*
Doris, *Ninfa marinha.*
Dormentes.
Dormir.
Dorsal. Vid. Tisica dorsal.
Dositheos.
Dotador.
Doudejar
Doudo.
Douradinha, *Jogo de cartas.*
Dourados tempos.
Dourados Cavalleiros.
Dourar telhados.
Doutor.
Doutoral Conego.
Doutrina Christaa.
Doux, *Rio de França.*
Dragoeira, *Planta.*
Dragonario, *Termo da milicia Romana.*
Draguinnaõ, *Cidade de França.*
Drangea.
Droma, *Rio de França.*
Dromona, *Cidade de Irlanda.*
Drontheim, *Cidade de Noruega.*
Drusos, *Povos da Palestina.*
Dryope, *Celebre na Fabula.*
Duare, *Praça forte na Dalmacia.*
Duello, *Desafio.*
Dulcinda, *Cidade.*
Dunalma, *Festa dos Turcos.*
Duplex.
Duques, *Numero.*
Durazio.
Duro, *Adagios.*
Dusios, *Demonios.*
Dysares, *Nume fabuloso.*

E

Eacides, *Descendentes de Eaco.*
Eaco, *Fabuloso filho de Jupiter.*
Ebrbuharites, *Religiosos Mahometanos.*
Eburneo.
Eburobricio, *Antiga Cidade de Portugal.*
Echinades, *Ilhas da Grecia.*
Echmalotarcos, *Cabeças dos Tribus dos Hebreos.*
Eclusa.
Eco.
Edessa, *Cidade da Mesopotamia.*
Edhemitas, *Religiosos Mahometanos.*
Edil.
Edipo.
Edital.
Edom, *Região do Tribu de Juda.*
Edon, *Monte da Thracia.*
Edon, *Mulher celebre na Fabula.*
Educanda.
Edusa, *Deosa Gentilica.*
Eethes, *Filho do Sol, na Fabula.*
Effundir.
Ega, *Cidade de Macedonia.*
Egates, *Ilha do mar de Sicilia.*
Egeon, *Gigante Fabuloso.*
Egra, *Cidade de Alemanha.*
Egeria, *Ninfa.*
Egeria, *Deosa.*
Egialea, *Mulher de Diomedes.*
Egida, *Cidade.*
Egida, *Huma das Gorgonas.*
Egioche, *Hum dos epithetos de Jupiter.*
Egoa.
Egorolo, *Hum dos epithetos de Bacco.*
Egro.
Egypcios.
Egypto, *Pay de cincoenta filhos.*
Ei, *Eu.*
Eichter, *Cidade do Palatinado.*
Eider, *Rio de Dinamarca.*
Ejecto, *Expulso.*
Eigues, *Rio de França.*
Eilavai.
Eisenac, *Cidade de Alemanha.*
Elamitas, *Povos entre a Persia, e Babilonia.*

Electo,

Electo, *Eleito.*
Electra, *Filha de Agamemnon.*
Electra, *Filha do Oceano.*
Electra, *Pedra fina.*
Eleleo, *Sobrenome de Bacco.*
Elementos.
Elenco.
Elefancia, *Doença.*
Elefante, *Cavalleiros do Elefante.*
Elefantina, *Ilha do Egypto.*
Eleusis, *Cidade da Grecia.*
Eleutherias, *Festas em honra de Jupiter.*
Eleuthon, *Deosa Gentilica.*
Elfa, *Termo de Agricultura.*
Elixaçaõ, *Operaçaõ farmaceutica.*
Elixir, *Termo chimico.*
Elleboraster, *Erva.*
Ello, *Huma das tres Harpias.*
Elores, *Povos.*
Elucidario.
Eludir.
Elysios campos.
Emalhar, *Termo de redes.*
Emath, *Cidade da Syria.*
Embacellar, *Termo de Agricultura.*
Embaimento.
Embargo.
Embda, *Cidade da Frisia.*
Embebecer.
Emboldreado.
Embotar o juizo.
Emburricar, *Verbo de chularia.*
Emenia, *Parte da Grecia.*
Emergente.
Emir, *Entre Turcos, nome de Principe.*
Emmurchecer.
Empa.
Empachar.
Empanda, *Deosa da antiga Gentilidade.*
Empanturrado.
Empelleada, ou Empelleccado.
Empenha do sapato.
Empepinado.
Emperador.
Empigem.
Emporetico.
Emprazar.
Emprestimo.
Emprir.
Empusa, *Especie de Duende.*
Empuxaõ.
Ems, *Rio de Alemanha.*
Ensoço.
Enaõ.
Encabeçar botas.
Encabellado.
Encafurnado.
Encanado.
Encame.
Encarapinhado.
Encarchar.
Encavalgado.
Encelado, *O mayor dos Gigantes da Fabula.*
Encerramento.
Enchelea, *Cidade da Illyria.*
Enchemaõ.
Encher a barriga.
Enchouriçarse, *Verbo chulo.*
Enclaustrarse.
Encornelhado.
Encoroçado.
Encoymar.
Encuberta Ilha.
Endivilha, *Termo da Agricultura.*
Endovellico, *Deos Gentilico, antigamente adorado em Portugal.*
Endros, *Bicho do Nilo.*
Endymiaõ, *Fabuloso pastor de Caria.*
Enervar.
Enfanarse.
Enfadonho.
Enferrujar.
Enfronhado.
Engaddi, *Cidade da Palestina.*
Engalfilharse.
Engeitado.
Engia, *Cidade da Grecia.*
Engilharse.
Engrandecimento.
Engrecer.
Engrovinhado.
Enguirimanço.
Enipeo, *Rio da Thessalia, e da Elida.*
Enna, *Riacho de Sicilia.*
Enlodar.
Enredo.
Enresinar.
Enricar.
Enrulhar.

Ensifero.
Enfoço.
Entalação, ou Entaladura.
Entojo.
Entorramento.
Enrheos, *Adevinhos da Antiguidade.*
Enthymema.
Enthusiasmo.
Entralhar, *Termo de redes.*
Entrar.
Entroncar.
Entrudo.
Envasadura.
Envasilhar.
Enveja, *Deidade adorada dos Antigos.*
Envelhecer.
Envencilhar.
Envenenarse, *Termo do truque de taco.*
Envergar.
Envidilha, e Envidilhar, *Termos da Agricultura.*
Envolvedouro.
Enxame.
Enxaqueca.
Enxaréo, *Peixe.*
Enxertar.
Enxovio.
Enxugo.
Enxurrar.
Eolo, *Deos dos ventos.*
Eoo, *Cavallo do Sol.*
Epapho, *Filho de Jupiter, na Fabula.*
Eperies, *Cidade de Hungria.*
Epheso, *Cidade*
Epifania, *Festa dos Reys Magos.*
Episcopaes, *Sequazes da Religiaõ dominante em Inglaterra.*
Episodio.
Epistola.
Epitome.
Epodon.
Epomea, *Monte.*
Epona, *Fabulosa Deosa dos cavallos.*
Epopeia, *Poema Epico.*
Epopeia, *Bulcaõ.*
Epulones, *Ministros dos Antigos Sacrificios.*
Equipagem.
Equisceto.
Equissimo.

Erasina, *Rio do Peloponeso.*
Erato, *Huma das nove Musas.*
Eremiterio.
Erefichthou, *Homem notavel da Thessalia.*
Ericeira, *Villa da Extremadura.*
Erictheo, *Sexto Rey de Athenas.*
Erictonio, *Quarto Rey dos Athenienses.*
Erigone, *Filha de Icaro, na Fabula.*
Erimanto, *Monte.*
Erinnis, *Huma das furias Infernaes.*
Erivan, *Cidade.*
Ermitorio.
Ermo.
Ermo, *Falto.*
Erope, *Fabulosa filha de Orfeo.*
Error, *Erro.*
Erva do Capitaõ.
Erva do rato.
Erva do vinho.
Erva dos feridos.
Ervagem, *Pano.*
Erzeron, *Cidade da Asia.*
Es naõ es.
Esaco, *Filho de Priamo.*
Esbambalhar.
Esbanjar, ou Esmanjar, *verbos chulos.*
Esborrolhadouro.
Esbraguilhado.
Escabellado, *Casta de uva.*
Escabujar.
Escachapeceguciro.
Escafederse.
Escagalharse, *Termo chulo.*
Escaler.
Escalracho, *Termo da Agricultura.*
Escamel, *Banco de Espadeiro.*
Escançado.
Escancarrar.
Escandecerse.
Escanifrado.
Escano.
Escarafunchar.
Escarapella.
Escarçar.
Escarias, *Termo antiquado.*
Escarmentar.
Escarnador.
Escarotico remedio.
Escarrauchado.

Eſcavadas vinhas.
Eſcaveirado.
Eſchrâxitas, *Seita de Mahometanos.*
Eſclarecer.
Eſclarecidos.
Eſclavonia, *Provincia.*
Eſcitico, *Termo de Medicos.*
Eſcola.
Eſcolar, *Peixe.*
Eſcolares.
Eſcolaſtico.
Eſcomilhas, ou Eſgomilhas.
Eſcopeta.
Eſcopo.
Eſcorchar.
Eſcovilho.
Eſcozer.
Eſcrivaõ.
Eſcroto, *Termo Anatomico.*
Eſcrutinio.
Eſculano, *Nume Gentilico.*
Eſculapio, *Nome celebre na Hiſtoria, e na Fabula.*
Eſcultura.
Esfola vaca.
Esfuziar, *Termo chulo.*
Esfuziote.
Eſganaçaõ.
Eſgaravulhar.
Eſgaravunchar, *Termo chulo.*
Eſgomilhas, ou Eſcomilhas.
Eſgorjar, *Termo chulo.*
Eſguetrarſe, *Termo chulo.*
Eſguiaõ.
Eſi, *Deoſes dos Tyrrhenos.*
Eſis, *Cidade da Umbria.*
Esladroar, *Termo da Agricultura.*
Eslinga, *Cidade de Alemanha.*
Eſmalmado.
Eſmanjar, ou Esbanjar, *Termos chulos.*
Eſmar.
Eſmechar, *verbo chulo.*
Eſmerilhado.
Eſmerilhaõ, *Arma de fogo*
Eſon, *Homem remoçado, ſegundo a Fabula.*
Eſpaço.
Eſpada preta.
Eſpada, *Peixe.*
Eſpada, *Ordem Militar.*
Eſpadana.
Eſpadana de peſcada.
Eſpadano, *Juiz.*
Eſpadarte, *Peixe.*
Eſpalto.
Eſpanhol.
Eſpanholeta.
Eſpanta lobos, *Erva.*
Eſparragaõ.
Eſparrella.
Eſpathario.
Eſpeculador.
Eſperas.
Eſperas, *Moeda.*
Eſpeſſura.
Eſphirena, *Peixe.*
Eſpicho.
Eſpiga, *Ordem Militar da Eſpiga.*
Eſpina cervina, *Cambroens.*
Eſpinal, *Cidade de Lorena.*
Eſpinçar.
Eſpingardada.
Eſpinhela, *Aparador.*
Eſpinhela cahida.
Eſpinicado, *Termo chulo.*
Eſpirado, *Voz eſpirada.*
Eſpirito Santo.
Eſpirracanivetes, *Termo chulo.*
Eſpirradeira.
Eſplendente.
Eſpora, *Ordem Militar da Eſpora.*
Eſpreitança, *Termo antiquado.*
Eſpumante.
Eſpumoſo.
Eſpurio.
Eſquadrar.
Eſſedoens.
Eſſenios, *Seita entre Judeos.*
Eſſek, *Cidade de Eſclavonia.*
Eſſequebe, *Rio da America.*
Eſſex, *Provincia de Inglaterra.*
Eſtada.
Eſtafa, Eſtafador.
Eſtalo.
Eſtamager.
Eſtaos.
Eſtarelado.
Eſtatua.
Eſte, *Cidade de Italia.*
Eſtiba.

Estil, *Medida de terra.*
Estirar.
Esto.
Estofo.
Estogadado.
Estomentar.
Estopagado.
Estopares, *Pregos.*
Estorninho, *Ave.*
Estorvar o anzol.
Estouvado.
Estrabuxar.
Estranhavel.
Estrea.
Estreito.
Estrella boa, ou má.
Estrella, *Ordem Militar da Estrella.*
Estriado, *Termo da Architectura.*
Estro, *Furor Poetico.*
Estromboüco
Estrovo, *Corda.*
Estudioso.
Estuche.
Estuprar.
Esula, *Erva.*
Esurino, *Termo de Medico.*
Etcetera.
Eternidade.
Etesio, *Vento.*
Ethnico.
Ethra, *Fabulosa filha do Oceano.*
Etiqueta.
Etnico.
Eto, *Antigo nome do Nilo.*
Etymologias.
Eu, *Voz de sentimento.*
Evacuaçaõ de gente.
Euangelistas.
Evano.
Eversaõ.
Evesfor.
Evocaçaõ.
Evora, *Bairro de Marrocos.*
Eurialo.
Euro, *Vento.*
Europa, *Fabulosa filha de Agenor.*
Eurydice. *Mulher de Orfeo.*
Eurynomo. *Deos venerado dos Delfos.*
Euterpe, *Huma das nove Musas.*
Examilion, *Muro famoso no Isthmo de Corintho.*
Excommunhaõ, *Especie della na Gentilidade.*
Execraçaõ, *Figura da Rhetorica.*
Excicio, *Ruina.*
Exiguo, *Pequeno.*
Exordial.
Exornar.
Exotico.
Expiaçaõ.
Expiar.
Exprobrar.
Extramural.
Extravagantes.
Exular.
Exultar.

F

FA, *Voz da Musica.*
Fabordaõ, *Termo Musico.*
Face.
Faceira.
Facesinha.
Faença, *Cidade de Italia.*
Factaõ, *Faetonte.*
Falaca, *Castigo que daõ os Turcos.*
Falcaõ.
Falcoada.
Falcla, *Cidade de França.*
Falhar, *Termo do jogo.*
Falhas, *Termo de Mineiro.*
Fallar com mulher.
Fallivel.
Falquera, *No jogo do truque.*
Falua.
Famaco.
Famelico, *Faminto.*
Famigerado.
Fanari-kiosc, *Casa de prazer do Sultaõ.*
Fanfurria.
Fangapena, *Termo do Maranhaõ.*
Fanicos.
Fano, *Cidade de Italia.*
Fantasia, *Peça da viola.*
Faracola.
Farça.
Farda.

Fardo.

Fardo.
Farclorio, *Termo chulo.*
Farfalhada.
Farfanes, *Christãos; mudados para Marrocos.*
Farnento, *Casta de uva.*
Farnesim.
Farregoulo.
Farripas.
Farroubilha.
Fartac, *Cidade da Arabia.*
Fartavelhaco, *Ameixas.*
Fataxa, *Termo chulo.*
Fariota.
Fava de manilha.
Favios, *Na festa do Deos Fauno.*
Favissas, *Covas no Capitolio.*
Favonio, *Vento.*
Favor, *Fabulosa Deidade.*
Fazenda. *Procedimento.*
Fé, Fidelidade, *Deidade Gentilica.*
Fé, ou Fò, *Primeiro Deos da China.*
Febe, *Lua.*
Febra, *Fevera.*
Februa, *Deosa dos Romanos.*
Feutoria.
Februo, *Epitheto de Plutaõ.*
Fedagoso, ou Fedegoso, *Erva.*
Fefe, *Notavel animal da China.*
Feijoens de empigem, *Fruto de huma planta do Brasil.*
Felicidade, *Antiga Deosa dos Gentios.*
Felicitar, *Dar parabens.*
Felipendula, *Erva.*
Felpado.
Fendeleira.
Feraes dias.
Ferentina, *Deosa dos Romanos.*
Feretrio, *Epitheto de Jupiter.*
Ferias dos Amigos.
Fero, *Ilha dos Feros.*
Feronia, *Deosa dos bosques.*
Ferragoulo.
Ferreiro.
Ferreri, *Ilha do Ferro.*
Ferrete, *Cidade de Alemanha.*
Ferro, *Ilha do Ferro.*
Fervedouro.
Fervenças de Avila.
Festa.
Festeiro.
Fevereiro.
Fiambre.
Ficar.
Fidalguia.
Fidelidade, *Ordem Militar.*
Fidio, *Certo Deos dos Romanos.*
Filaça.
Filhadalgo.
Filho do Diabo.
Filipendula, *Erva.*
Filistria.
Fio.
Fireira.
Fiusa.
Flamine.
Flaminica.
Flandrisco, ou Frandisco.
Flato.
Flavia, *Cidade de Hespanha.*
Flaviuhy, *Cidade de França.*
Flavona, *Cidade da Illyria.*
Flexibilidade.
Flor, *Vicio do vinho.*
Floraõ, *Carruagem.*
Floreta, *Termo de dança.*
Floripondio, *Arvore.*
Fluctisonante.
Fluente.
Fochien, *Cidade da China.*
Focinhada.
Fogia, *Cidade de Italia.*
Fogo Grego. Vid. Grego.
Fogo, que se naõ apaga.
Foguete de reposta.
Fogueteiro.
Foikiao, *Seita na Religiaõ dos Japoens.*
Folgança.
Folha do sal.
Folinhi, *Cidade de Italia.*
Folle, *Erguer os folles.*
Fondi, *Cidade de Italia.*
Foning, *Cidade da China.*
Fonterabia.
Fontenai, ou Fontenenè, *Villa de França, memoravel.*
Fonte dos amores, *Em Coimbra.*
Fontinaes, *Festas dos Romanos.*
Forças, *Postura da maõ na viola.*
Forcea, *Termo antiquado.*

Forículo, *Deos dos Romanos para guardar as portas.*
Formaõ.
Formia, *Cidade de Italia.*
Formidando.
Formidoloſo.
Fornaces, *Feſta dos fornos em Roma.*
Fornada de vinho.
Fornice, *Abobeda.*
Forſuras.
Foro corrente, e limitado.
Foro juzgo.
Fortuna, *Adorada como Deoſa.*
Fortunaticos, *Judeos.*
Fraderia
Frades. *Termo de Impreſſor.*
Fradeſco.
Fradinhos feijoens.
Fradinho da maõ furada.
Fragalhos.
Fragmento.
Fragoſo.
Fragrante.
Fraldar.
Fraldido.
Framengo.
Frandulagem.
Franzido.
Fraticellos, *Huns vagabundos de Italia.*
Fraudulento.
Fraxinoto.
Frecias, ou Frielas, *Lugar.*
Fregir.
Freſſureira.
Freramento.
Frey.
Frincho.
Friagem.
Fricaſſé.
Frielas, ou Frecias, *Lugar.*
Frigir, ou fregir.
Frondente.
Fronha, *Portas fronhas.*
Frutar.
Fucamena, *Planta do Braſil.*
Fugaes, *Feſtas dos Romanos.*
Fugalaça, *Termo chulo.*
Fugidiſſo, ou Fugidiço.
Fula.
Fulgurar.
Fulheria.
Fulheiro.
Fulinho, *Cidade de Italia.*
Fulminar.
Fumifero.
Funambulo.
Fundamental, *Titulo.*
Funebres jogos.
Funera, *Pranteadeira.*
Funileiro
Furias, *Deoſas do Inferno.*
Furina, *Deoſa do furor.*
Furtapaſſo.
Fuſtete, *Caſta de pao.*
Fuzada.
Fuzil, *Relampago.*

G

GAbaõ.
Gabaonitas, *Povos da Paleſtina.*
Gadamo.
Gadara, *Cidade da Paleſtina.*
Gafa, e Gafar.
Gaje de ropa.
Gajaſſo, *Cidade do Reyno de Napoles.*
Gaichete, *Corda.*
Gaiſonal.
Gaivota.
Galardaõ.
Galaſſa.
Galathea, *Ninfa, e Deoſa marinha.*
Galatriſte, *Erva.*
Galcato.
Galeotos, *Adevinhos.*
Galga, *Fome.*
Galgaz.
Galharda.
Galhofeiro, *Termo chulo.*
Galilé.
Gallegas uvas.
Gallico, *Humor.*
Gallo.
Gallonado.
Gallos, *Sacerdotes de Cybele.*
Gallucha.
Galocha, *Termo da Agricultura.*
Galochas, *Calçado.*

Gambea, *Reyno de Africa.*
Ganienho.
Gancares, e Gancaria *Termo da India.*
Ganchorra.
Gandares.
Gandra, *Vocabulo da Beira.*
Gandú, *Som na viola.*
Gange, *Rio.*
Ganhadeiro.
Ganinfa.
Ganoga.
Gantas, *Termo da India.*
Ganymedes.
Garabulha, *Embrulhada.*
Garajaõ, ou Gatanjaõ, *Termo chulo.*
Garatusa.
Garçaõ, *Moço.*
Gardingo.
Gargalhada de riso.
Garrear, *Termo de Corrieiro.*
Garrayo.
Garricia.
Garrucha, *Palavra antiquada.*
Garrulo.
Gata, *Engenho de madeira.*
Gata, *Tomar a gata. frase chula.*
Gatazio, *Pregar hum Gatazio.*
Gate.
Gatos do bixo.
Gatuno.
Gatilho.
Gatinara, *Cidade de Italia.*
Gato.
Gatos.
Gatuno.
Gaveta, *Casa pequena.*
Gaviete.
Gauros, *Povos espalhados pela Persia.*
Gayfonas.
Gazia, *Palavra mourisca.*
Geba, *Corcova.*
Gehon-abad, *Cidade do Mogor.*
Gehenna.
Geirar, *Termo de Agricultura.*
Geloens, *Povos da Scythia.*
Gemeos, *Signo do Zodiaco.*
Gemer, *Termo de Agricultura.*
Gemino, *Dobrado.*
Gemma, *Pedra fina.*
Gemmante, *Guarnecido de pedras finas.*
Gemonias dos padecentes em Roma.
Generalissima.
Genitor, *Pay.*
Genitoria.
Gennades, *Mulheres inferiormente casadas.*
Gentil, *Gentio.*
Gentilhomem.
Gentio.
Gerania, *Cidade da Mesia.*
Gerbes, *Ilha de Africa.*
Gerebita, *Palavra do Brasil.*
Gergenti, *Cidade de Sicilia.*
Geriaõ. Vid. Geryaõ infra.
Germinante.
Geryaõ, *Gigante de tres corpos.*
Gheneoa, *Provincia de Africa.*
Ghet, *Carta de repudio.*
Ghiaour, *Termo Turquesco.*
Giga.
Gigante.
Gigeri, *Cidade de Africa.*
Gilboa, *Especie de lagoa.*
Gilgul, *Palavra mysteriosa entre Judeos.*
Gilvaz.
Gimbo.
Gineta, *A Ordem da Gineta.*
Ginete, *Capitaõ de Ginetes.*
Gingi, *Cidade da India.*
Gionullos, *Aventureiros.*
Gior, *Reyno.*
Giracal.
Girante.
Giribanda.
Gis.
Giuf-chen, *Leitor do Alcoraõ.*
Gladiar, *Esgrimir.*
Glasco, *Cidade de Escocia.*
Glascon, *Cidade de Inglaterra.*
Glauco.
Globifero.
Globoso.
Glomerar.
Gobeleins.
Goa.
Goda, *Moeda.*
Godrim.
Goeghi, *Seita de Banianes.*
Goerea, *Ilha.*

Gog,

Gog, e Magog.
Goiame, *Reyno de Africa.*
Golfelhar, *Chocalhar.*
Golfaõ, *Erva.*
Golodices.
Gombeta.
Gomma Jaffa, cdra, Ammoniaca.
Gombetes.
Gorage, *Reyno de Africa.*
Gorstal, *Uva.*
Gordo.
Gorgolejar.
Gorgoly, *Instrumento da India.*
Gornc, *Termo de navio.*
Goro.
Gory, *Cidade da Georgia.*
Gosos, *Homens de negocio, na Moscovia.*
Gota coral.
Govaliar, *Cidade do Mogor.*
Governo, *Villa do Estado de Veneza.*
Govete, *Termo de Carpinteiro.*
Goulães, *Escravos na Persia.*
Goucir.
Goyalvs, *Flor admiravel da Ethiopia.*
Goyava.
Gozaria.
Graça, *Nome.*
Graça principal, *Titulo honorifico.*
Gracia a Dios, *Cidade das Honduras.*
Graceta.
Gracil.
Gracinha.
Graciosidade.
Gracioso, *Casta de uva.*
Graçola, *Termo chulo.*
Graduaçaõ, *Figura da Rhetorica.*
Gradivo, *Epitheto de Marte.*
Grado.
Gradulem, *Cor aviolada.*
Grainha.
Gralha, *Arvore de gralha.*
Gralhada.
Graminco.
Grammatico.
Granada, *Parte da America Meridional.*
Granal fogeiro.
Granates.
Grandulim, *Passaro da Arabia.*
Grangea.
Grangearia.
Granico, *Rio da Asia.*
Granvilla, *Cidade de França.*
Graõ, *Na Escritura.*
Grarificio.
Gravata.
Graúdo.
Gravidar.
Grego fogo.
Grimarico.
Grimpa, levantar grimpa, *Chularia.*
Grifo.
Gris, *Cor.*
Gronho, *Pera.*
Grura de Napoles.
Gruta do leite.
Gruta dos caens.
Guadameci.
Gualid, *Monte de Africa.*
Guarás, *Passaro do Maranhaõ.*
Guardalama.
Guardamato da espingarda.
Guardanapo.
Guardas do Norte.
Guardapuxa, *Anexim chulo.*
Guardaroupa.
Guardiaõ da nao.
Guastar.
Guatimala, *Provincia da America.*
Guaxaca, *Provincia da America.*
Guedre, *Flor.*
Gueo.
Gueonim, *Vocabulo Hebraico.*
Guerande, *Cidade de França.*
Guia.
Guidoens, *Clerigos instituidos em Roma.*
Guinar.
Guinde.
Guirlindao.
Guisa.
Guiso.
Gulistaõ, *Vocabulo Turquesco.*
Gungy.
Guntiperga, *Cidade de Alemanha.*
Gurcigura, *Monte de Africa.*
Gure, *Cidade de Alemanha.*
Gurgutnó, *Vocabulo chulo.*
Gyges, e seu anel.
Gymnicos jogos.

Gyndes, Rio da *Assyria*.
Gynece.
Gyrovagos.

H

HAdaras, *Cortezãos na Arabia*.
Hadepucha.
Hafiei, *Gente, que toma de cor o Alcorão*.
Hagiômaco, *Contrario ao culto dos Santos*.
Hagueuau, *Cidade Imperial*.
Hainaõ, *Ilha do mar da China*.
Hairetitas, *Seita de Mahometanos*.
Halea, *Cognome de Minerva*.
Hales, *Nome de varias Cidades, e de hum rio*.
Halie, *Ninfa marinha*.
Halias, *Festa, que os de Rhodes faziaõ ao Sol*.
Hall, *Cidade Imperial*.
Halonesa, *Ilha do mar Egeo*.
Hamaxa, *Carro*.
Hamaxobios, *Povos da Samarcia*.
Ham len, *Cidade de Alemanha*.
Hammer, *Cidade da Noroega*.
Hanau, *Condado de Alemanha*.
Hanchung, *Cidade da China*.
Hangcheu, *Cidade da China*.
Haoax, *Rio de Africa*.
Harmonia, *Fabulosa filha do mar*.
Harda Vid. Dournha.
Harpias. Vid. Harpyas.
Harpocrates, *Deos do silencio*.
Harpyas.
Hastarios, ou Hastatos, *Termo da antiga milicia Romana*.
Havre de Gracia.
Hebe, *Filha de Jupiter*.
Hecate, *Deosa dos Infernos*.
Hecatombe.
Hecatompolis, *A Ilha de Candia*.
Hecatompyla, *A Cidade de Thebas*.
Hecla, *Monte que lança fogo*.
Hecuba, *Mulher de Priamo, que a Fabula converteo em cadella*.
Heiduques.
Helena, *Filha de Jupiter*.
Helena, *Ilha*.
Helenopoli, *Nome de duas Cidades*.
Helepoli, *Antiga maquina bellica*.
Heliognosticos *Seita de Judeos*.
Hellesponto, *Estreito do mar*.
Helvios, *Povos da Gallia Celtica*.
Hemerologio, *Diario*.
Heniocos, *Povos da Sarmacia*.
Henoticon, *Edital do Emperador Zeno*.
Henrique, *Sua etymologia*.
Hera.
Heracleopoli, *Cidade do Egypto*.
Heracleopolitas, *Reys do Egypto*.
Heraclides, *Os Descendentes de Hercules*.
Herbaceo, *Cousa de ervas*.
Herboso, *Chryo de ervas*.
Hervoso.
Hercules, *Nome, que derão os Antigos a muitos*.
Herdeiro, *Tres castas delles*.
Hermanstein, *Citadella de Alemanha*.
Hermanubis, *Antiga Deidade dos Egypcios*.
Hermatheres, *Certas estatuas*.
Hermeros, *Estatua de Mercurio*.
Hermharpocrates, *Figura de Mercurio, e de Harpocrates*.
Herm-heracles, *Estatua de hum Hercules*.
Hermes, *Sobrenome de Mercurio*.
Hermiones, *Antigos Povos de Alemanha*.
Hermiona, *Fabulosa filha de Marte*.
Heroa, *Heroe*.
Herse, *Filha de Cecrops na Fabula*.
Herta, *Antiga Deosa dos Alemaens*.
Herulos, *Antigos Povos de Alemanha*.
Hervorden, *Cidade Imperial*.
Hesdin, *Cidade dos Paizes Baixos*.
Hesione, *Fabulosa filha de Laomedon*.
Hesitação.
Heso, *O Deos Marte dos Antigos Gallos*.
Hesperides, *Jardim Fabuloso*.
Hesychastes, *Nome de hum Monges*.
Hiacte.
Hiamven, *Forte da China*.
Hida, *Regiaõ da Saxonia*.

Hienia. Vid. *Hyenia mais abaixo.*
Hierapoli. Vid. Jerapoli.
Hierophantes, *Sacerdotes de Athenas.*
Hilarias, *Antigas festas dos Gregos, e Romanos.*
Hilaro-tragedia, *Tragicomedia.*
Hildesteim, *Cidade de Alemanha.*
Hingoa, *Cidade da China.*
Hippobotes, *Nome de hum famoso prado.*
Hippoglosson, *Erva.*
Hippomene, *Competidor, e vencedor de Atalanta no correr.*
Hippona, *Cidade de Africa.*
Hippopodes, *Povos com pés de cavallos.*
Hirpios, *Familias de Italia, que pisavaõ as brazas sem lezaõ.*
Hirundinaria, *Erva.*
Hispano, *Hespanhol.*
Hizrevitas, *Religiosos Mahometanos.*
Hodierno.
Holleriana, *Erva.*
Holmia, *Cidade da Pisidia.*
Holocaustar.
Homophagia.
Homaca.
Honor.
Honorar, *Honrar.*
Honorario, *Donativo.*
Honras, *Titulos, e nomes honorificos.*
Hõrda.
Hordaes, *Festas dos antigos Romanos.*
Horna, *Cidade dos Paizes Baixos.*
Horo, *Filho de Isis.*
Horto.
Hosanná. Vid. mais abaixo Osaná.
Hostia.
Hostil.
Hostilina, *Deosa da Gentilidade.*
Hoya, *Ilha.*
Hudekim, *Duende famoso de Saxonia.*
Hull, *Cidade de Inglaterra.*
Hulst, *Cidade dos Paizes Baixos.*
Humanas letras.
Humente, *Humido.*
Hunos, ou Hunnos, *Povos da antiga Sarmacia.*
Huquang, *Provincia da China.*
Hussardos, *Soldados Hungaros.*
Huy, *Interjeiçaõ.*
Hyale, *Companheira de Diana.*
Hydra.
Hyenia, *Pedra fina.*
Hylas, *Moço amado de Hercules.*
Hyllis, *Peninsula.*
Hylobios, *Antiga Seita de Filosofos.*
Hyperiaõ, *Pay do Sol na Fabula.*
Hypogeo, *Edificio subterraneo.*
Hypospagma, *Termo de Medico.*
Hyppolito, *A sua Fabula.*
Hysopar.

I

JA' vou.
Já, *Moça mudada em violeta.*
Jaba.
Jacaõ, *Fruta.*
Jacareo, *Vaso.*
Jocatai, *Termo do Japaõ.*
Jacco, *Epitheto de Bacco.*
Jaceira cura.
Jackal, *Fera muito daninha.*
Jacinthidas, *Mulheres Fabulosas.*
Jacintho, *Moço celebre na Fabula.*
Jacobeu.
Jaleco, *Vestidura.*
Jamabuxo, *Certa casta de Bonzos no Japaõ.*
Jamboa, *Fruta da India.*
Jamigaõ, *Termo chulo.*
Jam da cruz, *Chularia.*
Jam da cagoneta, *Jogo pueril.*
Jampanaõ.
Jam redondo, e Maria das flores, *Bonifrates.*
Janaca, *Animal de Africa.*
Jancanes, *Uvas.*
Janeiro.
Janella em escritura.
Jangaz.
Janaunes.
Jaustroques.
Jano.
Jantar do Can dos Tartaros.
Janeatadim, *Raiz notavel da Bahia.*
Jao.
Jaocheu, *Cidade da China.*

Japaõ.

Japaõ.
Japara, *Cidade da India.*
Jafet, *Irmaõ de Saturno.*
Jaqueta, *Peixe.*
Jardim de navio.
Jarzana.
Jarreta, bebado, *Termo chulo.*
Jasion, *Filho de Æson.*
Jason, *Hum dos que foraõ à conquista do vellocinho de ouro.*
Jasca, *Principado na Persia.*
Jassi, *Cidade da Moldavia.*
Jarra leptica.
Jauradoura.
Icaria, *Monte da Attica.*
Icaro, *Filho de Dedalo.*
Ichacorvo, embusteiro, *Termo chulo.*
Ichoglans, *Pagens do Turco.*
Iconomaco.
Idiota.
Idoneamente.
Idylio.
Jellala.
Jenolim, *Cor.*
Jesual, *Reyno na India.*
Jesuatos, *Ordem Religiosa.*
Igaruana, *Palavra do Maranhaõ.*
Igbanemixama, *Arvore do Brasil.*
Ignaro.
Igneo.
Ignifero.
Ignizar.
Ignobre.
Ignoto.
Iguaria.
Ishota.
Ilitya, *Deidade falsa invocada no parto.*
Illapsa, *Termo Ascetico.*
Illecebro.
Illuminatorio.
Illustrante.
Imeo. *Famoso monte da Asia, e nome de hum Principe.*
Imbocar. *Termo de pintura.*
Imbuto, *Embebido.*
Imerete, *Reyno na Mingrelia.*
Immanidade.
Immersor.
Immolar.
Immortalmente.

Impingir, *Termo chulo.*
Impio.
Implume.
Impor as mãos.
Improver.
Impudencia, *Deidade Gentilica.*
Impudicamente.
Inabalavel.
Inacabavel.
Incensario.
Incepto.
Incessavel.
Incesto.
Incestuoso.
Incivilidade.
Incomplacencia.
Incompleto.
Inconsequencia.
Iucontestavel.
Incumbencia.
Incurso.
Indecoro.
Indefectivel.
Indefeso.
India.
Individualmente.
Indo, *Rio.*
Inefficacia.
Ineficaz.
Ineluctavel.
Inexplivel.
Infançoa.
Infantal.
Infante, *Menino.*
Infanticidio.
Infectuoso.
Inferno, *Infernal.*
Infernalidade.
Infernar.
Inferno.
Infrequencia.
Infrequente.
Infusa.
Infustamento, *Fedor de vasilhas.*
Ingenuidade.
Iniciado.
Inicial.
Inicio.
Inico.
Ininistar.

Injus

Injuriarse.
Innegavel.
Innocentes.
Innodado.
Inscripto.
Infensivo.
Insepulto.
Insipiente.
Insofrido.
Insoluvel.
Insonte.
Insua.
Insueto.
Insular.
Insulso.
Intemerado.
Interceder.
Interciso.
Interjacente.
Intermedio.
Intimorado.
Intrudo.
Intumecer.
Inverno.
Inviro.
Jo, *Moça mudada em vaca.*
Joannes, *Pór de Joannes.*
Joaõ da Cruz.
Joaõ Lopes, *Raiz.*
Joaõ Paes, *Casta de uva.*
Jocasta, *Moça celebre na Fabula.*
Jogo de livros.
Jogo de carruage.
Jogos.
Jonno.
Jorne.
Jorra.
Jove, *Jupiter.*
Jovenca, *Moça.*
Jouver.
Ipecacuanha, *Planta da America.*
Iphigenia, *Moça fermosissima, sacrificada por seu pay.*
Irenarcha.
Iris, *Mensageiras dos Deos.*
Irra.
Irrecompensavel.
Irreduzivel.
Irremeavel.
Irrisor.
Isabel, *Cor.*
Isis, *Deidade dos Egypcios, com differentes nomes venerada.*
Isites, *Seita de Turcos.*
Isthmios jogos.
Isto.
Ito.
Itys.
Jugar a artilharia.
Juiz do barrete.
Juiz de fóra.
Juliana, *Peixe.*
Jumala, *Idolo dos Povos da Finnonia.*
Juncar.
Jungir, *Ajuntar.*
Junhaõ, *Provincia, e Cidade da China.*
Juno, *Filha de Saturno, sua Fabula.*
Junoaes festas.
Jupiter, *Sua Fabula, e declaraçaõ dos seus epithetos.*
Juramento.
Jurubaça, *Termo da India.*
Jurupanga, *Embarcaçaõ da India.*
Justificar, *Termo de Impressor.*
Juventude, *Mocidade.*
Ixiaõ, *Rey dos Lapithas, sua Fabula.*
Izentidaõ, *Izençaõ.*

K

KAbin, *Especie de matrimonio permittido em Turquia.*
Kachemira, *Cidade, e Reyno da India.*
Kadezadelitas, *Seita de Mahometanos.*
Kalmachitas, *Povos da Tartaria.*
Kan, *Titulo dos Reys Tartaros.*
Kaminiec, *Cidade de Polonia.*
Kanisa, *Cidade de Hungria.*
Kebberes, *Gentios tolerados dos Persas.*
Keblins, *Povos, que naõ sendo Christãos, tem affeiçaõ à Ley de Christo.*
Kent, *Provincia de Inglaterra.*
Kerci, *Cidade da Tartaria.*
Kenling, *Cidade de Inglaterra.*
Kessel, *Cidade da Gueldria.*
Ki, *Vocabulo Persiano.*
Kiblah, *Torre do Templo de Mafoma, na Meca.*
Kiel, *Cidade de Alemanha.*

Kienning, *Cidade da China.*
Kil, *Rio.*
Kilan, *Provincia da Persia.*
Kinsale, *Cidade de Irlanda.*
Kisicos, *Cidade de Natolia.*
Kom, *Cidade da Persia, com notavel Mesquita.*
Konisberga, *Cidade da Prussia.*
Korlum, *Cidade de Polonia.*
Krempe, *Cidade de Holsacia.*
Krems, *Cidade de Austria.*
Kul, *Titulo dos que servem officios na Coroa do Sultaõ.*

L

LAbe, *Labéo.*
Lacaõ.
Lacaya, *Criada de Senhora.*
Lacerna, *Vestidura antiga.*
Laconicamente.
Laconico.
Laconismo.
Lacra, *Lacre.*
Lacrimante.
Lacrimoso.
Lactucina, *Deosa que tinha a presidencia dos frutos da terra.*
Ladraõ jayaõ, ou gayaõ.
Ladreia.
Lagarticha, *Fazer lagarticha.*
Lagenia, *Provincia de Irlanda.*
Laholm, *Cidade de Suecia.*
Lahor, *Cidade da India.*
Laidar, *Termo antiquado.*
Lama ligeira, e lama lavrada.
Lambaz, *Termo chulo.*
Lambelhe os dedos.
Lambisqueiro, *Termo chulo.*
Lamentaçaõ.
Lampadas sepulchraes.
Lampeiro.
Lanada.
Lampinho.
Lançar de mais prova.
Langará.
Langor.
Langotim.
Lanhy, *Cidade de França.*
Lanifero
Lanudo.
Lanuge.
Lao, *Reyno da India.*
Laocoon, *Filho de Priamo, morto por Apollo.*
Lapidar estylo.
Lapuz, *Termo chulo.*
Lar.
Lara, *Huma das tres Harpyas.*
Larada.
Larario, *Especie de Oratorio na Gentilidade.*
Largis, *Pao medicinal da Persia.*
Larico, *Pao do qual sahe hum maná branco salutifero.*
Lasca, *Termo de Pescador.*
Lastrar.
Later, *Verbo.*
Lates.
Laticlavo, *Trage honorifico entre Romanos.*
Latim.
Lavadente.
Lavadura.
Lavadura da mãy dos Deoses, *Festa dos Romanos.*
Lavar.
Laudatorio.
Laverna, *Deosa dos ladroens.*
Laurea.
Laurearse.
Laurentaes festas.
Laurifero.
Laya, laya.
Lazer, *Termo chulo.*
Lazeira.
Lazios, *Povos da Sarmacia.*
Leaõ do mar
Leaotung, *Terra da China*
Leboreiro.
Lebre, *Ordem de Cavalleiros.*
Leça, *Rio.*
Lectisternio, *Ceremonia Gentilica, em tempo de calamidades*
Leda, *Mulher de Tyndaro, querida de Jupiter.*
Legado.
Legatario.
Legatura.

Legoa.
Leipsic, *Cidade de Alemanha.*
Leiria, *Cidade de Portugal.*
Leite.
Leitor.
Leitorado.
Lela, *Palavra Turquesca, que quer dizer Dama.*
Lengon, *Condado do Imperio.*
Lenho, *Baixel.*
Lenir, *Mitigar.*
Lens, ou lans, *Cidade dos Paizes Baixos.*
Léo, *Occasiaõ.*
Lessa, ou Léça, *Rio de Portugal.*
Lestes.
Letal, *Mortal.*
Letalmente.
Leteo.
Letras humanas.
Levadura de gallinha.
Levana, *Deosa das crianças, na Gentilidade.*
Levar, *Termo do jogo da banca.*
Leucate, *Praça de França.*
Leucoia, *Ilha do mar de Toscana.*
Leucotoe, *Filha de Orchamo, enganada por Apollo.*
Lezira.
Lhano.
Liaes, *Passaros da India.*
Liber, *Hum dos epithetos de Bacco.*
Liberalidade, *Deosa venerada dos Romanos.*
Liberdade, *Deidade Gentilica.*
Liberdades da Igreja Gallicana.
Libua.
Liburnia, *Parte do antigo Illyrico.*
Licenciado.
Lichas, *Criado de Hercules.*
Lichi, *Planta singular da China.*
Lidimo ladraõ.
Ligar.
Lima.
Limitado.
Limpha, *Agoa.*
Limphatico, *Aqueo.*
Lingua de cavallo, *Erva.*
Linguada.
Linguetraõ.
Linha, *Insignia.*
Linho canamo.
Lino, *Filho de Apollo.*
Liobato.
Lioz, *Pedra de cantaria.*
Liquidambar, *Especie de oleo, ou resina muito suave.*
Liria.
Lirio, *Ordem Militar do Lirio.*
Lisim, *Veja nas pedreiras.*
Lista.
Lithostrotos, *Lugar calçado de pedras.*
Literato.
Literatura.
Livreiro.
Lixa, *Cidade da Mauritania.*
Lobo, entre lobos, e caõ
Logotheta, *Revedor das contas.*
Lomonda, *Lagoa de Escocia.*
Lona.
Lovana, *Doce da India.*
Louçaõ.
Louceiro, *Lugar.*
Loura.
Lourar.
Loureto, *Ordem Militar.*
Louro, *Arvore.*
Louvar a Deos.
Lua, *O que della dizem os Filosofos, e os Poetas.*
Mea Lua.
Lubentina, *Deosa da Antiguidade.*
Lucera, *Cidade.*
Luconia, *Ilha Filipina.*
Lucifuga.
Lufa, lufa.
Luisiana, *Regiaõ da Nova França.*
Luma, *Palavra do Minh.*
Lumioso.
Lusitanico.
Lutulencio.
Lutulento.
Lutuosa.
Luxar.
Luzeiro.
Ly, *Termo itinerario da China.*
Lycaon, *Tyranno da Arcadia, fulminado por Jupiter.*
Lympha. Vid. supra Limpha.
Lymphatico, *Furioso.*
Lynceo, *Hum dos Argonautas.*

Lynceo,

Lynceo, *Rio da Macedonia.*
Lynco, *Rey mudado em Lynce, segundo a Fabula.*
Lyra, *Constelação.*
Lys, *Ilha do Lys.*
Lys, *Flores de Lys.*

M

MA, *Mulher que criou a Bacco.*
Maara, *Ginta da Palestina.*
Maçãa do leaõ, *Bola, que se cria no bucho de alguns leoens.*
Maçãa do elefante, *Bola, que se cria no bucho do dito animal.*
Maçacote.
Macaco, *Morte macaca.*
Mocacoa, *Termo chulo.*
Macáo, *Cidade.*
Maçamorra, *Biscouto moido.*
Macarronico.
Macaya.
Macazar, *Cidade principal da Ilha do dito nome.*
Maceira.
Machazor, *Livro de oraçoens Hebraicas.*
Maço de Tanoeiro.
Madarosis, *Termo de Medico.*
Madeira, *Ilha.*
Madeixa.
Madrafari.
Madrasteiraõ, *Termo chulo.*
Madre de Deos, *Raiz.*
Madurá, *Ilha, e Reyno da Asia.*
Magellanico Estreito.
Mageltade, *Titulo.*
Magia.
Magistral Conego.
Magnates, *Abbades Magnates.*
Mahometismo, *Ley de Mafoma.*
Mahometo.
Maiada, *Principado.*
Maiena *Cidade de França.*
Majarrona, *Termo de marinhagem.*
Mainaro.
Majunias.
Malaca.
Malagueiro.
Malagueta.
Malamente.
Malas caras, *Termo chulo.*
Malassado.
Malato.
Malaventurado.
Malayos.
Malcosinhado.
Maldiçaõ.
Maldito.
Maleza, *Termo antiquado.*
Malfazejo.
Malicia.
Malio, *Promontorio do Poloponeso.*
Maltrapilho.
Malvado.
Mamado.
Mamao.
Mambre, *Villa da Palestina.*
Mameluco.
Mamertinos, *Povos da Ilha de Samos.*
Mamoco, *Termo do curso da Lua, entre Turcos.*
Mamona, *Pescadinha mamona.*
Mamote, *Termo chulo.*
Mamude, *Moeda.*
Man, *Ilha da Europa.*
Manchas, *Termo da pintura.*
Manchego, *Casta de carro.*
Manchua.
Mancos, *Termo de marinhagem.*
Mandecaros, *Gentios da India, com notavel prerogativa.*
Mancú, *Vocabulo do Brasil.*
Manelo.
Manduca.
Manica.
Mangaz, *Chularia.*
Manicaca, *Termo chulo.*
Mao.
Manicoba, *Vocabulo do Brasil.*
Manifestaçaõ.
Manocis, *Moeda.*
Manoura, *Termo de marinhagem.*
Mansinhos.
Mansila.
Mansionario.
Mantaria.
Mantas de picote, de almafega, de primideiras, &c.

Melcochoado, *Tea.*
Meleagro, *Filho delRey de Calydonia, sua Fabula.*
Melenfolis, *Droga.*
Meles de canas.
Melicertes, *Filho de Athamas, sua Fabula.*
Melindre de honra.
Meliar, ou Melar.
Mello.
Melpomene, *Huma das nove Musas.*
Memel, *Cidade da Prussia.*
Meninha, *Erva.*
Memoria.
Memorial.
Memphites, *Nome dos Reys do Egypto.*
Mena, *Deosa dos menstruos.*
Menades, *Mulheres que celebravaõ as festas de Bacco.*
Mendracula, Mendragora, *Erva.*
Meneo.
Menino.
Mentecato.
Mephitis, *Deosa dos Cloacas.*
Mequinez, *Cidade de Africa.*
Mercova, *Palavra entre os Hebreos mysteriosa.*
Mercenarios.
Mercia, *Terra no Sertaõ de Inglaterra.*
Merencorco.
Merenda dos antigos Romanos.
Meretrical.
Meretricio.
Meri, ou Miri.
Meridiano.
Meriganga, *Pedra artificiosa.*
Meris, *Famosa lagoa do Egypto.*
Merkedonio, *Mez intercalar.*
Merlim.
Mero, *Peixe.*
Merope *Huma das sete filhas de Atlante, sua Fabula.*
Mezes dos Hebreos.
Mesagras, *Termo de marinhagem.*
Metto, *Triste.*
Metalepsis *Figura de Rhetorica.*
Metaplasmo, *Transformaçaõ Oratoria.*
Metaptosis, *Palavra de Medico.*
Mexediço.
Meticuloso, *Timido.*
Meyo.
Mexennfada.
Mexurufada, *Termo chulo.*
Mezieres, *Cidade de França.*
Mi, *Caso oblico de eu.*
Miaco, *Cidade do Japaõ.*
Miagro, *Planta.*
Miagro, *Certo Deos da Gentilidade.*
Miao, *A voz do gato.*
Mialharia. Vid. supra Mealharia.
Micante, *Brilhante.*
Michela.
Michelos, *Termo de marinhagem.*
Micone, *Ilha do mar Egeo.*
Midas, *Rey da Frigia, sua Fabula.*
Migalha.
Miguel, *Adagios deste nome.*
Miguel, *Ordem Militar dos Cavalleiros de S. Miguel.*
Miguel, *Ordem Militar da Ala, ou Aza de S. Miguel.*
Mija *Termo pueril.*
Mijar.
Mijote, *Termo chulo.*
Milaneza.
Milaunos.
Milaõ, *Cidade de Italia.*
Milfolhas, ou mile rama, *Erva.*
Milhomeus, *Raiz contra venenos.*
Miliciar.
Militar.
Milliario dourado, *Columna em Roma, na qual hiaõ dar as principaes estradas de Italia.*
Minas, *Ameaçador.*
Minerva, *As suas imagens, e sacrificios.*
Minervaes festas.
Mingoa
Mingrelia, *Villa da India.*
Minha minha, *Planta de Angola.*
Minos, *Filho de Jupiter, sua Fabula.*
Miquelctes.
Miraculo.
Miramonte, *Villa de França.*
Mirapoes, *Cidade de França, no Languedoc.*
Miri, ou Meri.
Mirrha, ou Myrra, *Filha de Cinyre, Rey de Chypre, sua Fabula.*
Misanthropo.

Mſctar, *Verbo antiquado.*
Milcro.
Miſſa Romana.
Miſſa de Mito.
Miſſa Gallicana.
Miſſa das Heſpanhas.
Mitra.
Mitlanga.
Millo, *Termo de carro.*
Moatazaitas, *Seita de Religioſos Turcos.*
Mocadaõ.
Mocanqueiro, Moquenco, *Termo chulo.*
Mocanquice, *Chularia.*
Mocidade.
Mecnaquim, *Raiz medicinal.*
Modafarxao, *Moeda.*
Modeſtia.
Modulo, *Termo de Architectura.*
Moedas, *Sua antiguidade, e diverſidade.*
Moedeira, *Termo chulo.*
Moega, ou Moeiga.
Mofatra.
Mogory.
Mogi, *Veſtido antigo.*
Mohelia, *Ilha.*
Moiſſac, *Cidade de França.*
Molde.
Moleja.
Molelha,
Moleſto.
Molherengo.
Molinere.
Molle ſabaõ.
Moloc, *Idolo dos Ammonitas.*
Moloſſos, *Povos do Epiro.*
Mona.
Monacato.
Moneta, *Deoſa dos Romanos.*
Mongenebra.
Monguz, *Animalejo.*
Monguz, *Raiz medicinal.*
Mono.
Monodia, *Hum ſolo na Muſica.*
Monogamia.
Monogamo.
Monomaquia.
Montaõ, *Erva.*
Montado, *Chapeo.*
Monte-Gaudio, *Ordem Militar.*
Monte Carmelo, *Ordem Militar.*
Monte Sinai, *Ordem Militar.*
Mouturo.
Mopſo.
Moquenco.
Morado.
Moratoria.
Mordente.
Mordexim.
Morenilho.
Mortaça.
Morraria.
Morrer.
Morte.
Morticinio.
Mortinhos.
Mortuorio.
Moniedro.
Moſaica.
Moſca.
Moſinho.
Moſqueraço.
Moſtarda.
Moſtea.
Moſtrengo.
Movedor.
Mourejar.
Mourilhoens.
Mouriſcas uvas,
Moxicaõ.
Moxinga, *Termo de Angola.*
Mozeta.
Mû.
Mubambo.
Muchindo.
Mudança.
Mudiliar.
Mulciber, *epitheto de Vulcano.*
Mu he mulhe.
Mundo patente, *Solemnidade dos antigos Romanos.*
Mungi.
Muniemugi.
Muphti, *Pontifice dos Turcos.*
Murar o gato.
Murmur.
Muro.
Murtulla, *Palavra antiquada.*

Murrique,

Murzique, *Ilha do mar da Persia.*
Mús.
Muia.
Musaranha, *Peixe.*
Muigo.
Mutilipataõ, *Cidade da India.*
Mubuitas, *Povos de Africa.*
Muto, *Muito.*
Mururutu, *Arvore de Angola.*
Mygdonia, *Parte da Macedonia.*
Mygdonio, *Rio.*
Myriada.
Myrmilloens, *Antigos gladiatores.*
Myrrha.
Myva, *Termo Farmaceutico.*

N

NAçaõ, *Homem de naçaõ.*
Nachaim, *Legume da India.*
Nadacarni.
Nado.
Nafeta, *Dito picante.*
Naique.
Naftias.
Nakšvan, *Cidade da Armenia.*
Namassins.
Namaz, *Termo Turquesco.*
Nana, *Termo pueril.*
Nao, *Ordem Militar da Nao.*
Narden, *Cidade de Hollanda.*
Narva, *Cidade da Livonia.*
Nassib, *Nome, que deraõ os Turcos ao Fado.*
Nata da terra.
Nata, *Cidade da America.*
Natal, *Terra de Natal.*
Natureza.
Naval, *Lençaria.*
Navalhas, *Marisco.*
Nave, *Nao.*
Navegante.
Navegar.
Navem.
Naulo, *Frete.*
Naumachia, *Batalha naval.*
Nauplio, *Filho de Neptuno, sua Fabula.*
Nauro, *Voz Persica.*
Naufferim.
Nauta, *Marinheiro.*
Nazareo.
Nebuloso.
Necrologio.
Negamento, *Negaçaõ.*
Negapataõ, *Cidade da India.*
Negregado.
Negregura.
Negrinhos, *Talhadinhas de açucar.*
Negros brancos.
Nemesis, *Deosa da Justiça, sua Fabula.*
Nemo, *Termo da India.*
Nemoroso, *Cheyo de bosques.*
Nenia. *Canto triste.*
Nephalias, *Sacrificios, e festas de Sobrios na Grecia.*
Neptuno, *Deos do mar, sua Fabula.*
Nereo, *Hum dos Deoses do mar.*
Nesga.
Nestor.
Neso, ou Nesso, *Hum dos Centauros.*
Neso, *Rio.*
Nervobates, *Bolantins, que sobre cordas de nervos bailavaõ.*
Neustat, *Cidade de Alemanha.*
Neustria, *Antiga parte do Reyno de França.*
Niagem.
Nicaria, *Ilha do Archipelago.*
Nicotera.
Nigunde, *Casta de semente.*
Nilo, *Rio do Egypto.*
Nilotico.
Nina.
Ninar, *Acalentar.*
Nina, *Termo chulo.*
Ninguem.
Ninguire, *Chularia.*
Niobe, *Filha de Tantalo, sua Fabula.*
Niso, *Rey de Megara, sua Fabula.*
Nivator, *Passaro da India.*
Nó, *A Ordem dos Cavalleiros do Nó.*
Nobilissimo.
Nobreza.
Nocivamente.
Nocturna, *Planta.*
Nocturno, *Huma das tres partes das Matinas.*
Nodino, *Deos dos nós das espigas.*

Nocuto,

Noduto, *Deos, que presidia nos debulhos do trigo.*
Noia, *Principado do Reyno de Napoles.*
Noira, *Passaro das Ilhas Molucas.*
Noite, *Filha da terra segundo os Poetas.*
Noiva.
Nomes dos Romanos, *Segundo as pessoas.*
Nondina, *Deosa, que presidia na purificaçaõ dos meninos.*
Notabilidade.
Novea.
Novemdial, *Novena.*
Novensiles, *Deoses dos Romanos.*
Novissimamente.
Noz moscada.
Nubifero.
Nudipedaes sacrificios.
Nugaçaõ.
Nugatorio.
Nullo.
Nuncia.
Ninfa.
Ninfeo.

O

OBediencia.
Obediencial.
Objectar.
Obito.
Obliquar.
Obolo.
Obumbrar.
Obrada.
Obryzo.
Observante.
Observatorio.
Occupaçaõ.
Ocha.
Odiana, *Rio.*
Odina, *Deos, que presidia nas batalhas dos Romanos.*
Odô, *Planta.*
Odor, *Cheiro.*
Oedipo, ou Edipo, *Famoso interprete de egnimas.*
Oculatissimo.
Oeta, *Monte.*
Officiar no Altar.
Officiar no Coro.
Offrenda.
Ogaño.
Omniscio.
Ogygia, *Ilha nos mares da Fenicia.*
Olà.
Olé, *Interjeiçaõ admirativa.*
Olho covo, *Fruta,*
Olnica, *Droga.*
Olor.
Oloroso.
Olot, *Cidade.*
Omaó, *Deos dos Persas.*
Ombiasses, *Sacerdotes da Ilha de S. Lourenço.*
Ombreira.
Omras, *Cavalleiros da Corte de Mogor.*
Onda marinheira.
Onde.
Ondeado.
Onusto.
Opalias, *Festas da Deosa Ops.*
Opigena, *Epitheto de Juno.*
Opalo.
Opinar.
Opinavel
Oppressor.
Ops, *Epitheto que os Latinos deraõ à terra.*
Orbivago, *Vagamundo.*
Orco, *Rio da Thessalia.*
Orejones de Castella, *Pecegos passados.*
Orelha.
Orelha de rato, *Erva.*
Orelhudo.
Oro, *Filho de Isis.*
Oroanno.
Orfeo, *Sua Fabula.*
Orfeo, *Adjectivo.*
Ori.
Orix, *Especie de cabra montanheza.*
Oró.
Orraca.
Orthodoxal Dominga.
Ortila, *Droga.*
Osaná.
Oscogophoros, *Festa dos Athenienses.*
Osco, *Encapotado.*
Osculatorio.

Osiris,

Paraclectico.
Parador.
Paraiso.
Parança, *Termo antiquado.*
Paranomasia.
Paranque.
Paranympha.
Paranymphar.
Paranympho.
Parasynagoga.
Paravaz.
Pardelhas, *Peixe.*
Pardo de Madrid.
Parcas de Principes.
Parenteear.
Pargana.
Parilidade.
Parodia.
Parolim, *No jogo da banca.*
Paros.
Parouvelas, *Termo chulo.*
Parpados, *Palpebras.*
Parpotim.
Paravee.
Parreira brava.
Parreira.
Particular.
Partir.
Partula, *Deosa dos Partos.*
Parvulez.
Pascoela.
Pascuate, *Tolo, chularia.*
Pasiphae, *Filha do Sol, sua Fabula.*
Pasmatoria, *Termo chulo.*
Passacalhe, *Som Castelhano.*
Passadeiras.
Passamento.
Passapé.
Passar
Passavolante.
Passional.
Passionario.
Passos de Goa, para a Terra Firme.
Pastinaca, *Peixe.*
Pastophoros, *Sacerdotes do Egypto.*
Pastoral.
Pastura.
Pata.
Pata.hoca.
Patacõ.

Pateiro.
Patel.
Patentear.
Patete, ou Pateta.
Patibulo.
Patinha.
Patinho.
Pato.
Patos, *Indios do Brasil.*
Patranha.
Patrio.
Patrizar.
Pavencia, *Deosa das amas para os meninos.*
Pausa.
Pausagens, *Termo de madeiramento.*
Pauzari, *Pedra de Babilonia.*
Peal da calça.
Peça de viola.
Peça de artilharia.
Pecego.
Pecego de fazenda.
Peco.
Pecuinhas.
Pecunia, *Dinheiro.*
Pecunia, *Deosa.*
Pecureiro.
Pedegallo.
Pedestre.
Pedinchaõ, ou Pedintaõ.
Pedinchar, ou Pedintar.
Peguilho.
Pedra de coroaçaõ.
Pelasgo, *Filho de Jupiter.*
Pelasgos, *Antigos moradores da Grecia.*
Peleo, *Filho de Eaco, sua Fabula.*
Pelias, *Filho de Greteo sua Fabula.*
Pelion. *Monte da Thessalia.*
Peliona, pendencia, *Termo chulo.*
Pelitrapo, ou Pelitraca, *Chularia.*
Pella, *Cidade de Celesyria, e da Palestina.*
Pelops, *Filho de Tantalo, sua Fabula.*
Peloro, ou Peloris, *Promontorio de Sicilia.*
Peloro, *Cavallo celebre dos jogos Circenses.*
Pelotaõ.
Peloteiro.
Penar.

Penasca,

Peneira, ver por peneiras.
Penelope, *Filha de Icaro, mulher de Ulysses.*
Penitero.
Pensar.
Pensionario.
Penca, *Peixe.*
Peonagem.
Pequim, *Cidade da China.*
Pequo.
Perdaõ.
Perenne.
Pericio.
Perigalho de navio.
Perilo.
Peripsema.
Perlincafuses, *Chularia.*
Perlustrar.
Permia, *Principado.*
Pernas de carro.
Pernoctar.
Perperana.
Perpetuar.
Perpetuizado.
Perseo, *Sua Fabula, e sua Historia.*
Persephone, *Proserpina.*
Persico, *Ordem Persica, na architectura.*
Persuasivel.
Pertigal, *Portugal.*
Pertigueiro.
Pescadinha.
Peste.
Pesunhos.
Petintal.
Phaetonte, *Filho do Sol, sua Fabula.*
Phaetusa, *Irmãa de Phaetonte.*
Phalangosis, *Termo de Medico.*
Pharaó, *Nome commum aos Reys do Egypto.*
Phares, *Cidade da Achaia.*
Pharetrar.
Pharisco, *Enxergaõ.*
Phengites, *Pedra durissima.*
Pheniz.
Philadelphia, *Cidade da Lydia.*
Philippinas.
Philistinos, ou Philisteos.
Philoctetes, *Companheiro de Hercules.*
Philomela, *Filha de Pandion, sua Fabula.*
Philosofos, *Suas differenças.*
Phineo, *Filho de Agenor, sua Fabula.*
Phlegias, *Filho de Marte, sua Fabula.*
Phobetor, *Filho do Deos Sono.*
Phorbes, *Capitaõ dos Phelegeos, sua Fabula.*
Phorco, *Filho de Neptuno, sua Fabula.*
Phrixo, *Filho de Athamas, sua Fabula.*
Piaças.
Piante, vadio, *Chularia.*
Piaõ, *Escada de piaõ.*
Piar, *Calças de piar.*
Picaquanha, *Planta cytó.*
Picaria, ou picadeiro.
Picenos, *Antigos Povos de Italia.*
Picentinos, *Povos do Reyno de Napoles.*
Pico, *Filho de Saturno, sua Fabula.*
Picos fragolos.
Picollo, *Antiga Deidade da Prussia.*
Picote, *Picotilho.*
Pictonico, *Termo de Medico.*
Pictos, *Certos Povos do Norte.*
Pido, *Peço.*
Piemonte, *Principado de Italia.*
Piedade, *Provincia de Capuchos.*
Piguilho.
Pila, pila.
Pilades. Vid. Pylades.
Pilaõ.
Pilhante, *Ladraõ.*
Pilheria.
Pinco.
Pinerola, *Cidade do Piemonte.*
Pingar.
Pinheiro, *Arvore.*
Pinhoela.
Pines, *Ilha.*
Pingue.
Pino de ouro.
Pintasilgar.
Piolho, *Peixe.*
Pios, *A Ordem Militar dos Pios.*
Piranga, *Termo chulo.*
Pirithoo, *Filho de Ixiaõ, sua Fabula.*
Pirn, *Cidade da Misnia.*
Pirtigo.
Piscina.
Pisceis.
Pisco.
Pistico.

Pistoia, *Cidade de Italia.*
Pitá.
Pitys, *Moça querida do Deos Pan.*
Placido.
Plana.
Plebeo.
Pleskou, *Provincia de Moscovia.*
Pleura, *Villa dos Grisoens.*
Plutaõ, *Filho de Saturno, sua Fabula.*
Plutus, *Deos das riquezas.*
Po, *Interjeiçaõ.*
Pobrador.
Pobre.
Pobreza.
Podador.
Poder.
Podice.
Poeta.
Poim.
Pojadoiro.
Polemico.
Poliorcetica, *Termo de Architectura militar.*
Polifemo.
Politico, *Nome odioso.*
Politicos versos.
Pollux, *Filho de Jupiter, sua Historia, e sua Fabula.*
Polore.
Polvora.
Polvorosa.
Polyphemo, *Hum dos Cyclopes.*
Ponderativo.
Ponderoso, *Pesado.*
Ponteito de relogio do Sol.
Ponto.
Popina.
Populoso.
Porco espinho.
Pornatico.
Porquete, *Termo de navio.*
Porta.
Portatil da escada.
Portento.
Portentoso.
Portuense.
Posilipo, *Monte amenissimo.*
Positura.
Possega, *Cidade de Esclavonia.*
Posta.
Postica.
Postmeiro.
Postular.
Postvorte, *Deosa Gentilica.*
Postura dos dedos.
Pota.
Potecar.
Pothereo, *Rio da Ilha de Creta.*
Potó.
Pouhatan, *Reyno da America.*
Povo.
Povoa de ervas tenras.
Povoa de Rey.
Povoado.
Pousalousa, *Borboleta.*
Pouso.
Poyo.
Praça.
Prado de Madrid.
Pragas do Egypto.
Pranchas de pinho.
Prancheta, *Instrumento de Cirurgia.*
Prancheta, *Instrumento Mathematico.*
Praxidice, *Deosa de huns Gentios.*
Preceptora.
Precipitoria.
Prefecto do Pretorio.
Prefica, *Pranteadeira.*
Pregaõ.
Pregoens de Lisboa.
Premislao, *Cidade de Polonia.*
Prenda.
Prendarse.
Presbitera.
Presbiterio.
Presenciar.
Pretendente.
Preteriçaõ, ou pretermissaõ.
Preto, *Filho de Abante, sua Historia.*
Pretorianos, *Soldados.*
Prevaricar.
Prevoste. Vid. Proboste. Vid. Prevosto, tomo 6. do Vocabulario.
Prezavel.
Priapo.
Primigenia.
Primiscrinio.
Proboste.
Procedimento.
Processionalmente.

Prociſſaõ da liga.
Prodigalizar.
Prodomios, *Deoſes dos alicerſes.*
Proemial.
Proeto. Vid. Preto.
Projectar.
Prol.
Prolificar.
Prometheo, *Filho de Japet, ſua Hiſtoria, e ſua Fabula.*
Propender.
Propulſar.
Proſeguimento.
Proſerpina, *Filha de Jupiter, ſua Fabula.*
Proteo, *Deos marinho ſua Fabula.*
Protheſis, *Altarinho para as ceremonias da Igreja Grega.*
Protocollo.
Prover a maõ.
Provincias Unidas.
Proviſional.
Proviſionalmente.
Proximo.
Pru, *Palavra antiquada.*
Pruma, *Cidade, e famoſa Abbadia de S. Bento, em Alemanha.*
Pyche, *Seus amores com Cupido.*
Pucaro de agoa, *Comer, que naõ he jantar, nem cea.*
Pudiano, *Peixe do Braſil.*
Pudibundo.
Pueril.
Pugnaz.
Pulha.
Pulo-tymon, *Ilha do mar Indico.*
Pulſado, *Tocado.*
Pulſeiro.
Punçaõ.
Punho punhete, *Jogo.*
Pupillo nas Univerſidades.
Purças, e meyas purças.
Purrio.
Puſſa, *Deoſa dos Chinas.*
Puxado.
Pylades, e Oreſtes.
Pyracmon, *Hum dos tres Cyclopes.*
Pyramo, e Thisbe, *Seus amores, e ſua Fabula.*



Quadrado homem.
Quadrada pedra.
Quadrangulo, *Adjectivo.*
Quadrar.
Quadraſte.
Quadricula, *Inſtrumento Mathematico.*
Quadriga, *Cocheiro.*
Quadruple.
Qual, *Adverbio de duvidar.*
Quantioſo, *Numeroſo.*
Quantos paços come ElRey.
Quarto de Lua.
Quatrim.
Quegiria, *Má vontade.*
Querençoſo.
Queijo, *Raiz do queijo.*
Quicongo, *Pao medicinal.*
Quilmance, *Lugar junto ao rio de Melinde.*
Quiminha, *Planta de Angola.*
Quinario.
Quinqualogo.
Quinquatrios, *Feſtas de Roma, em honra de Pallas.*
Quinrana.
Quiriato, *Arvore do Braſil.*
Quirino, *Sobrenome de Romulo.*
Quiris, *Epitheto da Deoſa Juno.*
Quiſeco, *Pao medicinal do Reyno de Benguela.*
Quirilique, *Termo chulo, e o Q: do Alfabeto.*
Quitumbata, *Erva de Benguela, medicinal.*

R

Rabada de navio.
Rabboth, *Commentarios allegoricos dos Judeos.*
Rabello.
Rabiſſa do arado.
Rabichaõ.
Rabiſcadeira.
Rabiſeco.
Rabo de ovelha.

Rabote, *Instrumento de Carpinteiro.*
Rachadeira, *Engenho de Agricultor.*
Radars, *Guardas de estradas na Persia.*
Rageira.
Rajapntru.
Raio, ou Rayo.
Ramalho.
Rangomela.
Ranhura.
Rapa linguas.
Rapaõ.
Rapapé.
Rapozin.
Rapto.
Rascaõ.
Rasgar.
Rataõ.
Ratinhar.
Rato toupeiro, ou saloyo.
Erva do rato.
Ratoneiro.
Ráuicifono.
Raudal.
Ravendsara, *Arvore da Ilha de S. Lourenço.*
Raxa.
Raxeta.
Razimo, *Cacho.*
Razoavel.
Real branco, *Moeda.*
Realete.
Rebater.
Rebentinha.
Rebimba, *Chularia.*
Rebolaria, *Palavra antiquada.*
Recamera de Trabuco.
Receado, *Receoso.*
Recen-convertido.
Recensear.
Recesso.
Rechaço.
Rechego.
Reciarios, *Antigos Gladiadores.*
Recitado.
Recolheito, *Termo antiquado.*
Recompor.
Reconduzido.
Recontro da lança.
Recrecer.
Recudar, *Palavra antiquada.*
Recudir, *Antiquado.*
Recumbir.
Recurso.
Rediculo, *O Deos que obrigava a voltar.*
Redinha, *Certo pano.*
Redizima.
Redondamente.
Refazerse.
Reduzivel.
Reflexar, *Reflectir.*
Refoucinhado.
Refulgir, *Resplandecer.*
Regalia do sangue.
Regenerado.
Regente de hum Reyno.
Regifugio, *Fugida dos Reys.*
Registro.
Regnicola.
Regrante.
Regraxar, *Termo da pintura.*
Regulaçaõ.
Reguça.
Rei. Vid. Rey.
Rejecto.
Reimaõ.
Reixa.
Relampago.
Relé, *Palavra antiquada.*
Religiosidade.
Relvoso.
Relutar, *Resistir.*
Remancharse.
Remandiola, *Termo chulo.*
Remanente.
Remasse, *Ferro de Espingardeiros.*
Remendar, *Arremendar.*
Remessa.
Re, mi, fá, Sol.
Remissamente.
Remittir.
Remoela.
Rengos finos, e grossos.
Repente.
Repimparse.
Rep naldo, *Pero.*
Replicaçaõ Sacramental.
Repontar.
Reposta, *Foguete de reposta.*
Reportiado.
Repouso da primeira, ou segunda mesa.

Represa.

Represa.
Reproche.
Repulgar.
Repulgo.
Retabio.
Resarcir.
Resentido.
Reservado.
Resfriamento.
Resfolegar.
Resguardo.
Resmonear.
Resmungar.
Resolto.
Resolvido.
Respadilho.
Respaldar.
Respirante.
Responder.
Restabelecer.
Restabelecido.
Restabelecimento.
Reste.
Resuscitar memorias.
Retanchar, *Termo de Agricultura.*
Retel, *Cidade de França.*
Reter.
Retimo, *Cidade da Ilha de Candia.*
Retrincar.
Retiro.
El buco. Retiro.
Retrogradarse.
Retrogrado.
Reveria.
Revisitação.
Revogante.
Revogar.
Revolto.
Reynicola.
Rhadamanto, *Filho de Jupiter.*
Rhamno, *Cidade da Attica.*
Rhamnusia, *Deosa da vingança.*
Rhea, *Deosa Gentilica.*
Rhinoemato.
Riba.
Ribanceira.
Ribete.
Riça.
Rides.
Ridiculo.

Rieti, *Cidade de Italia.*
Riez, *Cidade de França.*
Riigo, *Palavra antiquada.*
Rilhar.
Rilheira.
Rimini, *Cidade de Italia.*
Ripa, *Margem.*
Ripio.
Rirse às paredes, *Chularia.*
Risbordo.
Riva.
Roaz, *Peixe.*
Roca, *Cristal de roca.*
Roca de seixos.
Roca de imagem.
Roca de Amador.
Rocalha.
Rocedaõ, *Termo de Sapateiro.*
Roda de gente.
Roda dos altos coices, *Jogo.*
Rodado chaõ.
Rodar, *Castigar com o supplicio da roda.*
Rodela, *Vasilha.*
Rodelasinha.
Rodilhaõ.
Rodolho.
Rogaçoens, *Ladainhas.*
Rogatoria.
Rompedeira.
Romper, *Começar a pelejar.*
Roncador, *Ralhador.*
Rorifero.
Rosciado.
Roseo.
Rostinho.
Rostir.
Rota de Exercito.
Rota, *Verga.*
Rotundidade.
Rou, rou.
Roupa, *Chegar a roupa ao couro.*
Roupas antigas oa India.
Roupeiro, *Pastor.*
Roupeiro, *Uva.*
Rouxinol.
Roxear.
Ruaõ de sello, e de cofre.
Rubi, ou Rubim.
Rubro, *Vermelho.*
Rudimenta.

Ruge, ruge.
Ruinar.
Ruivaca, *Peixe.*
Rustiqueza.
Rualandia, *Provincia de Inglaterra.*
Rutulos, *Antigos Povos de Italia.*

S

SAbastro.
Sabbatarios.
Sabbatina.
Sabichaõ.
Saboga.
Sabra.
Sacada, *Termo de Enxertador.*
Sacador.
Sacalaõ, *Empuxaõ.*
Sacerdocio.
Sacerdo.
Sado.
Saeta.
Safaria.
Safaro.
Safradeira.
Sagaz.
Sageira, *Termo antiquado.*
Sagú, *Mantimento.*
Sal de agoa viva.
Sal de agoa morta.
Sal alvo.
Sal miudo.
Sal atravez.
Sal de calças.
Salacia, *Ninfa venerada dos Portuguezes.*
Saladina, *Decima.*
Salamandra.
Salamantega.
Salaõ, *Terra má de lavrar.*
Sallia, *Cidade de França.*
Salmear.
Salmonico.
Salon, *Rio de Hespanha.*
Saltarello.
Salvajaria.
Salvajola, *Termo chulo.*
Saludador.
Samachoritis, *Lagoa celebre.*
Samaras, *Seita de Bramanes, na India.*
Sambales, *Ilhotas da Nova Hespanha.*
Samo.
Sanaga, *Nome de hum rio, de hum Reyno, e de hum deserto.*
Sandaraca.
Sandice.
Sandraha.
Sanfonha.
Sanfoninheiro.
Sangrar, *Tirar, diminuir.*
Sangria de pausas.
Sanidade, *Saude.*
Santafolho.
Santeiro.
Santiago, *Ordem Militar de Santiago.*
Santigar, *Termo da Beira.*
Santo, *Adagios de Santos.*
Santola, *Marisco.*
Saõ.
S. Thomé, *Moeda da India.*
Sapateado.
Sapateira.
Sapateras.
Sapato.
Sape, *Erva do Brasil.*
Sape, *Interjeiçaõ.*
Sapuche, *Palavra da India, ou de Angola.*
Saraça, *Panos de Cabo Verde.*
Saramantulos, *Termo de montaria.*
Sarafina, ou Serafina.
Sarao.
Sarcial.
Sardinheira.
Sargeta Imperial.
Sargo, *Peixe.*
Sariça, *Lança.*
Sarracenos.
Saturnio.
Saturno.
Saveiro.
Satyra.
Sazaõ.
Scenitas, *Povos.*
Schenk, *Praça forte de Alemanha.*
Scevophilax.
Sctario.
Schiais, *Seita de Mahometanos.*
Schilling, *Moeda do Norte.*

Schiitas,

Tagarela,

Tagarela, *Termo vulgar.*
Tages, *Neto de Jupiter, sua Fabula.*
Tagico.
Talanre.
Tale, *Sobrinho de Dedalo, sua Fabula.*
Talga, *Ilha do mar de Sala.*
Talha, *Termo de marinhagem.*
Talhador.
Talhar.
Talou.
Talvez.
Tambore-cissa, *Planta.*
Tamboril, *Peixe.*
Tamis.
Tangos maos, *Povoação procedida de gente Portugueza, em Africa.*
Tanadar.
Tantalo, *Filho de Jupiter, sua Fabula.*
O copo de Tantalo.
Taranpantaõ.
Tardaõ, *Detençoso.*
Tardo, *Espirito, que inquieta as casas*
Tarecos.
Tareira, *Peixe do Brasil.*
Tarracada, *Termo chulo.*
Tarrasa, *Peixe.*
Tarrás barrás.
Tarsis, *Terra duvidosa.*
Tarso, *Cidade de Cilicia.*
Tarta, *Lagoa celebre.*
Tartaruga, *Ilha.*
Tatraranha, *Barco.*
Tartaranha, *Palavra chula.*
Tata.
Taribi, Taribi.
Taxila, *Cidade da India.*
Taygete, *Filha de Atlas.*
Tay-phou-thovy, *Famoso Feiticeiro.*
Tete.
Teada.
Teara, *Rio da Thracia.*
Teca, *Pao da India.*
Teca, *Casta de trigo.*
Tednest. *Cidade do Reyno de Marrocos.*
Tegre, *Reyno da Abbassia.*
Teiró, *Má vontade, palavra chula.*
Tela de autos.
Tela frisada.
Tela repastada.
Telchines, *Filhos de Minerva, e do Sol.*
Telepho, *Filho de Hercules.*
Telescopio, *Oculo de ver ao longe.*
Telhaõ.
Telilha.
Tellus, *Deosa da terra.*
Telmessa, *Cidade nos confins da Lycia.*
Telonio.
Tempera velha.
Tempera do carro.
Temperar.
Tempestario.
Tentyritas.
Ter.
Terceira, *Ilha dos Açores.*
Tereo, *Filho de Marte, sua Fabula.*
Terlos, e Terluca.
Termo.
Terolero.
Terpsichore, *Huma das Musas.*
Terra, *Seus differentes nomes.*
Terrantequim.
Terreiros de Paraçaõ, *Termo chulo.*
Tessim, ou Tissú, ou Tisso.
Testiculo.
Testudem.
Tetas, *Termo chulo.*
Tethys, *Filha do Ceo.*
Tetrastico.
Teutates, *Mercurio.*
Thargelias, *Festas dos Athenienses.*
Theeres, *Indios abominados dos mais Indios.*
Themis, *Deosa da Justiça, sua Fabula.*
Theologal Conego.
Theologia Gentilica.
Theophania.
Theristro.
Thermia, *Ilha.*
Theseo, *Filho de hum Rey de Athenas, sua Fabula.*
Thesmophorias, *Festas em honra de Ceres.*
Thesmothetas, *Tribunal de Novemviros.*
Thessalia, *Região da Grecia.*
Thessalonica. *Cidade da Macedonia.*
Thetys, *Mulher do Oceano, sua Fabula.*
Thevanath, *Irmaõ do Deos dos Siamezes.*
Thomea, *Certo sacrificio.*

Tophet,

Tophet, *Certo bairro nos arrabaldes de Jerusalem.*
Thor, ou Thorden, *Deoses dos Lapoens.*
Thorax, *Monte da Lydia.*
Threnos.
Thymnea, *Sacrificio da antiga Gentilidade.*
Tia, e Tio
Tiberanienses, *Povos confinantes com o Ponto Euxino.*
Tiberino. Vid. Tyberino.
Tibet, *Reyno da Tartaria grande.*
Tiensu, *Idolo dos Povos do Tunquin.*
Tijolo de Ourives.
Tilafy.
Tim tim, por tim.
Timaõ.
Timarate, *Huma das velhas, que pronunciava Oraculos.*
Timariotes, *Soldados do Turco.*
Timor, *Ilha.*
Tinha.
Tinta molar.
Tinta da China.
Tinta de Castella.
Tinturcira, *Peixe.*
Tinturciro, *Casta de uvas.*
Tique, taque, *Jogo de tabolas.*
Tira tira.
Tirar
Tirintintim.
Tiritana, *Tecido.*
Tiro de carro.
Tirvella, *Certo tecido.*
Tisica dorsal.
Tisiphone, *Huma das tres Furias.*
Tissu.
Titaresio, *Rio da Thessalia.*
Tithon, *Filho de Laomedon, sua Fabula.*
Titim.
Titio, *Filho de Jupiter, sua Fabula.*
Titubante.
Titulo.
Toado.
Toarda.
Tocar.
Toda.
Togado.
Tolosa, *Cidade.*
Tomador.
Tombado.
Tombo.
Tomento.
Tongres.
Tonkova, *Terra dos Abexins.*
Tonolete da espada.
Topazos, *Ilha do mar Roxo.*
Toparcha.
Toparchia.
Topheth.
Torcedura da barriga.
Torculo.
Torî, *Legume da India.*
Tormenta no mar.
Tornaburgo, *Cidade de Hungria.*
Tornada.
Tornadoura.
Tornar.
Toro do corpo.
Torreira do Sol.
Torrente, *Multidaõ.*
Tortosa, *Cidade de Hespanha.*
Tossigoso.
Tortual.
Torvo.
Toug, *Estandarte do Sultaõ.*
Touta, *Palavra do Minho.*
Toxico, *Veneno.*
Tozar.
Tracto.
Tracto na Missa.
Traciçaõ, *Entrega.*
Traducçaõ, *Figura da Rhetorica.*
Tragedia.
Trago.
Trair.
Trama.
Tramoyas.
Trampaõ.
Tramposo.
Tranar.
Trancarruas, *Termo chulo.*
Trancas, dar às trancas, *Chularia.*
Tranqueira.
Tranquilha.
Tranquillidade.
Tranquillo, *Oleo de tranquillo.*
Transcender.

Transfiguraçaõ.
Transcrever.
Transiçaõ, *Artificio Rhetorico.*
Transito.
Transmarino.
Trapalhada.
Trape zape.
Trapo, *Lingua de trapos.*
Tras.
Traslar.
Trasportar.
Trastejar.
Tratada.
Tratar.
Tratratratra, *Animal da Ilha de S. Lourenço, muito solitario.*
Trav. *Cidade da Dalmacia.*
Travanca, *Embaraço.*
Travancor, *Reyno da India.*
Trave, *Nome de Cometa.*
Traios, *Povos da Thracia.*
Tre.
Trecheo.
Trefege.
Trento, *Cidade de Tirol.*
Trento. *O Concilio de Trento.*
Tremebundo.
Tremalga.
Tremelhicar, *Termo chulo.*
Tremonhado.
Trempe, *Nos noivados do Reyno de Tunquin.*
Trempe, *Postura da maõ na viola.*
Tres Igrejas, *Lugar celebre na Armenia.*
Trespasso, *Dilacaõ.*
Trevoux, *Cidade de França.*
Triaga Brasilica.
Triarios, *Soldados da Milicia Romana.*
Tribalios, *Povos da Mysia.*
Tribraco, *Termo da Poesia Latina.*
Tribola, *Cidade.*
Tribuna.
Tridentino Concilio.
Trifido.
Trindade, *Huma das Ilhas Caraibas.*
Trinque.
Trismegisto.
Tristes.
Tristonho.
Triunfado, *Titulo de Ricos-homens em Portugal.*
Trocas baldrocas, *Termo chulo.*
Troculo, *Engenho de Abridor.*
Trofa, *Palavra da Beira.*
Trolha.
Trom.
Trombaõ, *Abobara tromboa.*
Trombeta, *Trombeteiro.*
Trophonio, *Filho de Apollo, sua Fabula.*
Trossos.
Tropo na Missa.
Trupe, zupe.
Trus.
Tschelminar, *Vestigios de hum notavel edificio na Persia.*
Trucidar, *Matar.*
Truz, *Termo chulo.*
Tuberculo.
Tudela, *Cidade de Navarra.*
Tufo, *Ferramenta.*
Tugir, e mugir, *Verbos chulos.*
Tumente.
Tumultuoso.
Tunchuen, *Cidade da China.*
Tunes, *Reyno de Barbaria.*
Turbante.
Turraõ de amendoas.
Turturino, *Cousa de rola.*
Tute, ter dinheiro a tute.
Tutela, *Tutoria.*
Tutela, *Nome de hum magnifico edificio.*
Tutelar.
Tutia, *Huma das antigas Vestaes.*
Tutilina, *Antiga Deosa da Gentilidade.*
Tyberino. *Cousa de Rio Tybre.*
Typhes, *Hum dos quatro Deoses dos Egypcios.*
Typheo, ou Typhon, *Filho do Tartaro, e da Terra, ou unicamente de Juno, sua Fabula.*
Tyro, *Cidade da Hungria.*

V, *Voz*

V

Virili-

Virilidade.
Viriplaca, *Deosa, que presidia na paz do estado conjugal.*
Virtaes.
Virte.
Visapor, *Reyno da India.*
Visqueira, *Erva do Brasil.*
Vista.
Vitalicio.
Virola.
Vitreo.
Vivo, *Carne viva.*
Ullo.
Ulrimado.
Ulyssea, *Lisboa fundada por Ulysses.*
Umbroso.
Ungaros, *Sua Ordem Militar.*
Unha de asno, *Erva.*
Unhagata, *Erva.*
Unha com carne.
Unhas arriba, e unhas abaixo.
Unida, *Provincias Unidas.*
V ar.
Vodo.
Velo, *Fortaleza.*
Volo, *Golfo da Thessalia.*
Volta de picaria.
Voltear.
Volver.
Volume.
Volumna, e Volumno, *Deoses Gentilicos.*
Voluptade.
Voluta.
Volutina, *Deosa da palha.*
Vontade.
Votos dos Romanos.
Vourondoule, *Ave notavel de Africa.*
Urbanita.
Urdimalas.
Urna.
A urna dos rayos.
Uro, *Casta de boy bravo.*
Urotalt, *Deos dos Arabes.*
Urraca.
Ursa.
Urso.
Usagre.
Ustarros.
Uslebona.
Usteda de festo.
Ustrina.
Usura.
Uterina, *Deosa das mulheres paridas.*
Vulcano, *Deos do fogo, sua Fabula.*
Vulto.
Wolfenbutel, *Praça forte no Ducado de Brunsvic.*

X

XAes, *Moeda.*
Xagua, *Golfo na Ilha da Cuba.*
Xaguare.
Xarel.
Xanthios, *Povos da Asia.*
Xaque.
Xareo, *Peixe.*
Xerophagia.
Ximes.
Xiz garaviz.
Xué, Xué.

Y

YAndon.
Yapu.
Yetim.
Yncas.

Z

ZAbucayo.
Zabumba, *Termo chulo.*
Zafiro, *Pedra fina.*
Zaga, *Arvore de Africa.*
Zagari, *Lençaria.*
Zanal, *Erva.*
Zangano.
Zangarrear.
Zangarriana. *Voz chula.*
Zarpar.
Zas, ou Zaz.
Zayolha, *Termo da Tartaria deserta.*
Zebelina.
Zephyro.
Zetes, *Filho do vento Boreas, sua Fabula.*

Zetho,

Zetho, *Filho de Jupiter.*
Zezere, *Rio.*
Zigue, Zigue.
Zum'zum, *O zunir do mosquito.*

ADVERTENCIA PRECISA.

No paragrafo do tomo primeiro do Vocabulario, que diz *Apparente*, por erro do meu Escrevente em Lisboa, ou do Compositor em Coimbra, falta o que se segue, e está no meu original manuscrito que me ficou.

Apparente. O que existe só na apparencia. *Simulatus, a, um*, Cic. *Ementitus, a, um*, Cic. *Falsus, Fictus, a, um.*

Huma verdadeira gloria, e naõ apparente. *Vera, solidaque gloria, non adumbrata.* Queixase Pompeo, mas naõ se sabe se as suas queixas saõ verdadeiras, ou apparentes. *Pompeus queritur, sed utrum fronte, an mente, dubitatur.* Cic.



SUPPLEMENTO AO VOCABULARIO PORTUGUEZ, E LATINO.

ABA



BADEJO. Vid. tomo 1. do Vocabulario.

Que Abadejos sejaõ as Cantharidas, o diz expressamente Laguna, in Dioscor. lib. 2. cap. 54. pois em Castelhano lhe naõ dá outra significaçaõ; e em Portuguez lhes chama *Moscas de freixo*. Hadriano Junio, insigne Medico de Alemanha no seu livro intitulado *Nomenclator omnium rerum*, lhes dá o mesmo nome; *Cantharis* (diz este Author) *viridis scarabæi genus, luteo auri colore lucens, Hispanicè* Cubillo, Abadejo.

ABALAR. Vid. tomo 1. do Vocabulario. Que se naõ deixou abalar do medo. *Inagitatus terroribus. Seneca.*

ABANA-MOSCA. Vid. tomo 1. do Vocabulario.

Cuidados de Abana-mosca
Naõ deixaõ de ser sadios.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Camsonha de Euterpe, pag. 117.

ABANAR as orelhas. Diz-se dos que naõ vem no que se lhe pede. *Surdum simulare. Obtusæ auris hominem assimulare.*

ABANÍCO. Era hum modo de volta, na opiniaõ de alguns, só permittido às Damas de Palacio; e se compunha de huma tira, da largura de huma maõ travéssa, tomada em prégas; e ella era ou de gaza, ou de volante, o que jà se naõ usa. Tambem lhe chamaõ *Gorja*.

ABARCA. Alcunha que deraõ ao Rey de Navarra Sancho II. por usar de certo genero de calçado. A seu filho, e successor no Reyno, Garcia III. tambem foy dada a mesma alcunha, ou porque elles Principes, quando meninos, foraõ criados com este rustico calçado, ou porque ElRey D. Sancho de Navarra, havendo de passar os Pireneos para ir a soccorrer Pamplona, sitiada entaõ dos Mouros, e como os caminhos estavaõ carregados de neve, deu ordem, que se passassem com abarcas; os nossos rusticos de Tras los Montes lhe chamaõ hoje *Alabarcas*; e he calçado, que consta só de huma sola, e huns bocados de couro cru, atados com huns cordeis, por baixo dos quaes entraõ os pés. Segundo Cobarruvias no seu Thesouro, os Castelhanos tambem chamaõ *Abarca* outro genero de calçado rustico, que por ser de pao concavo, tem figura de *Barca*. Querem alguns, que e *Pero, onis, Masc.*

dos Latinos seja o calçado, chamado *Abarca*, porque no Calepino se acha *Pero, genus calceamenti rustici, ex corio crudo, contra nives*, porem nesta explicação não entrão as circumstancias da sola unica, e dos cordeis. De mais, segundo a interpretação de Budéo, *Perones, tibialia sunt laxa, quibus nostrates rustici utuntur. Sic dicta, (ut arbitror) quòd peræ modo sint informia; peram autem veteres appellabant sacculum, ex aluta, à collo ad lumbos dependente.*

Abaster. Segundo Bocacho, Author Italiano, he o nome de hum dos tres cavallos, que puxaõ pelo carro de Plutaõ; e quer dizer *Preto*: o segundo chamase *Metheo*, que val o mesmo que *Escuro*; o terceiro nome, a saber, *Nonio*, quer dizer *Tepido*, ou *Morno*. Daõ outros a Plutaõ quatro cavallos, a saber, *Alastor*, *Æthon*, *Orphneo*, e *Nicteo*. A moralidade desta Fabula está, em que a cor negra, funebre, e triste, he propria de Plutaõ, tido dos Antigos por Deos das riquezas, porque só com trabalho, e cuidado se adquirem grandes riquezas. *Alastor*, pois que quer dizer *Maleficio*, significa os males, e crimes, que ordinariamente commette o homem, para enriquecer, e daqui procede a vigilancia, e ardor com que se conserva o que se adquirio; e isto se significa no terceiro, chamado *Æthon*, que quer dizer ardente; finalmente o ultimo, que he *Nictêo*, ou *Nocturno*, dá a entender, que esta criminosa occupaçaõ vay a parar em trevas, onde naõ ha innocencia, nem probidade. No liv. 1. *De raptu Proserpinæ* faz Claudiano mençaõ destes quatro cavallos.

Orphnæus *crudele micant*, Æthonque *sagittâ*
Ocyor, & Stigii sublimis gloria Nicteus
Armenti, Ditisque notâ signatus Alastor.

Abatos. He palavra Grega, que quer dizer Innaccessivel. He o nome de huma Ilha do Egypto, no Paul de Memphis, ou Lagoa de Mœris. A esta Ilha deraõ fama o Sepulcrho do Rey Osiris, o linho finissimo, que nella se criava, e as pequenas arvores chamadas *Papyrus*, de cuja casca se faziaõ os memoriaes, ou memorias, e livrinhos, em que os Antigos punhaõ em lembrança o que lhes importava. Fallando nesta Ilha o Poeta Lucano, diz

Hinc Abaton quam nostra vocat veneranda vetustas.
Terra potens. Lib. 10.

ABB

Abbacial. Cousa de Abbade, *Res ad Abbatem pertinens*. Na baixa Latinidade se tem dito *Abbatialis*. (As rendas da mesa Abbacial. Cunha, Arcebispos de Braga, part. 2. fol. 81.)

Abbade Padre, Abbade filho, Abbade avô, e Abbade bisavô. Nas Religioens Benedictina, e Cisterciense, eraõ titulos de mais, ou menos ampla jurisdiçaõ, por analogia aos pays, e geraçaõ temporal. *Abbade Padre* se dizia aquelle, que deu Monges do seu Mosteiro para primeiros fundadores de outro; e *Abbade filho* esse novo Abbade da Casa, que se mandava fundar, e para quantos Mosteiros elle dava Monges, tantos eraõ da sua linha, ou filhaçaõ, e da sua visita, ou paternidade. *Abbade avô* era o Abbade padre desse Abbade padre, assim como no mundo, avós, e bisavôs saõ os pays, que geraraõ os netos. Por este modo hum mesmo Abbade podia ser padre, e filho, a respeito de diversos; *Abbade filho* do Mosteiro, que deu os primeiros Monges para o seu; e *Abbade Padre*, se tambem elle deu Monges dos seus para outra Casa. Desta sorte, em Portugal, o Dom Abbade de Alcobaça, era filho de Claraval, e era Abbade Padre do Mosteiro de Bouro, porque os primeiros Monges brancos de Bouro foraõ de Alcobaça, e o D. Abbade de Claraval era Abbade avô de Bouro, e o de Cister, bisavô pela dita razaõ. Da differente jurisdiçaõ destes Abbades, vide *Alcobaça illustrada de Fr. Manoel dos Santos pag. 26. 27. &c. Titulo 2.*

Abbades Magnates da Religiaõ Cisterciense

terciense, saõ os Abbades da *Abbadia magna*, com territorio proprio, como em Portugal a de S. Joaõ de Tarouca, em que os Abbades exercitaõ a total jurisdiçaõ ordinaria, porque conhecem dos casos de sacrilegio, e matrimonio, daõ demissorias aos seus subditos seculares, poem Vigario geral, e Provisor, com tudo o mais que he da jurisdiçaõ Episcopal. Da mesma sorte os Dons Abbades da Ordem de S. Bernardo nos Mosteiros de S. Christovaõ de Lafoens, de S. Pedro das Aguias, de Santa Maria de Fiaens, e de Santa Maria de Aguiar, tambem saõ *Abbades Magnates*, e exercitaõ em proprios territorios a jurisdiçaõ Episcopal em cheyo, sem dependencia alguma, nem intervençaõ dos Bispos circunvisinhos. Vid. *Alcobaça illustrada, no apparato à Historia*, *pag.* 62. *&c.*

Abbade dos Abbades. Poncio, Abbade Cluniacense se apropriou este titulo no Concilio Romano, convocado anno de 1116. porém pela sua novidade naõ foy approvado este titulo por Joaõ Caetano, Cancellario do Papa, quanto mais que mais propriamente podia pertencer ao Abbade de Monte Cassino, que foy o primeiro Mosteiro onde se observou a Regra de S. Bento. Ao que se accrescenta, que dito Abbade pelos Pontifices, e Emperadores fora chamado Vigario de S. Bento.

He celebre o proverbio, Boa Abbade, Missa à tarde.

ABD

Abdicação. A abdicaçaõ, e voluntaria renuncia das dignidades, he effeito do desengano, e caminho certo para hum honrado descanço. Por esta razaõ se desfez Scipiaõ o mayor da dignidade Consular; Diocleciano, e Maximiliano largaraõ os Diademas, buscando na vida privada aquella tranquillidade, que haviaõ perdido no labyrintho das grandezas do mundo. Considerando Carlos V. que a prospera fortuna lhe hia dando as costas, e que a velhice nunca vem sem companhia, naõ só refreou em si o desejo de conquistar Reynos, mas privouse dos conquistados, à imitaçaõ de Isac Comeno, Emperador de Constantinopla, de Lothario Emperador, filho de Ludovico Pio, de Affonso de Aragaõ, e de Amadeo de Saboya, e renunciou em Filippe seu filho as Coroas, que possuhia, e no sagrado retiro de hum Mosteiro logrou huma taõ felice, como santa vida.

ABI

Abiul. Villa de Portugal, no Bispado de Coimbra. He dos Duques de Aveiro, que nella tem hum Palacio, cujas ruinas saõ vestigios de sua antiga grandeza. Dos milagres, que nesta Villa fez nossa Senhora das Neves, Orago da Igreja Paroquial, vid. Corographia Portug. tom. 3. pag. 227.

ABO

Abotoar. Diz-se da amendoeira, e outras plantas, quando lançaõ a primeira flor. *Gemmare. Cic.* Vid. *Gomo.*

Aboyar. Vid. tom. 1. do Vocabulario. Tambem he usado em significaçaõ activa. Aboyar, puxar para cima da agua. Levantar do fundo para a flor da agua. *Aliquid ad summam aquam erigere*, *aliquid ad summum aquæ*, ou *ad summam aquæ libellam attollere*, vel *provehere.* (Aboyaraõ hum Basilisco, (peça de artelharia) e depois o vieraõ tirar. *Barros, Dec.* 4. *fol.* 244.)

ABR

Abrener. Villa de Armenia, cinco legoas de Naxivan. *Abrener* significa *Campo fertil.* Os moradores desta Villa, e de outras sete circunvisinhas saõ Catholicos Romanos. Seu Bispo, e seus Curas saõ da Ordem de S. Domingos, porque hum Religioso da dita Ordem, natural da Cidade de Bolonha em Italia, foy o que reduzio este povo à obediencia do Papa.

ABS

Abstençaõ. Termo da pratica Forense. A cada passo se acha em actos de falla judiciaria este nome, v. g. Abstençaõ de herança. *Abstentio, onis, Fem.* He usado dos Jurisconsultos.

ABU

Abujaõ. Vid. Avejaõ. (Eis vem a negra *Abujaõ*. Obras Metricas de D. Franc. Man. part. 2. 251.) (*Abujaõ*, eu te esconjuro, que me digas quem es. Ibid. 252.)

Abundoso. Abundante. Vid. no seu lugar.

Hiaõ de ferro, e de cobiça armados
Habitar os seus campos Abundosos.

André da Syl. Masc. Destruiçaõ de Hesp. liv. 3. oit. 25.

Abunhadio. He a obrigaçaõ do Abunhado, e que consta dos livros da Aldea para se reclamar o Abunhado, que fugio para outra.

Abunhado. Termo da India Portugueza, na Provincia do Norte, de que Baçaim he a Capital, he aquelle, que nascendo nas terras de qualquer senhorio, tem obrigaçaõ de ajudar a sua cultura, por meyo de certa porçaõ della, com que o Abunhado se sustenta; saõ castigados como desertores se abandonaõ a Aldea em que nasceraõ, e o Senhor obriga por justiça à restituiçaõ do seu Abunhado, mas naõ o póde vender, nem castigar, e assim naõ os comprehende a vileza do cativeiro. Abunhado he o mesmo que Curumbim.

Aburrarse. Mostrarse muito triste, ou fazerse tolo, e estolido. *Gravem tristitiam, vel asininam simulare stoliditatem.*

Abûtua. Vid. Butua. Vid. Parreira brava.

ACA

Aca, ou Accha. Regiaõ da Numidia, que encerra em si tres Cidades, ou Povoaçoens, a que deraõ principio os povos chamados *Hueles*, quando no reynado do Calif Caim, passaraõ da Arabia para a Africa. Antigamente foy terra muito rica, hoje fica de ruida das guerras, e taõ pobre, que os moradores naõ colhem se naõ tamaras, que elles trocaõ por trigo, que os Arabes lhes trazem de Barbaria. Marmol. liv. 7. cap. 8.

Academiar. Compor com estylo Academico. Frequentar Academias. Obrar Academicamente. Vid. Academia.

Mas porque na Academia
De hoje, todos Academiem
De modo que a nossas almas
Muita doutrina aproveite.

Obras Metricas de D. Franc. Man. Viola de Talia, 213. col. 1.

Açacaya. O lugar dos pomares de Santarem. He nome Arabico.

Acaya, ou Achaya. Antigamente era o nome de toda a Grecia, e chamavase tambem *Hellas*. Hoje Acaya propriamente he huma Provincia do Peloponeso, ou Morea. Suas Cidades saõ Xilocastro, e Patraz, celebrada pelo martyrio do Apostolo Santo André.

Acalcanhar o sapato. Dobrar o talaõ, e enchello de rugas. *Calcei talum obterere. Postrema calceamenti, talo impresso, deprimere, proculcare.*

Acanhoar. Vid. Canhonhear. (Canhoens prompios para *Acanhoar* a Cidade. Gazeta de Lisboa. Tripoli 20. de 1721. pag. 66.)

Acantho. He o nome de hum Principe menino, que se mudou nesta flor, a que chamamos *Herva Gigante*, de cujas folhas tomaraõ os Archite&ctos a idéa para hum dos mais galantes adornos da sua Arte, nos capiteis das columnas da ordem Corinthia. Na terceira Ecloga, versos 44. e 45. Faz Virgilio mençaõ de dous copos, ou taças, que o Artifice ornou com folhas de Acantho.

Et nobis idem Alcimedon duo pocula fecit,
Et molli circumest ansas amplexus Acantho.

Falla Velleio Paterculo em hum triunfo, feito

feito a Cesar, conquistador da Provincia do Ponto, em que se virão muitos destes ornatos. *Acanthus*, *i. Masc.*

Acapulco. Cidade da Nova Hespanha, na America Septentrional. He onde os Castelhanos, que chegaõ à Vera Cruz no Golfo de Mexico, se embarcaõ para passarem às Filippinas, na Asia. Nesta Cidade os mantimentos saõ carissimos, porque he preciso ir buscallos muito longe, e a muita gente, que se ajunta para ter lugar nos navios, que se aparelhaõ para atravessar o grande mar do Sul, os faz ainda mais caros. *Acosta, Relaçaõ da America.*

Acarear. Ganhar com caricias. *Prolectare*, (*o*, *avi*, *actum.*) *Cic.* Vid. Acariciar.

Acarear. Termo de Aucupio, ou caça de aves. He o mesmo que enxotar os passaros brandamente, até os chegar onde possaõ cahir no visco. Querem algũs, que se diga Carcar. *Aves ad ramulos, visco oblitos, blandè abigendo, adducere*, (*duco*, *duxi*, *ductum.*)

Acarnania. Provincia do Epiro, na Grecia, separada de Etolia pelo rio Achelois. Os seus naturaes foraõ taxados de molles, e lascivos; donde veyo o ignominioso adagio. *Porcellus Acarnanius.* Hoje lhe chamaõ *A Carnia*, *e o Despotato.*

Acarnania. Tambem he o nome de huma antiga Cidade de Sicilia, celebre por hum Templo dedicado a Jupiter. Faz Cicero mençaõ desta Cidade. *Orat. in Verrem. Acarnania*, *æ. Fem.*

Acatisto. ou Acatistos. He palavra Grega, derivada do *á* privativo, e do verbo *Catistomai*, sentarse, e val o mesmo que *Privaçaõ de assento.* Era pois o *Acatisto* da Igreja Grega hum Hymno, que o Clero de Constantinopla cantava todos os annos nas Matinas do Sabbado da quinta semana da Quaresma, em memoria do triplicado amparo da Virgem nossa Senhora, a cuja intercessaõ attribuhio aquelle povo o ficar tres vezes livre das incursoens dos Barbaros, e como toda aquella noite se cantavaõ os louvores da Sagrada Virgem em pé, foy a dita solemnidade chamada *Acatistos*, isto he, *Sem assento.* No seu Hierolexicon attribue Domingos Macro a instituiçaõ desta celebridade ao caminho da Virgem com S. Joseph para Belem; porèm querem outros, que do Triodio dos Gregos conste o contrario, e segundo Meursio, foy o *Acatistos* instituido em recordaçaõ da victoria, que no tempo do Emperador Heraclio, os Gregos alcançaraõ do exercito de Chosroas, Rey dos Persas. *Acathistus.*

ACC

Acçaõ na Banca. Escrito, ou bilhete, que dá direito a quem o tem, para cobrar da Banca certa somma de dinheiro.

Accedecan. Nas terras do Idalcan, he huma Dignidade, que responde a Condestable do Reyno. He cargo de taõ alta preeminencia, que quem o tem, naõ entra em casa delRey a fazerlhe a cortezia, ou demonstraçaõ de obsequio, que elles chamaõ *Sumbaya*, senaõ certas vezes no anno, quando estando ElRey assomado a huma varanda, vaõ passando com a maõ direita ao chaõ, e depois pondoas sobre as suas cabeças, em final de que tomaõ a terra de debaixo dos pés delRey. Cada Accedecan sustenta a gente que póde, segundo o rendimento das terras, que lhe daõ, e assim ha Capitaõ destes, que tem mil homens, e outro quatro mil; de sorte, nos Reynos do Decaõ, donde haverá alguns quarenta officiaes de guerra com o titulo de *Accedecan*, haverá alguns quarenta mil homens de cavallo, de ordinario pagos, e a todas as horas, que ElRey quizer porse com elles em campo, o póde fazer. De como o Accedecan, Cuso Larim deu a ElRey de Portugal as terras firmes de Salsete, e Bardes, vid. tom. 4. das Decadas de Diogo de Couto, livro setimo, cap. 6. fol. 132. Vid. *Acadachan* no fim do Vocabulario dos titulos, no 2. tom. deste Supplemento.

Accionario, ou Accionista. Aquelle, que tem bilhetes para cobrar dinheiro da Banca, instituida em alguma parte. (A voz publica de se haver formado hum grande partido contra Monsù Law, tem muy inquietos os Accionistas. Gazeta de Lisboa 21. de Novembro de 1720. pag. 375.) titulo França. A Gazeta diz *Actionario* com *t*, a mim me parece mais certa a Ortografia de *Accionario* com dous *cc*, porque se deriva de *Acçaõ*.

Accorrer. Vid. tom. 1. do Vocab. Accorrer a alguem, correr a ajudar a alguem. (Sem ser *Accorrido* de nenhum. Lopes, Vida del Rey D. Joaõ I. part. 2. cap. 139.)

ACE

Aceitar. Vid. tom. 1. do Vocabul. Aceitar huma herança. *Capere hæreditatem. Cic. Pro Cecinna. Adire hæreditatem. Cic. Pro Archia. Obire hæreditatem. Cic. Pro lege agraria.* O aceitar a herança. *Hereditatis aditio, onis, Fem. Plaut. in Truculent.* 11.

Aceitavel. Cousa que se póde aceitar, cousa digna de ser admittida, *Res, quæ accipi*, ou *admitti potest. Quod acceptum haberi meritò debeat. Quod probari jure possit.* (Propostas, que sejaõ aceitaveis. Gazeta de Lisboa anno 1726. Hollanda, fol. 150. no fim.)

Aceldama. No Hebraico val o mesmo que *Campo do sangue*. Chamouse assim porque foy comprado com os trinta dinheiros, que Judas tornou a dar depois da sua traiçaõ. Chamavaõlhe primeiro, *Campo do Oleiro*, porque delle se tirava barro, com que se fazia louça. Ficava perto do Valle de Topher, ao Meyo Dia do Valle de Josaphat, e do Monte Siaõ, e servia de Cimiterio para os estranhos, e peregrinos, que morriaõ em Jerusalem.

Acem. Vid. mais abaixo Assem.

Acendrado. Vid tom. 1. do Vocab.

A que estas duas fontes
Servindo estaõ de liquidos ribetes
De argentino Acendrado.

Aganipe de Manoel de Faria e Sousa, Eclog. 5. fol. 6. vers.

Acequia. Lugar onde se reprezaõ as aguas. He quasi como Açude.

Acesines. Rio da India, que desemboca no rio Indo. Escreveraõ alguns Authores, que neste rio se criaõ canas de taõ extraordinaria grandeza, que dos nós dellas se faziaõ humas pequenas canoas, sufficientes para gente passallo de huma parte a outra. *Acesines, is. Masc. Plin. lib. 4. cap. 12. Strabo lib. 15.*

ACH

Achacoso. Corpos achacosos. *Corpora obnoxia, orum, Neut. Plur. Plin.*

Achaque. Vid. tom. 1 do Vocabul. Outros adagios do Achaque. Achaques à sesta feira, pela naõ jejuar. Achaque ao odre, que sabe ao pez. Em o Veraõ, por calma, e o Inverno por frio, naõ lhe falta achaque de vinho.

Achar, substantivo. Vid. tom. 1. do Vocabulario. Na 4. parte da Historia da India Oriental, pag. 49 o Author diz, *Zinziber conditur aceto, & tunc* Achar *nominatur*; e na pag 47. o mesmo Author chama ao Achar, *Piper conditum*.

Achaya. Vid. Acaya, supra.

Acharna. Cidade da Comarca de Athenas na Grecia, cujos moradores viviaõ de vender carvaõ, como se colhe do Poeta Aristophanes, que zomba delles na Comedia intitulada *Acharnenses*. Dizem que no termo desta Cidade os Asnos eraõ muito grandes, e os moradores grandes asnos. *J. Spon. na Relaçaõ da sua viagem a Italia, anno de 1675.*

Acharoado. Envernizado com charaõ, ou a modo de charaõ, que he verniz da China. Vid. Charaõ tom. 2. do Vocabulario.

Acherontico. Cousa do rio Acheron. *Acheronticus, a, um.*

Com cobras da Acherontica *lagoa.*

André da Sylva Masc. Destruiçaõ de Hespanha, liv. 2. oit. 81.

Acherusa. Paul, ou Lagoa do Epiro, perto de Heraclea, celebre pela visinhança

nhança da caverna do mesmo nome, a qual (segundo a ficçaõ Poetica) hia dar nos Infernos, e chegaraõ os Poetas a dizer, que por este caminho tirara Hercules ao Caõ Cerbero da prizaõ Infernal. Perto da Cidade de Heliopolis, no Egypto, ha outra Lagoa do mesmo nome. Fallando nas sepulturas dos Egypcios, diz Diodoro Siculo, que estes povos levavaõ os corpos dos defuntos para além da dita lagoa, e que para governar a barca, escolhiaõ para Piloto a hum homem, que na lingua da terra se chamava *Charonte*. No tempo, que esteve no Egypto, destas superstíciosas ceremonias tomou Orpheo occasiaõ para excogitar a Fabula do Barqueiro Charonte; taõ decantada nas obras dos Poetas. *Acherusa, æ. Fem.* Desta Ilha diz Valerio Flacco,

Inde premente Noto tristes Acherusidos oras.

ACHICAR. Na Academia dos Generosos, procurey a intelligencia deste verbo, por ser palavra Portugueza, e usada do Padre Antonio Vieira, que no paragrafo 338. do Sermaõ nono do Rosario; descrevendo o milagroso auxilio da Virgem nossa Senhora no risco de hum naufragio, diz assim, (Assim como tinha cessado a tempestade do vento, assim cessou a da agua, que já rebentava pelas escotilhas. *Achicáraõ* de repente as bombas, o Galeaõ no mesmo tempo ficou estanque, e de alagado, e quasi sepultado, surgio, ou resurgio boyante sobre as ondas.) Neste lugar bem se vè que *Achicar* he palavra Nautica, e de marcagem; mas atégora naõ achey, quem me soubesse declarar o genuino significado della; só acho, que he termo usado no idioma Castelhano, e que val o mesmo que diminuir, e fazer huma cousa mais pequena do que era, porque de *Chico*, que val o mesmo que *Pequeno*, os Castelhanos disseraõ *Achicar*; onde no seu Thesouro diz Cobarruvias, *Achicar, Retaxar una cosa, recogerla, y reduzirla a menor fórma.*

ACHILLEA. Ilha do Ponto Euxino, por outro nome, Leuça, ou Ilha Macaron, Ilha dos Heroes, e Ilha dos Bemaventurados. Alguns a fazem fronteira ao rio Borysthenes, ou ros ao rio Danubio. Foy chamada Achillea, porque foy consagrada a Achilles, e nella se via o sepulchro deste Heroe, que na dita Ilha se despolou com Iphigenia, trazida por Diana. Escreve Philostrato, que os navegantes, aportados nesta Ilha, naõ podiaõ levantar ferro no mesmo dia; mas estavaõ obrigados a passar a noite nos seus navios, aonde Achilles, e Helena os hiaõ buscar, e os recreavaõ cantando versos de Homero. Accrescenta o dito Autor outras notaveis circunstancias; entre outras, diz que os que costeavaõ a praya, ouviaõ huma Musica, que lhes causava juntamente admiraçaõ, e horror, por ser a modo de estrepito de armas, tropel de cavallos, e alaridos de guerra. Maximo de Tyro, e Arriano dizem pouco mais, ou menos o mesmo. Ha opiniaõ, que nesta Ilha fez Achilles o milagre, do qual Tertulliano faz mençaõ, e affirma Philostrato, que as Amazonas querendo saquear o Templo de Achilles, foraõ despedaçadas, e devoradas dos seus cavallos. *Plin. lib. 4. cap. 33. Tertullian. de libro animæ, cap. 46. Philostrat. Heroic. in Neoptol.* No Apparato Novo Poetico, verbo *Achillea*, acho que na dita Ilha nunca appareceo ave alguma *Achillea, æ, Fem.* ou *Tellus Achillea*, pois diz Ovidio, *Nudus Achilleâ destituaris humo.*

Achillea tambem he o nome de huma fonte, no territorio de Mileto, cuja agua no seu nascimento era salgada, e no seu curso, repartida em ribeiros, doce. Deuselhe este nome por se lavar nella *Achilles*, depois de desbaratar a Stambelo, filho de Talamon, que levava soccorro aos Lesbios. Desta agua maravilhosa fizera mençaõ Aristobulo, filho de Cassando, como consta do livro 2. de Atheneo, cap. 2.

ACHOR. Valle na primeira parte da Tribu de Benjamin, que corre até o rio Jordaõ.

ACHRADINA. He o antigo nome de hum

hum bairro da Cidade de Syracusa. Era cercado de fontes muros., e ornado de Templos magnificos, e bellos Palacios. No sexto dos seus arrezoados contra Verres faz Cicero huma elegante descripçaõ de Achradina. Vid. *Tit. Liv. lib.* 4. c. *Leandro Alberti na sua descripçaõ de Italia parte* 2. *pag.* 58.

ACHREDA, ou Achrida, Cidade de Macedonia, e patria do Emperador Justiniano, que com prejuizo de Thessalonica, a fez Metropoli de algumas Provincias. De duzentos annos a esta parte, está debaixo do dominio do Turco, e na sua lingua chamase *Giustandil.*

ACI

ACI, ou Acis. Rio da Ilha de Sicilia. Tem seu nascimento perto da boca do Cantara. Hoje chamaõlhe *Freddo*, e segundo os modernos, corre pelo valle de Demona, e metese no mar, entre Catania, e Taormina. Fingiraõ os Poetas que Acis era hum moço, que foy mudado neste rio. *Ovid. lib.* 3. *Metamorph.*

ACIDALIA. Epitheto, que os Gregos, e depois os Latinos, deraõ a Venus, porque dá cuidados, que no Grego se chamaõ *Axidas*; ou porque ao dito Nume, em Orchomene, na Beocia, lhe fora consagrada a fonte, chamada Acidalia, na qual dizem os Poetas, que se banhavaõ as Graças, filhas de Venus. Por isso chama Virgilio a Venus *Mater Acidalia.*

——————— *At memor ille.*
Matris Acidaliæ.
Æneid. 1. vers. 724.

ACL

ACLARAR. Termo militar. Estar com a Praça aclarada, he estar sem nota, ou baixa no seu assento, ou lista, cobrando soldo, como Soldado vivo. *Stipendia mereri.* (Longuinhos sem vista, e com a praça *Aclarada.* Vieira tom. 1. 682.

ACO

ACOÇARSE, ou Acossarse com alguem. Andar tanto como o companheiro. He de Agostinho Barbosa no seu Diccionario. Naõ posso Acossar comigo, ou andar tanto, como tu andas. *Non possum te gressu*, ou *incessu æquare.*

ACOCORARSE. Porse de cocoras. Vid. Cocoras.

ACOEMETES. He palavra Grega, composta do *A* privativo, e do verbo *Coimaomai*, que val o mesmo, que *Estou deitado para dormir*, ou segundo Joaõ Scapula no seu Lexicon, *Estou dormindo*; e assim, *Acoemetes* vem a ser o mesmo que *Desvelado, e sem dormir.* Deuse este nome a huns Religiosos, cuja Congregaçaõ foy fundada em Constantinopla, anno de 459. Sendo Gennadio Bispo da dita Cidade, porque de dia, e de noite se occupavaõ em cantar os louvores de Deos; porém naõ todos juntos continuamente, e sem interrupçaõ, de maneira, que naõ descançassem successivamente (como alguns erradamente imaginaraõ) porque como se achavaõ em hum so Convento alguns trezentos, quatrocentos, e algumas vezes quinhentos, eraõ divididos em tres classes, ou coros, e revezandose por turnos, acudia cada hum a seu tempo prescrito, e hora determinada. Desde a primeira instituiçaõ das Ordens Religiosas, foy este costume observado na Igreja Romana, e ainda que o nome *Acoemetes* seja Grego poderá ser que a origem delle *Laus perenne* naõ seja invento da Igreja Grega. Nicephoro Callixto dá por instituidor desta perpetua reza a S. Marcello, Abbade de Apamia, outros o attribuem ao Abbade Alexandre, do qual foy S. Marcello successor nesta dignidade: e que florecia nos annos de 420. *Du Cange no seu Glossario mediæ, & infimæ Latinitatis.*

ACOLYTO. Primeiro que aos Ministros inferiores da Igreja, deraõ os Gregos este nome ás pessoas, que por nenhum caso mudavaõ de parecer; propieda-

priedade Estoica, e por isso se dava este titulo aos Estoicos, gente taõ tenaz da sua opiniaõ, que para elles o desistir della era ignominia.

Acometer. Vid. tom. I. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Acometer.

Acometer, para vencer. Acometa, quem quizer, que o Forte espera. Quem sempre olha o derradeiro, nunca acomete bom feito. De roim a roim, quem acomete, vence.

Acordados. Termo dos Portuguezes na India. Gancares acordados, saõ os que se achaõ presentes aos Actos das Gancarias, e mandaõ dar Nemos, e fazer assentos do que se obra nellas.

Acote. Adverbio. Todos os dias. A uso. Trazer hum vestido acote, trazello todos os dias, usar sempre delle. *Eâdem veste uti quotidie.*

AÇO

Açorado. Summamente desejoso, tomada a metafora do impeto, e ardor, com que o açor persegue a caça para afferrar nella. Vid. Desejar. Vid. Desejo.

Assim vay em cruezas Açorado
Que quando já seu curso toma porto
Tomar naõ póde algum seu peito irado.
Manoel de Far. Fonte de Agan. liv. 1. Centur. 5. Soneto 68.

Açougue. He manha do Açougue, quem mal falla, peor ouve.

Açoute de Deos. Atila Rey dos Hunnos, tomou este terrivel titulo, quando com setecentos mil homens hia destruindo o mundo. Chegou a investir Roma, sahiolhe ao encontro o Papa S. Leaõ Magno, e fallandolhe com Divina energia, o obrigou a desistir da empreza, e retirarse de Italia. He verdade, que confessou o Tyranno, que ao lado do Pontifice vira dous homens venerandos, que o ameaçavaõ com espadas. Piamente se crê, que eraõ S. Pedro, e S. Paulo. *Ilhes. Histor. Pontific. p. 1.*

ACR

Acrate. He o nome, que os Athenienses davaõ ao Genio das Bacchantes, ou Sacerdotizas de Bacco, naõ se lhe enxergava senaõ a boca, que sahia da parede do Templo. *Pausanias lib. 1.* A ridicula apparencia deste Genio, ou Demonio das Bacchantes, he demonstraçaõ de huma verdade, que os proprios Gentios ignoravaõ, a saber, que os gulosos, e glotoens, naõ tem outro Deos que a sua boca, e barriga.

Acrêscimo. Acrescentamento. *Accretio, onis. Fem. Accessio, onis. Fem. Cic.* Com demandas, e trapaças teve a vossa casa grandes acrescimos *Patrimonium tibi litibus accrevit. Sallust.* Vid. Acrescer Os acrescimos das Commendas saõ delRey.

ADA

Adad. He o nome, que os Assyrios deraõ ao Deos que elles adoravaõ, e no seu idioma significava. *Hum.* Deraõlhe por mulher a Deosa *Adargatis.* Pelo primeiro denotavaõ o Sol, e pelo segundo a Terra, entendendo que estes dous eraõ os principios de tudo. O Idolo *Adad* era representado com huma coroa de luzes inclinadas para baixo, e *Adargatis* era cercada de rayos, que olhavaõ para cima. Com isto queriaõ dar a entender, que tudo o que na terra se cria, deve olhar para o Ceo em demonstraçaõ de agradecimento ao Sol, cujas influencias saõ a causa productiva de tudo. Provavel he, que os Assyrios tiveraõ á Adad, Rey da Syria, tanto respeito, e veneraçaõ pelo seu grande valor, e outras virtudes Reaes, que depois de morto, o aggregaraõ ao numero das suas Deidades, segundo o costume daquelle tempo. Seldeno, e outro Douto, tem observado, que a palavra *Adad*, ou *Adod* naõ póde significar *Hum*; de sorte que he necessario que nisto se tenha equivocado Macrobio, confundindo *Adad* com *Chad*, que significa *Hum*, ou que este erro foy dos amanuen-

amanuenses. Tambem pertendem, que o *Adad*, que na Syria era adorado, era muito mais antigo que o predecessor de *Azael*, se he verdade, que *Sanchoniathon*, que fez menção delle, e que se suppoem contemporeo de Josué, não he Author supposto. Veja o leitor a *Selden. de Diis Syris cap. 6. Synt. 1.*

Adao. Termo dos Portuguezes na India. Saõ as contas geraes do proveito liquido, que fica aos Gancares, pagos os foros, contribuiçoens Reaes, e mais despezas, e he o que se reparte.

ADD

Addicto. He palavra Latina, de *Addictus, a, um*, que val o mesmo que inclinado, ou empenhado em servir a alguem, amigo, e zeloso das suas conveniencias. Addicto a alguem. *Alicui addictus, a, um. Cic.* (A que o dito Santo era menos *Addicto*. Chronica do Condestable Nuno Pereira.)

ADE

Adel. Reyno de Africa, entre a Abassia, o Estreito de Rabel Mandel, e o mar Oriental. Tem huma Cidade, e hum rio do mesmo nome. As mais Cidades saõ Arar, Barbara, Zeila, &c. todas Praças de grande commercio. He senhoreado de hum Rey Mahometano, grande inimigo dos Christãos. Querem alguns Geographos modernos, que seja o Azania de Ptolomeo.

Adem. Ave, que anda muito, e cujo nome Portuguez parece derivado de *Andem*. No livro 10. cap. 1. de *Anseribus*, diz Plinio, *Mirum in hoc alite à Morinis, usque Romam pedibus venire.* Morinos saõ huns povos de Flandes, que confinaõ com o mar Britannico. Antigos Escritores fazem mençaõ de certa mulher, companheira de huns Peregrinos, que hiaõ a Jerusalem, acabou a romaria com sua Adem, que nunca a largou, e sempre foy diante atè o termo da jornada. *Lexicon Hafmanni, verbo Morini.*

Ademanes, he tomado do Castelhano *Ademan*, que (segundo Cobarrubias) se compoem de *Mau*, ou *Mano*, porque com seu movimento exprime a maõ os affectos dalma, e o desejo, ou repugnancia da vontade. Se supplicamos, ajuntamos as mãos; se ameaçamos, serramos o punho; se chamamos, movemos a maõ para o peito; se despedimos, alargamos a maõ para fóra; se naõ queremos receber, recolhemos, e escondemos as mãos. Tambem por Odemanes, ou Ademanes entendemos às vezes certos movimentos do corpo. Vid. Gestos. Vid. Tregeitos. Vid. Acçoens.

E veyo ella rebulindo
Com tregeitos, e Ademaens.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ pag. 109.

Adenoso. Palavra Medica, derivada do Grego *Adon*, genitivo *Adenos*, que he *Glandula*. Segundo Aphrodizio no Problema 12. liv. 2. as carnes adenosas saõ corpos fofos, esponjosos, e redondos entre as mayores veas, e arterias, por naõ apodrecerem do continuo contacto, e perpetua adherencia; quando endurecem, degeneraõ em alporcas; criaõ-se particularmente no pescoço, no sobaco, e nas virilhas (Limphas retendas nas glandulas salivaes, e partes *Adenosas* do pescoço. Observaç. de Curvo, pag. 215.)

Adepucha. Vid. Ha depucha.

Ader, ou Eder, no idioma Hebraico quer dizer, *Torre do gado*. Na Palestina, em distancia de Belem o espaço de huma milha, edificou o Patriarca Jacob esta Torre, para descobrir o como se haviaõ os pastores do gado, que elle mandara vir para este lugar. Dizem, que neste campo annunciara o Anjo aos Pastores o Nascimento do Redemptor do mundo, e huma legiaõ de Celestes Espiritos cantaraõ o *Gloria in excelsis. Doubdan, viagem da Terra Santa.*

Ades. Derivase do Hebraico *Aid*, que quer dizer, *Morte*, *Desgraça*. Deraõ este nome a hum antigo Rey do Epiro, que depois foy feito Deos dos Infernos. No Epiro, onde reinava, occupavase em descu-

desenterrar metaes, e co no nesta obra morria muita gente, chamaraõlhe *Ades*, e com este titulo se foy reconhecendo por Deos dos mortos, e das riquezas. Os que trabalhavaõ nas minas, tinhaõ aberto nos montes cavernas subterraneas taõ profundas, e em taõ grande numero, que podiaõ fazer vida nellas, e communicar huns com outros; e estes montes abertos em abobadas foraõ chamados *Harchalcul*, isto he, *Montes ocos*. Dizem que no mais intimo destas covas havia hum Oraculo, ao qual levavaõ aquelles, que o vinhaõ consultar, recebendo primeiro os mantimentos de que necessitavaõ. Os Sacerdotes do dito Oraculo nunca sahiaõ de dia das suas cavernas, e parece que por esta razaõ, delles disse Homero, *Que nunca o Sol os via*. Tambem he a razaõ, porque os moradores desta escura regiaõ foraõ chamados *Cimmerios*, que quer dizer *Negros*.

ADI

Adiá. No Reyno de Bengalla he o nome dos presentes, e offertas, que se fazem ao Rey. Por costume muy antigo se guarda neste caso esta ordem. Tanto que algum presente he levado ante El-Rey, elle o manda avaliar pelos preços da terra, e pelos mesmos preços se paga às partes. De maneira, que qualquer presente ante este Principe, he huma commutaçaõ de huma cousa por outra, e mais se contenta ElRey de lhe ser appresentado por este o melhor, que cada hum leva, que serlhe dado de graça, por as partes naõ esconderem o bom, para o vender a outrem, e com terem por certo que lho ha ElRey de pagar, naõ tem receyo de o appresentarem. (Como o presente, que em aquelle Reyno chamaõ *Adiá*. Barros, Decada 4. fol. 565.)

Adjacencia. Visinhança de Costas, e ilhas adjacentes. Vid. Adjacente, tom. 1. do Vocabulario. (Distantes da costa, que lhe naõ pertencem por *Adjacencia*. Barros, Dec. 7. fol. 47. col. 37.

Adiçaõ. Termo Forense. He tomado do Latim *Aditio, onis*, *Fem.* que val o mesmo, que o ir ter com alguem. Adiçaõ de herança, he o mesmo que entrar na herança, ou tomar posse da herança. A cada passo se acha este termo nos arrezoados dos melhores Advogados desta Corte. *Aditio hæreditatis. Theophilus author est, quod hæreditatem acquirere in extraneo dicatur* Aditio, *in necessariis*, Immistio.

Adir. Termo Forense. He palavra Latina do verbo *Adire*, ir ter com alguem. Adir a herança, he tomar posse da herança. *Hereditatem adire (deo, divi, ditum.)* Neste sentido diz Cicero em varios lugares, *Cernere hæreditatem*; e he de advertir, que quando a herança he da nossa propria casa, e naõ de outra, naõ dizem os Jurisconsultos *Adire hæreditatem*, *Immisceri hæreditati*, *non enim adveniunt aliunde*, *sed sunt in propria familia*.

ADM

Admiraçaõ. Suspensaõ do animo, e attenta consideraçaõ do objecto, novo, raro, e nunca dantes visto. Quando se diz, que a admiraçaõ he filha da ignorancia, isto se entende das obras dos homens, cuja causa se ignora, mas as obras de Deos quanto mais se conhecem, mais se admiraõ. *Admiratio, onis*, *Fem. Miratio*, se acha em hum lugar de Cicero, no livro 2. *de Divinatione*.

Admiraçaõ grande. *Admiratio maxima*, *summa*, *multa*.

Admiraçaõ taõ evidente, que se naõ póde dissimular. *Admiratio perspicua. Cic.*

Enlevado na admiraçaõ. *Mirabundus*, *a*, *um*. *Tit. Liv. lib. 5. Belli Punici*.

Pasmado de admiraçaõ. *Admiratione stupefactus*, *a*, *um*. *Cic.*

Homem digno de admiraçaõ. *Vir admirandus*, *mirus*, *suspiciendus*.

Cousa digna de admiraçaõ. *Miraculum*, *i*. *Neut. Res stupenda*; *Res mira*. Isto he huma admiraçaõ. *Mira res est ista*. Isto me naõ parece cousa digna de admiraçaõ. *Non habet meo judicio admirationem*

tionem res ista. Illud meâ quidem sententiâ minime mirum cuiquam videri debet.

Tambem nos animaes, que vivem na agua, algumas cousas ha dignas de admiraçaõ. *Est admiratio nonnulla in bestiis aquatilibus. Cic.*

A virtude causa admiraçaõ. *Virtus admirationem movet. Admirabilitatem facit. Cic. Admirationem habet. Cic. Virtus suspicitur, admirabilis est. Virtus admiranda est, Hortens.*

Cesse a nossa admiraçaõ. *Mirari desinamus.*

A sua eloquencia me causa admiraçaõ. *Ejus eloquentia me admiratione afficit. Me totum ad se rapit. Admiror in eo eloquentiam. Admiror illum in eloquentia.*

Que na mais tenra idade sejais o objecto da sua admiraçaõ. *Primis & te miretur ab annis. Virgil.*

A ignorancia he māy da admiraçaõ. *Causarum ignoratio in re novâ admirationem facit. Cic.*

Tem grangeado naõ só a approvaçaõ, mas a admiraçaõ, e os applausos de todos. *Non approbationes modo, sed admirationem, & plausus movit. Cic.*

Quer que o discurso seja muito grave, para com elle causar admiraçaõ aos ouvintes. *Plenam orationem vult esse gravitatis, ut eos, qui audient ad majorem admirationem possit traducere. Cic.*

Estar vendo, e considerando huma cousa com admiraçaõ. *Rem aliquam attento animo, cum admiratione excipere.*

Admiraçaõ. Termo da Orthographia. Vid. Admirativo. (Os finaes da boa intelligencia da oraçaõ, saõ dezasete, a saber, Apostrofo, coma, &c. interrogaçaõ, *Admiraçaõ*. Barretto, Orthograph. Portug. pag. 229.

Admirado. Ser admirado de alguem. *Suspici ab aliquo. Cic. Movere admirationem alicui. Cic. Habere alicujus admirationem. Cic.*

A sua virtude foy admirada. *Admiratione affecta est hominis virtus. Cic.*

Foy admirado muito tempo. *Admirationem diu obtinuit. Plin. Hist.*

Vós mesmo de vós ficareis admirado. *Tu temet mirabere. Terent.*

Isto deve ser admirado de todos. *Hæc res admirabilitatem omnium facit. Cic.*

O que foy admirado do povo. *Quæ popularem admirationem habuerunt. Cic.*

Ser admirado pela bizarria do vestido, he cousa vergonhosa. *Turpe est propter venustatem vestimentorum admirari. Canut. apud Priscillian.* Só este Author muito antigo tem usado de *Admirari* em significaçaõ passiva.

Admirador. Aquelle, que admira. *Admirator, oris, Masc. Quintil. Mirator, oris, Propert.* Admirador de alguma cousa. *Admiratus aliquid. Cic. Admirans aliquid. Cic.*

Apaixonado admirador da antiguidade. *Admirator nimius antiquitatis. Quintil.*

Admiradora. A mulher que admira. *Miratrix, icis. Fem. Seneca Traged.*

Admirante. Admirador. Vid. no seu lugar. (Suspirarey, e gemerey no Sermaõ o foro de Beata, porque o officio de *Admirante* me arrebataraõ ha dias os discretos. Cartas de D. Franc. Man. pag. 96.)

Admirar. He ver com suspensaõ dos olhos d'alma; que a admiraçaõ naõ está nos olhos do corpo, mas no pensamento, e na consideraçaõ, e tacita estimaçaõ da novidade do objecto. Homem que se não admira de nada, he mais besta, que homem, porque o homem, como racional deseja conhecer a verdade, e em quanto naõ conhece a razaõ do que se lhe offerece ao sentido, suspende o juizo, e admira. *Mirari*, ou *admirari*, ou *demirari*, ou *suscipere aliquid*. Cicero em varios lugares.

Admirar muito o engenho de alguem. *Vehementer admirari ingenium alicujus. Cic.*

O que não tenho admirado. *Quæ minimè mihi admiranda acciderunt. Cic.*

Outra cousa ha, que admirar nas aves, de que se observa o canto para os agouros. *Alia admiratio est circa oscines. Plin. Hist.*

Eu o admirava ouvindo dizer tantas cousas delle. *Illum aliorum ore admirabar. Cic.*

Vós vos fazeis admirar de todos *Omnes in tui admirationem convertis*, ou *trahitis. Apud omnes tui admirationem concitas.*

Esse desprezo se faz muito admirar. *Despicientia admirabilitatem magnam facit. Cic.*

Admirarse. Admirome de huma taõ rara virtude. *Tantam virtutem admiror, ac suspicio. Virtus illa me admiratione afficit*, ou *defigit. Magna mihi de illius virtutibus incidit admiratio. Tantæ virtutis me admiratio incessit.* Admirase a si mesmo. *Se ipse miratur. Catull.* Esta he a causa porque nos admiramos dos bons Oradores. *Hæc sunt, quæ admirationes in bonis Oratoribus afficiunt. Cic.* Muito se admiraõ os ouvintes do Orador, que tendo huma grande abundancia de palavras, usa dellas com prudencia. *Magna est admiratio copiosè, sapienterque dicentis.* Admireime de que hũa taõ grande temeridade &c. *Illud mihi permirum accidit, tantam temeritatem, &c.* Admirome de que me naõ escrevais cousa alguma. *Miror te ad me nihil scribere.* Admirome porque causa mudaites de parecer. *Miror, quid causæ fuerit, cur consilium mutaveris.*

Que cousa admirarey eu nelle? A sua justiça, ou as suas acçoens militares?
Justitiæne prius mirer belli ne labores. Virgil.

ADN

Adnominaçaõ. Figura da Rhetorica, a que outros chamaõ *Paronomasia*, he quando mudadas algumas letras, faz com differente sentido nutra oraçaõ v.g. Pouco sabe das honras do mundo quem ignora, que os cargos saõ cargas; dos trabalhos de hum Escritor, dixit outro Escritor, *Quid liber, nisi labor? Quid lector, nisi lictor? quid calamus, nisi calamitas? Adnominatio, onis. Fem.* (Adjunçaõ, *Adnominaçaõ*, Apostrofe. Systema Rhetorico, pag. 123). O livro diz *Aduotaçaõ*, deve ser erro da impressaõ.

ADO

Adocicar. Vid. Adoçar, tom. 1. do Vocabulario.

Fortemente Adocicada
Se ostenta, mostrando às vezes
Entre doçuras de Dama
Suas roncas de valente.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, 216.

Adônis. Mancebo summamente fermoso, que segundo a Fabula, naseo do incesto de Cinyra, Rey de Chypre, com sua filha *Myrrha*. A sua grande formosura o fez querido, e mimolo de Venus; mas andando à caça, deulhe hum Javali na virilha huma dentada, da qual morreo. Venus que o adorava, naõ admitia consolaçaõ da sua perda; Proserpina, que lhe naõ queria menos, para aliviar a afflicçaõ de Venus, lhe prometteo, que lho daria vivo pelo espaço de seis mezes, com condiçaõ, que seria seu os outros seis mezes do anno. Os que se deleitaõ de Mithologias, ou interpretaçoens de Fabulas, dizem, que em Adonis se representa o Sol, Astro, que seis mezes do anno anda quasi escondido, e como nos braços de Proserpina, dando à terra dias muito breves, e longas noites, e hum cruel Inverno, significado no Javali; e nos outros seis mezes está com Venus, quando nos torna a ver, e começa a alegrarnos com bellos dias. Dizem outros, que Venus, perdidas as esperanças de tornar a ver seu querido Adonis, transformara o seu cadaver na flor, a que chamamos Anemone vermelha, por ficar tinta do sangue que derramara Vid. Ovid. lib. 10. Metamorph. Porém no cap. 8. de Ezechiel vers. 14. vemos que este Propheta se queixa, de que no Templo se assentassem mulheres chorando a morte de Adonis. No texto Hebreo, e em outras versoens, em lugar de Adonis está *Thammus*, e he opiniaõ que S. Jeronymo trocara a palavra *Thammus* em *Adonis*. Xantes Pagnino diz, que este *Thammus* era hum Principe Idolatra, que

que adorava ao Sol, e foy morto por hum Rey de Babylonia, e para celebrar as suas exequias, se acharaõ no Templo do Sol todas as Deidades adoradas no Reyno. Accrescenta pois, que esta morte succedeo no primeiro dia do quarto mez, que lhe foy consagrado com o seu proprio nome *Thammus*, o qual respunde ao nosso mez de Junho; e segundo S. Jeronymo ao mez de Julho dos Gentios. Todos os annos em semelhante dia se ajuntavaõ as mulheres de Babylonia no dito Templo, e lhe levantavaõ huma Estatua de chumbo, vasada por dentro, a qual enchiaõ de hum fogo brando, que pouco a pouco derretia este simulacro de *Thammus*. Neste funebre anniversario do valîdo de Venus, começavaõ as mulheres por huns choros, e gritos medonhos, e persuadidas de que resuscitara Adonis, acabavaõ com festivos applausos. Querem outros, que este *Adonis* fosse *Osiris*, Principe, e Deos dos Egypcios, que na falsa opiniaõ de algũs fora Joseph, a que estes Idolatras adoravaõ debaixo do nome de Adonis, ou de Osiris, hum por causa da sua fermosura, outro em razaõ do seu saber. *Tyrin. in Genes.* 41. *vers.* 43. *Ezechiel* 8. 14. Na decimaquinta das suas Eclogas, faz Theocrito huma bella descripçaõ desta festa. Nos seus Symposiacos, ou questoens convivaes mostra como este Adonis foy muitas vezes tomado por Bacco, e com razaõ, pela semelhança dos sacrificios, que a Gentilidade lhe offerecia. Adverte Bocharto, que na lingua Phenicia, ou Syriaca, *Adon* quer dizer *Senhor*. Vid. *Macrob. lib.* 1. *Saturn. cap.* 21. Os Poetas Latinos chamaõ a Adonis *Cinyreius Heros. Myrrhae filius. Cythereius puer. Veneri ploratus Adonis. Veneris amor, cura, deliciae, Apri dente precussus Adonis. Pulcher. Idalii nemoris venator. A Venere in florem conversus Adonis.*

Adonis. Tambem he o nome de hum rio da Phenicia, Provincia da Syria. Os novos Geographos lhe chamaõ *Canis*; os da terra lhe chamaõ *Nahar-alcalb.* Tem seu nascimento perto do monte Libano, e desemboca no mar da Syria. Foy chamado assim de Adonis, filho de Cyniras, Rey de Cypre, e mimoso de Venus, ao qual nas margens deste rio, edificaraõ os Gentios hum Templo, onde todos os annos com pranto publico se celebrava a memoria da sua morte. Escreve Luciano, que no dia desta funebre solemnidade, as aguas deste rio corriaõ vermelhas, como sangue, significando com esta cor o sentimento que tinha Venus, da violenta morte do seu amado Adonis. Mas he fabula, que aquelles Idolatras inventaraõ. *Euseb. Nieremb. de Miraculis terrae prom. cap.* 15.

Adormentar. *O canto cantarey naõ entendido*
De huma serea, que Adormenta, *e mata.*
Man. de Far. e Sever. tom 4. de Aganip. Eclog. 4. 49. Vid. Adormentar, tom. 1. do Vocabulario.

ADR

Adramelec. Idolo adorado dos Assyrios, e Samaritanos. Em honra deste falso Nume faziaõ estes Idolatras passar seus filhos por meyo de grandes fogueiras, em que ficavaõ queimados. Livro 4 dos Reys, cap. 17. *Adramelech* com *h* no fim, era Idolo particular dos Samaritanos, em figura de Mû, ou segundo alguns Rabbinos, em figura de Pavaõ; tem para si outros, que era o mesmo que *Anamelech. Kircher, oedipus Aegyptiacus, tom.* 1.

Adraste. Cidade da Asia Menor, edificada por hum Rey de Argos do mesmo nome. O Templo que teve da Deosa Nemesis, e Oraculo de Apollo a fizeraõ celebre no mundo *Strab. lib.* 13. *Pausanias, lib.* 2.

Adrastea. He o nome da Deosa Nemesis, a que a Gentilidade attribue a vingança, e castigo dos crimes dos homens. Fizeraõ-na filha de Jupiter, e da necessidade, significando, que era necessario que a Divina Justiça castigasse os crimi-

criminosos. Outros a fizeraõ filha da noite, e do Oceano, dando a entender, que a ignorancia, symbolizada na noite, e a abundancia, significada no Oceano, saõ a origem dos mayores desatinos. Fingiraõ, que o seu throno era superior ao globo da Lua, para mostrarem que naõ era sogeita a mudanças, e que tem debaixo dos pés ao Astro, symbolo da inconstancia. Nas azas que lhe deraõ, se vê que para castigar delitos, quando he tempo, voa; e com o ramo de freixo, symbolo da guerra, que ella traz na maõ, dá a entender a todos os maos persegue. *Pausanias, livro 7. Estaço, livro 23. da Thebaida. Adastria, æ. Fem.* He de Virgilio, que diz

Ut scelere infando, quod nec sinit Adrastiâ. He verso spondaico.

Adro. Tambem foy chamado *Paradisus*, tomado do Grego *Paradeisos*, que segundo Helychio. *Est locus porticibus; & deambulatoriis circumdatus.* E neste sentido usa Anastasio desta palavra, *In Domo 1. Pontific. Hic Atrium B. Petri superius, quod Paradisus dicitur, estque ante Ecclesiam in quadri porticum magnis marmoribus stravit. Et in S. Paulo. Fecit autem in atrio terrem S. Mariæ ad gradus, quod vocatur Paradisus Oraculum.* Tambem este Adros, ou Paraisos tiveraõ lugar de Cemiterios, como se colhe do que dizem huns Escritores, *De Othone II. Imperatore, quem in Paradiso B. Petri tumulatum tradunt. Leo Ostiensis, lib. 2. cap. 9. & alii.*

ADS

Adstricto. Vid. tom. 1. do Vocab. Adstricto. Atado. Forçosamente, ou voluntariamente obrigado. O Poeta mais adstricto às leys, e cadencia do metro, *Poeta numeris adstrictior.* (Mas como vou adstricto à simplez narrativa. Monarc. Lusit. tom. 6. fol. 462.)

ADV

Adûa. Vid. tom. 1. do Vocabulario. Adûa significa certa gente plebea, obrigada ao reparo dos muros, e Castellos das Villas, e Cidades pelo Reyno, segundo consta de huma sentença, que deu a favor da Villa de Mertola o Corregedor de Lisboa Affonso Fuzeiro na Era de Cesar de 1442. e se conserva no Archivo da Mesa da Consciencia, em hum livro da Ordem de Santiago, copiado por Alvaro Dias de Freclas, e reformado por Francisco Nunes Pavia.

Aduchas. Termo de marinhagem. Saõ as voltas da amarra, quando está colhida.

Advenida. Vid. Avenida. (Dos terremotos, dos incendios, e *Advenidas* das aguas. Aula instruida, tom. 2. pag. 202. num. 16.)

Adverso. Inimigo. Contrario. Adversario. Vid. no Vocabulario (Sintaõ de mim o que quizerem meus *Adversarios.* Crisol Purificat. fol. 571. col. 1.)

Advertidamente. Com advertencia. Com prudencia. Com particular reflexaõ. Vid. nos seus lugares. (Notou *Advertidamente* Viegas, que &c. Vieira, Histor. do Futuro, pag. 270.)

Adunco. He palavra Latina de *Aduncus*, que quer dizer, Curvo, Retorcido. *Aduncus, a, um. Horat. e Virgilio*, que diz, *Urget adunco luctantem rostro.*

Fendendo os ares vaõ aves incautas
Que com rostos Aduncos *bem desmentem*
Já em coros naturaes sonoras flautas,
Já nas felpas sutis mimosas pentem.

Man. de Faria e Sousa na sua Fabula de Narciso, e Ecco, Estanc. 31.

Advocar a si huma causa. *Alicujus causæ cognitionem ad suum judicium revocare.* Jano Langleo, no seu *Ocio Semestre, pag.* 446. abona com a authoridade de Cicero o uso deste verbo neste sentido contra a opiniaõ de Rebuffo.

Advogado. A Igreja Romana, vendose perseguida da tyrannia dos Lombardos, escolheo aos Reys de França, e Emperadores do Occidente para Advogados, defensores, e Protectores. Na vida de Carlos Magno está que os Romanos o escolheraõ para Advogado de S.

S. Pedro, e que o Papa Leaõ III. quando lhe deu este titulo, lhe mandara hũa bandeira com chaves. Teve Henrique II. este mesmo titulo, quando foy coroado pelo Papa Benedicto. Os primeiros, e principaes Advogados constituhiaõ outros Advogados inferiores, por cuja conta corria a conservaçaõ da Igreja, ou Abbadia; mas em castigo das suas injustiças, e violencias foraõ supprimidos no Concilio Rhemense, anno de 1148. Tambem Cidades, e Provincias tiveraõ seus Advogados.

ADÛR. Palavra antiquada. Mal. Velhacaria. (Aonde tantas virtudes moravaõ, *Adur* podia nenhum cuidar. Fern. Lopes, Vida delRey D. Joaõ I. parte 2. cap. 193.)

ADY

ADYRMACHIDES. Povos da Lybia, confinantes com o Egypto. As mulheres desta terra traziaõ grevas de pasta de cobre, e deixavaõ crescer muito os cabellos. Nas moças quando casavaõ, tinha seu Rey direito para as desflorar. Observavaõ estes Barbaros a ley do Taliaõ com revindita taõ adequada, que mordidos de algum bichinho, o apanhavaõ, e mordiaõ nelle, e o lançavaõ de si. *Celio Rhodigino, Herodoto, livro 4. ou Melpomene.*

Æ

ÆGIPAN. Vid Egipan.
ÆOLIPILA. Vid. Eolipila.
ÆOLO. Vid. Eolo.
ÆTHON. Cavallo do Sol. Vid. Ethon.

AFA

AFAGAR em roda. *Circummulcere, (mulsi, mulsum.) Plin.*

AFE

AFEITO. Palavra antiquada. (Todos bons homens, e por *Afeito*. Vida do Condestab. Nuno Per. 73. col. 2.)

AFF

AFFECTAÇAÕ. Vid. tomo 1. do Vocabulario.

Affectaçaõ. Desejo com ancia. Pertençaõ criminosa. Paixaõ para conseguir. Affectaçaõ de Reyno. *Regni affectatio, onis, Fem.* Povo com affectaçaõ do Imperio. *Populus affectator Imperii. Florus.* (O crime devia ser sediçaõ, e *Affectaçaõ* de Reyno. Macedo, Eva, e Ave, fol. 467.)

AFFECTATIVO. Só em hum Author Portuguez achey esta palavra. Parece quer dizer Desejoso.

Mas ò bella homicida se mais Affectativo.
Da morte me quereis, daime esperança.
Man. Tavares, Ramalhete juvenil, 190.

AFFERRADO à sua opiniaõ. Vid. tom. 1. do Vocabul. (He muy afferrado a seu parecer. Diogo do Couto. Dec. 4. fol. 57. col. 3.)

AFFERRO. Tenacidade, Cuidado ferrenho. (Se hey de morrer, e nenhuma destas cousas tem serventia no outro mundo, para que as conservo com tanto cuidado, e *Afferro*? Bernardes, Exercicios Espirituaes, 1. part. fol. 418. col. 1)

AFI

AFICAMENTO. Palavra antiquada. Aperto. Razaõ forçosa. (Porém naõ de grande *Aficamento*. Fernaõ Lopes, Vida delRey D. Joaõ I. part 2. cap. 150.)

AFICAR. Verbo antiquado. Apertar o argumento, esforçar a razaõ, persuadir com força. (Por muy *Aficados*, que lhe dar podessem. Fernaõ Lopes, Vida delRey D. Joaõ I. cap. 150.) (Sobre esto o *Aficou* muito. Vida do Condestab. Nuno Per. pag. 73. col. 2.)

AFILAMENTO. O acto de Afilar. Vid. Afilar, tom. 1. do Vocabulario. (Em fórma, que cada huma dellas leve dous alqueires sómente pelo *Afilamento*. Regimento do Sal de Setuval, tit. 2. cap. 23)

AFILAR. Vid. tom. 1. do Vocabulario.

Afilar no ſentido metaforico.

O como ſe das medidas
Dos homens, houver tendeiro
De mal Afiladas *vidas*
Quantos pagarão dinheiro
Por medidas, mal medidas?

Obras Metricas de D. Franciſco Man. Çamfonha de Euterpe, pag. 104. col. 1.

AFL

Afleimarse. Affligirſe. Amofinarſe.

AFO

Afofar. Fazerſe fofo. *Inani mollitudine tumere. Molliter intumere,* ou *turgeſcere.*

Ferve o azeite, e lança a maſſa,
Começaſe a ir Afofando.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ pag. 409. Falla em ſonhos na frigideira.

Aforada couſa. Uſa Fr. Luis de Souſa deſte adjectivo no ſentido, em que val o meſmo que opinada couſa.

Aforçurado. Termo do vulgo. Vid. Apreſſado. Afadigado.

Afforrado. (*Afforrado* ſe partio de Evora. Vida do Condeſtab. Nun. Per. 56. col. 2.)

Afortunado. Favorecido da fortuna. *Fortunatus, a, um.* Vid. Bemafortunado.

AFR

Afro. Africano. Vid. no ſeu lugar.

Do Afro, *e Aſiatico hemiſpherio*
Fazendoo Reyno para ſi ſómente.

Franco Barreto Laudim, Vida de S. Joaõ de Deos 74. verſ.

AGA

Agapêtas. Derivaſe do Grego *Agapi*, que val o meſmo que *Amor, caridade, e uniaõ eſpiritual.* Na Igreja Primitiva deuſe eſte nome a humas moças donzellas, que juntas em huma caſa, faziaõ vida commua. Mas com o tempo conhecendoſe, que naõ viviaõ com a devida honeſtidade, e decencia, foy eſte genero de ſociedades totalmente extincto. S. Joaõ Chryſoſtomo feito Arcebiſpo de Conſtantinopla, empregou todo o ſeu zelo em emendar os abuſos deſtes ajuntamentos com pretexto de piedade; e para eſte effeito compoz dous Tratados. Depois de alguns annos o Concilio Geral Lateranenſe, no Pontificado de Innocencio II. anno de 1139. extinguio o recolhimento das Agapetas, que tambem eraõ chamadas Religioſas, ainda que naõ obrigadas a votos; porém taõ pouco recolhidas, e taõ cegamente caritativas, que naõ faziaõ eſcrupulo de ter caſas em que com capa de Religiaõ, e hoſpitalidade agaſalhavaõ os viandantes. S. Jeronymo na Epiſtola 2. ad Euſtochium, faz mençaõ deſtas Agapetas; tambem Palladio na vida de S. Joaõ Chryſoſtomo. *Agapetæ Sorores*, ou com S. Jeronymo *Adoptivæ Sorores*. Palladio no Dialogo lhes chama *Sorores devotæ*

Agâpios, ou Agapos. Eraõ hũs banquetes, que os Chriſtãos faziaõ entre ſi nas juntas Eccleſiaſticas, em recordaçaõ da ultima Cea, que Jeſus Chriſto fez com ſeus Diſcipulos. Pelos abuſos, que pouco a pouco ſe foraõ introduzindo, os Prelados da Igreja os prohibiraõ. *Agapi*, no Grego, quer dizer *Amor*, e o pretexto dos banquetes Agapios foy a concordia, e a caridade.

Agatanhar. Termo chulo. Meter as unhas, meter os gadanhos.

Agare. Reyno do Sertaõ de Africa, pelo Rio de Benim avante. A gente deſte Reyno tem o ſeu Rey em muita eſtima, e tem eſtado; e entre os Negros he tido como o Papa entre os Chriſtãos. Neſta terra os Negros ſaõ Alarves, e habitaõ montes de grandes arvoredos, e ſaõ pelloſos pelo corpo, e naõ tem outra falla mais que grita. Manoel Pimentel, Arte Pratica de Navegar, impreſſa anno de 1699. fol. 261.

Agaus. Gentios da Ethiopia Alta, em duas Provincias muito montuoſas, hũa no Reyno de Begamedes, chamada Laſtá, outra no Reyno de Gojaõ. Saõ geralmen-

ralmente de cores baças, menos pretos, que os Abexins, e de boas feiçoens, valentes na guerra, posto que naõ costumaõ ir buscar os inimigos fóra de suas terras, contentandose com as conservar. Os montes em que vivem, saõ muy abundantes de mantimentos, e muito povoados de mato, e arvoredo, especialmente de bambuaes, ou bambuyaes, (a que elles chamaõ *Secutês*) e saõ taõ bastos, e taõ cerrados, que estes lhe servem de vallos, de trincheiras, e ainda de muros contra os assaltos dos inimigos. Debaixo da terra tem escondrijos, e grutas abertas pela natureza em lagens vivas, as quaes tendo as entradas estreitas, lá por dentro se alargaõ, e saõ capazes de agasalhar muita gente, (chamaõlhe *Furtatás*) e algumas tem agua dentro, e nellas se recolhem tambem, em quanto passa o exercito inimigo. Vid. *Ethiopia Alta de Telles, livro 4. cap. 17.*

AGE

Agen. Naõ he Cidade do Languedoc, mas da Provincia de Guiena.

Agenoria. Derivase do Grego *Aginor*, que quer dizer *Valente, Generoso.* Deraõ os Antigos este nome à Deosa da industria, que tambem foy chamada *Strenua* do Latim *Strenuus.* Os Romanos lhe dedicaraõ hum Templo no monte Aventino.

AGI

Agiômaco, ou Nagiomaco. Vid mais abaixo no seu lugar. Em alguns Escritores acho esta palavra com *H* no principio, naõ sey com que razaõ, porque Agiologio, Agiomaco, e outros semelhantes vocabulos se derivaõ do Grego *Agios*, que quer dizer *Santo.*

AGN

Agnífero. He tomado do Latim *Agnus*, Cordeiro, e *Fero.* Na Prefaçaõ de hum Missal dos Cavalleiros de Malta, impresso na Cidade de Strasburg em Alemanha, anno de 1405. e da Commenda de Friburgo passou para a Bibliotheca do Cardeal Brancacio, a S. Joaõ Bautista se dá este epitheto, porque ordinariamente o pintaõ com hum cordeiro, figura symbolica do Divino Cordeiro Jesu Christo, do qual foy Precursor, e que elle, abrindo a maõ, mostrou com o dedo; e antigamente esta mesma maõ se conservava em Antiochia, onde no dia da Exaltaçaõ da Cruz, se mostrava ao povo, com huma maravilhosa circunstancia, porque abrindose toda, era prognostico de anno muy fertil, e abundante; e sahindo fechada, era sinal de grande carestia. Aos Cavalleiros de Rhodes, fez o Emperador dos Turcos Bajazeth hum donativo desta milagrosa Reliquia, que hoje na Igreja de Malta se conserva com grande veneraçaõ. No Menologio dos Gregos se faz mençaõ della aos 7. de Janeiro.

Agno castil, ou Casto. Vid. tom. 1. do Vocabul. He huma planta, tambem chamada Testiculo de perro. Testiculo de Frade, e Supino de Rapola. Nasce em outeiros, e prados de Alemanha, e serve na botica.

AGO

Agoa vay. Interjeiçaõ de quem se admira, de quem zomba, de quem se desempulha.

Agoa ardente. Fazse de vinho destillado em banho, que chamaõ de *Maria*, ou a fogo brando de lavareda, que fique a sexta parte. O restante he huma fleima sem sabor. Para a resfriar mais brevemente, se faz passar o collo do vaso em que foy destillada, por hum barril de agoa fria, dando voltas com elle. *Vinum igne vaporatum, & stillatum. Aqua ex vino vaporata.* A agua ardente, segunda vez destillada, e reduzida à setima parte, he espirito de vinho restificado, ou Agoa ardente de cabeça. No seu livro da Agricultura das vinhas cap. 39. dá Vicencio Alarte huma receita para a composiçaõ de huma Agoa ardente,

ardente, com certos ingredientes, que lhe avivaõ as virtudes, e a fazem taõ medicinal, que póde ser remedio das muitas, e muito grandes doenças, e achaques, de que elle faz mençaõ no dito capitulo.

Agoa da Rainha de Hungria. Compoem-se de flores de alecrim, colhidas pela manhãa em tempo secco; poemse no vaso sem herva alguma, deitaselhe por cima agoa ardente da melhor, destillase a fogo brando pelo espaço de vinte e quatro horas, e ao Sol pelo espaço de tres dias. *Aqua Reginæ Hungariæ*. Chamaõlhe alguns, *Spiritus Anthos*.

Agoa Imperial. He agoa destillada de noz moscada, casca de cidra, cravo, folhas de loureiro, tomilho, mangerona, salva, alecrim, alfazema, flor de laranja, &c. *Aqua Imperialis*.

Agoas mortas. Vid. Morto.

AGOA REVÊZ. Villa de Portugal no Arcebispado de Braga, nove legoas da Torre de Moncorvo.

AGOAS BELLAS. Villa de Portugal na Comarca de Thomar. Foy quinta honrada, e coutada, e muito antiga; e já no anno de 1364. tinha jurisdiçaõ, como consta da doaçaõ confirmada por ElRey D. Pedro o primeiro a Rodrigo Alvares Pereira, primeiro senhor desta Villa.

AGOADA. Termo de Pintor. Pintura, que se faz de Agoada, supponho que he a pintura, que tambem se chama, *Pintura a fresco*, porque esta naõ se faz com oleo, mas com agoa. Vid. Fresco, tomo 4. do Vocabulario.

AGON. He palavra Grega, que val o mesmo que *Exercicio*, *Peleja*, *Combate*. Deraõ os Romanos este nome a varios exercicios, que se faziaõ no Circo Flaminio. O primeiro *Agon* foy instituido pelos Argivos, na LIII. Olimpiada, anno da Creaçaõ do Mundo 186. e antes do Nascimento de Christo 568. Na Cidade de Athenas houve o *Agon Gymnico*, por outro nome, *Panathenico*; o *Agon Olympico* foy instituido por Hercules; o *Agon do Sol* pelo Emperador Aureliano; o *Agon Acciaco*, por Augusto nas prayas do rio *Accio*, depois da batalha, em que desbaratou a Antonio. *Agon, onis. Masc.* Celebravase em Roma o Agon Gymnico. *Agon Gymnicus Romæ celebrabatur. Plin. Jun.*

AGONAL. Jogos Agonaes, ou festas Agonaes eraõ os que em Roma se celebravaõ em honra de Jano, todos os annos no mez de Janeiro, que lhe estava dedicado, como o affirma Ovidio; Festo diz, que estes jogos eraõ dedicados ao Deos *Agonio*, que presidia na execuçaõ dos negocios, e emprezas. Segundo escreve Varro, naquelle dia se sacrificava hum carneiro. Em Roma havia a Porta Agonal, que depois foy chamada Quirinal, *Porta Agonensis*, e hoje *Porta Salaria*. Tambem havia *Circo Agonal*, hoje *Praça Navona*. Os que naquelles dias feriaõ a victima, antes de descarregar o golpe, costumavaõ dizer, *Agon*, isto he, *Faço*, ou *Dou*? Querem alguns, que deste *Agon*, se derive *Agonal*; porém he opiniaõ de outros, que se origina de *Agon*, que he o nome do monte, em que celebravaõ os Romanos suas festas *Agonaes*, dedicadas a Jano, como temos dito, ou ao falso Nume *Agonio*. A mim me parece mais natural a derivaçaõ de *Agonal*, do Grego *Agon*, que geralmente significa qualquer dos exercicios, que naquellas Festas se fazia. *Agonales dies, Varro*. Ovidio diz, *Lux Agonalis*. *Agonalia, ium, vel iorum*. Antigamente se dizia *Agonia*, como advertio Ovidio, 1. *Fastor. & 5. sub finem*.

Et prius antiquus dicebat Agonia sermo.

AGONOTHÊTA. Derivase do Grego *Agon*, que quer dizer, *Combate*, e *Titimi*, *Pôr*, ou propor. He o nome do Magistrado, que presidia nos jogos publicos, e era o Juiz dos que nelles se exercitavaõ. *Agonotheta*, *æ. Masc. Jul. Pollux*. Diz este Author, que os Agonothetas eraõ dez.

AGORA. Vid. tom. 1. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Agora.

Agora lhe lembra a morte de Joaõ grande.

grande. Agora dá paõ, e mel; depois dará paõ, e fel. Agora, que tenho ovelha, e borrego, todos me dizem venhais embora Pedro.

AGOURENTO. Aquelle, que se agoura, ou que de qualquer cousa toma agouros. *Qui sibi, vel aliis infausta auguratur.* Cicero diz, *Mortem suam augurari. Vir ominator*, ou *vir ominosus*, duvido, que se achem em bons Authores.

AGR

AGRA. Cidade do Imperio do Mogor. Vid. tom. 1. do Vocabulario. Entre Agra, e Lahor, ha huma estrada, que tem duzentas e cincoenta legoas de comprimento, e de huma, e outra parte arvores sylvestres, (a que os da terra chamaõ *Asby*) as quaes com os ramos, e as folhas fazem huma sombra continua aos rayos do Sol, e de oito em oito legoas se acha huma *Caravansera*, ou Estalagem, e Hospedaria para descanço, e commodo dos viandantes. *Thomás Hesbert, Relaçaõ da Persia, pag.* 109.

AGRIÂSTICO. Termo chulo. Vid. Agreste.

Tu fallas como saibaõ
A patolas Agriasticos.

Pratica de tres Pastores, Noite de Natal.

AGRO. Vid. tom. 1. do Vocabulario. Caminho agro. *Via aspera, & inaequabilis*; he imitaçaõ de Tacito, que diz *Loca inaequabilia.* (Além de ser o caminho por si *Agro*, e detençoso. Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pag. 121. col. 4.)

AGU

AGUÇA. Palavra antiquada. Parece val o mesmo que pressa. (Depois de comer com grande *Aguça* se partio. Vida do Condestab. Nun. Per. 51. col. 4.) (Se fosse com grande *Aguça* cercar Moura. Ibid. 65. col. 3.)

AGUÇAR. Vid. tom. 1. do Vocabulario.

Aguçar de ló, phrase Nautica. (Lançandolhe o leme à banda, naõ lhe acudio a nao, antes foy *Aguçando* de ló. Dec. 6. de Couto, fol. 196)

AGUDA. Villa de Portugal na Comarca de Ourem.

AGUER. Cidade de Africa no Reyno de Marrocos, ao pé do monte Atlas. Sendo os Portuguezes senhores, e no anno de 1536. tendo por Governador a Guterres de Moncoy, foy sitiada, e expugnada pelo filho do Xarife Mahamet, o qual para se vingar do muito sangue, que lhe custara, passou à espada quanta gente achou na Cidade. Da filha do Governador D. Mencia, muito fermosa, e que com seu pay, e outros, se havia acolhido a huma torre, ficou o dito Mahamet taõ cruelmente namorado, que a quiz entregar aos Negros, vendo que se naõ rendia às instancias de seu lascivo appetite. Vendose a honrada, e generosa donzella neste imminente perigo, prometteo á Mahamet, que lhe faria a vontade, com condiçaõ, que a tomasse por sua legitima mulher, e a deixasse viver na sua Religiaõ. Concluido, e consummado com estas condiçoens o matrimonio, e ficando Mencia com apparencias do fruto delle, as outras mulheres de Mahamet, estimuladas de inveja, tiraraõ com veneno á mãy, e ao feto a vida. O Xarife para ostentar a perseverança do seu amor, e da sua estimaçaõ, deu ao pay de Mencia a liberdade, e com grandes honras, e ricos presentes o restituhio a Portugal. *Histor. de Thou, livro 7.*

AGUIEIRA. Villa de Portugal, na Freguesia de S. Pedro de Val-longo.

AGUILA. Cidade da Provincia de Habat no Reyno de Fez, em Africa, nas margens do rio Erguilha. Nos matos circumvisinhos ha muitos leoens, mas taõ fracos, que qualquer menino os faz fugir, tanto assim, que para zombar da cobardia de qualquer sugeito, na Cidade de Fez se diz communmente, *Fullano he como os leoens de Aguila, aos quaes os bezerros roem o rabo*

AGUSTA, ou Augusta. Pequena Cidade, mas forte, na Costa Oriental da Ilha de Sicilia. Foy edificada anno de 1232. pelo

pelo Emperador Frederico; e fica separada do Continente da dita Ilha, com a qual communica por huma ponte; defendem, e segurão o porto tres Castellos, assentados sobre penhascos no meyo das ondas.

AH

Ah. Para os Latinos, he huma Interjeiçaõ, que serve para denotar sentimento. *Ah me miserum.* *Terent.* ou para significar indignaçaõ. *Ah tantam rem tam negligenter agere.* *Idem.* No idioma Portuguez, ordinariamente ajuntamos o *Ah*, com *sim*; v.g. Ah sim, e val tanto como estes Interrogativos, Assim he? Assim passa? Tambem em Authores Portuguezes se acha esta Interjeiçaõ, sem o adverbio *Assim*; particularmente no Diccionario Lusitano Latino de Agostinho Barbosa, que na pag. 102. col. 1. diz, *Ah, que de Deos*, e o verte em Latim, *Proh Deûm immortalium fidem!* A' vista deste exemplo me animo a dizer, que me parece mais proprio, e mais significativo, o dizer, Ah! que de Deos, Ah! que del-Rey, Ah! que da Inquisiçaõ; do que A que, de Deos, A que (ou como querem outros) Aqui del Rey, e Aqui da Inquisiçaõ; porque o *Ah* dos Latinos he Interjeiçaõ de quem deseja; e o dizer, Ah! que de Deos, Ah! que del Rey, e Ah! que da Inquisiçaõ, (sobentendendo *he*, immediatamente a que) exprime melhor o desejo do auxilio, e poder de Deos, do que Aque, ou Aqui de Deos, delRey e da Inquisiçaõ. Escolha o Leitor o que lhe parecer mais acertado; e perdoe a confiança da advertencia.

AIN

Ainda. Vid. Tomo 1. do Vocabular.

Adagios Portuguezes do Ainda.

Ainda agora comem o paõ da boda. Ainda que nos naõ fallemos, bem nos queremos. Lobo, que preza toma, Ainda que se vay, naõ cerra a boca. Segue a razaõ, Ainda que a huns agrade, a outros naõ. Ainda que sejas prudente, e velho, naõ desprezes conselho. Ainda que vistais a mona de seda, mona se queda. Ainda naõ he nascida, já espirra. Ainda que sou tosca, bem vejo a mosca. Ainda que a malicia escurece a verdade, naõ a póde apagar. Ainda que a garça voe alta, o falcaõ a mata. Ainda que teu sabujo he manco, naõ o mordas no beiço. Conselho de quem bem te quer, Ainda que te parça mal, escreveo. A verdade, Ainda que amarga, se traga. Ainda Deos está onde estava. Ainda se naõ acabou o dia de hoje. Ainda tem muitas noites que dormir fóra. Ainda naõ está na cabaça, já he vinagre. Ainda naõ sellamos, já cavalgamos. Ainda estas lamas haõ de ser pó. Ainda que somos da Beira, naõ nos lançaõ da Igreja. Ainda que somos negros, gente somos, e alma temos.

AJO

Ajorcado. Mal ajorcado. Diz-se chulamente do homem mal amanhado, mal posto, desairoso. He chulo.

Ajoviado. Pasmado. Attonito. Vid. nos seus lugares.

AIR

Airaõ. Vid. Ayraõ.

AJU

Ajuramentado. Vid. Ajuramentado, tom. 1. do Vocabulario. (O Afilador das fangas, que tambem será *Ajuramentado* pela Camera. Regimento do Sal de Setuval titulo 2. cap. 23.)

Ajuste. Convençaõ. Pacto. Concerto. Vid. nos seus lugares.

AL

Al. Vid. tom. 1. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Al.

Como vires a Primavera, assim pelo Al espera. Como vires o saval, assim espera pelo Al. Debaixo do Sayal, ha Al. As mãos no pandeiro, e em Al o pensamento

mento. O official tem officio, e Al. O Amor de Deos vence, todo o Al perece,

ALA

Alaba. ou Alava. Pequena Regiaõ de Hespanha; antigamente pertencia a Navarra; depois foy de Biscaya, hoje he de Castella. Cabeça deste Estado he a Cidade Vitoria, ou Victoria, que D. Sancho, Rey de Navarra fortificou para se defender delRey de Castella. *Mariana lib.* 8. *cap.* 1.

Alabanda. Houve outra Cidade deste nome, que segundo Estevaõ Bizantino, foy edificada por Caras, o qual teve hum filho, chamado *Alabando* depois de levar o premio na carreira dos cavallos. Accrescenta o dito Author, que na lingoa daquelles povos, *Ala* quer dizer *Cavallo*, e *Banda*, *Victoria*; e que tambem os Romanos usáraõ da dita palavra *Banda*, para significar Victoria.

Alabarca. Calçado rustico. Vid. *Abarca.* Na gente Rustica, Alabarca he mais usado.

Alabastro. Vid tom 1. do Vocabulario. Segundo Santo Epiphanio o Vaso de Alabastro, com cujo unguento ungio a Magdalena os pés a Jesu Christo, naõ era de pedra, mas era hum vaso de vidro sem azas; e segundo este significado, se deriva *Alabastro* do *A* privativo, e do Grego *Labai*, que quer dizer *Aza*, e assim *Alabastro* vem a significar *Naõ azado*

Alaçor. Vid. Cartamo, no 2. tomo do Vocaculario.

Alagamento. Termo de Marinhas, que se dizem estar no mesmo alagamento, quando estando no mesmo sitio, se alagaõ com as proprias aguas.

Alambazado Termo do vulgo, o que he semelhante a Lambaz. Corpulento, e mal feito do corpo.

Alamia. Jaez [O peitoral, as estribeiras, e *Alamia*. Cunha, Bispos do Porto, fol. 29. col. 1.]

Alandel. Palavra de Boticario. Trocisces de Alandel se fazem com colocyntida, a que vulgarmente chamamos *Cabacinhas*, que saõ humas cabaças bravas, cuja carne he branca, e leve, da qual cortada miudamente, e bem moida em gral, untada com oleo de amendoas doces, e incorporada com Almecega, e Goma Tragantо, vulgarmente Alquirira, se faz hum remedio que purga juntamente a colera, e a pituita, e puxa pelas serosidades, que estaõ nas partes mais remotas. Porém naõ se dá a todo genero de pessoas, mas só a homens robustos, e naõ a velhos, nem a meninos. (Pós de Torciscos de *Alandel*. Observaçoens de Curvo pag. 99.)

Alapardado. Agachado. Dissimulado, he metaphora tomada do laparo, que por naõ ser visto, se coze com o chaõ.

Alares. Segundo Tacito no livro 15. de seus Annaes, saõ povos da Pomerania muito antigos. Na opiniaõ de Ortelio, naõ he nome de huma Naçaõ, mas antes huma casta de Soldados, que por serem muito ligeiros em pelejar, tomaraõ o nome de *Ala*, que em Latim quer dizer *Aza*.

Alarvaria. Salvajaria, cousa de Alarves. Chulo.

Alarves. Vid tom 1. Segundo Joaõ de Barros Dec. 1 fol. 155 col. 3. Alarves saõ gente campestre.

Alastor Hum dos quatro cavallos do carro de Plutaõ (segundo Claudiano) porque outros admittem só tres. Chamaõlhe outros *Abaster*. Vid. no seu lugar.

Alastores. Deuse antigamente este nome a huns Duendes, ou espiritos malignos muito daninhos, e nocivos aos homens, porque causavaõ fomes, tempestades, e pestes. Os Gregos lhe chamaraõ Alastores, porque na sua lingoa *Alastor*, quer dizer *Malfazejo*, *Destruidor*. No seu Lexicon Philologico, diz Mathias Martinio, *Alastor, qui perpetrat* Alasta, *id est, non obliviscenda, ab a, & Lantanomai. Usurpatur ferè pro Dæmone, qui mala inoblita, id est, gravissima infert.*

Alastrar. Vid. Lastrar, tom. 5. do Voca-

Vocabulario. Ficava a Praça a'aftrada dos corpos dos Cidadãos Romanos, que naquella noite havião morrido. *Eorum corporibus Romanorum confiratum cœde nocturnâ*, fobentendefe *erat*. *Cic*. Alaftrar o campo de cadaveres. *Cæforum corporibus, pugnæ campum fternere, confternere, operire*. (Foy feita huma eftrada *Alaftrada* de corpos mortos. Barros Dec. 5. fol. 350.)

ALB

Albafar. Segundo outra noticia. He peixe quafi da feiçaõ de Raya. Pefcafe na Pederneira. Naõ he bom de comer; fazem delle azeite.

Albarda. Vid. tom. I. do Vocabulario.

O Adagio Portuguez diz: Darey a vida, e a alma, mas naõ a *Albarda*.

Albardaõ. Albarda mayor das ordinarias, em que coftumaõ andar de cavallaria alguns Frades Portuguezes, e Seculares Caftelhanos, que faõ feitos de palha, e almecega. Vid. Albardaõ tom. I. do Vocabulario. (Ficando o *Albardaõ* à vifta. Galvaõ, Tratado da Gineta, pag. 43)

Albardilha. Albarda pequena. *Parvæ chotellæ, arum. Fem. Plur*. Vid. Albarda.

Enganar por Albardilhas. He levar alguem para algum intento, ou para alguma parte, com facilidade, como fe faz aos burrinhos. Outros efcrevem com o, e dizem *Emborricar*, como derivado do Caftelhano *Borrico*. *Aliquem ductare dolis. Terent. Ducere phaleratis verbis, idem. Aliquem nugarum lenocinio irretire*.

Albardo. Serra de Portugal, famofa pela facilidade com que diz Plinio, que concebem as egoas do vento. Querem alguns, que fe efcreva *Alvados*, por fer a ferra calva, e compofta de penedia alva. Vid. Serra de Minde.

Albarrada. He huma infufa, ou pichel, que tem feu bico, por onde fe lança agoa. Termo antigo, mas hoje torna a fer ufado.

Albercas. Vid. Ovielas.

Albinos. Vid. Alvinhos mais abaixo.

Albôr. Na lingua Portugueza naõ acho efte fingular. Sò acho o plural Albores, e ifto no fentido figurado, por principio, infancia &c.

Ditofo o mundo quando em feus Albores

Pobre de inveja, foy rico de gados.

André da Sil. Malc. Deftruiçaõ de Hefpanha, liv. 4. oit. 72.

Alborcar. Vid. Emborcar, tomo 3. do Vocabul.

Albula. Affim fe chamava antigamente o rio Tybre; deraõlhe efte fegundo nome, depois da morte de Tiberino Rey dos Latinos, que morreo affogado nelle depois de perder huma batalha, anno da criaçaõ do mundo 3139. *Eufeb. Chron. Dyonifio Halycarnaf. lib. 1*.

Albunea. Deofa, venerada em hum Templo de *Tibur*, hoje Tivoli, na Campanha de Roma. Huns a fazem Nimpha daquellas agoas mineraes, que fe viaõ em Tivoli, e fegundo efcreve Plinio, lib 31. cap 2. eraõ admiraveis para curar chagas. Querem outros, que feja a decima Sybilla, chamada Tiburtina, e nafcida em Tivoli. Tem outros para fi, que ella he a famofa Ino, filha de Athamas, a qual para fe livrar do furor do feu efpofo, fe deitou no mar com feu filho Melicerte. *Lactanc. liv. 1. cap. 3*.

ALC

Alça. Termo de Sapateiro He hum pedaço de fola delgada, feita a feiçaõ do peito do pé, com que fe coftuma dar altura ao fapato, com mais, ou menos Alças fobre a forma.

Alças faõ a parte fuperior das botas dos villoens.

Alças. Entre os Religiofos Francifcanos, he coftume naõ deixar o Guardiaõ empenhado o Convento, mas fahir a defpeza pela receita E fe algum Guardiaõ deixa ao fucceffor de mais alguma coufa, fe coftuma chamar *Alças* entre elles.

clics. v. g. deixou de Alças tanto, ou quanto, &c.

Alças No Regimento dos Almoxarifes, e Recebedores, cap. 163. Se falla muitas vezes nesta palavra, como tambem no Regimento, ou Artigos das Sizas, cap. 54. Ainda naõ sey bem o que significa.

Alcacema. He nas caravelas huma como camara, da largura de toda a caravela, na qual se recolhem os marinheiros; fica diante do camarote do Mestre.

Alcadefe. Sella, ou vaso de barro, sobre o qual os Taverneiros medem o vinho.

Alcaichas, termo de navio, he o vaõ, que vay entre cinta, e cinta.

Alcaide mór. Outras particularidades, e prerogativas de Alcaide mór acharás na primeira parte de Alcobaça Illustrada, titulo 15. pag. 433 434 &c. Tambem poderá o curioso leitor buscar outras noticias do Alcaide mór, na vida de D. Fr. Barthol. dos Martyr. fol. 149 col. 2. e 3.

Alcançar. Vid. tom. 1. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Alcançar.

Alcança quem naõ cansa. Curtas tem as pernas a mentira, e Alcançase azinha. A perseverança toda a cousa Alcança.

Alcanede. Villa de Portugal na Comarca de Santarem, ao pé da Serra de Ayre. He do tempo dos Romanos. El-Rey D. Affonso Henriques a mandou povoar, pelos annos de 1163. Seu filho ElRey D. Sancho I. a deu à Ordem Militar de Aviz.

Alcanforar. Adubar com alcanfor. *Camphorâ imbuere*, (*buo*, *bui*, *butum*.) (Espirito de vinho *Alcanforado*. Observaçoens de Curvo, 105.)

Alcedones. He nome Latino da Ave, a que em Portuguez chamamos *Alcyon*, ou *Maçarico*. Vid. no seu lugar. (Aves *Alcedones* se com seus filhos buscarem a sombra, denotaõ serenidade, e tambem quando estaõ quedos na ribeira. Chronographia de Avellar, pag. 235. vers.)

Alchimista, no sentido moral. Vid. tom. 1. do Vocabulario. (*Alchimista* do Paraiso, da sua grande piedade aprendeo a verdadeira arte de fazer o precioso metal, e com trinta e sete annos de vida innocente, comprando o Reyno do Ceo &c. Escola das Verdades, verdade 4. num. 10. pag. 112.)

Alcîdes. Deuse a Hercules este nome, para denotar a sua grande força, porque *Alci* no Grego quer dizer *Força*; ou foy Hercules chamado assim de *Alceo*, que (segundo Herodoto) foy seu avó. *Hercules* era alcunha, e quer dizer *Mercador*.

Alcione, ou Alcyone, filha de Neptuno, ou de Eolo, era mulher delRey Ceyx, que fez naufragio, vindo de consultar o Oraculo de Apollo. Desgraça, da qual ficou esta Princeza taõ sentida, que se lançou ao mar na paragem onde via o corpo de seu marido boyante. Movidos desta taõ generosa piedade os Deoses, transformaraõ estes esposos em Alcioens, aves maritimas, que nunca se separaõ, e successivamente se levaõ hum a outro nas costas, quando por fraqueza naõ podem voar. Houve opiniaõ, que por privilegio da natureza ha no mar bonança no tempo, em que estaõ fazendo seus ninhos, e chocaõ seus ovos, o que succede no fim do mez de Fevereiro. Mas os Criticos modernos tem isto por fabula, e a metem no numero da Feniz, da Salamandra, da Remora, e outros sonhos de alguns Naturalistas; com certeza só poderaõ dizer, que por instincto estas aves sabem aproveitarse do tempo apto para o choco.

Alcobaça. Nas erratas, e emendas dos primeiros quatro volumes, impressos em Coimbra, que andaõ no principio do tomo quinto deste Vocabulario, fallando em Alcobaça, digo que foy erro do Impressor da terceira parte da Monarchia Lusitana, attribuir a esta Real Abbadia trinta e huma Villas, quando na opiniaõ commua, lhe naõ pertencem mais que treze; porém depois da impressaõ do dito tom. 5. acho na Benedi-

ctina

ctina Luſitana do P. Fr. Leaõ de Santo Thomás tom. 2. fol. 315. col. 1. que El-Rey D. Affonſo Henriques deu à Religiaõ de S. Bernardo, na fundaçaõ do dito Moſteiro, todo aquelle eſpaço de terra, que contêm agoas vertentes ao mar, trinta e huma Villas; e he de advertir, que no dito livro da Benedictina, naõ eſtá o numero dellas em cifra, mas por extenſo. Mas poderá o Leitor dizer, que a dita Benedictina foy impreſſa alguns annos depois da terceira parte da Monarchia Luſitana, porque eſta ſahio à luz anno 1632. e o tomo 2. da Benedictina, 1651. e ſeu Author, como mais moderno, ſe regulou pelo numero, que elle achou no primeiro, e poz por extenſo (o que tambem eu fiz) o que eſtá em cifra.

Alcochete, ou Alcouchete, Villa de Portugal, huma legoa de Aldea Gallega, e tres de Lisboa. He celebre pelo naſcimento delRey de Portugal D. Manoel de feliz memoria.

Alcoentre. Villa de Portugal na Comarca de Santarem, onze legoas de Lisboa.

Alcôfa. Além da ſua primaria ſignificaçaõ, por traslaçaõ ſe chama Alcofa ao alcoviteiro, ou alcoviteira.

Alcomonia. Caſta de golodice, da qual faz mençaõ o Author do eſplendido banquete, onde diz:

Coſcoroens, Larangeria,
Negra Alfeloa, Alcomonia,
Riſa a vil maganaria.

ALD

Aldea. Vid. tomo 1. do Vocabulario.

Aldea. Nas terras dos Carijós, Gentio do Braſil, a cada caſa, ou palhoça ſua chamaõ Aldea. (Trinta e cinco caſas, ſaõ trinta e cinco *Aldeas*. Fernaõ Guerreira, livro 4. das couſas do Braſil, pag. 199.)

Aldeas. Nas Ilhas de Goa tem cada huma ſeu nome, limite, e Gancares; pagaõ certos foros, e contribuiçoens a El-Rey de Portugal, que ſe lhe impuzeraõ antigamente, ſegundo ſeus rendimentos, quando ſe aforaraõ, e os ditos Gancares as adminiſtraõ, e tirados os foros, contribuiçoens, e mais deſpezas, o que fica, ſe reparte entre elles igualmente no numero dos jonos, ou taugas do cunto.

Aldea-gallega da Merceana. Villa de Portugal, duas legoas diſtante de Alenquer. Chamaſe da Merceana, por ter no ſeu termo hum lugar deſte nome. Antigamente eſta Villa foy lugar do termo de Alenquer, a que chamavaõ os Montes, cujos moradores eraõ obrigados a aſſiſtir na fabrica dos ſeus muros.

A Aldea dos Diabos. Na terra de Salſete, na India, a Villa de Margaõ foy chamada *Aldea dos Diabos*, por apparecerem nella muitos antigamente, e ainda alguns annos depois de introduzida a Fé de Chriſto, appareciaõ no dia claro em hum monte ſobranceiro à Povoaçaõ, chamando aos Gancares por ſeus proprios nomes, e mandandolhe lançar fóra os Padres; e para deſterrarem taõ maos viſinhos, coroaraõ o alto do monte com huma Ermida muito devota da Santa Cruz, que os fez deſapparecer. He eſta Aldea entre os Payzanos Cabeça de todo Salſete, e a mais nobre das tres Comarcas ſogeitas à Cidade de Goa. *Oriente Conquiſtado*, tom. 2. pag 9.

Aldemenos. Ao menos. Vid. Menos.

De comadres quanto menos,
Lave, esfregue, amaſſe, e coza,
Saiba-o fazer Aldemenos.

D. Franc. Man. part. 2. do ſegundo tom. das Obras Metricas, pag. 60.

ALE

Ale. He o nome de hum Reyno de Negros de Africa, chamados Barbecianos. A fermoſura das moças daquella terra conſiſte na repreſentaçaõ de huns animaes, que ellas abrem no couro, retalhando-o em varias figuras. Dizem, que o Rey quando intenta mover guerra, junto de ſeu Palacio manda abrir hũa

cova, em que os Ministros do seu conselho, juntos neste lugar, dizem o seu parecer com a cabeça inclinada para a cova. Tomada pois a resolução, manda o Principe encher de terra a cova, advertindo aos Conselheiros, que a cova não descobrirá o segredo, e que só por sua via delles se poderá saber. Tem se observado, que a esta ceremonia sempre se segue o bom successo das armas destes Povos, tão grande efficacia tem o segredo, que elles inviolavelmente guardão.

ALEAR. Bater com as azas. *Alas premere. Cic. Alas identidem explicare. Martial. Alas per aera quatere*, ou *agitare.*

Não sobe lá, por mais q̃ esteja Aleando,
E crê, que canta, quando mais piando.

Manoel de Faria e Sousa, tom. 4. de Aganippe, eclog. 141 vers.

ALECTO. He o nome de huma das tres Furias, filhas de Acheronte, e da noite, ou de Proserpina, e de Plutão. He palavra Grega, derivada do *A* privativo, e de *Ligo*, *Acabo*, ou *Cesso*, porque Alecto he Furia, que nunca cessa de perseguir. Della diz Virgilio no livro 7. da Eneida, vers. 324.

Luctificam Alecto dirarum ab sede sororum
Infernisque ciet tenebris; cui tristia bella
Iræque, insidiæque, & crimina noxia cordi.

Convida o falso Rey, e a dura Alecto.

André da Sylva Mascarenhas, Destruição de Hespanha. liv. 1. oit. 68.

ALEGRAÕ. Vid. mais abaixo, Hilárias.

ALEGRAR. Termo de Cirurgia. Vid. Legrar no quinto tomo do Vocabulario.

ALEGRIA. Vid. tomo 1. do Vocabul. Outros Adagios da *Alegria*. Para hospedes a melhor iguaria, he a Alegria. A mulher, e a vinha, o homem lhe dá Alegria. Tristeza sobre Alegria, dobrada fadiga.

ALF

ALFABETAR. Vid. infra Alphabetar.

ALFAÇOS. Cogumelos, que se parecem com miscaros pardos, mas tem a copa vermelha.

ALFAYARSE. Proverse de alfayas. *Supellectile domum instruere (struo, struxi, structum) se munire, (io, ivi, itum)*

O Adagio Portuguez diz: Com cousa velha não te cases, nem te Alfayes.

ALFAQUE. Vid. tom. 1. do Vocabul. Segundo Diogo do Couto, Dec. 7. liv. 8. fol. 168. col 2. *Alfaques*, são na Costa de Moçambique, dez, quinze, vinte legoas ao mar, huns penedos, que o mar cobre com braça e meya, duas, ou tres de agoa. Segundo João de Barros, Dec. 4. fol. 293. *Alfaques* são Ilhas de areas, levadas da agoa, que se mudão.

ALFAQUIM. Dizem-me, que em Setuval he o nome vulgar do peixe gallo. *Gallus marinus.* Chamãolhe outros *Faber*, e outros *Zeus*; em Aldovrandro liv. 1. de Piscibus, cap. 25. pag. 100. 109. acharás as razoens de tão differentes nomes.

ALFARIO. Andar alfario, diz-se do cavallo, q̃ anda levantando muito as mãos, brincando, e saltando; ou de pessoas, que andão assim. Cavallo Alfario. *Equus gressu præfervido, & elato incedens.* De hum cavallo Alfario diz certo Poeta:

Asturiam sapit, & fastus meditatur Iberos.

ALFARRABIO. Dizem, que era o nome, ou alcunha de hum velho Castelhano, que vendia em Lisboa livros velhos. Hoje se chama Alfarrabio qualquer Bacamarte, ou livro velho; e a mim me parece mais provavel, que antigamente entre alguns livros, que se venderão, se acharião as obras de Alpharabio, ou Alfarabio, insigne Filosofo, e Astronomo, Arabe, cujo nome passaria a livros velhos, ou a quem os vendesse.

ALFEÇA, ou Safradeira. Ferramenta de Ferreiro. Tem figura redonda, com altura de huma mão travessa. Serve para abrir os olhos das enxadas, alviocns, machados, e martellos, pondose em cima quando estão em braza.

ALFENIM. Na botica chamãolhe *Alphenix*, e *Saccharum penediatum.* Vid. Alfenim tom. 1. do Vocabulario.

ALFINETE. Vid. tom. 1. O Adagio Portu-

Portuguez diz, Cada Bofarinheiro louva feus *Alfinetes*.

Alfombra. He tomado do Castelhano *Albombra* que (segundo Cobarruvias) *es lo mesmo que Tapete*. Alguns Poetas Portuguezes usaraõ de *Alfombra* por *Alcatifa*. Na 3. parte da fonte de Aganipe, impressa em Madrid, oitava 153. diz Man. de Sousa e Faria.

Qual pintor douto sem escura sombra
A nossa vista os claros difficulta
De Cloris já imitando bella Alfombra,
Já, e a fórma humana com idéa culta.

Chloris he o nome Grego de *Flora*, cujas alcatifas, (segundo a frase Poetica) saõ prados, tecidos de flores. Tambem Manoel Tavares, no seu Ramalhete Juvenil, Lira 1. fol. 203. chama ao Firmamento, Alfombra estrellada,

Pela estrellada Alfombra
Conduzia Oriental carro dourado.

Alforrecas. Vid. tom. 1. do Vocabulario. Tiradas as tres primeiras letras, tem *Alforrecas* grande analogia com *Wrecum*, que antigamente na baixa Latinidade significava tudo o que o mar lança á praya. Wrrecum (diz Hofman no seu Lexicon Universal) *Ejectus maris*. Em huma ley Westmonasteriense, em Inglaterra se faz mençaõ desta palavra, cap. 5. onde diz, *Wrreci nomine nihil habeatur, si vel homo, vel canis, vel catus, è naufragio vivus in terram evaserit.*

Alfugera, ou Alfurja, ou Alferje, Rua estreita, entre casas, onde se lançaõ os despejos; ou he o patio mais interior das casas, descuberto, que serve de dar luz ás casas, que ficaõ á roda, e onde se despejaõ as agoas da cosinha.

ALG

Algaravia. Vid. tom. 1. do Vocabul.

B. *Ay senhor? eu naõ queria*
Senaõ letra Castelhana
G. *Cantarey* Algaravia
Se mandais, pois que quereis?

D. Francisco Man. Obras Metricas, tom. na Viola de Thalia, pag. 247.

Algaravio. Homem do Algarve. O nacional deste Reyno. *Algarbiensis, se, is. Neut.*

Algebista. De huma nobre familia, cujos descendentes em França tiveraõ particular virtude, e abilidade, para restituir ao seu lugar ossos deslocados. Scevola de Santa-Martha, Author Francez, fez o elogio com palavras taõ proprias, e elegantes, que me naõ sofre o coraçaõ deixallo em branco: *Balliolorum familia, insigni Divinæ providentiæ beneficio apud nos seu prolapsu, seu ictu fracta, aut luxata ossa, nervosque & artus contusos, vel quovis modo sede suâ emotos, vi tacitâ sanare, & in pristinum vigorem, roburque restituere, in more positum habet. Hinc illi xenodochium gentilitium in Balliolo, avita domo in Normannia Caletensi construxêre: ubi plangentes, & ægri sanarentur ullâ sine mercede. Gens illa nobilis est & antiqua; quæ pluribus ab hinc seculis in eadem provincia floret, vigetque, insigniaque Britannici Ducatus gestat, ob egregiam in prælio navatam operam, ab uno ex familia, qui Ducem Armoricum, equo disjectum, fortiter in equum sustulit. Illá etiam affinitate illustres familias, multosque protulit utrâque militiâ viros insignes. Ex eâ gente satus est Nicolaus Balliolus natu minor, qui circiter annum 1568. hâc dignitate, & virtute enituit. Vidi ego dum ægros curaret, habilique, & blandienti manu ossa luxata, vel fracta, nervosque & artus è sede prosilientes, aut diductos tractaret, atque ad consueta munia revocaret, eum tantâ dexteritate usum, ut seu manûs agilitate, sive opinione, quam de tanto viro præcepisset æger, nullos interea sentiri dolores, neque naturæ adversos percipi sensus, ita illos altè sopire, ac demulcere noverat. Præterea sic aptè ligamenta præparabat, & ægra corpora obligabat, adeoque inexplicabili serie fascias, & vittas constringebat; ut non amplius ossa, vel artus, vel nervi dehiscerent, aut dimoverentur, sed hujusmodi ligaturis, & manus tractatione facilè sequerentur quocumque torqueret, & in ordinem illos reduceret.*

Algeziras, ou Algueziras. Saõ dous eminentes cerros na Costa de Hespanha, que divididos entre si, com espaço de terra em meyo, pendem igualmente sobre as aguas de huma bahia, que o mar abre quasi defronte de Ceita. *Hist. de S. Domingos, 2. parte, liv. 2. cap. 20. fol. 109. col. 2.* No tom. 7. da Mon. Lusitan. seu Author diz *Algeziras*. (Quatro naos de Portugal levaraõ os ventos, e os mares às prayas das *Algeziras*, pag. 455.) Continúa o Author dizendo, Algeziras he nome Arabico, que traduzido em Hespanhol, he o mesmo que Ilhas pelos baixos, e secos, que alli formaõ as areas.

Algibebes. Em Lisboa saõ Alfayates attuados; que fazem de vestir para a gente humilde, rustica, e que vay ao barato. No Thesouro da lingua Portugueza, o Padre Bento Pereira dá ao Algibebe dous nomes Latinos, que saõ proprios de Alfayate remendaõ, porque lhe chama *Mango*, & *Interpolator*; e segundo o dito Author na sua Prosodia, *Mango* val o mesmo, que o que enfeita mercadorias, para as vender mais caras, e *Interpolator* significa Remendaõ, ou Renovador. No primeiro tomo do meu Vocabulario, verbo *Algibebe* tenho seguido inadvertidamente o exemplo do Padre Bento Pereira. Ao pio Leitor peço para ambos perdaõ. Do officio de Algibebe diz Suetonio, *De claris Grammat. officinas promercalium vestium exercere.*

Algiraõ. He a boca por onde entra o peixe na armaçaõ. Vid. mais abaixo, Armaçaõ para a pesca do Atum.

ALH

Alhandra. Villa de Portugal na Comarca de Torres Vedras, da qual dista quatro legoas, e de Lisboa cinco. D. Sueiro, Bispo de Lisboa a mandou povoar pelos annos de 1203. e lhe deu foral com grandes privilegios. He esta Villa dos Arcebispos de Lisboa, e nella tem seu Ouvidor, Vereadores, e outros Officiaes.

Alheaçaõ. (Os tremores dos membros, e *Alheaçoens* do entendimento. Observaç. de Curvo, 202.) Vid. Alheaçaõ tom. 1. do Vocabul.

Alheta. Vid. tom. 1. do Vocabular. A frase vulgar diz, Fulano foy batendo a Alheta, para explicar, que se retira corrido, e envergonhado, ou tambem confutado, e convencido no que dizia.

Alhetas se chamaõ os dous cantos da popa da nao, pela parte de fóra.

Alho. Vid. tom. 1. do Vocabul. Outros adagios do *Alho*. Villaõ farto de Alhos. Teso como hum Alho. Se queres ser bom alheiro, planta os Alhos em Janeiro.

Alhos vedros. Villa de Portugal na Comarca de Setuval, legoa e meya de Coina. Antigamente era termo da Villa de Palmela.

Alhur. Termo dos antigos Portuguezes, do qual usavaõ frequentemente, para significar *Em outra parte*. Parece derivado do Francez *Ailleurs*, cujo *L* seguido ao *I*, na pronunciaçaõ Franceza se liquída, e faz *Alheurs*, segundo a nossa; e tambem quer dizer, *Em outro lugar*. (Assom daquelo, que eu ei em Portugal, &c. como *Alhur*.) Anda em huma Escritura de casamento de Martim Annes com Dona Beraçi. Mon. Lusitan. tom. 5. livro 16. cap. 35. mihi pag. 69. col. 1.

ALI

Aliançado. Vid. Aliado, tomo 1. do Vocabul. (Dos Genovezes seus *Aliançados*. Crisol Purificat. fol. 385. col. 1.)

Alicantina. He termo chulo, usado entre Estudantes da Universidade de Coimbra, val o mesmo que subtileza enganosa; Alicantinador, aquelle que a faz.

Alidada, ou Alhidada. Termo Arabigo, transferido a todos os mais idiomas, para significar huma regoa movel, que sobre hum Astrolabio, ou graphometro se applica, ou sobre outros instrumentos Geometricos, e Astronomicos, com os quaes se observaõ as altitudes, ou longitudes: nas extremidades de huma Alidada ha duas pinnulas, pelas quaes se observaõ os Astros, e outros

pontos

pontos, e objectos, que se buscaõ. No Grego, chamase *Dioptra*, em Latim *Linea fiduciæ*. Algumas Alidados tem braços, quero dizer, duas, ou tres regoas pequenas, ou falquias chatas, e moveis, que se prolongaõ, e se recolhem, para varias operaçoens deste instrumento. (... se vay terminar no outro extremo da Alidada. Modo de fazer as cartas Geograficas, pag. 57. Manoel de Azevedo Fortes.)

ALJESUR. Villa de Portugal, na Comarca de Lagos, cinco legoas do Cabo de S. Vicente. Foy fundaçaõ de Arabes, e a recuperou delles D. Payo Peres Correa, quando conquistou a mayor parte do Algarve.

ALIFASE. Palavra antiquada. Parece que era certa peça de cama. No testamento da Rainha Santa Isabel se faz mençaõ deste vocabulo. Vid. Alcobaça Illustrada.

ALIPEDE. He palavra Latina de *Alipes*, genitivo, *Alipedis*, val o mesmo, que o que tem azas nos pés, como Mercurio, Mensageiro dos Deoses, segundo os Poetas, ou que voa taõ rapidamente, como se tivera azas nos pés. *Alipes, edis. Masc. Ovid. Virgil*

A elle logo o Alipede *partia*
André da Sylva Mascar. Destruiçaõ de Hespanha, liv. 1. oit. 38.

ALISTE. Terra, que antigamente era do districto de Portugal, e hoje he do Reyno de Leaõ. Segundo dizia D. Joaõ Ovelheiro (Histor. dos Arcebispos de Braga, 2. part. cap. 3.) Pedro Fernandes de Laedra tinha usurpado Aliste, e outras no seu contorno, que por serem do districto de Portugal, o Papa Paschoal II. fez restituir a S. Giraldo, Arcebispo de Braga, as Igrejas, que D. Pedro Bispo de Astorga tinha occupadas. *Sandoval, na Historia dos cinco Bispos. fol. 252.* Depois occupou ElRey de Leaõ a terra de Aliste, em cuja recompensa se pedio a de Riba de Coa, em tempo delRey D. Diniz. *Mon. Lusit. tom. 5. liv. 16. fol. 108.*

ALJÔS. Resina do cardo Malacaõ, ou cardo Pinto branco, como lhe chamaõ em Portuguez. Laguna in Dioscorid. lib. 3. cap. 8. da qual resina fervida com a de Flandes, se faz excellentissimo visco. Os Estudantes, e aucupes, ou caçadores de aves, lhe daõ em Setuval este nome.

ALL

ALLAH. Na lingua Turquesca. He o nome de Deos repetido. Usaõ os Turcos desta palavra, quando pedem que Deos os favoreça a si em particular, ou a outros em commum; e he o alarido bellico, com que costumaõ entrar na batalha. Tambem nas suas oraçoens repetem tres, ou quatro vezes, e às vezes oito, o seu Allah. *Ricaut, na sua Historia do Imperio Ottomano.*

ALLELI, ou Aleli, ou Alheli. Em Castelhano he a flor, que chamamos Goivos. Segundo Urrea, derivase *Allelis* do verbo Arabico *Lea*; *lea*, que val o mesmo, que *Campear, luzir, resplandecer,* Vid. Goivos tom. 4

Todos croados de rosas
Naõ sey se alguns Allelis.
Oraç. Academ. de Fr Simaõ, pag 148.

ALLUSIVO. Cousa que faz allusaõ. Vid. Allusiv. tom. 1. do Vocabulario. (Emblemas *Allusivos* ao gosto, e esperança deste vinculo. Gazeta de Lisboa, de 1722. Part. 2, 14. de Março, pag. 118)

ALM

ALMA. Vid. tom. 1. do Vocabulario.
Adagios Portuguezes da Alma.

Ainda que somos negros, gente somos, e Alma temos. Naõ venha tanto à Alma, quanto passa. Alcaide sem Alma, ladroens à praça. Minha arca serrada, minha Alma sãa. O que ha de haver a Alma, escrito está na palma. Em quinto vay, e vem, Alma tem. Alma da padeira, he aquelle vaõ, ou sovado, que às vezes se acha no meyo do paõ.

ALMANJARRA. Vid. tom. 1. do Vocabulario. Querem alguns, que Almanjarra tambem seja o mesmo, que a margem, v. gr. Deitar huma bella Almanjarra. Finalmen-

nalmente por chularia chamaõ. Almanjarra a hum homem muito corpulento.

Almargear. Terra almargeada, he terra brava, mas cultivada, que só dá algumas hervas. He palavra usada no Alem-Tejo.

Almargem. Vid. tom. 1. do Vocabulario. Almargem, mais propriamente. He hum pedaço de chaõ, ou campo livre, inculto, perto de alguma ribeira. Na Chronica delRey D. Affonso V. donde falla o Author em Duarte de Menezes, cercado em huma Praça de Africa, cap. 30. pag. 103. col. 2. diz: *Mostrando que queriaõ recolher o* Almargem, *que na praya jazia*; e quer dizer: *Meter na Praça o campo livre, pegado à praya.*

Almargem do Bispo, chamaõ no termo de Lisboa, perto de N. Senhora da Luz, hum campo livre, perto de hum ribeiro. Na minha opiniaõ a mais certa derivaçaõ de Almargem, he do Arabico *Al-march*, que (segundo o Padre Guadix) he *campo*, ou *prado*. Segundo Cobarruvias no seu Thesouro, o *Almarjales* dos Castelhanos, que significa terras baixas, como prados, e o *Almarcha* dos mesmos, que quer dizer povos assentados em campos, se deriva do Arabico *March*, ou *Al-march*.

Almartaga. Escuma da prata. Vid. Lithargyrio, tomo 5. do Vocabulario. Na sua Prosodia traz o Padre Bento Pereira esta palavra, declarando o significado. Os Castelhanos usaõ della, porém no seu Thesouro diz Cobarruvias, que em Castella, *Almartaga* naõ he outra cousa, que huma mistura de chumbo, terra, e cobre, que cospe de si a prata, quando nas fornalhas a afinaõ.

Almedina. Cidade de Africa no Reyno de Marrocos, na Provincia de Duquéla, entre Safia, e Azamor. Foy algum dia muito rica, e muito povoada; hoje só apparecem huns muros velhos, acompanhados de algumas torres. Os Arabes, e alguns Berberes andaõ nos contornos barendo o campo, mas naõ permittem que se reedifique, e torne a povoar, nem ainda que restituída ao ser antigo, a quereriaõ habitar, porque naõ folgaõ de se ver cerrados. Porém naõ lhe falta valor, e algumas vezes se chegaõ à Praça de Mazagaõ, mas naõ aquentaõ lugar, porque os Portuguezes cahem logo sobre elles, e os rechaçaõ *Marmol, Histor. de Africa liv. 3.*

Almirantados. Aquellas pessoas, que vaõ à obediencia de algum Almirante. *Rei maritimæ Præfecto subjecti.* (Os Almirantados tinhaõ mandado à Corte a lista dos navios. Gazeta de Lisboa de 1720. 8. de Fevereiro, pag. 42.

Almogavar. Vid tom. 1. do Vocabulario. Em alguns Authores antigos se acha *Almogavere*; e segundo se pode colligir do que diz Zurara na tomada de Ceuta cap. 55. Almogavere era o ladraõ, que salteava aos desmandados no tempo da guerra, porque no dito lugar diz o dito Zurara, hum grande Almogavere do Reyno de Grada andava alli salteando os moços, que sahiaõ à fruta.

Almonda. Rio, do qual faz mençaõ o Doutor Antonio Ferreira.

Nymphas do claro Almonda, *em cujo seyo.*

Poemas Lusitanos, fol. 16.

Entre a Golegãa, e Santarem, ha huma ponte, a que chamaõ a ponte do Almonda; deve de ser a ponte deste rio.

Almotacel. Na Cidade de Athenas, *Agoranemus* era o mesmo, que para os Romanos *Ædilis*; e he palavra composta do Grego *Agorà*, isto he, *Mercado*, e do verbo *Nomo*, que quer dizer *Distribuo*. *Agoranomus*, diz Mathias Martinio, *Magistratus, qui foro rerum venalium præest, Annonæ præfectus.* Usa Plauto deste vocabulo nas suas Comedias, e particularmente na que tem por titulo *Captivai*.

Euge editiones ædilitias hic quidem habet,
Mirumque adeò est, ni hunc fecère sibi Aetoli Agoranomum.

Almotaçadamente. Pelo preço dos Almotaceis. v. g. As gallinheiras, as padeiras,

deiras, &c. devem vender Amotaçadamente. *Pro pretio, ab Ædilibus*, ou *Curatoribus posito aliquid vendere.*

Almoxatre. Sal Ammoniaco. Vid. Ammoniaco, tom. 1. do Vocabulario.

ALO

Aloâ. Doce o mais commum de todo o Oriente; compoemse de farinha de arroz, manteiga, e jagra, que he o assucar da palmeira. Os Portuguezes da Asia o estimaõ tanto como os Orientaes. Alguns escrevem, e pronunciaõ Aluá.

Aloes. Derivase do Grego *Alos*, que significa Eira, onde se debulha trigo. Era *Aloes* o nome de huma festa, que os Lavradores de Athenas celebravaõ em honra de Ceres, e de Bacco, depois da colheita do paõ, e do vinho. *Giraldi no seu livro dos Deoses.*

Alojar paõ. Metello na tulha. He de Agostinho Barbosa no seu Diccionario. *Condere frumentum in horreum*, *in horreo*, ou *horreo*. *Cic. 2. de Legibus. Liv. lib. 1. de bello Macedonico.*

Aloides. Deuse este nome a Oto, e a Ephialtes, filhos de Aloêo, e de Iphimedia, ou (como querem outros) de Neptuno, e de Iphimedia, que ficou prenhe com a agoa do mar, que ella todos os dias lançava no seyo, passeando pela praya. Dizem que a estes gemeos, depois de nascidos, lhes dera Neptuno hũa virtude, e qualidade, que cada anno os fazia crescer de hum covado em altura, e de huma ana em grossura, de sorte, que já na idade de nove annos eraõ excessivamente grandes. Entaõ ajuntaraõse com os Gigantes, e moveraõ guerra a Jupiter, apanharaõ a Deos Marte, e o carregaraõ de ferros, mas com a sua destreza Mercurio o poz livre. Pertendeo Ephialtes a Juno por mulher, e com Diana quiz Oto casar, o que Jupiter estorvou. Apoderaraõse da Ilha de Naxos, e soltaraõ a sua mãy, e irmãa, que estavaõ prezas. Mas finalmente Apollo, e Diana os assetearaõ, e mataraõ. *Homero Odyss. Diodoro, liv. 3. Aloidæ, arum, Plur.* Dos Aloides faz Virgilio mençaõ no livro 6. da Eneida, onde diz:

Hic & Aloidas geminos immania vidi
Corpora, qui manibus magnum rescindere cœlum
Aggressi, superisque Jovem detrudere regnis.

ALP

Alparcas. Vid. tom. 1. do Vocabulario. No capitulo 39. do seu Itenerario pela India Oriental diz Joaõ Hugo Linscotano, pag. 48. fallando no calçado dos Canarins, e Decanins: *Habitus illorum est, ut Banianensium, exceptis calceis, quos antiquâ formâ gestant, digitis eminentibus, ligulâque adstrictis, nudum ad pedem, Alparcas vocant.*

Alpendre. Vid. tom. 1. do Vocabulario.

Alpendre das eiras, onde se recolhem as novidades, quando chove. *Nubilarium, ii. Neut. Columel. lib. 2. cap. 6.* No capitulo 21. diz *Nubilar, aris. Neut.*

Alphabetar. Escrever distribuindo as materias pela ordem das letras do Alphabeto. *Secundum seriem litterarum res describere.*

Alpheo. Rio, que banha os campos de Elida na Morea, onde recebe o Erimanto, e o Celadon; e alguns cento e quarenta riachos. Fingiraõ os Poetas, que Alpheo caçador, namorado de Arethusa, Nympha de Diana, perseguindo-a até perto de Syracusa em Sicilia, com intento de a lograr por força, neste perigoso trance implorara o auxilio, e soccorro de Diana, que a transformou em fonte; e juntamente Alpheo foy transfigurado em rio. Mas naõ podendo esquecerse da sua querida Arethusa, diz a fabula, que dera provas da sua constante fineza, misturando as suas agoas com as da dita fonte Arethusa, e continuamente correndo por meyo do mar, sem se misturar com as ondas, até chegar à Ilha de Sicilia, aonde se torna a ajuntar com a sua amada Arethusa. Mas affirma Strabo, que este rio Alpheo, que tem

na Arcadia o seu nascimento, naõ atravessa o mar Jonio por meatos subterraneos, para em Sicilia meterse nas agoas de Arethusa. Diz o dito Author, que este rio tem sua boca, pela qual se mete no mar, sem achar pelo caminho voragens em que se perca (como succede a outros rios) para improvisamente apparecer em outra parte. No que toca à fonte Arethusa, zomba Strabo dos Poetas, que fingiraõ, que esta fonte nascia, como o rio Alpheo, em Arcadia, e que passando por debaixo do mar, se vinhaõ as aguas de ambos a incorporar no mar de Sicilia. Nem por isso se ha de dizer, que este caso he impossivel; porque de outros rios he cousa certa, que atravessando lagoas, e mares, se despedem delles com suas agoas taõ doces, como de antes. Mas no particular do rio Alpheo, e da fonte Arethusa, todos os Geographos saõ do parecer de Strabo.

ALQ

Alquies. Medida de Taboa, por onde os que medem sola, a vendem para sapatos.

Alquimista. (*Alquimista* do Paraiso, da sua grande piedade aprendeo a verdadeira arte de fazer o precioso metal, e com trinta e sete annos de vida innocente, comprando o Reyno do Ceo, &c. Escola das Verdades, verdade 4. §. 10. no fim.) Na palavra *Alquimia* acharás varias etymologias, que se podem appropriar a Alquimista, às quaes se podem accrescentar outras; porque outros, seguindo a opiniaõ de Salmasio, querem que Alchimia se derive de *Chamia*, ou *Chemia*, antigo nome do Egypto, de donde esta sciencia passou à Grecia; outros derivaõ *Chimia*, do Grego *Chimis*, *quo nomine* (diz Hofman no seu Lexicon Universal) *fornaculam, sive caminum, in quo aurum, & argentum fundebatur, appellarunt Græci, quasi xabxorbar quod ore hianti, ac patulo esset.* Nas Disquisições Magicas do Padre Martim del Rio achará o curioso outras etymologias.

Alquirivia. Vid. Cherivia. Na sua Prosodia o Padre Bento Pereira declarando o Latim de *Siser*, que em Portuguêz he *Cherivia*, diz *Alquirivia*.

ALR

Alrotar. Vid. Escarnecer.

Se cuidais, que he gracinha o ser ingrata,
E credes que o Alrotar *he cortezia.*

Obras Metricas de D. Franc. Man. na Tuba de Calliope, pag. 16.

ALT

Altai. Montes da Asia, na Tartaria Septentrional. Chamaõlhe outros *Belgian*. Dizem que nestes montes se achaõ sepulturas dos Reys da terra, a que os Authores daõ diversos nomes.

Altamura, ou como querem alguns Altavilla. Cidade de Italia no Reyno de Napoles, na Provincia de Bari, tem titulo de Principado. *Altus Murus.*

Altarista. Em Roma, na Basilica Vaticana, he o titulo, que se dá ao Conego, por cuja conta corre o concerto do Altar mòr da dita Basilica, e conservaçaõ dos frontaes, que nas Vesperas dos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo o Subdiacono Apostolico lhe entrega.

Altear. Termo de Sapateiro. Altear o talaõ do sapato, he fazello mais alto.

Altemberga, ou Altemburgo. Cidade de Alemanha, na Misnia, com titulo de Ducado, assentada sobre o rio Pleiss. Pertence à Casa de Saxonia. Ha outra Altemberga na Transilvania. Na Hungria Inferior ha outro Altemburgo, e na Baviera outro sobre o Danubio.

Alteza real. No anno de 1633. principiou o uso deste titulo, quando o Cardeal Infante passou por Italia para ir aos Paizes Baixos. A razaõ foy, q̃ vendose a pique de ser cercado de hum grande numero de Altezas, naõ querendo sofrer a igualdade deste tratamento, alcançou do Duque de Saboya, que o tratasse de Alteza Real, contentandose o Duque com o titulo de Alteza. Gastaõ de Fran-

ça,

ça, que naquelle tempo se achava em Bruxellas, naõ levando a bem a singularidade desta distinçaõ entre si, e o Cardeal, já que hum, e outro eraõ filhos, e irmãos de Reys, tomou logo o mesmo titulo. Em França, Inglaterra, e outros Reynos do Norte seguiraõ o mesmo exemplo. No anno de 1659. quando o Mariscal Duque de Grammont passou a Castella, a pedir a Infante para mulher de Luis XIV. procurou saber, se era do gosto delRey de Castella, que tratasse de Alteza Real ao Principe, e Princezas seus filhos. Deu ElRey a entender que este titulo, por novo, e inusitado lhe naõ agradava, e ordenou, que este Ministro naõ désse ao Principe, e às Infantes outro titulo, que o de Alteza.

Althea. Mulher de Oeneo, Rey de Calydon. Dizem os Poetas, que Oeneo offerecendo hum sacrificio para a colheita das novidades, de proposito naõ fizera mençaõ da Deosa Diana, a qual escandalizada, e indignada deste desprezo, meteo nos campos de Calydon hum Javali, que destruhio tudo. Meleagro, filho de Oeneo, ajuntou todos os Principes da Grecia, para lançar fóra esta furiosa fera, e entre elles se achou Atalanta, filha de Jasio, Rey de Arcadia. O primeiro tiro, do qual ficou o Javali ferido, foy da maõ desta Princeza; em premio do acerto, ou em demonstraçaõ do affecto, como acabou de o matar, lhe fez Meleagro hum mimo do primeiro despojo do animal. Mas Plexippe, e Toxeo, irmãos de Althea, raivosos de que hũa moça levasse a palma da montaria, lha tiraraõ das mãos. Injuria taõ sentida de Meleagro, que se lançou aos rios, e lhes tirou a vida. O que obrigou a Althea sua irmãa delles, a que sacrificasse seu irmaõ Meleagro aos Manes de seus irmãos, deitando em huma fogueira o fatal tiçaõ, ao qual por decreto das Parcas, estava vinculada a vida deste Principe, naõ lhe sendo concedido viver mais, do que durasse o tiçaõ. No cabo Althea se castigou a si mesma com a punhalada, com que se abrio o peito (ou como querem alguns) affogandose com baraço.

Altipotencias. Titulo, que se dá aos Estados das Provincias Unidas dos Paizes Baixos. Depois que pelo Tratado de paz, que os Hollandezes fizeraõ em Munster com ElRey de Castella, ficou assentada a sua Soberania, os Reys de Inglaterra, Suecia, e Dinamarca, como tambem os Eleitores, e Principes do Imperio, os chamaõ *Muito Altos, e Poderosos Senhores*, e lhes daõ o titulo de Altipotencias.

Altisono. He palavra Latina de *Altisonus, a, um.* Cousa que soa alto.

Ao plectro offreça altisono instrumento.
Man. de Faria e Sousa, Fabula de Narciso, e Ecco, Estanc. 1.

ALV

Alvanêo, ou Alvanel, ou Alvineo. O Padre Bento Pereira, no Thesouro da lingoa Portugueza, diz *Alvanel*. A algũs ouvi dizer, que *Alvaneo* he o proprio.

Alvares. Villa de Portugal, na Comarca de Thomar, donde dista dez legoas. Fica em hum ameno valle, entre dous outeiros, junto de huma ribeira, que se mete no pequeno rio chamado *Unhaes*, e este no Zezere.

Alvaro. Villa de Portugal, na Comarca de Thomar. Por junto della corre o rio Zezere. O Marquez de Marialva he Donatario desta Villa.

Alverca. He vocabulo Castelhano, e val o mesmo que *Terra alagadiça*, por isso chamaõ assim à Villa deste nome; e temos Author Portuguez, que neste sentido usa do dito vocabulo.

A Inquisiçaõ velha fez hum dia
Pedir esmola, e hum travesso moço
O empurra, e faz cahir na cava fria
De hũa Alverca, chea de agoa, ou poço;
Nella o Pio Joaõ se submergia,
Que quasi lhe chegou até o pescoço.

O Licenciado Francisc. Barret. Landim, na Vida de S. Joaõ de Deos, fol. 93.

Aluguel, ou Aluguer. No Portuguez da palavra Latina *Locator*, o Padre Bento Pereira diz *Aluguel*, e por

Locare

Locare, diz dar de *Aluguel*; mas no Thesouro da lingua Portugueza diz *Aluguer*. Determinem os Criticos, qual dos dous ha de ser.

Alvidûco. Termo de Medico. Derivase das duas palavras Latinas, *Alvum ducere*, que significaõ *Fazer o ventre facil*. Medicamento Alviduco. *Medicamentum, vel pharmacum, quod alvum ducit*. (Alimpar o estomago com purga vomitoria, ou *Alviduca*. Observaç. de Curvo, 302.)

Alvinhos. Na Descripçaõ da Ethiopia Inferior, diz Monf. Dapper, que os Portuguezes deraõ este nome a hũs homens da Ethiopia Inferior, que tendo feiçoens de negros, saõ brancos, mas de hum branco, que faz nojo, porque he pallido livido, e sem viveza, como cor de leproso, ou de corpo morto; e o que he notavel, tendo os olhos como amortecidos, tem a vista forte, e os olhos brilhantes ao luar. Attribuem alguns esta alvura à imaginaçaõ da mãy negra, que vendo hum homem branco se altera, do mesmo modo que (segundo dizem) mãys brancas vendo negros vivos, ou pintados, tem parido filhos negros. Porém affirma Vassio, que no Sertaõ das terras de Guiné ha povos inteiros desta cor, dos quaes os verdadeiros Negros tem horror, e fogem delles, como de gente, que tem peste. He pois opiniaõ do dito Author, que estes taes saõ verdadeiros leprosos, e que a sua alvura he effeito de hũ achaque, que com excesso lhe desecca a pelle, e he opiniaõ de alguns, que todos os Negros estariaõ sugeitos a este contagio, se com frequentes ficçoens se naõ preservassem, untando muitas vezes o corpo com azeite, e gorduras, que humectando a pelle, conservaõ a saude, e accrescentaõ a negrura, que para elles he no caraõ o esmalte da fermosura. O livro diz *Albinos*, mas deve ser erro da impressaõ.

Alvitana. He huma rede mais larga, que serve no tresmalho.

Alvo. Atirar ao alvo. Vid. tom. 1. do Vocabulario.

Atirar ao Alvo, no sentido moral, metaphorico.

Naõ notais, que o tirador
(Nenhum delles vos resalvo
Mas que seja elle quem for)
Nunca atira a outra cor,
Sempre vay tirar ao Alvo.
Valhame Deos, poes que tem
O Alvo, *o branco, o fermoso,*
Que a tirarlhe todos vem?
Que ha de ter? parece bem,
Foy mofino em ser ditoso.

Obras Metricas de D. Francisco Man. Çanfonha de Euterpe, pag. 101. col. 1.

Alvorninha. Villa de Portugal na Comarca de Leiria, assentada em lugar alto, huma legoa de Salir do Mato.

ALZ

Alzîra. Pequena Cidade do Reyno de Valença, assentada entre dous braços do rio Xucar, que depois de pouco espaço desemboca no mar. Dista algumas cinco, ou seis legoas da Cidade de Valença, Metropoli do Reyno.

AM

Am. Famosa Cidade de Armenia, em que antigamente se contavaõ cem mil casas, e algumas mil Igrejas. No anno de mil duzentos e dezanove foy tomada pelos Tartaros, depois de hum sitio de doze dias. *Santo Anton. tit. 29. cap. 3.*

AMA

Amæa, ou Amaya. Segundo Plinio no liv. 4. cap. 22. he o antigo nome da Cidade de Portalégre no Reyno de Portugal. Vid. Portalegre.

Amabilidade. Perfeiçaõ, que causa amor. *Amabilitas, atis. Fem.* He usado de Plauto na Tragedia, intitulada *Stich.* onde diz, *Si amabilitas tibi nostra placet, si tibi ambo accepti sumus.* (Estimar, e honrar sua infinita *Amabilidade*. Exhortaçaõ Dogmatica do Padre Pedroso, pag. 36.)

Amaça.

Amaçagatar. Termo do vulgo. Deixar huma caixa de roupa v. g. mal composta.

Amadabat. Vid. tom. 1. do Vocabulario. He Cidade muito grande, muito rica, e tem magnificos edificios, assim publicos, como particulares. Na Mesquita mayor interiormente de obra Mosaica, e revestida de Agatas de varias cores, que se tiraõ dos montes de Cambaya, se vem muitas sepulturas de Reys antigos idolatras; hoje he dos Mahometanos. Nos campos circumvisinhos ha muito bugio, e como os Banianes lhes tem muita veneraçaõ (como a toda a casta de animaes) há na Cidade duas, ou tres casas, que lhes servem de hospitaes para quando adoecem, ou ficaõ aleijados. Das suas rendas sustenta a Cidade para serviço do Mogor doze mil cavallos, e cincoenta elefantes. O Governador he muito rico, e toma o titulo de *Radia, Raja*, ou *Rasgi*, isto he, *Principe. Tavernier, Viagem da India, liv. 1. cap 5.*

Amadurar. Dar madureza. Fazer madurecer. *Coquere*, ou *percoquere*, (*coquo, coxi, coctum*.) O Sol amadura os fruto. *Sol fructus coquit. Varro. Sol fructus percoquit. Seneca Phil. Sol fructus maturos efficit. Ad maturitatem perducit. Maturitatem fructibus affert. Fructus à sole maturescunt, mitescunt, maturitatem assequuntur, adipiscuntur, nanciscuntur.* Na Prosodia de Bento Pereira se acha *Amadurar*, aonde declara o Portuguez do verbo Latino *Maturare.*

Amágo, com accento na penultima, significa quasi o mesmo que Ameaço.

Amalecítas. Povos assim chamados de Amalech, filho de Thesma, que foy pay, e Cabeça delles. Viviaõ na parte Meridional da Idumea. Eraõ inimigos dos Hebreos, mas estes por mandado de Deos se vingaraõ dos aggravos recebidos. *Amalecitæ, arum. Masc. Plur.*

Amalthea, Demophila, ou Hierophila. Deuse este nome à Sibylla Cuméa, que com notavel valor respondeo ao Rey de Roma Tarquinio o Sobérbo, quando lhe offereceo nove livros de prophecias, que ella havia composto. Pedio por elles huma taõ grande somma de dinheiro, que ElRey zombou della; deitou a Sibylla tres delles no fogo; depois disto, para os seis que ficavaõ, pedio o mesmo dinheiro, que dantes; e vendo que lho naõ queriaõ dar, queimou outros tres; finalmente perguntandolhe os Ministros delRey quanto queria dos tres ultimos, pedio o mesmo, que a primeira vez havia pedido pelos nove juntos, a saber, trezentas moedas de ouro da moeda de Roma naquelle tempo. Sobre esta proposiçaõ fez Tarquinio huma Junta, em que os Pontifices convocados foraõ de parecer, que se désse à mulher o que ella pedia, e deferio ElRey. Tem para si alguns Authores, que succedeu este caso na LXVII. Olympiada, anno 244. ou 45. da fundaçaõ de Roma. Foraõ depois estes livros taõ venerados em Roma, que foraõ creados dous Magistrados, sem outra occupaçaõ, que a de guardar os ditos livros, e consultallos na occasiaõ; e assim naõ se abriaõ senaõ nas urgentes necessidades da Republica, e para buscar nelles o modo de expiar os peccados, e remediar as miserias publicas. *Lactan. lib. 1. cap. 6. Tito Livio, lib. 1.*

Amanhar. Vid. tom. 1. do Vocabulario.

Amanhar as baetas. He arregaçallas, concertallas, e pollas, quem as traz, em boa proporçaõ. *Vestem talarem*, ou *longiorem colligere, & componere.*

Amantes. Termo de Marinhagem. Saõ os aparelhos para puxar as ancoras.

Amarante. Villa de Portugal. Vid. tom. 1. do Vocabulario. He opiniaõ, que os Tudertanos, fundadores desta Villa, lhe chamaraõ *Araduca*, e vinha a ser o mesmo que *Ara-Ducum*, ou *Altar dos Capitaens.* Depois com a vinda dos Romanos se alterou este nome, trocado em *Amarante*, por razaõ da visinhança com a serra do Maraõ, que dahi a duas legoas vay subindo até às nuvens. E assim querem, que o nome *Amarante* seja derivado de *Antemaranum.* Querem outros, que

que se lhe derive o nome da flor *Amaranto*, que nunca se murcha; porque de frondosos arvoredos, sempre saõ verdes os montes, que coroaõ esta Villa. Quando esta Villa naõ fosse taõ antiga, naõ se lhe póde negar a honra de *Beatria*, ou *Betria*, as quaes começaraõ, e continuaraõ em tempo delRey D. Affonso V. de Leaõ, anno de 1017. e naõ de 1020. (como quiz Morales) e depois se estabeleceraõ por ley para Portugal, e Castella nas Leys das Partidas, 4. partida, titulo 25. 1. 14. Passando a ponte de S. Gonçalo, se continúa esta Villa em duas jurisdiçoens diversas, a saber, no Concelho de Gouvea, riba Tamega, de que saõ Senhores os Sousas do Chichorro, hoje Condes do Redondo, e daqui nasceo o erro de quem disse, que Martim Affonso de Sousa, sobrinho delRey D. Dinis, fora Senhor de Amarante, porque só o foy do Concelho de Gouvea, o qual principia no meyo da dita ponte de S. Gonçalo, aonde está hum cruzeiro de pedra, do qual vaõ acabar à ponte as casas, ou Palacio antiquissimo dos ditos Sousas. Continuase pois a rua com o nome de *Rua do Covelo*. Na Villa de Amarante entrase pela parte Occidental, e estrada que vay da Cidade do Porto, por huma ponte de pedra, que serve de passagem a huma ribeira, ou rio, que chamaõ de S. Lazaro, e naõ de Bellas, como dizem alguns mal informados; porque o lugar de Bellas he huma quinta, com casas do Senhor della, e seu caseiro: toma este ribeiro varios nomes, segundo os lugares por onde passa, porque mais acima se chama *Ribeiro do Pego*; chega a huma Ermida de S. Lazaro, antiquissima, e se chama *Ribeiro de S. Lazaro*, e correndo do Norte para o Meyo dia, entra no Tamega, aonde se chama *Ribeiro da Torre*, por passar por hum lugar, que assim se chama. Da Ermida de S. Lazaro, que antigamente foy Hospital de leprosos, se dá em outro sitio, a que chamaõ o *Mortorio*, por razaõ de alguma batalha, que alli se deu em tempos antigos, de que naõ ha noticia; ou porque alli se enterraraõ empestados. Esta Villa naõ só foy Beetria, mas foy Cabeça de todas as Betrias, a saber, Ovelha, Canavezes, Tuyas, Gallegos, Mezamfrio, Villa-mea, Cidadelha, e Paços de Gayolo, Bertiandes, Varsea da Serra, Campo Bemfeito &c. Consta, que foraõ Senhores de Amarante depois do Conde D. Affonso, o Principe D. Affonso, filho delRey D. Joaõ o II. ao qual succedeo o Senhor D. Jorge, Mestre de Santiago, e este foy o ultimo, e com elle acabaraõ os Senhores das Betrias; destas ainda se conserva em Amarante a memoria em hum Meirinho, a que chamaõ das *Betrias*, e depois por corrupçaõ do vocabulo, lhe chamaraõ das *Beatilhas*, e hoje se chama *Meirinho das Sedas*, porque antigamente era Executor da Pragmatica contra o uso dellas. Terá esta Villa alguns seiscentos visinhos, e entre elles muita Nobreza. O trato da gente he muito luzido, os moradores saõ grandes Cavalleiros, tem boas casas, com bons paramentos. A terra he providissima de tudo; dá excellentes frutos, e os melhores pecegos de Portugal; o vinho he muito bom, para distinçaõ do vinho verde, chamaõlhe maduro. Tem dous Conventos, hum de S. Domingos, aonde está o corpo do milagroso S. Gonçalo, cujo magnifico Templo, e Convento, saõ dos melhores de Portugal. O outro Convento he da Ordem de Santa Clara, tambem de excellente architectura; foy fundaçaõ da Rainha, que foy de Leaõ, D. Mafalda, a qual tambem fundou a Albergaria no seu Couto do Covelo, aonde se recolhem os peregrinos. No seu Templo, dedicado ao Principe dos Apostolos S. Pedro, os Padres Clerigos, que o fundaraõ, e fizeraõ, tem a sua Confraria, e nelle rezaõ em Coro, e isso só por devoçaõ. De mais da ponte, que atravessa o rio, o Ribeiro de S. Lazaro tem outra ponte, que finaliza à porta de huma Ermida antiquissima de Santa Luzia, e naõ se chama *Rio Luzia*, como alguns erradamente disseraõ. Tem mais a famosa ponte

de S. Gonçalo, que atravessa o rio Tamega, vay banhando a Villa pela parte do Meyo dia, e naõ da Norte, como disseraõ alguns mal informados. Esta celebre ponte está ornada de huma parte, e outra com ameyas de cantaria, bem lavradas, e vay fenecer em hum Palacio antiquissimo, e nobilissimo solar dos ditos Sousas do Chichorro. He notavel a inclinaçaõ, que os filhos desta terra tem ás boas letras, e particularmente em Poesia, em que se singularizaraõ Domingos Pereira Bracamonte, Medico de prosissaõ, e Author do *Banquete de Apollo*, que só se imprimio, ficando muitas obras suas nas sombras do silencio, e do esquecimento: Antonio Peixoto de Magalhaens, tambem Medico; entre muitos livros, que compoz em verso, he celebre o que intitulou, *Amarillis Pastoril*, e *Laziphensida*, ou *Dom Affonso Henriques*, *Poema Epico*: Miguel Cerqueira, Clerigo, compoz a *Vida de S. Gonçalo, em Oitava Rima*, e a *Historia da India até Duarte Pacheco*, *Poema Heroico*, em vinte e tantos cantos, e muitas outras obras, que naõ sahiraõ a luz. Dos mais antigos, compoz varias obras em versos Pedro de Seixas, pay do Doutor Gaspar Pinto da Fonseca, Lente da Universidade de Coimbra, e o primeiro que leo de cór na dita Universidade, a quem seguio Marçal Casado, Diogo Cabral Barbosa, excellente Poeta Latino, que levou os primeiros premios no Certamen da Rainha Santa em Coimbra, compoz a *Lusitania Restaurada* em harmonias, e cantos. Dom Abbade da Pedreira, Joaõ Velloso de Queirós, corre manuscrita huma obra, intitulada *Flores de Amarante*, e outras muitas em versos. De Fr. Joaõ de Deos ha muitos versos excellentes ao humano, e ao Divino; porém corre o celebre Romance, que principia:

Clarinha de junto á ponte,
Que junto da ponte lava &c.

Tambem foy insigne o Mestre Frey Jeronymo de S. Boaventura, que compoz varias obras, assim Latinas, como vulgares, que mereceraõ a approvaçaõ, e admiraçaõ dos sogeitos mais eruditos. Finalmente com suas singulares prendas, e virtudes honraraõ a sua Patria, o Arcebispo de Goa D. Alberto de S. Gonçalo, Conego Regrante de Santo Agostinho, e Fr. Antonio de Guadalupe, Franciscano, da Provincia de Portugal, eleito Bispo do Rio de Janeiro por ElRey nosso Senhor; ainda naõ está sagrado neste anno de 1724.

AMARELLO. Peixe amarello, he hum peixe, a que os Chinas chamaõ *Hoangcio Ta.* Desde o fim do Outono, até o Estio anda no mar, onde os da terra procuraõ de o apanhar, porque he muito saboroso; mas no principio do Estio se muda em ave com plumas amarellas, e voa para os montes, para buscar como os mais volateis seu sustento. Em vindo o Inverno, se restitue ao mar, onde perde com a sua plumagem as suas azas, e se cobre de escamas, com suas guelras, até tomar na Primavera outras azas, para renovar como no anno antecedente os voos, mudando em certo modo de especie com huma perpetua revoluçaõ.

AMARLOTAR. Apertar na maõ hum papel v. g. e enchello de rugas. He termo do vulgo. No seu Thesouro da Lingua Portugueza, traz o Padre Bento Pereira este verbo, e o verte em Latim pelo verbo *contrectare*, que segundo o dito Author na sua Prosodia, he Tocar muitas vezes, e ensovalhar com as mãos.

AMARO. Vid. tomo 1. do Vocabulario.

Amaro. Triste, luctuoso.

Ultima scena da Tragedia Amara. And. da Sylva Mascar. Destr. de Hespanha, liv. 5. oit. 7.

AMARRAR. Termo da Agricultura; (A regular póda he de vara, esta he, ou para se empar a mãy, a que chamaõ *Amarrar*, ou he para se empar com canas, ou paos. Vicencio Alarte, Agricultura das Vinhas, pag. 48.)

AMARRETA. Amarra de navio mais pequena.

AMASSAR a carne. Na India, he ir assentando os punhos brandamente no corpo

corpo da cintura para baixo. Aos filhos da India, isto costumaõ fazer os seus negros na cama.

AMB

Ambicionar. Ter ambiçaõ. Cobiçar. (Quanto Ambiçiona em fadigas. Paulo Nogueira de Andrade Rom. Lyr. do Certamen Eucharistico.)

Amboino. Vid. mais abaixo, Ito. Vide etiam *Amboino*, tom. I. do Vocabul.

Amborete. Termo de navio. (Hum mar, que lhe deu, foy tal que lhe cortou o masto pelos *Amboretes*, como hum pepino. Diogo do Couto, Decada 6. liv. 9. fol. 296. col. 3.)

Ambreta. Flor. Muitas saõ de cultivo, outras saõ do campo. Tem fórma de botaõ, com seu froco a modo de Alcachofra. Do seu cume nasce huma folhagem, ou floreteado em fios, ou selpa. Na superficie tem mais de cor roxa. O seu cheiro se parece ao de Ambar, donde se lhe deriva o nome. Humas saõ roxas, outras brancas, mas sempre o floreado he mais roxo. O seu tamanho he de avellãa, e muito verde. O Padre Francisco Pomey da Companhia de Jesus, descreve esta flor na fórma que se segue: *Cardui, & cinaræ repræsentat florem hic flos: Sed mole haud paulò minore. Priusquam dehiscat, sesèque pandat, sphærulæ exhibet speciem, squamoso, scabroque cortice, colore viridi dilutiore. Tum supernè hiascens molliter tenuiora capillo depromit, diffunditque per ambitum fila, coloris Amethystini, infernè subalbidi, & velut in cidarim componit, & explicat. Denique florem hunc, non forma commendat, sed odor admirandus, tam accedens propè ad odorem Ambri, seu Ambari, ut fortitus inde sit Ambretæ nomen.*

AME

Ameaço. Ordinariamente ameaços saõ trovoens sem rayo, ou saõ rayos, a que os Naturaes chamaõ humidos, que naõ queimaõ. Ha mais de mil e duzentos annos, que a torre de Pisa ameaça ruina, sempre inclinada, ainda está em pé, *Ruituraque semper, stat mirum moles.* Poucos homens ha como Tiberio, que no mesmo tempo, que ameaçava, feria; deste cruel Emperador diz Tacito, *Tristioribus dictis, atrocia facta conjungebat.* Os ameaços saõ avisos para o ameaçado se acautelar, e muitas vezes resultaõ em damno de quem ameaça. Artabaõ, Principe de Hircania, avisado da jactancia, com que vinha Xerxes tomar nelle vingança da morte de Dario, espreitou a occasiaõ de matar a Xerxes, e a teve taõ boa, que conseguio o intento. Artaxerxes, filho de Xerxes, informado de que Artabaõ o ameaçava de lhe tirar o Reyno, tirou a Artabaõ o Reyno, e a vida. Declarou Alexandre Magno, que chegando à Grecia, se vingaria de certos aggravos; preparoulhe Antipater o veneno, de que morreo. Na Historia moderna acharás, que Affonso de Aragaõ, depois de ameçar estragos a Petrucchi, e ao Conde de Sarno, estes mesmos, para se livrarem, traçaraõ hũa conjuraçaõ, que o destruhio. Escreve Polydoro Virgilio, que Duarte III. Rey de Inglaterra, despedira a hum dos seus Musicos, por ter má voz. O miseravel vendose sem os seus ordenados, disse aos companheiros: Bem está, naõ tenho meyos para viver, mas tambem tirarey a muitos a vida. Mandou-o ElRey chamar, e estranhando a temeridade deste ameaço, respondeo: Senhor, tenho alguma noticia da Arte Medica, e por naõ ter com que passar, determino exercer a Medicina, e primeiro que chegue a saber bem esta profissaõ, certamente que matarey a muitos. Os que ameaçaõ muito, saõ como o Tavaõ, que com aguda tromba zune muito, sem nunca chegar a fazer, nem mel, nem cera. Os que com razaõ ameaçaõ, haõ de ter como os Soldados de Gedeaõ, a trombeta em huma maõ, e o alfanje na outra; ou haõ de imitar a Hercules, que andava com a clava levantada, em acto de ferir, sem gastar tempo em preambulos.

Amea-

Ameaço de doença. *Morbi tentatio, onis. Fem. Cic.* Ao primeiro ameaço da doença perdeo o animo. *Ut primùm tentari morbo cœptus est, abjecit animum.* Vid. Ameaça.

Ameigar. Fazer meiguices. Attrahir com affagos, e carinhos. *Aliquem allectare (o, avi, actum.) Cic. Dare alicui blandimenta. Tit. Liv. Aliquem illecebris irretire. Cic.*

Ameijoa. Na descripçaõ Latina deste marisco, impressa no 1. tom. do Vocabulario, houve huma grande equivocaçaõ, porque o Padre Filippe Bonano, que no seu livro, intitulado, *Recreatio mentis, & oculi*, pag. 103. n. 32. a fez para o mexilhaõ, e no Vocabulario foy inconsideramente appropriada à Ameijoa; porém naõ he o erro muito de estranhar; pois Authores de boa nota confundem estas duas especies; porque aos mexilhoens, ou Mitulos chama Atheneo *Tellinos*, que he o nome, que outros Authores daõ às Ameijoas. No seu Thesouro da lingoa Portugueza o Padre Bento Pereira chama à Ameijoa *Auris marina*, nome quasi semelhante ao que se acha no livro do dito Padre Bonano pag. 132. num. 158. & 159. onde descreve a differença (se me naõ engano) de algumas especies de Ameijoas. *Cochlea aurita segmentata &c. Cochlea aurita fasciata, &c.*

Ameijoada. Termo Pastoril. Levar o gado Ameijoada, he quando os Pastores levaõ de noite a pacentar o gado. Outros por esto outro modo se explicaõ, dizendo, Ameijoada he malhada, que no campo fazem de noite com suas bestas os Almocreves, Tasoneiros, e outros. Escolha o Leitor a explicaçaõ, que lhe parecer melhor, e chamelhe com Bento Pereira *Pastus subdialis*, ou com outros *Pastus nocturnus.*

Amendoas. Villa de Portugal no Bispado da Guarda. *Amygdalum, i. Neut.*

Amendoas confeitas à moda, saõ as amendoas descascadas, cubertas de açucar, ficando em varios relevos pequenos como cabeças de alfinetes.

Amendoas Marquezinhas, saõ as taes amendoas mais pequenas, e mimosas.

Amentar, e Amentas. Na Provincia de Entre-Douro, e Minho, e ainda na Beira, Tralosmontes, e mais Bispados deste Reyno, ha hum costume, que nos dias Santos de guarda, quando já está o Povo junto para a Missa do dia, se senta o Paroco na sua cadeira, já revestido, e tirando de hum rol, ou memorial dos defuntos, que ha de encommendar, principia pelo primeiro, e diz, Padre nosso, e Ave Maria pela alma de fulano, e assim dos mais. A isto lhe chamaõ *Amentar*, e *Amentas*, por ellas lhe daõ no fim do anno tantos alqueires de paõ, ou tantos almudes de vinho, e com isto lhe paga cada hum o trabalho de amentar os seus defuntos, e muitos quãdo morrem, deixaõ nos seus testamentos estas Amentas pelas suas almas, e de seus defuntos, impondo nas suas fazendas as obrigaçoens das pagas, ou perpetuas, ou annuaes, com que parece, que *Amentar*, he o mesmo, que Apregoar o defunto, para que lhe rezem pela alma. Por falta de palavra propria Latina, poderàs dizer, *Precibus commendare Deo animam defuncti.*

Amercearse. Antiquado. Compadecerse. (*Amerceaivos* de mim. Fr. Domingos do Rosario, no Flos Sanctorum de letra Gothica, na Vida de Santa Maria Egypciaca.) (Se *Amerceara* o Senhor Deos delle. Lopes, Vida del Rey D. Joaõ II. cap. 151.)

Ametade. Vid. tom. 1. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes da Ametade.

Ametade da obra tem feito, quem começa com tempo. Bom principio he Ametade. Do dinheiro, e da verdade, Ametade da Ametade.

Amezeadado, se diz de huma pessoa, que está sem se querer levantar. Está Amezeadado.

Amezendarse. Palavra do vulgo. Sentarse no chaõ com despejo, e sem cortezania.

AMI

Amigado. Andar amigado com mulher. Vid. Amancebado. tom. 1. do Vocabulario.

Amiguinha. *Amicula, æ. Fem. Plin. Sueton.* em sentido ruim.

Amimetobia. He palavra Grega, composta de *Amimitos*, Inimitavel, e de *Bios*, Vida. Marco Antonio, e Cleopatra inventaraõ este nome, para significar a excessiva despeza; e a quaesquer outras pessoas o inimitavel gasto da regalada, e deliciosa vida, que levavaõ. Faz Plutarco mençaõ das festas, e jogos, em que alternadamente despendiaõ thesouros. Entre outras cousas diz, que muitas vezes ouvio dizer a seu avô Lamprias, que a hum amigo seu, chamado Philotas (que naquelle tempo estudava Medicina em Alexandria) o Escrivaõ da cosinha de Marco Antonio, com o qual tinha feito amizade, o levara comsigo, para lhe mostrar o sumptuoso apparato de huma só cea ordinaria. Vio Philotas na dita cosinha huma infinita quantidade de viandas, e entre outras, oito javalis inteiros no espetô; admirado de taõ monstruoso aparelho, disse, muita gente deve de cear aquesta noite, sorriose o Escrivaõ, e disse que só doze pessoas eraõ convidadas, mas que como a hora da cea naõ era certa, era preciso ter o comer prompto, para todo o tempo, que Marco Antonio se assentasse à mesa, e que assim convinha ter muitos comeres preparados para toda a hora, huns a traz dos outros. Sem embargo desta incrivel prodigalidade, o mesmo Marco Antonio confessava, que em todo o genero de magnificencia, era Cleopatra muito superior a elle; e fallava verdade, se havemos de dar credito à historia da sua vida. *Plutarc. in Anton.*

Amizade. Consideravaõ os Antigos a Amizade como Deosa, e a representavaõ em figura de mulher moça, vestida de huma opa branca, com o peito esquerdo descuberto, e a maõ direita apontando para o coraçaõ, com estas palavras em letras de ouro, *Ao longe, e ao perto*; viaselhe a cabeça descuberta, e cercada de huma capella de flores de romeira, da qual vinhaõ sahindo quatro romãas com estas palavras, *Inverno, e Veraõ*, na extremidade da opa se liaõ estas outras duas palavras, *Vida, e Morte*. Esta Deosa assim representada, abraçava com a maõ esquerda huma ulmeira seca, e rodeada de huma videira. A moralidade desta symbolica representaçaõ he esta. Na figura da mulher moça se significa, que nunca envelhece a verdadeira amizade, e que os seus cuidados, primores, e finezas sempre haõ de ser as mesmas. A vestidura singela, e branca denota, que a amizade ha de ser sincera, sem rebuços, e candida com a innocencia. Tem o peito esquerdo descuberto, porque este he o lugar do coraçaõ, porque para o amigo nada deve ser occulto; com a maõ direita aponta para o coraçaõ, para mostrar o vigor com que obra, quando o pede a occasiaõ. A primeira divisa *Ao longe, e ao perto* dá a conhecer a constancia da sua fidelidade assim na ausencia, como na presença; na cabeça descuberta se vê q̃ os pensamentos, e segredos mais occultos dos amigos haõ de ser reciprocamente patentes. A coroa de flores de romeira sempre foy symbolo da perfeita amizade, porque na sua cor, que se naõ muda, se significa o ardor, e a perpetuidade de hum legitimo affecto. O fruto da dita planta tambem he symbolo da amizade, que sempre reyna; e por isso tem debaixo da purpura, e da coroa o coraçaõ aberto. No numero de quatro se comprehendem os quatro principios da amizade, ou reciprocas communicaçoens, que (segundo Santo Thomàs) saõ a communicaçaõ natural, domestica, civil, e Divina; e saõ as mesmas a que Plutarco chama, de natureza, parentesco, sociedade, e sobrenatural; donde se colhe, que se origina a amizade da força da inclinaçaõ, das obrigaçoens do sangue, das conveniencias da mesma profissaõ, e da uniaõ com os bens, que

nunca

nunca acabaõ. No *morte, Inverno, e Veraõ* se declara, que sempre a amizade he a mesma no rigor da adversidade, e na bonança da prospera fortuna; finalmente nas duas palavras abertas na borda da vestidura se acha, que depois da morte he a mesma, que foy na vida, o que ainda mais claramente exprime a ulmeira, servindo de arrimo à videira, inda que seca.

AMM

Ammonitas. Gente, que trazia sua origem de Ammon, filho de Loth. Parte da Syria era a sua habitaçaõ, juntamente com os Moabitas. Pouco a pouco se fizeraõ os Ammonitas taõ poderosos, que com grande exercito entraraõ as terras dos Israelitas, assolaraõ-nas, e depois de tomar varias Praças além do Jordaõ, os sojugaraõ. Os Israelitas à vista deste castigo arrependidos, imploraraõ a Divina misericordia, e com Jephte na testa de suas tropas acometeraõ os Ammonitas nas suas terras, os desbarataraõ, e se apoderaraõ de muitas suas Cidades, anno da Criaçaõ do mundo 2849. Cem annos depois, governados pelo seu Rey *Nahas*, cobraraõ os Ammonitas animo, e perseguiraõ aos Israelitas com taõ notavel ferocidade, q̃ para lhes impossibilitar a sua restauraçaõ, o Principe victorioso fez cavar a todos os prisioneiros de guerra o olho direito, de sorte, que ficando o olho esquerdo cuberto com a rodella, ou broquel naõ podiaõ valerse das suas armas, e neste estado ficavaõ incapazes para pelejar nas batalhas. Porém com o auxilio Divino tornaraõ os Israelitas a levantar cabeça, e os Ammonitas, successivamente vencidos, e desbaratados por Joab, Joathan, e Judas Machabeo, tiveraõ o castigo das violencias, que haviaõ feito ao Povo de Deos. *Sophonias cap. 2.*

Ammonitas tambem, ou Ammonios, saõ os Povos de Africa, que viviaõ na Lybia, na parte onde fora edificado o Templo de Jupiter Ammon. *Plin. lib. 6. cap. 29.*

AMO

Amoestamento. Vid. Admoestaçaõ no 1. tomo do Vocabul. (Desta maneira por *Amoestamento* do Demonio. Chron. da Ordem dos Menores 1. part. fol. 24.) Neste lugar Amoestamento (palavra antiga) parece quer dizer, Instigaçaõ, Impulso, Persuasaõ.

Amoldar. Ajustar huma cousa com outra, que serve de molde, para que fique da mesma feiçaõ. *Aliquid ad exemplum exigere, ad exemplar effingere, ad rationem exemplaris exprimere, efficere.*

Amolgadura. A mòça, que se faz na materia dura. Vid. Amolgar, no 1. tomo do Vocabulario.

Amor. Com muita diversidade representaõ os Poetas o seu nascimento, vida, e acçoens. Plataõ o faz filho da pobreza, e de Poro, filho do conselho, e da abundancia. Hesiodo o fez nascer do Chaos, e da Terra; Sappho, do Ceo, e da Terra; Simonides, de Marte, e de Venus; Acusilao, do Ar, e da Noite; Alcmeon, de Flora, e de Zephiro. Tambem distingue Plataõ dous Amores; o primeiro filho de Venus *Urania*, isto he, Celeste; o segundo, de Venus Terrestre, ou Marinha, nascida da escuma do mar. Ordinariamente este Amor he representado em figura de menino muito fermoso, e com azas, carne de cor de rosa, olhos vendados, em huma maõ hum arco armado, na outra hũa tocha accesa, e à ilharga huma aljava chea de settas. Todas estas circunstancias tem seus mysterios. Dous generos, ou duas castas de Amor significaõ, que no mundo naõ ha cousa, que de si mesma naõ seja boa, e que pelo mao uso, que della fazem os maos, naõ possa fazerse má. Supposta esta differença, o primeiro Amor he filho de *Venus Urania*, pela qual tudo he bom, puro, e celeste. A esta luz considerando Plataõ o Amor, diz que he hum Deos poderoso, o qual move a vontade dos homens para o bem, inspira a concordia, consola os affligidos, inclina à man-

à mansidaõ, une os coraçoens, dá vigor aos fracos, e pusillanimes, e finalmente constitue o homem no estado de huma perfeita bemaventurança. Chama Zeno ao Amor, Deos da amizade, Deos da liberdade, da paz, e da concordia, da sciencia, e da virtude. Por esta razaõ os Athenienses lhe levantaraõ na Academia huma estatua dedicada a Pallas, dando a entender, que era hum Nume sciente, e inventor das bellas artes. Os povos da Ilha de Samos celebravaõ em seu nome huma festa, à qual chamavaõ a *Festa da liberdade*, posto que as mais vezes elle he causa de escravidaõ, e cativeiro. Conclue Atheneo dizendo, que tem esta Deidade todas as perfeiçoens, e que nella naõ ha defeito algum. Falla este Author, e outros como elle, com ignorancia, e cegueira Gentilica. Tambem fazem ao Amor filho do Ceo, e da Terra, querendo dizer, que o Ceo o influe no coraçaõ humano, ou pertendendo denotar a força daquelle instincto, e propensaõ, que huns tem attribuido aos Astros, e outros ao mesmo Deos. Pintase este Amor com feiçoens de menino fermoso, porque delle tudo tem principio, e he o primeiro passo para grandes emprezas; apparece nú, porque para conseguir o intento, nada toma emprestado, e na sua simplicidade está todo o seu poder; com os olhos vendados, mostra que os fecha a tudo o que he terreno; a cor das suas carnes he da modestia, e do pudor; na sua tocha se vê, que alumea tudo, e as suas settas saõ rayos daquella invencivel eloquencia, que penetra nos coraçoens, e de tudo triunfa. Pelo contrario, se puzermos os olhos no Amor, filho de Venus Marinha, serà forçoso confessar, que elle he o que deprava, e distrahe tudo. Em toda a parte onde se acha, tudo saõ estragos, os vicios saõ seus camaradas, os desatinos, seus sequazes. Levados desta consideraçaõ os Antigos, fizeraõ-no filho da noite, ou da pobreza, pay da discordia, e dos litigios; outros lhe deraõ por companheiros a dor, a inimizade, e a febre, para declararem, que delle se originaõ todas as desordens, que nas trevas, e na noite se multiplicaõ; fica nú, porque tudo dá, quem ama; e revelando (como Sansaõ) o seu segredo, a si proprio se entrega; he menino, porque obra sem razaõ, e sem juizo; está cego, porque preoccupado da paixaõ, naõ enxerga os defeitos do objecto amado; nas suas azas se diviza o volatil da sua inconstancia, a sua tocha o manifesta incendiario publico; e as feridas penetrantes, que fazem as paixoens no intimo dalma, saõ prova da violencia das frechas, que leva. Chamaõ os Poetas Latinos a este Amor *Puer Idalius*, *Cyprius*, *Gnidius*, *Cythereius*, *quia cum Venere colebatur in Insula Cypro, ubi mons Idalus, & Gnidus, urbs Cariæ, ubi Veneris Simulacrum, in Insula Cytherâ. Veneris natus. Deus Aliger. Alatus. Pennatus. Pharetratus. Lascivus puer Idaliæ. Spargens immites agilis sagittas. Telis armatus. Facem vibrans. Pectus vesano æstu concitus. Cæcis ignibus urens. Telis acutis vulnerans. Sagittis configens. Cæcus ignis. Turpis amoris stimuli. Fatales Sagittæ. Insani æstus amoris. Dirum vulnus. Impius ardor. Turpes curæ. Funestæ flammæ.*

Amor perfeito. Vid. tomo 1. do Vocabul. He huma flor pequenina que consta de cinco folhinhas, duas roxas, e tres brancas, ou amarellas rayadas de preto, ou com riscasinhas pretas. Tem cada huma das pontas huma malhinha azul.

Amorîm. Pera parda summarenta, e de muito bom gosto.

Amorosa. Peça, que se toca na viola, ou outro instrumento de cordas; he muito suave, e grave.

Amorrheos. Povos, procedidos de Amorrheo, filho de Canaan, do qual se faz mençaõ no Genesis. Occupavaõ no tempo de Moysés toda a terra, que fica além do Jordaõ. Obedeciaõ a dous poderosos Reys, Sehon, que reynava em Hesebon, e Og, Rey de Basan, hum, e outro foy desbaratado por Moysés, quando lhe quizeraõ impedir o passo.

Josepho

Josepho liv. 4. cap. 4. 5. &c. *Amorrhæi, orum. Masc. Plur.*

Amoroso. Brando, macio. Vid. no seu lugar. (Nestes lugares se plantaõ as castas de uvas *Amorosas*. Vicenc. Alarte, Agricultura das vinhas, pag. 8.)

Amoucos. Vid. tom. 1. do Vocabulario. Dos Naires, que se fazem Amoucos, se conta hum cruel desatino, com desprezo da propia vida, para a destruiçaõ da alheya. Muitas vezes tem acontecido a Naires, depois de atravessados de parte a parte com huma lança, virem enfiandose, e correndo por ella embebida no corpo, até chegar ao contrario, e tratarem-no taõ mal, que ambos cahiaõ mortos em hum mesmo tempo: o Naire atravessado da lança, e o outro da ferida, que depois recebeo. *Mariz Dialogo 4. de Varia Historia, cap. 17. fol. 347.*

AMP

Amphidromias. He palavra Grega, que val o mesmo que o correr em roda, o andar ao redor. He vocabulo composto de *Amphi*, ao redor, e *Dromos*, carreira, ou curso. Amphidromias na antiga Grecia Gentilica, eraõ festas domesticas, que se celebravaõ no quinto dia do nascimento da criança. A parteira, com as mulheres, que tinhaõ assistido ao parto, tomavaõ o menino recemnascido nos braços, e andavaõ á roda do lar, ou da casa, cuja porta coroavaõ com folhas de oliveira, sendo macho; e com lãa, sendo femea, e para a saude, e vida da criança sacrificavaõ huma victima, faziaõ hum banquete com os amigos, e parentes; e estes convidavaõ as ditas mulheres com algum donativo. No mesmo dia, ou (como querem outros) no dia decimo, e (segundo outros) no setimo dia, o padrinho escolhido dava o nome ao menino. *Athenæus lib. 2. 8. Polianus Strateus, lib. 6. in Jasone. Suidas, &c. Vid. etiam Aristot. de Histor. Animal. lib. 7. cap. 12. Amphidromiæ, arum. Fem. plur.*

Amplexo. He tomado do Latim *Amplexus*. Vid. Abraço, tomo 1. do Vocabulario.

Formando por Amplexos
No Liquido cristal puros reflexos.

Oraç. Academic. de Frey Simaõ, pag. 366.

Ampola. He tomado do Latim *Ampulla*. Vid Ambula. Vid. Galheta, no 1. e 4. tomo do Vocabul. (Humas *Ampolas* de prata. Alcobaça illustrada, Testamento da Rainha Santa Isabel.

Ampurdaõ. Vid. Empurias.

AMS

Amstel. Rio de Hollanda, que passa por Amsterdaõ, e se mete no rio, ou braço de mar, chamado *Het Ye*. Ha opiniaõ, que deste rio tomou Amsteldaõ, ou Amsterdaõ o nome. As fortificaçoens, que Gisberto fez em hum Castello, sobre o rio Amstel, de que elle era Senhor, deraõ a conhecer Amsterdaõ.

Amsterdaõ. Cidade. Vid. tomo 1. do Vocabulario. Deraõ os Hollandezes este nome a outras terras, de que saõ Senhores em varias partes do mundo. Ha huma Cidade deste nome na America Septentrional; huma Ilha no mar Glacial, ou Congelado; outra Ilha no mar da India, para a terra Austral incognita, entre a nova Hollanda, e Madagascar, ou Ilha de S. Lourenço; e outra pequena Ilha, que os Hollandezes descobriraõ ha pouco tempo, entre o Perú, e as Ilhas de Salamaõ.

AMV

Amuleto d'alma. He o titulo de hum livro, cujo Author he Leonis de Pina, Cavalleiro do habito de Christo. Foy impresso em Lisboa, na Officina de Joaõ da Costa M. DC. LXX. He composto dos antidotos, e epithemas, que os Santos Doutores receitaraõ ao contagio dos vicios.

ANA

ANACANDEF. Na Ilha de S. Lourenço, por outro nome Madagafcar, ha huma cafta de ferpente, que naõ tem mais corpo que o cano de huma penna, mas taõ nocivo, e mortifero, que quafi infenfivelmente fe mete pelo feffo de quem eftà defcomendo, e roendo os inteftinos caufa dores infofriveis, às quaes em breve tempo fe fegue a morte; porque taõ futilmente fe infinua', que he quafi impoffivel tiralla fóra. *Dapper na defcripçaõ das Ilhas de Africa, pag.* 458.

ANACHORETA. Antigamente na Igreja Occidental, pelas Conftituiçoens de S. Bento, era permittido largar a Communidade para fer Anachoreta, e viver folitario, ou como entaõ fe dizia, *De homem clauftral, fazerfe Anachoreta.* Eftes taes, que com a licença do Abbade tinhaõ deixado a vida Cenobitica, hiaõ fazer fua vivenda em partes naõ muito diftantes do Povoado, e naõ ficavaõ taõ fós, que naõ foffem vifitados, e bufcados dos vifinhos, que fe vinhaõ encomendar nas fuas oraçoens. A fama das fuas virtudes lhes grangeava mayor eftimaçaõ, que aos Clauftraes, e elles recebiaõ todo o genero de deixas, legados, e dadivas, quer de bens de raiz, quer de fazendas moveis. Vendofe abaftados em hum lugar, paffavaõ para outro, onde experimentavaõ do Povo a mefma caridade. Os bens, que por efta via adquiriaõ, eraõ feus, e antes de morrer podiaõ difpor delles em favor do Mofteiro da fua filiaçaõ, e do qual tinhaõ fahido; e para fer valida a fua doaçaõ, fe fazia della hum acto neftes termos formaes, que fe achaõ em hum antigo Cartorio da Abbadia de Cafauro. *Eu N. Sacerdote, e Monge de tal Mofteiro, que com a licença do Abbade fahi delle, para viver mais recolhido, dou ao meu Abbade N. para defcanço de minha alma, toda a fazenda que poffuo, e que com a fua licença tenho adquirido.* O Acto da doaçaõ continha o rol de todas as fazendas, terras, e Igrejas, que eftes folitarios deixavaõ a feus Mofteiros; e no mefmo tempo entregavaõ os titulos das doaçoens particulares, que com as mais efcrituras fe guardavaõ nos Archivos. O Padre Simaõ, Author Francez, no feu livro da origem das rendas Ecclefiafticas.

ANACTÓRIA. Cidade do Epiro, na boca do Golfo de Ambracia; era dos Corinthios juntamente, e dos de Corcyra; occafionou muitas guerras na Grecia. Hoje lhe chamaõ *Veniza*. Na Jonia ha outra Cidade defte nome que depois foy chamada Mileto. *Plinio, lib.* 5. *cap.* 29.

ANALECTO. Derivafe do Grego, *Analego.* Ajunto; he hum ajuntamento, ou collecçaõ de varias coufas de pouca importancia. Vid. Collecçaõ. (Hum foccorro de noticias, que fe acharà com hum *Analecto* de duvidas. Conferencia da Academia Real, em 29. de Janeiro de 1722.)

ANALTIS, ou Anetis. He o nome de huma Deofa, antigamente adorada dos Lydios, Armenios, e Perfas, principalmente nas terras confinantes com a Scythia, onde tudo fe fazia debaixo dos hofpicios defte falfo Nume; e para efte effeito fe faziaõ grandes juntas no feu Templo, nas quaes fe faziaõ confultas fobre os negocios de mayor importancia. Efcreve Plinio, que a efta Deidade fe levantou a primeira Eftatua de ouro, que fe fez no mundo, e que foy defpedaçada na guerra, que teve Antonio contra os Parthos. Nas feftas, que todos os annos fe celebravaõ em honra da Deofa Anetis, naõ ferve fallar, porque as deshoneftidades, que nellas fe faziaõ, quanto mais torpes, mais applaudidas, repugnaõ ao decoro de huma penna Religiofa. *Strabo, lib.* 11. 12. *&* 15.

ANALYSIS. Vocabulo Grego, que fignifica *Diffoluçaõ*. He o exame de hum difcurfo, ou propofiçaõ, com o qual fe vay inveftigando os principios, e a conftrucçaõ das partes de huma coufa, que fe naõ conhecia fe naõ por mayor, e confufamente. Quando fe defconcerta

huma

huma maquina, se conhece toda a composição della. A anatomia de hum corpo he a Analysis das partes, que o compunhaõ. (Hum papel intitulado, Analysis do Tratado de Hannover. Gazeta de Lisboa, anno 1726. Hamburgo 17. de Mayo, fol. 194.)

Analysis tambem he termo da Algebra. A verdadeira, e legitima Analysis, he a demonstraçaõ, ou consideraçaõ das consequencias, que se tiraõ até chegar a huma verdade clara, por meyo da qual se possa dar a soluçaõ do problema.

Anape. Rio de Sicilia, perto da Cidade de Syracusa. Fingiraõ os Poetas, que se namorara da Nympha Cyané, a qual querendo opporse á violencia, que Plutaõ fez a Proserpina, fora mudada em huma fonte, cujas aguas se misturavaõ com as deste rio, e juntas se metiaõ no mar de Sicilia. Descreve Ovidio esta Fabula *no liv. 5. das suas Metamorph. Fab. 5.* Falla Thucydides em outro rio do mesmo nome, no Epiro.

Anaphe. Ilha do mar Egéo, que segundo alguns Poetas, e antigos Historiadores, se formou insensivelmente, como as Ilhas de Delos, Hiera, e Rhodes. Deraõlhe os Argonautas este nome porque em huma grande tormenta, a Lua entaõ mingoante, *Anephine*, isto he, appareceo de repente, e os livrou de ir dar em huns penhascos. Da veneraçaõ, que nesta Ilha havia para Apollo, lhe veyo o nome de *Anapheo*. Advertio Bochirto, que na Lingua Phenicia *Anepha* quer dizer, *Espesso, copado, e cheyo de ramos*, e que esta Ilha quando foy descuberta, era huma mata brava. Affirma Solino, que na dita Ilha naõ appareciaõ serpentes. Hoje lhe chamaõ *Nanfio. Plin. lib. 2. cap. 7. Stephanus in Anaphi. Ovid. Metamorph. lib. 7.*

Anapliste. Cidade maritima da Grecia, perto de Athenas, para o cabo *Colias*, aonde foraõ parar os destroços da Armada dos Persas, que pereceraõ na batalha de Salamina. Deraõlhe grande nome os famosos Templos de Pan, Venus, Coliada, e das Deosas *Genetyllides*, assim chamadas, porque presidiaõ no nascimento dos homens. Ptolomeo lhe chama *Asopa*.

Anastasia. He o nome de huma famosa Capella de Constantinopla, que tambem se chama *Resurreiçaõ*, porque nella S. Gregorio Nazianzeno, resuscitou a palavra *Caridade*, como elle mesmo o diz de si; e o mesmo Santo lhe chama tambem *Nova Bethleem*, por renascer nella a Fé da consubstancialidade de Jesus Christo; e em outro lugar lhe chama *Arca de Noe*, por haver recebido em si a nova progenie do Povo Catholico. Nesta Capella pronunciou S. Gregorio as suas *Oraçoens Theologicas*, que lhe grangearaõ o titulo Antonomastico de *Theologo*. Marciano, Ecônomo da Igreja de Constantinopla, fez edificar neste sitio hum magnifico Templo, que por milagre naõ foy queimado no grande incendio; que reduzio a cinzas parte da dita Cidade, anno de 465. com as reliquias de Santa Anastasia Martyr, trazidas de Smirna para esta Igreja, se ratificou o titulo de Anastasia, que já tinha. *Sozomen. lib. 7. cap. 5. Baron. in Annalibus.*

ANC

Ancas. Vid. tomo 1. do Vocabulario. Trazer nas ancas. Sofrer ancas.

Lereis, pois sabeis ler,
Lá no Camoens singular,
Que quem acertar quizer,
Ha de Trazer *sempre o dar*
Nas Ancas *do prometer.*

Mas vossas promessas fracas,
(Sejaõ negras, sejaõ brancas)
Que eu pela cor nunca as vendo,
Tardaõ já tanto, que entendo
Que naõ querem Sofrer ancas.

D. Francisco Manoel a hum amigo, que tardava muito com o comprimento de certa promessa. Obras metricas, Viola de Talia, 230. col. 1. e 2.

Ancho, ou Ancilo. Derivase do Grego *Anchylos*, que quer dizer *Curvo*, ou do Latim *Ancisus*, composto de *Am*, e *cæsus*,

cæsus, que val o mesmo, que *Chanfrado*, ou *aberto, e cortado por dentro*, e o que antigamente os Latinos chamavaõ *Ancilia*, eraõ humas rodellas, ou broqueis, armas defensivas, curvas, ou cavadas pelas bordas, da feiçaõ do famoso *Ancile*, do qual dizem, que cahira do Ceo na Cidade de Roma, no anno de quarenta e oito da sua Fundaçaõ, depois de huma terrivel peste, que no Reynado de Numa Pompilio despovoou quasi toda Italia. A isto accrescentaõ, que depois de cahir o dito escudo, fora ouvida no ar huma voz, que disse: Em quanto se conservar em Roma este escudo, será senhora de todas as mais Cidades do mundo. Neste caso, como em todos os mais, consultou Numa a Nympha Egeria, a qual deu por reposta, que o dito Ancil naõ só defenderia Roma de toda a invasaõ inimiga, mas tambem da peste, e outro genero de doenças; mas que para o ter seguro, convinha que se fizessem outros onze broqueis, totalmente semelhantes a este, para naõ ser conhecido entre os mais, se acaso houvesse temerario, que o quizesse furtar. Para esta obra foy escolhido *Mamurio Veturio*, excellente artifice; entre os onze irmãos foy metido o que cahira do Ceo; Numa os deu a guardar a doze Sacerdotes, que elle instituhio para este effeito, com o nome de *Salios*, à *Saliendo*, isto he, *Dançadores*, porque todos os annos, no mez de Março, cada hum com seu broquel embraçado andava pelas ruas dançando, e saltando, para dar ao Povo este alegraõ. Para os Romanos era o dia desta solemnidade taõ venerado, que nelle naõ era permittido ao exercito Romano, em qualquer parte, que se achasse, fazer movimento algum. Nos epitomes dos livros, que nos faltaõ das Decadas de Tito Livio, se acha, que no tempo da guerra, em que Mario venceo aos Cimbros, os ditos Anciles, ou borqueis bolirão de si mesmos, do que tomaraõ todos bom agouro. Sem embargo destes succesos parecerem milagrosos, os homens de bom juizo os attribuem à credula superstiçaõ dos Antigos, e entre outros Joaõ Jacob Hofman, fallando nelles no seu Lexicon Universal diz: *Historiam, seu fabulam de lapsis cælo Ancilibus, quæ eam ob causam cælestia arma Titus Livius vocat, habes in &c.* Porém aqui fizemos mençaõ delles, para satisfazer a curiosa erudiçaõ dos que ouvirem fallar nelles, ou lerem os Authores, em cujas obras se conserva a memoria destes apparentes prodigios, como se póde ver em Tito Livio, lib. 1. cap. 20. e lib. 37. cap. 33. em Plutarch. in Numa, em Horat. Carm. lib. 3. em Sueton. in Othon. cap. 8. em Cicero lib. 3. de Oratore, em Dyonisio Halicarnass. lib. 2. em Lactancio, lib. 3. em Ovidio, lib. 3. Fastor. v. 373. e em Juvenal, que na Satyra 2. vers. 124. diz

Segmenta, & longos habitus, & flammea sumit
Arcano, qui sacra ferens nutantia loro
Sudavit clypeis Ancilibus.

Ancorado. Vid. Parado.

Qual a fonte Ancorada, *pouco a pouco*
Faz q̃ a muscosa poça em fim redunda,
E está soando com murmurio rouco.

Man. de Faria e Sousa na sua Aganippe, Ecloga 2. fol. 24. v.

Ancoradouro. Lugar de Ancoragem. Vid. Ancoragem, tom. 1. do Vocabulario. (A Ilha &c. tem *Ancoradouro* em quinze braças. Arte nova de Navegar de Manoel Pimentel, fol. 320.)

AND

Andâbatas. Segundo Erasmo, derivase do Grego *Antabatai* trocando o *t* em *d*, e quer que os *Andabatas*, foraõ chamados assim, por terem maõ no inimigo como a tranca tem maõ na porta, quando querem entrar por ella; neste sentido Andabatas se deriva do Grego *Anta* que significa contra, e *Baino*, que val o mesmo que *Vou*. Porém segundo Vossio, Andabatas se deriva do Grego *Anabatis*, enxerindo entre a primeira, e segunda syllaba a letra *d*, como muitas

vezes succede. Segundo esta segunda etymologia, ainda que *Anabatis* de sua natureza propriamente signifique em Latim *Ascensor*, que he o *homem que sobe*, Xenophonte, e outros querem, que particularmente signifique o *homem que se poem a cavallo*; e assim os *Andabatas* eraõ homens, que montados em cavallos, pelejavaõ com testa cuberta, e olhos tapados. Nem obsta, que por Andabatas naõ entendaõ alguns Esgrimidores, que pelejavaõ com olhos fechados. *Andabatæ, arum, Masc. Plur.* He de Juvenal que diz, *Andabatis credas similes, &c.* Escreveo Varro hum livro, intitulado *Andabatæ*, nelle notava os erros, e a cegueira dos homens. Na sua Geographia errou Ferrario dizendo que os Andabatas eraõ Povos da Asia, moradores de huma terra, onde andava o Ceo sempre nublado, e cuberto.

Andada. Ida. O andar. *Itio, onis. Fem. Terent.* Muitas andadas. *Itiones crebræ. Idem.* (Quatro Escrivaens das *Andadas* do vinho. Corographia Portugueza, tom. 3. 565.)

Andar. Vid. tom. 1. do Vocabulario. Porse no andar da rua. *Efferre pedem domo. Cic.*

Adagios Portuguezes do Andar.

Anda o carro diante dos boys. Ande eu quente, riase a gente. Andem as mãos, q̃ pintaõ as uvas. Andando ganha a azenha, e naõ estando queda. Andar a paõ emprestado, fome poem. O ganho, e a lazeira, Andaõ de feira em feira. Quem naõ Anda por frio, e por Sol, naõ faz seu prol. Quem naõ se aventura, naõ Anda em cavallo, nem em mula. Anda o mundo às avessas. Andar com furaõ morto à caça. Andar para traz, como caranguejo. Anda a cabra de roça em roça, como o bocejo de boca em boca. Anda o homem a trote, por ganhar capote. Assim Anda o demo às avessas, e o carro com os boys. Andava na egoa, e perguntava por ella. Anda na forja o teu negocio. Anda como Dromedario. Anda a raposa aos grillos. Quem Anda em demanda, com o demo Anda. Alcaide em Andar, moinho em moer, ganhaõ de comer. Quem com o demo Anda, com elle acaba. Andar por onde Anda a raposa. Andar no cavallo dos Frades. Andar, e Andar, ir morrer à Beira Aquelle vay mais saõ, que Anda pelo chaõ. No Andar, e no beber, conhecerás a mulher. Andar, Andar, corpo a enterrar. Quem mal Anda, em mal acaba. Mal vay ao fuso, quando a barba naõ Anda em cima. Andar de mal em peor. Andar como gato por brazas. Andar como sapo por alqueves. Andar com o tempo. Carrega a nao trazeira, Andará a véla dianteira. Andar ventura, até a sepultura. Dizeme com quem Andas, dirtehey que manhas has.

Andarilho, ou Andarim. Moço de pé ligeiro, e vestido à ligeira, que faz os recados de seu amo, correndo. *Cursor, is. Masc.*

Andera. Cidade da Phrygia, Provincia da Asia Menor. No termo desta Cidade se achava huma casta de pedra, que deitada no fogo, se convertia em ferro, e deste ferro tornado a cozer no fogo, se tirava huma prata falsa, da qual mesclada com cobre, se fazia lataõ.

Andrino. Vid. tom. 1. do Vocabulario. He no cavallo huma cor de castanho, que tira à cor das ameixas, que em Castelhano se chamaõ *Andrinas*, donde se deriva o nome. (Sahio pezenho, e *Andrino* por naõ saberem bem a especulaçaõ das cores. Galvaõ, Tratado da Gineta, fol. 37.)

Andro, ou Andros. Ilha do mar Egeo, no Archipelago, debaixo da tyrannia do Turco. Antigamente criaõ os moradores, que no dia setimo do mez de Janeiro, a agoa, que se tirava do Templo de Baceo, sabia a vinho. Os Antigos lhe deraõ varios nomes; foy chamada, *Cauros, Lasia, Nonagria, Epagris, Antandros*, e *Andros*. A Cidade, Cabeça da Ilha, tem o mesmo nome. No mar Britannico, na costa da terra de Galles, ha huma Ilha, a que Plinio chama *Andro*, ou Handros; os Inglezes lhe chamaõ *Bardesai*.

ANE

Anecdotos, he palavra Grega, composta do *a* privativo, e de *Exdidomin*, que val tanto como dizer *Dar à luz, Dar ao publico*, cousa que ainda naõ foy publicada. Usa Cicero desta palavra na 19. das suas Epistolas do livro 14. a Attico, fallando em huma obra, que ainda naõ havia dado à luz, onde diz, *Librum meum illum anecdoton, nondum ut volui, perpolivi; ista verò, quæ tu &c.* Primeiro que Cicero, usou Procopio Historiador desta palavra no titulo do livro, que elle fez contra Justiniano, e sua mulher Theodora; he obra singular, e quasi sem exemplo, porque nella descobre as acçoens do Principe, propriamente como eraõ na vida privada, e domestica. Nestes nossos tempos Antonio Varilhas chamou *Anecdotos de Florença*, succeslos do Estado de Florença, dos quaes ainda naõ havia noticia. Nos idiomas, em que fica introduzido este vocabulo, ainda naõ acho, que os Criticos tenhaõ decidido o genuino significado, e uso proprio delle, a saber, se *Anecdotos* significaõ noticias de successos ainda naõ sabidos, e naõ dados à luz; se saõ historia das acçoens, e costumes particulares de hum Principe, ou historia, que o Author tem occulta, por descrever nella com nimia liberdade as acçoens de pessoa poderosa, que se poderia offender da declaraçaõ da verdade.

Anel graduado, dividido em 160. graos, para operações Geometricas, Vid. tom. 1. do Vocabulario.

Anèlo. He palavra Latina de *Anhelus, a, um*, que quer dizer, *que respira com difficuldade*; ou do verbo *Anhelare*, que de mais do primeiro significado, val o mesmo, que *Aspirar com ancia*, ou *desejar muito*, onde diz Cicero *Anhelare scelus*, e *Anhelare crudelitatem*.

——— *He o prezado dinheiro*
Preza da anela maõ do ingrato herdeiro.
Man. Tavares, Ramalhete Juvenil, Lyra 1. 67.

Anetis. He o nome de huma Deosa, que dos Lydios, Armenios, e Persas foy antigamente adorada com taõ escrupulosa religiaõ, que principalmente os Povos confinantes com a Scythia naõ emprendiaõ cousa alguma, senaõ debaixo dos auspicios desta falsa Deidade. No seu Templo se faziaõ as juntas, e congressos, em que se determinavaõ os negocios mais relevantes. Ao culto, e serviço deste idolo, eraõ dedicadas as moças mais fermosas, aos que lhe vinhaõ offerecer sacrificios, sacrificavaõ a sua honra, e com esta prostituiçaõ pertendiaõ fazer merecimento para illustres casamentos; e em effeito, quanto mais se esmeravaõ em lascivias, mais eraõ estimadas, e daquelles cegos idolatras mais requestadas. Todos os annos se celebravaõ as festas desta Deosa, e nellas com grande pompa se levava a sua estatua; querem, que fossem instituidas em recordaçaõ da vitoria, que Cyro, Rey da Persia, houve dos Sacios, Povos da Persia, quando entrados no campo, que este Principe lhes deixara, fingindo que fugia, fi araõ totalmente derrotados, depois de cheyos, e recheados do muito comer, e beber, que acharaõ. Escreve Plinio, que a primeira estatua de ouro, que se fez no mundo, foy a que se levantou a esta Deosa, e accrescenta, que foy feita pedaços na guerra, que Antonio moveo aos Parthos. *Pausanias in Laconicis* diz, os Lydios adoravaõ huma Diana, debaixo desse nome Anetis. *Anetis*, ou *Anaitis*. *Plin. lib.* 33. *cap.* 4. *Celio Rhodig. lib.* 18. *cap.* 29.

Anfiaõ. Vid. tom. 1. do Vocabulario. Os Arabes lhe chamaõ *Ofium*, e *Afium*, pouco corrupto de *Opio*, nome que os Gregos lhe deraõ. Fazse o Anfiaõ da goma, ou lagrima de dormideiras, as quaes crescem tanto em Cambaya, que ha casca de dormideira, capaz de huma canada de agoa. Ha muitas differenças de Anfiaõ; o do Cairo, a que chamaõ *Meceri*, he o mais estimado, e de mais preço. Vay tambem à India de Adem, e de outros lugares visinhos do mar

mar Roxo, e se faz nos Reynos de Cambaya, Mandou, e Chitor. He tanta a frialdade do Anfiaõ, que usando delle inconsideradamente, mata; e os que de ordinario o comem, se o naõ continuaõ, correm perigo de morte. Adormece aos que o tomaõ, com que naõ sentem seus trabalhos, nem cuidaõ nelles, e embebeda. *Garcia d'Orta no livro dos simples, e drogas da India, Colloquio* 41.

ANG

Angariari. Arvore, que se cria em o Reyno de Angola. O pao, e os frutos della, que saõ hũs caroços compridos, como caroços de tamara, tem grande virtude para provocar a ourina. Vid. Memorial de varios simplices de Curvo, pag. 24.

Angamala. Cidade da India Oriental, sobre o rio Arcotta, no Malabar.

Angediva, ou N. Senhora das Brotas. Ilha pequena, onze legoas ao Sul de Goa, e duas distante da Feitoria Ingleza de Carwar, que lhe fica defronte: foy primeiro povoada, e depois abandonada pelos mesmos Portuguezes; os Inglezes a occuparaõ algum tempo, mas largandoa a conservou o famoso Sambagi, no tempo que fez a guerra ao Estado da India, a qual depois de acabada, mandou o Conde de Alvor, sendo Vice-Rey da India, hum Capitaõ mór com tropas; hoje ha nella huma boa Fortaleza, com artelharia, e cento e sessenta Infantes, além de muitos Canarins de Goa, que para alli transportaraõ suas familias. Este estabelecimento naõ só nos convem para favorecer o nosso commercio do Sul, mas para impedir, que outra Naçaõ se fortifique alli, o que poderia ser danoso ao mesmo commercio.

Angelica. Arvore, que se cria no Certaõ, ou matos das terras da America, cujos frutos saõ tamanhos como huma ameixa pequena, he fama publica, e constante, que o pô destes frutos mata infallivelmente as lombrigas. Tem admiravel virtude para as febres malignas, como consta da que se mandou a ElRey D. Pedro II. por grande contraveneno. *Joaõ Curvo, no Memorial de varios simplices, pag.* 20.

Angote. Cidade, e Reyno de Africa na Abassia, ou Ethiopia Alta.

ANH

Anhima. Ave do Brasil, de rapina He aquatica, e mayor que Cisne. Poderase chamar o Unicornio das aves, porque na cabeça tem hum corno, o qual posto de molho em vinho, o espaço de huma noite, he contraveneno. Nunca anda só macho, e femea, sempre andaõ juntos: morto hum delles, o outro nunca se aparta do seu cadaver. *Jorge Marcgravio Histor. Avium, lib.* 5. *fol.* 215.

Anhoto. Nao anhota. Na ultima diçaõ do Thesouro da lingoa Portugueza, o Padre Bento Pereira descreve em Latim huma nao Anhota, nesta fórma: *Navis, quæ vi aquæ, huc & illuc fertur.* Vid. Anhoto, tomo 1. do Vocabulario.

ANI

Aniagem. Pano, tecido de linho crû, que se fabrica no Norte, de tres palmos de largo.

Aninho. Lãa de Aninhos. Vid. Lãa.

Anito. Termo das Ilhas Filippinas. Os naturaes de Manilha, e mais Ilhas, crem, e tem por muy certo entre si, que as almas de todos seus pays, e parentes, as quaes elles chamaõ *Anitos*, os haõ de favorecer diante de Deos Principal, para que seja bom o arroz, e outros frutos da terra; e para que tenhaõ muita saude, e ouro. Antes da sua conversaõ faziaõ a estes *Anitos* muitas festas, offerecendolhes muito incenso, e outras cousas diante dos Idolos, que lhes tinhaõ dedicado. *O Deos Principal*, he o a que os Povos destas Ilhas chamaõ *Batalá*, e diziaõ, que faz todas as cousas; e assim tinhaõ outros Deoses menores, a que tambem adoravaõ, e offereciaõ sacrificios, a huns para que os favorecessem nas searas, e a outros para que lhes

naõ fizessem mal. *Fr. Man. dos Anjos, Historia Universal, liv. 2. cap. 14. pag. 324.*

ANN

Annexaçaõ. Vid. Annexar tomo I. do Vocabulario. *Adjunctio, onis, Fem. Cic.* (Naõ fez nesta *Annexaçaõ* memoria alguma dos &c. Crisol Purificat. fol. 620. col. 2.)

Anniversario. Querem alguns Authores, que Anacleto quinto Papa, que succedeo a Clemente, instituira os Anniversarios, para honrar a memoria dos Martyres. Com o andar do tempo, muitos particulares mandaraõ nos seus testamentos, que seus herdeiros lhes fizessem Anniversarios, e deixaraõ legados para as Igrejas, e para os pobres, aos quaes naquelle dia se distribuhiaõ todos os annos mantimentos, e dinheiro.

Anno. Vid. tom. I. do Vocabulario.

Anno bom. Ilha, que està em altura de hum grao, e hum terço da banda do Sul da Linha, e ao Sudoeste da Ilha das Rolas. Tem quatro legoas de circuito. O porto està ao Norte; naõ cabe nelle mais que hum navio, e ha de estar com ancora ao mar, e pois amarrado a huma pedra em terra. Manoel Pimentel, Arte Pratica de navegar, pag. 196.

Annos de S. Pedro. Na vida do Antipapa Benedicto XII. ou (como querem outros) XIII. faz Ciaconio mençaõ de huma antiga ceremonia, usada na Coroaçaõ do Papa; a qual consistia em dizerlhe estas palavras: *Pater Sancte, non videbis annos Petri*, id est, *Santo Padre, naõ chegarás a ver os annos de Pedro*; outros dizem, *Dies Petro*. Desta profetica advertencia infere o dito Ciaconio, que este Benedicto naõ foy Papa legitimamente eleito, porque viveo trinta annos, e segundo a conta do Cardeal Baronio, occupou S. Pedro a Cadeira Pontifical sómente vinte e quatro annos, cinco mezes, e onze dias. Porém (segundo os Irmãos Macros, no seu Hierolexicon, verbo *Papa*, fol. 444. col. 2. nem nos Canones, nem nos mais antigos ceremoniaes, se acha tal ceremonia: He verdade, que até o dia de hoje nenhum dos Successores de S. Pedro tem chegado aos annos, que este Principe dos Apostolos viveo no Pontificado; posto que muitos Pontifices foraõ assumptos a esta Suprema Dignidade com boa saude, e moços. Ao Papa Alexandre II. dá o Cardeal Pedro Damiaõ tres razoens desta Pontificia brevidade, na Epist. 17. lib. 1. a primeira he, para que no breve periodo da mayor grandeza vissem os homens a pouca duraçaõ das glorias do mundo; a segunda, para que no Pontifice morto, como em Sol eclipsado, pozessem todos os olhos; a terceira, para que entendesse, que brevemente se viria obrigado a dar ao Supremo Pastor conta do Rebanho de Christo. Na morte apressada do Papa Joaõ XXI. teve a Igreja huma funesta evidencia da verdade desta Profecia. Pela Sciencia da Astrologia, em que era eminentissimo, se prometia o dito Pontifice largos annos de vida; mas pouco mais de oito mezes, depois de ser eleito, morreo de cahir sobre elle, e apanhar debaixo a ruina de hum quarto, que edificava nos Paços Pontificaes da Cidade de Viterbo. *Zovius, anno Christi 1277. fol. 697.*

Annoso. Velho. Cousa, que tem muitos annos. *Annosus, a, um. Ovid. Horat.*

A idade respeitada, a barba Annosa. André da Sylva Mascar. Destruiçaõ de Hespanha, liv. 3. oit. 22.

Annotino. Termo, antigamente Ecclesiastico. Paschoa Annotina, era a que se seguia ao anno do Bautismo dos Neophitos, porque no dia de Paschoa hiaõ à Igreja com suas offertas, e com grande solemnidade se festejava este Anniversario do seu Bautismo. *Microl. de Eccl. Observaç. cap. 56.*

Annuente. Vid. Annuir, tomo I. do Vocabulario. (Da graça, que outorga o Pontifice *Annuente*. Crisol Purificat. 372. col. I.)

Annunciaçaõ. Ordem dos Cavalleiros da Annunciaçaõ. No anno de 1355. foy

foy instituida por Amadeo V. Duque de Saboya, cognominado o Verde, ao qual, dizem offerecera hũa Dama hum bracelete de seus cabellos trançados; do qual tomou o Duque motivo para instituir hũa Ordem Militar dos *Laços de Amor*, da qual fez a primeira ceremonia dia de S. Mauricio. A insignia foy hum colar de rosas de ouro, esmaltadas de vermelho, e branco, entresachadas com estas quatro letras F. E. R. T. que queriaõ dizer: *Fortitudo ejus Rhodum tenuit, Sua fortaleza defendeo Rhodes*, e alludiaõ à grande vitoria, que Amadeo o Grande alcançara do Turco, no sitio de Rhodes anno 1310. A's ditas quatro letras dá Guichanon outro sentido, e segundo elle querem dizer: *Feri, Entray, Rompey, Tudo.* Deste colar pendia hum ovado de ouro, e no meyo delle estava representada a imagem de S. Mauricio, Padroeiro de Saboya. Mas Amadeo VIII. primeiro Duque de Saboya, que no Concilio de Basilea foy assumpto ao Pontificado, e tomou o nome de Felix V. anno de 1434. mandou que esta Ordem, chamada entaõ, *Dos laços de Amor*, dalli por diante se chamasse, *Ordem da Annunciaçaõ*; e na parte do colar, onde estava appensa a imagem de S. Mauricio, mandou pôr a da Mãy de Deos com sua Angelica Saudaçaõ. O habito tem mudado de cor tres, ou quatro vezes. O grande colar da Ordem, que nas festas solemnes, e ceremonias publicas trazem os Cavalleiros, peza duzentos e cincoenta escudos, ou ducados de ouro. *Ordo Equitum salutatæ ab Angelo Virginis.*

ANT

Antaglifo. Pedra taõ admiravel, que, como falsamente dizem, quem a tem, de nada se admira. A isto accrescentaõ, que nesta pedra se acha esculpida a imagem de Cybele, mulher de Saturno, e venerada mãy da Gentilidade; dizem que se acha nas agoas do Sagara, rio da Phrygia. Porém o Author, que desta pedra faz mençaõ, e na margem do seu livro allega com Plutarco 6. de Flu. cap. 2. mostra com razaõ, que naõ dá todo o credito às taõ singulares propriedades desta pedra. (Naõ disputo a verdade, accommodome ao prodigio. Melhor *Antaglifo* admirou a terra na imagem de Joanna. O P. Fr. Lucas de Santa Catharina, Estrella Dominica, tom. 2. pag. 120.).

Antamba. Fera da Ilha de S. Lourenço. He do tamanho de hum caõ grande. Tem a cabeça redonda, e segundo dizem os Negros da terra, se parece com Leopardo. Come os animaes, e a gente, mas raras vezes se vè, porque vive em huns montes, por onde ninguem anda. *Dapper, Descripçaõ das Ilhas de Africa, pag. 457.*

Ante. Vid. tom. 1. do Vocabul. Ante El Rey callo, ou cousas aceitas falla. Nem Ante Rey armado, nem Ante povo alvoroçado.

Antemenhaa, ou Antemanhãa. Vid tom. 1. do Vocabulario.

Madrugouvos a prudencia
Pela Antemanhãa *dos annos.*

Obras Metricas de D. Franc. Manoel, Çanfonha de Euterpe, pag. 106. col. 1.

Antêo. Gigante da Lybia, filho de Neptuno, e da Terra; lutando com Hercules, e derrubado no chaõ, todas as vezes, que chegava a tocar sua mãy a terra, se levantava com novas forças, o que advertindo Hercules, o apanhou no ar, e o suffocou. *Antæus, i. Masc.*

Antes. Vid. tom. 1. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Antes.

Antes Moreira, que Amendoeira. Antes cu minta, que as novidades. Antes barba branca para tua filha, que moço de barba pertida. Antes que cases, olha o que fazes, que naõ he nó que desates. Antes velha com dinheiro, que moça com cabello. Antes perderey a soldada, que tantos mandados faça. Antes minha face com fome amarella, que com vergonha nella. Antes de mil annos, todos seremos brancos. Antes torto, que cego de todo. Antes cegues, que mal vejas. Antes que jantes, naõ passes de

Abrantes: Antes que conheças, nem louves, nem offendas. Antes quebrar, que dobrar. Antes morro por ladroens, que de couce de asno. Quem naõ tem boys, ou femea antes, ou depois: Antes a lãa se perca, que a ovelha. Homem honrado, Antes morto, que injuriado.

ANTEVORTE. Nume Gentilico. Vid. Postvorte, mais abaixo, no seu lugar Alphabetico.

ANTHESTERIOS, ou Anthisterios. Festa, que antigamente celebravaõ os Athenienses no principio da Primavera, no mez, chamado *Anthisterion*, da palavra Grega *Anthos*, flor; porque he o tempo dellas. Nos dias desta festa davaõ os senhores bem de comer aos seus escravos, e a solemnidade (segundo Hesychio) era particularmente dedicada a Baeco, posto q̃ seu interprete Aristophanes quer, que os Athenienses chamassem geralmente *Anthisterios* todas as festas, que em honra de Baeco se faziaõ; e he a razaõ, porque o dito Nume era chamado *Anthius*, que no Grego val o mesmo que *Florente*, e cada festa destas tinha seu nome particular, v.g. *Pythægia, Chytra &c. Macrob. lib.* 1, *cap.* 14. *Zenobius, Centur.* 4.

ANTICHTONES. He palavra Grega, composta de *Anti*, contra, e *xton*, Terra. Ordinariamente com esta palavra significaõ os Geographos os Antipodas, que habitando differentes hemispherios ficaõ diametralmente oppostos. Porém no lugar de Pomponio Mela, liv. 1. cap. 1. onde diz, que vivemos em huma terra, e os Antichtones em outra, adverte Vossio, que supposto parece, que o dito Author falla nos dous hemispherios, em que dividem os Geographos o globo terraqueo, naõ entende separar o hemispherio superior do inferior, mas só a parte Septentrional, e a Meridional, separadas por aquella larga faxa, chamada *Zona Torrida*, e que assim nem sempre por *Antichtones* devemos entender os nossos Antipodas, porque aquelles podem ser do numero dos que vivem no nosso hemispherio; e quando muito por nos differençarmos delles, em que quando a nós he meyo dia, a elles he meya noite, e pelo contrario quando para elles he dia, para nós he noite. Muitas vezes podem ser nossos Periecos (Os Japoens passaõ acerca de nós por Antipodas, e *Antichthones*. Barros, Dec. 4. fol. 60. col. 3.)

ANTIDORAL. He vocabulo composto do Grego *Anti*, e *Doron*, Vid. Antidoron, tom. 1. do Vocabulario. Val o mesmo que Remuneraçaõ, ou restituiçaõ, e pago do donativo. E segundo o rito da Igreja Grega *Antidoron*, *est panis benedictus ex cujus parte, in medio situatâ, quæ cruce obsignata est aufertur à Sacerdote, pro consecrationis materia residuum verò populo post Missam distribuitur. In lateribus hujus panis hæc verba sunt impressa*, Jesus Christus vicit. *Datur autem hic panis loco muneris, qui enim ad recipiendam Eucharistiam indispositi inveniuntur, participes efficiuntur hujus panis benedicti. Ex Diccionario Sacro Macr. pag.* 40. 41. Deste substantivo Antidoron, se formou o adjectivo Antidoral. (Depois se permittio aos fundadores a dita sómente, e lugar honorifico nas Igrejas, e procissoens. No Concilio Toletano pela obrigaçaõ *Antidoral*, e devido agradecimento, se lhe concedeo o subsidio para alimentos. Man. Rodrig. Leitaõ, Tratado Analytico, e Apologetico, pag. 1328.) Obrigaçaõ Antidoral, vem a ser o mesmo, que obrigaçaõ remuneratoria.

ANTIGOA. Ilha da America Septentrional, e huma das Antilhas no mar do Norte, entre a Barbada, e Guadalupe. Os muitos rochedos que a cercaõ, a fazem quasi innaccessivel, e a pouca agoa, inhabitavel. Mas os Inglezes, que saõ senhores della, descobriraõ agoa bastante para viver nella. Chamaõlhe em Latim *Antiqua, æ. Fem.*

ANTIGONIA. Ha varias Cidades deste nome; huma na Grecia, no Epiro; chamaõlhe hoje *Castro Argiro*; outra na Macedonia, no golfo de Thessalonica; hoje lhe chamaõ *Cojogna*. Tambem Antigonia

nia he huma Ilha, na Propentide, ou mar de Marmora; e outra Ilha, que os Portuguezes descobrirão no Golfo Ethiopico, e lhe chamarão Ilha do Principe, tambem foy chamada *Antigonia*.

ANTILIBANO. Monte da Syria, ou Phenicia, fronteiro ao monte Libano, do qual fica separado por hum valle ferti-lissimo, e na opinião de alguns Authores, os dous montes erão unidos por hum muro intermedio. Hoje o Antilibano he habitado de huns Semi-Christãos, chamados Drusos, ou Drusios. A Villa Abano he a Povoação de mayor nome. *Plin. lib.* 15. *cap.* 10. *Pedro de là Valle &c.*

ANTIPERISTASIS. Vid. tom. 1. do Vocabul. (Cobra algumas vezes a verdade novo brio com os *Antiperistasis* do engano, que a opprime, e vence com mais gloria, quando he mais forte o contrario, que a infatua. Crisol Purificat. fol. 244. col. 1.)

ANTIRRHINA, ou Antirrhino. Herva, assim chamada do Grego *Antos*, flor, e *Rin*, nariz, porque a flor desta planta he da feição de nariz de bezerro. João Bauhino traz tres castas de Antirrhino. *Antirrhinum vulgare*, cujas folhas se parecem às dos goivos amarellos, e são acres ao gosto. A segunda tem as folhas mais pequenas, e purpureas; chamãolhe *Antharrinum, sive Lychnis silvestris*. A terceira tem semelhança de linho, e na flor se parece com jacintho; chamalhe Plinio *Antarrhinum, seu Lychnis agria*. Tambem chamão a esta planta *Caput canis*, e com vocabulo Grego *Cynocephalos*, porque o fruto que dá, tem figura de cabeça de cão. Os outros nomes são *Nares vituli*, *Anagallis sylvestris*, *Oculus cati*, ou *Bucranium*. (Com a semente de herva *Antirrhina*. Observaçoens de Curvo, pag. 569.)

ANTISCORBUTICO. Palavra de Medico. Remedio contra o Scorbuto. Ha Antiscorbuticos simplez, como o absynthio, o funcho, a pimpinella, o espirito de vitriolo, o antimonio diaphoretico, o morsus diaboli; e ha Antiscorbuticos compostos, como o xarope da Cochlearia, e outros vegetantes, aromatizados com oleo de canella, e de cravo. Na agoa Antiscorbutica entrão raizes de rabãos bravos, e hortenses, moidos com succos de *Melisse*, *Fumu terræ*, *&c.* O espirito Antiscorbutico se faz com bagas de zimbro, çumo de persicaria, celidonia, &c. Tambem ha Antiscorbuticos exteriores; como gargarejos, ou gargarismos Antiscorbuticos, e banhos Antiscorbuticos para as chagas das pernas &c. *Antiscorbutica simplicia, composita, & externa, orum. Neut. Plur.*

ANTISIGMA. Usão deste termo os Orthographos, fallando em letras, que se poem antes do *S* Grego, chamado *Sigma*. (O mesmo Emperador Claudio inventou nesta fórma ↄ a que chamavaõ *Antisigma*, para supprir o *ps*, ou *bs* dos Gregos. Orthographia de João Franco Barreto, pag. 134.)

ANTISTROPHE. Figura verbal, da qual se usa quando ao contrario da Epanaphora, que com a mesma palavra principia, com a mesma palavra se acaba, como se vè neste exemplo de Cicero na Oração pro *Fonteio*: Frumenti maximus numerus è *Gallia*; amplissimæ copiæ è *Gallia*; equites numero plurimi è *Gallia*. Vid. tom. 1. do Vocabulario.

Antistrophe, tambem he termo da Poesia Lyrica, e he opposto a Strophe em dar, como em huma dança, huma volta, ao que se tem dito. Eis-aqui o Antistrophe do Strophe, que acharás no seu lugar Alphabetico, Author Antonio Marques, Cantor da Capella Real.

No pues de otra manera
Aquel Conde, que muerto el Tajo llora,
De virtud adornado vencedora
Entre fuego de imbidias, que la altera
A la patria; constante
Aun mas que el fuerte Atlante
A sus hombros robustos, y alentados
Sacò libre, y segura.
Despues con zelo, amor, y con fè pura;
Navegò mares, quantos mirò Estados
Consiliando inimigos con prudencia,
Y reduziendo Reyes mais remotos

A sus ruegos, y votos
Con piedosa clemencia,
Y bolviendo a su patria siempre amada,
La renueva su exemplo, y mas su espada.

Academias dos Singulares de Lisboa, 1. part. Academ. 17. pag. 333.

Antîtypo. He palavra Dogmatica, composta de *Anti*, que no Grego val o mesmo que Contra, e de *Typos*, Figura, onde significa o mesmo, que Contrafigura, ou figurado. Deraõ os Padres este epitheto ao Corpo de Jesu Christo, que no Antigo Testamento foy representado por muitos *Typos*, ou figuras. E neste sentido Marcos Ephesino, o Patriarca Jeremias, e outros Authores Gregos dizem, que na Liturgia de S. Basilio, o paõ, e o vinho, antes das palavras da Consagraçaõ, saõ chamados *Antitypos*, porque foraõ figurados no Antigo Testamento na offerta de Melchisedech. Tambem neste sentido se toma este Vocabulo no segundo Concilio Niceno, contra os Iconoclastas, e sempre foraõ deste mesmo parecer os defensores das Imagens. Antes Ricardo Simaõ affirma, que alguns Padres deraõ tambem o nome de *Antitypos* às especies, ainda depois da Consagraçaõ, pois esta palavra naõ continha em si cousa opposta à realidade, e verdade do Corpo de Christo na Eucharistia. O que mostra, como he certo, e sabido, que entre elles nunca houve duvida. Antes assim entaõ as chamavaõ, por denotar, que eraõ só figura, e especie de paõ, e vinho, que já naõ havia, posto que esta palavra Antitypo, tambem significa Figura. *Ricardo Simaõ, Historia Critica da crença das Naçoens do Levante.*

Antivari. Cidade de Dalmacia, na Costa do mar Adriatico; antigamente foy Episcopal, e no anno de 1062. o Papa Alexandre II. a erigio em Metropoli. Hoje está debaixo do dominio do Turco. *Antibarum, i, Neut.* He opiniaõ de alguns, que esta Cidade he a antiga *Doclea. Baron. Anno Christi* 1062.

Antivenêreo. Termo de Medico. Remedio Antivenereo, he o que he bom para o contagio de Venus. *Remedium Venereæ luis.* (Sem os Alexipharmacos *Antivenereos.* Observaç. de Curvo, 475.)

Antonomastico. Vid. Antonomasia, tom. 1. do Vocab.

De Marco Tullio a unica elegancia,
Emula Antonomastica *de Homero.*

Man. de Far. e Sousa, Fabula de Narciso, e Ecco fol. 128.

Antro. He palavra Latina de *Antrum* Caverna. Vid. no seu lugar.

——— *De amor applausos dando*
Por Antros *cavernosos retronbando.*

Man. de Faria e Sousa, Fabula de Narciso, e Ecco, Estanc. 48.

Antro da Sibylla. He huma cavidade, aberta em hum monte da terra de Labor, junto da Lagoa de Averno, e perto da antiga Cidade de Cumas, no Reyno de Napoles; da Sibylla Cumea, que naquelle lugar viveo, e pronunciou seus oraculos, tomou o nome. Neste antro se ve hum aposento, cujo pavimento parece foy ladrilhado de obra Mosaica. As paredes saõ guarnecidas de pedras de varias cores, o tecto he dourado, e pintado de azul. Porém he opiniaõ de muitos, que o Antro da dita Sibylla fica envolto nos pardieiros, e ruinas da Cidade de Cumas. Os Italianos lhe chamaõ La grotta della Sibilla. *Sibyllæ antrum, i, Neut.*

Antron. Cidade na Costa do mar de Thessalia. Deraõlhe este nome os muitos Antros, ou cavernas do seu termo; o qual he muito nomeado pelos muitos asnos, que nelle se achaõ, e taõ grandes, e altos, que de hum homem de grande estatura, ou ignorancia se costumava dizer, *Asinus Antronius.*

Antros. Ilha de França na Provincia de Guienna, assentada na boca do rio Garuna. He pequena; e tem huma torre, que serve de Pharo aos que entraõ no rio, para irem a Bordeos. *Pomponius Mela de Situ Orbis, lib. 3. cap. 2.*

ANU

Anubis. Dividese a historia de Anubis em Historica, e fabulosa. Segundo Diodoro Siculo, Anubis era filho de Osiris, Rey do Egypto. Nas guerras, que teve Osiris, acreditou Anubis o seu valor, e a sua fidelidade de sorte, que depois de morto, foy posto no numero dos Deoses; e como era muito amigo de caens, e no brazaõ de suas armas, como tambem no seu estandarte, trazia a figura de hum caõ, representaraõ-no com cabeça de caõ, como se vê em algumas antigas medalhas, particularmente em huma de Marco Aurelio Antonino, e de Faustina, na qual esta Princeza representa a Isis, e o Emperador a Anubis. *Cynopolis*, que quer dizer: *A Cidade dos Caens*, foy edificada em honra de Anubis, e nella se criavaõ estes animaes, em memoria da fidelidade, com que buscara, ou guardara os corpos de Osiris, e Isis; e eraõ taõ respeitados, que eraõ chamados *Os caens sagrados*. Tambem he provavel, que Anubis era o Mercurio dos Egypcios, que o pintavaõ com huma palma em huma maõ, e hum caduceo na outra, e debaixo desta figura canina pertendiaõ ter occultado os arcanos da sua Theologia; mas tambem por ser o caõ (como advertio Servio) o mais sagaz dos brutos. Os Authores naõ só Christãos, mas tambem Gentios, zombaraõ deste ridiculo, e fabuloso Deos dos Egypcios. Virgilio lhe chama Deos ladrador.

Omnigenumque Deum monstra, & latrator Anubis.

Æneid. lib. 8. vers. 698. Escreve Pedro de la Valle, que ainda hoje de alguns Povos da Zona Torrida *Anubis* he adorado com a superstiçaõ, e cegueira, que estes miseraveis herdaraõ dos Egypcios. Da passagem nocturna, que no Templo de Anubis, o Cavalleiro, chamado *Mundus*, teve com Paulina, Dama Romana, e mulher de Saturnino, vid. o que digo na declaraçaõ da palavra *Oraculo*.

AON

Aonde. Vid. tom. 1. do Vocabulario Portuguez.

Adagios Portuguezes do Aonde.

Aonde o ouro falla, tudo calla. Aonde irá o boy que naõ lavre, pois que sabe? Aonde his? a Evora monte, fazer barriz. Vid. Onde.

APA

Apa. Apas saõ huns bolos, compostos de farinha de arroz, e azeite de coco, que comem todos os Orientaes.

Apaches. Povos da America Septentrional, no Mexico Novo. Saõ idolatras, e governados pelos seus Caciques.

Apagado. Vid. tom. 1. do Vocabulario. Homem apagado, baixo, naõ conhecido, de escuro nascimento. *Obscura persona. Cic. Obscurus homo*, ou *Obscuris ortus majoribus*, ou *Obscuro loco, & genere natus. Cic.* (Devia de ser de algum homem apagado, e naõ conhecido. Couto tom. 5. fol. 94. col. 1.)

Apage. Termo usado dos Poetas Comicos Latinos, e derivado do verbo Grego, *Apagein*, que val o mesmo, que *Enxotar*, ou *Lançar fóra*. Deste Vocabulo, ainda que Grego, Latino, usamos às vezes, e val o mesmo que Guarda fóra, ou Tire lá.

Naõ he a Poesia aquella
Voz triste, nome medonho,
Que he o Apage *da dita,*
Que he o Arrelá do ouro.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 103.

Apalaches, ou Apalachitas Povos da America Septentrional, na Florida. Occupaõ varias pequenas Provincias, *Bemarin* he a principal; e a Cidade Cabeça de todas he *Melitot*. A terra he boa, e a gente simplez, e sem malicia; a dos seus confinantes os obriga às vezes a tomar as armas, que saõ arco, frecha, maça, ou cachaporra, e huma especie de zagaya, ou lança de arremeço, da qual se valem, quando está vasia a

aljava;

aljava. Tambem usaõ de huns broqueis ovados, feitos de juncos torcidos a modo de cordeis, e breados, ou untados com pez, e com tal artificio, que ainda que cuberto de huma só pelle, e muito leves, saõ impenetraveis ás settas, e dardos de seus inimigos. Antigamente adoraraõ o Sol, como a mayor parte dos Americanos, hoje quasi todos saõ Christãos.

Apamêa. Ha muitas Cidades deste nome; huma na Syria, sobre o rio Oronte, que a cerca quasi toda, hoje lhe chamaõ *Aman*, ou *Hamã*; outra na Bithynia, na Costa do mar de Marmora, hoje os Turcos lhe chamaõ *Miarlea*; outra na Media, que tambem se chama *Miana*; e outras duas na Mesopotamia, das quaes huma he situada nas margens do Euphrates, e outra nas do Tigres.

Aparador, naõ he propriamente copa; he a mesa, em que se poem os pratos, que haõ de servir naquella hora.

Apaturias. Derivase do Grego *Apati*, *Engano*, *Fraude*. He o nome de humas festas, que os Athenienses faziaõ em honra de Bacco. A razaõ de se chamarem assim, he esta. Em huma contenda, que sobre limites tiveraõ os Povos da Beocia com os de Athenas, os Reys Melanthio, e Xanthio determinaraõ decidir a questaõ em combate particular, e corpo a corpo; neste desafio perdeo Xanthio a vida por huma peça, que lhe fizeraõ. No tempo da peleja, por detraz de Xanthio, appareceo hum homem cuberto de huma pelle de cabra negra, e os da parte contraria gritandolhe, que era mal feito sahir ao campo com padrinho, voltando o rosto para ver quem era, lhe deu Melanthio huma estocada, da qual morreo. Os Athenienses imaginando, que Bacco disfarçado em cabra, lhes fizera este bem, instituiraõ em honra sua huma festa, que se celebrava no mez de Outubro. Dizem alguns, que tambem em honra de Jupiter, e de Pallas se fazia huma festa; e que Æthra, mulher de Athlante, em agradecimento de algum beneficio recebido, dedicara a esta Deosa hum Templo, e ordenou que todas as moças de Trezena, Cidade do Peloponeso, consagrassem antes do seu desposorio seus cintos a Pallas *Apaturia*. Este mesmo nome foy dado a Venus, depois que os Gigantes, que a perseguiaõ, a obrigaraõ a esconderse, atè que com o soccorro de Hercules os fez perecer a todos. *Natalis Comes*, *lib* 5. *cap*. 12.

Apavorar. Atemorizar. Meter pavor. Vid. nos seus lugares.

Ao som de horridos roncos rompe os troncos,
E Apavora *as monteiras com os roncos.*

Man. de Far. e Sousa na sua Aganippe, Ecloga 5. fol. 65. vers.

APE

Apeirado. Termo de Abegaõ. Carro apeirado he o que tem todo o seu apeiro, ou apeiragem. *Currus ab omni re vehiculari paratus. Plaustrum apprimè instructum.*

Apeiragem. Termo de Abegoaria. Saõ todas as peças necessarias para a lavoura, carros, charruas &c. *Instrumenta agraria, orum. Neut. Plur. Res, ad arationem, vel agricolationem, vel agrorum cultum spectantes.*

Apeiro. Correa de couro crû, de cavallo, ou boy, que pega na canga, e com a chavelha, serve para puxar pelo arado, ou carro. No Alemtejo as corneiras, e a chavelha, e outras, que servem para o mesmo effeito, todas juntas lhe chamaõ o Apeiro. Por isso no Thesouro da lingua Portugueza o P. Bento Pereira chama ao Apeiro *Paramenta jugi*. O Adagio Portuguez diz: Em casa do Ferreiro, peyor Apeiro.

Apesarado. Pesaroso. Vid. no seu lugar.

Acode antaõ zavaõ, e Apesarado
Da afronta, injustamente recebida.

Franc. Barreto Landim, Vida de S. Joaõ de Deos, fol. 91.

API

Apicotado. Perpetuana apicotada: Pano, tambem chamado ſerafina, ou ſarafina.

Apis. Fez a ſuperſtiçaõ eſte nome muy celebre no Egypto, porque de hum Rey fez hum Boy, e de hum Boy hum Deos. Foy Apis o ſegundo Rey dos Argivos, e foy tido por filho de Jupiter, e de Niobe, filha de Phoroneo, e em Achaya, que antigamente foy o nome de toda a Grecia, reinou alguns trinta e cinco annos. No ſeu irmaõ Egialeo renunciou o Reyno, e paſſou para o Egypto, onde com outro nome tambem foy chamado Oſiris, e tomou por mulher a Iſis, ou Io, filha de Inaco, que reinou no Peloponeſo. Aos Egypcios, homens rudos, e brutaes enſinou o culto da vida civil, e a cultura das vinhas, e em agradecimento deſtes beneficios, de commum conſentimento foy acclamado Rey; governou pois os ſeus vaſſallos com tanta prudencia, moderaçaõ, e juſtiça, que depois de morto lhe fizeraõ honras divinas, e o adoraraõ debaixo da figura de Boy. Por contemplaçaõ de Apis endeoſado, foy eſte animal tratado com tanta veneraçaõ, que naõ podia chegar a mais o furor da idolatria. No recinto de hum Templo, edificado em huma Ilha, que faz o Nilo, ſe criava hum boy, que ſegundo Strabaõ, tinha a teſta branca, e o corpo todo negro. Accreſcenta Herodoto, que nas coſtas tinha a figura de huma aguia, e na ſuperficie da lingua a de hum eſcaravelho, com os cabellos do rabo dobrados. Pomponio Mela lhe poem outro ſinal, a ſaber, hum creſcente em huma ilharga, como ainda hoje ſe vè em humas medalhas de Adriano, e por iſſo os Egypcios lhe chamavaõ o *Touro celeſte*; e nas ſuas queſtoens Convivaes diz Plutarco, que eſta ſuperſticioſa Naçaõ cria, que o ſeu Apis, quero dizer, o ſeu Boy, fora concebido unicamente com a força, e efficacia da luz da Lua. Segundo os ritos da Religiaõ dos Egypcios, naõ ſe permittia, que eſte Boy viveſſe muito; paſſado certo tempo matavaõ-no junto da fonte dos ſacrificadores, e em ſinal de luto ſahiaõ todos com cabeça rapada. Muito dinheiro ſe gaſtava na ſumptuoſidade da ſua ſepultura; houve Reys, que chegaraõ a deſpender cem talentos no funeral de hum deſtes boys. Acabada a ceremonia, buſcavaõ os Sacerdotes hum bezerro, que tiveſſe algũa ſemelhança com o boy morto, e depois de achado, ceſſava o luto. Nos primeiros quarenta dias era tratado com muito mimo, e reſpeito, e ſó às mulheres era permittido o viſitallo: as indecencias da viſita naõ permitte a honeſtidade que ſe refiraõ. Levavaõ os Sacerdotes ao Boy Apis a hum bergantim toldado, em que havia huma cameta ricamente armada, e com grande pompa o conduziaõ a Memphis, aonde concorriaõ os Egypcios para ſaberem verdades ignoradas, e ſucceſſos futuros; quando ſahia a publico, era cercado de guardas, e precedido de meninos, que cantavaõ hymnos em ſeu louvor. Em Canope, Cidade do Egypto, lhe edificaraõ hum Templo, que depois foy arrazado por Theodoſio o Grande. Naõ nos admiremos deſtes deſatinos; ainda hoje ha Bezerros, e Boys adorados. *Apis*, tambem foy chamado *Serapis*.

APN

Apno. Termo de Medico. He compoſto do *A* privativo, e do verbo *pnein*, que no Grego val o meſmo, que reſpirar, e aſſim *Apno* ſignifica, Privado de reſpiraçaõ, ou que conſerva ſem reſpirar. Dizem que Empedocles, celebre Filoſofo da Grecia, dera a Pauſanias, ou lhe dera a conhecer hum medicamento, com o qual podia hum homem eſtar o eſpaço de trinta dias ſem comer, nem beber, e ſem pulſo, nem reſpiraçaõ. Faz Suidas mençaõ deſte prodigioſo remedio; mas Joaõ Gorreo nas ſuas Definiçoens Medicas, mihi pag. 66. col. 1. verb. *Apnõs*, dá a entender, que eſta maravi-

maravilha naõ tem fundamento para se lhe dar credito.

APO

Apocriphamente. Sem noticia certa, sem constar da verdade. *Incertò. Plaut. Dubiè. Cic. Dubià fide.* Vid. Apocripho, tom. 1. do Vocabulario. (Tal relevaçaõ *Apocriphamente* se attribue a S. Methodio. Eva, e Ave de Macedo, part. 1. fol. 82. num. 6.)

Apocrisário. Titulo, que na Igreja tem principiado no tempo de Constantino o Magno. Querem outros, que se diga *Apocrisiario.* Deriv ase do Grego *Apocrisis*; que entre outros significados tambem significa *Reposta*; daqui vem, que no seu Registro S. Gregorio chama ao Apocrisario *Responsalis*, e as repostas do Apocrisario se chamavaõ *Responsa.* Quadravaõ estes nomes com o officio, porque os Apocrisarios naquelle tempo eraõ como Nuncios, que declaravaõ ao Principe as ordens, que recebiaõ do Papa, e ao Papa a vontade dos Emperadores; e assim todo o seu officio consistia em dar reciprocas repostas. S. Gregorio o Grande exercitou as funçoens desta dignidade antes de ser Papa, como tambem outros Prelados, antes da sua assumpçaõ ao Pontificado. Os Apocrisarios sempre eraõ Diaconos, e nunca Bispos; a estes se commettiaõ as Embaixadas extraordinarias, e Legacias; e aquelles, ainda que Nuncios do Pontifice, cediaõ aos Bispos o lugar, como se vio no Concilio Constantinopolitano, anno de 530. no qual Pelagio, Apocrisario do Papa Agapito, e o primeiro destes Nuncios Apostolicos nomeados na Historia Ecclesiastica, poz o seu assinado abaixo dos Bispos. Tambem aos Patriarcas se mandavaõ Apocrisarios; por final que os que o Papa Martinho, primeiro deste nome, enviou ao Patriarca Paulo, para o reprehender dos seus excessos, por apertarem com algũ rigor sobre a emenda, por ordem de Constancio, foraõ degradados para diversas Ilhas, o que obrigou ao dito Pontifice, a que convocasse em Roma hum Synodo de Bispos. Naõ mereceo approvaçaõ a etymologia de quem derivou *Apocrisario* do Grego *Apos* por Nuncio, e de *Chrysis*, ouro; como quem dissera *Nuncio aourado*; porque em primeiro lugar, em nenhum Author se acha *Apos* por *Nuncius*, ou *Missus*; bem sim *Apostolos* por *Missus*, e *Apostoli* por *Missio.* Hincmaru, Religioso de S. Bento, e Arcebispo da Cidade de Rheims em França, no cap. 13. da Epistola 3. chama ao Apocrisario, *Responsalis negotiorum Ecclesiasticorum.*

Apodixe. He tomado do Grego *Apodeixis*, que significa Prova evidente, e he usado de Quintiliano. (Com *Apodixes*, e Teoremas demonstrativos. Crisol Purificat. fol. 693.)

Apôdo. No seu Tratado de Agudeza, discurso 13. diz Lourenço Graciano, que commummente os Apodos saõ huns similes, ou comparaçoens breves, e promptas; relampagos do engenho, que em huma palavra encerraõ muita subtileza. Para serem engenhosos, requerem tambem seu fundamento de alguma circunstancia especial. A isto accrescenta o dito Author o que se segue. Todas as regras, que se daõ para os similes conceituosos, se podem applicar aos Apodos, pois se fundaõ nellas, e naõ saõ outra cousa mais, que similes breves, para a occasiaõ. A Tiberio apodou seu Mestre, *Pedaço de lodo, amassado com sangue.* Da fermosura sem honestidade disse Jacob Almançor, que era *vianda sem sal*; Rufo lhe chamou *Flor pisada*; a huma pessoa muito fea, e muito enfeitada disse o dito Rufo.

Aunque de perlas te siembre
Mico enfermo, y con desmayo,
Quien bastarà a hazerte Mayo,
Se Dios te hizo Deziembre.

Vid. o que digo na palavra Apodo no 1. volume do Vocabulario.

Apoyo. Vid. tomo 1. do Vocabulario. Bom apoyo na boca do cavallo. He achallo o cavalleiro com boa redea, nem branda, nem aspera. (Naõ mostrando o

potro

potro bom Apoyo na boca. *Galvaõ, Tratado da Gineta, fol. 72.*)

APOLLINARES JOGOS. Eraõ em Roma hũas festas, instituidas pelo Emperador Augusto em honra de Apollo, e agradecimento da vitoria, q̃ por sua imaginada intervençaõ alcançara de Antonio, e Cleopatra, perto do Promontorio Actio. Consistiaõ estes jogos em sacrificar hum boy, e duas cabras com as pontas douradas; assistia o Povo a esta ceremonia com coroa de louro na cabeça, e no meyo das ruas diante das portas havia banquetes. Escreve Macrobio, que no tempo da primeira solemnidade destes jogos, sobre o aviso da chegada de huns inimigos da Republica, sahira o Povo ao encontro delles, e os rechaçara com o favor de Apollo, que despedio do Ceo hũa nuvem de settas; e accrescenta o dito Author, que estando o Povo com duvida, se haviaõ de continuar a festa na incerteza de outro semelhante acometimento, tomaraõ bom agouro da ligeireza, com que hum velho, chamado C. Pomponio Liberto se pozera a bailar ao som de huma frauta, e que toda a gente levantara a voz clamando, *Tudo vay bem já que baila o velho*; o que depois costumáraõ dizer os Romanos a modo de apodo, ou adagio. Tornou cada hum a tomar no theatro o seu lugar, e sem susto se acabou a festa. *Rosin. Antiquit. Roman. lib. 5. cap. 17.* Ludi Apollinares.

APOLLO. Segundo Servio, derivase este nome do Grego *Apollyein*, perder, porque Apollo tomado pelo Sol, perde com o nimio calor as searas, e outros frutos da terra; outros derivaõ Apollo do Grego *Apallatein Tas nosis*, isto he, *Ab abigendis morbis*, porque de muitos he Apollo reconhecido por Deos da Medicina. No livro 3. *De Natura Deorum*, diz Cicero, que a Antiguidade adorou quatro Apollos. O primeiro, e mais antigo era filho de Vulcano, a que os Athenienses tomaraõ para seu Deos Tutelar. O segundo foy filho de Corybas, nascido na Ilha de Creta, e competidor de Jupiter no governo desta Ilha. O terceiro he reputado filho de Jupiter, e de Latona, que veyo da Scythia a Delphos. O quarto foy chamado *Nomion*; este nasceo na Arcadia, e os da terra lhe chamaraõ assim, porque *Nomos* no Grego quer dizer *Ley*, e elles o reconheciaõ por seu Legislador. Porém neste particular alguns Authores naõ convem; e desta opposiçaõ se poderá conjecturar, que o segundo, e terceiro Apollo saõ o mesmo: o que tambem se póde inferir da Fabula. Dizem pois, que Jupiter deferindo ás queixas dos que estavaõ no Inferno, amotinados contra o Medico Esculapio, filho de Apollo, que sarando com seus remedios os doentes, e chegando a resuscitar mortos (como succedeo a Hippolito) hia despovoando ao reyno de Plutaõ, lançara do Ceo hum rayo, que o matou. Apollo para se vingar deste aggravo, tomou-a com os Cycoples, que haviaõ forjado o rayo de Jupiter, e ás frechadas os matou. Da crueldade desta vingança resultou, que Apollo foy lançado fóra do Ceo; neste miseravel estado viose Apollo obrigado (diz Luciano) a offerecerse ao Admeto na Thessalia, para guia do seu gado; e depois na Phrygia, servio a Laomedon juntamente com Neptuno, ganhando hum, e outro a miseravel vida em fazer tijolos, com que fabricaraõ os muros de Troya; mas com taõ pouca fortuna, que lhes naõ pagaraõ os seus jornaes. De Apollo tambem conta a Fabula, que Mercurio recem-nascido, tocando hum instrumento, feito de hũma concha de Tartaruga, teve habilidade para lhe furtar o gado de Admeto, e querendo Apollo atirarlhe, achou que tambem Mercurio lhe havia roubado o arco, e as settas, e desta peça se poz a rir, como o significa Horacio nestes versos da Ode 10. do liv. 1.

Te boves olim nisi reddidisses
Per dolum amotas, puerum minaci
Voce dum terret, viduus pharetra
Risit Apollo.

A Historia Fabulosa he taõ intrincada, principalmente nas noticias, que dá dos quatro Apollos, que para aliviar aos

Mytho-

Mythologicos o trabalho, e para abrir o caminho mais seguro aos que com proveitosa utilidade se deleitaõ em tirar de mentiras moralidades, me pareceo bem desembaraçar na melhor fórma, que me foy possivel, a confusa noticia, que os Authores nos daõ do nascimento, vida, e acçoens boas, ou más, dos quatro já nomeados Apollos. Agora com singularidade, e mais clara, e ampla distinçaõ trataremos do Apollo, que a Fabula fez filho de Jupiter, e de Latona, e irmaõ de Diana. Segundo a mais commua opiniaõ, nasceo este Jupiter na Ilha de Delos; posto que siga e aceito o parecer dos Ephesios, que pertendem, que em hum bosque da sua terra parira Latona de Apollo; nem totalmente me acosto á opiniaõ de Plutarco, que na vida de Pelopidas, quer que Apollo seja filhote de Tegyra, Cidade da Beocia, aonde havia duas fontes, huma chamada a *Palma*, e outra, a *Oliveira*. Seja o que for da Patria de Apollo. Os Antigos o fizeraõ inventor da Musica, e Deos da Harmonia, elle mesmo o declara a Daphne, que desprezava as suas finezas.

Per me concordant carmina nervis.

Fizeraõ-no tambem Deos da Medicina, e da Botanica, que consiste em conhecer as virtudes dos vegetantes; por isso o representa Ovidio dizendo, *Metamorph. lib.* 1.

Inventum Medicina meum est, opiferque per Orbem:
Dicor, & herbarum subjecta potentia nobis.

E esta deve de ser a razaõ; porque aos seus discipulos mandava Hippocrates, que jurassem por Apollo, Deos da Medicina. Ainda que, se havemos de dar credito a Hygino, Liberto de Augusto, amigo de Ovidio, e Grammatico Hespanhol, ou como querem alguns, Alexandrino, naõ foy Apollo inventor senaõ da Medicina, ou collyrios dos olhos, como os que se chamaõ Oculistas, e só trataõ de curar belidas, nevoas, cataratas, e ophtalmias, ou achaques da potencia visiva. Na qual Arte devia de ser eminente, porque M. Fulvio Nobilior, lhe edificou hum Templo com o titulo de Deos da Medicina; taõ preciso, e preciosa he a conservaçaõ da vista. Os Faliscos, (povos de Italia, que antigamente vieraõ de Macedonia) lhe determinaraõ sacrificios, e huma Communidade de Sacerdotes no monte Soracte, hoje monte de S. Silvestre em Toscana, aonde diz Plinio, e o confirma Virgilio, que os ditos Sacerdotes caminhavaõ illesos sobre brazas, em prova da sua virtude, e protecçaõ do seu Nume, ou para dizer melhor por arte de seu infernal padrinho.

Summe Deum, & Sancti custos Soractis Apollo,
Quem primi colimus, cui pineus ardor acervo
Pascitur, & medium freti pietate per ignem
Cultores multâ premimus vestigia prunâ.

Em terceiro lugar a Apollo se attribue a invençaõ do arco, e das frechas, e com esta supposiçaõ o fizeraõ Deos dos Besteiros. Com suas frechas matou a serpente *Pyton*, donde lhe veyo o nome de *Pythio*, e em memoria deste beneficio, toda a Grecia instituhio os jogos, chamados *Pythios*. Em quarto lugar fizeraõ a Apollo Deos das Musas, e da Poesia; e assim no meyo dellas o pintaõ com a lyra na maõ, e os Poetas no principio das suas obras o invocaõ. Em quinto lugar chegou a cega Antiguidade a fazello Profeta, pronunciando Oraculos nas Cidades, e aos particulares, que nas suas emprezas o consultavaõ com agoa, e incenso; e affirma Luciano, que quando respondia às perguntas dos curiosos do futuro, se lhe arriçava o cabello, inchava-se a garganta, virava os olhos para huma, e outra parte, estremecia o corpo, e aberta finalmente a boca, sahiaõ as ambiguas profecias. Os lugares mais nomeados pelos Oraculos de Apollo; foraõ *Delos* nos seis mezes do Veraõ; *Patara da Lycia* nos seis mezes do Inverno; no Templo de Delos o seu altar

era de bocadinhos, ou laminas pequenas de pontas de boy, taõ destramente embutidas, que pareciaõ raboas inteiriças; chamaõlhe *Ara Apollinis*, e *Ara Cornea*. Sobre esse altar lhe faziaõ sacrificios, naõ de victimas sanguinolentas (como quer Macrobio no livro primeiro dos Saturnaes) mas dos frutos da terra, ao som dos clarins, e outros musicos instrumentos, e elle coroado de verbena (herva a que vulgarmente chamamos *Urgebaõ*.) *Nutrix* (diz Cataõ nos seus fragmentos Historicos) *Hæc omnia faciebat in verbenis, ac tubis, sine hostiis, Deli ad Apollinis genitoris aram*. Porém naõ deixavaõ de lhe offerecer alguns sacrificios de animaes, como touros, cabras, e outros, do que temos prova em Luciano no Dialogo dos sacrificios, aonde Chryses, Sacerdote de Apollo, e cabalmente versado nos seus mysterios, altamente se queixa ao dito Nume de se ver desprezado, sem embargo de ter acreditado o seu Templo, sendo elle o primeiro, que sobre o seu altar immolara, e queimara pernas de touros, e cabras. Outro Templo teve Apollo em Claros, pequena Cidade do termo de Colophone, na Jonia; o qual Templo, ainda que naõ acabado, era muy celebre pela fama dos Oraculos. O mais rico, e mais famoso dos Templos, edificados a Apollo, foy o de Delphos. De todas as partes concorriaõ os Povos, e de todas as Naçoens se lhe mandavaõ offertas, e donativos. Mandou Creso humas barras de ouro para a construcçaõ de hum altar; Phalaris, Tyranno dos Agrigentinos, lhe enviou hum touro de bronze, que era hum milagre da arte; os Romanos lhe dedicaraõ muitos altares, e lhe erigiraõ muitos Templos; o mais celebre de todos foy o que depois da vitoria Actiaca, na batalha, que deu a Antonio, e a Cleopatra, o Emperador Augusto lhe edificou em Roma no monte Palatino, donde lhe vieraõ os sobrenomes de *Palatinus*, e *Actialis*. O material deste Templo eraõ marmores da terra de Claros; e nelle havia huma grande galaria para livros Gregos, e Latinos. De huma parte se via pintada na parede a Historia das Danaides, e na parede opposta hum grande numero de estatuas equestres. Na praça do Templo viaõse quatro vacas de bronze, obra da maõ de Myron, e por isso chamadas *Armenta Myronis*; nellas se representavaõ as quatro filhas de Preto, Rey dos Argos, mudadas em vacas, em castigo de se estimarem mais fermosas, que Juno; ou, como querem outros, necessitadas a esta transformaçaõ, causada de huma profunda melancolia, que lhe perturbara a imaginaçaõ, da qual (segundo escreve Plinio) Melampo as tirou com cosimento de raiz de Elleboro, herva, que tem notavel virtude para purgar os humores melancolicos. Na dita praça vinha sobindo hum Loureiro, nascido com Augusto, e plantado diante da porta deste Principe. As portas do Templo eraõ de marfim, com figuras de meyo relevo, em que se representavaõ os Gallos, quando se despenharaõ do Capitolio; e juntamente as quatorze filhas de Niobe, filha de Tantalo, as quaes miseravelmente pereceraõ pela soberba de sua mãy, que contra si havia provocado a ira de Apollo, e Latona. No frontispicio do dito Templo apparecia o carro do Sol, de ouro macicço, e a figura delle coroada de resplandores taõ vivos, e penetrantes, que pareciaõ rayos do dito Planeta. Na parte interior do Templo havia duas estatuas, huma de marmore, feita por *Scopas*, excellente Estatuario, e outra de bronze, de altura colossal, isto he, muito mayor que natural, porque tinha cincoenta pés de alto: huma, e outra estatua era de Apollo. Viase tambem hum grande castiçal, a modo de arvore, com muitos ramos, dos quaes pendiaõ frutos, que deitavaõ luz, como alampadas; nestes ramos penduravaõ os Poetas os versos, que dedicavaõ a Apollo, como se colhe das palavras de Horacio, *Epist*. 3. *lib*. 1.

——— *Et tangere vitet*
Scripta, Palatinus quæcunque recepit
Apollo.

Pintavaõ os Gregos a Apollo moço, e sem barbas, com o cabello solto, e ondeado, a aljava chea de settas detraz das costas, e o arco na maõ, como ainda hoje se ve nas medalhas de Nero; em outras medalhas se ve com a lyra em huma maõ, e hum ramo de loureiro na outra; outros o representaõ coroado de rayos, governando hum coche com as redeas de seus quatro cavallos na maõ, e por diviza estas duas palavras: *Soli invicto.* Finalmente do Templo de Apollo na Syria escreve Luciano taes patranhas, q̃ só por extravagantes, e ridiculas se podem repetir. No dito Templo se ve a figura de Apollo com barbas, e naõ moço, como nas outras, que sem este varonil ornato offendem o decoro, e gravidade daquelle Deos; neste mesmo lugar apparece vestido ao contrario das figuras dos outros Deoses, que se representaõ nuas. Neste Templo elle mesmo, e naõ como nos outros os Sacerdotes, pronuncia os seus oraculos; quando quer profetizar, abalase de si mesmo, entaõ os Sacerdotes o tomaõ nos hombros, e senaõ, elle de si proprio se move, e sua; quando elles o tem sobre si, elle os governa, e os faz andar de huma parte para outra à sua vontade, como faz o cocheiro a seus cavallos; perguntandolhe o Sacerdote o que deseja saber, se se agrada da pergunta, chegase; e senaõ, recúa. Deixo em silencio outras fatuidades, que Luciano excogitou; ou apparencias, com que o Demonio enganava aquelles Povos. Esta, ainda que dilatada relaçaõ, he hum breve resumo das muitas noticias, que na Fabula, e na Historia se achaõ do famoso Apollo. *Apollo, inis; Masc.* Os Poetas Latinos lhe chamaõ *Phœbus, Cynthius, Delius, Sol, Titan; Latonia proles, Musarum præses, Deus arcitenens. Parnassi Numen &c.*

Apontado. Hum apontado de panos. Alguns panos cosidos pelas pontas, que vaõ ou vem da lavandeira. *Linteorum consutorum fasciculus, i. Masc.*

Apontador de cavallos. Vid. tom. 1. do Vocabulario. Plinio lhe chama em hũa palavra, *Peroriga, æ. Masc.* Nos Manuscritos deste Author esta *Pruriga, id est, qui admissarios ad Veneris proritum proritat.* No livro 2. de *Re rustica cap.* 7. traz Varro o caso notavel do Apontador, que com traça obrigou o potro a cobrir a egoa, sua mãy. *Quum equus, matrem ut saliret, adduci non posset, & cum capite obvoluto proriga adduxisset, & cæpisset matrem inire, cum descendenti velum dempsisset ab oculis, ille impetum fecit in eum, ac mordicus interfecit.*

Apontar. No jogo da banca, val o mesmo, que parar, porque o Banqueiro só topa.

Apophorêtas. Donativos, que no tempo das festas Saturnaes se faziaõ todos os annos em Roma. He tomado do Grego *Apopherein*, Levar, porque este genero de mimos se faziaõ aos convidados a banquetes, para os levar comsigo para as suas casas. *Apophoreta, orum, Neut. Plur.* Desta palavra usa Radulpho, liv. 4. cap. 13. mas em outro sentido porque diz (*Ossa evellens è cineribus nuperrimè defunctorum hominum, sic impositis in diversis* Apophoretis *venditabat apud plurimos per Sanctorum Martyrum, & Confessorum reliquiis.*) Aqui *Apophoreta* val o mesmo que *Arcas*, ou *caixas*. Na Epistola 39. usa Santo Ambrosio deste mesmo vocabulo metaphorica, e moralmente, chamando aos corpos dos Santos Martyres Vital, e Agricola, trazidos da Cidade de Bolonha, *Apophoretas* da Graça, e da Santidade. *Ita nos ex convivio Bononiensi, Apophoreta gratiæ, Sanctitatis nobis reservare curavimus.* Tambem segundo Santo Isidoro, Origin. lib. 20. cap. 4. *Apophoreta* eraõ os vasos em que se levavaõ os presentes, que se davaõ nos ditos banquetes. Em lugar da palavra Grega *Apophoreta*, poderás chamar aos ditos presentes por circunlocuçaõ *Dona, quæ in Saturnalibus dabantur convivis, domum ferenda.*

Aporrear a alguem a paciencia. *Aliquem tam acerbè tractare*, ou *tam hostiliter insectari, & exagitare, ut sustinere* non

non possit. Patientiam alicujus tentare. Cic. Alicujus patientiam fatigare.

Bem que vá fóra do estylo,
Com que me Aporreaste *a paciencia.*
Oraç. Academ. de Fr Simaõ, pag. 186.

Apostemar-se por agastar-se se acha no Diccionario Lusitano Latino de Agostinho Barbosa.

Apostrophia. Derivase do Grego *Apostrephein*, Desviar. A' Venus Urania, ou Celeste deu Cadmo este nome; e os Gregos a veneravaõ para desviar da imaginaçaõ pensamentos impuros, e deshonestos. No tempo de Marcello, os Romanos lhe dedicaraõ hum Templo, segundo a ordem, que disto acharaõ no livro das Sibyllas, e chamaraõlhe *Verticordia*; como quem dissera, *A que aos coraçoens dá volta* porque às mulheres deshonestas inspirava honestidade, e as induzia a mudar de vida. As moças hiaõ a este Templo offerecer à dita Venus donativos, para impetrar della a conservaçaõ da castidade.

Apousentado, e Apousentar, em lugar de Aposentado, e Aposentar; sem a letra U, a traz do O, se acha no Diccionario Lusitanico Latino de Agostinho Barbosa; por ventura porque o dito Author os considera como vocabulos, derivados de *Pousada*, e *Pousar*; porém na mesma pagina, o dito Author poem *Aposento* sem U.

APP

Appellidar. (Arrebentaraõ apoz elles com grande furia *Appellidando* vitoria. Decada 7. de Couto, pag. 228. col. 4.)

Appenzel. He o ultimo Cantaõ dos Cantoens dos Suiços, ou Esguizaros. Tomou o nome da Cidade principal daquella pequena Regiaõ, que antigamente dependia do Abbade de S. Gallo; e he a razaõ porque os Authores Latinos lhe chamaraõ *Abbatiscella*. He huma grande Villa, rica, bem povoada, e habitada de Catholicos, e Calvinistas.

Appia. Via Appia. Estrada de Roma, toda calçada, que chegava da porta Capena até a Cidade de Brindes, no Reyno de Napoles. Appio Claudio, Censor, nos annos de 441. fez esta estrada, e lhe deu o seu nome. *Via Appia, æ, Fem.*

Familia Appia, ou Appiona. Descende de L. Appio, que levou o premio nos jogos Nemeos em Achaya. He das mais illustres de Roma. Deu muitos Consules, que sempre defenderaõ a authoridade do Senado, contra os perniciosos designios, e violencias dos Tribunos do Povo. *Appiana familia, æ, Fem.*

Approuvar. Verbo anciquado. Vid. Agradar. Contentar. (A Nuno Alvares *Approuve* isto. Lopes, Vida del Rey D. Joaõ I. part. 2. cap. 158.)

APR

Apre. Interjeiçaõ de quem se admira, v. g. Escapámos de boa, Apre.

Aprehensaõ. Vid. tom. 1. do Vocabulario. Fazer Aprehensaõ em moveis, em fazendas, &c. *Domestica instrumenta retinere.*

Aprehenso. Derivase do Latim *Apprehendere*, Tomar.

De cada qual o vulto era estupendo,
Mas Aprehenso *nas mãos, tudo era vaõ.*

And. da Sylva Mascar. Destruiçaõ de Hespanha, liv. 2. oit. 82.

Aprêstimo. He huma renda, instituida para os que possuirem certo beneficio, na qual succedem os que succedem no mesmo beneficio; por exemplo, Aprestimo para o Prior de Santiago, ou de S. Thomé de Lisboa. (Escreverseháõ no principio delle todas as Dignidades, Conezias, Prebendas, *Aprestimos*, porçoens, raçoens &c. Livro 4. das Constituiçoens do Arcebispado de Lisboa.)

Aproximaçaõ. He tomado do Latim *Proximus*, e *proximitas*, que significa muito visinho, e visinhança. *Appropinquatio, onis, Fem.* He de Cicero, que diz *Appropinquatio mortis*, 5. *de Fin.* 31. (Considerando a *Aproximaçaõ* de seu estrago. Crisol Purificar. fol. 600. col. 1.)

AQU

Aquecer, Acontecer, he antiquado. (E *Aqueceo*, que dos primeiros, que ao Conf. vieraõ. Lopes, Vida delRey D. Joaõ I. part. 1. cap. 184.)

Aquella, e Aquelle. Vid. tom. I, do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Aquella, e Aquelle.

Aquella he bem casada, que naõ tem sogra, nem cunhada. Aquella he boa, e honrada, que está viuva sepultada: Aquelle he teu amigo, que te tira do arruido. Aquelles saõ ricos, que tem amigos. Aquelle naõ faz pouco, que seu mal deita a outro. Aquelle vay mais saõ, que anda pelo chaõ. Aquelle perde venda, que naõ tem que venda. Aquelle te deu, e outro te dará, mal haja quem de seu naõ ha. Aquelle ha de chorar, que teve bem, e veyo a mal.

Aquesta, e Aqueste. Saõ vocabulos Castelhanos, porém por necessidade, ou com licença Poetica foraõ introduzidos no Portuguez por hum Poeta antigo.

Aquesta *cara, irmãos, naõ me he molesta.*

Franc. Barreto Landim, Vida de S. Joaõ de Deos.

Aquesta *joya pois de tanta estima*
Da indomavel Coroa Lusitana,
Aqueste *generoso, e nobre clima.*

Idem, ibid. fol. 77. vers.

Aqui. Vid. tom. I. do Vocabulario. Vid. Ah, paulò supra.

Adagios Portuguezes do Aqui.

Aqui se pagaõ ellas. Aqui tendes para peras. Aqui está a chave do jogo. Aqui se remataõ as contas. Aqui está a conta dos ovos. Aqui haveis de mostrar a vossa habilidade. Aqui se vê o filho do homem. Aqui torce a porca o rabo.

Aquila, ou Aguila. Pao cheiroso. Vid. Aguila. (O Sandalo, o Beijoim, as *Aquilas*, os Calambucos. Vieira, Historia do passado, pag. 275.)

Aquisto. He palavra Castelhana. Vid. Isto.

Pois me naõ vereis mais desde esta hora
Aquisto *dito, em lagrimas banhado,*
Que por deixar a seus queridos, chora.

Franc. Barreto Landim, Vida de S. Joaõ de Deos, fol. 118.

ARA

Ara. Em França na Cidade de Leaõ, era huma especie de Academia, instituida pelo Emperador Calligula, na qual os que eraõ vencidos nos certames, que nella se faziaõ, eraõ obrigados a apagar com a lingua o seu papel, ou composiçaõ, e naõ querendo, eraõ lançados no rio Rhodano. *Ara, æ, Fem.* Deste lugar faz Juvenal mençaõ na Sat. I. vers. 43.

Aut Lugdunensem Rhetor dicturus ad aram.

Arabesco. He tomado do Francez *Arabesques*, termo de Pintor, que significa huns como ramos, dos quaes sahem humas folhagens, e flores, naõ do feitio das que cria a natureza, mas inventadas, e produzidas da fantasia do Pintor, ou de outro artifice, em panos de raz, ou gadamexins; chamaõlhe *Arabescos*, por ventura, porque esta invençaõ veyo da Arabia. *Ramorum foliis, floribusque instructorum implexus ex arbitrio artificis, more Arabico.*

Hum pano acho pintado, que continha
Figuras Arabescas *(cousa estranha)*
No meyo humas letras tambem tinha,
Que quando se vissem acabaria Hespanha.

And. da Sylva, Destruiçaõ de Hespanha, liv. 4. oit. 48. Se por figuras Arabescas, o Author quer dizer *Homens Arabes*, em lugar de Arabescos, busque o Leitor *Brutescos*.

Arabi. Na sua Bibliotheca Oriental, diz Herbelot, que *Arabi* quer dizer hum Arabio do Deserto.

Araca. He o nome porque se conhece a agua ardente da Persia, que se faz do excellente vinho de Schirás: he a mais gostosa, e a mais forte, que se conhece: os Persianos usaõ della com grande excesso, porque seguindo a seita de Aly, genro

genro de Mafoma, naõ saõ taõ escrupulosos, como os outros Mahometanos, que seguem o Alcoraõ interpretado por Omar. *Viagens de Tavernier e Chardin.*

Arachné, Filha de Idmon, insigne bordadora, ou tecedeira, ou tapeceira; brazonava tanto da sua habilidade na sua arte, que presumia saber mais que Minerva, tanto assim, que chegou a desafialla; Minerva irritada, a maltratou de palavras, deulhe com a lançadeira na cabeça, rasgou a sua obra, despedaçou todos os seus teares, agulhas, e mais engenhos; o que tanto sentio esta destrissima artifice, que de desesperada se enforcou, e Minerva a mudou em aranha. Fecha Ovidio esta Fabula desta sorte:

In latere exiles digiti pro cruribus hærent,
Cætera venter habet, de quo tamen illa remittit
Stamen, & antiquas exercet aranea telas.

O sentido desta Fabula he, que em Arachne se representa a natureza, a qual he a authora de todos os inventos; mas a arte representada em Minerva, aperfeiçoa, e dá a ultima maõ a todas as obras da natureza. *Ovid. lib. 6. Metamorph. Fab. 1. Plin. lib. 11. cap. 24.*

Aradéga. Pensaõ, ou tributo de seis fangas de trigo, ou cevada, que se paga aos Religiosos de S. Bernardo no seu Mosteiro de Alcobaça.

Arador. He usado neste Adagio. Naõ ha terra taõ brava, que resista ao Arador, nem homem taõ manso, que queira ser mandado.

Aramá. Palavra da Beira. Aramá, como hem ao, isto he, fóra, como he mao, ou guarda, como he mao.

Aramâ, como elle doe,
Tanto mentir á porfia.

Obras Metricas de D. Franc. Man. pag. 205. col. 1.

Catharina bem promete,
Aramá, como ella mente.

Ibid. 205.

Aranha. Vid tom. 1. do Vocabular. No tomo de *Animalibus exanguibus lib. 2. de Crustatis, cap. 19. fol. 387.* escreve Aldovrando, que ouvira dizer, que os Portuguezes chamaõ Aranha a hum marisco, que tem os braços mais largos, que compridos; e he caranguejo do mar, a que os Authores chamaõ *Pagudus*, e *Carabus.*

Aranzel. He tomado do Castelhano *Arancel*, que segundo Cobarruvias, no seu Thesouro, he composto do *A*, artigo Arabico, e *Rancel*, que dizem valer tanto, como decreto, e assento; e assim o *Arancel* dos Castelhanos vem a ser o mesmo que a taboa da taxa, que os Ministros do Civel poem às cousas, que se vendem; e dalli veyo a chamarse Aranzel o mesmo decreto, ou assento da Justiça; e tambem se toma por memoria, ou rol de muitas cousas; para o Latim, vide Lista, Rol, Catalogo, segundo o Alphabeto do Vocabulario. Em Portugal usamos da dita palavra, no sentido metaphorico, como poderá o Leitor ver nos exemplos de Authores Portuguezes na palavra Aranzel, no primeiro tomo do Vocabul.

ARB

Arbim. Certo tecido rustico, antigo. (Vestio por dô hum capuz, e pelote de *Arbim* cardado. Cunha, Histor. dos Arcebispos de Braga, 2. p. 334. col. 2.)

ARC

Arcabouço, ou Arcaboyço. A ossada do peito, em que se contém as partes vitaes, a saber, os bofes, o coraçaõ, o baço, &c. *Thorax, cis, Masc. Cels.*

Tenho o Arcabouço
Sem feiçaõ.

Egas Moniz na carta, em que se despede da sua Dama.

Arcabuzada. Vid. Arcabuzaço tom. 1. do Vocabulario. (Com huma *Arcabuzada*, que lhe passou huma perna. Diogo do Couto, Dec. 8. liv. 1. fol. 216)

Arcano. Villa do Lacio, na Campanha de Roma. *Arcanum, i, Neut. Cic.*

Arcano. Segredo Physico. (Destes taes resul-

resulta hum *Arcano* homogeneo. Observaç. de Cirvo, 79.)

Arcano, adjectivo. Occulto. Interior. *Arcanus, a, um. Cic.*

Do peito abrindo a mais Arcana *chave*
Com summa contriçaõ com dor muy grave.
Franc. Barreto Landim, Vida de S. Joaõ de Deos, fol. 40.

Que abrindo a porta Arcana *de seu peito;*
Lhe manifesta hum caso novo, e raro.
Man. de Far. e Sousa, Fabula de Narciso, e Ecco. fol. 126.

Arcas. Segun lo os Poetas, foy filho de Jupiter, e de Calisto, filha de Lycaon, Rey de Arcadia. Era pois este Arcas caçador de Jupiter, e estando para matar sua mãy, que Juno havia convertido em ursa, elle, e a mãy foraõ levados ao Ceo, para nelle formarem a Constellaçaõ chamada Ursa Mayor, e Menor.

Arcâz. Arca grande, caixaõ &c.

Archaismo. He tomado do Grego, *Archaizein*, Imitar os Antigos. He hum dos defeitos da pureza da locuçaõ, e consiste em usar de palavras, ainda que significativas, já antiquadas; como se alguem dissesse agora, meu dono por *meu senhor*, ou *meu amo*. (Commetteo algũs *Archaismos* D. Franc. Manoel, principalmente em algumas das suas cartas: assim na carta 8. da 2. Centuria, *Tudo o que naõ póde sahir do animo nestes affeitos, &c.* E já naquelle tempo havia muito que se dizia affectos. Systema Rhetorico, pag. 197)

Archia-côlyto. He o nome de hũa dignidade Ecclesiastica, hoje extincta. O Archia-colyto presidia aos Acolytos. Desta dignidade faz mençaõ Luitprando *lib. 6. Histor. cap. 6.*

Archicantôr. Responde ao que nos seus córos chamaõ alguns Frades *Cantor mór.* No livro 4. cap. 18. escreve o Veneravel Beda, que o Archicantor da Basilica Vaticana, fora mandado no anno 769. pelo Papa Agathon a hum Synodo Anglicano, para ensinar os Inglezes a cantar, segundo o rito Romano.

Archiclavo. Deu-se antigamente este titulo, a quem regîa, e governava huma Igreja, ou Mosteiro; e de antigas Escrituras se colhe, que era Dignidade superior à de Arcediago. O significado deste nome *Archiclavus*, foy tomado metaphoricamente de *Clavus*, que no Latim significa *Leme*; que assim como do *Leme* depende o governo do navio, o Prelado he o leme, que governa a sua Igreja. *Archi*, ou *Arci*, como todos sabem, he vocabulo que denota principado, ou superioridade, e presidencia.

Archipelago. Vid. tom. 1. do Vocabulario. Na quarta Decada, liv. 7. cap. 8. Diogo do Couto divide o Grande Archipelago do Oriente em cinco Archipelagos, a saber, o *Archipelago de Maluco*, em cujo meyo ficaõ as cinco Ilhas do cravo, *Ternate*, *Tidore*, *Bachaõ*, *Maquien*, e *Moutel*. O *Archipelago do Moro*, que começa nas Ilhas de *Doe* duas legoas até a ponta da *Bicoa*. O *Archipelago dos Papuas*, que está a Leste de Maluco. O *Archipelago dos Celebes*, que está a Loeste de Maluco, e tem muitas Ilhas famosas, das quaes as principaes saõ *Mindanao*, e a propria dos *Celebes*, em que ha muitos Reys. O *Archipelago de Amboino*, que está ao Sul de *Maluco*, e tem muitas Ilhas, que se governaõ por suas cabeças.

Archipresbîtero. Nos Palacios Episcopaes, os Archipresbiteros eraõ os que tinhaõ cuidado dos Conegos. Valasf. de *Rebus Eccles. cap. 31.* Os Gregos lhe chamaõ *Protopapas*. Cada huma das tres Basilicas Patriarchaes de Roma, tem o seu Archipresbitero Cardeal, e os Vigarios delles saõ Prelados, que nos Rituaes, e Diarios Antigos saõ chamados *Priores*; tambem lhe chamaõ *Archisacerdotes*, e *Protopresbyteri*.

Arco de pipa. *Arcus doliaris.*

ARD

Ardres. Reyno de Africa, no Guiné. Sua Cidade principal tem o mesmo nome. Os muros saõ de barro, mas taõ solidamen-

lidamente construidos, que com cal, e area naõ os faria a arte mais fortes. O fosso he aberto por dentro, contra o costume da Europa, onde os fossos das Praças pela parte exterior se cavaõ. O Palacio he grande, e tem bellos jardins. No quarto delRey ninguem entra, senaõ he nomeadamente chamado; excepto o Marabuto môr, que tem as entradas livres. Este Sacerdote negro, ou este negro Sacerdote he a segunda pessoa do Reyno, e decide os negocios mais relevantes da Religiaõ, e do Estado; e só elle na presença do seu Rey fica em pé; todos os mais subditos naõ apparecem diante da pessoa Real, senaõ debruçados.

ARE

AREAR. Vid. tom. 1. do Vocabulario.

Arear, cobrir de areas. Os rios vaõ areando os campos. *Flumina agros arenis operiunt*, ou *obruunt*. (As areas da praya, que com os ventos se levantaõ, tem *Areado* muito espaço de terra, e cubertos muitos lugares. Benedictina Lusitana, tom. 2. 316. col. 1.)

AREGA. Villa de Portugal na Estremadura, junto da ribeira de Alje, que se mete no rio Zezere.

ARELHANA de ouro, ou prata. He a modo de hum cordaõ de muitos fios, como cadea sem fuzis, e com muitas voltas, com que se faz hum trancelim para o chapeo, e no fim tem seus extremos do mesmo metal.

Tambem Arelhana de ouro, ou prata de que usaõ os Principes Gentios na India, e os seus vassallos, serve de cingidouro, sobre o seu longhine, que he o primeiro pano immediato à carne, nas pontas tem dous canudos de quatro dedos de comprido, chamados Muges, em que metem seu dinheiro, ou diamantes, e hum no outro se tarraxa às avessas, segundo o costume da India. (Naõ teve ElRey que lhe mandar; mas o Camereiro môr tirou huma Arelhana de ouro, que valeria quinhentos cruzados. Diogo do Couto, Decad. 6. fol. 220. col. 3.)

ARENOSO. Vid. Areento. (*Arenoso*, ou sabuloso polme. Observaç. de Curvo. 79.)

AREQUEIRA. Arvore da India, que dá Arecas. Vid. Areca.

ARESTA. (Especulaçoens taõ delicadas como *Arestas*. Observaç. de Curvo, 215.)

ARG

ARGAÇO. Vid. Alga, tom. 1. do Vocabulario.

ARGANÉO. Termo de Marinhagem. Saõ humas argolas, que servem de puxar as peças para diante, e para traz.

ARGANÍZES. Pano de algodaõ estreito, e grosso, fabricado na India, de dous palmos de largo, de cor azul, e branco; servia para o Reyno de Angola.

ARGÀO. Vid. tom. 1. do Vocabulario.

Argao, tambem he huma cana grossa, onde em hum canudo se abre hum buraco de sorte, que possa receber por elle qualquer licor; serve este para tirar das vasilhas o vinho pelo batoque.

ARGEL. Segundo Agostinho Barbosa, no seu Diccionario, he cousa mofina, e que tem pouca ventura.

ARGENTARÍA. Vid. Prata.

Detendome ao murmurio de hũa fonte,
De hũ valle sempre viva Argentaria.

Man. de Far. Aganipe, liv. 1. Centur. 6. Son. 85.

Hum Mouro, q̃ Maumete se chamava,
Revestido de pura Argentaria.

Mascar. destruiçaõ de Hespanha. lib. 5. oit. 7.

ARGENTÍFERO. Cousa que leva prata.

Natural de Jaem, mas já visinho
De Sevilha Argentifera.

And. da Sylva, Destruiçaõ de Hespanha, liv. 2. oit. 57.

ARGENTÍNO. He o nome do Deos, que a Gentilidade havia excogitado para presidir à moeda de prata, (que em Latim se chama *Argentum*) assim como o Deos *Æsculanus*, presidia à moeda de cobre, que os Latinos chamavaõ *Æs*. Na Antiguidade naõ se acha Deidade, que presidisse

presidisse ao ouro, por ventura; porque o ouro, como mais nobre dos metaes, he o que tudo manda, e tudo executa.

Argeos. Bairros em Roma, consagrados por Numa Pompilio à memoria de alguns Principes Gregos, que nelles foraõ sepultados. Aos cinco, ou quinze do mez de Mayo, todos os annos se lhes fazia hum sacrificio, q̃ consistia em trinta figuras de junco, que tambem se chamavaõ *Argeos*, q̃ ou os da ponte Sublicia, ou os Sacrificadores, ou as Vestaes Romanas lançavaõ no rio Tibre. Sahia a Flaminia, ou Sacerdotiza de Juno, vestida de luto, com os cabellos soltos, e sem ornato algum a presidir a esta funçaõ. *Flaminica* (diz Aulo-Gellio) *cùm eat ad Argeos, neque caput comito, neque capillum depectito.* Huns dizem, que procedeo esta funebre ceremonia, de que os Arcades eraõ inimigos dos Argeos, e que Evandro, Rey de Arcadia, depois de vir da Grecia para Italia, mandara observar este costume de lançar na agoa trinta figuras humanas, que representassem trinta Argeos. Dizem outros, que os Povos barbaros, que antigamente habitavaõ no Lacio, ou Paiz Latino, deitavaõ no rio Tibre os Argeos, ou Gregos, que podiaõ apanhar; e que Hercules passando por Italia, os obrigara a deixar o barbaro costume de matar os estranhos, e que para naõ tirar de todo o seu inveterado costume, lhes persuadira, que deitassem no rio figuras de junco. No fim do primeiro livro escreve Fabio Pictor, que o nome *Argeos* se deriva de hum certo *Argos*, hospede de Evandro, que veyo com Hercules morar na primeira Roma, chamada entaõ *Saturnia*. *Argæi, orum, Masc. Plur.*

Arguente. Vid. Argumentante, tom. 1. do Vocabulario. (Chama este *Arguente* ao argumento negativo, efficacissimo. Crisol Purificat. fol. 221. col. 2.)

Argyra. Nympha, da qual Selemno foy namorado, mas apagados pela muita idade os attractivos do amor, e experimentando a esquivança de Argyra, inflexivel aos seus desejos, morreo de desesperaçaõ. Venus compadecida do seu infortunio, o mudou em huma fonte do nome da dita Nympha, cujas agoas eraõ presentaneo remedio do amor aos que dellas bebiaõ, ou que nellas se banhavaõ, porque outros fazem a este triste amante, transformado em rio. Pausanias, que faz mençaõ desta patranha, diz que se as agoas do rio Solemno tivessem esta virtude, naõ haveria dinheiro com que pagallas. *Pausan. lib. 7.* onde affirma, que tambem ha huma Cidade chamada Argyra; e segundo Plinio, e Pomponio Mella ha outra Cidade deste mesmo nome, perto do rio Indo. *Argyra, æ. Fem.*

Arguiçaõ. Acto de arguir. Os Escholasticos tomaõ esta palavra por malicia, e malignidade no argumento; e para elles he modo de arguir malicioso. *Captiosus arguendi modus. Fallax argumentatio, onis, Fem. Arguitio* naõ se acha em bons Authores Latinos. (Naõ me temo tanto das argucias, quanto das *Arguiçoens*. Franc. de Sousa e Almada, no Prologo dos Ennearicos applausos.)

ARI

Aria. He tomado do Francez, *Air.* Vid. mais abaixo Ariera.

Ariadne, ou Ariadna. Filha de Pasiphae, e de Minos, Rey de Creta, hoje Candia. Em vingança da morte de seu filho Androgeo, obrigara Minos aos Athenienses a pagarlhe hum tributo de moços, e tambem de moças, que ficavaõ victimas do Minotauro, encerrado no Labyrintho. Foy Theseo mandado a Creta com este tributo da mocidade Atheniense, e juntamente foy obrigado a exporse aos mesmos perigos, que os mais. Mas Ariadne admirada do seu bom semblante, destreza, e vigor, lhe entregou hum novello de linhas, e lhe ensinou o modo de usar delle, para se poder tirar do Labyrintho, em que se hia meter. Matou Theseo ao Minotauro, e o levou comsigo a Ariadne com os moços, e moças Athenienses, e depois deixou a dita Princeza em huma Ilha do Archipelago,

pelago, chamada *Naxos*, ou *Dia*. Neste caso fallaõ diversamente os Authores, allegados por Plutarco. Huns dizem, que Ariadne, cahida em desesperaçaõ, se enforcara; dizem outros, que como estava prenhe, e naõ podia sofrer a agitaçaõ das ondas, a apearaõ do navio em terra. Tambem ha quem diga, que ella só casara com Onaro, Sacerdote de Baco; finalmente querem outros, que *Oenopion*, Rey daquella terra, (o qual depois foy chamado Bacco) namorado della a tomara por esposa. A isto accrescentaõ os Poetas, que este mesmo collocara no Ceo a coroa de Ariadna entre as Estrellas. *Plutarc. in Thes. Ovid. lib. 3. Fast. & S. Catullo, Epist. 65. Propercio, Philostrato, &c.*

Ariano. Em Italia ha duas Cidades deste nome; huma no Reyno de Napoles, e outra no territorio de Ferrara.

Arièta. He palavra Italiana, que responde ao que chamamos Tonilho, Cantiginha. Vid. Tonilho. (Componhaõ recitados, e *Arietas*. Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 88.)

Arimono. Palavra antiquada. (Em huns *Arimonos*, que respondem a cadeiras cuberras, e fechadas, foraõ ao Convento. Vida do Condestab. Nuno Per. pag. 102.)

Arion. Poeta, e Musico famoso, era da Cidade de Methymna na Ilha de Lesbos. Elle foy o inventor do Dithyrambo, Poesia chea de Enthusiasmo, e furor Poetico, posto que este genero de Poesia tambem se attribue a hum Thebano, chamado Dithyrambo. Mas querem alguns, que haja hum Dithyrambo particular, e proprio de Arion, que tambem inventou muitos hymnos, e cantigas, no seu tempo muito celebres. Na Corte de Periandro, Tyranno de Corintho, e Corcyra, hoje Corfú, assistio alguns annos; e passado a Italia, e Sicilia depois de ganhar muito dinheiro, se embarcou para Corintho em hum baixel, onde os marinheiros envejosos das suas riquezas, o lançaraõ ao mar, mas acudio hum Delphim, que recreado, e alentado com a suavidade da sua voz, o levou até o Cabo Tenaro, perto de Lacedemonia: chamaõlhe Cabo de *Matapaõ*, ou *Maini*, e he a ponta mais Austral de toda a Morea. Passou Arion a Corintho, e manifestou a aleivosia dos marinheiros a Periandro, que os castigou. Se naõ foy Fabula, succedeo este caso na Olympiada 12. anno 138. da fundaçaõ de Roma. Em Ovidio, 2. *Fastor.* achará o Leitor huma bella descripçaõ deste successo.

Aristarco. He o nome de hum dos mais doutos, e celebres Criticos da Antiguidade. Naceo na Samothracia, e floreceo na Olympiada 156. Foy discipulo do Grammatico Aristophanes, e elle foy tambem famoso Grammatico. Escreve Eliano, que era homem taõ versado nas letras, e de tanta authoridade em decidir as questoens, que naõ era tida por obra de Homero o verso, a que elle naõ dava a sua approvaçaõ. Teve dous filhos, a saber, Aristarco, e Aristagoras, ambos tolos; mas quarenta discipulos que teve, eternizaraõ a sua memoria. Querendo dilatar a vida, a fez mais breve, porque morreo da inedia, ou excessiva abstinencia, a que se sogeitou para se livrar da hydropezia, que o perseguia. Em memoria de taõ celebre censor, chamamos Aristarcos aos que hoje se occupaõ em censurar escritos alheyos. Já no tempo de Horacio se fazia o mesmo, porque escrevendo *ad Pisones*, diz este Poeta, verf. 449.

Arguet ambiguè dictum, mutanda notabit.
Fiet Aristarchus.

ARM

Arma. Vid. tom. 1. do Vocabulario. *Adagios Portuguezes da* Arma.

A Arma, e o alguidar, naõ se haõ de emprestar. A Arma com que te defendes, a teu inimigo a naõ emprestes. O prudente tudo ha de provar, antes de Armas tomar. Vistete em guerra, e Armate em paz. Naõ tardo mais em Armarme,

marme, que em quanto a briga se acabe. Ninguem venha com engano, que naõ faltará quem lhe Arme o laço. Quem laço me Armou, nelle cahio.

Armaçaõ. Na Costa do Algarve, chamase *Armaçaõ* ás redes, ganchos, fisgas, e outros aviamentos para a pescaria dos Atuns. Desde o Cabo de Santa Maria atè o de S. Vicente ha, ou havia doze Armaçoens, humas apartadas das outras, nove das quaes saõ del Rey, e as tres das Rainhas de Portugal, e em todas ellas andaõ seus Feitores, e Escrivaens, por cuja administraçaõ corre o rendimento desta pescaria. Os direitos, que aos Reys se pagaõ, saõ de dez peixes sete, e os tres ficaõ aos pescadores, e os Reys saõ obrigados a pôr sómente as redes. Cada Armaçaõ parece huma feira; cada hũa dellas naõ traz menos de setenta, ou oitenta homens de serviço com suas barcas, e caraveloens, para recolher, e levar o peixe, onde se ha de dizimar, e pagar os mais direitos; fóra os Mercadores do Reyno, e de outros muitos estrangeiros, que trataõ nelle, e levaõ a suas terras. De todo o Algarve acodem homens, e mulheres com seus filhos, e fazem suas cabanas por toda a costa, onde estaõ as Armaçoens; e a gente comarcãa lhe traz todo o mantimento, e refresco necessario.

Armadabat. Cidade. Vid. Amadabat.

Armamar. Villa de Portugal na Comarca de Lamego, donde dista duas legoas. He da Coroa. Foy cabeça de Condado, cujo titulo deu ElRey D. Filippe o III. a Rui de Matos de Noronha, que morreo por sentença a 29. de Agosto de 1641.

Armamentos. He tomado do Latim *Armamenta, orum. Neut. Plaut.* que saõ os aparelhos de huma nao, vélas, cordas, mastros, vergas, amarras &c.

Nunca se vio a força do inimigo,
Nem de seus Armamentos *a grandeza.*
And. da Sylv. Mascar. Destr. de Hespan. liv. 5. oit. 65.

Armanhac. Terra de França, na Provincia de Gascunha, entre a Bearnia, e o rio Garuna. He cabeça de Condado. A terra, ainda que pequena, tem mais de mil e oitocentos feudos nobres, com obrigaçaõ de servir a ElRey em tempo de guerra. *Armeniacum, i, Neut. Armeniacus ager, vel comitatus. Armeniacum territorium.*

Armas da serra. Saõ os dous testilhos de faya, ou de bordo, em que se pega.

Armas. Insignias da Nobreza das familias. Vid. tom. I. do Vocabulario. Chamaõlhe Armas, ou porque foraõ merecidas, e conseguidas com armas na guerra; ou porque no Brazaõ em que se representaõ, se vem Elmos, Capacetes, Escudos, e outros militares ornatos.

Armatoste. Em huma memoria notavel, da qual se faz mençaõ na penultima folha do livro intitulado *Alcobaça illustrada*, se achaõ as palavras seguintes: *In turri, & infirmaria posuit multas bestas, quæ dicuntur* d'Armatoste *cum suis poleatibus.*

Armezîm. He hum tafetá ligeiro, que vem de Bengala; ha Armazins lizos, e outros de varias cores. Na Pauta dos Portos secos, e molhados se faz mençaõ deste pano.

Armilheiro. Termo de Carpinteiro. He como hum formaõ, mas mais pequeno.

Armilustrio. He palavra Latina, composta de *Arma*, Armas, e *Lustrare* que significa ver, examinar, andar em roda, todos estes significados se podem appropriar ao Armilustrio. Festa em que os Romanos faziaõ huma revista, ou alardo geral da gente de guerra, no campo de Marte, no mez de Outubro. *Armilustrium* tambem significava o terreiro, em cujo ambito se fazia esta revista. *Hoc nomen* (diz Varro) *ab ambitu lustri dictum est, quod ibi circumferretur pompa, & equi currerent.*

Armisono. Termo Poetico, val o mesmo, que cousa que soa com armas. No terceiro da Eneida dá Virgilio este epitheto a Pallas.

Palla-

Palladis Armiſonæ, *quæ prima accepit ovantes.*

Armiſonus, a, um. Armis ſonans, tonans, ou *intonans. Arma quatiens.*

Larmiſono *Eſcomberg, qual mais ouſado.*

Man. Tavares Cavalleiro, nas ſuas Rimas, titulo, Ramalhete Juvenil, fol. 209.

Armistício. Palavra, que os Militares introduzirão de poucos annos a eſta parte. Derivaſe do Latim *Arma*, e *Stare*. Val o meſmo, que *Suſpenſaõ de armas. Bellicum juſtitium. Prolatæ ad breve tempus, res bellicæ. Induciæ, arum, Fem.* Propriamente ſaõ Tregoas, em que ordinariamente he mais dilatada a ſuſpenſaõ de armas; mas tambem poderás chamar ao Armiſticio, *Breves induciæ.* Tambem poderás dizer, *Hoſtilium armorum inhibitio,* ou *ſuſpenſio, onis, Fem.*

ARN

Arnodes. Nome, que antigamente ſe dava na Grecia, aos que nos banquetes, e outros feſtivos ajuntamentos cantavaõ verſos de Homero, com hum ramo de loureiro na maõ. Chamavaõlhe aſſim, porque levavaõ por premio hum cordeiro, que no Grego he *Arnos.* Tambem foraõ chamados *Rapſodos*, porque cantavaõ *Rapſodias*, iſto he, pedaços de verſos de varios Poetas.

Arona. Cidade de Italia, no Eſtado de Milaõ, ſobre a Lagoa Mayor. He da familia dos Borromeos, e Patria illuſtre de S. Carlos, Cardeal Arcebiſpo de Milaõ, que naſceo huma quarta feira em dous de Outubro do anno 1538. *Ferrari in Lexic. Geograph.*

Arot, e Marot. Saõ os nomes de dous Anjos, que o embuſteiro Mafoma dizia ſerem mandados de Deos para enſinar os homens, e obrigallos a naõ jurar, e abſterſe de juizos temerarios, e outros peccados. A iſto accreſcenta o falſo profeta, que huma mulher muito fermoſa convidara eſtes dous Anjos a jantar na ſua caſa, e que lhes fizera beber vinho de ſorte, que aquentados com o calor do dito licor, a ſollicitaraõ e ella moſtrou querer conſentir, com condiçaõ, que lhe enſinariaõ as palavras, pelas quaes diziaõ, que ſe podia facilmente ſubir ao Ceo; porém depois de alcançar o que queria, naõ quiz a mulher guardar a palavra, e logo foy arrebatada ao Ceo, aonde depois de relatar a Deos o caſo, fora mudada na Eſtrella da manhãa, chamada *Lucifer*, ou *Aurora*; e os dous Anjos foraõ ſeveramente caſtigados. Deſta patranha tomou Mafoma motivo para dizer, que prohibira Deos aos homens o uſo do vinho. *O Author do Alcoraõ.*

Arotes, nome, que os Syracuſanos davaõ aos que por naſcimento eraõ livres, mas que por naõ terem com que paſſar, ſe viaõ obrigados a ſervir. *Cæl. Rhod.* 15. 18.

ARP

Arpáia. Villa do Reyno de Napoles, no Principado Ulterior, entre Capua, e Benavente. Antigamente era a Cidade chamada em Latim *Caudium* na terra dos *Hirpinos*, Povos aſſim chamados da ſua Metropoli, que foy *Hirpinum.* Era Arpaia muy conhecida, pela viſinhança do paſſo eſtreito entre dous montes, que da ſua anguſtia foy chamado *Furcæ Caudinæ*, como quem diſſera, *Forquilhas de Caudio*, e hoje ſe chamaõ em Italiano *Stretto d' Arpaia.* Saõ as ditas Forquilhas celebres na Hiſtoria, pela imprudencia dos dous Conſules T. Vetruvio, e Sp. Poſthumio, que metendoſe temerariamente com ſeu exercito entre dous montes, donde naõ era menos difficultoſa a ſahida, que a entrada, ſe viraõ obrigados a entregarſe aos *Samnitas*, que os cercaraõ; e naõ podendo marchar em tropa, mas ſó dous, e dous à desfilada, forçoſamente ſe ſogeitaraõ à vergonhoſa condiçaõ de paſſarem debaixo do jugo, iſto he, entre dous piques, atraveſſados de terceiro, debaixo do qual paſſaraõ todos os Soldados deſcarapuçados,

dos, e com as mãos atadas por detraz com summa ignominia, *Tito Livio*; Lucano no livro 2. da sua Pharsalia diz:

—— Romanaque omnis
Ultra Caudinas speravit vulnera furcas.

Arpino. Castello, com huma Villa, chamada S. Domingos, no Reyno de Napoles. Era antigamente a Cidade *Arpinum*, na terra dos Volscos. Cayo Mario, que foy sete vezes Consul, nasceo nesta Cidade, e como distava só tres milhas do lugar, onde Cicero nasceo, estes dous illustres varoens foraõ cognominados *Arpinas*. *Cluvier lib.* 4.

ARQ

Arqueiro. Official que faz arcas. *Arcularius, ii, Masc. Plaut.* Vid. tom. 1. do Vocabulario.

ARR

Arrair. Termo de Agricultura, he cortar o bacello pelo pao velho, lançandolhe fóra a rama, que lançou no primeiro anno. Vicencio Alarte, Agric. das vinhas, pag. 18. e 19.

Arramarse. Criar ramas. Vestirse de ramos. *Ramos agere, fundere, mittere, ramis vivere, ramis pullulare, ramis tegi, ramos in aëra diffundere.*

Contra o pinheiro do monte
Forceje o Sul indinado,
Que quando muito forçado
Se Arrama, *lhe muda a fronte,*
O tronco nunca he mudado.

Obras Metricas de D. Franc. Man. Çamfonha de Euterpe, pag 110. col. 1.

Arranhar. Vid. tom. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Arranhar.

Bom amigo he o gato, senaõ Arranhasse. Arranhado, quem te Arranhou? outro Arranhado, como eu.

Arranjar. Termo de Tanoeiro. He quando hum official se mete dentro na vasilha, e outro por fóra, com certos termos proprios do mesmo officio, lhe manda dar certas pancadas nas péças do fundo, para que estas fiquem por fóra iguaes. Os termos de ordinario saõ, A meyo lugar. Em cima, em terço. Em cima, na ponta. Em cima, na ponta a rez da madeira. Em baixo, em terço. Embaixo na ponta, e a rez da madeira. Mais quer, naõ veyo nada. Outra com essa, veyo muito. Outra mais pequena &c. As peças do fundo, em que se mandaõ dar as pancadas, saõ o Chantel, ou Xantel, a curta, a comprida, o meyaõ, e da outra parte, outras tantas peças do meyaõ para lá.

Arrarar. Rarefazer. (As calidades *Arraraõ*, e adelgaçaõ o sangue. Polyanth. de Curvo, 629.) (Do sangue dissolvido, e muito *Arrarado*, se seguem os fluxos de sangue. Observaç. de Curvo, 408.) Vid. Rarefazer.

Arrastraõ. Termo de Agricultura. He a vara, que nasce, e se estende pelo chaõ ao pé da videira. (Outras partes, onde se deixaõ as vinhas em *Arrastroens*, Vicenc. Alarte, Agricult. das vinhas, pag. 62.)

Arrastrar a aza. Vid. Aza.

Arratelar. Pezar, dividindo em arrateis. Arratelar tabaco. Achase em Regimentos, e Mandados delRey. *Tabaci libras trutinâ exigere.*

Arreatadura, ou Arriatadura. Termo de navio. (Huma Entena com suas *Arreataduras*. Diogo de Couto, Decada 6. liv. 9. cap. 21. fol. 195. col. 2.) Vid. Arriatar, e Reatar no Vocabulario.

Arreâz. Termo da Gineta. He huma fivela, sem fuzilhaõ, que está prégada no vaso da sella, onde se poem os loros dos estribos. (Do alto do *Arreaz*, até o meyo da Soleira. Galvaõ, Tratado da Gineta, fol. 162.)

Arrebata punhadas. Chularia, que se diz de qualquer pessoa, que tem mao termo. Fulano he hum arrebata punhadas. *Verberabilis*, ou *Verberabilissimus*, superlativo, que he de Plauto *in Aulul.* *Verbero, onis, Masc.* tambem he de Plauto *in Amphit.* Val o mesmo, que *Verberibus dignus.* Neste mesmo sentido usa

Plauto

Plauto dos Vocabulos Gregos *Mastigia*, e *Mastigeus*; *Crucior lapidem non habere, ut illi mastigiæ cerebrum excutiam. Curc. Scen. 4. Aggrediendus est hic homo mastigeus, in Trinum.*

Arrebem. Corda, que serve de amarrar algumas cousas no navio.

Arrebentar o diabo. Phrase do vulgo, he beber huma vez de vinho depois de dadas as graças. A razaõ, que tiveraõ os Portuguezes para usar deste modo de fallar, foy porque de uso antiquissimo usava a Gentilidade tomar esta vez de vinho, depois do comer, como em acçaõ de graças, que davaõ ao bom demonio, que para elles era Bacco, como inventor do vinho; assim o deu a entender Aristophanes:

Non per Jovem potum, boni sed dæmonis.

E os Portuguezes (como bons Christãos) trocando o intento, daõ graças a Deos por crear este licor, e pelos mais beneficios, que recebem, detestando o erro da Gentilidade, que louvava ao demonio, pelo beneficio, que recebiaõ de Deos, e como o mayor tormento do demonio he o louvor que se dá a Deos, por isso, quando nesta fórma louvaõ, dizem que arrebentaõ o demonio, para explicarem o tormento, que recebe com este louvor. *Alarte, Agricultura das vinhas, cap. 30. pag.* 178. 179. Os Castelhanos lhe chamaõ *A vez dos perdoens de Ribadanera*, Vid. mais abaixo.

Arrecabe. Corda curta, que os Pescadores de rede de arrastar cingem à cintura, como cordaõ de Frade, com que dando huma volta na corda da rede, puxaõ por ella, andando de costas para traz.

Arredio. Dizse da Rez, que se aparta do rebanho. Applicase aos que deixaõ a companhia dos amigos.

Arredo. Longe. Arredo vá de nós. *Absit à nobis. Procul*, ou *Procul sit à nobis.*

Arredo *vá de nós o sestro agouro.*
Obras Metricas de D. Franc Man. Tuba de Calliope, Soneto 30.

Arredores. Vid. tomo I. do Vocabulario.

Fazer arredores, costumaõ dizer as mulheres, quando naõ cayando a casa toda, cayaõ, quando muito, até meyas paredes.

Arregalar os olhos. Abrillos muito, levantando as sobrancelhas. *Oculos expandere, & attollere supercilia.* Vid. na palavra Regalado, olhos regalados.

Arreganhar. Vid. tom. I. do Vocabulario.

Arreganhar. Diz-se da castanha, ou outra fruta semelhante, quando a casca se dissolve, e se abre. *Hiscere, hiare*, ou *hiascere.* No cap. 17. fallando nas nozes, diz Cataõ, *Ubi primùm incipiunt hiascere, tunc legi oportet.* Das flores diz Propercio, *Nec flos ullus hiat pratis, &c.* O Adagio Portuguez diz, Temporãa he a castanha, que por Março Arreganha.

Arreiteta. Na Beira he Almotolia.

Arrelà. Arrelapas, Arrecocaõ, e outros Artes, saõ termos do vulgo, a que naõ he facil dar, nem no Portuguez, genuinos significados, nem no Latim, adequadas expressoens.

Arrelequim. He tomado do Francez, *Harlequin*, ou do Italiano, *Harlequino*, nome do bobo, ou gracioso das Comedias Italianas, cujo vestido he composto de remendos de varias cores. No Reynado de Henrique III. Rey de França, passou a Pariz huma Companhia de Comediantes Italianos, hum dos quaes, moço, e esperto, frequentava tanto a casa de Monsieur *Harlè* de Chanvalon, que seus companheiros lhe chamavaõ por alcunha *Harlequino*, como se disseramos *Harlesinho*, ou pequeno *Harlé*; e depois ficou ao bobo da Comedia Italiana o nome de *Harlequino*. Os Francezes dizem, e escrevem *Harlequin*. Os moços dos Bolatins, tambem andaõ vestidos como *Harlequins*.

Atè que torna a cançarse
De Andar feito Arrelequim.
Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 146.

Arremangar. Palavra do vulgo. Ameaçar, levantando a maõ para alguem. O Adagio Portuguez diz, Ao compitante Arremanga.

Arremeçaõ. Lança de arremeço: Vid. Arremeço.

Arremesquinhos. Termo chulo. Os arrebiques, aderçosinhos, e impertinencias no compor do rosto, como sinaes, &c.

Arreminado, ou Arriminado. Termo do vulgo. Vid. Arrogante, Atrevido, Petulante.

Arreminarse. Enviarse contra alguem.

Arrendar. Vid. tom. 1. do Vocabul.

Arrendar, termo de Agricultura. Arrendar o bacello. He depois do bacello posto, cavar profundamente a terra, para que fique direito. Arrendar milho zaburro. Vid. Arrendar tom. 1. do Vocabulario. (Posto o bacello, se cava dahi a alguns dias, a que chamaõ *Arrendar*. Alarte, Agricultura das vinhas, 17.)

Arrepelar. Vid. tom. 1. do Vocab. O Adagio Portuguez diz, Quem empresta, suas barbas Arrepela.

Arrepender. Vid. tomo 1. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Arrepender.

Comprar, e Arrepender. Quem se detem em dar o que promette, claro está, que se Arrepende.

Arrepia. Peça, que se toca na viola, a qual parece inventiva do demonio, para incitar a mal, taõ descomposto, e provocativo he o som delle.

Arrezoadamente. Vid. tom. 1. do Vocabulario.

Arrezoadamente. Sufficientemente. Vid. tom. 7. do Vocabulario. (Fortaleza muy bem feita, e *Arrezoadamente* forte. Couto, Dec. 6. liv. 9. 178. col. 2.)

Arriel. Termo de Ourivez. He hum pedaço de prata comprida, que se vasa no instrumento, que chamaõ Rilheira.

Arrimado à sua opiniaõ. *Judicii tenax. Sententiæ suæ addictus, a, um.* (Taõ pouco *Arrimado* a seu parecer. Vida de D. Fr. Barthol. fol. 123. col. 4.)

Arriscado. Vid. tom. 1. do Vocab. (Se ajuntaraõ huns mancebos *Arriscados*. Mon. Lusitan. tom. 1. 396. col. 4.)

Arroba. Vid. tom. 1. do Vocabulario.

Da nova juventude spiritos novos
As virgens, q̃ tem como intactas rosas
Das almas com belleza saõ Arrobas.

Man. de Far. e Sousa, Agan pe, Eleg. 22. 229.

Arrobar. Arrebatar. Vid. no seu lugar.

Que apenas ora, quando já levanta
O espirito, e Arroba *o corpo venturoso.*

Man. de Far. e Sousa, Fabula de Narciso, e Ecco pag. 110.

Arrocho. Em lugar de *Silha da carga*, he necessario pôr, *Sobrecarga.*

Arrocho. De quem costuma obrar com rigor, dizemos, que propende para o arrocho.

Arrofo. He hum dos buracos mayores, que ficaõ no remate da tarrafa.

Arrojadura. He hum pao, que na atafona serve de apertar a almanjarra.

Arromba. Peça, que se toca na viola ou corrida, ou por pontos.

Arromba. Termo chulo. Cousa grande. Sermaõ de Arromba. Jantar de Arromba. Festa de Arromba, *id est*, Sermaõ, Jantar, Festa grande.

Arrotaduras. Termo de marinhagem. Saõ as cordas, com que se enleaõ os mastos, que saõ de dous paos.

Arrotêa. A terra já sem mato, e cultivada. *Inculti agri prima aratio, onis, Fem. Prima inculti soli cultura, æ, Fem.*

Arrotear. Arrancar o mato de huma terra, para a cultivar. *Agrum, ante incultum colere, (lo, colui, cultum) Rude solum arare, (o, avi, atum.)*

Arroupar. Vid. Vestir. (Maltrapilho a quem naõ *Arroupasse*. Agiol. Lusit. tom. 2. 757.)

Arruar. Liteira de Arruar. He liteira em commum, mais grave, que liteira de Alquilé.

Arruela. Termo de Ourivez. Além dos Vocabulos, em que está no tomo 1. do Vocabulario, he pedaço de prata redondo,

redondo, que se vasa no instrumento de ferro, a que chamaõ Tijolo.

Arrumaços. Termo chulo. Arrufos, desconfianças, desdens, piques, zelos de namorados.

ART

Arte. Vid. tom. 1. do Vocabulario.

Artes Liberaes, a saber, Grammatica, Dialectica, Rhetorica, Musica, Arithmetica, Geometria, Astronomia; com as primeiras syllabas de cada huma dellas se comprehendem nestes dous versos:

Gram *loquitur*; Dia, *verba docet*; Rhe *verba locabit*;
Mus *canit*; Ar *numerat*; Geo *ponderat*; Ast, *docet Astra*.

No primeiro tomo do Vocabulario achará o Leitor as mesmas Artes Liberaes, comprehendidas em hum verso, tambem Latino.

Artes Superstiiciosas, e Magicas, destas por infernaes, e diabolicas, melhor fora naõ fazer mençaõ; porém como muitas dellas, com bellos nomes impoem aos simples, e enganaõ os curiosos, bom será tocar nellas para dar a huns, e outros noticia da sua futilidade. As mais celebres saõ a *Arte Angelica*, ou dos *Espiritos*, a *Arte de S. Paulo*, a *Arte de Santo Anselmo*, a *Arte de Salamaõ*, ou *Arte notoria*. *A Arte dos Espiritos*, ou *Arte Angelica*, he hum meyo superlicioso, para com o auxilio do seu Anjo da guarda, ou de algum outro Celeste Espirito, adquirir a noticia de tudo o que se quer saber. Distinguese esta Arte em duas, huma mysteriosa, e escura, que se pratica com arrebatamentos dos sentidos, e extasis; outra visivel, e evidente, que se faz pelo ministerio de Anjos, que apparecem aos homens com fórmas corporeas, e conversaõ com elles. Poderá ser, que desta Arte se valesse o pay do famoso Cardano, quando (pelo que dizem) impugnou as razoens dos tres Espiritos, que defendiaõ a doutrina de Averroes, recebendo nesta contenda as luzes, com que lhe acudio hum Genio, ou Espirito, que (tambem pelo que dizem) lhe assistio o espaço de trinta e tres annos. Por naõ gastar tempo em averiguar a verdade deste caso, o certo he, que de qualquer modo, que os padrinhos desta Arte o pintem, he superlicioso; porque naõ he authorizado da Ley de Deos, nem approvado da Igreja, nem ensinado dos Anjos do Ceo, mas só dos Espiritos das trevas, e dos Anjos de Satanás. De mais do que, as ceremonias de que para este effeito se usa, naõ saõ outra cousa, que esconjuros, e invocaçoens Magicas, com as quaes, em virtude de algum pacto, se obriga algum demonio, e Espirito infernal a dizer o que sabe, ou a fazer os serviços, que delle se esperaõ. *Thiers, Tratado das Superstiçoens*.

Arte de S. Paulo. He a que (segundo a opiniaõ de alguns supersticiosos) foy ensinada por S. Paulo, depois que foy arrebatado ao terceiro Ceo. Naõ consta bem das ceremonias, usadas dos que por este meyo pertendem conseguir sem estudo algum, mas só por inspiraçaõ, as sciencias a que se inclinaõ. Mas certo está, que esta Arte he illicita; e sem duvida alguma, naõ revelou S. Paulo a creatura alguma o que elle ouvio no seu arrebatamento, porque elle mesmo affirma, que ouvira palavras ineffaveis, e que naõ he licito manifestallas a pessoa alguma vivente.

Arte de Santo Anselmo. He a que pertende ensinar o meyo de sarar qualquer chaga, ou ferida, só tocando no pano, que se lhe applica. Alguns Soldados Italianos, que ainda hoje exercitaõ esta Arte, attribuem a invençaõ della a Santo Anselmo; mas (como advertio o Padre del Rio nas suas Disquisiçoens Magicas) he superstiçaõ inventada por Anselmo de Parma, celebre feiticeiro; e juntamente nota o dito Author, que os que usaõ deste remedio, cahem em outras enfermidades mayores, e acabaõ miseravelmente a vida. *Disquisit. Mag. lib.* 1.

Arte de Salamaõ, ou *Arte Notoria*. He

He outra superstição, que aos que fizerem certos jejuns, e devotos exercicios, lhes promette a noticia das Sciencias, por infusaõ, e sem trabalho. Os Professores desta Arte affirmaõ, que Salamaõ a inventou, e por meyo della adquirio em huma noite aquella grande sabedoria; que lhe deu taõ grande nome no mundo. A isto accrescentaõ, que elle mesmo deixa os preceitos, e regras desta Arte em hum livrinho, o qual (se me naõ engano) he o que chamaõ *Clavicula de Salamaõ*, ou outro semelhante. Aos seus discipulos mandaõ estes Mestres frequentar os Sacramentos; jejuar todas as sestas feiras a paõ, e agua, e fazer certas oraçoens pelo espaço de sete semanas. Depois disto, mandaõlhe fazer outra casta de oraçoens, e adorar certas imagens os primeiros sete dias da Lua nova, ao levantar do Sol, por tres mezes. Finalmente por ordem dos ditos Mestres, no dia em que se sentem com mayor fervor de espirito, e mais bem dispostos para receber as inspiraçoens Divinas, poemse de joelhos em Igreja, ou Oratorio, e dizem tres vezes o primeiro ramo do Hymno *Veni Creator Spiritus*, *&c.* com esperança de ficarem depois cheyos de sciencias como Salamaõ, os Profetas, e os Apostolos. Mostra Santo Thomàs a vaidade desta Arte; Santo Antonino, Arcebispo de Florença, Dyonisio Carthusiano; Gerson, e o Cardeal Caetano provaõ, que esta Arte he curiosidade criminosa, com a qual o homem tenta a Deos, e juntamente tem pacto com o demonio.

Arteiro. Manhoso. Vid. tom. 5. do Vocabulario. (Homens, que se prezaõ de *Arteiros* em contendas Juridicas. Sousa, Historia da Ordem de S. Domingos part. 3. fol. 227. col. 2.)

Pois a bicha que era Arteira,
Chama o lobo, e diz &c.

Obras Metr. de D Franc. Man. Çanfon. de Euterp. pag. 93 col. 2.

O Adagio Portuguez diz: Dos escarmentados se fazem os *Arteiros*.

Artéquim. He huma fruta comprida, do tamanho de huma grande ameixa saragoçana. Tem quatro quinas. Criase em certas arvores longe da India, e se traz a ella por negocio para fazer tinta amarella. Soubese casualmente, que o Artequim cura a lepra, porque vindo huma embarcaçaõ carregada delle, sobre huns sacos cheyos da dita fruta se deitou algumas noites hum leproso passageiro, e dentro de poucos dias se achou perfeitamente saõ. Tambem cura todas as comichoens desesperadas, sem ser necessario tomalla pela boca. *Curvo*, *Memorial de varios simplices*, *pag.* 20. 21.

Artificio. Vid tom. I. do Vocabul. *Fogo de Artificio.* Vid. Fogo, no tomo 4. do Vocabulario. (Houve hum fogo de *Artificio*. Gazeta de Lisboa 1720. 8. de Fevereiro, pag. 41.)

Artilheria. Querem alguns, que este nome se derive de seu Author Bertoldo Alemaõ, que (segundo elles) tambem se chamava *Artilhero*: *Eva*, *e Ave de Macedo*, *part.* 3. *cap.* 21. *pag.* 101. Vid. Artilheria, tom. I. do Vocabulario.

Artista. Artificioso. Vid. no seu lugar.

Contra o Turco combate o Persa Artista.
And. da Sylva Masc. Destruiçaõ de Hespanha, liv. 3. oit. 35.

ARV

Arvál. He palavra Latina de *Arvum*, campo que se lavra. *Os irmãos Arvaes* eraõ em Roma doze Cavalheiros de nascimento illustre, que em certos dias se ajuntavaõ, e faziaõ sacrificios para as novidades do campo. Teve esta ceremonia principio da ama de Romulo, chamada Acca Laurencia, que tinha por costume fazer todos os annos hum sacrificio, para pedir aos Deoses huma colheita abundante; e assistiaõ nella doze moços seus filhos. Morreo hum delles, e para favorecer a devoçaõ da sua ama, tomou Romulo o lugar do defunto, e assim se encheo o numero de doze, e foy esta sociedade chamada o *Collegio* *dos*

dos irmãos Arvaes. Elles ordinariamente se ajuntavaõ no Templo da Concordia, ou no bosque da Deosa *Dia*, cinco milhas de Roma, na estrada a que hoje chamaõ *Via Campana*. No tempo da sua fundaçaõ traziaõ para insignia da sua dignidade huma coroa de espigas, atadas com fitas brancas. Ha opiniaõ, que esta casta de coroa foy a primeira, de que usaraõ os Romanos *Fratres Arvales*.

Arvo. Rio de Saboya. Tem seu nascimento em hum monte muito alto, a que os da terra chamaõ *Maldito*, porque do meyo para cima he inaccessivel. Descobrese o dito monte de mais de trinta legoas; nelle se fórma o cristal de rocca. No rio se achaõ areas de ouro; mas taõ poucas, que a quem as escolher, o trabalho de hum dia lhe poderá produzir sò cinco tostoens de lucro.

Arvore. Os Deoses dos Gentios (diz Phedro) antigamente escolheraõ as arvores, que elles queriaõ tomar debaixo da sua protecçaõ. Escolheo Jupiter o carvalho, Venus a murta, Apollo o loureiro, Cybele o pinheiro, Hercules o alamo, Minerva a oliveira, e Baccho a Era. Naõ se póde assaz admirar a cegueira dos homens, na extravagante variedade das suas opinioens. Humas naçóes tem venerado as plantas, e hervas, como vegetantes Deidades, e estes mesmos comiaõ sem escrupulo a carne dos animaes; outras comem todo o genero de fruta, e hortaliça; e fazem escrupulo de matar huma mosca. Os primeiros saõ os Egypcios; que de cada alho faziaõ hum Deos, e huma Deosa de cada cebola. Delles dizia Juvenal

Porrum, & cæpe nefas violare, & frangere morsu
O sanctas gentes quibus hæc nascuntur in hortis
Numina!

Sat. 15. vers. 9. Os segundos saõ os Baneanes, professores da Metempsycase Pythagorica, no Reyno de Cambaya. Comeráõ restins de cebolas, e engoliráõ dentes de alhos a fartar, e se deixaráõ morrer de fome no meyo de banquetes de carne, porque teraõ medo de tragar a alma de seu pay em hum figado de gallinha. Tornando pois à veneraçaõ das arvores, diz Plinio, que a razaõ, que tiveraõ os Antigos para adorallas, foy porque as consideravaõ como Templos de alguma Divindade. Do dito Plinio se póde arguir, que se os Romanos adoravaõ os bosques, e o seu silencio, *Lucos, & in iis ipsa silentia adoramus*, esta adoraçaõ naõ era outra cousa, que hum respeito, que elles tinhaõ a alguma Deidade intelligente, ou a algum Genio, que na sua opiniaõ presidiaõ, ou tambem assistiaõ nas arvores. No lugar, em que faz mençaõ de hum violador dos sagrados bosques, e juntamente de hum grande carvalho, a cuja sombra tomavaõ as Dryadas seus innocentes passatempos, diz Ovidio, que este temerario dando nelle com hum machado, o carvalho aberto declarara, que dentro no seu tronco morava huma Nympha, mas que morrendo ella da ferida, naõ faltaria quem tomasse vingança da sua morte.

Arvore Bosque. Compete este titulo a huma casta de arvores, das quaes huma só propaga de maneira, que faz hum bosque. Esta singularidade tem a arvore, que na India Oriental se chama *Guaparaiva*, ou *Guaparumbo*, e os Portuguezes *Mangue verdadeiro*. Os ramos desta planta depois de crescidos se dobraõ, e chegados ao chaõ com fibras, ou filamentos, que se arreygaõ, botaõ com o tempo outros troncos, que successivamente encorporados, e ramificados cobrem às vezes hum quarto de legoa de terreno. Outra arvore semelhante a esta no dilatado da sua multiplicaçaõ se acha na Africa; os Portuguezes lhe chamaõ *Arvore de raiz*. Desta casta de arvores faz Quinto Curcio mençaõ no cap. 9. do livro 1. e segundo a relaçaõ de Fabricio Mordente Salerno, ha arvore destas, debaixo de cuja sombra podem estar atè tres mil pessoas. *Arbor Sylva*.

Arvore Metal. No Museo Kirckeriano se via no tempo de seu Author huma arvore de prata, nascida, e formada da

confusaõ, e fermentaçaõ de subtilissimas particulas do dito metal, encerradas em hum vaso de vidro, que se abriraõ em folhas, e se estenderaõ em ramos; que pareciaõ originados de huma natural vegetaçaõ, *Arbor metallum.*

Arvore Final, ou terminal. Antigamente em lugar de pedras, ou outros sinaes, que chamamos *Marcos*, se punhaõ em algumas terras humas arvores por demarcaçaõ. *Vid. Siculum Flaccum de condition. Agrorum. Arbor finalis*, ou *Arbor terminalis*; e como no tronco das ditas, em algumas partes se abriaõ na casca algumas letras, ou outros sinaes, ou caracteres, tambem foraõ chamadas *Arbores notatæ*, *&* *arbores incisæ.*

Arvore Triste. Chamada *Paroz* na lingoa Canarim. Cresce na altura de huma braça até duas; a aste he da grossura de huma palmeira das menos grossas, tem muitos nós, e sem nenhuma folha nos troncos, e só na ponta dos mais delgados tem huns pequenos raminhos, estes tem folhas do tamanho de lingua de vaca, ou Buglosa; entre estas poucas folhas brotaõ huns cravosinhos, cujos pés saõ de huma cor quasi vermelha, com humas folhinhas brancas muito odoriferas; de noite he que florecem, e na madrugada cahem todas; e daqui teve o nome de Arvore Triste: o seu cheiro he agradavel, e vivifica a respiraçaõ. Estas mesmas flores muito semelhantes aos cravos, servem em lugar de açafraõ, tem a virtude de purificar o sangue, e fortificaõ a vista postas exteriormente. A raiz desta arvore moida na quantidade de meya oitava, em tres onças de agoa de artemija, pelo espaço de muitos dias, limpa a madre, e facilita o conceber; tambem serve tomada na mesma fórma, para os accidentes uterinos, e em vinho branco para os flatos hipocondriacos. Vide Tavernier, Chardin, e outros, ainda que naõ conhececem bem esta arvore. Vid. Triste tom. 8. do Vocabul.

ASC

Asca. Aversaõ. Tedio. Vid. Asco tom. 1. do Vocabulario.

Ascendente. (Ninguem ha, que naõ tenha hum bom *Ascendente*, posto que remoto. Macedo. Dominio sobre a fortuna, 116.) Na sua obra intitulada *Eva*, e *Ave*, diz o mesmo Author, pag. 170. Os de qualidade mediocre, lá tem hum *Ascendente* mayor, &c. Vid. Ascendente, tomo 1. do Vocabulario.

Ascios. Derivase do *A* privativo, e de *Scios*, que no idioma Grego val o mesmo que *Sombra*. Deuse este nome aos que vivem na Zona Torrida, quando anda o Sol pelo Zenith delles, o que lhes acontece successivamente duas vezes no anno. Estes mesmos em qualquer outro tempo do anno saõ chamados *Amphiscios*, porque pelo meyo dia tem as sombras para o Norte, e algumas vezes para o Sul. *Asci*, *orum*, *Masc. Plur.*

Ascites. Derivase do Grego *Ascon*, que quer dizer *Odre*, ou *Pelle de bode*. Deuse este nome a huns Arabes, que andaõ pelos rios entre dous odres, e sem outro vehiculo, vaõ pyrateando pelas ribeiras. *Ascitæ*, *arum*, *Masc. Plin. lib.* 6. *cap.* 29.

Asclepias. Herva, assim chamada de seu inventor *Esculepio*, no idioma Grego *Asclepio*. Tambem lhe chamaõ *Hirundinaria*, e *Vincetoxicum*. Vide no tom. 8. do Vocabulario *Vincetoxicum*, e aqui no Supplemento *Hirundinaria* no seu lugar alphabetico. Tem admiravel virtude de provocar a circulaçaõ parada. (Huma onça de *Asclepias*. Polyanth. Medicin. de Curvo, a fol. 831.) *Asclepias*, *adis. Fem.*

Ascolias. Derivase do Grego *Ascos*, que quer dizer *Odre*. Eraõ pois *Ascolias* humas festas, que os camponezes de Athenas celebravaõ em honra de Baco; sacrificavaõlhe hum bode, por ser animal muito daninho nas vinhas; tiravaõlhe a pelle, e della faziaõ humas pélas de vento, nas quaes saltavaõ com hum

hum pé no ar; e para mais facilmente lhe escorregar o pé, untaraõ as ditas pélas com graxa, ou outra gordura. *Ascolia, orum, Neut. Plur.* No livro 2. das Georgicas, vers. 380. descreve Virgilio a causa, e ritos desta festa.

Non aliam ob culpam Baccho caper omnibus aris
Cæditur, & veteres ineunt proscænia ludi,
Præmiaque ingentes pagos, & compita circum
Thesidæ posuerê atque inter pocula læti
Mollibus in pratis unctos saliere per utres.

Ascua. He palavra Castelhana, que (segundo Cobarruvias no seu Thesouro) he carvaõ, lenha, ou qualquer outra materia encendida, e trespassada do fogo. Parece trazer sua origem do Caldeo *As*, que val *Fogo*; ou (como diz o Padre Guadix) he o nome Arabico de *Ayxqua*, que val o mesmo que *Mao amor, e má amizade*, porque nenhuma se póde conservar com o fogo, que tudo consome. Mais propriamente querem outros, que *Ascua* seja a lingua de fogo, como lavareda pequena, propria da tocha accesa. *Bernard. Armas da Castidade, pag.*

Salamandra do Amor na Ascua *respira.* Franc. de Sousa e Almada nos Enneaticos Applausos 4. Assumpto.

ASI

Asinha. Fruto da asinheira, ou enzinheira, como bolota compridinha, lisa, e cuberta com huma carapucinha crespa. *Ilicea glans, dis.*

ASM

Asmento. Vid. Asmatico, tom. 1. do Vocabulario.

ASN

Asna. Antiga Cidade da Thebaida, ou Egypto Alto. Hoje lhe chamaõ Syena. Vid. no seu lugar.

Asno montez. Vid. Onagro.

Asnôga. Synagoga. Vid. no seu lugar. (Tem a Cidade duas Mesquitas de Mouros, e huma *Asnoga* de Judeos. Fr. Gaspar de S. Bernardino no seu Itinerario da India por terra, pag. 59.)

ASP

Aspirar. Vid. tom. 1. do Vocabular.

Aspirar. Termo Grammatical. Dizse das palavras escritas com a aspiraçaõ *H*. Duarte Nunes do Leaõ na sua Orthographia, pag. 48. vers. traz o Catalogo das palavras, que no idioma Portuguez aspiraõ, como v. g. Rhetorica, Theologia, &c.

ASS

Assario. Uva assaria. Dá grandes cachos, e bagos grossos. He boa para comer; faz bom vinho; quer terra baixa, e humida, porque nas altas se seca de sorte, que naõ chega à vindima. *Alarte, Agricultura das vinhas, pag. 26.*

Assaz. Vid. tom. 1. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Assaz.

Assaz pede, quem bem serve. Assaz he de pouco saber, quem se mata pelo que naõ póde haver. Assaz he pobre, e delgado, quem conta seu gado. Assaz caro compra, quem roga. Assaz tem, quem se contenta com o que tem. Assaz escaço he, quem das palavras tem dô.

Assem, ou Acem. Vid. Assem, tom. 1. do Vocabulario. O Adagio Portuguez diz: da carne de Assem, he pouca, e sabe bem, mas naõ he para quem filhos tem.

Assemblêa. Junta de muitas pessoas no mesmo lugar, e para o mesmo intento. He tomado do Francez *Assembleé*, que significa o mesmo, e segundo Menage, se deriva do Latin *Ad*, e *simulare*, como quem dissera *Simul ponere* (Podiaõ convocar huma *Assemblea* dos Estados. Gazeta de Lisboa de 1720. 8. de Fevereir. pag. 41.)

Assento. Que cousa mais branda, que o homem, quando está no seu assento

ſento natural? *Quid eſt mitius homine, dum in recto animi habitu eſt?*

Asseveraçaõ. He tomado do Latim *Aſſeveratio*, que val o meſmo que Affirmaçaõ, firme, grave, e conſtante. (*Aſſeveraçoens* de alta eſtima, e veneraçaõ. Gazeta de Lisboa de 1710. 8. de Fevereiro, pag. 41.)

Assi, ou Aſſim. Vid. tomo 1. do Vocabulario. Aſſi Deos me ajude, Aſſi Deos me ſalve, Aſſi Deos ſeja comigo, Aſſi eu viva, Aſſi eu tenha vida, Aſſi eu acabe em bem, Aſſi eu alcance o que deſejo. Tudo iſto, pouco mais ou menos, he hum couſa. Diremos em Latim. *Ita me Deus amet. Terent. Ita vivam. Cic. Ita me Deus ſervat. Plaut.*

Adagios Portuguezes do Aſſi.

Aſſi ſe faz do Eſcudeiro rapaz. Aſſi anda o demo às aveſſas, e o carro com os boys. Aſſim como fay, fay. Aſſim como virmos, faremos. Aſſim como vive o Rey, vivem os vaſſallos. Aſſim ſe cria o horto, como o porco. Aſſi medre meu ſogro, como caõ de traz do fogo. Aſſi he o marido amarellado, como caſa ſem telhado. Segundo o natural de teu filho, Aſſi lhe dá o conſelho. Aſſi fedemos, que ſerá, ſe peixe vendermos. Como vires a Primavera, Aſſim pelo al eſpera. Como vires o faval, Aſſim eſpera o al. Como canta o Abbade, Aſſim reſponde o Sacriſtaõ. Como me tangerem, Aſſi bailarey.

Assim. Adverbio de quem ſe enfada, de quem concede alguma couſa com ironia, v. g. Acolá ſe dá muita pancada. Aſſim! Aſſim o levem as vinhas, diſſe hum Senhor a certo Cavalheiro, que bebia largamente; reſpondeolhe, naõ lhes deſeje Voſſa Senhoria tanto mal, porque levariaõ vinagre. Deviaõ de ſervir os criados duas caſtas de vinhos, e a ſeu amo ſempre do bom.

Assinaçaõ. Vid. Aſſinado, tom. 1. do Vocabulario.

Aſſinaçaõ de dez dias. Termo Forenſe, para pagar dentro nelles, ou allegar a duvida, que tem. Deſtas me parece fallar Hadriano Jun. Nomencl. num. 260. pag. 317. *Dies juſti Apelio, qui in confeſſo æris alieni conceduntur conquirendæ pecuniæ cauſa, quibus nihil cum eo agi licebat.* Diſto *latè Peg. Forenſ.* 1. *p. Vanguene*, *p.* 1. *cap.* 6. *num.* 9. (Se a citaçaõ for para Aſſinaçaõ de dez dias, ſe faz a petiçaõ na fórma ſeguinte. Vid. Citaçaõ, mais abaixo.

Aſſinaçaõ. Na Religiaõ de S. Domingos, ſe chama *Aſſinaçaõ*, o que em outras ſe chama *Obediencia*, para mudança de Convento.

Assinceira. Villa de Portugal na Comarca de Thomar. Foy fundada por ElRey D. Diniz, anno de 1315.

Assiria. Vid tomo 1. do Vocabulario. Morto Nembrod, ſuccedeo ſeu filho Nino, marido da celebrada Semiramis, e primeiro conquiſtador por armas. Em dezaſete annos ſogeitou quaſi toda a Aſia, e fundou a grande Monarquia, que por chamarſe tambem *Aſſur*, foy chamada *Aſſiria*.

Assoalhado da caſa. Vid. Soalho.

Assombrado. Vid. tom. 1. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Aſſombrado.

A mais obriga hum roſto bem Aſſombrado, que hum homem armado. Alma namorada, de pouco he Aſſombrada.

Assoprar. Vid. tom. 1. do Vocabulario.

Outros Adagios do Aſſoprar.

Quem tem boca, naõ diga ao outro Aſſopra. Naõ poſſo ter a boca chea de agoa, e Aſſoprar ao fogo.

Assoviadeira, ou Aſſobiadeira. Ave aquatica, de arribaçaõ, menor que adem, que grita muito.

Assovinhar. Termo do vulgo, tomado dos carreiros, ou paſtores, quando picaõ, e tornaõ a picar as beſtas, ou o gado.

Assumpçaõ. Vid. tom. 1. do Vocabulario. Subio Jeſu Chriſto ao Ceo por virtude propria, por iſſo a ſua ſubida ſe chama *Aſcenſaõ*; a Virgem Mãy de Deos foy levada pela Graça, (que ella, e naõ a natureza lhe deu a agilidade) por iſſo a ſua ſubida ſe chama *Aſſumpçaõ*.

Aste-

AST

Asterite. Vid. mais abaixo Astroite.

Astilha. Parece diminutivo de Astea. Fragmento compridinho de pao. *Diffracti ligni assula, æ; Fem. Plin. Schidium ii; Neut. Vitruv.*

Em astilhas. *Assulosè. Plin. Assulatim. Plaut.* Fazer a porta em astilhas. *Assulas facere foribus. Plaut.* Fazerse huma cousa em astilhas. *Dissilire assulatim. Diffringi in assulas*, ou *in schidia.*

Astinges. Povos não conhecidos. Das terras da Dacia, ou Dinamarca; vieraõ offerecer soccorro aos Romanos; com condiçaõ, que lhe dessem o Senhorio de algumas terras para viver nellas, e cultivallas. Naõ se lhe deferio logo; mas no anno de 170. da Redempçaõ do mundo, Marco Aurelio lhes concedeo o que pediaõ, com condiçaõ, que fariaõ guerra aos inimigos do Imperio, e elles compriraõ com a sua obrigaçaõ. *Dion. liv. 71.*

Astomos. Povos Fabulosos, dos quaes se diz, que naõ tinhaõ boca. Plinio os colloca na India; outros os metem muito dentro da Africa. O nome he Grego, e se deriva do *A* privativo, e de *Stoma*, Boca. A esta Fabula deu motivo o costume de huns Africanos, que vivem áquem do rio Senega, dos quaes por terem vergonha de mostrar a cara, se tem dito, que naõ tem boca *Vicente Le Blanc, part. 2. Vossio sobre Pomponio Mela, liv. 3. cap. 9.*

Astrea. Tomase pela Justiça.

Naõ eras o mais galante,
Mas assim homem de Astrea. A Obras Metricas de D. Francisco Manoel.

Astro. Vid. tom. 1. do Vocabulario. Tambem he usado neste modo de fallar,

Pois que nascestes em Astro
De ninguem vos negar nada.

D. Franc. Man. Viola de Talia, 225.

Astroite, ou Asterite, ou Asteria. He huma quarta especie da pedra Opala. Por isso os Lapidarios Grego-Latinos lhe chamaõ *Pseudopalus*. He diaphana, e se parece com olhos de peixe. No livro intitulado *Gemmarum, & Lapidum Historia*, composto por Anselmo Boecio de Boot, e accrescentado por Adriano Tollio, pag. 192. achó, que se chama *Astroites*, como quem dissera *Astrum it intus*, porque encerra em si huma luz, que a modo de estrella anda de hũa parte para outra. *Intus includit lucem, stellæ instar deambulantem.* De Santa Joanna, Princeza Portugueza, quando sahió de Odivellas para se recolher em Jesu de Aveiro, diz o Padre Fr. Lucas de Santa Catharina, tom. 1. pag. 306. da Estrella Dominica: (Candida pedra da pureza, *Asterite* preciosa, queria Joanna augmentar o edificio daquella Clausura sagrada; este desejo a desassocegava estrella; naõ cabia na Clausura de Odivellas; já com os affectos caminhava para a esphera Dominicana; aqui a detinhaõ os embaraços da regalia, para acolá a levavaõ os impulsos de estrella.) *Asterite*, e naõ *Astroite*, diz este Author, à imitaçaõ de alguns; que assim lhe chamaõ.

ASY

Asymptoto. Termo Geometrico. Derivase do *A* privativo, e de *Syn*, com e *piptein* cahir; e vem a significar o mesmo, que *Cousa, que naõ cabe com.* E assim *Linhas Asymptotas*, saõ duas linhas, quer rectas, quer curvas, as quaes prolongadas, sempre se vem chegando mais, mas ainda que se prolongassem infinitamente, nunca chegariaõ a tocarse, naõ podendo fazer angulo, nem concorrer ao mesmo ponto, como se póde ver na famosa Conchoida de Nicomedes. Diz Comiers, que ha quatorze castas de linhas Asymptotas. He este o paradoxo mais admiravel, e juntamente mais evidente, que ha na Geometria. Temos a demonstraçaõ na pag. 85. do *Lexicon Mathematico* do Padre Dom Jeronymo Vital, Clerigo Regular Theatino, impresso em Roma, anno M.DC.XC.

ATA

Atabefe. Vid. Tabefe, tomo 8. do Vocabulario.

Tu es valente
Se te colhes com paõ quente,
E tigela de Atabefe.

Pratica de tres Pastores noite de Natal.

Atacar. Vid. tom. 1. do Vocabulario.

Atacar, termo de Carpinteiro. He naõ prégar de todo. *Aliquid clavo leviter figere*, (*go, xi, ctum.*) ou *levi brachi affigere*, he imitaçaõ de Cicero, que diz, *Levi brachio aliquid agere.*

Atalanta. Filha de Schenec. Foy requestada de muitos mancebos, que queriaõ casar com ella; mas o pay naõ a quiz entregar senaõ a quem a venceria em correr. Foy Hippomene o unico, que logrou esta fortuna, lançando, pelo conselho de Venus, humas maçãas de ouro na carreira, porque Atalanta se deteve em as colher. Conseguido o intento, e querendo Hippomene lograr no Templo de Cybele o fruto do seu estratagema, e da sua vitoria, a Deosa indignada os transformou, ao marido em Leaõ, e à mulher em Leoa. *Ovid. liv.* 10. *Metamorph. fab.* 11. Houve outra Atalanta, filha de Jasio, Rey de Arcadia, grande caçadora. *Ovid. ibid. fab.* 4.

Atarracar. Vid. tom. 1. do Vocabular. He termo de Ferreiro, que outros explicaõ assim. Dizem, que he aguçar mais com hum leve concerto, qualquer genero de ferramenta v.g. huma picadeira, hum picaõ, hum machado, &c.

ATE

Atençaõ, e Atenças. Estar às atenças de alguem. He o mesmo, que estar atido a elle. Pôr, e ter em alguma sua confiança, e fé. *Ab aliquo*, ou *ex alicujus arbitrio pendere. Cic.*

Atermar. Affinar termo. Na Origem da lingua Portugueza, pag. 115. Duarte Nunes do Leaõ poem esta palavra no numero daquellas, que os homens polidos devem escusar.

Atesar hum arco. Apertar a corda, e fazella de bamba, tesa. *Arcum tendere, intendere, adducere.*

Hia o odio o arco Atesado
Sempre envolto em furia brava.

Obras Metricas de D. Franc. Man. part. 2. pag. 77. col. 1.

Atestaçaõ, ou Attestaçaõ. Vid. Attestaçaõ.

ATH

Athamas. Rio da Etolia, antiga Provincia da Grecia, celebre pela virtude das suas agoas, que accendiaõ huma tocha, quando a metiaõ nellas no ultimo quarto da Lua. *Ovid. Metamorph. liv.* 15. *fab.* 2. Tambem o monte, onde tinha este rio o seu nascimento, se chamava *Athamas.*

Athânatos. He nome Grego, que val o mesmo que *Immortaes.* He composto do *A* privativo, e de *Thanatos*, morte; deraõ os Persas este nome a hum corpo de dez mil Soldados escolhidos, dos quaes se tinha grande cuidado, e cujo numero sempre ficava completo, porque ao mesmo passo, que morriaõ hũs na guerra, ou de doença natural, com outros novos se tornava a encher o numero dos que faltavaõ. *Herodot. liv* 7. *Quint. Curt. liv.* 3. Eis-aqui as suas palavras: *Proximi ibant quos Persæ immortales vocabant ad decem millia.* Vid. Procopio na guerra dos Persas.

ATI

Atino. Acerto. O acto de Atinar. (Logro as vaidades de bem quisto, os *Atinos* de cortezaõ. Chagas em huma Carta a Dona Francisca de Sousa Calhariz.)

Atirar. Vid. tom. 1. do Vocabular.

Adagios Portuguezes do Atirar.

Besteiro torto, Atira aos pés, e dá no rosto. Besteiro máo, aos seus atira. Fallar sem cuidar, he Atirar sem apontar.

ATO

Atoarda. Vid. Toarda, na letra T. (Destas cousas teve o Principe *Atoardas*, ou aviso. Diogo do Couto, Dec. 6. fol. 141. col. 2.)

Atossigar. Derivase do Grego *Toxicon*, q̃ he *Veneno*. Vid. Avenenar, tom. 1. (Os forão *Atossigando* pelo caminho. Couto, Dec. 7. liv. 8. fol. 175. col. 2.)

ATR

Atra. Cidade da Mesopotamia, celebre pelo valor, com que em varias occasioens obrigou ao inimigo a levantar o sitio. Era muito povoada, e muito rica, pelas muitas offertas, que se faziaõ ao Sol, que nella era adorado. Resistio aos Exercitos de dous Emperadores, que em diversos tempos a cercaraõ, Trajano, no anno do Nascimento do Senhor 117. e Severo no de 199. parece, que esta Cidade, quasi desconhecida, foy destinada para obstaculo invencivel ao valor Romano. Tambem Artaxerxes, Rey da Persia, no anno de 228. cercou inutilmente esta inexpugnavel Cidade. *Ammian. Marcellin. liv. 25. Herodot. liv. 3. e 6.*

Atrapalhado. Palavra do vulgo. Mal concertado. Parece derivado de Trapo. Ou o que faz as cousas à pressa, e mal feitas. Vid. Trapo, mais abaixo no seu lugar Alfabetico.

Atributar. Fazer tributario. Avassallar. Vid. nos seus lugares.

Atributar. Avexar.

Esta que dos Antigos foy adorada
Por Deosa, &c.
Que Atributa, *ou prospêra as nossas vidas.*
Porque se cança a huns, outros descança.

And. da Syiva, Destruição de Hespanha, livro 4. oit. 62. 63. Falla na Fortuna.

Atrigado. Palavra, que na Beira metaphoricamente se diz de quem os achaques, ou os cuidados tem feito pallido, amarello, e como da cor do trigo.

ATT

Attestaçaõ. Termo Forense. Segundo Simaõ Schardio, no seu Lexicon Juridico, *Attestationes* saõ os ditos das testemunhas escritos por ordem, conforme a Direito. Segundo o Padre Bento Pereira, no seu Elucidario, num. 1368. *Attestatio, est invocatio, quâ Deus adducitur in testem.* (Authorizar com sua Attestaçaõ. Crisol Purificat. fol. 343. col. 2.

Attestar, ou Atestar. Testemunhar, Testificar, Affirmar, que he assim. *Attestari, (or, atus sum.) Plin.* (Manifestamente attestaõ terem mais &c. Crisol purificativo, fol. 337. col. 2.

Attica. Provincia da Achaya, na Grecia, entre o mar Egeo, a Beocia, e a terra Megatense. Chamaõlhe hoje o Ducado de Athenas. Antigamente o povo de Athenas era dividido em dez Tribus, que tomavaõ o nome de outros tantos Heroes da terra; e cada Tribu destes occupava huma parte da Cidade de Athenas, com outras Cidades, Villas, e Aldeas. De cada Tribu se escolhiaõ cincoenta sogeitos, para fazer o numero dos Prytanes, que eraõ os Juizes da Policia da Cidade de Athenas, e tinhaõ seu Tribunal no Prytaneo. *Attica, æ, Fem.*

Attuso. Serpente da India, muito venenosa, a qual aborrece muito qualquer arvore de suave, e doce fruto; e por isso inficiona a sua raiz com o bafo; e assim damnifica as flores, e frutos della. Porém os lavradores para evitar este damno, untaõ a raiz da tal arvore com certa droga, ou confeiçaõ, e a livraõ assim do pestifero halito da di a Serpente. *Joaõ Raulino, Serm. de Concept. Auctor Gazaphibacii locupletissimi Serm. de Concept. fol. 17.*

ATV

Atum. O Atum naõ tem escama; he a maneira de Golfinho; alguns delles saõ taõ grandes, que pesaõ dezoito arrobas, e deitaõ de si tanta carne, como hum grande porco. Este peixe he dos mais proveitosos, que no mar se pescaõ, porque tudo delle se aproveita. Dos olhos fazem azeite; das ovas fazem maçamas, que muitos estimaõ muito, porque saõ boas para o estomago; da carne fazem conserva, e de huma só espinha, que tem, fazem lenha. Assado em fresco, he singular; tambem o salgado, guisado como coelho, feito em conserva, dura muito tempo, e se leva embarrillado a muitas partes. Dizem homens de credito, e de experiencia na pesca do Atum, que depois de correrem toda a costa do Algarve, chegados os Atuns ao Estreito de Gibraltar ao tempo de desovar, e despedir de si a semente, se poem com os rabos para a força da agua, e a recebem nas gueiras, ou parpatanas (como lá lhe chamaõ) que para este effeito abrem, e a tornaõ a levar comsigo para onde vieraõ, e lá se criaõ, e naõ tornaõ cá se naõ depois de grandes, que tem necessidade de desovar, como os pays. He isto muito provavel; porque se nestes mares ficasse esta semente, cá se criariaõ, e achariaõ Atunzinhos; mas naõ he assim, e os pescadores tem isto muito certo. A razaõ pois, porque taõ facilmente se tomaõ Atuns com redes delgadas, de cordinhas de esparto, e com malhas taõ largas, que por cada huma dellas caberá bem hum porco, he que com ellas cercaõ os pescadores quasi huma legoa de mar em torno, e os tomaõ em meyo, e elles em tocando com o focinho em alguma baracinha da rede, tornaõ para traz com tanto medo, que se deixaõ tomar, e matar, antes que passar adiante.

ATY

Atys. Mancebo, oriundo da Phrygia, na Asia, summamente fermoso, e como tal, muito querido da mãy dos Deoses, Cybele. Os Poetas a representaõ como douda de amor; correndo pelo monte Ida, em hum carro, tirado por leoens, e seguido dos seus Corybantes, ou Sacerdotes, com clamores de que retumbava todo o monte, e ella com perguntas às arvores, e aos penhascos, para saber delle. A este mancebo tinha Cybele dado a superintendencia dos Sacrificios, com condiçaõ que se conservasse virgem, mas faltando a esta condiçaõ, lhe inspirou a Deosa taõ extraordinario furor, em castigo da infracçaõ da promessa, que elle mesmo se fez Eunuco, e com a mesma furia se tivera tirado a vida, se o naõ convertera Cybele em Pinheiro, arvore dedicada a este Nume. Dizem, que depois deste caso, os Sacerdotes de Cybele foraõ obrigados a fazerse Eunucos. Neste estado viveo Atys com traje de mulher, e foy peregrinando pelo mundo, e segundo escreve Luciano, na Syria edificou a Cybele hum Templo, no qual ensinou aos homens as ceremonias, e mysterios desta Deosa, cuja estatua se via representada em hum carro, tirado por leoens, com hum tambor na maõ, e toucada de torres, na fórma em que os Lydios a pintaõ. Por esta fabula de Atys, mimoso de Cybele, mutilado depois, morto, e resuscitado, entende Julio Firmico os trigos, e outros paens, e frutos da terra, que com fouce se cortaõ, morrem nos celeiros, e semeados no campo resuscitaõ. Faz a Historia mençaõ de outro Atys, filho de Creso, Rey da Lydia, que na montaria do Javali, o qual assolava as terras dos Mysios na visinhança do monte Olympo, foy por desgraça morto por Adraste, (a quem o Rey o havia encommendado) espavorido de hum sonho, que fizera. Herodor. e Strabo fallaõ em outros, que tiveraõ o mesmo nome.

AVA

Ava. Reyno, Cidade, e rio do mesmo nome, na India, além do Ganges, entre a China, o Tunquin, o Pegû, e o Imperio do Mogor.

Avaros. Povos, que antigamente eraõ parte dos Hunos. Depois de varias correrias, e estragos nas terras do Imperio, além do Danubio, se deixaraõ ficar àquem do dito rio, na parte Oriental da Dacia, ou Dinamarca, hoje habitada dos Valacos, Moldavos, Russos, Cosacos, e outras Naçoens, que vivem na costa Septentrional do mar Negro. Na dita parte fundaraõ seu novo Reyno, no mesmo tempo, que os Hunos, seus compatriotas, que se haviaõ apoderado da mayor parte da Pannonia, lançaraõ os alicerses do Reyno de Hungria.

AUC

Aucupio. Em livros de Authores Portuguezes ainda naõ achey esta palavra, mas só em alguns manuscritos de sogeitos doutos, e amigos de aportuguezar palavras Latinas, para evitar impertinentes circunloquios. He caça divertida, e que por muitos modos se exercita, porque com varas de visco, com redes, com armadilha aranhol, e armadilha do brete, com ichôs, e com boizes, até com humas aves se tomaõ outras, porque com o bufo se tomaõ falcoens, e com falcoens, e açores se toma toda a casta de mediana volateria, com sua differente inclinaçaõ, o gaviaõ às pombas, o açor à perdiz; huns saõ roleiros, outros grueiros, outros milhaneiros, &c. com traça, e diversidade, digna da curiosidade, e attençaõ dos mayores Principes do mundo. Com muita elegancia celebraraõ os Poetas Latinos o nobilissimo entretenimento do *Aucupio*, ou *caça* de aves, porque chamaõ a este genero de caça *insequi*, *sectari*, *venari aves*. *Avibus instare*, *insidias moliri*, *tendere*, *parare*, *ponere*, *instruere*; *retia laqueos*, *plagas*, *lina*, *casses*, *pedicas tendere*. *Silvas*, *agros*, *retibus*, *insidiis claudere*, *cingere*, *tegere*. *Aves retibus*, *laqueis*, *plagis*, *linis*, *cassibus*, *pedicis*, *amite*, *calamo*, *visco*, *captare*, *fallere*, *decipere*, *retinere*, *tenere*, *capere*. Desta caça diz Virgilio, Georgic. 1.

Tum gruibus pedicas, & retia ponere cervis,
Tum laqueis captare feras, & fallere visco.

Ovidio diz.

Retia cum pedicis, laqueosque, artesque dolosas,
Tollite, nec volucres medicata fallite virgâ.

O caçador desta caça. *Auceps*, *aucupis*, *Masc.* *Columel.*

Esta propria caça. *Aucupium*, *ii*, *Neut.* *Cic.* *Aucupatio*, *onis*, *Fem.* *Quintil.*

Exercitarse, occuparse, recrearse nesta caça. *Aucupari*, *or*, *atus sum.*

Cousa concernente a esta caça. *Aucupatorius*, *a*, *um*, *Plin.*

AVE

Avecas. Saõ dous paos, que se encaixaõ entre o ferro, e a rabiça do arado, e fazem hum encaixo no mexilho; servem para desviar a terra, que naõ caya no rego. Vid. Aivacas, tom. 1. do Vocabulario.

Aveiras de cima, e Aveiras de baixo, saõ duas Villas de Portugal, na Comarca de Santarem. A primeira he muito antiga; deulhe foral ElRey Dom Sancho I. da segunda he hoje Senhor, e terceiro Conde Joaõ da Sylva Tello, que foy Regedor das Justiças, e Presidente do Senado da Camera.

Avela. Na India he arroz torrado. *Lucena*, *Vida de S. Francisco Xavier.*

Avelar. Villa de Portugal na Comarca de Ourem, ao pé de huma serra.

Ave marias, saõ as que se tangem duas vezes no dia, a saber, pela manhãa, e à boca da noite; ou tres, porque em algumas partes se tangem tambem pelo meyo dia. Segundo Ciaconio, nas Vi-

das dos Pontifices, e Arnoldo de Vion, *In Ligno vitæ*, foy esta devoçaõ instituida pelo Papa Urbano II. para impetrar de Deos a recuperaçaõ da Terra Santa, pela qual pelejavaõ naquelle tempo os Christãos com os Infieis. Durou esta pia commemoraçaõ cento e trinta e quatro annos; e pouco a pouco se foy resfriando, até que o Papa Gregorio IX. a renovou, e lhe accrescentou as Ave Marias do meyo dia, se bem he opiniaõ de alguns, que Luis XI. Rey de França, fora o instituidor dellas; o que porém mais commummente se attribue ao Papa Calixto III. em acçaõ de graças pela victoria, que os Fieis alcançaraõ em Hungria. Mas he verdade, que o dito Luis XI. lhe deu mayor extensaõ no seu Reyno, que depois se communicou a outros Estados da Christandade. Ave Marias. *Angelica salutatio, onis, Fem.* Tanger às Ave Marias. *Ad recitandam salutationem Angelicam, triplici æris campani signo, populos invitare.*

Avenenado. O a que se tem dado veneno. Segundo Santo Isidoro, derivase veneno do Latim *Vena*, vea, porque chegando a penetrar nas veas, mata. Raro he o veneno, que dentro de si, ou perto de si, naõ tenha o contraveneno. Por isso ensina Ulysses Aldovrando, que nas mordeduras de qualquer animal venenoso, se appliquem as entranhas, ou o figado do animal, que mordeo, porque pela sympathia, que tem entre si, attrahem para si toda a calidade venenosa. No Oriente ha huma planta, cuja raiz pela parte, que olha para o Poente, he venenosa, e a parte que olha para o Levante, he remedio do veneno da outra. Dizem alguns, que em Malta naõ ha animaes venenosos; porém affirmaõ outros, que ha muitos, mas que com a propria terra, ou barro da dita Ilha se cura qualquer veneno. Até hum veneno póde ser remedio do outro, porque dous venenos juntos se mataõ a si proprios, ou naõ saõ nocivos, como se lè em Antonio Gallo daquella mulher, que para mais certamente a venenar o marido, misturou azougue com certo veneno, e o marido, dobradamente envenenado, naõ recebeo damno. Naõ só se avenenaõ as pessoas immediatamente, envenenase qualquer materia, para com ella avenenar a gente. Avenenaõse vestidos luvas, e outras cousas, que se tocaõ, ou se cheiraõ. Na Historia de Camdeno se acha, que o Parlamento de Inglaterra mandára executar ao miseravel Squiero, que procurara matar a Rainha Isabel, untando com veneno o cepilho do arçaõ da sella do cavallo, que ella costumava montar. A Rainha de Navarra, mãy de Henrique IV. Rey de França, morreo avenenada com humas luvas, que Renato Minalz havia preparado, e perfumado com pestiferos cheiros. *Thuan, liv.* 59. Na vida de Luis XI. Rey de França, escreve Matheus Parisiense, que certo Principe procurara avenenar este Monarca, mandando untar os cantos do Altar, e o chaõ no lugar onde ajoelhado costumava beijar a terra no Santo Sacrificio da Missa. Até no Santuario do Vaticano chegou a fazer estragos o veneno. Em huma carta do Embaixador *Du Fresne Canay* se acha, que o Papa Clemente VIII. dera a absolviçaõ a hum sacrilego parricida, que se accusara de haver tirado a dous Papas a vida com veneno. O melhor preservativo de venenos he a pobreza, e a miseria. Desgraças ninguem as inveja; naõ se armaõ ciladas a infortunios. Ainda assim tem os venenos huma excellencia. Diz Plinio que fica incombustivel o coraçaõ do avenenado. Germanico, pay de Caligula, morreo de peçonha; mas o seu coraçaõ, que foy lançado no fogo, eludio a violencia do elemento.

Aventurar. Vid. tom. I. do Vocab.

Outros Adagios do Aventurar.

Quem senaõ quer Aventurar, naõ passe o mar. Quem murmura, a muito se aventura. Quem se naõ aventurou, nem perdeo, nem ganhou.

Averbar de sospeito. He dar suspeição contra alguem. Dar alguem por suspeito na causa, como v.g. o Ministro, ou o Escrivaõ. Vid. Sospeito, e Sospeição.

Averno. Adjectivo. Vid. Infernal.
Lhe causou da Regiaõ Averna
A eterna confusaõ, inveja eterna.
Manoel de Far. e Sousa, Fabula de Narciso, e Ecco, fol. 83.

AVG

Augea. Filha de Alêo, Rey de Arcadia, teve de Hercules, que a namorou, hum filho chamado Telepho. Descuberta esta communicaçaõ, até entaõ occulta, foy tal a raiva de Alêo, que mandou pôr a mãy, e o filho em hum barco, e assim os entregou ao mar. Mas dizem, que Minerva tomara por sua conta o governo desta embarcaçaõ, que foy dar na boca do rio *Cayco*, hoje *Castro*, *e Chiai.* Vio Theutras, ou Theutrantes a nova hospeda desembarcada, e ficou taõ elevado na sua fermosura, que naõ só a quiz por esposa, mas tambem entregou a seu filho Telepho a Coroa. *Euripides, allegado por Strabaõ, livro* 13.

Augio, ou Augeo, a que os Poetas fazem filho do Sol. Prometteo a Hercules hum grande premio, se quizesse alimpar a sua estrebaria, chea de esterco, supondo que o naõ poderia fazer. Daqui veyo o Adagio Latino, *Augiæ stabulum repurgare*, quando se quer dizer, que huma cousa parece impossivel. Porém conseguio Hercules o intento, porque metteo pela dita estrebaria hum braço do rio Alpheo, que levou toda a immundicia, e Augio se vio obrigado, por sentença de seu proprio filho, a pagar a Hercules o que lhe promettera. *Erasm. Proverb.*

Augusta, Cidade. Vid. Agusta.

Augustal. Os Augustaes eraõ huma sociedade de Sacerdotes, instituidos em honra de Augusto, depois que a adulaçaõ Romana o pôz no numero dos Deoses immortaes. O inventor desta sociedade, ou (como dizem outros) deste Collegio, foy Tiberio, o qual para as funçoens do dito Sacerdocio, tambem mandou edificar hum Templo, em que outros Emperadores, depois de endeosados, foraõ successivamente venerados com sacrificios, e superstiticiosas ceremonias de Gentilico rito. Os ditos Sacerdotes naõ só foraõ chamados com o nome geral de Augustaes, mas tambem se lhes dava o nome do Emperador, a cuja adoraçaõ eraõ consagrados, e assim huns se chamavaõ *Flaviani*, outros, *Adrianales*, *Æliani*, *e Antonini.* Lograraõ em Roma o titulo de Augustal festas, jogos, e outras solemnidades. *Festas Augustaes*, eraõ as que se celebravaõ pela restituiçaõ de Augusto a Roma, depois de compostas as turbulencias da Grecia, e Syria; de Sicilia, e dos Parthos. Nestas festas recusou varias honras, que lhe haviaõ preparado; só permittio, que se levantasse hum altar, com este letreiro, *Fortunæ reduci. Dio, lib.* 54. *Jogos Augustaes*, foraõ consagrados à memoria de Augusto; a primeira representaçaõ foy perturbada pela emulaçaõ dos representantes; e particularmente pela ambiçaõ de hum delles, que pertendeo mayor premio do que se costumava dar; e os Tribunos da Plebe alcançaraõ do Senado, que nestes jogos se fizesse mayor despeza do costumado. *Tacit. Annalium, lib.* 1. Na milicia Romana foraõ chamados *Augustaes*, os Officiaes superiores em postos. *Veget. Rei militar. lib.* 2. *cap.* 7. Tambem *Augustal* foy titulo de dignidade nos Magistrados Municipaes. *Alciat. C. de Dec. lib. Præd.* Segundo Spieglio, *apud Joan. Calvinum, Lexic. Juridic.* Os Ministros Cesareos no Palacio do Principe eraõ chamados *Augustaes*. Depois de vencida Cleopatra, o Ministro, ou Vice-Rey, que hia para Governador do Egypto, era chamado *Augustalis Ægypti*; Taciano I. foy o primeiro, que logrou este titulo. No Imperio do Occidente Federico II. cunhou huma moeda, que foy chamada *Augustalis*, ou *Moneta Augusti*. Finalmente a Casa, e Tenda Real, a que os Antigos chamavaõ *Pretorium*, foy chamada dos modernos *Augustale, is, Neut. Feb. lib.* 2. *cap.* 8.

AVI

Avir. Verbo antiquado. Vid. Acontecer. (*Por causa, que Avir podesse*. Lopes, Vida delRey Dom Joaõ I. part. 2. cap. 193.)

AVO

Avo. He fracçaõ. *Setenta avos de vinte partes de real. Noticias de Portugal, pag.* 195.

Avocaçaõ. Vid. tomo 1. do Vocabulario.

Avocaçaõ, ou Evocaçaõ. Termo Grammatical. He tomado do Latim *Avocare*, ou *Evocare*, Chamar, ou Attrahir, ou chamar de hum lugar para outro. Na Grammatica, *Avocaçaõ* he quando se ajuntaõ duas pessoas differentes em hum mesmo sugeito, que he supposto do verbo, e este segue aquella, que embebe em si a outra v. g. Plauto in Amphi. *Ille ego similis est mei*. Humas vezes se dá Evocaçaõ, callada a primeira, ou segunda pessoa, como em Virgil. liv. 10. vers. 667.

Volens vos Turnus adoro.

E em Curt. liv. 3. cap. 11. *Nunc Alexander de paupertate securus sum* Outras vezes se expressaõ na oraçaõ as taes pessoas, v. g.

Condita disparibus numeris, ego Naso Solano,
Præpositâ misi verba salute meo.

Ovid. Pont. 2. Eleg. 5. e no liv. 15. Metamorph.

Ipse ego, (nam memini) Troiani tempore belli,
Panthoides Euphorbus eram, cui pectore quondam
Hæsit in adverso gravis hasta minoris Atridæ.

O Padre Antonio Franco no seu Promptuario de Syntaxe, fol. 5. lin. 1. diz, a esta Grammatica chamaõ *Evocaçaõ*, em quanto hum nome embebe, e avoca a si ao outro.

Avondoso. Para os Antigos valia o mesmo, que para os modernos Abundoso, ou Abundante.

Avoo, ou Avo. ElRey Dom Sancho o I. deu o Senhorio de Aveiro em troca pela Villa de Avoo, a sua irmãa Doña Urraca Affonso, filha bastarda delRey Dom Affonso Henriques, casada com D. Pedro Affonso, neto de Egas Moniz, como se vè no Conde Dom Pedro.

AUR

Aureo. Antiga moeda Romana, cunhada doze annos depois das moedas de prata, e chamada assim simplezmente, e quasi por antonomasia, porque naquelle tempo havia tres generos de moedas de prata, a saber, *Denarios*, *Victoriatos*, e *Sestercios*. O valor do *Aureo*, era de vinte e cinco Denarios, ou dinheiros, e para naõ confundir os termos Latinos com o idioma vulgar, diremos em Latim o que dizem os Authores. *Pretium aureo erat* 25. *denariorum, quasi septem scriptulis, & simplo, vel dimidiato scriptulo constaret, ut imputarentur in libram nummariam trecenta scriptula, quæ respondent* 3000. *scriptulorum argenti, hoc est mille denariis*, 4000 *sestertium nummum*. *Scriptulum* o mesmo que *Scrupulus*, he a vigesima quarta parte de huma onça. Escreve Erycio Puteano, que ella mesma moeda dita *Aureo*, foy chamada tambem *Aureolo*; e no livro 11. Epigram. 28. vers. 12. faz Marcial mençaõ delles,

Centum Aureolos sic velut ære roget.

Vid. *Fred. Gronovium de Pecun. Veterum, libr.* 4. *in primis* 13. Na sua Prosodia o P. Bento Pereira diz, que o *Aureus* responde a cruzado, e juntamente allega com Budeo

Auricidia. Ambiçaõ, cobiça do ouro. *Auri cupiditas, atis, Fem.*

Quem ha por menos que Auricidia *trate,*
Que tratar mais da vida naõ lhe importe,
Que os bens da morte nunca tem resgate.

Man. de Far. e Sousa, 3. parte da Fonte de Aganipe, Eleg. 24. fol. 78.

Aurora. Os Poetas Latinos chamaõ ... à Au-

à Aurora *Prænuntia Solis. Lucis parens, nuntia. Astra fugans Noctem fugans, & tenebras. Dea prævia lucis. Tithonia conjux. Laomedontis nurus. Memnonis alma parens. Tithoni fulgida conjux. Matutinis surgens horis. Claro se attollens ortu. Admonitrix operum. Referens opera. Revocans laborem. Surgens mane novo. Referens diem. Lucem reducens. Puniceo fulgens amictu. Croceo splendore nitens, rubescens Croceis Aurora capillis, roseis manibus. Purpureo radians curru. Pruinoso axe invecta. Purpureis invecta rotis. Roseas quadrigas tollens, pellens, agitans. Bigis vecta coruscis. Eois aquis, undis, mari Oceano exoriens. Equos revehens. Humentes dimovens umbras. Novo spargens lumine terras. Roseos explicans colores.*

AVS

Auso. He palavra Latina de *Ausum, i, Neut.* que quer dizer *Ousadia.*

Para comprar a liberdade humana
Derramarse com Auso *temerario*
O Sangue de Jesus na terra insana.

Man. de Far. e Sousa, Fabula de Narciso, e Ecco, fol. 791.

Aussary. Termo dos Portuguezes na India. He o prazo, que se deixa na Gancaria, para depois delle se obrar algum Acto, para terem todos noticia.

AUT

Autocephalos. He palavra, composta do Grego *Autos*, o Mesmo, ou elle mesmo, e *xephali*, Cabeça, e val o mesmo, que Cabeça, ou Senhor de si mesmo; ou que naõ reconhece outro Superior, nem Senhor, que a si proprio. Na Igreja Grega deuse este nome aos Bispos, e Arcebispos, que em razaõ da sua jurisdiçaõ naõ dependiaõ dos Patriarcas, e eraõ taõ absolutos, como elles. O Arcebispo de Chypre, por decreto do Concilio Ephesino, foy Autocephalo, e como tal, independente da sua Metropoli, a Igreja de Antiochia. Na Igreja Oriental o Arcebispo de Bulgaria, e outros Metropolitanos, e na Igreja Occidental os Arcebispos de Ravenna se attribuiraõ a mesma isençaõ, de sorte, que naõ dependiaõ rebeldes nem dos Summos Pontifices de Roma; atè que expulsos de Italia os Gregos, acabou esta Autocephalia, porque os Papas reduziraõ estes Arcebispos rebeldes à sua obediencia. *Anasio in Dono P. & in Leone II. Vid. Du.Cange, in Glossar. Latinit.*

AXA

Axa. Nome fingido, do qual se usa nos Adagios, que se seguem. Axa foy ao banho, e teve que contar anno Axa naõ tem que comer, e convida hospedes.

AXO

Axorar. Vid. tom. 1. do Vocabulario, onde acharás outro exemplo do uso deste verbo Nautico, sem a declaraçaõ do seu significado, porque atè agora naõ achey quem mo desse. Aqui tens outro exemplo. (Que pozesse a proa em hum navio adiantado, e que de passagem o *Axorassem.* Diogo do Couto, Dec. 8. fol. 242. col. 1.)

AY

Ay. Vid. tom. 1. do Vocabulario. Ay. Interjeiçaõ de sentimento, v. g. Ay de mim! De desejo, v. g. Ay, se viramos já a Deos! De medo, v. g. Ay, quanto temo condemnarme! De pasmo, e admiraçaõ, Ay, quantos beneficios recebemos de Deos! De exhortaçaõ, Ay, naõ fareis o que vos digo! De alegria, Ay, que prazer, Ay, que gloria &c.

AYR

Ayraõ, ou Ayrones, naõ saõ sempre o mesmo, que *Garçotas*, nem estas sempre o mesmo que Ayraõ. Porque se bem as Garçotas saõ certas plumas altas, alvas, e direitas, que algumas garças tem nas costas, ou na cabeça, e se poem

para ornato, ou nos turbantes dos Turcos, ou em ramalhetes. Ayrones he palavra corrupta do Francez *Heron*, que significa o mesmo que *Garça* entre nós; por Garças, e Ayrones, naõ sempre entendemos plumas da dita ave; mas algum pennacho, ou cousa semelhante, que arremede as verdadeiras Garçotas, ou Ayrones. *No tomo 10. pag. 27. o Padre Antonio Vieira diz.* (Entre Garçotas de Aljofar, coroa Imperial de Safiras.) No seu Itinerario da India por terra, *pag.* 104. *col.* 3. O Padre Fr. Gaspar de S. Bernardino fallando na touca do Sultaõ Mahamet, diz: Na cabeça barrete de carmesi lavrado, &c. e por cima huma finissima touca de seda, e fio de prata, e entre ella hum pennacho de *Ayrones*, que lhe respondia de outra parte ao turcão. Disse que algumas Garças tem as pennas de que se fazem as *Garçotas*; porque a natureza naõ deu a todas este ornato; e da Historia das Aves de Joaõ Jonstono se póde inferir, que só a Garça, que os Italianos chamaõ *Garzetta*, tem este genero de plumas, porque no cap. 4. da dita Historia artic. 1. diz o dito Author: *Habebat aliquot in dorso, illasque oblongas pennas, quibus pileos, & galeas proceres exornant; tres in capite pennas breviores, & coloris albi, quæ cristam efficiebant.*

AZ

Az. O ponto unico no meyo da carta, ou do dado. Vid. tom. 1. do Vocabul. Os Franceezes, e os Castelhanos escrevem *As* com S, e naõ com Z, como nós. Os Italianos dizem *Asso*, e o derivaõ do Latim *Assus*, quando significa *Solus*, ou *Merus*, como se vê em hum fragmento de Varro, do qual faz mençaõ Nonio Marcello pag. 76. e 77. da ediçaõ de Sedan; no qual fragmento *Assa vox*, quer dizer huma solo, ou huma só voz, naõ acompanhada de instrumentos. Segundo este sentido de *Assus* por *Solus*, me parece mais acertado o derivar o *As* dos Franceezes, e dos Castelhanos, e tambem o nosso *Az* de *Assus* por *Solus*, ou *Merus*, que significa só, e naõ misturado; que de *Assus*, por assado, ou tostado ao fogo; porque a razaõ dos que seguem esta etymologia, he que da materia que se assa, ou tosta, sahe toda a humidade, e o remanente fica seco, e sem outro sabor, que o seu proprio, e natural, pelo contrario das carnes cozidas, que se guizaõ, e com varias drogas se misturaõ. Traz Vossio esta etymologia na palavra *Assum*, onde diz: *Alii tamen volunt, hîc Assus significare Merus; id: que propterea, quod si quid assetur, aut torreatur, humidum abeat, solumque id remaneat, quod siccum, aridumque est, sive quod cibi, qui assantur, soli coquuntur, non cum humore, eoque cibi, assati, tostique proprium solum saporem habeant, contra quam fit in alixis, quæ varios à jusculo sapores accipiunt.*

AZA

Aza. Vid. tom. 1. do Vocabulario.

Aza do pote, *Ansa*, *æ*, *Fem. Virgil.* Em Calepino chamase por circunlocuçaõ *Vasis auris*, *utrimque prominens*, *quæ sine manibus teneri solet*; por isso diz Virgilio, in Sileno,

Et gravis attritâ pendebat cantharus ansâ.

Vid. mais abaixo Azado.

Arrastrar a Aza. No sentido figurado dizemos, fullano arrastra a aza a esta moça, isto he, procura merecer com obsequios a sua benevolencia. *Officiis demeretur puellam homo iste*, ou *puellæ gratiam obsequiis aucupatur.*

Azabe-kaberi. He palavra Turquesca, composta de *Azab*, supplicio, ou tormento, e *Kaber*, que quer dizer sepulchro. Segundo a superstiçaõ Mahometana, he o tormento, que os maos padecem no sepulchro. Pintaõ os Authores este castigo nesta fórma. Dizem, que logo depois de enterrado o defunto, o Anjo da morte o recebe, e lhe dá parte da proxima chegada de dous Anjos Inquisidores, hum chamado *Monkir*, e outro *Nekir*. Se os Inquisidores achaõ,

achaõ, que he innocente, o deixaõ descançar; mas achando-o criminoso, moem-no às martelladas, e vaõ dando nelle até o dia do Juizo. Dizem outros, que estes dous Anjos examinadores, depois de malharem no delinquente com hum varaõ de ferro, se recolhem, e que a terra aperta ao miseravel de sorte, que padece terriveis dores. Depois disso vem outros dous Anjos, trazendo comsigo huma creatura horrivelmente fea; deixaõ-na no sepulchro, e voltaõ para o Inferno. O monstro enorme fica com o reo até o dia do Juizo, o qual acabado, ambos vaõ ao Inferno, a padecer todo o tempo determinado pela Divina Justiça; porque entre os Turcos he opiniaõ commua, que nenhum Mahometano ha de ser castigado eternamente, mas que depois de expiados por certo espaço de tempos os crimes, que commetteo nesta vida, por intervençaõ de Mafoma, passa a lograr no Ceo a eterna bemaventurança. *Ricaut, na Historia do Imperio Ottomano.*

Azabomba. Interjeiçaõ chula de quem se admira, v. g. tanto dinheiro tendes? Azabomba.

Azado. Vid. tom. 1. do Vocabulario.

Vaso Azado. *Vas ansatum. Columel. liv. 9. cap. 15.*

Azáfama. Vid. tom. 1. do Vocabulario. (Considero a V. S. em hum grandissimo golfo daquellas cousas, que o nosso Portuguez chama *Azafama*, e *Affaires* o Francez. Cartas de D. Franc. Man. pag. 409.)

Azafamado. O que está cheyo de pressa, e azafama *Ardelio, onis, Masc. Phæd. Mart. Negotii plenus. Multam in agendo sollicitudinem præ se ferens.*

Azambugeira. Villa de Portugal, na Comarca de Santarem, assim chamada pelos muitos Azambujos do seu termo.

Azambujo. Vid. Azambujeiro.

AZE

Azedamente. Asperamente. Com dureza no trato, e nas palavras. *Acerbè Asperè. Cic. Amarè. Ascon. Pedian.* (Procedeo com termos descompostos, e taõ *Azedamente.* Vid. de D. Fr. Bartholom. dos Mart. fol. 125. col. 1.)

Azem. Reyno do Sertaõ na India, além do rio Ganges. He huma das melhores terras da India, porque dá quanto he necessario para a vida humana. Ainda que a gente tenha toda a casta de carnes, he cousa notavel, que a carne de caõ seja a sua mais deliciosa iguaria. Em cada Cidade deste Reyno, todos os mezes se faz huma feira, ou mercado, em que se naõ vende outra cousa mais que caens, que se trazem de toda a parte. Antigamente Azem era a Corte dos Reys; mas os seus sepulchros se vem na Cidade de Azoo. Com a vãa esperança, de que acabada esta vida, vaõ lograr no outro mundo outra, chea de todo o genero de delicias, e que os mais padeceráõ muitas miserias, cada Rey faz do seu sepulchro hum thesouro. E esta he a razaõ porque no Pagode, ou Templo mayor, manda cada Rey fazer huma capella, para a sua sepultura, e em quanto vive, manda meter na cavidade, em que o haõ de enterrar, muito ouro, e prata, ricas alcatifas, e outras preciosas alfayas, com o Idolo de ouro, ou prata, a que teve mayor devoçaõ na vida. O que neste aparelho he mais custoso, he que muitas das mulheres, a que teve mayor affeiçaõ, e alguns dos criados mais chegados à pessoa Real, e de mayor confiança, se mataõ com peçonha, para serem enterrados com o Rey defunto, e passarem a servillo no outro mundo. No mesmo tempo enterraõ vivos hum elefante, doze camellos, seis cavallos, e muitos caens de caça, suppondo que todos estes animaes tornaõ a viver para servirem a ElRey na outra vida. A gente deste Reyno vive folgada, sem pagar tributos, nem subsidios. Só reserva o Rey para si todas as minas, assim de ouro, e prata, como de ferro, e chumbo, nas quaes trabalhaõ escravos, que elle compra dos Principes visinhos. Dizem que neste Reyno de Achem foy inventada a polvo-

polvora; e que por via do commercio passara este terrivel invento à China. *Tavernier*, *Jornada da India.*

Azeviche. Vid. tom. 1. do Vocabulario. Plinio lhe chama *Obsidianus*, *i*, *Masc.* Sobentendendo *Lapis*. Deraõ os Antigos este nome ao Azeviche, porque foy achado na Ethiopia por hum homem chamado *Obsidio*.

AZI

Azîa. Vid. tom. 1. do Vocabulario. Quando a mulher prenhe appetece cousas, que se naõ achaõ, para o feto naõ tomar algum sinal, ou naõ receber algum damno, dizem que he remedio certo, e experimentado, fazer tomar à mãy noz moscada com hum pouco de mel. Tambem meninos saõ sogeitos a Azia. Faber faz mençaõ de hum rapazete de tres annos, que comia cinzas, e terra, e naõ admittia leite, nem outros alimentos; outros tem comido com grande gosto a cal, e as rebocaduras das paredes.

Azimo. Vid. Asmo, tom. 1. do Vocabulario. Dias Azimos para os Hebreos eraõ os em que comiaõ paõ asmo, ou sem fermento; e eraõ sete. *Septem diebus Azima comedetis. Exod. cap.* 12. *vers.* 15. (Quiz celebrar Christo a Paschoa dos *Azimos*. Eva, e Ave de Macedo, cap. 46. fol. 453.)

Azimuth. No lugar onde o Vocabulario diz: *Elles saõ infinitos, porque ha infinitos horizontes. Azimuth do Sol, ou das Estrellas &c.* Lease, Elles saõ infinitos, porque ha infinitos horizontes. Porém hoje na commua accepçaõ Azimuth do Sol, ou das Estrellas &c. A causa de ser necessaria esta emenda, he porque no Vocabulario, os dous sentidos, em que se usa da palavra Azimuth, sem fazer distinçaõ delles, ficaõ confundidos hum com outro, e naõ corresponde o segundo periodo ao primeiro, porque diz outra cousa differente. Os Arabes chamaõ Azimuths aos circulos verticaes, como se póde ver em Clavio, Sacrobosco, e outros; porém hoje por Azimuth se entende o arco do horizonte entre Meridiano, e aquelle Vertical, ou circulo Azimuthal, que passa pelo Sol, ou Estrellas, como se póde ver em Ricciolo, no livro 1. do Almagesto, cap. 22. §. 15. e na Arte de navegar, cap. 10. e outros.

Azinha. Vid. Asinha.

Azinhoso. Villa de Portugal, na Comarca, e Bispado de Miranda. He da Coroa, e lhe deu foral ElRey D. Joaõ o I. Seus moradores saõ livres de pagar tributo algum a ElRey, e gozaõ de grandes privilegios, que lhes concedeo ElRey D. Diniz, que foraõ confirmados pelos Reys seus successores, em veneraçaõ de huma milagrosa Imagem de nossa Senhora, que he Padroeira, e Orago de sua Igreja. Todas as casas tem seus alpendres, por causa de huma grande feira, que lhe concedeo o dito Rey D. Diniz. Foy Cabeça de Condado, cujo titulo deu o Cardeal Rey Dom Henrique a D. Nuno Mascarenhas.

Aziumarse. Vid. Azedarse, tomo 1. do Vocabulario.

AZO

Azoens, ou Azones. Povos da Assyria, nas ribeiras do rio Lyco, perto do monte Thannuris. Tambem *Azones* era o nome, que os Gregos davaõ a certos Deoses, conhecidos, e adorados geralmente em toda a parte, como eraõ o Sol, Marte, a Lua, Plutaõ &c. Tambem eraõ Deoses, que as partes, ainda que oppostas, podiaõ igualmente invocar Marte, v. g. Bellona, a vitoria. Chamavaõ os Latinos a estes Deoses Azones, *Dii communes*; delles faz Virgilio mençaõ no livro 12. da Eneida

——— *Diis & communibus aras.*

Os Chaldeos, que neste particular eraõ do mesmo parecer, que os mais idolatras, criaõ que havia huns Deoses, que naõ presidiaõ senaõ em certas Zonas; os Gregos lhe chamavaõ *Zonaioi*. Tambem admittiaõ outros, que geralmente presidiaõ

sidirão em todas as Zonas, e por isso forão chamados *Azonoi*, do *A* privativo, e *Zon*, como quem dissera, sem Zonas.

AZU

Azuagues. Povos da Africa, que se derramarão pela Barbaria, e Numidia. Pela mayor parte são pastores. Vivem em montes, e outeiros, nas Provincias de Tremecen, e de Fez. Algum dia forão muito poderosos. Os que vivem entre *Tunes*, e *Biledulgerid* chegarão a mover guerra aos Reys de Tunes. Hoje o Principe que os governa, se chama Rey de *Cuco*; fallão a lingua dos *Bereberes*. Prezaõse de serem descendentes de Christãos, e para se distinguirem dos Arabes, e mais Africanos, não rapão a barba, nem cortão o cabello a modo de cercilho, como fazem os Mahometanos. Por antigo costume, e para declararem a sua origem, abrem na face, ou na mão huma Cruz azul. A razão deste costume he, que como os Emperadores Christãos, que reynavão em Barbaria, isentarão de todo o tributo os que professavão a Ley de Christo, para gozarem deste privilegio, muitos se fingião Christãos, e para os cobradores, ou tributeiros conhecerem o fingimento, mandarão aos verdadeiros Christãos, que tivessem na face, ou na mão huma Cruz aberta; e assim o fizerão os Azuagues, que perseveravão na Fé de Christo, até o reynado dos Califas. *Marmol, liv. 1. da Africa.*

AZY

Aziúmarse. He de Agostinho Barbosa no seu Diccionario. Vid. Azedarse.

Azymitas. Nome, que os Gregos davão aos Catholicos Romanos, porque no Sacrificio consagrão pão asmo, e sem fermento. *Latinos* (diz Sigiberto *in A. C.* 1054.) *Græci vocabant Azymitas, & eos minis persequentes; eorum Ecclesias claudebant, de fermentato sacrificabant.* Tambem se deu o nome de Azymitas a huns Povos, sugeitos aos Sultãos, e Sarracenos, quando os Francezes invadirão a Syria. Mas não se sabe de certo se nestes Povos o nome *Azymitas* significava certa Nação, ou certa Seita. Só he muito provavel, que era nome de Nação; porque alguns Historiadores da Cidade de Jerusalem os poem no numero de varias Naçoens, e entre outros Roberto o Monge, no livro 6. da sua Historia Hierosolymitana diz, *Persæ, & Medi, Arabes, & Turcæ, Azymitæ, & Saraceni, &c. & diversarum nationum alii multi.*

B.

BAA

BAALITAS. No Povo de Israel, eraõ huns impios, que adoravaõ Baal, ou o Idolo de Belo, Rey de Assyria. No livro 3. dos Reys cap. 18. achamos, que todos os dias Achab, e Jesabel offereciaõ sacrificios à este Idolo; e que o Profeta Elias, depois de convencer de superstiçaõ aos Sacerdotes deste falso Nume, e ter obrado hum milagre à vista de Achab, e do Povo, mandou matar os quatro centos e cincoenta Pseudoprofetas, Ministros do dito Idolo. *Baalitæ, arum. Masc. Plur.*

BAB

BABALHAO. Na Villa de Torres Novas, defronte do Mosteiro das Freiras, está hum outeiro, que ainda hoje tem o nome de Babalhao, como lhe chamaraõ os Gregos, fundadores desta Villa, pelos jogos, e vozes descompostas, que os moços hiaõ fazer, e dizer na planicie daquelle outeiro. Topograph. Portug. 3. part. 281. *Babou* no idioma Grego, he em Latim *Loquax*, e *nugator*.

BABÃO. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Tambem com o Italiano tem esta palavra analogia. Em Italia, quando querem pôr medo a meninos, dizem *Bau, bau.* O Vocabulario dos Academicos da Crusca, impresso em Veneza anno 1623. na Officina de Jacome Sarzina, pag. 103. declarando o significado da palavra *Baco*, synonimo de *Bau-bau*, diz assim: *Baco, voce usata per ischerzo, per far paura a bambini, coprendosi il volto*; e logo mais abaixo, no mesmo paragrafo diz: *Diciamo hoggi piu communemente* Bau-Bau, Latin. *Manducus.* Alguns exemplares de Plauto dizem, *Manduca*; Festo diz *Manduces*, ou *Mandux*. Era pois este *Manducus*, ou *Manduca*, huma figura pintada, ud., com a bocaça aberta, e dentes sahidos para fóra, e desencontrados, que se levava nas pompas, e procissoens, (como algum dia em Lisboa a Serpe, e o Drago na Procissaõ do Corpo de Deos) e apparecendo taõ medonha mascara, fugiaõ os rapazes com grandes algazaras; e o nosso *Babao*, pronunciado com força, he vocabulo taõ medonho, que com elle se podem desmamar crianças.

Babao, finalmente he o nome de huma Bahia, e porto na face da Ilha de Timor, muito grande, e capaz de grandes armadas. Deste porto faz mençaõ Manoel Pimentel na sua Arte Nova de Navegar, pag. 423.

BABARÈ, ou Babareo he palavra de Goa, e suas visinhanças, e val o mesmo que gritar à que delRey; e assim quando em huma casa se sente de noite passadas desconhecidas, que possaõ ser ladroens, se toca logo Babaré, para que acuda a visinhança, a qual vem logo, e algumas vezes ferem, e mataõ às pancadas qualquer pessoa desconhecida, que encontrem. Nos meloaes saõ continuos os Babarés, os quaes se tocaõ (como elles dizem) da mesma sorte, que em Portugal se dá huma vaya, surriada, ou matraca, e daquella origem veyo a ser em Portugal applicado o Babaré em sentido semelhante ao da India, mas entre nós he termo baixo.

BABARÊO. Palavrorio affectado, e com malicia. He termo chulo. Dizem outros, que levar hum babaréo, he levar huma vaya, ou ser ultrajado.

BABECA, Cavallo del Cid Ruy Dias, naõ está enterrado à porta de Pedro de Cardenha, mas a effigie do dito animal está no frontispicio de hum Convento de Religiosos de S. Bento, nomeado S. Pedro de Cardenha, tres legoas distante da Cidade de Burgos.

BABOSA. Vid. tomo 1. do Vocabulario. Babosa. Na sua Prosodia, verbo *Pholis* diz o Padre Bento Pereira, que este he o nome de hum peixe do mar, a que chamamos *Babosa*; e no seu livro inti-

intitulado. *Historia Piscium cap. 23. pag. 135.* diz Francisco Willughbeo, que *Pholus* (ou como lhe chama Rondelecio) *Pholis*, he o peixe, que o vulgo da sua terra chama *Bavosa*, por ser a sua carne muito molle, e pegajosa. Porém no livro 3. de *Piscibus*, *cap.* 49 Ulysses Aldovrando dá a entender, que o peixe chamado *Bavosa* he huma especie de raya. No idioma Italiano, val o mesmo que entre nós *Baboso*, *Bavoso*.

Babytace. Na parte Septentrional do rio Tigres, he o nome de huma Povoação, cujos moradores tem esta singularidade, que saõ (como advertio Plinio) os unicos homens, que tem odio ao ouro; abrem covas, e o enterraõ, para que ninguem possa usar delle. *In Septentrionali Tigris alveo, oppidum est Babytace &c. Ibi mortalium soli aurum in odio contrahunt; id defodiunt, ne quo cui sit in usu. Plin. lib. 6. cap. 27. num. 22. 23.* (Assim inimigos do ouro o perseguem os *Babytaces*, &c. como se entenderaõ o quanto merece pisado da terra, o que descuberto sobre ella; taõ barbaramente a tyranniza. Estrella Dominica do P. Fr. Lucas de Santa Catharina, tom. 1. pag. 489.) O livro diz *Bitaces*, deve ser erro da Impressaõ.

BAC

Bacatella. Vid. mais abaixo Bagatella.

Baccanâes, ou Bachanaes, como diz a 1. part. da Academia dos Singulares, pag. 347. Festas, que se celebravaõ em memoria, e honra de Bacco. Do Egypto, donde tiveraõ sua origem, Melampo as trouxe à Grecia, *Herodot. lib. 2. Diodor. Sicul. lib. 1. Antiquit. cap. 11.* Na Grecia os Athenienses foraõ os primeiros, que celebraraõ esta festa com folias, sofriveis para Gentios. Traziaõ à praça huma vasilha chea de vinho, cercada de pampanos, e cachos de uvas; vinha hum bode arrastrado pelas pontas, para ser sacrificado a Bacco, com hum cesto cheyo de figos, e uvas. Sahiaõ todos coroados de folhas de vide, e as Baccanites, ministras do dito Nume, com thyrsos, ou varas na maõ, enramadas com parras, bailando, e saltando nas ruas, e clamando *Evohe*, que quer dizer *Bom vivente*; outras appareciaõ cubertas de pelles de Tygres, e Pantheras, entre trombeteiros, e tambores; e os homens ou montados em burros, ou disfarçados em Satyros. Mas com o tempo estes ridiculos festejos se mudaraõ em deshonestidades, e torpezas. Certo Sacerdote Grego, de baixo nascimento, e de profissaõ adevinho, e (segundo affirma Tito Livio) muito versado nos ritos dos sacrificios Gentilicos, foy o que introduzio esta festa na Toscana, e depois em Roma. No principio consistia só em huma sociedade de matronas, que de noite se ajuntavaõ, para celebrar os mysterios do Deos das vinhas, e do vinho; mas certa mulher chocorreira, e bailhadeira, chamada *Pacula de Padua*, admitio nesta celebridade moços, e moças de toda a idade, e estado, que com a petulancia da ebriedade, e nas sombras da noite, commettiaõ todo o genero de impudicicias; e chegaraõ estas desordens a taõ monstruosos escandalos, que os Consules Spurio Posthumio Albino, e Quinto Marcio Philippo, fizeraõ huma exacta pesquiza das abominaveis indecencias nocturnas dos Baccanaes, e com inexoravel severidade os prohibiraõ, e já eraõ chegados a sete mil os irmãos desta desavergonhada confraria. Passados alguns annos, das enterradas raizes desta torpe superstiçaõ, brotaraõ alguns renovos, mas com menos dissoluçaõ. Sahia huma velha, coroada de hera, em companhia de mulheres furiosas, e com gesto lascivo, que em voz alta diziaõ *Evohe*; levava a velha hum bolo, amassado com mel, e aos que topava, offerecia hum bocado. Em algumas partes estas festas de Bacco se celebravaõ de tres em tres annos; e por isso lhe chamavaõ *Trieterica*, como se vê em Virgilio, liv. 4. vers. 302.

—— *Qualis commotis excita sacris*
Thyas ubi audito stimulant trieterica Baccho
Orgia.

E a razaõ deste triennio, foy que gastara Bacco três annos na sua expediçaõ da India. Em outras partes de cinco, em cinco annos se faziaõ as ditas festas; destes Bachicos quinquennios faz mençaõ o Escholiastes de Aristophanes. Aqui he necessario advertir, que dos dous nomes de Bacco, a saber, *Dionysio*, e *Liber*, as suas festas foraõ chamadas *Dyonisias*, e *Liberaes*, e com esta diversidade de nomes se celebravaõ em differentes intervallos de tempo; as *Liberaes* todos os annos aos 17. de Março, dia em que os moços de dezaseis para dezasete annos deixavaõ a toga bordada, chamada *Prætexta*, para tomarem da maõ do Pretor a toga viril, com hum sobrenome, ceremonia, que os fazia capazes para serem admittidos ao exercicio dos cargos civis, e militares. Mas as *Dyonisias*, que tambem se chamavaõ *Orgias*, se celebravaõ de tres em tres annos. Naõ ha tomar pè na grande variedade da Chronologia destas festas. No livro 1. dos Saturnaes, depois de provar com fortes razoens, que Bacco, e Apollo saõ o mesmo, que de dous em dous annos se celebravaõ os Baccanaes no monte Parnaso, consagrado a Apollo, e às Musas, accrescenta, que nella assistiaõ os Satyros. Em huns Baccanaes, que os Athenienses celebravaõ, as donzellas levavaõ à cabeça huns cestinhos de ouro, cheyos de fruta, e esta festa se chamava *Canephoria*, e as moças *Canephoras*, palavras Gregas, que significaõ *Levar hum cestinho*. Nos cestinhos metiaõ os sacrificadores huma serpente, dedicada aos mysterios do culto de Bacco.

Bacchanalia, iorum, Neut. Plur.

Qui Curios celebrant, & Bacchanalia vivunt. Juvenal.

Baccanalia se deriva do Grego *Bakeein*, ou de *Baxkein*, que quer dizer, Gritar, huivar, e dar brados descompostos, como faziaõ as Baccantes nas festas de Bacco.

BACCANTES, ou Baccas. Sacerdotizas de Bacco, que celebravaõ os seus mysterios. Tomaraõ este nome da palavra Hebraica *Buca*, que quer dizer *Chorar*, e *huivar*. Tambem foraõ chamadas *Thiades* do Hebraico *Taha*, que quer dizer *Gritar, e correr de huma parte para outra*. Chamaraõlhe *Mimallonides*, tambem do Hebraico *Menallelar*, que val o mesmo que *Palreiras*, e *Chocalheiras*. Os outros nomes das Baccantes, saõ *Menades*, e *Bassarides*. Deixada a Fabula, que faz as *Baccantes* companheiras de *Bacco*, na sua jornada da India, e pregoeiras das suas conquistas, eraõ mulheres arrebatadas de Bachico furor, vestidas de pelles de Tygres, e Pantheras, escabelladas, que andavaõ lançando a cabeça para traz; coroavaõse com folhas de Era, e levavaõ na maõ esquerda hum Thyrso, que era hum paõ de pinho, entamadõ com parras. Fallando em huma Baccante diz Tacito, *Ipsa crine fluxo Thyrsum quatiens*. Os Poetas Latinos lhe chamaõ *Baccæ*,

Ogygiæ celebrant repetita triennia Bacchæ.

Andavaõ pelos montes com Bacco, gritando como humas doudas, ou desesperadas, e repetindo muitas vezes *Evohe Bacche*, isto he, *Bacco, bom vivente*; epitheto, que lhe deu Jupiter, quando na guerra dos Gigantes, Bacco transformado em Leaõ, se lançou a elles com furia, e os despedaçou. (As mulheres chamadas *Baccas*. Leonel da Costa, Georgic. de Virgilio, fol. 66. vers.)

BACCHIADES. He o nome de huns moradores da Cidade de Corintho, que descendiaõ de Bacchia, filha de Bacco. Hum dia, no tempo, que se celebravaõ as festas delle Fabuloso Nume, despedaçaraõ a Acteon, filho de Melissa, de que ficou este Principe taõ notavelmente sentido, que no tempo dos Jogos Isthmios, diante do altar, fez contra os Corinthios terriveis deprecações, caso que da morte de seu filho naõ tomassem vingança, e logo se despenhou. Os Corinthios para se guardarem dos trabs-

trabalhos, que Melissa lhes desejara, lançaraõ fóra da Cidade aos Bacchiades, que embarcados em hum navio, aportaraõ em Sicilia, e foraõ assentar vivenda entre os dous Promontorios Pachim, e Peloro. *Ovid. Metamorph.* 3. Os Bacchiades tinhaõ governado a Cidade de Corintho com muita authoridade, alguns duzentos annos, e com o negocio que nella se fazia, tinhaõ feito ao seu porto muito celebre. *Strab. lib.* 8.

BACCO. A desenfreada liberdade da Fabula, fez as noticias de Bacco taõ varias, e desencontradas, que delle naõ se póde dizer nada com certeza. Em hum dos seus hymnos diz Orpheo, que Bacco era filho de Jupiter, e de Semelé, filha de Cadmo, Rey de Thebas, na Beocia. Em outro hymno, o mesmo Orpheo o faz filho do mesmo pay, mas de outra mãy, a saber, de Proserpina. Segundo estas duas noticias, foy Bacco filho de duas mãys; e por isso os Poetas lhe chamaõ *Bis genitus*, *Bimater*, e *Deus bis natus*; e no cabo melhor fora dizer, que Bacco fora duas vezes filho do mesmo pay, porque diz a Fabula, que receando, que ficasse queimado com sua mãy, Semelé, cuja curiosidade de ver a Jupiter no pomposo apparato da sua Divindade, lhe custou a vida, o tirara Jupiter do ventre da mãy, e o escondera na coxa da perna, para nelle receptaculo acabar de comprir o tempo, que lhe faltava dos nove mezes, para nascer. Mas contra esta noticia, Meleagro, Author Grego, e Poeta, suppoem, que as Nymphas livraraõ a Bacco do incendio, sem que fosse necessario o metello, e cozello na coxa de Jupiter. Huns daõ a Bacco por amas as Horas, filhas de Jupiter, e de Themis; outros querem, que as Hyadas, tambem Nymphas, mas filhas del-Rey Erechtheo, tenhaõ sido suas amas. No lugar da criaçaõ de Bacco, tambem variaõ muito as opinioens. Os moradores de Patras, o fazem criado na sua terra delles, na Cidade de *Mesatis*; outros na Ilha de Naxos; outros com Sidonio Antipater o fazem Thebano, e assirma Luciano, que sua mãy era de *Syrophænicia*. Alguns antigos o pintaraõ moço, mimoso, e delicado, e como tal o puzeraõ no numero das fermosas Deidades; no Philosopho Albrico se acha, que outros pintavaõ Bacco com cara de mulher, peito descuberto, e cornos na cabeça, coroado de folhas de vide, e a cavallo de hum Tigre, com hum vaso na maõ esquerda, e na direita hum cacho de uvas. Hoje o vemos representado em figura de rapaz, tambem com hum cacho de uvas, ou em figura de homem, que leva hum ramo de pinheiro. No revez de huma medalha de Severo, e de Julia, se vê Bacco assentado em hum carro, tirado por Pantheras, com hum dardo na maõ, &c. Nem se sabe certamente se Bacco era homem, ou mulher. O Poeta Orpheo no hymno contra as Musas, o declara positivamente Hermaphrodito; isto mesmo se vê nas medalhas Consulares da familia Cassia, com os nomes de *Liber*, e *Libera*, que demostraõ a Bacco, macho, e femea. A noticia pois das preheminencias, occupaçoens, e officios de Bacco, nos Authores lhe taõ varia, como tudo o mais. I. Bacco naõ só foy agricultor das vinhas, mas tambem dos campos. *Arationis, & sementis multi Deum (Bacchum) existimant fuisse primarium auctorem. Diodor. Sicul. lib.* 3. II. Bacco foy Medico; preparou para os homens o melhor cordial da natureza; mas naõ foy sangrador, porque em vez de tirar das veas o sangue, ensinou a infundir no corpo o sangue da terra; e porque a presença deste sangue obrigava a gente a fazer cambeias, deu por remedio, que o aguassem, e assim endireitou boa parte do mundo; em memoria do qual beneficio, Amphyction, Rey dos Athenienses, erigio a Bacco hum Altar no Templo das Horas, com o titulo de Bacco Recto, ou direito. Por estas, e outras razoens, no livro III. *Sympos. quæst.* I. Plutarco poem a Bacco no numero dos Medicos, e das honras, que Amphyction fez a Bacco, por haver ensinado aos homens o mo-

o modo de beber, sem cambetear, diz Atheneo, no livro 11. *Philochorus auctor est, Amphyctionem, Atheniensium Regem, edoctum vini diluendi rationem, primum istud diluisse, quâ de causâ cùm incederent homines recti, antea meraco curvi, aram statuit Bacco Recto in Horarum templo, eâ enim vitis fructum educant.* III. Bacco foy Jurisconsulto, e Legislador, e por isso lhe chama Orpheo com vocabulo Grego *Thesmophoros*, porque *Thesmon pherein*, quer dizer, *Legem ferre.* IV. Bacco foy homem militar, conquistador, e General de Exercitos. Vejaõ os curiosos em Luciano a famosa expediçaõ de Bacco; quando entrou na India, e com os alaridos das suas Baccantes, que em lugar de dardos, e rodellas, traziaõ adufes, e pandeiros; com os saltos, meneos, e tregeitos de seus Satyros, e com os zurros do burrinho do velho Sileno, espantalho de rapazes, com narizes chatos, grande barriga, e orelhas grandes, poz em fugida os elefantes, e desbaratou todos os batalhoens, e esquadroens dos Indios, que ficaraõ sogeitos ao seu poder; e entre os quaes (segundo escreve Diodoro no livro das suas Antiguidades) viveo, e reynou o espaço de cincoenta e dous annos. V. Tambem foy Bacco homem milagroso. Aos Thyrrenios, pyratas do mar Mediterraneo, que o quizeraõ prender, e maltratar, (escreve Philostrato) que os convertera em Delfins. A Bacco se attribuem muitos outros milagres fabulosos, que em muitas Naçoens lhe grangearaõ honras Divinas; e assim em Nysa de Bithynia, na Thracia, na Beocia, na Lacedemonia, e em outras regioens foy Bacco adorado com differentes ritos, e ceremonias; atè dentro de Roma teve hum Templo magnifico, no qual lhe sacrificavaõ os animaes mais infestos às vinhas. Finalmente, que figura naõ fez Bacco no mundo? Foy Bacco Agricultor, foy Soldado, foy Medico, foy Rey, foy Homem, foy Mulher, foy Deos. Que mais? Foy tudo, e tudo nada. A razaõ de serem taõ diversas as memorias de hum só homem, he que a historia, quer verdadeira, quer fabulosa, tem appropriado a muitos o nome de Baccho. No liv. 3. *De natura Deorum*, faz Cicero mençaõ de cinco Baccos, debaixo do nome de Dyonisios, que tambem foy hum dos nomes de Bacco. Naõ teve Cicero noticia do Bacco dos Arabes, a que elles chamavaõ *Urotal*. Trazer aqui todos os nomes, que a Antiguidade deu a Bacco, seria processo tedioso, e de pouca, ou nenhuma utilidade. Só farey mençaõ de alguns, que me parecem mais proprios, e mysteriosos. Chamaraõlhe os Antigos *Liber*, porque foy Bacco inventor do vinho, licor, que livra o homem de cuidados, alegra o coraçaõ, e dá vigor para fallar com mais liberdade. Chamaraõ-lhe *Lenæus* do Grego *Lenos*, que he o lagar, onde se esprème o vinho. Chamaraõlhe *Dionysius*, vocabulo composto de *Dios*, Jupiter, e *Nysa*, Cidade da Arabia, em que Bacco, filho de Jupiter, foy criado das Nymphas. Chamaraõ-lhe *Nyctelius, id est, Nocturno*, porque os Baccanaes eraõ festas, que se celebravaõ de noite. Chamaraõlhe *Lyæus* do Grego, *Lyein*, Saltar, dissolver, porque o muito vinho dissolve as amizades, e occasiona brigas. Como pois nas Fabulas sempre se insinuaõ verdades, os mais notaveis successos, que os Poetas fingiraõ na vida de Bacco, filho de Jupiter, se podem accommodar com o que succedeo a Moysés na sua vida; tanto assim, que Vossio em primeiro lugar, e depois delle Pedro Daniel Huecio, Bispo de Avranches em França, no seu livro intitulado, *Demonstratio Evangelica*, pag. 80. 81. *&c.* faz hum largo parallelo da Historia de Moysés com a Fabula de Bacco, e vem a concluir, que hum, e outro saõ o mesmo *Bacchus, i, Masc.* Os Poetas Latinos chamaõ a Bacco, *Deus Pater. Deus Juvenis. Lætitiæ dator. Genialis consitor uvæ. Lyæus Pater. Sileni alumnus. Deus bis natus. Jovis progenies. Vini repertor. Vitis inventor. Crinali florens hederâ. Cingens virili tem-*

tempora pampino. Intonsâ comâ perpetuùm juvenis. Racemiferis frontem circundatus uvis. Pampineâ redimitus fronde capillos. Pampineis redimitus tempora fertis. Corniger Lyæus. Bis genitus. Bimater. Nyctelius, à Bacchanalibus nocturnis. Thebanus, Ogygius, & Echionius, ab Ogyge, & Echione, Thebarum Regibus. Boeotius, & Dircæus, à Dircæa, parte Bœtiæ. Thracius, Sithonius, Edonius Ismarius, vel Ismarus, Rhodopeius, à diversis Thraciæ montibus. Nysæus, à Nysa, altero Parnassi vertice, ipsi sacro, vel ab urbe Nysa, in qua, ipsum educaverunt Nymphæ. Liber, quia mentem curis liberat, seu quod vino usi liberè loquantur. Dionysius, id est, Jovis filius, quo nomine salutatus fuit à Jove, post devictos Gigantes &c.

Baco. Tambem no Portuguez, como no Latim, muitas vezes se toma por vinho.

Lacte favos, & miti dilue Baccho
Georg. 1. Vers. 345.
——— *Fusique per herbam*
Implentur veteris Bacchi. Æneid. 1.

Bacineta. Bacia pequena de metal. No Thesouro da Lingua Portugueza, o Padre Bento Pereira diz *Bacinica*. Vitruvio diz *Scaphium æreum*, *& Scaphium plumbeum*. Mandou esealfar as gemas em huma Bacineta. *Conto Dec. 4. fol. 78. col. 1.*

Bacoti. He o nome de huma famosa feiticeira, que a gente do Tunquin consulta, além de outras duas, chamadas *Tay-bou*, e *Taypouthouy*. Quando huma mãy, morto o seu filho, quer saber o estado de sua alma, vay buscar a *Bacoti*, a qual pega logo do seu tambor, e o toca para chamar a alma do defunto, a qual (pelo que ella diz) lhe apparece, e lhe dá a conhecer se está bem, ou mal; mas ordinariamente a feiticeira diz à mãy, que seu filho está em bom lugar. *Tavernier, Viagem da India.*

Bacu, ou Bachu. Cidade da Persia, de grande commercio, na Costa do mar Caspio, e na Provincia de Servan. Perto desta Cidade ha huma fonte de azeite negro, bom para queimar, do qual usa a mayor parte da Persia. Desta Cidade tomou o nome o mar de *Bacu*, chamado em Latim *Mare Caspium*, *& Hyrcanium*, ao qual tambem chamaõ *Mar de Sala*. Fica este mar entre a Tartaria, Moscovia, e Persia.

BAD

Badagàs. Gente da India, por natureza feroz, e barbara, cruel por costume, e trato, e por exercicio da mesma vida, a qual sustentaõ de saltear, matar, e roubar. De como S. Francisco Xavier reprimio a furia desta gente, quando pela parte do Reyno de Travancor entrou com poderoso exercito, assolando os Christãos. Vid. *tom. 10. dos Sermoens do Padre Vieira, pag. 299.*

Badajòz. No tomo 2. da Monarchia Lusitana, liv. 7. cap. 17. pag. 328. col. 3. diz o P. Fr. Bernardo de Brito, que Badajoz em Arabico se chama *Biled Aix*, que val tanto, como *Terra da vida.*

Badana. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Tambem he a ovelha, que já naõ pare por velha, e da sua magreza passou o nome a toda a carne magra.

Badulaque. Em huma memoria notavel, da qual se faz mençaõ na penultima folha do livro intitulado *Alcobaça illustrada*, se achaõ as palavras, que se seguem: *Dominus Comestabilis Nonius Alvares Pereira &c. donavit etiam grandem caldeiram, in qua Castellani de famulatu Regis faciebant suos Badulaques.* Vid. Badulaque tom. 2. do Vocab.

BAE

Baê, com hum acento. He o nome, que se dá na India às mulheres dos Canarins Christãos, e por elle se distinguem das Gentias.

Baeça, ou Baeza. Cidade de Hespanha na Andaluzia, Dioceſi de Jaen, sobre o rio Guadalquivir, perto de Ubeda. Tomaraõ os Christãos estas duas Cidades, depois da celebre batalha da Serra

Morena, ganhada aos Mouros aos 16. de Julho de 1212.

Baforeira, figueira. Vid. tom. 2. do Vocabulario. (As folhas da figueira *Baforeira* saõ admiraveis para curar hernias. Observaç. de Curvo, 37. num. 7. pag. 224.)

BAG

Bagamedri. Reyno de Africa, na Ethiopia Alta, ou Abassia, ao longo do Nilo, para o Poente. Alguns o dividem em dezasete Provincias, das quaes algumas saõ outros tantos Reynos. Chamaõ he outros Regameder. (Pela parte da Nordeste confina com Tigré o Reyno de Begamader, na qual por vezes havemos de fallar. Da parte do Leste, he confinante com o Reyno Angôt, e vay dalli ao Reyno do Amaharâ, até chegar a beber no rio Nilo. Telles, Ethiopia Alta, pag. 10. col. 1.)

Bagatella, ou Bacatella. Alguns Portuguezes, pelo trato, que tem com Italianos, vaõ introduzindo esta palavra, que tambem he Franceza, e se deriva de *Bague*, que he *Anel*, ou do Latim *Bacca*, que he *Pérola*, do qual substantivo se formou o adjectivo *Baccatus, a, um*, que tanto val como *Cheyo de perolas, ornado de joyas*; e como os Latinos tem chamado *Nugivendus* ao que vende brincos, com que se enfeitaõ as mulheres, *Nugivendis res soluta est omnibus*, diz Plauto *in Aulularia, Scena 5. Act. 3.* e no Calepino se interpretaõ as ditas palavras nesta forma: *Omnia, quibus mulieres utuntur, pro rebus variis, atque inutilibus habentur*; das palavras *Bacca*, e *Baccatus*, vieraõ os Francezes, ou os Italianos a chamar *Bagatelle* toda a cousa vãa, frivola, e de nenhuma entidade. Confirmaõ esta etymologia as palavras de Salmasio, sobre Solino, pag. 1124. *Mundum mulierem, qui in gemmis consistit Bagas vocitamus. à Baccis, quæ sunt margaritæ, nam baccatum, margaritis confertum significat, ut baccatum monile. Ex eo Bagatellas dicimus nugas, & jocularia; Latini quoque nugas dixêre res omnes muliebris mundi, Nugivendos, qui eos vendebant.*

Bagoas. Antigamente na lingua Persiana era o nome, que se dava aos Eunucos, como o testemunha Plinio no livro 13. cap. 4. num. 34. fallando nas Palmeiras Reaes, cultivadas, e guardadas por Eunucos. *Clarissimæ omnium* (diz elle Author) *quas Regias appellavêre ab honore, quoniam Regibus tantum Persidis serviebantur, Babylone natæ uno in horto Bagou: Ita enim vocant Spadones, qui apud eos etiam regnavere.* Para exemplo do grande poder, que os Bagoas, ou Eunucos tiveraõ na Persia, basta saber a historia daquelle, que na Corte delRey Artaxerxes, chamado *Ochus*, era taõ poderoso, que nenhuma cousa se podia emprender sem a sua mediaçaõ. No anno da fundaçaõ de Roma 413. foy General do exercito delRey na Judea, profanou o Templo de Jerusalem, e impoz tributos aos Judeos. Na volta para a Persia matou a ElRey com veneno, e substituhio no seu lugar a Arses, que era o mais moço dos Principes; quatro annos depois, huma leve suspeita o empenhou em dar peçonha ao mesmo Principe seu afilhado; e procurou fazer o mesmo serviço a Dario, successor de Arses. Outro Bagoas, ou Eunuco, torpe valido de Alexandre Magno, com falsas testemunhas foy causa da morte de Orsines, Principe Persiano, descendente de Cyro. Naquelles tempos era muito para admirar o grande poder de homens impotentes. Este ultimo caminhando para o lugar do supplicio, e pondo os olhos em Bagoas lhe disse com indignaçaõ: *Eu já tinha ouvido dizer, que algum dia fora a Asia dominada de mulheres, mas para mim he hoje cousa nova ver dominar na Asia hum infame Eunuco. Quinto Curcio livro 10.*

Bagoe. He o nome de huma Nympha, da qual dizem, que ensinara aos Toscanos a superticiosa arte de adevinhar pelos rayos. Querem alguns, que esta seja a Sibylla Erithrea, por outro nome Herophila. Tem outros para si, que

flore-

florecera depois de Herophila, no tempo de Alexandre, e que he a primeira das mulheres, que pronunciara Oraculos. *Alexand. ab Alex. liv. 13. cap. 16.*

Bagrado. Ha dous rios deste nome, hum na antiga Caramania, que dos montes da dita Provincia, onde tem seu nascimento, vem banhar Pasagarda, e com o nome de Tisindon, desemboca no mar Persico. O outro he rio de Africa, em cujas ribeiras o Exercito Romano, debaixo do mando de Attilio Regulo, teve trabalho em se defender de hũa Serpente de estranha grandeza, cuja pelle, pelo que dizem, tinha cento e vinte pés de comprimento, e por cousa singular foy mandada a Roma. *Bagrada, ou Bragada, ou Pagrada, æ. Plin. lib. 8. cap. 14. Aulo-Gell. lib. 6. cap. 3.*

BAH

Bahama. Ilha da America Septentrional, e huma das Lucayas, cincoenta legoas da terra firme da Florida. Desta Ilha tomou o seu nome o canal de Bahama, taõ celebrado pelo seu fluxo, e refluxo, pela sua grande agitaçaõ, e pelas suas tormentas. Fica este canal entre a Florida, e a Ilha de Cuba.

Bahar. Vid. tom. 1. do Vocabulario. (Bahar, que he hum pezo de quatro quintaes. Barros, Dec. 4. fol. 400.)

BAI

Baias. Cidade. Vid. Bayas.

Bailadeiras se chamaõ na India as mulheres publicas, que habitaõ nos Pagodes, porque todas bailaõ, e cantaõ. *Oriente Conquist. tom. 2. pag. 25.*

Baile. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Parece derivado de *Balatio*, que na baixa Latinidade foy usado por *Baile*, e se deriva do Grego *Ballizo*, Danço. Nos Capitulares de Carlos Magno livro 6. cap. 19. está (*Illas vero Balationes, & Saltationes &c.*)

Baile. Titulo, que se dá aos Embaixadores de Veneza, que residem em Constantinopla. Já no tempo, que os Emperadores Christãos tinhaõ o assento da sua Corte na dita Cidade, chamavaõ-se em Latim *Baiulus*, como quem dissera *Baliô*, e exerciaõ o officio de Consul, e Residente na Porta Ottomana.

Bailheiro. Vid. Ligeiro. (Dous bateis *Bailheiros*. Lopes, Vida delRey D. Joaõ I. part. 2. cap. 135)

Bairaõ. Vid. Bayraõ no 2. tom. do Vocabulario.

Baivo. He o nome de hum falso Nume, que os Lapoens idolatras adoraõ como Author da luz, e do calor. Commummente crem, que he o Sol; outros crem, que he o fogo.

BAL

Balagate. Reyno da Asia, na Peninsula do Indo, àquem do Ganges. He parte do Reyno de Decan. Tem huma Cidade muito mercantil, chamada *Doltabad.*

Balagate, pano. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Balagate Zalina, e Balagate Zagari, saõ huns panos da India brancos, e azuis, muy grosseiros, que se gastaõ em o Reyno de Angola, e na Costa da Mina.

Balanço. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Cousa, que está em balanço. *Res anceps*, Cicero diz, *Anceps causa*, *disputatio anceps*. *Res in ancipiti posita*, he imitaçaõ de Seneca, que diz, *Quos sors iniqua in ancipiti posuit. Lib. de Tranquillitate, cap. 10.* (A cousa estava em *Balanço*. Couto, Dec. 5. fol. 102. col. 2.)

Balandrao. A's capas dos Irmãos da Misericordia lhe chama o vulgo Balandraos. Podia o vulgo com pouca corrupçaõ chamarlhe assim, porque ha bastante fundamento para lhes chamar Balandraõ, e naõ Balandrao. Se bem, que ouço dizer, que em papel de homem douto se acha, que Balandrao he o nome proprio daquellas vestes de hollandilha, de que usaõ os homens da tumba; e às vestes dos Irmãos, lhes chamaõ absolutamente Vestes.

Balaos. Pano Vid. Baldezes infra.

Balares. Derivase do Arabico *Balerari*, que significa *Deserto*. Antigamente os Povos da Ilha de Corsega deraõ este nome aos desterrados; assim mesmo foraõ chamados os que sahiraõ de Carthago, e do termo da dita Cidade, para irem viver nos montes de Sardenha. *Tit. Liv. lib. 41. Cæl. Rhodig. 19. 22.*

Balasio. Pedra fina. Vid. in tom. 1. *Balax*.

Balayo. He a modo de cestinho de vimes pintados, mas tem tapador.

Baldado. Vid. Frustrado tom. 4. do Vocabulario. (Vendo *Baldado* o effeito. Observaç. de Curvo, 470.) Baldada esperança, ibid. 471.

Baldeaçaõ. O Acto de Baldear, *Trajectio, onis, Fem.* Tito Livio diz, *Trajicere de navi in navem malos, antemnas &c.* Cicero usa do substantivo *Trajectio*. (Seraõ todos presentes à dita *Baldeaçaõ*. Foral da Alfandega de Lisboa, cap. 79. mihi pag. 58.)

Baldezes, ou Bernezes, ou Balaos, que he o mesmo que Arganizes, excepto ser o pano mais largo, e mais fino, e o azul mais fechado.

Baldroca. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Vid. Troca.

Tal mudança vay, tal troca;
Se o tempo tange o pandeiro
O mundo todo he Baldroca.
Nem sou cepo, e vi já arneiro
Isto que agora he barroca.

Obras Metricas de D. Franc. Man. 2. 70.

Baldrocar. Trocar drogas. Chulo.

Balegoens. Parece, que antigamente era huma casta de calçado. Na carta em que ElRey de Portugal D. Affonso III. absolveo aos Monges de Alcobaça, da obrigaçaõ de dar aos Reys, em reconhecimento do Padroado, hum par de botas, ou de sapatos à escolha do Rey, e juntamente huns Balegoens, se achaõ as palavras, que se seguem: *Ego Alphonsus, Rex Portugalliæ, & Algarbii promitto, mando, & concedo, quod de cætero nunquam Monasterio Alcobatiæ petam, nec demandem botas, nec* Balegoens, *nec sapatos, sicut hactenus petii, ac demandavi. Livro 1. dourado, fol. 30. no Cartorio de Alcobaça.*

Balhadeira. Vid. Bailhadeira.

Bali. Ilha do mar da India ao Nascente da Ilha de Java, da qual fica separada pelo Estreito de Balambuaõ. Naõ tem mais que quarenta legoas de circuito; mas he muito povoada, porque naõ ha homem, que naõ tenha muitas mulheres. A terra he abundante de todo o genero de fruta, e gado. Tem bosques de larangeiras, cidreiras, romeiras, e muito algodaõ. Tambem tem minas de ouro; mas naõ permitte o Rey que se abraõ, por naõ convidar a cobiça dos Principes visinhos; contentase com a muita baixela de ouro, que tem para o seu uso. A gente he Gentia; cada hum adora ao com que topa primeiro ao sahir de casa pela manhãa. Andaõ desbarbados, porque em apontando na barba hum cabello, o arrancaõ. A Metropoli, da qual tomou a Ilha o nome, he muito fermosa; nella tem o Rey hum magnifico Palacio; raras vezes apparece; com o Ministro de Estado, a que elles chamaõ *Quillor*, e que debaixo de si tem outros Ministros subalternos, se trataõ os negocios. O Povo he amantissimo do seu Rey, e com grande zelo se oppoem a tudo o que póde perturbar a tranquillidade do governo. *Mandesso, Viagem da India.*

Baloucador cavallo. O que anda de trote. O Padre Bento Pereira traz esta palavra na sua Prosodia sobre o Vocabulario Latino *Sucussator*. Deve de ser palavra do Minho.

Baltar. He o nome de humas cepas, que saõ perniciosas na vinha, porque moem de sorte, que se naõ tira dellas proveito. Della casta naõ convem plantar bacello. *Alarte, Agricultura das vinhas, pag. 25.*

Balúma. Cordinha delgada, que corre por huma bainha, na extremidade das velas Latinas.

Bam-

BAM

Bambalhaõ. Que he muito bambo. Termo chulo.

Bambalhona. Cousa feita à bambalhona, ou de Abana mosca, *id est*, feita à pressa. Tambem he chulo.

Bambuâl. Na Historia da Ethiopia Alta, liv. 4. cap. 17. diz o Padre Balthasar Telles, que nos montes do Reyno de Gojaõ, habitados dos Povos a que chamaõ Agaús, ha Bambuaes taõ bastos, e taõ cerrados, que estes lhe servem de vallos, de trincheiras, ainda de muros contra os assaltos dos inimigos; porque por estes Bambuaes fazem elles suas estradas encubertas, seus caminhos estreitos, com tantas voltas, e com taes entradas, e sahidas, com taes giros, e rodeyos, que parecem huns labyrinthos; e em tempo de guerra, recolhidos no meyo, ficaõ cercados, e entrincheirados destes Bambuaes, por espaço de hum terço da legoa, pouco mais, ou menos, e fechaõ os caminhos com arvores grossas, que atravessaõ, e impedem a entrada aos inimigos; além de que os mesmos Agaús, por entre aquelles grandes matos, como feras, entre elles nascidos, e criados, e como ladroens de casa, que lhes sabem todos os cantos, com arco, e frecha ferem, e mataõ muito a seu salvo os que de fóra os pertendem invadir; a estes seus matos, e devezas chamaõ elles *Secutês*. Na India tambem os Bambuaes saõ huma segura defensa, o que visto pelo Conde da Ericeira Dom Luis de Menezes, sendo Vice-Rey daquelle Estado, mandou plantar hum Bambual na Provincia de Salcete, que sendo huma Peninsula, só por aquella parte podia ser invadida, e no principio do Inverno de 1719. ficaraõ pegados todos os Bambuaes.

Bambolaõ.

Bambulím. Humas prégas na saya à moda.

Humas trazem Bamboloens;
E outras vem com Bambolins.

Oraç. Academic. de Fr. Simaõ, pag. 148.

Bambulim tambem he o nome de hum peixe muito sadio da India.

BAN

Banâna. Fruta do Brasil. Nasce em humas arvores de taõ grandes folhas, que cobre cada huma dellas hum homem. Saõ as Bananas do tamanho de maçarocas de milho; outras há mais pequenas, outras muito mayores, mas do feitio de maçarocas; tem por fóra casca branda como a do figo; por dentro he fruta solida, sem caroço, nem peride, he muito doce, e suave, e fruta de todo o anno. Partidas tem por dentro huma figura, como cruz, ou chave de arpa, e esta mostra por onde quer que a partaõ. Humas saõ brancacentas; outras tirantes a cor amarella. A casca he da cor de ouro. Quando o cacho quer brotar a fruta, (e cada hum delles tem quarenta, cincoenta, e mais Bananas) dá gemidos, como mulher, que quer parir. Na Bahia he opiniaõ commum, que esta fruta foy a que Deos prohibio a Adaõ no Paraiso. Na India as Bananas se chamaõ Figos. Os de Assar, que saõ do Norte, saõ mayores; os de Baniane saõ mais pequenos, e frios; os de Açucar saõ mais doces, e sadios; os de Cadelins saõ muy pequenos, e cheirosos, e mais agradaveis.

Banana se chama por desprezo o froixo, e para pouco.

Bananeira. A planta, que dá bananas.

Banazôl. Dizemos por escarneo, e desprezo a homem de pouca consideraçaõ com analogia, e poderá ser por derivaçaõ do Grego *Banausos*, que he o que ganha sua vida por officio vil, e sordido.

Banca. Jogo de parar, inventado para destruiçaõ das familias. Poemse o Banqueiro (que costuma ter grande resto de dinheiro diante, para avaliar ao cabedal de todos os outros) com o maço de car-

tas

tas viradas para baixo, escondidas, da parte de cima deita huma para a parte direita, e outra para a parte esquerda: os pontos, que saõ os que paraõ, poem huma carta, ou as que querem, e em cada huma paraõ hum cruzado, quarto, moeda, ou o que querem; e se o Banqueiro lança a carta, em que os outros paraõ para a maõ direita, ganha; se para a maõ esquerda, perde; mas ganha com a primeira, e naõ perde com a ultima; e nas empatadas ganha ametade; e nisto leva taõ grande avanço, que naõ ha mayor corriola.

Bancada. Certo numero de bancos, que se poem nas Igrejas para os Musicos, e seus instrumentos. *Sedelia, ium, Neut.* ou *Scamna, ad sedendum apta.* (Da mesma parte estava a *Bancada* para os instrumentos. Relaçaõ do Certame dos Academicos Applicados, no Convento de nossa Senhora da Graça, pag. 1.)

Bancaes, ou Banquiles, saõ huns panos grosseiros, que se tecem em Cambaya, e servem de cobrir cestos, ou camas. *Præparant & alia viliora Banquays vocata, in modum panni ex Scotia, lineis picti, ad tegumenta cistarum, ac lectorum. Histor. Indiæ Orientalis, tom. 8. pag. 13. col. 1.* Vid. Bancoas logo mais abaixo.

Banco. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Fazer banco roto, he de Agostinho Barbosa, no seu Diccionario, por Quebrar o credito, e levantarse com as dividas. Vid. Quebrar, tom. 5. do Vocabulario. Banco roto neste sentido, he tomado do Francez *Banqueroute.*

Banco de Pinchar. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Em Francez *Lambel*, ou *Brisure.* Os Padres Pomey, e Gaudin lhe chamaõ em Latim, *Scutum gentilitium segmentis adscititiis distinctum, vel typis adventitiis notatum. Est minorum natu peculiare; majorum verò plana, & hujusmodi sectionis expers Tænia transversa in capite scuti cum tribus veluti guttis architectur e, utrinque in extremo, & medio pendentibus.* O nosso Banco de Pinchar naõ he isto.

Bancoas, ou Bancaes de Carrapichana. Saõ hũas cuberturas de laã com listras de varias cores, e se chamaõ de Carrapichana, porque dizem se principiaraõ a fazer em lugar assim chamado.

Bandarim. Palavra da India. O Gentio, que tira a sura das palmeiras, se nomea *Bandarim*, ou *Sudro. Vergel das Plantas, de Fr. Jacintho de Deos, fol. 73.*

Bandeira. As bandeiras dos Romanos eraõ differentes, e os que as levavaõ, tinhaõ differentes nomes. Os que levavaõ na bandeira a imagem do Principe, se chamavaõ *Imaginiferi.* Os que na bandeira levavaõ huma maõ estendida, symbolo da concordia, *Signiferi.* Na sua bandeira levavaõ outros huma Aguia de prata, e se chamavaõ *Aquiliferi.* Em outras bandeiras se via a figura de hum dragaõ, com cabeça de prata, e o restante do corpo de tafetá, que ao impulso do vento se meneava como dragaõ; os que levavaõ esta bandeira se chamavaõ *Draconarii.* O estandarte, que se levava, quando o Emperador hia à guerra, era de cor de purpura, com franja de ouro, e era guarnecido de perolas, chamavase *Labarum*; e os que o levavaõ *Laboriferi.*

Escrever em bandeira. Vid. Bandeira, tom. 2.

Bandel. He palavra da Asia, quer dizer o mesmo que Bairro, Districto de huma naçaõ Estrangeira, tolerada em outro Paiz, donde logra privilegios; e assim os Portuguezes tem Bandel nos Reynos de Bengala, e Siaõ, donde ha Capitaõ mór, nomeado pelo Vice-Rey da India, o qual julga as causas movidas de hum Christaõ a outro, e faz respeitar aos Ministros Evangelicos pelas justiças da terra.

Bandins, ou Bandis. Palavra da India. Saõ os quinhoens, e certo numero, em que se reparte a vargia.

Bando. Cidade, e Reyno da India nos estados do Mogor, entre Delli, e Agra. De mais da Cidade, Cabeça do Reyno, tem *Touri, Moasta &c.* e Asmere, Cidade naquellas partes muy nomeada,

meada por ser sepultura de hum certo *Hogue Moudee*, a que os Mahometanos veneraõ como varaõ Santo. Dizem, que o Rey Ekbar fora a pé desde Agra até à dita sepultura, para com suas oraçoens alcançar hum successor.

Bando, na India se chama o vallado da vargia.

Bandoleiro. He o nome de huns ladroens nos montes Pyreneos, para o Ruisselhon, dos quaes o Almirante apanhou os mais valentes, para aggregallos aos soldados do seu Exercito. Deraõlhes este nome, tomado da palavra *Vando*, que segundo a pronunciaõ os Gascoens, he *Bando*, que quer dizer *Funçaõ*. Tambem foraõ chamados *Pedrinals*, em razaõ de huma casta de arcabuzes, com que atiravaõ, encostandoas no peito, ou porque fizeraõ à sua primeira vivenda entre penedos, que os Castelhanos chamaõ Pedernales. Vid. Bandoleiro, tomo 2. do Vocabulario.

Bandulho. Termo chulo. Vid. Barriga. Vid. Ventre.

E eu desse Leitaõ tomara
Todo o Bandulho, *naõ, basta a cabeça.*
Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 185.

Bandurias. O mesmo que Peliona. Tomar as Bandurias por alguem, *id est*, Tomar a Peliona por alguem.

Bandurra, ou Bandorrilha. Vid. tomo 2. do Vocabulario. Os antigos Escritores diziaõ Pandura, e *Pandurium*, e diziaõ, que era instrumento musico de tres cordas, e por isso lhe chamavaõ *Trichordum*, *id est Organum, tribus nervis constans*. Querem alguns, que *Pandura*, seja palavra Chaldaica, porém naõ he Causobono deste parecer. Isidoro poem *Pandurium* entre os instrumentos de assopro.

Banha. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Banha de flor. Termo de Boticario. Fazse com flor de laranja, limpa de pés, e botoens, infundida em manteiga de porco lavada, exposta ao Sol alguns dias, derretida depois, e coada por hum pano, com outra tanta flor accrescentada, e misturada na mesma manteiga, tambem exposta ao Sol, e outra vez coada, e botada fora esta flor, se lhe ajunta terceira flor, e depois de andar outra vez ao Sol, se poem em tacho ao lume a ferver até gastar a humidade, e depois de se lhe botar hum bocado de gingivre de dourar, para lhe dar boa cor, e outra vez coada, se bota em panella nova. e se guarda para a occasiaõ. *Adeps suillus malorum aureorum floribus medicatus.* (Mandou frigir humas folhas de erva Santa em Banha de flor. *Observaç. de Curvo* 283.

Banharèa. Cidade Episcopal de Italia, na terra de Orvieto, do Estado Ecclesiastico. He illustre, por ser Patria de S. Boaventura. *Balneum Regis*, ou *Balneo Regium*. Diz Paulo Diacono, que Desiderio, Rey dos Longobardos mandara, que lhe chamassem Rhoda.

Banho. Vid. tom. 2. do Vocabular.

Banho de Maria. Em muitas destillaçoens, e operaçoens chimicas he usada a palavra *Banho*, fallando em materias capazes para fomentar hum calor brando; e assim *Banho de cinzas*, he quando poem o vaso, em que querem destillar alguma materia sobre cinzas, com fogo debaixo dellas. *Banho de area*, tambem chamado *Banho de Separaçaõ*, he quando se poem o vaso sobre area, e *Banho de Limaduras*; quando sobre limaduras se poem; *Banho de Maria*, he quando se poem em agua quente. A este ultimo chamaõlhe em Latim *Balneum Mariæ*, chamaõlhe outros *Balneum maris*. Tambem ha hum banho vaporoso, que dá menos calor. (A destillaçaõ da borra do vinho, para agua ardente naõ se póde fazer por *Banho de Maria*, porque naõ tem actividade para fazer exhalar os espiritos, que he o de que se compoem este licor. *Alarte, Agricultura das vinhas*, 214.

Banqueiro. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Banqueiro no jogo da Banca. Vid. supra Banca.

Banquete. Vid. tomo 2. do Vocabulario.

Banquete esplendido, magnifico, e abun-

abundante. *Pollučtum*, i, *Neut.* Aos banquetes, que antigamente os Romanos faziaõ em honra de seus Deoses, se deu este nome, derivado do verbo *Pellucere*, luzir muito, porque neste genero de solemnidade *Lumina admodum lucerent*, ou porque (como advertio Perotto) *Splendor epuli pelluceret.* Tratou o Rey Numa, de remediar o excesso dos gastos nos banquetes, consagrados aos Deoses, contra os que naõ reparavaõ na profusaõ dos banquetes publicos, em que todos eraõ admittidos. *Numa est commentus, ut convivia privata, & publica, cenæque ad pulvinaria faciliùs compararentur, ni qui ad pollučtum emerant, pretio minùs parcerent. Plin.*

Bantaõ. Vid. tomo 2. do Vocabular. O Rey de Bantaõ, que de toda a Ilha he o mais poderoso, tem seu Palacio, fortificado a modo de Praça darmas. As ruas, ainda que naõ calçadas, saõ limpas, porque saõ cubertas de area. O sino mayor da Cidade, he do tamanho de hum grande tonel, em que daõ com hum varaõ de ferro pela manhãa, pelo meyo dia, e em caso de rebate. Todos os nobres tem nas portas das suas casas hum corpo de guarda, e muitos escravos, que de dia, e de noite estaõ em vigia para a conservaçaõ de seu Senhor, porque nenhum delles vive taõ seguro, que se naõ recee de algum seu inimigo. Os Portuguezes, Francezes, Hollandezes, Indios, e outros Estrangeiros tem fóra da Cidade a sua vivenda. Os pays casaõ suas filhas desde a idade de oito annos, naõ só porque o clima he muito calido, mas principalmente porque o Rey he herdeiro dos bens daquelles, que na morte deixaõ filho menores; a todos elles, quer homens, quer mulheres, como tambem aos mais domesticos dos defuntos faz seus escravos. O dote das moças nobres, quando casaõ, consiste em huns escravos, e humas tantas *caixas*, cujo numero he reputado por grande, quando chega a trezentas mil, que fazem da nossa moeda algumas vinte, e tres patacas. Nos Tribunaes da sua justiça, o supplicio dos criminosos, he atallos a hum poste, e matallos de huma facada. Os Estrangeiros com particular privilegio, naõ tem pena de morte, chegando a provar, que naõ mataraõ a sangue frio, e de pensado. O Conselho Real se ajunta debaixo de huma arvore muito grande, ao luar, e nelle assistem mais de quinhentas pessoas, que só ao desapparecer da Lua, se apartaõ. Os Cavalheiros andando pela Cidade, fazem levar diante de si hum pique, e huma espada em huma bainha negra; a traz delles vem muitos escravos, e hum delles com hum chapeo de Sol. A' vista deste apparato toda a gente miuda se afasta, e assentada nos calcanhares espera, que o fidalgo passe. Na rua todos andaõ descalços, e entre elles seria deshonra andar pela Cidade com sapatos; nas suas casas sim, muitas vezes andaõ calçados. Junto do Palacio do Rey, ha huma grande Mesquita, ou Templo; e cada Senhor tem sua Mesquita particular na sua casa.

BAR

Bar. Peso na India. Vid. tomo 2. do Vocabulario. O Bar de Banda he de cinco quintaes, huma arroba, e dez arrateis. *Dec. 4. de Diogo do Couto, fol. 165.*

Barafustar. Vid. no tomo 2. do Vocabulario. (Ao *Barafustar* dos cavallos, recebeo o seu tamanha pancada. *Decad. 7. de Couto, pag. 228. col. 3.*)

Barathro. He tomado do Grego *Barathron.* Era na Grecia, no termo de Athenas, huma cova muito profunda, na qual costumavaõ lançar os criminosos. Era guarnecida de pedras ao redor, a modo de poço, com ganchos de ferro, cujas pontas olhavaõ para cima, ou estavaõ de ilharga, para prender o criminoso em cahindo. Entre os Gregos este nome he commum para todo o genero de voragens, grandes aberturas, e concavidades da terra. Delles o tomaraõ os Latinos no mesmo sentido, como

como tambem no sentido figurado, como se vê nestes versos de Horacio, que fallando em hum grande comedor, dizia:

Pernicies, & tempestas, Barathrumque macelli,
Quidquid quæsierat, ventri donabat avaro.

Tambem usa Plauto deste termo, encarecendo a insaciavel sensualidade de huma mulher:

O Barathrum ubi nunc es? ut ego te usurpem libens.

Barba. Vid. tomo 2. do Vocabulario. Muito tempo estiveraõ os Romanos sem se barbear. Naõ se sabe precisamente o tempo, em que principiou este costume. Ainda assim parece, que já no anno 369 da fundaçaõ de Roma, a gente se barbeava; porque Tito Livio, fazendo mençaõ de Manlio Capitolino, que foy aprisionado, diz, que a mayor parte do Povo, sentido da desgraça da sua prizaõ, deixou crescer a barba, e o cabello. Supposto isto, naõ havendo occasiaõ de luto, naõ havia barba crescida. Com tudo affirma Varro, que no anno de 454. appareceraõ em Roma os primeiros barbeiros, os quaes vieraõ de Sicilia, trazidos por hum certo homem, chamado *Ticinio Menas*. Daquelle tempo por diante começaraõ os moços a exercitar as tesouras nos cabellos, e as navalhas na barba; porém só atè à idade de quarenta e nove annos, (segundo escreve Plinio) era licito este acceyo; e os moços se naõ faziaõ barbear, se naõ na idade de vinte, ou vinte e hum annos. O dia da primeira barba era para elles de grande festejo; em huma caixa de ouro, ou prata metiaõ este primeiro cabello rapado, e faziaõ delle hum donativo a alguma das suas Deidades, particularmente a Jupiter Capitolino, como do Emperador Nero escreve Suetonio. De Scipiaõ Africano se escreve, que todos os dias se fazia rapar. A barba he ornamento do homem, como sinal do sexo, e animo viril. *Barba, signum viri*, diz Musonio. Ao Bode dá a barba confiança para ir diante do gado. He advertencia de Eliano, *Hircus gregem, & ipsas capras antegreditur barbæ fiduciâ*. Tambem do Bode diz Marcial, que he animal muito prudente, porque para se naõ fazer rapar, traz a barba crecida, que na maõ do barbeiro, a navalha he para as guelas instrumento muy perigoso.

Morrem barbas, apparecem cartas.

Comer à custa da barba longa. He sustentarse à custa alhea.

Barbar. He de Agostinho Barbosa, no seu Diccionario, por começar a criar barba. *Pubescere. Cic. Virgil.*

Barbaría. O comprimento das terras de Barbaria, desde o Occano Atlantico, atè ao Egypto, he de seiscentas legoas de Alemanha; a sua largura, começando do monte Atlas, atè o mar Mediterraneo, he de oitenta legoas, mas interruptamente, hora mais, e hora menos, segundo a mayor, ou menor distancia das costas, e dos montes. Outros fazem a extençaõ da Barbaria muito mayor, a saber de mil e duzentas legoas de Hespanha, tomando da Cidade de Messa para o Oceano, atè Tripoli, e ainda a este comprimento se lhe póde accrescentar o que fica entre Tripoli, e o Deserto da Barca, que comprehende o espaço de algumas duzentas milhas. Os costumes mais notaveis dos Povos de Barbaria saõ estes. Póde hum homem ter muitas mulheres no mesmo tempo; huma dellas, para muitos he a mulher legitima, mas no mesmo tempo sustentaõ muitas escravas, e concubinas. Na presença dos homens toda a mulher casada, ou donzella, tem a cara cuberta de hum veo; o mesmo noivo naõ vê o rosto de sua esposa, se naõ a noite da boda. Os Medicos da terra saõ homens magicos, e feiticeiros, que curaõ as doenças com caracteres, e palavras tomadas do Alcoraõ. Tambem quando estaõ doentes, mandaõ pôr varios comeres sobre as sepulturas dos Marabutos, que saõ os Santos da sua ley; se chegar algum animal a comer delles, tem para si, que para o dito animal passará o mal, e

que elles fararáõ. Summamente aborrecem juramentos, e blasfemias; nas linguagens, de que usaõ, Africana, Turquesca, e Arabica, se tem observado que naõ ha palavra alguma injuriosa a Deos. Nas suas contendas raras vezes vem às mãos, muito menos a homicidios. Saõ muy pundonorosos, e zelosos da castidade, e honra de suas mulheres. Os que vivem no monte, ou debaixo de tendas, no campo, como os Arabios, e os pastores, saõ laboriosos, valentes, brandos, e liberaes; pelo contrario os que moraõ nas Cidades, saõ cobiçosos, avarentos, vingativos, e falsos. De negocio sabem pouco, ainda que negoceem muito. Muitos se daõ às boas Artes, à historia, e intelligencia de sua ley. Algum dia se applicaraõ ao estudo da Filosofia, Astronomia, e Mathematica; mas de alguns quinhentos annos, que seus Principes lhes prohibiraõ as Sciencias, se deraõ às armas. No tocante à Religiaõ, o Marabuto, ou Morabuto, que he o Sacerdote, faz na Mesquita a oraçaõ, e o Povo repete as mesmas palavras: chamaõ a esta oraçaõ *Sala*. Tem humas como contas de cem graos de coral, todos iguaes, e quando rezaõ, a cada graõ dizem *Sta-fer Lach*, isto he, *Deos me conserve*. Para evitarem distracçoens na oraçaõ, naõ permittem, que as mulheres entrem nas Mesquitas. A cabeça dos seus Morabutos, ou Sacerdotes, e dos seus Santoens, ou Religiosos, se chama *Muphti*. Estes Santoens pela mayor parte saõ Magicos, e taõ grande respeito lhes tem os Mouros, que para os criminosos saõ valhacoutos as suas cellas, ou aposentos, que ficaõ pegados às Mesquitas, ou solitarias no campo. Depois de mortos, saõ venerados como Santos, e diante das suas sepulturas lhe acendem muitas alampadas. A sua grande festa he a do nascimento de Mafoma; celebrase aos cinco de Setembro com grande pompa; cantaõse pelas ruas os louvores do falso Propheta; e os que cantaõ, saõ seguidos de grande numero de tangedores de varios instrumentos. Fazse esta festa de noite, por ser a hora do nascimento de Mafoma, com muitas luminarias, particularmente nas encruzilhadas. Dura este festejo o espaço de oito dias, e neste oitavario a todos, tambem aos Christãos, he licito andar de noite pelas ruas, o que em outro tempo, sob pena corporal, he prohibido. Para chorar a morte dos seus defuntos, costumaõ os parentes acceitar humas pranteadeiras, que com gritos medonhos se carpem, e arranhaõ a cara. Nas suas Mesquitas naõ se enterraõ; tem no campo seus cimiterios, e estes murados, e floriferos para o adorno, ou para significar a fragilidade da vida. Na palavra Barbaros achará o leitor a derivaçaõ de Barbaria.

Barbárico. Vid. Barbaro.

Do Goliat Barbarico, *e soberbo.* Faria, Fonte de Agan. livro 1. Cant. 6. Son. 68.

Barbaros. Na Grecia, segundo refere Eustathio, os que principalmente chamavaõ *Barbaros* aos Estranhos, eraõ os Lacedemonios. Até o Apostolo S. Paulo, conformandose com o uso daquelle tempo, chama *Barbaros* aos Povos, que naõ eraõ naturaes da Grecia. *Ut verò viderunt* Barbari *pendentem bestiam de manu ejus, ad invicem dicebant, &c. Act. Apostol. cap.* 28. *v.* 4. Por esta mesma razaõ quer Fausto, que Plauto chame Barbaro ao Poeta Nevio, porque era Latino, e naõ Grego e quando no Prologo da Comedia, intitulada *Asinaria*, se lem estas palavras *Marcus vertit barbarè*, ellas querem dizer, *Plauto traduzio em Latim*; como tambem na Comedia dos Cativos do mesmo Plauto, *Jus Barbaricum*, quer dizer o *Direito Latino*. Finalmente recorrendo à etymologia, no livro 2. de *vitiis Sermonis*, cap. 1. diz Vossio, que a palavra Barbaro se deriva de *Bar*, que no idioma Chaldaico, quer dizer, *Cousa, que he de fora*, ou *Estranho*, e no Arabico, *Bar*, ou *Ber*, val tanto como *Deserto*. Derivaçaõ, que se póde accommodar com os grandes descampados

faziaõ de hervas; naõ tinhaõ ferro, porque em lugar delle usavaõ de cascas de amejoas, e de ostras, com que cortavaõ as cousas que queriaõ. Pescavaõ em humas almadias de madeira de pinho, de que havia muitas nas Ilhas; o seu paõ eraõ cocos, seccos ao Sol, a que na India communmente chamaõ *Copra.* Comiaõ hervas pisadas, e naõ usavaõ fogo, porque nunca o viraõ, senaõ depois que estes da Companhia de Sayavedra lho ensinaraõ a fazer, e comeraõ até entaõ peixe cru. *Diogo de Conto, tomo 4. livro 4. fol. 74.*

Belides. He outro nome das Danaides, filhas de *Belo*, cognominado o Antigo, e netas delRey Danao, as quaes foraõ cincoenta, e na primeira noite das suas bodas mataraõ a seus maridos, filhos delRey do Egypto, excepto huma dellas, chamada *Hypermnestre*, que naõ tirou a vida a Lynceo, seu marido. *Belides, um. Fem.* He de Ovidio, que diz:

Assiduò repetunt, quas perdunt Belides undas.

Vid. mais abaixo Danaides.

Belís, ou Beliz. Termo chulo, e de desprezo das pessoas, como quando dizemos, *Fulano he hum Belis.* Os Francezes dizem *Belitre*, e segundo Cobarruvias, no seu Thesouro, os Castelhanos usaõ do mesmo vocabulo no mesmo sentido. Da derivaçaõ de *Belitre*, e pelo conseguinte, do seu derivado, *Belís*, naõ he facil dizer cousa certa. Nas suas Etymologias diz Menage, que he a palavra, que tem produzido mayor numero de opinioens. Huns derivaõ Belitre de *Balatro*, outros de *Baratro*, outros do Grego *Blitei*, e outros de outras palavras, todas significativas de cousas de pouca, ou nenhuma entidade. No livro das Etymologias Menagianas escolherá o Leitor a que lhe parecer mais propria. Mas advirto, que no dito livro, as Etymologias de *Belitre*, que Cobarruvias traz no seu Thesouro, e outras vem absolutamente reprovadas. Tambem advirto, que em alguns lugares da Etymologia de *Be-letre*, vem este vocabulo com hum S no meyo, que pronunciado faz *Belistre*, do qual nome, tiradas as tres ultimas letras, resulta o nosso *Belís.*

Beliscar. Vid. tomo 2. do Vocabulario. Beliscar. Bulir, Tocar, Agatanhar. Beliscar no paõ, tocar nelle, tirando algum bocadinho. *Panem vellicare.* Tem este verbo analogia com *Beliscar*

Beliscar no ferrolho. Diz-se de quem levemente bole na porta de alguem, para ver se está na casa.

Belisco. A acçaõ de beliscar. *Vellicatio, onis, Fem. Seneca.*

Belisco. Bocadinho. Pedacinho. Belisco de paõ. Termo chulo. *Panis frustulum, i, Neut.* Este diminutivo he de Plauto.

Belladona. Planta, a que os Italianos deraõ este nome, como quem differa, *Bella dama*, porque della se valem, ou se valiaõ as Damas em algum requisito para a belleza. Deita esta planta muito talo, redondo, ramoso, e vestido de folhas, que se parecem com as do *Solanum* ordinario, mas duas, ou tres vezes mayores. As flores saõ da cor de purpura escura, e do feitio de sino, mas ordinariamente retalhado em cinco partes. Naõ se usa della, senaõ exteriormente para inflammaçoens. Tem virtude narcotica, mitiga as dores, e resolve os tumores; nunca se ha de dar a tomar por boca, porque seria causa de hum sono mortal. *Belladona* (diz Tournefort) *est plantæ genus, flore monopetalo, campaniformi, & multifido, ex cujus calice surgit pistillum, posticæ floris parti adinstar clavi infixum, quod deinde abit in fructum, & mollem, septo intermedio, in duo loculamenta divisum, & seminibus fætum.* Bahuino, e outros Hervolarios lhe chamaõ *Solanum*, e alguns com mayor distinçaõ *Solanum hortense, solanum somniferum, Solanum lethale.*

Belladona. Tambem ha cravo deste nome.

Bellagarça, ou Bellagarta. Passaro pernalto da India Oriental. Vi hum

no

no jardim da quinta, que foy do Conde de Aveiras; come todo o bicho, que topa.

Bellagarda. Vid. Bellegarda.

Bellas. Villa de Portugal, na Estremadura, legoa e meya de Lisboa; he cercada de muros com suas torres. Hoje saõ Senhores della os Condes de Pombeiro, e nella tem seu Palacio, junto a huma grande quinta murada, e regada de aguas nativas, que a fazem muito fertil, e amena. Foy da Familia dos Correas.

Bellatrice. Guerreira. *Bellatrix, icis, Fem. Virgil.*

Governava os Reynos abundantes
Da Bellatrice *Hespanha ElRey Rodrigo.*

André da Sylva Mascar. destruiçaõ de Hespanha, liv. 1. oitav. 24.

Bellerophon. Val este nome o mesmo, que *Homicida, ou matador de Bellero.* A razaõ deste nome he, que este chamado *Bellerophon*, tinha morto a *Bellero*, hum dos mais graves Cidadãos da Cidade de Corintho, donde foy obrigado a sahir, e passar para Argos. Para naõ confundir o falso com o verdadeiro, diremos em primeiro lugar o que delle diz a Fabula: terá depois seu lugar a historia. Procto, ou Proclo, Rey de Argos, recebeo com agrado a *Bellerophon* fugitivo, mas pouco tempo durou este bom acolhimento, porque *Sthenobéa*, filha de Jobates, Rey da Lycia, e mulher do dito Rey Proclo, namorada de Bellerophon, e mal satisfeita da sua esquivança, para se vingar delle, o accusou a ElRey seu marido, de haver tentado violar o Real decoro da sua honra. ElRey indignado da temeridade deste crime, por naõ quebrar a ley da hospitalidade, e faltar ao direito das Gentes para honradamente se ver livre delle, o enviou ao Rey Jobates, seu sogro, e pay de Sthenobéa, com cartas, em que lhe encommendava, que o mandasse matar. Daqui se originou o adagio *Litteræ Bellerophontis*, por cartas prejudiciaes aos que as entregaõ. Jobates por comprazer a ElRey seu genro, expoz a vida de Bellerophon em grandes perigos; mandoulhe, que combatesse a Chimera, monstro horrivel, a que ninguem se atrevia; e (segundo escreve Homero, livro 5. da Illiada, vers. 160. &c.) foy obrigado a guerrear com os Solymeos, e com as Amazonas, e com Assassinos, que o esperavaõ em ciladas para o matar; mas com o favor dos Deoses venceo a Chimera, e de todos os seus inimigos triunfou taõ gloriosamente, que o mesmo Rey Jobates admirado do seu valor, lhe deu a sua filha por esposa. A tudo isto accrescenta a Fabula, que querendo remontarse ao Ceo, no cavallo Pegaso, em castigo da sua ousadia, Jupiter o precipitara a hum valle, e que feito cego da queda, acabara seus dias errante, e vagabundo por este mundo. A Mythologia desta fabula de Bellerophon, e da Chimera he esta. Bellerophon foy hum moço da Cidade de Corintho, bem apessoado, e muito fermoso. Aparelhou hum navio, a que elle chamou Pegaso, e foy correr a costa da Phrygia, aonde naquelle tempo reynava *Amisodar* junto ao rio Xantho, ao longo do qual se levantava hum monte, a que os moradores chamavaõ *Thelmissa*, ao qual os do campo podiaõ sobir por dous lados. Pela parte da Cidade havia bons pastos; mas pelo lado, que olhava para a Provincia da Caria, tudo era deserto, e inaccessivel; via-se no meyo huma voragem, da qual por intervallos sahiaõ fumosas exhalações com globos de fogo. Com este monte pegava outro, chamado *Chimera*, em cima do qual havia hum leaõ, e ao pé do mesmo monte huma serpente, que dava muito trabalho ao gado, aos pastores, e a toda a visinhança. No navio, chamado Pegaso, pela ligeireza com que voava, cortando os ares, e as ondas, aportou Bellorophon na dita costa, poz fogo nas matas dos dous montes, e morreraõ no incendio as duas feras. Deu este acontecimento lugar à Fabula, para dizer, que Bellerophon, montado no cavallo Pegaso, matara a Chimera de Amisodar.

Bel-

Bellerophon, ontis. Masc. Manil. *Bellerophontes, æ,* Masc. he para os Poetas. Cousa de Bellerophon. *Bellerophonteus, a, um.* He de Propercio, que diz, 3. Epigram. 1.

Bellerophontei, quâ fluit humor equi.

Bellona. Derivase do Latim *Bellum*, Guerra; he o nome da Deosa da guerra, mulher, mãy, ou ama de Marte; querem alguns, que esta mesma seja *Minerva*, ou *Pallas*, e por isso a pintaraõ alguns como Pallas, com hum pique na maõ. Foy esta fabulosa Deidade taõ venerada dos Cappadocios, que lhe edificaraõ hum Templo em Comani, Cidade da Asia, na Provincia do Ponto. Os Sacerdotes deste Templo eraõ os primeiros Ministros de Estado, e abaixo dos Reys os mais respeitados. Appio Claudio, que depois perdeo a vista, por haver (como o entendia a superstiçaõ dos Antigos) profanado o Sacerdocio de Hercules, lhe edificou em Roma hum Templo, promettido com voto na batalha dos Samnitas, (Povos de Italia, que naquelle tempo eraõ Senhores do Paiz, que hoje he do Ducado de Benavente, terra de Labor, &c.) Neste Templo, fabricado no Circo de Flaminio, junto à Porta Carmental, se dava audiencia aos Embaixadores Estrangeiros, e nelle se viaõ pendurados escudos, broqueis, e outras armas, como as dos mayores de Appio, o qual pelo que affirma Plinio. *Posuit in Bellonæ æde majorum suorum clypeos.* Junto a este Templo havia huma columna chamada *Bellica*, por cima da qual os Consules, ou Feciaes lançavaõ hum dardo, quanto mais longe podiaõ, como se quizessem entrar as terras do inimigo, e declararlhe guerra. Celebravase a festa desta Deosa no dia quarto antes das Nonas de Junho, porque em tal dia lhe dedicara Appio hum Templo. Os seus Sacerdotes, que do seu nome eraõ chamados *Bellonarii*, com incisoens, ou cortes, que se davaõ nas carnes, de todas as partes faziaõ correr sangue, para applacar com este sacrificio a ira deste Nume. Nas contingencias da guerra, eraõ tidos por Profetas; e com espadas nuas nas mãos, pareciaõ arrebatados do furor, para pronosticar os futuros, que a sua Deosa lhes inspirava. Assim o declara Tibullo nestes versos:

Hæc ubi Bellonæ motu est agitata, nec acrem
Flammam, non amens verbera torta timet.
Ipsa bipenna suos cædit violenta lacertos
Sanguineque effuso spargit inepta Deam.
Statque latus præfixa veru, stat saucia pectus,
Et canit eventus, quos Dea magna movet.

Foy Bellona variamente representada dos Antigos. Huns a pintaraõ com hum pique na maõ; outros com huma trombeta, e hum açoute, e algumas vezes com huma tocha accesa, e cabello solto, a modo de furia:

Ipsa facem quatiens, & flavam sanguine multo
Sparsa comam, medias acies Bellona pererrat.

Staço, e Silio Italico.

Belo, ou Bel, ou Beel. Nos Authores antigos grande confusaõ causa a variedade destes nomes. Sem razaõ querem alguns, que *Bel*, ou *Belo* seja *Nimrod*, o qual reynou logo depois do diluvio, da confusaõ das linguas, e do frustrado intento da Torre de Babel. Em Babylonia (segundo Usserio) começou Belo a reynar, anno da Creacaõ do Mundo 2682. e morreo depois de hum reynado de sessenta e cinco annos. Depois de morto, foy adorado como hum Deos. Nino, seu filho, e successor no Reyno, lhe mandou edificar hum Templo, e lhe consagrou Sacerdotes, que lhe offerecessem sacrificios. Daqui tomou principio a Idolatria, ao menos a que dominou depois do diluvio; se bem alguns Authores o attribuem a Sarug, filho de Ragau, pay de Nachor, do qual nasceo Tharè, a quem devia Abrahaõ a vida. De Belo, isto he o que se acha em

Eusebio *Chronic.* e *libro 9. Præparat. Evang. cap.* 4. e em Santo Agostinho *liv.* 18. *da Cidade de Deos cap.* 2. 17. e 21. Hesychio nos diz, que por *Belo* entendiaõ os Antigos o Ceo, ou a Jupiter; e que o Sol era chamado *Bela.* S. Jeronymo, e Santo Isidoro saõ de opiniaõ, que Saturno foy chamado *Belus.* Herodiano, na vida de Aureliano affirma, que os Povos de Aquilea chamavaõ ao Sol *Beles.* Em algumas inscripçoens, e manuscritos, o Sol he chamado *Belinus*, e *Belenus.* O Deos Baal, e Baalphegor, dos quaes se faz mençaõ no antigo Testamento, era o mesmo Belo, que foy o primeiro Author da Idolatria, e do Sacerdocio dos Chaldeos. Tambem ha outro Belo, filho de Neptuno, que casou com Isis, depois da morte de Apis, seu primeiro marido, reynando Cecrops em Athenas; este teve dous filhos, a saber, *Egyto*, e *Danao*, e esta he a razaõ porque as cincoenta filhas deste *Danao* foraõ chamadas *Belides.*

Belo. Rio da Fenicia, na Syria. Sahe da lagoa Cendevia, e corre rodeando hum valle, onde (segundo escreve Plinio) foy a primeira vez achado o vidro. Ajuntase neste lugar huma notavel quantidade de area, que se converte em vidro, e o que ainda he mais notavel, he que a area, que a calidade do lugar havia feito transparente, lançada fóra dos limites do valle, perde a sua transparencia. Esta mina de area naõ se esgota, ainda que se tire muita, e della se carreguem muitos navios, porque do alto dos montes visinhos, os ventos impellem pelos ares tanta, que em breve tempo se enchem as covas, que ficavaõ. Neste admiravel valle, naõ só se muda a area em vidro, mas qualquer outro metal, deixado no dito lugar algum tempo, experimenta a mesma mudança. *Euseb. Nieremb. De Mirabilibus terræ Prom. Plin. lib.* 2. *Joseph. lib.* 2. *De Antiquit. Jud.*

BEM

Bem. Vid. Tom. 2. do Vocabulario.

Bem. Ironia de quem reprova o que ouve dizer, v.g. Dizeis, que me haveis de mandar citar? Bem. Tambem he termo de zombaria, de galantaria, e de outras cousas semelhantes.

Outros Adagios Portuguezes do Bem.

Bem ama, quem nunca se esquece. Bem parece o rego entre mim, e meu companheiro. Bem sabe o asno, em cuja cara rosna. Bem estavas em teu ninho, passaro pinto. Bem sabe a rola, em que maõ pousa. Bem canta Martha, depois de farta. Bem sabe o bom bocado, se naõ custasse caro. Bem se lambe o gato depois de farto. Bem come o villaõ, se lho daõ. Bem canta o Francez, papo molhado. Bem sey o que digo, quando paõ pido. Deitate a enfermar, saberás quem te quer bem, e quem te quer mal. Naõ dá quem tem, se naõ quem quer bem. Bailo bem, deitaisme do corro. Bem baila a quem a fortuna faz o som. Bem joga o da pella, mas perdea ella. Bem haja o paõ, que presta. Bem comprar, he gentileza, mal comprar, naõ he fraqueza. Bem estamos de roupa, se nos naõ molharmos. Donde esperança homem naõ tem, ás vezes lhe vem o bem. Bem parece o ladraõ na forca. Bem perdido, he conhecido. Vaise o bem para o bem, e o mal para quem o tem. Bem parece o dinheiro entre mim, e meu companheiro. Mais custa mal fazer, que bem fazer. Bem vay ao Romeiro, se lhe esquece o bordaõ. Bem perdido he, quem traz o perdido anda. Bem sabe o demo, cujo fragalho rompe. Bem sabe a espinha, onde finca. Bem sabe o fogo, cuja casa queima. Bem cego he, quem muito vê por ante peneira. Bem fiey, pois meu filho criey. Bem toucada, naõ ha mulher fey a. Bem parece minha comadre, senaõ fora aquelle Deos vos salve. Bem cheira a ganancia, donde quer que vem. Bem criado, e mal fadado. Bem sabe mandar, quem soube obe-

obedecer. Bem sabe este onde a bugia tem o rabo.

Bem mal. Termo negativo, principalmente havendo alguma pergunta, v.g. vós, eh amigo, faltarmicheis ao que vos pedir? responde o outro, eu? Bem mal. *Id est*, Não; termo muito commum, e domestico.

Bemtere. Passaro do Brasil, a que derão os Portuguezes este nome. O Gentio lhe chama *Pitangua guacu*. He do tamanho de estorninho, ou zorzal. Tem o bico largo, e pyramidal; a cabeça baixinha, e de traz della huma coroa branca, como de frade, pescoço curto, azas pardinhas, salpicadas de verde; pela barriga pennas amarellas. Tem grande voz, e quando a levanta, parece, que diz *Bemtere*.

BEN

Benares. Cidade do Indostaõ, ou Imperio do Mogor, nas margens do Ganges, em campo amenissimo. Esta Povoação he a Escola géral de toda a Gentilidade da India, e a Universidade dos Bramenes, e Pandetes, ou Doutores do Paganismo; naõ tem Collegios, nem Classes, como na Europa. Em differentes bairros tem os Mestres suas casas, com jardins, para o recreo dos discipulos, que hora quatro, hora oito, e hora mais em cada casa, estudaõ o espaço de dez, ou doze annos. Este genero de estudo he muito dilatado, porque os Indios saõ naturalmente remissos, e preguiçosos, e naõ se daõ facilmente ao trabalho, estimulados da emulaçaõ, ou alentados com a esperança do premio. A sua primeira occupaçaõ he aprender o *Hanscrit*, que he hum idioma antigo, totalmente diverso da linguagem da India, e sabido só dos Pandetes, e sabios do Paiz. Desta falla deu o Padre Kircher o Alfabeto. Chamaõlhe *Hanscrit*, isto quer dizer Lingua pura, ou Santa, ou Divina, porque tem para si, que Deos nesta lingua deu os Beths, ou livros sagrados a Brama, seu Profeta. Chegados a saber este seu Hanscrit, entregaõse à liçaõ do *Purano*, que he o compendio dos *Bethi*, ou livros da ley. Depois applicaõse algum tempo à Filosofia. Os seus mais celebres Filosofos saõ seis, e estes compoem seis differentes Seitas. Huns trataõ dos primeiros principios das cousas, por hum modo semelhante ao de Democrito, e de Epicuro. Outros seguem em parte a doutrina de Aristoteles, e dos seus interpretes; outros por algum modo se conformaõ com os dogmas de Plataõ; mas toda esta sua doutrina he taõ confusa, que os Pandetes mal entendem os seus primeiros Doutores, e mal se deixaõ entender dos seus discipulos. Tem muitos livros de Medicina; que antes saõ collecçoens de remedios, que discursos Fisicos. Da Anatomia nada sabem, porque pela sua ley naõ podem abrir corpos de homens, nem de animaes. Daõse muito à Astrologia, mas nesta sciencia tem pouca luz; para explicar os Eclypses do Sol, e da Lua, fingem fabulas; dizem, que hum *Deuta*, querem dizer, hum Deos, hum Espirito, ou hum genio malefico, e inimigo do Sol, às vezes investe com este astro, e o escurece; e que outro *Deuta*, inimigo da Lua, lhe faz a mesma injuria. Fazem tres castas de *Deutas*; huns bons, outros maos, e outros nem bons, nem maos; mas indifferentes. No tocante à Geografia dizem, que a terra he plana, e triangular; e que toda esta grande machina descança nas cabeças de muitos Elefantes, que saõ causa dos tremores da terra, quando se movem. Alguns annos ha, se levantou huma famosa partida destes Pandetes de Benares, que fez muito estrondo; porque tinha assicionado de seus erros a Darachan, e a Sultaõ Sujan, filho de Chagehan, Graõ Mogor. Os Pandetes desta Seita seguem a doutrina dos antigos Filosofos, que admittiaõ hum espirito universal, e huma alma estendida por todo este Mundo, da qual eraõ pequenas porçoens as almas de todos os homens, e animaes. Esta mes-

mesma doutrina ensina a Seita dos Soufys, e da mayor parte dos homens doutos da Persia. *Bernier, Historia do Graõ Mogor, livro 3.*

Bendis. He o nome, que os Povos da Thracia davaõ a Diana, entendendo por este vocabulo o elemento da terra, (como escreve Hesychio) ou o globo da Lua, (como dizem Suidas, e Phavorino.) As festas, que os ditos Povos faziaõ a esta sua Deosa, eraõ hum arremedo dos Baccanaes. *Strabo livro 9.*

Bengalla. Reyno do Oriente. Vid. tomo 2. do Vocabulario. Da gente diz: Joaõ de Barros, tomo 4. fol. 558. que he fraca para pelejar, mas summamente maliciosa, para enganar, e entregar à traiçaõ: tanto assim, que para injuriar hum homem, em qualquer parte, basta dizer, que he hum Bengalla. Mas tem hum bem este Povo, que como he gente, que naõ tem mais de seu, que quanto ganhaõ para comer aquelle dia, nesta pobreza estaõ mais seguros da vida, que os Grandes, porque a estes, como lhe sentem fazenda, logo lhe achaõ huma culpa, pela qual lhe he tomada para ElRey, e muitas vezes com ella perdem a vida, e quando morrem naturalmente, ElRey he herdeiro, assim do rico, como do pobre. Usa ElRey de outra tyrannia, que como os seus Officiaes da Justiça, e da fazenda estaõ hum pouco de tempo nos officios, e a elle lhe parece, que algum está já grosso em fazenda, por qualquer achaque o manda chamar, e a poder de açoutes lhe tira o que póde, e depois lhe vestem huma cabaya, que ElRey lhe manda dar, com a qual vay mais honrado, que injuriado com os açoutes, por ser final, que fica já reconciliado com ElRey, e que com aquella honra da cabaya lhe manda, que torne a servir seu officio, no qual torna de novo a roubar, porque sabe que assim lhe convem para quando vierem outros açoutes.

Benim. Reyno de Africa, nas terras de Guiné; sua Cidade principal tem o mesmo nome. Todo o campo he cheo de montes, ou matas pequenas taõ espessas, que pelas veredas apenas podem passar duas pessoas emparelhadas. A Cidade he a melhor Povoaçaõ, que ha de negros. O Palacio do Rey he hum grande ajuntamento de edificios, com muros que o cercaõ, e quartos para os Ministros do Rey, e grandes galarias sobre columnas, ou pilares de pao, encaixados em cobre, em que estaõ representadas as suas vitorias. Consta a Cidade de trinta grandes ruas, com infinitas travessas. As casas saõ baixas, mas frescas, porque entresachadas de palmeiras, e outras arvores. Nas estradas, faltas de agua, paga ElRey huns homens, cujo officio he deixar a espaços huns potes de agua muito boa, com suas conchas. E os viandantes naõ se atrevem a beber huma gota da dita agua, sem pagar, e naõ havendo quem receba a paga ao pé do pote, poem a moeda, e vaõ andando. Naquelle Reyno naõ herdaõ os filhos os bens do pay defunto; os irmãos delle saõ os herdeiros, mas com obrigaçaõ de criar os sobrinhos, e darlhes o necessario, até serem capazes de ganhar em algum officio a vida. Das ceremonias dos seus enterros, do rigor com que trataõ suas mulheres, e de outras notaveis particularidades desta gente, achará o leitor amplas, e curiosas noticias na Descripçaõ de Africa de Dapper, fol. 325. 326. &c.

Bento. Agua benta. Diz o Papa Clemente, *Constitut. Apostol. lib. 8. cap. 35.* que o Apostolo S. Mattheus instituira a Agua benta. O Papa Alexandre primeiro deste nome, confirmou esta instituiçaõ, Can. *Aqua sale. De consecrat. distint. 3.* Neste Sacramental elemento se symboliza a uniaõ hypostatica de Christo, porque o sal he o symbolo da sapiencia increada, e a agua he o symbolo da natureza humana, que como agua se disolve. *Ut aqua dissolvitur 2. Reg. 14. 14.* Vid. Agua tomo 1. do Vocabulario.

Bentô. Vid. Ventô, na letra V. Dizse de huns contadores pequenos, que vem da India. *Parvum scrinium Indicum.*

BEQUE.

BEQ

Beque. Tregeiro no corpo, melindreno andar. Frase muito vulgar.

BER

Berberisco. Camelaõ grosso, ou como outros lhe chamaõ, Droguete de condaõ.

Bergamota. As peras deste nome vieraõ de Turquia, onde lhe chamaõ *Beguearmuth*; *Begue*, quer dizer Senhor, *Armuth*, he pera, e assim vem a dizer *Pera de Senhor*.

Berillo. Vid. tomo 2. do Vocabulario. (Quem visse repetir os golpes sobre o *Berillo*, pedra preciosa, até que a industria da arte o deixa em fórma sexavada, parece, que diria bem, que antes que se polia, se quebrava; antes que se aquilatava, se desfazia; mas esta he a calidade da pedra, brilhar só quando se lavra naquella fórma, escrevia Santo Isidoro, *Politur in sexangulas formas, ut hebetudo coloris repercussione angulorum excitetur; aliter politus, non habet fulgorem.* Assim os golpes da tribulaçaõ na constancia do Justo, nos golpes vay contando os quilates; só entaõ brilha, quando parece, que se quebra. *Estrella Dominica do Padre Fr. Lucas de Santa Catharina, tomo 1. pag.* 33.)

Beringela. Vid. tomo 2. do Vocabulario. Chama o vulgo aos Collegiaes, *Beringelas*, porque trazem humas lobainas azuis, com humas tiras verdes, lançadas de alto a baixo pelos hombros. Aqui me lembra hum dichote de huma das regateiras de Lisboa, que de certo Bispo, ou Arcebispo, que pertendia ser Cardeal, disse, *Ora vede, que o Beringela queria ser pimentaõ.*

O Adagio Portuguez diz, Alvoradas à Villa; que Beringellas ha no açougue.

Berlina. Carruagem de quatro rodas, quasi a modo de Forlaõ, com a caixa entre dous varaes. Da Corte del Rey da Prussia, que he *Berlin*, onde foy inventada, foy chamada *Berlina*.

Berna, ou Berne. Hum dos treze Cantoens dos Suiços. Vid. mais abaixo *Berne*.

Bernardinos. Religiosos, cujo Fundador foy S. Roberto, Abbade de Moléma, e depois Abbade Cisterciense em Borgonha. Guardaõ a Regra de S. Bento, mas como a sua Ordem foy propagada por S. Bernardo, chamaõlhe *Bernardinos*. Tambem ha Freiras desta Ordem, e chamaõlhe *Bernardinas*. *Odoardo Fialetti*.

Berne, ou Berna. Cidade dos Suiços, sobre o rio Aar, e hum dos seus treze Cantoens. A Cidade he rica, e bem situada. Tem tres grandes ruas, cujas casas de pedra de cantaria, quasi todas sobre arcos, fazem da mayor parte da Cidade, huma galaria muito commoda para os moradores andarem debaixo della, livres das injurias do tempo. O Cantaõ de Berna he o mayor, e o mais poderoso dos treze. Antes da mudança de Religiaõ no espiritual, Berna dependia do Bispo de Lausana; mas no anno de 1528. depois de admittir a errada doutrina de Calvino, ensinada por Zuinglio, fizeraõ para o governo Ecclesiastico hum Consistorio de oito Juizes. *Bernæ, æ, Fem.*

Berne. He o nome, que hoje damos a todo o pano fino vermelho. Ha huns annos, que todo o pano grosso, e forte se chamava *Berne*, tomando por ventura as primeiras letras do *Berri*, Provincia de França, onde naquelle tempo se fazia o pano, de que se vestiaõ os Soldados. No idioma Francez acho a palavra *Bernie*, mas por pano grosseiro, usado em *Hibernia*; e segundo Cobarruvias no seu Thesouro, o *Bernia* dos Castelhanos, *Es una capa larga, a modo de manto, grossera, como manta traçada; por delante tiene como una faxa, o guernicion de mayor pelo, echo vedijas. Desta usavan oy ha sessenta años en Salamanca los Estudiantes pobres, y algunas mugeres; tomó el nombre de Hibernia, donde se

se traem. Tambem Olivario, Commentador de Pomponio, no livro 3. cap. 6. faz mençaõ de *Bernias*, dando a entender, que este genero de vestidura passara de Hibernia para Inglaterra, porém com a differença de ter o pelo mais raso; supposto isto, he provavel, que em Portugal, onde hoje ha tanta roupa encarnada, com ellas meteraõ os Inglezes o nome *Berne.* O Padre Bento Pereira no seu Thesouro da lingua Portugueza diz *Berneo*, e à imitaçaõ de Cobarruvias lhe chama em Latim *Endromis*, mas hum, e outro por *Endromis*, devem de entender huma vestidura de pano grosso, e muito peludo, contra o rigor do frio, que he o significado, que lhe dá Marcial, *lib. 4. Epigram.* 19.

Sordida, sed gelido non aspernanda Decembri
Dona, peregrinam mittimus Endromidem.

Berne, Capa de escarlata. *Pallium coccineum, i, Neut.* Finalmente acho, que no Tratado 8. *ad African.* diz Cujacio, que *Berne* he palavra Franceza, que antigamente significava *Sagum* em Latim, e que da palavra *Berne* os Francezes fizeraõ *Berner*, que em Portuguez he *Mantear.*

Bernezes. Vid. Baldezes supra.

Beroe. Cidade da Macedonia, junto ao rio *Lydio*, assim chamada de *Pheron* seu fundador, trocando *Ph* em *B*, ou de *Beroea*, filha do Principe *Beretis.* Tambem na Syria ha outra Cidade deste nome, edificada por Seleuco Nicanor, Rey de Syria, e de Babylonia. Muitos Geografos saõ de opiniaõ, que esta Beroe, he o Alepo de hoje; outros tem para si, que o Alepo de hoje he o *Hieropolis* dos Antigos. *Beræa*, ou *Berrhæa, æ, Fem.*

Bersabea, ou Beersceba. Cidade da Palestina, e segundo Volaterrano, a que depois foy chamada *Gibelin.*

Bertinoro. Cidade Episcopal de Italia, no Estado Ecclesiastico, nos confins da Toscana, situada em hum outeiro, perto do rio *Ronco*, *Britinorium*, ou *Bretinorium*, e *Petra Honorii.*

Beryto, ou Barut. Antiga Cidade da Asia, na costa do mar Mediterraneo, entre Tripoli, e Saida. Algum dia foy Archiepiscopal debaixo do Patriarca de Antioquia. No mez de Abril do anno de 1110. Balduino, primeiro Rey de Jerusalem, o Conde Tancredi, e outros Principes Christãos, com o soccorro de huns navios Genovezes tomaraõ esta Cidade, que naquelle tempo era muito importante; mas depois da perda de Jerusalem, os Infieis a recobraraõ, e hoje apenas subsiste do pouco commercio que tem. *Berytum, i, Neut.*

Berzabû. Vid. Belzebub. tom. 2. do Vocabulario.

Mas vamos nos, e venhamos
Valhavos o Berzabû.

D. Franc. Man. Viola de Talia, pag. 114.

BES

Besbelhoteira. Vid. Bisbilhoteira, mais abaixo.

Beselga. Cidade de Portugal, que se levantou das minas de *Concordia*, segundo escreve Dextro ad ann. 145. *Concordia, quæ nunc Basulci dicitur, &c.* Antigamente foy Beselga Povo grande, hoje he lugar pequeno de pobres lavradores, mas ainda naõ perdeo o nome de Cidade, pois persevera corrompido num monte, que lhe fica sobranceiro, ao qual chamaõ seus moradores o *Monte da Cividade*; e se lhe perguntaõ a causa, respondem, que aquelle lugar fora antigamente Cidade populosa; segundo affirmavaõ seus antepassados. Alguns annos ha, que tremendo a terra, sobiraõ os moradores de Beselga ao alto deste monte, para ver, se nas cavernas que abrio, achavaõ algum ouro, ou prata; no terceiro volume do seu Agiologio, pag. 760. col. 2. affirma o Padre Jorge Cardoso; que com o que acharaõ, muitos enriqueceraõ de repente. O lugar, que se chama Beselga, naõ he só a Povoaçaõ pequena, que com este nome fica ao pé de huns montes além da ribeira,

mas

mas comprehende tres lugares, assim chamados, a saber, *Beselga de cima*, *Beselga de baixo*, e *Beselga do meyo*, em que entra o lugar de S. Sylvestre, à quem da ribeira, onde saõ tantas as memorias de Beselga ter sido Povoaçaõ grande, que só Portuguezes demasiadamente escrupulosos poderáõ negar a força desta verdade, pois toda a campina de S. Sylvestre he povoada de casaes, vinhas, pomares, e terras de paõ. E contra toda a diligencia humana, cada dia se descobre quantidade de telhoens, porticos, e columnas, que o tempo lança fóra da terra. E no Carvalhal está huma fonte, cuja agua hia ter a Beselga por canos de chumbo, os quaes appareceraõ ha poucos annos junto à estrada, que vay para a Igreja, de que tiráraõ algum proveito seus pobres moradores.

Besta. A Graõ Besta. Vid. tomo 2. do Vocabulario. O Doutor Joaõ Curvo, que na sua Polyanthea Medicinal, pag. 70. faz este animal do genero feminino, no seu Memorial de varios simplices, pag. 11. faz a este mesmo animal do genero masculino, e diz *O Graõ Besta.* Tambem no mesmo lugar diz, que na lingua dos Ethiopes Mouros, este mesmo animal se chama *Nbumbo*, que na lingua Portugueza val o mesmo que *Animal fermoso.* Na pagina sobredita achará o leitor outras particularidades assim do feitio deste animal, como das propriedades medicinaes da sua unha.

Besta. Vid. tomo 2. do Vocabulario. Outros Adagios da Besta. A Besta comedeira, pedras na cevadeira. A Besta louca, recoveiro maduro. Arrenego da Besta, que no Inverno tem sesta. Naõ he regra certa caçar com Besta. Grande pé, grande orelha, sinal de grande Besta.

Bestas de carga. *Dossuaria jumenta, Neut. Plur. Varro.*

Bestunto. Vid. tom. 2. do Vocabul.

Porque entaõ está o Bestunto
Muy limpo das porquidades,
Que embutem o entendimento
Mais clarosinho, que hum jaspe.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 129.

BET

Beth. Em Africa, nos montes de *Alard*, e de *Quen*, os quaes entre a Nubia, e Zinchamque chegaõ às nuvens, se acha huma casta de pedra, a que os Arabes chamaõ *Beth*, cuja vista causa hum cruel effeito, porque quem se detem em olhar para ella, fica mudo. Dizem os moradores, que Alexandre Magno (a que elles chamaõ *Escandre*) edificou com estas pedras o *Palacio da Admiraçaõ*, e que para tirallas da pedreira, consultara a seu Mestre Aristoteles, a que os Arabes chamaõ *Arcato Talis*; e a reposta deste Filosofo foy, que mandasse gente sua com a cara cuberta, cada hum guiado por hum escravo, que tivesse a vista livre; e chegando a conhecer, que emmudeceraõ os escravos, fizessem cobrir as pedras, e as comprassem sem olhar para ellas; dizem, que com esta traça se ajuntara huma grande quantidade de pedras, e com ellas fora edificado o Palacio. Mas digo eu, quem havia de olhar para elle, sendo composto de pedras, que se naõ deixavaõ ver, sem a gente que olhasse perder a falla; verdade he, que sempre ficava *Palacio da Admiraçaõ* huma fabrica, que só podia ser admirada dos olhos, mas nunca das linguas dos que a viaõ, celebrada.

Beth. Tambem he a segunda letra do Alfabeto Hebraico.

Bethania. Villa, assentada na Costa do Monte Olivete, quinze estadios da Cidade de Jerusalem, illustre pelo Castello, que Christo quiz honrar com sua Divina presença, quando buscou a Maria Magdalena, e Martha; e quando no principio do mez de Março, do anno da Creaçaõ do Mundo 4085. resuscitou a Lazaro, Senhor do dito Castello, e morto de quatro dias. Hoje esta taõ celebre Villa, na qual tambem Christo sarou a Simaõ, cognominado o Leproso, está reduzida a Aldea; e segundo a relaçaõ do Padre Gonjon na sua viagem da Terra Santa, do dito Castel-

lo

lo naõ permanece senaõ a gruta, na qual seu senhor havia sido enterrado.

Bethlem, ou Bethleem, vulgarmente *Belem*. Cidade da Palestina, no Tribû de Judá, duas legoas de Jerusalem, e trinta e duas de Nazareth. Foy chamada Bethlem de *Judá*, para a differençar de outra, que está no Tribû de Zebulon. Na Sagrada Escritura tambem he chamada *Ephrata*; estes dous nomes significaõ quasi o mesmo, porque *Bethlem*, quer dizer *Casa de paõ*, e *Ephrata*, quer dizer *Abundancia de frutos*. Tambem lhe chamaõ Cidade de David, porque he o lugar do nascimento deste Santo Rey. Como a Virgem Maria, e S. Joseph chegaraõ tarde, naõ acharaõ lugar nas estalagens de *Bethlem*; e assim foraõ obrigados a buscar agasalho fora da Cidade: andando pois alguns duzentos passos, achàraõ huma especie de gruta, ou caverna, que assim lhe chama S. Jeronymo; Santo Agostinho diz, que era estrebaria, porque nella havia huma mangedoura para bestas. S. Cypriano diz, que era huma casa pequena; e foy opiniaõ de alguns, que pertencia a hum pobre rustico, o qual naõ tendo lugar mais que para a sua pequena familia, recolhera a Virgem, e a S. Joseph na sua estrebaria, mas vendo depois os prodigios do Nascimento de Jesus Christo, os admittira na sua casa, o que conforma com o que diz o Euangelista, fallando nos Reys Magos, *Intrantes domum, invenerunt puerum.*

Bethlemitas. Saõ huns Monges, cujo habito se parece com o dos Padres Dominicos. Mas no peito trazem huma Estrella com cinco rayos, como em memoria da que appareceo aos Magos, e os accompanhou até Belem.

Dama Bethlemita
Calle da amante Dama Bethlemita
A maga, que lhe dey extrema, e dura.
Virginidos de Man. Mend. Barbuda, Canto 19. Estanc. 63.

Bethphania. Vid. mais abaixo, Manifestaçaõ.

Betlis, Cidade da Armenia, ou Turcomania, da qual he Senhor hum Principe da terra, taõ poderoso, e taõ independente, que naõ dá homenagem, nem ao Graõ Senhor, nem a ElRey da Persia, quando a mayor parte dos Reys dependem de huma, ou outra Potencia. A estes dous Monarcas lhes convem estar bem com este Rey, porque os caminhos dos montes onde domina este Principe, saõ taõ estreitos, e por consequencia taõ faceis de guardar, que dez homens poderiaõ impedir a passagem a mil; e assim naõ seria possivel aos Turcos passar de Alepo a Tauris, na Persia, nem aos Persas, de Tauris a Alepo, na Turquia. Por mais de hum dia de caminho anda a gente à desfilada entre montes alcantilados, e chegando à Cidade, fica exposta a duas batarias de canhaõ assestado nas coroas de dous montes, que descortinaõ tudo. Póde este Rey defenderse com vinte e cinco mil cavallos, e com muita, e excellente Infantaria, composta de pastores, sempre prestes para a primeira occasiaõ. *Tavernier, Viagem da Persia.*

Betre. No livro 2. da Historia das Plantas, cap. 13. escreve Jorge Marcgravio, que alguns Portuguezes deraõ este nome a huma planta, a que o Gentio do Brasil chama *Nhandu*. He hum arbusto, cujas folhas nascem huma, e huma, separada da outra, e da figura do coraçaõ. Dá huns graõsinhos redondos, ao modo da semente da pimenta, que vem da India. Dividese a raiz em muitos fios, ou fibras, que tem excellente cheiro, e hum sabor, que pica a lingua. O dito Author lhe chama *Piper caudatum.*

BEX

Bexiga. Vid. tomo 2. do Vocabulario. Bexiga de caõ, ou Testiculo de caõ. Planta assim chamada, porque na raiz tem duas bolotas, a modo de testiculos de animal. A' roda do tronco do talo tem as folhas derramadas por terra, e semelhantes às da oliveira, porém mais largas,

lhegas. De cima do talo fahe hum ramalhete de flores purpureas. Nafce em pedregulhos, e lugares arenofos. Ha muitas efpecies della, por iffo tem muitos nomes. Chamaólhe *Orchis* do Grego, que diz *Appeteço*, porque os que comem della, faõ fugeitos a appetites Venereos. Chamaõlhe, *Cynoforchis*, do Grego *Cynos* caõ, e *Orxis*, Tefticulo; como quem diz Tefticulo de caõ. Chamaõlhe *Morio*, do vocabulo Grego, que quer dizer, *Parte genital*. Tambem lhe chamaõ *Satyrium*, do Grego, que fignifica *Membrum virile*. Para mayor diftinçaõ das fuas muitas efpecies, tem muitos outros nomes, a faber, *Orchis maior, tota purpurea, maculofo folio. Tefticulus morionis mas. Orchis morio mas foliis maculatis. Orchis morio femina. Orchis minor purpurea, & aliorum colorum cum aliis virentibus. Triorchis Serapias mas. Cynoforchis latifolia, hiante cucullo maior, &c.* (Tomando huns grãos da herva chamada *Bexiga de caõ*, que faõ como humas cerejas. Alarte, Agricultura das vinhas, cap. 29. fol. 166.)

BEY

Bey. He o nome do Governador de huma cofta maritima no Imperio do Turco.

BEZ

Bezerrinha. Bezerra pequena. *Bucula, æ, Fem. Vaccula, æ, Fem. Virgil.*

Adagios Portuguezes da Bezerrinha.

Bezerrinha manfa todas as vacas mama. Bezerrinha, que foe mamar, poupalhe o padar.

Beziers. Cidade Epifcopal de França, na Provincia de Languedoc, fobre o rio Orb. Pomponio Mela, e outros Authores fazem mençaõ defta Cidade, e lhe daõ varios nomes, a faber, *Biterra, Bitira, Beterræ, Biteræ, Beteris, Biterrenfis, e Bederenfis civitas.*

BIB

Biberiquî. Vid. Berbequîm, tomo 2. do Vocabulario. (*Biberiquî*, Quadanieci. *Genus terebræ, Aulæum, Pelliceum.* O P. Bento Pereira, *Ars Grammaticæ Lufitanæ, pag.* 193.

Biblia. Deufe ao Volume da Sagrada Efcritura efte nome, porque antigamente fe efcrevia em hum junco, ou na calca de huma arvore do Egypto, chamada *Biblos.*

Bibliotheca. Vid. tomo 2. do Vocabulario. Derivafe Bibliotheca, de *Theca*, que he Caixa, e receptaculo, e val o mefmo que *Receptaculo de livros*, porque *Biblio* fe deriva de *Biblus*, ou *Biblos*, que no Grego fignifica *Livro*, porque *Biblos*, era hum junco, ou arvore do Egypto, do qual, ou de cuja cortiça fe fazia hum dos generos de papel, em que fe efcrevia. *Ex Biblo etiam chartæ in ufus librarios fieri folebant, idcirco Biblos, liber dici cæpit. Mathias Martinius in Lexico Philologico.* Os Reys, chamados Attalicos de Attalo, e de Attaliaõ, Cidade Maritima da Afia menor, na Pamphylia, amadores das Sciencias, e das boas letras, fizeraõ na Cidade de Pergamo huma celebre Bibliotheca; outra femelhante fez ElRey Ptolomeo na Cidade de Alexandria. Efcreve Plutarco, que efta Bibliotheca dos Reys de Pergamo era compofta de duzentos mil volumes; e a dos Reys do Egypto (fegundo efcreve Aulo Gellio) teve até fetecentos mil. Deftes mefmos Reys do Egypto affirma Galeno, que o furor de ajuntar livros era taõ grande, que naõ reparavaõ em comprar caro todos os que lhe traziaõ, o que deu motivo para crer, que muitos deftes livros naõ eraõ dos Authores, a que fe attribuhiaõ, mas que debaixo do feu nome fe publicavaõ, para vendellos mais caros. Queimaraõ os Romanos efta grande Bibliotheca na primeira guerra, que fizeraõ ao Egypto. Diz Aulo Gellio, que fora queimada por erro, e por foldados, que naõ eraõ

Romanos, mas por tropas auxiliares; como se lhe prezara confessar, que a gente da sua Naçaõ commettesse taõ barbaro desatino; quando os Persas, tidos naquelle tempo por barbaros, tinhaõ poupado a Bibliotheca de Athenas, mandado Xerxes saquear, e queimar a Cidade. Tambem os Emperadores Romanos foraõ curiosos de grandes, e magnificas Bibliothecas. No Templo de Apollo mandou Augusto fazer huma bella galaria, para enchella de livros Gregos, e Latinos. No livro 7. cap. 30. diz Plinio, que Asinio Pollio fora o primeiro, que em Roma ajuntara livros, em ordem a fazer Livraria; com muitos escritos, que elle tomou aos inimigos, e outros livros, que elle apanhou, deu principio a esta obra literaria. Vid. Livro, no primeiro Alfabeto.

Biblis. Filha de Mileto, e da Nympha Cyane; vendo, que naõ podia lograr o incestuoso affecto, com que amava a seu irmaõ *Caunó*, se affogou. Nas suas Metamorphosis diz Ovidio, que os Deoses a converteraõ em huma fonte do seu nome.

Bibrach. Cidade de Alemanha, na Suevia, sobre o rio Ruff. He Cidade Imperial, e he celebre pelas aguas minaraes do seu territorio, chamadas *As aguas do Jordaõ*. *Bibacum*, ou *Biberacum*.

BIC

Bica. Peixe, do tamanho de goraz, pequeno, ou ordinario.

Bical. Romãa Bical, he romãa azeda.

Bicalado. Ave aquatica, menor que Adem.

Bichancro. Chulacia, usada dos Estudantes em Coimbra, por ridicularia, e cousa de nenhuma entidade.

Bichano. Vid. Gato.

Todos quantos sonhos frita,
Lhe hia passando o Bichano.
Pelo açucar das guellas,
Pelo lambedor do rabo.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 409.

Bichano, e seu diminutivo Bichaninho. Diz-se de qualquer homem pequeno, humilde, e pobre; e tambem de hum rapazinho; derivase de *Bicho*.

Todos quantos sonhos frita
Lhe hia passando o Bichano
Pelo açucar das guellas.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 409.

Bicheiro. A explicaçaõ, que no Vocabulario se dá a esta palavra, parece convir mais propriamente ao croque, do que ao Bicheiro, porque este he a vara, que sómente tem na ponta hum ferro torcido, em fórma de anzol, sem ponta; e o croque a que tem alêm do ferro torcido, huma ponta de ferro, com que se sustenta a barca, fazendo encontro em parede, ou no fundo, para ter maõ nella. Nem os que vulgarmente a gente maritima, (particularmente em Setuval) chama *Bicheiros*, tem mais serventia, que de se apanharem com elles os peixes espadas, que costumaõ varar pela terra enjoados. Supposto isto, naõ se deve explicar no Latim pelo nome de *Contus* absolutamente, mas com circunlocuçaõ, *Pertica adunco ferro præfixa*. Em algumas partes os Bicheiros saõ mais pequenos que os croques.

Bico. Andar nos bicos dos pés. *Summis pedibus incedere*. Em alguns Authores de Diccionarios se acha *Pitylissare* neste sentido; verbo, que se deriva do Grego *Pitylizein*, mas (como advertio Mathias Martinio) o dito verbo Grego significa *Fazer gestos, e meneos com as mãos*; nem o lugar da Satyra 11. de Juvenal, com quem alguns allegaõ para provar, que *Pitylisma* significa o movimento de andar nos bicos dos pés, me parece prova sufficiente deste significado, porque o dito Martinio declarando as palavras de Juvenal, *Pitylismate lubricat orbem*, diz assim: *Voluit ibi Pitylisma esse genus exercitationis, cum quispiam summis pedibus ingrediens, manum protendit, ocyssimeque movet, alteram retrorsum scilicet, alteram prorsum*. Neste Commento se podem distinguir dous movimentos, hum de andar nos bicos

dos

dos pés, *Summis pedibus ingrediens*, e outro de menear as mãos com grande agilidade, *Manus protendit, ocyssiméque movet*; e a palavra *Pitylisma* he a que propriamente significa este segundo movimento, porque Foesio Anucio, na sua obra, intitulada *Oeconomia Hippocratis*, diz assim: *Pityliζein, manibus gesticulari, easque crebro movere*. A isto se accrescenta, que as versos da palavra de Juvenal saõ muito diversas; o texto do dito Poeta he este:

——— *Ille fruatur*
Vocibus obscænis, omnique libidinis arte
Qui Lacedæmonium Pytismate lubricat orbem.

Policiano lê, *Pitylismate*; Brodeo *Pedunate*; Flavio *Poppysmate*; Alciato *Pyreysmate*; Lipsio *Pygismate*; e como cada nome destes tem seu proprio, e particular significado, quem poderá atinar com o verdadeiro para o nosso intento?

Bicuda. Peixe do Brasil, a que os Portuguezes deraõ este nome por ter o bico muito comprido, agudo, e duro. O Gentio lhe chama *Guebucu*. Tem o corpo quasi redondo; he rabiforcado, tem a menina dos olhos cristalina, com circulo de cor de prata; naõ tem dentes; tem muita carne, e esta nem espinhosa, nem glutinosa, e por isso boa de comer; alguns, que o abriraõ, lhe acharaõ no ventre muitos peixes, do comprimento de hum palmo, inteiros.

Bicuiva. Unguento, que se faz da semente, ou fruto de huma arvore, chamada Becoybeira. Do Rio de Janeiro, e algumas vezes do Pará vem a Portugal dentro de huns canudos. Consta por repetidas experiencias ser o dito unguento remedio efficacissimo para curar dores, e pousadas em qualquer parte que esteiaõ, procedidas de causa fria. *Curvo, Memorial de varios simplices*, pag. 17.

BID

Biduim, ou Beduim. Segundo D. Rodrigo da Cunha na Historia dos Arcebispos de Braga, 2. *part. fol.* 427. *col.* 1. Os Biduís, que vivem na Ilha Socotorá, saõ homens, que adoraõ a Cruz de Christo, como descendentes, que saõ dos Christãos, que nella deixou o Apostolo S. Thomé, mas á volta della, adoraõ tambem a Lua; e tem mil outros erros. Vid. Socotorá, tomo 7. do Vocabulario. Outros Biduís, ou Beduinos, segundo o Vollaterrano, saõ huns Arabes, ou Sarracenos, que sem causa, e sem armas andavaõ em guerras, dando por razaõ, que tudo he governado, e depende do Fado, e com esta imaginaçaõ adoravaõ o Sol. Outros lhes chamaõ *Badianos*, do Deserto de *Badia*, onde se recolhem. Joinvillo erradamente os confunde com os Assassinios. No livro 5. da Ethiopia Oriental, cap. 17. fol. 136. col. diz o Padre Fr. Joaõ dos Santos, que os Mouros chamaõ aos moradores da Ilha Socotorá *Biduins*, que na lingua Arabica quer dizer *Pastores de gado*, porque na realidade naõ tem outra vida, que serem pastores. Dos barbaros costumes destes *Biduins*, trata o dito Author amplamente no capitulo 19. da dita obra.

BIE

Bietala. Fortaleza quasi inexpugnavel na fronteira do Reyno de Barantola, na Tartaria, onde assiste o Graõ Lama. Vid. Kircker no seu livro da China.

BIG

Bigorna. Vid. tom. 2. do Vocabul. O adagio Portuguez diz. Quando fores Bigorna, sofre; e quando malho, malha.

Bigorrilha. Termo chulo. Homemsinho. Figurilha.

Biguinos. Vid. supra Beguinos.

BIL

Bilhaõ. Derivase do Castelhano *Billon*, ou Bellon, ou Vellon, que em Castella

Castella significa toda a moeda de cobre. Naõ approva Menagio a etymologia do substantivo Latino *Vellus*, nem a do adjectivo *Vilis*, que Cobarruvias dá a *Bellon*, ou *Vellon*; e he de parecer, que se deriva do Latim *Bulla*, vocabulo, que pouco a pouco nas bocas do Povo degenerou em *Bullo*, *Bullonis*, *Billone*, *Billon*. *Bulla* pois, (como advertio Scaligero na sua Epist. 208.) *Est diploma Regium; ita quoque dicta est moneta matrix, quia Regiam habeat effigiem.* Porém para o *Billon* Francez, que significa qualquer moeda de ouro, ou prata, cortada por defectuosa, póde esta etymologia valer, mas naõ para o Bilhaõ Castelhano, que he moeda de cobre.

Bilhar. Derivase do Francez Billart, que he o jogo do truque, com ventanilhas nas margens, e tambem o taco, com que se joga. Mas no Portuguez, *Bilhar* he truque de taco sem ventanilhas nas margens; e só no assento em certas partes.

Bilhostre. He palavra, que se diz por ludibrio, especialmente aos Estrangeiros.

Biliário. Termo de Medico. Cousa concernente ao humor, que os Medicos chamaõ Bila, que he a colera. Vid. *Bila*. (A obstrucçaõ da via *Biliaria*. Observaçoens de Curvo, pag. 536.)

BIN

Binoculo. Oculo, que consta de dous canudos, com o qual se vem os objectos distantes com ambos os olhos juntamente. Foy inventado pelo Padre Rheita, Capucho Francez, da Cidade de Orleans, que trata delle no seu livro intitulado, *Oculus Henoch, & Eliæ*. O Padre Cherubim, tambem Capucho, escreveo deste instrumento Optico hum grande volume, impresso anno 1678. das cousas notaveis, que com elle se descobriraõ no Ceo. Vid. Oculo, mais abaixo, *verbo* Oculo, no seu lugar Alfabetico. *Binoculo*, se deriva do Latim *Bis*, duas vezes; e *Oculus*, olho. Chamaõlhe communmente *Binocla*.

BIO

Biombos. Vid. tomo 2. do Vocabulario. (Deulhe dous Biombos, isto he, panos de armar de tanta estima, que todos os desejavaõ ver. Oriente Conquist. 2. part. fol. 528.).

BIP

Bipartido. Dividido em duas partes. He tomado do Latim *Bipartiri*. Do Pindo, ou Parnaso, que saõ nomes dados pelos Poetas ao mesmo monte, attribuem os mesmos dous picos, a que elles chamaraõ *Cyrrha*, e *Nisa*, dos quaes hum foy dedicado a Bacco, e o outro a Apollo, e ás Musas. *Bipartitus*, *a*, *um*. Ovid. *Bivertex*, *icis*, *Stat. Gemino vertice surgens*:

Outros porque do Nume
Justamente elevados
Pisaõ do Pindo bipartido cume.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 360.

BIR

Birbantes. He o nome de huma rua de Lisboa. (O campo do Curral com suas travessas, a rua de Santo Antonio, &c. e a rua dos Birbantes. Corografia Portug. tom. 3. pag. 411.)

Birlique Birloque. A arte de Birlique Birloque. Saõ termos, de que usa o vulgo, sem, a meu ver, saber bem o que quer dizer. A alguns ouvi usar destas palavras por Bruxaria, a outros por subtileza no roubar; e no Diccionario Castelhano, e Francez de Cesar Oudin, acho, que *Birloche*, ou *Birloque* na gira dos marotos de Castella, quer dizer ladraõ.

Birro. Vid. tomo 2. do Vocabulario. No Crisol Purificat. do Padre Fr. Man. Leal. fol. 523. 524. &c. achará o Leitor muitas outras opinioens sobre a fórma, e cor do Birro.

BIS

Bisbilhoteira, ou (como outros escrevem) Bisbelhoteira. Parece derivado do Italiano *Bisbigliare*, segundo a nossa pronunciação *Bisbilhare*, que he palrar, ou fallar muito, como quando muita gente falla, e se levanta hum certo susurro; e como a gente vulgar, quando se ajunta, falla muito, chamamos em Portugal Bisbilhoteira à mulherinha, e Bisbilhoteiro ao homemsinho de pouca conta.

Bisbórria. Termo do vulgo, com que se abate alguem. He hum Bisbórria, querem alguns, que se derive do Latim *Bis*, e do Portuguez *Borra*, como se se dissera, homem duas vezes Borra.

Bislingua. Herva, assim chamada, porque as suas folhas saõ dobradas, e tem figura de duas linguas juntas. Chamaõlhe tambem *Hippoglossum*; do Grego *Hippos*, Cavallo, e *Glosson*, Lingua; porque as folhas se parecem com as de loureiro; posto que muito mais pequenas; e como havia muitas em Alexandria, lhe chamaraõ *Laurus Alexandrina*. Deita esta planta muitas asteas delgadas, dobradiças, e verdes; do meyo de cada folha sahe outra pequena, tambem da feiçaõ de lingua; as flores saõ muito pequenas, a raiz he comprida, branca, e agradavel ao olfato. As muitas especies desta herva saõ causa dos muitos nomes que lhe deraõ, porque além dos tres nomes sobreditos, chamaõlhe *Bonifacia*, *Daphne Alexandrina*, *Ruscus angustifolius*, &c. (*Bislingua*, ou (segundo Dioscorides) Hippoglosso, he taõ efficaz neste affecto. Cirurgia de Ferreira 119.)

Bisnagar. Reyno da Asia, na Peninsula do Indo, aquem do Ganges, entre o Malabar, o Decan, e o Reyno de Golgonda. Tem Safiras, Amethystas, e outras pedras finas. Tomou o nome da Cidade, Cabeça do Reyno, a qual por outro nome se chama *Chandegri*, e fica assentada em hum monte com citadella,

Bisnow. He o nome de huma Seita de Baneanes na India. Chamaõ ao seu Deos *Ram Ram*, e dizem, que tem mulher. Ornaõ aos seus Idolos com cadeas de ouro, perolas, e pedras finas. Nos seus Pagodes, a que elles chamaõ *Agoges*, cantaõ Hymnos em louvor dos seus ridiculos Numes, e acompanhaõ as suas oraçoens com danças, tambores, frautas, bacias de cobre, e outros instrumentos. Este Deos *Ram*, naõ tem como os da Seita de Samarath, Lugartenentes; mas obra tudo de si mesmo, e de sua propria authoridade. A' imitaçaõ dos mais Baneanes, tambem estes naõ comem carne, o seu ordinario mantimento, hervas, legumes, manteiga fresca, e leite; o seu prato pois mais regalado he *Atschia*, iguaria composta de cidraõ de salmoura, com gengivre, alho, e grãos de mostarda. Esta gente he quasi toda mercantil, e muy perita em materias de commercio. *Mandesso tom.* 2.

Bisinhano. Cidade do Reyno de Napoles, na Calabria Citerior, entre o mar de Toscana, e Rossano, para o Golfo de Taranto. He situada em hum outeiro, com seu Castello, e tem abaixo de si o rio Cotili. Seu Bispo depende immediatamente da Santa Sé Apostolica. Tito Livio faz mençaõ della, e os Authores Latinos lhe deõ varios nomes, a saber *Besidiæ*, *Desidiæ*, *Besidianum*, e *Bisinianum*.

Bispal. Vid. Episcopal. (Faltava muitas vezes o peixe na mesa Bispal. Histor. de S. Domingos, 2. part. liv. 2. cap. 10. pag. 76. col. 2.)

Bispote. He tomado do Inglez, *Bissepot*, que he Ourinol, ou vaso de barro, com huma aza, para ourinar. He mais propria esta derivaçaõ, do que (como querem alguns) derivar *Bispote* do adverbio Latino *Bis*, e de *Pote*, ou (como querem outros) do adverbio *Vix*, e *Pote*. Em lingua Ingleza *To pisse*, quer dizer *Ourinar*. *Matula*, *æ*, *Fem.* Vid. Ourinol.

Biston. Filho de Marte, e de Callirhoé edificou na Thracia huma Cida-

de seu nome. Delle tambem tomaraõ os desta Provincia o seu nome *Bistoens*, ou *Bistonios*. Deraõ os Poetas este mesmo nome Bistonio aô vento, que sopra da banda da Thracia; e aos Grous, por virem della Provincia, lhes chama Lucano, aves Bistonias:

Bistonias consuetus aves, & barbara, &c.

BIT

Bitaces. Povos. Vid. supra, Babytaces, no seu lugar Alfabetico.

Bithios. Povos da Thracia, descendentes de Bithis, filho de Marte, e de Setha. Houve mulheres, chamadas *Bithias* as quaes eraõ naturaes da Scythia, cujos olhos cada hum com duas pupillas, ou meninas, eraõ (segundo escreve Plinio) taõ danninhos, que enfeitiçavaõ, e chegavaõ a matar as pessoas que fixavaõ nellas a vista algum espaço de tempo. *Stephan. Plin. lib. 7. cap. 2.*

Bitóla. Termo do Povo. Governase pela sua Bitóla, *id est*, pelo seu parecer.

Biul. Villa de Portugal. Vid. *Abiul.*

BLA

Blandicia. He palavra Latina, que val o mesmo que affago, caricia, meiguice. *Blanditia, æ, Fem.* He mais usado no plural. *Blanditiæ, arum, Cic.* Tambem no Portuguez temos Author, que usou da dita palavra no plural.

——— Blandicias repetidas

Aprende em seus umbraes Diana triunfante.

Manoel Tavares, Ramalhete Juvenil, fol. 21.

Blava. Cidade de França. Vid. tom. 2. do Vocabulario. He povoada de mercadores, que tem grandes adegas de vinho. Os navios Inglezes, Hollandezes, e de outras Naçoens estranhas, deixaõ em Blava a sua artelharia, para subirem a Burdeos. Observase isto desde o anno de 1475. que Luis XI. Rey de França o mandou.

Outro Catalogo de termos do Blazaõ, amplificados, ou accrescentados aos que estaõ nos oito volumes do Vocabulario, nos seus lugares Alfabeticos.

Armado. Todo o Leaõ, ou qualquer outro animal, que tiver as unhas descubertas, se chama Armado, e se ha de dizer Armado de tal cor, como os cinco Lobos das Armas da familia deste appellido, que saõ de preto em Aspa, armados de vermelho, unhas, e dentes. *Banco de Pinchar* de ouro de tres pés, se poem na Orla das Armas Reaes, que saõ do Principe herdeiro da Coroa, e tem aquella divisa das de ElRey seu pay. O mesmo Banco de Pinchar devem trazer os Infantes, com a differença de se porem aõ pé do Banco da parte esquerda, occupada a ponta com as Armas singelas da Rainha sua mãy. As Infantes trazem o Escudo feito em lisonja, e ella partida em *Pallas*, a primeira em branco fenneda, para que, quando casar, ponha allias Armas de seu marido, e a parte esquerda as delRey seu pay, com sua Coroa aberta em cima, e nenhum Principe, nem o herdeiro a póde trazer cerrada como a delRey, mas sim aberta, floreteada de miudas peças. *Banda*, ha de vir descendo da parte direita para a esquerda; a alta ha de ser a direita, e a baxa a esquerda; porque o contrario denota bastardia. *Barras.* Chamaõse assim as Bandas atravessadas, de canto a canto, começaõ no alto da banda esquerda, para a direita. *Besantes*, he o nome, que se dá a todas as figuras redondas, se saõ de metal, como as dos Almeidas, e Mellos; e se forem de cor *Ruel*, a que chamaõ *Arruelas*, como as dos Castros, e as dos Mendanhas de Castella. Outras peças redondas se chamaõ *Torteaos*, que quer dizer *Tarta*: saõ de certo hum buraco no meyo, e saõ de cor, ou de metal. os Francezes dizem *Tourteaux*, e as Casas de Orne, e de Coetmen, trazem por Armas, huma cinco, e outra nove, *Torteaos*. *Brica*, he a divisa, ou accrescenta-

centamento às Armas Reaes nas Familias, que descendem da Casa Real, e assim os Duques de Bragança traziaõ as Armas Reaes, com o Banco de Pinchar de ouro, de tres pés, posto na orla em chefe, e ao pé delle da parte direita huma *Brica* esquartellada, ao primeiro as Armas de Castella, ao segundo as de Inglaterra. *Caibro*, que tambem se chama *Chaveiraõ*, he cómo hum angulo *Saliente*, que trazem os Araujos em Portugal: chamaõlhe em Latim Barbaro, *Canterius Parmularius*, ou *Canterius Scutarius*. *Calçadas*, se diz das Aves, que tem as unhas, ou pés de cor, e se ha de dizer, *Calçada de tal cor*. *Carregado*, se diz do Escudo, que sobre humas peças tem outras; exemplo, o Escudo dos Portugaes, he de prata com huma Arpa de vermelho, carregada com cinco Escudos do Reyno. *Collo*, se chama o pescoço das Aves. *Cores*. As cores, de que se compoem as Armas, saõ cinco, a saber, vermelho, ou sanguinho, a que chamaõ *Goles*; Azul, a que todas as Naçoens chamaõ *Azur*; verde; a que chamaõ *Sinopla*; negro, a que chamaõ *Sable*; roxo, a que chamaõ *Purpura*; esta serve em poucas Armas, e he de mais excellencia. Vid. mais abaixo, *Metaes*. *Coroa*, os Reys a trazem grande, alta, florenteada, e fechada com quatro Diademas; os de França, poem seis, e he toda de Flores de Liz. Antigamente a dos *Emperadores Romanos* era de louro, mas Carlos Magno, e os de mais Emperadores ao seu exemplo, a trouxeraõ de pedras preciosas, realçada com quatro Floroens. Carlos V. fechou a do Imperio de Alemanha, rematada de hum Globo. *Os Duques*, trazem hum circulo de ouro, guarnecido de perolas, e pedraria, realçada com quatro Floroens. *Os Marquezes*, a trazem de hum Floraõ, e dous meyos, e o restante de perolas postas em pontas. *Os Condes*, trazem a Coroa toda de perolas sobre hum circulo de ouro, guarnecido de Pedraria. *Os Viscondes*, trazem o circulo da Coroa de ouro puro esmaltado, e embrulhado nelle hum bracelete, ou moeda de aljofar; mas em Portugal o *Visconde* de Villanova de Cerveira, e o *Baraõ* de Alvito, como saõ Grandes, e por consequencia tem a honra de se cobrirem diante delRey, trazem a Coroa de Condes nas suas Armas. A Coroa do *Papa*, que se chama *Tiara*, por ser composta de tres Coroas, pegadas a hum barrete, Bonifacio VIII. foy o primeiro, que accrescentou ao barrete huma Coroa; Benedicto XII. accrescentou a terceira, e com a primeira, que já havia, fizeraõ as tres, que hoje trazem as Armas dos Pontifices. *Os Cardeaes* poem sómente o Chapeo vermelho, com cordoens, que pendem a cinco ordens de borlas. *Os Patriarchas*, e *Arcebispos* trazem a Cruz de dous braços, o mais alto mais pequeno que o debaixo; o Chapeo verde he dos Arcebispos, com quatro ordens de borlas. *Os Bispos* poem a Cruz simplez, o Chapeo verde, ou de Sinople, com tres ordens de borlas. Em França os *Abbades* poem em lugar de Coroa hum Bago, e huma Mitra. *Os Cavalleiros das Ordens Militares* podem pôr o Collar da de que forem Professos, à roda do Escudo. Se na Familia houver alguma divisa, ou dito memoravel, que conste na Historia, se poem com hum letreiro, ou à roda das Armas, ou o que he mais proprio, acima do elmo, ou debaixo do Escudo. *Coroneis* saõ a modo de humas contas, grossas, e redondas. *Cruz*. Em Cruz se diz de todas as peças, que se poem com figura de Cruz. v. g. As Armas Reaes de Portugal, que tem cinco Escudinhos de azul em Cruz, e em cada hum cinco dinheiros de prata, em aspa. Vid. Aspa, tomo 1. do Vocabulario. O *Elmo Real* he posto de frente, e todo aberto, sem verga alguma. O *dos Duques* he posto da mesma sorte, mas tem sete vergas. *O dos Marquezes* tem cinco. *O dos Condes*, cinco, mas meyo voltado para a parte direita. *O dos Baroens*, quatro, e o de *Fidalgo de Solar*, tres, tambem voltado para a mesma parte. *O de Escudeiro*, vira-

virado para a mesma parte, mas pouco aberto, e sem verga alguma. *O dos Bastardos*, pouco aberto, sem verga alguma, e voltado para a parte esquerda. *Escudo*, he de differentes figuras, e posturas. Huns se dizem, *Escudo a Mantel*, como o dos Henriques, e Noronhas. *Escudo em Banda*, saõ os Escudos, que tem as cousas atravessadas, como o dos Araides, e Botelhos, que tem quatro Bandas de Prata. Quando as figuras se poem deitadas de alto abaixo, se dizem postos em *Palla*, como as Arruelas dos Castros. *Em Barra*, he quando os animaes, ou outras cousas estaõ atravessadas, como as duas Cabras dos Resendes, e Cabraes. *Escudo partido em Palla*, se chama de alto abaixo, em comprimento, como o dos Moraes; quando saõ de Barras atravessadas, se chamaõ Barras, ou Faxas, como as Armas dos Sylveiras, e Mascarenhas. *Escudo partido em Giroens*, he o que tem lugar para caberem oito Armas differentes, sendo esquartellado, e depois outras duas riscas, como em Aspa. *Escudo partido pelo meyo*, a trazez, ou em banda, he hum risco da direita, para a parte inferior esquerda, e tendo outro risco, que atravessa aquelle, como em Aspa, chamase *Partido a Sergo*, ou Franchado, e assim saõ as Armas dos Correas. Quando o *Escudo*, he *de Barras ao alto*, como as de Aragaõ, de que usaõ os Limas em Portugal, chamaõ *Bastoens*. Quando as cousas se poem em Quinas, como as Estrellas dos Coutinhos, e Fonsecas, chamaõse em Aspa, ou *Santor*. A *Cruz*, que faz as pontas, como Flor de Liz, chamase *Florida*, ou *Floreteada*, assim como a dos Pereiras. *Faxas dobres escaquetadas*, chamaõ de cores trocadas, como Xadres, de modo, que façaõ escaques, se chamaõ *Enxaquetadas*, ou *Escaquetadas*, ou *Jaquelladas*, assim como os Sás. As *Figuras*, que se poem em tres, duas em cima, e huma em baixo, como as Flores de Liz dos Menezes da Casa de Cantanhede, se chamaõ em *Roquete*. As figuras, quando se poem ao comprimento da cabeça para os pés, se diz *Em Palla*, como os Castros, e Mendanhas, que trazem seis *Arruelas*, ou *Besantes*, em duas *Pallas*. As figuras, que se poem à largura, se dizem *Faxa*, como as Barras dos Mascarenhas, e Sylveiras, que já dissemos; ou em quadro, como os *Besantes* dos Macedos, e Maldonados, ou os quatro Crescentes dos Sousas, Sanches, e Carvalhos, ou em *Quinas*, como as de Portugal, ou em *Cruz*, como os Araujos, ou em seis, como os Castros, e Mendanhas; ou em sete, como os Castellos dos Moutas; ou em dez; como os Ordonhos de Castella; ou em treze, como os Castros; ou em hum, como os Salvagos; ou em dous, como os Resendes; e em dous de outra fórma, como os Chaves de Toledo; ou como os de Lara, que trazem duas Caldeiras negras; ou sete na fórma, que trazem os de Herrera. Tambem se poem cinco ao comprido, naõ em Santor, mas ao alto do Escudo; assim como os de Loaisa de Castella, que trazem cinco Rosas, duas, duas, e a quinta ao pé do Escudo; ou sete, que podem pôr ao largo, como os Delgadilhos; ou cinco em Banda, como os Bastoens verdes dos Varellas, ou as Sintas dos de Horna de Galliza. Tres em *Palla*, poem os Brandoens, e Panças. Tambem se poem tres em triangulo, de duas maneiras, assim como os Reys de França, e Menezes em Portugal; mas tem differentes nomes, por nestes se dizer, *em Roquete*, ou ao contrario, como as tres Abelhas do Papa Urbano VIII. e os tres Javalis dos Sylvanos em Castella. *Escudo dos Papas, Bispos, e demais Ecclesiasticos*, he ovado. Por esta figura ser mais bonita, usaõ hoje della os Seculares em toda a Europa. *Escudo de Arminhos* he o que trazem os Barretos, e outros. *Escudo de Veiros*, que os Francezes dizem *Vairs*, he dos Vasconcellos. *Labeo de Bastardia*, he hum filete preto, atravessado da maõ direita para a esquerda, que sendo nas Armas Reaes, naõ deve passar por

cima

cima das Quinas, e desta sorte saõ as dos Alencastros. *Lisonja*, he hum Escudo das femeas, como Infantes, ou Princezas, antes de casarem. *Os Metaes das Armas*, saõ os com que blazonaõ as Armas, e saõ sómente dous, em cujo lugar servem, e correspondem, amarello ao ouro, branco à prata, o buril, e a penna mostraõ as cores, e os metaes das Armas, supprindo a falta da illuminaçaõ, a saber, o *Ouro*, se mostra com huns pontos no lugar, em que havia de ser ouro. A *Prata*, he branco. O *Azul*, ou *Azur*, se representa em linhas da direita para a esquerda; o *Vermelho sanguinho*, em *Goles*, se representa em linhas de alto abaixo; o *Verde*, ou *Sinopla*, por linhas, tiradas diagonalmente da ponta direita para a esquerda. A *Purpura*, ou *Roxo*, em linhas diagonaes, da esquerda para a direita; e o *Negro*, a que chamaõ *Sable*, por linhas da direita para a esquerda, e de alto abaixo. O *Arminho*, se representa em hum fundo branco, salpicado de negro. He regra infallivel, que se naõ póde pôr cor sobre cor, nem metal sobre metal, porque sendo assim, se chamaõ *Armas falsas*; mas há entre outras excepçoens, as Armas de Godofredo de Bulhaõ, Rey de Jerusalem, que tomou por Armas em campo de prata, huma Cruz grande de ouro, acompanhada de quatro Arminhos do mesmo, em sinal da gloriosa conquista do Reyno de Jerusalem. *Merleta do Blazaõ*, he a femea do Merlo, em Latim *Merula Clypearis*, ou *Merula Scutaria*. *Muleta*, he o mesmo que a Roseta das Esporas. *Orla*, he tudo aquillo, que cerca o Escudo, v. g. As Armas Reaes de Portugal tem huma *Orla* de vermelho, com sete Castellos de ouro com portas, e frestas postas a seu direito. *Palla* dizse do Escudo das Rainhas, dividido em Pallas; a primeira, as Armas Reaes, que saõ as dos Reys seus maridos; a segunda occupaõ as Armas da Casa donde descender, em *Escudo*, e naõ em *Lisonja*. Vid. *Lisonja* supra. Pennachos, a que os Francezes chamaõ *Lambrequins*, ou *Pennache de Timbre*, saõ de varias cores, naõ excedendo as das Armas. Chamaõlhe em Latim *Scutarii fastigii panicula*, ou *Corymbi plumatiles*. *Rapante*, se chama ao Leaõ, quando esta em toda a sua ferocidade; pintase pardo, que he a cara fronteira, e chamase *Caminhante*, que quer dizer, *Leaõ que anda*, e entaõ se chama *Leaõ pardo*, ou Leopardo passante, e se hum Leaõ leonado se pintasse rapante com a cara inteira, se chama entaõ *Leaõ Leopardo*; e pelo contrario, se hum *Leaõ pardo*, ou *Leopardo*, naõ mostrasse mais que meya cara, naõ lhe deveriaõ chamar *Leopardo leonado*. *Rompente*. Todo o Leaõ ha de ser *Rompente*. Timbre, he o Jeroglifico, ou a peça principal das Armas, que se poem em cima do Escudo. A Serpe de ouro he o Timbre das Armas de Portugal; o Pelicano dos Alencastros; a Donzella com os cabellos soltos, dos Menezes. Alguns Authores querem, que os Timbres venhaõ das figuras, que traziaõ nos Elmos os Antigos Romanos, pois muitos eraõ Leoens, Serpentes, Aguias, &c. Mas tudo o que toca à Armaria, deve buscarselhe o principio, nos Torneos, pois até a palavra *Blazaõ*, ou *Brazaõ*, vem do Alemaõ *Blazen*, que quer dizer *Tocar corneta*, o que se praticava nos Torneos, quando chegava algum Cavalleiro para lhe examinarem as suas Armas, e documentos de quem era. O *Timbre*, he huma segunda distinçaõ, porque nem todos os que tem Brazaõ, podem trazer Timbre, sem nova, e especial merce. *Torteaos*. Vid. *Besantes*, supra. *Trupo*, he o que poem alguns sobre a Celada, ou Elmo, que he como hum Rolete. *Trefolio*, he a folha do Trevo; mas dizse *Trefolio*, em termos de Blazaõ. *Apontado*, se diz das pontas. Segundo a ordem Alfaberica dos oito volumes do Vocabulario, achará o Leitor a mayor parte dos termos, de que se faz mençaõ neste Catalogo, em que me pareceo inutil repetir o Latim. *Crescente*; v. g. o Graõ Turco tem por Armas, ou diviza, em campo de *Goles*, hum Cres-

Crefcente de Lua de prata, apontado. *Arrematar*, fe diz por *Arrimar*. A Familia de Lourceiro traz hum Caftello de prata, *Arrematada* a elle huma efcada de prata. *Afnas*, he quafi mefmo que *Caibro*, ou *Chavairoens*. Vid. *Caibro*, mais atraz. Os Jacomes, e as Fornaras, e outras Familias trazem *Afnas*. *Batalhantes*, fe diz dos Leoens das Armas de Suecia, e de muitas outras, que tem Leoens naquella poftura. *Bicudo*, fe diz dos paffaros, que tem *Bicos* grandes. A Familia dos *Bicudos* traz tres paffaros *Bicudos*. *Bordadura*, he o mefmo que *Orla*. *Brocha*, Fivelia, que fempre he redonda, e fempre com feu bico. *Cafcalhos*, fe diz por *Cafcos*. A Familia Leaõ tem por Armas o campo de prata com huma *Cruz* vermelha, *chãa*, e em cada ponta tres bolotas verdes com os *Cafcalhos* de ouro. *Chapeleta*, he o mefmo que Coroa da qualquer planta, que efteja na cabeça de figura, que pertença âs Armas, e affim as dos Montarroyos, faõ em campo de ouro huma Aguia fanguinha *Eftendida*, de duas cabeças, *Armada* de prata, poftas fobre hum Crefcente verde, e em cada cabeça huma *Chapeleta* de ouro, com as raizes de prata. *Cevado*, fe diz dos Animaes, que tem outros na boca, como os Lobos dos Haros, que eftaõ cevados com dous Cordeiros, porque os tem na boca. *Chefe*, fe chama a tudo aquillo, que fe poem no alto do Efcudo. Os Corte-Reaes trazem em campo fanguinho feis Coftas de prata em tres Fachas, e hum *Chefe* de prata, com huma *Cruz chãa*. *Corneta*, ou Bôzina, he o inftrumento, que tocaõ os Caçadores, e Poftilhoens: as Armas dos Monteiros faõ duas Cornetas, e as da Cidade de Vifeo tem hum homem com huma Corneta de Poftilhaõ. *Coronel*, he o mefmo que as perolas, que fe poem nas Coroas dos Condes. *Coticas*, faõ humas bandas mais eftreitas, que as que tem nome de *Banda* fómente, pois a *Cotica*, tem fó os dous terços da largura da *Banda* ordinaria; poemfe da mefma forte, que a Banda, tirando do angulo direito de cima para o efquerdo debaixo; poemfe tambem em Barra, que he de cima para baixo. Ha *Coticas*, e *Contracoticas*. O Labeo de Baftardia he tambem huma Cotica, ainda que tenha aquelle nome. Chamafe *Efcudo Coticado*, quando elle fe enche com dez Bandas de cores alternadas. A Familia dos Amadores traz o campo Azul com duas Coticas de prata em Banda entre duas Eftrellas de ouro de oito pontas, e entre as Coticas hum Torçal de ouro, femado a modo de Veiros. Os Azeredos trazem em campo Azul oito *Coticas* de ouro, em *Contrabanda*. A *Banda* dos Mendoças he vermelha, acotreada de ouro. *Cruz fixa*, he a que eftá firme no perfil do *Efcudo*, como a que trazia o Conde Dom Henrique. *Cruz potente*, ou *Patra*, ou *Potentea*, he a das Armas de Jerufalem, e a que trazem os Teixeiras, e outras Familias. *Cruz dobre*, he a que tem dous braços, como a dos Primazes. Os Mellos, e Almeidas trazem huma *Cruz dobre*. *Cruz chãa*, fe chama aquella, que naõ he *Floreteada*. A *Cruz de S. Jorge*, he chãa. A das Armas de Sardenha, he da mefma forte. *Cubellos*, he o nome de humas torres, que antigamente fe ufaraõ nas muralhas das Cidades, ou Fortalezas. Os Carvalhotas trazem quatro Cubellos de prata. *Cortadas em fangue*, fe diz das Cabeças enfangoentadas, de que fe ufa no Blazaõ. Os Montinhos trazem em campo Azul huma Flor de Liz de ouro, entre quatro cabeças de Serpe do mefmo, cortadas em fangue. *Timbre*, duas Cabeças das Armas. *Drago*, fe chama ao Dragaõ. O *Timbre* dos Sueiros, e Soares de Albergaria, he hum *Drago* vermelho *Volante*. *Em torno*, fe diz, em lugar de à roda. Os Bilches de Hefpanha trazem de Azul hum Sol de ouro, e o corpo do Sol partido em Palla, a primeira de vermelho com hum Caftello de ouro, a fegunda de prata com hum *Leaõ rompente de Purpura*, e o Sol de oito rayos, entre os quaes eftaõ oito Eftrellas de prata *em torno*. *Endentado*,

tado, se diz das peças, cortadas em bicos, em fórma de dentes. Os Paçanhas tem em campo de prata huma *Banda sanguinha, endentada*, e nella tres Flores de Liz de prata a seu direito. *Entrecambado*, he o mesmo que misturado. A Familia dos Netos, tem nas suas Armas entre outras peças, quatro folhas de Figueira verde *Entrecambadas*. Tambem se diz hum Leaõ *Entrecambado*, de tal cor, ou metal. *Enxequetado*, he o mesmo que *Enxadrezado*. *Esgalhados*, se diz dos paos com esgalhos, que trazem os Bairros, Barreiros, e Bastos. *Estendida*, se diz da Aguia Imperial, e de outras aves, que se poem de corpo inteiro. *Foteado*, se diz de huma especie de touca, ou diadema, que se poem nas cabeças dos Mouros, ou Negros. Os Baharens traziaõ huma cabeça de Rey Mouro, *foteada* de prata, e *cortada* em sangue. *Fretada* de preto, ou de qualquer outra cor, se diz em algumas Armas, que tem metaes, como perfilados de cor. Os Guimaraens tem o Escudo *terceado*, ou partido em tres Pallas, de que a primeira, e a segunda he sanguinha, e a terceira fretada, ou (como dizem outros) *fritada* de preto. *Gotadas*, se dizem as espadas, ou outras peças, que nas Armas tem sangue, e he o mesmo, que se disseramos, sem fallar no Brazaõ, ensanguentadas. *Javarril*, acho este nome, que se dá ao *Javali*; naõ sey se he termo proprio da Armaria, ou se antigamente se chamava assim o porco montez, que dizemos *Javali*. *Leaõ Andante*, como o Leopardo, se diz *Leaõ Leopardo*; tambem ha *Leaõ rompente*, *Leaõ nascente*, *Leaõ revolto*, ou *dragonado*. *Lebreos*, se chamaõ os Galgos. A Familia dos Correlhas traz em campo sanguinho huma Torre de prata, lavrada de preto, entre dous *Lebreos* do mesmo, que querem subir a ella, e cada hum com sua coleira azul, guarnecida de ouro. *Limpo*, se diz do Escudo, que tem sómente huma cor, ou hum metal, sem figura, ou peça alguma. O Escudo antigo dos Menezes era de ouro *limpo*. *Lisonja*, figura quadrangular, com diametros desiguaes. *Lisongeado*, se diz do Escudo, que, assim como o da Casa Grimaldi, he *lisonjeado* de prata, e vermelho; isto saõ nove *Lisonjas* sobre campo de prata. *Mantel*, ou *Mantelez*. Escudo em *Mantel*, se diz dos que tem tres divisoens, como o dos Henriques, que he de prata em Mantel, e a ponta do Mantel de sanguinho, entre dous Leoens de purpura batalhantes, armados de vermelho, e posto ao pé do Mantel hum Castello de ouro, tambem se diz, Escudo mantelado. *Mortas*, se dizem as peças, que se suppoem no Escudo, ainda que naõ appareçaõ, v. g. A Familia dos Eças trazia em campo de prata os cinco Escudetes das Armas Reaes de Portugal, em Azul, com muita differença, porque os dous das ilhargas, que formaõ como os braços da Cruz, e haõ de estar deitados de ilharga, e com as pontas para o do meyo, e em cada Escudo haõ de ter nove *Besantes* de prata de tres Pallas, de tres em tres, e huma Orla de cordaõ de S. Francisco de purpura, assentado em maneira de Estatuto com os nós de ouro, e estes cordoens haõ de ficar tambem em Cruz, e em aspa, &c. e de maneira hade cobrir o cordaõ os quatro escudetes, que fiquem *mortos* os Besantes debaixo delles, e so o quinto, que he o do meyo, livre que o cordaõ passa por baixo; e tambem se diz, nas Armas v. g. da Familia Quintal, e outras, huma *Cotica*, que mata o *escaquamento* do meyo. *Mosqueado* de Arminhos, como as Armas dos Barretos. *Nascente*, se diz dos animaes, quer no Escudo, quer no *Timbre*, se lhes naõ vê mais, que meyo corpo, ou menos parte delle, e assim os Fonsecas tem por *Timbre* hum Touro nascente. *Nervado*, se diz dos peitis de cor, que tem algumas peças de ouro. Os Barradas trazem cinco *Vieiras* de ouro, *nervadas* de preto. *Ondados*, se diz das peças em fórma de *onda*, como as dos Tavoras. *Panellas*, he o nome, que se dá aos coraçoens, que trazem por Armas os

os Marroquîs, Percas, Carates, Basilios, e Salsedos, Familias muito nobres de Hespanha, e em Portugal. Os Gamboas trazem tres *Panellas* em roquete. *Pé de agua*, he o termo de que sempre se usa, para significar, que ha no Escudo agua. A Familia dos Moraes traz o Escudo partido em Palla; ao primeiro, de vermelho, com huma Torre de prata, lavrada de preto, com seu telhado de ouro, com huma bandeirinha de prata sobre ella, e a Torre assentada sobre hum *pé de agua*; ao segundo de prata, com huma Moreira verde, com as raizes do mesmo, Timbre a Torre. *Reigada*, se diz sómente do lugar, donde prende o arco, ou aza das caldeiras em *Palla*, enxaquetadas de negro, com os arcos de ouro, e em cada reigada das azas, sete cabeças de Serpe de ouro. *Repassadas*, se diz das memorias travadas, que trazião na Orla de Azul as Armas dos Condes de Palma. *Resguardo*, se diz de animaes, assim como v. g. a Hydra de sete cabeças de Serpes, de que a do meyo he mayor, que as outras em seu *Resguardo*, como se vê na que trazem por *Timbre* os Godinhos. *Revolto*, entre as pernas, he huma *Bordadura*, ou Orla sanguinha, com oito *Aspas* de prata. *Sombreiro*, he o nome, que se dá ao chapeo, que poem os Cardeaes, Arcebispos, e outros Arcebispos, que naõ costumaõ trazer Coroa sobre o Escudo; e só os Bispos de Coimbra poem debaixo do Sombreiro o *Coronel* de Conde, pelo serem de Arganil. *Tanchaõ*, ou *Tachaõ*, he o mesmo que *Bico*, *Ferraõ*, Biqueira, ou Calquilho. Os Meiquiras tem por Armas o campo de ouro com cinco Cintas sanguinhas, postas em *banda* com *Tanchoens*, e fivelas de prata, anilladas, e huma bordadura de Azul, com sete Flores de Liz de prata. Os Caminhas trazem tres Bastoens de prata, em *banda*, e em cada huma das pontas seu *Tachaõ* de ouro. *Terceado* he o Escudo dividido em tres partes; v. g. Jaque de Luxemburgo tinha por Armas o Escudo *terceado*, no primeiro de Ungria, no segundo de Sicilia, no terceiro de Jerusalem. *Troços*, he o mesmo que feixes; os Zuzartes tem seis molhos de *Troços* de lançar, de sua cor. *Vieiras* saõ humas conchas. *Volante*, se diz das aves, que voaõ, e assim os Alcanforados tem por *Timbre* huma Aguia de Azul *volante*. *Como no tempo do Imperio Romano naõ havia Armas de Familias pelo estylo de hoje, naõ temos na Latinidade palavras proprias, e significativas das Armas, que agora se usaõ, e assim nos termos do Brazaõ cada hum se explica em Latim, na melhor fórma, que lhe parece. No meu Vocabulario, segundo a ordem Alfabetica, puz em Latim muitos termos; dos quaes faço mençaõ neste lugar do Supplemento; naõ os torno a repetir, por naõ embaraçar, e estender demasiado as noticias, que dou em Portuguez. De mais do que pela razaõ, que acabo de dizer, naõ tenho donde achar Latim proprio, e usado de Authores antigos nesta materia, o que naõ importa muito, por ser raras vezes necessario. O Padre Silvestre Pedra Santa, da Companhia de Jesus, no seu livro de folha, intitulado,* Tesseræ Gentilitiæ, *traz em Latim a mayor parte das cousas, convenientes à arte da Armaria; a esta obra remetto os Compositores, que talvez seráõ obrigados a tratar desta materia em Latim.*

BOA

BOA DEOSA. *Bona Dea*, a que os Antigos tambem chamavaõ *Fauna*, ou *Senta*, foy Deidade muy venerada das Damas Romanas. Era huma das Dryades, e foy mulher de Fauno summamente pudica. Os Sacrificios se lhe offereciaõ de noite em huma Capellinha, na qual aos homens naõ era licito entrar, nem assistir a seus mysterios. Tanto assim, que Cicero accusa o P. Clodio de sacrilegio, por ter entrado disfarçado naquelle pequeno Templo, e haver contaminado com a sua presença os mysterios da *Boa Deosa*. Todos os annos se

ſe fazia eſte ſacrificio pelas mãos da mulher do Pontifice, e por eſta Boa Deoſa, entendia o Povo a *Terra*; e para elle era o ſacrificio, porque nenhuma couſa eſtima o Povo mais que os frutos da terra. Pela Boa Deoſa tambem entendiaõ os Romanos a huma antiga Rainha de Italia, chamada *Fauna*, porque na mayor parte dos Deoſes da Gentilidade havia dobrados motivos para a veneraçaõ. Nos primeiros ſeculos todos os generos de culto ſe referiaõ a humas entidades materiaes, como ſaõ o Ceo, os Aſtros, a terra, o mar, os boſques, os rios, e outras ſemelhantes creaturas, que os primeiros homens neſciamente conſideravaõ como principios, e unicas cauſas de todo o bem, e de todo o mal, que ſuccede no Mundo; mas como os progreſſos da opiniaõ naõ tem limites, quando ſe tem excedido os da natureza, a religioſa veneraçaõ, que os animos tinhaõ concebido para as ditas entidades, com muito mayor razaõ ſe eſtendeo brevemente aos inventores do culto, e que tinhaõ tido a habilidade de o perſuadir. Com o andar dos annos, foy eſta reverencia creſcendo alentada com o reſpeito, que a Antiguidade coſtuma imprimir, e com o realce, que o coſtume dá a tudo, e como os homens ſempre inclinaraõ a repreſentarſe na imaginaçaõ os Deoſes ſemelhantes a ſi, pela razaõ que diſto dá Cicero (a ſaber, que ao homem nenhuma couſa parece taõ excellente como o meſmo homem) pouco a pouco chegaraõ naõ ſó a divinizar os Authores deſte culto, mas tambem a confundillos como as proprias Deidades, que (ſegundo ſua errada opiniaõ) o haviaõ inventado. Dahi naſceo, que em varias partes do Mundo, a meſma Deidade com nomes diverſos foy celebrada, (o que todos os Mythologicos confeſſaõ) porque eraõ os proprios nomes dos Varoens illuſtres, que em varias terras tinhaõ introduzido o culto. Suppoſto iſto, he provavel que *Fauna* fora a primeira, que excogitara o culto da terra, ao menos em Italia; chamolhe pois com grande razaõ a Boa Deoſa, por excellencia, porque nenhum outro Nume da Gentilidade he taõ benemerito dos homens, como a terra. Dado que o ſexo deſta Rainha naõ houvera ſido ſufficiente, para a imaginaçaõ formar eſta Deidade, antes femea, que varaõ, o que como a terra dá frutos, tem com a mulher mais, que com o homem huma taõ natural ſemelhança, que baſtara eſta razaõ; e parece, que por iſſo ſó mulheres, e naõ homens eraõ admittidos neſta ceremonia. Tambem poderia eſta excluſaõ proceder, de que (ſegundo diz a tradiçaõ) era eſta devota Rainha taõ pudica, que já mais outro homem que ſeu marido, lhe vira a cara, nem ſoubera o ſeu verdadeiro nome, que o de *Fauna* ſó com o tempo lhe foy dado; porque o ſeu marido ſe chamava *Fauno*. Logo he forçoſo concluir, que para honrar as memorias da ſua pudicicia, a todo o varaõ foy prohibida a aſſiſtencia a eſtes myſterios, ſem excepcuar ao meſmo Pontifice, em cujas caſas ſe celebravaõ, e preſidia em todos os mais, porque antes que a eſta celebridade ſe déſſe principio, era o Pontifice obrigado a ſahir fóra da ſua, e levar comſigo todo o macho de qualquer calidade, que foſſe. Até as pinturas, em que alguma couſa deſte ſexo era repreſentada, ſe eſcondiaõ. A eſta funçaõ eraõ chamadas as Veſtaes. De todas as plantas, que ſe eſcolhiaõ para ornato da caſa, ſó a murta era prohibida, por ſer vegetante dedicado a Venus, e com a noite ſe dava principio á ceremonia;

——— *Velari pictura jubetur*
Quæcunque alterius ſexus imitata figuram eſt.

Juvenal. Vid. Bonna.

Boa-nova. Borboleta, que por ſer toda branca, alguns, poſto que ſuperſticioſamente, por agouro lhe chamaraõ *Boanova*.

Boaz, ou Boazes. Saõ huns inſtrumentos de aſſopro, da feiçaõ de frautas grandes, que nos vieraõ do Norte. Os Francezes lhes chamaõ *Hautboaz*, mas

mas escrevem *Hautbois*. *Decumanæ tibiæ musicæ*, ou *Litui Musici lignei*.

BOB

BOBELHES. De quem faz huma cousa com pouca attençaõ, e cuidado, diz chulamente o vulgo, que a faz de bobelhes, bobelhes.

BOBIO. Cidade Episcopal de Italia, no Ducado de Milaõ, sobre o rio Traba. *Bobium, ii, Neut.*

BOC

BOCA da noite. Vid. Boca no 2. tomo do Vocabulario.

Quando a boca da noite beijava o rabo do dia. He frase de certo Poeta. *Flexo in vesperam die. Tacit.*

BOCAMOLLE. Peixe do Brasil, assim chamado, porque tem a boca muito molle, e fóra da agua logo morre; tem todo o corpo cuberto de escamas argentadas, e resplandecentes; nas costas reluz huma cor verde com ouro. He bom de comer, e tem bom sabor, vive no lodo do mar. O Gentio lhe chama *Pirajurumenbeca*. *Jorge Marcgravo. Histor. Piscium*, *lib. 4. pag. 149.*

BOCEJAR. Vid. no tomo 2. do Vocabulario.

Bocejar a miudo. *Sæpius oscitare. Oscedinis vitio affici.*

O vicio de bocejar a miudo. He proprio dos que tem vigiado muito; e tambem dos que acordaõ, antes de acabar o sono, que lhes hia pedindo a natureza. *Oscedo, dinis, Fem.* Aul. Gell.

Bocejando a miudo se encostavaõ.
Camoens, Cant. 6. Oit. 39

BOCHECHAÕ. Pancada, ou punhada rija nas bochechas. Dar hum bochechaõ. *Compressa in malam palma aliquem ferire.*

Fincoume huma bofetada,
E cinco, ou seis bochechoens.
Orat. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 337.

BOD

BODROMIAS. Derivase do Grego *Bosdromein*, que segundo Hesychio, e Suidas, val o mesmo que *Correr gritando*; ou mais claramente de *Boy*, que em Grego significa *Gritto*, e *Dromos* Corro. *Bodromias* pois era huma festa celebrada dos Athenienses, em memoria do soccorro com que *Ion*, filho de *Xutho*, lhes acudio na guerra, que Eumolpo, filho de Neptuno, lhes moveo no tempo delRey *Erechtheo*, porque este soccorro foy dado com grande pressa, e com alaridos, como se costuma em soccorros desta natureza. He opiniaõ de outros, que esta festa foy instituida em honra de Theséo, porque debellara as Amasonas no mez de Junho, que os Athenienses chamavaõ *Boëdromion*. *Pausanias in Atticis. Plutarc. in Theseo.*

BOE

BOENS. Palavra da India. Saõ as balizas das varzias, que se poem para a divisaõ da terra repartida.

BOETA. Vid. tomo 2. do Vocabul.

Tambem acho com o nome de *Boeta*, a caixa, em que estavaõ guardadas as vias das successoens da governança da India. *Couto, Dec. 7. liv. 10. fol. 244. col. 3.*

BOF

BOFÊ. Modo de fallar, vulgarmente usado para affirmar alguma cousa. *Bonâ fide*, he outra cousa. Poderás dizer *Profectò. Me Hercule. Certe. Sane.*

Mas Bofê, que nos rebanhos
Se conheciaõ teus anhos.
Obras Metricas de D. Franc. Manoel part. 2. pag. 70. col. 2. Nesse mesmo Author, Viola de Talia, pag. 248. col. 1. acho Bó fê escrito nesta fórma, em duas palavras, e com dous acentos.

BOJARDA. Pera Bojarda. Os Italianos chamaõ a esta casta de peras, *Brutte buone*, id est, feas, e boas, e com razaõ,

zaõ, porque ſendo ſêcas por fóra, tem muito bom ſabor. Nós, quaſi pela meſma razaõ, com nome Italiano lhes chamamos *Peras Bojardas*, porque na lingua Italiana *Bugiardo*, quer dizer *Mentiroſo*, e em certo modo ſe póde dizer, que ſaõ mentiroſas as taes peras: porque moſtraõ huma couſa por outra, parecem más, e ſaõ muito boas.

Bojares. Saõ os Fidalgos da Corte do Graõ Duque de Moſcovia. Os do numero ſaõ ordinariamente trinta, e ſaõ os primeiros Conſelheiros de Eſtado. Naõ pódem ſahir da Cidade de *Moſcou*, e tem obrigaçaõ de ſeguir ao Graõ Duque, quando vay a alguma parte. Todas as manhãas lhe vaõ beijar a maõ, e na ſua preſença daõ com a maõ na teſta, em ſinal da ſua fidelidade. Tem grandes, e magnificos Palacios. Quando ſahem a cavallo, tem no arçaõ da ſella hum pequeno atabale, em que de tempo em tempo daõ com o cabô do açoute huns golpes, para ſinal à gente, que ſe arrede para lhes dar lugar. Nos dias de ceremonia ſahem veſtidos de huma tunica bordada, e guarnecida de perolas, e trazem na cabeça huma eſpecie de barrete, forrado de raposa negra. Naõ ſómente ſaõ conſultados nas materias concernentes ao governo politico, mas tambem tem voto nos litigios, e negocios particulares, em cuja deciſaõ aſſiſtem como Preſidentes. *Oleario, Viagem de Moſcovia.* Tambem ſe dá eſte nome *Bojares* aos Cavalheiros de Tranſilvania, que ou por ſangue, ou por affinidade tem parenteſco com a illuſtre Familia dos antigos Vaivodas; e talvez ſuccede, que ficaõ eleitos Principes daquella terra. *Ricaut, Hiſtor. do Imperio Ottomano.* Segundo Cluvier, tambem foraõ chamados Bojares, huns Povos da Germania, originarios da Gallia, e hoje ſaõ os Bàvaros, ſubditos dos Duques de Baviera.

Bois. Na India Portugueza, ſaõ os que carretaõ os andores, e em Salſete ha tambem aldea delles, que paga os foros do peixe que vende, comprando-o aos peſcadores das prayas.

BOL

Bolacha. Bolo, feito de paõ aſmo, que ſe coze no borralho. *Placenta, ſine fermento, ſub cinere calido cocta.*

Bolêa. Eſte nome parece derivado do Francez *Voleé*, que he o *voar*; porque do coche, que corre muito os Francezes dizem, *Le caroſſe vole*; e a Bolea, que he o pao, onde ſe prendem os dous cavallos, faz voar o paquebote.

Boleima. Termo chulo. Homem molle, para pouco, de pouco alento, e menos preſtimo.

Bolo. No jogo da renegada, he o dinheiro repoſto de varias mãos empatadas.

Bolonio. Por antifraſis poderá eſte palavra ſignificar *Indouto, Ignorante*; pela grande analogia, que tem com *Bolonha*, em Latim *Bononia*, Cidade, cuja Univerſidade a fez taõ celebre nas Sciencias, principalmente na Juriſprudencia Civil, e Canonica, que della ſe diz por excellencia, *Bononia docet.* Neſta Cidade pois, amiga das letras, e ſingularmente affecta à Religiaõ de S. Domingos, cujo ſagrado depoſito nella ſe conſerva, e venera com grande devoçaõ, que muito, que algum, quer Secular, quer Religioſo da dita Ordem, chamaſe aos Leigos della *Bolonios, id eſt*, Doutores de *Bolonha*, por ironia.

Bolsa. Em algumas Cidades he o lugar, onde ſe ajuntaõ os mercadores a tratar dos ſeus negocios. Vid. tomo 2. do Vocabulario. Na Deſcripçaõ dos Paizes Baixos, no capitulo intitulado, *O Retrato da Bolſa de Anverſa*, dá Guichardino huma curioſa etymologia Hiſtorica deſte nome. O caſo foy, que em huma Praça da Cidade de Bruges em Flandes, ha humas caſas grandes, e muito nobres da Familia chamada da *Bolſa*, com o Eſcudo das ſuas Armas em pedra ſobre a verga da porta, as quaes conſtaõ de tres Bolſas, e dellas tomou a dita Praça o nome de *Praça da Bolſa.* Como pois os homens de negocio, e merca-

mercadores de Bruges costumavaõ ajuntarse na dita Praça, deraõ o dito nome de Bolsa às Praças de Anvers, Berga, e outras Cidades, para onde hiaõ tratar do seu commercio; tanto assim, que em breve tempo se passou este titulo a França, com o nome de Bolsa de Ruaõ, da Bolsa de Tolosa, e a Inglaterra na Cidade de Londres, onde o Mestre Thomás Grassano, seu morador, levantou para ajuntamento dos mercadores, hum soberbo edificio, que a Rainha Elisabeta foy ver de proposito, e o gabou muito. Mas para que naõ parecesse arremedo da Bolsa de Anvers, mandou que lhe chamassem *Cambio Real*. Porém teve o primeiro nome tanta força, que prevaleceo ao mandamento da Rainha, e ainda hoje commummente se chama Bolsa.

Bolsas da India. Saõ humas Bolsas de seda, as quaes tem por fóra em letras de ouro, ou prata o sobrescrito, e por dentro huma só carta. Nesta fórma costumaõ os Viso-Reis da India escrever a ElRey de Portugal, e a Cavalheiros desta Corte.

Bolsena. Cidade de Italia. Antigamente foy da Toscana. Hoje he do Patrimonio de S. Pedro. He o *Volsinium* dos Antigos.

BOM

Bom. Vid. tomo 2. do Vocabulario *Outros Adagios Portuguezes do* Bom.

O Bom vinho escuta pregaõ. O Bom vinho, a venda traz comsigo. O Bom mosto sahe ao rosto. Naõ he Bom o mosto colhido em Agosto. Quando naõ chove em Fevereiro, naõ ha Bom prado, nem Bom centeyo. Amigo de Bom tempo, mudase com o vento. Ao Bom amigo, com teu paõ, e com teu vinho. Mais val hum Bom amigo, que teu parente, nem primo. Anda a teu amo a sabor, se queres ter Bom servidor. Naõ he o Bom bocado para a boca do asno. As palavras Boas saõ, se assim fosse o coraçaõ. Cobra Boa fama, faze o que quizeres. Companhia de dous, companhia de Bons. De ruim ninho sahe Bom passarinho. Faze Boa farinha, e naõ toques bozina. De Bons propositos está o Inferno cheyo, e o Ceo de Boas obras. Caõ azeiteiro, nunca bom coelheiro. De má mata, nunca Boa caça. Castiga o Bom, melhorará; castiga o mao, peorará. A Boa maõ, do ruim faz cavallo, e a ruim do cavallo faz rocim. Ao Bom cavallo, espora; e ao Bom escravo, açoute. Bom caõ de caça, até à morte dá ao rabo. Cresce o ouro bem batido, como a mulher com Bom marido. De Bons, e de melhores, à minha filha venhaõ. Em quanto fuy sogra, nunca tive Boa nora. Em quanto fuy nora, nunca tive Boa sogra. Bom de convidar, mao de fartar. Bom comer, traz mao comer. Nunca Boa olha com agraço. Quem Bom, e mao naõ póde sofrer, a grande honra naõ póde vir ter. Se queres ter Bom moço, antes que nasça, o busca. A Bom dia abre a porta, e ao mao te aparelha. Ao Bom pagador naõ doe o penhor. Boas saõ mangas depois de festa. Bom he saber, que paõ te ha de manter. Bom he hum paõ com dous pedaços. Do bom logo, Bom fogo. Em mao anno, e em Bom anno, aveza bem teu papo. O Bom ganhar faz o Bom gastar. O Bom dia, meteo em casa. O Bom visinho faz o homem desaperceb ido. O Bom pay, amese; e o mao, sofrase. O Bom pagador, he herdeiro no alheyo. O Bom pagador, naõ arrecea pena. Para o Bom pede, para o mao deseja. Quem he Bom de contentar, menos tem que chorar. Boa he a tardança, que assegura. Filho bastardo, ou muito Bom, ou muito velhaco. O filho do Bom, passa o mao; e passa o Bom. O filho do mao, quando sahe Bom, he rezoado. O filho do Bom vá, até que bem lhe vá. Bacoro fiado, Bom Inverno, e mao Verão. De rabo de porco, nunca Bom virote. Naõ he Bom fugir em soccos. Quem sempre olha o derradeiro, nunca commette Bom feito. Naõ he Boa a falla, que todos naõ entendem. O moço de Bom juizo, quando velho, he adevinho. Boa conta, má conta, tudo he conta. Boa meia, mao testamento.

Ao Bom darás, e do mao te afastarás. Bom amigo he o gato, senaõ arranhasse. Debaixo de Bom layo, está o homem mao. O mao ao Bom anoja, que ao mao naõ ousa. A Bom correr, ou mao comer, tres vezes beber. A Bom, bocado grande. As Boas novas, a todo o tempo, e as más pela manhãa. Boa he a truta, Bom o salmaõ, Bom he savel, quando he de sazaõ. O que he Bom para o ventre, he mao para o dente. Pouco mal, e Bom gemido. A mulher Boa, prata he que muito soa. Aquella he Boa, e honrada, que está viuva sepultada. Cresce a mulher com Bom marido, como o ouro bem batido. O Bom pano na arca se vende. Bom principio, he ametade. O Bom aparelho, faz o Bom official. Com Bom Sol, se estende o caracol. A Bom pedidor, Bom tenedor. A Bom dizidor, Bom ouvidor. A Bom entendedor, poucas palavras. Bom saber he callar, até ser tempo de fallar. Bom coraçaõ quebranta má ventura. Do traidor farás leal com Bom fallar. De hum homem nescio, às vezes Bom conselho. Prata he o Bom fallar, ouro he o Bom callar. Se queres Bom conselho, pedeo ao velho. Se queres ser Bom juiz, ouve o que cada hum diz. Boa he a cosinha, onde ha carne. A sciencia he loucura, se o Bom siso a naõ cura. A Boa ventura, com outra dura. A Boa ventura de huns ajuda aos outros. Desleal, e Bom servidor, virás a ser senhor. Dormirey, Boas novas acharey. Se queres Bom cabaço, semeao em Março. Bom he ter pay, e mãy, mas o comer rapa tudo. Boa parte, em mao sugeito.

Bombáras. Fruta das terras de Sena, e Tate, na Africa, saõ como azeitonas, e comemse da mesma maneira salgadas. (Ethiopia Oriental de Fr. Joaõ dos Santos, livr. 2. cap. 8.)

Bombardada. Vid. Canhonaço tom. 2. do Vocabulario. (Deraõ na Galé vinte e sete Bombarbadas. Diogo do Couto Dec. 8. folha ultima.)

Bombardar. Bater com bombas. Vid. Bomba, no tom. 2. do Vocabulario. (Morteiros promptos para Bombardar a Cidade. Gazeta de Lisboa de 1721. 20 de Setembro pag. 66)

Bombazina. He o mesmo que bordadilho, ou fustaõ, mas he liso com pello pela parte, que serve à vista.

Bombear. Bater com bombas. Querem alguns, que para este significado, *Bombear* seja mais proprio, que *Bombardar*.

Bombîz. He palavra Latina de *Bombix*, bicho da seda. Vid. no seu lugar.

Estava vario Bombiz, *desta planta*
Roendo as folhas, e das moras della
Estavaõ aves mil comendo tanta.

Virginidos de Man. Mendes Barbuda, Canto 19. Estanc. 35.

BON

Bona. Cidade de Africa, no Reyno de Alger, ou de Tunes, como querem alguns. O que neste sitio antigamente se chamava Hippona, ou Hipponia, foy destruido pelo Califa Odman, no anno de 651. Só ficaraõ as ruinas de hum Templo, e de hum grande Palacio nas margens do rio Jadoc. Os Christãos lhe chamaraõ *Bona*, pela bondade do seu territorio, que he o melhor, e mais fertil de toda a Barbaria.

Boncurt. Villa de França, na Provincia de Normandia, sobre o rio Euro. Nos quatro annos, que precederaõ o anno de 1670. foy esta Villa queimada por hum fogo extraordinario, do qual naõ pode descobrir a natureza, nem a causa. Em diversos tempos pegou este fogo na mayor parte das casas, ora nos aposentos, ora nas estribarias, e algumas vezes nas paredes, e nos monturos. Era huma especie de fogo errante, que hia, e vinha, andava, e voltava, saltando de huma parte para outra, e brincando em todas as materias; era muito ardente, a cor tirava a azul, e exhalava hum vapor de mao cheiro. Pegando huma vez em humas casas juntas a outras duas, queimou as primeiras, e as ultimas, sem offender as do meyo. Antes do incen-

incendio, constava a Villa de algumas oitenta moradas de casas, que foraõ todas queimadas, excepto duas, ou tres. Observouse, que nos quatro annos, que este fogo foy obrando, era mais ardente no fim do mez de Agosto, e no principio de Setembro. Indicios, que o fogo havia de pegar, eraõ humas nuvens vermelhas, que se viaõ no ar; em quanto durou este fogo, naõ deixaraõ as terras de dar todo o genero de frutos, que costumavaõ dar. O que tambem he digno de ser notado, he, que humas quinze, ou dezaseis casas, distantes só cincoenta passos da Villa, sem embargo da visinhança, ficaraõ illesas. Deste successo se passou hum acto com provas authenticas, pelos Ministros, e Juizes da Comarca.

Bonito. Peixe. Vid. tomo 2. Na sua Historia Natural livr. 5. Jacobo Boncio deriva o nome deste peixe do Latim *Bonitas. Hic piscis est longè optimi saporis, Bonitas bonitate excellens.*

Bonna. He o nome de huma Deosa, a que os antigos chamavaõ *Bona Dea.* Vid. *Boa Deosa*, no seu lugar Alfabetico. Ao que ja temos dito, para mais distincta noticia de tudo, bom he accrescentar, que quando P. Clodio profanou as ceremonias da festa desta Deosa, entrando nella disfarçado com trage de mulher, Julio Cesar era Pontifice, e o intento do dito Clodio era sobornar a Mucia, mulher de Julio Cesar. Tambem os Gregos offereciaõ sacrificios à Deosa Bonna, e lhe chamavaõ a Deosa das Mulheres e differaõ, que era huma das amas de Baco, e que naõ era licito chamalla pelo seu proprio, e verdadeiro nome. *Plutarc. in Quæst. Rom. quæst. 20. Macrob. Saturnal. lib. 1. cap. 12.*

Bonna. Cidade de Alemanha. Vid. Bona, no 2. tom. do Vocabulario.

BOQ

Boqueiraõ. Daõ os navegantes este nome a humas enseadas muito grandes; v. g. o Boqueiraõ de Bellilombo, que tem cousa de quatro legoas de largo, e o Boqueiraõ de Sumbava, que tem algumas legoas de largo, entre as Ilhas de Lumbá, navegando de Goa para Timor. *Pimentel, Arte nova de navegar* 428. Vid. Boqueiraõ no 2. volume do Vocabulario.

Boquelho de forno. Buraco mais pequeno junto à boca do forno.

Boquerano, ou a Boquerana Ilheo do mar da India, oito, ou dez legoas da Ilha de Borneo, da banda da Ilha de Mindanao.

Boquiaberto. Corvo Boquiaberto. *Corvus ore aperto, vel ore hiante.* (Corvos Boquiabertos contra o Sol, denotaõ serenidade. Chronograph. de Avelar 235. vers.)

BOR

Borbolegaõ. Em Portugal, no termo da Villa de Grandula, Comarca de Setuval, he celebre o arroyo do Borbolegaõ, de agua muita, e excellente, que nasce de hum olho, do tamanho da roda de hum carro. Dizem, que no dito arroyo, ou ribeiro se lança do alto hum homem a pique, e cravandose nelle atè os peitos, o impeto das aguas o faz vir pouco a pouco, atè que apanhando-o com as nadegas fóra, o lança na margem com tanta furia, e taõ leve, como se fora huma cortiça; e o mesmo faz a qualquer paó, que se lhe mete, por grande que seja: dentro nelle se ouve estrondo, como o que faz na costa o mar bravo, e vagadas na agua, como as ondas.

Bordadilho de linhas. He hum pano de linho, fabricado no Norte, como fustaõ, e he lavrado de varias cores.

Boreas. He palavra Grega; composta de *Boan*, gritar, e *Reain*, Correr; porque Boreas he vento, que corre soprando com grande roido. Alguns derivaõ este nome do Grego *Bora*, alimento; porque segundo elles dizem, este vento he frio, e seco, e com estas duas calidades aperta os poros de sorte, que augmentando, e fortificando o ca-

lor

lor natural, contribue ao nutrimento dos corpos, e os faz sadios defecando, e dissipando os maos humores. Em Portugal, e no Oceano lhe chamaõ *Norte*, e no mar Mediterraneo *Tramontana*. Os Francezes lhe chamaõ *Bise*, e vento Septentrional. Aos montes Hiperboreos, situados no Norte, deu o vento Boreas o nome. Tambem se chama Boreal a parte do Mundo, chegada ao Septentriaõ; e com o nome se exprime a latitude pela parte do Polo Arctico, como pelo nome Austral, a latitude da banda do *Polo Antarctico*. Philostrato faz a Boreas Rey dos ventos, e diz, que mandara seus filhos, *Zethes* (isto he, que *Sopra rijo*) e *Calais*, (isto he, *que sopra brando*) para ajudar a expediçaõ de Colchos. E em Apollonio de Rhodes achamos esta fabula com a particularidade, que houvera Boreas estes dous filhos da Nympha Orithia, que elle roubara, e levara da Cidade de Athenas. Proseguindo esta ficçaõ, dizem, que estes dous moços tinhaõ os hombros cubertos de escamas douradas, azas nos pés, e huma grande cabelleira de cor azul. Exterminaraõ as Harpias, que infestavaõ a Thracia, de que Pineo era Rey, e as encurralaraõ nas Ilhas Strophadas, donde Iris as tirou, e as mandou vir, para que se naõ désse mao trato às cadellas de Juno, que saõ as Harpias. Escreve Pausanias, que em Megalopolis Cidade da Grecia, naõ havia Deidade mais venerada que o vento Boreas, porque favorecera notavelmente seus moradores na vexaçaõ, que lhes quizeraõ fazer os Lacedemonios. Em agradecimento deste beneficio lhe dedicaraõ hum Altar, e todos os annos lhe offereciaõ hum sacrificio. *Boreæ ara dicata est, cui anniversarium Megalopolitani sacrum faciunt. Pausan. lib. 8. pag. 513.* O que diz Homero do vento Boreas, a saber, que se transformara em cavallo; e cobrira humas fermosas egoas, das quaes houvera doze potros, taõ destramente ligeiros, e velozes, que podiaõ correr por cima das espigas dos paens, sem dobrallas, e pelas ondas do mar, sem molharse, fundase, em que corria no Mundo como cousa certa, que havia egoas, que concebiaõ do vento. Isto, que Homero fingio do vento Boreas, o conta Virgilio do vento Zephiro como Historia.

Borguinhota. He tomado do Francez *Bourguinhote*, que (segundo Menage) he certa carapuça, de que usavaõ os Borguinhoens.

Borilada, ou Burilada. O golpe, que dá o Abridor com o buril. *Scalpri impressio, onis, Fem. Sculptura, æ, Fem.* He de Plinio, que no livro 37. cap. 7. diz: *Omnia autem hæc genera, Scalpturæ contumaciter resistunt.* Resistem as buriladas.

Bornal, ou Bornel. O saquinho, atado na boca da besta, no qual a besta come a cevada.

Boroa. Vid. mais abaixo Broa. (O paõ he de milho, que chamaõ Boroa. Histor. de S. Domingos 1. part. liv. 3. cap. 8. pag. 134. col. 2.)

Borracha. Vid. a etymologia desta palavra, na dicçaõ *Burro*.

O Adagio Portuguez diz: Naõ vas sem Borracha caminho, e quando a levares, naõ seja sem vinho.

Borras. Chama o vulgo indignamente aos Religiosos da Terceira Ordem de S. Francisco, *Borras*. Derivase este nome da terceira especie do vinho, porque a primeira, a saber, mosto, he vinho; a segunda he agua pé; e a terceira he a Borra.

Borrelho. Ave. No Vocabulario, chamolhe em Latim *Fulica*, porque dizem alguns, que he ave muito negra, que anda pelas prayas do mar, e se mantem dos peixinhos, que apanha. Porém querem huns Criticos, que *Fulica* seja Gaivota, e esta interpretaçaõ lhe dá o Padre Bento Pereira na sua Prosodia; mas duvido muito, que *Fulica* seja o nome Latino de *Gaivota*. Vid. mais abaixo Gaivota.

BOS

Boscobêl. Bosque, ao qual se acolheo Carlos II. Rey de Inglaterra, depois da batalha de Worchestre, no mez de Setembro de 1651. Chamouse assim, como quem dissera, Bosque bello, ou Bello bosque. No meyo deste bosque ha duas moradas de casas, huma dellas se chama *White-Ladies*, isto he *Brancas-Damas*, porque algum dia foy Convento de Religiosas vestidas de branco. El-Rey de Inglaterra obrigado a porse em salvo neste asylo, de noite se recolhia no dito edificio, e de dia ficava escondido no tronco de hum carvalho taõ grande, e taõ copado, que em seus ramos altos se podem esconder mais de vinte pessoas. Depois deste famoso acontecimento, o dito carvalho foy chamado *Carvalho Real*.

Bosquete. Diminutivo de Bosque. Bosque pequeno. *Silvula*, *æ*, *Fem.* *Columel.*

Bostangi bashi. Em Turquia, he o Jardineiro môr. Tem a seu cargo todos os jardins, fontes, casas de prazer do Graõ Senhor. Póde chegar a ser Baxa do Graõ Cairo, e tambem de Babylonia, e Graõ Vizir. *Ricaut. Histor. do Imperio Ottomano.*

BOT

Botaõ. Nas suas etymologias deriva Ferrari o *Bottone* dos Italianos, do qual se deriva o nosso *Botaõ* diversamente do que temos dito no 2. tomo do nosso Vocabulario, *Quia autem hæc vasa* (scilicet *Botte*, ou *Bouteille*, em Francez) *rotunda sunt, & protuberantia, hinc putamus* Bottoni *appellari globulos, quibus vestimenta adstringimtur.*

Botiqueiro. Vid. Birriqueiro.

Bottas abatidas. Vasilhas, com que nas adegas se recolhe o vinho: levaõ tres quartos, e chamaõse abatidas, porque se desmanchaõ.

Bottos. Termo da India. Saõ huns Sacerdotes da Gentilidade, que daõ ley aos mais. Descendem, como os Bramanes do mesmo Brama; porém dizem, que saõ mais puros, por naõ comerem peixe, e passarem só com verdura. E porque os Bramanes comem peixe, os Bottos se aparentaõ só com os Bottos, e naõ comem com outros Bramanes, e estes comem das mãos daquelles; e aliás perdem a casta.

BOU

Bobuîs. Passaros do mar da India, taõ simples, e taõ tolos, que se deixaõ apanhar com a maõ. Faz menção delles Thomas Herbert, na Relaçaõ da sua viagem da India, pag. 14.

Boucha. No Alemtejo, he o mato, que se queima, para semear no lugar, que occupava.

BOY

Boy. Os Antigos offereciaõ Boys em sacrificio a muitas Deidades, e principalmente a Jupiter; e o que vinha a lograr esta honra (segundo escreve Homero) devia ter cinco annos. Porém affirma Plutarco, que nas suas Leys prohibira Solon, que se sacrificassem Boys; o que Eliano declara dos Boys destinados para a lavoura. Tambem a Cybele, mãy dos Deoses, se sacrificavaõ Boys, estes sacrificios se chamavaõ *Tauropilia*, e foraõ instituidos em agradecimento a esta Deosa, por ter ensinado aos homens a arte de domar estes animaes para lavrar, e cultivar a terra. A Neptuno os Gregos sacrificavaõ touros negros, significando por elles o furor do mar em tempo de tormenta. Chegou a superstiçaõ dos Antigos, a fazer a Jupiter sacrificios de cem Boys, aos quaes sacrificios chamavaõ *Hecatombas*. Pelo que diz Strabo, inventores destes sacrificios foraõ os Lacedemonios, que todos os annos faziaõ hum sacrificio de cem Boys em nome das cem Cidades, que estavaõ debaixo da sua jurisdiçaõ. Mas como esta despeza pareceo excessiva, reduziraõ o numero dos Boys sacrificandos a vinte e cinco; e para naõ terem escrupulo,

desta diminuiçaõ, excogitaraõ huma pueril subtileza, dizendo, que como cada Boy tinha quatro pés, bastava que para ser Hecatombe, se achasse nas partes sacrificadas o numero de cem. Naquelles tempos certo navegante vendose arriscado a perderse na tormenta, prometteo huma Hecatombe, se escapasse do naufragio. Mas como a sua pobreza lhe naõ dava lugar para cumprir o voto, com maça de farinha fez cem pequenos Boys, e os foy offerecer aos Deoses protectores. Alguns Authores attribuem a *Pythagoras* esta falsa Hecatombe, porque em Diogenes Laercio achamos, que este Filosofo, depois de achar huma nova demonstraçaõ da sua Trigonometria, offerecera aos Deoses huma Hecatombe destes animaes, feitos por arte.

Boys. Termo da India Portugueza. Vid. Bois, supra.

BOZ

Bozôr. Cidade na fronteira da Arabia, onde Moysés estabeleceo hum asylo, para aquelles, que matassem casualmente, e naõ de pensado; tambem fez outros dous, hum na Cidade de Arman, em Galaad, e outro na Cidade de Golan, em Bazan. Para este genero de homiziados estarem seguros, ordenou este Santo Legislador, que vivessem em huma destas duas Cidades todo o tempo da vida do grande Sacrificador, debaixo de cujo Pontificado fosse commettido o homicidio; que depois de elle morto, poderiaõ restituirse à sua Patria; e que se no tempo do seu degredo, algum parente do morto os achasse fora destas Cidades de refugio, poderia tirarlhe impunemente a vida. *Joseph, Histor. liv. 4. cap. 8.*

BRA

Brabante. As Cidades de Brabante saõ muy formosas; no espaço de vinte legoas de largura, e vinte e duas de comprimento, tem o Brabante vinte e seis Cidades muradas, e outras muito fortes, sem fazer mençaõ das de menor porte, que naõ deixaõ de ser boas Cidades. Algum dia foy *Louvain* Cabeça do Brabante; depois foy *Bruxellas*; as outras saõ *Anvers*, *Malines*, *Tillemont*, *Lira*, *Arschot*, *Nivella*, &c. Os Hollandezes saõ Senhores de *Bergop-zoom*, *Breda*, *Grave Bolduc*, *Vallemstad*, *Lillo*, e *Mastrich*.

Braçada. Quanto se póde abarcar com ambos os braços. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Braçada. O comprimento dos dous braços abertos. *Brachiorum diductorum longitudo, inis, Fem.* (Em boa proporçaõ da symetria, abrindo o homem os braços, e estendendo mãos, e dedos, esta *Braçada* he a medida da sua estatura, e de tempos antigos ficou introduzido no que se mede por Braçadas, fazellas de dez palmos, posto que hoje os braços, e mãos estendidas naõ chegaõ a tanto; final de que entaõ faziaõ aquella medida, e por consequencia as estaturas ordinarias eraõ de dez palmos de hoje.)

Braçal. Armadura dos braços. *Brachiale, is, Neut. Brachialia non solum vocantur ornamenta, sed etiam tegumenta brachiorum.* (Escudeiros com cotas, e *Braçaes*. Vida do Condestab. Nuno Pereir. pag. 66. col. 2.).

Bracarense. Cousa, ou pessoa de Braga. *Bracarensis, se, is, Neut.* Do valor, com que as matronas Bracarenses resistiraõ ao poder dos Romanos, e de como huma dellas matou ao Capitaõ delles Norbano Calvio. Vid. *Mon. Lusit. tom. 2.*

Braga. No Theatro Genealogico da Casa de Sousa, achará o Leitor huma bella descripçaõ desta Cidade, fol. 16.

Brama. O Rey Brama, de quem se deriva a ascendencia dos Bramanes, naõ he como se fabúla, hum Deos Gentilico; se naõ na realidade Rey; de cuja Casa era descendente o Mago, a quem tambem chamaraõ *Brama*; e ainda, que lhe accrescentem o renome de *Deu*, he

com

com grande propriedade, porque a significaçaõ desta palavra *Deu*, segundo a etymologia della, naõ vem a ser verdadeiro Deos Omnipotente, a quem todos confessaõ superioridade; porém he hum epitheto, que distingue as excellencias da pessoa, a que se attribue, e he o mesmo que hum superior, ou Deos cà na terra. Os Romanos davaõ hum titulo semelhante aos seus Cesares, como *Divo Julio*, *Divo Octaviano*, &c. *Antonio Joaõ de Frias, na nobiliarchia Bracmana, pag.* 89.

Bramanes. Da origem, e diversidade dos Bramanes da India, temos fallado amplamente no tomo segundo do Vocabulario. Aqui daremos noticia da extravagancia, e ridicularia dos seus dogmas. Dizem os seus Doutores, que ha sete Ceos, e que de hum ao outro ha de vacuo cem mil jornadas, e cada jornada de seis mil legoas. Dizem, que o primeiro Ceo tem em si as Estrellas fixas, e os Planetas. No segundo Ceo, que chamaõ *Malongaõ*, dizem, que vivem os Deoses com suas mulheres. No terceiro Ceo, chamado *Mamalongaõ*, dizem, que estaõ os Penitentes; no quarto Ceo, chamado *Genalongao*, os Anjos. No quinto Ceo, chamado *Tapalongaõ*, dizem, que estaõ os Religiosos, que professaraõ castidade, e pobreza. No sexto Ceo chamado *Latalongaõ*, repartem elles em tres partes; e em cada huma delas hum Regente. Estes Ceos dizem, que os rodea outro, que tem de grossura hum cento de jornadas, e toda esta maquina espherica, affirmaõ que a sustenta sobre os seus hombros huma mulher, chamada *Adarasati*, que quer dizer Verdade, e assim o interpretaõ seus Theologos. Tem para si, que o Mundo naõ he hum só se naõ quatorze, os sete superiores, que acima dissemos, e os outros inferiores, e sobre isso contaõ despropositos sem fim. Tambem dizem os seus Theologos, que todas as criaturas, que Deos criou, assim racionaes, como irracionaes, e ainda vegetativas as havia no Ceo, primeiro que Deos fizesse o Mundo, e que este debaixo foy hum retrato do de cima. Negaõ os Antipodas, e dizem, que o Sol naõ se mette por debaixo da terra, senaõ que anda ao redor della, erro, em que outros melhores Filosofos, que elles cahiraõ, que ElRey D. Manoel de gloriosa memoria desfez por meyo do famoso Capitaõ D. Vasco da Gama, que descubrio ao Mundo pela sua dilatada navegaçaõ esta verdade, até entaõ de muitos ignorada. Affirmaõ mais estes Gentios, naõ se sustentar a terra no ar, por nenhuma cousa natural, ou milagrosa, senaõ que está sobre certas cabeças de serpentes, e que aquellas tambem sobre huns elefantes, e que os tremores, que às vezes succedem na terra, saõ por causa das cobras bolirem. Todas estas parvoices andaõ escritas em versos, que estes homens lhes ensinaõ, e elles as crem taõ firmemente, que naõ ha razaõ, que os delengane. *Couto, Dec.* 5. *fol.* 129. 130.

Brancaursina. Em Authores modernos se acha *Branca* por maõ, ou pé de bella, e se deriva do Latim *Brachium*, e no idioma Francez *Branche*, he ramo, e como maõ da arvore. Da etymologia temos dito o que basta no 2. volume do Vocabulario. Resta para dizer, que segundo advertem alguns Botanicos, o *Acanthus* dos Antigos naõ he propriamente a nossa *Branca Ursina*; e assim querem, que se lhe accrescente o epitheto *Topiarius*, e que se diga *Acanthus topiaria*, isto he, a Branca Ursina dos jardins, porque esta tem espinhos, e o *Achantus* dos Antigos naõ tinha espinhos, e era usado nos jardins, com outras plantas, para ornar com as figuras, que dellas se faziaõ.

Brancacento. Cor tirante a branco. *Subalbidus, a, um, Cels.*

Branchides. Sacerdotes do Templo de Apollo, que estava em Didymo na Jonia, Provincia da Asia Menor. Tambem aos moradores de Didymo se davao mesmo nome. Estes saõ os que a Xerxes abriraõ o dito Templo de Apollo

lo, do qual elle tirou todas as riquezas. Depois de commettida esta traiçaõ, naõ se dando por seguros na Grecia, passaraõ para a Sogdiana além do mar Caspio, na fronteira da *Persia*, aonde edificaraõ huma Cidade, a que chamaraõ *Branchides*, mas naõ ficou o seu crime sem castigo; porque Alexandre depois de vencer a Dario, e ficar informado della perfidia, os passou todos à espada, e mandou arrazar a sua Cidade, castigando por este modo a impiedade dos pays nos seus descendentes. *Quint. Curt. liv.* 3.

Brancos. Os Brancos, e os Negros, saõ os nomes de duas facçoens, que se formaraõ na Cidade de Pistoya, em Italia. Os Florentinos os quizeraõ fazer amigos, e depois se desavieraõ, huns unindose com os Gibellinos, e outros acostandose aos Guelfos. Carlos de Vallois, irmaõ delRey de França, e Vicario do Imperio na Toscana procurou apaziguar estas dissençoens, e o Legado do Pontifice poz de interdito a Cidade. Finalmente os Brancos, que haviaõ lançado fóra os Negros, se viraõ obrigados a sahir de Florença, e se acolheraõ a Forlí, aonde se confederaraõ com os Gibellinos, e os Negros se aliaraõ com os Guelfos. O Poeta Dante foy expulsado com os Brancos, e com a penna se vingou, dizendo mal dos Francezes nos seus Escritos.

Brandêo. Na Historia Ecclesiastica muitas vezes se faz mençaõ deste nome. Significa o bocado de pano, com que cobriaõ os sepulchros dos Santos Martyres, ou do Corporal, com o qual se havia celebrado a Missa sobre o Altar delles, e que se costumava mandar aos que pediaõ Reliquias destes Santos. Porque antigamente, e no tempo de S. Gregorio Magno, que presidia na Cadeira de S. Pedro nos annos de 600. ninguem tocava nos corpos dos Santos, e em lugar de seus ossos, se mandava em huma caixa hum bocado deste pano, ou deste Corporal. O Papa S. Gregorio faz mençaõ deste costume, e accrescenta, que no tempo de S. Leaõ Papa nos annos de 450. duvidando huns Gregos da virtude destas Reliquias, para convencelos da verdade, mandara este Santo Pontifice, que lhe dessem humas thesouras, e à vista destes incredulos cortara hum destes *Brandeos*, isto he destes bocados de pano, do qual sahira sangue, como se fora do proprio corpo do Santo. Este caso he digno de ponderaçaõ, porque o refere hum Santo Varaõ, como milagre, do que ninguem duvidou por cento e cincoenta annos. *Maimbourg*, *Historia do Pontificado de S. Gregorio Magno.* Brandeum He palavra tomada do Grego *Brandeon*, que quer dizer *Cinta*, *Faxa*, *Zona*. Santo Isidoro, *In Glossis*, e S. Pedro Damiaõ, livr. 4. Epist. 14. dizem *Prandeum*.

Branquimento. Termo de Ourivez, he o sarro de vinho fervido com sal em hum tacho, onde metendo as peças de prata, recozendoas primeiro no fogo sahem brancas. *Vini fæx, cum sale decocta, quâ utuntur aurifices, ad candefaciendum, vel dealbandum argentum.*

Brasis. Povos do Brasil. Vid. tom. 2. do Vocabulario. (Em favor da liberdade destes pobresinhos *Brasis*. Fernaõ Guerreira, livro 4. do Brasil, pag. 201. verso.

Brassica marina. He como quem dissera, *Couve do mar*, porque *Brassica* em Latim he couve. Brassica Marina pois, he o que com outro nome chamamos *Soldanella*. Vid. no setimo tomo do Vocabulario. (Raizes de *Brassica Marina*. Observaç. de Curvo, pag. 415)

Brava. Cidade de Africa, na Costa de *Aian*, situada na borda do mar, bem murada, e com boas casas, mas à mourisca. He a unica Republica, que em toda a Africa se conhece. Governaõse os moradores pelas leys de doze Xeques, ou Principes, que saõ reputados descendentes dos sete irmãos Arabes, que se acolheraõ àquella Costa, fugindo da perseguiçaõ dos Reys de Lacah na Arabia Feliće. *Villaut*, *Relaçaõ da Africa.*

Bra-

Bravada. He o nome de huma festa, que se faz na Cidade de Aix, em França, na vespera de S. Joaõ. Aquelle, que merece o premio, derrubando de hum mosquetaço a cabeça de hum passaro, exposto para este effeito, he declarado Rey da festa pelos Consules, e outros Magistrados da Cidade, e com esta dignidade faz escolha de hum Lugartenente, e de hum Alferez, que o Senado da Camera aceita. Cada hum destes tres Officiaes com a sua Companhia de Mosqueteiros, vaõ para a Praça da Cidade, onde tambem se acha o Parlamento, para accender a fogueira da festa de S. Joaõ. Desde o anno de 1256. foy esta festa instituida por Carlos de Anjû, quando veyo da expediçaõ da Terra Santa, e o seu intento delle foy exercitar com o premio, e com a celebridade o Povo no manejo das armas. Naquelle tempo os tiros se faziaõ com frechas, porque ainda naõ havia mosquetes, que hoje saõ os instrumentos deste exercicio.

Bravo. No Alem-Tejo os que naõ querem emprestar dinheiro, costumaõ dizer: o meu dinheiro, que he manso, naõ o quero fazer bravo.

Brazaõ. Vid. Blazaõ supra.

BRE

Brechil. Lança de que se serve a Cavallaria das tropas dos Principes Indios; tem sete palmos de comprido, a ponta, que he de quatro quinas, e aguda como a de hum dardo, tem hum palmo acima do recontro hum couro, em que se mete a maõ para naõ cahir della no combate.

Brejo. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Ir ao Brejo. Modo de fallar; diz-se dos rapazes, que vaõ ao Brejo, quando tiraõ açucar das caixas ás furtadellas.

Bremen. Cidade Anseatica de Alemanha, na Saxonia a Baixa, sobre o rio Weser, que a divide em duas partes, das quaes huma se chama a *Cidade nova*, e outra a *Cidade velha*. Fica assentada em huma peninsula, fortificada de hum bom Castello. Na mayor das pontes ha huma maquina singular, com a qual se puxa por agua, que se distribue por todos os bairros da Cidade. A Cidade velha tem grandes ruas, as quaes vaõ dar em huma Praça, aonde está a estatua de Carlos Magno, a Camera, e a antiga Igreja Metropolitana de S. Joaõ. Na Cidade nova está o Arsenal, o Collegio, e varios Hospitaes. Os Authores Latinos lhe chamaraõ *Brema*, e *Bremensis Civitas*, e alguns a tomaõ pelo *Pharibanum* de Ptolomeo. Tambem ha Provincia, e Ducado do mesmo nome *Bremen*.

Breviario. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Segundo Rodulpho Flaviacense, cap. 22. o Officio Divino, que os Ecclesiasticos rezaõ, foy chamado *Breviario*, porque em Roma na Capella do Palacio Lateranense se recitava hum Officio mais *breve*, do que em todas as mais Igrejas de Roma; o qual Officio fora composto pelo Papa Innocencio III. e se chamava *Officium Capellare*, e era o Officio, que entaõ rezavaõ os Religiosos de S. Francisco, que (como já temos dito) por ser mais *breve* que todos os mais, que naquelle tempo se rezavaõ, foy chamado *Breviario*. Depois disso no anno de 1280. acabado por Innocencio III. o Palacio Vaticano, e habitado por elle, mandou o dito Pontifice, que todas as Igrejas de Roma rezassem o Officio dos Franciscanos.

BRI

Briarêo. Derivase este nome do Grego *Briaros*, que quer dizer *Forte*, *Robusto*. Fazem os Poetas a este Gigante filho do Ceo, e da terra; Homero diz, que os Deoses lhe chamaraõ Briareo, e os homens *Egeon*. No livro 10. da Eneida, vers. 565. a este *Egeon*, ou Briareo Virgilio naõ só lhe dá cem braços, e cem mãos, mas tambem cincoenta cabeças, e juntamente accrescenta, que de cem bocas lançava fogo.

Ægeon

Ægeon qualis, centum cui brachia dicunt,
Centenasque manus, quinquaginta oribus ignem,
Pectoribusque arsisse, Jovis cùm fulmina contra
Tot paribus streperet clypeis, tot stringeret enses.

Toda esta força, e bravura de Briareo foy parar ao pé do monte Etna, debaixo do qual Jupiter o sepultou, mas nem com este castigo ficou totalmente vencido, porque (segundo escreve Callimaco *In lavacrum Dianæ*) todas as vezes que Briareo se vira de hum lado para outro, faz que o Ethna mande ao Ceo globos de fogo. Poucos dias antes desta sua sepultura, tinha Briareo ajudado a Jupiter contra Pallas, Juno, Neptuno, e outros Deoses conjurados contra o dito Nume, como se vê na primeira Iliada de Homero. Tambem de Briareo fingio a Fabula, que o Sol, e Neptuno o escolherão para decidir a contenda sobre o territorio de Corintho, que elle adjudicou a Neptuno, e ao Sol deu o Promontorio sobranceiro à Cidade. Esqueciame dizer, que em premio da fineza, e valor com que acudio a Jupiter, o admittira Jupiter com Gyges e Cotto no numero das guardas da sua pessoa. Isto he tirado da Theogonia de Hesiodo vers. 735. e Virgilio o dà a entender no livr. 6. da Eneida, vers. 286. Como na mayor parte da terra Eubea dominaraõ os Titaens, naõ he muito, que Briareo, que foy hum delles, fosse na dita terra muito venerado. Por isso diz Solino, que os Povos chamados Carystios, offereceraõ sacrificios a Briareo, *Briareo rem Divinam faciunt Carystii, sicut Ægeoni Chalcidenses, nam omnis ferè Eubœa Titanum fuit Regnum. Solin. cap. 11.* Naõ acabo de entender a Filosofia dos que querem, que tudo o que os Poetas fingiraõ de Briareo se haja de entender da natureza dos ventos.

Brichote. Adjectivo.

A cea se acabou com instrumentos,
E musicas Brichotas *concertadas.*

André da Sylva, Destr. de Hespanha, livr. 7. Estanç. 73.

Brichote, Substantivo. Vid. tom. 2. do Vocabul.

Brim. Pano de linho crû, fabricado em Hamburgo, e os ha de duas castas; huns saõ muy tapados, e fortes, e servem para as vélas menores dos navios, como Joanetes, Cutelos &c. os outros saõ estreitos, e de varias cores, e servem para forros de vestidos. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Brinquinheiro. Official que faz aneis. He de Fr. Thomás da Luz, na sua Amalthea Onomastica, Florilegio secundo, a fol. 134. col. 1. *Anularius, ii, Masc. Cic. 4. Academ.*

Bristol. Cidade de Inglaterra, sobre o rio Avon. He de grande comercio, muito rica, bem edificada, e huma das mais importantes do Reyno. *Bristolium, ii, Neut.*

Britar. Palavra antiquada. Vid. Quebrar. (com que *Britou* a verdade. Lopes, vida delRey D. Joaõ I. part. 2. cap. 151.)

Britomartis. Nympha de Creta, ou Candia, filha de Jupiter, e de Charmé, foy muito querida de Diana. Hum dia, no exercicio da caça, ficou embaraçada em humas redes; e vendose em perigo de ser devorada de alguma fera, implorou o auxilio de Diana, que a tirou deste embaraço. Britomartis, em agradecimento deste beneficio, fez edificar hum Templo em honra de Diana *Dictynna*, como quem dissera *A Deosa das Redes*, porque *Dictos* em Grego significa *Rede*. Dizem outros, que Britomartis fora a inventora das redes, de que usaõ os caçadores, donde tomou o sobrenome de *Dictynna*, e daqui nasceo, que alguns confundem Dictynna com Diana. Ha opiniaõ, que foy requestada de Minos, Rey de Creta, e vendo que só fugindo, se poderia livrar da sua pertensaõ, do alto de hum rochedo se lançara no mar. *Britomartis* no antigo idioma Cretense quer dizer *Dulcis virgo*, e (segundo a opiniaõ de alguns) era o nome de

de Diana. Vejaõ os curiosos o que sobre isto dizem *Diodoro*, *Hesychio*, *Solino*, *Scaligero*, e *Salmasio in Solinum*, cap. 11. Tambem desta Nympha faz mençaõ Marcial, onde diz:

Ignea Cretæa properat Britomartis ab Ida.

Brizo. Deosa das interpretaçoens dos sonhos. Antigamente foy adorada na Ilha de Delos. Offereciaõlhe barquinhos, cheyos de toda a casta de bens, excepto de peixes. Chamaraõlhe *Brizo*, nome derivado do Grego *Brizein*, verbo antiquado, que significava *Dormir*.

BRO

Broa. Parece derivado do Grego *Bora*, que quer dizer *Alimento*, e posto que em Aristoteles ordinariamente se tome só por pasto de animaes, em Herodoto significa tambem manjar de homens. Vid. *Lexicon Scapulæ*, *verbo Bora*.

Broa. (Termo Nautico.) Por meyâ broa, em Roteiros antigos val o mesmo, que por meyo canal.

Brocârdico. Achase em arrezoados Portuguezes por problematico, ou materia envolta em razoens oppostas. Porém segundo Simaõ Schardio no seu Lexicon Juridico, pag. 350. col. 2. he palavra barbara, de que Jurisconsultos polidos naõ devem usar, *Brocardicum, vocabulum est barbarum in nostro eleganti jure Civili; relinquendum igitur barbaris.*

Brochas. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Brochas tambem saõ os tornos, que atravessaõ o eixo do carro, junto da roda, e seguraõ a roda nelle.

Brochasa. Peça de cama. Achase no Testamento da Rainha Santa Isabel. Vid. Alcobaça illustrada.

Broconcella. Palavra Grega, usada dos Medicos. Vid. Papeira, tomo 6. do Vocabulario.

Bródio. Vid. tomo 2. do Vocabular. Tambem se póde derivar de *Brodium*, que se acha em Authores antigos, por caldo, ou molho de carnes cozidas; e neste sentido querem alguns que *Brodium* se derive do Grego *Blodion*, mudando o *Lambda* em *R*, como advertio Hofman no seu Lexicon Universal, onde diz: *Sic itaque apud Gaudentium, tertio Tract. de Paschate, reperitur* Brodium *positum, pro jure carnium, vox quidem vulgaris, & è medio sumpta vetus tamen, & valde bona, ut ex Græco facta.*

Brônchio. (A Asma deste enfermo tinha o seu assento no *Bronchio* do bofe. Observaç. de Curvo 449.)

Bronco. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Se elle tendo tres fogoens
Hum na maõ, na cara o dobro,
Naõ acertava num branco,
Vós tendo hum naõ sois taõ bronco.

Oraçoens Academic. de Fr. Simaõ pag. 370.

Bronteo. He hum dos Epithetos, que a Antiguidade Grega deu a Jupiter, derivase do Grego *Bronti*, que significa *Trovaõ*, donde tambem os Latinos chamaraõ a Jupiter *Tonans*, e *Altisonans*. Tambem (segundo escreve Blondo Flavio, *Romæ Triumphantis lib.* 1.) foy Baco chamado *Brontino*, por causa dos ruidos, e brigas, que causa o vinho. Em alguns jogos publicos usaraõ os Antigos de huma maquina, a que chamaraõ *Brontea*. Era hum grande vaso de cobre, escondido debaixo do Theatro, e cheyo de calhaos, cuja agitaçaõ fracamente arremedava o estrondo do trovaõ. Foy esta maquina chamada *Trovaõ Claudiano*, porque Claudio Pulchro fora o inventor della.

Brontes. He o nome de hum dos Cyclopes, ferreiros de Vulcano. Chamouse assim do Grego *Bronti*, Trovaõ, porque era o que forjava os rayos de Jupiter. Vid. Cyclope.

Brotheo. Filho de Minerva, e de Vulcano, o qual vendo que todos zombavaõ da sua fealdade, se lançou no fogo, para se livrar deste ludibrio. *Ovid. in Ibin vers.* 517.

Bruna.

BRU

Bruma. He palavra Latina, que se diz dos dias de Solsticio Hiemal, que saõ os mais pequenos do anno. Conformandose com este significado no livro das suas Etymologias, prefere Vossio a todas a de Varro, e Festo, que com origem Latina derivaõ *Bruma*, de *Brevis*. *Nempe* (diz Vossio) *ut ab exterus dicimus exterior, inde esset exterrimus, pro quo dicimus extremus, & extimus, ut item à superus superior, fit superrimus, pro quo dicimus supremus, & summus sic à brevis, brevior, brevissimus, fit brevissimus, fit brevimus, brevima, breuma, bruma.* Nos Poetas Latinos *Bruma* tal vez significa o frio do Inverno, como neste verso do livro 2. da Eneida de Virgilio, vers. 472.

Frigida sub terrâ tumidum, quem Bruma tegebat.

Tambem em Poetas Portuguezes achamos *Bruma* por frio do Inverno,

Nunca a Bruma *hiemal, ou calma estiva*
Lhe impede este exercicio costumado.

Francisc. Barreto Landim, Vida de S. Joaõ de Deos, fol. 52.

Brumal. Festas Brumaes. As que se celebravaõ em honra de Baccho, que os antigos Latinos chamavaõ *Brumus*. Os Romanos as faziaõ duas vezes no anno, 18. de Fevereiro, e 15. de Agosto. *Brumalia, ium, Neut. Bacchi sacra, orum, Neut. Plur.*

Bruma. Deos dos Bramanes. Em Authores, que escreveraõ historias da India Oriental, acho os nomes deste falso Nume diversos, posto que muito semelhantes; porque huns dizem *Brama*, outros com *h Brahma*, outros *Brahemî*, outros *Bramena*; ultimamente o Padre Kirker na sua China Illustrada, repetidas vezes o chama *Bruma*, e delle dá noticias taõ notaveis, que tem embargo das que tenho tirado de varios Authores, e que o Leitor achará na palavra Brama no segundo tomo do Vocabulario, me pareceo bem relatar estas neste Supplemento. Os Bramanes fingindo ao seu Deos *Bruma* com corpo humano, dizem, que elle produzira tantos Mundos, quantas saõ as partes mais notaveis do seu corpo. E assim querem, que o primeiro Mundo, que está sobre o Ceo, sahisse do seu cerebro; o segundo, dos seus olhos; o terceiro, da sua boca; o quarto, da sua orelha esquerda; o quinto, do padar da sua boca, e da sua lingua; o sexto, da sua barriga; o setimo, das suas vergonhas; o nono, da perna esquerda; o decimo, dos joelhos; o undecimo, do calcanhar; o duodecimo, dos dedos do pé direito; o decimoterceiro, da planta do pé esquerdo; e o decimoquarto, do seu ar ambiente. Os Bramenes daõ a entender ao Povo, que os ditos quatorze Mundos tem huma natural connexaõ, e dependencia com as partes corporaes, das quaes sahiraõ, e que cada homem tem seu temperamento, genio, e mais qualidades conformes com o Mundo, que os produzio; de sorte, que do primeiro mundo sahem os sabios, os doutos, e os bons engenhos; do segundo, os prudentes; do terceiro, os eloquentes; do quarto, os manhosos, e sagazes; do quinto, os golosos; do sexto, os liberaes; do setimo, os cobardes; do oitavo, os luxuriosos; do nono, os officiaes, e lavradores; do decimo, os hortelãos, e jardineiros; do undecimo, os criados, e trabalhadores; do duodecimo, os ladroens, e matadores; do decimoterceiro, os homens, que vexaõ, e opprimem a pobreza; do decimoquarto, os que tem talento, e abilidade para tudo.

Brutesco. Vid. no tomo 4. do Vocabulario Grutescos. Vid etiam Brutescos no tom. 2. do Vocabulario.

Bruteza. Vid. Brutalidade. tom. 2. do Vocabulario.

Seguindo de Gotfredo a vil Bruteza.

Ant. da Sylva, Destruiçaõ de Hespanha, liv. 4. oit. 95.

Brutios, ou Brucios. Povos de Italia, que (segundo Justino, livro 10.) des-

cendiaõ dos Lacedemonios. Este Author os faz moradores da parte de Italia, chamada a *Grande Grecia.* Distinguiaõ-se em Cismontanos, e Transmontanos, e occupavaõ o Paiz, a que hoje chamaõ *Calabria Ulterior*, na parte Meridional do Reyno de Napoles. Os de Lucania lhes chamavaõ *Brentios*, ou *Bretios*; isto he, no seu idioma, *Fugitivos*, porque sendo seus escravos, sacudiraõ o jugo, e se foraõ encantoar em humas terras além do rio *Laiis.* Os Romanos lhes chamaraõ *Brutios*, como quem dissera *Brutos*, ou *Brutaes*, porque eraõ grosseiros, e estolidos, e tambem fracos, e cobardes, o que se experimentou nelles, particularmente na guerra Punica, na qual em lugar de terem maõ para os Romanos contra Annibal, torpemente se renderaõ a este General dos Carthaginezes; donde nasceo, que se naõ fez mais caso delles, e só em obras servis foraõ occupados; e esta foy a causa, porque depois deste successo os Romanos deraõ o nome de *Brutios* aos sugeitos, que viviaõ sordidamente, e sem cargo, nem officio algum na Republica. *Aulo-Gellio lib.* 10. *cap.* 3. *Diodoro Siculo liv.* 16.

Bruxa. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Arredo vá de nós o sestro agouro,
Se sobre feiticeira inda sois Bruxa.

Obras Metricas de D. Franc. Mao. part. 2. 16.

Bruxaría. Feiticeria de Bruxa. *Fascinatio*, ou *Effacinatio, onis*, *Fem. Plin.*

BUA

Bua. Voz, com que em Portugal os meninos declaraõ, que querem agoa, e tambem lhes perguntaõ as amas se querem Bua. Em Francez, *Buée* quer dizer a agoa da decoada, em que se lava a roupa.

Bua. He o titulo dos Reys do Tunquin, os quaes pouco mais tem que o nome; porque o mando todo he do *Choña.* Fica o *Bua* quasi sempre metido no seu Palacio, e naõ sahe delle senaõ em certos dias do anno. Dá audiencia publica quasi todos os dias, mas todas as mercês, que faz, e todos os seus decretos, para terem effeito, haõ de ser assinados pelo *Choña.* Finalmente para o *Bua* he todo o esplendor da Coroa, e para o *Choña* o manejo do governo.

Buabin. Idolo dos Povos do Tunquin, invocado por elles, quando querem levantar algum edificio. Fazem hum altar, e mandaõ chamar os Bonzos, para offerecerem a este Idolo hum sacrificio. Acabado o sacrificio, se faz hum banquete com as viandas, que foraõ sacrificadas. Depois do banquete se offerecem ao Idolo huns papeis dourados, em que vaõ escritas algumas palavras Magicas, e logo com perfumes se queimaõ os ditos papeis na presença do Idolo, para com esta ceremonia obrigallo a que naõ permitta, que nas casas, que se haõ de construir, succeda jámais algum infortunio. *Tavernier*, *Viagem da India.*

BUC

Bucellario. No governo dos Wisigodos em Hespanha, era huma especie de Vassallo, e hum dos Commensaes do seu Senhor, ou que (como cá dizemos) tinha prato da Corte. Tambem (segundo as leys dos ditos Wisigodos) na Ley 1. liv. 5. tit. 2. por Bucellario se entende hum Soldado veterano, ou hum homem nobre, Senhor de terras, que se obriga a servir pessoalmente na guerra. Turnebo *Adversar.* 24. *cap.* 46. allega com certo Author Grego, chamado Mauricio, que descreve o modo com que estes Bucellarios andavaõ armados. Traziaõ huma cotta de armas, que lhes dava na barriga da perna, e chegava quasi até os calcanhares; e diz, que era huma especie de Archeiros. Neste mesmo lugar faz o dito Author mençaõ de huns Bucellarios muito authorizados, que marchavaõ em tropas diante, e detraz daquelle, que tinha o mando geral do Exercito. Parece que Suidas os faz Gallogregos de naçaõ. Gregorio Turonense, liv. 2. cap. 8. da Historia, escreve, que no tempo, que o Emperador Valentinia-

tiniano fazia huma falla, ou arenga ao Povo, hum certo Occylla, *Buccellario* de Aecio, apparecera de repente, e com a espada o passara de parte a parte. He opiniaõ de alguns, que estes Buccellarios eraõ os a que os Latinos chamavaõ *Latrones*, isto he, Guardas do corpo de hum Principe, *quasi laterones*, como o dá Plauto a entender nestas palavras: *Rex Seleucus me opere oravit maximos, ut sibi latrones cogerem.* Traduzio hum douto Interprete estas palavras assim: *Pediome muito encarecidamente ElRey Seleuco, que lhe ajuntasse huns homens para guardas.* Tem para si Alberico, que estes Bucellarios eraõ ladroens, e que sendo nomeados para irem guerrear no Oriente, se desaforaraõ de sorte, que viviaõ de rapina, *Spelman. Glossar. Archeol.*

Buchan, ou Bughan. Provincia da Escocia, que por limites tem ao Oriente, e ao Norte o mar de Alemanha; e ao Occidente, e Meyo dia as Provincias de Murray, e Marr. Tem bons pastos, e para elles muita ovelha, cuja lãa he muito estimada. Dizem, que nesta Provincia se naõ geraõ ratos, e que se de fóra trazem algum, morre. Perto de Slanes ha huma caverna, na qual a agoa, que destilla, em breve tempo se converte em pedra, e se os visinhos naõ tiveraõ o cuidado de tirar esta casta de pedras, com o tempo se encheria toda dellas. Nas prayas se acha muito alambre, e ha huns annos, que appareceo huma maça delle do tamanho de hum cavallo; as mulheres fazem delle collares, e braceletes. *Davity, Historia de Escocia.*

Bucicôdeo. Termo do vulgo. Homem pouco agradavel, carregado, carrancudo.

Buço. Começar a criar buço. *Pubescere. Cic.* Faces, que começaõ a criar buço. *Pubentes genæ. Virgil.* De homem bem afortunado, costuma dizer o Povo, Tem buço de lobo. Até agora me naõ foy possivel descobrir em que se funda este dito; nem sey que felicidade se póde esperar das barbas do lobo. Dos cabellos da parte superior da cauda desta fera (senaõ he superstiçaõ) poderiaõ os viandantes tirar algum bem, porque, segundo Aldovrando, tom. 3. de *Quadrupedibus*, fol. 127. diz Sexto, *Viator summam ferens caudæ lupi partem, tutus iter faciet.*

Bucre. He tomado do Francez *Boucle*, que he á modo do anel de cabellinhos crespos. *Capillorum cincinnus*, ou *cinnus, i, Masc.*

BUD

Budia. Joaõ Zahn, no tom. 2. da sua *Oeconomia mundi. pag.* 396. e Aldovrando no livro de *Piscibus*, pag. 28. cap. 3. dizem, que os Portuguezes deraõ este nome ao peixe, que os Romanos chamaõ *Papagallo*, e os Latinos *Pavo*, porque como o papagayo, e o pavaõ, tem este peixe a cauda, e as barbatanas, matizadas de varias cores. He peixe do mar, tem a carne molle. No Estio, por causa do calor, e no Inverno, por amor do frio, fica no fundo do mar, naõ se acompanha com outros, anda solitario.

Budoa. Cidade maritima de Dalmacia, entre o Golfo de Cataro, e a Cidade de Dulcinho. He dos Venezianos, com Bispo suffraganeo ao de Antivari, tambem Cidade de Dalmácia, mas hoje debaixo do dominio do Turco. Plinio, Ptolomeo, e Estevaõ Bizantino fazem mençaõ desta Cidade debaixo dos nomes *Butua*, *Bulva*, e *Buthoe*.

BUE

Buenos aires. Cidade da America Meridional, no Paraguay, na boca de hum rio, que se mete no rio da Prata, ao Meyo dia de Santa Fé, e de Santo Espirito. Tem Bispo. He dos Castelhanos.

Bufaõ. O prezado de valentaõ, que está busando de valente, de muitas palavras, e poucas obras. Vid. Fanfarraõ, tom. 4. do Vocabulario.

Bufaõ, tambem significa chocarreiro, e juntamente com o *Bufon* dos Castelhanos,

lhanos, o *Buffone* dos Italianos; e o *Bouffon* dos Francezes, se deriva de *Buccone*, ablativo de *Bucco*, feito do Latim *Bucca*, que quer dizer *Bochecha*; e antigamente no Theatro inchavaõ os chocarreiros as faces, para mais soar o golpe, que nellas se dava; e assim de *Buccones* vieraõ a ser chamados *Bufones*. Sobre Tertulliano, no Tratado de *Pallio pag.* 198. diz Salmasio, *Scurras &c.* Bufones *hodie vocamus, atque ita veteribus vocabantur, quòd buccas inflarent in mimo, alapis accipiendis, ut validiùs sonarent.* Tambem se acha *Bufones* no capitulo unico de *Vita, & honestate Clericorum* in 6. *Joculatores, Joliardos,* & Bufones, *qui Clericalis Ordinis dignitati non minimùm detrahunt, si per annum artem illam ignominiosam exercuerint, vel tempore breviori, ter moniti non resipuerint, carent omni privilegio Clericali.* Vid. Chocarreiro, tomo 2. do Vocabulario.

Bufoneria. Chocarrice. Vid. Bufaõ. (Chistes, motes, facecias *Bufonerias*. Vieira, tom. 1. pag. 595. col. 2.)

BUG

Bugia. Provincia, e Cidade de Africa, no Reyno de Argel em Barbaria, ao longo do mar. A Cidade fica na boca do rio Mayor. He a *Salda*, ou *Saldæ* de Ptolomeo, de Plinio, e do Itenerario de Antonino. Tinha Bispo, antes de padecer o jugo Mahometano. Hoje he Povoaçaõ de algumas oito mil casas. No anno de 1508. os Castelhanos se apoderaraõ della; mas dalli a breve tempo os Turcos a recobraraõ.

Bugia, ou Bugina. He outra Cidade de Africa, na Nubia, nas bordas do Nilo, para a fronteira do Egypto, entre Jojac, e Assuana.

Buginíco. Termo commum, e de meninos. Os rapazinhos se chamaõ chulamente *Buginicos*.

Bugio. Tambem ha Bugio peixe, e delle faz mençaõ o Padre Bento Pereira, na sua Prosodia, verbo *Simius*.

BUJ

Bujamê. Vid. o 2. volume do Vocabulario.

Vos estais no vosso estrado,
Jazendo como hum Prelado;
E eu triste, na chuminê
Como hum negro Bujamê.

Obras Metricas de D. Franc. Man. part. 2. 244. col. 2.

BUL

Bul. He o nome do oitavo mez dos Hebreos, o qual respondia ao nosso Outubro, e Novembro. 6. Reg. 3. Este vocabulo significa *velhice*, ou cousa, que está cahindo, porque naquelles mezes envelhece o anno; e as folhas, e frutos cahem das arvores. Tambem lhe chamavaõ *Marchesuan*.

Bulla. Em Latim, era entre os Romanos huma insignia, que se dava a meninos nobres, ou aos que entravaõ em Roma triunfantes. Era a modo de medalha de ouro, que se trazia pendurada no peito, como as Cruzes dos nossos Bispos; e ordinariamente a figura era de coraçaõ, para inspirar com a representaçaõ della parte mais nobre do corpo humano, esforço, valor, e virtudes militares na defensa da honra, e da Patria. Segundo escreve Plinio, tiveraõ estas *Bullas* principio, de que o filho de Tarquinio, o antigo, quinto Rey de Roma, na idade de quatorze annos, deu mostras de hum notavel valor na guerra contra os Sabinos, matando de sua maõ hum Capitaõ dos inimigos. Celebrou o pay esta acçaõ na presença de todo o Povo, e em premio della deu ao filho a *Pretexta*, (que era huma toga bordada de purpura) juntamente com esta chamada *Bulla*, que elle pendurou com huma fita ao pescoço, e lhe cahia atè á boca do estomago. Dahi procedeo em Roma o costume de dar aos meninos nobres este ornato, para os animar a portarse com valor na guerra; e elles naõ largavaõ esta insignia,

insignia, se naõ quando deixavaõ de trazer a dita *Toga pretexta*, como o declara Persio Sat. 5. vers. 3.

Cùm primùm pavido custos mihi purpura cessit,
Bullaque succinctis laribus donata pependit.

Segundo Macrobio, e Festo, *Bulla* neste sentido se deriva do Grego *Bouli*, que he conselho, prudencia, siso, virtudes precisas para refrear a impetuosa soltura da mocidade. Reprova Perotto esta etymologia; porém Scaligero a approva, como se póde ver no Lexicon de Mathias Martinio. Dentro destas *Bullas* havia huns amuletos, ou remedios contra a inveja, que podia causar a gloria do triunfo, ou a nobreza da mais florente idade.

BUM

BUMBA. Termo do vulgo, quando se dá com força em alguma cousa. He vocabulo de Angola, mas usado dos Portuguezes por chança. Dar muita Bumba, se diz de quem deu huma sova de paos, ou huma boa coça de pancadas.

BUR

BURA. Antiga Cidade de Achaya no Peloponeso, hoje Morea, na Costa do Golfo de Corintho. As ruinas, que ficaraõ, se chamaõ *Pernitza*. Foy *Bura* Cidade muy nomeada por causa de hum Oraculo de Hercules, cuja estatua era adorada em hũa caverna junto á Cidade.

BURACO. Casa pequena.

Meu entendimento fraco
Deixemos taes abastanças,
Taes riquezas, taes mostranças,
Deos me torne ao meu Buraco.

Satyra 5. de Franc. de Sá de Mir. Estanc. 63. mihi pag. 128.

Buraco de velha. Deraõ os Portuguezes este nome a hum peixe do Brasil, que o Gentio chama *Guaibi coara*. Cozido he de bom sabor. Tem a cabeça, e o focinho agudo, olhos cristalinos, barbatanas de cor de mel,

BURGALHÃOS. Segundo o Interprete Francez do Roteiro das Indias Orientaes de Aleixo da Mota, Piloto mór das Carracas de Portugal, saõ humas conchas, quasi a modo de caracoes, pequenas, compridas, e muito delgadas, que acabaõ em ponta.

BURGAVIA. Terra de Alemanha na Suabia, sobre o rio Mindel. Teve algum dia Marquezes particulares. Hoje he da Casa de Austria.

BURRO. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Diz Festo Grammatico, que os Antigos diziaõ *Burrus* em lugar de *Rufus*, Ruivo., *Burrum dicebant Antiqui quod nunc dicimus Rufum, unde rustici* Burram *appellant* Buculam, *quæ rostrum habet* rufum (*Bucula* em Latim barbaro he Bezerro) como pois os Latinos lhe chamaraõ *Burra*, por ter o pello tirante a vermelho, tambem chamaraõ *Burrus* ao cavallo, ou asno de pello tirante a ruivo. E assim nas Glossas antigas Boaventura Vulcanio diz: *Hodie Hispani* Burram *vocant aselam, quæ colore accedit ad &c.* (*Pyrros* no Grego significa *Ruivo.*) Tambem os Hebreos chamaraõ ao Burro, *Chamor, à Rubedine*, por ventura porque entre elles havia muito burro ruivo; posto que (segundo outra interpretaçaõ) *Chamor*, quer dizer *Fatuo, e estolido*, propriedade Asinina. Finalmentente *Pari modo* (accrescenta Festo) *Rubens cibo, ac potione ex prandio*, Burrus *appellatur*, e segundo Scaligero, daqui vem o *Borracho* dos Hespanhoes por *Bebado*; *Eleganter homines ex potione rubentes*, *ait* Burros *à veteribus dictos, quod verbum eodem sensu retinet Hispanica lingua*, Burraccos *enim vocant ebriosos, & vas vinarium*, Burraccam, id est, Borracha. Confirma o sobredito Vulcanio esta etymologia nas suas annotaçoens sobre o Glossario pag. 18. *Burrus etiam est Rubellus, unde putarim Hispanos fecisse suum* Borracho *quo* Ebriosum *significant*. O Adagio Portuguez diz: Fullano naõ ha de dar bom Burro ao dizimo, val o mesmo, que o dizer, para nada presta.

Outros Adagios Portuguezes do Burro, e da Burra.

Cada feira val menos como o Burro de Vicente. A Burra velha, cilha amarella. A Burra de Villaõ, múla he de Veraõ. Quem sua Burra mal peya, nunca a veja.

Burro tambem, ou Pontalete, he hum pao, que se poem a prumo no meyo do cabeçalho do carro, para estar em pé.

Bursa. Antigamente *Prusa*, ou *Prusias ad Olympum*. Cidade de Natolia, na Asia, algum dia foy Cabeça da Bithynia. Fica ao pé do monte Olympo. Dizem, que Prusias Rey da Bithynia a edificou. Osman, ou Othoman, que foy o primeiro Principe dos Turcos, tomou esta Cidade nos annos de mil e trezentos, e nella assentou a sua Corte; se bem foy opiniaõ dos Arabes, que *Yengi Saabr* fora Cabeça do Imperio Turquesco. Seja o que for, foy *Bursa* sogeita aos Ottomanos. He quasi taõ grande, e taõ povoada como Constantinopla. Tem muitas Mesquitas, e sepulturas de Principes Ottomanos. *Belon, lib. 2. cap. 42.*

BUS

Buscar. Ferrari nas suas Origens Italianas, deriva o Italiano *Buscare* do Italiano *Bosco*, que em Portuguez he *Mato*, ou *Bosque*, e no mato se vay buscar a caça. Esta mesma etymologia póde servir para o *Buscar* Castelhano, e Portuguez. Buscar (diz o dito Author) *dicunt Hispani pro quærere, investigare, fortassè à Bosco, Boscare, venari, silvas agitare.*

Busillis. Ahi está o Busillis, isto he, nisso está a difficuldade. Dizem, que se deriva este modo chulo de fallar de hum, que indo se examinar para Ordens, lhe deraõ para construir huma liçaõ, que começava *In diebus illis*, e ou fosse por estarem as letras alguma cousa appartadas, ou por estarem desunidas as dicçoens, leo assim o examinando, *In die Busillis*: parando, lhe perguntou o Examinador, que significava o *Busillis*, esteve muito tempo, para dar a reposta, até que tornou a dizer assim: *In die*, no dia, *Busillis*, chamado *Busillis*: com o que ficou reprovado; e se introduzio para significar hum ponto difficultoso, Alli está o *Busillis*.

Está porém o Busillis
No bem, ou mal discursado,
Mas fazer eu cousa boa
Ahi troce a porca o rabo.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, fol. 404.

Busiris. Cidade do Egypto inferior, no meyo do Delta, na qual estava o mayor Templo, que fora consagrado a Isis, e aonde com mayor solemnidade se celebrava a festa desta Deosa do Egypto. Dizem, que esta Cidade fora chamada *Busiris*, porque nella fora Osiris sepultado em hum boy de pao. *Herodoto, Diodoro*, e outros.

Busiris. Segundo a opiniaõ commua, he o nome de dous Reys do Egypto. Porém no livr. 1. da sua Bibliotheca, Diodoro Siculo dá a entender, que *Busiris* naõ he nome de homem, mas que na lingua Egypciaca, significa o *Sepulchro de Osiris*, junto ao qual era costume sacrificar homens. *Euseb. Chron. Apollodor. lib. 2.*

Bustuarios. He palavra Latina, de *Bustum*, que significa a fogueira, a Pyra, ou o lugar, onde se queimavaõ os cadaveres, ou corpos dos defuntos. *Bustuarios* pois eraõ os Gladiatores, que em roda das fogueiras dos Cavalheiros Romanos andavaõ pelejando à espada, e jugando as cutiladas, para com o sangue, que derramavaõ, fazer sacrificio aos Deoses infernaes. Pareceo este costume menos cruel, e mais humano, do que sacrificar (como dantes se fazia) os prisioneiros de guerra. Entre Romanos, os que introduziraõ este costume, para honrar as cinzas de seus pays, foraõ Marcos, e Decimo, filhos de Bruto, no Consulado de Appio Claudio, e Q. Tiberio, como testifica Valerio Maximo, livro 2. cap. 1. isto naõ só se usava nas exequias da mais illustre Nobreza de Roma, mas tambem nas dos particula-

res, pelo que diz Tertulliano no cap. 6 dos Espectaculos. Tanto assim, que alguns homens de mediana fortuna, vendose em vesperas de morrer, no seu testamento mandavaõ, que se lhes fizesse esta ultima honra. Pelo tempo adiante estes jogos sanguinolentos, que se faziaõ só junto ás fogueiras, passáraõ aos Circos, e Amphitheatros; de sorte, que o que no principio naõ era outra cousa, que huma ceremonia funebre, chegou a ser exercicio de Gladiatores para passatempo do Povo. No idioma Portuguez, ainda naõ achey esta palavra *Bustuarios*; mas como a vejo introduzida nos livros dos Francezes, que dizem *Bustuaires*, e em outras linguas do Norte, para usarmos della temos a mesma authoridade que elles, e juntamente a mesma razaõ, que he, por falta de palavra propria nacional, dizer em huma palavra aportuguezada, o que seria preciso declarar com muitas. *Bustuarii*, *orum*, *Masc. Plur.* Cicero diz, *Bustuarius Gladiator.*

BUT

But. He o nome dos Deoses da Cochinchina. Vid. tom. 7. do Vocabulario, verbo Sepultura, pag. 596.

Butgeros. Termo da India. Artilheiros, dos quaes cada hum tem por sua conta cinco canhoens. *Butgeri sunt hi, qui quinque tormentis præficiuntur.* Histor. Orient. 3. part. pag. 7.

Butiqueiro. Em Goa, e outras Cidades da India Oriental, Butiqueiro he tendeiro, porque os Portuguezes da India chamaõ Butica á loge, ou tenda. Em Goa, Butiqueiros vendem toda a casta de comestiveis, e tambem mezinhas, tabaco, &c. (Querendo comprar de hum China *Butiqueiro*. Fr. Jacintho, Vergel de Plantas 143.)

Butrinto. Antigamente foy Cidade Episcopal, e nomeada nas historias dos Antigos, que lhe chamaõ *Buthrotum*, e *Buthrotus*. Fica assentada na praya de hum golfo, ao qual communicaõ seu nome, defronte da Ilha de Corfu. He o receptaculo de todos os pescadores do Epiro, e da Albania inferior. Cicero faz mençaõ della. *In Epist. ad Atticum.*

Butua, ou Abutua. Raiz, que tomou o nome do Reyno, onde se cria. Nos rios de Sena em Africa, o Gentio lhe chama assim; os Portuguezes lhe chamaõ *Parreira Brava*, ou *Raiz da Butua.* Desta raiz, cozida em agua, da sua infusaõ bebida, e do seu pó, se contaõ tantas virtudes, e maravilhas, que seria preciso hum livro, para as trazer, e explicar todas com os differentes modos de applicalla, e usar della. Para o Leitor conhecer se lhe póde esta raiz ser necessaria, apontarey só as virtudes, que lhes attribuem, sem declarar as circunstancias da applicaçaõ, porque a Medicos, e Boticarios pertence esta declaraçaõ. Dizem pois, que o pó desta raiz serve para apostemas, ou abcessos interiores, para o pleuriz; para pancadas, ou quedas; para desinchar toda a sorte de tumor; para cresipelas; para curar hernias ventosas, aquosas, e carnosas; para dor de dentes; para dores de cabeça, enxaquecas, para as dores de colica, e de barriga; para as inchaçoens do baço, e da barriga; para curar as camaras; e principalmente de sangue; para as dores de estomago, e para azedumes da boca; para as carnosidades; para todas as suppressoens de ourina; para abafamentos, e flatos melancolicos; para canceladas; para curar feridas frescas; para curar fogo salvagem, e leicenços; para rebater toda a sorte de veneno; para mordeduras de caõ danado; para curar a ictericia; e para este mal dizem, que he o mayor remedio, que tem o mundo. Parece, que Deos criou esta raiz para remedio universal de doenças, e achaques, em terras, onde naõ ha Medicos, nem Boticarios. Os differentes modos de usar della, se acharáõ no Memorial de varios simplices, que o Doutor Joaõ Curvo de Semmedo compoz nos ultimos annos de sua vida, e foy impresso em Lisboa.

Butua. Cidade, e Reyno de Africa, no

no Imperio do Monomotapa, nos contornos do rio Zambere, entre Amara, Giera, e Bera. *Marmol*, *Sanson*, *&c.*

BUX

Buxa. Em lagar de vinho, he hum pedaço de pao, que se mete no pelo, para naõ deixar sahir o veyo, quando levanta a pedra.

Buxo de Sapateiro. Instrumento de pao, de quasi palmo e meyo de comprimento, redondo, e quasi da feiçaõ de gral, com sua cabeça em cima, e com seu assento em baixo; de sorte, que se póde ter direito, como pao de jogo de bola comprida. Nelle, encostado ao peito, aparaõ os Sapateiros a sola, e tambem serve de maço, com que dando no cravador, fazem os buracos, em que metem os tornos, com que prégaõ os saltos de sola. *Buxum sutrinum*, ou *Buxeum sutoris instrumentum*, i, *Neut.*

BUZ

Buz. Vid. tomo 2. do Vocabulario.

Em fim senhor pois todos somos Lullas
Buz *nesta boca.*

Obras Metricas de D. Franc. Man. Çamfonha de Euterpe, pag. 130.

BYB

Byblis. Ilheta do mar Mediterraneo. Ha nella huma Cidade, chamada por outro nome *Melas*. Outros lhe daõ outros nomes. Aristoteles lhe chama *Zephyria*; Callimaco *Mirmallis*; Heraclides *Siphno*, e *Acyton*. *Plin. lib.* 4. *cap.* 12. Huns Povos de Fenicia, que foraõ seus primeiros fundadores, e se chamavaõ *Byblos*, lhe deraõ seu primeiro nome.

Byblis. Filha de Mileto, e de Ciane, namorada de seu irmaõ *Cauno*, chegou a descubrirlhe a cegueira da sua paixaõ; teve Cauno taõ grande horror deste incestuoso appetite, que fugio de casa; e ella o foy seguindo por toda a Caria, Lycia, e outras terras, até que cançada de seu trabalho, e desenganada da sua pertençaõ, se desfez em lagrimas, e as Nayades, compadecidas da sua desesperaçaõ, a converteraõ em huma fonte do seu nome, segundo o refere Ovidio 9. Metamorph. vers. 662.

Sic lacrymis consumpta suis Phœbeya Byblis,
Vertitur in fontem, qui nunc quoque vallibus illis:
Nomen habet Dominæ, nigrâque sub ilice manat

No primeiro livro *De Arte amandi*, *vers.* 283. O mesmo Ovidio descreve este caso por outro modo, porque diz, que a miseravel se affogara com hum baraço:

Byblida quid referam? vetito quæ fratris amore
Arsit, & est laqueo fortiter ulta nefas.

Byblo. Cidade da Syria de Phenicia, onde Venus foy adorada, e recusando as mulheres de cortar o cabello na solemnidade das exequias de Adonis, celebradas no seu Templo, em castigo da sua desobediencia foraõ obrigadas, a ficar hum dia inteiro, em publica Praça expostas à luxuria popular, com ordem que o dinheiro, que ellas ganhassem neste torpe exercicio, se levaria ao thesouro da dita Deosa. Vid. Lucian. *de Deâ Syrâ*, *tom.* 3. *pag.* 75. Hoje esta Cidade Byblo se chama *Gibleé*, ou *Gibelleto*. Tambem *Byblo*, ou *Byblos*, he o nome de huma flor, que antigamente entrava nos ramalhetes. Vid. *Paschalium de Coronis*, *lib.* 3. *cap.* 17. *& lib.* 10. *cap.* 11.

Byrô. Val o mesmo que bocado, na lingua que fallaõ as Portuguezas da India, e assim a quantidade de Betle, e areca, que de cada vez se mete na boca, se chama hum Biró de Betle, e esta mesma porçaõ se vende por hum basaruco.

Byrro. Vid. *Birro.*

Byrsa. Vid. *Birsa.*

BYS

Bysso. Atégora naõ achey esta pala-

vra em Author Portuguez. Porém naõ fizera escrupulo de usar della para declarar com propriedade, o que na sagrada Escritura, e em muitos Authores de nota, antigos, e modernos, se entende, ou se deve entender por *Byssus*. Huns dizem, que *Byssus*, he certa lãa finissima, outros, que he linho delgadissimo, a outros lhe parece, que he seda muito fina, e essa branca, segundo a etymologia de *Byssus*, vocabulo Arabico, ou Hebraico, que significa *Fazer alvo*. Mas pelo que pude colher depois de muita liçaõ, e indagaçaõ, *Byssus*, nem he lãa, nem séda, nem algodaõ, nem he linho, ao menos como o nosso, que se tira da casca de huma herva, que tem muitos fios; e o Bysso, (como adverte Celio Rodigino, no cap. 8. do livro 23. onde allega com Philostrato (nasce de huma arvore, que no tronco se parece com choupo, ou alemo, e nas folhas com salgueiro *Byssi meminit & Philostratus, homines* (inquit) *qui secundùm Indum flumen habitant, lineis amiciuntur vestibus, etenim linum in agris plurimum nascitur; calceamenta gestant ex Byblo, seu papyro, nobiliores Bysso induuntur. Byssum verò ex arbore nasci ferunt, quæ basi, populo quidem sit persimilis, foliis verò salici*. Tambem Bysso naõ he algodaõ, porque o algodaõ nasce em Arbustos, ou frutices, que saõ plantas pequenas; e o Bysso, como já temos dito, nasce em arvores semelhantes a alemos no tronco; e de mais, o algodaõ se cria em huns bagos, ou folhelhos, que se parecem com avelãa barbada; e naõ sabemos, que o Bysso se crie em semelhantes casulos; finalmente o algodaõ se chama em Latim *Gossipium*, ou com nome Grego *Xylon*; e o Bysso chamase *Byssus*; e como naõ ha cousa, que em cada Naçaõ naõ mereça o seu nome; naõ sendo o *Byssus* dos Latinos (como temos visto) nem lãa, nem seda, nem algodaõ, nem linho, naõ sey que nome lhe dé em Portuguez, se naõ *Bysso*. O Critico, a que naõ parecer bem este nome aportuguezado, tome o trabalho de buscar outro melhor.

BYZ

Byzancios. He o nome de huma moeda dos Emperadores Gregos, e se deriva de *Byzantium*, que antigamente era o nome de Constantinopla. A Carlos de Fresne lhe parece, que o Papa Joaõ VIII. foy o primeiro, que deu a esta moeda este nome. Na Epistola 133. diz o dito Pontifice: *Et nostram iram habebit, & mille Byzanteos Palatio nostro componet*. No principio os Byzancios eraõ de ouro, e ás vezes lhes dava a gente os nomes dos Emperadores, cujas imagens se viaõ representadas nelles, e assim houve Byzancios, que em Latim se chamavaõ *Romanati*, à Romano Diogene; *Constantinati*, à Constantino Duca; *Michalati*, à Michaele Duca; *Manuelati* à Manuele Duca Tambem houve Byzancios de prata, particularmente no Reyno de Chypre, que era dos Lusinhanos; e estes Byzancios de prata nas Constituiçoens de Odon, *L. A. in Cypro, Anno Christi* se chamavaõ *Byzancii Albi*.

C

CA

CA'. Antigamente valia o mesmo que *Porque*. (Outro serviço fez elle, que ElRey mais lhe agradeceo, *Cà* ouvindo dizer o dito Pedro Fernandes. Zurara, na tomada de Ceuta, cap. 55. Neste sentido, *Cá* parece derivada do Latim *Quia*.

CAB

Cabaço. Vid. tomo 2. do Vocabul. O Adagio Portuguez diz: queres bom cabaço, semeao em Março.

Cabaço. De fazer manteiga, como se usa no Minho. *Cucurbitæ longioris cortex, agitando lacti ad faciendum butyrum.* Plinio Historiador, descrevendo o modo de fazer manteiga, usado no seu tempo, diz: *Fit butyrum crebro jactatu in longis vasis, angusto foramine spiritum accipientibus sub ipso ore, alias præligato.*

Cabana. Vid. tomo 2. do Vocabul.

Cabanas, chamaõ em Lisboa a huma moda de sejes, cubertas de hum couro, sem caixa.

Cabarbanda. He o nome dos cingidouros, ou bandas com que os Persianos, e Mogores se ataõ; saõ de seda tecida com ouro, ou prata. Os Banianes, e outros Gentios, que naõ saõ de casta de servir na guerra, ataõ à roda da cintura Cabarbandas, ou cingidouros de cassa, irmãas da cabaya.

Cabaya. Vid. tomo 2. do Vocabulario. He o nome da tunica, ou roupa, de que se vestem todos os moradores do Indostaõ. Chega ao artelho; as mangas saõ taõ compridas, que arrastaõ, quando se despe a cabaya; mas vestindose, puxaõ tanto, que ficaõ franzidas, e saõ taõ estreitas, como o braço. Saõ justas no corpo, e franzidas da cintura para baixo. Na China se fazem humas sedas, como o gorgoraõ, a que chamaõ Cabayas. (Os Principes da Gentilidade da India, quando querem fazer honra a alguem, ou mostraremlhe sinal de amor, costumaõ mandaremlhe dar huma veste; à que elles chamaõ Cabaya Barros, Dec. 4. fol. 318)

Cabeça. Vid. tomo 2. do Vocabul.

Outros Adagios da Cabeça.

Naõ sejais forneira, se tendes Cabeça de manteiga. Ensaboar a Cabeça do asno, perda do sabaõ. A Cabeça do vesugo, come o sesudo, e da boga dá à sua sogra. Quem pedra para cima deita, cahelhe na Cabeça. Se queres enfermar, lava a Cabeça, e vaite deitar. O mulato sempre parece asno, quer na Cabeça, quer no rabo. Preguiça naõ lava a Cabeça, e se a lava, naõ a penteya. A quem tem Cabeça, naõ lhe falta carapuça. Boa he a fazenda, quando naõ sobe à Cabeça. Com Cabeça de lobo, ganha o raposo. Escarmentar em Cabeça alheya. Ainda que Joaõ Vaz tem besta, naõ deixaõ de lhe dar na Cabeça.

Cabeçal. Vid. tom. 2. do Vocabul.

Adagios Portuguezes do Cabeçal.

Embora vas mal, onde te poem bom Cabeçal. Mal sobre mal, pedra por Cabeçal.

Cabeças. As botas dos Villoens constaõ de alças, e Cabeças, estas saõ a parte inferior, e rosto do sapato, que se coze com as alças.

Cabeceira. Vid. tom. 2. do Vocabul.

Adagios Portuguezes da Cabeceira.

Em mesa redonda naõ ha Cabeceira. Naõ está fóra de canceira, quem os pés muda para a Cabeceira.

Cabelleireiro. Vid. Cabelleira, no 2. tom. do Vocabulario.

Cabelludos. Dinenéo, Filosofo Egypcio, cognominado *Boroista*, porque ensinara a Filosofia a hum Rey dos Godos, chamado *Boroista*, que reynava no tempo de Cesar Augusto, chamou aos Godos Cabelludos, e os induzio a tra-

zer

zer cabello comprido, para se differençarem dos sacrificadores, que elle instituhio; e a que elle chamou *Pileati*, isto he, cubertos de hum barrete, ou chapeo. Estes *Pileatos* eraõ rapados, e nunca se descarapuçavaõ, nem quando offereciaõ seus sacrificios; e eraõ taõ authorizados, que segundo conta Pedro Patricio *in Eclog. Legat.* Decebalo, Rey dos Dacos, tendo mandado ao Emperador Trajano huns Embaixadores da ordem dos *Capillatos*, que eraõ os de menos authoridade, lhe mandou outros da gerarchia dos *Pileatos*, para fazer a sua Embaixada mais authorizada, e fazer ao Emperador mayor obsequio. Naõ obsta, que antigamente os Godos, e outras Naçoens do Norte; naõ tenhaõ sempre feito grande estimaçaõ de hum bom cabello, e naõ o tenhaõ sempre criado com grande curiosidade, e cuidado. Até nas mulheres era prerogativa, principalmente nas donzellas, porque as casadas andavaõ com a cabeça cuberta; ao contrario das virgens, que andavaõ com a cabeça descuberta, com o cabello solto, ou atado com huma fita; e deixado cahir pelos hombros. Loñgol. liv. 2. tit. 14. liv. 10. c. 21. e segundo a descripçaõ de Virgilio no 1. da Eneida, parece, que era muito antigo este costume

Virginis os, habitumque gerens, & virginis arma,
Spartanæ, dederatque comam diffundere ventis.

Nesta materia, como em outras muitas, sempre foraõ muito diversos os gostos das Naçoens. Em humas, como em Turquia, rapaõ os homens a cabeça, e deixaõ crescer a barba. Em outras, como na Persia, rapaõ a cabeça, e a barba, sò criaõ bigodes. O que para Religiosos he modestia, e decoro, para seculares seria desalinho, e indecencia. Antigamente os Reys de França, querendo castigar o delito de algum Principe, o mandavaõ rapar; neste estado naõ ousava apparecer no publico. Os Reys dos Longobardes faziaõ o mesmo com os que tinhaõ conspirado contra a sua pessoa, ou contra o Estado. No seu Gloffar. Archeol. traz Spelman muitas outras noticias sobre esta materia.

Cabicanqua. Conta o Padre Fr. Francisco do Desterro, Religioso de S. Bernardo, que sendo de dezaseis annos, pouco mais, ou menos, passara por huma terra, a que chamaõ *Aguiar da Beira*, perto de nossa Senhora da Lapa, do Bispado de Lamego, e ouvindo Missa ao Paroco, lhe ouvira na Estaçaõ pedir hum Padre nosso pela alma de Martim Gonçales, que matou a *Cabicanqua*, e perguntando a hum velho, que bicho era aquelle, que tanta lembrança deixou para o matador ser encomendado na Estaçaõ, elle lhe respondeo: Senhor, isto foy hum caso, que succedeo ha tantos tempos, que só se sabe por tradiçaõ; e he o caso, que vindo a esta terra huma cegonha, se foy pôr no campanario da Igreja, onde esteve muito tempo, e como estes passaros nestas terras naõ saõ conhecidos, porque nunca se viraõ nellas, senaõ naquella occasiaõ, o Povo vendo a grandeza do seu bicò, e a matraca, que com elle fazia, entendeo, que era cousa do outro mundo, e que os havia de engolir a todos, e determinaraõ por livrarem as vidas, naõ irem mais à Igreja, em quanto aquelle animal naõ desamparara aquelle sitio, o que executaraõ inteiramente, porque a Igreja se naõ abrio, em quanto a cegonha viveo; e elles hiaõ ouvir Missa a humas Capellas, que estavaõ fóra da Villa. Passado algum tempo, veyo àquella terra hum homem, e perguntando se se diria logo Missa, lhe responderaõ que naõ, porque elles a ouviaõ em humas Capellas fóra, pela causa referida, e estas, que ja se tinhaõ dito. O homem compadecido da simplicidade daquella gente, pedio, que lhe mostrassem aquelle monstro, porque procuraria livrallos de taõ grande oppressaõ; e que esperava o agradecimento do risco, em que se queria pôr para lhe fazer este bem. Ouvindo o Povo esta proposiçaõ, lhe fez grandes offerecimentos, e o levaraõ à vista do campanario, onde estava

estava a cegonha, e conhecendo-a, mandou buscar huma espingarda, e com ella a derrubou. Vendose livres do grande susto, em que os tinha posto aquelle passaro, lhe pagaraõ muito bem o beneficio, e se foy seguindo a sua jornada, deixando seu nome perpetuado naquella terra. Dalli por diante sempre lhe encomendaraõ sua alma na Estaçaõ. Passados trinta annos, pouco mais, ou menos, foy o dito Padre pregar as Bullas, e perguntando ao Paroco se se encomendava ainda a alma do tal homem, lhe disse, que elle tirara este abuso; mas que no rol dos encomendados estava o matador da *Cabicanqua* em primeiro lugar. Poderá haver disto alguns quarenta annos.

Cabida. Valimento. Ter cabida. Ser valido. Vid. Caber. Vid. Ter valimento com alguem.

Cabîres. Certos Deoses muito venerados na Samothracia, Ilha do mar Egeo. Derivase este nome de *Cabir*, que no idioma Hebraico quer dizer *Grande, Poderoso*. Por isso Varro os tem chamado *Viri potentes*; e com esta supposiçaõ eraõ taõ venerados, que era crime nomeallos fallando com o Povo; e para os que eraõ admittidos ao conhecimento dos seus mysterios, era taõ favoravel a opiniaõ, que havia da efficacia da sua protecçaõ, que o Povo tinha por cousa certa, que elles impetravaõ quanto pediaõ. Segundo alguns, estes taõ poderosos Deoses eraõ o Ceo, e a terra. O Commentador de Apollonio de Rhodes diz, que no principio os *Cabires* foraõ dous, a saber, *Jupiter*, e *Bacco*; e depois nomea outros tres, que saõ *Axieros*, *Axiokersa*, e *Axiokersos*, finalmente nomea hum quarto, chamado *Casmillo*, que he *Mercurio*. Samuel Bocharto deriva estes nomes da lingua Hebraica, e o mostra dizendo, que *Axieros* he o mesmo que *Achasi erets*, isto he, *Possessio mea terra*, e assim deve de ser *Ceres*; *Axiokersos*, e *Axiokersa*, querem dizer, *Possessio mea, excidium, & mors*, que indubitavelmente saõ *Plutaõ*, e *Proserpina*, no tocante a *Casmillo*, parece, que antes era o Ministro dos Deoses *Cabires*, que he hum delles. E assim diz Plutarco, que os Gregos, e os Romanos davaõ este nome ao mancebo, Ministro do Templo de Jupiter, como tambem os Gregos o davaõ a Mercurio. Diz Servio, que no idioma Toscano Mercurio era chamado *Casmillo*, como Ministro dos Deoses. Strabo faz mençaõ da opiniaõ dos que crem, que naõ havia mais que tres Deoses Cabires, como tambem tres Nymphas Cabires, *Cabiros tres, & tres Nymphas Cabiridas*; e certamente eraõ só tres no principio, como o affirma Tertulliano no livro dos Espectaculos. Tem para si Macrobio, que os Deoses, que por Eneas foraõ levados de Troya para Italia, eraõ estes Deoses *Cabires*, e por isso lhes chama Virgilio *Os Grandes Deoses*. Neste culto, outras Naçoens imitaraõ aos Egypcios, e tiveraõ tambem seus Cabires com Templos em que os adoravaõ. Escreve Herodoto, que Cambyses, Rey da Persia, passando pelo Egypto, e tratando com zombaria, e desprezo tudo a que os Egypcios tinhaõ mayor veneraçaõ, entrara no Templo dos *Cabires*, e depois de muitos escarneos, queimara todos os Idolos, que nos ditos Templos achara. *Sanchoniathon, allegado por Eusebio, livro 1. da Preparaçaõ Evangelica. Damasico in Photion. Hesychio, Causobono Bochart. Meursio nas Festas dos Gregos.*

Cabo de Boa Esperança. Promontorio. Vid. Cabo tomo 2. do Vocabulario.

Cabo de Boa Esperança. Deraõ os Portuguezes este nome a huma flor, que veyo do Cabo da Boa Esperança. Tem as folhas vermelhas com visos de ouro. Tarda annos em nascer. Dase em Portugal, e se cultiva nos jardins de D. Francisco de Sousa. A esta flor fez hum curioso este Soneto.

Esta nova Africana flor, vestida,
Ouro purpureo, purpura dourada,
Do Tormentoso Cabo trasladada,
Dos nossos olhos nunca conhecida.
As vistas busca, as attençoens convida,
Pois que rica se vê, se ostenta ornada,
Entre luzidos rayos encarnada,
Entre encarnados nacares luzida.
Quando os realces, quando os resplandores
Da purpura consegue, do ouro alcança,
Resplandece na cor, no metal arde.
E se tarda em nascer mais que outras flores,
Como natural he de huma esperança,
Traz da patria a razaõ, para que tarde.

Cabo, termo de Sapateiro. O que cresce de linhas, com que se cozeo a sola.

De Cabo a cabo, chularia, id est, do principio até o fim, *A capite ad calcem.*

Caboeiro. O pescador, que pesca com covo. Assim lhe chama o vulgo em algumas partes, e particularmente na Villa de Setuval. Poderá ser corrupto de *Coboeiro*, ou *Covoeiro*.

Cabra. O Adagio Portuguez diz, Cabra manca naõ faz sesta. Por naõ poder alcançar o gado, quando fogindo do Sol se vay pôr à sombra, chega a pobre Cabra taõ tarde, que acha o gado já em estado de se levantar; para ir pastar em outra parte.

Cabriola. Vid. tom. 2. do Vocabul.
Naõ sou taõ destro naõ como o Nicolas.
Para fazer nos ares Cabriolas.
Oraç. Academ. de Fr. Simaõ pag. 155.

Cabul. Cidade, e Reyno da India, nos Estados do Mogor. A Cidade he grande, e em todo o Reyno ha muito negocio, pela quantidade do almiscar, sedas, reubarbo, e outras drogas; que vem do Cathay.

CAC

Caca. Irmãa de Caco. Dizem alguns, que revelara a Hercules o furto, que seu irmaõ fizera, e que por isso fora venerada dos Romanos, que lhe consagraraõ huma Capella, em que as Vestaes lhe offereciaõ sacrificios. *Servius in Æneid. lib.* 8. Mas Virgilio neste lugar, e Ovid. lib. 1. Fastor. contaõ muito diversamente o descubrimento deste furto.

Caca, Immundicia de menino.

Cacaracâ. Voz, que imita a do gallo. Usa o vulgo della expressaõ, fallando em cousas de pouco preço, de pouca estimaçaõ, v. g. Palavras, negocios &c. de Cácaracá. Como ninguem faz caso do canto do gallo, tambem ninguem o faz das cousas de Cá caracá. *Res nihili, Res nullius pretii. Res nullius momenti.*

Cacarêos. Moveis de pouco preço.

Cacatous, ou Cacatuâ. He o nome de huma casta de papagayos, todos brancos, tem na cabeça hum pennacho nacarado, que lhe dá muita graça. Na Relaçaõ da sua viagem pela Persia, fol. 144. diz Thomás Herbet, que esta casta de papagayos se acha na Ilha Mauncia. Na Relaçaõ da sua viagem de Siaõ diz o Padre Tachard, que da Ilha de *Cacatua*, que fica na Sunda, perto da Ilha de Java, tomaraõ os ditos papagayos o seu nome. Em Lisboa tenho visto dous destes passaros.

Caça. Vid. tom. 2. do Vocabulario.
Outros Adagios da Caça.
Andar como lebraõ morto à Caça.
Bom caõ de Caça, até a morte dá ao rabo.

Cacha. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Na India se dá este nome a huns panos de algodaõ ordinarios, que se fazem no Malabar. Dizse Caixa, e Caxaria. Cochas he moeda de cobre da China.

Cachação. Pancada no cachaço. *Cervicis percussio, onis, Fem.* Deulhe hum Cachação. *Cervicem percussit.*

Cachete. Dar de cachete, frase vulgar, he dar com porfia, repetindo, e em certo modo imprimindo com sinete, que no idioma Francez se chama *Cachet.*

Cachimanha. No Thesouro da lingua Portugueza, pag. 2. col. 3. acho esta palavra vertida em Latim por *Sublaqueatio.*

Cachimónia. Termo do vulgo. Vid. Juizo, Prudencia, Sagacidade.

Que o da Cachimonia *escura*
Naõ queira apparecer lá,
Faz bem, porque no Zenith,
Naõ tem as trevas lugar.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 105. Certo Cavalheiro ouvindo em Lisboa dizer, que hum seu parente no Brasil tinha Cachimonia, imaginando, que Cachimonia era alguma fazenda, perguntou a quem lho dizia, Este meu parente, quanto terá de Cachimonia cada anno?

Cachimbaches. Mercancia miuda de ferro, cobre, ou lataõ, v. g. Facas, navalhas, thesouras, castiçaes, caldeiras &c. *Minutæ, ac variæ merces præsertim ex ferro, aut ære.* Os Francezes lhe chamaõ *Quincaille*; e no seu Diccionario Etymologico Menage o deriva de *Quisquiliæ*, que no Latim quer dizer, *Maravalhas, casquilhas, aparas da fruta &c.*

Cachorro. Vid. tom. 2. do Vocab.

Cachorro do mato. He o nome do animal, a que o Gentio do Brasil chama *Tai-ibi*, e outros da mesma terra, *Carigueya*, e *Sarigoi*. Tem cabeça de raposa, barbas de gato, dentes de caõ, particularmente quatro, pouco pescoço, e grande rabo, com o qual ao modo de bugio se dependura nos ramos das arvores. Muito fede a sua carne, mas naõ deixaõ de comella. Dizem, que o rabo deste animal he singularissimo remedio para dores Nephriticas; huma dragma delle cortada miudamente, faz lançar a pedra, desobstrue, e alimpa os vasos ureteros, e mitiga a dor das colicas.

Cachucho. Peixe do mar. Os Castelhanos lhe chamaõ *Dentôn*, e nisto se conformaõ com os nomes, que lhe daõ muitas outras Naçoens; porque os Gregos lhe chamaõ *Synodon* de *Odons* genit. *Odontos*, que quer dizer *Dente*; os de Marselha lhe chamaõ *Dente*, os Italianos *Dentale*; Alberto lhe chama *Dentatus*; Aldovrandò, *Dentex*, e outros *Dentalix*; todos estes nomes fazem allusaõ aos dentes deste peixe, que lhe sahem hum pouco fóra da boca, e com que quando póde, fere os pescadores; ou lhe deraõ este nome, porque tem muito dente, segundo o descreve Aldovrando; *Os habet satis amplum, valdèque denticulatum, præter enim minores, ac serratos dentes, quibus maxillæ armantur, earum superior quinis aliis, inferior verò octonis permagnis, canisque simillimis horret.* Aldovrando de *Piscibus pag.* 162. Supponho, que neste lugar falla Aldovrando em cachuchos muito mayores, que os nossos de Lisboa.

Cachucho. Tambem deve ser cousa muito differente de peixe; pelo Latim, que lhe dá o Padre Bento Pereira no Thesouro da Lingua Portugueza, onde diz, Cachucho, *Medulla Calami, vel Plumæ.*

Cacícos. He o nome dos Governadores, ou Principes subordinados aos antigos Incas, ou Emperadores do Perû. A gente mais nobre, originaria da terra, ainda conserva estes titulos de Incas, e Cacicos, sem embargo de ficarem sogeitos aos Principes da Ilha de Cuba; na America Septentrional tambem se chamavaõ *Cacicos*, quando os Castelhanos se apoderaraõ della.

Cacis, ou Cassis; Vid. tom. 2. do Vocabulario. Na sua Bibliotheca Oriental, fol. 262. col. 1. diz Herbelot, que no Arabico *Cassis* val o mesmo que *Cass*, e significa *Velho*, em Latim *Senior*, e por isso se toma por Sacerdote, ou Bispo Catholico. A origem he Syrica, porque *Casch* no dito idioma quer dizer *Envelhecer*, e *Chaschischo* he *Velho*, ou *Sacer-*

dote,

dote. (Veyo hum *Caffis* para ir prégar de Mafamede por aquellas partes. Decada 4. de Couto, livro 2. cap. 1. fol. 20. col. 4.)

CACO. Paftor de Italia; tinha affentado a fua vivenda no monte Aventino, que depois ficou encerrado no circuito de Roma, e em todos aquelles redores commettia crueis latrocinios. Dizem, que Hercules, tornado de Hefpanha, aonde tinha morto a Geriaõ, paffara perto do monte Aventino com o gado delle Rey, que elle levava, e que de noite lhe roubara Caco alguns boys, puxando por elles pelo rabo, para os meter na fua caverna, fem apparecerem pizadas da preza. Conhecido o furto, foy Hercules pelos redores da caverna bufcando o gado, que lhe faltava, fem virlhe ao penfamento, que os boys eftavaõ na caverna, porque os veftigios indiciavaõ o contrario. Entretanto ouvio Hercules huns berros, que deu hum dos boys, ao qual deu o cheiro dos feus companheiros; e logo arrombou a porta da caverna, e com a clava eftendeo ao ladraõ. Dizem os Poetas, que Caco era filho de Vulcano, e lançava fogo pela boca, por ventura porque depois de roubar as cafas, as queimava. A ifto accrefcentaõ, que elle era Gigante monftruofamente grande, que vivia de carne humana, e era meyo homem, como nos pintaõ os Satyros. Dizem outros, que Caco era hum Principe da Hefpanha Tarraconenfe, que deu feu nome ao monte *Caco*, hoje *Moncayo*, no Aragaõ, nos confins de Caftella a Velha. O qual Principe era enormemente feyo, e de condiçaõ taõ fero, que por iffo lhe chamaraõ meyo homem. Tambem dizem, que fora o inventor de certas armas de fogo, e de huma polvora, quafi femelhante à que hoje fe ufa; do que tomaraõ motivo para chamarlhe *Filho de Vulcano*; e finalmente, que perfeguira a Hercules, e fôra atraz delle até Italia, onde lhe roubara quatro dos feus boys. *Tit. Livio lib.* 1. *Virgil. Eneid.* 8. *Gerund. liv.* 1. *Paralipom. Hifpan.*

Caco Licinio, grande Capitaõ dos Lufitanos fe chamava *Caco.* Vid. Moncayo, no quinto volume do Vocabular.

CAÇOLA. No Alentejo he tigella de fogo.

CAD

Adagios Portuguezes do Cada.

Cada formiga tem fua ira. Cada cabello faz fua fombra na terra. Cada mofca faz fua fombra. Cada terra com feu coftume. Cada Bofarinheiro louva feus alfinetes. Cada ovelha com fua parelha. Cada carneiro por feu pé pende. Cada dia peixe, amarga o caldo. Cada coufa a feu tempo. Cada cuba cheira ao vinho, que tem. Cada fêira val menos, como burro de Vicente. Cada porco tem feu S. Martinho. Cada dia tres, e quatro, chegarás ao fundo do faco.

Adagios Portuguezes do Cada hum.

Cada hum dança, como tem os amigos na fala. Cada hum canta como tem graça, e cafa como tem ventura. Cada hum falla como quem he. Cada hum fente o feu. Cada hum trate de fi, e deixe os outros. Cada hum fente o frio, como anda veftido. Cada hum fe contente com o que Deos lhe dá. Cada hum eftenda a perna, aonde tem a cuberta. Cada hum defpende, como feu braço fe eftende. Cada hum veja o paõ, que lhe ha de abaftar. Cada hum diz da feira, como lhe vay nella. Cada hum acode aonde lhe mais doe. Cada hum faz no que fabe. Cada hum chega a braza à fua fardinha. Cada hum folga com o feu igual. Cada hum faz como quem he. Cada hum falla do que trata. Cada hum falla da fefta, como lhe vay nella. Cada hum falla, como quem he. Cada hum em fua cafa he Rey. Cada hum colhe, como femea. Cada hum como fe amanha. Cento de hum ventre, Cada hum de fua mente.

Adagios Portuguezes do Cada qual.

Cada qual com feu igual. Cada qual em feu officio. Cada qual he fenhor de fua vontade. Cada qual fabe para feu proveito. Cada qual fente o feu mal. Cada qual com feu pedaço de mao caminho.

CADAVER. Derivaſe do verbo Latino *Cadere*, *Cahir*; porque ſem alma o corpo naõ póde eſtar em pé, e cahe. Houve quem com galantaria derivou o vocabulo Latino *Cadaver*, das primeiras ſyllabas deſtes tres nomes *CAro DAta VERmibus*. Com muitas, e muito differentes ceremonias trataraõ os Antigos os Cadaveres de ſeus defuntos; huns os queimavaõ, outros os embalſamavaõ; outros os comiaõ, outros os enterravaõ, e neſtas funebres funçoens ſe obſervavaõ diverſos ritos. Quando ſobre a pyra, ou monte de lenha ſe eſtendia o Cadaver, abriaõlhe os olhos, como ſe o quizeſſem obrigar a olhar para o Ceo; e depois de o chamarem muitas vezes em alta voz pelo ſeu nome, o mais chegado dos parentes pegava na lenha o fogo com huma tocha, virando as coſtas, para dar a entender, que com grande ſeu pezar, fazia ao defunto eſte fraco ſerviço. Segundo Plinio, o coſtume de queimar os Cadaveres, naõ foy muito antigo em Roma, porque diz, que atè Sila naõ ſe acha, que peſſoa alguma da familia Cornelia foſſe queimada. Porém eſte meſmo Author ſe contradiz a ſi proprio, porque diz, que ElRey Numa prohibiò, que ſe agoaſſem com vinhos as fogueiras dos Cadaveres; e affirma Plutarco, que o meſmo Numa ordenara, que depois de morto naõ queimaſſem o ſeu corpo; mas que ſe fizeſſem duas ſepulturas de pedra, huma para os ſeus oſſos, e outra para os livros ſagrados, que elle compuzera ſobre a Religiaõ, e culto dos Deoſes: donde ſe colhe, que o coſtume de queimar os corpos quaſi he taõ antigo, que já no tempo de Numa Pompilio era uſado. Em Cicero achamos, que o uſo de enterrar os corpos, foy introduzido em Athenas por *Cecrops*, e que os lançavaõ na cova para a parte do Poente, ao contrario dos Megarenſes, que enterravaõ os ſeus defuntos com a cara para o Naſcente. Em toda a Grecia muito tempo durou o coſtume de enterrar os corpos; e de os queimar veyo dos Gymnoſophiſtas da India, que nelles era muito antigo. Os Egypcios embalſamavaõ os corpos dos mortos, a fim de os preſervar da corrupçaõ. Os Ethiopes variavaõ; ora os entregavaõ às correntes dos rios; e ora os encerravaõ em hum vaſo de barro. Vid. *Herodot. e Strabo.* Os Indios em algumas terras os comiaõ, para com eſta barbara fineza communicarlhe huma ſegunda vida, mudando-os como alimentos na ſua propria ſubſtancia. Os a que Herodoto chama *Macrobios*, iſto he, *de vida dilatada*, deixavaõ ſecar os corpos, e depois de mirrados, lhes pintavaõ o roſto, reſtituindolhes ſua cor natural; e depois de os guardar em columnas de vidro o eſpaço de hum anno, os expunhaõ à viſta do Povo, em algum lugar junto à Cidade. Eſcreve Diodoro Siculo, que certos Povos queimavaõ os corpos, e depois de recolher as cinzas, e os oſſos, metiaõ eſtas reliquias no vaõ de humas eſtatuas de ouro, ou prata, ou barro, ſegundo o cabedal de cada hum. Os Garamantes, Povos da Lybia em Africa, enterravaõ os ſeus na area das prayas, para ſerem lavados das ondas do mar. Depois de queimado, e conſumido o corpo do defunto, e deſpedidos delle os parentes, e amigos, com eſte ultimo a Deos, *Vale in æternum, nos eo ordine, quo natura voluerit, ſequemur*; os da familia ajuntavaõ os oſſos, e as cinzas, e depois de regallos com agoa luſtral, os metiaõ em urnas para os levarem à ſepultura, e ſobre elles derramavaõ lagrimas, que ſe recebiaõ em huns vidrinhos, chamados *Lagrimatorios*, e tudo juntamente com a urna ſe depoſitava no ſepulchro. Naõ he facil de ſaber o modo, com que recolhiaõ eſtas cinzas, ſem virem miſturadas com as da lenha, e outra materia, que com os corpos ficava queimada. Faz Plinio mençaõ de huma caſta de linho, chamado *Asbeſto*, iſto he, *Incombuſtivel*, com o qual ſe faziaõ teas, em que naõ tinha poder o fogo; deſtas teas ſe podiaõ fazer mortalhas, e envolver nellas o corpo, de ſorte, que as ſuas cinzas ſe naõ miſturaſſem com as da lenha; mas

contra

contra isto está, que o mesmo Plinio certifica, que este genero de pano era muito ralo, e se reservava para os Reys. Podia ser, que para este effeito usassem de outra tea, feita da pedra *Amianto*, com o segredo, que entaõ havia para a fiar, como o dá Plinio a entender, e affirma Plutarco, que no seu tempo havia na Ilha de Negroponto huma pedreira deste genero de pedra; e ainda hoje se acha della na Ilha de Chypre, e em outras partes. Finalmente podiaõ usar de outras traças, como seria, pôr o cadaver na fogueira dentro de huma tumba, ou ataude de cobre, ou de ferro, do qual era muito facil tirar depois as cinzas, e os ossos. No seu Tratado do luto traz Luciano, com a sua costumada galantaria, muitas outras ceremonias, usadas no acompanhamento, e enterro dos mortos.

CADAVERICIO. Cousa de cadaver. Nos corpos dos mortos tem alguns Filosofos imaginado huma certa fórma substancial, a que elles em Latim barbaro chamaraõ *Cadavereitas*; e a alguns Medicos Portuguezes ouvi chamarlhe com outra semelhante barbaridade, *Fórma Cadavericia*, que (como advertio Chauvin no seu Thesouro Filosofico) naõ he hoje admittida, porque a materia do cadaver he a mesma, que a do corpo, que dantes era animado, e toda a mudança consiste em q̃ pouco a pouco perdem os orgãos a sua figura, e em certo modo vaõ cahindo ao mesmo passo que nos espiritos, e no sangue vay cessando o movimento. Dizem outros *Cadaveriço*.

CADEA. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Cadeas do carro. Saõ huns paos, que atravessaõ em cruz as mesas, e cabeçalho, sobre as quaes se pregaõ as taboas do leito, e estas costumaõ ser quatro.

CADEIRINHAS. Jogo de meninos. Levar a alguem em Cadeirinhas, he dous travarem as mãos pelos pulsos, pegando cada hum com a maõ direita no seu pulso esquerdo, viradas as mãos para baixo, e com a maõ esquerda pegando no pulso do outro, e fazendo hum como assento, levar alguem nesta fórma.

CADEXO. Troço de seda, ou retroz.

CADI. No Imperio Ottomano, *Cad* ordinariamente se toma por Juiz de huma Cidade. Os Juizes das Provincias se chamaõ Mollas. Vid. Cadis.

CADÍMO. Tambem poderás chamar ao ladraõ Cadimo, *Optimus latro*, ou *Furum optimus*, à imitação de Catullo, que diz, *Furum optime*. Jano Langlèo, na sua obra intitulada, *Otium Semestre pag.* 484. glossando este lugar de Catullo, diz: *Lepidè optimum furem vocat Catullus, cùm callidissimum, & furacissimum significet, quasi ulla in vitiis bonitas esse possit.*

Naõ tem boca mais Cadima
E em tal mentir de obra prima
Naõ se vio engenho tal.

Obras Metric. de D. Franc. Man. tom. 2. pag. 205. col. 2.

CADIS. Juizes das causas civis no Imperio do Turco. Tomaõ conhecimento dos negocios espirituaes no Biledulgerid, em Africa. Vid. Cadi.

CADIZADELITAS. Seita de Mahometanos, que em muitas cousas imitaõ a dos Estoicos. Naõ se achaõ em banquetes, nem em festas, e em todas as suas acçoens affectaõ huma notavel gravidade. Continuamente, assim em particular, como no publico, fallaõ em Deos. Alguns delles misturaõ a observancia da ley de Christo com a de Mafoma. Estes tem sua vivenda nos confins da Ungria, e da Bosnia; lem o Euangelho em lingua Esclavonica, e o Alcoraõ em Arabico. Bebem vinho no mez de Ramazan, que he o mez do jejum dos Mahometanos, mas naõ deitaõ nelle canella, nem outras drogas, e assim entre elles o vinho he licor permittido. Querem bem aos Christãos, e os defendem quanto podem. Crem, que Mafoma he o Espirito Santo, e que o baixar das linguas de fogo no Pentecostes, foy figura da vinda deste falso Profeta. Tambem se circuncidaõ como os Judeos, e para authorizarem a sua circuncisaõ, se valem do exemplo de Jesus Christo. *Ricaut, Histor. do Imperio Ottomano.*

Cadmo. Filho de Agenor, Rey de Phenicia, que por seu pay foy mandado em busca de sua irmãa Europa, que Jupiter havia roubado; mas vendo, que em dilatadas, e perigosas jornadas naõ podia colher nova alguma, foy consultar o Oraculo de Delphos, que lhe ordenou mandasse fundar huma Cidade, aonde hum boy o levaria. Primeiro que tudo, pondose em estado de offerecer sacrificio aos Deoses, enviou seus companheiros para a fonte de Dirce, pouco distante, para ter agoa; mas sahio hum Dragaõ, que os comeo. Para o consolar no sentimento desta perda, Minerva lhe aconselhou fosse matar a fera homicida, e semeasse no campo os dentes, como fez, e delles vio nascer outros tantos homens armados, que pelejando huns com outros, se mataraõ, exceptocinco, que sobrevindo a este destroço, o ajudaraõ a edificar esta Cidade, que foy Thebas, aonde residio, e reynou muitos annos. Casou com Harmonia, ou (como quer Ovidio) Hermiona, filha de Marte, e de Venus; que lhe deu muitos filhos, os quaes pereceraõ todos miseravelmente. Foy Cadmo lançado fóra de Thebas por Amphiaõ, e acompanhado dos seus Phenicios, se passou à Europa. Ha opiniaõ, que trouxe dezaseis letras do Alfabeto Grego, que ensinou a compor em prosa, e foy o primeiro, que collocou estatuas nos Templos dos Deoses. Porém incorreo na indignaçaõ de Marte, e elle, e mais a mulher foraõ mudados em Serpente, por ter morto ao Dragaõ, que guardava a fonte de Dirce. Bocharto pertende provar, que Cadmo era hum daquelles Cadmoenos, dos quaes faz Moysés mençaõ no Genesis, cap. 15. vers. 19. Verdade he, que neste lugar o texto diz *Cedmoenos*, porém S. Jeronymo, e outros Interpretes da Biblia, lem Cadmoenos. Este nome pois *Cadmoeños*, foy dado a estes Povos, porque o seu domicilio para o monte Hermon, era a terra mais Oriental. E he provavel, que a mulher de Cadmo tomou deste monte *Hermon*, o nome de *Hermiona*; e como estes Povos faziaõ parte dos *Heveos*, fingio a Fabula, que Cadmo, e Hermiona foraõ mudados em Serpentes, porque no idioma Syriaco *Heveo*, significa *Serpente*. A isto accrescenta a Fabula, que dos dentes, que Cadmo semeara, nasceraõ huns soldados armados, que reciprocamente se mataraõ, e que do estrago só ficaraõ cinco, que se apoderaraõ da Boecia. Segundo o dito Bocharto, todas estas circunstancias saõ ingeniosas allusoens aos termos Phenicios, ou Hebraicos; os dous vocabulos *Sene naos*, significaõ igualmente *Dentes de Serpente*, e *gumes de aço*. Escreve Hygino foy o primeiro, que em Thebas achou aço; e parece, que por isso a pedra metalica, da qual se tira o cobre, ou o aço, se chama *Cadmia*. Estes soldados armados se reduziraõ finalmente a cinco, porque a palavra *Hames*, significa *Cinco*; tambem significa hum soldado *Cingido*, e *aparelhado para combater*, porque os soldados se cingiaõ pela quinta costella. Contra o que acabamos de dizer, dizem huns Interpretes de Pindaro, que Cadmo, e Harmonia chegados a huma decrepita velhice, por graça especial dos Deoses, foraõ levados aos campos Elysios em hum carro tirado por dous Dragoens; o que sem duvida terá dado motivo para a Fabula. Euhemero, natural da Ilha de Cos, no livro 3. da sua Historia sagrada quer, que Cadmo fosse cosinheiro del Rey dos Sidonios, de cuja Corte tirara huma certa mulher gaiteira, ou tangedora de frauta, da qual houve Samelé, que elle fez fechar com Bacco em huma arca, e a mandou lançar no mar, por se ter entregue a Jupiter. Os que allegorizaraõ esta Fabula, dizem, que Cadmo fora Principe muito valeroso, que conquistara à espada o Reyno de Boecia, do qual era Rey Draco, que tivera a habilidade de semear discordias nos seus subditos, que tirandose huns aos outros as vidas, lhe abriraõ o caminho, para se apoderar do Reyno. Aos Poetas deu esta historia lugar, para fingirem, que

que elle matara hum Dragaõ, e que dos seus dentes semeados nasceraõ huns homens, que mutuamente se degollaraõ.

Caducário. Termo de Direito. Ley Caducaria. No tempo do Emperador Augusto foraõ feitas as Leys Caducarias, para accrescentar o thesouro, que as guerras civis haviaõ esgotado. Constavaõ estas Leys de muitos artigos. I. Todo o homem solteiro, que queria viver no celibato, naõ podia lograr legado algum, senaõ casasse antes do tempo determinado pela ley, e o legado feito em seu favor por testamento, voltava para o fisco. II. Os que naõ tinhaõ filhos, perdiaõ ametade do que se lhes deixava em testamento, e isto he o que em termos Forenses se chamava *Pœna orbitatis.* III. Tudo o que era deixado em testamento a pessoas, que morriaõ vivendo o testador, ou depois delle morto, antes da abertura do testamento, pertencia ao fisco. IV. Todo o herdeiro, que se descuidava de tomar vingança da morte da pessoa, da qual ficava herdeiro, perdia a herança, e esta era para o fisco. *Lex Caducaria. Ulpian. tit. 28. Regular. Lex, quæ Caducorum jus introduxit.*

CAF

Câfare. Vid. Cafre. Vid. tomo 2. do Vocabulario. Os Mahometanos de Surrate chamavaõ aos Portuguezes Cafares. (Que naõ quizesse pelejar com aquelles Cafares, que assim nos chamaõ elles por desprezo, que tanto quer dizer, como *Cafres.* Couto Dec. 7. liv. 9. fol. 200 col. 4.)

Cafûa. Cova escura. De hum carcere, de huma logea, de qualquer lugar escuro, e triste; se diz por chularia, que he huma Cafúa.

Cafurna. Cova. Lugar escuro, e subterraneo.

CAG

Cagalume. Ouço dizer, que em Goa, e em outras Cidades da India, os Portuguezes chamaõ a este insecto, *Bicho do fogo.*

Cagaróla. Chulo. Medroso. Cobarde.

CAI

Cajaõ. Desastre. (Sem nenhum Cajaõ de fogo. Lopes, Vida delRey D. Joaõ I. part. 2. cap. 150.

Orelha be forte Cajaõ
Que inda bem home nom saya.

Obras Metric. de D. Franc. Man. part. 2 pag. 71. col. 2.

Caibros do tecto. Vid. tomo 2. do Vocabulario.

Caibros do carro, saõ cada hum dos paos, ou degraos, que fórma a grade ou escada.

Caiçalha. Junta, e multidaõ de caens. *Canum multitudo, inis,* Fem. *Multi,* ou *Plurimi,* ou *Quamplurimi canes.*

Caimaõ, Crocodilo. O Gentio da Cidade de Manilha, nas Ilhas Filippinas, adorava aos Caimaens, quando os via, prostrandoselhes por terra; e com as mãos levantadas, pelos grandes damnos, que delles recebiaõ, e com estas adoraçoens esperavaõ aplacallos. *Fr. Man. dos Anjos, Histor. Universal, pag.* 324.

Cainho. Termo chulo. Vid. Escaço, Mesquinho, Apertado.

Cajon. Vid. Cajaõ, supra. (Non recebesse ferida, nem outro Cajon nenhum. Monarch. Lusit. tomo 6. fol. 507. col. 1.)

Cairo. Vid. tomo 2. do Vocabulario. O Cairo he muito semelhante ao esparto. A palmeira o produz junto à rama. O melhor he o das Maldivas. As amarras de Cairo saõ as melhores, porque as conserva a agoa salgada, e custaõ menos, que as de linho.

Cajú. Ao que tenho dito desta planta no 2. volume do Vocabulario, me parece conveniente accrescentar o que se segue. A parte que pega na planta, he mais estreita, e para diante fórma a semelhança de hum pero verdeal, e lança

a casta-

a castanha fóra do fruto, a qual castanha he como hum rim de cabra. Ha Cajú barica, vulgarmente Barca. Aos Reynoes Portuguezes, no primeiro anno lhes daõ ametade, que pega na arvore, a qual os Naturaes naõ comem, por causar tosse, e engasgar. Ha outro Cajû do mesmo modo, mas naõ taõ doce.

CAL

Cala. Vid. Calheta, tomo 2. do Vocabulario. (Huma *Cala*, ou calheta, onde se póde surgir com naos. Pimentel, Arte pratica de Navegar, Ediçaõ do anno 1699.)

Calaçaria. Vid. mais abaixo Calaceria.

Calaceiro. Ocioso, ou negligente. Porém no seu Diccionario Lusitanico-Latino, Agostinho Barbosa faz Calaceiro, synonimo de velhaco, e logo mais abaixo toma Calacear, por Velhaquear, e Calacaria, por Velhacaria.

Fabio, este exemplo vos trago,
Para naõ ser Calaceiro,
Que isso de sahir a campo,
Sempre tem cousas de Duello.

Antonio da Fonsec. em hum Romance a huns encontros.

Calacerîa, ou Calaçaria. Segundo o Latim, que lhe dà o Padre Bento Pereira no Thesouro da lingua Portugueza, he ocio; a outros ouço dizer, que Calaceria he mao costume, mao vezo. Mais propriamente, Calaçaria he descanço vicioso, inimigo de trabalho, e applicaçaõ. He usado no discurso familiar.

Calafate. Derivase do Grego vulgar *Calaphatein*, ou (como diz Meursio no seu Glossario) *Calaphatizein*, *commissuras*, *rimasve solidare*. Outros o derivaõ do Hebraico *Cafar*, *Bitumine illinere*; e outros de *Cala asphaltoun*, isto he, *Ligna bituminare*. Os Arabes dizem: *Gialphata*, e *Calphata*. Nas Tacticas de Urbico se acha *Calefacere* neste sentido. Miguel Calafates, V. Emperador do Oriente, deste nome foy chamado *Calafates*, porque era parente de huns Calafates, e sem embargo da vileza do seu nascimento, a Emperatriz Zoa o havia adoptado, e como seu filho adoptivo lhe succedeo no Imperio. Porém foy taõ cruelmente ingrato, que desterrou a Emperatriz sua mãy para huma Ilha, da qual o Povo a tirou, e cavou ao ingrato Calafates os olhos, castigo naquelle tempo usado na Grecia. *Joan. Baptista Egnatius*, *Roman. principium*, *lib.* 2. *mihi pag.* 599. *col.* 2. Vid. *Petintal*, mais abaixo, no seu lugar Alfabetico. Vid. Calafate, tomo 2. do Vocabul.

Calafrîo, ou Calefrio. Naõ entrar em sazaõ com frio, nem Calafrios. *Observaç. de Curvo*. Vid. Calefrio, tomo 2. do Vocabul.

Calaluz. Na Dec. 4. diz Joaõ de Barros, fol. 583. que Calaluzes saõ na India navios de remo grandes. Vid. tom. 2. do Vocabul.

Calamaco. Seda antiga, quasi semelhante a gorgoraõ. Vid. Calhamaco, tom. 2. do Vocabul.

Calamba, e Calambuco. Na Relaçaõ da sua viagem da Persia, e da India, livr. 3. fol. 520. diz Thomás Herbert, que na China, e na Cochinchina, o pao de Aquila, se chama *Calamba*; mas pelo que fica dito no tom. 2. do Vocabulario, muita differença vay de hum pao a outro.

Calamîna. Vid. tom. 2. do Vocabul. No tom. 1. do Oriente Conquistado, pag. 250. e 251. procura seu Author mostrar, que em tempo do Apostolo S. Thomé a Cidade, em que morreo este Apostolo, se chamava Calamina, e que depois se chamou Meliapor; e que o naõ acharse na India noticia da palavra Calamina, se deve attribuir à pouca curiosidade dos Naturaes, em escrever suas antigalhas.

Calamocar. Termo do vulgo. Assinalar alguem, ou alguma cousa com pao, ou ferro. Vid. Ferir.

Calar. Calar o melaõ. Calar a balancia. Abrir o melaõ, ou a balancia, para se ver por dentro a sua bondade. Vid. Calar, tom. 2. do Vocabul.

Calar, ou Callar. Vid. tomo 2. do Vocabul.

Adagios Portuguezes do Calar.

Fallem cartas, calem barbas. Ao bom Calar, chamaõ Santo. Quem Cala, vence. Quem Cala, consente. Mais val Calar, que mal fallar. O parvo se he calado, por sabio he reputado. Calar, e cobrar pela terra, e pelo mar. Bom saber he Calar, até ser tempo de fallar. A mulher de bondade, outrem falle, e ella cale. Se a moça for louca, andem as mãos, e cale a boca. Prata he o bom fallar, ouro he o bom Calar.

Calazophylaces. Eraõ na Grecia huns Sacerdotes, que observavaõ as injurias do ar, como o granizo, ou saraiva, ventos tempestuosos, &c. para as desviar, sacrificando hum cordeiro, ou hum frango. Na falta pois destas victimas, ou naõ tomando dellas bom agouro, com hum canivete, ou outro ferro recortavaõ o dedo; persuadidos de que com o sangue, que corria da ferida, aplacavaõ a ira dos Deoses. Escreve Giraldo, que estes supersticiosos Sacerdotes foraõ instituidos por Cleon. *Girald. no livro dos Deoses dos Gentios.* Melhor fora dizer, *Chalazzophylaces*, do vocabulo Grego *Xaleza*, que quer dizer Granizo, ou pedra.

Calcadouro. Vid. tomo 2. do Vocabulario.

Calcadouro. Segundo Agostinho Barbosa, no seu Diccionario, tomase pelo lagar, onde calcaõ as uvas. *Calcatorium, ii, Neut. he de Pelladio, lib. 1. tit. 18.*

Calças de piar. Vid. mais abaixo pear.

Calcorrear. Termo chulo. Correr com muita pressa

Em que se distinguira de fraco,
Se nas pendencias fugir
A Calcorrear.

Otaç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 105.

Calcular. Vid. tomo 2. do Vocabulario.

Calcular o Sol. Frase da Ley Salica. He notificar com termo fixo do espaço de hum dia, da Caldeira da Ilha do Fayal. Nascer até o pôr do Sol. Querem alguns, que se diga *Collocar o Sol*, porque no titulo 40. da dita Ley, está *Collocare Solem*; mas a outros parece mais proprio, *Calculare Solem.*

Caldeira. Vid. tom. 2. do Vocabul.

Caldeira de pero botelho. Vulgarmente se toma pelo Inferno. No seu Thesouro diz Cobarruvias, que este adagio se funda em algum particular, que elle naõ alcança, e accrescenta, que segundo a sua opiniaõ, devia ser algum Caldeireiro de grande cabedal, que fez huma Caldeira muito grande.

Caldeirada.

O Adagio Portuguez diz: em cada casa comem favas, e na nossa às Caldeiradas.

Caldeiraõ, e malheiraõ. Jogo de meninos.

O Adagio Portuguez diz: và a corda traz o Caldeiraõ.

Calendario. As causas da differença do Calendario Romano Gentilico, ao Calendario Romano Catholico, saõ dignas da noticia dos Ecclesiasticos, e de quaesquer homens curiosos da serie, e mudança dos tempos. O Calendario Romano Gentilico, foy disposto por Romulo, fundador da Cidade de Roma, o qual sendo mais versado em materias Militares, que no movimento dos Orbes Celestes, compoz o seu anno de dez mezes sómente, dando o primeiro lugar ao mez de *Março*, e successivamente a *Abril*, *Mayo*, *Junho*, *Quintil*, (que depois foy chamado *Julho*) *Sextil*, (a que chamaraõ *Agosto*) e a estes se seguiraõ *Setembro*, *Outubro*, *Novembro*, e *Dezembro*. Deu trinta e hum dia a *Marte*, a *Mayo*, e *Quintil*, e a *Outubro*, e trinta a cada hum dos outros seis, de maneira, que todos juntos faziaõ trezentos, e quarenta dias. Numa Pompilio, que succedeo a Romulo no Reyno, pela primeira vez deu melhor forma a este Calendario, imitando em certo modo aos Gregos, que davaõ ao seu anno doze mezes Lunares de trinta, e de vinte e nove dias consecutivos, o que vinha a

fazer trezentos e cincoenta e quatro dias. Sendo pois amigo do numero impar, segundo a superstição, que aprendeo dos Egypcios, compoz o seu anno de trezentos e cincoenta e cinco dias, e lhe deu doze mezes, a saber *Janeiro*, *Fevereiro*, *Março*, &c. *Janeiro* era de vinte e nove dias, *Fevereiro* de vinte e oito, *Março*, *Mayo*, *Quintil*, e *Outubro* de trinta e tres dias, e os outros seis de vinte e nove. Naõ se lhe deu, que ficasse *Fevereiro* com numero par, porque o tinha destinado para os sacrificios, que se faziaõ aos Deoses Infernaes, aos quaes este numero como infausto pertencia. Quiz Numa, que o mez de *Janeiro*, que elle collocou no Solsticio Hiberno, fosse o primeiro mez do anno, e naõ mais o de *Março*, que Romulo havia dado ao Equinocio da Primavera. Valeose tambem da intercalaçaõ dos Gregos, que de dous em dous annos accrescentavaõ hum mez supernumerario, o qual alternativamente composto de vinte e dous, ou vinte e tres dias, para igualar com o curso do Sol o anno civil, que fazia sua revoluçaõ em trezentos e sessenta e cinco dias, e quasi seis horas. No mesmo tempo ordenou aos Supremos Pontifices, de assignalar ao Povo o tempo, e o modo desta interposiçaõ de mezes extraordinarios; mas ou por ignorancia, ou por superstiçaõ, ou por alguma particular conveniencia, confundiraõse as cousas de maneira, que as suas festas cahiaõ em tempos totalmente oppostos aos em que deviaõ ser celebradas, segundo a instituiçaõ dellas; e assim as festas do Outono se faziaõ na Primavera, e outras do Veraõ na gemma do Inverno. Chegou esta desordem a ser taõ grande, que Julio Cesar, Dictador, e Summo Pontifice, depois de ganhada a batalha de Farsalia, entendeo, que a reformaçaõ do Calendario, era empreza digna do seu cuidado. Veyo de Alexandria hum celebre Astronomo, chamado Sosigenes, que regulou o anno pelo curso do Sol, e depois de composto o Calendario de trezentos e sessenta e cinco dias, deixou seis horas, para no cabo de quatro annos fazer dellas hum dia, que se accrescentaria ao mez de Fevereiro antes do vigesimoquarto dia do dito mez, ao qual dia os Romanos, segundo o seu modo de contar, chamavaõ o *Sexto das Calendas*, donde nasce o nome de *Bissexto*, porque naquelle tempo se dizia duas vezes *Sexto Calendas*. Para dar lugar aos dez dias, que no anno Solar de trezentos sessenta e cinco dias sobejavaõ do anno de Numa de trezentos cincoenta e cinco, accrescentou dous dias a cada hum dos mezes de Janeiro, de Sextil, e de Dezembro, que só tinhaõ vinte e nove, e mais hum dia a cada hum destes outros quatro *Abril*, *Junho*, *Setembro*, e *Novembro*, deixando o mez de *Fevereiro* de vinte e oito dias nos annos communs, e de vinte e nove no anno Bissexto. E como (pelo descuido dos a que se havia encomendado a distribuiçaõ dos mezes intercalares) o principio do anno precedia entaõ de sessenta e sete dias ao Solsticio Hiberno; e como tambem era o anno da intercalaçaõ do mez de vinte e tres dias, o que chegava a fazer noventa dias; este anno da correcçaõ do Calendario, feita por Julio Cesar, foy de quinze mezes, e de quatrocentos e quarenta e cinco dias; e he a razaõ porque lhe chamaraõ *O Anno de confusaõ*. Aqui he necessario advertir, que este Emperador querendo conformarse por algum modo com o espirito dos Romanos, acostumados desde muito tempo aos annos Lunares, fez principiar o primeiro anno do Calendario Juliano, por hum dia de Lua nova, que se seguio ao Solsticio Hiberno, e que entaõ cahio oito dias depois; e dalli tiveraõ principio os annos Julianos, alguns oito dias depois do Solsticio de Capricornio. Aos Romanos, cujo dominio era taõ dilatado, lhes naõ foy difficultoso introduzir em toda a parte esta correcçaõ do Calendario, feita por Julio Cesar; as Naçoens mais remotas admittiraõ o uso della. Naõ se regularaõ mais os Gregos pelo anno Lunar, e deixaraõ a intercalaçaõ dos qua-

renta e cinco dias cada quatro annos. Ficaraõ os Egypcios o seu *Thot*, (que dantes passava de huma Estaçaõ para outra) no primeiro dia do anno. Fizeraõ os Hebreos o mesmo, e veyo este Calendario a ser o Calendario de quasi todo o Orbe.

Conservaraõ os primeiros Christãos os mesmos nomes dos mezes, o mesmo numero dos dias, e a mesma intercalaçaõ de hum dia no anno Bissexto. Tiraraõ do Calendario Romano, ou Juliano as letras Nundinaes, (que signalavaõ os dias das Juntas, ou das ferias) e em seu lugar puzeraõ outras para notar o Domingo, e mais dias da semana. No lugar das festas profanas, e dos jogos dos Romanos, puzeraõ por ordem as festas, e ceremonias da verdadeira Religiaõ. No principio do sexto seculo, o Abbade Diniz, ou Dionysio, por alcunha o *Pequeno*, vendo os differentes usos das Igrejas do Oriente, e do Occidente, para o tempo da celebraçaõ da Paschoa, propoz huma fórma de Calendario, segundo o periodo Victoriano, composto dos Cyclos do Sol, e da Lua, e accommodado com o Nascimento de Jesu Christo. Até entaõ a mayor parte dos Christãos contava os annos do tempo da fundaçaõ de Roma, ou dos Consules, ou dos Emperadores. Alguns começavaõ a contar do dia da Paixaõ do Divino Redemptor, ou da era dos Martyres, no reynado do Emperador Diocleciano; mas o dito Dionysio achou, que era mais conveniente principiar huma nova Epoca, ou Era da Encarnaçaõ de Jesu Christo; e esta Era ainda hoje se usa na Corte de Roma nas datas da Bullas, e dos Breves. Com tudo, pouco tempo depois começaraõ os Christãos a contar do Nascimento de Christo, observando sempre o costume dos Romanos, no particular do principio do anno, assentado no primeiro dia de Janeiro. Por este Calendario da antiga Igreja, com bastante precisaõ se conheciaõ as novas Luas, e consequintemente o tempo da festa da Paschoa; mas passados alguns seculos se descobrio, que este calculo se naõ conformava de todo com o curso do Sol, e da Lua, e que já a festa da Paschoa se naõ celebrava na Lua chea do primeiro mez. Na Astronomia era este erro muito prejudicial, porque insensivelmente a festa da Paschoa tivera cahido no Inverno, e depois tivera passado ao Outono, e dahi ao Estio. Com tençaõ de evitar esta desordem, o Papa Gregorio XIII. no fim do seculo decimoquinto mandou aos Principes Christãos, e às mais celebres Universidades huns Breves, para os empenhar em buscar os meyos, para restituir o Equinocio da Primavera ao seu verdadeiro lugar. Depois de ouvir o parecer dos homens mais doutos, determinou diminuir o Calendario de dez dias, e o executou com huma Bulla do anno de 1581. E assim, o dia depois da Festa de S. Francisco, que cahe nos quatro de Outubro, contaraõ quinze em lugar de cinco. Por este modo, o dia, que antes da correcçaõ se chamava os onze de Outubro, veyo a ser os vinte e hum, e assim nos outros mezes. Daqui nasceo, que o Equinocio da Primavera, que cahia aos onze de Março, se achou nos vinte e hum, como succedeo no tempo do Concilio de Nicea, anno de trezentos vinte e cinco. O mesmo Papa Gregorio tambem achou outro meyo, para atalhar semelhante desordem nos tempos futuros, tirando de cem em cem annos hum dia Bissextil. De todas as Naçoens, que ficaraõ sugeitas à obediencia da Igreja, foy unanimemente aceita esta emenda. Mas os Gregos Schismaticos, e os Protestantes, quer de Alemanha, quer de Suecia, Dinamarca, e Inglaterra, naõ quizeraõ admittir entre si o uso della, ainda que conheçaõ o muito, que he necessario. Chamberlain na sua obra, intitulada *Estado de Inglaterra*, depois de examinar toda a materia concernente a este Calendario, confessa, ainda que Protestante, que sem embargo de todas as difficuldades, que poderaõ mover os de sua naçaõ, com o tempo se veraõ obrigados a se conformar com elle. Além do

come

nome de *Gregoriano*, que a este Calendario foy dado depois da sua correcçaõ, tambem teve o de *Calendario novo*; porque he differente do antigo, e foy chamado *Calendario perpetuo*, porque a disposiçaõ das Epactas, que se puzeraõ no lugar do *Numero Aureo*, o fará util para todo o tempo, naõ obstante qualquer novidade, que se possa descobrir nos movimentos Celestes. Blondel, *Historia do Calendario Romano.*

Calha. No jogo da bola, com paos, he o intervallo, que ha entre huns, e outros paos, tomando-os do principio para até o fim do jogo. Levar cinco de calha, he correndo a bola, sem derribar pao algum, passar além dos paos, por hum destes dous intervallos.

Calha, he tambem hum jogo, de que usaõ os rapazes com humas varinhas, ou paos pequenos estendidos no chaõ, com iguaes intervallos, por onde passaõ ao pé sapelo tres vezes, pedindo na ultima as varas todas, excepto a ultima, a que chamaõ *Porca*; nas primeiras duas vezes dizem, *Calha sacco de palha*; na ultima dizem, *Pizaõ, e a força naõ.*

Calhe. Nos jardins saõ as ruas; nos rios saõ huns canos de pao, abertos por cima, por onde se encana a agoa por ir a dar nas lingoas do rodizio.

Calianna. He o instrumento de que se servem os Persas, e Mogores, para tomarem tabaco de fumo, cujo uso he taõ continuo nelles, como em todos os Orientaes. A Calianna he composta de huma garrafa de cristal, ou vidro cheya de agoa, e da boca sahe hum canudo, que entra pouco na agoa, e emcima delle se poem huma cousa da fórma de hum perfumador de ouro, prata, ou de cobre, no qual se mete o tabaco muito bem picado, e huma braza de lume, e hum pouco mais abaixo ha hum buraco, de donde sahe hum canudo de canna comprido, ou de couro muito bem cozido, e às vezes bordado de ouro, e seda, pelo qual se chupa o fumo de huma grande distancia, para que tendo menos força, se possa estar continuamente neste exercicio, sem danno da saude.

Caligurritanos. Antigos moradores da Cidade, chamada hoje *Calahorra*, em Castella a Velha. Sustentaraõ o cerco, que lhe pôz Pompeo, com taõ constante resistencia, que depois de comerem todos os animaes, todos os couros, e tudo o mais, que podia ter alguma substancia, finalmente comeraõ suas mulheres, e seus filhos, e os salgavaõ como carne de porco. *Valer. Max. liv. 7. cap. 4.*

Calliope. A primeira das nove Musas. Foy mãy de Orpheo. Segundo os Poetas preside à Rhetorica, e à Poesia Heroica. Por isso a invocavaõ os Antigos, quando descreviaõ as illustres acçoens dos Heroes. Representavaõ-na muito moça, coroada de flores, tendo na maõ esquerda capellas de louro, e na direita tres livros, a saber, a *Odyssea*, a *Iliada*, e a *Eneida*. Segundo outros, preside à Harmonia, e aos Hymnos em honra dos Deoses. Da bondade, e suavidade da voz tomou o nome, porque no Grego *Callon* quer dizer *Bello*, e *Bom*, e *Ops* he *Voz*. *Calliope, es, Fem. Virgil.*

Callirhoe. Ha duas fontes deste nome, huma na Judea, além do rio Jordaõ, cujas agoas cahiaõ na Lagoa Asphaltite, e naõ só eraõ saluciferas, mas tambem muito doces ao gosto. A outra fonte deste mesmo nome era no termo de Athenas. Dizem, que sahia por nove canos. No livro 12. da sua Thebaida, Estacio o explica assim:

Et quos Callirhoe novies errantibus undis.

Callirhoe tambem he nome celebre nas fabulas, porque nellas faz mençaõ de huma *Calirhoe* filha do rio Acheloo, e mulher daquelle *Alcmeon*, que matou sua mãy *Eriphyla*, e casou com elle em tempo, que elle tinha outra mulher, à qual elle tinha dado aquelle famoso collar, que fora dado a Eriphyla, para que induzisse ao seu marido Amphiarao a emprender a expediçaõ de Thebas. *Callirhoe,*

lirhoe, ouvindo fallar neste rico collar, o pedio a *Alemcon*. Foy Alemcon buscar a Phegeo, pay da outra sua mulher, e deulhe a entender, que do Oraculo soubera, que nunca sararia do seu furor, se do dito collar naõ fizera huma offerta no Templo de Delphos. Phegeo lho entregou; mas como soube, que o queriaõ dar a *Callirhoe*, mandou aos seus dous filhos, que fossem matar a *Alcmeon*, e assim fizeraõ. *Callirhoe*, sentida desta morte, desejou summamente, que se tomasse vingança do homicidio de seu marido. Dizem os Poetas, que ella pedira a Jupiter, que fizesse de sorte, que os seus filhos, ainda muito meninos, crescessem subitamente, e fossem capazes para vingarem a morte de seu pay. Deferio Jupiter, e no mesmo instante, os seus dous filhos *Amphotero*, e *Acarnan*, se puzeraõ a caminho para a execuçaõ desta vingança. Na estrada acharaõ os matadores de *Alcmeon*, os quaes hiaõ para Delphos offerecer o collar, e mais a saya de Eriphyla. Estes mataraõ aos dous irmãos, e logo se encaminharaõ para *Psophis*, aonde tiraraõ a Phegeo, e a sua mulher a vida. Recolhendo-se, foraõ perseguidos atè Tegèa. A *Callirhoe* deraõ conta do que haviaõ obrado, e partiraõ para Delphos, aonde chegados, consagraraõ o collar, e a saya de Eriphyla. Acheloo foy o que os obrigou a que assim fizessem. Depois disto, passaraõ para o Epiro, aonde fundaraõ huma Colonia. No tocante aos dous filhos, que segundo Euripides, Alemeon houve da Profetiza Manto, foraõ entregues a Creon, Rey de Corintho, para tratar da sua criaçaõ; hum delles era varaõ, e chamavase Amphiloco; outro era femea, cujo nome era Tisiphone, e era muito fermosa. A mulher de Creon receando, que seu marido se namorasse della, a fez vender. Alemeon a comprou, sem conhecella. *Apollodoro, liv. 3. Ovid. de Arte amandi, lib. 3.*

Calmorrear. Termo chulo. Dar. Cascar. Espancar. Vid. Calmar, no 2. tom. do Vocabulario. Calmorrear, tambem em frase chula he Enganar. Estafar muito &c.

Calo. Paõ de calo. He o que està muy amassado, e de massa muy resta. Partido com a faca, naõ mostra olhos nenhuns por dentro. *Panis crudus.*

Calôte. Calotear, e Caloteiro, saõ termos do vulgo. Pregar hum calote, vem a ser quasi o mesmo, que pregar hum calvario. Vid. Calvario. Pregar hum calote na menina de hũ olho. Ser muito destro em fazer trapaças, urdir enganos &c.

Caloyeros. Religiosos Gregos, da Ordem de S. Basilio, ou de Santo Elias, ou de S. Marcello, que observaõ quasi a mesma Regra, e trazem o mesmo Habito em toda a Grecia, sem mudança, nem reforma alguma, e sem atègora ter entrado relaxaçaõ de suas antigas Constituiçoens. Vivem com grande recolhimento, e pobreza, e perpetua abstinencia de carne. De mais desta abstinencia, fazem no espaço do anno quatro Quaresmas, sem entrarem na conta muitos outros jejuns, que toda a Igreja Grega guarda com grande rigor; e nestes dias de jejum naõ comem nem ovos, nem manteiga, nem peixe. Com tudo para os hospedes, que na Quaresma os buscaõ, naõ deixaõ de fazer bons guisados. Os que fazem escrupulo de comer peixe, tem na mesa ostras, e mariscos de toda a casta, e varias composiçoens de ovos com ovas de peixe, mais delicadas, e mais gostosas, que os mesmos peixes. Os Caloyeros Armenios nas suas iguarias naõ querem manteiga nem azeite; valemse de amendoas, fisticos, e nozes pizadas com a maõ do gral, que postas sobre brazas, fazem hum effeito muito melhor, que todas as manteigas do Norte. Naõ imaginaõ que quebraõ o jejum, comendo entre dia alguma cousa, com tanto que naõ seja nem carne, nem peixe, nem ovos, nem manteiga, nem azeite. Mas os que trataõ o corpo com aspereza, e mortificaçaõ, comem huma sò vez no dia hum pouco de paõ, com humas hervas mal cozidas, e naõ bebem senaõ agoa. Mas que importa

tudo isto, sendo fóra da Igreja, como Schismaticos, e Hereticos. *Grelot, Viagem de Constantinopla.*

Calpurnia. Ley dos Romanos, contra os roubos dos Magistrados *Calpurnia Repetundarum.* Havia outras duas Leys Calpurnias, a saber, Calpurnia *de ambitu*, e Calpurnia *Militaris.*

Calva. Vid. tom. 2. do Vocabulario. No tomo 6. da nova *Bibliotheca Patrum*, fol. 85. achará o Leitor hum amplo, e discretissimo Encomio da Calva, composto por Synesio, Bispo de Cyrene, Cidade de Africa em Berberia. Tambem no livro 46. das suas *Adversarias*, cap. 22. pag. 2175. e 2176. traz Gaspar Barthio grandes elogios da calva, em mais de cento e trinta versos Hexametros, com palavras, que todas desde o principio até o fim, começaõ todas pela letra *C*, e o primeiro verso diz assim:

Carmina, Clarisone Calvis Cantate Camœnæ.

Calumba. Remedio hoje muito conhecido, e experimentado em Europa; he huma raiz muito amargosa, que vem dos Rios de Senna; e outras partes da costa de Africa, além do Cabo de Boa Esperança. Serve para todas as febres em lugar de Quinaquina, moida em agoa, ou vinho, de que se tomaráõ dous copos cada dia; para sezoens intermitentes, que entraõ com frio, se moerá com sumo de limaõ gallego; para indigestoens, e colicas em agoa, ou vinho. Serve para cursos, moida com o sumo de limaõ gallego, destemperado com agoa, hum copo de manhãa, e outro de tarde, e se untará tambem o ventre. Affirmaõ, que he hum excellente contra veneno, e que de nenhuma sorte convem darse a mulher pejada, porque se lhe dobrará o mal; applicando esta raiz ao dente que doe, sarará logo; e se lhe attribuem muitas virtudes, a dose he até ficar o licor amargoso, e ainda que seja com demasia, naõ ha perigo.

Calumnia. Desta cruel inventora de testemunhos fizeraõ os Athenienses huma Deidade, e no Templo, que lhe edificaraõ, lhe consagraraõ altares. A Apelles (diz Luciano em hum dos seus Dialogos) accusado por hum Pintor, envejoso da sua gloria, de haver conspirado contra o Rey Ptolomeo, e de haver sido causa do levantamento de Tyro, como tambem da tomada de Pelusa, depois de absolto de culpa, e justificado por hum dos complices, Ptolomeo, sentido, e arrependido lhe fez hum donativo de cem talentos, e juntamente lhe meteo nas mãos o accusador, para que o castigasse à sua vontade. Apelles para se vingar da calumnia, que fizera à sua honra, e innocencia taõ grande aggravo, fezo retrato da calumnia na fórma, que se segue. Viase nelle a calumnia em figura de mulher de grande estatura, e perto della a credulidade com grandes orelhas, semelhantes às de Midas, que se vinha chegando, ladeada da ignorancia, e da suspeita; aquella em figura de mulher cega, e esta com semblante carrancudo, mas com tal artificio, que demostrava huma certa complacencia de haver descuberto alguma cousa occulta. No meyo do painel, defronte da credulidade, apparecia a calumnia, como matrona muy fermosa, mas enfadada, com aspecto feroz, e olhos encarniçados; na maõ esquerda levava huma tocha accesa, e com a maõ direita levava arrasto hum menino, que com os olhos no Ceo lhe pedia soccorro. Diante da calumnia hia a enveja, representada na figura de homem magro, e secco, e dos seus cuidados consumido; detraz da enveja ficavaõ duas mulheres, que pareciaõ destinadas para o alinho, adorno, e serviço da sua pessoa. Estas duas criadas eraõ a impostura, e a lisonja. Em hum longe, que ainda dava lugar para enxergar os objectos, se via a verdade quasi em acto de caminho, para onde estava a calumnia, e atraz da verdade ficava o arrependimento vestido de luto. Nesta fórma pintou Aristoteles o painel, ou emblema da calumnia, do qual fez hum mimo a Ptolomeo, para envergonhar a calumnia de outro Pintor, que injustamente o havia accusado

ſado de ſer complice da conſpiração, ordida contra eſte grande Rey. Facilmente ſe entende o myſterio deſta engenhoſa pintura. A calumnia, perpetua perſeguidora da innocencia, ſó de huma malicioſa credulidade he admittida; e eſta credulidade naõ procede ſenaõ da ignorancia, e da ſoſpeita. Por meyo do embuſte compoem, e concerta o calumniador tudo o que elle diz, e por intervençaõ da liſonja ſe inſinua no animo de quem o ouve. Mas, ou cedo, ou tarde lhe a verdade, que deſcobre a maldade da mentira, e à calumnia ſó lhe fica para premio de ſeus diabolicos enredos, hum pezado arrependimento. A calumnia era chamada dos Gregos *Diobôle*, donde querem, que procedeſſe o nome *Diabo*, que temos dado ao demonio, pay de toda a mentira.

Calumniar. Vid. tom. 2. do Vocabulario. (O *Calumniavaõ* de amigo de novidades. Vida de D. Fr. Bartholom. dos Mart. fol. 126. col. 3.)

Calypso. Huma das Nimphas, foy filha do Oceano, e de Thetis. Reynou na Ilha de Ogygia, onde deu bom acolhimento a Ulyſſes, lançado da tempeſtade nas prayas da dita Ilha. Pelo eſpaço de ſete annos viveraõ juntamente com muita familiaridade; mas finalmente Ulyſſes a deixou, preferindo a ſua Patria, e a ſua Penelope à ſua nova amiga. No livro 2. da ſua Hiſtoria verdadeira, diz Luciano, que ſahindo da Ilha dos Bemaventurados, Ulyſſes o tirara de parte, e lhe dera huma carta para Calypſo, ſem que ſua mulher o viſſe. Tres dias depois, deſembarcado na Ilha de Ogygia, abrio a carta de Ulyſſes, receoſo de que o velhaco lhe pregaſſe alguma peça, e achou eſcrito o que ſe ſegue: *Apenas me apartey de vós, que fiz naufragio, e eſcapey com trabalho, ajudado por Laucothea na Regiaõ dos Pheacos. Reſtituido à minha caſa, achey minha mulher amigada com huns homens, que comiaõ a minha fazenda, e depois de os matar, matoume Telegôn, que eu houvera de Circe. Agora eſtou na Ilha dos Bemaventurados, aonde padeço ſaudades da vida, que levámos, e folgàra muito ter ſempre eſtado comvoſco, e ter aceitado a promeſſa, que me fazieis da immortalidade. Eſtay certa, que ſe me for poſſivel tirarme daqui, outra vez eſtou comvóſco. A Deos.* Deu Luciano eſta carta a Calypſo, que elle achou em huma gruta, trabalhando (como a deſcreve Homero) com agulha de bordar. *Homero Odyſſ. liv. 5.*

CAM

Cama. Vid. tomo 2. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes da Cama.

Cama de chaõ, Cama de caõ. Se queres boa fama, naõ te tome Sol na Cama. Deitate em tua Cama, cuida em tua caſa. Naõ haja dò de quem tem muita roupa, e faz má Cama.

Camafêo. Vid. tom. 2. do Vocabulario. De Camafeos, com figuras formadas da natureza, ſe contaõ couſas notaveis. Faz Plinio mençaõ de huma Agata delRey Pyrrho, em que eſtavaõ repreſentadas as nove Muſas, e no meyo dellas Apollo com huma arpa, tudo obra da natureza, ſem ſoccorro algum da Arte. Dizem, que em Piſa, na Igreja de S. Joaõ, ha huma imagem tambem natural, em que ſe vê hum velho hermitaõ em hum deſerto, ſentado na margem de hum rio, com huma campainha na maõ, como ordinariamente ſe pinta Santo Antonio. Antigamente no Templo de Santa Sofia em Conſtantinopla ſe via em hum marmore branco a figura de S. Joaõ Bautiſta, cuberto de huma pelle de camelo, com a falta de hum pé, que lhe tinha negado a natureza. Algum tempo depois da Paixaõ do Divino Redemptor, ſe achou em Italia a figura de hum Chriſto crucificado naturalmente, effigiado em hum marmore, com os cravos, e as chagas, e mais outras particularidades; e affirma Gaffarel, que eſte Camafeo ſe guarda na Igreja de S. Jorge em Veneza. Na Cidade Suiberga, em Alemanha, ſe tem achado em huma mina, em hum pedaço de metal, com a figura de hum

homem, que levava hum menino às costas, na fórma que costumaõ pintar a S. Christovaõ. *Thiers, no Tratado das Superstiçoens.*

Camaleaõ. Na descripçaõ de Africa, pag. 87. refere Dapper outras cousas notaveis do Camaleaõ. I. Nos mais animaes, os olhos a modo de gemeos, tem hum só movimento, e ambos juntamente olhaõ para huma só parte: O Camaleaõ quando quer, dá aos seus olhos differentes movimentos; com hum olhará fixamente, e virará o outro; com hum olhará para cima; com outro olhará para baixo. Outras vezes poem os olhos no mesmo objecto, como qualquer homem, e he cousa que move a rizo, vello virar hum olho para as costas, e olhar por detraz. II. Anda o Camaleaõ por hum modo gracioso, quando pela parte esquerda chega ambos os pés, pelo lado direito os afasta; pelo contrario, em chegando os pès pelo lado direito, affasta-os do lado esquerdo; faz esta mudança com taõ mao geito, que faz vir vontade de rir. III. Naõ he menos notavel o modo com que sustenta a vida. Naõ pega com o bico, como as aves; nem remoe, como os boys, e as cabras; nem chupa, como as lampreas, e as sanguexugas; nem mastiga, como a mayor parte dos animaes, mas bota a lingua, e a recolhe com tanta agilidade, que a penas se enxerga. Succede isto nesta fórma. Quando busca o sustento, bota os olhos por todas as partes, hum para cima, e outro para baixo; hum por diante, e outro por de traz, e depois pregando-os no objecto, abre a boca, e puxando pela lingua mais de meyo palmo de comprido, apanha a preza, sem nunca errar. Fica a lingua, como espada embainhada, em hum canudo oco, e ella carnuda, e esponjosa; ao longo deste canudo se estira hum nervo muito mais teso, que huma corda de viola, o qual tem o seu nascimento no osso da lingua. Neste animal naõ he este osso, como nos homens, a que os Anatomicos chamaõ *Hyoide*, he vaõ por dentro, e taõ comprido como a lingua, por lhe servir como de bainha, quando se recolhe. Por meyo dos espiritos animaes se estende a lingua, e o nervo a faz recolher, quando está carregada de mosquitos, e outros bichinhos, e na ponta da lingua ha huma glandula viscosa, para ter maõ na caça. No tocante à maravilhosa variedade das cores do Camaleaõ, Panarolo he de parecer, que ella naõ procede da diversidade dos objectos, que o cercaõ, mas dos movimentos do coraçaõ; e assim quer este Author, que o frio, e o calor sejaõ a causa destas mudanças, porque como tem pouco sangue, e pouca carne, he muy sensivel às impressoens de huma, e outra calidade. Esquecia-me dizer, que o Camaleaõ trepa pelas arvores com taõ grande ligeireza, que parece, que voa, e quando quer, destramente se dependura dos ramos pelo rabo, com cuja extremidade a modo de gancho, se sustenta.

Camara, ou Camera geral. Termo da India Portugueza. Nas Ilhas de Goa compoemse a Camera Geral de dezaseis Gancares das oito centas Aldeas. Dous de cada huma tem seu Escrivaõ, e he meta procuradora das mais Aldeas de sua jurisdiçaõ, para dar por ellas razaõ, e fallar aos Vice-Reys, e Governadores, e o que se lhe propoem do serviço de S. Magestade, ou do bem publico, mandando ella convocar em sua Camera dous Gancares de cada Aldea, como Procuradores dellas, lhes communica, e do que se assenta, se dá parte ao Governo; e se resolve o mais acertado, dandose em Camera; e sendo-o de algum subsidio, se distribue *pro rata*, em todas as Aldeas, segundo os foros, e se faz a cobrança por Cucho do Escrivaõ da Camera, e pelo Sacador della, ou Eleito, que se nomea, e se dá satisfaçaõ, a que se applica para a dita Camera naõ administrar bens, nem rendas algumas, e menos ter dominio nas Aldeas. Cameras Geraes de Salsete, e Bardes saõ da mesma natureza; mas como as Aldeas da Camera saõ mais naquellas Provincias, saõ tambem

mais os Gancares dellas, a respeito de dous de cada Aldea.

CAMARAÕ. Casta de uvas excellentes; querem terras altas, e substanciosas. *Alarte, Agricultura das vinhas, pag* 28.

CAMARA, ou Camera cerrada. Ordenaç. liv. 4. tit. 47. num. 1. Prometter Camera cerrada, he prometter huma incerta quantidade de arras. Vid. *Elucidario de Bento Pereira, numero marginal* 1989.

CAMARABANDO. Vid. tomo 2. do Vocabul. Na Batalha, que D. Francisco de Menezes deu à gente do Nizamoxà, na India, hum Soldado Portuguez, chamado *Trancoso*, homem agigantado, e muito forçoso, alcançou com a maõ esquerda hum Mouro, e metendolhe o braço pelo cingidouro, (que era hum Camarabando de muitas voltas) o levantou no ar, fazendo delle adarga, foy matando muitos, sem nenhum delles ousar descarregar nelle seus golpes, por naõ matarem o companheiro. *Couto Decada* 5. *fol.* 167. *col.* 2.

CAMARATE. Lugar de Portugal na Estremadura, duas leguas de Lisboa para a parte do Norte. Tem hum Convento de Frades Carmelitas Calçados. No 3. tomo da Corografia Portugueza, pag. 618. e 619. acharás a historia da fundaçaõ deste Convento.

Camarate. Casta de uvas. Vid. mais abaixo Carrega besta.

CAMARÇAÕ. Terra de muita area, com montes, pinheiros, &c.

CAMAREIRO. Vaso, para cursar. *Lasanum*, i, *Neut. Horat.*

CAMARINA. Cidade de Sicilia, que foy arrazada pelos Syracusanos, e depois por Hipponas reedificada. O fedor de huns paûs visinhos, obrigou os moradores a pedir ao Oraculo hum meyo por livrar deste contagio. A reposta foy, que se os desecassem, o descommodo seria mayor; e assim foy, porque na sua Cidade entrou o inimigo pelo paul delagoado, e secco; daqui veyo o Adagio, *Movere Camarinam*, que significa, bulir com cousa, da qual resulta alguma desgraça. *Thucydid. lib.* 8. *Polyb. lib.* 2.

CAMARINHAS. Vid. tomo 2. do Vocabul. Contra o que digo no dito lugar, naõ faltará quem diga, que os nomes Latinos, que dou a esta planta, naõ parecem convenientes à natureza della, porque as melhores, e mais excellentes camarinhas, que ha no Reyno, saõ as da outra parte do rio da Villa de Setuval, onde chamaõ Troya, que tudo he area lásia, e se daõ bem as camarinhas em charnecas, e areaes; por onde parece lhe naõ competir bem o nome *Empetrum*, mayormente à vista do que traz Laguna in Dioscorid. lib. 4. cap. 18. Tambem dirá alguem, que a este vegetante se naõ póde accommodar o nome *Acacalis*, segundo o que traz o mesmo Dioscorides, lib. 1. cap. 100. nem tambem *Cacalia* segundo que o traz Calepino. *Erica*, tambem sem a circunlocuçaõ, naõ seria propria ex Dioscor. lib. 1. cap. 98. O que posso segurar he, que no seu Thesouro da lingua Portugueza, o Padre Bento Pereira diz: Camarinhas, fruto de certa mata, *Acacalis*. No dito lugar da Villa de Setuval, ha no Veraõ tanta quantidade de camarinhas, que se vendem a quatro vinteis o alqueire.

CAMBÁL. Cambais chamaõ os Moleiros à farinha (segundo imagina quem mo disse) que poem em roda da pedra, que moe, como reparo da que se está moendo; ou saõ humas taboinhas, que pela mesma sorte se poem.

CAMBALÙ. Cidade, a que a mayor parte dos Geografos tem feito Cabeça do Catay, que elles imaginaraõ ser huma das principaes terras da Tartaria. Mas finalmente se tem achado, que Cambalu, e Pexing eraõ dous nomes de huma mesma cousa. No seu Diccionario Historico diz Luiz Moreri, que na Alfandega de Lisboa, entre huns paineis de varias Cidades do Oriente, se vê com este letreiro *Vista da Cidade de Cambalû em Tartaria*. Naõ sey se ainda existe no dito lugar este painel. O que sey he, que na Tartaria naõ ha tal Cidade. Foy esta

este erro descuberto pelos Hollandezes na viagem, que fizeraõ à China, e pelo P. Kirker, da Companhia de Jesus; cujas Relaçõens nos ensinaraõ, que a Cidade de Peking, Cabeça da China Septentrional, he a que os Sarracenos, e Moscovitas chamaõ Cambalû. Verdade he, que o perfil de Cambalû he differente daquelle de Peking, que os Hollandezes trouxéraõ; mas nasce esta differença, de que os Hollandezes representaraõ Peking em outro aspecto, e em sitio de ser visto por outra parte. Que no que toca ao mais, o modo dos edificios he o mesmo, e todos sabem, que os Tartaros, que ficaõ ao Norte da China, saõ gente vagabunda, sem Cidades, quaes se tem representado Cambalû, do qual se diz, que tem Palacios, Pagodes, ou Templos, arcos triunfaes, e monumentos publicos, que denotaõ a policia, e magnificencia dos seus moradores. *Livro intitulado Embaixada dos Hollandezes na China.*

CAMBAYA. Abarca o Reyno de Cambaya, é por outro nome do Guzarate, mais de setenta e cinco mil Povoaçoens de nome, naõ entrando neste numero as Aldeas. Corre a sua costa de Norte a Sul, pouco mais de duzentas legoas da ponta de Jaquete, até o rio de Bandorá. Estendese pelo sertaõ quasi cento e cincoenta legoas por linha direita, até a Cidade de Agrá. A este Reyno pertence *Dio*, *Cambayete*, *Baroche*, *Surrate*, *Balsar*, *Damaõ*, *Danû*, *Tarapôr*, *Maim*, *Baçaim*, e a Ilha de *Salsete.* Regase de muitas ribeiras, e rios, que o enriquecem, e fertilizaõ, e a mayor parte delles entra no rio Indo, o qual depois de recolher em si muitas agoas, as descarrega por sete bocas na enseada do Sinde, e naõ na de Cambaya, como alguem imaginou. Abunda de mantimentos, arroz, trigo, creaçoens, caça de altenaria, e montaria, e seis legoas de terra bastaõ para sustentar grandes exercitos. Habitase pelo maritimo, e pelo sertaõ de Mouros, e Gentios. Oriente Conquistado, tom. 2. pag. 151.

CAMBOLÎM. Especie de droguetes, que se fazem em varias partes da India, e na Persia sià alguns taõ macios, e bem tecidos, que parecem de castor, estes que saõ communmente carmesins, ou acamurçados, servem aos Mouros, e Gentios principaes, em lugar de capote, ha cambolins muito grosseiros, que parecem burel, e delles se vestem os Padres Capuchos da India, e tambem os Soldados Laxarins Gentios, marinheiros, e demais gente humilde.

CAMBOTA. He hum dos paos com meya volta, de que se armaõ os tectos, especialmente os estuques.

CAMBRA. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Cambra. Segundo o Padre Bento Pereira, na sua Prosodia, he o *Rhamnus* dos Latinos, a que os Portuguezes chamaõ *Espinheiro alvar*, e outros *Cambra.* Neste mesmo lugar traz o dito Author a opiniaõ dos que dizem, que dos espinhos de Cambra foy tecida a coroa de Christo Deos, e Senhor nosso.

CAMELAÕ. Certo pano, que se fazia de pello de camelo, donde lhe veyo o nome. Camelaõ, hoje he pano, que se faz de pello de cabra com lãa, ou seda. Ha camelaõ de Hollanda fino, camelaõ de lãa grosso, camelaõ de França ralo &c. Os Francezes dizem *Camelot*, e segundo Menagio, nas suas Etymologias, *Camelot* se deriva de *Zambelot*, palavra do Levante, que se diz de hum pano, feito de hum pello muito delgado, o qual se tira de humas cabras de Turquia, das quaes Scaligero faz mençaõ, e Busbec nas suas viagens, donde nasce, que se tem dito *Camelaõ de Turquia.* Bocharto diz, que *Zambelot* he corrupçaõ do Arabico *Giamal*, que quer dizer *Camelo.*

CAMELO. A carga do camelo saõ mil arrateis, e naõ dez mil, como està por erro no segundo volume do Vocabulario, na diçaõ Camelo.

CAMELOPARDAL. Das cousas, que raras vezes se vem, naõ he facil dar noticias certas. Nos Authores, que fallaõ

desta

desta fera, acho tanta variedade, que o desejo de acertar me obriga a trazer assim nesta materia, como em outras, tudo o que póde conduzir ao conhecimento, e averiguação da verdade. Na sua Historia de Africa pag. 15. diz Dapper, que estando no Graõ Cairo, vira dous Camelopardaes, que tinhaõ na testa duas pontas do comprimento de seis dedos, e no meyo da testa hum esgalho de dous dedos de comprido, que parecia outra ponta. Immediatamente mais abaixo, descrevendo o dito Author este animal mais particularmente, diz: Tem o Camelopardal da cabeça até a cauda dezoito pès de comprido; os ossos das pernas saõ taõ altos por diante, como por detraz. Desde o rabo vaõ sobindo as costas em figura pyramidal, e quasi a modo de escada, ou de telhado em ponta. O corpo he de cor de veado, e he todo manchado em quadrados. Tem como o boy a unha fendida, a cauda curta, delgada, e na extremidade felpuda, e o beiço de cima muito mais para fóra, que o debaixo; a crina he de cavallo desde as costas até o alto da cabeça, quando anda, parece coxo, ora de hum pé, e ora de outro, e quando quer tomar no chaõ o seu sustento, abre muito as pernas, porque só desta maneira póde chegar. A lingua tem dous pés de comprido, he redonda, e ovada como enguia, e de hum azul ferrete; com ella roe as hervas, os ramos, e as folhas das arvores, e as leva à boca taõ subtilmente, que apenas se enxerga. A isto accrescenta Purchasio, que he taõ grande, que por baixo da sua barriga póde passar hum homem a cavallo. Diz Strabo, que se achaõ Camelopardaes em Africa, nas terras dos Troglodítas, e dos Egypcios. Cesar, sendo Dictador, foy o primeiro, que os introduzio nos jogos, e espectaculos de Roma. Aos Judeos era prohibido comer da carne deste animal, final de que os havia na Palestina. No Vocabulario acharás na palavra *Girafa*, e *Giracatachen*, muitas cousas, que se podem accommodar com o que neste Supplemento dizemos do *Camelopardal*; porém naõ acabo de crer, que todos tres sejaõ o mesmo.

Camera. Vid. Camara, supra.

Camisa. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes da Camisa.

A mulher, que pouco fia, sempre faz roim Camisa. Quem naõ tem mais de huma Camisa, cada Sabbado tem mao dia. Naõ se fie, nem da Camisa, que traz vestida. Começado, e acabado, como Camisa de enforcado. Saude he a que joga, que naõ Camisa nova. Mãy velha, e Camisa rota naõ deshonra. Mãy, e filha vestem huma Camisa.

Camisola, he tomado do Francez *Camisole*, que he huma especie de colete, que se veste entre camisa, e gibaõ, *Thorax interior*.

Camos. Idolo. Vid. Chamos.

Camotim. Na India Portugueza, he o que tem debaixo da sua administração a Varzia, e o cuidado de a mandar avalladar, e applicarlhe o necessario.

Campainha. No tempo delRey D. Joaõ o IV. tangiase de noite huma campainha no lugar, que em Lisboa ainda hoje tem nos Armazens. Chegava ao ralo hum homem, ao qual as espias diziaõ o que se passava, para o dizerem ao Rey. Moço fidalgo da Campainha, era o que acudia, quando ElRey tangia a campainha.

Campanado. Termo de Boticario. Derivase de *Campana*, que quer dizer *Sino*; e nas boticas he huma casta de lambique agudo por cima, e largo por baixo, a modo de sino, ou (como lhe chamaõ os do officio) de *Campana*. (Turbith mineral, preparado com oleo de enxofre *Campanado*. Observaç. de Curvo, 477.)

Campanudo. (Com palavras *Campanudas*, e relevantes. Observaç. de Curvo. 334.)

Mulher campanuda. Bizarra. Galharda.

Campeador. Vid Campeaõ, no segundo volume do Vocabulario.

Campeche. Pao, que vem do Brasil. He

He vermelho, e ferve para fazer tinta negra, particularmente para chapeos. (Pao fuftete, pao *Campeche*, pao carvoeiro. Pauta dos Porros fecos, e molhados, na letra *P*. Drogas.

Campestre. Coufa de campo.

De hum gabaõ ao feu ufo vem trajado
Sobre outras Campeftres *veftiduras*.

Virginidos de Man. Mendes Barbuda, Cant. 30. Eftanc. 25 *Campefter*, ou *Campeftris*, var.

Camsinho. Som, ou peça, que fe toca na viola. He grave.

CAN

Canadá. No Canadá conhecido, e frequentado dos Europeos, o Gentio eftá diftribuido em muitas Naçoens, debaixo dos feus *Samagos*, que faõ os morgados das familias. Contra o frio cobremfe de pelles de caftores, lontras urfos &c. quafi ao modo, que os Antigos pintavaõ a Hercules. Tambem no Inverno calçaõ grandes meyas, mas andaõ quafi fempre com a cabeça defcuberta. Com huns brincos, que lhe vaõ de França, as mulheres fe enfeitaõ. Fazem fuas feftas, quando cafaõ, quando dos feus inimigos levaõ a melhor, e quando tem hofpedes conhecidos, e amigos; neftas gaftaõ muito tabaco, donde parece chamaõ a eftes feftejos *Tabagias*, e nelles comem às vezes a carne dos inimigos, que venceraõ. Cafaõ com muitas mulheres, que pela mayor parte naõ propagaõ, porque como os maridos as defamparaõ depois de prenhes, comem de huma certa raiz, que as faz abortar, e com a efterilidade fe vingaõ do defamparo. Das moças antes de cafar, poucas faõ as honradas, as cafadas o faõ por força. Com marcas, e ferretes na cara caftigaõ a primeira falta, que commetteraõ; com tirarlhe da tefta hum bocado de carne, a fegunda; na terceira ha pena de morte. A fua Religiaõ he idolatria, os feus Sacerdotes faõ feiticeiros, e ordinariamente tem mao fim, porque no furor das fuas galhofas o povo os mata. O Gentio do Canadá de S. Lourenço, Rio affim chamado dos Francezes, porque o entraraõ no dia defte Santo, leva pouco mais, ou menos a mefma vida, que o das outras terras. Suas armas faõ arcos, frechas, cachaporras, e huma rodela cuberta de couro. Alguns delles retalhaõ a cara com as pontas de huns ferrinhos, que deixaõ nella varias figuras impreffas. As moças de quatorze, ou quinze annos fe entregaõ aos mancebos, que faõ mais de feu agrado, e paffado o anno defta lafciva foltura, efcolhem hum marido, com o qual paffaõ com caftidade conjugal o reftante da vida. No enterro dos feus defuntos, poem junto da cova feus veftidos, fuas armas, e o de que na vida fizeraõ mayor aprego. Os que tem alguma luz, ou fombra de Religiaõ, crem a immortalidade d'alma, e que no outro mundo ha hum lugar de delicias, onde cada hum vive com feus amigos. Finalmente cada Naçaõ deftes barbaros tem feus ritos, e coftumes taõ extravagantes como diverfos. Huns vivem em humas choupanas, a modo de fornos, e eftas cubertas de cafcas de arvores. Achaõ a carne de caõ, e de ufo goftofa, e nos feus banquetes a mifturaõ com caça de montaria. Seguem as mulheres aos feus maridos na guerra, e ajudaõ a levar a bagagem. Veneraõ com muitas fuperftiçoens a huma Deidade, a que elles chamaõ *Oqui*; he nome, que elles daõ a tudo o que lhes caufa grande admiraçaõ; e o daõ até aos feus feiticeiros, que outros deftes barbaros chamaõ *Manitons*. Eftes Magicos faõ os feus Medicos, e daõ a entender, que adevinhaõ futuros. O feu modo de exercer a Medicina he efte. Toda a cura confifte em dançar, cantar, e beber ao pé do doente, dando a entender, que com efte fefteio cobraõ faude. *Laet. Hiftor. do Mundo Novo*.

Canadas. He aquella entrada fóra da commua, que coftumaõ fazer os carros, e carretas, atraveffando os campos, e conduzindo as lenhas. *Via tranfverfa*, ou *tranfverfaria*.

Cana-

Canario. Som, ou peça de instrumento de cordas, muito grave, ainda que apressado; costumase dançar a elle.

Canastra. Vid. tom. 2. do Vocabul.

Canastras. Jogo de meninos.

Jejuar pelas almas das Canastras. Anexim popular. Val o mesmo, que naõ jejuar, ou quebrar o jejum.

Cancaburrada. Termo chulo. Fazer huma cancaburrada, he fazer huma parvoice, huma asneira. (Canaveal, *Cancaburrada*, cançaõ. Bento Pereira, Thesouro da lingua Portugueza.

Cancanas Bracellete. Todas as mulheres Indias trazem cinco, seis, e mais braceletes, ou Cancanases em cada braço; as Mogolas usaõ de Cancanases de marfim, que quebraõ com qualquer colera, ou pezar, que tenhaõ, para melhor mostrar a sua dor.

Canceira. Vid. Cansaço, tom. 2. do Vocabulario. O Adagio Portuguez diz, A quem tem mulher fermosa, castello em fronteira, vinha na carreira, naõ lhe falta canceira.

Cancellario. Aquelle, que no Imperio Romano lograva o titulo *Cancellarius*, naõ era Ministro de conta, nem possuhia dignidade de estimaçaõ. Era hum homem, que em hum lugar fechado de cancella, ou grade de pao, ganhava a vida em tresladar as sentenças dos Juizes, e outros actos Judiciarios. A paga era segundo o pouco, ou muito da Escritura. Assim o dá a entender Salmasio; allegando com hum passo de huma ley dos Lombardos. *Volumus, ut nullus Cancellarius pro ullo judicio, aut scripto aliquid amplius accipere audeat, nisi dimidiam libram argenti de maioribus scriptis, de minoribus autem infra dimidiam libram.* Sem duvida, que este Official era pouca cousa, pois diz Vopisco, que fizera o Emperador Numeriano huma vergonhosa eleiçaõ na pessoa de hum destes Cancellarios, para Governador de Roma: *Præfectum ubi unum, è Cancellariis suis fecit. quo fœdius nec cogitari potuit aliquid, nec dici.* Nas suas Etymologias diz Menagio, que *Cancellario* se deriva *à Cancellis*, isto das grades donde o Emperador administrava a justiça, porque o Cancellario estava junto à clausura, com que o Principe ficava separado do Povo. Joaõ de Janua, e atraz delle, Du Cange; querem que este vocabulo venha da Palestina, onde os telhados eraõ planos, e cercados de grades, chamadas em Latim *Cancelli*; e accrescentaõ, que os que sobiaõ a estes telhados para recitarem alguma arenga, se chamavaõ *Cancellarii*, e que depois se estendeo o significado desta palavra aos que litigavaõ dentro das grades, chamadas *Cancelli Forenses*, e finalmente se deu o nome de *Cancellarios* aos que tinhaõ os primeiros assentos no ambito destas grades.

Candàla. Haverá alguns sessenta annos, que em França, Inglaterra, e outras partes reynava a moda de atar pela curva da perna huns canhoens forrados de tafetá, que cobriaõ em toda parte da perna, e talvez podiaõ servir de encobrir alguma deformidade, como se suppoem, que succedeo ao inventor della, que era da Casa de *Candale*, a qual em França he ramo de nobilissima Casa de Foix; e por isso a dita moda foy chamada *Candala*.

Vá pois à Candala,
Hum pouco demos à moda.

Antonio da Fonseca em hum Romance.

Candelabro. O Candelabro do Templo de Jerusalem, que era de ouro, e pezava cem minas, era differente do Candelabro dos Romanos, em que este tinha huma só vara com seu pè, e huma lampada em cima, e o Candelabro do Templo de Salamaõ tinha sete ramos, tres de cada banda, e huma no meyo, com setenta alampadas, pelo que diz Joseph. Este Candelabro com os vasos, e outras peças muito raras do Templo de Jerusalem, ajudaraõ a ornar o triunfo de Tito, e de Vespasiano, depois do sacco de Jerusalem, e com os vasos sagrados do Templo do verdadeiro Deos, foraõ depositadas no Templo da Paz.

Can.

Candente. He tomado do Latim *Candens*, Abrazado.

De ferro Candentissimo *esmaltado*. André da Sylva Mascar. Destruiçaõ de Hespanha, liv. 2. oit. 81.

Candidato. Pelo espaço de dous annos andavaõ com sua toga branca estes pertendentes de dignidades. No primeiro anno pediaõ licença ao Magistrado, para por si, ou por algum seu amigo fazer huma falla ao Povo. No fim das suas arengas declaravaõ, que com o seu beneplacito queriaõ sobir áquelle lugar, e para este effeito lhe pediaõ, quizesse olhar para os merecimentos de seus mayores, e para seus proprios serviços, dos quaes faziaõ huma larga enumeraçaõ. Chamavase isto *Profiteri nomen suum*; e este anno *Annus professionis*, o qual todo se gastava em grangear amigos, solicitar suffragios, e ganhar vontades de grandes, e pequenos com jogos, e banquetes, com a construcçaõ de alguma obra bôa para o bem publico, ou com apadrinhar no Senado as causas dos accusados. No principio do segundo anno faziaõ novas instancias aos Magistrados, com a recomendaçaõ do Povo, ordinariamente expressada nestes termos, *Rationem illius habe*; e no mesmo tempo pediaõ, que fossem seus nomes escritos na lista dos pertendentes, o que elles chamavaõ *Edere nomen apud Prætorem, aut Consulem*. O Magistrado logo depois de ver a petiçaõ do *Candidato* com a recomendaçaõ do Povo, fazia a Junta ordinaria dos Senadores, os quaes depois de examinadas as razoens da sua pertenção, e tomada a informaçaõ da sua vida, e costumes, davalhe o Magistrado licença para proseguir a sua opposiçaõ, dizendolhe *Rationem habebo, renuntiabo*; e naõ o querendo admittir, dizia: *Rationem non habebo, non renuntiabo*. Destas repulsas, e negativas ha muitos exemplos. Escreve Asconio Pediano, que Catilina, chegado de Africa, pedira ao Povo a dignidade de Consul; mas na Junta do Senado o Consul Volcacio declarou, que naõ era digno de ser admittido. C. Marcio Rutilio, pertendeo ser Censor, mas o despacho dos Consules foy, naõ ha que deferir: *Non renuntiabo*. Causa da exclusiva podia ser huma destas tres; perversos costumes, e crimes; defeito da idade determinada pelas leys, para exercer os cargos da Republica; para a dignidade de Questor se requeriaõ vinte e sete annos; para ser Tribuno, trinta e hum; para a Edilidade mayor, ou Curul, trinta e sete; para a Pretura, trinta e nove; quarenta e tres para o Consulado. Porém havia occasioens, e tal vez eraõ taes os sugeitos, que para elles se dispensava no rigor das leys. Na idade de vinte e quatro annos foy Scipiaõ feito Consul; e Pompeo na de trinta e quatro. Terceira causa da exclusaõ era a intempestiva pertensaõ dos mayores cargos, sem ter servido a Republica nos menores. No seu livro, intitulado *Brutus*, chama Cicero á petiçaõ de Cesar para o Consulado, prematura, e extraordinaria, *Extraordinariam, & præmaturam petitionem*; porque até aquelle tempo naõ tinha Cesar exercitado outro officio, que o de *Edil*; e foy Sylla taõ zeloso observador desta ley, que chegou a matar de sua propria maõ a Q. Lucrecio Ofella, que solicitava o Consulado, sem ter primeiro exercitado a *Questura*, nem a *Pretura*. O pertendente admittido a poder pedir o cargo, para chegar a conseguillo, buscava patrocinios, e valias para os Magnates da Corte, e finalmente com assistencias, obsequios, finezas, e dadivas procurava a benevolencia dos que lhe podiaõ valer. Tambem comprava os suffragios, pela via, e agencia de tres castas de pessoas, que se chamavaõ *Interpretes*, *Divisores*, e *Sequestres*. Pelos Interpretes se determinava o preço; pelos *Divisores* se distribuhia com os Tribunos o dinheiro; *Sequestres* eraõ os Depositarios, que guardavaõ o dinheiro para o restituir, caso que naõ tivessem effeito os suffragios. Para tirar os inconvenientes, e remediar as desordens destas peitas, e sobornaçoens, se fizeraõ muitas

leys,

leys, que foraõ chamadas *Leges de ambitu*, mas naõ deixou a ambiçaõ de as excluir com manhas, e artificios. Chegado o tempo da eleiçaõ, determinava o Magistrado a Junta por tres dias de mercado, para os homens do campo, e os moradores das Cidades Municipaes, e Colonias, que tinhaõ voto, virem à Cidade assistir ao acto da eleiçaõ. No dia adiado, os Candidatos com suas opas, ou togas brancas, e assistidos dos seus Padrinhos, amanheciaõ no Monte Quirinal, ou no Outeiro dos Jardins, para na eminencia do lugar ficarem mais à vista do Povo. Dahi baixavaõ para o Campo de Marte, onde para o intento repetiaõ suas diligencias, como o declara Horacio nestes versos das *Odes lib. 3. Od. 1.*

——— *Hic generosior*
Descendat in campum petitor.
Moribus hic, meliorque famâ
Contendat, illi turba cilentium
Sit maior.

Entaõ o Presidente da Junta, depois de nomear em alta voz os pertendentes, ou oppositores das dignidades, e declarar as razoens de huns, e outros para a sua pertensaõ, chamava os Tribunos para votar; contavaõse os suffragios, e o que tinha a fortuna de ter mayor numero delles, era declarado Magistrado, e elle fazia extemporaneamente hum discurso em acçaõ de graças à Junta, e dahi sobia ao Capitolio, para fazer oraçaõ aos Deoses. Esta boa ordem começou a ter mûdança no reynado dos Emperadores. Pertendeo Augusto o seu primeiro Consulado por hum modo, até entaõ inaudito. Porque naõ tendo mais que vinte annos de idade, fez marchar o seu exercito para Roma, e o mandou pedir para si em nome das Legioens; e Cornelio, Cabeça dos Deputados, vendo que tardava, com a maõ na guarniçaõ da espada, chegou a dizer: *Hic faciet, si non feceritis.* Augusto pois vendose Senhor absoluto, hia pessoalmente pedindo os votos para os seus afilhados, e estes se chamavaõ *Candidati Cæsaris.* Accrescenta Suetonio, que este Principe limitou o poder do Povo de sorte, que só lhe deixou o direito de nomear os pequenos Magistrados, reservando para si o de nomear os grandes. Tiberio, successor de Augusto, tirou ao Povo todo o direito da eleiçaõ, e o transferio ao Senado. Nero tornou a pôr ao Povo de posse; mas o Povo fez desistencia deste direito para sempre; e o Senado se contentou com fazer proclamar no Campo de Marte os eleitos para os cargos. De todos os Magistrados, que se elegiaõ, só os Censores entravaõ logo no seu ministerio, os mais Magistrados para se instruirem nas materias da sua obrigaçaõ, ficavaõ alguns mezes sem fazer funçaõ alguma.

Candonga. Trapaça. Enredo. He termo chulo. Dizem, que veyo de Angola. Candongueiro, o que usa de Candongas.

Caneiro, Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Caneiro, Dique. Vid. tom. 3. do Vocabulario. (Catadupas, a que o China chama *Cha*, os Framengos *Diques*, os Portuguezes *Caneiros*, os quaes no meyo tem suas portas de grandes, e grossos madeiros, que de noite fechaõ, e de dia abrem, para passarem as barcas. Fr. Jacintho de Deos, Vergel de Plantas, 196.)

Canephora. Festa de Diana, que os Gregos celebravaõ. Todas as moças casadouras offereciaõ a Diana huns cestinhos cheyos de brincos de seda, e com esta offerta davaõ a entender, que começavaõ a tomar tedio ao estado de donzella. Outra festa semelhante, a esta celebravaõ os Athenienses, dedicada a Baccho, na qual as moças levavaõ huns açafates dourados, cheyos de fruta, donde veyo a esta festa o nome Grego *Canephoria*, e às moças o de *Canaphoras*, como quem dissera; *Moças, que levaõ canistreis.* Falla Suidas nestes canistreis, ou cestinhos, consagrados a Bacco, a Ceres, e a Proserpina; tambem o Poeta Theocrito faz mençaõ delles nos seus Idylios. Tinha cada hum delles a sua tapadoura, para naõ ficarem os mysterios

de

de Bacco expostos aos olhos dos profanos, isto he, dos que ainda naõ estavaõ instruidos no culto deste falso Nume.

Cangalhas. Vid. no 2. tom. do Vocabulario. Em frase chula, Trazer cangalhas, he trazer oculos.

Cangalheiro. O que pertence a cangalhas. Quarta cangalheira, he aquella, que se póde accommodar, e pôr nas cangalhas das bestas.

Cangar. No sentido figurado he enganar a alguem. Fazer de alguem zombaria, como quem poem canga ao boy.

Cangarrilhada. Palavra de chulos. Trapaça. Enredo. Grande trapalhada.

Cangosta. Palavra da Beira. He por modo de hum beco, e decida.

Canha. Homem, que se serve da maõ esquerda. Vid Canhoto no Vocabul.

Canhamâço. Vid. Calhamaço no tom. 2. do Vocabulario. (Humas tunicas de estopa grossa, ou Canhamaço. Vida de D. Fr. Barthol. dos Martyr. 186. col. 3)

Canhôta. Assim se chama na Provincia de Entre Douro, e Minho a huma acha de lenha, partida ao machado. *Diffracti ligni schidia*, ou *Assula*, æ, *Fem.*

Canja. (Hum caudo porque se lhe bota na boca alguma *Canja*, que he agoa de arroz. Godinho, Viagem da India, pag. 29.)

Canicia. Provincia sita entre Argel, e Tunes. Fica sogeita aos descendentes dos antigos Reys de Africa. Possuem os Povos os seus bens em commum; vivem debaixo de humas barracas, como os antigos Scythas. Semeaõ onde se acampaõ, e naõ se acampaõ senaõ aonde achaõ bons pastos. Levaõ á guerra suas mulheres, seus filhos, e seu gado. Os Argelinos, que saõ seus antigos inimigos, naõ poderaõ com elles, senaõ debaixo da direcçaõ de *Amouda*, Bey de Tunes. *Historia dos ultimos levantamentos do Reyno de Tunes.*

Caniço. tambem he huma como esteira de vimes, sobre a qual se poem as castanhas a secar.

Canicular. Porta Canicular. Em Roma era a porta, na qual para as searas tomarem cor, os Romanos sacrificavaõ à Estrella Canicular os caens de pello ruivo. *Festo.*

Cannibales. Vid. Caraîbas, mais abaixo.

Canônico. Vid. tomo 2. do Vocabulario. Antigamente este nome *Canonico* era geral para Clerigos, Frades, e Freiras, porque comprehendia a todos os que estavaõ escritos nas matriculas das Igrejas, para cujo serviço foraõ destinados. Desta matricula, ou taboa, que se chamava *Canon*, tomavaõ o nome de Canonicos, os registados nella, que tinhaõ porçaõ Canonica na Igreja, que serviaõ. Crisol Purificar. fol. 41. col. 1.

Canonizaçaõ. Vid. tom. 2. do Vocabul. Derivase esta palavra do Catalogo, chamado *Canon*, no qual se escreviaõ os nomes dos Santos, que a Igreja approva depois de hum rigorosissimo exame de suas virtudes; costume que sempre guardou a Igreja, porque desde o seu principio os Martyres, que os Tyrannos matavaõ, naõ eraõ approvados senaõ depois da declaraçaõ do Bispo da Diocesi do Martyr. Vid. *Lexicon Sacrum Dominici Macri*, *fol.* 115.

Canôpo. O mais celebre dos Deoses do Egypto, cuja fabula traz Suidas nesta fórma. Hum dia (diz este Author) os Egypcios, com os Chaldeos, e outros Povos confinantes se pozeraõ a altercar sobre a primazia, e mayoria dos seus Deoses; e como cada Naçaõ queria sustentar a prêminencia do seu, convieraõ em que o Deos que ficasse vencedor, seria o mayor de todos. O fogo, que era o Deos dos Chaldeos, brevemente derreteo a prata, e outros metaes, e materias combustiveis, e faceis de fundir, à vista do triunfo deste elemento abrazador, estavaõ todos para adorar o fogo como Nume supremo, e superior a todos, quando certo Sacerdote de Canope, Cidade do Egypto, tomou hum vaso de barro cheo de buraquinhos, no qual os Egypcios purificavaõ a agoa do Nilo, e de-

e depois de os tapar com cera, o encheo de agoa, e depois de o pôr sobre a cabeça do Deos, que elles adoravaõ, o expoz a pelejar com o fogo; mas derretendose com o calor a cera, derramouse por todos os furos a agoa, e apagou o fogo, e assim o Deos de Canope sahio vencedor, e foy reconhecido pelo mayor de todos os Deoses daquelles Povos. *Suidas. Ruffinus lib.* 11. *cap.* 26. *Historia Ecclesiast.*

Canopo, ou Canope. Cidade do Egypto, perto de huma das bocas do Nilo. Tomou o nome do Deos Canopo, naquellas partes adorado. He opiniaõ de alguns modernos, que esta Cidade he a Bochira de hoje, no termo de Alexandria. Tambem houve opiniaõ, que Canopo era a patria do Poeta Claudiano, mas parece mais provavel, que o dito Poeta era natural de Vienna no Delphinado. *Canopus*, *i*. Faz Virgilio mençaõ desta Cidade no livro 4. da Georgia, vers. 228. onde diz:

Nam qua Pellæi gens fortunata Canopi
Accolit effuso stagnantem flumine Nilum.

Canopo tambem he Ilha na boca do Nilo, da qual faz mençaõ *Solino*, *cap.* 31.

Canopo. Estrella fixa luzidissima, da primeira magnitude, da natureza de Jupiter, e Saturno, no timaõ da nao Argo. Em Roma nunca apparece; vê-se em Malta, mas na borda do Horizonte. Diz Vitruvio, que na Europa naõ conhecemos este Astro, senaõ pela relaçaõ de huns mercadores, que chegaraõ atè os limites do Egypto; porque sempre fica sem se deixar ver da terra, ainda que vá circularmente pelo Polo Meridional. *Canopus.*

Cantarella.

Saõ Zangãos quantas a Corte
Cegas Cantarellas *tem.*

Anton. da Fonseca em hum Romance.

Cantaro. He palavra tomada do Latim *Cantharus*, que era o copo, porque bebia Bacco, atè quando entrou na Asia triunfante. *Cantharus poculi genus, quo Liber olim in inclyto suo per Asiam triumpho usus perhibetur.* *Lexic. Hofman.* A' imitaçaõ de Bacco, bebeo C. Mario em vasos ou taças chamadas Cantaros. Plin. lib. 33. cap. 12. Valer. Max. lib. 3. cap. 6. ex 6. Tinhaõ estes Cantaros huma aza, como tambem as nossas cantaras.

Et gravis attritâ pendebat cantharus ansâ.

Virgil. Eclog. 6. vers. 18.

Cantico. Canto espiritual, e festivo, dedicado a Deos em agradecimento de alguma merce, e beneficio singular. Costumavaõ os Hebreos mais Santos, compor Canticos a Deos, quando recebiaõ alguma merce grande; e os cantavaõ. No antigo Testamento temos muitos Canticos; o Cantico de Moyses, o de Ezechias, o dos tres meninos na fornalha, os Canticos de Anna, de Habacuc, &c. no Testamento Novo temos o Cantico da Virgem, o de Simeaõ; e o de Zacharias, que saõ o *Magnificat*, o *Nunc dimittis*, e o *Benedictus.* Tambem se chamaõ *Canticos* os quinze Psalmos Graduaes, desde o Psalmo 119. atè o 133. porque se cantavaõ sobindo pelos quinze degraos do Templo. Porém os Psalmos se cantavaõ ao som de instrumentos Musicos, e os Canticos só com a voz. Do Cantico dos Canticos, que he o de Salamaõ, vid. *Cantares*, tomo 2. do Vocabulario. *Canticum*, *i*, *Neut.* *Quintil.* *Cic.* Porém he de advertir, que o que os Antigos chamavaõ *Canticum*, era canto lascivo, e a parte mais solta, e descomedida da Comedia. No *Magnificat*, que a Igreja por excellencia chama *Cantico*, notou hum ouvido de bom gosto todos os tonos da Musica; o *Sublime* da Divindade, *Exaltavit Spiritus meus in Deo*; o *Baixo*, e *demisso* da humildade, *Respexit humilitatem ancillæ suæ*; o *Alto* da Omnipotencia, *Fecit mihi magna, qui potens est*; o *Tenor* da Misericordia, e o *Grave* da Justiça, *Misericordia ejus à progenie, in progenies. Dispersit super-*

bos, *depoſuit potentes*; o *Agudo* da Alegria, *Exultavit Spiritus meus*; o *Suave* da Conſolaçaõ, *Eſurientes implevit bonis*; o *Aſpero* da Reprovaçaõ, *Divites dimiſit inanes*; o *Pleno* da Fidelidade, *Suſcepit Iſrael puerum ſuum*; o *Artificioſo* da Revelaçaõ, *Sicut locutus eſt ad patres noſtros, Abraham & ſemini ejus. Maximilianus Sandæus in Aviar Marian. Orat. 2. Beata Maria viſitans, ante med.* He muito provavel, que a Senhora cantou eſte Cantico, pois eſcrevem graves Authores, que no recolhimento do Templo tinha aprendido a cantar os Pſalmos; e ſemelhantes graças a Deos coſtumavaõ cantar as Santas mulheres, como fizeraõ Maria, irmãa de Moyſés, Debbora, Judith, Eſther, e Anna, figuras da Virgem, como notou Carthagena, *de Arcanis Deiparæ, part.* 1. *liv.* 6. *homil.* 6. *in fine.*

Canto. Vid. tom. 2. do Vocabul.

Sabe os Cantos da caſa. *Omnes domus angulos, etiam abſtruſiores novit.* O Adadio Portuguez diz: Bola de quatro Cantos naõ chega aos paos.

Cantoneira. Termo de Livreiro. He hum ferro de tres cantos, que ſe applica nos lombos dos livros, para os coalhar de ouro.

Cantor. Na India Portugueza chamaſe aſſim o Sapal, cuberto de ſalgueiros, e quando ſe reduz a varzia, cortando os ſalgueiros, ſe chama tambem *Cantor*, ſendo grande, e ſendo pequeno, *Cantorla.*

Canzil. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Tambem chamaõ *Canzis* aos paos, que ſe metem no peſcoço dos boys para baixo.

CAO

Caõ. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Outros Adagios do Caõ.

Caõ, que lobos mata, lobos o mataõ. Dous lobos a hum Caõ, bem o comeráõ. Ao Caõ, e ao palreiro, deixa-os no ſendeiro. Guarte de Caõ prezo, e de moço Gallego.

CAP

Capa. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Antigamente, na baixa latinidade ſe dizia Capa, ou com dous *P*, Cappa, ſegundo Ferrari, lib. 1. de *Re Veſtiaria cap.* 39. ſe chamava aſſim; porque debaixo da capa cabe o homem todo, ou porque com a capa cobriaõ no luto a cabeça. *Ideò cappa appellatur, vel quod hominem capiat, vel à capite, cùm in luctu eâ caput involvant*; e já naquelle tempo ſe chamava *Capa de velhacos*, quem os encobria, e amparava, e eſta diz Carlos Du Freſne he a razaõ, *Cur Guil. de Podio Laurentii cap.* 49. *dicat, Manffredum quemdam fuiſſe* Capam, *& refugium infidelium, & malignantium, videlicet, quod illi apud Maffredum diteteſcerent, & abſconderentur.*

Capaõ. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Capaõ.

Do Capaõ a perna, da gallinha a titella. Capaõ de oito mezes, para a meſa de Reys. A viuva, e o Capaõ, quanto comem, aſſim o daõ.

Capar. Chamaõ vulgarmente os rapazes, quando levantaõ de ſorte hum ſino, que chegado o badalo às bordas do bronze, naõ faça eſtrondo, nem ſom algum.

Capataz. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Para dar a eſta palavra alguma etymologia, eu a derivara do Grego *Catipano*, vocabulo, do qual uſavaõ os Byzantinos, para ſignificar as peſſoas, que mandavaõ, e eraõ ſuperiores a outras; tanto aſſim, que os Governadores, que os Emperadores de Conſtantinopla mandavaõ para Calabria, e Apulha, eraõ chamados *Catapans*, como tambem os Governadores, que paſſaraõ a Italia, depois da expulſaõ dos Godos; e como os Godos vieraõ depois a Heſpanha, e foraõ Senhores della, naõ era muito, que com elles vieſſe o nome *Catapan*, que depois na Luſitania ſe corrompeo em *Catapaz*. (Dez *Capatazes* das Companhias das deſcar-

descargas. Corograf. Portuguez, tom. 3. pag. 565.

Capaz, ou Capax. Na Religiaõ de Malta he o nome, que se dá ao Cavalleiro, que residio em Malta cinco annos, e fez quatro caravanas; e está capaz para ser provido de alguma Commenda.

Capellaõ. Em primeiro lugar se deu este nome aos que tinhaõ a seu cargo o guardar o cofre, ou a caixa das reliquias, a que os Latinos chamavaõ *Capella*, por ventura em vez de *Capsella*, derivado de *Capsa*. Depois se deu o mesmo nome aos cuja incumbencia era ter cuidado do lugar, em que se guardava esta caixa, o qual lugar tambem foy chamado *Capella*, e finalmente se communicou este mesmo nome aos Sacerdotes, e outros Ministros das Igrejas. Querem outros, que o nome *Capellaõ* se derive de *Capa de Asperges*, e que foraõ assim chamados, os que levavaõ a *Capa* de Asperges de S. Martinho. Mas, segundo advertio Spalmano, no tempo de S. Martinho, que morreo pelos annos quatrocentos, ainda naõ eraõ usados os nomes *Capella*, e *Capellaõ*. Dahi por diante Notarios, Secretarios, e Chancelleres, foraõ tambem chamados *Capellãos*. Por isso a Chancellaria, que era o lugar onde se guardavaõ os titulos, algumas vezes foy chamada *Capella Real*, assim como o lugar onde se guardavaõ as reliquias, foy chamado *Capella*. Hoje *Capellaõ* he o Sacerdote assalariado para dizer Missa a algum Principe &c.

Capello. Cobra de Capello. Vid. mais abaixo Cobra.

Capello. Vid. tom. 2. do Vocabular.

Outros Adagios do Capello.

Em Janeiro sete Capellos, e hum sombreiro. Naõ o quero, naõ o quero, deitamo nelle Capello. Ao mao vento, volvelhe o Capello.

Capes. Povos da Serra Leoa. Vid. Leoa.

Capharêo. Famoso monte, e Promontorio da Ilha Eubêa. Chamaõlhe hoje *Capo del oro*, ou *il Capo Figera*. Fórma a ponta Oriental da Ilha de Negroponto. Para os navegantes he muy perigoso, por causa dos muitos penedos, em que podem dar os navios impellidos das ondas. Neste lugar Nauplio, Rey de Eubêa, soube vingarse da morte de seu filho Palamedes, da qual foy causa a traiçaõ de Ulysses. Vindo os Gregos do cerco de Troya, na coroa do dito monte fez Nauplio accender hum farol, para de noite dar a entender, que era Porto; e assim querendo os navios aportar, e tomar terra, todos se despedaçaraõ nos penedos. Bochart deriva este nome do Syriaco *Capharco*, que quer dizer *Penedo despedaçante*. *Mons Caphareus.*

Euboicæ cautes, ultorque Caphareus. Virgil. Æneid. lib. 11. vers. 261.

Capigorraõ. He tomado do Castelhano *Capigorron*, que segundo Cesar Oudin no seu Diccionario Castelhano, e Francez, he o famulo, ou criado estudante, que leva a capa, e a gorra, mas naõ a sotana. (Quando se presentou a meus olhos hum *Capigorraõ*, vestido de huma baeta. Antonio Lopes Cabral na Oraçaõ, que fez, na Academia dos Singulares a 24. de Fevereiro de 1664. Anda na primeira parte das obras da dita Academia, pag. 335.)

Capilhas. Saõ os dous exemplares da propina, que tem os Tiradores, e Componedores dos livros, impressos na sua Officina. *Præmium, quod typorum dispositoribus datur.*

Capillar. Vestidura do comprimento da marlota, com que o Cavalleiro, vestido à Mourisca entra nos jogos das canas. (Hum *Capillar*, a que chamaõ alguns *Bedem*. Galvaõ, Tratado da Gineta fol. 207.) Vid. Bedem, tom. 2. do Vocabulario.

Capitaõ de Ginetes. Vid. mais abaixo, Ginete.

Capitôa. Mulher, que faz o officio de Capitaõ.

Capitoa *Ursula os vay guiando.* Man. de Far. e Sousa, fonte de Agan. 3. part. Cançaõ 24.

Capitula. Letra Capitula, ou Capital. Vid. Capital no tom. 2. do Vocabula-

bulario. (Por letra *Capitula* se começaráõ os nomes proprios. Ortographia de Alvaro Pereira, pag. 46. vers. num. 16.)

Capitulaçaõ do Imperio, he huma especie de contrato, que o Emperador faz com os Eleitores, em nome de todos os Principes, e Estados do Imperio de Alemanha, antes de ser declarado Emperador. Esta Capitulaçaõ he huma especie de limite à authoridade do Emperador, para que naõ chegue o seu poder a ser Monarchico, mas venha a reduzirse a hum governo mixto, composto de Monarchia, e Aristocracia. O uso destas Capitulaçoens foy introduzido depois de Carlos V. Antes deste tempo, as Constituiçoens ordinarias do Imperio tinhaõ em certo modo lugar destas Capitulaçoens, mas pelos grandes Estados, que fóra do Imperio possuhia este Monarcha, receando os Eleitores alguma coarctaçaõ, ou violencia na liberdade dos Principes, e outros Membros do Imperio, acharaõ, que convinha proporlhe certas condiçoens, às quaes quizesse sogeitarse, e assim foraõ continuando em todas as eleições dos Emperadores, que elles levantaraõ ao Throno.

Capitulares. Em França saõ humas Ordenaçoens, que contêm muitos Artigos concernentes ao governo Ecclesiastico, as quaes foraõ feitas por conselho dos Bispos, congregados em Concilio, ou em Juntas Synodaes. Tomavaõ os Prelados estes Artigos dos Concilios, ou Synodos de seus predecessores, ou da doutrina dos Summos Pontifices, e dos Santos Padres, e se chamavaõ *Capitulares*, de *Capitula*, que val o mesmo, que *Artigos*. O Abbade Ansegisa fez huma Collecçaõ dos Capitulares de Carlos Magno, e de Ludovico Pio, em quatro livros; Bento Levita, ou Diacono ajuntou os dos Reys Lothario, Carlos, e Luiz, filhos de Pio.

Caprarola. Castello dos Duques de Parma, no Patrimonio de S. Pedro; algumas vinte e cinco milhas de Roma. Foy edificado pelo Cardeal Alexandre Farneze, e o famoso Vinhôlo; ou Jacome Barozzi, foy o Architecto. Tem este magnifico Palacio em figura Pentagona cinco faces muito altas, todas iguaes, e no meyo hum grande pateo perfeitamente redondo, sem embargo de serem as salas quadradas, e bem proporcionadas. A sala mayor foy pintada por Pedro Orbista, muy celebre no Pontificado de Paulo III. nos quatro cantos de humas das casas, applicando quatro pessoas o ouvido, ainda que fallem muito manso, ouvem perfeitamente o que dizem, sem que os que estaõ no meyo da casa ouçaõ cousa alguma. Em outra casa, huma patada que se der no meyo della, aos que estaõ de fóra, lhes parece tiro de pistola. Todos os quartos deste Palacio tem alguma notavel singularidade; os jardins, e as fontes correspondem à magnificencia, e fermosura do edificio.

Caprichosamente. Bizarramente. Com todo o primor. Com todo o garbo. Vid. Bizarria, Primor, Garbo.

Capricornio. Fingiraõ os Poetas, que este Capricornio he o Deos Pan, companheiro de Bacco, o qual para se livrar do Gigante Typhon, se converteo em bode, com a parte inferior de peixe. Querem outros, que este Capricornio seja o irmaõ colaço de Jupiter; porque Amalthea, a quem o haviaõ dado a criar, faltandolhe o leite, o fizera mamar huma cabra, a qual Jupiter por agradecimento, collocara entre os Signos do Zodiaco. No livro 11. cap. 15. diz Plinio, que os moradores da Regiaõ Attica, que tinhaõ sua vivenda para o meyo dia, tinhaõ hum dia chamado *Caprificial*, que elles consagravaõ a Vulcano, e ao qual encomendavaõ a colheita do mel.

Capricornio, Signo. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Caprotina. He o nome, que os antigos Romanos deraõ a Juno, e às Nonas do mez de Julho, que foraõ chamadas *Caprotinas*, nas quaes se celebrava huma grande festa, da qual a origem he esta. Retirados depois de saquearem

Roma

Roma os Gallos, quizeraõ os Latinos aproveitarse da desgraça de seus visinhos, e para este effeito se ligaraõ, com resoluçaõ de destruir o Imperio Romano. Para darem cor a este seu intento, mandaraõlhe pedir todas as suas filhas para mulheres, com declaraçaõ comminatoria, que se repugnassem, lhes moveriaõ guerra. Com o escarmento da ultima ruina, viose o Senado muito embaraçado, e ficaraõ os animos dos Romanos taõ indeliberados, e perplexos, que se naõ podiaõ resolver a largar suas filhas. No meyo desta confusaõ, huma escrava, chamada *Philotis*, ou *Tutola* foy propor ao Senado este alvitre. Senhores, deixem-me ir ao campo do inimigo, com todas as mais escravas, e criadas bem vestidas, e com as galas de vossas filhas, nossas senhoras, que lhes prometto, que tudo irá bem. Foy approvado o arbitrio. Ajuntou *Philotis* as mais companheiras; puzeraõse todas de vinte e quatro alfinetes, e passaraõ para o arrayal dos inimigos. O General as distribuhio pelos Capitaens, Officiaes de guerra, e mais Soldados; ellas os convidaraõ a comer, e alegrarse, dando a entender, que para ellas era dia de grande festa em Roma; e como os vio cançados de dançar, cheyos de vinho, e com sono pezado, sobio a huma figueira brava, e dando sinal aos Romanos com huma tocha acceza, acudiraõ todos, e cahiraõ sobre os Latinos. Em memoria de taõ importante vitoria, instituiraõ os Romanos huma festa annual para as Nonas de Julho, dedicada a Juno, com a invocaçaõ de *Caprotina*, alludindo à figueira brava, chamada em Latim *Caprificus*. As escravas em remuneraçaõ do estratagema com que conservaraõ o Imperio, ficaraõ forras, e em agradecimento da liberdade, todos os annos neste memoravel dia, davaõ às suas senhoras fóra da Cidade huma merenda debaixo de humas figueiras bravas, cantando, dançando, brincando, e lançando humas às outras humas pedrinhas, em lembrança da furia com que apedrejaraõ os Latinos. A cada huma dellas, com dinheiro do publico, deu o Senado seu dote para casar. *Caprotina Juno. Caprotinæ Nonæ.* Vid. mais abaixo Criada.

CAPSA. Cidade de Africa, cercada de grandes desertos, na Lybia interior. Segundo o parecer de Bocharto, chamouse *Capsa* do Hebraico *Caphas*, que quer dizer *Comprimir*, e *apertar*, porque fica esta Cidade como comprimida, e opprimida dos areaes, e das charnecas, que a rodeaõ. Floro, e Sallustio fallando nos moradores de Capsa, dizem, que estaõ no meyo das areas, e das serpentes, mais inaccessiveis, e melhor defendidos das invasoens de inimigos, do que se estivessem fortificados com baluartes, e munidos de muita artelharia, e armas offensivas, e defensivas. *Flor. lib. 3. cap. 1. Sallust. Bello Jugurth. cap. 89. Capsa, æ, Fem.*

CAPUCHINOS. Na sua Miscellanea, Dial. 4. pag. 101. Miguel Leitaõ de Andrade deu a etymologia deste nome na fórma, que se segue. (*Capuchinos* se devem chamar de *Caput*, e *Chino*, ou *Kino*, que quer dizer *Cabeça baixa*, como elles trazem por humildade, como digamos os *Cabisbaixos.*) Nesta sua etymologia podia o dito Author declararse mais, dizendo, que *Chino* he palavra Italiana, que quer dizer, *Inclinado, Curvo, Baixo.*

CAR

CARA. Por rosto, he palavra meramente Grega (como o advertio Sophocles) Kara, *pro tota facie, apud Sophoc. veteres neutro genere usurpasse, qui autem illis successerunt, in fæminino etiam usos esse, annotavit Eust. Lexicon scapulæ, mihi pag. 707. col. 1.*

CARABÀ. He palavra Persiana, que significa garrafa, ou redoma; mas os Portuguezes na India chamaõ a todas Carabâs.

CARACTERIZAR. Imprimir caracter. *Charactere signare.* He de Columella, que diz: *Maiora quadrupedia charactere*

ctere signari debent. lib. 11. cap. 2. Charactere afficere, notâ insignire. No Calepino se acha *Characterizare*, mas sem exemplo. (O leite se naturaliza tanto com as crianças, que lhe imprime, e *Caracteriza*, como sinete, os mesmos costumes. Observaç. de Curv. pag. 533.)

CARAFUZ. Termo chulo. Na sua Grammatica Latina, pag. 230. traz o Padre Bento Pereira esta palavra, e lhe chama em Latim, *Homo fuscâ facie.*

CARAIBAS, ou Cannibales. Povos da America Septentrional, que occupavaõ as Ilhas chamadas *Antilhas.* Comiaõ os prizioneiros; e aos cadaveres, que depois da batalha ficavaõ no campo, faziaõ a mesma caridade. Viviaõ sem religiaõ alguma, mas no meyo de seus vicios, e ceguciras aborreciaõ a avareza. A communicaçaõ com os Europeos os fez mais humanos. *Rochefort de Antil. Histor. Mor. part. 2.*

Caraibas. No Brasil he o nome, que o Gentio dá aos seus feiticeiros. Tambem aos Portuguezes daõ o mesmo nome, e a todos os mais Europeos, quando lhes vem fazer cousas, que excedem a sua capacidade. *Jorge Marcgrav. Histor. do Brasil, lib. 8. cap. 11. mihi pag. 279.*

CARAMBOLA. Vid. tomo 2. do Vocabulario. No mez de Mayo, Carambola he anexim pueril. Neste mez cantaõ os meninos esta cantiga. Viva o Mayo *Carambola*, que elle vay jugando a bola.

CARAMELGA. Peixe do mar; he huma das especies de raya. Ha muitas no mar de Cezimbra.

CARAMINHOLA. No Thesouro da lingua Portugueza o Padre Bento Pereira lhe chama em Latim *Tutulus*, palavra, que (segundo o dito Author) na sua Prosodia, tambem era huma poupa de cabellos, entrançados no alto da cabeça com fita vermelha.

CARANGUEJAR. Andar de vagarinho, e pouco a pouco, ao modo de Caranguejo, que ora anda para traz, ora para diante. He verbo chulo, e entre nós, Anomalo, porque naõ dizemos, eu Caranguejo, tu Caranguejas; mas cuando Caranguejando; &c.

CARANGUEJO. Marisco. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Caranguejo, termo do tanger viola. He huma postura de maõ muito difficultosa, e se chama assim, porque ficaõ os dedos nos braços da viola, à maneira de pernas de Caranguejo.

CARAPETA, ou Carapatà. O sustento, ou o lenço, em que o official leva o sustento, com que ha de passar o dia.

CARAPEVA. Peixe, do qual diz o Author do Banquete esplendido n. 73.

——— *A Carapeva.*
Quem ha, que se lhe naõ atreva?
No Brasil quem quer a leva;
Já vedes, que he como choupa:
Quem a come sempre a poupa.

CARAVANA. Ha duas castas de Caravanas, Caravana de peregrinos, que vaõ a Meca, e Caravana de mercadores. No tocante às Caravanas dos peregrinos, que todos os annos vaõ visitar o sepulchro de seu falso Profeta, em Medina, juntamente à Mesquita, que ficou lugar do seu nascimento, saõ cinco, a saber, a do Graõ Cairo, composta de Egypcios, e dos que vem de Constantinopla, e dos contornos; a dos Magrebinos, em que entraõ os Povos de Barbaria, de Fez, e de Marrocos; a de Damasco para os da Syria, a da Persia, e a da India, ou do Mogor. Estas Caravanas marchaõ de noite, e descançaõ de dia, para se livrarem das calmas, e quando naõ ha Luar, ha homens, que andaõ com lanternas. Andaõ os camelos à arriata, prezos huns aos outros pelas caudas; basta deixallos hir, naõ ha mister guiallos. Dos romeiros de Meca, huns vaõ por devoçaõ, outros por conveniencia, outros para se livrarem do castigo, que suas culpas merecem; porque com esta romaria ficaõ absoltos de pena, e culpa, de sorte, que qualquer criminoso, se tiver a fortuna de escapar à justiça, e hir a Meca, ninguem entende com elle, e tem opiniaõ de homem honrado. Pelo caminho vaõ rezando versos do Alcoraõ, e cada qual, segundo as suas posses,

posses, faz esmola. Dous dias antes de chegar a Meca, se despem nùs em hum lugar, chamado *Rabak*, sem outra cousa sobre si, que hum guardanapo pelo pescoço, e outro pela cinta. Os doentes naõ se despem, mas da bolsa despedem dinheiro para esmolas. Chegados a Meca, gastaõ tres dias em fazer suas orações, e visitar aquelles lugares, que elles chamaõ sagrados. Depois disto passaõ a Minnete, aonde chegaõ na vespera do pequeno *Bairaõ*, que he huma das suas festas, e no dia seguinte, depois de sacrificar huns carneiros, tornaõ a vestirse, restituemse ao estado em que estavaõ oito dias antes, e vaõ ao monte *Araff*, fazer o seu triduo de orações. Acabadas estas, e outras ceremonias, o *Sultaõ Cherife*, isto he, o Principe de Meca, e que foy com elles para o dito monte, lhes bota a sua benção. Dahi passaõ os peregrinos para Medina, onde está o sepulchro de Mafoma, e o *Kiabe*, que he a grande Mesquita. Ao *Emir Adge*, que he o conductor da Caravana, dá grandes lucros esta jornada, porque toda a fazenda dos que falecem pelo caminho, he para elle, com mil outros emolumentos, que por varios modos recebe. Todo o tempo da peregrinação he absoluto senhor do campo, e manda fazer justiça como quer. *Thevenot*, *Viagem do Levante*. *Tavernier*, *Relação do Serralho*.

A Caravana dos Mercadores, he a modo de hum grande comboy, composto de muitos mercadores, que em certos tempos, e lugares se ajuntaõ para fazerem com segurança as suas jornadas, e defenderemse dos ladroens de estradas, que muitas vezes andaõ em bandos, e fazem correrias por terras, que he preciso atravessar. Escolhem estes mercadores entre si hum Cabo, a que elles chamaõ *Caravan Bachi*, cuja incumbencia he ordenar a marcha, determinar as pousadas, e com os principaes da Caravana, decidir as contendas, que podem sobrevir no caminho. Huns pobres Turcos, ou Armenios, chamados *Chaoux*, tem o cuidado de vigiar de noite, e guardar as mercancias. Ha Caravanas de mil camelos, e outra tanta gente de cavallo, como os camelos marchaõ à desfilada, huma Caravana parece hum exercito. Sahindo de Constantinopla, Smyrna, ou Aleppo, he necessario vestirse ao modo da terra por onde se passa; em Turquia, à Turca; na Persia, à Persiana; na Turquia naõ se rapaõ barbas; as mayores saõ as mais authorizadas; na Persia, rapase tudo, excepto os bigodes, quanto mais bastos, e compridos, mais estimados.

Caravata. Vid. Carvata.

Caravelaõ, ou Cravalaõ. Voz chula. Dizse de hum homem descompassadamente grande, e disforme. Tambem chama o vulgo, Caravelaõ ao ignorante, assalvajado, &c.

Carbaso. He usado dos Poetas, por vela. Quer Vossio dar a entender, que Carbaso he palavra Hespanhola, propria da Hespanha Tarraconense, onde se faziaõ delle veos muito finos, como se vê em Plinio lib. 19. cap. 1. e no liv. da Eneida o confirma Virgilio, onde diz:

—— *Eum glauco tenues velabat amictu*
Carbasus.

Este nome no Latim he heteroclito, e no plural he neutro, e significa velas, *Vela vocant* (diz Virgilio) *tumidoque inflatur Carbasus Austro*; e Ovidio, *Carbasa deducit, ne qua levis effluat aura*. *Carbasus, i, Fem.* Despauterio faz este nome de dous generos, a saber, masculino, e feminino; porém só tem para si a authoridade de Valerio Maximo, no livro 1. cap. 1. onde falla na Vestal Emilia; e ainda nos melhores exemplares, este mesmo lugar o faz feminino, *Carbasus, quam optimam habebat theatris.*

Eia fuge cruel, que o leve vento
Està nas velas do Carbaso *assoprando.*
And. da Sylva, Dest. de Hespanha, liv. 6. Oit. 11.

Carcacola. Gomma, que serve nas boticas, particularmente para remedio dos olhos.

Carcunda. Corcova. Palavra chula.

Car-

Carcundo. Gebo. Corcoz. Vid. nos seus lugares.

Cardenilho. Vid. Verdete, tomo 8. do Vocabulario.

Cardinalato. Vid. Cardinalado; e Cardealado, tomo 2. do Vocabulario. (Tratado, que escreveo do Cardinalato de S. Jeronymo. Crisol Purificat. fol. 337. col. 1.)

Cardinia. Deosa. Vid. Crana; mais abaixo no seu lugar Alfaberico.

Cardino. Vid. Cardeo, tom. 2. do Vocabulario. (Mudando a cor; e manchandose de preto, e Cardino. *Couto, Dec. 7. liv. 10. fol. 221. col. 1.*

Carecente. O que carece. O que naõ tem. O a quem falta. *Carens, tis, omn. gen. Cassus, a, um.* Corpo carecente de alma. *Animæ cassum corpus. Lucret.* Donzella carecente de dote. *Cassa dote virgo, Plaut.* (Foy cousa mais que ordinaria, e naõ carecente de misterio. Vida de D. Fr. Barth. dos Martyres, reformada por Fr. Luiz de Sousa, liv. 1. cap. 1. fol. 3. col. 3.)

Carença. Cidade dos antigos Rugianos, moradores da terra, que hoje he parte da Pomerania, na costa do mar Balthico, em Alemanha. Havia nesta Cidades tres Templos, nos quaes se adoravaõ tres monstruosos, e horriveis idolos. O primeiro, chamado *Regevitha*, tinha sete caras, pegadas a huma só cabeça; sete espadas cada huma na sua bainha, suspensas em hum boldrie, ou talabarte, com huma espada na maõ direita. Entendiaõ, que Deos presidia na guerra como Marte. O segundo idolo, chamado *Porevitha*, tinha cinco cabeças, e naõ era armado. O terceiro idolo, cujo nome era *Poremuço*, tinha quatro caras na cabeça, e outra no estomago, cobrindo com a maõ direita a barba, e com a esquerda a testa. *Saxo. Dan. Hist. lib. 14. Crantz de Vandal. lib. 5.*

Carga. Vid. tomo 2. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes da Carga.

Grande Carga leva a carreta, mayor a leva o dono della. Grande Carga, fraca besta, dizem os corvos, nossa he esta. A Carga bem se leva, a sobrecarga causa a queda.

Cargo. Vid. tomo 2. do Vocabul.

Cargo de roupa, he a trouxa de roupa, depois de lavada, e torcida, que as lavandeiras levaõ na cabeça.

Cargo. Officio. Incumbencia. Obrigaçaõ de cuidar de alguma cousa. Vid. Cargo, no tomo 2. do Vocabulario. Tenho a meu cargo o Templo dedicado à Terra. *Ædes Telluris curationis meæ est: Cic.* Isto he, cousa concernente a meu cargo. *Curatio mea est. Plaut.* Ter a seu cargo os negocios da Republica. *Curare rebus publicis. Plaut.* Fazer huma pessoa as cousas, que tem à seu cargo. *Munia sua exequi: Columel.*

Cariatides. Estatuas, em figura de mulheres sem braços, honestamente trajadas, que serviaõ de ornato, e sustento nas Architraves dos edificios. No liv. 1. e no cap. 1. da sua Architectura descreve Vitruvio a historia, e a causa destas figuras. Diz este Author, que os moradores de Caria, Cidade do Peloponeso, (hoje Morea) se ajuntaraõ com os Persas, que andavaõ em guerra com os mais Povos da Grecia, e estes sahindo vitoriosos nesta guerra, moveraõ outra aos Cariates, isto he, Povos de Caria, os quaes foraõ desbaratados, e depois de tomada, e saqueada a Cidade, e os homens todos passados à espada, as mulheres ficaraõ cativas, e para serem levadas com mayor ignominia, naõ foy licito às matronas mais qualificadas, desfazerse da pompa de suas vestiduras, nem largar de si o menor de seus adornos. Em memoria pois, e para eterno exemplo à posteridade do castigo, que se dera aos Cariates, os Architectos daquella Era, em lugar de columnas, ou pilares, começaraõ a pôr desta sorte de figuras nos Palacios, e outros publicos edificios. Em Roma ainda hoje se vem alguns restos destas antigas estatuas. Em França na Cidade de Bordéus, em hum edificio muito antigo, chamado *As Tutelas*, permanecem alguns vestigios

gios de Cariatides; como tambem em Pariz no Luvre velho, na sala dos Guardas Suiços; saõ humas estatuas de doze pés de alto, que sustentaõ huma pomposa tribuna. Até no primeiro pateo da Casa dos Clerigos Regulares Theatinos de Pariz, os dous lanços dos lados saõ sustentados por huma especie de Cariatides, e Telamones, que saõ figuras de homens para o mesmo effeito. *Caryatides, dum. Vitruv.*

Cariciòso. Vid. Carinhoso, tomo 2. do Vocabulario. (Foraõ mais cariciosos com os filhos da velhice. Crysol Purificat. fol. 11. col. 1.)

Carijôs. Gentio do Brasil, ao longo do mar, pelo espaço de algumas quarenta legoas, do porto de D. Rodrigo atè Berbetibla, em terras baixas, e campinas de area. Naõ tem principal, ou cabeça que os governe. Por esta causa estaõ apartados huns dos outros em suas casas palhaças, que seraõ entre todas algumas cento e cincoenta. Tem ordinariamente muitas mulheres. Sua felicidade està em terem muitos cabaços, e andarem carregados de muitas contas, pendentes muito compridos nas orelhas, nas pontas dellas humas meyas luas de prata, ou de lataõ, do tamanho de huma meya pataca; as mesmas trazem nas testas. Naõ vem cousa, que naõ cobicem, e peçaõ, e taõ importunamente, ainda que seja hum alfinete, que vos naõ deixaõ atè que lho deis. Tem entre si muitos feiticeiros. Atè agora se vendiaõ huns aos outros; quando tomaõ algum contrario, daõno a matar no terreiro aos meninos de dez, doze annos, para que assim fiquem Cavalleiros, e ajuntandose quatro, cinco, seis meninos, lhe daõ tantas na cabeça atè que o mataõ, e acabado de o matarem, fazem meyos martyres do diabo aos pobres dos meninos, porque lho daõ desde o pescoço atè as curvas das pernas huma somma de navalhadas, com que lhe escalaõ as costas, e os fazem jejuar huma temporada. Em seus vinhos saõ temperados; as mulheres naõ o bebem; cousa entre o Gentio do Brasil rara. Os que morrem, se naõ tem herdeiros, encerraõ com suas alfayas; se os tem, ficaõlhes; e em cima da cova lhe fazem huma casinha, para que a chuva lhes naõ faça mal. *Fernaõ Guerreiro, livro 4. do Brasil* 199. 200.

Caril. Entre o Gentio do Brasil, he prato; tantos caris, tantos pratos.

Carimà. Termo do Brasil. He o beijo, ou flor da farinha de pao. Deitase nos caldos para incrassar os humores. Querem outros, que Carimà seja a farinha de huma raiz do Brasil a modo de nabo, a qual se desfaz.

Carimaõ. Pós de Carimaõ, saõ de huma farinha do Brasil, com que se faz huma especie de farinha, muito mais fina, que a farinha de pao.

Carinas. Carpideiras, ou pranteadeiras. Mulheres da Caria, que a gente acceitava para nos enterros, e funeraes chorarem a morte dos defuntos. *Cæl. Rhodig. lib. 26. cap. 3.* Tambem em Roma se chamavaõ *Carinæ* huns edificios, feitos a modo de navios. Accrescentaõ outros, que em Roma havia huma rua deste nome, onde estava a casa de Pompeo.

Caristia. Segundo escreve Mayolo, *Colloquio 5. De infectis*, he huma avesinha, que no fogo se anima, e voa. (Notavel privilegio das avesinhas, chamadas *Caristias*. Estrella Dominica, tom. 2. pag. 17.)

Cariz. Termo Nautico. Observar o Cariz do Ceo. He olhar para as nuvens, particularmente no Orizonte, para ver se entre ellas, e o mar apparecem algumas brancas. Vid. no tom. 2. do Vocabulario. *Cariz* parece derivado de *Cara*, como quem dissera, observar a *Cara* do Ceo. Querem outros, que se diga *Clariz*, e naõ *Cariz*, porque levantandose as nuvens no Orizonte, se faz mais claro o Ceo.

Carnicaõ. Fleimaõ, que rebenta com materia mais grossa, e sahe do meyo das nascidas, como de leicenço, e outras. He palavra do vulgo. Vid. Sordes. Vid. Sordicie. Rebentar o Carnicaõ se diz

diz do negocio, que estava detido, e se effeituou, e findou.

Carnide. Lugar celebre do termo de Lisboa, para a parte do Norte. He frequentado com devoçaõ pelo Convento Real de Nossa Senhora da Luz, titulo, que se deu à Sagrada Imagem de Nossa Senhora, que foy descuberta, pela milagrosa luz, que de dia, e noite apparecia. Tem este Lugar hum Hospital Real, e dous Conventos de Religiosos, hum de Padres da Ordem de Christo, e outro de Padres Carmelitas Descalços; tem mais dous Conventos de Religiosas, hum de Carmelitas da Reforma de Santa Theresa, outro com o titulo da Conceiçaõ. Terá duzentos visinhos. He terreno excellente, e abundante de bons vinhos, frutas, hortaliças, &c. A freguezia he da invocaçaõ de S. Lourenço.

Carnita. Segundo a Prosodia do Padre Bento Pereira, da ultima ediçaõ, he o que os Latinos chamaõ *Astragalus, i, Masc.*

Caroço. O ultimo dos tres Ilheos, que se descobrem, tanto que se avista a Ilha do Principe. Deraõlhe os Portuguezes este nome, por ser redondo, alto, e grosso.

Carolo. Golpe de huma bolinha na outra. Termo do jogo de aro. *Globulorum collisio, onis, Fem.* Carolo entre o vulgo he o mesmo que Coque. Carolo he a espiga do milho, já sem graõ, debulhada.

Carpinteiro. Vid. tomo 2. do Vocabul.

Adagios Portuguezes do Carpinteiro.

Pelo mal do Ferreiro, mataõ o Carpinteiro. Quando o Carpinteiro tem madeira que lavrar, e a mulher paõ que amassar, naõ lhe falta paõ que comer, nem lenha que queimar.

Carraspana. Termo chulo. Tomou a Carraspana. Embebedouse. Vid. Embebedar.

Carrear, ou Carrejar. Levar carradas de alguma cousa. *Aliquid vehere, ou convehere.*

Carregabesta. Excellente casta de uva. He temporãa, e muito doce; dase em toda a terra. Chamaõlhe alguns *Camarate*, outros *Rodrigo Affonso.*

Carregado. Lingua de vaca carregada. Lombo de porco carregado. He quando no açougue se vende a cabeça, ou o lombo com a gordura, e ossos. Descarregado; he quando se vende sem elles.

Carreira. Vid. tom. 2. do Vocabul. Naõ faz carreira a cego, he homem sem piedade. Ir de carreira. Ir com muita pressa; como quem dá huma carreira. Ide para lá de carreira. *Illuc appropera contento cursu.*

Carreta. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Carreta. A da charrua, he composta de tres paos, sobre que anda a charrua com suas rodas.

Carreteira. Barca. Tambem lhe chamaõ Carreta. Serve para despejar, e levar as cargas dos navios. *Navicula deducendis mercibus, ex navi depromptis.*

Carro. Termo de Impressor, he o que com duas bisagras está pegado ao adufe, a que chamaõ tympano, em que registaõ a folha.

Carta. Vid. tom. 2. do Vocabul.

O Adagio Portuguez diz. Morrem barbas, apparecem cartas.

Carta de marear. Vid. Marear no 5. tomo do Vocabul.

Cartaxo. Dizem, que no termo de Lisboa, he o passaro a que no Minho chamaõ Chasco.

Cartaz. Vid. tom. 2. do Vocabul. (*Iriaõ a Baçaim tomar salvo conduto a que elles chamaõ Cartazes. Couto, Dec. 4. fol. 172. col. 3.*)

Carteira. He huma boceta fechada com chave dentro, na qual se mandaõ cartas de segredo. *Capsula epistolaris, ou Capsula, epistolas sub clave continens.*

Carvalhal. Pereira. A pera desta planta, he huma das primeiras do anno. He mais verde, que vermelha; ao contrario da Cornicabra, que he mais vermelha, que verde. Naõ lhe sey nome proprio Latino.

Carvansera. Vid. Caravançara, no 2. tomo do Vocabul.

Carvata, ou Cravata. Derivase do Francez *Cravate*, e os Francezes tomaraõ este nome de hum terço de Cavallaria, que antigamente se fazia na *Croacia*, terra de Alemanha. Chamavaõlhe em França *Croates*, ou *Cravates*, serviaõ de reconhecer o inimigo, insultar os quarteis, e eraõ os *Aventureiros* nas batalhas daquelle tempo. Costumavaõ estes *Cravates*, trazer ao redor do pescoço huma tira de pano de linho, cujas pontas pendiaõ da barba para baixo atè o peito; no anno pois de 1636. (segundo escreve Menagio) pela communicaçaõ dos Francezes em Alemanha, por causa da guerra que tinhaõ com o Emperador, tomaraõ em França esta moda, que ainda hoje se conserva em homens militares; e lhe chamaõ *Cravates*, e os Portuguezes com pouca corrupçaõ, mas com variedade *Carvatas*, *Cravatas*, e *Caravatas*. Escolha o Leitor o nome dos tres, que lhe parecer mais proprio. Carvata. *Cæsitium, collo circumvolutum, nodoque sub mento constrictum*, ou mais amplamente, *Fascia lintea circum cervices, & fauces involuta ac coacta, nodoque constricta sub mento, explicatius pendens ad pectus.*

Carvís. Na India Portugueza, he o nome dos pescadores, e he tambem Aldea delles em Salsete, e pagaõ foros, e contribuiçoens pelo pescado.

Carvoeiro. Vid. tomo 2. do Vocabul.

Adagios Portuguezes do Carvoeiro.

Como saco de Carvoeiro, mao de fóra, peor de dentro. Negro he o Carvoeiro, branco he o seu dinheiro.

Carybdis. Vid. Charybdis.

CAS

Casa. He palavra Latina de *Casa*, que quer dizer *Choupana*; que as casas dos primeiros habitadores do Mundo eraõ choupanas, cubertas de colmo, ou palha, e talvez de folhas; tinhaõse por bem agazalhados aquelles, que se recolhiaõ em grutas, ou cavernas, como diz Ovidio: *Domus antra fuerunt.*

Outros Adagios da Casa.

De boa Casa, boa braza. de Casa do gato, naõ vay o rato farto. Quem faz a Casa na Praça, huns dizem, que he alta, outros, que he baixa. Estar como villaõ em Casa de seu sogro. Em sua Casa, cada qual he Rey.

Casaca amargosa. Planta do Brasil, a que os Portuguezes deraõ este nome. Em raminhos compridos lança por intervallos tres folhas; e trepa tanto, que chega à summidade das arvores mais altas. O Gentio lhe chama *Jaroba*. *Jorge Marcgrav. Histor. Plantar. lib. 1. cap. 12.*

Casapo. He o nome de certas peças de artelharia na India. Na descripçaõ que na Decada 8. pag. 153. col. 1. Diogo de Couto faz da artelharia, com que ElRey Nizamoxa veyo sobre os Portuguezes, que defendiaõ a Cidade de Chaul, entre as peças grossas, havia humas chamadas Casapo grande, e Casapo pequeno. Trouxe, diz o dito Author, muita artelharia, a principal foraõ nove peças grossas, em que entrava huma, que os nossos chamavaõ o *Casapo grande*, e elles *Samacasapo*, que na sua lingua quer dizer, *Con el carnicero*; porque os carniceiros, que cortaõ as vacas, lhe chamaõ *Casapo*: tinha de comprimento dezaseis palmos, e lançava pelouro de pedra de sete palmos e meyo de roda, e de trezentos e vinte arrateis de peso; e despedia em cada tiro cento e cincoenta arrateis de polvora; trazia outra peça, a que os nossos chamavaõ o *Casapo pequeno*, era mais furiosa, e deitava pelouro de seis palmos e meyo de roda, a qual muitas vezes rompeo cinco e seis paredes de casas, e hia varar a outra banda, e de huma vez arrancou do entulho da tranqueira, onde tinha estancia Fernaõ Telles, Fernaõ Pereira, e Henrique de Betancor, hum vigamento grande, e por cima de dez andaimes de casas, a lançou na de Pedro Ferreira; e a esta

peça

peça chamavaõ os Mouros *Nouzagari*, que quer dizer *Engole tudo.*

Cascáes. A Villa de Cascaes principiou haverá duzentos annos, pouco mais, ou menos. Os primeiros, que a habitaraõ, foraõ huns pescadores de redes, os quaes para as lançarem no mar, primeiro as mascaravaõ com folhas de aroeira, que se punhaõ alguns dias de molho em humas tinas, ou talhas grandes, aonde se metiaõ as redes. Foyse povoando a Villa cada vez mais, e assim tambem as tinas, ou talhas; a que estes homens chamavaõ *Casqueiros*, e ainda hoje tem o mesmo nome de *Casqueiros*. Dahi parece vem o nome de *Cascaes*, porque perguntavaõ huns aos outros, Encascastes já, corrupto vocabulo dos *Cascaes*.

Cascalho. Vid. tomo 2. do Vocabulario.

O Adagio Portuguez diz: Nem vinha em baixo, nem trigo em Cascalho.

Cascaõ. Pedra miuda, que sahe em lascas.

Cascar. Vid. to. 2. do Vocabul.

Bernardo hia seguro
De lhe cascarem, porque já levava
No peito hum forte muro.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 304.

Cascarraõ. Vinho tinto, bem cuberto, a que chamaõ *Cascarraõ. Observaç. de Curvo, pag.* 552.

Cascavel. Vid. tomo 2. do Vocabul. Cobra de Cascavel. Criase nas terras do Brasil, e he taõ venenosa, que mordendo em qualquer parte do corpo; communica repentinamente huma qualidade, que adelgaça o sangue, e o faz sahir do corpo com tal furia, que sahe pelos ouvidos, pela boca, pelo nariz, pelos olhos, pelo cano da ourina, até se esgotar, e morrer a pessoa mordida. Chamase esta cobra naquellas terras *Xeminga*, ou *Boicininga*; os Inglezes lhe chamaõ *Ratte-Inakes*. Tem na cabeça hum cascavel, creado da natureza, para que vindo tangendo, se ouça de longe, e tenha a gente tempo para fugir. Este cascavel trazido ao pescoço, segundo affirmaõ os naturaes daquella terra, tem virtude de preservar as mulheres de accidentes de gota coral, e de vagados. *Curvo, Memorial de varios simplices, pag.* 100. traz outras virtudes deste cascavel. Segundo Jorge Marcgravo liv. 6. *Histor. Quadrupedum, & Serpent.* mihi pág. naõ traz na cabeça hum cascavel; mas com huma especie de pequenos fuzîs, ou anzoes bem unidos, de que consta a extremidade da cauda, faz esta cobra hum som; que quasi parece de cascavel. As palavras do dito Author saõ as seguintes, *Caudæ autem in extremitate adnatum est corpus parallelogrammum, paululùm compressum, constans quasi hamulis catenatis, singulari modo invicem optatis, ut cymbali modo serpens eo sonum edat, & longinquo audiri possit, &c.*

Casco. Vid. tomo 2. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Casco.

Depois de escalavrado, untar o Casco. Quebrasme a cabeça, untasme o Casco.

Casinha. Desembargador da Casinha. (Aos Desembargadores do Paço chamavaõ antigamente *Os Desembargadores da Casinha*, por terem huma particular no Paço, aonde despachavaõ com os Senhores Reys deste Reyno todos os negocios delle) *Corograf. Portug. tom.* 3. *pag.* 585.

Cassino, ou Monte Cassino. Famosa Abbadia de Italia, no Reyno de Napoles, edificada, e habitada pelo Protopatriarca dos Monges do Occidente S. Bento. Na *Chronica do monte Cassino*, que sahio à luz, anno de 1603. se comprehende tudo o que succedeo mais digno de memória nesta Abbadia, e em toda a Ordem de S. Bento, desde o anno de 542. até o anno de 1158. Consta esta Chronica de quatro volumes; os tres primeiros foraõ compostos por Leaõ d'Ostia. Pedro o Diacono accrescentou o quarto; principia no anno de 1086. Para summario das grandezas, e glorias do monte Cassino, seria precisohum

quinto volume, que fosse compendio dos quarto.

Cassiopea. Mulher de Cepheo, Rey de Ethiopia, pela presumpçaõ de ser mais fermosa, que as Nereides, incorreo na indignaçaõ destas Nymphas, que para se vingarem deste desprezo, alcançaraõ de Neptuno, que sahisse do mar hum monstro, o qual por aquellas terras fez horriveis estragos; e o Oraculo, consultado sobre o meyo, que poderia haver para pôr fim a taõ crueis desordens, respondeo, que para aplacar a ira dos Deoses, era preciso expor Andromeda à voracidade daquelle monstro marinho, que assim com a morte da filha, ficaria a vaidade da mây castigada. Neste comenos, da Lybia chega Perseo; oppoemse ao rigor da execuçaõ, e em agradecimento do beneficio, lhe dá o Rey Cepheo sua filha Andromeda por esposa. Em contemplaçaõ do seu genro foy Cassiopea levada ao Ceo, aonde os Astronomos a representaõ sentada em huma cadeira, na Via Lactea, entre Cepheo, e Andromeda, tocando com a cabeça, e com a maõ no Tropico Estivo. No anno de 1572. aos 8. de Novembro, começaraõ os Astronomos a observar no Ceo hum novo Phenomeno, que parecia ser Astro, porque era muito claro; tinha como as Estrellas lugar fixo, parecia estar na mesma altura, e ter com ellas o mesmo movimento. A sua figura era quadrangular, a modo de lisonja com as Estrellas da perna, e do peito da constellaçaõ chamada Cassiopea. No principio parecia do tamanho do Planeta Jupiter, mas pouco a pouco foy mingoando, e no cabo de dezoito mezes desappareceo.

Cassis. Vid. Cacis, supra.

Cassopo. Cidade da Ilha de Corfú ao Norte da dita Ilha. Antigamente lhe chamavaõ *Cassiope*, e o seu Templo dedicado a Jupiter, lhe deu nome. Hoje tem huma Igreja dedicada a *Panagia*, isto he, à Virgem nossa Senhora, em cuja Imagem, pintada em huma pedra liza, os que querem saber se algum seu parente he vivo, ou morto, applicaõ huma moeda de cobre de Corfú, ou de Dalmacia; se a moeda fica pegada, he final, que vive; se cahio a moeda, he final, que morreo. Na Relaçaõ da sua viagem a Italia, anno de 1675. affirma Monsieur Spon, que vira muitas destas moedas ainda pegadas à dita Imagem, sem apparecer materia alguma sensivel, que podesse ter maõ nellas; e juntamente accrescenta, que applicando elle mesmo varias destas moedas, humas cahiraõ, e outras naõ.

Casta. He o nome de huma das mais impudicas Cidades da Asia. Estaõ as suas Mesquitas cheas de Idolos, cuja escultura he boa, e a figura abominavel. Pareceme com o Priapo dos Antigos; tem olhos grandes, nariz chato, boca larga, quatro grandes cornos na cabeça, garras em lugar de mãos, pernas tortas, e todo o corpo monstruoso. Ao diabo naõ se lhe dá, que o adorem debaixo de huma boa, ou má figura. Tem os moradores desta Cidade muitas festas solemnes. Na celebridade de algumas dellas pegaõ de huns pobres enfermos, ou necessitados, a que o zelo fez insensiveis, e afferrados em ganchos os levantaõ no ar, onde ficando suspensos diante do Pagode, corre dos hombros o sangue. Neste estado os baixaõ, e deitados ao pé de huma arvore, os consideraõ como victimas de hum santo sacrificio, e com este merecimento esperaõ ter nos seus negocios bom successo. De noite com grande multidaõ de luzes fazem suas oraçoens; enchem as mãos, e as algibeiras de arroz, e outras drogas comestiveis, e depois de dar humas voltas, dançando, e lançando a cada Idolo, ou Pagode o que levaõ, daõ huma volta em redondo, e botaõ a fugir; receando, que o diabo os apanhe. Os enterros saõ crueis, levaõ o cadaver a huma casa subterranea, comprida, e estreita, na qual depois de se despedir dos parentes, e amigos, se faz fechar a viuva, e nelle estado está esperando que a fome a mate, sofrendo dores, e ancias inexplicaveis. *Thomas*

Herbert, Viagem de Persia, e India, pag. 493.

Castabale, por outro nome *Perasia*, antiga Cidade de Sicilia inferior, nos confins da Syria. Diz Plinio, que os moradores desta Cidade levavaõ companhias de caens à guerra; seriaõ elles como os da Syria muito grandes, e fortes. Em Castabale havia hum Templo dedicado a Diana Peralicna, do qual dizem, que os Sacerdotes que entravaõ nelle, andavaõ com os pès descalços sobre brazas; deviaõ de ter os pès untados com unguento para queimaduras.

Castanheira. Arvore. Castanheira se chama a que he brava, e ainda naõ dá fruto. Castanheiro, he a planta, que dá fruto.

Castellaõ. As uvas Castellaõ preto, posto que tingem bem, naõ frutificaõ, porque saõ muy sugeitas ao tempo, de tal sorte, que muitas vezes naõ moem de todo, e as uvas, que vingaõ, quando chegaõ à vindima, cahem, porque as larga.

Castellejo. Castello pequeno, ou (segundo a Architectura militar dos Antigos) a parte mais alta do Castello, que serve de descortinar, e descobrir o terreno. No Norte ha muitos destes Castellejos, particularmente em França, onde lhe chamaõ *Donjon*, Villa Viçosa (como todos sabem) tem Castello, e de mais do Castello, tem Castellejo; na pag. 3. da summaria noticia, que està no principio do seu methodo Lusitanico, Luis Serraõ Pimentel faz mençaõ delle, dizendo, *Em Villa Viçosa combatia o Castellejo*; se este Castello pequeno està fora, ou dentro do Castello mayor, naõ o sey.

Casteval. Palavra antiga. Vid. Alcaide.

Da Betica Almina, e o seu Casteval.
Faria, tom 3. da Europ. Portug fol. 378.

Castoens, ou Costoens. Segundo a opiniaõ dos que querem, que antigamente em Portugal os *Costoens* eraõ os soldados, que guardavaõ as *costas*, e *Castellãos*, os dos *Castellos*, em muitos lugares da Chronica do Condestable de Portugal Nuno Alvares Pereira, e particularmente na pag. 53. col. 1. aonde diz. Os *Castellãos*, e *Castoens*, com seus roubos jaziaõ. Segundo a derivaçaõ de *Costa*, melhor fora dizer, *Costoens*, que *Castoens*.

Castrar. Vid. capar, tomo 2. do Vocabul. (Em tempo, que governavaõ Eunucos, houve pertendentes, que se castraraõ; e hoje ha taes, que fingem padecer os mesmos achaques, para mostrarem sympathia. *Eva, e Ave. de Macedo, part. 1. cap. 34. fol. 178.*

Casualidade. Cousa fundada em caso fortuito, sem certeza, nem segurança alguma. Todo o emolumento deste officio consiste em casualidades. *Omnis hujus officii utilitas, in casu est posita.*

CAT

Cata. Termo de Mineiros. No Rio de Janeiro, he a profundidade, que se faz na terra, para descobrir debaixo della o ouro.

Cataclysmo. Em Author Portuguez vi esta palavra. Nesta hora me naõ lembra o nome. Derivase do Grego, *Cataclyzein*, Inundar, e val o mesmo que Inundaçaõ. De Authores Ecclesiasticos he muito usada por Diluvio.

Catachresis. Vid. no 2. tomo do Vocabul.

Já lhe falla Aristoteles no peito
Por sabias Cathecresis.
Obras Metricas de D. Franc. Manoel, Violà de Talia, pag. 158.

Catadupa. A's vezes se toma por Caneiro. (Setenta, e duas *Catadupas*, a que o China chama, *Macha*, os Framengos *Diques*, os Portuguezes *Caneiros*. Fr. Jacintho, Vergel de &c. pag. 195. Na pag. 187. diz o dito Author, Incapaz de navegarem barcos grandes pelas *Catadupas, e canhoens.*)

Catalectos. Derivase da palavra militar *Catalegein*, que significa, *Registrar, fazer resenha, Alistrar*, e assim *Catalogos* no Grego, era a taboinha, em que

que ſe eſcreviaõ os nomes dos Soldados aliſtados, que recebiaõ ſoldo. Os que alatinaraõ eſta palavra, chamaraõ *Catalecta* a colleçaõ de varios Opuſculos, como v. g. os Catalectos de Virgilio, os Catalectos de Lucano, &c. A eſte propoſito, no principio do ſeu Commento nos Catalectos de Virgilio, diz Joſeph Scaligero, *Hic potiùs incipiunt* Catalecta *Maronis*, &c. *quæ qui collegit*, Catalecta *vocavit*, *à delectu ſcilicet*, *nam eſt vox Caſtrenſis*, *Catalogos*, *& Catalegein*; *ſic & Opuſculum Panegyricum Lucani ad Piſonem*, *in veteri codice manuſcripto*, Catalecton *Lucani inſcribitur*. Daqui ſe colhe, que *Catalectico* naõ he o meſmo que *Catalecto*, ou mais propriamente no plural *Catalectos*, porque eſte he ſubſtantivo, e *Catalectico*, he adjectivo; e por iſſo ſe diz *Carmen Catalecticum*, que (como já temos dito) he o verſo, ao qual falta no fim huma ſyllaba, como nos verſos em que zomba Auſonio de quem naõ acaba de pronunciar as ultimas ſyllabas das palavras:

Dic quid ſignificant Catalecta Maronis in his, al,
Et quod Celtarum poſuit non lucidius tau,
Et quod Germano miſtum male lethiferum min?
Al, *pro* Allio; *tau*, *pro* tauro; *min pro minio*.

Catalô. Nome, que na India, e na China ſe dá aos Canapés, ou preguiceiros. Commummente os Catalós ſaõ de charaõ entorados.

Catalonas. Em Manilha, Cidade das Ilhas Filippinas, eraõ humas velhas feiticeiras, ás quaes apparecia o demonio em varias figuras. Nos ſacrificios, e idolatrias fazia huma mulher deſtas o officio de Sacerdote, e quando algum homem o exercitava, ſe havia de veſtir em trage, e habito de mulher. *Hiſtor. Univerſal de Fr. Man. dos Anjos pag.* 325.

Cataluſa. Certo tecido de lãa ordinaria, ou de lãa, e prata falſa, ou de algodaõ, e ſeda. Dizem outros, que Cataluſa he pano urdido de linho, e tecido com lãa, lavrado, e muy viſtoſo; mas de pouca dura, e hoje pouco uſado.

Cataonia. Cidade, e Regiaõ da Aſia Menor entre Cilicia, e Cappadocia. No livro 12. eſcreve Strabo, que no tempo da ſua peregrinaçaõ por aquellas partes, havia na dita Cidade hum Templo dedicado a *Bellona*, chamada entaõ *Comana*, e que ſem embargo de ſeus moradores ſerem vaſſallos delRey de Cappadocia, obedeciaõ tambem ao Summo Sacerdote, que entre homens, e mulheres tinha à ſua obediencia mais de ſeis mil conſagrados ao ſerviço da Deoſa, e abaixo do Rey era a primeira peſſoa do Reyno.

Catapaens. Nos Authores da Hiſtoria Byſantina, e outros Eſcritores mais modernos, muitas vezes ſe acha eſte nome. Bom ſerá dar conta delle. Catapaens era o nome dos Governadores, que os Emperadores de Conſtantinopla mandavaõ para a Apulha, e Calabria em Italia. Alguns doutos derivaõ eſte nome do Grego *Catapano*: titulo, que os Byſantinos davaõ aos que mandavaõ, e eraõ ſuperiores aos mais. Querem outros, que ſeja huma abreviatura de *Cata pantocratora*, como quem diſſera, Abaixo do Emperador, ou Lugar Tenente do Emperador.

Catapûa. Termo chulo. Vid. Surriada.

Com eſta gritaria,
Acordey, e o topete, que me ſua,
Diz que razaõ havia
Para me darem aquella Catapua.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 413.

Catapulta. As deſcripçoens, que Atheneo, Ammiano, Marcellino, e Vegecio fizeraõ da Catapulta; as duas figuras, que eſtaõ no livro anonymo, intitulado *Notitia Imperii*; a que Guilhelme du Choul affirma ter tirado de hum marmore antigo; a que Juſto Lipſio vio no Arſenal de Bruxellas, nem as que ſe vem em Roma repreſentadas na columna Trajana, tem ſemelhança alguma com a que Vitruvio deixou deſcrita. Ceſar Ciſa-

Cifarano, o qual foy o primeiro, que depois de Jocundo fez com muita miudeza as figuras de Vitruvio, naõ fez a da Catapulta, e o mesmo Jocundo confessa, que naõ comprehende nada, nem na figura, nem no texto de Vitruvio. O que das Catapultas se sabe por mayor, he que foraõ feitas para lançar dardos, como as Balistas para lançar pedras, sendo que naõ fizeraõ esta distinçaõ os ultimos Authores Latinos, porque a huma, e outra maquina, sempre deraõ o nome de Balista. De Lucano se colhe, que das Catapultas sahiaõ os dardos com tanta furia, que enfiavaõ muitos homens hum atraz do outro, e passavaõ de huma praya do Danubio a outra.

Cátaro. Cidade de Dalmacia, no Golfo, ao qual dá o seu nome. He dos Venezianos, e tem boas fortificaçoens para resistir ao Turco. Os Authores Latinos chamaõlhe *Catharum*, e *Cathara*. Querem alguns, que seja o *Ascrivium* de Ptolomeo, e Plinio.

Catasol. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Digo eu, que o homem de prol,
Busque mulher principal
Clara, e limpa como o Sol,
Tela, seda, Catasol,
Se ella naõ val, naõ lhe val.

Obras Metricas de D. Francisco Man. Çamponha de Enterpe, pag. 58. col. 2.

Catatao. Chularia. Fazer o catatao a alguem, he o mesmo que darlhe com hum pao, castigallo. Catatao pois he huma espada larga, com que nos navios os Officiaes daõ de prancha nos que naõ fazem sua obrigaçaõ.

Catatûa. Passaro, que se acha na Java, Samatra, e outras partes: he branco, com hum penacho cor de ouro na cabeça, o tamanho, e a fórma do bico he de Papagayo, e tambem o faz ser da mesma especie, o fallar, repetindo continuamente Catatua, tua, tua, de que tomou o nome.

Cathedral. Derivase este nome do Latim *Cathedra*, que he *Cadeira*, e a razaõ de se dar este nome às Igrejas Episcopaes, he que os Sacerdotes, que com o seu Bispo compunhaõ o antigo *Presbyterium*, se assentavaõ em cadeiras, como os Judeos nos seus Consistorios.

Catimbao. Homem ridiculo. Diz o anexim Portuguez: Dizey ao mestre Catimbao, que se vá embora, e daihe com o pao. Parece derivado de *Cantibai*, nome que em França Carpinteiros, e Marceneiros daõ a cepos, e paos grossos, cheyos de rachas, que naõ tem serventia.

Catinga. Palavra de Angola, fedor de Negros, como de Raposinhos.

Que os taes imitar pertendaõ
A Poesia de Angola
Cuja Catinga *os consola,*
Como conclusaõ negreira.

Francisco de Sousa d'Abrada, Estancia Moral, 34.

Catoblêpa, ou Catoblepas. He o nome de huma fera, da qual fazem mençaõ Authores antigos; e em primeiro lugar Eliano, liv. 7. cap. 5. Plinio no livro 8. cap. 2. a descreve como se a vira: diz, que de corpo he pequena, e com pouca, ou nenhuma agilidade; e a cabeça taõ pezada, que anda com ella sempré baixa; mas com veneno taõ activo, que quem pozer os olhos nos seus della, cahirá morto no mesmo instante. Este nome *Catoblepa*, he composto do Grego *Cato*, que quer dizer *Para baixo*, e *Blepo*, *Vejo*. O Padre Eusebio Nieremberg na sua Historia natural, liv. 5. cap. 28. diz, que esta fera se cria na Lybia. Fr. Amador Arraez tambem faz mençaõ della no Dialogo 4. cap. 2. e à imitaçaõ de Plinio lhe chama *Catoblepas*. Porém em livros, e Relaçoens de curiosos, que correraõ toda a Africa, naõ acho noticias desta taõ mortifera fera. Calepino diz, que só os Ethiopes a conhecem.

Catrabuxa. Instrumento, feito de arame delgado, como em mólho, com que os Douradores de prata alizaõ as peças, para as dourar.

Catrapôs. He a carreira do cavallo, que chamaõ a quatro pés.

Catraya. Certo genero de embarcaçaõ

caçaõ pequena de vela Latina. Saõ de ordinario as que levaõ, e trazem peixe de humas para outras partes.

CATTÀ. Vid. tom. 2. do Vocabulario. (Assamos huma grande quantidade de grandulins, ou *Cattás*; Godinho, Viagem da India, 143.)

CATULO. He tomado do Latim *Catulus*, que se diz do filho de qualquer animal.

Sois filho do Leaõ da extrema Hespanha
Tenro Catulo, *que ainda estais dormindo*
Entre as flores, que a fresca Aurora apanha.

And. da Sylva, Destruiçaõ de Hespanha, liv. 1. oit. 11. Depois de chamar a ElRey D. Rodrigo na sua infancia, filho do Leaõ, naõ reparou em chamarlhe *Tenro Catulo*.

CAV

CAVA. Pequena Cidade do Reyno de Napoles, no Principado Citerior.

CAVALHADA. Festa de cavallos, jogos de cavallo. *Equiria*, *genit. plural*, *Equiriorum*. *Ovid.* Assim chamaraõ os Romanos às Cavalhadas, instituidas por Romulo em honra de seu falso Deos Marte. *Ludus Equestris.*

CAVALLARIA. Andar de Cavallaria. No Alentejo quando arrendaõ as herdades, huma das clausulas he, que naõ andem de cavallaria, querem dizer; que sejaõ habitadas pelos arrendadores, porque sem habitadores se perdem, e cahem as casas.

CAVALLEIRO. Estar a cavalleiro, e naõ a cavalleirô, como poz o Impressor no tom. 2. do Vocabulario quatro vezes a fio.

Cavalleiro, em Portugal, he o nome de certa formiga. Vid. Prosod. de Bento Pereira, *ver. Equiformica.*

Adagios Portuguezes do Cavalleiro.

Mais abranda o dinheiro, que palavras de Cavalleiro. Em casa do Cavalleiro, vaca, e carneiro. Houtem vaqueiro; hoje Cavalleiro. Por hum cravo; se perde hum cavallo; por hum cavallo, hum Cavalleiro; por hum Cavalleiro, hum exercito. Barba com dinheiro, honra ao Cavalleiro. Queijo; paõ; e pero; comer de Cavalleiro. Pela ponte do madeiro passa o doudo Cavalleiro. Fazer de huma pulga hum Cavalleiro armado. Bons costumes; e muito dinheiro, faraõ a teu filho Cavalleiro. Cavallo fouveiro, à porta do Alveitar, ou de bom Cavalleiro. Diz a abelha, trazeme cavalleira, darte hey mel, e cera. O mez de Janeiro, como bom Cavalleiro, assim acaba, como a entrada. Conta feita, mula morta; Cavalleiro, anday a pé. A Dama de monte; Cavalleiro de Corte. Almocreve Cavalleiro, naõ ganhadeiro.

CAVALLEIROSAMENTE. Vid. tomo 2. do Vocabul. (Houvese taõ Cavalleirosamente; que, &c. Couto, Dec. 7. liv. 9. 205. col. 4.) *Tam fortiter*, ou *animo tam generoso*, ou *tantâ animi generositate se gessit, ut &c.*

CAVALLETE. Potro. Vid. no seu lugar.

Cavallete. Eculeo. Vid. no seu lugar.

Cavallete de nariz. Aquilino. *Os in naso vel os nasi*, *cum incurvatione eminens. Nasi pars incurva*, ou *inflexa.*

Cavallete. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Cavalletes do carro. Saõ huns forcadinhos nos quatro cantos do leito do carro, que servem de sustentar as xalmas.

CAVANEJO. Cestinho de vime para coar o mosto. *Qualus i. Masc Virgil. 2. Geoegic.* O Adagio Portuguez diz: Depois de vindimas, Cavanejos. *Post mortem medicus*, ou *post vulnera Clypeus.*

CAUCASO. Este monte, ainda que na sua summidade, cuberto de neves, e pelas suas figuras; em muitas partes inaccessivel, naõ deixa de ser habitado, cultivado, e segundo a diversidade dos sitios, e aspectos aprazivel, ameno, e delicioso. Nas faldas deste monte se colhe trigo, mel, vinho, fruta, e he muito abun-

abundante de huma especie de milho miudo, que se semea como arroz, e na linguagem da terra se chama *Gom*. Em toda a parte tem agoas excellentes, e tem muitas Povoaçoens. As vinhas saõ de entorcado, sobem ao mais alto das arvores, e daõ vinho excellente, e barato. Coze-se o paõ em pedras grandes, cavadas altura de tres dedos, depois de quentes deitaõ nellas a maça, que com borralho, e brazas se cobre. A mayor parte dos moradores deste monte saõ Christãos, que seguem o rito Georgiano. Por caminhos alcantilados, e depois de muitas voltas, e rodeos chegada a gente ao cume do monte, pela banda de *Acalzikè*, pelo espaço de quatro legoas vay descendo. Na metade da descida apparecem ruinas de edificios, e pinaculos de Templos, destruidos pelos Turcos. Do pé do monte se entra em hum bello valle, largo algumas tres milhas, fertilissimo, e cheyo de Villas. Corta o rio *Cur* ao dito valle pelo meyo, e nos outeiros, que o coroaõ anda gado grosso, e miudo pastando. Ao sahir do valle, abre-se huma planicie, que tem cinco legoas de comprido, até à Fortaleza *Acalzixè*, encostada a huma Villa, composta de algumas quatrocentas casas, e povoada de Turcos, e Christãos, (Armenios, Georgianos, e Gregos) e de Judeos. Tem os Christãos na dita Villa muitas Igrejas, e os Judeos huma Synagoga. Na Fortaleza reside o Baxá; os principaes Officiaes, e os Soldados tem nas Aldeas circunvisinhas a sua vivenda. *Chardin, Viagem da Persia, anno de 1673.* Segundo o Novo Apparato Poetico, impresso em Pariz, anno de 1683. o Caucaso he hum monte da Asia, o qual separa a India da Scythia, sempre cuberto de neve, abundante de hervas venenosas, e boas para encantos, taõ alto, que na summidade delle as Estrellas parecem mayores, o que deu lugar aos Scythas, que o habitaõ, para se fazerem grandes Astronomos. A Fabula diz, que por mandado de Jupiter, Vulcano prendera a Promotheo com cadeas de ferro a huns penedos do monte Caucaso, e que huma aguia, ou abutre lhe esta continuamente roendo o figado; o que Virgilio descreve nestes versos do livro 6. da Eneida.

Æthereis ausum subducere sedibus ignem,
Fama est de Scythicâ pendere Promotheu rupe;
Diis ubi vindicibus perfert noctesque diesque
Axe sub hyberno Boream, gelidosque Triones;
Non simul atque ales spirantia pectora rupit,
Illa tamen coeunt, fibrisque subinde renatis
Sufficit usque novo jecur immortale dolori.

CAVIDADE. Vid. tom. 2. do Vocabulario Cavidade, Cova.

Dizeime ò Nymphas deste rio, e prado,
Assim tenhais perpetua Primavera
Se em sua Cavidade *sepultado*
Està meu bem.

Francisco Barreto Laudim., Vida de S. Joaõ de Deos, fol. 9.

CAUSIDICO. Advogado, ou Letrado, que despacha feitos. *Causidicus, i. Masc. Cic. Patronus; qui in causis, Judiciisque versatur.* (Quantos generos de embaraços inventaraõ os *Causidicos*. Crisol Purificad. fol. 660. col. 1.)

CAUTELA. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes da Cautela.

Com huma Cautela, outra se quebra. A grandes Cautelas mayores. Senaõ fores casta, sê Cauta. Daime mãy Acautelada, darvoshey filha guardada. A muita Cautela, damno naõ causa. *Nimia cautela non nocet.*

CAUVRESTAN. Villa entre Lar, Cidade da Persia no Farsistaõ, e a Ilha de Ormuz, que fica na entrada do Golfo de Bassora. Este lugar he celebre pela grandeza, e bondade dos seus melloens. Elles saõ do tamanho das nossas aboboras; a carne he vermelha, e doce como açucar. No mesmo terreno se criaõ rabãos,

que

que chegaõ a pezar até trinta e cinco arrateis, e saõ muy saborosos. *Tavernier Viagem da Persia.*

CAX

Caxa. Moeda do Reyno de Tidore. (Lhes mandou ElRey dar a cada hum dez *Caxas* por dia, que valiaõ tres reaes da nossa moeda. Couto Dec. 5. fol. 119. col. 1.)

Caxamalca. Terra da America Meridional no Perú, na Provincia de Lima. Naquelle Paiz Atabalipa foy derrotado, e prezo por Francisco Pizarro, General dos Castelhanos, que pouco depois lhe tiraraõ a vida no anno de 1533. Antigamente havia no dito sitio muitos Palacios, dos Incas, ou Emperadores do Perú, e dos Grandes de sua Corte. *Anton. Braudand. Diccionario Geografico.*

Caxo de ouro. Moeda da Ilha de Amboino, ou dos Povos, chamados *Ceitones* seus visinhos. (Vieraõ a lhe conceder mil *Caxos*, que tudo seriaõ quinhentos pardaos. Diogo do Couto, Decada 8 fol. 100. col. 1.)

Caxume. Cidade, Cabeça do Reyno de Tigremahon, na terra dos Abexins em Africa. Marmol lhe chama *Tigray*, e entende que he a propria, a que Strabo chama *Tenesis*, que nella residia a Rainha Saba, que foy visitar a Salamaõ, e que foy governada por mulheres, com titulo de Rainhas. *Marmol, lib. 10. cap. 23.*

CAY

Cayar com cal. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Cayar o rosto. *Os fucare. Cic.* de *Natura Deorum*, ou *Fuco illinere*, (*no, levi, illitum.*) *Cic.*

CAZ

Cazan. Reyno da Tartaria Asiatica, entre a Bulgaria, e Czermissi. He do Graõ Duque de Moscovia, e tem huma Cidade do mesmo nome.

Cazan, ou (como outros escrevem) *Hazan*; he o que nas Synagogas dos Judeos tem por officio entoar as oraçoens, que elles rezaõ cantando. Ocupa este Ministro hum lugar mais alto, que o Povo, e o mesmo lugar he para o Rabbino, quando préga. Tudo isto se executa com grande confusaõ, porque cada Judeo recita sem ordem alguma, e huns interrompem aos outros, e pela mayor parte trataõ de seus negocios. Porém o *Cazan* sempre vay continuando com a sua reza, e de tempo em tempo levanta a voz. Este nome se acha nas obras de Santo Epiphanio, e no tempo deste Santo era o titulo de huns Ministros da Synagoga. Provavelmente daõ os Judeos a este Official este nome, porque he o olheiro de tudo o que succede na Synagoga, e a sua principal incumbencia he attender á liçaõ da Ley, e de todo o Officio. *R. Simaõ, Supplemento das ceremonias dos Judeos.*

Cazerna. Casinha, para agasalhar Soldados de presidio. *Cella militaris.* (Quarteis, *Cazernas*, Corpos de guarda. Modo de fazer Cartas Geograficas, pag. 9.)

Cazôl. He huma agoa negra, creyo que composta de turia, e outros ingredientes, que as mulheres da Asia, como tambem as Portuguezas usaõ, pondo a nas capellas dos olhos, e pertendem ter com isto mais viveza nelles, e por consequencia, mais fermosura.

ÇAL

Çalema. Vid. Salema, tom. 7. do Vocabulario. (Os mais lhe vieraõ fazer *sia Çalema*, que he como entre nós beijar a maõ ao Rey, por reconhecimento de Senhorio. Barros, Decad. 4. fol. 415.)

ÇAN

Çanfonha. Vid. Sanfonha mais abaixo no seu lugar alfabetico.

CEA

Ceara, e Ceareiro. Vid. tom. 7. do Vocabulario. Scara, e Scarciro.

CEC

Cecear, e Ceceoso. Do verbo *Cecear* mais usaõ os Castelhanos, que os Portuguezes. Segundo Cobarruvias, cecear, he fallar ceceoso, pronunciando o C por S, como por *Senhor* dizer *Cenhor*. Tem outros o vicio em contrario, pronunciando o S por C, como *Sebolla*, por *Cebolla*. No Portuguez tambem se chama ceceoso aquelle, que fallando, mete huns SS, ou huns ZZ, donde naõ vaõ. Vid. Cicioso no Vocabul.

CED

Cedar. No Hebraico quer dizer Moreno, e Negro, que he a cor dos Arabes. Por isso a Esposa dos Cantares 1. 5. diz de si, que he negra como as tendas de Cedar, isto he, como os Arabes debaixo das suas tendas. Por esta mesma razaõ os Hebreos chamaõ Cedar a Arabia deserta, ou de Cedar, filha de Ismael.

Cedilho. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Na Regra 13. da sua Grammatica Latina, pag. 321. o Padre Bento Pereira chama ao Cedilho *Plica*, *æ*., *Femi*. Supponho, que este nome foy inventado por alguns Ortographos, que escreveraõ em Latim, porque atè agora em nenhum Author Latino de boa nota tenho achado *Plica*. Eu antes lhe chamàra *Literula*, e *perverse plicata*; porque *plicatus*, *a*, *um*, he participio passivo do verbo *plicare*, que em boa Latinidade he usado.

Cedo. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Cedo.

Quem Cedo determina, Cedo se arrepende. Jantar tarde, e cear Cedo, tiraõ a merenda de permeyo. Se queres Cedo engordar, come com fome, bebe de vagar. Ao peixe fresco, gastaõ Cedo, e havendo tua filha crescido, dalhe marido. Quem tudo quer vingar, Cedo quer acabar. Naõ ha segredo, que tarde, ou Cedo naõ seja descuberto. Filho tardio, fica orfaõ Cedo. Deitate tarde, levantate Cedo, verás teu mal, e o alheyo. Dende tiraõ, e naõ poem, Cedo chegaõ ao fundo. Ao porco, e ao genro, mostralhe a casa, virá Cedo. Sol de Inverno sahe tarde, e poemse Cedo.

CEG

Cegà. Assim chamaõ os Portuguezes a huma serpente do Brasil, cujos olhos saõ taõ pequeninos, que apenas se enxergaõ. Segundo suas varias especies, o Gentio lhe chama *Ibyara*, *Boyguacu*, *Bodty &c.*

Cegonha. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Cegonha tambem he o ferro, que està pegado na porca do sino, e movido com a corda o faz tanger.

CEI

Ceira. Segundo Duarte Nunes de Leaõ no seu livrinho da Origem da lingua Portugueza, pag. 69. Scira, se deriva do Arabico *Xaira*.

Ceita, ou Ceuta. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Ceitaybe voz Arabiga, que val o mesmo, que Correa; e (segundo alguns) a esta Cidade se deu este nome, porque fica em hum pedaço de terra, comprida, e estreita, como correa.

Ceix, ou Ceyx. Filho de Lucifer, era Rey dos Traquinios, e tio de Chione, a quem Diana passou de huma settada a lingua; do que seu pay Dedalion ficou taõ sentido, que se lançou de huma penha abaixo. Ceix depois desta morte, perturbado com estranhas visoens, foy a Claros consultar o Oraculo de Apollo, e na volta fez naufragio. Com esta triste nova, Alcyone sua mulher, se affogou no mar, e ambos foraõ conver-

tidos em aves chamadas Alcyoens. *Ceyx, Ceycis.* Ovidio fazendo menção desta Fabula, diz:

Alcyone Ceyca movet Ceycis in ore.

CEL

CELEBRAR. Vid. tom. 2. do Vocabul. Tambem se diz celebrar huma Escritura.

CELEIRO. Vid. mais abaixo Celleiro.

CELEMÌM. He muito varia a orthografia desta palavra. No seu Thesouro da lingua Portugueza o Padre Bento Pereira diz *Celemin*, e *Cellamin*, com dous LL. Cobarruvias diz *Celemin* com hum L só; em alguns Authores Portuguezes tenho achado *Selamim*, e assim o tenho posto no 7. volume do Vocabul. e a elle remetto o Leitor. Depois disso, acho em outro Author Portuguez, *Celemìm*.

Quando o vemos repartir
Comvosco o celeiro a moyos
E comigo a Celemins.

Oraç. Academ. de Fr. Simeõ pag. 212. Da etymologia desta palavra, naõ se póde tirar cousa certa para a sua orthografia, porque Cobarruvias deriva *Celemim* do Grego *Choenix*, que he certa medida, e quer que se diga *Celemin*, como tomado do Grego *Chenemin*. Vid. Selamim, tom. 7. do Vocabul.

CELENA. Cidade, que antigamente foy Cabeça de toda a Phrygia. Antioco Soter a tornou a povoar, e lhe chamou *Apamea*, que era o nome de sua mãy, filha de Artabase, e mulher de Seleuco Nicanor.

CELENO. He huma das sete Pleyades, filha de Atlas, e da Nynfa Pleyona.

Celeno. Tambem he huma das sete Harpias, filha de Jupiter, e da terra, da qual faz Virgilio a descripçaõ na sua Eneida.

CÊLERES. He o nome de trezentos mancebos, que Romulo escolheo para guardas da sua pessoa, e executores das suas ordens. Chamoulhes *Celeres*, como quem dissera, *Promptos, e prestes.* Com esta Companhia ficava seguro dos insultos de seus inimigos, e dos movimentos populares. O Capitaõ desta Companhia se chamava *Tribunus Celerum*, e era a segunda pessoa do Estado; porque mandava toda a gente de guerra, e a reformava à sua vontade. Tambem tinha direito para convocar o Povo no Campo de Marte. Escreve Plutarco, que o Capitaõ dos Celeres, depoz a Numa Pompilio, segundo Rey dos Romanos. *Plutarco in Numa.*

CELESTINA. Vid. mais abaixo Celestria.

CELESTINOS. Ordem Religiosa, cujo Fundador foy Celestino V. antes de ser Pontifice. Esta Ordem depois de estabelecida anno de 1244. approvada no de 1264. pelo Papa Urbano IV. e confirmada por Gregorio X. anno de 1274. se multiplicou em Italia, e por Filippe o Bello foy introduzida em França, onde tem vinte e hum Mosteiros, governados por hum Provincial, que no dito Reyno tem poderes de Geral, e cada tres annos se faz eleiçaõ de outro.

CELÊSTRIA. No Thesouro da lingua Portugueza do Padre Bento Pereira, *Celestria*, quer dizer *Feiticeira*; supponho, que o Author quiz dizer *Celestina*, porque nas terras de Sevilha, huma mulher deste nome foy bruxa famosa. No Thesouro da lingua Castelhana, o Licenciado Cobarruvias faz mençaõ desta mulher. *Celestina* (diz este Author) *Nombre de una mala vieja, que le diò à la Tragicomedia Española, tan celebrada. Dixose assi quasi* Scelestina, *à Scelere, por ser malvada alcahueta, embustideira, &c.*

CELEUSMA. Outros dizem Celeuma, e o fazem de genero feminino. Vid. tomo 2. do Vocabul. (As excellencias deste piissimo *Celeusma*. Crisol Purificat. fol. 236. col. 1.)

CELIBADO, ou Celibato, substantivo. Vid. tomo 2. do Vocabul.

Celibato. Adjectivo. (A vida Religiosa, ou *Celibata*, com virtude, he preferida. Eva, e Ave de Macedo, part. 1. cap. 20. fol. 95.)

CELICO.

Celico. He palavra Latina, de *Cælicus, a, um, Celeste.*

Annuerint uno cilio tibi Cælica tecta.
Joan. Bapt. Mant.

——— *Com Celicos penhores*
Arrulhando castissimos amores.
Manoel de Far. e Sousa, Fonte de Aganippe 3. part. Canç. 23. fol. 46.

Celins. Na India Portugueza saõ os troncos dos cocos.

Cellareiro, ou Celereiro. Vid. tom. 2. do Vocabul. No Acta Sanctorum de Bollando, tom. 1. do mez de Abril, o Indice Onomastico diz: *Cellerarius Oeconomus*, esta ultima palavra he Grega. Cellareiro de qualquer Mosteiro de S. Bernardo. *In Ordine Cisterciensi, rei familiaris administrator*, ou *curator*. Antigamente chamavaõ ao Cellareiro *Armarius. Macro, Lexicon Sacrum.*

Celleiro. Vid. tom. 2. do Vocabul.

Adagios Portuguezes do Celleiro.

Abril frio, e molhado, enche o Celleiro, e farta o gado. De flor de Janeiro, ninguem enche o Celleiro. Herra, nem Celleiro, naõ quer companheiro. Outubro, Novembro, Dezembro, busques o paõ no mar, mas torna a teu Celleiro, e abre teu mialheiro. Bacoro em Celleiro, naõ quer parceiro.

Celmes, ou Celmis. Derivase do Hebraico *Chalamis*, que quer dizer *Pedra muito dura.* Segundo a Fabula, foy *Celmes* hum dos validos de Jupiter, ou o amo, que o criou. Por elle dizer, que Jupiter era homem mortal, como os mais, foy por elle convertido em diamante.

Te quoque nunc Adamas, quondam fidissime parvo
Celme, Jovi.

Ovid. lib. Metamorph. vers. 280. A esta Fabula daõ os Mythologos dous sentidos. Huns dizem, que a causa da ficçaõ de Celmo ser mudado em diamante, porque pelo atrevimento de ter fallado mal do seu Principe, fora metido em huma Torre taõ impenetravel como a dita pedra, e que por ventura se chamava o diamante. Tem para si outros, que a Metamorphosi de Celmes fora premio da fidelidade, com que criára a Jupiter, dandolhe muitas riquezas, e fazendas taõ seguras, que delle se tomou occasiaõ para fingir, que fora convertido em diamante, porque o diamante he a mais preciosa, e mais dura das pedras. Seja o que for, esta Fabula nos ensina, que sempre convem servir com respeito, e fidelidade aos Reys, porque podem como Jupiter lançar de huma maõ rayos, e da outra derramar thesouros. Dizem alguns, que fora Celmes homem muito moderado, e senhor dos seus appetites, e que fingiraõ os Antigos esta sua conversaõ em diamante, por ser pedra em que nada póde fazer mólla; e se he verdade o que diz Plinio, liv. 37. cap. 10. ha huma especie de diamante, que tem a virtude de reprimir a ira, e refrear a violencia das paixoens.

Celmis. Hum dos Curetes, ou Corybantes. Fingio a Fabula, que seus irmãos o lançaraõ de si, por se ter deshonestado com a mãy dos Deoses. Tinha o segredo de dar na forja huma taõ boa tempera ao ferro, que por sahir mais duro que todos os mais, delle se dizia por adagio, *O ferro de Celmis.* Scaligero sobre *Eusebio. Palmerio, sobre os marmores de Arondel.*

Celorico. D. Rodrigo da Cunha, na Historia dos Arcebispos de Goa, 2. part. cap. 29. e outros Authores dizem, *Cerolico*, mas na Monarquia Lusitana, tom. 4. liv. 12. e em outros Escritores das Historias de Portugal acho *Celorico.* Neste Reyno ha dous Celoricos, hum na Beira, junto à *Serra da Estrella*, e ao rio Mondego, e entre a Guarda, e Trancoso, e se me naõ engano, he o que chamaõ *Celorico dos Bebados*, porque como tem bons vinhos, he frequentado dos Arrayanos de Castella, e Portuguezes circumvisinhos. O outro *Celorico*, que chamaõ de *Basto*, fica nas terras de Entre Douro, e Minho. Da Imagem milagrosa de Nossa Senhora de Açoris, que perto de Celorico da Beira antigamente se descobrio, e da victoria, que os

Portuguezes alli alcançaraõ dos Castelhanos. Vid. Monarq. Lusit. tom. 4. no lugar acima apontado, e na 2. parte da Historia dos Arcebispos de Braga, cap. 19. fol. 129. achará o Leitor como no cerco de Celorico, que defendeo D. Fernaõ Rodrigues Pacheco, quando com a Truta, que na Praça do Castello lhe lançou a Aguia, presentou ao Conde de Bolonha, que cercava a Villa, e a tinha em grande aperto; fazendo com este ardil levantar o cerco, e ir sobre Coimbra. Pelo bom successo deste ardil, a Villa de Celorico ajuntou às suas Armas huma Aguia, com huma Truta na boca, ou agarrada nas unhas. Vid. Celorico no tomo 2. do Vocabulario.

Celsitude. He palavra Latina de *Celsitudo*. Altura, ou Alteza.

Louvayo de primeiras magnitudes
O' Planetas, que sois de luzes bellas
Fontes vivas em varias Celsitudes.

Man. de Far. e Sousa, Fonte de Aganippe, 3. part. Elegia 22.

CEL

Celso. He palavra Latina de *Celsus, a, um.* Alto.

Quando da Celsa *gavea as vigias.*

And. da Sylva, Destruiçaõ de Hespanha, liv. 6. Oit. 34.

CEN

Ceneo. Chamava-se primeiro *Cenis*, e segundo a ficçaõ Poetica, era moça, a qual vendo-se requestada de Neptuno, lhe pedio que a mudasse em homem, mas em homem invulneravel; deferiolhe Neptuno, e mudado o sexo, assistio nas bodas de Pirithoo, e pelejou com os Centauros, os quaes a affogaraõ com o pezo das arvores, que lhe lançaraõ em cima. Com tudo considerando Neptuno, que lhe quizera bem, naõ permittio que perecesse, e a transformou em ave.

Maxime vir quondam, sed avis nunc unica Cenen.

Ovid. lib. 12. Metamorphos. Os Mythologicos dizem, que naõ mudou Ceneo a natureza, mas os costumes; e declaraõ o seu dizer. Era Ceneo muito lindo moço, mais apto para namorar, que para guerra, depois de huma vida pelo espaço de alguns annos effeminada, deuse à profissaõ das armas; desta mudança de vida tomaraõ motivo para dizer, que de mulher passara à ser homem. Fingiraõ, que naõ podia ser ferido, porque na experiencia da guerra, e nos exercicios militares era taõ destro, que nunca recebeo ferida. Por outra parte, como os homens mais valentes ficaõ algumas vezes debaixo, e estaõ obrigados a ceder ao grande numero dos inimigos, o que representa nos matos inteiros, com que os Centauros opprimiraõ a Ceneo, naõ recebe o seu valor damno algum; e fica illeza a generosidade do espirito. A esta fabula se accrescenta, que depois de morto fora Ceneo transformado em ave, para dar a entender; que neste mundo a fama dos Varoens illustres apoz elles voa, e que por muito que se esforce a emulaçaõ para a abafar, como os Centauros fizeraõ a Ceneo, naõ podem impedir, que a immortalidade da gloria naõ seja o premio da virtude.

Cenobialmente. Com regra Cenobitica. Vid. Cenobio, tom. 2. do Vocabulario. (Congregados *Cenobialmente*. Crisol Purificat. fol 15. col. 1.)

Centelha. He tomado do Latim *Scintilla*. Vid. Faisca.

Cada golpe que tiraõ
Mil ardentes Centelhas *fuzilando.*

Manoel Tavares, Ramalhete Juvenil, fol. 209.

Centenario. He usado neste adagio: Velho Centenario.

Cento. Vid. tomo 2. do Vocabul.

Adagios Portuguezes do Cento

Cento de vida, Cento de renda, e cem legoas de parentes. Quem deve Cento, e tem Cento e hum, naõ teme a nenhum. Cento de hum ventre, cada hum de sua mente. Quem no jogo faz hum erro, faz Cento. Quem faz hum cesto, fará Cento. Mais val hum dia do discreto,

discreto, que Cento do nescio. Dia de S. Pedro, vê teu olivedo, e se vires hum graõ, espera por Cento. Hum sabor tem cada caça, mas o porco Cento alcança.

Centobriga. Antiga Cidade dos Celtiberos em Hespanha, a qual foy sitiada com grande aperto por Q. Metello, General do Exercito dos Romanos. Diz a Historia, que huma das maquinas do Exercito Romano, derrubando hum pedaço de muro, abrira huma brecha, com a qual se fazia indubitavel a tomada da Cidade. Mas preferio Metello a humanidade à vitoria, que lhe naõ podia fugir das mãos, naõ lhe sofrendo o coraçaõ, que os seus arîetes despedaçassem os filhos de Rhetogene, que se lhe tinha entregue, os quaes pelo inimigo ficavaõ na brecha expostos aos tiros da sua bateria; e assim naõ obstante a repugnancia do pay, resoluto a sacrificar à gloria de Metello a sua familia, este generoso Capitaõ antes quiz levantar o sitio, do que permittir, que hum pay taõ brioso tivesse a pena de ver seus filhos feitos pedaços. Esta acçaõ pois taõ chea de humanidade, e de clemencia, ganhou totalmente as vontades dos Celtiberos, que espontaneamente abriraõ suas portas aos Romanos. *Valer. Max. liv. 3. cap. 1.*

Centonarios. Officiaes dos Exercitos dos Romanos, que tinhaõ a seu cargo ter prestes os panos chamados *Centones*, que talvez serviaõ para cobrir as maquinas, e as torres. No livro 4. fazendo Vegecio mençaõ da maquina, que servia de galeria cuberta, diz, que receosos de que se lhe pozesse fogo, a cubriaõ por fóra com couros crus, ou com *Centoens Centonibus*, isto he, de alguns panos velhos, ou farrapos, os quaes molhados, podessem resistir ao fogo, e às frechas. No 3. livro dos seus Commentarios, cap. 44. Julio Cesar, fallando na guerra Civil diz, que tambem os Soldados se valiaõ destes Centoens, contra as settas do inimigo. Muitas vezes se ajuntavaõ os Centonarios com os Dendrophoros, ou carpinteiros, e outros Officiaes, como se vê em alguns antigos letreiros.

Centro. O centro Mathematica, e Cosmograficamente considerado, he o ponto, que está no meyo do Universo. Este ponto central he simplez, e como tal, naõ tem composiçaõ, e pelo conseguinte he indivisivel, e sendo taõ pequeno, que naõ tem partes, responde a todas as partes da mais ampla circunferencia; e assim tem a circunferencia taõ grande dependencia do centro, que nem centro se póde perceber sem circunferencia, nem circunferencia sem centro. Como pois a Divina Sabedoria tem tirado, e como desenvolvido, e desenroiado do centro o Universo; se tirardes o centro, naõ haverá evoluçaõ de corpos, e se faltar evoluçaõ de corpos, naõ terá o Mundo amplitude, e faltando esta no Mundo, os corpos delle nenhuma disposiçaõ poderáõ ter, nenhuma ordem, nenhum influxo, nenhum movimento; e como todas estas faltas seriaõ absurdos, he preciso dizer, que para o centro, do qual emanaraõ, todas as cousas se ordenaõ. Logo o centro he cousa, que todas as cousas apetecem; centro he o que todas as cousas desejaõ, como cousa absolutamente necessaria para a uniaõ dos corpos, e conservaçaõ do Universo. Da virtude do centro todas as virtudes dos movimentos naturaes, e elementares emanaõ; sem a virtude do centro nem o vegetante poderia crescer, nem a ave voar; nem o quadrupe andar, nem o homem fazer acçaõ alguma corporea, como doutamente o mostra o Padre Athanasio Kircker no 1. tom. do seu Mundo Subterraneo, por todo o livro primeiro Centografico. Finalmente do centro tudo sahe, e para o centro tudo se dirige.

CEP

Cephalalgia. Termo de Medico. Deriva-se do Grego *Cephali* Cabeça, e *Algima*, Dor. He huma dor nas membranas anteriores da cabeça *Cephalalgia, æ. Fem.* (Se a dor de cabeça he nova, chama-se

mente *Cephalalgia*, e he facil de curar: se he antiga, *Cephaleâ*, e he difficultosa de vencer. Observaç. de Curvo 383.) *Cephalæa est inveterata, & ægrè cedens Cephalalgia. Fœs. in Oecon. Hippoc.*

CEPHAS. He o nome, que Christo Senhor nosso deu ao Principe dos Apostolos, em lugar do seu proprio, que era *Simaõ.* Este nome he o mesmo, que o de Pedro (como advertio S. Joaõ cap. 1. vers. 42.) S. Jeronymo tem para si, que *Cepha*, he vocabulo Syriaco, e que significa *Pedra dura*, no que convem Tertulliano, Santo Agostinho, e outros Santos Doutores. Optato Millevitano deriva *Cephas* do Grego *Cephali*, que quer dizer Cabeça, e neste lugar serve de exprimir a primazia de S. Pedro, e de seus successores. Sobre esta etymologia consultem os curiosos a Bellarmino no *Tratado da Igreja*, e *Baronio*, *An. Chr.* 31. e 34. *no tit.* 1. *dos Annaes.*

CEPHEO. Rey de Ethiopia, pay de Andromeda, que Perseo livrou de hum monstro; fingiraõ os Poetas, que fora transformado em Astro.

Cepheo. Principe de Arcadia, irmaõ delRey Alco, foy reputado invencivel pela virtude de hum cabello, que (pelo que dizem) lhe tinha pegado na cabeça, depois de o tirar da de Minerva. *Pausanias.*

CEPHALO. Filho de Eolo, e marido de Procris, filha de Eriectheo, Rey de Athenas. A Aurora, namorada delle o levou comsigo, mas naõ lhe foy possivel reduzillo. Entretanto começou Procris a ter ciumes de seu marido Cephalo, e querendo espreitallo quando vinha da caça, se escondeo em huma mata de espinho; vio Cephalo o vulto, e parecendolhe que era caça monteza, lançou hum dardo, e matou sua mulher Procris.

CEPHISO. Rio da Phocida, nas margens do qual estava o Oraculo de Themis, que foy consultado por Deucaliaõ, e Pyrrha. Outros rios ha deste nome em Athenas, Argos, e Sicyone. Tambem ha huma fonte, chamada Cephiso, da qual Strabaõ, e Ptolomeo fazem mençaõ. Falla Ovidio em hum certo Cephiso, cujo neto foy por Apollo mudado em monstro marinho. *Strab. lib. 9. Ptolom. lib. 3. Ovid. lib. 1. e 7. Metamorph.*

CEPINHO. Do arçaõ da sella. *Lignea ephippii pila.*

CER

CERA. Tambem se póde derivar do Arabico *Kir*, que he Cera. Descreve Plinio o modo com que se faz a cera, com as palavras, que se seguem, *Cera fit expressis favis; sed ante purificatis aquâ, & triduo in tenebris siccatis; quarto die liquatis igni in novo fictili, aquâ favos tegente, tunc sportâ colatis.*

Cera bella. He a cera amarella, antes de ser branca. *Cera flava*, ou *fulva*, *æ*, Vid. Cera, tom. 2. do Vocabul. (Huma pouca de cera bella. Observaç. de Curvo, pag. 112.)

CEREAES, ou Cereales. Jogos Cereaes. Festas, que se celebravaõ em honra de Ceres, Deosa dos Paens. Memmio, Magistrado Romano foy o primeiro, que as instituhio, como se vé em huma medalha, na qual está Ceres representada com tres espigas de trigo em huma maõ, e na outra huma tocha, e com o pé esquerdo pizando huma serpente, o letreiro diz: *Memmius Ædilis, Cerealia primus fecit.* Muito tempo antes tinhaõ os Athenienses instituida em honra de Ceres huma festa, da qual eis-aqui o motivo. Andando Ceres em busca de sua filha Proserpina, chegou a Eleusina, Cidade pouco distante de Athenas, aonde ficou para ama de Triptolemo, filho delRey Eleusio, ao qual depois de crecido, ella lhe ensinou a arte de semear trigo, e fazer paõ. Em agradecimento de taõ relevante beneficio, dedicoulhe huma festa, e huns Sacerdotes, chamados *Eumolpides*, de seu filho Eumolpo. Nesta festa naõ sahia a gente com capellas de flores, mas coroada de murta, e teixo, porque fora Proserpina roubada estando colhendo flores; levavaõ tochas acezas, chamando em alta voz por Proserpina, assim como o fizera Ceres, quan-

quando a foy buscando pelo monte Ida. Os Sacerdotes da Deosa se chamavaõ *Taciti Myste*, porque lhes era prohibido divulgar os seus mysterios; offereciaõlhe hum sacrificio sem vinho, como o dá Plauto a entender na Comedia, intitulada *Aulularia*, Act. 71. Scena 6. posto que parece, que Cataõ diz o contrario, aonde diz: *Postea Cereri exta, & vinum dato.* Acabado o sacrificio, se faziaõ magnificos banquetes, com muita galhofa; sahiaõ os Gladiatores a pelejar, davaõ os cavallos carreiras, em que presidiaõ os Magistrados, chamados Ediles. Só as Damas Romanas, vestidas de branco, ficavaõ representando as lagrimas, e saudosas memorias da triste Ceres, causadas do roubo de sua filha Proserpina, e para ficar patente a todos o sentimento, levavaõ nas mãos tochas accezas. *Cerealia, ium, Neut. Plur. Thesmophoria, Neut. Plur. Plin. lib. 24. cap. 9.* Vid. mais abaixo Thesmophorias.

Cereja. Vid. tom. 2. do Vocabul.

Adagios Portuguezes da Cereja.

Favas das mais caras, Cerejas das mais baratas. A mulher, e a Cereja, por seu mal se enfeita. Ao homem farto, as Cerejas lhe amargaõ.

Ceremonia. Segundo Santo Thomás, *Ceremonia*, se deriva do Latim *Cereris munia* palavras, que valem o mesmo, que offertas, ou dadivas offerecidas à Deosa Ceres, Fabulosa Deosa da Gentilidade, porque no principio do seu culto se começaraõ a observar, quando se lhe offereciaõ paens, trigos, e outras semelhantes novidades, das quaes os Gentios reputavaõ a Ceres por inventora. Derivaõ outros a palavra *Ceremonia*, de *Cereto*, Castello na campanha de Roma, no qual ficaraõ illesos os ritos da Gentilidade, quando foy Roma tomada dos Francezes. Escreve Joaõ da Casa, que na lingua Toscana, o vocabulo *Ceremonia*, he estranho, porque como os antigos Toscanos ignoravaõ todo o genero de ceremonia, naõ lhe podiaõ pôr nome proprio; accrescenta o mesmo Author, que ceremonias inuteis, e affectadas, se naõ differençaõ muito de mentiras. Quer Festo Grammatico, que *Ceremonia*, se derive de *Cera*, Cidade da Hetruria, para a qual, depois de Roma tomada dos Gallos, levaraõ as Vestaes o fogo sagrado, (por ventura com velas accezas, ou outras luminarias de cera) daqui parece tomou em Roma principio toda a ceremonia do culto Divino; (como o tem observado Valerio Maximo, liv. 1. cap. 1. num. 10.) Santo Agostinho, Santo Isidoro, e Junio Camerario daõ a esta palavra outras etymologias, como se póde ver no Lexicon Sacro de Domingos Macro, verbo *Ceremonia*. Finalmente querem alguns, que *Ceremonia*, seja corrupçaõ de *Calimonia*, como se fora cousa *Celeste*, e modo de obrar trazido do Ceo. O que justamente se poderá dizer das ceremonias da Igreja; que ordinariamente o que os seculares chamaõ ceremonias, saõ impertinencias da urbanidade, vãas apparencias de obsequio, e mentiras da adulaçaõ.

Ceres. Filha de Saturno, e Rhea. Diz Varro, que fora chamada assim, como quem dissera *Geres*, porque traz toda a casta de frutos: *Quæ quod gerit fruges, Ceres.* Derivaõ outros o nome de *Ceres* do verbo *Creare*, porque (segundo a superstiçaõ Gentilica) he a creadora das novidades. Tem Vossio para si, que o nome *Ceres*, se deriva do Hebraico *Cheres*, isto he, *Arar.* Tambem na Escritura se acha *Geres*, para significar *os frutos* da terra, donde veyo o Grego *Gyrus*, que em Hesychio he hum dos nomes da terra. De todas estas etymologias a mais propria parece a que do Hebraico *Geres*, ou do Grego *Gyrus*, deriva o nome de *Ceres*. Ceres he a mãy de Proserpina, e com tudo huma, e outra he a terra. Rhea he a mãy de Ceres, e com tudo huma, e outra naõ saõ outra cousa, que a terra. As verdades saõ reaes, e Physicas, as Genealogias saõ poeticas, e figuradas. Diversamente consideraõ alguns a terra; querem que Rhea

Rhea seja todo o globo terraqueo; que Ceres seja só a superficie, que se semea, se cultiva, e na sega se despe; e que Proserpina naõ seja outra cousa, que os nossos Antipodas. Este he o parecer de Vossio. Segundo Diodoro Siculo, a tradiçaõ dos Egypcios he, que Isis he o mesmo que Ceres, a qual inventou a cultura, e uso do trigo, e publicou huns leys muito justas; e assim era huma das Deidades do Egypto. O mesmo Diodoro naõ podendo encobrir de todo a verdade, confessa que foy *Erecththeo*, que passara do Egypto para a Grecia com muito trigo para lhe acodir em huma grande fome; tambem diz, que os Gregos agradecidos deste beneficio, o aclamaraõ Rey; e que elle na Cidade de Athenas estabelecera os mysterios de Ceres, segundo os ritos, e ceremonias do Egypto. No mesmo lugar diz este Historiador, que a chegada de Ceres a Athenas naõ foy outra cousa, que o transporte dos pães do Egypto para a Grecia, *Deam illo tempore in Atticam venisse traditur, quo fruges, ejus nomine insignes, Athenis sunt importatæ, quarum semina tum Cereris beneficio quasi denuò reperta videantur.* Daqui se poderá inferir, que este andar de Ceres por toda a terra, naõ fora outra cousa, que a trasladaçaõ, e distribuiçaõ dos pães por toda a terra, quer quando foy aberta, e lavrada a primeira vez, quer no tempo adiante, quando pela esterilidade dos campos se metéo pelas Povoaçoens a fome. Logo a verdade Historica he, que Isis Rainha do Egypto he a verdadeira Ceres, e foy a que communicou a outros Reynos o trigo, e a arte de o cultivar. Achamos em Pausanias, que as Cidades da Grecia, e particularmente Athenas, e Argos contendiaõ entre si, como os Egypcios, e os Phrygios sobre a origem, e antiguidade dos mysterios de Ceres, e da distribuiçaõ do trigo. Diz o mesmo Author, que os mysterios de Ceres, e Isis eraõ taõ secretos, que só aos seus Sacerdotes era permittido ver a sua estatua. Tambem faz mençaõ de outro Templo de Ceres, no qual só mulheres entravaõ; e accrescenta que os mysterios, e sacrificios de Ceres Eleusina eraõ o que a Grecia tinha de mais sagrado. Distinguiaõ-se os mysterios em grandes, e pequenos; celebravaõ-se os grandes no Outono, e os pequenos na Primavera, como se tambem para esta celebridade fora mysterio o recesso, e accesso do Sol. Diz Cicero, que em Catania, Cidade de Sicilia, era Ceres venerada, como em Roma, e nas mais partes do Mundo, e que da sua estatua, que estava em Roma, naõ só naõ sabiaõ os homens, mas nem sabiaõ se a havia; nem nunca entravaõ no Templo donde ella estava; e só mulheres, e virgens faziaõ todas as funçoens Sacerdotaes: *Sacrarium Cereris est apud Catinenses, eâdem Religione, quâ Romæ, quâ in cæteris locis, quâ prope in toto Orbe terrarum. In eo Sacrario intimo fuit signum Cereris perantiquum, quod viri non solùm cujusmodi esset, sed nè esse quidem sciebant. Aditus enim in id Sacrarium non est viris; sacra per mulieres, & virgines confici solent.* Tudo o que refere Varro dos mysterios de Ceres, se refere á invençaõ do trigo, que se lhe attribue, e ao rapto de sua filha Proserpina por Plutaõ, o que (segundo a sua doutrina) significa a fecundidade das sementes; a qual fecundidade faltando algum espaço de tempo, e ficando a terra esteril, deu lugar á opiniaõ de haver Plutaõ roubado, e retido nos infernos a filha de Ceres, queriaõ dizer, a propria fecundidade; mas como depois desta luctuosa calamidade, viraõ a fecundidade restituida, entenderaõ, que Plutaõ restituira a Proserpina, e foraõ instituidas festas solemnes em honra de Ceres. Demais da medalha de Ceres, feita por Memmio, da qual temos feito mençaõ na palavra *Cereaes*; temos outra de C. Volteyo, na qual está Ceres representada em hum carro, tirado por duas serpentes, e ella com duas tochas nas mãos. Em outras duas medalhas de Vibio Pansa, se representa Ceres arregaçada, tambem

bem com tochas nas mãos, e com o pé direito pizando huma porca, animal, que ordinariamente lhe offereciaõ nos sacrificios, como daninho, e nocivo às searas. Tambem se via a estatua de Ceres com trage de matrona Romana, coroada de flores, e de espigas de trigo, tendo na maõ hum ramalhete de dormideiras, e sentada em hum carro, tirado por dous carros volantes. *Ceres, eris, Fem. Virgil.* Os Poetas Latinos lhe chamaõ *Dea tædifera*; *alma parens frugum, quæ vestit frugibus arva; frugum fæcunda mater.*

Ceroferario. Vid. tom. 2. do Vocabul.

Ceroferarios, tambem foraõ chamados os calliçaes, que nos officios Divinos levaõ vélas de cera. *Accensis super cruces cereis, atque super ceroferariis, &c. Hincmarus in vita Sancti Remigii.* Mais claramente Flodoardo, *Accensis super cereis, atque ceroferariis, dant vocem in Canticis, lib. 1. Histor. Remens. cap. 19.*

Cerolico. Vid. Celorico, Supra.

Cerraçaõ de tempo. Vid. tom. 2. do Vocabul. *Cælum undequoque nubilum, nebulosum, nubibus, vel nebulis obsitum.*

Cerrado. Vid. tom. 2. do Vocabul. Carga cerrada, quando todos os soldados de huma Companhia, ou de hum Terço juntamente atiraõ, *Ferrearum fistularum tota simul, ou simultanea emissio, onis, Fem.* Vid. Simultaneo, tom. 7. do Vocabul. (Sacudido de huma carga cerrada de trezentas espingardas. Oriente Conquistado 2. part. 448. tit. 69)

Cerrado. Camara cerrada. Vid. Camara.

Cerrado. Substantivo. Hum cerrado. Huma terra cercada de muro, ou vallado. *Conceptum, i, Neut. Varro*, ou *Septum, i, Neut. Ager muro cinctus*; ou *Ager sepe munitus.*

Certeiro. Certo. Acertado. Vid. nos seus lugares.

Cousa he esta desigual,
Té o trajo seja estrangeiro,
Que naõ presta o natural;
O que aprendem cá, naõ val;
O de fóra he mais Certeiro.

Alvaro Ferreira de Vera, na sua Ortografia, fol. 51. vers.

CES

Cesto. Vid. tom. 2. do Vocabul.

Adagios Portuguezes do Cesto.

Quem faz hum Cesto, fará cento. Gabate Cesto, que vender te quero. Nem com toda a fome ao Cesto; nem com toda a sede ao pote. Até o lavar dos Cestos, he vindima.

Cestuado. Largo por baixo, e agudo em cima, a modo de cabaz, ou de cesto virado. (Cujos telhados saõ cestuados, com remates de perilos de bronze. Fr. Jac. de Deos, Vergel de Plantas 247)

CET

Ceto. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Mathias Martinio, no seu Lexicon Etymologico, verbo *Cetus*, deriva este nome de varios nomes Gregos, e Arabicos, dos quaes se colige, que deve ser algum grande animal marinho, como balea, ou outro semelhante.

Oh quanto Ceto *a Jonas encerrasse,*
No fim delles tornando o Sol escuro.

Virginidos de Manoel Mend. Barbuda, Canto 20. Estanc. 89.

CEV

Cevada. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes da Cevada.

Cevada grada, a outro dia cegalla. Cevada sobre esterco, espera cento, e se o anno for molhado, perde o cuidado. Asno morto, Cevada ao rabo. Tudo he nada, senaõ trigo, e Cevada.

Cevadeira. Alforges. Vid. no seu lugar. (Tirou da sua *Cevadeira* huma gallinha. Gonçallo Fernandes nos seus Contos, pag. 70.

Cevadeiro. Chamaõ os Almocreves do Alentejo ao jumento, que leva diante da recua a provisaõ da cevada para as mais bestas.

Cevar. Pedra de Cevar. No cap. 42. da quarta parte da sua Historia Oriental, impressa em Francfort, anno 1601. diz Joaõ Hugo Lintscotano, que (segundo a opiniaõ dos Indios) quem todos os dias misturar no seu comer alguns pòs de pedra de cevar, sempre terá cara juvenil, e caraõ florente, sem rugas, nem outros desconcertos da velhice; juntamente accrescenta, que para este effeito os Reys, e Magnates da India mandaõ fazer as suas panellas, pratos, e copos de pedra de cevar, que naquellas terras se acha com abundancia.

CEY

Ceyx. Vid. Ceix, supra.

CEZ

Cezimbra. Villa de Portugal, tres legoas ao Poente de Setubal, assentada na ladeira de hum monte. Foy fundada pelos Gallos Celtas, e Sarrios, pelo que dizem muitos Authores. ElRey Dom Affonso Henriques a conquistou aos Mouros pelos annos de 1165. Depois com a continuaçaõ das guerras se arruinou de todo; e ElRey D. Sancho o I. seu filho a mandou povoar de novo, no anno de 1200. com grandes foros, e privilegios, encarregando a Povoaçaõ aos Francezes, que hum anno antes o vieraõ ajudar nas guerras contra os Mouros.

CHA

Chabuco. Termo da India Portugueza. He hum açoute, que todos trazem na maõ, com que açoutaõ os cavallos rijamente. (Apertou as pernas ao cavallo, dandolhe com o Chabuco. Couto, Dec. 5. fol 49. col 2.)

Chacabout. He o nome de huma seita da Religiaõ dos Povos do Tunquin, entre a China, e a India. Tomou este nome de hum certo solitario, que para viver bem, lhes deu huma ley, que contém dez mandamentos, pelos quaes prohibe o matar, o roubar, a polluçaõ, o mentir, o injuriar, a aleivosia, os desejos immoderados, a maledicencia, a ira, e encommenda o estudo das sciencias, proprias ao estado de cada particular. Tambem tem fundado huns Religiosos, que renunciaõ as delicias da vida, e se applicaõ à medicina, ou ao alivio dos pobres. Este solitario lhes tem ensinado a Metempsycose, ou transmigraçaõ das almas de hum corpo para outro. Aos que observassem a sua ley, prometteo huma bemaventurança infinita, da qual começariaõ a lograr logo depois de acabarem a vida, e ameaçou com penas eternas aos que a desprezassem; mas affirmou, que aquelles, que depois de receberem a sua ley, a naõ guardassem inteiramente, pelo espaço de tres mil annos passariaõ de huns corpos para outros, primeiro que chegassem a entrar no lugar dos bemaventurados. Este *Chacabout*, tem dilatado a sua Seita por todo o Reyno de Siaõ, por humas terras do Japaõ, e no Tunquin, onde morreo. *Tavernier, Viagem da India.*

Chacaras. He o nome dos Sacerdotes idolatras, que no Perú offereciaõ sacrificios ao Sol.

Chaço. Termo de Tanoeiro. He hum pedaço de taboa, sobre que se dá com o malho para apertar os arcos nas vasilhas. (Deve tambem haver na adega Chaços, com que os Tanoeiros apertaõ as vasilhas. Alarte, Agricult. das vinhas 118.)

Chacouna. Som, ou dança, que segundo o Abbade de Furetiere, veyo dos Mouros, e cuja base he de quatro notas, que procedem por graos unidos, sobre a qual se fazem muitas consonancias, e coplas sempre com a mesma volta. *Maurorum Saltatio, vulgò Chacouna.*

Chacorreiro. Vid. Chocarreiro, no 2. tom. do Vocabul.

Chacorrice. Vid. Chocarrice, tomo 2. do Vocabul.

Chapalhaõ. Termo chulo. Alegre, Jovial, Engraçado, que está de chança.

Chafarruz. Jogo de tabolas com tres dados.

Chafurdar-se. Meterse na agoa. Mergularse. Vid. nos seus lugares.

Chafurdo. Voz popular. Vid Mergulho. Chafurdo, segundo alguns, he homem ensovalhado, e pouco aceado no vestido, e casa.

Chagas. Flores vermelhas, de huma cor desmayada, como a cor do tijolo; naõ saõ de cheiro.

Chagre. Celebre rio da America. Tem seu nascimento perto do mar do Sul, algumas legoas ao Este de Panamá, e vay desembocar no mar do Norte. No anno de 1670. huns Corsarios Inglezes, foraõ com canoas por este rio acima, e saquearaõ Panamá no mar do Sul. Com facilidade se poderia fazer huma communicaçaõ dos dous mares, por meyo deste rio, e de alguns outros, que se metem no mar Pocifico. Sobre este rio ha huma Cidade, chamada tambem Chagre. *Oexmelin, Historia dos Aventureiros da America.*

Chale. He hum Palmar da India Portugueza, donde moraõ officiaes mecanicos de todos os officios, e aonde ha forjas, theares, tudo posto à custa do dono do Palmar, que protege, ampara, e soccorre a gente do seu Chale, para ter sempre nelle moradores.

Chamaceiras. Partes do carro, nas duas ilhargas, por baixo do leito, e em cima dos eixos, junto à roda.

Chamaceira. O lugar, onde nas lanchas, e mais barcos assenta o remo, quando se rema.

Chamarra. Ouço dizer, que era certo vestido antigo; e no Thesouro de Cobarruvias acho, que *Camarra*, (do qual parece se deriva o nosso *Chamarra*) era habito de pastores, de pelles mayores, mas tosquiadas. Do Castelhano *Camarra*, fizeraõ os Francezes, (palavra hoje entre elles antiquada) e era tambem habito de pastor, feito de pelles de cabra, ou carneiro, com as costuras cobertas de varios retalhos, a modo de passamanes.

Chambaril. Pé de porco, ou de outro animal, com pouca carne. No 2. volume do Vocabulario, *Chambaziz*, he erro da Impressaõ.

Porque me fez gomitar
O fedor do Chambaril.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 143.

Chamberga. Bigodes à Chamberga eraõ huns bigodes, que se traziaõ ha huns annos em Portugal. Trouxe esta moda o Marechal Federico de Schomberg, que veyo de França, e foy General em Portugal, até a paz com Castella anno de 1668.

Chamberga. Tambem he huma casta de versos Liricos de arte menor, cuja composiçaõ he assim. Faz-se huma copla de 4. como seguidilhas, a que se segue hum quebrado de tres syllabas, levando o accento na penultima, o qual faz assonancia com o immediato seguinte de sete syllabas; vem logo outro quebrado de tres, levando seu verso de sete depois de si, com o qual faz outra consonancia. Seguese ultimamente outro quebrado dos ditos, tambem com seu verso, os quaes levaõ sua assonancia distinta das outras. *Rengifo, na Arte Poetica fol. 70.*

Chameira. Esta palavra se acha nas Transacçoens do Concelho de Setuval com o Mestre, e Ordem de Santiago; e entendo ser a mulher, que costuma carretar o paõ para o forno, e dar recado a quem ha de amassar, derivado o vocabulo da palavra *Chamar*: ou mulher, que accende o forno, derivando-o da palavra *Chama* (Outro si se aggravo o Concelho, dizendo, que o dito Mestre, e Convento manda levar dos fornos da Ordem poya ao Forneiro, e poya à *Chameira*, a quem varre o forno. Artigo 7. das ditas Transacçoens.)

Chamiços. Saõ os paos do mato meyo queimados, de que se faz carvaõ, para cujo effeito se lhe bota fogo. O Padre Pomey lhes chama *Taleæ carbonariæ, arum, Fem. Plur.*

Chamos. Pronuncia Camos. Idolo das Moabitas, ao qual Salamaõ, allucinado por mulheres idolatras, mandou edificar hum Templo em hum monte perto da Cidade de Jerusalem. A opiniaõ mais verosimil he, que este *Chamos*, era o Deos das comesanas, e beberronias. Derivase *Chamos* do Grego *Chomos*, que no Latim responde a *Deus comessationum*. Querem outros, que Chamos fosse o Deos Bacco, outros o Dionysio dos Egypcios. Bocharto quer, que seja o mesmo que Mercurio, por duas razoens, a primeira, porque hum, e outro foy filho de Jupiter, isto he, *Hami*; a segunda, porque hum, e outro tomou da palavra *Mercancia* o nome, que aos Hebreos *Chanaan*, lhes soa *Mercador*, e *Chanaan*, era filho de *Camo*. No seu Lexicon Universal traz Hofman outras razoens.

Chamotim. Termo da India. Fazer Chamotim, he ir dando beliscoens levemente com os dous dedos, polegar, e mostrador. He invençaõ para conciliar o sono, como a de amassar o corpo, tambem usada na India.

Champroens. Pranchas de madeira, muito mais grossas, que as ordinarias.

Chancharas marrancharas. Chularia. Embelecos, porfias, teimas. Tudo isto significa este termo chulo, v. g. Pois, se quereis isto mesmo que vos offereço, para que atè agora o naõ aceitaveis com Chancharas marrancharas.

Changcheu. Cidade da China, na Provincia de Fokien. He muito grande, e muito populosa. Tem huma ponte, que consta de trinta e seis arcos, muito largos, e muito altos, com casas de huma, e outra banda, e logeas, cheas de todo o genero de mercancias. Nesta Cidade se tem achado monumentos antigos da Religiaõ Christãa, como Cruzes, Imagens da Virgem N. Senhora, abertas em pedras; e outros sinaes da devoçaõ Catholica. Na sua Igreja temos Padres da Companhia huma bella Cruz de marmore, que foy tirada do Palacio de hum dos Governadores da terra. Nas mãos de hum China da dita Cidade, se tem visto huma parte consideravel da Sagrada Escritura em Latim, escrita em hum pergaminho com letras Goticas; este Gentio a naõ quiz vender, dando por razaõ, que a queria conservar na sua familia, como peça muito rara, deixada pelos seus ascendentes. *Martim Martini, Descripçaõ da China na collecçaõ de Monsû Thevenot, vol. 3.* Na Provincia de Nankin do dito Imperio ha outra Cidade do mesmo nome.

Changxa. Cidade da China, Cabeça de hum grande territorio na Provincia de *Huquang*. Tem jurisdiçaõ em dez Cidades, que saõ *Siangin*, *Ninghiang*, &c. O rio Milo, perto da Cidade de *Siangin*, he celebre pela festa de *Tuom*, que era hum Governador muito querido dos seus. Este Cavalheiro vendose perseguido de huns assassinos, se lançou neste rio; para honrar as suas memorias, todos os annos se celebraõ jogos, e banquetes naõ só no termo de Siangin, mas tambem em toda a China. *Martim Martini, Descripçaõ da China na collecçaõ de Monsû Thevenot, vol. 3. fol. 1.*

Chapado. Vid. tom. 2. do Vocabul.

Entra na dança comigo
Hum Chapado *velhacaõ.*

Obras Metricas de D. Franc. Manoel Viola de Talia, pag. 239. col. 1.

Chapeiraõ. Chapeo grande. Chapeo de grandes abas. *Petasus, i, Masc.* Em varios lugares de Plauto se acha este nome. Delle diz Calepino, *Petasus, Pilei latioris genus, quo adversum injurias Solis viatores faciem tuentur.* Diz hum anexim Portuguez. Davalhe o vento no Chapeiraõ: quer lhe dê, quer naõ.

Chapuz. Termo do vulgo. He o baque, ou estrondo, que faz qualquer cousa, que cahe.

Charamella. Vid. tom. 2. do Vocabul. Tambem se póde derivar do Francez *Chalemeler*, que he fazer dançar ao som de huma frauta. He palavra antiquada, mas faz mençaõ della o Diccionario das Artes da Academia Franceza.

Cha-

Charistias. Festa, instituida pelos Romanos. Celebravase no sexto das Calendas de Fevereiro, entre parentes, e contraparentes, com banquetes, e muitos donativos, e em honra dos parentes já mortos, como se vê nos Fastos de Ovidio:

Proxima cognati dixère Charistia chari,
Et venit ad socios turba propinqua Deos.
Scilicet à tumulis, & qui periêre propinquis,
Protinus ad vivos ora referre juvat.
Postque tot amissos, quidquid de sanguine restat,
Aspicere, & generis dinumerare gradus &c.

Derivase *Charistia* de *Chari*, que em Latim quer dizer amigos, e os parentes naturalmente devem ser amigos huns dos outros. *Charistia, orum, Neut. Plur.*

Charistias. Avesinhas. Vid. supra *Caristias*, no seu lugar Alfabetico.

Charneca. Terra de areaes, que só dá urzes, tojos, troviscos, carrascos. Vid. no 2. tom. do Vocabul.

Charodos. Casta de Gentios na India, inferior aos Bramanes, e assim o mostraõ, porque comem em casa de Bramanes, e Bottos, em banquete apartado, tomaõ a estes a ley, e supposto sejaõ tambem Gancares das Aldeas, e das Cameras geraes, saõ as suas as ultimas, e professaõ officios mecanicos de Alfayates, Cirgueiros, e outros.

Charola de rapazes. Era como hum andorsinho, coberto com papel, ou papelaõ ao modo de arco, ou abobeda, com suas varas atravessadas, em que lhe pegavaõ os rapazes, e com ella andavaõ cantando pela Quaresma cantigas da Paixaõ, porque levavaõ na Charola imagensinhas de barro da Paixaõ de Christo. Tirouse o uso desta devoçaõ pueril, porque ás vezes se ajuntavaõ outros para lhes arrombarem a Charola, e com isto jugavaõ muitas pancadas, e sahiaõ muitos feridos.

O Adagio Portuguez diz: chegaivos à Charola, e sereis dos honrados.

Charpa. He tomado do Francez *Echarpe*, que (segundo a etymologia Menagiana) se deriva do Latim *Carpere*, que significa *Apanhar*, ou *Colher*, verbo, do qual fizeraõ os Francezes o seu *Echarpe*, que he huma banda larga de tafeta negro, com que em França as mulheres cobrem os hombros, quando sahem sem toda a compostura. E ha outra Echarpa militar, a que chamamos talim, ou cinto. Vid. Banda, tom. 2. do Vocabulario. (Vestida, como Amasona, com charpa militar. Gazeta de Lisboa, anno de 1726. Russia 1. de Mayo fol. 193.)

Charybde. Pronuncia Carybd. Pego do mar de Sicilia, perto de Messina; chamaõlhe vulgarmente *Capo di Faro*, e *Capo Faro*, onde os navios lançados da tormenta, se despedaçaõ sobre rochedos, que ficaõ debaixo da agua; o que deu motivo aos Poetas, que Charybde, e Scylla eraõ dous horrendos monstros do mar, que devoravaõ os navios; e que duas mulheres, que haviaõ roubado a Hercules os seus boys, foraõ fulminadas por Jupiter, e convertidas nesta voragem em hum dos estreitos da Costa de Sicilia. Segundo Bocharto, Can. lib. 1. cap. 38. *Charybdis*, he palavra Phenicia de *Char-Obden*, que quer dizer, *Foramen perditionis.* No livro 3. da Eneida vers. 420. descreve Virgilio Scylla, e Charybde:

Dextrum Scylla latus, levum implacata Charybdis,
Obsidet, atque imo barathri ter gurgite vastos
Sorbet in abruptum fluctus, rursusque sub auras
Erigit alternos, & sidera verberat undâ.

Tambem dá Strabo o nome de Charybde a huma paragem da Syria, entre Apamea, e Antioquia, onde o rio Oronte se mete debaixo da terra, para tornar a apparecer dahi a quarenta estadios. Dos dous nomes *Scylla*, e *Charybdis*, se fez o Adagio Latino, que diz, *Incidit in Scyllam, cupiens vitare Charybdim*, que

val tanto como dizer, *Cahir de huma pequena desgraça em outra mayor*; o vulgo diz, *Cahir da frigideira nas brázas.*

CHASQUEAR. Zombar de alguem. Vid. Zombar.

CHATILHÔN. Em França ha muitas Cidades deste nome, e todas sobre rios, Chatilhon sobre Senna; Chatilhon sobre Loire, Chatilhon sobre Marna, Chatilhon sobre Indro, &c.

CHAUDEIS, ou Chaúdeos. Saõ huns panos grandes, que servem para cobrir camas, e outras cousas. Saõ pintados de cores muy vistosas, e alguns mais finos, a que chamaõ palangapuzes. Fabricaõ-se de algodaõ, em Bengala, e Choromandel.

CHAVE. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Naquillo está a Chave do negocio. *In eo cardo rei vertitur. Cic.*

Adagios Portuguezes da Chave.

Preguiça, Chave de pobreza. Naõ me apraz Chave, que em muitas portas faz. A Chave na cinta faz a mim boa, e à minha visinha. Cerra tua porta, e dame a Chave, e quem vier, brade.

CHAVILHAÕ. He a modo de gancho no meyo do timaõ, que serve para ter maõ em hum calabre, que chamaõ *Tiro*, por onde puxaõ dous bois, quando o arado lavra com quatro, ou mais.

CHAXAN. Cidade da China, na Provincia de *Huquang.* Na Historia dos Chinas he muito nomeada por causa do monte de *Nuiqua*, onde havia hum Templo magnifico, edificado em memoria, e veneraçaõ de huma mulher, chamada *Nuiqua*, da qual dizem os Chinas, que teve a destreza de concertar hum lugar do Ceo, que estava quebrado. Esta parvoice tem alguma semelhança com a dos Mahometanos, que crem, e affirmaõ, que Mafoma soldara a Lua, e reunira as partes, que se tinhaõ separado. *Martim Martini, Descripçaõ da China, na collecçaõ de Thevenot, vol.* 3.

CHAZEIROS. Saõ os paos, que vaõ sobre as rodas, em que se metem os fuciros do carro.

CHE

CHEFIA. Vid. tom. 2. do Vocabulario. (Mosteiro, em que se conserva a Chefia de nossa Eremitica familia em Hespanha. Crisol Purificat. fol. 604. col. 1.)

CHEGAR. Vid. tom. 2. do Vocabul. Chegar a roupa ao couro. Dar com hum pao. *Aliquem fuste cædere.* Olha, que te hey de chegar, *Cave tibi, tuos fuste humeros commitigabo.* He imitaçaõ de Terent. in Eunuch. onde diz, *Utinam tibi commitigari videam sandalio caput.*

CHELA. Pano da India de varias cores, e figuras. Vid. Regatas, no 7. tomo do Vocabulario.

CHEKIANG. Provincia da China na Costa Oriental, entre Nanking, e Fokien. A gente he cortezãa, e tem muito engenho, mas he muito dada ás superstiçoens da Idolatria. Nas matas de amoreiras se cria huma taõ grande quantidade de bichos de seda, que esta Provincia naõ só provê toda a China de toda a seda, que lhe basta, mas tambem o Japaõ, as Ilhas Filippinas, e os Reynos da India, e chega até a Europa. Quatro vezes no anno os grandes navios do Emperador da China vaõ à Corte de Peking, carregados de panos de seda excellentes. Todo o Paiz está cheo de rios, e canos com seus caes de pedra de cantaria, com pontes de admiravel architectura, de sorte que por toda a Provincia se póde andar por agoa, e por terra. Tem muitos Christãos, e estes muito zelosos da Religiaõ Catholica, *Martim Martini, Descripçaõ da China, na collecçaõ de Thevenot, vol.* 3.

CHEMMIS. Ilha no Egypto, a qual na opiniaõ dos seus moradores se sustenta na agoa. Teve hum grande Templo, dedicado a Apollo. He abundante de palmas, das quaes humas daõ fruto, e outras só daõ sombra. Na sua Euterpe descreve Herodoto esta Ilha amplamente. Tambem faz mençaõ o dito Author de hũa grande Cidade do mesmo nome nos cam-

campos de Thebas, com hum Templo dedicado a Perseo, o qual (segundo a imaginação dos Gemmitas) lhes apparecia algumas vezes sahindo da terra, e outras vezes no Templo. *Herodot. lib. 2.*

CHEQUE. Vid. Xéque, no tom. 8. do Vocabul.

CHERAZOUL. Cidade da Persia, no Curdistan, pelo caminho de Ninive, ou Mosul a Hispahan. He edificada por hum modo totalmente contrario à construcção das outras Cidades. Por espaço de hum quarto de legoa foy aberta em hum grande rochedo *escarpado*, sobese às casas por escadas de quinze, ou vinte degraos. Naõ tem as casas outra porta, que hum penedo a modo de pedra de moinho, com a qual para abrir, ou fechar, se dá huma volta; as ombreiras estaõ abertas por dentro para receber a mó, que entaõ fica ao nivel do rochedo. Por cima das casas, que saõ como nichos no monte, se tem aberto humas cavas, em que os moradores recolhem o gado. Tudo isto dá a entender, que este lugar foy huma especie de forte, ou fortaleza, para defender a fronteira das correrias dos Arabes, e Bedoinos, ou dos Pegureiros, e Pastores do Diarbek. *Tavernier, Viagem da Persia.*

CHERINÓLA. Termo do vulgo, como quando se diz. He boa a Cherinola, com que nos vem.

CHERÚBICO. Hymno Cherubico, Termo da Liturgia Grega. He o que os Gregos rezaõ com muita ceremonia, quando do Altar pequeno chamado o *Altar da Prothese*, levaõ o corpo de Christo, (a que Cyrillo Alexandrino C. Antropomorph. C. 12. chama em Grego *Agia dora*, (isto he) *Dona Sancta, qua corporis Christi in Eucharistia participes redduntur fideles*, para o Altar mór, no qual se vay fazer o sacrificio. Cedreno traz a instituiçaõ deste Hymno Cherubico no tempo do Emperador Justiniano. Do *Hierolexicon* dos Macros na declaraçaõ da palavra *Sanctus* se colhe, que este Hymno Cherubico era a trina repetiçaõ de *Sanctus*, com outras tres palavras, a saber, *Sanctus Deus, Sanctus fortis, Sanctus immortalis*; e por isso lhe chamaõ *Hymnus Trisagius*; neste mesmo lugar do dito *Hierolexicon*, de mais dos titulos *Cherubicus*, e *Trisagius*, daõ a entender que o dito Hymno se chamava tambem *Hymnus Angelicus, Triumphalis*, e *Victorialis*.

CHERUBIM. Vid. tomo 2. do Vocabulario. Querem outros, que no Hebraico *Cherubim*, signifique o mesmo, que em Latim, *Ad similitudinem pueri*, porque dizem os Rabbinos, que na Arca do Senhor se viaõ as effigies de dous meninos, os quaes quando o Sacerdote orava pelo Povo, se elles se representavaõ olhando hum para outro, era sinal, que Deos havia de conceder o que pedia o Povo; e pelo contrario, quando tinhaõ os rostos virados para a parede, era huma demostraçaõ de Deos irado, e sem vontade de conceder as graças, que delle esperava o Povo. O significado pois do *Ad similitudinem*, he que entre os Hebreos era tradiçaõ, que Moysés, quando no monte fallara com Deos, vio as figuras de dous Cherubins, e que mandara esculpir outros dous semelhantes a elles, e os collocara sobre o Tabernaculo.

CHES MENINÊS. Chularia. Dar no Ches mininês, he o mesmo que dar na trilha, dar no alvo, dar com o objecto da obra.

CHEUXAN. Ilha da China, para a Costa da Provincia de Chekiang. He onde o Rey de Laso se acolheo, quando se vio obrigado a fugir dos Tartaros, que se tinhaõ apoderado da China, e para onde muitos Chinas o acompanharaõ para ficarem debaixo da sua protecçaõ. Dahi nasce ser esta Ilha taõ povoada, que nella se contaõ setenta e duas pequenas Cidades. Os Tartaros, com o receo de que este Rey naõ desembarque na terra firme, sustentaõ hum numeroso presidio na Cidade de *Tinghai*, que fica na visinhança. *Martim Martini, Descripçaõ da China, na collecçaõ de Thevenot, vol. 3.*

CHI

CHI

Chi, chi. Termo rustico, com que os Porqueiros chamaõ os porcos.

Chiado. Termo de que se servem as Portuguezas nascidas na India: para dizerem malicioso, dissimulado, he muito Chiado &c.

Chial. He o nome, que na India se dà aos que professaõ a Religiaõ dos Persas, a saber, o Mahometismo, estabelecido por *Ali. Thevenot, viagem dà India, tom. 3.*

Chiampaa. Reyno da India, na Peninsula, alèm do Ganges, entre a Cochinchina, e o Reyno de Camboya. Pulocacian hea sua Cidade principal.

Chiaoul. Official do Turco, que faz a funçaõ de Alcaide. Saõ alguns seiscentos Chiaous. Seu Capitaõ, ou sua Cabeça, se chama *Chiaous Baschi*, o qual he muito respeitado. Ordinariamente se achaõ juntos no Palacio do Graõ Visir, sempre prestes para executarem as suas ordens, e levar cartas a todas as Provincias do Imperio, no que muitas vezes se occupaõ. O Sultaõ algumas vezes os envia como Embaixadores a terras estranhas. Trazem na maõ hum bordaõ, coberto de prata, que tem hum botaõ em cima; as suas armas saõ cimitarra, e arco com frechas. *Ricaut Historia do Imperio Ottomano.*

Chiapa. Provincia da nova Hespanha, na America Septentrional; sua Metropoli he Ciudad Real; he governada por huns Magistrados, a que com especial privilegio dos Reys de Castella, os moradores escolhem. No rio Gryalva, que banha a Provincia de *Chiapa*, se criaõ huns animaes, que em nenhuma outra parte se achaõ. Tem feiçoens de bogios, cauda comprida, e a pelle salpicada de varias cores, a modo de trigo. Raras vezes apparecem sobre a agua, e quando algum daquelles Gentios atravessa o rio a nado, com o rabo se encoscaõ nas pernas, para o levar abaixo, que he a razaõ porque todos levaõ comsigo humas machadinhas, com que para se desembaraçar, lhe cortaõ os rabos. Temse observado, que naõ comem nada do que affogaõ. Aos cavallos fazem o mesmo, que aos homens. Na mesma Provincia ha outro rio, chamado dos Castelhanos *Rio Branco*, tem virtude taõ petrificante, que logo que deitaõ nelle qualquer pao, o cobre de huma casca, que parece pedra; porém a agua do dito rio he sempre muito clara, e naõ faz damno algum a quem della bebe, perto da Aldea de *Cazacualpa*, que de seis em seis horas, com fluxo, e refluxo cresce, e mingua; o que naõ procede do mar, do qual a dita fonte he muito distante. Junto à Tafixa, ha outra fonte, que por tres annos consecutivos corre com abundancia, ainda que pouco chova; e depois por outros tres annos, ainda que chova muito, se secca. Perto da Villa de *Cinacatan*, ha huma fonte, cuja agoa he remedio para os males, aos quaes convem applicar cauterios; e mata as aves, e outros animaes, que bebem della. No territorio de Quelenes, pouco distante da Villa de S. Bartholomeu, ha huma profunda abertura, a modo de poço; na qual em se lhe deitando huma pedra, ou cousa semelhante, logo se ouve hum grande estrondo com tormenta, e huma trovoada, que mete terror nos comarcanos. Na Villa de Chicomuzelo se vè huma caverna, cuja entrada he muito estreita, mas por dentro ha huma planicie muy espaçosa, e a hum lado della, huma lagoa de agoa muito clara, sem movimento algum, e nas margens com duas braças de altura. Ao Meyo Dia de *Ciudad Real*, se levanta o monte *Ecatepec*, (nome que significa *Monte dos Ventos*) a sua altura he taõ extraordinaria, que tem nove legoas de sobida, e sò de noite se póde sobir, porque desde o amanhecer do Sol, se levantaõ huns ventos taõ furiosos, que a gente se naõ póde ter em pè. *Laet, Histor. do Mundo Novo.*

Chichelada. Pancadas com chichelos, ou multidaõ de chichelos.

Chi-

CHICHELO. Vid. tomo 2. do Vocabulario.

Dar ao chichelo, termo chulo, he ir andando.

CHICHISBEO. He nome, que alguns Portuguezes trouxeraõ de Italia, aonde assim chamaõ a huns Fidalgos moços, que descarapuçados, e a pé, vaõ seguindo as liteiras das Senhoras, conversando com ellas, acompanhando-as nas visitas, e fazendolhe outros cortesãos obsequios, segundo o estylo da terra. Como esta cortesania he taõ pouco conhecida neste Reyno, e taõ contraria ao genio desta nobreza, me pareceo bem declarar os mysterios deste titulo, com as Decimas discretissimas de D. Eugenio Gerardo Lobo, Capitaõ de Cavallos Couraças do Regimento velho de Granada, o qual na reposta, que dá a huma Senhora Castelhana, que lhe perguntou, que cousa he *Chichisbeo*, diz assim:

Es, Señora, el Chichisbeo,
Una immutable attencion,
Donde nasce la ambicion
Estrangera del deseo.
Exercicio sin empleo
Vagante llama, sin lumbre,
Una elevacion sin cumbre,
Un afan sin inquietud,
Y no siendo esclavitud,
Es la mayor servidumbre.

Es un enfatico gusto,
Gloriosamente empleado
En fomentar un agrado
De una humilde vanidad;
Donde la capacidad
Con sus caudales se obliga
A la incessante fatiga
De toda una ociosidad.

Es un racional tributo,
Que la diversion previene,
Sobre una ara, donde tiene
Propriedad, sin usufruto:
Un decoroso estatuto
Del que es suavissimo imperio,
Desahogo de lo serio,
Respiracion del cuidado,
Y es un chiste disfrazado
Con mascara de mysterio.

Es un dominio, que alcança
Inmensa jurisdicion
Y parece possession,
Y no toca en esperança.
No expone la confiança
A' poca seguridad,
Antes bien la voluntad
Exempta vive del daño,
Porque se trata este engaño
Con la mayor realidad.

Es afectado tormento
De un cauteloso alvedrio,
Que encamina al desvario
Por reglas de entendimiento.
Seguro consentimiento
De reciproca llaneza,
Donde parcial la agudeza
Vende en manos del primor
Agrado, que no es favor,
Affecto, que no es fineza.

Es aquella de Platon
Alta idea respetable,
Que hizo a el alma separable
De su misma propension,
Subtilissima opinion
De natural repugnancia,
Pues la comun elegancia
De los preceptos, que informa
Sin materia admite forma,
Accidente sin substancia.

Es una correspondencia
De pensamientos visibles,
Que de algunos impossibles
Haze talvez aparencia:
Anfibologica sciencia,
Del ignorar, y saber,
Empeñada en proponer
Con repugnancias notables,
Los principios demonstrables
De lo que no puede ser.

Es, enfin, ficcion hermosa
De autorizada cautela,
Indefectible novela
De una verdad mentirosa;
Perspectiva, que ingeniosa
Abulta lo que desvia,
Elevada fantasia.
Sin affecto, y sin fervor,
Y es de las ansias de amor
La mas discreta ironia.

Este

Este es, Señora, el retrato
Mas legal, mas parecido,
(Segundo que he comprehendido)
Del Señor Chichisbeato, &c.

Os Italianos escrevem *Cicisbeo*, porque pronunciaõ o C antes do I, como ch, e segundo este modo de escrever de *Cicisbeo*, formaraõ este anagramma puro, ainda que impuro; *Sii becco.*

CHILIDOCO. Palavra de Medico. Poro Chilidoco, he o meato pelo qual o Chilo passa para o figado. *Meatus, per quem Chylus in jecur effunditur.* Ou com os Medicos, Porus Chylidocus. (Obstrucçaõ do poro Chilidoco. Observaç. de Curvo, pag. 563.)

CHILRAÕ. Huma rede metida em tres paos, pregados huns nos outros, em fórma de triangulo com seu tope em baixo, se chama *Chilraõ*, com que se pescaõ os camaroens, metido hum homem com este instrumento na agoa atè os joelhos, ou pouco mais, e andando daqui para alli.

CHILRETA. Certo genero de ave aquatica, menor que adem.

CHILRO. Termo popular. Estreme. Puro, sem mistura, v. g. Agoa chilra, e se diz propriamente de hum caldo de gallinha, ou de outra carne, o qual naõ tem chorume, ou substancia alguma. *Hæc sorbitio est aqua mera*, ou *est aqua persola.* Usa Plauto do adjectivo *Persolus* neste sentido, na sua Comedia, intitulada *Curculio*, onde diz, *Persolæ nugæ, id est*, (diz Calepino) *Meræ nugæ.*

CHIMBEO. Vid. Rocim (Por cá buscaremos dous *Chimbeos*, em que passar, &c. Cartas de D. Franc. Man. pag. 45.)

CHIMPAR. No Thesouro da lingua Portugueza, o Padre Bento Pereira vertendo este verbo em Latim diz, *Percutere*, que he *Ferir*.

Coxa foy do que naõ sey
Pois chimpo as costas, e vim
Ates metella entra grey.

Obras Metric. de D. Franc. Man.

CHIN. Famosa lagoa da Provincia de Junnaõ na China, na qual antigamente havia huma grande Cidade, que de hum tremor da terra ficou sumida. Unicamente escapou hum menino, que sobre hum bocado de taboa chegou à margem. Tem muita herva aquatica, cujas pontas, que sahem fora da agoa, formaõ a figura de huma Estrella, que he a razaõ, porque chamaraõ alguns à dita lagoa, *O mar Estrellado. Kircker, Histor. da China.*

CHINA. Homem natural da China. *Chinensis, is, e.* (Querendo comprar de hum China. Fr. Jac. de Deos, Vergel pag. 143)

China. Imperio da Asia. Vid. tomo 2. do Vocabul.

China. No Reyno de Guinalá, em Africa, na Costa de Guiné, he o nome, que o Gentio da terra dá ao Deos que adoraõ; donde quando vem as imagens de Christo, ou de nossa Senhora, lhe chamaõ *China do Branco*, ou *China do Christaõ*. O que elles tem por sua China, e por seu Deos, o veneraõ de sorte, que naõ fazem cousa sem seu conselho, e para mais o diabo os enganar, lhe falla nella, quando a trazem a publico, para determinarem alguma cousa em juizo, ou fazerem algum juramento, ou querem saber algum futuro successo no Reyno. Na adoraçaõ desta sua China fazem ceremonias taõ extravagantes, e ridiculas, que para mais estranhar o Leitor a ceguéira destes Idolatras, direy o que delles acho escrito. Tomaõ muitos paos, cada hum de palmo e meyo, todos muito pretos, por razaõ da variedade dos licores, que lançaõ em humas vasilhas, que he sangue de diversos animaes, com que tingem estes paos, e as vasilhas saõ humas panelinhas, juntas humas das outras, entresachadas com pontas de cabras. Destes paos fazem hum feixe, que fica parecendo hum cepo de talhar carne, de altura de palmo e meyo, do qual estaõ dependuradas por humas cordinhas delgadas duas, ou tres caveiras de cachorros. Estes mesmos chamaõ *Chinas* às pessoas, que morrendo o Rey, ou a Rainha, ou qualquer dos

dos seus Fidalgos, ou homens nobres, se matão, para os irem servir na outra vida. Assim homens, como mulheres, criados, ou amigos particulares se offerecem a este cruel sacrificio; quebraõlhe os ossos, esmigalhaõlhe os dedos, e os vaõ moendo pouco a pouco, e depois de estarem quasi espirando, os acabaõ de matar, atravessandolhe o pescoço com hum pao agudo. Assistem a este espectaculo os outros, que tambem logo haõ de passar pelo mesmo tormento, e naõ com roim rosto, nem melancolia, mas com muita alegria, e festas de musica; taõ grande he o poder, que o demonio tem adquirido sobre esta miseravel gente. *Relaçaõ Annal das cousas, que fizeraõ os Padres da Companhia de Jesus, nas suas Missoens, livro 4. das cousas de Angola, e Costa de Guiné, pag. 194. pelo Padre Fernaõ Guerreiro, da mesma Companhia, impressa em Lisbôa por Pedro Crasbeeck, Anno 16 9.*

CHINCHA. He genero de embarcaçaõ, e he pesca com rede de arrastar, principalmente sardinhas, e outros peixes; cujos pescadores se chamaõ *Chincheiros*, e as redes menores de arrastar se chamaõ *Chinchorros*, as quaes naõ saõ redes de pescar no alto, como diz Leonel da Costa, citado no Vocabular. mas saõ redes, que da terra se puxaõ.

CHINCHEIRO. Vid. supra *Chincha*.

CHINCHORRO. Vid. supra *Chincha*.

CHINCHIN. Provincia dos Reynos de Tartaria. Em hum dos seus montes ha huma mina de salamandra, isto he, de huns fios que parecem de lãa, os quaes postos ao Sol, e seccos, ficaõ limpos da terra, que lhe pegou; e se fiaõ como se foraõ lãa, ou algodaõ. Lançados no fogo se fazem alvos, e por se conservarem illesos no meyo das chammas, se chamaõ salamandras, ainda que impropriamente porque (segundo a opiniaõ de alguns Filosofos) nem a salamandra, nem nenhum outro animal póde viver no fogo, nem ficar no meyo de hum grande brazeiro, sem se queimar. Verdade he, que a salamandra deita de si hum humor muito viscoso, e summamente frio, que póde apagar hum pequeno fogo, mas em brazas vivas, e muito ardentes sobre a salamandra, sem porém ficar como as mais materias combustiveis, reduzida a cinzas. Dizem, que em Roma ha hum pano tecido de salamandra, que hum Rey da Tartaria mandou a hum Papa, e no qual fica envolto o Santo Sudario de Jesu Christo. Deste genero de panos, (segundo a opiniaõ de alguns) antigamente se envolviaõ os corpos dos Principes, e Cavalleiros illustres, que se queimavaõ; porque assim se conservavaõ seus ossos, e cinzas, e naõ ficavaõ misturadas com as cinzas da lenha queimada. *Kircker, Histor. da China. Marc. Paulo Venezian. Itin. cap. 47.*

CHINGALLAS. Vid. tomo 3. do Vocabul. Na Decada 5. de Diogo do Couto, fol. 131. col. 1. achará o Leitor noticias mais amplas da origem, e nome destes Povos.

CHIONE. Filha de Dedalion, teve de Apollo a Philammon, celebre tangedor de Alaude, e de Mercurio teve a Autolico, famoso ladraõ, dobrado parto, que procedeo da communicaçaõ, que teve huma noite com os ditos deoses. Com a sua fermosura se fez esta mulher taõ orgulhosa, que chegou a preferirse a Diana. Ella para se vingar da soberbi vaidade da sua emula, lhe atravessou a lingua com huma setta, ferida de qual morreo Dedalion seu pay, foy convertido em ave de rapina. Segundo a opiniaõ de Plinio, deu Chione à Ilha de Chio o nome. *Ovid. liv. 11. Metamorph. Plin. lib. 5. cap. 31. Hygin. Fab. 200.*

CHIOTE. Vestidura p... de burel, com capello. *Bardocucullus, i, Masc.* He de Marcial, que no livro 14. Epigr. 126 diz:

Gallia Santonico vestit te bardocucullo.

Mas Affonso antre os Chiotes
Dos pescadores de Esgueira
Fazer tanger chamalotes
He dar, por mais que tu alrotes
As cousas falsa maneira.

Obras Metricas de Dom Francisco Ma... nod

noel, Çanfonha de Euterpe, pag. 63. col. 2.

Chipo. Na Costa da pescaria, hum dia de Chipo, he hum dia de pescaria do aljofar, e tudo o mais que se pescà aquelle dia, que ordinariamente póde montar oito, ou dez mil pardaos, segundo sua fortuna. *Couto, Dec. 7. liv. 8. fol. 160. col. 3.*

Chipre. Na Cidade do Porto, he huma cova, que ha dentro das casas, onde se lançaõ lixos, e immundicias.

Chispo. Em algumas partes da Estremadura, he a parte da perna do boy, ou vaca, que pousa no chaõ, depois de cortado o pé.

Chitaõ, ou Chiton. Ponto em boca; diz o annexim Portuguez: Com El-Rey, e com a Inquisiçaõ *Chitaõ*.

Chito. Para os Portuguezes, que assistem na India, he *Escrito*; particularmente quando se falla nos papeis da Bulla.

CHL

Chloris. He o nome Grego de Flora. Vid. Flora no Vocabul.

CHO

Chocalho. Vid. tom. 2. do Vocabul. *Adagios Portuguezes do* Chocalho.

Naõ quero bacoro com Chocalho. A' boy velho, Chocalho novo. Gente ruim, naõ ha mister Chocalho.

Chochim. Homem ridiculo: Costumamos dizer chulamente de hum, que he ridiculo, e anda trapalheiro, que he Chochim de las cabaças.

Chocho. Figo chocho, he aquelle, que naõ chegando a madurecer, fica encarquilhado, e sem boa substancia. O figo, que depois de maduro se encarquilha, he figo passado. Figo chocho. *Ficus immatura, & in rugas coacta.*

Chocho. Metaforicamente. De quem começa a sentir o pezo dos annos, ou tem as forças quebrantadas de alguma grave doença, costumamos dizer vulgarmente, fullano anda chocho. *Effetus est, & exsuctus annis*, ou *morbo fractus est.*

Chocho. Tambem se diz do ovo. Ovo chocho, no Minho val o mesmo, que ovo goro; e fruta chocha val o mesmo que fruta podre.

Chochorrobio. Termo chulo. Diziase dos cantos de chapeo, muito agudos; e chapeo de chochorrobio se chamava o que era muito agudo das abas.

Choço, ou Chocos. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Peixe do mar, que he como segunda especie de ciba: tem o mesmo osso, a que chamaõ *Casco*, e o mesmo licor negro em lugar de sangue, a que chamaõ *Ferrado*; os mais pequenos, a que diminutivamente chamaõ *Choquinhos*, saõ de mayor estimaçaõ. O Adagio Portuguez diz: Já cá vay o Choquinho no guco.

Chocolate. Dizemos golosos desta bebida, que he licor Divino, porque se faz de joelhos, com as mãos juntas se menea, e com os olhos no Ceo se bebe. Vid. no 2. tom. do Vocabulario.

Chocolococa. Cidade do Perû, sessenta legoas de Lima para o Meyo dia. Os Castelhanos lhe chamaõ *Castro Virroyna*. He celebre pelas suas minas de prata, abertas no alto de hum monte, sempre cuberto de neves. As betas naõ saõ abundantes, mas a pouca prata que daõ, he finissima. Das terras circunvisinhas se traz para esta Cidade muito vinho; e elle ainda que naturalmente pouco generoso, naquelle sitio se faz excellente. Attribuese este notavel effeito à calidade do ar, o qual he taõ puro, que as rezes, que no dito lugar se mataõ, sem estarem salprezas, se conservaõ muito tempo frescas, e sãas. *Laet, Histor. do Mundo Novo.*

Chogan. Cidade da China, na Provincia de Xamsi, perto do rio Fi, sobre o qual se vê huma ponte de hum só arco, com o qual se unem dous montes: chamaõlhe *A Ponte Volante*. *Kircker, Relaçaõ da China.*

Chopra. Vid. Xopra, tom. 8. do Vocabulario.

Choramigas. Termo chulo. Quem anda sempre chorando, e carpindo. *Cujus genæ semper madent lacrymulis. Cui facilè fluunt ex oculis lacrymæ.* Vid. Chorador, no 2. tom. do Vocabulario.

Chorar. Vid. tom. 2. do Vocabul.

Outros Adagios do Chorar. Desque maos chorey, cada dia merece porque. Quem tem quem o chore, cada dia more. Quem com donas anda, sempre chora, e naõ canta. Folguemos em quanto podemos, outra hora choraremos. Aprende chorando, e rirás ganhando. Quem primeiro nasce, primeiro chora. Donos daõ, e servos choraõ. Hum em saco, outro em papo, e chora pelo do prato. Ao arrendar cantar, e ao pagar chorar. Naõ creias gallinha onde a raposa mora, nem creais a mulher que chora. Mãy, que cousa he casar? Filha, fiar, parir, e chorar. Choraõ olhos de teu amigo, e elle enterrarte vivo. A mulher, que se fia de homem jurar, o que ganha, he chorar.

Choromandel, ou Coromandel. Regiaõ da India, na Peninsula àquem do Ganges, perto da Costa da enseada, ou Golfo Gangetico; do Norte, aonde tem o Reyno de Golconda, corre para o Sul para a pescaria de Ceilaõ. Suas principaes Cidades saõ *Negapataõ*, *Palecate*, *Masulepataõ*, *Meliapor*, ou *S. Thomé*, e se divide em muitas Provincias, as mais notaveis saõ, *Madurê*, *Tranjaii*, e *Gingy*. He terra abundante de arroz, e delle, segundo a linguagem da terra, tomou o nome. Em Authores Geograficos acho *Coromandel*, mas em João de Barros sempre tenho achado *Choromandel*. *Choromandelia*, æ. *Fem.*

Choromigar. Chorar como criança. Chorar a cada passo. *Fundere lacrymulas.* Este diminutivo he de Terencio. *Lacrymulis ora passim tingere*, ou *rigare*.

As pobres choromigavaõ
Com tantas escarapellas.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 332.

Chorume. Vid. mais abaixo, Chorume.

Chover. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Chover.

A ti chova todo o anno, e a mim, Abril, e Mayo. Que chova, que naõ chova, meu amo que coma. Quando chover em Agosto, naõ metas teu dinheiro em mosto. Quando chove, e faz Sol, alegre està o pastor. Quando naõ chove em Fevereiro, naõ ha bom prado, nem bom centeo.

Chover a cantaros, *Multo imbre pluere.* Chove a cantaros, *Effusis decidit imber aquis.*

Choutador, ou Choutaõ. Cavallo choutaõ. O que anda de chouto. *Equus succussator*, ou *succussor, is*, *Masc.* O primeiro he do Poeta Lucilio, *Satyr. lib.* 4.

Succussatoris tetri, tardique caballi.

Do segundo faz mençaõ Nonio Marcello, cap. 1. §. 55. no verso, que se segue,

Campanus sonipes succussor, nullum sequetur.

Por circumlocuçaõ lhe poderás chamar, *Equus aspero gradu sessorem succutiens*, ou *Equus sessorem subsultim vehens.*

Choutar. Andar de chouto. Muito chouta a besta. *Aspeŕiore gradu*, ou *duriore gressu bestia incedit.* Vid. Chouto, tom. 2. do Vocabul.

O Adagio Portuguez diz. Em chaõ de conce, quem naõ poder andar, chouto.

Chouto. Vid. tomo 2. do Vocabul.

Choutos, saõ huns tributos de cada quatro hum, que os Gentios Guzarates pagavaõ aos Resbutos, para que estes os deixassem lavrar as suas terras pacificamente. Couto, Dec. 7. liv. 6. fol. 110. col. 2.

CHU

Chucheu. Cidade da China, na Provincia de Chekiang. Tem jurisdicçaõ sobre nove Cidades, a saber, *Sunghiang*, *Kinguing*, &c. No termo de *Sunghiang* se vem humas arvores, taõ grossas, que oitenta homens as naõ poderiaõ abraçar; as cavidades dos troncos saõ como

como cavernas; em cada huma dellas se poderiaõ agasalhar commodamente mais de quarenta pessoas. Perto da Cidade de *Kingning*, corre o rio *Luyen*, que pelas muitas canas verdes, que tem nas margens, parece todo verde. Os Chinas lhes chamaõ *Chò*, e os Portuguezes *Bambùs*. Saõ quasi taõ duros como ferro, e taõ grossos, que com ambas as mãos naõ se podem empunhar, ainda que ocas por dentro, servem de sustentar grandes pesos: com notavel artificio desfazem os Chinas estas grandes canas em fios delgados, e com elles tecem esteiras, e fazem arcas, ou cofres pequenos, e outras muitas obras muito curiosas. *Martim Martini, Descripçaõ da China na collecçaõ de Thevenot, vol. 3.*

CHUCHURRIAR. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Chuchurriando este hum bom pedaço. Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 78.

CHUÇO. O Padre Guadix quer, que seja nome Arabico, e que se derive do verbo *Chuz*, que entre Arabes val o mesmo que *Atravessar, ou passar de parte a parte*. Querem outros, que *Chuço*, se derive de Suiço, ou *Suiço*, porque dizem, que esta arma veyo dos *Suiços*, ou Esguiçaros, Povos da Germania, que usaõ della. Vid. Suiça.

CHUÈ, CHUÈ. A' ligeira. Cousa breve, pequena, e ligeira. Termo chulo.

CHUFA. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Derivase do Castelhano *Chufar*, que he zombar, burlar. O Padre Guadix deriva este vocabulo do Arabigo *Xufa*, que quer dizer *Beiço*, porque muitos com ridiculo movimento dos beiços acompanhaõ as suas zombarias. Tenho reparado, que em Cobarruvias, e outros Authores de Diccionarios Castelhanos, naõ se acha *Chufa*, mas sò o diminutivo *Chufeta*; por ventura quereraõ evitar a equivocaçaõ com *Chufa*, que tambem em Castelhano he o nome de huma frutinha doce, que se cria ao pé de sua raiz, debaixo do chaõ, de que saõ golosos os rapazes, e por outro nome lhe chamaõ *Cucas*.

CHULARIA. Facecia vulgar. Chança, ridicularia, zombaria popular. Vid. nos seus lugares, no Vocabulario.

CHULO. Aquelle, que diz graças, mas com frase baixa, ou com alguma velhacaria. *Impolitè, vel lascivè facetus, a, um.* Termo chulo. *Verbum impolitum*; se a chularia for descomposta, *Verbum Proco.*

CHUMBEIRA. Certa rede. Vid. Rede tom. 7. do Vocabul.

CHUMEAS. Termo de navio. Saõ huns canaes, que se fazem de madeira, para com elles cingir, ligar, e fortalecer os mastos quando tem estalado, e ha perigo de renderem.

CHUNAMBO. He na India o mesmo que a cal de Europa; esta se compoem de cascas de ostras para edificar, e principalmente para entrar na composiçaõ do betle, a cujas folhas se junta huma pequena porçaõ de chunambo, ou cal, e ametade de huma areca. Tem havido na India pessoas taõ voluptuosas, que mandavaõ fazer chunambo de aljofar fino.

CHUNGKING. Cidade da China na Provincia de *Suchuen*, edificada em hum oiteiro, a modo de amphitheatro. Tem jurisdiçaõ sobre dezanove Cidades, das quaes as mais notaveis saõ *Ho*, *Chung*, e *Feu*. No termo da Cidade de Feu se vè hum monte, no qual se tem aberto hum idolo, que tem as pernas encruzadas, e os braços recolhidos no seyo. O tamanho desta figura he admiravel; em distancia de mais de huma legua se lhe enxergaõ os olhos, o nariz, e a lingua. Perto da Cidade de *Ho*, està o monte de *Lungmuen*, onde ha hum Templo magnifico, e huma Bibliotheca de trinta mil volumes, principiada por hum Governador, chamado *Siuulo. Martim Martini, Descripçaõ da China de Thevenot, vol. 3.*

CHUPAR. Tirar com destreza, fallando em dinheiro. *Aliquem auro, vel argento emungere (go, xi, ctum. Plaut.)*

B. Quanto lhe tendes chupado?

A. Fanados quatro tostoens.

Obras Metricas de D. Franc. Man. tom. 2. na farça do Fidalgo aprendiz, no fim da 3. Jornada.

Chupar tabaco. He por donde se explicaõ os Portuguezes da India, para dizerem, fumar, ou tomar tabaco de fumo, uso, que ha entre todos elles sem excepçaõ, homens, e mulheres, quasi desde o berço.

Churume, ou Chorume. Substancia. Gordura.

Chusistan. Provincia da Persia. He a Susiana dos Antigos. Sua principal Cidade he *Sus*, ou *Suster*, antigamente *Susa*, Corte de Assuero. Alguns modernos chamaõ a esta Provincia *Schouster*.

Chusmar huma galé. Prover huma galé de chusma. *Triremem*, ou *navem longam remigibus munire*, (*io*, *ivi*, *itum*.) (Cativando hum grande numero de gente, de que se *Chusmaraõ* as nossas galés. Decada 4. de Couto, livro 6. cap. 9. fol. 118. col. 1.) (Hia esta Armada muito bem chusmada. Barros, Dec. 4. fol. 638.)

Chuteanos. Povos da Persia, cujo nome (segundo Josepho) se deriva de *Chuta*, Provincia, donde foraõ tirados, ou do rio *Chut*. No anno da Creaçaõ do Mundo 3314. foraõ mandados povoar a Samaria deserta, e foraõ chamados Samaritanos. Como elles tinhaõ trazido os idolos, que elles ao modo Gentilico adoravaõ, permittio Deos, que muitos leoens sahissem do deserto, e os devorassem. El Rey de Assyria conhecendo a razaõ deste castigo, mandou hum dos sacrificadores dos Judeos para instruillos na Religiaõ dos primeiros habitadores daquella terra. Com o medo dos animaes que os comiaõ vivos, sogeitaraõse ao que delles se queria, e professando a ley de Moysés, naõ deixaraõ de adorar os seus idolos. Neste culto mixto perseveraraõ alguns annos.

Chuz, nem buz. Chularia, val o mesmo, que *Nem palavra*. Naõ disse chuz, nem buz, *id est*. Ficou callado, naõ disse nem palavra. *Siluit. Obmutuit. Nihil mutivit*. O ultimo he imitaçaõ de Terencio, que diz, *Nihil jam mutire audeo*.

Ninguem abra mais a boca
Bem que fome, ou sono tenha,
Ninguem diga chuz, nem buz
Callem todos naõ dem à taramella.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, fol. 206.

CIB

Cibele. Vid. mais abaixo Cybele.

Cibola. Provincia. Vid. Civola.

CIC

Cicisbeo. Vid. Chicisbeo.

Cicladas. Vid. Cycladas.

Ciclopes. Vid. Cyclopes.

CID

CID, ou Cide. He palavra Arabica, que significa *Senhor*. Deraõ os Mouros este nome a Rodrigo Dias de Vivar, Capitaõ Castelhano, pelo grande valor, com que se houve em todas as batalhas, que os Christãos lhes deraõ em Hespanha. Deste cognome nasceo, que em muitas partes da Europa, daquelle, que he muy valente, dizemos que he hum Cid, ou hum Cide.

Pois eu sey, que com chapim,
Faz fataxas, como hum Cide.

Obras Metricas de D. Franc. Man. tom. 1. na Viola de Thalia, pag. 241. col. 1.

Cidao. Na India Portugueza he Foro.

Cidno, ou Cydno. Rio da Asia Menor, na Cilicia. He a agoa deste rio taõ fria, que Alexandre Magno, por se banhar nella, adoeceo taõ gravemente, que a mayor parte dos seus Medicos o desempararaõ; e naõ cobrou saude se naõ com huma bebida, que Filippe lhe mandou. Em alguns Authores se acha escrito, que as agoas deste rio foraõ causa da morte do Emperador Barbaroxa, vindo do Oriente pelos annos de 1100. *Quinto Curcio, liv. 3. Strabo, Plinio &c.*

CIF

Cifra. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Cifras da viola constaõ de cinco riscas, que representaõ as cinco cordas, e os numeros significaõ os trastes, em que se haõ de pôr os dedos, e as cifras saõ os golpes, que se haõ de dar nas cordas em vaõ, sem postura de trastes; e por este modo se costuma, e póde aprender a tocar viola sem mestre, tendo algum uso deste instrumento.

CIL

Cilicio. He hum tecido de pelo de cabra, ou bode, com o qual se vestem os que querem mortificar a carne, e fazer penitencia. O uso desta vestidura reyo de *Cilicia*, cujos moradores, particularmente soldados, e marinheiros traziaõ este genero de roupa. *Varro livro 2. de Re Rust. Virgil. 3. Georgic.* Para os Hebreos era o seu luto; os Setenta lhe chamaõ *Saco*, a versaõ Latina lhe tem dado o nome de *Cilicio*, *Exod.* 26. *Apocal.* 6. Parece, que estes sacos, ou cilicios eraõ negros, que he a cor propria da tristeza, e como tal mais conveniente aos que querem trazer dô, ou fazer penitencia, o que Prudencio prudentemente declara no Hymno, em que faz menção dos Ninivitas:

Squalent recinctâ veste pullati patres,
Cetasque plangens turba sumit textiles
Impexa villis virgo bestialibus.

Este trage pois de penitencia se chamava *Saco* pela figura, porque era estreito a modo de *Saco*, e juntamente se chamava cilicio, assim pela casta do pano, como pela terra de Cilicia, onde fora inventado. Diz S. Jeronymo, que a mayor parte dos que tinhaõ renunciado ao seculo, e faziaõ profissaõ de vida penitente, e que eraõ chamados *Ascetes*, e *Monges*, naõ traziaõ outro vestido. Sem embargo de que até agora se tem fallado só em pello de cabra, ou bode, parece razaõ, que debaixo do nome cilicio se entenda qualquer outra casta de pano grosso, e picante, como podia ser a vestidura de S. Joaõ Bautista, que era de pello de camelo, *S. Marcos*, *cap.* 1. ou como eraõ as dos discipulos de S. Martinho, dos quaes diz Sulpicio Severo, na vida do dito Santo, cap. 7 *Plerique camelorum setis vestiebantur; mollior ibi habitus pro crimine erat.*

CIM

Cimbre. He tomado do Castelhano *Cimbria*, que (segundo Cobarruvias no seu Thesouro) es el arco de madera, sobre el qual se fórma la buelta de la boveda. Vid. Simples, tom. 7. do Vocabulario. Segundo a dita etymologia, houveramos de escrever *Cimples*, e naõ *Simples*, nem *Simplez*. (As quaes obras, porque foraõ de madeira, podemos dizer serem *Cimbrez* das outras, que foraõ de pedra, e cal. Barros, Dec. 1. fol. 129. col. 2.)

Cimeira. Vid. tom. 2 do Vocabul. Cimeira do capacete. *Conus*, *i*, *Masc. Cic.*

Et conum insignis galeæ, cristasque comantes.

Cimentar. He de Agostinho Barbosa no seu Diccionario, por Fundar.

CIN

Cinan. Cidade da China, na Provincia de Xantung. He ornada de bellos Palacios, e magnificos Templos. O mais sumptuoso he o de Tungo, no qual (segundo a tradiçaõ dos Chinas) mais de setenta Reys viveraõ recolhidos, e retirados do mundo. Tambem nos montes circunvisinhos se vem ricas sepulturas de Principes, e Senhores da China. Em todo o termo ha muitos Templos, e cavernas, em que vivem muitos solitarios Chinas, quasi ao modo dos nossos Ermitaens. *Martim Martini*, *Descripçaõ da China na collecçaõ de Thevenot*, *vol.* 2.

Cinca. Rio de Hespanha, no Reyno

no de Aragaõ. Tem seu nascimento nos montes Pyreneos, e accrescentado com as agoas do Alcanadrè, e outros rios, se ajunta com a Segrè, para se meter no Ebro.

Cincheu. Cidade da China, na Provincia de *Quamsi*. He rica, e tem bellos edificios. Dà esta terra excellente canella, e muito melhor, que a de Ceylaõ. Tambem nella se criaõ humas plantas, a que os Chinas, pela sua grande dureza chamaõ *Arvores de ferro*. Da herva, chamada *Tù*, fazem os moradores huns panos melhores, e mais caros, que os de seda. *Martim Martini, Descripçaõ da China, na collecçaõ de Thevenot, vol.* 3.

Cinerario. Era o vaso, em que antigamente se guardavaõ as cinzas, e ossos dos Santos. Tertullian. Por isso o Herege Vigilancio chamava aos Christãos *Cinerarios. Baron. anno* 406. *num.* 44.

Cingcheu. Cidade da China, na Provincia de Xantung. A terra he montuosa, mas a visinhança do mar, e os rios a fazem abundar de tudo. Tem infinito peixe, e os moradores tiraõ grande lucro das pelles, que commummente chamaõ *Segrin*. Da barriga das vacas se tira hum ovo do tamanho de ovo de pata. Os Chinas lhe chamaõ *Nieühogan*, isto quer dizer *Amarelo*, e na realidade a dita pedra ordinariamente he desta cor. Naõ he taõ solida, e compacta, como a pedra bazar, mas he mais lisa, e os Medicos Chinas fazem mais estimaçaõ della, que da pedra bazar, para divertir fluxos, e catharros. *Martim Martini, Descripçaõ da China, na collecçaõ de Thevenot, vol.* 2.

Cinico. Vid. *Cynico*.

Cinnabrio. Vid. Cinabrio, no 2. tom. do Vocabulario. (Levando o elefante debaixo de si a serpente sobre que se revolve, a qual vay taõ inchada do sangue que bebeo; que arrebenta, e assim morrem ambos, e do sangue, que sahe da cobra, que se espalha pelo chaõ, se colhe o *Cinnabaro*, que alguns Escritores dizem, que he o sangue de dragaõ, &c. *Chronica del Rey D. Manoel part.* 4. *fol.* 276. *col.* 2. Vid. no 7. tom. do Vocabul. Sangue de dragaõ, onde se refuta esta opiniaõ do Cinnabaro, ou Cinnabrio.

Cinnamomo. Vid. tom. 2. do Vocabular. Na Decada 5. fol. 20. faz Diogo de Couto mençaõ do erro em que cahio Plinio, dizendo, que o Cinnamomo nasce na Ethiopia visinha à Troglodita, e que aquella parte porque corria a Equinocial, era chamada dos Authores antigos *Cinnamomifera*, que quer dizer, *Terra, que produz o Cinnamomo*, o que havia de nascer de essa canella lhe ir ter às mãos por via do mar Roxo pela dos mercadores Arabios, que viviaõ naquella parte da Troglodita, e naõ perguntando na Grecia, onde nascia esta droga, entendiaõ, que se dava na terra dos Arabios, que lha levavaõ; como tambem alguns Escritores antigos, porque viaõ ir a canella por via de Alepo, lhe chamaraõ *Cinnamomo Alepitino*, e por esta confusaõ naõ sabemos hoje, que sorte de especiarias, e cheiros saõ *Duaca*, *Mocroto*, *Magla*, e *Asiplii*, de que Ariano faz mençaõ, que diz, nascerem em Arabia, e em Ethiopia; nem o *Nicato*, *Gabalio*, e *Tarro*, que Plinio nomea por cheiros de Arabia, onde nunca soubemos mais, que *Incenso*, *Estoraque*, e *Myrrha*; nem em todas as Ethiopias houve nunca outra droga, se naõ *Gengivre*, e este bem roim, e só no Reyno de Damute.

Cinthia. Epitheto, que se dá a Juno, a qual presidia nos casamentos. Derivase do Latim *Cingere*, que quer dizer, *Cingir*, porque quando se celebrava algum matrimonio, costumavase tirar às noivas o cinto. *Festo*. Tambem nos sacrificios, que se lhe faziaõ, se tirava às victimas o fel, e o escondiaõ em algum lugar occulto, perto do Altar, para significar, que nos casamentos naõ ha de haver cousa que os possa amargar. *Alexand. ab Alexand. liv.* 6. *cap.* 4. Vid. Cynthia tom. 2. do Vocabul.

Cipa-

CIP

Ciparisso. Vid. *Cyparisso.*

Cipó. Planta admiravel contra todo o genero de camaras. Tomada em pó, faz vomitar. A doze he oitava. Vid. Ipecacuanha no 4. tom. do Vocabul.

CIR

Cirata de sella. No Thesouro da lingua Portugueza, o Padre Bento Pereira lhe chama *Pellis ephippiaria.* Contando ElRey D. Sebastiaõ hum dia na caça, que passando por huma parte, achara hum ribeiro taõ fundo, que lhe deu a agoa delle pela *Cirata*, perguntou hum mancebo Fidalgo a Antonio Vellez, que cousa era Cirata; e porque o Fidalgo por ter ouvido a Esfera, e ser isso em Ptolomeu, os trazia amofinados com lhes contar cousas de outras Provincias, e a situaçaõ, e paragem onde cahia cada huma, lhe respondeo Antonio Vellez, mal haja quem vos ensinou primeiro onde cahe a Moscovia, que o saber que cousa he *Cirata.*

Circassia. Ampla Regiaõ da Asia, separada da Georgia, pelo Ponto Euxino, e o monte Caucaso, que lhe fica ao Sul. Tem esta terra varios Principes, que quasi todos saõ subditos do Czar de Moscovia, o qual he Senhor da Cidade de *Teiki.* O restante do Paiz tem poucas Cidades, e está quasi todo despovoado. Os naturaes pela mayor parte fazem sua vivenda nos matos, para se livrarem das correrías dos Tartaros, que os buscaõ para escravos, porque saõ destros, bem feitos, e capazes de todo o genero de ensino, e como taes se vendem mais caro. Fazem seu commercio, que consiste em mel, cera, couros de vaca, e pelles de tigres, sem dinheiro por troca, e commutaçaõ. Dizem, que naõ ha gente no mundo taõ bem apessoada, nem taõ agasalhadora de estranhos, como estes. Antigamente eraõ Christãos, mas por falta de instrucçaõ, muitos delles cahiraõ no Mahometismo. Porém como naõ tem leys escritas, naõ fazem actos, nem ceremonias de Religiaõ, contentaõ-se com professar interiormente a Ley de Christo, ou de Mafoma. Tem sua linguagem particular, e muitos delles fallaõ Turco. *Olcario, Viagem da Persia, Herbert, Sanson, &c.* *Circassia*, æ, *Fem.*

Circe. Filha do Sol, e de Perseis, que era filha do Oceano, foy huma famosa feiticeira, e (se houveramos de dar credito aos Poetas) taõ cruelmente maligna, que, unicamente pela ambiçaõ de reynar, deu veneno ao Rey dos Sarmatas, seu marido, e a muitos dos seus subditos, com cujas vidas examinava por ensayo a efficacia dos seus venenos; excesso taõ barbaro, que se levantaraõ, e a exterminaraõ da sua terra. Desterrada veyo morar em huma Ilha, perto da Toscana, com hum Promontorio, que do seu nome della foy chamado *O Cabo de Circe.* Naquelle seu domicilio, com seus encantos fez baixar do Ceo as Estrellas; levada de ciumes, transformou a Scylla, filha de Phorco em monstro marino; e mudou a Pico, Rey dos Latinos, em hum passaro chamado *Picanço.* A Armada de Ulysses, dando pelos seus encantos naquella costa, e submergida, converteo em porcos aos companheiros, que Ulysses mandara reconhecer a terra, aonde a tormenta a lançara. Livrou Mercurio a Ulysses da mesma desgraça com a herva *Moly*, que elle lhe deta, para preservativo dos encantos de Circe; advertindolhe no mesmo tempo, que chegando ella a ferillo com sua vara, tirasse pela espada, ameaçando-a com a morte, até que ella convidando-o com a sua amizade, lhe offerecesse seu talamo, e jurando por todos os Deoses lhe prometesse, que nunca lhe faria damno algum. Pontualmente seguio Ulysses o conselho de Mercurio, e Circe lhe restituio os seus companheiros na sua primeira figura. Com esta Fabula se conhece a contagiosa violencia da sensualidade, que muda os homens em brutos; quan-

quando se entregaõ aos seus encantos. *Ovid. lib. 14. Metamorphos. Homer. Odyss. 10. Hesiodo Theogon. Natalis Comes, &c. Circe, es, Fem.* Os Poetas Latinos chamaõ a Circe, *Sole nata, Solis filia, Edita Sole Dea, Titania venefica; &c.*

CIRCENSES. Jogos. Eraõ muito usados em Roma, à imitaçaõ dos jogos Olympicos da Grecia. Nos jogos Circenses dos Romanos se faziaõ cinco castas de exercicios. O primeiro eraõ as carreiras em carros; o segundo o salto, isto he, a quem saltaria mais tempo, e mais alto; o terceiro era o disco, a saber huma pedra, ou pedaço de metal chato, e redondo, a quem o lançaria mais longe; o quarto a luta, na qual dous Athletas em couro, e desde a cabeça atè os pés untados com azeite, procuravaõ derrubarse com cambapés; o quinto era o cesto, que era huma especie de manopla, feita com correocns crus de boy, guarnecidas da balinhas de ferro, ou de chumbo, com que os contendores se feriaõ, e muitas vezes se matavaõ. No dia destinado para estes jogos, amanheciaõ os da festa no Capitolio, do qual com grande apparato, e boa ordem sahiaõ todos, e pelas praças, e ruas de Roma mais frequentadas davaõ muitas voltas, para ostentar a pompa do espectaculo. Na festa marchavaõ os carros, cheyos das estatuas dos Deoses, e dos mais illustres, e antigos Heroes Romanos; apoz estes se seguiaõ os carros, que levavaõ as principaes Damas de Roma ricamente trajadas, e no cabo vinhaõ os carros, que haviaõ de dar as carreiras. Depois de recolhidas as estatuas dos Deoses, apeavaõ dos seus carros as Damas, e tomavaõ os seus lugares. Dado o primeiro sinal, sahiaõ os combatentes, divididos em quatro Quadrilhas, cada huma de sua cor; a primeira se chamava a Quadrilha verde, a segunda a Quadrilha azul; a terceira a vermelha; a quarta a branca; accrescentou o Emperador Domiciano o ouro, e a purpura, em outras duas Quadrilhas, que tomaraõ os nomes da sua cor. Faziase por sortes a eleiçaõ dos combatentes, e segundo a semelhança das letras, que se tiravaõ da urna, ficavaõ emparelhados. Dado o ultimo sinal ao som dos clarins, e com hum veo branco despregado, largavaõse os cavallos para a carreira, e chegando à baliza, era necessario dar humas tantas voltas ao redor della, sem tocalla, no que consistia a destreza, e o primor, e he o que nos diz Horacio nestes versos da Ode 1. do 1 livro:

——— *Metaque fervidis*
Evitata rotis.

Nos seus lugares Alfabericos acharà o Leitor a descripçaõ dos outros quatro exercicios, concernentes a estes jogos do Circo, ou Circenses.

CIRCUNDUCTAR. Termo forense. Circunductar a citaçaõ, he riscalla. Os Jurisconsultos dizem, *Citationem circumducere.* Poderás dizer, *Vocationem in jus delere.* (A citaçaõ se circunducta, quando nenhuma das partes vem a juizo. Livro 3. da Ordenaçaõ tit. 1. §. 18.)

CIRCUNFLUIR. He palavra Latina de *Circumfluere*, que significa correr cousa liquida em roda.

Tendo em vosso poder quanto alumea
Das luzes o Monarca,
Circunflue *Nereo, Ceres abarca.*

Manoel Tavares, Ramalhete juvenil, fol. 212.

CIRCUNFUSO. He tomado do Latim *Circumfusus*, que val o mesmo, que cousa espalhada ao redor.

Tal de inimiga turba Circunfusa
Raro aggressor se escusa.

Man. Tavares, Ramalhete Juvenil, fol. 210.

CIRENE. Vid. Cyrene.

CIRENAICOS. Filosofos. Vid. Cyrenaicos.

CIRIO. Vid. tom. 2. do Vocabul.

Cirio. Festa de romagem, quando vaõ de romagem os Irmãos, v.g. da Nazareth, entaõ levaõ o Cirio à mesma Senhora.

CIRZIR. Na pag. 634. da sua obra sobre Achilles Tacio, onde explica o

Ren-

Rentraire dos Francezes, que responde ao *Cirzir* dos Portuguezes, diz Salmasio: *Illa futura, quam nos Retracturam vocamus vulgo, filum, quo consutæ, & contextæ sunt partes, sic occultat, & intus contrahit, ut non cernatur, sed textura pro futurâ videatur.*

CIS

Ciscar, ou Giscarse. Termos chulos, Irse embora furtivamente. Desapparecer.

Cisne. Ordem dos Cavalleiros do Cisne. Dizem, que pelos annos de 711 Thiodorico, Duque de Cleves, vendo-se com huma só filha chamada Beatriz, a deixou herdeira dos seus Estados. Esta Princeza, perseguida de seus visinhos, que a queriaõ despojar de seus bens, se recolheo em hum Castello, chamado *Nieuf-bourg*, no qual foy apadrinhada, e defendida por hum Cavalheiro, chamado Elias, com quem ella casou, e porque este Cavalheiro tinha no seu broquel a effigie de hum Cisne, foy instituida a Ordem do Cisne. Fr. Jacintho de Deos, no seu livro das Ordens Militares, pag. 206 traz a instituiçaõ desta Ordem por outro modo; e diz assim: *Salvio Brabon, que segundo alguns, deu o nome á Provincia de Brabancia, crion huma Ordem, cuja insignia era hum Cisne, de que se nomearaõ* Cavalleiros do Cisne. *Seu fim, e Instituto era compor os discordes, pacificar os inimigos, e fazer as mais obras de piedade, que convem ao verdadeiro Christaõ.* Estas noticias taõ encontradas poem em duvida a instituiçaõ desta Ordem. Alguns Authores a tem por fabulosa, ou tem por fabulas algumas circunstancias della. No Theatro de Honra, e de Cavallarias, escrito por Favin, Author Francez, tom. 1. liv. 1. pag. 1373 achará o Leitor com que satisfazer amplamente a sua curiosidade na averiguaçaõ deste Instituto.

Cisterna. Principado no Piemonte, na Casa dos Senhores de Vauguera.

CIT

Citar. No Grisol Purificativo sempre se achará por citaçaõ, ou allegaçaõ.

Citaçaõ. Vid. no mesmo Vocabul. Vir a juizo, no lugar da citaçaõ feita pelo Juiz, ou pelas partes. *Ex vigraphâ judiciali, vel ex condicto, ad diem adesse, si se præsentem.* Budeu, Verbum Pœnensium, pag. 16. col. 2. Os que naõ appareceraõ nos dias da citaçaõ. *Desertores causarum.* Idem, ibidem.

Aceitar o Juiz a citaçaõ na forma que eu quizera. *Quo vales vadimonium promitto.* Id. ibid.

Citaçoens dilatadas de dia em dia, ou continuadas com esperança de concerto. *Vadimonia sæpe controversiæ componendæ sæpe dilata.* Id. ibid.

Citaçaõ feita, para ouvir jurar as testemunhas. *Denunciatio testimoniales condictum.* Id. ibid.

Faltar á citaçaõ. *Vadimonii diem non obire.* Id. ibid.

Citara. Vid. mais abaixo, Cythara.

Citherea. Vid. Cytherea.

Citheron. Vid. Cytheron.

Citra. Vid. Cythara, no tom. 2. do Vocabul.

Escrevo-vos, e he força, que rendece
A penna, a Citra, a maõ, e que entretanto

Alguma corda temperada roce.

Obras metric. de D. Franc. Manoel, Çanfonha de Euterpe, 125.

Citta. Esta palavra, em lingua Italiana quer dizer Cidade, e em outros idiomas naõ deixa de ter lugar, para significar certas Povoaçoens, ou Cidades de Italia, cujo nome traduzido em outras linguas difficultaria o conhecimento dellas, e assim em Vocabularios, ainda que Francezes, se achaõ *Città di Castello, Città di Chieti, Città Ducale*, ou *Reale, Città nova, Città di Sole, Città vecchia &c.*

Città di Castello. He Cidade de Italia, no Estado Ecclesiastico, e Cabeça

beça de huma terra; que tem titulo de Ducado; fica sobre o rio Tybre, quasi na fronteira da Toscana, e do Ducado de Urbino. *Tifernum*, ou *Tiberinum*.

Citta di Chieti. Cidade de Italia, no Reyno de Napoles, na Provincia do Abruzzo Citerior. *Teatea*, ou *Teates*, *Fem*. Deste nome Latino dá dita Cidade, se deriva o dos Clerigos Regulares Theatinos, porque o Prelado João Pedro Carafa, Confundador da dita Religião com S. Caetano, era então Bispo de Chieti, em Latim *Episcopus Theatinus*, e depois foy assumpto ao Pontificado com o nome de Paulo IV.

Citta ducale, ou Reale. Cidade de Italia, no Abruzzo Ulterior, e huma das quatro portas principaes, para entrar no Reyno de Napoles. Fica no Estado Ecclesiastico, sobre o rio Velino.

Citta nova. Cidade da Istria. He dos Venezianos, na costa do mar Adriatico, aonde desemboca o rio chamado *Quieto*, a que os Authores chamaõ *Neuportus*. Tem Bispo, suffraganeo ao de Aquilea. Os Latinos chamaõlhe *Æmonia*, e *Civitas nova Istriæ*.

Citta di sole. Cidade de Italia, na Romanha, sobre o pequeno rio Fanhone. He do Graõ Duque de Toscana.

Citta vecchia. Cidade da Ilha de Maltha, assentada em hum oiteiro; algum dia foy Cabeça da dita Ilha. O seu Bispo he suffraganeo de Palermo.

CIU

Ciudad. Pelas mesmas razoens, que temos declarado na explicação do vocabulo Italiano Città, he preciso, que usemos neste lugar desta palavra Castelhana para Cidades, que neste particular haõ mister o mesmo privilegio, que *Ciudad Rodrigo*, que entre nós he corrente; e que já tem seu lugar no segundo volume do nosso Vocabul. e assim havemos de dizer *Ciudad Real*, *Ciudad del-Rey Filippe &c.*

Ciudad real. Cidade de Castella a Nova, perto do Guadiana, entre Calatrava, e Almagro, em huma planicie muito fertil, mas falta de agoa.

Ciudad del rey Filippe. Cidade da America Meridional, na terra Magallanica; está hoje destruida. No anno de 1520. Fernando de Magalhaens, nosso Portuguez, tinha descuberto o Estreito do seu nome. Quizeraõ os Castelhanos apoderarse delle, e tirar às mais Naçoens o ingresso, mas todos aquelles, que, pelo de cincoenta annos foraõ mandados para este estreito, pereceraõ. Pelos annos de 1585 foy para lá Sarmiento com quatro navios, e na entrada do Estreito fez hum porto, a que elle nomeou de Jesus, e mais adiante edificou a Cidade, chamada *del Rey Filippe*, porém como a Colonia, que elle deixou, carecia de tudo, e naõ tinha esperança alguma de soccorro, em breve tempo a miseria, e a fome afugentaraõ os moradores. Depois disto os Inglezes, e os Hollandezes, zombando da empreza dos Castelhanos, chamaraõ àquelle lugar *Porto da fome*.

Ciudad Rodrigo. Vid. o segundo volume do Vocabul. na letra C.

Civencheu. Cidade da China, na Provincia de Fokien. He muito mercantil, pela visinhança do mar, e por lançarem ferro ao pé della os mayores navios. Naõ ha Cidade com edificios mais nobres, e magnificos. A construcçaõ dos Templos, dos Palacios, e arcos triunfaes he admiravel. A ponte de Loyang, sobre o rio do mesmo nome, he obra, que no Mundo naõ tem igual. Tem mais de trezentas e dessenta vergas de comprimento (verga he medida Geometrica de doze pés de Rinthlanda cada huma.) Em lugar de olhaes, ou arcos, descança esta obra em mais de trezentos pilares muito grossos, que por huma, e outra parte fenecem em angulo agudo, para quebrar a violencia das correntes. Cinco grandes lagens occupaõ toda a largura de hum pilar a outro, e cada lagem destas tem dezoito pés ordinarios de comprimento. As guardas, ou pedras peitoris saõ ornadas de obras de escul-

esculturacom figuras de leoens, pousados nas suas bases. Tudo isto he só a primeira parte da ponte, que vay dar em hum Castello, ao qual se segue a outra parte da dita ponte, quasi do mesmo comprimento, e com semelhante architectura. *Martim Martini, Descripçaõ da China, na collecçaõ de Thevenot, vol. 3.*

Cività. Mais acima na palavra Città achará o Leitor a razaõ, porque usamos destes nomes Italianos.

Civita Busella. Cidade de Italia, no Reyno de Napoles, no Abruzzo Citerior, sobre o rio Sangre. *Bucellum, i, Neut.*

Città nova. Pequena Cidade de Italia, na Marca de Ancona, com titulo de Ducado na Casa Cesarini. Fica assentada em hum oiteiro, perto do mar Adriatico, cinco, ou seis milhas da Santa Casa de Loreto.

Civita vecchia. Cidade de Italia, com porto de mar, no Patrimonio de S. Pedro. Na opiniaõ de alguns he o *Centum-cellæ* dos Antigos. (De Civitá Vecchia, até Ostia. *Pimentel, Arte de navegar, Ediçaõ do anno* 1699.)

Civitella. Cidade do Reyno de Napoles, no Abruzzo Ulterior, em hum monte aspero, e escarpado pela parte do Norte. Ao pé deste monte havia huma Citadella, fortificada com cinco baluartes; mas os moradores os demoliraõ, quando Carlos VIII. Rey de França entrou em Italia.

CIZ

Cizar. Vid. mais abaixo Sisar.

Ciziraõ. Herva nociva, que se dá nos paes. A semente lhe negra como a da ervilhaca; porém o miolo da ervilhaca he amarello, e o do ciziraõ he branco. O Adagio Portuguez diz. Trigo de Ciziraõ, pequena maça, grande paõ.

CLA

Clade. He tomado do Latim *Clades.* Matança, mortalidade de homens, e animaes, infortunio grande de muitos. *Clades, is, Fem. Cic.*

Com vinte, ou trinta mil torna à Cidade,
Donde sahido tinha o Esquadraõ,
Que padeceo no mar taõ larga Clade.

And. da Sylva, Destruiç. de Hespanha liv. 1. Oit. 101.

Clagenfurt. Cidade de Alemanha, Cabeça do Ducado de Carinthia, duas leguas do rio Dravo.

Clara. Cidade de Irlanda, e Cabeça de Condado.

Clarença, ou Clara. Cidade de Inglaterra, sobre o rio Stouvio. Tem titulo de Ducado, e muitos dos seus Duques tem grande nome nas Historias de Inglaterra.

Clarença. Terra da Grecia, no Peloponeso, ou Marca. Tem titulo de Ducado. A Cidade principal tambem se chama Clarença, e alguns Authores a tomaõ por *Dyma*, Cidade pouco distante do mar Jonio.

Clarendon. Cidade de Inglaterra, celebre pelo Conciliabulo, que nella se ajuntou no anno de 1164. no qual Santo Thomás de Cantuaria, solicitado por outros Prelados, e Grandes do Reyno, subscreveo nos artigos, que se chamavaõ *Os costumes Reaes*, supprimindo porém estas palavras *Salvo a ordem*, que eraõ de grande importancia. Sabendo depois, que os ditos artigos eraõ muito contrarios às liberdades da Igreja, ficou taõ sentido, que naõ teve animo para se chegar ao Altar, sem primeiro ter recebido a absolviçaõ do Papa *Alexandre II. Baronio, Anno Chr.* 1164. *Mattheus Pons. &c.*

Claros. Cidade dos Colofonios, na Jonia. Segundo a etymologia de Nearco, derivase do Grego *Cliros*, Forte, porque coube a Apollo; outros derivaõ *Claros*, do Grego *Claiein*, Chorar, porque *Manto*, filho do adevinho Tiresias, e a quem se attribue a fundaçaõ desta Cidade, fugindo de Thebas, depois do saco, que lhe deraõ os *Epigones*, aportou nesta praya, e das lagrimas que verteo, se formou huma fonte, que deu a este

este lugar o nome. Desta, ou de outra fonte do mesmo lugar, dizem, que aos que bebiaõ della inspirava furor Poetico, mas de ordinario causava aos mesmos enfermidades mortaes. *Strabo, liv.* 14. *Pausanias, Plin, &c.* Escreve Strabo, que o adevinho Calchas, depois da tomada de Troya, voltando por terra com Amphiloco, filho de Amphiarao, passara por *Claros*, onde achou adevinhos mais scientes do que elle, porque querendo Calchas experimentar a habilidade de hum delles, e perguntandolhe quantos filhos deitaria huma porca, que estava prenhe, Moplo, que era este adevinho, respondeo, que deitaria só tres, dous machos, e huma femea, o que succedeo assim. Mas Calchas naõ sabendo dizer quantos figos havia em huma figueira, e Mopso acertando com o numero delles, ficou o dito competidor taõ envergonhado, e taõ corrido de se ver vencido na sua arte, que morreo de desgosto. *Claros*, he de Ovidio, que diz:

Et Claros, & Tenedos, Patareaque
Regia servit.

Claros. Tambem he o nome de huma Ilha do Archipelago, ou (como diz Hofman no seu Lexicon Universal) no mar Myrtoo. Dizem alguns, que he huma das Cycladas, e que hoje se chama *Calanto*. *Claros* Cidade, e *Claros* Ilha, foraõ celebres pelos Oraculos de Apollo; desta, ou daquella foy Apollo cognominado *Clarius*.

Classe. Armada. Vid no tom. 2. do Vocabul.

Exercitos a terra vaõ cobrindo,
Com vastas Classes *geme o Oceano.*

Faria, Fonte de Aganip. liv. 1. Centur. 6. Sonet. 84.

Claudicar. No Vocabulario digo, que só no sentido metaforico este verbo he usado; porém no livro intitulado Eva, e Ave, acho, que o seu Author, tambem no sentido natural usa delle, como se vê na parte 1. da dita obra, cap. 22. fol. 107. n. 9. onde diz de Leoncio, Esscultor em Çaragoça (Esculpio hum moço claudicando de huma perna chagada.)

Clazomena. Cidade da Asia Menor na Jonia, sobre o mar Egeo, entre Smirna, e Chio. Deu muitos homens illustres, e entre elles o Filolofo Anaxagoras, cognominado o Fisico.

CLE

Clemencia. A prisca Gentilidade fez da Clemencia huma Deosa, e a representou com hum ramo de loureiro em huma maõ, e na outra huma lança, para dar a entender, que a benignidade, e a misericordia saõ virtudes proprias de guerreiros victoriosos. Depois da morte de Julio Cesar, os Romanos dedicaraõ à Clemencia hum Templo, do qual faz mençaõ Plutarco; como tambem Cicero nas suas Oraçoens *Pro Marcello, & pro Ligario*. O Poeta Claudiano a descreve como conservadora do Mundo. Os Emperadores Tiberio, e Vitellio manderaõ cunhar nas suas moedas a sua imagem.

Glerac. Cidade de França, na Guienna; sobre o rio Lot, que mais abaixo huma legoa se mete no Garuna.

CLI

Clicia. Vide mais abaixo *Clitia*. Vid. Clycia no Vocabul.

Cliente. Entre os Romanos era o Cidadaõ, que estava debaixo da protecçaõ de algum poderoso. Este patrono favorecia com a sua authoridade, e fazenda ao Cliente; e o Cliente votava em favor do seu patrono, quando para si, ou para os amigos pertendia algum officio na Republica. Clientela, pois era o patrocinio dos Grandes de Roma para bem dos pobres Cidadãos seus afilhados. Este direito de protecçaõ, e amparo foy instituido por Romulo, para unir com os pobres os ricos com vinculos taõ suaves, que huns vivessem sem desprezo, e outros sem inveja.

Clio. Musa, a que os Poetas fazem filha de Jupiter, e de Mnemosyna, Deosa

fa da memoria. Costumaõ representalla em figura de mulher moça, coroada de louro, tendo na maõ direita huma trombeta, e na esquerda hum livro, em que se vê escrito o nome de Thucydides, *Herodoto*. Presidia na Historia, e com seu nome, que quer dizer *Gloria*, significa a que nas suas historias os bons Escritores daõ aos Varoens illustres.

Clitia, ou Clicia, filha do Oceano, foy amada do Sol, mas vendose desprezada, e sabendo que Leucothoe era a querida, foy tal a sua inveja, e a sua ira, que o declarou a Orchamo, pay desta ultima Nymsa, o qual a matou. Apollo irado deste successo, converteo em odio todo o amor que elle tinha a Clicia. Do que ella teve taõ grande sentimento, que se deixou morrer de fome, e foy mudada na flor, chamada Heliotropio, da qual dizem os Filosofos naturaes, que sempre se vira para o Sol.

Clitoris. Dizem as Fabulas, que Clitoris, filha de hum Myrmidon, era taõ fermosa, que Jupiter se namorou della, mas juntamente taõ pequena, que para a lograr, fora Jupiter obrigado a transformarse em formiga.

CLO

Clotho. Huma das tres Parcas, que Hesiodo faz filhas de Jupiter, e de Themis, e segundo a fabulosa antiguidade, fiaõ as nossas vidas. Clotho tem na maõ a roca, e puxa pelo fio. Representavaõ-na com opa roçagante de varias cores, coroada de sete Estrellas, e com huma roca na maõ. Poem Luciano a Clotho nos Infernos com Caronte, e diz, que faz a lista de todos os mortos, que passaõ na barca de Caronte. Clotho derivase do Grego *Clotein*, que quer dizer *Fiar*.

COA

Coa, ou Co, ou Coos. Ilha do Archipelago, na Asia, para a Costa de Caria. He muito nomeada nas Historias; por ser Patria de Hippocrates, do pintor Apelles, e daquella moça, chamada Pamphila, inventora do modo de criar os bichos da seda, arte, que os Povos desta Ilha ensinaraõ a seus visinhos, e se foy communicando a todo o mundo. Hoje os Turcos chamaõ a esta Ilha *Stanco*, ou *Stankou*; o seu nome mais commum he *Lango*; ha nella huma Cidade deste nome. Tambem se fez esta Ilha famosa pelo famoso Templo de Esculapio, no qual havia huma fermosa estatua de Venus, que foy levada a Roma no tempo de Augusto; e este Principe em remuneraçaõ do obsequio dos Insulanos de *Coa*, ou *Cos*, lhes perdoou cem talentos do tributo annual, em que estavaõ taxados. Esta Ilha foy dos Cavalleiros de Rhodes; o Turco lha tomou, e he hoje Senhor della. *Strab. lib.* 14. *Aristot. liv.* 5. *dos anim. cap.* 19. *Plin. Ptolom.* He de advertir, que no livro 3. dos Reys, cap. 10. vers. 28. e no 2. dos Paralipomen. cap. 1. vers. 16. está, que os mercadores de Salamaõ traziaõ de *Coa* bellos cavallos. Naõ convem os Interpretes em determinar, que terra era esta *Coa*; querem alguns, que fosse a Cidade de *Goa* na India Oriental; mas padece esta opiniaõ muitas duvidas; e melhor he seguir o parecer dos que tomaõ a palavra Hebraica por nome appellativo.

Coanza. Rio de Africa, na parte mais Meridional do Reyno de Congo, para o de Angola. Sahe da lagoa de Zaire, atravessa a de Aquilonda, e se vem meter no mar Ethiopico, perto da Cidade de S. Paulo de Loanda.

COB

Cobales. Segundo Aristophanes, derivase do Grego *Cobaleya*, que quer dizer *Fraude, engano, dolo*, e se origina do Hebraico *Chebel*, que dos Hebreos, Syriacos, e Arabes, se toma por *cordas, laços, peas, &c.* e segundariamente quer dizer *Artificio, enredo, astucia, maranha*, e assim no Psalmo 119. vers. 61. onde diz David, *Funes peccatorum circumplexi*

complexi sunt me, em lugar de: *Funes*, lem huns interpretes, *Doli*. Eraõ pois Cobales huns demonios, com figura humana, que por outro nome se chamavaõ *Satyros*, e acompanhavaõ ao Deos Bacco. Dizem, que ainda hoje ha muitos na Sarmacia, a que os Sarmatas chamaõ *Drullos*, os Russios *Colikes*, os Alemaens *Cobaldes*, que se escondem nos cantos das casas, e servem com cuidado, e primor aos a que se affeiçoaraõ, pensaõ os cavallos, alimpaõ as casas, tiraõ da casa do visinho o que podem, e o trazem para a casa do seu senhor, e finalmente cumprem com todos os officios de bons criados. *Natalis Comes liv. 5. cap. 12. das suas Mythologias.*

Coblents, ou Coblantz. Cidade de Alemanha, no Arcebispado de Treveris, onde se ajunta o Mosella com o Rheno. Tem boas Igrejas, e boas casas ao longo do rio. *Confluentia, æ, Fem.*

Cobra. Pao de cobra. Vid. Pao.

Cobra de Capello. Bicho do Brasil, a que deraõ os Portuguezes este nome, porque tem sobre a cabeça huma pelle cartilaginosa, que se abre, e fecha, e quando se abre, representa hum capello de frade, e com mais propriedade huma mulher com patas, ou monhos. Terá de comprido cinco até sete palmos, e grossura em proporçaõ, a barriga branca, os lados amarellos, e as costas com pintas pretas sobre pelle cinzenta. No capello aberto lhe apparecem dous SS muy perfeitos, de cor preta, hum de huma banda, outro da outra. Com ser animal ferocissimo, se enleva tanto no som natural de huma gaita, que sahe da cova a gozar de mais perto a melodia, e o gaiteiro a mete, e fecha em hum cesto, e com suas traças a vay amansando até a fazer bailar em companhia de hum rato; mas as mudanças todas consistem em mover a parte superior de hum lado para o outro com o capello aberto, e isto ao som de huma gaita, e de hum tamboril pequeno, a que os Paysanos chamaõ *Daca*. Com o çumo de certas hervas applicado aos narizes, fica taõ adormecida, que hum rapaz, ainda sem estar vestido, a toma nas mãos com muita confiança, e faz della quanto quer; ora a bota como collar de ouro ao pescoço, ora como talim a tiracolo, logo a transforma em talabarte, cingindose com ella pela cintura, e talvez lhe mete a cabeça na boca, confiado na virtude das hervas, que mastigou: com estas habilidades andaõ estes gaiteiros correndo as Aldeas. Veneraõ os Gentios esta cobra, como sagrada, e sempre criaõ alguma nos seus Pagodes, beneficio, que ella recompensa aos seus devotos, mandandolhe algum filho, ou filha. Dizem, que sobre a cabeça de huma destas se sustenta a maquina do Mundo, mas quando lhe perguntaõ onde a cobra firma a cauda, naõ sabem responder. O mais efficaz remedio contra a mordedura destas cobras, e de qualquer outro animal peçonhento, he a graça de huma familia de Idolatras, chamada *Mandecravos*, cujos descendentes com huma pouca de agoa, tirada com a sua maõ de qualquer poço, ou fonte, que daõ a beber, e lançaõ sobre a cabeça do mordido, lhe restituem a saude infallivelmente. Vid. mais abaixo *Mandrecoras*.

Cobra de Cascavel. Vid. supra Cascavel.

COC

Coça de pancadas. Vid. Bumba.

Coçar. Vid tom. 2 do Vocabulario. De quem está muy occupado, e he muy buscado, dizemos, que naõ tem tempo para se coçar.

Cocar. As plumas levantadas no chapeo. *Crista plumatilis, in galero erecta.* Outros dizem Cocarda.

Cocedra. Palavra antiquada. Parece, que era peça de cama. No testamento da Rainha Santa Isabel se faz mençaõ desta peça. Vid. Alcobaça Illustrada.

Cochumiacos. Palavra do Japaõ. Assim chamaõ os Bonzos às letras de cambio, que elles daõ aos moribundos para o Ceo. *O Padre Joaõ de Lucena, Vida de S. Franc. Xav. pag. 713. col. 2.*

Coco.

Coco. Vid. tom. 2. do Vocabulario. (femelhantes viftas faõ o *Coco*, com que as amas affombraõ, ou acalentaõ os meninos, defta, e ainda de mayor idade. *Vida de D. Fr. Barthol. dos Martyres, liv. 1. cap. 1. fol. 3. col. 4.*)

Coco de Maldiva. Nafce no fundo do mar; tem a fórma de rim, e nafcem na arvore dous pegados; a cafca he negra, e o miolo com a cafquinha parda, he branca, como o coco que fe come. Da cafca fe fazem pucaros, como barquinhas com pés, e azas de prata para beber, porque he grande contraveneno; e os Mouros, e Gentios da Afia fazem delle grande eftimaçaõ. A onça defte coco tem mais de dobrado valor da pedra bazar.

Cocorim. Palavra Turquefca. (Os Turcos azedavaõ mais os foldados Portuguezes, chamandolhes *Cocorins*, que quer dizer *Gallinhas*. Diogo do Couto, Decada 6. livro 10. fol. 205. col. 1.)

COD

Codea. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Dizfe tambem do miferavel; fullano he hum codea. Chulo.

Codear. Chulo. Comer. Derivafe da codea de paõ.

Codim. Inftrumento mais pequeno, que enxada, que na India ferve de cavar, como os noffos Alferces, fó differe em fer todo direito de alto abaixo. (Suppra muitos fervidores com enxadas, Codilos, pás, &c. Diogo do Couto, Dec. 4. fol. 205. col. 1.)

Codo. No Diccionario de Agoftinho Barbofa, val o mefmo que geada. Vid. Geada.

Cods-scherif. Daõ os Turcos efte nome á Cidade de Jerufalem. *Cods*, quer dizer *Santidade*, *Scherif*, val o mefmo, que *Principe*; e affim *Cods-Scherif*, fignifica *Santidade do Principe*. He opiniaõ de muitos, que os Turcos deraõ á Cidade de Jerufalem efte nome, porque totalmente cream, que Mafoma viera a Jerufalem de noite, para dahi remontarfe ao Ceo, e que tornará a vir ao mefmo lugar, para julgar o Mundo, fegundo o diz o feu Alcoraõ. Supponho, que para efta funçaõ baixara tambem de noite, e naõ ás efcuras; que ninguem dará fé defte inimigo da noffa Fé.

Coeiros. Panos de lãa ufados, com que fe envolvem as crianças. Coftumaõ fazerfe de coufa ufada, por ferem mais brandos, e naõ fazerem mal á criança; principalmente os da primeira penfadura. Vid. tom. 2. do Vocabulario. (Coeiros, em que eftá a criança enfaixada. Obfervaç. de Curvo, 755.)

Coercivo. He tomado do verbo Latino *Coercere*, que he refrear, *Refrear*, *reprimir*, *obrigar*, *violentar*. Força coerciva. *Vis, quæ cogit aliquem aliquid facere*, ou *impellit aliquem ad aliquid agendum*. (Sem força coerciva, que os obrigaffe. Crifol Purificativo, fol. 476. col. 2.)

COG

Cogombro. Derivafe do Francez *Concombre*, ou *Conconbre*; e val o mefmo, que pepino. Vid. Pepino.

O Adagio Portuguez diz: Abatreci ao Cogombro, e cahiome no hombro.

Cogumelos. Ha de muitas caftas. Mifcaros alvarinhos, e Mifcaros pardos. Alfaces, Gafalhos, &c.

COH

Cohen. Defta palavra Hebraica, que quer dizer *Sacrificador*, ainda hoje ufaõ os Judeos. Sem embargo de que já naõ tem Templos, nem facrificios. De forte, que efte epitheto he antes huma qualidade, e efpecie de honra, que elles fe arrogaõ, que titulo de verdadeiro facrificador. Demais do que na miferia em que eftaõ depois de tantos feculos, naõ podem diftinguir os feus Tribus, para fe chamarem Levitas, e de cafta de facrificadores. O mefmo Leon de Modena, Rabbino na Synagoga de Veneza, e grande indagador dos ritos Judaicos, no feu livro das Ceremonias, parte 1. cap.

11. confessa, que ainda que alguns Judeos brazonem de descendentes dos sacrificadores, e Levitas, e posto que entendaõ ter huma tradiçaõ certa da verdade da sua Genealogia, naõ obstantes as suas muitas transmigraçoens, naõ tem entre elles prehemінencia alguma, só recebem alguma cousa dos primogenitos, e dos convidados, para ler nas suas Synagogas o Penthateuco. Saõ os primeiros que fazem esta liçaõ, e nas festas solemnes daõ a bençaõ ao Povo, com estas palavras dos *Numeros, cap. 6. ver. 34. Benedicat tibi Dominus, & custodiat te.*

COI

Coima. O Adagio Portuguez diz: Nem por Coima de figos à cadea.

Coincidir. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Coincidir, fallando em tempos. Vid. Cahir, no Vocabulario. (Anno que coincidio com o de Christo de 725. Crisol Purificat. 656. col. 2.)

Coira. Cidade Episcopal dos Grisoens, sobre o rio Plessur, entre Glaris, e Appenzel. Seu Bispo he Principe do Imperio, e tem assento, e voto no Collegio dos Principes. Nos contornos desta Cidade se achaõ no estomago das camurças, ou cabras sylvestres huns bolos do tamanho de huma pella de jugar, e algumas vezes mayores. Os Alemães pertendem, que tenhaõ a mesma virtude, que as pedras bazares, as quaes tambem se criaõ no bojo de humas cabras da India. Tambem no termo da dita Cidade se achaõ huns ratos dos Alpes, que pouco mais, ou menos saõ do tamanho de huma doninha. He notavel a industria destes animaes. Dizem, que no Estio, quando querem fazer sua provisaõ de feno, e outras hervas para o seu mantimento no Inverno, hum delles se deita de costas com as pernas no ar, e outro puxa por elle pelo rabo atè a entrada do seu covil. Sinal desta verdade he o terem estes animaes as costas lizas, e peladas. *J. Spon. Viagem de Italia, anno 1675. Heiss. Histor. do Imperio.*

Coita. Termo antiquado. Vid. Pena. (ElRey foy posto em taõ grande *Coita*, que rompeo suas vestiduras. Fern. Lopes, Vida delRey D. Joaõ I. part. 2. cap. 151.)

COL

Cola. Na Descripçaõ da terra dos Negros, fallando nas plantas do Reyno de *Quoja, pag. 255.* diz Dapper, que os Portuguezes chamaõ *Cola* à arvore, que os negros chamaõ *Toglowv*, cujo fruto he cuberto de huma casca, que encerra em si quatro, ou cinco grãos, algum tanto amargosos, e bons para provocar a beber. Os Negros usaõ delles nos seus feitiços; os Portuguezes fazem grande negocio com elles, e os estimaõ muito.

Colao. He titulo, que em algumas terras do Oriente se dà a grandes Letrados, e Ministros. *Siu Colao*, na China, quer dizer *Chanceller mòr*, ou Grande Cancellario, e Ministro de Estado. O Padre Fr. Jacintho de Deos, no seu Vergel de Plantas, &c. pag. 227. diz. (Saõ os seus Doutores; delles escolhe ElRey muitos para seus *Colaos*, e Assessores.)

Colatorio. Certo vaso furado no fundo, pelo qual antigamente se coava o vinho, que havia de servir na Missa. *Dictionar. Sacro, fol. 163.*

Colberga. Cidade de Alemanha, na Pomerania Eleitoral, sobre o mar Baltico, onde o rio *Persantz* desemboca.

Colerim. Pedra da China, a qual (segundo a relaçaõ dos Embaixadores Hollandezes, que foraõ à China, pag. 204.) tem taõ grande antipathia a todo o genero de veneno, que no mesmo instante que se lhe chega, muda de cor, e se fazem migalhas. Parece, que tem a mesma qualidade, que a pedra chamada *Batrachites*, *Chelonites*, ou *Borax*, da qual dizem, que na presença de qualquer bebida venenosa, naõ só muda de cor,

cor, mas sua, e deita de si humas pequenas cicatrizes.

Colhedor. Em instrumentos antigos se acha, que em Portugal se chamavaõ Colhedores os Ministros do Papa, que depois foraõ chamados *Collectores*.

Colher. Vid. tomo 2. do Vocabul.

Colher de Pedreiro, serve de apanhar, e estender a cal. *Trulla, æ, Fem. Varro. Vitruv.*

Colidoco. Termo de Medico, e Anatomico. He huma bexiguinha, que recebe do figado o humor colerico. *Vesicula, quæ bilem è jecore manantem suscipit.* Os Gregos lhe chamaõ *Colidoxos chistis*. *Coli* no Grego, quer dizer *Colera*. (A muita copia de colera, que do receptaculo *Colodico*, entrava cada dia no estomago. Observaç. de Curvo, 355.)

Colimbriga. Dizem, que antigamente teve a Cidade de Coimbra este nome, e que foy chamada assim de huma grande serpente, em Latim *Coluber*, ou *Colubra*, e por corrupçaõ *Colubris*, que nas terras circumvisinhas causava muitos damnos, e naõ deixava, que nellas se povoasse. Mas sendo morta por hum Cavalleiro, que por amores de huma Princeza, se expoz a brigar com a serpente, e com admiravel industria, e valor a matou, por premio da dita façanha, e em memoria della, casou com esta Princeza, e edificou no mesmo lugar huma Cidade, e lhe deu o nome de *Colubis*, ou *Colubris*, accrescentandolhe o de *Briga*, que naquelles tempos era commum nas Povoaçoens, lhe poz o de *Colimbriga*, dandolhe por Armas, e empreza a mesma serpente, e Princeza, sua Dama, por amor da qual, dizia, emprendera esta acçaõ, tudo em huma salva de ouro, ou de prata; e isto, segundo a advertencia de Miguel Leitaõ de Andrade, Dialogo 15. pag. 414. se tem por menos fabuloso, ou por mais certo, vendose ainda hoje as mesmas Armas, que o dito Cavalleiro trazia no seu escudo, nas Armas de Coimbra, que dizem, que das reliquias da mesma Colimbriga foy edificada. Vid. Coimbra, tomo 2. do Vocabulario.

Collar. Vid. no tom. 2. do Vocabul. Collaçaõ de Beneficio.

Collectaneo. He palavra Latina de *Colligere*. Ajuntar; e assim *Scripta collectanea*, saõ escritos tirados de muitas partes, e juntos. (Em Lucifer, e seus *Collectaneos*. Jacintho de Deos, Vergel, &c. pag. 290.) Quer dizer Adjuntos, Escolhidos, Sequazes, &c. Para evitar a equivocaçaõ, bom he advertir, que *Collactaneus*, naõ he o mesmo que *Collectaneus*. *Collactaneus* quer dizer Collaço.

Colligaçaõ. Vid. tom. 2. do Vocabul. (Por naõ terem humas materias colligaçaõ com outras. Mon. Lusit. tom. 6. no fim das advertencias.)

Colliquaçaõ. Termo de Medico. Derivase do Latim *Colliquescere*. Fazerse liquido. He huma dissoluçaõ de toda a substancia do corpo, ou somente dos sucos, que estaõ nas veas. Galeno lhe chama com palavra Grega *Anastoichiosis*, que vem a ser o mesmo, que Reelementaçaõ, ou resoluçaõ nos elementos, porque nesta doença o corpo se desfaz nos principios, de que está composto. E assim nas camaras *Colliquativas* o corpo do doente emmagrece com tal pressa, e excesso, que dentro de tres, ou quatro dias o naõ conhecem, porque nas taes camaras naõ só se derretem os humores, e a gordura de todo o corpo, mas até as partes solidas se desfazem, e consomem, e fica mirrado o enfermo.

Collitigante. A pessoa que litiga com outra. *Adversarius, ii, Masc. Quintil. Pars adversa, Tit. Liv. Adversariorum utraque pars.* Os collitigantes estaõ em termos de se compor. *Agunt utrique adversarii de componendâ lite.* (Se meu *Collitigante* me ouvira. Crisol Purificativo, fol. 13. col. 4.)

Colmeeiro. Vid. tom. 2. do Vocabulario. O Adagio Portuguez diz: Vender mel ao Colmeeiro.

Colocásia. Planta aquatica. Deita hum talo alto de cinco, ou seis pés, da grossura de hum dedo; as folhas saõ nervosas

vosas por baixo, a flor he de cor de rosa, e duas vezes do tamanho da papoula. A raiz he digestiva, e boa para fortificar o estomago. Desta planta escreve Dapper fol. 81. que no Egypto, que he sua Patria, naõ ha flor, nem fruto; e dá por razaõ, que como a terra do Egypto he muita gorda, e o limo, que lhe deixa o Nilo, he terrestre, e viscoso, fica em baixo, e se pega à raiz; e como a raiz attrahe para si todo o succo, naõ fica algum para flores, e frutos. Prova disto he, que esta transplantada em terra mais tenue, e magra, como Italia, diminui-se muito a raiz, e o succo, que pelo talo se communica, sendo mais leve, sobe mais. *Colocasia.* Gesner. Belonio lhe chama *Faba Ægyptia.* Outros Botanicos lhe chamaõ *Arum Ægyptium. Arum maximum Ægyptiacum. Aron magnum. Pampina Paradisi.*

COLÔR. He vocabulo Latino, que tambem, segundo Calepino, quer dizer Causa, razaõ, pretexto, e o confirma com hum exemplo de Juvenal. Nos Diccionarios do Abbade Danet, e do Padre Tachard, tambem se acha *Color* em Latim nas oraçoens de Quintiliano, por pretexto, e apparencia. No Thesouro da lingua Castelhana diz Cobarruvias *So color de santidad*; e no idioma Portuguez temos Authores, que usaõ do mesmo modo de fallar. Na Decada 4. fol. 306. diz Joaõ de Barros. *Sob Color de ser vassallo del Rey &c.* Vid. Pretexto.

Color, moeda da India. Quinze colores valem da nossa moeda tres contos de ouro. *Barros, Decada 4. fol. 305.*

COLUTEA. Herva. Vid. Espantabolos mais abaixo, no seu lugar Alfabetico.

COM

COM. Acabar huma obra com de dia. *Opus absolvere luce.*

COMBALIDO. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Peixe combalido, he o que começa a danarse. *Piscis vitio proximus. Piscis putrescens*, ou *computrescens.*

COMEÇO. Principio. Vid. no seu lugar.

Toma, porque irmandade de tal Preço
Em bofetadas tenha o seu começo.

Manoel de Faria e Sousa, Fonte de Aganipe, part. 3. fol. 70.

COMER. tom. 2. do Vocabulario.

Comer os Santos. Diz-se daquelle, que orando diante das Imagens dos Santos, e fallando com elles, move a boca de maneira, que parece està comendo. De huma metafora semelhante a esta usaõ os Francezes, porque no seu idioma, *Manger*, he o mesmo que *Comer*, e dizem *Manger quelqu'un des yeux*, por olhar para alguem com muita attençaõ, ou fixar os olhos em alguem: tambem dizem, *Manger de caresses*, por comer com caricias. No Latim poderamos dizer, *Aliquem oculis, vel blanditiis devorare*, pois diz Plauto *Devorare orationem*, & *Devorare dicta alicujus*, por ouvir o dito urso de alguem com grande attençaõ. Comer os Santos. *Devorare imagines Sanctorum.* (Pela manhãa he Comer os Santos à Igreja, e à tarde os vinha vomitar na casa do jogo. Vieira no seu Xavier, fol. 255. col. 2.)

COMESAINAS, ou Comesanas. Comeres. Jantares. Merendonas.

COMETA. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Os Poetas Latinos chamaõ ao Cometa *Crinitum sidus. Stella crinita. Fax dira Cometæ. Stella facem ducens. Cometæ fatalis lux, fatale lumen. Funestæ Stellæ crinis. Cometæ funestum jubar. Ferale coruscans. Triste micans. Criniti sideris sæva lux. Crinis minax. Conscius ingentis damni. Magni exitii nuncius, prænuncius, omen. Fatale pestis omen. Ferale Cometæ augurium. Cometæ ignis horrificus. Funestum crinem ducens in aere. Lugubre rubens Cometa. Leva contristans lumine cæsium. Regnorum eversor. Flammigerum trahens spatioso limite crinem. Crine minaci nuncians, aut ratibus ventos, aut urbibus hostes. Astrum ominosum, nunquam impunè visum.*

COMENSAL. Deriva-se da preposiçaõ conjunctiva, *Cum*, Com, e *Mensa*, Mesa;

Mesa, val o mesmo, que *Que come na mesma mesa.* Antigamente foraõ chamados *Commensales*, huns Cortezãos, que tinhaõ a honra de comer com seus Principes, ou que tinhaõ prato da Corte; e ainda hoje na Corte de França se chamaõ *Officiers commensaux de la maison du Roy*, os que actualmente servem a pessoa delRey. Na Igreja Catholica, saõ os Christãos chamados *Commensales Christi*, porque na Mesa Eucharistica, naõ só assistem na Mesa do seu Rey Jesu Christo, mas realmente comem o seu Divino Corpo. Este titulo daõ aos Fieis os Santos, e com especialidade Santo Thomás no fim da sua celebre Sequencia, *Tuos ibi Commensales, cohæredes, & sodales, fac Sanctorum civium.* Em Authores Classicos Latinos naõ achamos *Commensalis. Conviva* he Latino, e supponho, que se póde usar neste sentido. Na Ley Sal. tit. 43. §. 6. está *Siquis Romanum hominem, Convivam Regis occiderit.* E no livro 5. da Historia Danica está *Convivæ Regis iierant, qui honore mensæ Regalis aliis anteponebantur, quos participes mensæ suæ effecit.* Da honra dos Commensales dos Principes amplamente escreveo Jacobo Gotifredo, e Binhonio.

Commentício. He tomado do Latim *Commentitius, a, um,* que he de Cicero, e val o mesmo que Fingido, Inventado, Fabuloso. (Sermoens, e alguns delles *Commenticios.* Crisol Purificativo, fol. 331. col. 2.)

Commeter. Vid. tom. 2. do Vocabulario. (Continuaõ a *Commetter* hostilidades. Gazeta de Lisboa 28. de Março de 1720. pag. 104.)

Commisso. Na Jurisprudencia he o delicto de naõ pagar a pensaõ. *Commissum, i, Neut.*

Commissorio. Ley Commissoria, he a que respeita o concerto, que o vendedor faz com o comprador, que se em tal dia naõ pagar, fique a venda desfeita. *Lex Commissoria.* Vid. *L. Æmil. §. de Min. &c. & tit. ff. de Lege Commissoria.*

Commovido. (*Commovido* das proprias experiencias. Observaç. de Curvo 342.) Vid. Commovêr, e Commovido tom. 2. do Vocabul.

Communal. Vid. Commum.

Naõ bailhavas, nem cantavas:
Eras homem communal.

Obras Metric. de D. Franc. Man. part. 2. pag. 70. Achase tambem em Escrituras antigas.

Communicaçaõ. Figura da Rhetorica. He quando com alguma duvida consultamos aos ouvintes, ou os contrarios; v.g. Hum parente, e amigo meu me naõ quer pagar, nem fazerlhe a darme hum escrito de divida; que vos parece senhor Letrado? Que hey de fazér neste caso? Será bem que o mande citar, ou será melhor, que me apodere de huma fazenda sua, que tenho entre mãos? *Communicatio, onis, Fem. Cic.* (Commutaçaõ. *Communicaçaõ*, Conversaõ. Systema Rethorico, pag. 124.)

Como. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Como.

Como me crecerão favores, me recrescerão as dores. Como vires a Primavera, assim pelo Al espera. Como vires o faval, assim espera o Al. Quando o trigo he louro, he o barbo como touro. S. Miguel, e S. Joaõ passado, tanto manda o criado como o amo. Cada feira val menos, como burro de Vicente. Sol de Março pega como pegamaço; e fere como maço. Ao avaro tanto lhe falta o que tem, como o que naõ tem. Se assim corres, como bebes, vamonos ás lebres. Tal te vejas entre inimigos, como passaro na maõ de meninos. Ao marido, serveo, como amigo; e guarte delle como inimigo. Assim medre meu sogro, como caõ de traz do fogo. Assim he o marido amarellado, como casa sem telhado. Cada hum canta, como tem graça, e casa como tem ventura. Cresce o ouro bem batido, como a mulher com bom marido. Taõ bom he Pedro, como seu amo. Naõ ha tal venda, como a primeira. O que deve, naõ responda como quer. Senaõ como queremos,

mos, passamos: como podemos. Como criastes tantos filhos? Querendo mais aos pequeninos. Por onde vás, assim como vires, assim farás. Passem os potros, como os outros.

Como. Fabuloso Deos das galhofas nocturnas. Nas suas imagens Filostrato o representa moço, bello, e muito vermelho, coroado de flores, tendo na maõ huma tocha accesa, inclinada para o chaõ, como se se quizesse queimar as pernas.

Companha. Termo de marinhagem. Dizse dos marinheiros companheiros, que se ajudaõ huns aos outros no governo da nao; a idade delles neste officio deve ser dos annos dezasete para cima até perto dos cincoenta. *Sociorum nauticorum turma*, *æ*, *Fem.* ou *cohors*, *tis*, *Fem.* *Navalium operarum caterva*, *æ*, *Fem.* ou *Societas*, *atis*, *Fem.* (Corre meya *Companha* a alallo a cima. Vieira tom. 2. pag. 335.) Falla no tubaraõ, quando acodem os marinheiros a tirallo da agua. Vid. Companha no tom. 2. do Vocabulario.

Companheiro. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes da Companheiro.

Com a mulher, e dinheiro, naõ zombes companheiro. Sobre dinheiro, naõ ha companheiro. Hum graõ naõ enche o celleiro, mas ajuda a seu companheiro. Horta, nem celleiro, naõ quer companheiro. Farto está o carneiro, quando matra com o companheiro. Moça em cabello, naõ ma louves companheiro.

Companhia. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Outros Adagios da Companhia.

Até a formiga quer companhia. Da má companhia guarte de ser author, nem parte. Queres conhecer tua filha, olhalhe a companhia. Veyo Deos a ver sem companhia. Paõ comesto, companhia desfeita.

Comparte. A parte, que em huma causa está unida com a outra, para conseguir o mesmo. *Pars in eodem sociata litigio.* (As Religioens compartes nos Actos publicos. Crisol Purificat. fol. 632. col. 2)

Competencia. Vid. tom. 2. do Vocabulario. A' competencia. Com emulaçaõ. Trajavaõ à competencia. *Alius alio, ornatiori vestitu prodibat.* (Composta comitiva de pagens, e lacayos vestidos à competencia. O riente Conquistado, tom. 1. pag. 126.)

Compitalios, ou Compitalicios jogos. Festas instituidas por Servio, que se celebravaõ em Roma no mez de Janeiro, no dia antes dos Idos, (que era os doze do me) e tambem no mez de Mayo. O nome Compitalia, ou Compitalitia, derivase do Latim *Compita*, que quer dizer *Encrusilhadas*. E assim nas encrusilhadas naõ só da Cidade de Roma, mas tambem do campo, e das estradas, se faziaõ sacrificios aos Deoses *Lares*, os quaes eraõ huns Demonios, ou Deoses domesticos, tutores, e conservadores das familias. No 1. dos Saturnaes diz Macrobio, que antigamente estes Gentios sacrificavaõ aos Lares, e a Mania, sua mãy, huns meninos para a conservaçaõ de toda a familia. Mas Bruto depois de lançar fóra os Reys de Roma, deu ao Oraculo de Apollo outro sentido, mandando, que em lugar de cabeças humanas, que o Oraculo pedia, se cortariaõ cabeças de papoula. Accrescenta o dito Author, que se contentaraõ com fazer homens, e mulheres de palha, que em lugar de meninos se sacrificavaõ, e em lugar dos escravos de cada familia, huns vultos redondos cheos de lãa, e com estas insensiveis victimas pouparaõ as vidas aos seus servos, e filhos. *Quibus tot pilæ* (diz Festo) *quot capita servorum; tot effigies, quot essent liberi, ponebantur, ut vivis parcerent, & essent his pilis, & simulacris contenti.* Era esta festa celebrada por escravos, segundo a instituiçaõ de Servio, em lembrança da sua fortuna, porque sendo nascido escravo, chegara a ser Rey dos Romanos. *Compitalia*, *iorum*, ou *Compitalitia*, *tiorum*, *Plur. Neut.* *Varro*, *Cic.*

Completar. Termo militar. Completar tropas. He encher com novas levas o numero dos soldados. *Supplere exercitum.* Tit. Liv. Completar hum terço. *Legionem explere*, ou com *Tito Livio, supplemento explere.* (As levas, que se estavaõ fazendo para *Completar* as tropas de Sua Magestade. Gazeta de Lisboa de 1720. 8. de Fevereiro, pag. 44.)

Composiçaõ de lugar. Termo Asectico. He aquella representaçaõ, que considera a alma, e propoem perante si, quando depois da preparaçaõ proxima, quer entrar na meditaçaõ, v. g. a representaçaõ de Christo padecendo, da morte, do Inferno &c. (Nesta meditaçaõ poderá servirme de composiçaõ de lugar, &c. Bernard. Exerc. Spir. 1. part. fol. 225.)

Compostella. A quem naõ quizer admitir a etymologia, que no seu Thesouro da lingua Castelhana Covarruvias dá a esta palavra, offerecemos esta outra derivaçaõ, excogitada por hum certo Collector de Bullas Pontificias, e da qual faz mençaõ Vossio, ad Melam, lib. 3. cap. 1. vers. 60. *Postquam*, inquit, *Hispani sibi persuaserunt illa, quæ de Sancto Jacobo narrantur: cæpit istud Oppidum appellari. Ad Jacobum Apostolum posterioris ævi Hispani dixêre*, Giacomo Postolo, *unde contractum*. Compostella. Vid. Vossium *de Hist. Lat. lib. 3. cap. 7.* de quodam Bernardo, qui Bullas Papales, & Veterum Regum Hispaniæ Statuta collegit.

Comprazido. Querido. Vid. Comprazer, tom. 2. do Vocabul.

Porque elles pondo em hum, e outro
hemisferio
Os olhos em seu Povo Comprazido,
De amavel uso, e de suave Imperio.

Man. de Far. e Sousa, Fonte de Aganippe, 3. part. Eleg. 23. fol. 252.

Comprida. Termo de Tanoeiro, que assim se chama entre elles, nos fundos das vasilhas, as duas peças, que estaõ de huma, e outra parte do meaõ.

Comprimentar. He tomado do Francez *Complimenter*, que he fazer comprimentos de agradecimento, de parabens, &c. Vid. Comprimento no 2. tom. do Vocabulario. (O Graõ Duque o mandou comprimentar. Gazeta de Lisboa, de 1721. Roma 28. de Fevereiro, pag. 115.)

Comprovincial. Nome correlativo de hum Bispo a outro da mesma Provincia, debaixo do mesmo Metropolitano. S. Bernardo lhe chama *Consuffraganeus*, *Epist.* 42.

CON

Conceiçaõ da Virgem Nossa Senhora. O Officio, que no seu dia se reza, foy composto por Leonardo Nogarola Veronense, Notario Apostolico, e foy approvado pelo Papa Sixto IV. Nos seus Annaes Ecclesiasticos, anno 1661. num. 3. escreve Rainaldo, que certo Prégador, estando prégando contra a immaculada Conceiçaõ da Virgem, morreo de repente.

Conceiçaõ de S. Joaõ Bautista, em antigos Martyrologios, para o dia 14. de Setembro, e em hum certo Missal dos Cavalleiros de Malta, do anno de 1405 se falla nesta festa.

Concelebrar. He palavra Latina. *Concelebrare*, (*o*, *avi*, *atum.*) Vid. Celebrar.

Que eterno reynara no Empirio pre-
mio
Donde Concelebrando *excelso canto*
Contando vezes tres, lhe faz proemio.

Man. de Far. e Sousa, Fonte de Aganippe, Elegia 21. part. 3. pag. 227.

Concertante. He tomado do Latim *Concertare*, que he combater, pelejar, contender. No livro 14. usa Tacito de *Concertator*, onde diz, *Corbulonis concertator*, *id est*, commenta Calepino, *Æmulus gloriæ bellicæ Corbulonis.* No seu Crisol Purificativo, fol. 293. col. 2. diz o Padre Fr. Manoel Leal, fallando no Padre D. Nicolao de Santa Maria, (como meu Concertante mostra.)

Concessaõ. Figura da Rhetorica. He

He quando concedemos em nosso favor alguma cousa, que nos adiante, ou prova o que vamos a dizer, v. g. Se naõ fizera este acto de humildade, sim ficava mais brioso, mas naõ se mostrava taõ bom Christaõ. *Concessio, onis, Fem. Cic.* (Conduplicaçaõ, *Concessaõ*, contrapoliçaõ, Systema Rhetorico, 123.)

Conchegarse. Unirse com alguem, ordinariamente para algum fim mao (A alma em vez de sobir a Deos, desce, e se conchega a si mesma. Bernardes Luz, e Calor.)

Conchego. A pessoa, com que alguem se une, mais para mal, que para bem. Vid. Complice.

Concilio. Sem fazer mençaõ de Concilios Nacionaes, ou Provinciaes, e Diocesanos; só de Concilios Ecumenicos, ou Geraes, se tem celebrado na Igreja na successaõ de duzentos e cincoenta e dous Papas atè Clemente XI. que hoje existe, noventa e tres Concilios, dos quaes foy o ultimo o Tridentino, e o primeiro o Jerosolymitano, ou dos doze Apostolos em Jerusalem, no qual presidio S. Pedro; se bem o primeiro feito com a solemnidade de hoje, foy o Niceno, o qual congregou S. Silvestre, à instancia do Emperador Constantino Magno, que com os Concilios Constantinopolitano, Ephesino, e Calcedonense constitue o numero dos quatro principaes. *Concilium*, e *Conciliabulum*. Em Authores Ecclesiasticos tambem se toma por cemiterio, e ajuntamento de corpos de Martyres. Vid. Lexicon Sacro de Micro, fol. 175.

Concitado. Vid. tom. 2. do Vocabul.

Empenha inda chamando a flor mimosa
De amor nunca opprimido Concitada.

Man. de Faria e Sousa, Fonte de Aganippe 3. parr. Estanc. 50.

Conclavista. Domestico do Cardeal, para o servir no Conclave, fechandose com elle. (Pertencia aos Conclavistas. Vid. de D. Fr. Barthol. dos Mart. fol. 75. col. 1.)

Concordia. Nas medalhas de Marco Antonio vemos a Concordia representada debaixo do Emblema de duas serpentes atadas, ou enroscadas por baixo, e que se levantaõ fazendo hum arco, para cercar o altar, no qual està collocada a cabeça de Augusto, no que se denota a Concordia do Triumvirato. Nas de Cesar Augusto se vê a Concordia com huma Cornucopia em huma maõ, e com outra maõ està offerecendo fruta a Lepido, a Antonio, e a Cesar o moço, *Triumviros*, com humas letras, que diziaõ, *Salus generis humani*. A Gralha era ave particularmente dedicada à Concordia, como se lé em Eliano, o qual diz, que os Antigos no seu noivado costumavaõ invocar a Gralha, *id est*, a Concordia, que deve de haver entre casados. Nas suas Miscellaneas confirma Policiano este costume com huma medalha de ouro, que elle diz ter comsigo, de Faustina a moça, filha de Marco Aurelio, no revez da qual estava representada huma Gralha, symbolo da Concordia, com esta palavra, *Concordia*. A razaõ de ser a Gralha symbolo da Concordia he, que morto o macho, ou a femea destas duas aves, ou huma, ou outra vive solitaria, e assim se pintaõ juntas, como symbolo do amor, e Concordia conjugal, com este letreiro, *Dis Concordes*.

Concordia. Antiga Povoaçaõ de Portugal, cujos vestigios perseveraõ ainda a pesar do tempo. Vid. *Agiologio Lusitano, tom. 3. pag.* 260. 261.

Conde. O Conde Andeiro; na Chronica delRey de Portugal D. Joaõ I. he nome de infelice memoria. Chamavase este Fidalgo, Joaõ Fernandes Andeiro. Com este nome fazem coco aos meninos. Tambem nos prezos do Limoeiro, que naõ pagaõ aos mais prezos a patente, dandolhes alguma cousa nos primeiros dias da sua entrada, daõlhe huma noite sua corrimaça, com çapatadas, e pancadas, dizendo, que he o *Conde Adeiro*.

Ella a fantasma arremete
He sem falta o Condeandeiro,
E mais sem falta he que morro.

Obras

Obras Metricas de D. Franc. Manoel, Viola de Thalia, pag. 251. col. 1.

Condenaçaõ. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Condenaçaõ. Pena pecuniaria, imposta pelo Juiz, em castigo de algum crime, ou feitoruim. *Multa*, ou *Mulcta*, *æ*, *Fem*. Vid. no 5. tom. do Vocabulario a palavra *Multa*.

Impor a alguem a condenaçaõ. *Alicui multam dicere. Cic. Multam alicui indicere. Plin. Multam alicui imponere Tit. Liv. Multâ multare aliquem. Cic. Multam alicui irrogare. Plaut. Aliquem pecuniâ multare. Curt.*

Procurar por Justiça, que alguem pague a condenaçaõ. *Ab aliquo multam petere. Cic.*

Commetter hum feito sogeito à condenaçaõ. *Multam committere. Cic.*

Recorrer a Juiz superior, para naõ pagar a condenaçaõ. *Certare multam impositam à minore Judice apud maiorem.*

Vencer o pleito em materia de condenaçaõ. *Multam judicio vincere. Multæ causam vincere, litem obtinere.*

Condenaçaõ. O dinheiro procedido da condenaçaõ. *Pecunia multatitia, æ Fem. Multatitium argentum, i, Neut.* ou *æs multatitium. Neut. Tit. Liv.*

Pagar a condemnaçaõ. *Multam luere, pendere, solvere, subire. Noxam multâ luere*, ou *noxa multam luere. Noxæ facere satis. Multæ pensione plecti.*

Cousa concernente à condenaçaõ. *Multatitius, a, um. Tit. Liv.*

Seja esta a sua condenaçaõ, naõ lhe dem vinho pelo espaço de vinte dias. *Hæc multa ei esto, vinâ viginti dies ut careat. Plaut.*

Condessilho. Achase em Escrituras antigas, e segundo Duarte Nunes de Leaõ, Origem da lingua Portugueza, fol. 112. val o mesmo que *Deposito*.

Condestable. Joaõ Hugo de Lindtschotten no cap. 2. da 3. parte da Historia Oriental pag 25. onde faz mençaõ dos Condestables dos navios Portuguezes da India, diz assim: *Comestablii, seu armamentarii præfecti introrsum à malo ad gubernaculum in primo tabulato consistentis officium est, assiduè juxta malum, noctes, diesque ad nautam converti ut, si iste fistulâ signum det, tormentorum explosores tormenta aut educere, aut recondere jubeat. Sed & alia omnia, ad hanc rem necessaria procurat.*

Condor. Na parte duodecima das Historias da India Occidental, titulo Paralipomenos pag. 106. diz o Author, que no Perû ha huma ave de rapina, chamada *Condor*, taõ grande, e taõ forte, que naõ sò levanta no ar ovelhas, e carneiros, mas novilhos, e bezerros os despedaça, e os devora. Da Historia dos Incas, das Relaçoens do Padre Jeronymo Lobo, e da Historia da Ethiopia do Padre Bolivar, tomou as noticias, que se seguem o Abbade de Furetiere no seu Diccionario, sobre a palavra *Cuntur*, sinonymo de *Condor*. He ave de rapina, que naõ tem garras; tem pés como de gallinha, mas tem o bico taõ duro, e taõ rijo, que penetra no couro de hum boy. He marcada de branco, e preto, e na cabeça tem huma crista da feiçaõ de navalha, e differente da do gallo, em que naõ tem bico algum. Dizem, que ha destas aves tambem na Regiaõ de Sofala, Cafraria, e Monomotapa, até o Reyno de Angola. O feitio he de aguia. Tem pennas, que tem vinte e oito palmos de comprido, e tres de largo, cujo cano he branco, e da grossura do braço, com cinco palmos de comprimento, e as pennas saõ pretas. Algumas destas aves saõ do tamanho de dous elefantes juntos, e da ponta de huma aza a outra ha trinta palmos de comprimento. Querem alguns, que este passaro seja o *Ruc*, ou *Ronc* dos Arabes, do qual se lem cousas ainda mais monstruosas, como poderá ver o Leitor no setimo volume do Vocabular. sobre a palavra *Ruc*.

Condimento. Adubo. *Condimentum, i, Neut.* Vid. Condir, tom 2. do Vocabular.

Conduplicaçaõ. Figura da Rhetorica

rica quando no fim, ou no principio da oraçaõ repetimos a mesma palavra, v. g. Lançouse, lançouse o filho aos pés de seu pay; mas quem havia de mostrar tanta sogeiçaõ, senaõ hum filho? Quem soubera acreditar tanto a sua obediencia, se naõ hum filho. *Conduplicatio, onis, Fem. Cic.* (Apostrofe, Conduplicaçaõ, Concessaõ. Systema Rhetorico, 123.)

Conduto. Vid. tom. 2 do Vocabulario Querem alguns, que se derive do verbo Latino *Condio*, ou melhor de *Conduco*, por *Conduzir*, porque a carne, ou outra comida conduz o paõ.

Conego. Vid. tom. 2. do Vocabular. Conego Doutoral he o que no Cabido interpreta as leys, e serve de Jurisconsulto.

Conego Magistral, he o que ensina o Moral.

Confecto. He palavra Latina de *Confectus, a, um*, que val o mesmo que *Acabado*. Confecto de velhice. *Senectute confectus Cic.* (Acabou o curso dos mortaes, confecto quasi de idade decrepita. Fr. Jacintho de Deos, Vergel pag. 32.)

Confeitar. Cobrir de açucar, a modo de confeito. *Sacharo circumtegere* (As castanhas de cajú, depois de maduras, *confeitaõse* a modo de amendoas. Vasconc. Noticias do Brasil, 261.)

Confeitos do Porto. Saõ feitos como as nossas amendoas cubertas, mas redondos, e do tamanho de medronhos. Outros naõ tem amendoas algumas, mas saõ todos feitos de açucar, e muito duros, e ambarados: em Latim lhe poderás chamar, *Durati Sacchari pillulæ, arum, Fem. Plur.*

Confeitos de enforcado. Annexim. Costuma dizerse de hum, que está em algum trabalho, e lhe offerecem alguns pequenos alivios, e taõ consolativos, como confeitos, que se déssem a quem fosse caminhando para a forca. Tambem quando o reo, que teve sentença contra si em ambas as instancias, faz embargos a Chancellaria, se diz que os taes embargos saõ confeitos de enforcado.

Confessar voluntariamente. Affirmar, conceder, naõ negar, dizer que sim, ou que naõ. Confessar seu erro, sua culpa. *Culpam fateri, confiteri. culpam agnoscere*, he de Cicero. *Criminis reum se fateri. Non defugere confessionem noxæ. Non inficiari culpam.* He de Plauto, que na Comedia intitulada *Cistellar* diz, *Omnia inficiatur ea, quæ dum confessa est.* Naõ se querer confessar author de alguma cousa. *Defugere auctoritatem alicujus rei. Cic.*

Confesso, e faço gloria de confessar, que sou causa disto. *Fateor, atque etiam profiteor & præ me fero, me dedisse causam. Hujus me rei auctorem profiteor.*

Mas naõ he authoridade o ensinar? assim he, e eu o confesso, mas he quando se ensina por dinheiro. *At dignitatem docere non habet? Certè, si docetur lucri gratiâ.*

Confesso. Antigamente entre os Conegos Regrantes, os Frades Leigos, a que hoje chamaõ *Conversos*, se chamavaõ *Confessos. Histor. Serafica de Fr. Man. da Esperança, 2. part. fol. 30.*

Confessora No quinto Concilio Toledano, celebrado na Era de 674 que vem a ser o anno de 636 se deu a Santa Leocadia o titulo de Confessora, *In Basilica Sanctæ Confessoris Leocodiæ*, porque (como adverrio Garcia de Loyasa, nas suas notas) *Confessor* se chamava todo o Martyr, que constantemente perseverava na confissaõ da Fé, até render o espirito, com tanto que naõ morresse a ferro, que a estes chamavaõ *Martyres*, e como Santa Leocadia durou preza pela Fé muitos annos, e no carcere deu a vida a seu Divino Esposo Christo, lhe chamaõ os Concilios *Confessora*, nome, que depois tomou a Igreja, para denotar a differença, que ha entre Martyres, e Confessores, ainda aquelles, que padeceraõ violencia por Christo.

Confiscado. Bens confiscados. *Bona caduca.* He de Paulo Jurisconsulto, e se

e se dizia propriamente dos bens de Estrangeiros, mortos sem herdeiros, e que vaõ ao Principe. Em Cassiodoro se acha, que Theodorico, Rey de Italia, alguns annos antes do Emperador Justiniano, chamava aos bens confiscados, *Bona caduca*. *Caduca* (inquit) *bona fisco nostro competere, legum cauta decreverunt*. E o Jurisconsulto Balduino diz: *In codice Justiniani, & Theodosii sæpe etiam legimus vacantia pro caducis, & caduca pro vacantibus*. Tambem mostra a etymologia, que com razaõ os bens confiscados se chamaõ caducos, porque cahem no fisco, *Caduca bona sunt, quæ ad fiscum deferuntur, sic dicta, quasi in fiscum cadentia*. *L. Pen. ff. de iis, quæ in Testam. delen*.

Conflado. He tomado do Latim *Conflare*, que se diz dos metaes, que derretidos se misturaõ, e fazem hum corpo. Vid. Uniaõ. Ajuntamento. (Daquelle Conflado de Congregaçoens resultou huma nova Ordem. Crisol Purificat. fol. 211. col. 1.) Vid. tom. 2. do Vocabul.

Confortativo. (Com os confortativos se esforçava muito. Observaç. de Curvo, pag. 373.)

Conhecer. O Adagio Portuguez diz: Quem te conhece, te compre. Ou, segundo o successo do qual se originou este adagio, Quem te naõ conhece, te compre. O caso foy, que estando huns Estudantes na ponte de Coimbra, a tempo que passava hum homem com seu jumento carregado, o qual levava pelo cabresto, se chegou hum dos Estudantes ao jumento, e tirandolhe o cabresto sutilmente, o meteo na sua cabeça, e foy seguindo o homem, que hia puxando por elle; os mais Escholasticos com diligencia esconderaõ o asno, que ficou solto, e o Estudante encabrestado, vendo que já o jumento estava escondido, naõ quiz andar mais adiante, e entendendo o pobre homem, que o burrico para seguir a jornada, necessitava de quatro pauladas, virou para traz, e vendo que levava pelo cabresto hum Estudante, ficou assustado com o tal objecto; neste tempo o Estudante lhe disse: Meu Senhor vossa mercê naõ se espante, porque eu sou hum homem bem nascido, mas por fado ando ha muitos annos com a fórma, e figura, que até agora me vio; mas neste instante foy Deos servido, que o meu triste fadario se me acabasse, e assim lhe peço, que neste caso me guarde segredo, para que se me naõ saiba a falta, e me perdoe a quê lhe faço do dinheiro; que por mim deu, e o serviço que lhe fazia. O simplez homem entendendo, que era isto verdade, lhe respondeo, Senhor Estudante, naõ permitta nosso Senhor, que huma alma Christãa padeça taõ grandes tormentos, e entenda, que naõ só me naõ dá pena, mas grande gosto em o ver livre de taõ triste fado; e com isto se foy cada qual buscar sua vida. Os velhacos dos Escholasticos naõ se contentando com a carga, que o jumento levava, o levaraõ à feira a vender, e vendo-o o dono, que lá se achou, para comprar outro, e conhecendo-o, perguntou a quem o levava, se se vendia aquelle jumento, e lhe responderaõ que sim, e entendendo o Villaõ, que o Estudante se tinha outra vez convertido em burro, pedio licença ao que o levava, para dar em cortezia huma palavra àquelle jumento, o que sendolhe concedido, se chegou a elle, e lhe disse: ouve senhor burro, quem te naõ conhece, te compre.

Conjuntura. He tomado do Francez *Conjoncture*. He o estado dos negocios, boa, ou má disposiçaõ delles. *Rerum status, ûs, Masc. Cic.* Parece, que se poderia dizer, *Rerum concursus*, assim como diz Cicero, *Maximarum concursus occupationum*. Ficando o nosso exercito encerrado nas angustias deste lugar, pelo estratagema do inimigo, e naõ podendo tirarse delle, pasmado do grande embaraço desta conjunctura, Poncio, Capitaõ dos Samnitas, mandou consultar a seu pay Herennio, para saber o que havia de fazer. *Clauso per insidias intra cum saltum exercitu,*

unde non posset evadere, stupens occasione tantâ, Dux hostium Pontius, Herennium Patrem consuluit. Florus, lib. 1. *cap.* 16. (Fez Conselho de Estado sobre o negocio da *Conjunctura* presente. Gazeta de de Lisboa de 1720. 8. de Fevereiro pag. 44.) Vid. Conjunçaõ de tempo, tom. 2. do Vocabular.

Conluyo. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Derivase de *Colludium*, que na latinidade baixa significava o mesmo. *Colludium non debet remanere impunitum. Gloss. 2. quæst.* 3. *Can. si quem pœnituerit.*

Conluyosamente. Com conluyo. *Collusoriè.* Ulpiano. (Por se assim *Fazer Conluyosamente*, saõ relevados contra Direito. Artigos das Sizas, cap. 13. §. 1. mihi 268

Connivencia. He palavra Latina, da qual até agora naõ acho exemplo em Authores Portuguezes. Mas como poderá ser necessario o uso della para sinonymo de *consentimento*, à imitaçaõ de alguns Authores, dos quaes faz mençaõ Domingos Macro no seu Jerolexicon, fol. 182. onde condemna a Calepino, que a traz por sinonymo de *Dissimulaçaõ*, me pareceo bem fazer aqui mençaõ della.

Consenes. Certos Deoses dos Romanos. Vid. Consus.

Consogro. Vid. tom. 2. do Vocabul. No seu Diccionario Lusitanico-Latino, diz Agostinho Barbosa, que na Provincia de Entre Douro, e Minho o consogro se chama parceiro.

Consono. Que concorda, e faz consonancia.

Em taõ alto esplendor, virtude tanta
Suave entoa, Consono discanta.

Man. de Far. e Sousa, Fonte de Aganippe 3. parte, fol. 83.

Consto. Palavra da India, val o mesmo que certidaõ.

Consuaes. Em Latim *Consualia*, he o nome de humas festas, instituidas por Romulo, quando mandou roubar as Sabinas; porque (segundo diz Plutarco) tinha achado debaixo da terra hum altar, dedicado ao Deos Consus, que era Deos dos conselhos, e este altar se naõ descobria se naõ na dita festa dos Consuaes, na qual havia carreiras de cavallo em honra de Neptuno. Tito Livio faz mençaõ desta festa.

Consul. O motivo, que teve Roma para a criaçaõ dos Consules, foy este. Lucrecia, mulher de Collatino, na ausencia deste seu marido, considerandose torpemente lograda do filho de Tarquinio o Soberbo, em huma casa de campo, passou a Roma, e se foy deitar aos pês de Spurio Lucrecio, seu pay, e sem darlhe conta do successo, lhe pedio com encarecimento mandasse vir seus amigos, aos quaes depois de juntos contou sinceramente o que o filho de Tarquinio lhe fizera: *A vós* (disse ella) *vos toca acudir à vossa honra, porque a minha brevemente será lavada no sangue, que derramarey, para aplacar a ira dos Deoses.* Acabando de proferir estas palavras, meteo no peito hum punhal, e da ferida morreo logo à vista dos circunstantes. Deste tragico acontecimento tomaraõ os Romanos motivo para procurarem a sua liberdade, e sacudirem o jugo da authoridade Real. Para este effeito reduziraõ o seu governo a hum modo Aristocratico, e popular. Todos os annos elegia o Povo dous supremos Magistrados, e lhes dava o nome de Consules, porque com seus conselhos serviaõ a Patria; a authoridade destes dous Ministros era igual, e só na duraçaõ tinha limite. Andavaõ vestidos de purpura, como os Reys, tinhaõ como elles seus Archeiros, ou Lictores, que levavaõ machadinhas para degollar, e molhos de varas para açoutar os delinquentes, e naõ reconheciaõ outras Potencias, que os Deoses, e as leys. Mas acabado o tempo do seu governo, podiaõ ser accusados diante do Povo, e o Povo os podia obrigar a dar conta das suas acçoens. Os primeiros Authores da liberdade Romana, a saber Lucio Junio Bruto, e Lucio Tarquinio Collatino, foraõ os primeiros Consules, anno

da Criaçaõ do Mundo 3545. da fundaçaõ de Roma 244. antes do Nascimento de Christo 50. Nos primeiros annos da Republica, para chegar a esta dignidade, era preciso ser de familia *Patricia*, isto he, *Nobre*. Com o andar do tempo, alcançou o Povo, que tambem do seu corpo se podesse escolher sogeito para Consul, e o primeiro, que do estado popular chegou a este lugar, naõ obstante a opposiçaõ da nobreza, foy Sextio, como se vê em Tito Livio, que diz: *Comitia Consulum, adversâ nobilitate habita, quibus L. Sextius de plebe primus Consul factus est, ann.* 388. Plinio Junior dá esta gloria a Licinio Stolo, que juntamente com Sextio havia sido Tribuno; mas os mais Authores querem que fosse Sextio. A idade precisa para ser Consul era quarenta e tres annos, chamavale *Tempus legitimum*; o que porém naõ se observou sempre, porque Valerio Corvino foy Consul na idade de vinte e tres annos, Scipiaõ Africano nos vinte e quatro, Mario o moço, Pompeo, e Augusto, todos ante tempo. Toda a authoridade Consular deu grande baixa no reynado dos Emperadores, que se arrogaraõ o poder supremo, deixando aos Consules só as insignias da sua dignidade, com o direito de convocar o Senado, e julgar as causas dos particulares. Hoje nos Reynos, onde ha Consules, he officio ainda muito inferior á dignidade dos antigos. *Consul de mercadores*, he titulo, que se dá a huma especie de Ministro, que os Reys envĩaõ para terras estranhas, e amigas, com as quaes ha commercio. A sua obrigaçaõ he attender a tudo o que póde favorecer o commercio. Tambem saõ Juizes dos mercadores de sua naçaõ, em todas as differenças, que póde haver entre elles: ouvem as queixas dos Capitaens, e marinheiros, a huns, e outros fazem justiça; reconhecem os passaportes dos navios, e daõ outros quando sahem, para que conste do lugar donde sahiraõ, &c.

Consul. Rio de Portugal. Vid. Ponsul, mais abaixo no seu lugar Alfabetico.

Conso, ou o Deos do Conselho. Segundo a interpretaçaõ de Servio, tinha no Circo mayor em Roma o seu Templo cuberto, para significar, que o conselho deve ser secreto. *Servius, in lib.* 8. *Æneid.* S. Cypriano lhe chama o Deos da malicia, e da velhacaria; porque inspirou a Romulo o rapto das Sabinas, que se transferiraõ a Roma, para ver humas festas que elle fazia, e para os quaes tinha convidado os Sabinos. Tito Livio fazendo mençaõ do rapto destas mulheres diz, que ainda no seu tempo celebravaõ os Romanos estas festas chamadas *Consualia*, em que se faziaõ no Circo mayor, em hum altar debaixo do chaõ huns sacrificios, nos quaes se accendiaõ muitos fogos, e muitas luzes: tambem corriaõ nellas cavallos, &c. O que deu a alguns motivo para chamar a este Deos com nome Grego *Poseidon*, ou Neptuno, e *Seisixton*, ou *Abalador da terra*. E quer o dito Author, que seja esta a razaõ de ficar o altar debaixo da terra, porque Neptuno, que he o mar, cérca a terra toda.

Conta. Vid. tom. 2. do Vocabul.

Adagios Portuguezes da Conta.

A contas velhas, baralhas novas. Renego de contas com parentes, e de dividas com ausentes. Fazer conta sem a hospeda.

Contas. O Rosario da Senhora, como tambem o Terço, e a Coroa, podese chamar, rezas, preces, devoçoens, mas segundo a especulaçaõ do Doutor Jeronymo Ribeiro de Carvalho, no seu Sermaõ do Rosario, pag. 22. e 23. chamaõse *Contas*; primeiro, porque alguns contaõ, e naõ rezaõ; muitos quando estaõ rezando, estaõ contando, e por isso buscaõ humas *Contas* muito grandes para se ouvirem, quando cahem; muitos andaõ com as *Contas* na maõ, que lhe podeis chamar mais bailadores, que rezadores, e trazem humas contas taõ desmedidas, que quando cahem, vós fazem estremecer, e se dormieis, vos acordaõ; segundo se podem chamar *Contas*, por-

porque alguns ha taõ miſeros, e taõ remiſſos, que por naõ terem *Contas*, rezaõ pelos dedos, e vaõ contando, e tudo he contar o que rezaõ; rezey tantos Terços, tantas Coroas, rezey tantos Roſarios; melhor fora que os naõ contareis vós, mas que vo los contaraõ os Anjos. Terceiro, em outro ſentido ſe podem chamar *Contas*, porque aos que oraõ, e rezaõ com piedade, os Anjos lhe fazem as *Contas*, eſtais a rezar, e ſe naõ contais, os Anjos vos contaõ as rezas, os Roſarios, as Ave Marias; os Anjos vos contaõ as voſſas contas, deixayas contar aos Anjos. Quando Tobias orava, o Anjo S. Rafael, &c. Quarto, podemſe tambem chamar *Contas*, porque dellas haveis de dar a Deos *Contas*, e do que naõ rezamos; do que naõ rezamos, porque naõ rezando, perdemos o tempo; e do que rezamos, porque rezando ſem attençaõ, perdemos as rezas. Quinto. Finalmente chamaõſe *Contas*, porque todas noſſas *Contas*, por beneficio da Senhora para aquelle dia ſe cifraraõ.

CONTENTARSE de alguma couſa. Alexandre contentandoſe muito, ou ficando muito contente deſta ſua liberalidade. *Hâc benignitate eius mirè lætus Alexander. Q. Curt.* Contentome muito deſte ſitio. *Situs iſte mihi perplacet. Ex Cic.*

CONTERRÂNEO. He palavra Latina de *Conterraneus*. Vid Paiſano. (Trazer ſeus *Conterraneos* ao rebanho de Chriſto. Fr. Jacintho de Deos, Vergel, pag. 121.)

CONTESTAÇAÕ. Vid. tom. 2. do Vocabul. Conteſtaçaõ. Contenda. *Contentio, Concertatio, onis, Fem. Cic.* (Sobre cuja eleiçaõ ha muitas *Conteſtaçoens*. Gazeta de Lisboa de 1721. Londres 29. de Janeiro, pag. 70.)

CONTIJA. (Como lhe as terras foraõ tiradas, ElRey poz a todas ſuas *Contijas*. Vida do Condeſtab. Nuno Pereir. 55. col. 4.)

CONTIGUIDADE. Uniaõ de couſa contigua. *Continuitas, atis, Fem. Plin.* (Pela contiguidade, que as ditas Ilhas tiveraõ. Criſol Purificat. fol. 59. col. 1.)

CONTINO. Vid. Continuo. (Em ſua caſa houve Continos de cota quatorze. Vida do Condeſtab. Nuno Pereira 55. col. 4.)

CONTRA. Contradiçaõ. Duvida. Meter as contras. Darlhe a alguem a contra. He o meſmo que impugnar as ſuas razoens. Tudo tem ſua contra, *id eſt*, ſua duvida. Termo muito commum, e domeſtico.

CONTRABANDISTA. Homem, que faz contrabandos. *Qui merces vetitas, vel interdictas inducit, vel occultat.* (Accidente, cauſado por alguns *Contrabandiſtas*. Gazeta de Lisboa, anno de 1722. França 29. de Junho, pag. 239.)

CONTRACADASTE. Termo de navio. He hum pao, quaſi como o cadaſte, mas vay pela parte de fóra.

CONTRADITAR. Impugnar. Refutar. Vid. nos ſeus lugares. (Suſpeiçoens recuſadas, ou contraditadas. Criſol Purificat. fol. 84. col. 2)

CONTRADITORIO. Couſa, que involve contradiçaõ *Secum invehens contradictionem.*

Propoſiçoens contraditorias. *Pugnantes ſecum ſententiæ.* Vid. Contraditoria, 2. tom. do Vocabul.

Juizo contraditorio. *Dicta utrinque cauſa. Latum judicium.*

Contrafazerſe. Disfarçarſe. Vid. no ſeu lugar. (Porque ſe lá dos Gentios o Jupiter naõ he, que por fazer quanto quiz, mil vezes ſe contrafez. Anton. da Fonſeca.

CONTRAMARCHAR. Fazer contramarcha. Vid. Contramarcha no 2. tom. do Vocabul. (As tropas receberaõ outra ordem para contramarchar. Gazeta de Lisboa 8. de Fever. pag. 43.)

CONTRAPARENTE. Parente por affinidade Parente de parentes. *Alicui affinis, Cic. Cum aliquo affinitate devinctus, a, um. Ex Cic.*

CONTRAPOSIÇAÕ. Figura da Rhetorica. He quando oppomos duas propoſiçoens, contradizendo huma com outra,

v. g.

v. g. A Christo deu Judas hum beijo, naõ para prova da sua amizade, mas para final da sua perfidia. *Contrapositio, Contentio, onis, Fem. Cic.* (Contraposiçaõ, igualdade, &c. Systema Rhetorico, fol. 124.)

CONTRARIAR. Vid. tom. 2. do Vocabul.

Contrariar. Repugnar. Opporse com razoens. Se vós quereis que seja assim, naõ o contrariarey. *Si ita vis, non repugnabo, refragabor, reluctabor, abnuam. Quò minus facias quod velis, nihil repugnabo.*

Contrariar alguem. *Contradicere alicui. Quintil.*

Estas cousas vem contrariadas. *Contradicuntur hæc Cic.* (Os que mais contrariavaõ esta guerra Barros, Dec. 4. fol 472.)

CONTROVERSO. Cousa, sobre que se alterca.

Quem o celebre mais, se o Mundo avaro.
Se o Polo, de mil luzes revestido,
Controverso *pareceo neste dia.*

Franc. Barr. Landim, Vida de S. Joaõ de Deos 4.

CONVERSAÇAÕ. Trato, mais que familiar Communicaçaõ carnal. Ter conversaçaõ com mulher. *Habere rem cum muliere. Terent.* (Se he que teve conversaçaõ com ElRey. Mon. Lusit. tom. 5. fol. 186. col. 3.)

CONVIDAR. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Convidar.

Onde te querem, ahi te convidaõ. Hospede, que se convida, despedese asinha. Axa naõ tem que comer, convida hospedes. Hum convidado convida outro. A boda, nem bautizado naõ vás, sem ser convidado. Bom de convidar, mao de fartar. O convidado mostrase amigo, mas naõ Letrado. A agua he fria, mas mais quem com ella convida.

CONVINHAVEL. Palavra antiquada. Vid. Conveniente. Accommodado. (Por buscar lugar *Convinhavel.* Fern. Lopes, Vida delRey D. Joaõ I. part. 2. cap. 33.)

COP

COPA. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Na Vida de D. Fr. Barthol. dos Mart. Fr. Luiz de Sousa, faz Copa sinonymo de Aparador, fol. 25. col. 3. onde diz. (A copa, ou aparador de estado, em que os vãos do Mundo se revem.)

COPAL, ou Pancopal. Resina dura, amarella, luzidia, transparente, e cheirosa, que por incisaõ destilla de huma arvore das Indias Occidentaes. He usada particularmente para as doenças da cabeça, e do cerebro. Ha outra, que tambem por incisaõ sahe de huma planta dos montes das Ilhas Antilhas, e se acha nas margens dos rios, ou nas enxurradas das correntes, ou cheas, e chuvas, que passaraõ pelos pés das ditas arvores. Alguns impropriamente lhe chamaõ *Karabè*, porque com elle se parece. O primeiro Copal he resolutivo, adstringente, e desecativo. Do segundo, ordinariamente se naõ usa, se naõ para verniz.

COPIAR. Substantivo. No Brasil val o mesmo, que alpendre.

COPO. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Copo de Roca. No seu Diccionario diz Agostinho Barbosa, que no Minho lhe chamaõ mancello de lãa, linho, ou estopa. *Globulus*, ou *manipulus*, ou *peniculus, lineus, laneus, vel stupeus.* Roca com seu copo. *Colus, instructa suo manipulo. Obsita colus lineo, vel laneo peniculo.*

COPRA. He o mantimento da gente mais pobre da Asia, e de toda a que vive em Paizes, que naõ produzem arroz; a copra he o coco pilado, e dura muito tempo sem corromperse; de Goa, e suas Provincias vay muita copra para Balagate.

COQ

COQUE. Vid. tom. 2. do Vocabular.

Coque. Pancada ligeira na cabeça.

Por ser dos que amigos saõ.
Me prometteo mais de hum Coque.

Bahia,

Bahia, nas suas redondilhas manuscritas.

COR

CORAÇAÕ. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Coraçaõ.

Coraçaõ partido, sempre combatido. Hum coraçaõ he espelho doutro. Lá vaõ os pés, onde quer o coraçaõ. Na face, e nos olhos, se lê a letra do coraçaõ. Por teu coraçaõ julgas o de teu irmaõ. A mulher do Escudeiro, toucas alvas, coraçaõ negro. Bom coraçaõ quebranta má ventura. O bom coraçaõ sofre, e o bom siso ouve. Contas na maõ, e o demonio no coraçaõ. Coraçaõ determinado, naõ sofre conselho. De grande coraçaõ he sofrer; de grande senhor he ouvir. Melhor he vergonha no rosto, que magoa no coraçaõ. Feitos te farey, que ao coraçaõ te cheguem. Quaes palavras te dizem, tal coraçaõ te fazem. Coraçaõ sem arte, naõ tem maldade. Quem seu coraçaõ quer vingar, sua casa vê prear. Fazer das tripas coraçaõ.

CORBELHA. Derivase do Latim *Corbula*, cestinho, Diminutivo de *Corbis*, cesto. De *Corbula* fizeraõ os Francezes o seu *Corbeille*, e em Portuguez se introduzio o nome *Corbellas*, que saõ huns cestinhos de vime dourados, ou prateados, ou de outra materia, que se poem cheyos de fruta, ou de doces para sobremesa em banquetes. *Corbula, æ, Masc. Varro.*

CORDELEJO. Reprehensaõ aspera. Derivase do aperto do cordel nos tratos. He usado no discurso familiar.

CORCOVADO. Na sua Historia Natural, liv. 5. cap. 19. pag. 73. diz Jacobo Bencio, que os Portuguezes deraõ este nome a hum peixe do mar das Ilhas Molucas, por ter nas costas huma corcova. No mesmo lugar diz, que he huma especie de delfim, ou golfinho.

CORDA. Vid. tom. 2. do Vocabular. Cassiodoro diz, que as *Cordas* dos instrumentos se chamaõ assim pelo movimento, que fazem nos coraçoens, que se chamaõ *Corda* na lingua Latina. Eva, e *Ave de Macedo, part. 1. cap. 23. fol. 112.*

CORDOVAÕ. Segundo a etymologia de Menage na palavra *Cordonnier*, *Cordovaõ*, se deriva de *Cordova*, Cidade de Hespanha, donde passou para outras partes, e particularmente para França, onde Theodulfo, Bispo de Orleans, *liv. 1. dos seus versos, pag.* 138. diz:

Iste, tuo dictas de nomine, Corduba, pelles
Hic niveas, alter protrahit inde, rubras.

Confirmase esta derivaçaõ, com o nome *Corduanos*, que antigamente se dava aos Mouros de *Cordova*. *Hæc Insula, (Antros)* diz Altaserra, ou Hauteserre, no Livro das suas Aquitanicas, cap. 1. *Fluctibus hausta, & obruta, ejus reliquias, & tenue vestigium eò loci superesse opinio est, ubi* Corduana Turris, *seu Pharus, cui nomen à* Cordubensibus, *seu Sarracenis, quod his arcendis opposita fuerit. Sarracenos Cordubenses, seu Corduanos vocavit deterior ætas, quod Corduba eorum Regia esset. Et ideo Ordericus Vitalis non uno loco* Sutulares Corduanos *dicit calceos consutos è pellibus, quæ* Cordubâ *advehebantur in Galliam, Vernaculi*, Cordovan.

CORDOVAÕ. A Torre do Cordovaõ. Faro, celebre em França, edificado em huma penha, onde desemboca o rio Garuna, quinze legoas da Cidade de Bordeos. Foy esta Torre edificada na Ilha Antros, que o mar tem comido, e naõ fica mais que o dito penedo. De noite se accende nella huma rocha, pela qual se governaõ os navios, que entraõ, ou sahem do dito rio.

CORISCO. Ilha de Africa deserta, quatro leguas alem do Cabo de S. Joaõ. Escreve Sanut, que os Portuguezes lhe deraõ este nome, porque quando a descobriraõ, cahio perto della hum corisco. Escreve Sanuto, que toda a Ilha he cuberta de arvores, cuja madeira he mais vermelha, que a do Brasil. Tem esta Ilha duas leguas de comprimento, e fica nos Estados delRey de Benin. Ainda que

que deshabitada, he de grande soccorro para os navios, que vaõ fazer aguada, e provetle de lenha. Dapper. Descrip. de Africa, pag. 318.

Cormarô. Planta muito odorifera depois de secca, a qual nasce em muitas partes da India, sem ser cultivada; o seu cheiro he muito semelhante ao do trevo, mas melhor; metida entre os vestidos, os preserva da traça.

Corna. Vid. tom. 2. do Vocabular. Tambem he huma ponta de boy, tapada por baixo com cortiça, e por cima com rolha tiradiça; serve de levar carne, peixe, e mais provimentos a quem vay à caça, e aos homens do campo.

Corneiras. Correas de couro crû, pegadas nos cornos, e na canga, para os boys puxarem pelo carro.

Cornicabra. Pera cornicabra. O Padre Fr. Thomás da Luz, na sua Amalthea, pag. 40. col. 2. lhe chama *Pyrum cornicaprum*; epitheto muito proprio he *Cornicaper*.

Coroa de rey. Em Alcobaça he huma abobara pequena redondinha, do meyo da qual sahem ao redor huns bicos, dous, e dous, que daõ à parte superior fórma de coroa.

Coroa de Nossa Senhora. Na Historia da sua tornaviagem da India para a Europa, tom. 8. da Histor. da India Oriental, pag. 107. col. 2. cap. 93. diz Joaõ Hugo Linscotano, que os Portuguezes daõ este nome ao que hoje, que os mesmos Portuguezes chamaõ em outras partes Corpo de S. Pedro Gonçalves, principalmente quando pelas velas, e mastos do navio andaõ quatro, ou cinco luzes a modo de velas, com cuja vista os marinheiros se alegraõ, esperando ver brevemente o fim da tormenta. *Apparebant autem* (diz o dito Author) *quinque, quatuorve hujusmodi faculæ, magnâ meâ admiratione &c. Quatuor ista lumina*, Coronam nostræ Dominæ, *Lusitani vocant. læta alias, & melioris oræ signa, at jam inde in navi nostrâ alia boni omnis facies erat.*

Coroa. Insignia de victoria, ou de dignidade. Nas memorias dos Antigos se acha, que Baccho, e Jano foraõ os inventores das Coroas; e assim que Baccho depois da conquista da India, se coroara com folhas de era, e que Jano, Rey de Italia, usara de Coroa nos sacrificios. As primeiras Coroas dos Romanos eraõ compostas de duas, ou tres fitas, atadas ao redor da cabeça; fizeraõ-nas depois de ramos de arvores, e depois de flores, entresachadas com raminhos de erá, e de outras plantas, que facilmente se dobraõ. Nos banquetes, os convidados se punhaõ à mesa com tres coroas, huma na moleira, outra na testa, e outra ao redor do pescoço. Escreve Plinio, que a ramalheteira, chamada *Glycera*, muito querida do Pintor Pausias, foy a que inventara o matiz das cores na variedade, e composiçaõ das flores, para a fermosura, e fragrancia das capellas. Ao ornato destas coroas se accrescentou depois o dos nastros, ou trenas bordadas; ou tecidas de ouro, que pendiaõ pelos hombros. Tambem diz Plinio, que Publio Claudio Pulcher, Consul, no anno da fundaçaõ de Roma 569. introduzio o costume de dourar, ou cobrir com folhas de ouro o cerco, ou circulo de junco, em que estavaõ pegadas as flores. Na ceremonia das bodas trazia o noivo huma coroa, e a noiva sahia com duas, huma de flores naturaes, quando a conduziaõ para a casa do noivo, e outra de flores artificiaes representadas em ouro, e salpicadas de perolas, e diamantes. Nos seus Templos coroavaõ os Gentios as estatuas dos seus Deoses. A Baccho davaõ huma coroa de era, ou de videira; a Saturno huma coroa de ramos de figueira; a Jupiter coroas de toda a casta de flores; a Apollo huma coroa de loureiro, a Hercules de alemo, a Pan de pinheiro; aos Deoses Penates, de murta, e de alecrim; a Castor, e Pollux de canas; a Venus de rosas, e de murta; às Graças de oliveira; como tambem a Minerva; a Juno de videira; a Lucina, ou Diana de Dictamo, que he huma especie de ouregaõ.

gaõ. Tambem aos Deoses se offereciaõ coroas de ouro, como a que Attalo, Rey de Pergamo, mandou a Roma, para se pôr no Capitolio, a qual pezava duzentos e quarenta e seis arrateis de ouro; e a que Filippe Rey de Syria mandou pelos seus Embaixadores, que pesava cem arrateis de ouro. Os Sacerdotes, e sacrificadores no tempo do sacrificio estavaõ coroados de ouro, ou de ramos de oliveira; mas as dos Flamines eraõ de louro. Até as victimas eraõ coroadas de ramos de acipreste, ou de pinheiro; nos funeraes ornavaõ os sepulchros com coroas de louro, ou de oliveira, e algumas vezes de assucenas. Passou este costume de Lacedemonia para Athenas, e de Athenas para Roma. Nos dias de ceremonia os Magistrados traziaõ coroas de oliveira, ou de murta, os Embaixadores de verbena, (vulgarmente Urgebaõ) ou de oliveira.

Coroaçaõ. O coroar, ou pôr a alguem huma coroa na cabeça. *Coronæ impositio, onis, Fem.*

Coroça. Desta palavra, além do sentido, em que se acha no tom. 2. do Vocabulario, se faz mençaõ nas Constituiçoens do Arcebispado de Lisboa Oriental. lib. 3. titulo 8. Decreto 5. onde diz: *Tendo os Beneficios sem titulo Juridico, e Canonico, nem (como antigamente se dizia) em Coroça.* Usaõ os Francezes de huma locuçaõ semelhante a esta, porque chamaõ ao Bago Pastoral *Croce*, ou crosse derivado de *Croc*, que no dito idioma quer dizer *Gancho*, figura propria da curvatura do Bago Episcopal na parte superior; e (segundo o Glossario de Ducange) antigamente na baixa latinidade o Bago do Bispo se chamava *Crocia*, donde parece se deriva o vocabulo antiquado *Coroça*, e o seu adjectivo, *Encoroçado*, tambem usado nas ditas Constituiçoens, e lugar citado §. 1. que diz assim. (Mandamos, que todos os fructos, que dos taes Beneficios se levarem, e que assim estiverem providos, e encoroçados, se restituaõ.) Ao presente naõ tenho com quem conferir sobre o genuino significado destes dous vocabulos; mas pareceme, que nos lugares allegados, *Coroça*, quer dizer Bispado, ou Arcebispado, assim como hoje dizemos: Estes bens saõ, ou naõ saõ da mitra, e assim *Beneficios encoroçados*, val o mesmo, que *Beneficios annexos á mitra*. Os Francezes ainda hoje usaõ do seu *Crosse*, e *Crossé*, quasi neste mesmo sentido, porque chamaõ *Abbaye crossea*. A Abbadia com privilegio de Bago Episcopal; á imitaçaõ delles, poderiamos chamar, (segundo o uso antigo) *Abbadia encoroçada*, toda a Abbadia de Baculo, ou jurisdiçaõ Episcopal.

Coromandel. Vid. Choromandel, supra.

Coronide. He tomado do Latim *Coronis*, que val o mesmo que remate, fim, ou perfeiçaõ de alguma obra. (Impoz o Ceo a Coronide a taõ santa vida. Agiol. Lusit. tom. 2. pag. 474.) Vid. *Coronis*, mais abaixo.

Coronis. He o nome de huma Deosa, que os Sicyonios, Povos do Peloponeso adoravaõ. A estatua, ou figura desta Deosa, naõ teve Templo particular; mas era venerada no de Pallas, e nelle se lhe offereciaõ sacrificios. Vid. *Pausan.*

Coronis. Filha de Phlegias, foy querida de Apollo; mas tendo dado demasiadas confianças a hum certo Ischis, filho de Elato de Thessalia, o corvo descobrio o segredo a Apollo, que a matou de ciume, e depois de morta por Mercurio, lhe fez tirar por huma ilharga a criatura, e lhe deu nome Esculapio, e o deu a criar a Chiron o Centauro, e ao corvo em vez das pennas brancas, que entaõ tinha, lhe deu plumagem negra, para todo o tempo da sua vida trazer luto da sua Senhora. Do corvo nenhuma mençaõ faz Pindaro; mas diz, que o mesmo Apollo conhecera a infidelidade de sua amiga, e que depois de a matar, lhe tirara de huma ilharga a criança, no tempo, que levavaõ o seu cadaver a queimar.

Coronis. Palavra Latina; era hum sinal,

nal, quasi a modo de semicirculo, ou da letra V, ou da cifra 7. em que se representavaõ as azas da Gralha, ave cuja figura costumavaõ pôr para remate do edificio, que se acabava de fazer; e assim se punha este final no fim dos livros; e tambem no principio delles, segundo se diz dos Romanos, e este tinha a figura de crescente da Lua. *Coronis, idis, Fem.* Vid. *Plura apud Cæl. Rhodigin. lib. 15. cap. 20.*

Corpo. Pintura de meyo corpo. *Pictura, quæ ad thoracem terminatur.* Em Authores Ecclesiasticos se acha *Thoracida*; neste sentido, e no seu livro *De rebus Ecclesiæ, cap.* 8. escreve Vallfrido, que nos Actos de S. Silvestre Papa se acha, que o Emperador Constantino vendo os meyos corpos dos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, os reconheceo pela visaõ que tivera delles, e que estes meyos corpos ainda hoje se mostraõ na Basilica Vaticana. Agora a duvida está em saber até onde chega a parte do corpo, que os Medicos chamaõ *Thorax*; Hippocates no livro de Arte diz, que o *Thorax* chega do pescoço até o ventre; Aristoteles no cap. 7. dos animaes o faz chegar até as coxas, *usque ad crura*, e nesta fórma se vem as imagens dos ditos Apostolos, no quadro que se guarda na Basilica Vaticana. Salmasio chama *Thoracida* a huma imagem da Senhora, pintada de meyo corpo da cabeça até a cintura. Vid. no Vocabulario, na palavra corpo, *Meyo corpo.*

Corporal. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Festa Corporal, se chama a que em huma Cidade de Toscana se celebra, em veneraçaõ de hum Corporal, salpicado com gotas do sangue de Christo Sacramentado, que foy achado envolto em hum pano no qual em letras Goticas estava escrito, *Banda, in qua involuta fuit pars Corporis, & corporale cum guttis Sanguinis Christi. Odoricus Rainaldus, in Annal. Ecclesiast. ad annum 1264. num. 26. &c.*

Crime corporal. Assim chama a Glósa ao adulterio, ou incesto, commettido por Bispo, 2. *quæst.* 7. *Can. Lator.* Vid. *Hierolexicon Dominici Macri, fol.* 190.

Corpus. He palavra Latina, da qual às vezes usamos. Dia de *Corpus*, val o mesmo, que dia do Corpo de Deos. Vid. no 2. volume do Vocabulario, na palavra Corpo, Corpo de Deos. (O dia de *Corpus* passou ElRey, e seus filhos a Lisboa. *Lavanha, Viagem de Filippe, fol. 7. vers.*)

Correaõ. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Correens em que descança a caixa do coche *Lora rhedam sustinentia*, ou *librantia.*

Corredella. Vid. Corrida. De corredella. Vid. De corrida. *Cursim.*

Partia de Corredella
Por fagerme agasalhado.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Çamfonha de Euterpe 74. col. 1.

Corredor. Andarim. Vid. supra. (Quatro negros, e dous Corredores. Gazeta de Lisboa, anno 1726. Russia 1. de Mayo, fol. 193.)

Corredor. Na barra de Lisboa, he huma corrente de agua, como encanada, e apertada: na dita barra ha dous corredores, o corredor de cima, que fica por detraz da cabeça, e Torre do Bugio, e o corredor de baixo, que fica defronte da plataforma, por entre ella, e os Cachopos. (Na barra de Lisboa se perderaõ tres naos, que vinhaõ do Brasil. Gazeta de Lisboa, anno de 1720. no mez de Janeiro.)

Correento. Cousa que resiste ao dente. Esta gallinha he dura, e correenta. *Gallina dura, malùm respondat palato. Horat.* Nas exercitaçoens *In Solinum, pag.* 1127. Diz Salmazio Skitodi. *Græci vocant omnes carnes, quæ cum difficultate manduntur, atque inter dentes trahuntur, ut coria.*

Corecçaõ. Figura da Rhetorica. He quando emendamos huma proposiçaõ com outra v. g. Quantos banquetes se fizeraõ na dita casa, se casa se deve chamar o que sempre foy officina da iniquidade, e prostibulo de todo o genero de lascivias. *Correctio, onis, Fem. Cic.*

(Com-

(Complexaõ, *Correcçaõ*, Disjunçaõ. Systema Rhetorico, pag. 125.)

Correger. Emendar, concertar. Vid. nos seus lugares. (Foy ver a nao, em que havia de ir, e mandou-a *Correger* à sua vontade. Vida do Condestab. Nun. Per. pag. 71. col. 1.)

Corregido. Antigamente se dizia de toda a pessoa, ou cousa bem ordenada, composta, e aceada, segundo a sua proporçaõ. (Com muitas gentes, e bem corregidos. Lopes, Vida delRey Dom Joaõ I. parc. 2. cap. 155.)

Corrego. Termo de Mineiro, nas Minas do Rio de Janeiro. He hum regato de agua, que vem a passar pelas terras, onde se busca o ouro.

Correr. Por outros modos se usa deste verbo. Correr com hum pao ao criado. Correr huma cousa por conta de alguem. Correr a caixa, he dar açoutes.

Corretor. Derivase do Francez *Courtier*, e este nome Francez se deriva do Latim *Cursitanus*, porque he proprio do corretor de correr de huma parte para outra, para ajustar compras, e vendas.

Corrilho. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Este nome commummente se usa no plural, fazer corrilhos, andar por corrilhos, id est, andar pelas converśaçoens, pelas Praças, onde os homens costumaõ juntarse em roda, para conversar. *Hominum cœtus obire.*

Corriola. Cahir na corriola. He deixarse enganar. Armar corriola. He fazer alguma peça. Vid. tom. 2.

Cortamaõ. Termo de Carpinteiro. He huma taboa triangular, que serve de passar a esquadria, e meya esquadria.

Cortapao. Passaro do Brasil, do tamanho de pombo; tem o bico direito, agudo, e taõ rijo, que com elle corta a casca das arvores, donde lhe veyo o nome de Cortapao. O Gentio do Brasil lhe chama *Ipecu*. Tem sua crista; as azas saõ negras por fóra, e por dentro brancas. *Jorge Marcgrav. Histor. Avium, liv. 5. cap. 10.*

Cortimento dos vinhos. Huns o fazem desengaçando as uvas, cortindo sómente com a baganha, para naõ haver travo no vinho. Fazem outros o cortimento com o engaço, pizando as uvas pretas na tina, e deitando esta massa no balseiro, com o vinho, que se quer tingir com aquella tinta. Os cortimentos huns os fazem em tinas, outros nos mesmos toneis, em que se ha de cozer; este he de mayor trabalho, mas he melhor, porque como a boca do tonel he mais apertada, naõ exhalaõ tanto os espiritos, e está mais conchegado o vinho.

Cortir. Vid. tom. 2. do Vocabul. Cortir o vinho. Vid. supra, Cortimento.

Coruche. Villa de Portugal, no Arcebispado de Evora, e Provedoria de Santarem. Fica ao pé de hum monte, na planicie de hum valle, onde a banha, e rega seus campos a ribeira da Erra. No livro intitulado, *Poblacion General de España*, diz Rodrigo Mendes Sylva, que esta Villa foy fundaçaõ dos Gallos Celtas, 308. annos antes do Nascimento de Christo. Entrou no Senhorio dos Mouros, mas no anno de 1166. ElRey D. Affonso Henriques a conquistou, e fez doaçaõ della à Ordem de Aviz. Pelos annos de 1180. tornou a ser dominada dos Mouros, que a destruiraõ de todo, até que dous annos depois da sua ruina o mesmo Rey a restaurou, e a mandou povoar, e lhe concedeo grandes foros, com privilegio de gozar de voto em Cortes, com assento no banco decimo quarto.

Coruja. Vid. tom. 2. do Vocabulario. O Adagio Portuguez diz, Coruja de seraõ, agua na maõ.

Corvo. He ave, a que Apollo tem odio, porque com o seu mexerico foy causa da morte de sua amiga *Coronis*, que elle matou do ciume, que teve della, e em castigo, de branco que era, o tornou negro, como o declara *Ovidio no livro 2. de suas Metamorph.*

Sperantemque sibi non falsa præmia linguæ
Inter aves albas vetuit consistere corvum.

Dizem,

Dizem, que os filhos dos corvos, apanhados no ninho, e expostos ao fumo da flor do enxofre, se fazem brancos. Diz Ovidio, que hum dia mandara Phebo ao corvo buscar agua, e que esta ave para desculpar a sua tardança, tomara por pretexto o encontro de hum vaso de agua, e de huma cobra. A verdade era, que o corvo esperava, que os figos fossem maduros, para se fartar delles. Castigou Apollo esta mentira com a prohibiçaõ, que lhe fez de beber, em quanto vaõ os figos amadurecendo.

Addis ait culpæ mendacia, Phœbus?
Et audes
Fatidicum verbis fallere velle Deum?
At tibi, dum latens hærebit in arbore ficus,
De nullo gelidæ fonte bibantur aquæ.

Com esta Fabula disfarçaraõ os Poetas huma verdade fisica, e he, que os corvos adoecem, e padecem muita sede, em quanto os figos saõ de leite. *Corvi* (diz Plinio) *sexagenis diebus siti maximè, antequam fici coquantur Autumno.*

Coruscante. He palavra Latina de *Coruscans*, ou *Coruscus*, que quer dizer muito luzido, resplandecente.

Que espada meneando Coruscante.
Man. Tavares, Ramalhete Juvenil fol. 209.

COS.

Cos. Corpinho de mulher. Vid. Corpinho, tom. 2. do Vocabul.

Cosença, ou Cosenza. Cidade Archiepiscopal de Italia, na Calabria Citerior, perto do rio Crato. Nesta Cidade Alarico I. Rey dos Godos, anno de 410. morreo, e teve o dito rio por sepultura. *Cosentia*, ou *Cozentia*, *æ*, *Fem.*

Cosmolabio. Instrumento Mathematico, com o qual se tomaõ as medidas do Mundo, assim do Ceo, como da terra. He quasi o mesmo que *Astrolabio*. Tambem lhe chamaõ *Pantocosmo*, ou instrumento universal. Derivase este nome do Grego *Cosmos*, que quer dizer *Mundo*, e de *Lambano*, tomo, ajunto. Leaõ Morgard, Mathematico Parisiense, compoz hum livro sobre o uso deste instrumento; o qual foy impresso anno de 1612.

Costoens. Vid. Castoens.

Costumeiro. No governo Economico da Companhia de Jesus, em Portugal, he hum livrinho, ou caderno, assignado pelo Padre Provincial, e Padres Consultores, em que está notada a calidade dos antipastos, e pratos extraordinarios, que se haõ de dar no Refeitorio, segundo a calidade das festas, e dias Santos do anno. O despenseiro tem hum, e o Padre, a que chamaõ Ministro, tem outro; e ambos com este duplicado roteiro, ou diario se governaõ.

COT.

Cota de armas. Vestidura Militar, que os Antigos chamavaõ *Colobium* da palavra Grega *Colobos*, que quer dizer, *Cortado*, ou *encurtado*. Era huma especie de tunica, sem mangas, que naõ chegava até os joelhos. Só no tempo dos Emperadores começou a ser usada. Para os escravos foy prohibida, como se vê em Servio sobre o primeiro livro da Eneida; nem toda a gente de guerra andava com ella. Segundo o Codigo Theodosiano liv. 4. tit. 10. os Senadores eraõ obrigados a trazer outra semelhante tunica pela Cidade. Com o tempo adiante os Bispos usaraõ deste genero de vestidura, e o Papa Entichiano, que succedeo a Felix I anno do Senhor 275. mandou, que se naõ amortalhariaõ os Martyres, senaõ em tunicas de purpura, o que porém foy tirado por S. Gregorio Magno, *Regist. liv. 4. Epist.* 48.

Cota. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Na praxe Forense, cota mais particularmente, he aquelle paragrafo, que escreve o Letrado no feito, em que pede mais termos para o despachar, e põem à margem, *Embargos*; e nos feitos civis, e crimes se acha a cada passo nos despachos dos Ministros, *Defiro à cota,*

ta, folhas tantas; ou sem embargo da cota, folhas...

Cota. Peixe grande, no qual falla o Foral de Setuval, cap. 18. citado por Cabedo, Decisaõ 48. pag. 2. num. 4. (Se alguma balea, ou baleato, serea, cota, ou boaz, ou musaranha, ou outro algum pescado grande, &c.)

Cotabaça. Na India Portugueza, he a obrigaçaõ de cobrar o sacador de todos os foros, como proprio rendeiro, ou arrematador das varzeas arrematadas, e ainda que os arrematadores as naõ semeem, elle he obrigado a semeallas, e segurar toda a importancia, arrematandoas de novo, e haver a diminuiçaõ do preço arrematado.

Cotia. Embarcaçaõ da India. (Muitas cotias carregadas de fazendas, mantimentos, &c. Decada 4. de Couto, fol. 127. col. 4.

Cotio, ou Cottio. Alpes Cotios. Deraõ os Antigos este nome à parte dos Alpes, que contém em si os montes Genevra, Cenis, Viso, e pela parte de Italia os valles de Lucerna, e Perusa. Derivase este Cottios, de Cottio, que era Principe daquellas terras. No seu Senhorio se comprehendiaõ doze Cidades, cada huma dellas Cabeça de huma pequena Provincia, e a Cidade de Suza era a Metropoli daquelles Estados. Havia Augusto procurado sobjugar o dito Cottio, e desenganado da empreza, o aggregou aos aliados do Povo Romano. A Julio Cottio deu o Emperador Claudio o titulo de Rey, anno de Christo 44. e depois da sua morte, ou da do seu successor, anno de 65. o Emperador Nero reunio este Estado com o Imperio. No cap. 37. na Vida de Tiberio, e na Vida de Nero, cap. 18. faz Suetonio mençaõ deste Cottio. *Alpes Cottiæ.*

Cotitta, ou Cotyto. Deosa da Imprudencia, cujas festas celebravaõ seus Sacerdotes de noite, bailhando. Tem para si Probo, que esta Deosa fora Comediante, e que os Baptas seus sacrificadores, tinhaõ o mesmo officio.

Cecropiam soliti Bapta lassare Cotytto.

Cotonias. Pano de seda da India, lavrado; tem tres palmos de largo, e dez covados cada peça; serve para vestidos de mulher. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Cotoval. Na India, he o Juiz dos feitos crimes; na Turquia chamase *Sombachi*, e na Persia, *Daroga*. Naõ tem poder para executar o delinquente, sem primeiro mandar hum proprio ao Rey, para explorar a sua vontade sobre o processo daquelle, que merece a morte. Este Cotoval tem obrigaçaõ de dar conta de todos os roubos, que se fazem na Cidade, para este effeito tem Alcaides, ou Archeiros, com corpos de guarda, que de noite correm a Cidade tres vezes, a saber, pelas nove horas, pela meya noite, e pelas tres horas. *Thevenot, Viagem da India, tom. 3.*

Cotovelo. Peras de sete cotovelos. Chamaõlhe assim, porque o ambito desta casta de peras, se divide em huns como nós, ou tumores. Saõ muy sumarentas, e de bom gosto. O interior dellas quasi naõ tem carocinhos, e facilmente se desfaz na boca. Saõ quasi do feitio de peras de resego, mas majores, e de gosto mais suave. Vid. Gavalia neste Supplemento.

COV

Cová. Vid tom. 2. do Vocabulario.

Cova. Tambem he o nome de hum porto na Ilha de Amboino, o qual he muito seguro de todos os ventos (O Capitaõ mór deixou os galeoens na *Cova*. Diogo do Couto, tom. 8. fol. 101. col. 2.)

Covato. Termo de Agricultor. Buraco aberto no fundo da cesta, no qual se unha o bacello. *Scrobiculus, i, Masc. Columel.* (Abrir hum covato ao pé da cepa, com aquella profundidade, &c. Alarte, Agricultura das vinhas, pag. 176.)

Covato. O lugar, que se dá ao Coveiro, para abrir covas. Pedro tem o covato de S. Francisco, Antonio tem o

covato

covato de S. Paulo. *Petrus, vel Antonius in hac, vel illâ Sacrâ æde est scrobium. Fossor.*

Couce. Termo de navio. He hum pao, que pega na quilha, e no cadaste.

Coucon. Nome de hum dos dous paos, entre os quaes anda o eixo do carro. Nas duas ilhargas, debaixo das bonecas, ficaõ os coucoens, junto à roda.

Coulaõ. Cidade, e Reyno da India, na Peninsula à quem do Ganges, na costa do Malabar. Era Coulaõ Cidade muito rica pelo seu grande commercio, mas as areas do mar tem quasi fechado o seu porto. Para Goa, e Calecut passou o negocio. Em Coulaõ tiveraõ os Portuguezes huma Fortaleza, e foraõ causa da conversaõ de muita gente à fé de Christo neste Reyno. *Maffeo, liv. 2. Jauic. liv. 6. cap. 17.* De como a Rainha de Coulaõ mandou pedir aos Capitaens Portuguezes, que fossem duas naos tomar carga ao seu porto. Vid. *Decada 1. de Joaõ de Barros, liv. 7. cap. 3. fol. 130 col. 2.*

Couraça. (A aspereza de huma couraça, ou cota Jacarina. Ciabra, Exhortaçaõ Militar, pag. 8.)

Couto. Na India Portugueza chamase assim o encabeçado, ou rendeiro da varzea, ou de outra cousa.

COX

Coxo. O passear naõ he para coxos. Homem coxo, ordinariamente he mao. Vulcano, que por sua deformidade, ainda que filho de Jupiter, e de Juno, foy lançado do Ceo, quebrou huma perna, e da queda ficou coxo, e luxurioso. A razaõ Fisica da luxuria dos coxos, os Medicos o diraõ. Hum Espartano, que era coxo, perguntado porque aleijado hia à guerra, respondeo, que levava proposito de naõ fugir. O famoso Horacio, que pelejando com toda a Toscana, defendeo a sua Patria, e na peleja perdeo huma perna, vendo, que certo maligno zombava deste seu defeito; isto, disse elle, naõ he culpa minha; mas favor Divino, que quiz que a cada passo, me lembrasse do meu triunfo. Em hum mundo, em que quem muito corre, se precipita, o coxear he huma especie de bemaventurança. He graça do Ceo ter hum contrapezo, que modere a pressa, com a qual muitas vezes perdemos os negocios, que tratamos; muitas vezes aproveita a suspensaõ do que se intenta.

COZ

Coz. Villa. Vid. Cós, na letta C do Vocabulario. Tem o Mosteiro de Santa Maria de Coz mais de quatrocentos annos de antiguidade, segundo originaes Escrituras, assim de seu Cartorio, como de Alcobaça, porque foy fundaçaõ de D. Fernando, hum dos primeiros Abbades desta Regia Casa, e executor do testamento delRey D. Sancho I. o qual como deixasse nelle dez mil maravedis, (moeda daquelle tempo) para se fazer hum Convento de Religiosas da Ordem; elle parece, que deu comprimento a esta piedosa verba, assignandolhe rendas da Abbadia para seu sustento; e por isso he filiaçaõ de Alcobaça, e os Abbades seus Padroeiros. O Padre Fr. Jeronymo Roman na Historia manuscrita do Convento de Alcobaça, quer que fosse o de Coz em seus principos de mulheres recolhidas, mas tem contra si as antigas Escrituras, que as trataõ por Donas, e nomeaõ por Freiras. O Cardeal Dom Henrique lhe acabou as obras começadas da Igreja, Coro, e dormitorio, com outras officinas, que com mulheres nobres, e religiosas virtudes lhe grangearaõ nome.

CRA

Craco. Deidade dos Egypcios, à qual costumavaõ offerecer em sacrificio cousas salgadas. *Cal. Rhodig. liv. 2.*

Crana, ou Cardinea. Filha de Jano, que succedeo a Sabacio no governo dos Aborigenes. Diz Beroso, que Crana era

era filha de Jano; mas Ovidio a faz irmãa de Apollo, e amiga de Jano, à qual este Deos, para premio da ultima mercé, que della recebera, lhe concedera a superintendencia das couceiras das portas; donde nasceo, que foy chamada *Cardinea*, *à Cardinibus*.

Prima dies, tibi Crana datur, Dea Cardinis hæc est.
——— Teque potitus
Jus pro concubitu nostro, tibi cardinis esto.
Hoc pretium positæ virginitatis habe.

CRANGANOR. Reyno na Peninsula do rio Indo, àquem do golfo de Bengala, na Costa do Malabar, com Cidade do mesmo nome. Foy dos Portuguezes. Os Povos saõ quasi todos Christãos.

CRAPULA. He palavra Latina, tomada do Grego, *Xapa*, Cabeça, e *Pallein*, menear, tremolar, &c. porque (como diz Suidas) aos bebados o vinho faz tremer a cabeça. Porém no cap. 23. 1. de Plinio, Crapula, he huma bebida, em que entra vinho, a qual acomete à cabeça, e com dor a faz bambalear. Como pois advertio Mathias Martinio por *Crapula*, tambem se entende demasiado comer. E assim *Crapula*, mais propriamente he hum pezo na cabeça do muito beber, e comer: donde vem estes modos de fallar, *Exhalare crapulam*, Cic *Obdormiscere crapulam* Plaut. *Discutere crapulam*. Plin. que significaõ cozer o seu vinho, dar lugar aos fumos da ebriedade, que se dissipem. (Morto em Babylonia este grande Monarca, ou de peçonha, ou de demasias da *Crapula*. Ant. Mar. Bonucci, Epitome Chronologico, Geneal. e Histor. liv. 5. fol. 64.)

CRA'S, CRA'S. Voz, que imita a do corvo. Usaraõ della os Latinos, e significa a manhãa, ou o dia de à manhãa, como se vê em Persio, que diz:

Jam cras hesternum consumpsimus, ecce aliud cras.

Marcial diz:

Cras te venturum, cras dicis, Posthume, semper;
Nescio cras illud, Posthume, quando venit.

Dizem-me, que tambem no Portuguez se usa este adverbio.

CRAU. Campo grande do Reyno de França, na Provincia de Provença. Tem algumas oito legoas de comprimento, e està todo cheo de pedras, entre as quaes se criaõ humas hervinhas, que daõ excellente pasto ao gado. Investigaraõ os Antigos a causa desta taõ grande quantidade de pedras, mas parece, que naõ deraõ nella. Dava Aristoteles a causa dellas a huns tremores da terra, que às vezes levantaõ pedras no ar, e que os ventos impellem como chuvas para os campos. Tinha Possidonio para si, que esta planicie fora algum dia huma grande lagoa, que se seccara. Mas Æschiles, a quem, como aos mais Poetas era licito o mentir, conta, que pelejando Hercules com os Ligurios, vira Jupiter ao seu filho em grande risco, e com o diluvio de pedras, que deixou cahir do Ceo, opprimira seus inimigos. *J. Spon. Viagem de Italia, anno de* 1675.

CRAVEIRA. Termo de Ferreiro. He hum instrumento ferreo, onde se fazem as cabeças aos pregos, depos de estendidos na çafra, por hum buraco, que tem na ponta, sobre a qual com malhos lhe fazem as cabeças. As craveiras saõ conforme os pregos, porque ha craveira de moeda, de quatro, cinco, e dez reis, &c.

CRAVEIRO. Chamaõ os mareantes hum fenomeno, que varias vezes apparece, e ultimamente de alguns foy tido por Cometa, senaõ com barba, com buço.

Craveiro. Arvore, que dá cravos, especie, que nos vem das Molucas. Naõ tem nome proprio Latino, mas à imitaçaõ de Vossio, que chama ao cravo flor, *Flos Cariophylleus*, lhe poderemos chamar *Arbor Cariophyllea*, porém com impropriedade, porque *Cariophyllus*, he vocabulo Grego, composto de *Carion*, que quer dizer *Noz*, e *Phyllos*, que he *Folha*; e parece, que se lhe

deu este nome, porque a planta, que produz o *Cravo*, fruto, dá folhas, que tem semelhança com as de nogueira. Ao cravo, especie, derão os Portuguezes muitos nomes. *Cravo-madre*, he o que ficou de hum anno para outro, e por isso engrossou. *Cravo* limpo de pão, e de bastão, he o a que lhe apartarão a huma parte os pasinhos, a que os Castelhanos chamão *Fuste*, que são aquellas pontinhas, em que nasce o cravo, que tambem cheirão, e requeimão. *Na Decada 4. de Diogo do Couto, liv. 7. cap. 9. fol. 138.* achará o Leitor muitas outras propriedades desta planta.

Cravo. Flor. Vid. tom. 2. do Vocabulario. No idioma Portuguez os nomes desta flor são tantos, e tão extraordinarios, que não será inutil fazer menção de alguns delles. Ha cravo almirante, ou iamirante; cravo da rochella, e cravo rochellaõ; cravo facada, e facadinha; cravo sangrado, e cravo disciplinante; cravo temporaõ, e cravo Primavera, cravo da fonte; cravo de sege; cravo excellente; cravo excellente cresspo; e cravo degenerado; cravo branco, e cravo branco picado; cravo albuquerque; cravo Principe de Albania; cravo Principe de Orange; cravo Principe de Transilvania; cravo rosa; cravo encarnado; cravo roxo; cravo cuscarado; cravo choca de Dama; cravo Paço d'Arcos, e cravo bilbao. Hervolarios, que escreverão em Latim, descreverão esta flor com nomes mais proprios. Os mais exquisitos, e elegantes são os que se seguem. Em primeiro lugar, do cravo em geral, huns dizem assim: *Cariophyllus est plantæ genus, flore pluribus petalis constante, in orbem positis ex calice cylindriaco, & membranaceo, ad exortum squammato emergentibus. Pistillum autem ex eodem calice surgit, abitque deinde in fructum, cylindracem pariter, apice delitescentem, calice ipso involutum seminibus fartum planis, & quasi foliaceis, placentæ affixis. Centrum surrigit duas veluti clavas, ad latera, propter capita prægrandia inclinans, tametsi recto nitatur vertice, flos tantæ molis, tantilli calami. Odor omnibus hortensibus gratissimus, nullus sylvestribus; semen atrum, cæparum simile, per Autumnum colligitur in theca; propagatur tamen per traduces, ubi urnæ inferitur stolo terrâ fæcundâ fartæ, ut radicibus actis amputetur. Docuit dies thecam disrumpi, nisi colligas in collare; augeri autem molem thecæ, & foliorum numerum, latitudinemque, si resecetur soboles nimia.* Vindo pois as muitas especies do cravo, as principaes são estas. *Cariophyllus flore lactei candoris maculis asperso. Cariophyllus montanus, umbellatus, floribus variis luteis, ferrugineis. Cariophyllus purpurascens, punctatis foliis. Cariophyllus flore laciniato, staminulis corniculatis odoratis. Alii recensentur cariophylli suave rubente colore perfusi; alii subalbidi punctulis intensè purpureis, alii flore maiore, partim carnei, partim albi, rubris striis, ac punctulis variegati; alii proliferi, flore singulari.* Tambem por outro modo poderás dizer: *Videas lacte candidiores, sanguine frigido rubriores, tum autem extremis hisce colorum gradibus relictis, modò ex hoc, modò, ex illo splendorem nancisci, umbram ferre; sunt varia, sunt guttæ, tum in sanguinem, tum in lac sparsæ, parciùs, densiùs. Illud vix dubis, & cæruleum alicubi visum; & quæ dicas adulteria naturæ, ubi ex eâdem radice, ex eodem calamo, & diverso alium, atque alium spectes colorem. Denique sunt cariophylli augustifolii, & latifolii, aromatici, & inodori, unicolores, bicolores, multicolores, rubrescentes, rubri, ruberrimi, violacei, & sanguinei, tenuiter ac tenuissimè dissecti.*

Cravo. Fixar o cravo. Superticiosa ceremonia dos antigos Romanos. No Consulado de Lucio Genucio, e de Lucio Æmilio Mamerco, anno do Periodo Juliano 4352. da Criação do Mundo 3690. e de Jesus Christo 361. por causa da peste, que continuava em despovoar Roma, virãose os Romanos obrigados a

recorrer à ceremonia de fixar o cravo; o que já se naõ costumava, se naõ para sinalar o numero dos annos em observancia da ley, que dizia, *Fixe o Pretor mòr o cravo aos tres de Setembro.* Com o tempo degenerou este costume politico em superstiçaõ, porque aos simples deraõ a entender, que esta ceremonia tinha virtude para atalhar as calamidades publicas, e em certo modo cravallas em huma parede. Este cravo era de cobre, e o fixavaõ no muro de traz da capella de Minerva, no Capitolio, à maõ direita do Templo de Jupiter Capitolino, e para se celebrar esta ceremonia, se criava no dia della hum Dictador. No liv. 7. cap. 3. faz Tito Livio mençaõ muito ampla deste costume, e diz, que procedeo de que antigamente ardendo Roma em peste, hum Dictador a extinguira, fixando em huma parede hum cravo. *Clavum figere*, ou *clavum pangere. Tito Livio no dito lugar.*

CRE

Credencial. Cartas credenciaes. As que se daõ, para que se dê credito ao que disser o portador dellas. *Litteræ, quarum testimonio, nuntii verbis fides, & auctoritas accedit. Litteræ mandatis fidem adrogantes. Mandantis epistolæ, dicendorum ab nuntio, fidem facientes.* (Apresentou as suas cartas *Credenciaes.* Gazeta de Lisboa 1720. 8. de Fevereiro, pag. 42.)

Credo. Palavra Latina, que val o mesmo que *Creo*, e significa o Symbolo da nossa Santa Fé. Os Apostolos primeiro que se dividissem para hir pregar pelo Mundo a Fé de Christo, por ordem, e revelaçaõ do Espirito Santo compuzeraõ o *Credo*, para regra, e fundamento do que os Christãos haviaõ de crer; o qual a Igreja Romana guardou sempre, sem accrescentar, nem diminuir palavra, e os Concilios o tiveraõ em tanta veneraçaõ, que o repetiaõ no principio, fazendo publica confissaõ dos mysterios essenciaes da Igreja. *Rufin. in præfat. Symbol. Apostol.* No Concilio de Nicea, para se atalhar a heresia de Arrio, que dizia, que o Filho de Deos naõ era da mesma substancia, nem igual ao Padre, mas creatura, que tivera principio, e fora creado, e feito de nada, foy composto o Credo, que agora se canta nas Missas, em que direitamente se condenaõ as diabolicas proposiçoens do dito Heresiarca, que morreo pouco depois com as entranhas caidas em huma secreta. Vid. tom. 7. do Vocabul. Symbolo da Fé.

Crema. Cidade Episcopal de Italia, no Estado de Veneza, sobre o rio Serio. Deraõlhe este nome do Latim *Cremare*, Queimar, porque foy reedificada sobre as ruinas de huma Cidade povoada de Hereges, que o Arcebispo de Milaõ fez queimar, anno de 951. Seus primeiros Senhores foraõ os Emperadores, depois ficou sogeita aos Viscondes de Cremona, e de Placencia, aos Duques de Milaõ, e finalmente aos Venezianos. *Crema, æ, Fem.*

Creme. Ouço dizer, que em algumas terras de Portugal val o mesmo que *Tinhoso.* Deve de ser assim, porque com este significado faz sentido nestes versos de André da Sylva Mascarenhas no seu Poema da Destruiçaõ de Hespanha, liv. 4. oit. 57.

Naõ desmayes no mal, que he de imprudente,
E guarte de Abenzarca, torto, e Creme,
Que temo muito o muito que te teme,

Querem outros, que neste lugar, *Creme* seja o mesmo, que o dizer em Latim *Crede mihi.*

Cremelena. He o nome do Castello, ou Palacio do Graõ Duque de Moscovia, na Cidade de Moscow. He cercado de tres muros, com muita artelharia nos reparos, e occupa taõ grande espaço, que parece huma Cidade pequena no meyo de huma grande. No meyo do pateo se levantaõ duas fermosas torres, cubertas de cobre dourado, em huma das quaes ha hum sino, que (segundo dizem)

zem) peza trezentos e trinta e seis quintaes. Para tanger este sino, ha mister vinte e quatro homens dos mais forçosos; o que succede só em occasiaõ de grandes solemnidades, por exemplo na coroaçaõ do Czar, ou Graõ Duque, nas entradas de Embaixadores, &c. Fica o Palacio para as costas do Castello com as casas do Patriarca de huma banda, e da outra as dos *Knes*, ou *Bojares*, que saõ os principaes Cavalheiros da Corte. Pelos annos de 1630. foy edificado para o Principe moço, hum bello Palacio de pedras de cantaria; o antigo era de madeira, por ser tido mais sadio, que o de pedra, e cal. Os dous Palacios saõ cheos de moveis, e adereços magnificos, e de tudo o que ha de mais raro, e precioso nas terras estranhas. No ambito deste Castello ha mais de cincoenta Capellas, ou Ermidas de pedra, e cal, cubertas de cobre dourado. A mais notavel he a de S. Miguel, onde se vem os sepulchros dos Czares. Tambem se vem nelle dous bellos Mosteiros, hum de Frades, e outro de Freiras, que guardaõ a Regra de S. Basilio, e o rito Grego, como todas as mais Igrejas de Moscovia. Fora dos muros do Castello se vè huma bella Igreja, dedicada à Santissima Trindade, chamada commummente Jerusalem. He a mais magnifica da Cidade de Moscow. Dizem, como cousa certa, que o Graõ Duque *Joaõ Basilovitz*, que a fez edificar pelos annos de 1530. ficou taõ satisfeito da sua architectura, que mandou cavar os olhos ao Architecto, para que naõ podesse fazer outra semelhante. *Oleario*, *Viagem de Moscovia.*

Crencha. (Grandes *Crenchas* penteadas. Obras Metricas de D. Franc. Man. Viola de Thalia, pag 245. col. 2.)

Creoulo. Vid. Crioulo tom. 2. do Vocabul.

Crepudina. Derivase do Francez *Crapaud*, que significa *Sapo*, e assim chamaõ os Francezes *Crapaudine* a huma pedrinha, da qual dizem, que se acha na cabeça do sapo, e lhe attribuem notaveis virtudes, v. g. mitigar as dores dos rins, impedir a geraçaõ da pedra; para estes, e outros effeitos a trazem engastada em aneis, ainda que com pouca utilidade, por muito que a celebrem os Lapidarios, para a vender. Tem para si alguns, que a dita pedra naõ he outra cousa mais, que a caveira do sapo. Dizem outros, que naõ lançaõ o sapo esta pedra, se naõ estando sobre hum bocado de pano vermelho. Mas o Author da Historia *Lapidum*, *& Gemmarum*, *no livro 2. cap. 149. pag.* 301. affirma, que sendo rapaz, tomara a curiosidade de ter hum sapo velho toda a noite sobre hum pano vermelho, sem que delle sahisse cousa alguma. No capitulo 151. diz o dito Author, que a dita pedra, engastada de sorte que chegue a tocar a carne, toma hum calor, do qual se argue presença de veneno. *Batrachites*, *æ*, *Fem. Plin.* Tambem lhe chamaõ *Chelonites*, *Borax*, *Lapis bufonis*, *&c.* Plinio, que no cap. 10. do livro 37. dá a Batrachites hum adjectivo feminino, respeita ao nome geral *Gemma*. (Na cabeça do sapo se gera huma pedra, chamada *Crepudina*, que engastada em hum anel, estando junto do veneno, aquenta o dedo de maneira, que he conhecido para se guardarem delle.) *Eva*, *e Ave de Macedo*, *pag.* 245.

Crepuscular. Dar, ou causar huma meya luz. *Dubiam lucem mittere Ancipiti lumine fulgere.*

Permitte, que agora brilhe
Tua luz, sem que as nuvens densas
Crepusculem resplandores
Mostrando a tanto Sol intercadencias.
Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 184.

Crer. Vid. tom. 2. do Vocabul.

Adagios Portuguezes do Crer.

Quem a todos crê, erra; e quem a nenhum, naõ acerta. Quem naõ crê boa mãy, crê má madrasta. Cre com cre, lé com lé.

Crerizia. Clero. Vid. no seu lugar. (Vieraõ com muita gente, e *Crerizia*. Vida do Condest. Nuno Per. pag. 71. col. 4.)

Crês. Certo pano de França de linho, curado, de huma vara de largo, e muy alvo; ha bom, e mao. Serve para roupa branca.

Creve. Vulgarmente em Setuval, quer dizer o Estrangeiro, que os Capitaens, ou Mestres das naos costumaõ mandar à marinha tomar conta nos moyos de sal, que se carregaõ nos barcos, que para as mesmas naos os vaõ buscar. Na lingua Hollandeza se chamaõ *Kervor*, que quer dizer *Riscador*, porque este com riscos conta os moyos de sal, que recebe no barco, em que vay buscallos para a sua nao. (Em presença do Talhador, homens do barco, e Estrangeiros, que levaõ a que chamaõ *Creve*. Regimento do sal de Setuval, titulo 2, cap. 17.)

CRI

Criada. A festa das Criadas. Atepomaro, Rey de huma pequena parte das Gallias, andando em guerra com os Romanos, e estando sitiando a Cidade de Roma, lhes significou, que naõ queria ouvir fallar em pazes, se primeiro lhes naõ mandassem as primeiras Damas, e Cidadãas de Roma, para as lograr. Chegada ao campo dos Romanos a nova desta cruel condiçaõ, propuzeraõ as criadas este alvitre, que lhes dessem licença para sahirem com as galas de suas amas, e senhoras, porque com este trage ornadas, se meteriaõ confiadamente pelo Exercito inimigo, e quando fosse, dariaõ final para o acometer. Pareceo bem a proposiçaõ, esperaraõ que os Gallos depois de muita beberronia, e muito baile estivessem em profundo sono sepultados, de hum lugar alto deraõ com huma tocha acceza o final, cahiraõ os Romanos sobre os Barbaros, e fizeraõ nelles estrago. Em lembrança desta acçaõ, foy instituida em Roma huma festa annual, chamada a festa das Criadas. Mais atraz achará o Leitor outra descripçaõ mais ampla deste successo, na palavra *Caprotina*.

Crimemente. Vid. Criminalmente (Dizem, que quer proceder *Crimemente* contra o Geral dos Olivetanos. Gazeta de Lisboa, Napoles 26. de Julho de 1718. fol. 291.)

Crimeza. Vid. Rigor, severidade. De crimeza neste sentido fizemos o adjectivo criminal. Fulano està hoje muito criminal. (Respondeo o pay com *Crimeza*. Histor. de S. Domingos, 2. part. liv. 2. cap. 14. fol. 85. col. 1.)

Cris. Arma de pouco mais de dous palmos de comprido, que na India os Gentios trazem à cinta da parte direita, e depois de embraçada a rodella, poem o cris na maõ esquerda, para que com mais esta arma possaõ offender o inimigo: a guarniçaõ saõ duas folhas de ferro, que atravessaõ duas vergas, em que se firma a maõ; a folha tem dous dedos de largo.

Crisé. Vid. tom. 2 do Vocabulario. Criśés saõ huns panos de lãa, que vem de Irlanda: saõ como frisas, mas lisos, por serem emprensados.

Cristal de roca. Vid. Roca, mais abaixo no seu lugar Alfabetico.

Cristaleira. Herva cristaleira. Até agora naõ achey noticia certa desta herva. Só ouvi dizer, que as Cristaleiras traziaõ huma agua de certas hervas, para as ajudas, que ellas davaõ. Por ventura, que daqui nasceo, que as ditas hervas, ou algumas dellas foraõ chamadas Cristaleiras.

Criticos. He palavra Grega, derivada de *Crinein*, julgar. Aristarco, e Zoilo foraõ os dous mayores Criticos da antiguidade. Ambos eraõ Grammaticos, mas com grande differença de hum a outro, porque Aristarco era homem sciente, e judicioso; e Zoilo era apaixonado, e maligno. Tinha Aristarco taõ grande credito, que a censura, que elle fez dos Poemas de Homero, foy recebida de todos, em tudo o que elle approvou, e desapprovou. Pelo contrario na censura, que fez Zoilo do dito Poeta, e juntamente de Plataõ, e de Isocrates, houvese com tanta paixaõ, e temeridade,

meridade, que ficou o seu nome odioso, e foy dado a todos aquelles, que depois com emulaçaõ, e enveja condemnaraõ as obras de bons Authores. Na Historia naõ consta certamente, nem do lugar, nem do genero da sua morte, mas convem todos, que foy violenta em castigo da sua temeridade. Os que da Grecia o fizeraõ passar para o Egypto dizem, que Ptolomeo Philadelpho o mandara enforcar; outros, que o encaminharaõ para a Asia dizem, que fora queimado vivo em Smyrna; e os que o deixaraõ na sua Patria escrevem, que nella os seus o apredejaraõ. O Criticos injuriosos, que escaparaõ da justiça dos Principes, naõ se poderaõ livrar do odio, e aborrecimento do publico. Os nomes de Anyto, Melito, e Lycon, pelo atrevimento com que criticaraõ a Socrates, incorreraõ na indignaçaõ dos Antigos; e nestes ultimos seculos, a memoria de Gaspar Scioppio causa horror a todos os sabios, assim Catholicos, como Hereges, pelo desavergonhamento, com que pertendeo desacreditar os escritos dos Authores mais benemeritos da Republica das letras, como foraõ o famoso *de Thou*, *Scaligero*, *Vossio*, o Padre Famiano Strada da Companhia de Jesu, e toda a dita Companhia. He opiniaõ quasi certa, que o celebre Mathematico Regiomontano, (este he Joaõ Muller de Konigsberg) morreo do veneno, que lhe deraõ os filhos de Jorge de Trebizonda, por ter criticado os escritos de seu pay. Ninguem ignora o assassinio de Ramo, executado pelos sequazes de Carpentier, que por este modo quiz desaggravar a Aristoteles, cuja doutrina fora impugnada por Ramo com demasia. Pouco faltou, que naõ morresse Robortelo da punhalada, que lhe deu Baptista Ignacio Veneziano, por reposta aos pontos da sua critica. Jorge de Trebizonda, empenhado em censurar as obras de Plataõ, ficou taõ corrido com as repostas do Cardeal Bessarion, que quasi perdeo o juizo, e ficou objecto dos escarneos de huns, e das lastimas de outros. Os que se querem acreditar com criticas, necessitaõ de muitas prendas, que raras vezes em hum só sogeito se achaõ. Além da sciencia, integridade, e izençaõ de todo o genero de prevençaõ, necessita o Critico de equidade, e bom juizo natural, para discernir o mao do bom, e do fallo o verdadeiro.

CRO

Crocal. Pedra fina acerejada, da qual faz Plinio mençaõ no livro 37. n. 64. onde diz: *Crocallis cerasum repræsentat.*

Tem pouço a pedra mais preciosa,
O diamante, a esmeralda, o cristal;
O rubi, o chrysolito, o Crocal,
O carbunco, e das mais a mais fermosa.

O Licenciado [illegible] no seu Jardim do Ceo, Soneto fol. 30.

Crocodilon. Cidade da Thebaida no Egypto superior, na margem do Nilo, assim chamada porque nella eraõ os Crocodilos adorados como Deoses. *Strab. liv. 7.*

Crocota, ou Crocuta. Fera da Ethiopia, que segundo Plinio no livro 8. cap. 21. se gera do congresso do caõ com o lobo. Neste mesmo lugar diz o Author, que esta fera quebra tudo com os dentes, e que brevemente desfaz no ventre quanto come. No cap. 30. do mesmo livro, dá Plinio a entender, que este animal he filho da leoa, quando se ajuntou com o macho da Hyena, e entaõ (como adverte Dalecampio na margem do cap. 30.) chamase *Leocrocuta*. Chamaõ outros a esta fera *Corocotta*.

Crocus. Mancebo muito namorado da Ninfa Smilax, foy mudado na herva, que os Latinos chamaõ *Crocus*, e nós *Açafraõ*, e a dita Ninfa foy transformada na arvore.

Crodo. Antigo fabuloso Nume, venerado em Saxonia, particularmente na Cidade de Alremburgo, representado em figura de velho, posto em pé sobre o peixe *Perca*, com huma roda em huma

huma maõ, e na outra huma urna. Muitos crem, que era o idolo de Saturno, porque da analogia, que o nome *Crodo*, tem com o nome *Kronos*, que no Grego significa Saturno, he certo que todos os particulares deste ficticio Nume dos Saxones, quadraõ a este Deos do tempo. Naõ ha cousa mais antiga que o tempo, representado neste velho; o peixe, e a roda significaõ a sua inconstancia; na urna se denota a abundancia de tudo, que comsigo traz o tempo. O Emperador Carlos Magno, que subjugou estes Povos, destruhio este idolo, com os mais, que na dita terra se adoravaõ. *Crantz, in Saxon. lib.* 2. *cap.* 12.

CRONICOENS. Deuse este nome às Chronicas de huns Authores antigos, a saber Auberto, e Liberato, Maximo, e Dexitro, dos quaes diz o Padre Fr. Manoel Leal no seu Crisol Purificativo, fol. 153. que os naõ condemna absolutamente por apocrisos, e suppostos, como o fizeraõ varios Authores de boa nota, porque se achaõ nelles entre muitas cousas falsas, algumas verdadeiras; e continuando o dito Author a sua censura, diz, que lhe consta por cartas, que vira do Marquez de Agropoli, e por informaçoens de Authores fidedignos, naõ constar com clareza da legitimidade dos ditos Cronicoens.

CROTONA. Cidade de Italia, naquella parte, que se chamava, *A Grecia Grande*. Deraõlhe grande nome os seus Athletas, dos quaes (segundo escreve Strabaõ) sete levaraõ o premio em hum dia. Por isso dizia o adagio, *O mais fraco dos Crotoniatas he o mais valente dos Gregos*. Attribue Plinio esta valentia à perfeiçaõ dos ares. Milon, discipulo de Pythagoras, e na Historia taõ nomeado pela sua robusteza, fez esta Cidade muito celebre. Antigamente teve Crotona doze milhas de circuito. Hoje tudo está muito mudado. Ainda assim he bastante Povoaçaõ na Calabria Ulterior. Tem Bispo, e huma boa Fortaleza. *Dyonis. Halicarnas. liv* 2. *Histor. Tito Livio; Leandro Alberti.*

CROYA. Cidade, Cabeça da Albania, debaixo do dominio do Turco. Diz Volaterrano, que tambem foy chamada Troya. Entendem alguns, que he a Eribea dos Antigos. He lavada do rio Lizana, e he a mesma, que Chalcondilo chama Crüa. Antigamente teve Bispo. Muito tempo foy habitaçaõ do famoso Jorge Castrioto, cognominado *Scanderberg*. Mahamet II. tomou Croya, anno de 1477. *Leunclavio, Pand. Turc. cap.* 126. *Volaterran. lib.* 8. *Geograph.*

CRU

CRUAMENTE. Vid. tom. 2. do Vocabul.

Isto assim taõ Cruamente
Dito, como volo digo
Tomar-vos ha de repente.

Obras Metricas de D. Franc. Manoel Çamfonha de Euterpe, pag. 96. col. 2.

CRUCIFEROS, ou Religiosos da Santa Cruz. He huma Ordem Religiosa, fundada pelos annos de 1160. no Pontificado de Alexandre III. Segundo a mais provavel opiniaõ teve principio depois da conquista da Terra Santa por Gotifredo de Bulhaõ. O dito Papa Alexandre III. lhe deu as Regras, e as Constituiçoens, e Clemente IV. quiz que o primeiro Mosteiro, e Cabeça da Ordem fosse na Cidade de Bolonha, em Italia. Como este Instituto começou a declinar, dos Mosteiros se fizeraõ Commendas. Pelos annos de 1568. o Papa Pio V. o restaurou, e finalmente como se tornou a relaxar, no anno de 1656. o Papa Alexandre VII. o extinguio; e passou as rendas dos Mosteiros do Estado de Veneza à Republica, para ajudalla a continuar a guerra com o Turco. Naõ deixou esta Ordem de se conservar em França, e nos Paizes Baixos. O Habito dos Religiosos he branco, com Escapulario negro, e no meyo delle huma Cruz branca, e vermelha. Reside o Geral na Cidade de Hui, e tem Mosteiros em Liege, Mastric, Namur, Bolduc, Bruges, Tournay, &c. Algum dia floreceo esta Ordem na Syria. *Maurolic.*

rolic. *Mare Ocean.* *Religiof. Baronio, &c.* Cruciferos tambem fe chamavaõ os que fe alistavaõ nas Cruzadas contra os Turcos.

Crucifixo. Crucificado. Vid. tom. 2. do Vocabul.

Pois Jove Crucifixo *o assegura.*
Faria, Fonte de Aganip. liv. 1. Centur. 6. Sonet. 67.

Crusca. He o nome de huma famosa Academia de Italia; na Cidade de Florença. Deulhe este nome, porque *Crusca*, em Italiano quer dizer *Farellos*, e tudo o mais, que fica da farinha depois de peneirada; com este nome quer mostrar o cuidado, que tem de joeirar, e apurar a lingua Toscana. O lugar onde se ajuntaõ os Academicos, para as suas Conferencias, he todo ornado de emprezas, que alludem à palavra *Crusca*; e cada Academico toma hum nome, que diz com a materia. Os assentos tem feiçaõ das alcofas, em que na Cidade de Florença levaõ o paõ; os encostos, ou espaldas de pás, com que se ventila, ou padeja o trigo; as cadeiras mayores saõ a modo de vasos de palha, ou vimes, em que se guarda o trigo; e as almofadas das cadeiras para os Principes da Academia, saõ de setim pardo, a modo de sacos, cheyos de farinha. *Monconis, primeira Viagem de Italia.*

Cruzado. Huma das posturas da viola.

CU

Cu. Inurbano, e descomposto synonymo de assento traseiro, e pouzadeiro. *Podex, icis, Masc. Juven. Nates, ium, Fem. Plur. Horat. Clunis, is, Masc.* ou *Fem.*

Cu de Judas. (Annexim chulo.) Má rua. Canto, Becco sujo. Mora no cu de Judas, *id est*, mora em má rua, em hum becco sujo.

CUA

Cuada. Pancada, que se dá com tal parte no chaõ. *Ictus podicis*, ou *natium*, *vel clunium in solum illisus, us, Masc.*

CUB

Cuba. Vid. tom. 2. do Vocabular.
Adagios Portuguezes da Cuba.
Cada Cuba cheira ao vinho, que tem.
A Cuba cheira ao vinho, que tem em si.

Cubertos. Segundo Agostinho Barbosa no seu Diccionario Lusitanico-Latino, cubertos saõ humas balcoadas, ou alpendres nas Praças, ou ruas. Neste mesmo lugar o dito Author lhe chama em Latim *Pergula, æ, Fem.* que (segundo o Padre Bento Pereira, na sua Prosodia) he o mesmo que galaria, corredor, eirado, loge, latada, &c. Em Lisboa temos huma rua, que chamaõ *Os Cubertos.*

Cubiculario. Antigamente na Igreja Romana, *Cubiculario* era synonymo de Capellaõ, porque *Cubiculum*, tambem queria dizer *Capella*. Anastasio Bibliothec. in Marcel. diz: (*Hic sepultus est in cœmeterio Priscillæ, cubiculo clero.*

Cubilheira, ou Cuvilheira. He o mesmo que *Cubicularia*. Em Portugal, era huma mulher, que sempre se escolhia de idade, e calidade, a qual tinha a seu cargo tratar da limpeza, aceyo, gala, e perfumes dos vestidos delRey. (A virtuosa Senhora Violante Caldeira, *Cubilheira*, que foy delRey D. Joaõ II. *O Ceo aberto na Terra*, liv. 2. pag. 447.) Este nome *Cubilheira* derivase da palavra Latina *Cubiculum*; que he *Retrete*. Em alguns Authores antigos se acha o officio de Camereira mór, equivocado com o de Cubilheira. Vid. *Mon. Lusit. tom 6 pag. 175. col 1.* De D. Maria de Guevara, Cubilheira delRey de Castella, diz Diogo Lopes Lobo, *Que defumava a ElRey com defumaduras de bons, e nobres cheiros*, e fallando na reformaçaõ da Casa delRey Dom Joaõ o I. diz: *Tiraraõ as Cuvilheiras dos Infantes, que eraõ mulheres, que lhe guardavaõ suas roupas, e alimpavaõ, e toda a outra limpeza, que mulheres a moços honestamente he dado de fazer, e que lhe dessem Escudeiros,*

cudeiros, que tivessem este cuidado. Vid. *Cuvilheira* no 2. tom. do Vocabul.

Cubricama. No seu Diccionario Lusitanico-Latino, Agostinho Barbosa traz este vocabulo por *Cobertor da cama.*

Cubricunha. Peixe do mar, a que os Portuguezes do Brasil derão este nomẽ. O Gentio lhe chama *Aramaca.* He huma especie de linguado, mas naõ tem lingua, e no focinho, que he de cor de pedra, tem de huma parte dous olhos, e da outra nenhum. Vive entre as arêas do mar, e he de bom sabor. *Jorge Marcgrav. Histor. Piscium, lib. 4. cap. 18. pag. 181.*

CUC

Cuche, Guche. Termo rustico, com que os Porqueiros chamaõ os porcos.

Cucho. Termo da India Portugueza. He huma lista dos devedores da Aldea, passada pelo Escrivaõ della, reportada ao livro das arremataçoens dos retalhos, que levaõ arrematados, ou dos lanços de alguma contribuiçaõ; tem força de mandado, e via executiva, para se dar melhor satisfaçaõ á fazenda Real, e se evitarem as despezas, e perniciosas demoras dos pleitos. O que se observa infallivelmente nas Aldeas, e Cameras geraes de Goa, Salsete, e Bardes.

Cuços. Saõ nas Ilhas Molucas huns bichos, que vivem em humas arvores, de cujo fruto se mantem; saõ como coelhos, mas com pello espesso, e crespo, entre pardo, e ruivo; tem rabo comprido, sem pello algum, por onde se dependuraõ para melhor chegar ao fruto. No meyo do corpo tem huma tripinha, que sahe de hum bolso, como carne esfollada, e na tripinha está pegado pela boca o filho, quando andaõ prenhes, e alli gera, e cresce, até nascer, e se perfeiçoar, e depois lhes fica aquelle bolso, e ninho, onde andaõ até se poderem sustentar por si, e quando andaõ no campo ao pasto, abrem os bolsos, e deixaõ os filhos a pascer; e sentindo gente tornaõ a recollerlos dentro, e fogem para as arvores, sem lhes cahirem. *Diogo de Couto, Decada 4. fol. 140.*

Cucufa. Coifa, ou barrete pesponrado com pós cefalicos, para confortar o cerebro.

Cucuruta. Agostinho Barbosa no seu Diccionario Lusitanico-Latino, diz Cucuruto, e o faz synonymo de coucho das gayolas, ou cousa semelhante. Vid. Cucuruta, e cucuruto, no tom. 2. do Vocabul.

Cucusa. Cidade da pequena Armenia, na fronteira da Cilicia, e da Capadocia. Antigamente teve Bispo, e na Historia he celebre, por ser o lugar para onde foy desterrado S. Joaõ Chrysostomo pela Emperatriz Eudoxia, no principio do quinto seculo.

CUE

Cueiros. Vid. Supra *Coeiros.*

CUH

Cuhiung. Cidade da China na Provincia de Junnan. Ao Norte do territorio desta Cidade, ficava antigamente o Reyno de Kinchi, isto he, dos *Dentes de ouro*, assim chamado, porque seus moradores cobriaõ com folhinhas de ouro os seus dentes. Ainda hoje perto da Cidade de Nangan, dependente de *Cuhiung*, todos os annos douraõ hum penedo muito alto, a que elles adoraõ, e lhe chamaõ *Xinte*, que quer dizer *Pedra espiritual. Descripçaõ da China, na collecçaõ de Thevenot, volume 3.*

CUI

Cuidado. Vid. tom. 2. do Vocabul. *Adagios Portuguezes do* Cuidado.

Naõ serás amado, se de ti só tens cuidado. Horta sem agua, casa sem telhado, marido sem cuidado, de graça he caro. A poeira do gado, tira o lobo de cuidado. Cuidado anda caminho, que naõ

naõ moço fraldido. Eu, e o meu cavallo, ambos temos hum cuidado. Estando alegre, naõ leas carta logo, porque naõ naíça cuidado novo. O farto, do jejum naõ tem cuidado algum. Filhos casados, cuidados dobrados. Manda, e fazeo, tirar-te ha cuidado. Quem compra cavallo, compra cuidado. Tem cuidado de o ganhar, que tempo fica para o gastar. Amor, dinheiro, e cuidado naõ está dissimulado.

Adagios Portuguezes do Cuidar.

Cuidar, naõ he saber. Cuidando donde vas, te esqueces donde vens. Deitate em tua cama, cuida em tua casa. Quando cuidas meter o dente em seguro, toparás o duro. O homem occupado naõ cuida cousas más, nem as faz. Naõ compres mula manca, cuidando que ha de sarar; nem cases com mulher má, cuidando se ha de emendar. Cuida bem no que fazes, naõ te fies em rapazes. Nescio he quem cuida, que outro naõ cuida. No 2. tom. do Vocabulario, achará o Leitor outros Adagios do cuidar.

CUL

Culacharins. Termo da India Portugueza. Saõ aquelles, que os Gancares tomaraõ depois para os ajudarem, por naõ poderem elles por si só cultivar as terras; e ha entre elles differença; huns com igual jonno, voto, e lanço aos Gancares; outros com igual jonno, mas lanço, e voto em certas cousas; outros com alguma diminuiçaõ no jonno, e sem lanço, nem voto; outros com meyo jonno, e sem voto, nem lanço, antes obrigaçaõ de serviço, e outro com certos jonnos perpetuos, que se deraõ às familias segundo os pactos, com que se admittiraõ, que se observaõ até o presente; porém os jonnos perpetuos herdaõ as filhas, e outros herdeiros, e se póde vender com obrigaçaõ de serviço, e os mais saõ pessoaes, que se extinguem com a morte, acrescem, ou diminuem, tendo mais, ou menos filhos. Em Bardes, tambem se chamaõ *Culacharins*, os que compraõ bens de raiz naquellas terras, e vem a ser interessados nellas.

Culcarni. Na India Portugueza, he o nome do Escrivaõ da Aldea.

CUM

Cumbas. Gentes da Serra Leoa. Vid. Serra, tom. 7. do Vocabul.

Cumular. Vid. Accumular, tom. I. do Vocabulario. (Em peccados, que huns sobre outros Cain *Cumulou*, Eva, e Ave de Macedo, part. 1. fol. 82. n. 7.)

CUN

Cûneo. Vid. tom. 2. do Vocabular.
De sós Falanges, e Orbes se serviraõ
De globos, e de Cuneos *os Lusitanos.*
André da Sylva, Destruiçaõ de Hespanha, liv. 3. Oit. 65.

Cunhal. *Cœuntium laterum angulus. Concurrentium ex diverso laterum angulata commissio.* Vid. Cunhal no segundo volume do Vocabulario.

Cunhal de paredes em esquadria, huma para outra. *Parietum concurrentium, vel sibi incidentium, vel ex diverso sibi occurrentium, vel in unum convenientium, vel ad normam cœuntium angulus, angularis nexus, parietum commissura in angulum.*

Cunto. Termo da India Portugueza. Fazenda, que entra a ganhos, e perdas, e tem certo numero.

Cunto de tangas de recamo. Assim se chama na India o numero certo, que tem cada Aldea de tangas perpetuas, que entraõ a ganhos, e perdas, e nelle se distribue todo o proveito da importancia das varzeas, tirados os foros, contribuiçoens, e despezas; e naõ havendo sobejo pelo rateo, se distribue nellas o que faltar, que pagaõ os possuidores de casa, e saõ bens de raiz, que se podem vender, e herdarem as filhas, e parentes, ainda que naõ sejaõ Gancares; e os Portuguezes compraõ, herdaõ, e possuem tangas de Cunto, e ainda as

Confrarias, fendolhe prohibido por ordens antigas dos Reys de Portugal.

Cunto de rangas de vanti, tem annexos os palmares, e propriedades, que fe chamaõ de foro corrente; e ha tambem numero certo, e da mefma natureza perpetua, e fe reparte nellas todo o producto das varzeas, tirados os foros, contribuiçoens, e defpezas, e naõ abrangendo a falta que houver, fe paga pelos frutos das propriedades.

CONTUCARES. Termo da India Portugueza, faõ os que poffuem as tangas do cunto, as propriedades de vanti, quer fejaõ Gancares da Aldea, quer moradores de fora; mas fendo moradores, naõ podem lançar por fi nas varzeas, nem nas vigiadorias; e fó podem fazer por boca do Gancar daquella Aldea, que fe lhe dá, a que fe chama lançador, e fendo Gancar, o póde fazer por fi como Gancar. Vid. Cunto acima.

CUNTUR. Ave notavel. Vid. fupra *Condor*, no feu lugar Alfabetico.

CUP

CUPIDO. Fabulofo Deos do amor, a que os Poetas, e Filofofos deraõ differentes pays. Hefiodo o faz filho do Caos, e da terra; Luciano, e depois delle Cicero, filho de Marte, e de Venus; Arcefilao, da Noite, e do ar; Sapho de Celo, ou do Ceo, e de Venus; Alcmeon de Flora, e de Zephiro; Plataõ da Pobreza, e de Poro, filho do Confelho, e da abundancia; Seneca de Vulcano, e de Venus. Ovidio, e antes delle Plutarco, querem que haja dous Cupidos; e o mefmo Plataõ reconhece dous, o primeiro filho de *Venus Urania*, *id eft*, Celefte; e o fegundo de Venus Terreftre, ou Marina, nafcida da efcuma do mar. Outros finalmente o fazem filho de Jupiter, e de Venus, ou do Erebo, e da noite. Pintaõ-no em figura de menino, com azas, e nú, com carne da cor de rofa, e com os olhos vendados, tendo em huma maõ hum arco, na outra huma tocha acceza, e huma aljava cheya de fettas a tiracollo. Tambem os Egypcios, e os Gregos admittem dous Cupidos, hum celefte, e outro vulgar, e no Dialogo de Venus, e de Cupido parece faz Luciano efta mefma diftinçaõ, porque obriga Cupido a confeffar, que fe bem tem ferido com fuas fettas o coraçaõ a todos os Deofes, e ao mefmo Jupiter, tem achado em Minerva, nas Mufas, e em Diana coraçoens impenetraveis a feus tiros. Em todas eftas ficçoens tem a Mythologia grande lugar para moraes documentos. As duas caftas de amor, hum celefte, e outro terreftre nos daõ a entender, que naõ ha coufa no Mundo, que de fi mefma naõ feja boa, e que fe naõ poffa fazer má, pelo mao ufo, que della podem fazer os maos. E affim o primeiro amor he filho de *Venus Urania*, para denotar, que nelle naõ ha coufa que naõ feja boa, pura, efpiritual, e celefte. Com eftas perfeiçoens o confidera Plataõ, e diz, que efte amor he hum Deos poderofo, que inclina os homens a obrar bem, e com honeftidade; que mantém os homens em paz, que muda em cortezania a rufticidade, que aplaca as difcordias, concilia as vontades, infpira a manfidaõ, amanfa a fereza, confola os affligidos, mitiga as penas, e que finalmente faz a vida humana goftofa, e bemaventurada. Chama Zeno a efte amor Deos da amizade, e da liberdade, da paz, e da concordia, da virtude, e da fciencia. Por iffo na fua Academia tinhaõ os Athenienfes levantado a efte amor huma eftatua dedicada a Pallas, como fe quizeffem dizer, que o amor he Deos fciente, e inventor das boas artes. Os de Samos lhe dedicaraõ huma fefta, chamada a *Fefta da liberdade*, porque fó o amor libidinofo, e impuro, he o que occafiona efcravidoens, e cativeiros. Fazem-no filho do Ceo, e da terra, para moftrar, que ha de infpirar de Deos nas noffas almas, ou para manifeftar a força defta inclinaçaõ, que alguns tem bufcado nos aftros, e outros no mefmo Deos. Reprefentaõ-no em figura de

menino

menino, para dar a entender, que assim como a menenice he o primeiro alento na carreira da vida, assim o amor he o primeiro passo, que se dá para grandes emprezas, e por elle tudo deve principiar. Anda nù, porque de ninguem toma por emprestimo, o de que necessita para a execuçaõ dos seus intentos, e com a sua simplicidade, e efficacia póde conseguir quanto quer. Cobremlhe com huma venda os olhos, para significar, que he immortal, e que em si mesmo tem tudo o que elle inventa. A cor das suas carnes he huma pintura da sua modestia, e do seu pudor. Pela sua tocha se conhece, que dá luz a tudo, e nas suas settas se divisaõ as armas da sua invencivel eloquencia. Passando pois a Cupido, filho de Venus, filha do mar, forçosamente havemos de dizer, que este he o que deprava tudo, engana a todos, e he causa de que se despreze tudo o que he digno de louvor. Em toda a parte onde se acha, causa desordens, roubos, homicidios, adulterios, incestos, e todos os mais crimes saõ seus inseparaveis companheiros. Por isso os Antigos o representaraõ, ora como filho da noite, e da pobreza, ora como parto da discordia, e do litigio; deraõlhe por sequazes o arrependimento, a dor, as inimizades, e a febre, querendo dizer, que delle nascem todas as desordens, e desatinos, que na escuridade das trevas, e da culpa se commettem, e que naõ he huma só doença, mas hum composto, e huma multiplicaçaõ de todos os males. Está nû, porque ordinariamente quem ama, se despe de quanto possue, descobre o seu segredo à imiraçaõ de Sansaõ, e fica objecto de escarneo, e alvo de todos os opprobrios, e miserias do Mundo. He menino, porque naõ tem uso de razaõ, faltalhe o discurso, naõ considera o presente, nem olha para o futuro. Pintaõ-no cego, para declarar a sua preoccupaçaõ, e o pouco conhecimento, que tem dos defeitos do objecto amado. Nas suas azas se denota a sua leveza, e inconstancia. Na sua tocha se vê, que he incendiario publico, e das suas frechas se conhece, que delle sahem os estimulos das paixoens, que inquietaõ a alma, e que todos os seus tiros saõ feridas mortaes.

Cupula. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Arcos, Cupulas *triunfantes*
Gigantes nascem gigantes.

Obras Metricas de Dom Franc. Manoel tom. 2. fol. 106. col. 2.

CUR

Cura. Cuidado. Vid. tomo 2. do Vocabulario.

Ninguem tenha de ti perpetua Cura. Faria, liv. . . . Centur. 6. Soneto 37.

Curaçao, ou Curassau. Ilha da America Meridional, entre aquellas, que chamaõ *Ilhas de Sotavento*. Fica fronteira à Provincia de Venezuela, entre Buenosaires, e Oraba. Os Hespanhoes eraõ Senhores della; os Hollandezes lha tomaraõ no anno de 1632. e desde entaõ a guardaõ.

Curdistan. Regiaõ da Asia, que por huma parte se mete na Grande Armenia, e por outra parte se estende para a Persia, até *Bagdad*, aonde tem o Reyno de Carnaba.

Curdos. Povos do Curdistan, que tambem se derramaraõ pela Mesopotamia, pelo Diarbeck, pela Armenia, e por toda a Syria. Vivem debaixo da protecçaõ delRey da Persia, e o seu idioma he quasi semelhante ao Persiano. Huns saõ *Mahometanos*, outros saõ *Jasides*, ou *Jesides*, que na sua linguagem val o mesmo que *Discipulos de Jesus*. De Curdos Jesides ha cinco castas, a saber, os *Dacenios*, os *Suchelios*, *Dennedios*, *Calcedios*, e os *Errantes*. Todos saõ originariamente *Parthos*, e muitos delles saõ de Religiaõ Maniqueos, porque adoraõ a Deos, mas tambem veneraõ o Diabo, e tem medo delle, como de Author de todo o mal. Os Dacenios tem sua principal morada, meya jornada de *Mosul*, que he a nova Ninive. Esta casta de

Curdos recebeo a Fé de Christo no proprio dia da vinda do Espirito Santo; e na Sagrada Escritura se faz mençaõ delles entre as Naçoens, que viraõ o milagre do Pentecostes; porque a palavra *Parthi*, no 2. capitulo dos Actos dos Apostolos, traduzida do Syriaco, he *Kerad*, que quer dizer *Curdos*, e esta commua opiniaõ dos Syrios, e Chaldeos está fundada na Historia, a qual nos ensina, que o Imperio dos Parthos teve principio de huns fugitivos da Scythia, e que este Imperio se estendeo até na Assyria, e Mesopotamia. Logo os Jesides, e em particular estes Curdos Jesides, chamados *Dacenios*, descendem dos Parthos, e saõ os mesmos, que tambem receberaõ a luz da Fé por S. Judas, ou Thadeo, ao qual edificaraõ hum Templo, que he o unico de toda a sua seita. Na sua linguagem chamaõ a este Santo Apostolo *Cheic-Adi*. Estes Curdos Dacenios tem aos Christãos tanto amor, quanto he o seu odio aos Mahometanos; e como saõ naturalmente guerreiros, e descendentes dos valerosos Parthos, costumaõ dizer, que se os Frangues os viessem buscar, exterminariaõ estes infieis. Os *Curdos*, ou *Jasides Sachelios* tem no monte Sangaro hum Forte, que antigamente era a Fortaleza dos Romanos na Mesopotamia. Tem grande numero de Villas, nas quaes os rapazes desde a idade de sete annos começaõ a tratar as armas. As mulheres naõ se cobrem com grandes veos, como as mais do Oriente; usaõ de armas de fogo com a mesma destreza, que homens. Naõ deixaõ chegar Turcos à sua terra, cahem logo sobre elles; por isso os naõ obriga o Sultaõ a pagar tributo algum; só se contenta com hum donativo, que lhe levaõ; e naquellas partes he voz commua, que hum Sachelis facilmente descomporia cinco, ou seis Turcos: taõ grande he a opiniaõ do valor, e destreza daquelle Povo. Os Curdos, ou Jasides Denaedios saõ os rusticos, ou Camponezes dos mais Curdos; huns tem sua vivenda pouca legoas de Mardin, perto do rio Chobar, que vay desembocar no Euphrates, outros vivem na terra de Seruge, onde se vem as ruinas da Igreja do famoso Bispo Jacobo de Seruge, cognominado o *Doutor*, que deixou aos Syrios, e Chaldeos bellas memorias da sua doutrina. Os *Curdos*, ou *Jesides Caledios*, ou (como querem outros) *Calethlios*, ou *Catelios* ficaõ por cima do *Diarbekir*. Elles fazem correrias na Syria, e na Mesopotamia; e ha opiniaõ, que elles saõ os Assassinos, taõ nomeados na Historia das Cruzadas. Os *Curdos*, ou *Jesides Errantes*, a que os Turcos chamaõ *Coachar*, para sempre acharem bons pastos, mudaõ de sitio segundo as Estaçoens do anno, pelo espaço de algumas vinte e cinco jornadas de caminho. Muitas vezes passaõ perto do monte *Achout*, aonde ha mais de vinte mil grutas de outros Jesides. Os ditos Curdos Errantes habitaõ hum Paiz delicioso, chamado *Bengueil*, isto he, *Mil fontes*. Em hum outeiro povoado de bellas arvores, e ornado de flores infinitas, se contaõ mais de mil tanques, e outras tantas fontes, ou bulhoens de agua, que correndo por hum valle, se ajuntaõ em quatro partes, e formaõ (pelo que dizem) quatro grandes rios, o *Tigres*, o *Euphrates*, o *Guoeso*, e o *Calich*, cujas aguas depois de muitos giros subterraneos, sumidas, e renascidas, se vaõ juntamente meter no Yerac em Bassorá. Nos grandes calores do Estio vivem os Curdos Errantes neste terrestre Paraiso. *Relaçaõ da Missaõ de Mardin, anno 1681.*

Cureotis. He palavra Grega de *Coura*, que quer dizer *Tosquia*. Era o terceiro dia das *Apaturias*, festas, que os Athenienses celebravaõ por espaço de quatro dias. Naquelle dia traziaõ os pays seus filhos para serem tosquiados, e depois recebidos nos Tribunos do Povo; porque até entrarem nos annos da puberdade, criavaõ os seus cabellos em honra de alguma Deidade, e chegado o tempo de se fazerem tosquias, se fazia esta ceremonia no Templo da Deidade

Cidade à qual tinhaõ dedicado o seu cabello. O Povo consagrava o seu cabello a Hercules, a Nobreza a Apollo Pythio, e para este effeito hia a Delphos. No tocante pois ao dia chamado *Cureotis*, Hesychio diz claramente, que a Diana costumavaõ consagrar o seu cabello.

CURETES. Povos da Ilha de Creta, ou Candia, dos quaes fiou Rhea o cuidado de criar a Jupiter recemnascido. Celebravaõ as suas festas ao som dos instrumentos, à imitaçaõ dos Corybantes. Dizem, que tambem foraõ Ministros de Cybele.

CURRAL. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Mais claramente; *Circus, quò pecora, & jumenta includuntur.*

CURRICAR. Termo chulo. Andar daqui para alli. Andar correndo varias partes. *Cursitare, (o, avi, atum.) Terent.*

CÛRSIOS. Casta de lebres pequenas, que correm muito.

CURSOLARIAS. He o nome de cinco pequenas Ilhas, fronteiras à boca do Golfo de Lepanto. No mar destas Ilhas ganharaõ os Christãos, no anno de 1571. a famosa batalha de Lepanto, contra a Armada dos Turcos, governada por Hali, debaixo de Selim II. O anno antecedente, os Turcos apoderados da Ilha de Chypre, fazendo naquella paragem alguma demora, por naõ ficarem ociosos, foraõ acometer aquellas Ilhas, e quizeraõ render a principal dellas, mas foy perservada por hum notavel successo. Antonio Balbo, Governador da dita Ilha, fugira de noite ao primeiro rumor da Armada Turquesca, e os homens de melhor nota o haviaõ seguido. As mulheres, que ficavaõ na Cidade, fecharaõ as portas, e animadas com as razoens de hum Clerigo, chamado Antonio Rosonco, que inutilmente procurara reter o Governador, e os seus sequazes, tomaraõ os vestidos, e as armas de seus maridos, sobiraõ aos muros, e fizeraõ mostras de gente, que se queria defender. Foy esta apparencia favorecida de hum felice successo; i huma dellas, vendo, que as galés inimigas se vinhaõ chegando aos muros, poz fogo a huma peça de artelharia, que casualmente fazia pontaria para a Armada. Por fortuna quebrou este tiro o masto de huma das galés. Os Infieis suppondo, que o presidio seria numeroso, e resoluto de se defender, voltaraõ a proa, e foraõ seguindo a sua derrota. Ficou o Senado de Veneza taõ satisfeito desta gloriosa resistencia, que algum tempo depois os moradores das Cursolarias, apertados da fome em huma grande carestia, mandando pedir à Republica algum soccorro de trigo, lhes foy respondido, que naõ haviaõ feito ao Estado taõ bons serviços, que merecessem esta mercê; mas que neste caso se podiaõ valer da intercessaõ das suas mulheres, a cujo valor deviaõ a sua conservaçaõ, e que se teria respeito ao zelo, e esforço destas Amazonas. Chamaõ os Latinos a estas Ilhas *Echinades, dum, Fem. Plur.* Ovidio. Estacio diz:

Turbidus objectas Achelous Echinadas exit.

CÛRSOS. Doença de Diarrhea, ou dysenteria. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

CURTA. Termo de Tanoeiro. He no fundo das vasilhas a peça, que de huma, e outra parte se segue à comprida.

CURTALIM. Aldea da India Oriental, nas terras de Salsete, onde defronta com a Ilha de Goa, e huma das doze da Camera géral. Os moradores desta Ilha foraõ antigamente muy devotos dos seus idolos, porque naõ sendo Curtalim muito grande, tem muitas terras pertencentes aos Pagodes. A causa disto era, que serviaõ aos Reys da terra firme em officios de penna, e como esta casta de gente sempre acha que depennar, voltavaõ ricos à sua Aldea, e compravaõ chãos, que davaõ aos Pagodes, para conservar a memoria de seu nome. Todos tem titulo de *Xeneus*, isto he, Mestres; porque nas terras do Concaõ, elles mesmos saõ os que ensinaõ aos mais Bramanes a ler, escrever, e contar. O Apodo de Curtalim he o gato, animal, que

que arranha, e official de unha, como eraõ antigamente os de Curtalim, Escrivaens por officio, e sutis por natureza.

Curtalo. Termo da India. Bramanes Curtalos, saõ os que-se prezaõ de mais politicos, por serem os que de ordinario assistem aos Reys, e Regulos, e se chamaõ *Sinays*, que he o mesmo que Sciente. Aparentaõ-se com outros Bramanes, e comem huns em casa de outros. Saõ Gaucares, e as primeiras Aldeas das Cameras gêraes saõ suas, a saber, nas Ilhas de Goa Neura o grande, em Salsete, Margaõ; em Bardes, Sirola.

CUS

Cuscuta. He huma especie de planta, mas sem raiz alguma, e sem folhas; envolvese nas plantas suas amigas, e taõ estreitamente com ellas se une, que muitas vezes as mata, como ordinariamente succede à ortiga, ao linho, e outros vegetantes com que tem simpathia, e lançando nelles huns cabellinhos, ou fios pelas juntas se arriga, e alimenta. A Cuscuta he huma especie de epithymo; porém tem os talos mais grossos, e mais brancos, que os do epithymo. Purga a fleima, e a colera, desfaz as opilaçoens, clarifica o sangue, &c. *Cuscuta, æ, Fem.* Chamaõlhe outros *Cussuta*, *Cassytha*, e *Adrosaces.* (Semente de indivia, e de Cuicuta. Polyanthea de Curvo 186.)

Custry. He huma planta da India, que cresce da altura de hum homem: o tronco he grosso como hum dedo, nasce nos lugares humidos, o sabor he como o dos eredos: a sua flor he muito miuda, e branca, e o fruto como grãos de alquermes: meya onça destas folhas bem pizadas, e cozidas em hum quartilho de agua, coada, e bebida com meya culher de assucar continuado por oito dias, serve para refrescar o figado, e alimpar os rins.

Cuspido. Semelhante, como quando se diz, cuspido a seu pay, cuspido a fullano. He modo de fallar usado dos plebeyos, ou idiotas, de que os homens polidos naõ devem usar, como advertio Duarte Nunes de Leaõ no seu livro da *Origem da lingua Portugueza*, *cap.* 18. *fol.* 116.

Cuspir. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Cuspir.

Quem mal cospe, duas vezes se alimpa. Quando Deos queria, ao longe cuspia; agora, que naõ posso, cuspo aqui logo. Cuspo para o Ceo, caeme no rosto.

Cuspo. Vid. tom. 2. do Vocabulario. Segundo os Medicos da Grecia, muita differença vay de cuspo a escarro. Dizem, que o cuspo, ou a saliva, com movimento natural vem à boca, e o escarro naõ sahe senaõ rossindo.

Até agora só cuspia,
E agora já vou escarrando.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ 415.

Custas. Vid. tom. 2. do Vocabulario.

Custas de demanda. Budeo no seu *Index rerum forensium* lhe chama, *Alimenta controversiæ. Sumptus Judiciales.*

Custo. Vid. tom. 2. do Vocabular. Todo o custo. Seja o que for. *Utcumque erit. Tit. Liv. Utcumque res ceciderunt. Cic. Utcumque ceciderit. Tit. Liv. Quid accidat*, ou *quidquid evenial.*

Custodia. Naõ he Ciborio, naõ obstante isto, que no seu Elucidario, pag. 463. num. marginal 1596. o Padre Bento Pereira diz: *Pyxis, &c. apud Ecclesiasticos, est id, quod vulgò dicimus* Custodia, *& multipliciter nominatur. Ab Hesychio, apud Buleng. lib.* 2. *cap.* 18. *Arca illustrationis Dei dicitur*; A Gregorio Turonensi, *lib.* 1. *de gloria Martyr. cap.* 86. *nuncupatur Turris, forte ob formam, quâ turrim effingit.* A S. Chrysost. homil. 42. *in Act. Apost. vocatur* Ciborium, *nempe à cibo, quem continet*; *frequentius tamen appellatur Pyxis.* Tudo isto parece equivocaçaõ do dito Author, porque o que chamamos Custodia, nem he *Pyxis*, nem *Tur-*

Turris, nem *Ciborium*. Vid. Custodia no 2. tom. do Vocabul.

CUT

CUTTUBANA. Termo da India Portugueza. Saõ aquellas fazendas, e propriedades, que pagaõ certos foros limitados à Gancaria cada anno, e naõ entraõ a ganhos, e perdas.

CUV

CUVILHEIRA. Vid. Cubilheira, mais acima.

CUVILHETE. Vid. Covilhete no 2. tomo do Vocabulario. Covilhete de jogar aos dados. Vid. Dado, no 2. tomo do Vocabulario.

CUZ

CUZT. Provincia do Reyno de Fez, em Africa. Dizem, que se lhe deu este nome, porque he muito dilatada, e na linguagem da terra *Cuzt*, quer dizer *Muito*. Tem oitenta legoas de comprido, desde o rio Gurcygure atè o de *Esaba*. A Nobreza desta Provincia he muito valente, e o Rey de Fez se serve della com grande ventagem contra os de Alger. *Marmol, liv. 4. da Africa.*

CYB

CYBELE. Filha de Celo, irmãa, e mulher de Saturno, que pario a Jupiter, e foy chamada Mãy dos Deoses; teve muitos outros nomes, porque tambem lhe chamaraõ *Rhea*, Dyndimena, Berecynthia, Idea, Pessinuncia, Ops, Maya, Tellus, e Boa Deosa. Cybele he nome derivado do Grego *Xibibein*, *Xibistan*, que quer dizer *Dar saltos*, *e cabecear*, porque os Sacerdotes desta Deosa, a saber *Corybantes*, *Dactylos*, *Ideos*, *Curetes*, *e Gallos*, no dia da sua festa andavaõ saltando, e dando cabeçadas como loucos, e furiosos; e era opiniaõ, que ella Deosa inspirava este furor; ou se deriva Cybele, do lugar, que tinha este nome, ou de hum pinhal que lhe estava consagrado. *Rhea*, tambem he nome, derivado do Grego *Reein* (correr fallando em cousa liquida) e a Cybelle se deu este nome, por causa das chuvas, e influencias celestes, que fertilizaõ a terra; ou em razaõ do continuo fluxo, e refluxo das sementes, e geraçoens das creaturas terrestres. *Dyndimena*, ou *Dyndimia*, he nome que se deu a Cybele, porque foy particularmente adorada em hum monte da *Phrygia*, ou da *Troada*, chamado *Dyndima*, do qual com o andar do tempo se communicaraõ aos Gregos, e Romanos suas festas, e ceremonias. Berecynthia he o nome de hum Castello da Phrygia, perto do rio Sangaris, ou (segundo Fulgencio) dos montes *Berecynthios*, onde Cybele era adorada. Foy chamada *Idea*, porque no monte *Ida* tambem foy Cybele singularmente veneradа. *Pessinuncia*, ou *Pessinunta*, da Cidade de *Pessino*; ou (segundo Herodiano) porque antigamente em hum campo da Phrygia, cahio do Ceo huma certa estatua, que imaginaraõ ser de Cybele; ou porque o lugar onde os Povos da Phrygia celebravaõ a festa desta Deosa, se chamava *Pessinuento*, em Latim *Pessinus*, nas margens do rio Gallo. Chamaraõ-lhe *Ops*, *Maya*, e *Tellus*; e no nome Latino *Tellus*, que quer dizer *Terra*, se fundaõ os outros dous, a saber, *Ops*, e *Maya*; porque *Tellus dat opem*, *& opes*, isto he, a terra dá soccorros, e riquezas; *Maya*; pois quer dizer *Mãy*, ou *Ama*, e a terra cria, e alimenta a todos. Finalmente chamaraõ a Cybele *Boa Deosa*, e *Mãy dos Deoses*, porque todas as flores, todos os frutos, e todos os nossos alimentos saõ producçoens da terra. Debaixo destas, e outras fabulosas prerogativas de Cybele, occultou a Theologia Gentilica muitos mysterios, e documentos, dos quaes fez Varro mençaõ, e o mesmo Santo Agostinho se dignou de as repetir no livro 7. da Cidade de Deos, cap. 24. apropriando ao cul-

to da terra as mais notaveis particularidades, que se dizem de Cybele. Em humas medalhas antiquissimas se vè Cybele representada, pondo a maõ sobre hum tambor, figura do globo da terra; nas torres que lhe poem sobre a cabeça, se significaõ as Cidades, e outras Povoaçoens; as cadeiras que tem ao redor de si, demostraõ que em quanto ella fica immovel, tudo ao redor della se move. Os seus Sacerdotes Eunucos daõ a conhecer, que para ter grãos, e sementes, he preciso cultivar a terra, e que sem os recebir no seyo, fica esteril, e infecunda; se pois elles na sua presença se meneaõ, e se revolvem, he para dar a entender aos agricultores, que naõ fiquem ociosos, porque nesta arte ha sempre que fazer; com o som dos atabales se exprime o estrondo dos engenhos da lavoura; e saõ estes atabales de cobre, porque antes de se achar o ferro, eraõ os ditos instrumentos deste metal. No Leaõ jolio, e manso se denota, que naõ ha terra taõ bravia, que naõ possa ser cultivada. Os que representaraõ a Cybele com huma chave na maõ, quizeraõ dizer, que no tempo do Inverno a terra fecha em si toda a sua vegetativa prole, e na Primavera se abre para a pôr na luz do Mundo. O matiz da sua pintada vestidura, que outra cousa he, que o manto das varias flores, com que a terra se orna? Os quatro animaes, que puxaõ pelo carro de Cybele, denotaõ as quatro Estaçoens do anno, ou os quatro ventos cardinaes, ou os quatro elementos. Finalmente deraõ a Cybele Saturno por marido, porque naõ produz a terra, se naõ com o tempo; e todos os nomes sobreditos, que os Poetas deraõ a Cybele, naõ significaõ outra cousa, que as excellencias de huma Deosa, a saber, da Terra, que he a parte do Mundo mais afeminada, e que no Universo tem lugar de mãy, assim como o Sol com os mais fogos celestes tem lugar de pay. *Cybeles, es, Fem.* Os Poetas Latinos chamaõ a Cybele, *Alma Deum genitrix; Alma parens Idæ, Magna Deum mater; Turrigera*, ou *Turrita Dea, Phrygia mater, Cybeleya Dea.*

CYN

CYNOCEPHALO. He palavra Grega, que quer dizer *Cabeça de caõ.* Segundo Plutarco he o nome do Deos dos Egypcios, que tambem foy chamado *Anubis*, por isso lhe chama Virgilio *Latrator.*

Omnigenumque deum monstra, & latrator Anubis.

Tambem ha huma herva chamada *Cynocephalos*, por ser o fruto que dá, semelhante à cabeça de caõ. Os Botanicos Latinos lhe chamaõ *Antirrhinum*, i, *Neut.* Segundo o Padre Bento Pereira na sua Prosodia, he a herva, a que chamaõ *Murriaõ.* A huma casta de mono, cuja cabeça se parece com a do caõ, deraõ os Gregos o mesmo nome *Cynocephalos*, como se vê em Aristoteles, *lib. 2. Animal. cap. 8.* Para os Egypcios o Cynocephalo assentado era o jeroglyfico dos dous Equinocios, porque dizem, que neste tempo ourina este animal entre o dia, e a noite doze vezes, com igual intervallo de tempo, ou huma agua, e outra; o que deu motivo a Trismegisto, para dividir o dia em doze partes iguaes. A isto se accrescenta, que todo o tempo do Equinocio o dito animal doze vezes no dia, de hora em hora dá hum grito; donde nasceo, que nas clepsydras, ou relogios de agua, antigamente se via esculpida a figura de hum Cynocephalo, que da parte genital deitava agua, nem mais, nem menos, que a da medida de huma hora. No tom. 4. das suas Viagens, escreve Pedro de la Valle, que debaixo da Zona Torrida ha Povos, que adoraõ huma figura com cabeça de caõ. E segundo Plinio lib. 7. c. 8. cap. 54. na Africa ha homens com cabeça de caõ, que mais parecem feras, que homens. *Cynocephalus, i, Masc.*

CYNOPOLIS. Cidade do Egypto, na parte Oriental do Nilo, onde Anubis, Deos dos Egypcios, era adorado. Nesta Ci-

Cidade os cães comiaõ à custa do publico.

CYP

Cyparisso. Mancebo de taõ boa feiçaõ, que delle se namorou Apollo. Criava hum veado, que elle matou por erro; do que ficou taõ sentido, que se quiz matar a si proprio Apollo movido de piedade, o transformou em Acipreste. *Ovid. liv. 10. Metamorph. Fab. 3.*

Cyparisso. Tambem he o nome de huma Cidade de Messina, hoje Arcadia. Dava o seu nome a hum Cabo, chamado hoje *Capo Gonello.*

Cypó. O Gentio da America (segundo tem observado o Doutor Joaõ Curvo, no seu memorial de varios simples pag. 13.) lhe chama picaquanha, e juntamente diz, que he o mesmo que pica de caõ. Vid. Ipecacuanha no Vocabulario.

CYT

Cythara. Instrumento musico de cordas, com figura triangular, que (segundo está escrito em huma carta, que se attribue a S. Jeronymo) se tangia com arco. Do que escreve Pausanias, que Cythara, e Lyra eraõ dous instrumentos muitos diversos, e que Mercurio foy inventor da Lyra, e Apollo da Cythara. Com tudo a mayor parte dos Poetas confundem estes dous instrumentos pela grande semelhança, què tem, posto que a Cythara he triangular, e a Lyra tem figura de dous SS oppostos. Tambem se vem humas estatuas, e medalhas, onde Apollo está representado com a Lyra na maõ em humas, e em outras com a Cythara. Vid. *Cithara no 2. tom. do Vocabulario.*

Cythera. Ilha do mar Egeo, a cuja praya aportou a Deosa Venus em huma concha. Nesta Ilha edificaraõ seus moradores hum magnifico Templo, e della tomou Venus o nome de Cytherea. *Cythera, æ, Fem.*

Deserit, & Veneri Sacra Cythera *perit.*

Ovid. lib. 4. Fast. vers. 286. Vid. Cythera no 2. tom. do Vocabul.

Cytheron. Monte, perto de Thebas, consagrado a Apollo, e ás Musas, e he a razaõ porque lhe chamaõ *Cytherides.* Nesta Ilha se celebravaõ as Orgias, festas de Bacco. Vid. Cytheron no 2. tom. do Vocabul.

Cytnon. He no mar Egeo huma das Ilhas Cycladas. He toda montuosa; e quasi deserta. Porém querem alguns, que antigamente fosse populosa, e muy celebrada pela bondade de seus queijos. De Cythno, que foy seu primeiro habitador, tomou o nome. Dizem, que antigamente foy chamada *Ophiusa*, e *Dryapis.* Cythnos.

Florentemque Syron, Cythnon, Planamque Seriphon.

Ovid. liv. 7. Fab. 24. vers. 464.

Cytiso. Mata, de que gostaõ as ovelhas, e cabras. Seu nome Portuguez he Codesso, ou Codeço. Vid. no seu lugar.

CZA

Czaslaw. Cidade de Bohemia, e huma das Capitanías da terra, sobre o regato *Crudimx.* Nesta Cidade está enterrado o famoso Joaõ Zisca, Capitaõ dos Hussitas.

Czyrknizerzee. Em Latim *Lugeum*, ou *Lugea.* He o nome de huma grande lagoa da Carniola, Provincia de Alemanha. Tem quatro milhas de comprimento, entre matas, e montes; e he muy frequentada, porque nella todos os annos se pesca, se caça, e se colhe trigo, pelas extraordinarias enchentes, e vasantes das suas aguas. Em chegando a Primavera, dos montes visinhos se vem correr para baixo muitos ribeirinhos, tres pela parte do Oriente, e quatro pelo Meyo dia. A agua destes ribeiros ao mesmo tempo que vay baixando, vay minguando, porque parte della se embebe no chaõ, e finalmente se mete em humas covas de pedra, que parecem abertas por mãos de homens. Depois de cheyas as covas, succede quasi por

malas

milagre, que as aguas naõ ſó ſe derramaõ no leito da lagoa, mas as que ficaõ nas covas, ſahe dellas com rapida violencia, e acabando os rios de correr, todas as aguas juntas formaõ a lagoa. Nas paragens mais fundas a agua tem oito cubitos de alto, em outras alguns cinco pes. Paſſado certo tempo, as aguas da lagoa ſe recolhem nas ſuas covas, em quanto outra parte della debaixo da terra ſe ſome. Entaõ ſe faz a peſca do peixe que ficou, e os viſinhos ſemeaõ na terra da lagoa o trigo. A terra he taõ fecunda, que vinte dias depois de ſemeada, ſe faz a ſega. Depois de cortados os pães, os caçadores daõ caça à que vem ſahindo das devezas, montes, e valles circonviſinhos; e aſſim eſta lagoa, vem a ſer juntamente lugar para a caça, para a peſca, e para a lavoura. *Lazio. Wernher de Admirab. Hungar.*

D

DAC

DACTYLOS IDEOS. Aos Curetes, ou Corybantes se deu este nome, pela dança, que inventaraõ com desiguaes intervallos, à imitaçaõ da consonancia do pé *Dactylo*, que na Poesia consta de huma syllaba longa, e duas breves. A razaõ desta dança foy esta. Cybele, depois de partr de hum ventre a Jupiter, e a Juno, diz a Fabula, que Saturno lhe naõ mostrara se naõ a Juno, e secretamente fizera criar a Jupiter pelos Curetes, ou Corybantes, para que Saturno o naõ devorasse. Estes receando, que os choros do menino Jupiter o descobrissem, inventaraõ huma dança, a que chamaraõ *Dactylo*, na qual topando huns com os outros, davaõ mutuamente nos seus broqueis de metal humas pancadas com cadencia desigual, e dactylica harmonia. Este estrondo foy a causa, porque naõ ouvio Saturno os choros de seu filho. *Dactili Idei*. Do monte *Ida*, foraõ chamados *Ideos*. Diomedes Grammatico declara esta Fabula desta sorte: *Hi namque in Insula Creta Jovem custodientes, ne vagitu se parvulus proderet, lusos excogitato genere, clypeolis æneis inter se concurrentes, tinnitu æris illisi, rythmicâ etiam pedis Dactyli compositione, celare vocem infantis*. No cap. 11. quer Solino, que desta dança se originara na Ilha de Candia o estudo da Musica. Vid. *Salmasium in Solinum*, *pag.* 171. Dos Dactylos Ideos diz Luciano, que recebendo das mãos de Juno ao Deos Marte, ainda menino, o ensinaraõ a dançar, antes de o occupar no exercicio das armas, como se fora a dança preludio para a guerra.

DAD

DADIVAN. Campo de quatro, ou cinco legoas de circuito, entre Schiras, e Lar, Cidades da Persia, na Provincia de Farcistan. A mayor parte deste campo está chea de larangeiras, cidreiras, e romeiras. Tem larangeiras, cujo tronco he taõ grosso, que apenas o podem abraçar dous homens, e saõ taõ altas, como as mais altas nogueiras. He esta deliciosa planicie atravessada de hum rio abundante de peixe *Tavernier*, *Viagem da Persia*.

DADIVOSO. Vid. no 3. volume do Vocabul.

Muito mais Dadivoso *as repartia*
Com os affectos pobres, que encontrava.

Man. de Far. e Sousa, Fabula de Narciso, e Eco, Estanc. 5. fol. 81.

DADO. Jogo de dados. Muito antigo era este jogo, pois os amigos de Penelope já o jogavaõ no Templo de Minerva; que naquelle tempo se costumava jugar nos Templos. Entre os Romanos era jogo de velhos: (como o mesmo Augusto o diz) entre os Gregos era jogo de rapazes, como se vê na descripçaõ de hum excellente quadro de Polycletes; em Plinio por Apollodoro, que occupa neste jogo a Cupido, e Ganymedes; e em Diogenes Laercio, o qual diz, que os Ephesios zombavaõ de Heraclito, porque jogava com meninos este jogo. Naõ consta, que o antigo jogo dos dados fosse em tudo semelhante ao nosso. Só he certo, que os seus eraõ huma especie de dados de ouro, ou de marfim, que elles maneavaõ com hum vaso, a modo de covilhete, antes de os lançar. Consistia a differença, em que naõ tinhaõ como os nossos seis faces, por serem de figura cubica, mas só quatro, porque dos seis que deviaõ ter, dous eraõ oppostos, e com ponta redonda, figura, a que os Geometras chamaõ *Conica*. Tambem usavaõ destes dados para adevinhar; e dos numeros, que sahiaõ tomavaõ bons, ou maos agouros. Ordina-

dinariamente de cada lanço botava o jugador quatro dados; a melhor sorte era de quatro pontos diversos, porque cada face tinha o seu nome de differentes animáes, v. g. *Caõ*, *Abutre*, *Basilisco*; e às vezes eraõ nomes de Deoses, v. g. *Venus*, *Hercules*, *&c.* Mas sendo isto assim, era preciso, que destas figuras, ou imagens, cada huma determinadamente significasse algum numero particular; porque he certo, que das faces oppostas, huma valia hum; e a outra seis; e das duas outras tambem oppostas, huma valia por tres, e a outra por quatro. A invençaõ do jogo dos dados se attribue a Palamedes, e para o dito jogo deraõ preceitos nos seus livros, Megalopolitano, e Theodosseno, e Claudio Emperador, como o affirma Suetonio na sua vida, onde accrescenta, que o Emperador Domiciano summamente se deleitou deste jogo. Do verso de Horacio, que se segue, consta, que dos Romanos foy prohibido o jogo dos dados:

Seu mavis vetita legibus alea.

Este jogo como todos os mais tem adversario, e por isso he guerra; mas que guerra póde ser esta, na qual a cada passo das mãos de todos cahem as armas? nesta guerra naõ se mataõ homens, mas sem horror se manuzeaõ mortos; sem effusaõ de sangue, tudo saõ ossos; todas as envestidas saõ perigosas, e sempre he prudente a retirada. Vid. *tom. 3. do Vocabulario.*

Dadora. A mulher que dá. Em bons Authores Latinos naõ achamos, nem *Datrix*, nem *Donatrix*. Será preciso usar de circunlocuçaõ.

Quanto a prosperidade
Tem para repartir entre os homens
Na Dadora Cidade.

Man. Tavares, Ramalhete Juvenil, fol. 55.

DAG

Dagon. Idolo dos Filisteos, do qual se faz mençaõ na Sagrada Escritura, no livro dos Reys. Querem alguns, que a parte superior deste idolo fosse de homem, e a parte inferior de peixe. O termo Hebraico *Dag*, quer dizer *Peixe*. Tambem he de saber, que *Dagon* poderá ser derivado de *Dagan*, que significa *Trigo*, tanto assim que nas obras de Eusebio, Filo tem traduzido *Dagon* por *Frumentum*, ou *frumenti præses*. Pintaõ outros ao Idolo Dagon na fórma seguinte. Dizem, que tinha figura humana, mas com as pernas cozidas com as virilhas, e sem coxas. Da cintura para baixo a figura era de peixe, cuberto de escamas, com a cauda levantada por detraz. Confundiraõ alguns modernos a Dagon com Atergatis, mas (como advertio Bocharto) melhor he conformarse com os Antigos, que os distinguiaõ como macho, e femea, hum irmaõ, e outra irmãa. Na Escritura achamos, que os Filisteos apoderados da Arca do Testamento, a collocaraõ no Templo de Dagon, mas naõ podendo o Idolo sofrer o aspecto de taõ santa companheira, cahio do altar, e se fez em pedaços.

DAL

Dala da bomba. Vid. tom. 3. do Vocabulario. *Sentinæ emissarium*, ii, *Neut.*

Dalecalia. Provincia do Reyno de Suecia. He muito grande, mas he chea de montes, e naõ tem se naõ humas poucas Aldeas; as principaes saõ *Ilra*, *Serna*, *Funesdalh*, *&c.* O rio Dalecarle dos mayores de Suecia.

Dalem. Pequena Cidade dos Paizes Baixos, no Ducado de Limburgo, sobre hum pequeno rio, duas legoas da Cidade de Liege.

Dalia. Provincia de Suecia, na Gothia Occidental, entre a lagoa de Vener, e a Capitania de Bahus.

DAM

Damia. He hum dos cognomes de Cybele, chamada nas Fabulas a *Boa Deosa*, por antonomasia; naõ se lhe offereciaõ

ciaõ facrificios em publico ; mas fó em cafas particulares, com portas, e janellas fechadas, fem fer licito aos homens affiftir nelles, nem às mulheres, que nelles affiftiaõ revelar o que nelles fe paffava. E affim eftes tres nomes *Damia*, que he Cybele, *Damias*, que era a fua Sacerdotiza, e *Damium*, que era o lugar do facrificio, fe derivaõ do Grego *Damofion*, por *Dimofion*, que quer dizer *Publico*, ou de *Dimos*, que quer dizer *Povo*; e por antifrafis fignificaõ coula de grande fegredo; e por iffo fe fabe taõ pouco defte facrificio, porque foy o menos publico, e o mais occulto de todos. Querem outros, que Damia foffe huma das Dryadas, e mulher de Fauno, taõ cafta, e recolhida, que nunca vira, nem ouvira fallar em outro homem, que no feu marido. Defte feu taõ fingular retiro procedeo o grande cuidado que houve de excluir das fuas feftas os homens, e de cobrir com hum veo na cafa, onde fe fazia o facrificio, toda a figura mafculina, quer em pintura, quer em talha, ou por outro modo. Só as mulheres ricamente trajadas pelo efpaço de nove dias, e nove noites levavaõ boa vida, dançando, cantando, e fazendo quanto lhe pedia o appetite. *Alex. ab Alex. liv.* 6. *cap.* 8.

DAMINHO. Palavra antiga.

A Juliaõ, e Horpes a fua grey Daminhos.

Certo Poeta antigo. Faria tom. 3. da Europ. Portug. 378.

DAMOAÕ. Monte de Armenia, na Afia; levantafe com figura pyramidal, fobre tudo o mais do monte Tauro. A fummidade defte monte he toda de enxofre; lá fe vay prover defte mineral toda a Chaldea, e a Perfia. *Herbert*, *Relaçaõ da Perfia.*

DAMORIM. Pera Damorim. Chamaõlhe outros pera de Lambelhe os dedos; na Beira chamaõlhe pera da Aguada; he fumarenta, e de muito bom gofto.

DAMUTE. Reyno da Ethiopia, que de huma parte do rio Nilo fe vay eftendendo até quafi a linha Equinocial, em altura de 48. graos de Lefte a Oefte. He povoado de Gentios, tributarios ao Prefte Joaõ, e de Chriftãos Abexins. He terra de muito ouro, e de nenhum ferro, pelo que val nella quafi tanto como o ouro, porque o trazem alli de muito longe. Em muitas partes defte Reyno ha grandes ferras muy fragofas, e defertas, onde fe criaõ muitos bichos, e feras, e entre outras, Unicornes, que faõ do tamanho, e quafi da mefma feiçaõ de rocins pequenos, de cor parda, e fermofa, e naõ faõ de cafta de Badas, como alguns affirmaõ. Os Naturaes dizem, que eftes faõ os verdadeiros Unicornes, pelas grandes virtudes, que tem experimentado. Ha neftas terras muitas criaçoens de boys muy grandes, e manfos; tem grandiffimos cornos, dos quaes ufaõ os moradores em lugar de cantaros de ferviço, e levaõ alguns mais de meyo almude. *Francifco Alvares*, *livro do Prefte Joaõ cap.* 19.

DAN

DANAE. Filha de Acrifio, Rey de Argos, e de huma Euridice, filha de Lacedemon, o qual avifado pelo Oraculo, que feu fobrinho a havia de matar, a mandou fechar em huma torre. Entre tanto Jupiter namorado de Danae, e transformado em huma chuva de ouro, entrou pelo telhado da cafa onde eftava, e ouve della hum filho chamado Perfeo. Acrifio enfurecido, mandou fechar o menino feu fobrinho, juntamente com fua mãy em huma arca, que tambem por fua ordem foy lançada ao mar; mas com taõ felice fucceffo, que as aguas a levaraõ a hum porto da Daunia, onde hum pefcador a tirou do mar, e achando nella a Danae com feu menino, os levou ao Rey da terra Pilumno, o qual informado da Patria, e nobreza de ambos, tomou a Danaé por fua mulher, e mandou a Serpho o menino Perfeo, para fer criado na Corte de Polydecta, Rey daquella Ilha. Perfeo feito já mayor, paffou para Argos, onde achou feu avó Acrifio, e mol-

e mostrandolhe a cabeça de Medusa, o converteo em pedra. *Ovid. Metamorphos. lib. 4. Fab. 16.*

Danaides. Saõ as filhas de Danao, filho do antigo Belo, e irmaõ de Egypto. Querem os Poetas darnos a entender, que Danao, pay de cincoenta moças, (que eraõ estas Danaides, ou por outro nome Belides) foy obrigado a casallas com outros tantos moços, filhos de seu irmaõ; mas para se perservar da morte, com que se via ameaçado pelo Oraculo, mandou a todos, que na primeira noite do seu noivado matassem os seus maridos. A este taõ cruel preceito obedeceraõ todas, excepto huma, que teve horror de taõ barbaro desatino. Finge a Fabula, que nos infernos todas estaõ condemnadas, em castigo do seu crime, a encher de agua hum tonel, que naõ tem fundos; e que sô Hypernestre, livre deste crime, tambem ficou livre deste supplicio, porque naõ quiz tirar a vida a seu marido Lynceo, do qual depois houve *Abas*, e este de Ocalea, filha de Mantinea, houve Preto, e Acrisio, pay de Danae. *Danaides, dum, Fem. Plur.* Chamaõ os Poetas a estas más mulheres, *Danai puellæ immites*: *Danai selesta proles*, ou *Progenies*: *Selestæ sorores*: *Danai crudele genus, &c.*

Dança. No Dialogo da Dança, diz Luciano, que ella he taõ antiga como o Mundo, e que do amor teve o seu principio. Prova (diz elle) desta verdade, he o regulado movimento dos Astros, e as diversas conjunçoens das Estrellas fixas, e errantes. A' imitaçaõ destes corpos celestes, dizem, que a primeira, que se deleitou neste exercicio, foy Rhea, ou Cybele, e accrescentaõ, que ella o ensinou aos seus Sacerdotes, assim na Ilha de Creta, como em Phrygia, e segundo a Fabula, lhe naõ foy inutil este invento, porque dançando, e saltando, salvaraõ a vida a Jupiter quando menino, que seu pay Saturno tivera devorado; de sorte, que em frase Gentilica se póde dizer, que o Monarca dos Ceos deve à dança a sua conservaçaõ; mas naquelle tempo era a dança exercicio militar, que se fazia dando alternadamente nos broqueis com espadas, e dardos. *Pyrrho* foy o inventor da dança *Pyrrhica*, que se fazia com as armas. Castor, e Pollux ensinaraõ esta arte aos Lacedemonios, os quaes com tanto cuidado a cultivaraõ, que hiaõ à guerra saltando, e dançando ao som da frauta; no meyo delles andava hum gaiteiro, ou tangedor de frauta, que guiava, e governava a dança, e todos com boa ordem, e posturas guerreiras o seguiaõ. O mesmo se usava na dança, a que chamavaõ *Hormus*, em que entravaõ moços, e moças; aquelles guiando a dança com vigor, e geito varonil, estas seguindoos com passo grave, e modesto, como se quizessem fazer hum harmonico temporamento da fortaleza, e da temperança. Outra dança se fazia com os pês descalços. Na Ilha de Delos naõ havia sacrificios sem danças. Os Indios ao amanhecer, e ao pôr do Sol, adoravaõ a este Planeta dançando; os Ethiopes depois de tirar as settas, que levavaõ a modo de resplandor ao redor da cabeça, dançavaõ, e davaõ saltos para intimidar o inimigo; na Thessalia eraõ os dançadores taõ estimados, que os principaes Magistrados tomavaõ desta arte o seu mais nobre titulo, e se chamavaõ *Proorquestres*, como quem dissera, *Guias da dança*; ao pé das suas antigas estatuas, ainda se lê esta inscripçaõ, como tambem estroutra, que diz: *Em honra de fullano, por ter dançado bem na batalha*, id est, *por haver pelejado com valor*. As danças dos Antigos mais celebres eraõ tres, *Emmelia*, nas tragedias; *Cordax*, nas Comedias; *Sicinnis*, nas gainosas dos Satyros. Na dança Phrygia naõ fallo; era huma dança de Rusticos, e como tal muito grosseira, e cançada.

DAR

Dar. Day cá a maõ. *Cedo manum. Plaut.* Propriamente fallando, *Cedo*, sô signi-

significa *Ceder*, *e permittir*; mas no Latim, como nas mais linguas muitas vezes succede, que com o muito uso as palavras vaõ tomando hum significado differente daquelle, pelo qual foraõ instituidas. E assim, como antigamente quando se offerecia alguem para fazer huma cousa, pedia a licença, e se lhe respondia, *Cedo*, isto he, quero, consinto, permitto, que o façais, ou que o digais, &c. tambem se começou a dizer, *Cedo manum*, *Cedo canterium &c.* Dai cá agua às mãos. *Cedo aquam manibus. Plaut.* Dai cá as vossas mãos, e tomay as minhas. *Cedite manus vestras, measque accipite. Ennius.*

Darandella. Trage taõ antigo, que naõ acho quem me diga o que era.

Nossas avós às singelas
Com saynhos de palmilha,
Pareciaõ menos bellas?
Saõ melhor as darandellas
De Madrid, ou de Sevilha?

Obras Metric. de D. Franc. Man. Çamfonha de Europe, fol. 96. col. 1.

Daroga. Cidade do Reyno de Aragaõ, sobre o rio Xiloca, dez legoas de Çaragoça. He muito nomeada pelos milagrosos corporaes, tintos do Sagrado Sangue de Jesu Christo, que nella se conservaõ. Vid. Luiz de Granada da excellencia da Religiaõ Christãa, liv. 2. Bzovio tom 3. Annal. Ecclesiastic. Alfonso Fernandes, Histor. de los Corporales de Daroca. No seu Hierolexicon, ou Diccionario Sacro, pag. 193. col. 1. Domingos Macro diz, que Daroca he Cidade do Reyno de Valença; mas Antonio Baudrand no seu Diccionario Geografico, e outros fazem a Daroca Cidade do Reyno de Aragaõ.

DAT

Dativo. Termo Grammatical. He o terceiro caso da declinaçaõ de hum nome, entre genitivo, e accusativo. *Dativus casus. Marc. Quintil.* Tambem se póde dizer *Dativus*, subentendendo *Casus. Dandi casus. Varro.*

DEB

Debaixo. Vid. tom. 3. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Debaixo.

Debaixo dos pés se levantaõ desastres. Debaixo de huma ruim capa, jaz hum bom bebedor. Cunhados, e ferros d'arado, debaixo da terra prestaõ. O nabo, e o peixe, debaixo da geada cresce. Folga o trigo debaixo da neve; como a ovelha debaixo da pelle. Debaixo do sayal, ha al. Debaixo de boa palavra, ahi está o engano. Debaixo de bom sayo, está o homem mao.

DEC

Decemvirato, e Decemviros. Magistrados em Roma, que eraõ como guardas das doze taboas, em que estavaõ escritas as Leys. Pelas discordias dos Consules, e dos Tribunos; como tambem pela obscuridade do pouco numero das Leys Reaes, muito padecia Roma. Naquelle tempo hum certo Hermodoro, natural de Epheso, que se achava em Italia degradado da sua Patria, deu por conselho aos Romanos, que mandassem tres Embaixadores para Athenas, e outras bem governadas Cidades da Grecia, para tomar conhecimento dos estatutos da sua politica. Seguiose este conselho no anno da fundaçaõ de Roma 303. e com a noticia destas Leys estranhas se compuzeraõ as das doze taboas. Tomaraõ os Decemviros as redeas do governo, e (segundo escreve Dyonisio Halicarnasseo liv. 10) constituiraõ esta fórma de administraçaõ no governo. Hum delles era o Guarda mór das varas, e outras insignias da dignidade Consular. Este convocava o Senado, confirmava os decretos, e acudia às mais obrigaçoens do officio de Pretor. Por naõ estimular a enveja do Povo, o vestido dos mais era pouco differente do popular. Durava esta administraçaõ o espaço de hum anno, succedendo huns aos

outros huns tantos dias, no lugar do primeiro, e fazendo cada dez dias justiça ao Povo. Acabado o anno, criavaõse outros Decemviros, e entravaõ três da Plebe nos lugares de outros. Mas querendo estes perpetuar em si o governo, e degenerando o poder dos mais em tyrannia, sem quererem largar de si mesmos o officio, foraõ depostos por força, principalmente na occasiaõ da violencia de Appio Claudio, que se fez adjudicar a Virginia por escrava, injustiça, que obrigou ao pay a tirarlhe com suas proprias mãos a vida. E assim foy extincto este Decemvirato. Tambem para as superstiçoens da sua Religiaõ, teve Roma hum Tribunal de *Decemviros*, que no principio por instituiçaõ de Tarquinio o Soberbo eraõ Decemviros, e depois foraõ por Sulla accrescentados a mayor numero. Estes guardavaõ, e interpretavaõ os livros das Sybillas, que certa velha tinha vendido ao dito Tarquinio por huma grande summa de dinheiro. Destes Decemviros huns eraõ nobres, outros plebeyos. Vid. *Fenestellam de Sacerdot. cap. 13. Johan. Rosin. Antiquit. Roman. lib. 3. cap. 24. &c.*

Decertar. He tomado do Latim *Decertare*. Vid. *Pelejar*.

Pondo-o à porta, as ordens se chegaraõ
E entre si por levallo, Decertaraõ.

Francisco Barreto Landim, Vida de S. Joaõ de Deos.

Decimal. Cousa concernente a decimas. (Arrezoado na causa da imposiçaõ dos vinhos Decimales. Ambrosio Cardoso no titulo do seu Tratado.)

Declarativo. Cousa, que declara. *Enuntiativus, a, um, Seneca.* (Com palavras declarativas de sua mente. Crisol Purificat. fol. 372. col. 2.)

Declive. Vid. tom. 3. do Vocabul.

Porém, já que Pyrois pelo Declive
Occaso foge, vamos caminhando.

Manoel de Far. e Sousa, Eclog. do 4. tom da fonte de Aganippe, fol. 132.

Decrepitar. Termo Chimico. He torrar, ou seccar a humidade de hum corpo compacto, como v. g. o sal, até que naõ dê estalos. *Thesouro Apollineo.*

Decretaes. Sobre a certeza das Decretaes, e o conhecimento das verdadeiras, ha muito que dizer. Na opiniaõ dos Doutos, as Decretaes, attribuidas aos primeiros Papas, antes de Siricio, saõ suppostas, porque de nenhumas dellas tiveraõ conhecimento os antigos Padres da Igreja, excepto a de S. Clemente a Santiago, traduzida por Rufino; e antes dos primeiros novecentos annos, nenhum Author tem allegado com alguma dellas. Se quizermos dar credito a Hincmaro, Arcebispo de Rheims, em França o primeiro, que publicou as Decretaes, foy hum Bispo de Moguncia, chamado Riculfo. Huns attribuem a collecçaõ destas Decretaes a hum Hespanhol, outros a hum Alemaõ, e outros a hum Francez; outros com mais particular individuaçaõ as attribuem a hum Isidoro, cognominado *Mercator*, ou *Peccator*, o qual talvez era o irmaõ de Eulogio, que de Hespanha passou com huns mercadores para França; e depois se acolheo a Moguncia. De outras razoens se infere, que as ditas Decretaes saõ suppostas; primeiro, Os lugares da Sagrada Escritura, que nellas se allegaõ, saõ segundo a versaõ vulgara de S. Jeronymo, do que se conhece, que saõ posteriores a este Santo, e pelo conseguinte, que naõ saõ dos Papas, cujos nomes tem, e os quaes viviaõ muitos annos antes de S. Jeronymo. Segundo. O estylo das ditas Decretaes he barbaro, e ellas saõ cheas de sollecismos, e com termos, que naõ foraõ usados senaõ nos seculos da baixa Latinidade. Com outras razoens se prova a supposiçaõ dellas mais antigas Decretaes. A primeira he a de S. Clemente a Santiago, Bispo de Jerusalem; nella está, que S. Clemente a tinha escrito depois da morte de S. Pedro; naõ póde isto ser assim; porque consta, que Santiago morrera antes de S. Pedro; nesta mesma carta se falla em Arciprestes, Primazes, &c. nomes naquelles tempos ainda naõ conhecidos. A 2. Epistola de S. Clemente, escrita ao

mesmo

mesmo Santiago, tem os mesmos finaes de supposição, porque nella se faz menção de Arcidiaconos, &c. Escreve S. Clemente a terceira carta a todos os *Corobispos*, ou *Choroepiscopos*, (isto he, aos que faziaõ o officio de Bispos em Villas, Cidades, e Diocesés, naõ suas) esta mesma carta era escrita a todos os Principes Christãos, grandes, e pequenos, e naquelle tempo ainda naõ havia Principes grandes Christãos, nem Principes Christãos pequenos. Finalmente na quarta, e quinta carta de S. Clemente se achaõ outras manifestas implicancias, e outros semelhantes indicios, e provas de supposição se achaõ nas seguintes Decretaes, que saõ duas cartas do Papa Anacleto, outras duas do Papa Evaristo; tres cartas do Papa Alexandre, duas do Papa S. Sixto, huma do Papa Telesphoro, outra do Papa Hygino, tres do Papa Pio &c. Verdade he, que estas cartas foraõ recebidas com bastante aceitação. Porém o já nomeado Arcebispo Hincmar, e outros Bispos de França, repugnaraõ muito em aceitallas; com tudo as mais saõ certas, e de summa authoridade, como leys Santissimas de todos os Summos Pontifices, e Concilios. O Papa Gregorio IX. fez ajuntar as Decretaes de muitos Papas, que haviaõ reynado desde o anno de 1150. que Graciano havia dado à luz no seu Decreto (ou Collecção das Constituiçoens Ecclesiasticas) até o anno de 1230. Tambem lhe pareceo conveniente enxerir algumas dos Papas antecedentes, e juntamente algumas decisoens dos Padres da Igreja. Estas Decretaes andaõ divididas em cinco livros; no anno 1298. o Papa Bonifacio VIII. accrescentou outro livro de Decretaes, que foy chamado o Sexto. Clemente V. que foy o primeiro que residio em Avinhaõ, fez outra collecção assim de Decretos do Concilio geral de Vienna, no qual presidio anno de 1311. como das suas Epistolas, e Constituiçoens, mas sobrevindo a morte deste Pontifice, seu successor Joaõ XXII. a publicou anno de 1317. debaixo do nome de Clementinas. Appareceraõ depois as Extravagantes de Joaõ XXII. e as Extravagantes communas *Doujat*, *Historia do Direito commum*. *Du-Pin*, *Bibliotheca dos Authores Ecclesiasticos*.

DECURIAÕ. Depois de ter dividido o Povo Romano em tres Tribus, na Cabeça de cada Tribu poz Romulo hum Coronel para o governar, e juntamente dividio cada Tribu em dez Curias, ou Companhias, a cada huma das quaes deu hum Centuriaõ, ou Capitaõ, que mandava cem homens, e outro, chamado Decuriaõ, que mandava só dez. *Decurioens Municipaes*, era huma Junta, ou Curia de Juizes, ou Conselheiros, que nas Cidades Municipaes representava o Senado Romano. Chamaraõlhe Decurioens, porque no tempo que nas suas conquistas os Romanos mandavaõ Colonias, escolhiaõse dez homens para compor hum Senado, ou Junta de Conselheiros; o seu nome era *Civitatum Patres Curiales*, *Honorati Municipiorum Senatores*, e o Tribunal se chamava *Curia Decurionum*, *&* *Minor Senatus*. A eleição destes se fazia quasi com as mesmas ceremonias, que a dos Senadores Romanos. Era preciso ter vinte e cinco annos de idade, e mil patacas da nossa moeda de renda. O novo Decuriaõ eleito, a todo o corpo dos Decurioens dava suas luvas em dinheiro, ou em algum presente mais, ou menos rico, segundo o costume das terras, como se póde inferir de huma carta do Emperador Trajano a Plinio *Junior*, que o tinha consultado sobre este ponto. A reposta do Emperador foy, que neste particular naõ se podia determinar nada em geral, e que o mais acertado era conformarse com o costume dos lugares. Escreve Ulpiano, que este dinheiro se distribuia igualmente com cada Decuriaõ. Finalmente o officio destes Magistrados consistia em ter cuidado de todas as cousas concernentes ao bem da Cidade, como tambem das rendas da Republica, parte das quaes se empregavaõ em

reedificar os muros, e outros edificios publicos, e a outra parte no sustento dos homens Letrados. As sentenças, que elles davaõ, se chamavaõ *Decreta Decurionum*, palavras, que por titulo da sentença vinhaõ cifradas em dous D D.

DED

DEDALO. Artifice Atheniense, e muito engenhoso: inventou muitos instrumentos mecanicos, e chegou a fazer *Automatos*, isto he, figuras, ou estatuas, que andaõ, e se movem de si, com a sua alta reputaçaõ naõ deixou de cahir nas baixezas da enveja. Receoso de que o genio, ou talento de hum seu sobrinho, que havia inventado huma casta de roda para o officio de Oleiro, naõ sobrepujasse o seu, deu com elle em hum precipicio, e com seu filho Icaro fugio para o Rey Minos na Ilha de Creta. Lá edificou o taõ decantado labyrintho, no qual elle mesmo foy encerrado, porque Icaro era medianeiro de Pasiphae no enredo de seus amores. Por esta razaõ pois, ou por outra, com seu filho Icaro se tirou Dedalo da sua sua prizaõ taõ subtilmente, que correo voz, que voara com humas azas feitas por elle, e accrescenta a Fabula, que Icaro naõ seguindo bem as ordens de seu pay, cahira no mar. Teve Dedalo bom o acolhimento de Concalo, Rey de Sicilia; mas passado algum tempo, este mesmo Principe receando, que Minos lhe pedisse com empenho este fugitivo, e naõ conseguindo a pertençaõ, lhe metesse a guerra nos seus Estados, mandou affogar o seu hospede. Isto he o que de Dedalo a Fabula nos conta. A Historia nos diz, que vivia Dedalo pouco antes do ultimo assedio de Troya, anno da Creaçaõ do Mundo 2250. e delle diz Plutarco, que era primo de Theseo. Na Cidade de Memphis, no Egypto fez as obras de mayor primor. Ficaraõlhe os moradores taõ obrigados, que lhe deraõ licença, para se erigir a si proprio huma estatua no Templo do seu Deos Vulcano; estes mesmos lhe levantaraõ altares, e com honras Divinas o veneraraõ. Sobre ser Dedalo grande Architecto, era excellente Esculptor; fazem-no Author, e inventor de muitos engenhos, concernentes a Artes Fabris, e à construcçaõ de navios. Seu filho Icaro, por naõ saber governar o navio em que andava, pereceo. As azas das quaes (segundo a ficçaõ Poetica) se Dedalo, e Icaro se valeraõ para fugirem da Ilha de Creta, só denotaõ, que nesta occasiaõ inventara Dedalo o uso das vélas, para mais apressadamente se livrarem da ira delRey Minos, que os vinha perseguindo em embarcaçoens, que só a poder de remos andavaõ. *Diodoro Siculo, liv. 4. Ovid. lib. 8. Metamorphos. Pausanias in Achaicis, & in Bœot.*

DEDALIAÕ. Irmaõ de Ceyx, sentio tanto a morte de Chiona sua filha, à qual Diana tinha furado de huma frechada a lingua, que de desesperaçaõ se despenhou do monte Parnaso, e cahindo, o mudou Apollo em Açor. *Ovid. lib. 11. Metamorphos. Fab.* 8.

DEDECORAR. He tomado do Latim *Dedecorare*. Deshonrar, deslustrar, infamar.

De precioso metal rustica peça,
Que o artifice inculto Dedecora.

Francisco Barret. Landim, Vida de S. Joaõ de Deos, fol. 2.

DEDICAÇAÕ. Dos antigos Templos da Gentilidade em Roma. Qualquer Templo depois de edificado, devia ser dedicado a algum dos Numes, que Roma adorava. Esta dedicaçaõ era hum acto civil, que se costumava celebrar por algum grande Magistrado, como Consules, Pretores, Censores, Decemviros, Duum-viros, pelas Vestaes, e pelos Pontifices no tempo da Republica; e no governo Monarchico pelos Emperadores. O Templo, que Tarquinio edificara em honra de Jupiter Capitolino, foy dedicado pelo Consul M. Horacio Pulvillo, no anno da fundaçaõ de Roma 247. O Templo de Marte, promettido por voto na guerra contra os Gallos,

no anno de 365. foy dedicado pelos Duum-viros, deputados para a guarda dos livros de Sybillas. Em primeiro lugar era necessario, que a dedicaçaõ fosse authorizada pelo Senado, e pelo Povo, segundo a ley Papyria, feita por Papyrio, Tribuno do Povo, e com o consentimento do Collegio dos Pontifices, como consta do que se acha escrito em Tito Livio, e em Cicero. Depois de conseguidas as licenças, o Collegio dos Pontifices, outras Ordens, o Povo, e muita gente illustre amanheciaõ no lugar destinado para a ceremonia. Com laçarias de ramos, folhas, e flores se cercava o Templo; tendo ramos de oliveira nas mãos, regavaõ as Vestaes com agua lustral o circuito exterior, chegavase para a porta o Dedicante, com hum Pontifice ao lado, para Mestre das ceremonias, e para lhe suggerir as orações, que havia de dizer, com a maõ em huma ombreira da porta; v. g. *Ades, Ades, Lucullo, dum dedico Templum hoc, ut mihi praeeatis, postemque teneatis.* Entaõ o dito Pontifice com o Ceremonial nas mãos, pronunciava em voz alta a formula dedicatoria, que o Dedicante repetia; e isto se chamava, *Solemnia verba, praeeunte Pontifice effari.* Isto acabado, purificava o adro do Templo com o sacrificio de hum animal, cujas entranhas se punhaõ sobre hum altar, coberto de hervas, arrancadas com terra; *Lustrabatur area, exta super cespitem reddebantur.* Depois disto, com os Pontifices entrava no Templo o Dedicante, pegava da estatua do Deos, ou da Deosa, a que estava dedicado o Templo, untava-a com azeite, e a deitava sobre huma almofada, tambem untada do mesmo licor; *In Templo ipsum quoque prius unctione dedicatum una cum ara, & pulvinari collocabantur.* Acabadas todas estas ceremonias, começava o Templo a ser chamado *Augustum*, como quem dissera, *Augurio Sacratum*, e ao Dedicante lhe era licito pôr nelle o seu nome, as suas calidades, e o anno da dedicaçaõ, como se póde ver neste letreiro:

Num. R. & Minervae Sac.
Cent. Cohort.
III. Britann. Aram, & Fl.
Felix Praefectus,
Ex voto posuit L. M.
Dedicavit Kalend. Decemb.
Gentiano, & Basso,
Coss.

Com alguma differença de ceremonias, e circunstancias, achará o Leitor no livro 4. da Historia de Tacito huma bella descripçaõ da dedicaçaõ do Capitolio, por ordem de Vespasiano. No tocante à dedicaçaõ dos Christãos Catholicos, huns atribuem a instituiçaõ dellas ao Papa S. Clemente, outros a S. Felix, que governava a Igreja no reynado do Emperador Aureliano, e alguns a S. Silvestre no tempo do Emperador Constantino. Seja como for, esta instituiçaõ he antiquissima, e Santissima, como imitaçaõ da Dedicaçaõ do Templo dos Hebreos, da qual todos os annos faziaõ huma festa, chamada *Encaenia*.

DEDILHAR. Vid. tom. 3. do Vocabulario.

Dedilhando fois Orpheo,
Gorgolejando, Anfion.
Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 454.

DEF

DEFENSOR. He nome de officio, e titulo de dignidade, antigamente usado na Igreja, e no Imperio. De huns, e outros faz Cassiodoro mençaõ. No Imperio havia Defensores do Estado, Defensores do publico, e Defensores da Cidade. Tomavaõ conhecimento das causas civis, até certa summa, e talvez das causas crimes, quando naõ eraõ de grande importancia. *Defensor Civitatis*, abaixo dos Consules, e dos Duum-viros, era o mais authorizado. No Direito he chamado *Syndico*. *Defensores* (diz Arcadio) *quos Graeci Syndicos appellant, pro Republica agebant, & conveniebantur.* Este Magistrado era escolhido de entre os Cidadãos, e a eleiçaõ delle se fazia pelos Decurioens, e Mi-

nistros

nistros do Templo; o Prefeito do Pretorio a confirmava, e expedia os Alvarás, ou provisoens confirmativas. Nos seus Principios durou esta Magistradura cinco annos, com o andar do tempo foy reduzida a dous. O officio deste Defensor consistia em proteger o Povo, assim da Cidade, como do campo, e em decidir as suas contendas. Tinha dous *Apparitores*, Ministros subalternos para executar as suas ordens, e atalhar qualquer tumulto popular, com poder para prender, e encarcerar os authores delle. *No livro 9. cap. 25.* faz Cassiodoro dous Defensores da Igreja. Para as Igrejas Patriarcaes havia Defensores; este officio os obrigava a defender a causa dos pobres, como tambem a ter maõ nos direitos, e bens Ecclesiasticos. Este officio de Defensor da Igreja teve principio, anno do Nascimento do Senhor 423. como consta do Canon 42. do Concilio de Africa. Tambem foraõ chamadas *Defensores do Patrimonio* de S. Pedro as pessoas, que os Papas enviavaõ às Provincias, para conservarem o patrimonio da Igreja Romana; nas Epistolas de S. Gregorio muitas vezes se faz mençaõ delles. O mesmo S. Gregorio creou sete *Defensores Regionarios*, nos sete bairros de Roma, assim como tambem havia sete Diaconos, e sete Subdiaconos Regionarios. Depois tambem foraõ instituidos huns Defensores particulares das Igrejas Parochiaes. Estes Defensores da Igreja, tambem tiveraõ o nome de *Advogados*, dos quaes huns eraõ hereditarios, e os outros nomeados pelo Principe. *Can. 9. do Concilio de Carthago.* Escolheraõ os Romanos a Carlos Magno para *Advogado de S. Pedro* contra os Reys Lombardos; e ainda hoje na ceremonia da sua sagraçaõ, toma o Emperador o titulo de *Advogado da Igreja.* Tambem os Reys de Inglaterra se chamaõ *Defensores da Fé*, em virtude do titulo concedido pelo Papa Leaõ X. e confirmado por Clemente VIII. seu successor a Henrique VIII. por ter escrito contra Luthero. Este mesmo Principe, ainda depois de separado da Igreja Romana, reteve este titulo, e seus successores o conservaõ.

Defeza. Por *Defensa*, no tom. 3. do Vocabulario, he erro, como os proprios exemplos apontados no dito lugar o manifestaõ. O nosso Adagio Portuguez diz: Asno, que entra em defeza alhea, sahirá carregado de lenha.

Definhado. Vid. Magro. Desfeito.

Definhar. Vid. Emmagrecer. Desfazerse.

Defirir, ou Diferir as vélas. *Vela solvere. Virgil.* Vid. Véla. Dar à véla. (Defirio à véla com vento prospero. Couto, Dec. 5. fol. 49. col. 3.)

Defluvio. Termo de Medicos, Cirurgioens, &c. He palavra Latina de *Defluvium*, que em Plinio quer dizer *Queda*. Defluvio de cabellos. *Capillorum profluvium.* Vid. *Alopecia.* (O *Defluvio* de cabellos acontece ao gallicado sómente na cabeça, e barba; mas ao leproso tambem se lhe pellaõ os cabellos das sobrancelhas, e dos sovacos, e das mais partes do corpo. Madeira, de Morbo Gall. parte 1. fol. 9. col. 1.)

Defrontar. Ficar defronte. Vid. Fronte. (Curtalim, Aldeá de Salsete, *Defronta* com a Ilha de Goa. Oriente Conquist. tom. 2. fol. 20. num. 13.)

DEG

Degelar. He tomado do Francez *Degeler*, que val o mesmo, que desfazerse o gelo, derreterse o caramelo, dissolverse a agua congelada. *Regelari*, (*or, atus sum*) *Columel. Solvi*, *Ovid.* (*or, utus sum*) Com o calor, a agua congelada se degela. *Aqua frigoribus concreta, se, admisso calore liquefacta, & dilapsa diffundit*, ou *humor, qui frigoribus adjectis duraverat, mollitur tepefactus, & tabescit calore. Aqua, frigore adstricta, solvitur.* (Tem ordem para ir à mesma Corte, tanto que se *Degelarem* as aguas. Gazeta de Lisboa, anno de 17 9. pag. 202. no principio.

Degolar o vinho. Nos Coutos de Alco-

Alcobaça, e em outras partes do Reyno; he deitarlhe agua na vasilha, porque abate o suave vapor, que exhalando, he como cabeça, e parte superior do dito licor. *Vini vim in dolio diluere*, à imitação de Seneca, que diz *Diluere auctoritatem*, por abater, ou diminuir a authoridade.

Degradação. *Regradatio*, he termo usado só dos Jurisconsultos; para evitar circunlocuçoens, bom fora, que *Regradatio*, e *Exautoratio*, ou *Exauctoratio*, se achassem em bons Authores Latinos. Certo Jurisconsulto moderno, vendose obrigado a usar destes dous termos, taõ propria, e elegantemente distingue o significado de cada hum, que (se me naõ engano) folgará o Leitor de ver o que elle diz: *Quid verò inter exauctorationem, & regradationem interfuerit, cum à nemine explicatum videam, litteris mandandum existimavi, longè enim hujus, atque illius ratio fuit; si quidem exauctorati militiâ solvebantur; militesque esse desinebant; cum regradati, superiore tantum gradu, quem obtinebant, pellerentur, inferiores retinerent. Erat namque regradatio, quæ gradatim fiebat, descensio, Græci Xatabibabyor appellant, & Xatabibaza significat descendere jubeo, demitto, dejicio, deprimo. Quod autem regradati, gradum tantum illum, à quo rejiciebantur amitterent, ex loco à nobis citato satis agnosci potest, &c. Janus Langlæus. Regius in Senatu Britanniæ Celticæ Conciliarius, in libro, qui inscribitur Otium Semestre, pag. 735.*

Degrao. Vid. tom. 3. do Vocabulario. De degrao em degrao, ou por degraos. *Gradatim. Cic.*

DEI

Deianira. Filha de Oeneo, Rey de Etolia, e mulher de Hercules, que casou com ella depois da briga, que por amor della teve com o rio Acheloo, seu primeiro marido. Na margem do rio Eveno, vendo as aguas muy crescidas, pedio Hercules ao Centauro Nesso, que passasse Deianira para a outra banda do rio, o que elle fez, mas com tençaõ de a levar comsigo. E já a tinha o Centauro nos braços para fugir com ella, quando Hercules, que ainda estava àquem do rio, vendo o rapto, o trespassou de huma frechada. Vendose Nesso mortalmente ferido, deu a Deianira a sua camiza ensanguentada, e lhe deu a entender, que chegando Hercules a vestilla, nunca poderia querer bem a nenhuma outra mulher. Deianira, nimiamente credula, fabendo, que seu marido andava de amores com Iola, filha de Eurito, mandoulhe pelo seu criado Lychas, a dita camiza envenenada. Estando pois Hercules para sacrificar, vestio a camiza, que logo lhe causou taõ grandes dores, e no juizo taõ grande perturbaçaõ, que entrado em furor, pegou do dito criado Lychas, e da altura do monte Ceneo, o lançou no mar Euboico; e depois de entregar a Fyloctetа o arco, e as settas, se deitou no fogo do mesmo sacrificio, que estava para fazer no monte Oeta. Deianira com a noticia do terrivel successo, desesperada se matou com a clava de Hercules, ou (como querem outros) de huma facada, que se deu no peito. *Ovid. lib. 8. Metamorphos. Fab. 1. 2. 3. 4.*

Deista. Segundo o Abbade de Furetiere, no seu Diccionario, usaõ os Francezes da palavra *Deiste*, para significar hum homem, que naõ professa Religiaõ alguma, mas só confessa, que ha hum Deos, porém sem querer veneralo com culto algum exterior. Dizem outros, que a Seita dos Deistas sahio do Lutheranismo de Alemanha, e querem, que Jorge Pauli, Ministro, ou (como dizem) Predicante de Cracovia, fosse Author della. Teve principio nos annos de 1564. em Polonia, e chegou a inficionar parte da Ungria, e de Alemanha. Os erros desta Seita saõ muitos. Como Deos he puro espirito, pertendem, que só mentalmente, e naõ vocalmente seja invocado. Aos seus sequazes

ensinaõ, que Deos he o Author, e a causa de todas as circunstancias da acçaõ peccaminosa, antes de commettida. Outras suas heresias, e blasfemias saõ taõ enormes, que naõ convem darlhes lugar em Vocabulario Catholico. Por outro nome chamaõlhes *Tritheistas*, ou *Trinitarios*.

Deitar. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Deitar remoques. Vid. Remoquear, tom. 7.

DEL

Delegaõa. Vid. Delegado, e delegar. (Com lagrimas lastimosas, como *Delegadas*, e embaixadoras da sua contriçaõ. Fr. Jacintho de Deos, Vergel de Plantas, &c. 326.)

Deletrear. Pronunciar letra por letra. Vid. Soletrar, tom. 7. do Vocabulario. (Em humas letras de rubicundo coral se *Deletreava* a seguinte letra. Academias dos Singulares 1. part. pag. 184.

Delicado. Vid. tom. 3. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Delicado.

Ao Delicado, pouco mal o tem atado. Ao homem comedor, nem cousa delicada, nem appetite no sabor.

Delicia. Os homens eruditos saõ a minha delicia. *Homines eruditos habeo in deliciis*. He frase de Cicero. Elle he a delicia do Principe. *Principi est in deliciis*. He outra frase de Cicero. Sois a delicia dos meus olhos. *Ego te oculitùs amo. Plaut.* (Os virtuosos saõ a *Delicia* dos seus olhos. *Histor. dos Loyos pag.* 201.

Deliciarse. Vid. Deleitarse.

Delio. Epitheto, que os Poetas daõ a Apollo, ou ao Sol, por ter nascido na Ilha de Delos. *Delius Virg.*

Nas aguas se mergulha o Delio *Nume.*

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 367.

Delis. He palavra Turquesca, que val o mesmo que valente, intrepido. He o nome, que se dá aos guardas do Graõ Visir. A mayor parte dos Delis saõ da Bosnia, ou da Albania. As suas armas saõ huma lança, com machada, e espada. O numero naõ he certo; ordinariamente saõ trezentos, ou quattrocentos; como saõ mais fieis que os Turcos, o Graõ Visir Coprogli tinha para a sua guarda dous mil. *Ricaut do Imperio Ottomano.*

Delles. Deraõ os Antigos este nome a duas lagoas de Sicilia, perto da Cidade de Catania, as quaes depois foraõ chamadas *Crateres*. Tem pouco comprimento; mas saõ notavelmente fundas. Os primeiros moradores de Sicilia tinhaõ para si, que estas lagoas eraõ consagradas aos Deoses Palicos (que eraõ dous irmãos muito venerados da cega Gentilidade) porque entendiaõ, que pela abertura das ditas lagoas, os ditos Deoses eraõ sahidos da terra. Os que eraõ accusados de algum furto, estavaõ obrigados a justificarse, e purgarse com juramento, e verificar o seu juramento com beber da agua das ditas lagoas.

Delongo. Vid. Dilaçaõ. (Nestes Delongos chegou D. Diogo, &c. Decada VIII. de Diogo do Couto, liv. 1. fol. 195. col. 1.)

Delos. Teve Neptuno ordem de Jupiter, para dar assento a esta Ilha, que depois de desmembrada de Sicilia por huma grande tormenta, andava fluctuando no mar Egeo. Ficou esta Ilha firme em favor de Latona, que andava de parto; e naõ tinha onde acolherse, porque Juno irada lhe havia fechado o Ceo, e a terra, e só para azylo lhe ficava esta Ilha, a qual naõ estando ainda na luz do mundo, naõ podia ser comprehendida no juramento; e assim na dita Ilha foy Latona recebida, e nella pario de hum ventre Apollo, e Diana, os mais bellos, e galhardos filhos de Jupiter, como o tem observado Luciano. Muitas saõ as etymologias de Delos, e dos mais nomes, que lhe deraõ. Os Gregos modernos chamaõ à Ilha de *Delos*, *Dilos*, *Dili*, no numero plural, porque debaixo do mesmo nome entendem a Ilha *Rhenæa*, que

de

de longe parece com Delos huma só Ilha. Tambem se póde derivar do Grego *Dilos*, que significa *Manifesto*, porque (segundo diz Aristoteles) a Ilha de *Delos* chegou a manifestarse, brotando do mar de repente, o que naõ parece incrivel, porque muitas vezes com tremores da terra appareceraõ no mar terras, nunca dantes vistas, e em campos abertos se tem levantado montanhas. Os Antigos chamaraõ a Delos *Ortygia*; do Grego *Ortyga*, que quer dizer *Codorniz*, como quem dissera, *A Ilha das Codornizes*, porque na opiniaõ de Solino, na dita Ilha foraõ vistas as primeiras codornizes, mas hoje, que nella ninguem semea trigo; naõ apparecem codornizes; ou foy chamada *Ortygia*, de huma Cidade do mesmo nome, da qual faz Nicandro mençaõ, ou porque Asteria, irmãa de Latona, foy mudada em codorniz. Tambem foy *Delos*, chamada *Lagia*, do Grego *Layoos*, *Lebre*, porque cria muita lebre, e está chea de coelhos. Os que tem examinado as minas de *Delos*, tem achado nesta Ilha vestigios de hum Collegio, que os marinheiros chamaõ hoje *As Eschólas*; de hum terreiro ovado para as Naumachias; de hum Templo de Apollo, e de hum Theatro; no mais está a Ilha taõ chea de fragmentos de marmores, de entulhos, e montes de pedras, que a quem hoje quizesse edificar huma Cidade, lhe naõ seria preciso mandar buscar pedras a outra parte.

Delphos. Segundo Diodoro Siculo, o primeiro descobrimento do Oraculo de Delphos, se deve a hum fato de cabras, que passando por hum boqueiraõ, ou abertura de terra, davaõ grandes berros. O pastor, com a curiosidade de saber a causa destes gritos, e admirado de humas exhalaçoens, que sahiaõ daquelle lugar, começou a dizer profecias, que sahiraõ verdadeiras. Divulgandose na terra esta novidade, muita gente desejosa de saber futuros, passou para aquelle lugar, e huns aos outros se davaõ reciprocamente repostas. Mas como a boca da cova era perigosa, e muitos arrebatados do furor cahiaõ por ella, sem nunca mais apparecer, trataraõ de guarnecer o buraco com huma mesa, ou guarda de tres pés, que perservasse a gente de cahir naquelle abysmo. No principio foraõ escolhidas humas moças, consagradas a Diana, para pronunciar os Oraculos de seu irmaõ, até que certo sogeito de Thessalia, chamado *Echecrates*, enlevado na formosura de huma dellas, teve o atrevimento de a roubar, do que nasceo, que dalli por diante naõ foraõ admittidas para este officio, se naõ mulheres, que passassem de cincoenta annos. Depois deste successo, por todas as partes se foy estendendo o respeito, e a veneraçaõ deste Oraculo. O Templo, que era muito rico, e cheyo das offertas, e donativos, que vinhaõ de todas as partes, foy muitas vezes saqueado. O que deu mayór sacco, foy Nero, que segundo escreve Pausanias, roubou quinhentas estatuas de cobre. A este estrago accrescenta Dion, que o dito Emperador distribuira com os soldados todo o territorio de Cyrrhea; que era o dominio de Apollo; mandou encher de pedras a boca donde sahiaõ os Oraculos, e a cobrio com cadaveres de homens, que mandou matar no mesmo lugar. No Templo desta Cidade, dava o Oraculo de Apollo as repostas por huma profunda caverna, cuja abertura naõ era muito larga. A Sacerdotiza, ou adevinha se assentava em huma tripeça, ou tripode, collocado sobre a dita abertura, e depois de perfumada com o cheiro que sahia, parecia chea de furor Divino, e pronunciava Oraculos em prosa, e em verso. O tripode era cercado, e cuberto de ramos, e folhas de louro, de sorte que ficava a mulher quasi invisivel aos que vinhaõ consultar o Oraculo, e com o fumo que formava huma nuvem, encobria ainda mais a sua pessoa, e seus artificios, lançando a voz por huma sarabatana, para representar huma falla mais que humana, por meyo deste instrumento, do qual nestes nossos dias o Padre Athanasio Kircker,

cker, e o Cavalheiro Morlando tem renovado a invençaõ. Os que ajudavaõ nos seus enganos a Sacerdotiza, metiaõ-se no fundo da caverna por hum caminho subterraneo, que servia como de linha de communicaçaõ, entre os quartos, que occupavaõ, e este poço. Temos hum exemplo destas vias abertas por debaixo da terra, na historias dos Sacerdotes de Baal, cujas fraudes descobrio o Profeta Daniel. A Sacerdotiza, levada dos seus enthusiasmos, parecia chea do espirito de Apollo, o que ordinariamente era effeito do demonio, apoderado della; tambem muitas vezes este apparente furor, e fantastica, ou fanatica perturbaçaõ era causada dos perfumes, e sulfureos vapores das materias, que se queimavaõ no fundo da caverna, e accrescentada com os affectados meneos da mulher, a qual depois destas violentas contorsoens, tornando em si, com tom grave, e seria composiçaõ pronunciava os versos, compostos pelos Ministros do Templo sobre a materia proposta ao Oraculo, e que ella tinha tomado de cor. Tambem chamavaõ a esta embusteira *Pythia*, ou *Pythonissa*, porque dava suas repostas sentada em huma mesa de tres pés, coberta da pelle da serpente *Python*, a qual pelle chamaraõ *Cortina*, onde diz Virgilio, *Nec te Phœbi cortina fefellit*, id est, *Para vós naõ foraõ enganosos os Oraculos de Apollo*. Neste lugar convem, que se torne a por em memoria, o que Suidas, Cedreno, Nicephoro, e outros muitos Authores deixaraõ escrito, a saber, que pelo tempo do Nascimento do Redemptor do Mundo, este taõ famoso Oraculo do Apollo de Delphos emmudecera, e que a Augusto, admirado deste taõ extroordinario silencio, se respondera, que hum menino Hebreo, Deos dos Deoses, o viera desenthronizar, e obrigar a voltar para os infernos. Isto nos ensinaõ os versos, que se seguem, os quaes se a alguns incredulos parecerem suppostos, naõ deixa de ser muito certa a cessaçaõ do Oraculo;

Me Puer Hebræus, Divos Deus ipse gubernans,
Cedere sede jubet, tristemque redire sub Orcum,
Aris ergo dehinc tacitis abscedite nostris.

Strabo lib. 9. Pausanias lib. 10. Dion. lib. 61. Diodoro, Cedreno in Comp. Suidas in Aug. Orosio lib. 6. Histor. cap. 18. Baronius Appendic. ad Annal. & An. C. 1. Vandalen de Oraculis.

A Cidade de Delphos. *Delphi*, orum, *Masc. Plur. Cic.* Cousa de Delphos, *Delphicus, a, um, Cic.*

Delta. Deraõ os Antigos este nome à Ilha, que faz o rio Nilo no Egypto, porque se parece com a quarta letra do Alfaberico Grego, chamada *Delta*, cuja figura he triangular. Segundo Ptolomeo ha duas Ilhas deste nome; o Delta grande, e o Delta pequeno. Depois de banhar a Cidade do Graõ Cairo, faz o Nilo os dous braços, que cingem o Paiz, e formaõ hum triangulo. Estes dous braços produzem outros, que faziaõ humas bocas, das quaes algumas estaõ fechadas. Faz Herodoto mençaõ da Cidade de Busiris, plantada no meyo do Delta, e com esta supposiçaõ quer provar, que os Egypcios foraõ os primeiros, que estabeleceraõ festas. *Herodoto liv. 2. ou Euterpe. Ptolom. lib. 4. Geograph. Plin. lib. 5. cap. 9.* (Mandou Seloitre abrir huma das bocas do Nilo, chamada *Delta*, para levar o mar por por huma tossa. Couto, Decada 5. fol. 153 col. 2.)

Delucidario. Vid. Dilucidario.

DEM

Demanda. Vid. tom. 3. do Vocabulario. No livro 7. do seu *Adversariorum* cap. 17. fol. 345. e 346. traz Gaspar Barthio em verso Heroico huma elegante descripçaõ dos damnos, que resultaõ das demandas.

Demasiado. Vid. tom. 3. do Vocabulario.

Demasiado. O que mais faz do que convem

convem, ou mais do que lhe mandaõ, e que passa (como dizem) o pé além da mar. *Immodicus, a, um*, com genitivo da materia da demasia, ou com a proposiçaõ *In*. Columella diz, *Immodicus libidinis*; Suetonio diz: *Immodicus in coercendis delictis*. V.d. *Nimio*, *tom. 5*.

Demonstraçaõ, ou Demostraçaõ. Vid. tom. 3. do Vocabul.

Demostraçaõ. Termo Grammatical, he o que declara Badio Ascensio, commentando a Cicero, *Rhetoric. ad Herenn. lib. 1. sobre o lugar*: *Tria sunt genera causarum, quæ recipere debet Orator, Demonstrativum, Deliberativum, Judiciale*, diz Ascensio fol. 3. col. 2. lin. 49. *Demonstrativum, quod dicitur à demonstrando, quo demonstrat alicui inesse laudem, vel vituperium, unde Grammatici solent vocare, Regimen demonstrationis assentiendi in his, vir magnæ probitatis, aut improbitatis detestandæ.*

DEN

Dendrophoros. Nas Inscripçoens dos marmores antigos, muitas vezes se faz mençaõ dos Collegios dos *Dendrophoros*. No genuino significado deste nome tem os Doutos suas duvidas. Nos seus Commentarios sobre a vida de Caracalla, escrita por Spartiano, diz Salmasio, que os *Dendrophoros*, eraõ os que nas Procissoens, que os Gentios faziaõ em honra dos seus Deoses, levavaõ nas mãos ramos de arvores, o que dá a entender a etymologia de *Dendrophoros*, que no Grego val o mesmo, que o que *leva arvore*. E daqui se originou o epitheto de *Dendrophoro*, que foy dado ao Deos Sylvano, em hum antigo letreiro, trazido por Grutero, porque ordinariamente se representa este Deos com hum ramo de pinheiro na maõ nas Procissoens, que se faziaõ em honra de Baccho. Tambem em algumas obras de meyo relevo, em que se representaõ as festas Baccanaes, se vem pessoas, que levaõ arbustos, ou ramos de arvores. Na ley vigesima confirma em certo modo este sentido o Codigo Theodosiano, onde diz o texto, *Justo he, que todos os lugares, que pelos Dendrophoros, e outras Gentilicas procissoens foraõ occupados, e destinados para banquetes, e distribuiçoens de dinheiros, fiquem encorporados nas rendas das nossas casas, desterrado o erro de seus instituidores*. Segundo este texto *Dendrophoros*, naõ era termo de officio mecanico, mas de Religiaõ, e superstiçaõ. Com tudo a opiniaõ contraria da mayor parte dos Doutos, naõ he menos provavel, porque quer, que os *Dendrophoros* fossem homens, que acarretassem, vendessem, e fizessem negocio de lenha para a guerra, e maquinas bellicas; donde nasce, que ordinariamente vaõ juntos com os a que em Latim chamavaõ *Fabri*, e tinhaõ a seu cargo a fabrica dos engenhos para a guerra. *Dendrophori, orum*, *Masc. Plur.*

Denodado. Vid. tom. 3. do Vocabulario. O Adagio Portuguez diz: Deos te guarde de perda, e de damno, e de homem Denodado.

Dentifricio. Termo Farmaceutico. Remedio, que fortifica os dentes, e alimpandoos, os faz mais brancos, como saõ a pimpinella, a parietaria, as folhas da murta, ou da salva, o alecrim, &c. queimados, e feitos em pó. *Dentifricium, ii*, *Neut. Plaut.*

Dentuça. Vid. tom. 3. do Vocabul. O Adagio Portuguez diz: A quem doe o dente, doe a Dentuça.

DEO

Deoses. Vendose os homens nesta miseravel vida com muitas indigencias, e no meyo de muitos perigos, a necessidade, e o medo os obrigaraõ a buscar Potencias superiores, que os livrassem de trabalhos. Mas em muitos delles foy taõ crassa a ignorancia, e a cegueira taõ impia, que em lugar de recorrer a quem unicamente lhes podia valer em tudo, e para tudo, excogitaraõ, e adoraraõ tantos Deoses, quantas cousas acharaõ lhes podiaõ ser uteis, e lhes causavaõ terror, ou admiraçaõ. Em muitas classes, e pa-

e para muitos usos se podem dividir os seus innumeraveis Deoses.

A primeira classe he a dos Deoses Celestes, a saber, o *Sol*, a que os da Syria, chamavaõ *Bal*, ou *Bel*; os Fenicios *Adon*, ou *Adonis*, os Ammonitas *Molochi*, os Gregos *Apollo* &c. A Lua, a que os Assyrios chamavaõ *Mylitta*; os Fenicios *Astarte*; os Egypcios, *Isis*; os Gregos *Diana*; os Romanos *Juno*, *Ceres*, e *Rhea*, &c. A *Estrella de Venus*, chamada *Lucifera*, e *Phosphoria*, adorada dos Ismaelitas, dos Saracenos, e do Gentio do Perû. O *Planeta Mercurio*, chamado dos Babylonios *Mercolis*, e *Mergemah*, dos Germanos *Wodan*; dos Celtas *Sater*, &c. O *Planeta Jupiter*, ao qual debaixo do nome de Phaetonte, e Tonante, os Bohemos, e os Suecos offerecêraõ sacrificios. O *Planeta Marte*, cognominado *Pyrois*, que debaixo do nome *Hesi*, teve Templos na Germania, e juntamente com Hercules foy venerado dos Ungaros. Das Estrellas fixas a *Canicula*, *ou o Caõ Syrio*, a que os Romanos sacrificavaõ cadellas ruivas na Porta Catullaria; o *Signo de Aries*, que foy tido por Jupiter Ammon, e foy symbolo de Minerva. O *Signo de Tauro*, a que os Egypcios veneraraõ debaixo do nome de *Osiris*, ou *Mizraim*. O *Signo de Geminis*, que para huns foy *Castor*, e *Pollux*, e para outros, Hercules, e Apollo. O *Signo de Virgem*; que significava Astrea, ou a Justiça, a Paz, e a Concordia. O Ceo todo, a que os Romanos chamavaõ *Cælus*, e os Gregos *Uranus*, foy reputado por hum só Deos, como Entidade incorruptivel, e eterna, que governava todos os corpos inferiores, como creaturas sogeitas ao seu poder.

A segunda classe he a dos Meteoros, tambem tidos por Deoses; porque os Persas deraõ culto ao vento, e na Fenicia *Uso* lhe dedicou hum Templo. O rayo, e o trovaõ, debaixo do nome de Geryon, foy adorado; os Novogrodos, que lhe chamavaõ *Perun*, o adoraraõ. Todos os que adoraraõ as Estrellas, tributaraõ adoraçoens aos Cometas. Castor, e Pollux, Meteoros igneos, foraõ adorados dos Gregos. Para evitar o damno, que poderia o orvalho fazer às searas, implorava a Gentilidade o Deos Robigo. Se havemos de dar credito a Aristophanes, tratou Socrates com honras Divinas as nuvens. O Gentio do Perû adorou o Iris.

A terceira classe he a dos Elementos, honrados como Deoses. Empedocles Agrigentino poz no numero dos Deoses os Elementos, juntamente com a Demanda, e a Concordia. A terra em particular, primeiro que os outros elementos recebeo honras Divinas, porque foy considerada como matriz, e receptaculo de todas as celestes influencias, ou como femea, e o Ceo seu varaõ para a fertilizar; e assim foy venerada dos Phrygios debaixo do nome de Rhea, Cybele, mãy dos Deoses; deraõlhe os Syrios, os Samothraces, e os Egypcios outros nomes; os Romanos lhe chamaraõ *Vesta*, *Venus*, e *Juno*; os Germanos *Herta*; os Scythas, *Apia*; os Tartaros *Kyrgessis*; os do Perû, *Pachamama*. Ao fogo, Deidade ardente, offerecêraõ sacrificios os Persas, os Médos, os Povos da Cappadocia, Phrygia, e Macedonia. Mais que todas as Naçoens os Egypcios, e os Persas veneraraõ a agua, com as honras, que fizeraõ ao Nilo, deraõlhe o venerando nome *Osiris*. Aos Numes das aguas, que tinhaõ nome de Varaõ, como o Oceano, e Neptuno, lhes foy concedido o principado; tiveraõ parte no seu governo as femeas *Tethys*, e *Amphitrite*. Naõ fallo nos Deoses dos rios, e das fontes. Tambem o quarto Elemento, que he o ar, teve seus adoradores; Anaximenes Milesio, e Diogenes Apolloniata foraõ dos primeiros. Os Gregos pois, e os Romanos, que observavaõ no ar duas potencias, activa, e passiva; potencia activa pelo espirito vegetante, e movente, potencia passiva, em quanto recebe as exhalaçoẽs, e o que dellas se gera, deraõ ao ar titulo Masculino, e Feminino, com appelli-

dos

dos Divinos, chamandolhe Jupiter por sua virtude activa, e Juno pela virtude passiva.

A quarta classe he a das Aves, honradas como Deoses. Luciano, *In Deorum Concilio* diz, que os Egypcios veneravaõ como Nume Divino à *Cegonha*, e Santo Ambrosio, *In Epist. ad Roman. cap.* 1. diz, que ao Corvo tambem os Egypcios fizeraõ o mesmo. Dos Thebeos escreve Diodoro Siculo, que veneraõ a Aguia, *Tanquam animal Regium, & maiestate Jovis dignum*, *lib.* 1.

A quinta classe he a dos Quadrupedes, honrados como Deoses. Debaixo do nome de Apis, foy o Boy venerado em Eliopoli, e em Memphis, Cidades do Egypto. Plin. lib. 8. 46. Os Scitas, e os Thebanos adoraraõ a Ovelha; os Lycopolitanos o Lobo, (particularmente na Cidade de Delphos) e os Leopolitanos o Leaõ. Os Cretenses veneraraõ o Porco, os Pithecusios o Bugio; de todos os Egypcios foy venerado o Crocodillo. Os Musoritas, Povos da Troade, Regiaõ da Asia, tiveraõ em grande veneraçaõ o Rato.

A sexta classe he a dos Peixes, venerados como Deoses. Os moradores de Syene, Cidade de Africa, veneraraõ o Pargo, e outros Povos a Enguia; destes fazem zombaria nas suas Comedias Antiphanes, e Anaxandridas. *No livro* 3. *de Re Rustica, cap. ult.* faz Varro mençaõ de huns Povos da Lydia, que tinhaõ a certos peixes grande respeito. O *Delfim*, e dous peixes foraõ collocados no Ceo, entre os Signos do Zodiaco. Os Tritoens, as Nereidas, as Sereas, e outros monstros marinhos, que outra cousa saõ que peixes, ou semipeixes; porém de algumas Naçoens venerados como Numes do mar, e sobre tudo as Nereidas, filhas de Nereo, a que Orpheo chama o mais antigo dos Deoses.

A setima classe he a dos Vegetantes, reputados por Deoses. No livro 19. cap. 7. diz Plinio, o que os Egypcios tiveraõ por Deidades os alhos, e as cebollas; e no livro 2. contra Symmach. diz Prudencio, que os mesmos adoraraõ nas hortas á hortaliça. Os Lithuanos, e os Celtas adoravaõ as arvores, e os bosques, e na Oraçaõ 38. diz Maximo Tyrio, que para as ditas Naçoens o carvalho mais alto era o Simulacro de Jupiter. Debaixo dos nomes de Ceres, e de Proserpina os Gregos, e os Romanos adoraraõ o trigo, e as sementeiras. Todas as plantas, que daõ bolota, ou lande, eraõ consagrados a Jupiter; o louro a Apollo, a oliveira a Minerva, a murta a Venus, o alemo a Hercules, a Baccho a videira, a Cybele o pinheiro; a Plutaõ o acipreste, a rosa a Venus, os frutos Pomona, as flores a Flora, a Sylvano as florestas, &c.

A oitava classe he a dos Metaes feitos Deoses. Nas Historias antigas achase, que os Scythas idolatraraõ o ferro, e offereceraõ sacrificios à espada. Em Stobeo, Serm. 89. mostra Menander em verso elegante, que o ouro, e a prata saõ os Deoses dos necios mortaes. A Marte, e a Vulcano foy consagrado o ferro; porque com o ferro se peleja, e com o fogo se amollece.

A nona classe he a das paixoens humanas, agregadas aos Deoses. O amor, ou Cupido saõ Numes muy conhecidos de toda a Gentilidade. Hum dos Numes infernaes foy a dor, no numero dos mesmos poz Virgilio o medo. Dos Romanos foy venerado por Deos o Pudor, e o que he mais notavel, logrou o mesmo triunfo a Impudencia, á qual levantou Epimenides hum altar na Cidade de Athenas. A Ira immoderada, debaixo do furor, e das furias teve sua veneraçaõ. Em Athenas teve a alegria hum altar, e debaixo dos nomes *Agenoria*, *Numeria*, *Stimula*, e outros foy invocada. Dos Gregos, e dos Romanos foy venerada a Indignaçaõ. Teve a Esperança na Praça Olitaria hum Templo, e a Audacia debaixo do nome de Marte foy respeitada.

A decima classe he a das virtudes, e das sciencias, com mais razaõ que todos os mais Numes, adoradas. Scipiaõ Nu-

manrino: foy o primeiro, que levantou à Virtude hum Templo; à Virtude, e à honra fez Marcello o seu. Erigio Anaxagoras hum altar à Verdade. Poz Theognides a Temperança no numero das Deosas. Teve a Pudicicia dous Templos em Roma; nas tres Graças foy representado o agradecimento. Consagrou Augusto a justiça a Roma, Manio Acilio lhe consagrou a piedade; em honra de Julio Cesar levantaraõ os Romanos hum Templo à Clemencia; debaixo do nome da Deosa *Strenua*, mereceo ser venerada a fortaleza. Foy a opiniaõ tida por Deosa; com muito mayor razaõ merecèraõ, e lograraõ esta honra, debaixo do nome de Minerva, a Sciencia, a Arte, e a Prudencia. Em Apollo, e nas Musas foy honrada a Eloquencia Poetica, em Pallas, em Mercurio, e em Suada a Oratoria.

A undecima classe he a dos Vicios, que tambem chegaraõ a ser do numero dos Deoses. De Theophrasto, Cicero, e Zenodoto sabemos, que a contumelia, ou a injuria foy tida por Deosa. Levantaraõ os Athenienses hum altar à calumnia; foy Momo conhecido por Deos da Maledicencia. Foy como o Deos, que presidia nos banquetes, nas danças, nas galhofas, e comesanas.

A duodecima classe he de Homens, que se fizeraõ adorar como Deoses. Em Babylonia, Nabuchodonosor, tendo pejo de mandar, que o adorassem a si proprio em vida, fez adorar a sua estatua. Com o Imperio passou aos Medos, e dos Medos aos Persas, o costume de adorar aos seus Reys. Dos Romanos o Emperador Augusto foy o primeiro que recebeo honras Divinas; em Leaõ de França, e na Cidade de Narbona, teve altares em varias Provincias, Templos, e Sacerdotes, chamados do seu nome, *Augustaes*. Em Suetonio achamos, que Caio Calligula se edificou a si proprio hum Templo. Na Provincia de Bretanha, Claudio, ainda vivo, foy adorado; aonde chegou nesta sacrilega vaidade a insolencia de Domiciano, todos o sa-

bem. No livro 4. cap. 61. diz Tacito, que Veleda, Princeza dos Bructeros, se fizera adorar dos Germanos. Dividiaõ os Romanos os seus Deoses em duas classes, por dous modos, os Deoses mayores, *Dii maiorum Gentium*, e os Deoses menores, *Dii minorum gentium*; os primeiros (segundo a sua opiniaõ) eraõ mais poderosos; os segundos, menos. A outra classe era dos Deoses *Consentes, & electos*. Os Deoses *Consentes* eraõ doze, seis machos, e seis femeas, que unanimamente governavaõ o Universo:

Neptunus, Mars, Mercurius, Vulcanus, Apollo, Jupiter,
Juno, Minerva, Ceres, Vesta, Diana, Venus.

Os Deoses escolhidos na sua administraçaõ dependiaõ dos Deoses mayores, ou Consentes, que os haviaõ escolhido para os officios menos relevantes. As Deidades, que presidiaõ no nascimento, eraõ *Mena*, ou *Luna*, porque *Mini* quer dizer *Luna*, ou *Privigna Juno*, e *Juno Pluonia*, *Lucina*, ou *Diana*, *Latona*, ou *Portunda*, e *Egeria*, que ajudava as mulheres a parir, e a fazer sahir a criança com menos dor. Depois do parto, imploravaõ a assistencia de tres Deoses, para a saude da parida, e para preservalla do Deos Sylvano, a saber, *Intercicinoda*, *Pilumno*, e *Deverra*. O menino recemnascido ficava debaixo da protecçaõ destes Deoses, *Vagitano*, para governar os seus choros; *Levana*, para o levantar, *Cunina*, para o deitar no berço; *Rumina*, para lhe dar mama; *Ossilago*, para atar, e encaixar os ossos; *Carnea*, ou *Carna*, e *Cardea*, para ter cuidado das partes vitaes do menino; *Juventas* presidia na idade pueril; *Orbona* para os pays alcançar, que lhe naõ tirassem os seus filhos. Chegando o menino à puberdade, ou idade de quatorze annos, pedia para elle o patrocinio de outros Deoses; invocavaõ a *Murcia*, para naõ ser ocioso; a *Strenua* para ser diligente, e laborioso; *Adeona*, e *Abeona* para ir, e vir; *Averrunco*, para des-

viar

viar o mal; *Angerona*, para botar fora as molestias, e ao Deos Genio para favorecer a indole, e ajudar a inclinaçaõ.

Em quanto naõ houve no Mundo perfeito conhecimento do verdadeiro Deos; para mil outras necessidades da vida, inventaraõ os homens outras muitas Deidades. Até a morte, que tudo piza, e a todos mata, foy tida por Deola, debaixo do nome *Libitina*, em cujo Templo se conservava todo o aparelho necessario para os enterros, e pompas funebres. Mas que digo? A morte? Até o Diabo, que he o mayor inimigo de Deos; sim. O Diabo Antagonista da Divindade; o Diabo, o Anti-Deos, achou o modo de se fazer adorar como Deos. Os antigos Saxones, e Ungaros lhe offereceraõ; e ainda hoje em varios lugares do Oriente ha naçoens, que fazem festas, e immolaõ victimas aõ Diabo, para se preservarem do mal, que como Author delle lhes poderia fazer, que he a razaõ que daõ.

DEP

Departiçaõ. Termo antiquado. Conversaçaõ, pratica familiar. (Tratavaõ em suas departiçoens. Zurara na de Ceuta, cap. 57.)

Departir. Conversar, praticar familiarmente. Termo antiquado. Vid. supra *Departiçaõ*.

Depennar. Vid. tom. 3. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Depennar.

Quem so se aconselha, so se depenna.
Quem se empenna, sem ter penna, depois se depenna.

Depetado. Termo de Armeria; na Nobiliarchia Portugueza.

Deplorar. He tomado do Latim *Deplorare*. Vid Sentir, lamentar, chorar. (Este atrevimento he tanto para deploralo. Monarch. Lusit. tom. 4. fol. 486. col. 1.)

Deponente. Termo da Grammatica Latina, o qual se apropria aos verbos, que naõ tem todas as qualidades dos verbos communs, faltos de significaçaõ passiva, e que perdem hum dos seus participios passivos; como v. g. *Minor*, que tem por participio *Minans*; *Minaturus*, e *Minatus*; mas naõ tem *Minandus*, que he participio passivo. Mais brevemente, verbo Deponente he o que tem significaçaõ activa, e terminaçaõ passiva; como o verbo sobredito *Minor*. *Verbum deponens*.

Depopulado. He tomado do Latim *Depopulari*, que significa saquear, destruir, devastar. (Aqui neste lugar depopulado. Crisol Purificat. fol. 601. col. 2.)

Depor. Vid. tom. 3. do Vocabular. Depor a vida. Morrer. *Deponere animam. Propert.* Depoz o Santo Noè a vida. *Eva, e Ave de Macedo, fol. 299.*

Deposiçaõ. Termo Ecclesiastico. A deposiçaõ de hum cadaver em huma Igreja, para ser trasladado a outra. *Depositio cadaveris, vel hominis vitâ functi, in aliquo loco usque dum transferatur in alium.* Ulpiano usa da palavra *Depositio* em outro sentido. (Na Metropolitana de Goa, a Deposiçaõ de Fr. Joaõ de Albuquerque, segundo Bispo daquella Igreja. Agiol. Lusitan. tom. 3. pag. 543. letra C.)

Depraça. Termo antiquado. Em publico. (Segundo *Depraça* mostravaõ. Lopes, Vida delRey D. Joaõ I. part. 2. cap. 160.)

Deprecaçaõ. Figura da Rhetorica; he quando pedimos, ou rogamos. Na Oraçaõ *Pro Deiotaro num.* 8. faz Ciceroō huma deprecaçaõ pathetica nesta fórma. Por isso, em primeiro lugar, pela vossa fidelidade, pela vossa constancia, e pela vossa clemencia vos pedimos, que nos livreis deste medo, de sorte que entendamos, que naõ fica no vosso animo parte alguma da vossa ira, se por esta vossa maõ, que destes a ElRey Deiotaro, quando o recebestes; e o hospedastes; sim por essa maõ, ainda mais firme na execuçaõ das promessas do, que no calor das batalhas. (Deprecaçaõ, demostraçaõ, duvida. Systema Rhetorico, pag. 125.) *Deprecatio, onis, Fem. Cic.*

Deprecaçaõ. Termo Forense. Segundo Antonio Augustinho, lib. 3. *Emendationum*, *cap*. 7. he a petiçaõ de perdaõ. Segundo outros he, o pedir, que se naõ faça huma cousa; ou apartar de si, ou livrar com rogos. *Deprecatio*, *onis*, *Fem*. *Cic*.

Deprecador, e Deprecar. Vid. Deprecaçaõ, Cicero diz: *Deprecari abs*, *vel ab alio poenam*.

Deprecatoria. Carta. Vid. Deprecaçaõ.

Depressa. Vid. tom. 3. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Depressa.

Quem Depressa foy, Depressa tornou. Mas fadas, carpillas Depressa. Devagar pensa, e obra Depressa. A má herva Depressa nasce, e Depressa envelhece. Depressa se toma o rato, que só sabe hum buraco. Quem Depressa se cura, tarde sarou.

DER

Derbent. Cidade, e Castello da Georgia entre o monte Caucaso, e o mar Caspio. He delRey da Persia. Os Turcos lhe chamaõ *Demir*, ou *Temir capi*, isto he, *Porta de ferro*; os Arabes *Bal-Al-Abuad*, isto he, *Porta das portas*. Os Authores Latinos dizem, *Portæ Caucasiæ*, e *Pylæ Iberiæ*. *Olearius in Itin*.

Derbices, ou Derbienos. Povos da Persia, nos confins da Scythia, para o mar Caspio, e no contorno do monte Caucaso: naõ conhecem outro Deos que a terra, à qual naõ sacrificavaõ animaes femeas, nem destas queriaõ comer. Era a justiça desta naçaõ muy rigorosa em castigar qualquer crime. Costumavaõ usar de hum cruelissimo supplicio; dobravaõ, ou encurvavaõ os ramos mais altos de duas arvores visinhas, e atavaõ nelles o padecente pelos braços, e pelas pernas, para que largando de repente os ditos ramos, se esquartejasse o corpo do miseravel, e ficasse despedaçado. Com outros barbaros costumes mostravaõ a fereza do seu natural; matavaõ aos que passavaõ de setenta annos, e os comiaõ, ainda que fossem parentes; ainda assim no meyo de taõ horriveis atrocidades, tinhaõ a prudencia de naõ comer os que morriaõ de sua morte natural; por isso os enterravaõ. *Strabo*, *Salmasio in Solinum*, *in Exercitat*. *Plinian*.

Derceto, ou Dercera. Fabulosa Deidade, adorada dos Syrios, por outro nome, *Atergatis*, ou *Adergatis*. Tinhaõ para si estes Povos, que a propria Venus se namorara de Decerto, e que para lograr a extravagancia do seu appetite, mudara o sexo, transformandose em mancebo fermoso, e bem apessoado; pario Decerta huma menina, que (segundo a opiniaõ de alguns) foy depois a Rainha Semiramis; mas teve a nova parida taõ grande vergonha do successo, que se lançou em huma lagoa, onde foy mudada em peixe. Por isso no Templo de Ascalon na Syria se via a sua figura, representando o corpo de hum peixe com cara de mulher, e deste espectaculo nasceo, que por muito espaço de tempo os Syrios fizeraõ escrupulo de comer peixe. No tocante à menina Semiramis, que a mãy havia deixado ao desamparo em hum descampado, dizem, que humas pombas, de que abundava o campo, a criaraõ, e disto tomaraõ os Poetas motivo para dizer, que fora Semiramis transfigurada em pomba. Faz Ovidio mençaõ assim da Metamorphosi de Derceta em peixe, como da de Semiramis em pomba. *Mnaseas* pelo contrario conta, que Decerta era huma Rainha da Syria, a qual por ser muito golosa de peixe, prohibira aos seus subditos este genero de comida; e que da raiva desta perseguiçaõ, fora precipitada no mar por Mopso Lydio, e devorada dos peixes. Fazem alguns a Dercera, mulher do Deos Adad. *Hygino*, *Strabaõ* 16. *Diodoro*, *lib*. 3.

Dernis. Cidade, e Fortaleza de Dalmacia, assentada em hum monte, perto do rio *Cicola*. No anno de 1684. o General Foscolo com as tropas da Republica de Veneza se apoderou desta Praça; levou comsigo a artelharia, e as muniçoens,

çoens, e queimou a Cidade. Os Turcos a tornaraõ a povoar; mas no tempo do General Dona, foraõ obrigados a largalla fegunda vez. *Coronelli, Defcripçaõ da Morea.*

Derpt. Cidade da Livonia, entre as duas lagoas de Peipis, e de Worzer, fobre o rio Eimbec. Os Mofcovitas lhe chamaõ *Juirogorod.* Chamavaõlhe antigamente *Torpatum.*

Derradeiro. Vid. tom. 3. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Derradeiro.

Quem fempre olha o derradeiro, nunca commette bom feito. Quem derradeiro naíce, primeiro chora. Ao derradeiro morde o caõ. Entende primeiro, e falla derradeiro.

Derrancar. Depravar. Viciar. *Vitiare*, ou *Depravare*, (o, avi, atum.)

Já naõ trago aquelle gume,
Todo o gosto Derranquey.

Obras Metric. de D. Franc. Manoel na Canfonha de Ent. pag. 70. col. 2.

Derrancar. Propriamente, fe diz do paõ levado, quando fe perde.

Derrangar, ou Derrengar. O Padre Bento Pereira no feu Thefouro da lingua Portugueza, lhe dá por Latim o verbo *Luxare*, que fegundo o dito Author, he defmanchar, ou defengonçar. A mim me dizem, que homem derrengado, val o mefmo que affectado nas acçoens, e meneos do corpo.

Derrencar. Vid. Derrangar, fupra.

Atiroulhe da janella,
E Derrencou- *cum tanho.*

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ pag. 407.

DES

Desacoraçoar. Vid. Defcorçoar, tomo 3. do Vocabulario. (Por naõ defacoraçoarem os homens. Diogo do Couto, Decada 6. liv. 9. cap. 2. fol. 196)

Desafio. Vid tom. 3. do Vocabulario. Ha annos, que certo Fidalgo defta Corte de Portugal, nobiliffimo, e conhecido por valerofo, defafiado por outro taõ nobre, e taõ valente como elle, refpondeo, que fe prezava mais de Chriftaõ, que de valente; que elle coftumava recolherfe pela meya noite para a fua cafa, (que era apartada do povoado) que quem quizeffe, lhe poderia fallar pelo caminho, e dalli em diante pelo efpaço de hum mez, fe recolhia fempre áquellas horas a cavallo, fem criado; paffou a paixaõ ao outro; e ficou imitavel aquelle exemplo. Outro Fidalgo tambem em Lisboa, defafiado para huma madrugada, refpondeo, que para coufas de mais feu gofto, naõ coftumava levantarfe da cama taõ cedo. Muitos outros fe efcufaraõ Chriftãa, e galantemente, e ficaraõ acreditados de valerofos, e entendidos.

Desalentarse. Defanimarfe. Vid. no feu lugar. (Naõ te defalentes alma minha com a enormidade de teus peccados. Bernardes, Luz, e Calor, num. 409.

Desalivado, ou Defaliviado. Vid. Defáliviar, tomo 3. do Vocabulario. (Com a vinda deftes, &c. ficaraõ os da Fortaleza mais defalivados. Diogo do Couto, Decada 6. liv. 3. fol. 47. col. 3) No Thefouro da lingua Portugueza diz o Padre Bento Pereira, *Defalliviado*, e *Defaliviar.*

Desapegar. Para officiaes, e trabalhadores, he parar na obra, ao tempo determinado. *Ceffare in opere*, vel *ab opere.* O primeiro he de Cicero, o fegundo de Livio. O defapegar da obra. *Ceffatio operis*, à imitaçaõ de Aulo-Gellio, que diz *Ceffatio pugnæ.* He tempo de defapegar. *Tempus eft ceffandi*; fub entendefe *ab opere*, ou *in opere.* Mandar defapegar. *Revocare aliquem ab opere. Cefar.*

Desapiedado. Vid. Defpiedado tomo 3. do Vocabular. Deshumano, cruel, fem compaixaõ. *Immifericors, ordis. Miferationis expers, tis, omn. gen. Qui nullo commiferationis fenfu movetur.* (A tirannya mais defapiedada. Critol Purificar. fol. 569. col. 2.)

Desaprovar alguma coufa. *Aliquid improbare*, (o, avi, atum.)

Desar-

Desarcado. Homem desarcado, mal feito, como tonel, oû outra vasilha sem arcos.

Desassombrar. O Adagio Portuguez diz: A morte com honra desassombra.

Desasustar. Tirar o susto, segurar do susto. *Alicujus periculi metum adimere, timore liberare.* Depois de desasustados. *Confirmatis eorum animis. Quint. Curt.* Depois de desasustado. *Cùm timor animo recedisset. Ubi discusso timore, confirmavit animum. Ubi se recepit.* (Ellas com a fortaleza da nova muralha desasustaõ do risco das batarias. Corograf. Portug. tom. 1. cap. 2. pag. 3.)

Desatençaõ. Distracçaõ. Vid. no seu lugar.

Desatençaõ. Falta de respeito. Tratar alguem com desatençaõ. *Non habere respectum ad aliquem* He tomado de Cicero, que diz: *Cum Cæsar respectum ad Senatum, & ad bonos non haberet.* Eu nunca vos tratey com desatençaõ. *Mea tibi observantia nunquam defuit. Cic.*

Desauthorar. He tomado do Latim *Exauthorare*, que he de Suetonio, e significa, *Tirar as insignias de cargo honorifico; depor de huma dignidade.* Vid. Degradar no 3. tom. do Vocabulario. (Por saber, que ElRei o mandara justiçar em estatua, e desauthorallo das insignias de Marquez. Bernardo de Brito, Elogios dos Reys de Portugal, pag. 76.)

Desazo. Falta. Carencia de azas. Desazamento. Desazos da Corte, usa destes modos de fallar Fr. Antonio das Chagas em huma carta a D. Francisco de Sousa Calhariz, que anda manuscrita, (com que compouho o meu designio nos desazos da minha sorte.)

Desbarate. Estrago, destruiçaõ. Vid. nos seus lugares.

Nuvem de fumo, chuva de palavras,
Sanguinolento Desbarate
Nelles que reformados
Vem quantos vem Desbaratados.

Man. Tavares, Ramalhete Juvenil, 207.

Desbarato. Vid. tom. 3. do Vocabulario. No Algarve chamaõ o *Desbarato*, ao lugar, onde o Mestre D. Payo Peres Correa desbaratou hum Exercito de Mouros. *Mon. Lusitan. tom. 4. pag. 145. C.*

Desbarbar. He usado no adagio, que diz: Mulher casada, naõ desbarba.

Descambaçaõ. Termo chulo, Extravagancia. Estylo engraçado no fallar, ou no obrar com extravagancia.

Descambado. Extravagante. Esturdia. O que diz chocarrices.

Descançar. Vid. tom. 3. do Vocabulario. O Adagio Portuguez diz: A terra posto que fertil, se naõ descança, fazse inutil.

Descarnado. Naõ carnudo. Cousa de poucas carnes. *Gracilis, is, le, is. Terent. Plin. Mart. Minimè carnosus.* Cavallo descarnado da cara. *Galvaõ Arte de Cavall. pag. 90.* Assentos descarnados. *Id. 89.* Cara encarneirada, bem descarnada. *Id. 34.*

Descender. Descer, baixar. Vid. nos seus lugares.

Das corticas ligeiras, e redondas,
Com ellas de ir ao fundo se descendem,
Por esta excelsa parte, e por aquella
Com o pesado chumbo lá Descendem.

Manoel de Far. e Sousa, Fonte de Aganippe part. 3. Eclog. 6. pag. 77. vers.

Nas nuvens assentado Descendia
O gerado de Maya graciosa.

André da Sylva, Destruiçaõ de Hespanha, liv. 1. Oit. 39.

Descomer. Vid. tom. 3. do Vocabulario. *Reddere*, sem mais nada, ou *Reddere excrementa*, ou *fimum reddere Plin.*

Descorchar. Vid. Escorchar. (Tomaraõ o fato que vinha, e tudo *Descorcharaõ.* Fr. Jacinth. de Deos, Vergel de Plantas, &c. 142.)

Descornar. Vid. Escornar. O adagio Portuguez diz: O ruim boy, folgado se descorna.

Descortino. Descobrimento. Vid. Descortinar, tom. 3. do Vocabulario.

Descuriosidade. Pouca, ou nenhuma curiosidade. *Incuriositas*, naõ he palavra Latina. *Incuria*, he negligencia, ou

ou descuido. E assim *Incuriosus*, naõ he descurioso, mas negligente. Por descuriosidade poderás dizer *Parum curiositatis*, ou *Nulla curiositas*, e por descurioso: *Expers curiositatis*.

DESCORTINO. Descobrimento. Vid. Descortinar.

No Descortino, que lhe daõ por fóra. And. da Sylva Mascar. Destruiç. de Hespanha, liv. 3. Oit. 76.

DESDOURAR. Tirar a luz. Deixar escurecer.

Preza em mãos do temor as redeas soltas.
Aõ Desdourar o Sol os Orizontes.

Man. Tavares, Ramalhete Juvenil, fol. 24.

DESEMBARGADOR da Casinha. Vid. Casinha, mais acima, no seu lugar Alfabetico.

DESEMMASCARAR. Tirar a mascara. *Personam alicui detrahere* (ho, xi. *Etum.*). Desemmascararse. *Os retegere. Deponere larvam*.

Desemmascarar, no sentido metafórico.

Desemmascarar a locuçaõ. Fallar com termos naturaes. *Uti sermone nativo, & simplici. Candidum & syncerum adhibere sermonem, loqui sine pigmentis, & sine fuco.* (Em fim desemmascarando a frase, ou bom Portuguez; indo colher huma rosa, muy vermelha de vos ver. Antonio da Fonseca, em hum Romance.

DESEMMOINHAR. Só na cevada, depois de espalhada, antes de empeçada he meterlhe o gado, para se lhe tirar a moinha, e a mayor parte da pragana.

DESEMPENAR. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Desempenar balas.

Porém se em descuberto está vigando,
E livremente as balas Desempena.

And. da Sylv. Mascar. Destruiç. de Hespanha, liv. 3. Oit. 82. Falla em artelharia.

DESENCOMMENDAR. Ordenar o contrario do que se tem encommendado. *Revocare mandatum*, ou *mandata*. He imitaçaõ de Seneca, que diz: *Revocare promissum*.

Desencommendarse. Escusarme do que se me encommendou. *Alicujus mandato*, ou *mandato se liberare. Solvere se alicujus præscripto*.

DESENROSCAR. Desfazer roscas. Desenvolver cousa enroscada. *Spiras evolvere. Aliquid circumplicatum*, ou *in spiras collectum explicare*.

Visse esgravulhar piaõ,
Por naõ ter azas de mosca
Quando o cordel Desenrosca.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 340.

DESENTOAR. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Desentoarse.

Mas eu porque me vou Desentoando
Quero vos responder à vossa carta.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Caliope, Sonho de Euterpe, pag. 123.

DESERÇAÕ. Acto de desertar. *Desertio, onis, Fem.* He de Tito Livio, posto que naõ em sentido militar. (Tinha feito novamente hum Regimento, para prevenir a deserçaõ de suas tropas. Gazeta de Lisboa de 22. de Outubro de 1722. na quadra de Hamburgo, in fine). Vid. Desertar.

DESERTAR. Termo Militar. Fugir, e deixar o campo, Exercito, Guarniçaõ, Praça, ou Regimento, ou Companhia, em que está qualquer Soldado. *Deserere exercitum, arcem, legionem, &c.* Todos os dias desertaõ os Soldados. *Milites quotidiè deserunt exercitum. A signis delabuntur. A castris discedunt. Cic. Cæsar.* Vid. Desertor, tom. 3. do Vocabulario. (Todo o Soldado pago de Infantaria, Cavallaria, ou Dragoens, ou Artelharia, que desertar do Exercito, ou das Praças, &c. Regimento Militar, num. 204).

DESFAÇARSE. He de Agostinho Barbosa, no seu Diccionario. *Faciem*, ou *frontem perfricare*, (*frico, fricui, frictum*). *Martial*. Vid. Desavergonharse, tom. 3. do Vocabulario.

DESFECHAR. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Desfechar a rir. *Cachinnum sustollere, Cic. Tollere. Nonius.*

Desfechar a setta. *Sagittam arcu expellere.* (*Pello, pupli, pulsum.*) Ovid. *Sagittam*

gittam arcu emittere, (*to*, *misi*, *missum.*) *Plin.*

Desgabado. *Illaudatus*, *a*, *um*, *Virgil.*

Desgabar. *Minuere.*, ou *imminuere laudem alicujus. Cic.* Vid. Desgabar tom. 3. do Vocabul.

Desguarnecer. Tirar algum adorno, ou adereço. *Aliquid aliquo ornatu exuere*, ou *nudare*, ou *spoliare.*

Deshoras. A deshoras. Fóra de horas, fóra de tempo. *Intempestivè. Cic.* (Que fugissem a deshoras. Macedo, Eva, e Ave, pag. 413.)

Desiderada. Ilha da America Septentrional, e huma das Antilhas. Os Francezes tem nella varias Colonias. Christovaõ Colon a descobrio, e lhe deu este nome Italiano, que val o mesmo que *Desejada*, dando a entender, que com este descobrimento tinha chegado ao fim dos seus desejos.

Desinfectar. Vid. Desinficionar, tom. 3. do Vocabular. (Se começa a usar de perfumes para os *Desinfectar.* Gazeta de Lisboa 1722. 26. de Janeiro, pag. 71.)

Deslastre. Acto de deslastrar, ou desalastrar, que he tirar o lastro de hum navio, ou outra embarcação. *Saburræ detractio*, *onis*, *Fem.* Deslastrar hum navio. *Navem saburrâ oneratam levare*, ou *saburrâ levare.* (Os nomes dos navios a cujos *Deslastres* assistiraõ. Regimento dos lastros de Setuval, cap. 11.) (Primeiro que os navios principiem a desalastrarse. *Ibid. cap.* 8.) Em outros lugares o dito Regimento diz: Deslastrar.

Desmarcado. (Granadeiros de estatura desmarcada. Gazeta de Lisboa de 1720. 8. de Fevereiro, pag. 44.) Vid. no 3. tom. do Vocabul.

Desmedrar. Cessar de medrar. Minguar. Diminuir.

A pedra quanto
A fonte nella cabe, *tanto* Desmedra.

Manoel de Far. e Sous. Fonte de Aganip. liv. 1. Centur. 6. Sonet. 21.

Desparzido. Vid. tom. 3. do Vocab.

Grandes rebanhos tem de manso gado
Que andava pelos campos Desparzido.

Franc. Barreto Landim, Vida de S. João de Deos, pag. 14. vers.

Despejado. O mesmo que sem pejo. Vid. tom. 3. do Vocabulario. (Mais despejada, que dantes, menos cortez, e humilde do que sohia. Trancoso, pag. 42)

Despenar. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Despenar a hum moribundo. Dizem, que às vezes succede, que a hum agonizante, quando com grande ansia quer dar o ultimo arranco, para exhalar a alma, podendo elle ainda viver algumas horas, se lhe tiraõ os travesseiros debaixo da cabeça, e se affoga, e morre. A esta illicita, e cruel caridade chamaõ alguns *Despenar*, porque he tirar de penas, mas tambem he accelerar a morte, e abreviar a vida, que ainda poderia escapar deste ultimo conflicto, e dilatar os dias.

Despezo. Parece quer dizer o que tem feito muito despezo. (Por causa dellas ando muito despezo. Fr. Jacintho de Deos, Vergel, pag. 300.) Falla em guerras.

Desporto. He tomado do Italiano *Diporto*, que he *Divertimento.*

Despoto. Na sua primeira origem esta palavra, quer dizer *Senhor*, como temos dito na palavra *Despotico*, mas no Imperio Grego significava a primeira dignidade abaixo da Imperatoria, como se vê em todos os Authores Gregos, que fizeraõ mençaõ dos *Dispotos.* Latinio Viterbense, Author de hum pequeno Tratado dos *Despotos*, advertio, que os Principes, e mais Senhores quando fallavaõ ao Despoto, lhe davaõ o titulo de *Basilcia sou*, isto he, *Vossa Magestade*, (como se fallassem ao Emperador) e à mulher do *Despoto*, lhe davaõ o titulo de *Basilissa*, que quer dizer *Rainha.* Dos Despotos havia dous Reynos, dos quaes hum era o *Peloponeso*, hoje *Morea*, do qual era Senhor o irmaõ do Emperador, e no fim deste Imperio foy dividido entre dous

dous Despotos, irmãos do Emperador. O segundo Reyno, governado por hum Despoto, era a Etolia, a Acarnania, e as Ilhas adjacentes. Fóra da Grecia houve terceiro Despoto, que era o da Servia. Tudo isto se póde ver em Gregoras, Pachymero, Acropolita, Chrisrodulo, e outros Historiadores Gregos.

Desprivar. Tirar da privança. *Aliquem privare gratiâ.*

Desprivar. Deitar de si. Desprezar. Vid. nos seus lugares.

Reynou amor, succedelhe hum tyranno
Desprivou *a razaõ, e priva agora*
Quem póde; e faz no Mundo tanto
damno.

Balthasar Estaço nas suas Poesias, fol. 33. vers.

Desque. Segundo Agostinho Barbosa no seu Diccionario, he o mesmo que Despois que, ou Depois que. Vid. Depois.

Dessar. Na Provincia da Beira, he tirar o sal. He tomado por syncopa do Castelhano, *Dessalar*, que vem a ser como *Dessalgar*. Dessar a carne, ou o peixe salgado. *Salsamenta aquâ macerare.* (*o, avi, atum.*) Vid. na palavra Sal, tirar o sal, tom. 6. do Vocabul.

Dessau. Cidade da Alemanha, na Saxonia superior, sobre o rio Elba, entre Vitemberga, e Magdeburgo. He Cabeça das terras do Principe de Anhalt, e Corte onde reside. Fundouse nella huma Academia, com o titulo de *Companhia fructificante.*

Dessay. He na India huma dignidade, que ha entre os Gentios, possuhida sempre pelos que servem na guerra; saõ inferiores aos Rajás, ou Principes, sem feudos do Mogor, que desfrutaõ com o encargo de certo numero de Lascarins, ou Soldados, mas muitos receando o castigo das violencias commettidas nas terras, que os Reys Mogores lhes deraõ, se refugiaraõ nas dos Portuguezes, outros com mais espiritos se sustentaõ, ficando independentes; destes he Fonedu, Saunto, Bonsuló, Sar-Dessai, nas terras de Cuddale, herdadas já de seu tio Qhema-Saunto, a quem corruptamente se chama Qucima Saunto.

Desseinarse. Termo chulo, desmenibarse, desengonçarse. As pelas bailando com os braços, parece que se desseinaõ. Tambem se diz, desseinarse de raiva.

Desservir. Offender. Fazer maos serviços. Naõ fazer bons serviços. *Malè de aliquo mereor, (meritus sum.) Cic. Aliquem offendere (do, di, sum) lædere, (do, si, sum. Cic.)* (Que perdoasse ElRey a todos os que o desserviraõ por causa de. &c. Cunha, Arcebispos de Braga 2. part. fol. 187. col. 1.)

Destampatoria. Disparataõ. Vid. Disparate, no 3. tom. do Vocabulario. He termo Escholastico, muito usado em Coimbra.

E que se faya entaõ
Com huma Destampatoriâ.

Franc. de Sous. e Almada, Satyra moral contra vicios.

Destemer. Naõ temer. Cessar de temer. *Solvere animum metu. Terent. Timorem omittere. Cic.* Destemer o inimigo. *Non timere*, ou *non ampliùs timère hostem.*

Todos dormem cançados, e hoje todos
Descançaõ, e Destemem *os nossos Godos.*

Andr. da Sylv. Masc. Destruiç. de Hespanha, liv. 5. Oit. 69.

Destripar. Vid. Estripar, tom 3. do Vocabul.

Desvanecidamente. Com desvanecimento. Com vangloria. *Cum vaniloquentiâ. Jactanter*, ou *jactantiùs*, já que diz Tacito, *Periisse Germanicum, nulli jactantiùs mœrent, quàm qui maximè lætantur.* (Naõ se jactem desvanecidamente. Crisol Purificat. fol. 13. col. 1.)

Desvairo. Desavença. Discordia. Vid. nos seus lugares. (Tal desvairo entre alguns nascia. Lopes, Vida del Rey D. Joaõ I. part. 2. cap. 193.)

DET

Detençoso. Caminho detençoso. *Via difficilis*, ou com Tacito, *Iter impeditum.* Caminho muito detençoso. *Iter impeditissimum. Cic.* (Além de ser o caminho agro, e detençoso. Vida de Dom Fr. Bartholom. dos Martyres fol. 121. col. 1)

Detersivo. Termo de Medico. Derivase do verbo Latino *Detergere*, alimpar medicamento, que tem virtude detersiva. Vid. Abstergente, tomo I. do Vocabulario.

DEV

Devagar. Vid. tom. 3. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Devagar.

O que bem parece, Devagar cresce. Quem quizer colher asinha, prante Devagar, e sem fadiga. Se queres cedo engordar, come com fome, e bebe Devagar. Devagar pensa, e obra depressa. Devagar vaõ ao longe. Quem devagar anda, pouco alcança. Se a ser rico queres chegar, vay Devagar.

Devanter. Cidade Episcopal dos Paizes Baixos, e Cabeça da Provincia de Over-Issel. He grande, tem bons edificios, e he bem povoada. Tem huns fossos, sempre cheos de agua. Querem alguns, que seu nome se derive de Davon morador della, muito rico, e amigo particular de S. Lebuino, que converteo esta terra à Fé de Christo. *Deventria, æ, Fem.*

Deucaliaõ, e o Diluvio de Deucaliaõ. Deucaliaõ, de Naçaõ Scytha, filho de Prometheo, Rey de Thessalia, e marido de sua prima Pyrrha, viveo em hum tempo de hum grande diluvio. Dizem os Gregos, que vivendo os homens esquecidos de Deos, e de sua ley, dados a vicios, e crueis, sem hospitalidade, sem vergonha, e sem temor da Divina justiça, perecerão todos em hum diluvio, causado das muitas aguas, que cahirão do Ceo, e das com que o mar, sahindo de seus limites, cobrio a terra. Desta grande inundaçaõ escaparaõ só Deucaliaõ, e Pyrrha, que para saber o modo de reparar o genero humano, consultaraõ o Oraculo de Themis, e seguindo a sua reposta, lançaraõ por de traz de si pedras; das de Deucaliaõ sahiraõ homens; das de Pyrrha, mulheres. A isto accrescentaraõ os da terra outra maravilha, e he, que se abrira na terra huma grande voragem, na qual todas as aguas se sumiraõ, e em memoria deste beneficio levantara Deucaliaõ hum altar, e edificara hum Templo, no qual ainda se vê huma pequena abertura. Para prova disto os naturaes da terra, com toda a Syria, duas vezes no anno vaõ ao mar visinho buscar agua, que elles vem deitar pelo direito buraco, e elia ainda que muita, nelle se perde, e esta ceremonia tambem se attribue a Deucaliaõ, que a inventou para perpetuar a recordaçaõ deste acontecimento. Ovidio diz, que Deucaliaõ, e Pyrrha, metidos em hum barco, ficaraõ em salvo, parando com elle na summidade do monte Parnaso, que sobrepuja as nuvens, e todos os meteoros; juntamente diz, que eraõ dous sogeitos de santa vida, e que Jupiter considerando, que nelles consistia todo o genero humano daquelle tempo, poz fim ao diluvio, e que assim se tornou a habitar, e povoar o Mundo. Difficultosamente teria Ovidio dado em tantas circunstancias, e particularidades do verdadeiro diluvio universal, a saber, no baixel, que foy parar nos altissimos montes da Armenia, na Santidade de Noe, na preservaçaõ de huma só familia para a restauraçaõ do Mundo, se a continuada tradiçaõ de Era em Era, o naõ animara para a narraçaõ deste successo. No tocante ao modo, com que depois se multiplicou o genero humano, bastava que se fizesse mençaõ de hum pay, e de huma mãy, de hum marido, e de huma mulher. A Fabula das pedras, lançadas por detraz das costas, e a numerosa posteridade que dellas nasceo, saõ inven-

tes

tos de espirito Poetico para representar á milagrosa facilidade, com que Deos tornou a povoar a terra, e juntamente a dureza dos que deraõ principio a esta renovaçaõ do mundo. Plutarco tem fallado na pomba, e na arca de Deucaliaõ. Pindaro diz, que Deucaliaõ, e Pyrrha por mandado de Jupiter baixaraõ do mais al o do monte Parnaso, e sem ajuntamento conjugal fizeraõ huma Povoaçaõ de filhos de pedras, porque á palavra Grega *Laos*, significa *Pedra*; e *Povo*, e isto em taõ breve tempo, que parecia, que as pedras se tivessem instantaneamente transformado em homens. Na Historia, o diluvio de Deucaliaõ he huma illustre Epoca, que parece precisa a noticia do tempo em que succedeo. Certo Author antigo, allegado por Clemente Alexandrino no 1. livro das Tapeçarias assenta, que succedeo 330. annos antes da expugnaçaõ de Troya; se isto foy assim, será forçoso concluir, que aconteceo no anno 3200. do Periodo Juliano 2540. da Creaçaõ do Mundo, 1514. antes do Nascimento de Christo, e depois do diluvio de Noe 248. S. Jeronymo, S. Cyrillo, e Santo Agostinho dizem, que esta notavel inundaçaõ succedeo no tempo de Cecrops, Rey de Athenas. Verdade he, que o ultimo destes Doutores, que acabey de nomear, traz outra opiniaõ de Varro, com a qual parece se conforma; e he, que o dito diluvio succedeo no reynado de Cranao, successor de Cecrops. Para concluſaõ de tudo o que temos dito, este diluvio de Deucaliaõ naõ inundou, se naõ huma parte da Grecia; mas valeraõse os Gregos do nome de Deucaliaõ, para apropriallo a Noe; e assim confundiraõ estes dous diluvios, para darem á sua Patria a gloria, de ter renovado o genero humano, e haver dado novos habitadores ao Mundo. *Apollodoro*, *livro* 1. *Diodoro*, *livro* 4. *Santo Agostinho*, *livro* 18. *da Cidade de Deos*, *Petav. part.* 2. *liv.* 2. *cap.* 9. *ration. tempor.* Os Poetas Latinos chamaõ a Deucaliaõ *Promethides*, *Hominum reparator*, *Sospes ab undis*, *Mediis solus servatus in undis*; *à quo nati homines*, *durum genus*; *ab undis superstes*, *&c.* Vid. *Ovid. lib.* 1. *Metamorphos.*

DEVERRA. Deosa, que os Gentios invocavaõ para com sua assistencia varrerem bem as casas. Derivase este nome *Deverra*, do Latim *Verro*, que he *Varrer*. Tambem segundo Varro, e Santo Agostinho na Cidade de Deos, *Deverra*, era huma Deidade, à qual se encommendavaõ as mulheres paridas, para que Sylvano, Deos dos bosques, e dos campos, naõ entrasse de noite nas suas casas, e lhes naõ fizesse algum damno. Os nomes pois destas tres Deidades eraõ. *Intercidona*, assim chamada do gume, ou fio da cunha; *Philomna* da maõ do gral; e *Deverra* das vassouras. *Intercidona* presidia no cortar das arvores; *Philomna* governava a maõ do gral para moer os trigos, e fazer farinha. Tambem se fazia a ceremonia que se segue. Tres homens rodeavaõ de noite as casas, e com a cunha davaõ no lumiar da porta; e depois com vassoura a alimpavaõ. Com estas demostraçoens de obsequio imaginavaõ, que as ditas Deosas preservariaõ a parida dos insultos do Deos Sylvano. *Cartari, nas suas Imagens dos Deoses.*

DEVOÇOENS. Rezas, ou outras obras de piedade, feitas com a devoçaõ, que se tem a algum Santo, ou Mysterio Divino. (Naõ faz outra cousa senaõ rezar as suas devoçoens. Oriente Conquistado 2. part. pag. 455. §. 67.)

DEVONIA. Provincia de Inglaterra, com titulo de Condado, na parte Meridional da dita Ilha. A sua Metropoli he Excester. As mais Cidades saõ *Plimouth*, *Betfort*, *Tornes*, *Sidmouth*, *&c.* *Devonia*, *æ*, *Fem.*

DEX

DEXICREONTE. He hum dos sobrenomes, que foraõ da los a Venus, por causa de hum certo *Dexicreon*; Charlataõ, ou Saltimbanco, que com varios sacrificios expiou os crimes das mulheres de Samos, entregues ao luxo, e à

luxuria; ou (como querem outros) por causa de outro *Dexicreon*, Capitaõ de navio, que enriquecido com vender aos marinheiros, e passageiros muita agua doce, que Venus lhe havia mandado carregada, levantou huma estatua a esta Deosa, e communicandolhe o seu nome, lhe chamou *Dexicreonte*. *Cælio. Rhodig. livro 29. cap. 15.*

DHA

Dharita. Na India Portugueza; he o nome daquelle, que dá os ganhos de suas tangas a outra pessoa, para os descontar no Adao, em seu titulo, e depois de sua maõ os paga ao Cuntucar, conforme a certidaõ do Escrivaõ da Aldea do rendimento, que houve.

DHO

Dhorovetti. Termo da India Portugueza; he a pensaõ de serviço, a que se está sogeito.

DIA

Dia. Vid. tom. 3. do Vocabul. Dia civil mais particularmente, he o que se conta de meya noite a meya noite. Dia Astronomico, he o que se conta de meyo dia a meyo dia.

Dia. Deosa dos Antigos. Em nenhum Author antigo achamos, qual era esta Deosa, taõ celebre, e taõ nomeada nas inscripçoens dos irmãos Arvaes, sacrificadores. Sebastiaõ Fesch de Basilea, Doutor em Direito, e muito versado nas noticias da antiguidade, tem para si, que era a Deosa Ops, ou Cybele, mulher de Saturno, mãy dos Deoses, a que os Gregos chamavaõ Rhea, e à qual todos os annos se fazia com grande solemnidade huma festa chamada *Opalia*, no tempo dos Saturnaes. Porque Saturno, e sua mulher (segundo escreve Macrobio) eraõ reputados inventores da cultura da terra, e dos frutos, conhecimento, que obrigava os homens a adorar estes Numes, e offerecerlhes frutos da terra, como aos Authores dos commodos para a vida. Por esta razaõ os irmãos Arvaes, cujo principal cuidado era offerecer sacrificios, para as novidades, tinhaõ escolhido esta Deosa para objecto particular de suas oraçoens, e sacrificios. Poderá ser, que por antonomasia lhe chamassem *Dia*, que quer dizer *Divina*, como a mãy, e Rainha das mais Deidades. Desta palavra *Dia* formaraõ os Povos da Provincia do Delfinado em França o nome *Die*, porque *Dia vocontiorum*, significava o lugar onde os Voconcios, moradores das terras visinhas, adoravaõ com particularidade a esta Deosa. Tanto assim, que de alguns annos a esta parte se tem achado naquelles lugares a inscripçaõ do sacrificio de hum boy, feito à mãy dos Deoses *Matri Deum magnæ Idææ*; anda impressa no Tratado intitulado *Ignotorum Deorum Aræ*. Accrescentavase a palavra *Idæa*, em razaõ do monte *Ida*, na Phrygia, aonde com culto particular era venerada. Segundo outra opiniaõ, *Dia* era a Deosa Hebé, a que davaõ a presidencia da mocidade, e à qual os Sicyonios, e Philiasyos tinhaõ singular veneraçaõ. *Nicolao Chorier*, *Historia do Delfinado*.

Dias, ou annos de S. Pedro. Vid. supra, Annos.

Dia. Tambem he o nome de huma das Ilhas Cycladas no mar Egeo. Plin. lib. 4 num. 12. A outras pequenas Ilhas deraõ este nome os Poetas, e os Geografos.

Dia. Cidade Episcopal de França, no Delfinado, sobre o rio Droma, entre montes. He a *Dia*, ou *Dea Augusta* dos Antigos.

Diabelha. Herva. Vid. Guia-bella, no 4. tom. do Vocabul.

Diablintes. Povos da Gallia Celtica, que antigamente habitavaõ as terras, que ficaõ entre a Belsia, e Umena, cuja Cabeça era *Noviodunum*. Querem outros, que os Diablintes fossem Povos da Bretanha pequena, no contorno da Cidade de Dol, onde ainda hoje ha huns

territo-

territorios, chamados *Diableres*, e humas familias, a que chamaõ *Os Diabos*. *Baudrand*.

Diabo. Vid. tomo 3. do Vocabulario.

Filho do Diabo. Nas terras maritimas do Monomotapa deraõ os Cafres este nome a hum monstro marinho, que veyo ter em huns baixos, ao longo da praya, onde o mataraõ, dando taõ grandes roncos, que foraõ ouvidos dalli meya legoa. Era este animal cuberto de cabello cinzento pelas costas, e branco pela barriga, como cabello de boy, mas muito mais aspero, cabeça, e boca traõ como de tigre com grandissimos dentes; tinha bigodes brancos do comprimento de hum palmo, e taõ grossos como sedas, com que cozem os Sapateiros; teria mais de dez palmos de comprido; tinha orelhas de caõ, braços de homem, e nos cotovellos humas grandes barbatanas, &c. Vid. a Historia da Ethiopia Oriental de Fr. Joaõ dos Santos, livro 3. cap. 9.

Diabroria. No termo da Villa de Grandola, no Arcebispado de Evora, por baixo do olho de agua, a que os da terra chamaõ *Borbolegaõ*, ha huma lagoa entre humas soltas areas, a que chamaõ a Diabroria, nome assim tomado em razaõ de hum grande moinho, que ha no dito sitio, que moe entre dia, e noite dous moyos, e meyo de paõ, a qual lagoa lançando por huma rocha altissima quantidade de agua, se lhe naõ conhece nunca diminuiçaõ; a este lagoese lhe naõ achou nunca fundo. *Corografia Portugueza*, tomo 3. pagin. 336.

Diacho. Por naõ nomear o Diabo, inventou a piedade popular este termo. Valha o diacho tal.

Diaço. Na Religiaõ de Malta se dà este nome aos que se appresentaõ para serem recebidos no numero dos Capellaens; o que elles fazem na idade de oito, ou nove annos. Chamaõlhe tambem Clerigos, ou Coristas Conventuaes, porque no Convento de Malta desde os doze, até os quinze annos, para serem admittidos, alcançaõ huma carta do Graõ Mestre da Ordem, que se chama *Carta de Diaco*. *Memorias Historicas*.

Diagalves. He huma certa casta de uvas brancas.

Dial. Cousa de cada dia, *Diurnus, a, um*. Vid. Quotidiano.

Sustento dial, que se dava a hum escravo. *Diurnum, i, Neut. Seneca*.

E o sustento Dial *nos dà piedoso*. Faria, Fonte de Aganippe Centuria 6. Soneto 88. liv. 1.

Diamante. Penedo muito grande perto da costa da Martinica, e separado da dita Ilha por hum estreito, que tem huma legoa de comprido. Tem huma taõ grande quantidade de passaros, que sobre os navios que se lhe chegaõ se ajuntaõ, e como nuvens os toldaõ. Na entrada da bahia de Cadiz ha outro escolho, tambem chamado o Diamante.

Diamante de Rodella. He hum aço pontiagudo de quatro faces, e figura pyramidal, no meyo da rodella. Serve de militar adorno, e defensa, no caso que se cheguem a topar os combatentes. (A medida da rodella ha de cobrir o cotovello; e ha de ter hum diamante cravado no meyo. Thomás Luiz Tratado da espada preta, pag. 26.) *Clypei umbo, onis, Masc. Umbo*, mais propriamente he a parte mais levantada do escudo, mas naõ acho palavra mais propria, se por diamante da rodella naõ quizermos dizer *Umbonis chalybæum acumen*.

Diamante. Ferro, à maneira de espeto pequeno, que serve de escorvar as peças de artelharia.

Diamaõ. Diamante. Vid. no seu lugar. (Lembrame, que me disse hum Portuguez terem experimentado os nossos, que os Diamaens se quebraõ com hum martello, e que era falso dizer, amolleciaõ com sangue de bode. Fr. Amador Arraez Dial. 4. 130.) A pedra de Cevar naõ attrahio o ferro, estando presente o *Diamaõ*. *Idem, ibidem*.

Diamasticose. He palavra Grega, de *Diamasticosis*, que significa *Flagellaçaõ*. Entre os Lacedemonios era huma casta de sacrificios, em que aos pés dos altares açoutavaõ os meninos nobres na presença de seus pays, que naquelle acto os animavaõ a ter paciencia. *Filostrato na Vida de Apollonio.*

Diana. Em Diana falla Cicero como Historiador, distinguindo tres Dianas; a primeira filha de Jupiter, e de Proserpina, que pario a Cupido com azas; a segunda, mais conhecida, filha de Jupiter, e de Latona; e a terceira, que teve a Upis por pay, e por mãy a Glauca, que muitas vezes os Gregos chamaõ Upis do nome de seu pay. *Dianæ item plures* (diz Cicero 3. De Natura Deorum, 58.) *Prima Jovis, & Proserpinæ; secunda notior, quam Jove tertio, & Latona natam accepimus; tertiæ Pater Upis traditur, Glauce mater; eam Græci sæpe Upim, sæpe Upim paterno nomine appellant.* E estas tres Dianas provavelmente eraõ só as da Asia, excogitadas à imitaçaõ das da Grecia. Perque Diana era do numero dos Deoses do Egypto, quando Tyfeo lhe moveo guerra; e ella se mudou em gato, e os Egypcios lhe chamaraõ *Bubastis.* Fallando nestas transfiguraçoens dos Deoses, naõ lhe esquece a Ovidio esta Diana, *Fele soror phœbi latuit.* Segundo escreve Herodoto, na Cidade de Bubastis no Egypto, havia hum Templo de Bubastis, a que os Gregos chamavaõ *Diana.* Mais abaixo diz, que os Egypcios lhe davaõ por pays a ella, e a Apollo, Dionysio, e Isis. Sanconiathon faz nascer de Saturno, e de Astarte sete filhas, ou sete Dianas. Strabo faz mençaõ de huma das Dianas Gregas, chamada *Britomartis*, a que tambem chamaraõ *Dictynna*, por ser muito amiga de huma Ninfa Cretense deste nome. Para a intelligencia do nome *Britomartis*, adverte Causobono, que segundo a etymologia dada por Solino, os Cretenses, ou moradores de Candia, deraõ a Diana este nome, porque significa huma virgem branda, e humana, *Quod sermone nostro sonat Virginem dulcem.* O que vem confirmado por Hesychio, o qual nos segura, que os ditos Cretenses chamaõ *Briti*, o que he doce, e que os mais Gregos chamaõ *Glicbi.* Tambem he Causobono de parecer, que o restante da palavra se deriva de *Omartis*, que quer dizer *Companheira*, porque moça donzella, e honrada nunca larga a companhia de sua mãy. Finalmente diz Diodoro Siculo, que os Cretenses depois de passarem para a sua terra a Theologia dos Fenicios, e dos Egypcios, fizeraõ nascer de Jupiter a Venus, e as Graças, e que *Diana* tomava debaixo de sua protecçaõ os meninos recemnascidos, mas que *Lucina* tinha a seu cargo o successo do parto. Chamaraõ Diana a esta Deosa, porque era filha de Jupiter, a que os antigos Latinos chamavaõ *Diùs*, em lugar de *Diòs*; tambem lhe chamavaõ *Delia*, porque nascera na Ilha de *Delos.* Fez esta Deosa voto de virgindade, e he a razaõ porque lhe deraõ os Poetas o titulo de *Casta Diana.* Deraõlhe por companheiras todas as Ninfas, mas chegadas a casar, se apartavaõ della, e para aplacalla, eraõ obrigadas a levar ao seu Templo açafates de flores, e cestinhos de fruta. No dia da sua festa, que se celebrava nos Idus de Agosto, naõ era licito caçar, com a imaginaçaõ, que naquelle tempo deixava Diana descançar os seus Lebreos, Galgos, e Balseiros; em todas as casas coroavaõ os moradores seus caens, e nas matas se accendiaõ muitas tochas; sacrificavaõlhe hum boy, hum porco varraõ, e huma corsa branca. Tambem lhe offereciaõ as primicias dos frutos, depois que a Oeneo, Rey de Etolia, lhe passou por alto este obsequio em huma offerta, que elle fez dos primeiros frutos aos Deoses campestres, do que ella teve taõ grande raiva, que pelo Javalí Calydonio mandou assolar todo o Paiz. Os Scythas, pelo que refere Luciano, immolavaõ homens sobre os altares de Diana. Dos Templos, que lhe edificaraõ, o de Epheso foy o mayor,

co mais magnifico; tinha quatrocentos e vinte cinco pés de comprido, de largo duzentos e vinte, era ornado de cento e vinte e sete columnas, cada huma de sessenta pés de alto, todas lavradas com tanta arte, meyos relevos, e primores da esculturа, que mereceo ter lugar nas sete maravilhas do Mundo. Este Templo, em cuja construcçaõ se gastara mais de hum seculo, em poucas horas foy reduzido a cinzas, por hum homem de nada, chamado Erostrato, que com este incendio quiz eternizar no Templo da Fama o seu nome, e que segundo a sua propia confissaõ, imaginou naõ poder fazer na vida acçaõ mais gloriosa. Os Ephesios o reedificaraõ com taõ sumptuoso empenho, que o primeiro naõ levava ventagem ao segundo.

A esta Deosa se levantaraõ outros Templos; hum na Cidade de Magnesia, por Hermogenes Alabandino, famoso Architecto; outro em Roma no monte Aventino, reynando *Servio Tullo*, edificado à custa do publico pelos Romanos, e pelos Latinos, aonde todos os annos se ajuntavaõ, para fazer hum sacrificio em memoria da confederaçaõ destes dous Povos. Era este Templo guarnecido de pontas de vaca. Plutarco, e Tito Livio dando a razaõ dá extravagancia deste ornato dizem, que a certo Sabino, chamado *Antro Coracio*, que tinha huma fermosa vaca, dera hum adevinho por alvitre, que a sacrificasse à Diana do monte Aventino, segurandolhe, que feito este sacrificio, lhe naõ faltaria jámais cousa alguma, e que a Cidade da qual fosse Cidadaõ, sojugaria todas as Cidades de Italia. Partio *Antro* para Roma com este intento, o qual foy descuberto ao Rey *Servio* por hum dos seus escravos; e em quanto foy *Antro* lavarse no rio Tybre, para se purificar antes da immolaçaõ da victima, sacrificou *Servio* a vaca a Diana, e no seu Templo mandou pregar as pontas.

Huma vez foy Diana apanhada nua no banho por Acteon, que andava caçando; da raiva que teve, lhe deitou agua no rosto; ficou Acteon mudado em veado, e Diana o entregou aos seus caens, que o despedaçaraõ.

Ordinariamente pintavaõ Diana em figura de Deosa, com o cabello solto, e esparzido, vestida de huma opa selpuda, de cor de purpura, guarnecida de aneis de ouro, e arregaçada até os joelhos. Trazia na maõ hum arco, e a tiracollo huma aljava chea de settas. Tambem foy representada em hum carro de ouro, tirado por corsas. Nas suas Imagens dos Deoses, ao arco, e às frechas accrescentalhe o Filosofo Albrico hum crescente na testa, cercado de Dryadas, Hamadryadas, Naiadas, Nereidas, e outras Ninfas, e até de Faunos, e Satyros, que saõ Deidades campestres.

Antigamente os ourives faziaõ huns pequenos Templos de prata, à imitaçaõ do Templo de Diana, que elles vendiaõ ao Povo, e ganhavaõ com estas obras muito dinheiro. Com grande zelo prégou S. Paulo contra este abuso, e fez conhecer, que obras feitas por mãos de homens naõ podiaõ ser Deidades; certo homem, chamado Demetrio, que deste negocio tirava grande emolumento, levantou contra o Santo huma furiosa sediçaõ. Deraõ os Poetas tres nomes a Diana; no Ceo dizem, que he a Lua, e chamaõlhe *Hebe*, ou *Dela*, ou *Cinthia*; na terra chamaõlhe *Diana*, e no inferno *Hecate*. No seu Diccionario diz Moreri, que os Mythologos applicaõ à Lua tudo o que se diz de Diana. Muito póde o sentido accomodaticio. Os Poetas Latinos chamaõ a Diana, *Latoia Nimpha, Phœbi soror, Cynthia, Delia virgo, Montium custos, Sylvarum potens, Dea Sylvarum, nemorum Regina; Virgo potens nemorum, Venatrix Dea, Pharetrata puella.*

Diante. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Ao diante. *Deinde. Deinceps. Postmodo. Postmodum.*

Dianteira. Vid. tom. 3. do Vocabulario.

Dianteira do Exercito. Vid. Frente. Vid. vanguarda. (Eraõ tres mil homens, &c.

&c. cuja Dianteira era, &c. Diogo do Couto, Dec. 8. fol. 58. col. 2.)

Diaphoretico. Vid. Diaforetico, no 3. tom. do Vocabulario. Ouro diaforetico. Vid. Ouro.

Diarbekir. Cidade da antiga Mesopotamia; nas margens do rio Tigris. He do Turco.

Diasias. Segundo Suidas, e Luciano, *in Chariademo*, era huma festa, que os Athenienses celebravaõ em honra de Jupiter. Diz Hesychio, que a gente assistia a esta festa com severo, e triste semblante.

Diaspro. He o jaspe, naõ já aquelle de huma só cor, mas o de muitas cores, e figuras. *Diaspro* (diz o Vocabulario da Crulca, impresso em Veneza, anno de 1622.) *Pietra dura, che s'annovera tra le gioie di menor pregio, e trovasene di diversi colori.* E logo immediatamente dá a entender, que se chama em Latim *Jaspis*. Tambem o Padre Bento Pereira na sua Prosodia, conformandose com Joseph Lourenço na sua Amalthea, diz *Diasper*, pedra jaspe; e logo accrescenta, que he palavra Ecclesiastica, como na realidade se collige do Hierolexicon de Domingos Macro, que na palavra *Diasprum*, traz estas palavras Chronica Cassin. lib. 1. cap. 43. *Pluviale etiam diasprum, listis auro textis.* Verdade he, que *Diasper*, segundo a sua derivaçaõ do Grego *Dio*, que quer dizer *Dous*, e *Aspron*, que segundo o dito Macro, val o mesmo que *Branco*, vem a ser o mesmo que *duas vezes branco*; Diasprum (diz Macro) *Dupliciter album*; e assim *Pluviale diasprum*, viria a ser *Capa de Asperges duas vezes branca.* Segundo Menagio no seu Diccionario Etymologico o Italiano *Diaspro*, foy feito do Latim Jasper, pondolhe hum D diante; e *Jasper* foy usado por *Jaspis*. E assim naõ he muito, que *Diasper*, ou *Diaspro*, signifique huma das especies do jaspe, e particularmente o jaspe, matizado de varias cores. Daqui nasce, que sem embargo de que (segundo o parecer de Casanova, nas suas origens da lingua Franceza) *Diaprasinus*, foy formado da proposiçaõ Grega *Dia*, que significa *Per*, e de *Prasinus*, que he o verde do alho porro, chamado *Prazon*; como quem dissera *Perviridis*; na baixa Latinidade se tem dito *Diaprasinus*, por tecido, ou malhado, com diversidade de cores, à imitaçaõ de hum prado cheyo de boninas. No 3 livro da Historia de Rheims, cap. 21. usa Flodoardo do dito adjectivo *Diaprasinus*, aonde diz, *Mittens ei quædam pretiosa ornamenta, casulam scilicet diaprasinam, quam habebat unicam.* De *Diaprasinus* formaraõ os Francezes o seu *Diapré*, como quem dissera *Diasprado*, que em bom Portuguez responde a *Jaspeado*. O Diapré dos Francezes he vocabulo quasi antiquado; mas ainda assim faz delle mençaõ o Padre Philiberto Monet, da Companhia de Jesus, no seu Diccionario, impresso em Leaõ de França, anno 1635. aonde diz *Diapré*, e o verte em Latim com as frases que se seguem, *Illuminatè interstinctus*; *eleganti, splendidoque ornatu illuminatus*, *descriptus*, *distinctus*, *variatus*, *interpunctus*.

DIB

Dibres. Cidade do Epiro, na Grecia. O Turco a tomou aos Christãos anno 1442. Como na Cidade naõ havia mais que huma cisterna, os cercantes lançaraõ nella hum caõ morto, e a superstiçaõ dos cercados foy taõ grande, que antes se quizeraõ entregar, e perder a liberdade, do que beber da agua della. *Barilet*, *Histor. de Scanderberg*, *livro 2.*

DIC

Dicçaõ. Consta de letras, e syllabas, de huma syllaba como esta dicçaõ *Luz*; ou de oito, como esta outra, *Superabundantissimo*, ou mais, se as houver em prosa. Em verso, as que contém mais de quatro, naõ o fazem taõ correntè, nem taõ elegante.

Dicé.

Dicé. Deosa da antiga Gentilidade. Presidia nos juizos, e sentenças que se davaõ. Os seus Ministros se chamavaõ *Dicastes*, isto he, *Juizes*. Faziaõ-na Virgem, porque o Juiz deve ser inteiro; e filha de Jupiter, que era tido por Soberano Legislador.

Dichote. Dito alegre. Galantaria com agudeza. Chulo. *Salsum dicterium, ii, Neut.*

Dictamo. Cidade da Candia, no territorio da Canea. He a terra donde se cria a famosa herva chamada *Dictamo*, que a Medicina poz no numero dos remedios mais soberanos, principalmente para a cura das chagas. No livro de *mirab. Auscult.* faz Aristoteles mençaõ deste salutifero vegetante. No cap. 1. da Penitencia diz Tertulliano, que o veado crivado das settas do caçador, sabe tirar das chagas o ferro com a virtude do dictamo. No livro 12. da Eneida faz Virgilio a descripçaõ de hum caso destes.

Dicterio. No seu Crisol Purificativo, fol. 343. col. 2. diz o Padre Manoel Leal, que o escopo, e principal *Dicterio* da Historia, he ensinar com juizo, e deleitar com utilidade. Parece quer dizer *Dictame*, porque *Dicterio* se deriva do Latim *Dicteria*, que significa Ditos agudos, picantes, e assim diz Marcial.

Omnibus arrides, dicteria dicis in omnes.

Dictynna. Ninfa da Ilha de Creta, à qual os Poetas attribuem a invençaõ das redes da caça, e da pesca. Destes engenhos tomou o nome *Dictynna*, porque *Dictys* no Grego quer dizer *Rede*. Dizem alguns Poetas, que esta Ninfa era particular amiga de Diana, a qual tambem foy chamada *Dictynna*. Accrescentaõ outros, que foy querida de Minos, e que para se livrar delle, se lançara no mar, e cahira na rede de huns pescadores, o que foy causa de lhe chamarem *Dictynna*. *Dictynna, æ, Fem.*

DIF

Differença. Desavença. Neste sentido he tomado do Francez *Different*; que val o mesmo que debate, controversia, Disputa. Vid. Differenças, tom. 3. do Vocabulario. (Com a mesma amizade, que tinhaõ, antes da sua differença. Gazeta de Lisboa 18. de Abril de 1726. Pariz 16. de Março, no fim.

Differmar. Vid. Deformar, tom. 3. do Vocabulario. (Naõ differmava o habito. Crisol Purificat. fol. 526. col. 1.)

Diffuso. Comprido. Vid. no seu lugar.

A Patria propria deixa pela estranha
E por Diffusa *via, sem receyo*
No meyo foy parar da nobre Hespanha.

Francisco Barreto Landim, Vida de S. Joaõ de Deos, fol. 7.

Differir, ou Defirir. Vid. Defirir.

DIG

Digamma. Termo Ortografico, derivado do Grego *Dys*, *Dous*, e *Gamma*, a letra G. (Na figura parece hum dobrado G dos Gregos, a que elles chamaõ Gamma, o qual Gamma he assim Γ, e o F parece que fica fazendo dous. Ortografia de Duarte Nunes de Leaõ, pag. 6. vers.)

Digna. Cidade Episcopal de França, na Provincia de Provença, sobre o rio Bleona, entre montes. Os Latinos lhe deraõ muitos nomes, *Dinia*, *Digna*, *Dine*, *Civitas Diniensium*, ou *Dienensium*, *&c.*

DIL

Dilecçaõ. Parece que o uso desta palavra nas Cortes da Christandade teve seu principio do costume dos Emperadores, que escrevendo a outros Principes, lhes davaõ por amizade o titulo de *Dilectus*, isto he, *Amado*. Deste adjectivo sahio o substantivo *Dilecçaõ*, que o Em-

o Empetador dá aos Eleitores, e mais Principes do Imperio; tambem o dá aos Cardeaes, que saõ Principes do Imperio; e até aos Reys dá o titulo de *Dilecçaõ Real*, fallando nelles. O Eleitor de Moguncia eletevendo ao Cardeal de Hassia, lhe fallava por Dilecçaõ. O Papa quando escreve ao Emperador, aos Reys, e ao Doge de Genova, no sobrescrito da carta poem *Carissimo filio*, e quando escreve a Principes Soberanos, que naõ tem Magestade, poem *Dilecto filio*. Na Chancellaria de Roma só se conhecem estes dous titulos, *Dilectio*, e *Dilectus*.

DILINGHEN. Cidade de Alemanha, na Suevia, sobre o Danubio. *Dilinga, æ, Fem.*

DILUCIDARIO. He tomado do Latim *Dilucidare*, que he Aclarar, Declarar, fazer claro, e patente. O Padre Fr. Diogo de Coria Maldonado, usa deste substantivo no seu livro, intitulado *Dilucidario das Chronicas do Carmo*. O Author *ad Herenn.* usa do verbo *Dilucidare*, onde diz, *Dilucidandæ rei causâ*, mas em Authores antigos, professores de boa Latinidade, naõ se acha o substantivo *Dilucidarium*, como nem taõ pouco *Elucidarium*, termo do qual usa o Padre Bento Pereira na sua obra, intitulada *Elucidarium Sacræ Theologiæ Moralis*. E assim qualquer Dilucidario de Chronicas se poderá chamar em Latim, *Opus dilucidandis Chronicis*; ou *Opus, quo hæc, vel illa Chronica dilucidantur.*

DIN

DINHEIRAMA. Termo chulo. Muito dinheiro junto. Moeda em monte. *Ingens pecunia*, ou *Ingentis pecuniæ acervus.*

DINHEIRO. Antiga moeda dos Romanos. No segundo tomo da Monarchia Lusitana, mihi pag. 11. col. 1. fallando seu Author nos trinta dinheiros, porque foy Christo vendido, diz assim. (Partindose Christo, já noite ao Horto de Ghessemani, foy prezo por ordem do falso Judas, que o tinha vendido aos Judeos pelo preço, que lhe pareceo valeria o unguento, que em fim naõ passou de cinco cruzados, salvo se dissermos com Baronio, *Annal.* tom. 1. que eraõ trinta marcos de prata, e naõ trinta moedas singelas.)

Roubo do dinheiro do Principe, ou da Republica. *Peculatus, us, Masc. Cic.* Commetter este roubo. *Peculatum facere. Plaut. Peculari rem publicam. Florus.* O reo desta calidade de furto. *Peculatus, us, Masc. Cic.*

O crime dos Governadores das Provincias Romanas, de que eraõ accusados na vinda, se tinhaõ roubado o dinheiro, ou se se tinhaõ aproveitado injustamente das fazendas dos Provinciaes, contra a ley Julia. *Repetundæ, arum, Fem. Plur.* Chamouse assim este delito; porque o roubado, ou dissipado se tornava a pedir. *Repetundarum crimen. Tacit.* Ser accusado delle. *Insimulari repetundarum. Tacit.* Vid. Concussaõ.

DIO

DIOCESANO. Aquelle, que tem sua vivenda no territorio da jurisdiçaõ deste, ou daquelle Bispo, Arcebispo. *Qui est è Diœcesi istius, vel alterius Episcopi, vel Archiepiscopi.* (A mayor parte dos seus Diocesanos. Vida do Dom Fr. Bartholom. dos Martyres, fol. 95. col. 4.) Tambem Abbades, que tem jurisdiçaõ Episcopal, ou quasi Episcopal, tem seus Diocesanos. Hierolexicon Macri, fol. 222. col. 2.

DIONE. He o nome de huma das Ninfas, filhas do Oceano, e de Thetis. Segundo outra opiniaõ, he huma das Nereidas, filha de Nereo, e de Doris. Os Poetas dizem, que Jupiter namorado de Dione, a fizera mãy de Venus; e hea razaõ, porque Venus foy cognominada *Dionea. Ovid. Fastor. lib. 5. Dione, es, Fem.*

Cedat equus Latiæ, qui contra templa
Diones.
Statius.

Dionysio. He hum dos epithetos, que os Antigos deraõ a Bacco. Querendo Jupiter livrar a Bacco seu filho, das perseguiçoens da ciosa Juno, mudou-o por algum espaço de tempo em bode, e Mercurio o levou às Ninfas, visinhas da Cidade de Nysa, na Asia, para acabarem de o criar. Daqui lhe veyo o cognome de *Dionysio*, porque *Dios*, quer dizer *Jupiter*, e *Nysios*, se deriva de *Nysa*, Cidade do Egypto, na fronteira da Arabia; e assim *Dios*, he o nome do pay, e *Nysa* o da Patria. *Dionysius, ii, Masc.*

Dionysiopoli. Antigo nome de muitas Cidades, principalmente de Nagara, ou Nyssa, sobre o rio Indo, edificada por Bacco, chamado tambem Dionysio. *Justin. Ptolomeu.* Hoje, segundo os Geografos modernos, he *Nærus.* Fica em hum lugar da Asia, chamado *Dionysii columnæ*, perto do monte *Eomodda*, que foy o limite, que Bacco poz às suas conquistas. Segundo Antonino ha outra Dionysiopoli, na Mysia Inferior, hoje *Varne*, Cidade da Bulgaria, segundo Baudrand, sobre hum rio do mesmo nome, antigamente *Zyro.* He celebre pela batalha, que na sua visinhança perderaõ os Ungaros, cujo Rey foy morto, anno de 1444. *Cicero 1. ad Quintum fratrem*, fallando nos seus morados, lhes chama *Dionysiopolitanos.* Ha outras duas Cidades deste nome, huma na Phrygia, segundo Plinio; outra em Africa, segundo Estevaõ. *Dionysiopolis.*

Diospolis. Cidade do Egypto, da qual dizem, que antigamente teve cem portas, ou cem Palacios magnificos de outros tantos Principes. De cada Palacio destes, nas occasioens precisas, sahiaõ cem homens armados. *Plinio, lib. 5. cap. 9. Strabo liv. 17. Estevaõ de Urbibus.* Deste mesmo nome houve outra Cidade na Palestina. Alguns lhe chamaraõ *Lidda*, ou *S. Jorge*, e outros *Rama.*

Diospolitas. He o nome dos Reys do Egypto, que reynaraõ na Cidade de Diospolis, Cabeça do Reyno na Ethyopia Inferior.

DIP

Dipryco. Segundo o Padre Bento Pereira na sua Prosodia, he rol, ou livro dos bautismos, e enterros. Mas no seu Hierolexicon, fol. 123. diz Domingos Macro, que *Diptychum*, eraõ duas taboas juntas a modo de papellaõ, com que se cobre hum livro; ou separadas, em huma das quaes se escreviaõ os nomes dos Bispos, e Varoens illustres, cujos nomes se repetiaõ no *Memento* da Missa, onde estaõ os dous N N. Na outra taboa estavaõ escritos os nomes dos defuntos, e bemfeitores, que se haviaõ de encomendar a Deos.

DIR

Dirce. Mulher de Lyco, Rey de Thebas. Este Principe casou com ella, depois de repudiar Antiope; e os filhos desta, para se vingarem da injuria feita a sua mãy, a mandaraõ arrastrar atada ao rabo de hum cavallo. Os Deoses compadecidos, a mudaraõ em huma fonte. Outra Dirce, pela presumpçaõ que teve de ser mais fermosa que Pallas, foy mudada em peixe. *Ovid. lib. 4. Metamorph.*

Dirceo. Em hum livro de versos Portuguezes, impresso em Lisboa, anno 1723. acho no principio de huma Ode este adjectivo, como epitheto de huma ave, e o Author diz assim:

Ave Dircea *entoe*
Em seu purpureo clarim
Teus applausos, &c.

Fiz toda a diligencia possivel para achar, que casta de volatil, ou verdadeiro, ou fabuloso, he esta *Ave Dircea.* Até agora naõ achey, em que se possa fundar este epitheto, porque das duas Dirces, de que a Fabula faz mençaõ, huma foy mudada em fonte, e outra em peixe, como acabo de dizer na declaraçaõ da palavra *Dirce*, nem acho nos Authores fundamento algum, para se apropriar a alguma destas Dirces o nome de ave. O Author do dito epitheto escreve *Dyrceo*

ceo com Y Grego; mas todos os Authores, que tenho consultado, escrevem o nome *Dirce*, com I Latino.

Dirgh. Lagoa, da qual sahe o rio Liffer, no Condado de Dungal, na Provincia de Ulster, em Irlanda. Em huma Ilha desta lagoa ha hum Mosteiro, dedicado a S. Patricio, perto do qual se vê huma medonha caverna, a que chamaõ *O Purgatorio de S. Patricio*, porque na boca della se houve algum estrondo, que o Povo imagina serem lamentos dos que padecem no outro mundo. *Gyraldo, Topografia Hibernica.*

DIS

Dis, ou Dite, irmaõ de Jupiter, e de Neptuno, por outro nome Plutaõ; e por ambos, Deos das riquezas, que em Latim se chamaõ *Divitiæ*, e no Grego *Ploutos*, e se tiraõ senaõ do inferno, das inferiores partes da terra. Pinta a Fabula ao Deos *Dis*, coxo, e cego; e esta he a razaõ porque quando o manda Jupiter para a casa de alguem, naõ chega senaõ tarde, e quasi sempre quando já o naõ haõ mister; mas quando se trata da volta, voa taõ ligeiro como o vento, e o naõ ver mais, fica pasmada a gente. Como he cego, muitas vezes erra o caminho, e perde o tino; mas tanto anda para cima, e para baixo, e por huma parte, e outra, que sempre acha alguem, que pega delle, e o leva. Por isso com pouca gente boa se acha, porque sendo cego, como poderia facilmente achar homens de bem, cousa do Mundo taõ rara? Vid. Dite.

Dispar. He palavra Latina. Vid. Desigual, Differente.

Porque a quem tanto devo, siga tanto
Ou por climas de neve, ou Sol Dispares,
Ou de Scylla, e Charybdis arriscados.

Manoel de Far. e Sous. Fonte de Agan. part. 3. Eclog. 2. fol. 24. vers.

Dispositor. Para com os nossos antigos era o que dispoem, fórma, e ordena. O que tem a seu cargo pôr humas cousas em ordem. *Dispositor, oris Masc.* He de Seneca, no *livro 5. natural. Quæst.* (Com a eleiçaõ de hum Ministro, fiel procurador, e Dispositor muy util. Monarch. Lusit. tom. 5. cap. 21. pag. 221.)

Dissecçaõ. Termo Anatomico. He tomado do Latim *Dissectio*, que he cortadura; e na Anatomia dissecçaõ he cortar, e dividir as partes de hum corpo. Vid. Anatomia tom. 1. do Vocabul.

Dissertaçaõ. Discurso, ou Tratado scientifico sobre alguma materia, ou questaõ. *Dissertatio, onis, Fem. Plin. Jure.*

Dissolver. Soltar, Desatar. *Dissolvere, olvi, olutum, Cic.*

Dos laços que minha alma sente,
Desejo Dissolverme; *e estar comtigo.*

Manoel de Far. e Sous. Fonte de Aganip. Oit. 3. fol. 159.

Distinto. Vid. Instincto, tom 4. do Vocabul. (Tem esta ave grande distinto para tudo o que lhe querem ensinar. Fr. Jacintho de Deos, Vergel de Plantas, 258.)

Distractivo. Vid. tom. 3. do Vocabul. (Occuparse em hum ministerio taõ Distractivo. Vida de D. Fr. Barthol. dos Marty. fol. 107. col. 4.)

Distribuiçaõ. Figura da Rhetorica he quando dividimos em partes o que dizemos, assignando a cada huma sua razaõ especial, v. g. Mas a este moço meu parente lhe perdo-o o que fez, porque, ou a sua piedade, ou a necessidade, ou a idade o desculpa. Se lhe parecco conveniente dar parte à justiça, attribuo esta delacçaõ à sua piedade; se foy mandado, à necessidade, se della esperou alguma conveniencia, foy meninice. Tudo o mais naõ só se naõ deve dissimular, mas he necessario resistir com força. Algumas vezes se faz a distribuiçaõ só com nomes, v. g. Na generosidade era hum Cesar, na piedade hum Trajano, na magnanimidade hum Alexandre; ou parecia, que nelle dominava o espirito de Cyro, a temperança de Agesilao, a eloquencia de Pericles, &c. Ajudaõ

daõ muito a ornar esta figura, outras, que com nomes Gregos se chamaõ Epanados, Polysyntheton, Anaphora, &c. *Distributio, onis, Fem.* (Distribuiçaõ, Deprecaçaõ, Demostraçaõ. Systema Rhetorico, pag. 125.)

DISTURBIO. Vid. Estorvo.

DIT

DITE. Vid. Dis, acima no seu lugar alfabetico.

DITHYRAMBO. Cognome, que os Gregos davaõ a Bacco, ou porque fora criado em huma caverna, que tinha duas bocas, em Grego *Didiron*, ou porque em certo modo nascera duas vezes, a primeira vez do ventre de Semele, e a segunda da perna de Jupiter. Por esta razaõ foy chamado *Dithyrambo*, huma casta de hymno, que se cantava em honra de Bacco; pois naõ he verisimil, que a Bacco se désse este nome de hum certo *Dithyrambo* Thebano, que (segundo a opiniaõ de alguns) foy o inventor do dito hymno; porque a Pindaro, Poeta taõ zeloso das glorias da sua Patria, lhe naõ escapara esta; mas antes attribue Pindaro a invençaõ do Dithyrambo aos Corinthios. Esta casta de Poesia era muito opposta à honestidade, e suavidade das Poesias ordinarias; e as licenças, que nella se tomavaõ, eraõ taõ despropositadas, que parecia obra de gente tomada do vinho, e levada do Bacchico furor. *Scaliger, Poet. lib. 1.*

DITINHO. Palavrinha, para conciliar amor. *Verbum blandicellum, i, Neut.* He tomado de Festo, que diz no Plural, *Blandicella verba.*

Hum fallar com tanto geito,
Hum Ditinho *de repente*
Que afeiçoa.

Obras Metr. de D. Franc. Manoel Viola de Tal. na 2. jornada da farça do Fidalgo aprendiz.

DITO. Homem de bons ditos. *Dicteriosus, i, Masc. Varro.*

DIV

DIU, ou Dio. Vid. Dio, tom. 3. do Vocabulario. Na Decada 5. fol. 7. col. 3. diz Diogo de Couto, que Alexandre Magno fundara a Cidade de *Diu*, e lhe puzera seu nome *Diu*, porque os aduladores lhe chamavaõ *Divus*, filho de Jupiter Amon, e *Divus* em lingua Latina, quer dizer *Divino*. Este mesmo Author affirma, que o dito Alexandre Magno edificara na Assyria outra Cidade do mesmo nome.

DIVA. Divina. Vid. no seu lugar.

Rosa, em que Divas *plantas se lastimaõ.*

Man. de Far. e Sous. Fabula de Narciso, e Ecco, Estanc. 10.

DIVA. Em França ha dous rios deste nome, hum na Normandia, e outro na Provincia de Poitou. *Diva, æ, Fem.*

DIVERSORIO. He tomado do Latim *Diversorium, ii, Neut.* Estalagem, hospedaria.

No diversorio *seu estando hum dia*
E outros em companhia.

Man. Tav. Ramalhete Juvenil, fol. 159.

DIVERTIDO. Vid. tom. 3. do Vocabulario.

Divertido. Cousa que diverte, recrea. *Jucundus, a, um, Cic.* Jogos divertidos. *Ludi festivi Plauto*, falla em jogos publicos. Discurso divertido. *Sermo festivus. Plauto.*

DIVIDA. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Quando o devedor falta de pagar no dia que prometteo, e muitas vezes despede o acredor, sem lhe dar satisfaçaõ, este busca ao principal dos Bramenes, que lhe dá huma vara, com a qual vay buscar ao acredor, e depois de fazer ao redor delle hum circulo, lhe manda em nome delRey, e do Bramene, que naõ saya delle, sem pagar o que deve; se naõ obedece, vese obrigado a acabar no dito circulo a vida, e se por força quizer sahir delle, o mataõ. *Thomas Herbert, Relaçaõ da sua viagem na India, liv. 2. pag. 468.*

DIVIDO.

Divido. Termo antiquado. Vid. Parentesco. (Pelo Dividô, que havia entre si. Lopes, Vida delRey D. Joaõ I. parte 2. cap. 148.)

Divino. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Raiz Divina. Deraõlhe este nome pelos bons effeitos que obra em algumas enfermidades. Nasce em Portugal, em hum lugar visinho a Setuval, a que chamaõ Troya. *Curvo, Memorial de varios simplices, pag. 16.*

Divisorio. Termo de Impressor. He o pao, em que descança o mordante, com que o Compositor divide as regras da folha.

Divorcio. No principio, entre Romanos foy raro o divorcio. Segundo escreve Plutarco, fez Romulo muitas leys, das quaes a mais dura foy a que tirava à mulher a liberdade de se desquitar do marido, e ao marido lhe dava poder para divorciar, em tres casos; primeiro, dando ella veneno à criança; segundo trocando seu filho com outro; terceiro em caso de adulterio. Se por alguma outra razaõ o marido se desfazia de sua mulher, era obrigado a darlhe huma parte da sua fazenda; a outra parte ficava consagrada a Ceres, e elle havia de offerecer aos Deoses Manes hum sacrificio. *Leges etiam quasdam tulit Romulus, inter quas vehemens est illa, quâ mulieri maritum relinquendi potestas adimitur, viro autem ejicere uxorem conceditur, si veneficio circa prolem usa fuerit, aut alienam pro suâ subdidisset, aut adulterium commisisset. Si quis aliâ de causâ repudiasset consortem, ejus mariti bona partim uxori cederent, partim Cereri sacra forent, atque Diis Manibus rem sacram facere tenebatur.* Tambem pela ley das doze Taboas ficava authorizado o divorcio, e por ella se ordenavaõ certas ceremonias, que era preciso observar, e sem as quaes era nullo o divorcio. Era necessario fazello na presença de sete Cidadãos Romanos, todos adultos. Das mãos da mulher tornava o marido a tomar as chaves da casa, e a despedia com estas palavras, *Res tuas tibi habeto*, ou *Res tuas tibi agito*; assim o declara Cicero nas suas Filippicas contra Antonio, *Frugi factus est, mimam illam; sibi res habere dixit ex duodecim tabulis, claves ademit, exegit.* Ainda que pelas leys fosse permittido o divorcio, em Roma naõ se acha, que fosse usado até o anno 70. e o primeiro, que se valeo desta concessaõ, foy hum certo Spurio Carvilio Ruga, no Consulado de M. Pomponio, e de Caio Papyrio, ou de M. Atilio, e de P. Valerio, que se separou de sua mulher por causa da sua esterilidade. No *livro 3. de Beneficiis, cap. 6.* diz Seneca: Hoje poucas mulheres tem pejo do divorcio; as mais dellas, ou se desquitaõ para tornar a casar, ou naõ casaraõ, se naõ para se desquitar. O descasar casados, he materia taõ vidrenta, que nas mãos que della trataõ, quasi sempre se quebra. A facilidade no divorcio póde ser causa da ruina de hum Reyno. S. Bonifacio Martyr disse com espirito profetico, que por causa de hum divorcio se separaria da Igreja hum dos mais florentes Reynos da Christandade, a separaçaõ he taõ notoria, que naõ necessita de prova a profecia.

DOX

Dixi̇mes, Diximes. Termo chulo. Chocalhices, Mexericos, proprios de mulherinhas. *Muliercularum delationes, um, Plur. Fem.*

DOB

Dobradura dos joelhos. *Genuum flexio, vel inflexio, onis, Fem.* (Que lhe naõ baste a Dobradura do misero joelho. Obras Metric. de D. Franc. Man. Çamfonha de Euterpe, pag. 125.)

Dobre. Vid. no 3. tom. do Vocabulario Dobrado.

De noite Dobres *guardar, e vigiar.* Andr. da Sylv. Destruiç. de Hespanha, liv. 3. pag. 52.

Dobrez do animo. Da dobrez todos dizem mal, mas poucos deixaõ de se valer

ſer della. He eſte vicio huma traiçaõ, que a lingua faz ao coraçaõ, porque naõ diz a lingua, o que o coraçaõ dićta. Porém em certos caſos eſte vicio he prudencia, e eſta traiçaõ cautela. Bom ſeria fiarſe de todos, mas ſeria preciſo, que todos foſſem fieis. Porém em nehuma parte do Mundo ſe acha eſte bem, ſenaõ na terra, aonde naõ ha ambiçaõ, nem enveja. Mas nem por iſſo convem, que a lingua ſeja pincel para todas as cores. Ha homens, que com infernal pintura, vivem de dar cor a mentiras. Eſcreve Xenophonte, que Memnon de Teſſalia foy taõ diſſimulado, e fingido, que para ſobir ao Throno Real naõ teve outros degraos, que falſidades, e enganos. Nas galés os forçados viraõ as coſtas ao lugar, para onde navegaõ; neſte Mundo, que he a galé da vida humana, para chegar ao porto, viraõ muitos as coſtas à verdade. O peor he, que o mais deſtro em fingir, parece mais prudente. Segundo a obſervaçaõ dos Anatomicos, o coraçaõ do homem mais pende para a maõ eſquerda, que para a direita; naõ he maravilha ſe mais ſe inclina para a ſiniſtra da mentira, que para a dextra da verdade. No miſeravel eſtado da noſſa natureza corrupta, eſta deſgraça parece neceſſidade. Se os homens foſſem todos leaes, e ſynceros, naõ teriaõ ſahida as trapaças dos velhacos: ſe todos foſſem bons, naõ dominariaõ os máos; e ſe cada hum foſſe, como houvera de ſer, teriaõ todos obrigaçaõ de ſer o que convem que ſejaõ. Mas naõ querem ouvir boas razoens animos perverſos; e por outra parte, naõ he razaõ, que ſempre os bons fiquem debaixo. Se a rapoſa perſuade à cabra, que entre no poço, e depois de entrar, a deixa; ſe o caçador aconſelha ao merlo, que vá por hum prado, e depois arma huma rede, que ſe há de fazer para naõ ficar no poço, e naõ ſer colhido na rede? Naõ he bom contraminar falſidades com ruinas do proximo; mas convem conhecer a mina, para evitar o damno. A experiencia dos enganos he quotidiana, a multidaõ delles facilita o conhecimento. De mais do que huma mediana ſagacidade os deſcobre, porque naturalmente fallando, mais avulta o dobrado, que o ſingelo, e o refolhado, que o liſo.

Dobreza. Pano como tafetá.

DOC

Doce. Vid. tom. 3. do Vocabulario. No Commento do 1. verſo da Oit. 73. do Canto 5. da Luſiada, onde diz o Poeta.

Deixando o porto em fim do doce rio.

Man. de Far. e Souſ. diz, que a agua naõ he doce, nem ſe diz tal, ſe naõ por differença da ſalgada, e aſſim *agua doce* naõ ſignifica mais, que agua naõ ſalgada, e juntamente freſca, e pura.

Docel. Vid. tom. 3. do Vocabul.

Docel do Altar. He o que ſuſpenſo no ar, cobre o Altar, e o Sacerdote, quando eſtá celebrando. *Umbella Altaris. Umbella*, he vocabulo Latino, mas em outro ſentido. *Baldachinus*, he palavra, que os Eccleſiaſticos Italianos alatinaraõ.

DOD

Dodo. Segundo Thomás Herbert, na Relaçaõ da ſua viagem na Perſia, e na India pag. 543. he o nome, que os Portuguezes deraõ a hum notavel paſſaro da Ilha Mauricia, e tambem da Ilha de Diogo Ruis. Tem o corpo redondo, e taõ gordo, que alguns delles pezaõ mais de cincoenta arrateis; he mais agradavel à viſta, que bom para o eſtomago. Com as azas, que lhe deu a natureza, naõ ſe póde levantar do chaõ, a metade da cabeça he coberta de pennas negras, da outra parte a outra metade he calva, e toda branca; tem os olhos redondos, pequenos, e brilhantes como diamantes, mas ſem viveza; as pernas ſaõ muito groſſas, negras, e fortes, e he o ſeu eſtomago taõ quente, que como o do abeſtruz, naõ ha pedra, nem ferro, que naõ digira.

Dodona. Cidade do Epiro, na Caonia,

nia, celebre pelo bosque de carvalhos, que fallavaõ, e pelo Templo, e Oraculo de Jupiter Dodoneo. Segundo refere Suidas, dizia Demon Atheniense, o Templo de Jupiter Dodoneo era cercado de humas bacias de cobre, pegadas humas às outras, e que tocando em huma, o movimento se communicava a todas em roda, e fazia huma certa harmonia, que durava bastante tempo. Dizem outros, que era hum carvalho sonoro, que quando era consultado, sacudia os ramos, e as folhas, e declarava as suas repostas por humas Sacerdotizas, chamadas Dodoneas. Dizem os Poetas, que para a construcçaõ dos navios dos Argonautas, foy cortada a madeira destes carvalhos, e que por esta razaõ elles fallavaõ, e pronunciavaõ Oraculos. Na Cidade de Dodona havia huma fonte, cujas aguas (segundo diz Plinio) ainda que muito frias tornavaõ a accender tochas novamente apagadas, o que o Poeta Lucrecio explica com razoens Fisicas, attribuindo este effeito a vapores bituminosos, exhalados da terra; outros o attribuem à antiperistasis da grande frialdade, que reconcentrando o pouco calor, que ficava nos pavios, e na circunferencia delles, as tochas se tornavaõ a accender. Houve huma Dodona filha de Jupiter, e de Europa. As Ninfas, que tiveraõ a seu cargo a criaçaõ de Jupiter, foraõ chamadas Dodonidas. Tambem houve huma ribeira, chamada Dodona, que se metia no rio Acheloo. *Dodona, æ. Fem.*

DOE

Doença. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Dos Aphorismos de Hippocrates tomou hum curioso os nomes das doenças, que ordinariamente reynaõ nas quatro Estaçoens do anno, e as poz nos versos Latinos, que se seguem.

Hi verno fieri soliti sunt tempore morbi,
Lepra, melancholiæ, raucedo, gravedo, furorque,
Sanguinis effluxus, tussis, angina, caducus,
Asperitas diversa cutis, vitiligo, lichênes,
Denique & in articulis dolor, & tubercula multa.

Lib. 3. Aphorism. 20.

Morbi, æstate magis invalescentes.

Æstivo nonnulli horum quoque tempore fiunt.
Continuantque febris, vel quæ vehementiùs ardet.
Quæ terno, quartove die redit, ulcus in ore,
Ophthalmia, aurisque dolor, putredoque turpis,
Sudores, vomitus, nec non profluvia ventris.

Aphor. 21.

Morbi Autumnales.

Æstivi Autumno quoque multi, & volvulus, hydrops,
Quartana, dubiæque febres, splenisque tumores.
Tormina, difficiles urinæ, lævior alvus,
Et dolor in coxis, angina, epilepsia, tabes,
Asthma, melancholiæ, nec non vesania mentis.

Aphor. 22.

Morbi Hyemales.

At Brumæ tales fiunt sub tempore morbi,
Phlegmone pulmonum, pleuræ, raucedo, gravedo,
Lethargus, capitis vertigo, apoplexia, tussis,
Thoracis quoque lumborum, cerebrique dolores.

Doente. Vid. tom. 3. do Vocabul.

Outros *Adagios do* Doente.

Hum dia frio, e outro quente, logo hum homem he doente. Naõ ha moço Doente, nem velho saõ. O saõ ao Doente, em regra o mete. Em casa da parida, ou Doente, o lugar naõ se aquente.

Doesburgo. Cidade dos Paizes Baixos, no Condado de Zutphen, sobre o rio Issel, na boca de Druzo. Os Latinos lhe daõ varios nomes, a saber, *Doesburgus, Drusiburgus, Teutoburgium*, e *Arx Drusiana.*

Doesto.

Doesto. Vid. tom. 3. do Vocabul.

Esta alimaria escondida
Com que Doesto a afrontou
Para lhe tirar a vida?

Obras Metric. de Dom Francisco Man. Çamfonha de Euterpe, pag. 111. col. 1.

DOG

Doge. Titulo, que responde a Duque. Genovezes, e Venezianos o daõ à Cabeça da sua Republica. Preside este Principe em todos os conselhos, e antigamente era como Soberano, mas hoje naõ póde fazer nada sem consentimento do Senado. Reside no Palacio Ducal de S. Marcos, e fóra delle tem menos authoridade, que qualquer homem particular, porque lhe naõ he licito meterse em cousa alguma. Naõ sahe da Cidade, sem pedir aos seus seis Conselheiros de Estado huma especie de licença, e quando lhe succede sahir, naõ leva insignia alguma exterior, demostradorá da sua authoridade, e distinctiva da mais nobreza. Na moeda de Veneza, em lugar da sua imagem, se vê hum Doge, com os habitos Ducaes, ajoelhado diante da figura de S. Marcos, para significar, que elle he subdito da Republica, cujo symbolo he S. Marcos. Abaixo das Cabeças Coroadas tem o Doge de Veneza seu lugar, com precedencia aos mais Principes. Depois da sua eleiçaõ, a primeira acçaõ do Doge, he apparecer ao Povo. Para este effeito sobe a hum Throno, a que elles chamaõ *Poço* pela semelhança da figura, o qual se guarda no Arsenal para esta funçaõ; assentado neste Throno, sobre hum andor, levado por alguns duzentos homens da fabrica do Arsenal, e com hum dos seus filhos, ou dos seus mais chegados parentes por detraz de si em pé, anda o Doge ao redor da Praça de S. Marcos, deitando ás rebatinhas moedas de prata, e ouro, que elle tem diante de si em duas palanganas. O costume de lançar este dinheiro, foy introduzido no anno de 1872. pelo Doge Sebastiaõ Ziani, para aplacar o Povo que se via privado do antigo direito da eleiçaõ do Principe da sua Republica. *Reipublicæ Venetæ Dux, ucis, Masc.*

Dogo. He tomado do Inglez *Dog*, que quer dizer *Caõ*. Dogos saõ caens grandes, que se lançaõ a boys, e pegando, naõ largaõ a preza: os bons vem de Inglaterra. *Britannicus canis maior.* Tambem lhe poderás chamar *Molossus Britannicus*, porque ainda que certo Author criticando na palavra *Molossus*, diga, *Molossos his temporibus, & regionibus, minus propriè dicas canes hujusmodi decumanos, nec enim è Molossiâ, Epiri regione, sed ex Angliâ advehuntur*, achamos, que alguns Poetas daõ o nome *Molossus*, a caens grandes, ainda que naõ sejaõ desta Regiaõ do antigo Epiro, chamada *Molossia*, e naõ he mais improprio chamar a hum Dogo de Inglaterra *Molossus Britannicus*, do que dizer com Petronio *Asturco Macedonicus*, ainda que *Asturco* se diga propriamente de hum ginete das Asturias.

Naõ sey, se vistes em fila
Dogos de fila, de Ingrez
Que golosos das orelhas
Do boy quaes moscas do mel
Como os brincos das lacayas
Da Senhora Dona Ignez
Pendurados dos ouvidos
Naõ cessaõ de lhos roer.

Obras Metric. de D. Franc. Manoel na Viola de Talia, Romance 31. pag. 218. col. 1.

DOI

Doilo. He usado neste Adagio: Naõ te alegres com meu *Doilo*, que quando o meu for velho, o teu será novo.

DOL

Dol, e Dola. Saõ duas Cidades de França, differentes huma da outra: Dol he Cidade da Provincia de Bretanha, Dola he Cidade do Condado de Borgonha.

Dolanquim. Tinta negra, que vem da China. Vid. Tinta.

Dolinha. Vid. Doninha. (Lebres, coxos, *Dolinhas*. Fr. Jacinth. de Deos, Vergel de Plantas, 209.)

DOM

Dom. Titulo. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Aos Abbades de Alcobaça se dá o titulo de *Dom* antes do nome proprio, conforme o texto da Regra dos Abbades Benedictino-Cistercienses, que tem *Dom*, e o mesmo Padre S. Bernardo o teve, e usou delle com todos os outros Santos, primeiros Fundadores da Reformaçaõ de Cister, e os Monges particulares, ou se chamavaõ tambem de *Dom*, ou usavaõ do nome proprio, puro, sem outra alguma divisa, como consta das Escrituras dos seus antigos Cartorios. Em Italia, Alemanha, França, e outras terras da Christandade, todos os Monges, assim os Prelados, como os particulares, sempre usaraõ, e usaõ ainda hoje de *Dom*, ou sejaõ os Monges antigos, ou os modernamente reformados, como saõ em França os Monges de S. Bernardo, chamados Fulienses, e em Italia os de S. Bernardo da Penitencia, os quaes todos usaõ de *Dom*, antes do nome proprio, e he isto tanto assim, que pelo costume de os tratar a elles de *Dom*, que he impropria, e indigna da gravidade Monacal a divisa de Fr. o Licenciado D. Pedro de Ciria Raxis y Inojosa, Beneficiado de S. Joaõ dos Reys da Cidade de Granada no 2. tomo das Santas da Ordem de S. Bento, fallando no cap. 63. da Santa Regra, nota 14. fez huma exhortaçaõ aos Padres do Cap. Geral de S. Bento de Valhadolid, para que mandassem por ley do Capitulo, que todos os seus Monges indistinctamente, assim os Abbades, como os particulares, se chamassem de *Dom*, e largassem o *Fr.* provando com doutas razoens, tiradas do texto da Santa Regra, e dos Sagrados Canones, e com o exemplo das naçoens estrangeiras, em como assim tinhaõ obrigaçaõ de o fazer. *Alcobaça illustrada, no fim do Prologo da 1. parte.*

Dom. Titulo. Vid. tom. 3. do Vocabul. Quem quizer saber donde teve este nome *Dom* sua origem, lea a Scipiaõ Amurato nas Familias de Napoles.

Dominico. Religioso da Ordem, fundada por S. Domingos, approvada pelo Papa Innocencio III. no Concilio Lateranense, anno de 1215. e no anno seguinte confirmada por seu successor Honorio III. debaixo da Regra de Santo Agostinho, e de outras Constituiçoẽs de seu Santo Fundador. He huma das mais florentes Religioens em letras, e virtudes; encheo as Universidades de Doutores, as Livrarias de Escritores, o Vaticano de Cardeaes, e Pontifices, a Igreja de Confessores, e Martyres, o Ceo de Bemaventurados, e Santos. *Dominicanus, i, Masc.* ou *E Sancti Dominici Familiâ vir religiosus, i, Masc.*

DON

Dona Branca. Jogo de meninos.

Dona Branca. Casta de uva. Vid. Reapeiro, mais abaixo no seu lugar Alfabetico.

Donaverta. Cidade Imperial de Alemanha, sobre o Danubio, na Suevia. *Donavertia*, ou *Vertia, æ, Fem.*

Donaire. Os donaires de hoje saõ muy differentes dos que ha poucos annos se usavaõ. A circunferencia do donaire era pela cintura da mulher, a modo de guardinfante, mas com menos roda; hoje o reambito do donaire he pelos pès, sustentado com barbas de balea, e taõ inchado, que parece vèla para navegar com sotavento em terra firme.

Donde. Vid. tom. 3. do Vocabul.

Adagios Portuguezes do Donde.

Donde fogo naõ ha, fumo naõ se levanta. Donde foste Pagem, naõ serás Escudeiro. Donde tiraõ, e naõ poem, cedo chegaõ ao fundo. Donde muitos cospem, lama fazem. Cuidando donde vás, te esqueces donde vens. Donde sahio a cabra? Entre o cordeiro. Donde es homem? Donde he minha mulher. Donde vindes aranha? De casa de minha cunhada. Donde

de te querem muito, naõ vás a miudo. Donde perdeste a capa, dahi te guarda. Donde te querem, ahi te convidaõ. Dondeo Clerigo canta, dahi janta. Nas unhas, e nos pés, semelharás donde vens. Dondo veyo a Pedro fallar Gallego? He tomado do Adagio Latino, *Syrus cum non sis, ne Syrissa*; e se dizia daquelle, que no trato, e na falla, affectava ser o que naõ era, e queria passar por homem da Syria, sendo natural de outra terra. E a galantaria he, que *Syrissare*, se póde derivar do Grego *Syrizein*, que val o mesmo que *Tocar frauta*; e neste sentido se póde applicar o Adagio Latino, a quem se quer inculcar perito no officio, que naõ sabe.

DONDO. Palavra de Trazosmontes. Fazer huma cousa donda, he puilla, ou safilla.

DONINHA. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Ha huma especie de Doninha de cor ruiva, que se cria nos montes; e he muy ligeira, e com seu rabo muy felpudo, se defende do Sol, donde lhe chamaraõ os Latinos *Sciurus*, de *Sxia*, que no Grego he *Sombra*, e *Oura*, Rabo. Os Castelhanos lhe chamaõ *Harda*, e no diminutivo *Hardilla*; os Francezes *Ecureau*, ou *Ecurevil*; os Italianos *Schirato*, ou *Schiratolo*. Nos nossos Diccionarios Portuguezes naõ achò o seu proprio nome Portuguez, porque sobre a palavra *Sciurus*, ou (como quer Aldrovando, tom. 3. De Quadrupedibus, pag. 405.) *Sciurus Getulus*, ou *Sciurus varius*, ou simplezmente *Varius*, na sua Prosodia, verbo *Sciurus*, o Padre Bento Pereira diz: Doninha de rabo muy felpudo, a modo de raposa; sobre a dita palavra no seu Diccionario Lusitanico Latino, nenhum nome lhe dá, mas diz assim *Sciurus*, hum certo animal. Agostinho Barbosa no seu *Index nominum linguæ Latinæ*, naõ faz mençaõ delle; só Amaro de Reboredo no seu *Compendium Calepini*, com nome Castelhano, e Orthografia Portugueza diz; *Sciurus*, Ardilla; e o Padre Fr. Thomás da luz, na sua Amalthea Onomastica, pag. 4. col. 2. diz *Harda*. Supponho, que nas Provincias de Portugal tem este nome; se me vier a tempo, darey conta delle neste Supplemento.

Doninha. Vid. tom. 3. do Vocabul.

Doninha, peixe. Tambem ha peixe deste nome, como se póde ver na Prosodia de Bento Pereira, verbo *Galeos*. E ha muitas especies deste peixe, como poderá o Leitor ver no Indice do livro *de Piscibus* de Aldrovando nas palavras, *Mustela*, *Mustelus*, e *Galeus*.

DONO. Vid. tom. 3. do Vocabul.

Adagios Portuguezes do Dono.

Amor, fogo, e tosse a seu Dono descobre. Carro, que canta a seu Dono avança. Qual he o caõ, tal he o Dono. Grande carga leva a carreta, mayor a leva o Dono della. Naõ cava de coraçaõ, se naõ o Dono do furaõ. Vaso novo, primeiro bebe, que seu Dono. Tal he o dado, como seu Dono. Dadiva de ruim a seu Dono parece. Sempre o alheyo suspira por seu Dono. Mal conhecido, com seu Dono morre. Donos daõ, e servos choraõ. Perdese o bom ganhado, e o mal, e elle, e seu Dono. Dinheiro de onzena, com seu Dono come á mela. Fazenda, teu Dono te veja. Fuzada miuda, a seu Dono ajuda. Trigo acamado, seu Dono alevantado.

DOR

DOR. Ha muita casta de dores corporaes. Dor grande, dor leve, dor continua, dor intermitente, dor stomachica, dor arthritica. Com palavras Gregas, chamaõ os Medicos à dor da cabeça *Cephalalgia*, a dor do coraçaõ *Cardialgia*, a dor dos ouvidos *Otalgia*; a dor de dentes *Odontalgia*. O peccado da mulher foy castigado com as dores do parto. O Estoico dirá, que naõ ha dor no Mundo. Na sua mayor conformidade com a vontade de Deos, naõ deixava Job de se queixar das suas dores; na Cruz se queixou o Senhor do seu desamparo, para que naõ imaginassem os Judeos, que era insensivel. Para a dor, o mais efficaz reme-

remedio, he considerar, que se he grande, será breve; se leve, se dilatarà. No livro de *Natura Deorum*, diz Cicero, quando a dor aperta muito, he final, que està na sua declinaçaõ; brevemente acabará comnosco, ou nós brevemente acabaremos com ella.

Outros Adagios Portuguezes da Dor.

Dor de cotovello, e Dor de marido, ainda que doa, logo he esquecida. Como me crescerão os favores, logo me crescerão as Dores. Póde haver soffrimento na dor, e naõ no temor.

Dor. Paixaõ d'alma, sentimento, afflição. A dor verdadeira manda lagrimas aos olhos, e à boca suspiros; por elles interpretes falla a dor, e com elles forçosamente se explica; porque tira à lingua as palavras, e faz emmudecer a eloquencia. Mas que muito, que huma grande dor suspenda Rhetoricas, pois chega a desbaratar vidas. Affonso XI. morreo de sentimento de naõ poder dar soccorro a seu tio, contra os Sarracenos. Pio II. e Innocencio III. morreraõ da magoa, que ambos tiveraõ, o primeiro vendose sem o auxilio dos Principes Christãos para acudir a Ancona, sitiada do Turco; o segundo pela nova, que lhe deraõ da derrota do Exercito, que elle havia mandado contra Manfredo. Morreo Amurath II. da pena, que teve de se ver obrigado por Scanderbech a levantar o sitio de Croya no Epiro. *Dupleix no Tratado da vida e da morte, pag.* 211. Até na Historia Fabulosa temos exemplos da dor homicida. Nas memorias da Gentilidade chorou Niobe a morte de seus filhos, mortos por Apollo, com lagrimas taõ abundantes, que esgotado o humido radical, ficou convertida em hum penedo; olhando Egeo para o baixel, que trazia a seu filho Theseo para a Patria, e reparando no funebre apparato das velas negras, supposto que era luto de seu filho morto pelo Minotauro de Creta, lançouse ao mar, e sem outra tormenta que o seu tormento, fez naufragio da vida. Os desgostos leves franqueaõ às queixas o passo, os medianos exhalaõ a pena, os grandes absorbem o espirito. A insensibilidade, e o silencio saõ as unicas cores, com que huma grande dor se póde representar ao vivo. Para demonstraçaõ da perpetuidade da sua dor, escolheo hum discreto, hum amaranto no meyo das aguas de huma fonte, com o mote: *A lacrymis mea vita viret*; porque he o amaranto herva, que metida na agua sempre vive, e com o seu amargor permanece. Para a dor he necessario buscar remedios no Ceo, que naõ os póde haver na terra, que he valle de lagrimas; e naõ he possivel, que com lagrimas se enxuguem.

DORIA. Regiaõ da Grecia, na Acaya, hoje lhe chamaõ *O Valle de Lavadia*. O Dialecto Dorico, que para os Gregos era hum dos quatro, era usado dos Lacedemonios, e Argivos, e depois passou ao Epiro, Lydia, Sicilia, Rhodes, e Creta, e he o com que fallaraõ, e escreveraõ Archimedes, Theocrito, e Pindaro. Tambem hũa das cinco ordens da Architectura, tomou seu nome dos Doricos, ou moradores da Dorida, que talvez seriaõ os inventores della. *Doron* no Grego quer dizer *Donativo*, donde veyo o Adagio *Dorica Musa*, que se acha em Aristophanes, e se accommodava aos que naõ compunhaõ versos, senaõ pelo interesse de algum presente. Tinhaõ os Gregos outro proverbio, que dizia *Doricè concinere*, contra os que prometem huma cousa, e fazem outra. Os Authores Gregos, e Latinos chamaraõ a Dorida, *Doris, idis, Fem.* Os Povos da Dorida: *Dores, Dorium, Masc. Plur. Plin.*

DORIS. Ninfa marinha, filha do Oceano, e de Thetis, depois de casada com seu irmaõ *Nereo*, foy mãy de muitas Ninfas, que do nome de seu pay foraõ chamadas *Nereidas.* Muitas vezes se valem os Poetas do nome de *Doris*, para dizer a Deosa do mar, e algumas vezes para significar o mesmo mar, como nestes versos das Bucolicas de Virgilio, Eclog. 10. vers. 4.

Sic tibi cum fluctus subter labere Sicanos,

Doris

Doris amara suam non intermisceat undam.

Dormentes. Vid. tom. 3. do Vocabulario.

Dormentes. Em Lagar do vinho, saõ duas pedras compridas, que se metem com a ponta na terra; e ficando empinadas, nas pontas de cima saõ furadas, e nos furos se lhe mete a agulha. Dizem; que tambem lhe chamaõ *Virgens.*

Dormir. He palavra Latina de *Dormire*, e este verbo se deriva do Grego *Derma*, que significa *Pelle*; porque os Antigos dormiaõ deitados sobre pelles, e (como advertio Vossio nas suas etymologias na palavra *Segestris*) antigamente naõ se dizia *Dormio*, mas *Dermio*, como derivado de *Derma*.

Outros Adagios do Dormir.

Senaõ durme meu olho, folga meu osso. Sobre comer, dormir, sobre cear, passos dar. Sobre a sombra da nogueira naõ te deites a dormir. Sono de Abril, deixan a teu filho dormir, e o de Mayo a teu cunhado. Moça de Meijaõ, naõ dorme sono sem feraõ. Se queres ser pobre sem o sentir, mete obreiro, deitate a dormir. Quando durmo, canço, que será quando ando. Quem com mao visinho ha de visinhar, com hum olho ha de dormir, e com outro vigiar. Para quem ganhas ganhador? Para quem está dormindo ao Sol. O ciume sentido, às vezes acorda o caõ dormindo.

DOS

Dositheos. He hum dos quatro ramos da Seita dos Samaritanos. Naõ comiaõ cousa animada, e com taõ grande rigor guardavaõ o Sabbado, que naõ se tiravaõ de hum lugar todo o dia. Casavaõ huma sò vez, e muitos delles passavaõ a vida em celibato. De Dositheo seu fundador tomaraõ o nome.

DOT

Dotador. Aquelle que deu o dote. *Qui dotavit. Dotator*, he para Jurisconsultos. (Fundouse (este Convento) em huma quinta do *Dotador*. Corograf. Portug. tom. 3. pag. 299.)

DOU

Doudejar. Vid. tom. 3. do Vocabul. Doudejar. Ser namorado. Ser doudindo. Andar com amoricos. *Lascivire, io, ivi, itum. Sen. Phil. Petulcè, & procaciter se gerere.*

Doudo. Vinho doudo. Vid. Vinho.

Douradinha. Jogo de cartas.

Dourado. Os tempos dourados. A idade dourada. Vid. Idade. (O uso daquelles *Dourados* tempos. Histor. dos Loyos, pag. 449.)

Dourados. Cavalleiros Dourados. Em Inglaterra se chamaõ assim huns Cavalleiros, aos quaes por insignia se daõ humas esporas douradas. Antigamente naõ se concedia esta honra, se naõ a pessoas militares, que a tinhaõ merecido no exercicio das armas; foy-se depois vulgarizando, tambem se tem dado a homens de beca; como pelo contrario nas Universidades se daõ algumas vezes degraos a homens de capa, e espada: com tudo entre togados naõ se dá se naõ a Advogados, e Medicos; e naõ a Theologos. Ed. Chamberlayne no *Estado presente de Inglaterra. Equites Aurati.*

Dourar. Vid. tom. 3. do Vocabul. Dourar os telhados das casas. *Illinere aurum tectis. Senec.* (*no, levi, illitum.*)

Doutor. Na opiniaõ de alguns sahio este titulo pelos annos mil e duzentos do Nascimento do Senhor, para succeder ao titulo de Mestre; e o uso delles, como tambem dos mais degraos Escholasticos, a Bachareis, e Licenciados, na fórma que hoje os temos, se attribue a Pedro Lombardo, e a Gilberto de la Porèa, que naquelle tempo eraõ os mais celebres Theologos da Universidade de Pariz. Com tudo estes dous titulos, *Mestre* e *Doutor* naõ deixaraõ de se conservar juntamente bastante espaço de tempo, posto que (segundo querem alguns) os fuçoens delles eraõ differentes; os Mestres ensinavaõ as sciencias huma-

humanas; os Doutores ensinavaõ as sciencias, que dependem da revelaçaõ, e só com a Fé se alcançaõ. Aos que nas Escholas da Medicina, Jurisprudencia, e Theologia se tem singularmente assignalado com sua doutrina; por naõ parecerem bastantemente distinctos com o titulo de Doutor, que a muitos he commum, e só denota o grao, e a profissaõ, se deraõ epithetos especificos, para os distinguir do vulgo dos Doutores, e para mayor realce do seu merecimento. Desta singular estimaçaõ procederaõ os gloriosos titulos de *Doutor Angelico, Doutor Serafico, Doutor Subtil, e Doutor Illuminado*, e outros muitos, com que a Eschola quiz honrar seus Mestres. Alexandre de Ales, he commummente chamado *O Doutor Irrefragavel*, isto he, cuja doutrina se naõ póde impugnar com razaõ. Com muita razaõ chamamos a Santo Thomás *O Doutor Angelico*, ou *o Anjo das Escholas*. S. Boaventura he cognominado o Doutor Serafico, ou porque sabia como hum Serafim, ou porque era o mais illustre Doutor da Religiaõ Serafica. Scoto, por outro nome João Duns, Escocez, he chamado o *Doutor Subtil*; Raimundo Lullo, o *Doutor Illuminado*; Alano da Ilha, Reitor da Universidade de Pariz, que morreo anno de 1294. foy chamado o *Doutor Universal*. Durando de S. Porciano, teve o titulo de *Doutor muito resoluto*; porque decidia as questoens com notavel resoluçaõ, e na opiniaõ de alguns com nimia confiança. Gregorio de Rimini, Geral dos Agostinhos, foy chamado o *Doutor Authentico*. Joaõ Taulero, o *Doutor Illuminado*, pelas grandes luzes, que parecia ter do Ceo. Joaõ Gerson, *O Doutor Christianissimo*, porque doutamente resistio aos que queriaõ introduzir na Igreja Catholica novidades contrarias à liberdade Euangelica; e à Santa simplicidade da Religiaõ; donde lhe veyo o titulo de *Doutor Euangelico*.

Na Igreja Oriental, tomase o nome de Doutor por outro modo, que o nosso. Usaõ os Gregos da palavra *Didascalos*, tomada do Testamento Novo, onde faz mençaõ dos Bispos, e Pastores, que ensinavaõ a Doutrina Christãa, e entre elles responde ao que chamamos *O Theologal*. Este genero de Doutores tem differentes officios. Na Igreja Mayor de Constantinopla o officio de hum era explicar o Euangelho; chamavaõlhe *O Didascalos*, ou *Doutor do Euangelho*; o officio de outro era explicar as Epistolas de S. Paulo; chamavaõlhe *O Didascalos*, ou *Doutor do Apostolo*, isto he, *das Epistolas do Apostolo*. Tambem havia hum *Didascalos*, ou Doutor do Psalterio, para explicar os Psalmos. Os Bispos Gregos daõ todos estes officios com a imposiçaõ das mãos, do mesmo modo que nas Ordens. Na sua Prefaçaõ sobre Tertulliano diz Rhenano, que pelos annos de 1140. os que liaõ publicamente o livro das Sentenças de Pedro Lombardo, Bispo de Pariz, começaraõ a ser chamados Doutores. Em Inglaterra o nome, ou grao de Doutor naõ foy conhecido atè o reynado delRey Joaõ, pelos annos de 1207. e por hum decreto da Universidade Oxoniense do anno de 1384. no reynado de Ricardo os Doutores em Medicina alcançaraõ a preminencia de Doutores em Direito. Em Alemanha, pelos annos de 1135. no tempo do Emperador Lothario se distinguio o titulo de Doutor do de Mestre.

DOUTORAL. Conego Doutoral. He o que sabe de Jurisprudencia, e dá o seu voto em materias Legaes.

DOUTRINA CHRISTÃA. Congregaçaõ Religiosa, fundada pelo Beato Cesar de Bus, Provençal. O fim deste Instituto he cathequizar o Povo, e imitar os Apostolos, ensinando os Mysterios da nossa Santa Fé. O Papa Clemente, com Breve especial, e solemne approvou esta Congregaçaõ. Paulo V. com outro Breve deu a estes Doutrinantes licença para fazer votos, e incorporou a sua Religiaõ com a dos Clerigos Regulares Somascos, para de ambas as Ordens fazer huma, governada por hum só Geral. Por hum terceiro Breve do Papa Innocencio X. passado

passado aos trinta de Julho de 1647. os Padres da Doutrina Christãa ficaraõ separados dos Padres Somascos, debaixo do seu Geral particular, e Francez. Com a intercessaõ delRey Christianissimo Luiz XIV. alcançaraõ este Breve, e já tem no Reyno de França tres Provincias, com muitas Casas, e alguns vinte e seis Collegios.

Doux. Rio de França, no Condado de Borgonha. *Dubis*, ou *Alduadubis*.

DRA

Dragoeira, ou sangue de dragaõ. Vid. tom. 3. do Vocabulario Dragaõ, e Dragoeira. He na Ilha de S. Lourenço, e outras partes huma arvore do tamanho de nogueira, da casca de cujos ramos, e troncos, pelas incisoens, ou cortes, que lhe deraõ, sahe huma goma, ou succo taõ vermelho, como o sangue de qualquer animal. O fruto he do tamanho, e quasi do feitio de huma perinha, *Dodoneo* lhe chama *Dragonal*. Do caroço deste fruto se tira hum oleo, que he soberano remedio para inflammaçoens, erysipelas, sarnas, &c. Disseraõ alguns, que debaixo da casca do dito fruto, se acha nella a figura de hum *Dragaõ*, mas *Flacourt*, que descascou muitos para examinar se era verdade, declara, que he falso. Tambem no livro da sua Ethiopia Oriental fol. 135. col. 4. diz o Padre Fr. Joaõ dos Santos, que na Ilha de Socotorá se estyla de humas arvores muy grandes, chamadas commummente Dragoens, hum licor ao modo de rezina, que se congela em lagrimas vermelhas, e transparentes, as quaes naõ saõ o verdadeiro vermelhaõ, porque este he mineral, e se tira de debaixo da terra.

Dragonario. Na milicia Romana era o Alferez da Infantaria. Levava a cabeça de hum Dragaõ de prata, o restante do corpo era de tafetá, pegado na ponta de hum pique; representava hum Dragaõ volante ao impulso do vento. *Draconarius*, *ii*, *Masc.* Na declinaçaõ do Imperio succedeo a insignia do Dragaõ à das Aguias. *Draconarios* tambem foraõ chamados os soldados, que antigamente, com a figura de hum Dragaõ na bandeira, acompanhavaõ ao Papa.

Draguinhaõ. Cidade de França na Provença, na Diocese de Frejus. *Draconæ*, *arum*, *Fem. Plur.* *Draguinianum*, *i*, *Neut.*

DRO

Droma. Rio de França no Delfinado. Papyrio Masson compara este rio com huma torrente impetuosa, cuja violencia he taõ grande, que naõ ha obstaculo que a reprima. Nenhum antigo Geografo tem feito mençaõ deste rio. Ausonio he o primeiro, que falla nelle, *in Mosel.*

Te Druna, sparsis incerta Druentia ripis.

Metese no Rhodano, tres legoas abaixo da Cidade de Valença. *Druna*, ou *Druna*, *æ*, *Fem.*

Dromona. Cidade Episcopal de Irlanda, na Provincia de Ultonia, sobre o rio Lagang. *Dromonia*, ou *Drumoria*, *æ*, *Fem.*

Drontheim. Cidade maritima da Noruega. Foy Corte dos antigos Reys; mas descahio de sorte, que os Governadores da Noruega fazem em Berghen a sua residencia. Nesta Cidade se vem as ruinas de huma das mais magnificas Igrejas do Norte.

DRU

Drusos. Povos da Palestina no contorno do monte Libano. Fazemse Christãos, mas sem outro sinal da Religiaõ Christãa, que o fallar com respeito do Filho de Deos, e de sua Santissima May. Aborrecem com odio novercal os Judeos, e os Mahometanos; e tem hum modo de viver differente de todos os mais homens. Fazem a sua vivenda em cavernas, naõ saõ circumcidados, casaõ com suas proprias filhas sem escrupulo, e cuidaõ, que lhes he licito commetter todo o genero de incestos. O Rabbino

Benja-

Benjamim, que morreo em Castella no anno de 1173. faz mençaõ desta gente no seu Itinerario. Querem alguns, que elles Drusos sejaõ originarios de França, e descendentes de hum certo Cavalheiro da Casa de *Dreux*, companheiro de Godefroy de Bulhaõ na empreza da conquista da Terra Santa, o qual era Coronel de hum Terço, e vendose apertado dos Sarracenos, se acolheo ao monte Ingaddi, perto de Belem, donde ao inimigo naõ foy possivel tirallo. Permaneceraõ neste lugar mais de quarenta annos, e com as mulheres que tinhaõ, povoaraõ todo aquelle Paiz. Escreve Ricaut, que depois da perda de Jerusalem, anno de 1187. os Drusos se recolheraõ nos montes, donde pouco depois perderaõ todo o conhecimento, que tinhaõ da Doutrina Christãa, e abraçaraõ huma nova Religiaõ, que hum falso Profeta, chamado Isman, introduzio entre elles. Mas naõ he provavel, que sendo ainda os Christãos Senhores de Jerusalem, e de boa parte da Palestina, houvesse Christãos, que se deixassem perverter por hum falso Profeta antes do anno de 1173. Tambem se naõ póde dizer, que este retiro dos Drusos succedera só depois da expugnaçaõ de Jerusalem por Saladino, Rey da Syria anno de 1187. pois havia gente desta Religiaõ, anno de 1170. Bem poderá ser verdade o que certos Historiadores conjecturaõ. Dizem, que estes *Drusos* saõ os mesmos, que os *Dazares*, ou *Dazares*, dos quaes faz *Elmacim* mençaõ na sua historia, onde dá a entender, que a sua Religiaõ consistia em approvar, e authorizar todo o genero de vida licenciosa, em permittir que os irmãos casassem com as irmãas, os pays com as filhas, os filhos com as mãys, e em tirar todos os exercicios de piedade, como o jejum, a oraçaõ, a romaria a Meca, &c. A sua vivenda era na Syria. O Author desta Seita começou a prégar pelos annos de 1030. Chamavase *Muhammed Ben Ismael*, o que poderia dar motivo para que se dissesse, que fora Isman Author desta nova Religiaõ, porque pouca differença vay do nome *Isman* ao de *Ismael*. Os Drusos sempre habitaõ os montes, onde tem feito callo ao trabalho. Tem mosquetes, e alfanges, que sabem manejar com bastante destreza. Sabem fazer a polvora, que lhes póde ser necessaria, com os mesmos ingredientes, que a nossa, mas com pouco artificio, e como der, e vier nos lugares em que se achaõ. Saõ summamente ciosos das suas mulheres, e ellas pela mayor parte sabem ler, e escrever; o que os Drusos desprezaõ, como prendas inuteis, e que só pódem prestar em pessoas pusillanimes, e ineptas para as armas. Com estes Drusos tem os mercadores Francezes grande commercio pelas sedas; elles tem Principes, que saõ da Casa de *Maan*. O Emir Fekh-red-din era desta familia. As guerras, que teve com os Turcos, fizeraõ celebre o nome dos Drusos. *Ricaut Historia do Imperio Ottomano.*

DRY

DRYOPE. Ninfa de Arcadia; que (segundo diz Homero) cohabitou com Mercurio, e delle houve ao Deos Pan. Pelo contrario, no seu Dialogo de Pan com Mercurio, Luciano o faz filho de Penelope, filha de Icaro, a qual em Arcadia foy forçada por Mercurio, transformado em bode; o que foy a causa de nascer Pan com cornos, barba, rabo, e pés de cabra. Outros fazem a Dryope donzella de Oechalia, a qual depois de desflorada por Apollo, foy mulher de Andremon, e finalmente convertida em *Loto*, herva, a que vulgarmente chamamos *Lodaõ*. *Dryope, es, Fem.* Desta Dryope diz Ovidio lib. 9. Metamorphos.

Et quærunt Dryopen, Dryopen quærentibus illis
Ostendi Loton, tepido dant oscula ligno.

Dryope tambem he o nome de huma Cidade, e de huma filha de Euripylo; e *Dryopes* saõ huns Povos vesinhos ao monte Parnaso, e ao monte Oeta, dos quaes

cuias diz *Virgilio*, *lib.* 4. *Æneid. vers.* 146.

Cretesque, Dryopesque fremunt, pictique Agathyrsi.

DUA

Duare. Praça forte na Dalmacia, assentada em hum monte. Os Turcos a tomaraõ aos Venezianos, e os Venezianos aos Turcos, com alternados assaltos, até que finalmente ficou em poder dos Venezianos. *Coronelli*, *Descripçaõ da Morea.*

DUE

Duello. Por desafio. Duello, segundo sua mais celebre analogia, he guerra entre dous, como quem dissera *Duorum bellum.* Seu primeiro Author foy hum Anjo; e seu berço, hum Ceo. Naõ chegou este soberbo Espirito a querer medir a sua espada com o Deos dos Exercitos. Na terra pois houve duellos, logo que houve homens. De todos foy Caim o primeiro, que na innocente garganta de Abel abrio as portas à mortalidade. No Theatro Genealogico da Casa de Sousa, pag. 52. 53. 54. &c. achará o Leitor huma discreta, e larga amplificaçaõ dos desatinos, e estragos do duello, e das ceremonias que antigamente se faziaõ em Hespanha nesta barbara, e sanguinolenta solemnidade.

Duesma. Cidade de França, na Provincia de Borgonha, sobre o rio Senna.

DUL

Dulcinda. Nome, que erradamente se deu a Diul, Cidade da India. Os mercadores Italianos, e outros da nossa Europa, que passaraõ à India por terra, muito antes que se descobrisse pelos Portuguezes por mar, navegando de Ormuz, e de outros portos para o Cinde, que sempre foy huma das celebradas feiras do Oriente, como chegavaõ à boca do rio Indo, achavaõ da outra banda do Poente aquelles Povos *Diulis*, chamados assim da sua principal Cidade, chamada *Diul*, onde elles faziaõ sua habitaçaõ; e dalli passavaõ ao *Cinde*, e hiaõ fazer suas mercadorias à Cidade de *Tátá*, e como eraõ homens idiotas naquellas partes, e naõ sabiaõ fazer differença dos nomes daquella Provincia, dando na Europa razaõ das terras por onde andaraõ, diziaõ, que foraõ ter à *Dulcinda*; confundindo huma cousa com a outra; sendo *Diul* nome da Cidade, e *Cinde* de todo o Reyno, e daqui ficáraõ os Geografos modernos chamando a todo este Reyno *Dulcinda.* *Diogo de Couto*, *Decada* 7. *fol.* 70. *col.* 4. & 71. *col.* 1.

DUN

Dunalema. Festa dos Turcos, que dura sete dias, e sete noites. Em todo este tempo se recreaõ com artificios de fogo, tocaõ tambores, tangem trombetas, disparaõ canhoens, fazem salvas de mosquetaria; no meyo das ruas, juncadas de flores, entre casas ornadas de cortinas, e panos de raz, celebra o Povo banquetes, e com toda a casta de jogos se diverte. Faze esta festa na primeira entrada do Emperador dos Turcos em huma Cidade, ou com a certeza de alguma boa nova, v. g. de huma grande victoria; por outro nome chamase esta festa *Zinè*, ou *Ezinè*. *Ricaut*, *Historia do Imperio Ottomano.*

DUP

Duplex. Usa a Igreja deste vocabulo Latino, para significar a qualidade do Officio Divino, que se ha de rezar no Coro; porque no Officio Duplex se duplicaõ inteiramente as Antifonas, id est, se rezaõ inteiras antes, e depois dos Psalmos, e se observaõ outras circunstancias da mayor solemnidade do dia. Erradamente disse Joaõ Frontono, que Officio Duplex, he aquelle, em que no mesmo dia se reza de dous Santos, ou da Feria, e do Santo juntamente. E assim por naõ entender bem as palavras de

Durando,

Durando, no Kalendario deste Author tinha notado com Officio Duplex huns Santos menos solemnes, e tinha excluido festas, e solemnidades de primeira classe.

DUQ

Duques. Numero no jogo dos dados: no jogo das tabulas Reaes, Duques saõ dous douzes. *Bis bina puncta, orum, Neut. Plur.* Sobentendese *Tesserarum.*

DUR

Durazio. O que tem difficuldade em cursar. *Homo, cui dura est alvus. Alvus dura* neste sentido, he de Plinio Histor.

Duro. Vid. tom. 3 do Vocabul. *Outros Adagios Portuguezes do Duro.* Duro he, deixar o usado. Taõ Duro he ao doudo callar, como ao sizudo fallar. Vós às Duras, eu às maduras. Quem come às Duras, coma as maduras.

DUS

Dusios. He o nome, que antigamente nas Gallias se dava a certos Demonios, que communmente chamamos Incubos, e Succubos. No livro 15 da Cidade de Deos, cap. 23. affirma Santo Agostinho, que ha desta casta de espiritos, os quaes tomando figura humana, inquietaõ as mulheres de sorte, que talvez chegaõ a lograllas.

DYR

Dyrce, e Dyrceo. Vid. supra Dirce, e Dirceo.

DYS

Dysares. Fabuloso Nume, adorado dos antigos Arabes; na opiniaõ de alguns, he o mesmo que Bacco, ou o Sol. Em Tertulliano se lè *Disares*, no Apologetico cap. 24. onde diz, que cada terra tinha seu Deos particular. Em outros Authores se acha *Dusares*, e he Vossio de parecer, que este nome se deriva do Syriaco *Duts*, que significa *Alegria*, e *Arets*, que quer dizer *Terra*, como se quizessem os Arabes dizer, que o seu Deos os alegrava, fertilizando as suas terras. No Phaleg de Bochart. liv. 3. cap. 19. achará o Leitor outras noticias sobre a etymologia da palavra *Dysares*.

E.

E

E Termo de carreiros, que quasi quer dizer, *Anda*; e por este modo se póde entender com terceira interpretaçaõ, além das duas, que traz o Vocabulario na palavra Rodizio, a empreza del-Rey D. Affonso V. *id est*, *Anda Rodizio.* A outros parece, que E he interjeiçaõ, ou particula exhortativa, o mesmo que Ea, o que he esta, supprimindose a letra A no uso da falla.

EAC

EACIDES. He o nome, que se dava a todos os Principes, descendentes de Eaco. E assim Pyrrho, Rey dos Epirotas, e Achilles saõ chamados por Virgilio *Eacides*, porque este Principe, Cabeça de suas Familias, era bisavô de hum, e avô do outro. Em muitos lugares faz Pausanias mençaõ das fortunas, e infortunios desta Casa, e particularmente no 1. livro das Atticas.

EACO. Filho de Jupiter, e de Egyna, filha do rio Asopo. Jupiter, receoso de que Juno chegasse a saber o muito que elle queria a Egyna, a levou para a Ilha de Delos, e della teve hum filho. Mas Juno sabedora do enredo deste namoramento, mandou para a fonte de cuja agua bebia o Povo, huma serpente, que a inficionou de sorte, que toda a pessoa que della bebeo, morreo de repente. Eaco vendose sem moradores, pedio a Jupiter, que quizesse mudar em homens hum grande numero de formigas, que hiaõ passando, o que Jupiter lhe concedeo, e estes novos homens foraõ chamados Myrmidoens, porque *Mirmix* em Grego quer dizer *Formiga*, e a Ilha foy chamada *Egyna* segundo conta Pausanias nas suas Corinthiacas. A Eaco nasceo hum filho, chamado Peleo, que foy pay de Achilles, e outro filho, chamado Telamon, pay de Ayax. Luciano no seu Dialogo do luto, fallando no Inferno diz: *Na descida, logo se topa com huma porta de diamantes, guardada por Eaco, primo comirmaõ de Plutaõ*; e em outro lugar, *mandalhe dizer, que torne a traz, para que algum dos mortos naõ fuja.* Logo daqui se infere, que Luciano faz a Eaco porteiro dos Infernos, juntamente com Cerbero, que he o caõ de tres cabeças. Com tudo, no livro 13. dos Metamorph. Ovidio faz a Eaco hum dos Juizes do Inferno, com Minos, e Rhadamanto.

Æacus huic pater est, qui jura silentibus illis
Reddit.

EBR

EBRBUHARITES. Casta de Religiosos Mahometanos, assim chamados de seu fundador *Ebrbuchar.* Affectaõ huma grande santidade, e hum grande desapego dos bens do Mundo; mas entre os mais Musulmanos naõ deixaõ de ser tidos por Hereges, porque entendem, que naõ tem obrigaçaõ de hir em romaria a Meca. Para se isentarem desta peregrinaçaõ dizem, que a pureza de suas almas, e os extasis com que se levantaõ sobre todas as cousas corporaes, os poem em estado de ver das janellas das suas cellas a Meca, como se actualmente estivessem no meyo della. *Ricaut, Histor. do Imperio Ottomano.*

EBU

EBURNEO. He palavra Latina de *Ebur* Marfim.

Com lagrimas de aljofar derramadas
Pelo Eburneo *rosto.*

André da Sylva Masc. Destruiç. de Hespanha, liv. 4. Oit. 149.

EBUROBRICIO. Antiga Cidade de Portugal, que Plinio no livro 4. cap. 22. assenta nos Turdulos; e Diogo de Vasconcellos, *Annotat. in Resend.* reconhece

por huma Villa, situada nos Coutos de Alcobaça, chamada em nossos tempos Evora, ainda que (como advertio o Padre Bernardo de Brito, Mon. Lusit. tom. 1. fol. 243. col. 4.) o dito Vasconcellos se enganava em cuidar, que esteve neste sitio, porque a Povoação teve seu assento muito mais perto do mar em huma Villa pequena, que chamaõ Alfeizeraõ, na qual se vem muitos letreiros Romanos antigos, o que se naõ acha em Evora de Alcobaça, onde naõ ha indicios, nem rastos de cousa antiga.

ECH

ECHINADES. Cinco pequenas Ilhas da Grecia, na costa d'Acarnania, defronte da foz do rio Acheloo. Dizem, que foraõ formadas das areas, e dos limos, que este rio traz nas aguas do mar. *Plin. livro 2. cap.* 81. O Poeta Tragico Seneca lhes chama *Echines*. No *livro* 8. *Metamorphos.* diz Ovidio, que Neptuno, e Acheloo mudaraõ as Naiades nestas Ilhas, que hoje se chamaõ *Curzoleri*, e *Cozzulari*. Perto dellas perderaõ os Turcos huma batalha contra os Christãos, que destruiraõ a sua Armada anno de 1571. 7. de Outubro, sendo General della Joaõ de Austria filho natural do Emperador Carlos V. *De Thou, liv.* 38. *e* 50. *das historias de seu tempo.*

ECHMALOTARCOS. Cabeças dos Tribus, ou Governadores do Povo Hebreo no tempo do cativeiro de Babylonia (porque o Rey da Persia lhes tinha concedido a licença de viver segundo os seus costumes debaixo da direcçaõ dos Cabos que elles elegeriaõ.) Esta eleiçaõ se naõ fazia se naõ de sogeitos do Tribu de Judá, e da familia de David; ao contrario dos *Nasi*, ou Principes da Synagoga na Terra Santa, que se tomavaõ de todos os Tribus indifferentemente. Depois do cativeiro, o Povo Hebreo restituido à Patria, teve por Cabeça a Zorobabel, e por Summo Sacerdote a Josué, anno da Creaçaõ do Mundo 3516. *Æchmalotarchæ, arum, Masc. Plur.* Esta palavra he Grega, e val o mesmo, que *Principe dos cativos. Selden de Syncedriis.*

ECL

ECLIPSE. Do Eclipse do Sol dizem os Poetas Latinos, *Diem, & se ipsum Sol negat mundo. Velamine nigro ora tegit. Phœbus caligine mergitur atrâ. Sol se subtrahit Orbi. Squallidus Phaetontis genitor, expers sui decoris deficit Orbi. Nitidum caput obscurâ tegit ferragine. Vultum ferrugine Lucifer atra sparsus erat. Condidit ardentes Titan caligine currus; involvitque Orbem tenebris, gentesque desperare diem. Defectus lumine Phœbus. At pater obductos luctu miserabili ægro condiderat vultus. Cur Phœbum tuos rapis aspectus, medioque diem perdis Olympo?*

Do Eclipse da Lua dizem os mesmos. *Velato Phœbe latet abdita vultu. Cum Luna obruitur tenebris caliginis atræ. Quo Luna laborat defecta. Cum Lunæ obscurior Orbis pallicit. Nec credunt fraudatam Sole sororem, Telluris subeunte globo.* Vid. Eclipse no Vocabul.

ECLUSA. He tomado do Francez *Ecluse*, e este do Latim *Excludere*, Excluir, naõ admittir, lançar fóra. No idioma Francez *Ecluse*, he huma obra de pedra, e cal, ou de rabeado, para ter maõ na agua, que naõ escorra, como nos nossos moinhos, o que chamamos *Comporta*, ou *Adufa*. Em França ha Eclusas, que servem de levantar as aguas, e darlhes entrada para os barcos passarem de hum cano, ou canal para outro. No canal de Languedoc, para a communicaçaõ do mar Mediterraneo com o Oceano, no Reyno de França, ha mais de cem Eclusas. Vid. Dique tomo 3. do Vocabular. (No porto de Cales se romperaõ em huma grande tempestade as suas principaes Eclusas. Gazeta de Lisboa 2. de Mayo de 1726. França, fol. 144. no fim.

ECO

Eco, ou Echo. Vid. tom. 3. do Vocabul. Os Poetas Latinos chamaõ ao Eco, *Vox reflexa, repercussa, reciproca. Vox adversis collibus icta. Responsans vocis imago. Sonus à vocalibus antris redditus. Habitans in montibus Echo. Fontibus, atque antris gaudens. Quæ voces, verba reportat, remittit, refert; clamanti assonans. Vocis resultans imago. Vocis imago.*

Muitos annos ha, que Jano Douza, Hollandez, homem douto, e grande Humanista deu à luz hum Catalogo de vocabulos Latinos, para facilitar no idioma Latino o uso deste genero de obra, que ordinariamente dá muito trabalho aos mais agudos engenhos. Como o dito Catalogo he raro, com má ordem impresso, e diminuto, para servir aos amigos deste genero de curiosidades, procurey darlhe melhor fórma, tirar huns vocabulos (na minha opiniaõ) inuteis, e acrescentar outros, que me parecem precisos. Em louvor do dito Douza achey os versos, que se seguem, e no principio da sua propria obra se naõ achaõ.

Proles aeris, ultimæque vocis,
Semigarrula, semimuta custos,
Quæ tantum loqueris, tacesque jussa,
Et sequi potes, & nequis præire,
Vox tantum, neque tota, quæ quod audis
Respondere potes, loquique nescis,
Douzæ *deliciæ, jocusque nostræ,*
Et solatia desidis senectæ.
Docti passere gratior Catulli,
Quàm blandis, numerisque garrulisque
Ciens vocibus Entheæ Camenæ
Haganis animavit in salictis;
Dum semper canit, accipitque semper;
Nec quicquam, nisi sit locutus, audit.
Quæ Douza *præeunte verba summa*
Extremasque soles referre voces;
Nisi illo præeunte, nil sonabis.

ECHO LATINA.

Abire, *Ire.*
Abeas, *Beas.*
Abrahamus, *Ramus.*
Abrumpere, *Rumpere.*
Absurdus, *Surdus.*
Abundate, *Dare.*
Abdicat, *Dicat.*
Abominor, *Ominor, Minor, Verbum, & comparativum.*
Abutor, *Utor.*
Abusus, *Usus.*
Acerbas, *Herbas.*
Arcana, *Cana senectus.*
Arcano, *Cano, id est, Canto.*
Arabit, *Abit.*
Archangelus, *Angelus.*
Absumis, *Sumis.*
Acervos, *Cervos.*
Accepit, *Cæpit.*
Achilli, *Illi.*
Achille, *Ille.*
Accedat, *Cedat.*
Adamat, *Amat.*
Adegit, *Egit.*
Adolet, *Olet.*
Adolebit *Olebit.*
Adonis, *Donis.*
Adopertus, *Opertus.*
Adoriri, *Oriri.*
Adoro, *Oro.*
Adscribere, *Scribere.*
Addixit, *Dixit.*
Aduro, *Uro.*
Addisco, *Disco.*
Adhæret, *Hæret.*
Adamantis, *Amantis.*
Adauget, *Auget.*
Addo, *Do*
Adeo, *A Deo.*
Adulter, *Ter.*
Adornat, *Ornat.*
Adversus, *Versus.*
Æquor, *Cor.*
Æris, *Eris.*
Æquabis, *Abis, bis.*
Æquus, *Equus.*
Æmula, *Mula.*

Æmulus, *Mulus.*
Æsopus, *Opus*, *Pus.*
Agrestis, *Restis.*
Africa, *Frica.*
Africa, *Rica*, *Lusitanicè*, *Dives.*
Agilis, *Lis.*
Alecto, *Lecto.*
Alite, *Lite.*
Altissimus, *Imus. Et sic omnes alii superlativi*, *Optimus*, *Maximus*, *&c.*
Alumen, *Lumen.*
Alauda, *Lauda.*
Aliquos, *Quos.*
Aliquando, *Quando.*
Amare, *Mare.*
Ambire, *Ire.*
Ambis, *Bis.*
Amphitheatra, *Theatra.*
Amori, *Mori.*
Amores, *Mores*, *Ab mores.*
Amaro, *Maro*, *Poeta.*
Amabilis, *Bilis*, *Lis.*
Anemone, *Mone.*
Animalis, *Malis.*
Antiquam, *Quam.*
Antiquas, *Quas.*
Apellat, *Pellat.*
Apelles, *Pelles.*
Aptus, *Thus.*
Aquarum, *Quarum.*
Aquas, *Quas.*
Arabit, *Abit.*
Archivis, *Vis.*
Arbiter, *Ter.*
Armigero, *Gero.*
Arabiæ. *A rabie.*
Ater, *Ter.*
Aspera, *Spera*, *ab spera.*
Athenæ, *Tene.*
Assiduo, *Duo.*
Assurgens, *Urgens.*
Aspectus, *Pectus.*
Atollat, *Tollat.*
Athleta, *Læta.*
Ave, *Væ.*
Avertere, *Vertere.*
Auferre. *Ferre.*
Audet *Det.*
Audivi, *Divi*, *Ivi.*
Audite, *Ite.*

Aucupio, *Cupio.*
Augustus, *Ustus. Gustus. Thus.*
Avena, *Vena.*
Avis, *Vis.*
Aulis, *Lis*, *Quid regnat in aulis? Lis.*
Aurem, *Rem.*
Aurea, *Rea.*
Aureus, *Reus.*
Aurora, *Rora*, *ora.*
Austerus, *Rus.*
Austria, *Tria.*
Beatus, *Tbus.*
Bibo, *Ibo.*
Bicorpora: *Corpora.*
Boves, *Oves.*
Bacchanalia, *Alia.*
Balæna, *Læna. Leæna.*
Balbus, *Albus.*
Bernardus, *Nardus.*
Barathrum, *Atrum.*
Barbaries, *Aries.*
Bellator, *Lator.*
Belligero, *Gero.*
Benedico, *Dico.*
Benefacio, *Facio.*
Benefactum, *Actum.*
Beneficentia, *Entia.*
Bicolor, *Color.*
Bigener, *Gener.*
Bimembris, *Membris.*
Bilustris, *Lustris.*
Bipatens, *Patens.*
Bissextus, *Sextus.*
Biremis, *Remis.*
Bolus, *Olus.*
Bonus, *Onus.*
Brevi, *Ævi.*
Breviter, *Iter.*
Brumalis, *Malis.*
Buccella, *Cella.*
Bubulcus, *Ulcus.*
Briareus, *Reus.*
Cadaver, *Ver.*
Cadavera, *Vera.*
Cadentes, *Dentes.*
Cadivus, *Divus.*
Canendo, *Nendo.*
Candelabrum, *Labrum.*
Camœnæ, *Amœnæ.*
Caminus, *Minus.*

Caulas

Caula, *Aula.*
Caremus, *Remus*, *Mus.*
Castitate, *Ita*, *te.*
Capros, *Apros.*
Caducis, *Ducis.*
Calvi, *Alvi.*
Castrum, *Astrum.*
Castra, *Astra.*
Cæsaris, *Aris.*
Cæcere, *Cedere.*
Canoris, *Noris.*
Ccetator Calvini, *Vini.*
Cacodæmon, *Dæmon.*
Castalias, *Alias.*
Capitalia, *Talia.*
Calfactus, *Factus.*
Calvitium, *Vitium.*
Calvus, *Alvus.*
Campelter, *Ter.*
Cancer, *Anser.*
Candidatus, *Datus.*
Canna, *Anna.*
Capio, *Pio.*
Caper, *Aper.*
Capceratus, *Ratus.*
Capitalis, *Talis*, *Alis*, *Lis.*
Capreolus, *Olus.*
Caprilis, *Aprilis.*
Capro, *Apro.*
Captus, *Aptus.*
Cardiacus, *Acus.*
Cardinalis, *Alis* secunda persona indicativi, *Alo*, *Alis.* Vel dativus, vel ablativ. plural. substantivi *Ala*, *Alæ.* *Alis. Lis.*
Careo, *Reo*, *Eo.*
Carnifex, *I*, *Fex.*
Caro, *Aro.*
Cassus, *Assus.*
Castella, plural de Castellum, *Stella.*
Castus, *Astus.*
Castrensi, *Ensi.*
Catasta, *Hasta.*
Cataplasma, *Plasma.*
Caucasus, *Casus.*
Caveo, *Eo.*
Caverna, *Verna.*
Cavilla, *Villa.*
Causa, *Ansa.*
Cautor, *Author.*
Certamen, *Tamen*, *Amen.*
Celeres, *Celer es.*
Centaurus, *Taurus.*
Cedo, *Edo.*
Cedrus, *Rus.*
Celeriter, *Iter.*
Censes, *Enses.*
Centifolia, *Folia.*
Centimanus, *Manus.*
Ceroma, *Roma.*
Cervix, *Vix.*
Cetero, *Ero.*
Cetera, *Æthera.*
Cetra, *Æthra.*
Clamor, *Amor.*
Clamare, *Amare.*
Clangor, *Angor.*
Chimæra, *Mera.*
Chaldeus, *Deus.*
Chaos, *os*, *oris*, vel *os*, *ossis.* Vel *Hos.*
Character, *Ter.*
Chorea, *Rea.*
Cicur, *Cur*, I, *Cur.*
Cygni, *Igni.*
Cibo, *Ibo.*
Cibis, *Ibis.*
Cieo, *Eo.*
Citò, *Ito.*
Civitas, *Vitas.*
Cicuro, *Uro.*
Circus, *Hircus.*
Cincinnatus, *Natus. Innatus.*
Circumventus, *Ventus.*
Contorqueo, *Queo.*
Contorquens, *Torquens.*
Consuevere, *Verè.*
Claudicat, *Dicat.*
Animi civiles, *Viles.*
Convivæ, *Vivæ.*
Comparuit, *Aruit.*
Convalles, *Valles.*
Conamen, *Amen.*
Conor, *Honor.*
Compleverat, *Erat.*
Colores, *Olores*, *Ores*, *Res.*
Contritus, *Tritus.*
Confines, *Fines.*
Consiste, *Siste.*
Consociat, *Sociat.*
Communis, *Minis.*

Consentio, *Sentio.*
Consensus, *Sensus.*
Cœcus, *Secus.*
Cognatus, *Natus.*
Cometas, *Ætas.*
Corruptus, *Ruptus.*
Claudet, *Audet.*
Claudo, *Laudo.*
Cooptat, *Optat.*
Contingens, *Ingens.*
Corniger, *Niger.*
Cornucopia, *Copia.*
Conscenditur, *Itur.*
Corruit, *Horruit*, *Ruit*, *It.*
Consternere, *Sternere.*
Commisceo, *Misceo*, *Eo.*
Conspicui, *Cui è*
Coacervat, *Servat.*
Confido, *Fido.*
Commereo. *Mereo.*
Comparat, *Parat.*
Contudit, *Odit.*
Confessus, *Fessus.*
Coruscantes, *Cantes.*
Coactor, *Actor.*
Coæqualis, *Æqualis.*
Cœlestis, *Estis.*
Cognatio, *Natio.*
Cognomen, *Nomen.*
Coegi, *Egi.*
Cohonesto, *Honesto.*
Colligo, *Ligo.*
Collineas, *Lineas.*
Collocare, *Locare.*
Colloqui, *Loqui.*
Colonus, *Onus.*
Columen, *Lumen.*
Coluber, *Uber.*
Columbus, *Lumbus.*
Commendatus, *Datus.*
Committere, *Mittere.*
Commodare, *Dare.*
Commoratio, *Oratio.*
Como, *Homo.*
Competit, *Petit.*
Componere, *Ponere.*
Compressus, *Pressus.*
Concionor, *Honor.*
Conclamare, *Amare.*
Concludere, *Ludere.*
Conditio, *Ditio.*
Conferre, *Ferre.*
Confessus, *Fessus.*
Congruere, *Ruere.*
Conscriptus, *Scriptus.*
Consequi, *Sequi.*
Constans, *Stans.*
Contrahere, *Trahere.*
Contribuo, *Tribuo.*
Conventus, *Ventus.*
Convenio, *Venio.*
Convicium, *Vitium.*
Coronatus, *Natus.*
Corpus, *Pus.*
Anser crassus, *Assus.*
Crater, *Ter. Ater.*
Crede, *Ede.*
Credit, *Redit.*
Credidit, *Edidit.*
Christos, *Istos.*
Crimen, *Hymen.*
Cupressus, *Pressus*, *Sus.*
Curtus, *Rus.*
Criminari, *Minari.*
Culter, *Ter.*
Cupressus, *Pressus.*
Curatio, *Ratio.*
Curo, *Uro.*
Cursus, *Ursus.*
Cyclopes, *Opes.*
Custos, *Ustos*, *Os.*
Cylindrus, *Rus.*
Cultus, *Ultus.*
Dama, *Ama.*
Damnatus, *Natus.*
Damnificus, *Ficus.*
Damnis, *Amnis.*
Danista, *Ista.*
Dapes, *Apes.*
Desuper, *Super.*
Debellator, *Bellator.*
Debello, *Bello*, *De bello.*
Debilis, *Bilis.*
Deblatero, *Tero.*
Decedo, *Cedo.*
Decerno, *Cerno.*
Decernere, *Cernere.*
Declamator, *Amator.*
Debita, *Ita.*
Disturbes, *Urbes.*

Declaro, *Claro.*
Declinare, *Nare.*
Declivis, *Clivis.*
Decane, *Cane*, ou *De cane.*
Decollo, *Collo.*
Decoloratio, *Ratio.*
Decora, *Ora.*
Decor, *Cor.*
Decoro, *Oro.*
Decorus, *Chorus. Rus.*
Decorare, *Orare.*
Decreta, *Creta.*
Decumanus, *Manus.*
Decuria, *Curia.*
Decurrens, *Currens.*
Decursus, *Cursus.*
Dedecus, *Decus.*
Dedecet, *Decet.*
Dedico, *Dico.*
Dedo, *Edo.*
Dedolo, *Dolo*, verbum, *Dolo*, ablativo de *Dolus.*
Deditus, *Editus.*
Dedoceo, *Doceo.*
Deducere, *Ducere.*
Deerit, *Erit.*
Deerro, *Ero.*
Defero, *Fero.*
Deferveo, *Ferveo.*
Defessus, *Fessus.*
Definio, *Finio.*
Deflagro, *Flagro*, verbo, ou *Flagro*, ablativo de *Flagrum.*
Defluo, *Fluo.*
Defluvium, *Fluvium.*
Deformis, *Formis.*
Defunctus, *Functus.*
Degener, *Gener.*
Delecto *Delecto*; vel *Electo*, dativo de *Electus.*
Divinatio, *Natio.*
Divina, verbum, *Divina, nomen.*
Delectus, *Lectus.*
Deletus, *Lætus.*
Delibero, *Libero.*
Delibo, *Libo.*
Delira, *Lyra.*
Deludo, *Ludo*, vel *De ludo.*
Demens, *Emens.*
Delusus, *Lusus.*
Demereor, *Mereor.*
Demersus, *Mersus.*
Demolior, *Molior.*
Demonstratio, *Ratio.*
Demitto, *Mitto.*
Demere, *Emere.*
Demptus, *Emptus.*
Denuntio, *Nuntio*, vel dativus nominis, *Nuntius.*
Deonero, *Onero.*
Deperire, *Perire.*
Deprecor, *Precor.*
Depromere, *Promere.*
Deputare, *Putare.*
Deridere, *Ridere.*
Describere, *Scribere.*
Desero, *Sero*, verbum, *Serò*, adverbium.
Desperans, *Sperans.*
Desinit, *Sinit.*
Desinere, *Sine re.*
Despolio, *De Spolio.*
Detineas, *Tineas.*
Poma decerpens, *Serpens.* Cui dedisti? *Isti.*
Destituens, *Tuens.*
Destitues, *Tu es.*
Destituis, *Tuis.*
Destitutus, *Tutus.*
Destruere, *Struere.*
Deesse, *Esse.*
Desum, *Sum.*
Detegis, *Tegis.*
Deter, *Ter.*
Determinans, *Minans.*
Deterrens, *Terrens.*
Detestor, *Testor.*
Detraho, *Traho.*
Detorquere, *Torquere.*
Detritus, *Tritus.*
Devehis, *Vehis.*
Devenisti, *Venisti.*
Devolare, *Volare.*
Devotum, *Votum.*
Dexter, *Ter.*
Dextra, *Extra.*
Dialis, *Alis.*
Diræ, *Iræ.*
Dialectica, *Lectica.*
Dictus, *Ictus.*
Dies, *Es.*

Dici,

Dici, *Ei.*
Diffido, *Fido.*
Diffufus, *Fufus.*
Digero, *Gero.*
Dignis, *Ignis.*
Digreffus, *Greffus.*
Dilapfus, *Lapfus.*
Dimicat, *Micat.*
Dilectus, *Lectus.*
Diligo, *Ligo.*
Directus, *Rectus.*
Direxit, *Rexit.*
Difcedo, *Cedo.*
Difcolor, *Color*, *Olor.*
Difcordans, *Cor dans.*
Difcordo, *Ordo.*
Difcrimen, *Hymen.*
Difcrucior, *Crucior.*
Difcertus, *Certus.*
Difpar, *Par.*
Diffonus, *Sonus.*
Difto, *Ifto*, *Sto.*
Difturbem, *Urbem.*
Diverfari, *Verfari.*
Diverfus, *Verfus.*
Dividuus, *Viduus.*
Divinum, *Vinum.*
Diutinam, *Utinam.*
Doctrina, *Trina.*
Dolor, *Olor.*
Dolores, *Olores.*
Dominans, *Minans.*
Dominus, *Minus.*
Domus, *Mus.*
Donatus, *Natus.*
Donata, *Nata.*
Drama, *Ama.*
Dumtaxat, *Taxat.*
Dulcedo, *Cedo.*
Duramen, *Amen.*
Duro, *Uro.*
Duplicare, *Plicare.*
Durus, *Urus*, *Bos filveftris.*
Ebullio, *Bullio.*
Ebullis, *Bullis*, dativo y ou ablativo plural de *Bulla.*
Edictio, *Dictio.*
Edictum, *Dictum.*
Edo, *Do.*
Educo, *Duco.*

Effatum, *Fatum.*
Effata, *Fata.*
Efferre, *Ferre.*
Efflo, *Flo.*
Effluvium, *Fluvium.*
Effugio, *Fugio.*
Effundere, *Fundere.*
Egeo, *Eo.*
Egens, *Gens.*
Egenus, *Genus.*
Elabi, *Labi.*
Elabor, *Labor*, fubftant.
Electus, *Lectus.*
Elephas, *Fas.*
Eligo, *Ligo.*
Eludere, *Ludere.*
Emaculare, *Maculare.*
Ementior, *Mentior.*
Emeritus, *Meritus.*
Eminus, *Minus.*
Emortuus, *Mortuus.*
Enervis, *Nervis.*
Enitor, *Nitor*, verbo, *Nitor*, nomen.
Enumeratio, *Ratio.*
Epigramma, *Gramma.*
Epifcopus, *Scopus.*
Epiftola, *Stola.*
Erratio, *Ratio.*
Efculentus, *Lentus.*
Evado, *Vado.*
Evagari, *Vagari.*
Evenio, *Venio.*
Eventus, *Ventus.*
Evidens, *Videns.*
Exacerbas, *Herbas.*
Exactor, *Actor.*
Examen, *Amen.*
Examinatus, *Natus.*
Exarmatus, *Armatus.*
Excedere, *Cedere.*
Excutis, *Cutis.*
Exercitus, *Citus.*
Exire, *Ire.*
Exhaurire, *Haurire.*
Exhæres, *Heres.*
Expenfum, *Penfum.*
Exploro, *Ploro*, *oro.*
Exfpecto, *Specto.*
Exfors, *Sors.*
Exterminans, *Terminans*, *Minans*,

Extollo, *Tollo.*
Extremus, *Remus.*
Exturbat, *Turbat.*
Exustus, *Ustus.*
Fabella, *Bella.*
Facies, *Acies.*
Facete, *Cete.*
Facinus, *Acinus.*
Fascia, *Ascia.*
Fastus., *Astus.*
Favilla, *Villa.*
Fautor, *Autor.*
Favus, *Avus.*
Febrio, *Ebrio.*
Fenestella, *Stella.*
Feralis, *Alis.*
Ferens, *Hærens.*
Ferire, *Ire.*
Fero, *Ero.*
Ferocia, *Otia.*
Festus, *Æstus.*
Fidelis, *Lis.*
Fidens, *Dens.*
Figuro, *Uro.*
Filia, *Ilia.*
Finitio, *Initio.*
Firmamen, *Amen.*
Flagro, *Agro.*
Flagrum, *Agrum.*
Flebilis, *Bilis*, *Lis.*
Flecto, *Lecto.*
Flexanimus, *Animus.*
Fletus, *Lætus.*
Floreus, *Reus.*
Fluctus, *Luctus.*
Flumen, *Lumen.*
Flamen, *Amen.*
Flores. *Ores.*
Flora, *Ora.*
Fæcunda, *Unda.*
Fœdus, *Hœdus.*
Foramen, *Amen.*
Forensis, *Ensis.*
Formatura, *Matura.*
Formare, *Mare.*
Formula, *Mula.*
Fortis, *Hortis.*
Fortuna, *Una.*
Fortunatus, *Natus.*
Fossa, *Ossa.*
Fovere, *Verè.*
Fragilis, *Agilis.*
Fragmen, *Agmen.*
Frangor, *Angor.*
Frater, *Ater*, *Ter.*
Fraternus, *Ternus.*
Fraudator, *Dator.*
Fraude, *Aude.*
Fraudo, *Do.*
Frequenter, *Ter.*
Frigidus, *Rigidus.*
Frustatim, *Statim.*
Functus, *Unctus.*
Funda, *Unda.*
Funesto, *Esto.*
Fungi, *Ungi.*
Funis, *Unis.*
Funus, *Unus.*
Furens, *Urens.*
Furfur, *Fur.*
Furere, *Urere.*
Furor, *Uror.*
Fornix, *Nix.*
Faventis, *Ventis.*
Fleo, *Leo.*
Frugis, *Rugis*, verbo, *Rugis*, dativo, ou ablativo plural de *Ruga.*
Gaudeo, *Audeo.*
Gaudens, *Audens.*
Geminus, *Minus.*
Gemmeus, *Meus.*
Gemere, *Emere.*
Generosa, *Rosa.*
Genista, *Ista.*
Genitalis, *Talis.*
Gestus, *Æstus.*
Glacies, *Acies.*
Globus, *Lobus.*
Glomero, *Mero. Ero.*
Glorior, *Orior.*
Gnavus, *Avus.*
Gradivus, *Divus.*
Gramen, *Amen.*
Gratus, *Ratus.*
Gregalis, *Regalis.*
Grex, *Rex.*
Gregis, *Regis*, &c.
Gypsum, *Ipsum.*
Gyrus, *Rus.*
Gurges, *Urges.*

Gravitet, *Iter.*
Habenæ, *Bene.*
Habeo, *Eo. Beo.*
Habes, *Abes.*
Habilis, *Bilis.*
Habito, *Ito.*
Habita, *Ita.*
Hæreo, *Reo.*
Hama, *Ama.*
Hamatus, *Amatus.*
Hara, *Ara.*
Hariolor, *Olor.*
Harpya, *Pia.*
Hasta, *Sta.*
Hebeo, *Beo.*
Helluo, *Luo.*
Hæres, *Res, Æs, Es.*
Herus, *Rus.*
Hesperus, *Rus.*
Hiemo, *Emo.*
Hiemalis, *Malis.*
Hiemis, *Emis*
Hilaresco, *Aresco.*
Hilla, *Illa.*
Hilaris, *Aris.*
Hira, *Ira.*
Hirudo, *Rudo.*
Hiulcus, *Ulcus.*
Honos, *Nos Os:*
Hora, *Ora.*
Horas, *Oras.*
Horoscopus, *Scopus.*
Horreo, *Reo.*
Horrore, *Rore, Ore, Re.*
Hospes, *Spes.*
Hostilia, *Itia.*
Hostilitas, *Litas.*
Hospitalis, *Alis.*
Hujusmodi, *Modi.*
Humanè, *Manè*, ou *Mane*, sem accento.
Humanus, *Manus.*
Humilis, *Lis.*
Humiles, *Miles.*
Humilitas, *Humi litas.*
Humiliter, *Ter.*
Hydraulica, *Aulica.*
Hypotheca, *Theca.*
Hyssopus, *Opus.*
Honestas, *Æstas.*
Hoenstus, *Æstus.*
Humus, *Mus.*
Hyperboreas, *Boreas.*
Jactare, *Acta re.*
Jactus, *Actus.*
Janus, *Anus.*
Iberus, *Rus.*
Ibidem, *Idem.*
Ideo, *Deo.*
Idiota, *Iota.*
Idolum, *Dolum.*
Jecur, *Cur.*
Jejuna, *Una.*
Jejunus, *Unus.*
Ignavus, *Avus.*
Ignobilis, *Nobilis.*
Ignorans, *Orans.*
Ignotus, *Notus.*
Ilicet, *Licet.*
Illabi, *Labi.*
Illaboratus, *Laboratus.*
Illæsus, *Læsus.*
Illaudatus, *Laudatus.*
Illepidus, *Lepidus.*
Illigare, *Ligare.*
Illiteratus, *Litteratus.*
Illudo, *Ludo.*
Illustris, *Lustris.*
Imago, *Mago.*
Imbellis, *Bellis.* In *Bellis.*
Imitamen, *Amen.*
Immanes, *Manes*, verbo, *Manes*, nomen.
Immemor, *Memor.*
Immemorabilis, *Memorabilis.*
Immeritò, *Meritò.*
Imminuo, *Minuo.*
Immito, *Mitto.*
Immobilis, *Mobilis.*
Immoderatio, *Moderatio, Ratio.*
Immitis, *Mitis.*
Immodicus, *Modicus.*
Immortalis, *Talis, Alis, Lis.*
Immundus, *Mundus.*
Immunda, *Unda.*
Impar, *Par.*
Impariter, *Pariter.*
Impavidus, *Pavidus.*
Impellere, *Pellere.*
Imperitus, *Peritus.*

Impervius, *Pervius*.
Impietas, *Pietas*.
Impleo, *Leo*.
Imploro, *Ploro*.
Implumis, *Plumis*.
Impotens, *Potens*.
Improbus, *Probus*.
Improvidus, *Providus*.
Imprudens, *Prudens*.
Impugno, *Pugno*.
Impulsus, *Pulsus*.
Impunitus, *Punitus*.
Impurus, *Purus*.
Inæqualis, *Æqualis*, *Qualis*, *Lis*.
Incautus, *Cautus*.
Incedo, *Cedo*.
Incensor, *Censor*.
Incertus, *Certus*.
Insciens, *Sciens*.
Incivilis, *Civilis*.
Inclamo, *Clamo*.
Inclemens, *Clemens*.
Incoactus, *Coactus*.
Incogitans, *Cogitans*.
Incomis, *Comis*, *In comis*.
Insomnia, *Omnia*.
Instauro, *Auro*.

Multa alia nomina, & verba, quarum prima syllaba, est In, *v. g.* Incommodus, Inconspicuus, Inconstans, &c. *sine dictâ syllabâ significant res omnino diversas, iisque facillimo negotio poterit Echo uti, tam in strictâ, quàm in solutâ oratione.*

Irrationalis, *Rationalis*.
Irredivivus, *Redivivus*, *vivus*.
Irreverentia, *Reverentia*.
Irriguus, *Riguus*.
Irritus, *Ritus*.
Irrumpo, *Rumpo*.
Irruo, *Ruo*.
Isto, *Sto*.
Iter, *Iter*.
Iteratio, *Ratio*.
Jubeo, *Eo*.
Judæa, *Dea*.
Junctura, *Unctura*.
Junctus, *Unctus*.
Jussus, *Sus*.
Justus, *Ustus*, *Thus*.
Juvenis, *Venis*.
Juvas, *Uvas*.
Juventus, *Ventus*.
Labellum, *Bellum*.
Labens, *Habens*.
Labes, *Abes*, *Habes*, *Æs*, *Es*.
Labores, *Ores*.
Labi, *Abi*.
Laborans, *Orans*.
Laborare, *Orare*.
Laboremus, *Oremus*.
Lacerta, *Certa*.
Lacertus, *Certus*.
Lacunæ, *Cunæ*.
Lacus, *Acus*.
Lædere, *Edere*.
Lambo, *Ambo*.
Laniena, *Hyena*.
Largiter, *Ter*.
Largus, *Argus*.
Later, *Ater*.
Lassus, *Sus*.
Latro, *Atro*.
Laudare, *Dare*.
Laudandus, *Dandus*.
Laurea, *Rea*, *Ea*.
Laurus, *Rus*.
Laudes, *Audes*.
Lebes, *Hebes*.
Lector, *Hector*.
Lego, *Ego*.
Lemures, *Mures*.
Lethaliter, *Taliter*, *Aliter*, *Ter*.
Lethargus, *Argus*.
Lethifer, *Fer*.
Levis, *Ævis*.
Levo, *Ævo*.
Libamen, *Amen*.
Libellus, *Bellus*.
Liberalis, *Alis* dativo plural de *Alæ*, e segunda pessoa do indicativo *Alo*.
Liberatus, *Ratus*.
Limen, *Hymen*.
Limo, *Imo*, ou ablativo de *Imus*.
Lucifer, *Fer*.
Luctamen, *Amen*.
Luctus, *Thus*.
Luculentus, *Lentus*.
Luna, *Una*
Lupinus, *Pinus*.

Lusus,

Lusus, *Usus.*
Lutulentus, *Lentus.*
Lyra, *Ira.*
Macer, *Acer.*
Macies, *Acies.*
Macilentus, *Lentus.*
Madefactus, *Factus.*
Madefacio, *Facio.*
Madeo, *Adeo, A Deo, Deo, Eo.*
Mage, *Age.*
Magis, *Agis.*
Magister, *Agis, ter.*
Magnus, *Agnus.*
Mala, *Ala.*
Maledico, *Dico.*
Maledictum, *Dictum.*
Maleficus, *Ficus.*
Malevolens, *Volens.*
Maligna, *Ligna.*
Mandatum, *Datum.*
Mandare, *Dare.*
Maneo, *Eo.*
Manifestum, *Festum.*
Mansuetus, *Suetus.*
Manus, *Anus.*
Margo, *Argo.*
Marita, *Ita.*
Maritus, *Ritus.*
Marmor, *Armor.*
Marmoreus, *Reus.*
Mars, *Ars.*
Martis, *Artis*, &c.
Masculinus, *Linus.*
Mater, *Ter.*
Maternus, *Ternus.*
Maturè, *Ure.*
Maturo, *Uro.*
Mederi, *Heri.*
Medicamen, *Amen.*
Medicinalis, *Medicina, Lis, Alis.*
Medulla, *Ulla.*
Melioro, *Oro.*
Meminero, *Ero.*
Mendico, *Dico.*
Mens, *Ens.*
Mensis, *Ensis.*
Mercor, *Cor.*
Mergo, *Ergo.*
Meridies, *i, dies, Dies.*
Meritis, *Eritis.*
Meritus, *Thus.*
Merus, *Herus.*
Metuens, *Tuens.*
Militare, *Litare.*
Mimus, *Imus.*
Minister, *Ter.*
Minoris, *Oris.*
Minutus, *Nutus.*
Mirabilis, *Habilis.*
Miror, *Iror.*
Mirari, *Rari.*
Misceo, *Eo.*
Miserabilis, *Bilis.*
Miseratus, *Ratus.*
Mitis, *Itis.*
Mite, *Ite.*
Mittimus, *Imus.*
Mobilis, *Bilis.*
Moderamen, *Amen.*
Moderatio, *Ratio.*
Modestus, *Æstus.*
Modestis, *Estis.*
Modulamen, *Amen.*
Mœreo, *Hæreo.*
Moles, *Oles.*
Molesto, *Esto.*
Molimen, *Limen.*
Moliris, *Iris, Arcus cœlestis.*
Mollis, *Lis.*
Moneo, *Eo.*
Monille, *Ille.*
Montanus, *Anus.*
Mora, *Ora.*
Morator, *Orator.*
Morbus, *Orbus.*
Morior, *Orior.*
Mori, *Ori.*
Mortalis, *Talis.*
Mortifer, *Fer.*
Mores, *Ores.*
Movere, verè, adverbio *Vere*, ablativo de *Ver*, Primavera.
Mucor, *Cor.*
Mulcere, *Ulcere.*
Mulcedo, *Cedo.*
Multare, *Multâ re.*
Multus, *Ultus.*
Multa, *Ulta*
Munimen, *Hymen.*
Munio, *Unio.*

Munus, *Unus.*
Murex, *Rex.*
Murus, *Rus.*
Musica, *Sica.*
Mustum. *Ustum.*
Mutua, *Tua.*
Mutuus, *Tuus.*
Mysta, *Ista.*
Nais, *Ais.*
Nanus, *Anus.*
Naris, *Aris.*
Narratio, *Ratio.*
Nasutus, *Sutus.*
Natales, *Tales.*
Natalis, *Talis.*
Natus, *Thus.*
Navale, *Vale.*
Navarchus, *Arcus.*
Navicella, *Cella.*
Navis, *Avis.*
Naves, *Aves.*
Navus, *Avus.*
Nefas, *Fas.*
Neglectus, *Lectus.*
Negligens, *Gens.*
Negotium, *Otium.*
Negotiari, *Otiari.*
Nemo, *Emo.*
Nemoralis, *Moralis*, *Alis.*
Nemus, *Mus.*
Nequam, *Quam.*
Nequeo, *Queo.*
Nequis, *Quis?*
Nequiter, *Ter*, *Iter.*
Neuter, *Uter.*
Nidum, *I*, *dum.*
Nidus, *Idus.*
Nimis, *Imis.*
Nobilis, *Bilis.*
Nomen, *Omen.*
Nonnihil, *Nihil.*
Nonnullus, *Nullus.*
Nonnunquam, *Nunquam.*
Nonus, *Onus.*
Novimus, *Imus. Mus.*
Novissimus, *Imus*, *a*, *um*, *Imus*, verbum.
Novitas, *Vitas.*
Novos, *ò Vos.*
Novitium, *Vitium.*

Novum, *Ovum.*
Nubilis, *Bilis.*
Nudatus, *Datus.*
Nuditas, *Ditas.*
Numero, *Humero*, *Mero.*, *Ero.*
Numerus, *Humerus*, *Rus.*
Nusquam, *Quam?*
Nunquam, *Quam?*
Nutritus, *Tritus.*
Obambulo, *Ambulo.*
Obedire, *Ire.*
Obire, *Ire.*
Occasus, *Casus.*
Obiter, *Iter*, *Ter.*
Oblatus, *Latus*, *ob latus.*
Oblecto, *Lecto.*
Obloqui, *Loqui.*
Oblongus, *Longus.*
Obnoxius, *Noxius.*
Obruere, *Ruere.*
Obsequi, *Sequi.*
Obsisto, *Sisto.*
Obsum, *Sum.*
Obesse, *Esse.*
Occultus, *Cultus.*
Occurrere, *Currere.*
Oceanus, *Anus.*
Odoratio, *Oratio.*
Offerre, *Ferre.*
Offero, *Fero.*
Oleo, *Leo*, *Leonis.*
Oleum, *Eum.*
Ominator, *Minator.*
Ominari, *Minari.*
Omitto, *Mitto.*
Omisit, *Misit.*
Omnigenus, *Genus.*
Omnivagus, *Vagus.*
Onager, *Ager.*
Onerat, *Erat.*
Operatus, *Ratus.*
Operire, *Ire.*
Opifex, *Fex.*
Opimus, *Imus.*
Oportet, *Portet.*
Opulentus, *Lentus.*
Opus, *Pus.*
Oratio, *Ratio.*
Orbis, *Bis.*
Orbita, *Ita.*

Ordinatio, *Natio.*
Orexis, *Exis.*
Orsus, *Sus.*
Ortus, *Thus.*
Ostendere, *Tendere.*
Ovis, ò *Vis*?
Ovile, *Vile.*
Palatium, *Latium.*
Palea, *Ea.*
Palam, *Alam.*
Palatus, *Latus.*
Palleo, *Leo.*
Palustris, *Lustris.*
Pannus, *Annus.*
Pannos, *Annos.*
Pantomimus, *Mimus.*
Papaver, *Ver.*
Papyrum, *Pirum.*
Paraphrasis, *Phrasis.*
Parcæ, *Arcæ.*
Parcus, *Arcus.*
Pardalis, *Alis.*
Parens, *Arens.*
Parentalia, *Alia.*
Parentela, *Tela.*
Parenthesis, *Thesis.*
Paries, *Aries.*
Parma, id est, Scutum, *Arma.*
Parmatus, *Armatus.*
Paro, *Aro.*
Paras, *Aras.*
Pars, *Ars.*
Partes, *Artes.*
Parcimonia, *Simonia.*
Partus, *Artus.*
Parva, *Arva.*
Parvitas, *Vitas.*
Passus, *Assus.*
Pastus, *Astus.*
Patefactus, *Factus.*
Pavere, *Verè Vere.*
Pater, *Ater*, *Ter.*
Pateras, *Eras.*
Patres, *Tres.*
Patronus, *Thronus.*
Paves, *Aves.*
Pavidus, *Avidus.*
Pavus, *Avus.*
Pedes, *Ædes*, *Edes*, *Des.*
Pellex, *Lex.*

Peninsula, *Insula.*
Pennatus, *Natus.*
Penniger, *Niger.*
Pergo, *Ergo.*
Peremptus, *Emptus.*
Pervulgo, *Vulgo.*
Peritus, *Ritus.*
Phalanx, *Lanx.*
Phœnix, *Nix.*
Pernix, *Nix.*
Persequi, *Sequi.*
Piamen, *Amen.*
Pictus, *Ictus.*
Pinnatus, *Natus.*
Pirus, *Rus.*
Placamen, *Amen.*
Placabilis, *Bilis*, *Lis.*
Placidus, *Acidus.*
Plangor, *Angor.*
Planiloquus, *Locus.*
Planus, *Anus.*
Platanus, *Anus.*
Plausus, *Ausus.*
Plecto, *Lecto.*
Pleiades, *Ades.*
Plorator, *Orator.*
Plumeus, *Meus.*
Pluo, *Luo.*
Pluraliter, *Aliter.*
Plures, *Ures.*
Pluimus, *Imus.*
Pluvia, *Via.*
Poculum, *Oculum.*
Podager, *Ager.*
Podium, *Odium.*
Pœnitens, *Nitens.*
Pœnitet, *Nitet.*
Poeticus, *Ethicus.*
Pollex, *Lex.*
Polus, *Olus.*
Porcus, *Orcus.*
Porto, *Horto.*
Portus, *Hortus.*
Positus, *Situs.*
Possum, *Sum.*
Posterus, *Herus.*
Postgenitus, *Genitus.*
Posthumus, *Humus.*
Postpono, *Pono.*
Postis, *Hostis.*

Poftridie, *Die.*
Pofthumus, *Humus*, *Mus.*
Poteftas, *Æftas.*
Potior, *Otior.*
Potio, *Otio.*
Potius, *Ocyus.*
Potulentus, *Lentus.*
Præbes, *Hebes*
Præcaveo, *Eo*, *Caveo.*
Præcedo, *Cedo*, *Edo*, *Do.*
Prædictum, *Edictum.*
Præditus, *Editus.*
Prædium, *Ædium.*
Pratum, *Ratum.*
Pravitas, *Vitas.*
Pravus, *Avus.*
Praxis, *Axis.*
Premere, *Emere.*
Pridem, *Idem.*
Pridianus, *Anus.*
Primus, *Imus*, *Mus.*
Privo, *Rivo.*
Probabilis, *Habilis*, *Bilis*, *Lis.*
Procedo, *Cedo.*
Procella, *Cella.*
Procreator, *Creator.*
Procurator, *Curator.*
Prodeo, *Deo.*
Prodo, *Rodo.*
Producere, *Ducere.*
Profanum, *Fanum.*
Proferre, *Ferre.*
Profluvium, *Fluvium.*
Progreffus, *Greffus.*
Proles, *Oles.*
Promiffus, *Miffus.*
Promoveo, *Moveo.*
Profa, *Rofa.*
Protegere, *Tegere.*
Protervia, *Via.*
Provenire, *Venire.*
Provocare, *Vocare.*
Proventus, *Ventus.*
Pruina, *Ruina.*
Prudentes, *Dentes.*
Publicanus, *Canus.*
Puder, *Det.*
Pugnare, *Gnarè.*
Pullus, *Ullus*
Pulmo, *Ulmo.*

Pulvere, *Verè*, *Vere.*
Pulvereus, *Reus.*
Pulvinum, *Vinum.*
Punctio, *Unctio.*
Punctum, *Unctum.*
Punctus, *Unctus.*
Punicus, *Unicus.*
Punio, *Unio*, nomen, & *Unio* verbum.
Pupilla *Illa.*
Purè, *Ure.*
Purpura, *Pura.*
Purpureus, *Reus.*
Purus, *Rus.*
Putre, *Utre.*
Pygmæus, *Meus.*
Pyra, *Ira.*
Pyramis, *Ramis.*
Procumbo, *Umbo.*
Pupillam, *Illam.*
Plauftro, *Auftro.*
Paracletus, *Lætus.*
Peteremus, *Eremus.*
Purget, *Urget.*
Penultimus, *Ultimus.*
Periturus, *Iturus.*
Pererrat, *Errat.*
Primæva, *Eva.*
Parabit, *Abit.*
Prodibit, *Ibit.*
Providebit, *Videbit.*
Ponere, *Nere.*
Pronubam, *Nubam.*
Proceres, *ò Ceres.*
Perdere operam, *Peram.*
In locis opacis, *Pacis.*
Propius, *Pius.*
Proprius, *Priùs.*
Res populi, *Æs populi.*
Ego me parabo, *Arabo.*
Quadragefimus, *Age*, *Simus.*
Quadrupes, *Rupes.*
Quadruplex, *Duplex*, *Lex.*
Quærito, *Ito.*
Quæfitus, *Situs.*
Quæftuofus, *Tu*, *ò*, *fus.*
Qualiter, *Iter.*
Quamobrem? *Rem.*
Quandoquidem, *Do quidem.*
Quantillum? *Illum.*
Quantopere? *Opere.*

Quantuslibet, *Thus*, *libet*, ex verbo *Libare*.
Quasso, *Asso*.
Quassus, *Assus*.
Quater, *Ater*, *Ter*.
Quatriduum, *Triduum*.
Quemadmodum, *Admodum*.
Quæstus, *Æstus*.
Quilibet, *Libet*.
Quindecies, *Decies*.
Quinimo, *Imò*.
Quinquies, *Quies*.
Quintus, *Intus*.
Quis? *Is*.
Quispiam, *Piam*.
Quisquam, *Quam*.
Quisquis, *Quis?*
Quivis, *Vis*.
Quodammodo, *Modo*, ou *Modò*, adverb.
Quousque, *Usque*.
Rabies, *Abies*.
Radians, *Hians*.
Racemus, *Mus*.
Radiatus, *Hiatus*.
Radicor, *Dicor*.
Ramale, *Male*.
Rapto, *Apto*.
Raptus, *Aptus*.
Raro, *Aro*.
Rastrum, *Astrum*.
Rastra, *Astra*.
Rebellatrix, *Bellatrix*.
Rebello, *Bello*.
Recanto, *Canto*.
Recedo, *Cedò*.
Recensus, *Census*.
Recidere, *Sidere*, ablativo de *Sidus*, e infinitivo de *Sido*.
Recito, *Citô*, adverbio, e *Cito*, indicativo de *Citare*.
Reclamo, *Clamo*.
Recognosco, *Cognosco*.
Recolligo, *Colligo*.
Recolere, *Colere*.
Rector, *Hector*.
Recursus, *Cursus*.
Recurvus, *Curvus*.
Redire, *Ire*.
Redit, *Edit*.
Reditus, *Editus*.
Redegi, *Egi*.
Redivivus, *Vivus*.
Redolere, *Olere*, verbo *Olere*, nome.
Reduco, *Duco*.
Redundans, *Undans*.
Redux, *Dux*.
Referre, *Ferre*.
Refert, *Fert*.
Reflectere, *Flectere*.
Reformare, *formare*.
Regula, *Gula*.
Relegatus, *Legatus*.
Relinquere, *Linquere*.
Remedium, *Medium*.
Remeo, *Eo*.
Remissio, *Missio*.
Remissus, *Missus*.
Remora, *Mora*.
Remotus, *Motus*.
Renatus, *Natus*.
Renitens, *Nitens*.
Reparare, *Parare*.
Repercutere, *Percutere*.
Reperire, *Ire*.
Reperit, *Perit*.
Repetundæ, *Undæ*.
Repugnans, *Pugnans*.
Reputare, *Putare*.
Repulsus, *Pulsus*.
Requies, *Quies*.
Res, *Es*.
Reses, *Es*.
Resolvo, *Solvo*.
Resorbeo, *Beo*.
Respondeo, *Spondeo*.
Restauro, *Tauro*.
Restitutor, *Tutor*.
Resupinus, *Supinus*.
Resurgens, *Urgens*.
Retego, *Tego*.
Retinere, *Nere*.
Retrogradior, *Gradior*.
Retrahere, *Trahere*.
Rictus, *Ictus*.
Rima, *Ima*.
Rimari, *Mari*.
Risus, *Sus*.
Rite, *Ite*.
Ritus, *Thus*.
Robustus, *Ustus*.

Roma-

Romanus, *Anus.*
Rotans, *Orans.*
Roro, *Oro.*
Rorat, *Orat.*
Ros, *Os, oris*, vel *offis.*
Rotunda, *Unda.*
Ruber, *Uber.*
Rubeo, *Beo.*
Sabina, *Bina.*
Sabini, *Bini.*
Saccor, *Cor*, ou *ac cor.*
Sacer, *Acer.*
Sacerdos, *Dos.*
Sacerdotalis, *Dotalis, Talis, Lis.*
Sæviter, *Iter, Ter.*
Sævitia, *Vitia.*
Sagaciter, *Iter, Ter.*
Sævum, *Ævum.*
Sagitta, *Ita.*
Salto, *Alto.*
Saltus, *Altus.*
Saltare, *Altare.*
Saluber, *Uber.*
Salutaris, *Aris.*
Saluto, *Luto.*
Salvus, *Alvus.*
Sanabilis, *Habilis, Bilis, Lis.*
Sanguis, *Anguis.*
Sanus, *Anus.*
Sartus, *Artus.*
Satietas, *Ætas.*
Satiatus, *Hiatus.*
Saturo, *Uro.*
Satyra, *Ira.*
Scabies, *Abies.*
Scalæ, *Alæ.*
Scena, *Cena.*
Sciens, *Ens.*
Scintilla, *Illa.*
Scopæ, *Ope.*
Scopus, *Opus.*
Scortor, *Hortor.*
Scortum, *Hortum.*
Scrutor, *Utor.*
Scylla, *Illa.*
Securis, *Curis.*
Sedatus, *Datus.*
Sedeo, *Eo, sed eo.*
Sedes, *Ædes, sed es.*
Sedo, *Edo.*
Seduco, *Duco.*
Seges, *Eges.*
Sejungo, *Jungo.*
Sella, *Cella.*
Seminis, *Minis.*
Semihora, *Hora, ora.*
Semissis, *Missis.*
Semita, *Ita.*
Semisomnus, *Somnus.*
Seminanis, *Inanis.*
Semivir, *Vir.*
Semiplenus, *Plenus.*
Sempiternus, *Ternus.*
Senatus, *Natus.*
Seneo, *Eo, Neo.*
Senescit, *Nescit*, ou *se nescit.*
Seniliter, *Iter, Ter.*
Sensus, *Sus.*
Sentire, *Ire.*
Separo, *Aro.*
Sequor, *Cor.*
Sequitur, *Itur.*
Sepultus, *Ultus.*
Sepulchralis, *Alis, Lis.*
Sequi, *Equi, Æqui.*
Sermones, *Mones.*
Sero, *Ero.*
Serpyllum, *Illum.*
Sertum, *Certum.*
Servilis, *Vilis, Lis.*
Servitium, *Vitium.*
Servitia, *Vitia.*
Servitus, *Thus.*
Serus, *Herus.*
Servus, *Cervus.*
Severè, *Verè.*
Severa, *Vera.*
Severus, *Rus.*
Sevocare, *Vocare.*
Sic, *Hic.*
Sibylla, *Illa.*
Sicubi, *Ubi.*
Sidus, *Idus.*
Signis, dativo, ou ablativo plural de *Signum, Ignis.*
Silvestris, *Vestris.*
Simiolus, *Olus.*
Simplex, *Lex.*
Simpliciter, *Iter, Ter.*
Simulator, *Lator.*

Simus, *Imus*, *Mus*.
Sinapis, *Apis*.
Singula, *Gula*.
Sinister, *Ter*.
Sociabilis, *Habilis*, *Bilis*, *Lis*.
Socius, *Ocyus*.
Sodalis, *Alis*.
Soles, *Sol es*.
Solamen, *Amen*.
Solatium, *Latium*.
Solicitè, *Licitè*.
Solicitus, *Licitus*.
Solor, *Olor*.
Solus, *Olus*.
Solutum, *Lutum*.
Somnia, *Omnia*.
Sonabilis, *Habilis*, *Bilis*, *Lis*.
Sonipes, *Pes*.
Sonitus, *Thus*.
Sonore, *Honorè*.
Sonus, *Onus*.
Sopio, *Pio*.
Sorbeo, *Beo*.
Sorbillum, *Illum*.
Sorbum, *Orbum*.
Sorbus, *Orbus*.
Sorbi, *Orbi*.
Sorex, *Rex*, ò *Rex*.
Sorores, *Ores* ò *Res*.
Sospes, *Hospes*, *Pes*.
Sospita, *Hospita*.
Specimen, *Hymen*.
Spectabilis, *Habilis*, *Bilis*, *Lis*.
Spero, *Ero*.
Spica, *Pica*.
Spira, *Pira*, ou *Pyra*.
Spirabilis, *Habilis*, *Bilis*, *Lis*.
Spiritus, *Ritus*, *Thus*.
Splendeo, *Deo*.
Spondeus, *Deus*.
Sporta, *Porta*
Spurius, *Purius*.
Squama, *Ama*.
Squilla, *Illa*.
Stabilis, *Habilis*, *Bilis*, *Lis*.
Stagno, *Agno*.
Stamen, *Amen*.
Statuam, *Tuam*.
Statuis, *Tuis*.
Stilla, *Illa*.
Strictus, *Rictus*.
Struis, *Ruis*.
Struere, *Ruere*.
Studeo, *Deo*.
Stultus, *Ultus*.
Stupefiat, *Hiat*.
Suadeo, *Deo*, *Adeò*.
Suapte, *Aptè*.
Suavis, *Avis*, *Vis*.
Suaviter, *Ter*, *Iter*.
Subagito, *Agito*.
Subagrestis, *Agrestis*.
Subalaris, *Aris*.
Subausterus, *Austerus*.
Subasper, *Asper*.
Subditis, *Ditis*.
Subdolus, *Dolus*.
Subdulcis, *Dulcis*.
Subeo, *Sub eo*.
Subire, *Ire*.
Subjaceo, *Jaceo*.
Subinvideo, *Invideo*, *Video*, *Ideo*, *Deo*.
Subirasci, *Irasci*.
Submonere, *Monere*.
Submovere, *Movere*.
Subornare, *Ornare*.
Subridens, *Ridens*, *Dens*.
Subridentes, *Ridentes*, *Dentes*, *Es*, *Æs*.
Subscribo, *Scribo*, *Ibo*.
Subsisto, *Sisto*, *Isto*, *Sto*.
Subter, *Ter*.
Subtristis, *Tristis*, *Istis*, *Is*.
Succedo, *Cedo*, *Edo*, *Do*.
Succlamo, *Clamo*, *Amo*.
Suffimen, *Hymen*.
Suffuror, *Furor*, *Uror*.
Suffusus, *Fusus*, *Usus*, *Sus*.
Summus, *Mus*, *sum Mus*.
Sumo, *Humo*.
Suppellex, *Pellex*, *Lex*.
Supersedeo, *Sedeo*, *Deo*, *Eo*.
Superstes, *Perstes*, *Stes*, *Es*.
Superesse, *Esse*.
Supervenire, *Venire*, *Ire*.
Suppedito, *Ito*, *Edito*.
Suppetit, *Petit*.
Supplex, *Lex*.
Supremis, *Premis*, *Remis*, *Emis*.
Supremus, *Remus*, *Mus*.

Sus

Surditas, *Ditas.*
Surrectus, *Rectus.*
Surfum, *Urfum; Sum.*
Sufpectus, *Pectus.*
Sufpexi, *Exi, I, Pexi.*
Suftineas, *Tineas.*
Suftineo, *Neo.*
Susurrus, *Rus.*
Symbolus, *Bolus.*
Tabella, *Bella, æ, Bella bellorum.*
Tabeo, *Reo, Eo.*
Tabes, *Abes, Habes.*
Taceo, *Eo.*
Tago, *Ago.*
Talis, *Alis.*
Tanquam, *Quam.*
Tapes, *Pes, Apes.*
Taurus, *Rus.*
Tector, *Hector.*
Tego, *Ego.*
Temerè, *Emere, Merè.*
Temero, *Mero.*
Temetum, *Metum.*
Tempeftas, *Æftas.*
Temulentus, *Lentus.*
Teneo, *Eo, Æneo, Neo.*
Tenuiter, *Iter, Ter.*
Tæres, *Hæres, Res.*
Tergeminus, *Geminus, Minus.*
Terminus, *Minus.*
Terminis, *Minis.*
Terreo, *Reo, Eo.*
Terreus, *Reus.*
Terribilis, *Bilis, Lis.*
Territus, *Ritus, Thus.*
Teftis, *Eftis.*
Theatrum, *Atrium.*
Timeo, *Meo, Eo.*
Tingens, *Ingens, Gens, Ens.*
Torqueo, *Queo, Eo.*
Torrens, *Horrens.*
Torridus, *Horridus.*
Tortus, *Ortus, Hortus, Thus.*
Trado, *Rado, Do.*
Traducere, *Ducere.*
Tragula, *Gula.*
Tranquilla, *Illa.*
Tranfire, *Ire.*
Tremulus, *Mulus.*
Triplex, *Lex.*
Triftis, *Iftis.*
Triumphalis, *Alis.*
Tuber, *Uber.*
Tumere, *Merè, Ære, Re.*
Tumultus, *Multus, Ultus, Thus.*
Tumulus, *Mulus.*
Turbis, *Urbis, Bis.*
Turritus, *Ritus.*
Tutor, *Utor.*
Tyrannus, *Annus.*
Vadit, *Adit.*
Vafer, *Affer, Fer.*
Vaporare, *Orare.*
Vaftus, *Aftus, Thus.*
Vector, *Hector.*
Vehemens, *Emens, Mens.*
Velamen, *Amen.*
Velleris, *Eris.*
Venalis, *Alis.*
Venerabilis, *Habilis, Bilis, Lis.*
Venter, *Ter.*
Verba, *Herba.*
Vereor, *Reor.*
Verifimilis, *Similis, Lis.*
Verfipellis, *Pellis, Lis, Is.*
Verus, *Herus, Rus.*
Veftalis, *Es talis.*
Victus, *Ictus, Thus.*
Villa, *Illa.*
Villas, *Illas.*
Villis, *Illis.*
Vimen, *Hymen.*
Vindico, *Dico, I, Quò.*
Vinco, *Inquo?*
Vindicta, *Indicta, Dicta.*
Virago, *Ago.*
Vireo, *Reo, Eo.*
Virtus, *Vir, Thus.*
Vifibilis, *Bilis.*
Vifito, *Ito.*
Vifus, *Sus.*
Vita, *Ita.*
Vitalis, *Talis, Alis.*
Vivere, *Verè.*
Ulmus, *Mus.*
Ultimus, *Imus.*
Unanimis, *Animis, Nimis.*
Unquam, *Quam.*
Volitare, *Litare.*
Volubilis, *Bilis, Lis.*

Volu-

Volucris, *Lucris.*
Volumen, *Lumen*, ò *Lumen.*
Voluto, *Luto.*
Vomo, *Homo.*
Vorago, *Ago.*
Voro, *Oro.*
Vorare, *Orare.*
Vovere, *Veré.*
Urbanus, *Anus.*
Usus, *Sus.*
Uterus, *Herus*, *Rus.*
Uulnero, *Nero.*
Vultus, *Ultus.*
Zephyrus, *Rus.*

Economo. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Nas Igrejas de Portugal, he o sogeito, que o Beneficiado poem no seu lugar, com obrigaçaõ de assistir pelo estipendio, que lhe dá, aos Officios Divinos, &c.

EDE

Edessa. Cidade da Mesopotamia. Agabaro, que escreveo huma carta a Christo Senhor nosso, era Rey desta Cidade. Chosroes, Rey da Persia, ouvindo dizer, que nunca fóra esta Cidade tomada, pelo patrocinio de huma Imagem do Divino Redemptor, que (segundo refere Eusebio) recebera Agabaro do mesmo Senhor, quando andava neste Mundo, quiz provar se esta tradiçaõ era verdadeira; e com todo o empenho poz sitio à Cidade de Edessa, mas viose obrigado a levantar logo o sitio, e fugir, com o escarmento de que naõ póde o poder dos homens resistir ao poder Divino. *Jacobo de Vitriaco, liv.* 1. *cap.* 31. *Procopio, livro* 2. *da guerra da Persia.*

EDH

Edhemitas. Casta de Religiosos Mahometanos, assim chamados de Ibrahim Edem seu fundador. Comem paõ de cevada, e fazem muitos jejuns. Os seus Superiores se daõ muito ao estudo, para se fazerem capazes para prégar. Trazem hum barrete de lãa, cercado de hum turbante, e pelo pescoço hum pano branco, salpicado de vermelho. A mayor parte delles fazem sua vivenda nos desertos, com leoens, e tigres, que elles amançaõ. Ha poucos Religiosos destes em Constantinopla; na Persia muitos; principalmente na Provincia de Chorasen. *Ricaut, Historia do Imperio.*

EDI

Edil. Vid. tom. 3. do Vocabulario. No cap. 7. da 1. part. da Historia da Igreja de Lisboa, pag. 15. col. 3. D. Rodrigo da Cunha, chama o *Edil* dos Romanos *Almotacel.*

Edipo. Vid. Oedipo.

Edital. Querem alguns, que seja o escrito, que qualquer pessoa pode pregar em lugar publico para manifestar o que perdeo, ou o que quer vender; no que se differença de Edicto, que he mandado do Principe, manifestado ao Povo.

EDO

Edom. Regiaõ pouco distante do Tribu de Judá. Chamase assim do cognome, que foy dado a Esau por causa da iguaria vermelha de lentilhas, pela qual vendeo a Jacob o direito da sua primogenitura; *Genes.* 15. No idioma Hebraico *Edom*, quer dizer *Vermelho.* No livro 2. das antiguidades Judaicas diz Josepho, que huns moços deraõ a Esau este nome, para zombar da sua golodice. Esta terra por outro nome se chama Iduméa, e he a parte da Palestina mais para o Meyo dia.

Edon. Segundo Servio, no livro 11. da Eneida, he monte da Thracia, ou na parte da Macedonia, mais chegada à Thracia. Por quanto as Monades, ou Sacerdotizas de Bacco celebravaõ os mysterios deste Deos no dito monte, pelo qual andavaõ correndo, com cabello solto como doudas, e furiosas: foraõ chamadas *Edonides.* Faz Plinio mençaõ deste monte *no livro* 4. *cap.* 11.

Edon, ou Ædon. Mulher delRey Zeta, irmaõ de Amphiaõ, a quem ella enve-

envejava muito a fortuna de ter seis filhos, naõ tendo ella mais que hum, e este taõ pouco sadio, que cada dia desconfiava da sua vida. Succedeo pois, que huma noite imaginando, que ella matava o primogenito dos seus sobrinhos, tirou a vida a este seu filho unico, a que tinha dado o nome de Itylo; o que a empenhava em taõ grandes desatinos de sentimento, que se queria matar a si propria. Mas os Deoses compadecidos da sua pena, a mudaraõ em pintacilgo, o qual está sempre chorando o seu infortunio, com huns requebros, que ainda que muito suaves, sempre tem naõ sey que de funestos, *Bocacio, liv. 5.*

EDU

Educanda. Menina, que os pays metem em Convento de Freiras, para ser bem criada. *Puella, in virginum Deo addictarum cœnobio, piè educanda, vel ad pietatem instituenda, vel ad virtutem erudienda.*

Edusa. Deosa, que segundo os delirios Gentilicos, tinha o cuidado das papinhas dos meninos, depois de desmamados. O seu nome *Edusa* he derivado do verbo Latino *Edo*, e *Edere*, que he *Comer. Potina*, nome derivado do Latim *Potare*, Beber, era a Deosa destinada para as bebidas dos ditos meninos. *Cubina*, ou *Cuba*, outra Deosa, assim chamada do verbo *Cubare*, Estar deitado, era venerada para que os conservasse na cama, quando já naõ dormiaõ no berço. Nesta conjunçaõ de tempo, offereciaõ os pays sacrificios a estas Deidades em favor de seus filhinhos. Tudo isto achamos em Nonio, Arnobio, e Varro, allegado por Donato; tambem nos ajuda isto a entender este verso de Virgilio.

——— *Cui non risere parentes,*
Nec Deus hunc mensâ, Dea nec dignata cubili est.

Falla o Poeta em hum menino mal criado, do qual as proprias Deidades, a que pertence a criaçaõ dos meninos, naõ fizeraõ caso. Parece, que a ternura das mãys foy a que introduzio esta multidaõ de Deidades para favorecer a tenra idade de seus filhos; ou para dizer melhor a cobiça dos ministros da idolatria excogitou esta dependencia de divinos protectores, para accrescentar offertas, e multiplicar sacrificios.

EET

Eetes, ou Æthes. Rey de Colchos, filho do Sol, e de Persa, filha do Oceano, era pay de Medea, de Calciope, e de Absyrto. Como naquelle lugar de Colchos, chamado Bosque de Marte, estava guardado o vellocino de ouro, que Phryxo, filho de Athamas, lhe havia dado; Medea sua filha, roubou o dito thesouro, e com Jason fugio. Para lograr o intento com feitiços, que lhe naõ faltavaõ, matou o irmaõ Absyrto, que hia em seu alcance, fez o seu cadaver em pedaços, e os espalhou pela estrada, para em quanto seu pay se occupasse em ajuntallos, ter tempo para escapar com o seu amante. *Apollonio, e Valerio Flacco in Argonaut. Ovid. in Metamorph.*

EFF

Effundir. Derramar. Esparzir. *Effundere, (do, fudi, fusum.)*

Effundir lagrimas. *Lacrymas fundere. Plin.*

Lagrimas Effundir *sem conto vejo.* Man de Far. e Sous. Fab. de Narciso, e Ecco 113. vers.

EGA

Ega. Cidade da Macedonia, edificada por Carano, nella tinhaõ os Reys sua sepultura. *Æga, æ, Fem.* Houve outras Cidades deste nome. Ega, segundo Hygino, he o nome de huma Ninfa, filha de Oleno, e ama de leite de Jupiter. Alguns a fazem filha de Pan. Vid. *Plin. lib. 4. cap. 9.*

Egates. Ilha do mar de Sicilia, perto da Cidade de Drepani, ou Trepani, onde

onde Lutacio Consul deu batalha naval aos Cartaginezes, na qual poz a pique cincoenta baixeis, e tomou setenta, estrago, que obrigou os vencidos a pedir pazes, que lhe foy concedida com condição, que renunciariaõ a toda a pertençaõ que tinhaõ nesta, e outras mais Ilhas entre Italia, e Africa. Virgilio lhes chama *Altaria* por causa desta paz, que poz fim à primeira guerra Punica, anno da fundaçaõ de Roma 513.

EGE

Egeon. No 1. livro da Iliada diz Homero, que os moradores da terra chamavaõ *Egeon* ao Gigante, que os do Ceo chamavaõ *Briareo*. Era Egeon filho de Titan, ou do Ceo, e da terra. Segundo a ficçaõ Poetica tinha Egeon cem braços, e cincoenta cabeças, e accrescentaõ, que depois da conjuraçaõ em que Juno, Pallas, e Neptuno, e outros Deoses determinaraõ atar a Jupiter, este Egeon sobira ao Ceo, chamado por Thetis, para o acostar ao seu partido. Contaõ outros Poetas, que Egeon se pozera na testa dos Gigantes, conjurados contra Jupiter, e que elle lançava de hum só jacto cem penedos contra o Ceo. *Ægæon, onis.* Deste Gigante diz Virgilio, Æneid. 10.

Ægæon, qualis, centum cui brachia dicunt
Centenasque manus, quinquaginta oribus ignem
Pectoribusque arsisse, Jovis cum fulmina contra
Tot paribus streperet clypeis, tot stringeret enses, &c.

Eger, ou Egra. Cidade de Alemanha, na Bohemia, sobre o rio Egra. Os naturaes lhe chamaõ *Heb.*

Egeria. Ninfa muito venerada, na mata Aricina, que Tito Livio constitue sete milhas de Roma; mas Festo a poem muito mais perto da dita Cidade. Numa Pompilio, segundo Rey dos Romanos, para mais authorizar os seus intentos, e decretos, dava a entender, que tinha grande trato com esta Ninfa, e que ella lhe dictava todas as leys com que sabia. Ovidio a faz mulher do dito Rey Numa, e que por Diana fora mudada em huma fonte: *Fastor. lib. 3. vers. 275.*

Ægeria est, quæ præbet aquas, Dea grata camænis;
Illa Numæ conjux, consiliumque fuit.

Santo Agostinho he de opiniaõ, que esta Egeria era a Hydromancia, ou arte de adevinhar por agua, da qual usava Numa. *Sanct. August. De Civit. Dei. Floro, liv. 1. cap. 3.*

Egeria. Certa Deosa da Gentilidade Romana, que as mulheres prenhes invocavaõ, para terem parto felice, persuadidas de que ella tinha poder para fazer sahir a creatura sem trabalho, donde tomou o nome de *Egeria*, porque *Egerere* em Latim, quer dizer *Lançar fóra*. *Ægeriæ Nymphæ* (diz Festo) *sacrificabant prægnantes, quod eam putabant facilè conceptum alvo egerere.* Querem alguns Authores, que esta Deosa Egeria seja a mesma, que a Ninfa Egeria, a qual por Diana foy mudada em fonte perto de hum bosque, que depois os Romanos dedicaraõ a esta Ninfa, e donde Numa Pompilio secretamente conversava com ella; o que Santo Agostinho interpreta das operaçoens hydromanticas, que este Rey de Roma hia fazer com as agoas desta fonte. Naõ he facil decidir se a Ninfa, e a Deosa saõ huma mesma pessoa; porém o mais provavel he, que saõ differentes, porque em todos os Authores o nome da Ninfa em Latim vay escrito por hum Æ, *Ægeria*, e o nome da Deosa só com hum E simplez se póde escrever, em razaõ da etymologia de *Egerere*, Lançar fóra.

Nasceo com permissaõ da Deosa Egeria.

And. da Sylv. Mascar. Destruiç. de Hespanha, liv. 1. Oit. 124.

EGI

Egialea. Mulher de Diomedes, na qual inspirou Venus hum appetite taõ brutal,

brutal, que em vingança da ferida, que lhe fizera seu marido na guerra de Troya torpemente se prostituia a todos. Diomedes indignado das publicas torpezas de sua mulher, a desamparou, e passou para Italia, aonde com Danao, ou Dauno se accommodou com huma parte de seu Reyno, que depois foy chamada a Grecia Grande; nella edificou huma Cidade, cujo nome foy *Argos Hippium*, e algum tempo depois *Argyrippa. Servio no liv. 11. da Eneida. Ægiale, es, Fem.*

Questa est Ægiale, quèsta est Melibæa relinqui.

Æneas Statius, lib. 3. Silvar.

Egida. Derão os Antigos este nome à Cabeça da Istria. Depois de destruida, foy chamada *Justinopolis*, do nome do Emperador Justino, que a mandou reedificar, e hoje os Italianos lhe chamão *Capo d'Istria*, os Esclavoens *Copra*; e os Alemaens *Cafers*.

Egida. Tambem he o nome, que se dava a huma das Gorgonas, ou a hum monstro, que da boca lançava fogo, e hum fumo muito negro, e pestilente. Foy visto a primeira vez na Phrygia, onde fez crueis estragos, assolando quanto encontrava, e queimando matas desde o monte Tauro atè às terras da India, o que foy continuando na Fenicia, no Egypto, e na Libia, de sorte, que todos os habitadores daquelles Paizes forão obrigados a fugir da Patria, para se livrarem de tão malefico monstro. Minerva, compadecida das ruinas dos Povos, acometeo este monstro, cortoulhe a cabeça, e cobrio a rodella com a sua pelle, para sinal authentico da sua victoria, e evidente prova do seu valor. *Ægidem feram, vocatum monstrum prope inexpugnabile obtruncavit, &c. Natalis Comes, lib. 4. cap. 5. Ægis, idis.*

Egide, ou Egis. Vid. Egis.

Egina. Ilha, e Cidade perto do Peloponeso. Foy chamada assim de Egina, filha de Asopo, Rey da Beocia, da qual Jupiter disfarçado em fogo, teve dous filhos chamados *Eaco*, e *Rhadamanto*.

Egioche. Epiteto, que se deu a Jupiter, tomado do *Grego Aix*, gen. *Aigon*, que quer dizer *Cabra*, porque com o leite de huma cabra foy Jupiter creado pelas Ninfas Amalthea, e Melissa. Dizem os Poetas, que com a pelle desta cabra depois de morta, cobrira Jupiter o seu escudo; mas accrescentão outros, que lhe tornara à dar vida, e a collocara entre os Signos Celestes. *Ægiuchus.*

Egis, ou Egide. O escudo de Jupiter, encourado com a pelle da cobra de Amalthea, ama de Jupiter. Deu elle este escudo a Pallas, que lhe applicou à cabeça de Medusa, cuja vista petrificava os homens, e os animaes. Deste escudo tomou Jupiter o sobrenome de *Egioche*, ou *Ægioche*. *Ægis, idis, Fem.* Deste escudo faz Virgilio menção no livro 8. da Eneida, vers. 355.

——— Cum sæpe nigrantem Ægida concuteret dextra.

No vers. 435. do mesmo livro 8. dà Virgilio a entender, que este mesmo escudo he arma defensiva de Minerva.

Ægidaque horrificam, turbatæ Palladis arma.

EGO

Egoa. Vid. tom. 3. do Vocabul.

Adagios Portuguezes da Egoa.

Quem diz mal da Egoa, esse a compra. O cavallo alimpa a Egoa. Egoa cançada prado acha. Couces de Egoa, amores para rocim. O couce da Egoa não faz mal ao potro.

Egobolo. Epitheto, que foy dado a Bacco, com allusão à cabra, que os Pothnios lhe sacrificavão em lugar de hum menino, para expiarem o homicidio, que havião commettido na pessoa de hum dos Sacerdotes do seu Templo. Achase este caso em Pausanias, o qual diz, que os Pothnios, (Povos da Beocia) offerecendo no seu Templo hum sacrificio, se embebedarão, e tomados do vinho, matarão hum dos Sacerdotes do falso Nume, o qual em castigo deste crime, lhes meteo nas suas terras a peste, que os destruhio. Para se livrarem de tão grande

de estrago, consultaraõ o Oraculo; o qual lhes ordenou, que para aplacar ao Deos irado, lhe sacrificassem todos os annos hum menino; mas algum tempo depois o Deos dos vinhos se contentou com o sacrificio de huma cabra.

EGR

Egro. He tomado do adjectivo Latino *Æger*; *Ægra*, *Ægrum*, que quer dizer doente, e algumas vezes trabalhoso, e difficultoso, como em Virgilio *Æger anhelitus*, difficuldade na respiraçaõ; e em Staço *Ægra suspiria*, suspiros, que com trabalho se lançaõ. Neste segundo sentido aqui tens exemplo.

——— *Repetiçaõ duravel*
De inflammado langor Egra *porfia*.
Ramalhete Juvenil de Man. Tavares fol. 350.

EGY

Egypcios. No Dialogo da Deosa da Syria faz Luciano huma larga descripçaõ da antiguidade, costumes, e Religiaõ dos Egypcios Para satisfazer, accrescentaremos a estas noticias outras, que achamos em Authores mais modernos Geralmente fallando, naõ foraõ os Egypcios grandes guerreiros. Porèm lhes naõ faltava valor, como o mostraraõ nas occasioens, que se lhes offereceraõ. Os Egypcios de hoje saõ grandes nadadores, destros, faceros, ingeniosos, mas preguiçosos. Na sua falsa Religiaõ sempre foraõ notavelmente supersticiosos. Entre elles floreceraõ as sciencias; para a prova desta verdade, basta o testemunho de Diodoro Siculo. Delle sabemos, que Homero, Lycurgo, Solon, Plataõ, Pythagoras, Democrito, Eudoxo, e outros illustres Varoens, passaraõ da sua Patria para o Egypto, onde com grande gosto se deriveraõ para aprender as bellas artes, que na dita terra se ensinavaõ Muito tempo depois se mostravaõ nella as casas, que Plataõ, e Eudoxo occuparaõ o espaço de treze annos (segundo o affirma Strabo) fizeraõ ambos esta jornada, para se aproveitarem da conversaçaõ dos Sacerdotes daquella terra; que com singularidade possuhiaõ as sciencias contemplativas. Estes saõ os Sacerdotes, que de mais das letras sagradas ensinavaõ a Arithmetica, e a Geometria, que eraõ o seu principal estudo; da Astronomia, e da Astrologia faziaõ grande estimaçaõ; no tocante à Medicina bastava nella estudado em Alexandria. O trage dos Egypcios era muy aceado, mas sem fasto. Entre elles era licita a Polygamia, casavaõ com as proprias irmãas, e os filhos naturaes naõ eraõ menos estimados que os legitimos. Foraõ os Reys os que permittiraõ, que os irmãos casassem com as irmãas, para as femeas naõ ficarem privadas das prerogativas do governo. Aos velhos tinhaõ grande respeito, e com notavel curiosidade emballsamavaõ os mortos.

Para os Egypcios começava o dia pela meya noite; e para os seus mayores, os annos foraõ só Lunares, e depois de dous mezes, e finalmente de quatro; parece, que pela conta destes breves annos se governavaõ os que differaõ, que a Monarchia dos Egypcios durara treze mil annos. Depois disto este mesmo anno (que tambem se chama *Anno Chaldaico*, e *Anno de Nabonassar*) e que entre Astronomos, e Chronistas he taõ celebre, foy muito vario, e era tal, que propriamente o naõ podem chamar anno Solar, nem Lunar. Com tudo cinco annos depois que o Egypto entrou no dominio dos Romanos (isto foy no anno 229. da fundaçaõ de Roma) fixaraõ este anno nos 29. de Agosto, sem depois ficar sogeito à mudança, que o fazia passar por todas as Estaçoens do anno.

Depois do Diluvio, varios Reys teve o Egypto. Muito tempo foy governado pelos Pharaoens, dos quaes (segundo a mais commua opiniaõ) Amenophis, ou Menes foy o primeiro. Os successores deste Principe, pelo espaço de muitos seculos governaraõ seus Estados, divididos em Dynastias. Com o tempo hum delles se fez Soberano, e seus descendn-

cendentes reynavaõ até Cambyses, Rey da Persia, que sogeitou o Egypto, e o fez seu tributario. Foy depois o Egypto huma das conquistas de Alexandre Magno; morto este Monarcha, foy dividido o seu Imperio; anno da fundaçaõ de Roma 430. e coube o Egypto a Ptolomeo Lago, cujos successores reynaraõ com o mesmo nome, até que os Romanos reduziraõ o Egypto a Provincia, depois da derrota de Antonio, e da morte de Cleopatra, taõ funesta à Cidade de Roma, como o havia sido a Troya a de Helena. Ficou o Egypto debaixo dos Emperadores Romanos, até o reynado de Omar, segundo Califa dos successores de Mafoma, que delle se apoderou por Amar hum dos seus Generaes. Depois de muitas guerras, movidas por Saladin, e Selim ficou finalmente o Egypto todo sogeito aos Ottomanos, que depois o governaraõ pelos seus Baxás, e he o mais authorizado dos governos que dá a Porta.

No tocante à Religiaõ, foraõ os Egypcios notavelmente supersticiosos. As primeiras Deidades, a que deraõ culto, foraõ *Anubis*, *Apis*, *Isis*, e *Osiris*. Tambem criaõ, que o espirito, a agua, a terra, o ar, e o fogo eraõ Deidades, a que se deviaõ as mais humildes adoraçoens, e de tal sorte allucinava o demonio a simplicidade destes Povos, neciamente credulos, que muitos delles adoravaõ Crocodilos, ratos, e varias savandijas; outros idolatravaõ as plantas, e entre ellas rabos, alhos, e cebollas, do que Juvenal altamente zomba dizendo, que naõ ha gente mais santa, que os Egypcios, que vem nascer, e crescer Deoses nas suas hortas.

O sanctas gentes, quibus hæc nascuntur in hortis

Numina. ——

Tiveraõ os Egypcios conhecimento da Fé, e doutrina de Christo no tempo dos Apostolos. Foy S. Marcos o primeiro Bispo de Alexandria. Mostraraõ depois muita inconstancia na crença Orthodoxa; cahiraõ em muitos erros, e particularmente nos dos Arrianos. Porém foraõ seus desertos habitados de Santos solitarios, e depois de S. Paulo, e Santo Antonio, de hum taõ grande numero delles, que naõ ha quem o possa averiguar. Mas depois do jugo Mahometano, ficaraõ estes Povos infectos da doutrina de Mafoma, hoje repartida em muitas seitas. Os Poetas Latinos chamaõ aos Egypcios, *Niligenæ*, *Nilicolæ*, *arum*, *Masc. Gens Pharia*, *Niliaca*, *Nilotica*, *Isiaca*, *Gens fortunata Canopi*, *&c.*

Egypto. Filho do antiquissimo Belo. Foy pay de cincoenta filhos, que casaraõ com suas cincoenta primas com-irmãas, filhas de Danao, irmaõ de Egypto. Dizem, que Danao receoso de que algum dos seus cincoenta genros o desentronizasse, mandara a suas filhas, que matassem a seus maridos, o que ellas executaraõ na primeira noite das suas bodas, excepto Hypermnestre, que conservou a seu marido Lynceo, o qual depois lançou a Danao do Reyno dos Argivos. Segundo escreve Eusebio, deu Egypto o seu nome ao Egypto, que dantes se chamava *Occano*, *Aërca*, e *Osiriana*.

Egypto. Tambem he o nome de hum Rey de Ethiopia, que (segundo a tradiçaõ da terra) foy convertido à Fé de Christo pelo Apostolo S. Mattheus. *Marmol*, *Histor. de Africa*, *livro* 10. *cap.* 23.

EI

Ei. Antigamente os Portuguezes diziaõ Ei, por Eu.

Mas se Ei *for para Mondego.*

Egas Moniz escrevendo à sua Dama.

EIC

Eichstet. Cidade Episcopal, nos confins do Palatinado superior da Baviera, e da Franconia, em Alemanha. Na Igreja Matriz se vê com admiraçaõ huma custodia, da qual Joaõ Conrado de Gemmigen, seu Bispo, lhe fez hum dona-

donativo, no anno de 1611. Peza este sagrado vaso quarenta marcos de ouro; he ornado de trezentos e cincoenta diamantes, mil e quatrocentas perolas, duzentos e cincoenta rubins, e muitas outras pedras finas. A obra toda he avaliada em sessenta mil florins. *Eistadium*, *Eistadium*, e *Quercepolis*.

EID

Eider. Rio de Dinamarca, tem seu nascimento perto de Segeberga, passa por Renburgo, e Tonningen, e depois de dividir o Ducado de Slesvik da Holsacia, desemboca no mar. *Eidera*, ou *Epidera*, *æ*, *Fem*.

Eido. Na Beira val o mesmo que lar, ou districto; vou ao meu Eido, *id est*, vou ao meu lar.

EJE

Ejecto. He palavra Latina de *Ejectus*, participio passivo do verbo *Ejicere*. Lançar fóra. Vid. Lançar.

EIG

Eigues. Rio de França no Delfinado, onde tem seu nascimento, entre os montes da dita Provincia. Depois de banhar a Nions, e S. Tronquere, metese no Rhodano. Nas Escrituras antigas chamase este rio *Icarus*, *Aigarus*, e *Eigarus*, *i*, *Masc*.

EIL

Eilavai. Se diz das lebres, quando se levantaõ.

EIS

Eisenac. Cidade de Alemanha, na Thuringia, sobre o rio Neso. Tem Universidade. He dos Duques de Weimar, da Casa de Saxonia. *Isenacum*, ou *Eisenacum*, *i*, *Neut*.

ELA

Elamitas, ou segundo os Authores profanos, *Elymeos*. Eraõ Povos, que habitavaõ o Paiz, que ficava entre as Provincias da Persia, e Babylonia. He opiniaõ de muitos Historiadores, e em primeiro lugar de Josepho, que os Persas saõ originarios da mesma terra dos Elamitas; o seu principal fundamento he dizer o Profeta Daniel, que Susa, Cabeça da terra dos Persas, ficava na terra de Elám. Aquelle Codorlahomor, que desbaratou os cinco Regulos de Pentapolis, que levou a Loth, e a sua familia, e que finalmente foy derrotado por Abrahaõ, era Rey destes Povos; sua Cidade principal era Elymeida, onde estava aquelle taõ celebrado Templo de Diana, que Antioco Epiphanes quiz saquear anno da fundaçaõ de Roma 567. *Joseph. Antiquit. lib. 1. cap. 7. Elamitæ*, *arum*, *Plur. Masc*.

ELE

Eleboraster. Vid. mais abaixo Elleboraster.

Electo. He Latino do adjectivo *Electus*, Escolhido. Vid. Eleito

Na Europa, que he do Mundo Electo
adorno.

Man. de Far. Fab. de Narciso, e Ecco, Estanc. 24.

Electra. Filha de Agamemnon, e irmãa de Orestes, que foy causa da morte de sua mãy Clytemnestra. Ha outra Electra, filha do Oceano, e de Thetis, e que foy mulher de Atlas, cuja filha houve de Jupiter a Dardano, fundador da Cidade de Troya. Nos seus Phenomenes diz Arato, que he huma das sete Pleyadas, a qual se escondeo por naõ ver a ruina de Troya. *Electra*, *æ*, *Fem*. No livro 4. dos Fastos, verso 31. faz Ovidio mençaõ desta Electra.

Dardanon Electrâ quis nescit Atlantide natum?

Electra. Pedra fina. Vid. Alambre.

Porém

Porém se em attrahirme tens motora
Propriedade gentil de gemma Electra.
Man. de Far. Fab. de Narciso, e Ecco, Estanc. 24.

Eleleo. He hum dos sobrenomes de Baccho, do vocabulo Grego, que quer dizer Fazer grande estrondo, o que se costumava nos Bacchanaes, e hoje se experimenta onde se bebe muito vinho *Ovid. Metamorphos.* 4. & 4. *Epod.* Ao Sol derão os Antigos este mesmo epitheto *Eleleo*, tomado de outro vocabulo Grego, que quer dizer *Dar voltas*, para significar as que continuamente dá este Planeta ao redor da terra, segundo o systema de Ptolomeu.

Elementos. Principios Fisicos, que entraõ na composiçaõ de todos os corpos naturaes. No livro das opinioens dos Filosofos escreve Plutarco, que Empedocles admittia quatro Elementos, e que lhes chama Deoses. Foy Thales o primeiro que ensinou, que a agoa era o principio de todas as cousas. Heraclito, Ephesio, dava ao fogo este principado. Democrito, e seu sequaz Epicuro, queriaõ que fossem os Atomos, que saõ huns corpusculos, que naõ podem ser cortados, nem divididos.

Elenco. Deos da liberdade, e da verdade, do qual se faz mençaõ nas Comedias de Menandro, como se vê em Luciano no seu *Apophrade*, ou *Mao Grammatico*.

Elenco. Por Indice, ou taboada se acha no principio do livro, intitulado Allegaçaõ da Mitra Patriarchal, &c.

Elephancia. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Areteo, famoso Medico, que antes do reynado de Julio Cesar, floreceo na Grecia, no livro 2. de *Diuturnis Morbis*, traz muitas razoens da razaõ porque os Medicos chamaraõ a esta doença *Elephancia*. Diz, que assim como o Elefante he grande de corpo; de aspecto terrivel, de cor escura, de couro aspero, e sem cabello, mas só com huma especie de lanugem cheyo de cortaduras atravessadas, e profundas, com tumores crassos, e veas largas, e com todos estes desconcertos naõ deixa este animal de viver muito; assim os que padecem este morbo chamado *Elephancia*, se fazem corpulentos; com os muitos inchaços, que lhe vem ficaõ feos, e hidiondos, com a pelle em muitas partes rasgada, em todas as partes do corpo lhes cahe o cabello, e ainda que o mal os vá fazendo pedaços, naõ os mata em breve tempo, mas para mais os atormentar, lhes dilata a vida. Por falta de nome proprio Latino, nas suas Definiçoens Medicas, Joaõ Gorreo lhe chama com circunlocuçaõ, *Extuberatio melancholica, & contagiosa, totum corpus, ut speciem Elephantes, immutans.* Plinio lhe chama *Elephantiasis*, como traz *Hadriano Junior*, e Calepino. Lucrecio, lib. 6. pag. 1019. faz este mal particular do Egypto.

Est Elephas morbus, qui propter flumina Nili
Gignitur. Ægypti in medio, neque præterea usquam.

Celso lhe chama *Elephantia*, lib. 3. cap. 25. onde diz, *Ignotus autem pene in Italia, frequentissimus in quibusdam regionibus is morbus est, quem Elephantian Græci vocant, isque longis annumeratur.* Plinio apud Calepino diz, que antes de Cneo Pompeo naõ houvera este mal em Italia.

Elephante. Ordem dos Cavalleiros do Elephante. Dizem, que fora instituida no anno de 1474. por Christierno I. Rey de Dinamarca, na solemnidade do matrimonio de Joaõ seu filho. A insignia dos Cavalleiros era pender pelo peito a Imagem da Madre de Deos, vestida do Sol, e nas costas a figura de hum Elephante, com hum Castello de prata nas costas. Os Reys de Dinamarca naõ conferiaõ esta Ordem se naõ no dia da sua Coroaçaõ. Com a heresia, que infestou o Reyno, se acabou esta Cavallaria.

Elephantina. Ilha do Egypto, formada do Nilo, que debaixo da ultima catarata em dous braços se divide. Chamaraõlhe assim, porque dizem alguns, que nella se acharaõ Elephantes. Neste

lugar poem os Egypcios termo às suas navegaçoens, e daõ principio ao seu commercio com os Ethiopes, de cuja terra naõ he esta Ilha muito distante. A terra he muy aprasivel; porque goza de huma perpetua Primavera. Sempre verdejaõ as arvores, e as vides naõ despem a folha. No 2. liv. dos seus Annaes cap. 6. diz Tacito, que esta Ilha foy o limite do Imperio Romano: sobre esta materia poderá o curioso Leitor ver o que diz Plinio, liv. 5. cap. 8. e Strabaõ liv. 17. cap. 21. Muitos Antigos confundiraõ esta Ilha com a de Philes.

Elevado. Vid. tom. 3. do Vocabulario.

Elevado, altivo; *Elatus superbiâ. Cæsar.*

Eleusis. Antiga Cidade da Grecia, pouco distante de Athenas, onde ElRey Celeo deu bom acolhimento a Ceres, que andava buscando sua filha Proserpina, que Plutaõ lhe roubara. Em agradecimento deste beneficio, facilitou Ceres o parto da mulher do dito Rey (segundo o refere Lactancio) e servio de ama ao filho, o qual foy chamado *Triptolemo.* Depois de adulto, Ceres lhe ensinou a arte da agricultura. Por isso instituiraõ os Eleusios as festas, chamadas *Thesmophoras*, ou *Cereaes*, cujos mysterios foraõ taõ venerados, que os Antigos lhe chamaraõ por antonomasia mysterios, sem outro algum epitheto. No Templo de Ceres, dedicado a estes mysterios, havia muitos ornamentos, que se naõ expunhaõ, senaõ separadamente, e em certos tempos, donde veyo o adagio; do qual faz Seneca mençaõ, *Eleusina servat quod ostendat*; e se appropria aos que em hum papel, ou em hum discurso fazem ostentaçaõ de quanto sabem, sem reservar cousa alguma para outra occasiaõ; e por quanto na celebridade destes mysterios, as mulheres passando em carros costumavaõ apodarse com ditos graciosos de hum carro a outro, tambem deste costume procedeo estoutro adagio *De plaustro loqui*; que se applica aos que com satyrica liberdade, e reciprocos piques graccejaõ. No tocante aos mysterios, que neste famoso Templo se celebravaõ, eraõ de duas castas, grandes, e pequenos. Os que para os grandes mysterios eraõ iniciados, se chamavaõ *Epoptas*; os que eraõ admittidos aos pequenos, eraõ chamados *Mystes*; e no cabo todos estes mysterios, que naõ era licito revelar, eraõ immundicias, e torpezas, que se naõ podem honestamente repetir. Vid. *Tertullian. & Theodoret.*

Eleutherias. Festas, que de cinco em cinco annos se celebravaõ na Grecia em honra de Jupiter *Eleutherio*, isto he, *Conservador da liberdade.* Foraõ estas festas instituidas pelos Gregos, quando perto do rio Asapo derrotaraõ 300000. Persas, capitaneados por Mardonio; vitoria, que restituhio à Grecia sua antiga liberdade. *Suidas.* Houve outras festas deste mesmo nome, celebradas pelos Samios em honra do Deos do Amor: *Eleutheres*, no idioma Grego quer dizer *Livre: Festa Eleutheria.*

Eleuton. Deosa Gentilica, que ajudava as mulheres a parir, como se vê em Pindaro *In Olymp.* onde Apollo a convida juntamente com as Musas, a assistir a Evadna, que estava de parto.

ELF

Elfa. Termo de agricultura das vinhas. Plantar de elfa. He abrir huma cova, ou fosso, e depois de tirar a terra, que naõ presta, enchella de terra boa. Neste mesmo sentido se diz: Plantar de manta. *Vitem in scrobe, vineali terrâ refertâ serere.* (O terceiro modo de plantar a vinha, he de *Elfa.* Abrese esta profundidade de tres palmos; aberta ella, se fazem os covatos no seu fundo, nos quaes se unha o bacello, &c. *Vicencio Alarte, Agricultura das vinhas pag. 13. e 14.*

ELI

Elixaçaõ. Operaçaõ farmaceutica, que consiste em preparar hum medicamento,

mentos, que se poem a ferver no humido aquoso elemental, ou mixto. Derivase este nome do adjectivo Latino *Elixus, a, um*, que quer dizer *Cozido em agoa.* Tem a elixaçaõ muitas utilidades; nos frutos serve de dissipar o humor excrementicio, e superfluo. Serve de reprimir alguma má calidade, como na escamonea, cozida em hum marmello; serve de abrandar alguma violenta calidade, como no elleboro, cozido em hum rabaõ; serve para separar huma virtude da outra, como da raiz da herva jaro a acrimonia; finalmente serve para abrandar, ou endurecer, ou misturar, ou conservar os medicamentos. *Elixatio, onis, Fem.* Naõ se acha em bons Authores Latinos, mas a necessidade obriga os Pharmaceuticos a usar deste vocabulo. Os Antigos chamaraõ na baixa Latinidade à agoa cozida. *Lixa, æ, Fem.*

Elixir. Termo Chimico. Tem esta palavra muitas etymologias. Huns a derivaõ do Arabico *Elexir*, que quer dizer *Fracçaõ*, ou *Quebradura*, porque no Elixir ha força em quebrar os metaes, dissolvendo-os. Outros derivaõ *Elixir* de *Alechsiro*, outra palavra Arabica, que quer dizer *Extracto*, ou *Extracçaõ* artificial de alguma essencia; outros finalmente derivaõ *Elixir* do verbo Grego *Elxein*, porque he por arte Chimica extracto da mais pura substancia, ou de outro verbo Grego, a saber, *Alexeein*, que he soccorrer, porque ha Elixires, que daõ grandes soccorros em muitas enfermidades. He pois Elixir hum licor espiritoso, destinado para usos internos, que contém em si a mais pura substancia dos mixtos, escolhidos para este effeito, e que lhe foy communicada por meyo da infusaõ, e da maceraçaõ. Ordinariamente a base dos Elixires saõ espiritos extrahidos dos vegetantes, ou suas agoas espiritosas, e os menstruos que serviraõ de dissolver, e reter a verdadeira essencia dos medicamentos, que entraõ na sua composiçaõ. O espirito de vinho he o mais commodo dos menstruos; por isso he mais usado principalmente quando he preciso dissolver, e incorporar com o Elixir substancias oleaginosas. A doze dos Elixires he de cinco, ou seis gotas até quinze, ou vinte, quando se tomaõ sem nenhum outro licor, nem materia alguma, mas quando lhe accrescentaõ agoas espirituosas, ou açucar, ou xarope, a dose do Elixir he de huma, ou duas colheres delle. Os Boticarios Latinos lhe chamaõ *Elixirium, ii, Neut.* e preparaõ muitas castas de Elixires, v. g. *Elixirium camphoratum, Elixirium Cephalicum, Elixirium Cæphalicum, Elixirium Stomachicum, Elixirium proprietatis Antiscorbuticum.* Nas Boticas achará o Leitor a composiçaõ, e as virtudes destes, e outros muitos Elixires.

ELL

Elleboraster. Em hum só Author Portuguez achey este nome, e parece mais Latino que Portuguez, que para bem houvera de ser *Elleborastro*, que se me naõ engano he o *Elleboro negro*, porque na sua Sciagraphia, classe 34 fol. 528. col. 1. Domingos Chabreo, fallando no elleboro negro diz assim: *Magnitudine variat, unde in Helleborastrum, majus, & minus distinguit Tabernamontanus.* (O dente, que se esfregar muitas vezes no dia, e a gengiva com as folhas da herva chamada *Elleboraster*, se arrancará com huma linha, sem necessitar de mais violencia. *Polyanthea de Curvo, cap. 90. pag.* 601.)

Ellô, ou Ællo, quer dizer *Tempestade*, he o nome de huma das tres Harpias. Vid. *Ovid. livro* 13. *Metamorph.* No livro 3. este mesmo Poeta dá o dito nome a hum dos caens de Acteon. Segundo outra etymologia fundada no Grego, *Ællo, sic dicta Alloeilousa, Alienum rapiens.*

ELO

Elotes. He o nome de huns Povos, que depois de sojugados por Alcamenes, Rey

Rey dos Spartanos; se levantaraõ; e em castigo da sua rebelliaõ, foraõ condemnados a hum perpetuo cativeiro, de sorte, que aos Lacedemonios seus Senhores naõ era licito darlhes carta de alforria; nem vendellos para fóra da terra: usavaõ delles para lavrar a terra, e exercer os mais vis officios. *Elotæ*, ou *Helotæ*, *arum*, *Masc. Plur. Pausanias in Laconicis.*

ELU

ELUCIDARIO. Vid. Dilucidario acima no seu lugar Alfabetico (No seu Elucidario da antiguidade, &c. Crisol Purificat. fol. 307. col. 2.)

ELUDIR. He tomado do Latim *Eludere*, que propriamente quer dizer *Acabar o jogo*, *Eludere*, *est finem ludo imponere*, *interprete Terentii Sp.* No sentido metaforico, Eludir he escapar destramente de alguma difficuldade, ou embaraço, desviar o golpe, naõ responder direitamente ao ponto. He frase muito usada dos Jurisconsultos Latinos, *Eludere actionem l. 10. §. præterea D. quæ in fraud. cred. Eludere compromissum*; *Eludere definitiones Judicum*, *&c.* E assim dizemos em Romance, o Doutor naõ resolveo, *Eludio* a difficuldade. Os Commentadores *Eludem* os passos difficultosos; e amplamente discursaõ nos outros. A trapaça muitas vezes *Elude* a força dos decretos. *Eludo*, *Elusi*, *Elusum*, *Cic.* Que arte he esta de adevinhar, que com subtileza elude as objecçoens, que se lhe pódem fazer? *Quæ est ista ars conjectoris, eludentis ingenio?* (Zombar, Eludir, Enganar. O Padre Bento Pereira na sua Prosodia, verbo Eludere.)

ELY

ELYSIOS. Campos Elysios. Como sem a luz da Fé, muitas naçoens se tem feito neste Mundo hum Paraiso, em lugares mui distantes huns dos outros, fingio a imaginaçaõ dos homens campos Elysios, para sua perpetua deliciosa morada, depois das miserias desta triste vida. Deu Plataõ o nome de campos Elysios ao Paraiso, ou ao eterno domicilio dos Justos. Aponta Hesychio outros lugares, onde se tem collocado este theatro de felicidades, *Elysium Beatorum insula*; outros o constituem no Egypto, outros na Ilha de Lesbos, em lugar, que pela frequencia dos rayos he inaccessivel aos homens. Dionysio, que fez a descripçaõ do Mundo, faz mençaõ da Ilha Branca no Ponto Euxino, a que elle chama tambem *Ilha dos Heroes*, onde Achilles, e outros esclarecidos Varoens fazem depois de falecidos a sua morada, por mercê de Jupiter, remunerador da virtude. Tambem teve Italia seus campos Elysios, como se vê em Virgilio no livro 6. da Eneida, onde Eneas foy visitar seu pay Anchises. Poem Plutarco os campos Elysios na Lua. Faz Luciano huma curiosa descripçaõ dos campos Elysios, a qual ainda que fabulosa, tem seu merecimento para a curiosidade do Leitor. Leváraõ-nos (diz este Author) para a Ilha dos Bemaventurados, para assistir aos seus banquetes. Logo na entrada ficámos pasmados vendo, que a Cidade era de ouro; as paredes de esmeraldas, as ruas assoalhadas de evano, e marfim embutidos. Os Templos dos Deoses de rubis, e diamantes, com grandes altares de huma pedra fina inteiriça, sobre a qual fumegavaõ as hecatombas. Tinha a Cidade sete portas, todas de cinnamomo, e hum fosso de aguas de cheiro muito largo, sem mais altura que a que bastava para commodamente se lavar nella. As casas eraõ todas de cristal, e os tanques para se lavar, eraõ grandes vasos de porcellana, cheos de orvalho. Os Bemaventurados, ainda que com corpos impalpaveis, naõ deixaõ de comer, e beber; e naõ envelhecem, mas permanecem na consistencia da idade, em que morreraõ; só os que morrem velhos, tornaõ a remoçar, e ficaõ com perpetuo vigor, e fermosura. Das quatro Estaçoens do anno, só conhecem a Primavera, de todos os ventos só lhe assopraõ com suavidade os Zephiros. Todo o anno

no fica a terra cuberta de flores, e fru- tos, cuja colheita se faz cada mez, e a- isto se accrescenta, que no mez a que lá chamaõ *Minos*, he dobrada a colheita. As espigas em lugar de graos de trigo estaõ carregadas de huns paensinhos, ou bolinhos, com figura de cogumelo. Tem toda a habitaçaõ trezentas e sessenta e cinco fontes de agoa doce, e outras tantas de mel, com quinhentas de oleos de cheiro, e muitos ribeiros de vinho, e leite. Comese fóra da Cidade na planicie de Elysa à sombra, e com a frescura de hum bosque, que a corôa, tomaõ todos sua refeiçaõ deitados sobre flores, sobre as cabeças trazem os ventos as iguarias; naõ ha mister tomar o trabalho de fazer capellas; as avesinhas, que cantando voaõ por cima da gente, espalhaõ flores, que dos prados visinhos colheraõ. Todo o tempo da comida, cantigas festivas recreaõ os ouvidos, e com ricas poesias se alimentaõ os entendimentos. Sabem a dançar companhias de hum, e outro sexo, todas na flor da idade; mestres que guiaõ as danças saõ Anacreon, Stesicore, e Arion. Acabadas as cantigas, apparece outro coro de Musicos, composto de canarios, e rouxinoes, que juntamente com os Zephiros fazem huma suavissima harmonia, mas o de que mais se compoém a felicidade destes Bemaventurados he, que no dito lugar ha duas fontes manânciaes huma de riso, e outra de alegria, das quaes antes de se pôr na mesa, toma cada hum hum bom trago, e com este cordial fica todo aquelle dia muito satisfeito, e contente.

EMA

EMALHAR. Fazer as malhas de huma rede. *Rete plagis componere. Texere maculis rete.* (Naõ vedes que contra vós se *Emalhaõ as redes. Vieira, tom. 2. pag.* 300.

EMATH. Cidade da Syria, no territorio de Damasco. Judic. 3. segundo Eusebio, he a mesma que Epiphania; ou (segundo outros) Antiochia. He no Tribû de Nephtali huma antiga, e fermosa Fortaleza, perto do monte Libano. Tomou o nome de seu fundador Emath, undecimo filho de Chanaan.

EMB

EMBACELLAR. Plantar bacello. Fazer baccllada. Vid. Baccllo. Vid. Bacellada. (No fim de Abril devem embacellarse muito fundos. Vicencio Alarte, Agricultura das vinhas, pag. 39)

EMBAIMENTO. Vid. Engano. Vid. Mentira. Vid. Embair, tom. 3. do Vocabulario. (Gente ignorante, que se fiava de seus Embaimentos, e mentiras. Fr. Joaõ dos Santos, Histor. da Ethiopia Oriental, livro 3. fol. 73. col. 4.

EMBARGO. He suspensaõ de sentença definitiva, ou interlocutoria. Vid. tom. 3. do Vocabul.

EMBASBACADO. Vid. tom. 3. do Vocabul.

Naõ fiquem os doutos naõ embasbacados.
Tendo as bocas abertas.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, fol. 296.

EMBDA, ou Embden. Cidade Metropoli, e Condado da Frisia Oriental, sobre o rio *Ems*, com porto taõ commodo, e seguro, que nelle como tambem na Cidade, pela altura do seu canal pódem entrar à vela cheá os navios *Emda*, ou *Embda, æ, Fem.*

EMBEBECER. Vid. Embeber.

Que de todo estaõ nella Embebecidos. Man. de Far. Fonte de Aganip. Centur. 5. Soneto 36.

EMBICAR. Vid. tom. 3. do Vocabul. O Adagio Portuguez diz: Quem embica, e naõ cahe, caminho adianta.

EMBOLDREADO. Manchado, Enlodado, Emporcalhado. (Cahio do cavallo, e ficou todo Emboldreado na lama. Jorge Cardoso em hum dos tres tomos do seu Agiologio Lusitano.)

EMBOTAR o juizo. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Os cuidados, ou os trabalhos me embotaraõ o juizo. *Me hebetem molestiæ reddiderint.* (Embotase o

tio vaõ de seus engenhos. Crisol Purifi-cat. fol. 109.)

EMBURRICAR. Verbo de chularia. *Vecordem, stupidumque aliquem reddere*, ou *efficere*. *Alicui stuporem asininum inducere*, *vel ingenerare*.

EMBUTIR o entendimento. Vid. Bestunto.

EME

EMENIA. He o nome, que se deu aquelle grande pedaço da Grecia, que depois foy chamada Thessalia. De *Emon*, filho de Deucaliaõ tomou o nome, como havia tomado o de Pyrrha do nome de sua mulher. *Strab. livro 9. Plin. livro 4. cap. 7.*

EMERGENTE. He tomado do Latim *Emergere*, que val o mesmo que sahir de merguiho, e por metafora se diz de cousas que vaõ acabando, e sahindo de algum embaraço. E assim diz Cicero *Emergere ex aliquo negotio*. Desembaraçarse de algum negocio. Em outro lugar diz o dito Orador, *Emersit è vadis oratio*. Tirouse de embaraços o meu discurso. No idioma Portuguez temos hum exemplo do dito vocabulo, (confundindo o anno corrente, que se principiava em Janeiro, com o Emergente, que se terminava em Novembro. Crisol Purificat. fol. 175. col 1.) Damno emergente. Vid. Emergente tom. 3. do Vocabul.

EMI

EMIR. Entre Turcos, e outros Mahometanos este nome val o mesmo, que Cabeça, Principe, e pessoa que tem algum mando. Antigamente os Califas dos Sarracenos, e alguns Principes de varias familias, que reynaraõ debaixo da authoridade dos Califas, naõ tomaraõ no principio outro titulo, que o de Emir, que depois com o andar do tempo, mudado no de Sultaõ, se deu aos Principes seus filhos, como o de Cesar entre os Romanos; tambem se deu a todos os que saõ reputados descendentes de Mafoma, pela sua filha Fatima; estes para se distinguirem dos outros, e serem mais respeitados, trazem Turbante verde, e em Africa lhes chamaõ Xarifes, ou Xerifes, isto he, Nobres, e Illustres. Em Turquia pois, e na Corte do Graõ Senhor, *Emir* com alguma outra palavra que se lhe accrescenta, he titulo, que se dá a varios Officiaes, e Ministros da Coroa Ottomana. *Emir-Akktor*, ou *Imrahor*, he o Estribeiro mòr, ou cabeça das cavalhariças do Sultaõ. *Emir-Alem*, he o Guarda mòr dos Estandartes, ou General das bandeiras, naõ só da Corte, mas de todas as Provincias do Imperio, e tem officiaes subalternos, a que chamaõ *Sangiac*, que tem a seu cargo esta mesma commissaõ. *Emir-Bazar*, he o Almotacé mòr, que poem o preço aos mantimentos, e tem poder em todos os mercados do Imperio. *Emir Hage*, quer dizer Principe dos peregrinos, e he o que governa a caravana de Meca. *Herbelot*, *Bibliotheca Oriental*. *Ricaut. Histor. do Imperio Ottomano.*

EMMENINECER. Tornarse menino. Restituirse nos annos da puericia, ou na idade pueril. *Repuerascere*, he de Cicero, *De Senect. 83.* onde diz: *Si quis Deus mihi largiatur, ut ex hac ætate repuerascam*, outros lem *Repuerisceam*.

Emmemincecer. Tornarse moço. *Juvenescere*, *Plin.* (*Sco*, sem preterito.) Neste segundo sentido diz ElRey Seleuco à Rainha Estratonica, em humas das Comedias de Camoens.

Senhora; desque a ventura
Me quiz darvos por mulher
Me sinto Emmeninecer.

EMMURCHECER. Murchar. Vid. tom. 5. do Vocabul.

Que sempre as principaes felicidades
Saõ flores, que Emmurchecem *breve-*
mente.

Mascar. Destr. de Hespanha, liv 5. Oit. 84.

EMP

EMPA. He hum amanho, que se faz amarrando a vara ao tronco, voltando-a para que gemida lance as varas em seu lugar,

lugar, ou se faz à cana, ou pao. Ha empas, a que chamaõ *Amarrár a mãy*; e empas a endivilha, de todas as empas a melhor, posto que mais custosa, he a empa de pao, ou cana. Empar de crista de gallo, he fazer a empa estando já a vinha arrebentada. Se as vinhas se naõ emparem, em pouco tempo se perdem, porque como a natureza das vinhas, he lançar nos ultimos dous olhos, se a industria da empa as naõ obrigar a que lancem as varas atraz, em poucos annos tornaõ estereis, porque o lavrador vay buscar à vara, e como a acha na ponta, ahi a deixa, e naõ cria a cepa pé, e logo enfraquece, e as vides, como saõ delgadas, andaõ arrastradas, por naõ terem quem as sustente.

Empachar. Vid. tom. 3. do Vocabular. Empacharse, no sentido figurado.

Por isso ò que sabio for;
Desde agora se precate,
Contra o gosto, e contra a dor
Nem se Empache *co temor,*
Nem co gosto se arrebate.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Canfonha de Euterp. pag. 97. col. 1.

Empacho. Impedimento, duvida, embaraço, obstaculo, que se poem a alguma empreza. (Acerca de todo los empachos, que puzeraõ em minha ida. Zurara, cap. 47.

Empanda. Deosa da antiga Gentilidade, assim chamada porque presidia nas cousas, que se faziaõ às abertas, e publicadas, tomado o nome do verbo Latino *Pandere*, que he *Abrir*, ou *Descobrir*. Nas obras de Nonio da Varro a este nome outra etymologia, e diz, que se deriva *à Pane dando*, e accrescenta, que segundo Elio, *Empanda*, era a Deosa Ceres, assim chamada, porque dava paõ aos que se acolhiaõ ao seu asylo. *Empanda, æ, Fem.*

Empanturrado. Vid. tom. 3. do Vocabul.

Empanturrado. Inchado. Soberbo. He chulo. *Inflatus, a, um, Tit. Liv.*

Em Cascaes os mayores
Palinuros do mar preconizados
Saõ por Emperadores;
E em quanto o saõ, saõ muy Empanturrados.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 398.

Empellicado. Entre os Gentios da Asia, Pagode Empellicado, he o mesmo que Pagode violado. (Os Gentios da terra ouviraõ, que estava o Pagode *Empellicado*. Jornada de D. Fr. Aleixo de Menezes liv. 2. cap. 6.)

Empenha. He o remendo, que apanha toda a ilharga do sapato. *Ruy Fernandes no seu Tratado da Cidade de Lamego, em hum Regimento de Sapateiros.*

Empepinado. Termo chulo.

Puf, entesemos o collo
Com visos de Empepinado.

Oraçoens Acad. de Fr. Simaõ fol. 236.

Emperador. Tambem he de saber, que em Italia os moradores de Preneste veneraraõ particularmente a Jupiter com o titulo de *Imperator*, como entendendo com sua Gentilica cegueira, que elle era o Nume, que mandava todo o Mundo. Depois da dita Cidade Preneste cahir no poder dos Romanos, a estatua deste *Jupiter Imperator*, foy levada a Roma, e collocada no Capitolio. Na 6. Oraçaõ contra Verres diz Cicero, que Jupiter em outros lugares fora venerado debaixo do mesmo nome.

Emperador. Tem o mar hum peixe deste nome, o qual tem coroa como de ouro, e manchas quadradas, tambem de cor de ouro por todo o corpo. He muito grande, e de gosto excellente. Andaõ sempre juntos macho, e femea, quando hum, ou outro vem à praya, e fica nella, o mesmo faz o companheiro. Saõ raros nestes mares; achaõse alguns no Estreito. No seu livro *De Piscibus cap. 21. pag. 331.* Ulysses Aldovrando faz mençaõ de hum peixe deste nome, mas muito differente, porque diz, que os Genovezes chamaõ Emperador ao peixe espada; *Similiter* (diz este Author) *pesce spada, quasi gladius, aut gladiatus piscis, &c. Genuensibus* Imperador, *quod nempe gladium, ut pisti Imperatores gerat.*

Empigem. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Feijoens d'Empigem. Vid. mais abaixo Feijoens.

Emporetico. Derivase do Grego *Emporia*, Negociaçaõ; daqui se diz *Carta Emporetica*, por *Papel de embrulhar*; do qual usaõ mercadores, e homens de negocio. *Charta, quæ vocatur* Emporetica, *quâ utuntur mercatores ad involvendas merces*. Aqui he de advertir, que carta Emporetica naõ he synonymo de *Papel mataborraõ*; porque, se bem poderá succeder, que se embrulhem drógas com papel mataborraõ, tambem com carta Emporetica se faz o mesmo, e póde naõ ser pacenta, como o dito papel, que por naõ ter cóla, serve de apagar borroens, e filtrar licores. E assim parece, que se equivoca o Doutor Joaõ Curvo de Semmedo nas suas Observaçõens pag. 364. onde diz, *Se filtra o licor por carta Emporetica*, porque ha carta Emporetica com cóla, e esta naõ serve para filtrar, como o papel mataborraõ, que sempre póde servir para este effeito.

Emposta. No Alemtejo, he hum espaço da terra, capaz de tantos moyos de semeadura.

Emprazar. Citar, ou notificar a alguem, que em tanto tempo appareça no Tribunal Divino, para dar razaõ de alguma sem razaõ. Naõ acho razaõ nos que fazem zombaria deste genero de emprazamento, principalmente quando quem o faz, naõ acha neste Mundo quem queira, ou quem possa fazerlhe justiça de algum grave aggravo. No commento destas palavras do capit. 9. do Genesis, vers. 5. *Sanguinem animarum requiram de manu cunctarum bestiarum*, traz Cornelio à Lapide muitos exemplos de emprazamentos; succedidos na mesma circunstancia de tempo, que pedira a Deos o Author delles. Nauclero, e Fulgosio escrevem, que Fernando, Rey de Leaõ, e Castella, por huma suspeita de inconfidencia, mandara despenhar de hum rochedo dous Cavalheiros da Casa dos Carvalhaes, sem os ouvir; e elles vendose indefensos, e sem meyo para dizerem de sua justiça, appellaraõ para o Supremo Juiz, pedindolhe, que no espaço de trinta dias chamasse a si o dito Rey Fernando, como em effeito foy chamado no mesmo intervallo de tempo, e com terror de toda Hespanha lograraõ os appellantes o emprazamento. Escreve o mesmo Fulgosio, que hum Cavalheiro Napolitano, caminhando para lugar do supplicio com outros Templarios seus confrmãos, descobrindo em huma janella ao Papa Clemente VI. e a Filippe o Fermoso, Rey de França, por cuja authoridade hia padecer, levantara a voz dizendo, já que na terra naõ tenho para quem appellar, appello para o Justo Juiz Divino Jesu Christo, para que no termo de hum anno, e dia ambos appareçais diante do seu Tribunal, onde eu possa justificarme do crime imposto; hum, e outro antes do anno acabado, foraõ dar conta a Deos da injusta execuçaõ. Escreve Joaõ de Paulo, que Rodolfo, Duque de Austria, mandara deitar no rio hum Cavalheiro atado em hum saco, e que este tendo occasiaõ para o ver antes da execuçaõ, lhe dissera; Duque Rodolfo emprazo tua alma para daqui a hum anno diante do Supremo Juiz, *Bem está*, respondeo o Duque rindose; entre tanto vá diante; que depois lá nos veremos; acabado o prazo, sobreveyo ao Duque huma febre, que lhe trouxe à memoria o emprazamento; olhando para os criados, disse, chegou a hora da minha morte; fou chamado a juizo; e no mesmo instante expirou. Das Historias da Bretanha Inferior, Provincia de França, tirou Eneas Sylvio estoutro exemplo. Francisco, Duque da dita Bretanha, mandou prender seu irmaõ Egidio, falsamente accusado do crime de lesa Magestade, e no carcere o mandou matar; pouco antes de morrer pedio o innocente a hum Religioso de S. Francisco, que da sua parte fosse dizer ao Duque seu irmaõ, que partia deste Mundo para o esperar por elle dalli a quarenta dias diante do Tribunal de Deos. Foy o Padre buscar ao Duque, deulhe a nova da morte

morte do irmaõ, e do emprazamento; do terror do aviso cahio o Duque doente, e pouco a pouco se foy finando atè morrerno dia quadragesimo. No livro 1. da Decada segunda da guerra de Flandes, traz o Padre Famiano Strada outro terrivel exemplo, do Governador de huma Praça de Flandes, que juntamente emprazado por hum Capitaõ, foy enforcado no mesmo anno, e no mesmo lugar em que mandara enforcar o emprazante. Fundase a razaõ deste genero de emprazamento na justiça, que naturalmente cada hum se deve a si mesmo, e no lugar allegado dá o ditto Alapide a entender, que he acçaõ licita, porque authorizada com o recurso do Santo Rey David, que vendose injustamente perseguido por Saul, appellou para a Justiça Divina, com estas palavras, *Judicet Dominus inter me, & te, & ulciscatur me Dominus ex te, &c.* 1. *Reg. cap.* 24. 13. Ouvio Deos ao appellante, porque dahi a pouco tempo foy Saul vencido dos Filisteos, e por naõ cahir nas mãos delles, com suas proprias mãos tomou a morte. Na Sagrada Escritura ha muitos outros exemplos dos que injustamente avexados, recorreraõ ao Tribunal Divino, e foraõ ouvidos. Para o Supremo Juiz appellou o Pontifice Zacharias da injustiça, com que o Rey Joas o mandara apedrejar, *Videat Dominus, & requirat*, 2. *Paralipom. cap.* 24. 22. Apenas passado o anno, os proprios criados delRey Joas o mataraõ no seu leito. Das crueldades delRey Antioco appellaraõ para Deos os sete irmãos Macabeos, e com as armas do Ceo o ameaçaraõ, *Tu non effugies manum Dei* 2. *Machab.* 7. 31. E no seu Apocalypse representa S. Joaõ as almas dos Martyres, pedindo a Deos satisfaçaõ das sevicias dos Tyrannos, o que (segundo Menochio) se deve entender, naõ por estimulo de vingança, mas por zelo da justiça. *Usquequo Domine, non judicas sanguinem nostrum de iis, qui, &c. Apocal.* 6. 10. Emprazar para em tempo determinado dar conta a Deos de huma injustiça. *Alicui diem dicere, vel præstituere, ad dandam Deo rationem, vel ad dicendam coram Deo causam admissi facinoris.*

Emprestar. Vid. tom. 3. do Vocabul. *Adagios Portuguezes do Emprestar.*

Quem empresta, suas barbas arrepela. Quem me empresta, ajudame a viver. Quem come emprestado, come de seu saco. Emprestaste, e naõ cobraste; e se cobraste, naõ tanto, e se tanto, naõ tal, e se tal, inimigo mortal. Mais quero pedir à minha peneira hum paõ apertado, que à minha visinha emprestado. Quem ama a mulher casada, a vida traz emprestada. Quereis do amigo inimigo, emprestailhe o vosso, e pedilho. Se queres saber quanto val hum cruzado, buscao emprestado. Lá vás emprestado, donde venhas melhorado. A quem naõ traz calças em Janeiro, naõ emprestes teu dinheiro. Dinheiro emprestaste, inimigo ganhaste.

Emprestimo. Vid. tom. 3. do Vocabulario. He digna de ponderaçaõ a advertencia de Duarte Nunes de Leaõ, na Origem da lingoa Portugueza, pag. 41. onde diz, pela palavra *Emprestimo* significarmos o que em Latim se chama *Mutuum*, e *Commodatum*, sendo contratos muy differentes, porque o *Mutuum*, he emprestimo de dinheiro, ou cousas que se pezaõ, ou medem, como trigo, vinho, azeite, que damos para o que as recebe haver o senhorio dellas, e as converter em seus usos, e tornar outro tanto dinheiro, trigo, ou azeite, como o recebeo. Finalmente he *Mutuum* emprestimo de cousas, que consistem em genero, e o *Commodatum*, he emprestimo de cousa, que consiste em especie, como he hum cavallo, ou livro, que acabado o tempo do emprestimo, se ha de tornar o mesmo corpo, *id est*, a mesma cousa.

Empreza. Vid. tom. 3. do Vocabulario. As emprezas, que nos Poetas antigos se chamavaõ Heroicas, eraõ envestir com o leaõ Nemeo, degollar a hydra de Lerna. Pelejar com o javalí de Eri-

Erimanto. Apanhar na mata de Menelao a corça, que tinha as pontas de ouro; plantar columnas no Oceano; Brigar com Geriaõ tricorporeo Gigante. Arriscarse a roubar os cavallos de Diomedes. Prender o caõ Cerbero. Colher no jardim das Hesperides as maçãas de ouro; e obrar outras façanhas, attribuidas a Hercules.

Empriir. Achase em Escrituras antigas por *Encher*. Origem da ling. Portug. fol. 112. Derivase do Francez *Emplir*, que tambem significa *Encher*.

Empusa, ou Empousa. Era huma especie de duende, ou fantasma horrivel, dedicado a Hecate, ou (segundo a mais provavel opiniaõ) que por industria de Hecate apparecia. Suidas, e Aristofanes contaõ, que este espectro se mudava, ora em figura de mulher fermosa, ora em figura de vaca, e ora de caõ, ou de outro animal. Chamaraõlhe *Empusa*, do Grego *Eis*, *Enos* hum, e *Pous*, pè, porque parecia, que tinha hum só pè, ou andava a pè polim. Dizem outros, que tinha huma perna de asno, e hum pé de bronze, e que costumava apparecer pelas horas do meyo dia, quando os Gentios offereciaõ sacrificios pelos mortos. Nas differentes figuras desta fantasma se fundou o adagio, que se applicava ao homem inconstante, e vario, *He mais mudavel, que hum Empusa*. Querem alguns, que o dito espectro fosse a mesma Hecate, ou huma das Lamias. *Cartari, imagens dos Deoses*. Segundo Luciano, Empousa, era huma famosa dançadeira.

Empuxaõ. Vid. tom. 3. do Vocabulario:

O que forçoso braço, o da brandura
A maré branda desta penha gasta
Quanto contra o Empuxaõ *do vento*
dura.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Campfonha de Euterp. pag. 123.

EMS

Ems, ou Eems. Rio de Alemanha, que tem seu nascimento na Westphalia, no Bispado de Paderbona. Banha as terras de Varendorp, Greven, Rhenen, &c. e depois de receber as agoas de varios rios, metese no mar pela Frisia Oriental, perto da Cidade de Embden. *Amasius*, ou *Amasia*, ou *Amisius*.

Emsoço. Vid. Enlosso.

ENA

Enan. Antigo lugar da Palestina, à maõ direita do rio Jordaõ, perto da Cidade de Thamna, que hoje està arruinada, e lhe chamaõ *Rama*. Enan naõ he o mesmo que Enon, que na opiniaõ de huns Criticos Baronio tem confundido.

Enaõ. Vid. Anaõ tom. 1. do Vocabulario. O Author do livro, intitulado Eva, e Ave, ordinariamente diz *Enaõ*; (A natureza assim como fez gigantes, e homens de grandes forças, faz *Enaõs*, e talvez animosos. 262. num. 19.) Logo mais abaixo diz (Hum *Enaõ*, chamado Bemulph.) O Castelhano diz *Enano*. Dos dous escolha o Leitor o que lhe parecer melhor; a escolha naõ póde ser cousa grande.

ENC

Encabeçar bottas. He proprio dos Villoens, quando cozem as calças com as cabeças. Vid. Alças. Vid. Cabeças.

Encabellado. Termo do vulgo. Mal encabellado. O que tem má condiçaõ.

Encafurnado. Mettido em huma cova, em huma cafurna. Vid. Encovado.

Encame. A malhada, em que se recolhe o javali.

Encanado. Palavra da India.

Encanar. Termo de Algebrista. Encanou a perna quebrada.

Encanteirar. Assentar em canteiros. *Encanteirar* pipas, ou outras vasilhas de vinho. *Dolia, super tigna componere*. (Encanteiraõ as vasilhas perto de meyo palmo, distantes humas das outras. Alarte, Agricultura das vinhas, 125.)

Encaprichar. Fazer capricho, ou fazer por capricho. Vid. Capricho, tom. 2. do Vocabul.

Mas doulhe, que Encapricha
Nas olorosas agoas, com que esguicha.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 366.

Encarapinhado. Sorvete encarapinhado. O que nem he muito liquido, nem muito congelado. Os que o vendem assim, lhe deraõ este nome. *Turcica sorbitio, nec spissior, nec liquidior.*

Encarchar. Cousa de feitiçaria. (Por Encarchar varios animaes com palavras, e acçoens supersticiosas.) Lista do Auto da Fé da Cidade de Coimbra 14. de Março de 1723. na primeira abjuraçaõ de leve.

Encalvagado. Vid. Encavalgar, tom. 3. do Vocabular. Encavalgado em cavallo alazaõ. *Equo russeo vectus*, ou *Vectus in equo russeo.* Ovidio diz *Equo vehi*, Cicero diz, *Vehi in equo. Equo rubro insidens. Equo insidere*, he de *Tito Livio.* (Tres mil homens encavalgados em egoas. Barros, Dec. 4. fol. 178.)

Encelado. Filho de Titan, e da Terra, e o mayor dos Gigantes, que conjuraraõ contra Jupiter. Mas este Deos lançou nelle hum rayo, que o postrou, e sobre o seu cadaver, meyo abrazado, revolveo o monte Etna, debaixo do qual ficou sepultado. Deste Gigante taõ severamente castigado, diz Virgilio *Æneid. lib. 3. vers. 578.*

Fama est Enceladi semiustum fulmine corpus,
Urgeri mole hâc, ingentemque in super Ætnam
Impositam, ruptis flammam expirare caminis;
Et fessum quoties mutat latus, intremere omnem
Murmure Trinacriam, & Cœlum subtexere fumo.

Encerramento. (Matronas nobres no Encerramento mais interior das suas casas. Vid. tom. 3. do Vocabul. Vida de D. Fr. Barthom. dos Marr. fol. 197. col. 1.)

Enchelea. Cidade da Illyria, perto da qual (segundo a ficçaõ Poetica) Cadmo, e Hermione foraõ mudados em serpentes. Lucan. lib. 3.).

Enchemaõ. Homem de Enchemaõ. Vid. tom. 3. do Vocabul. Santo de Enchemaõ.

Inez diz, que Baltazar
He Santo, e em sua oraçaõ
Se ergue tres palmos no ar,
Se elle he Santo de Enchemaõ,
Bem se póde alevantar.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Viola de Thalia, 234. col. 2.

Encher. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Ando buscando com que encher a minha barriga, que está vazia. *Inanimentis explementum quærito. Plaut.*

Enchoriçarse. Verbo chulo. Dizse do gato, quando se eriça, e tambem dos soberbos, que parece andaõ inchados. *Inflari*, ou *Turgere.*

Enchusa, ou Enchuisen. Cidade dos Paizes Baixos, na Nort-Hollanda, cercada do mar Mediterraneo, quasi como Peninsula. Dista de Amsterdam algumas seis legoas. Foy a primeira, que depois da tomada de Briel, sacudio o jugo de Castella, anno de 1572. *Enchusa, æ, Fem.*

Enclaustrarse. Recolherse em Claustro. Fazerse Religioso. *Intra Cœnobii claustra se recipere.* (Por amor de Christo enclaustrouse dentro das paredes daquelle ermo. Crisol Purificat. 268. col. 2.)

Encornelhado. Desprezado, injuriado, infamado. Vid. nos seus lugares. (Pedia, que o naõ quizesse mais deshonrar, que assaz eraõ *Encornelhados.* Vida do Condestab. Nuno Pereira fol. 62. col. 4.)

Encoraçado. Vid. Coraça, supra.

Encorpar. Fazer corpo, e engordar. *Corpus carne replere. Ovid. 12. Metamorph.*

Encospas. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Metteo nas encospas. Adagio, que val o mesmo, que *Fello callar.* O Padre Bento Pereira o traduz em Latim com estas palavras, *Harpocratem reddidit,* por-

porque Harpocrates foy hum Deos dos Egypcios, chamado do Silencio, e assim se pintava exhortando a elle com o dedo na boca.

Encoymar. Vid. Acoimar.

Senhor, se do passear
Lá nessas salas do Paço
Naõ se Encoyma *o descançar,*
Perdey comigo hum pedaço.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Cançonha de Euterp. pag. 53.

Encuberto. A Ilha Encuberta, a que os Castelhanos chamaõ *La Encantada*, segundo a opiniaõ de huns Pilotos Portuguezes, jaz cem milhas longe das Ilhas Canarias, para o Poente; algumas vezes se deixa ver, e outras naõ. Das ditas Ilhas Canarias varias vezes foraõ Castelhanos em demanda desta Ilha, mas inutilmente, de sorte, que imaginaraõ que era illusaõ; a outros pareceo, que em certos dias se fazia visivel, mas que em todo o mais tempo nevoas, ou nuvens ja roubavaõ à vista. *Varenus in Geog.* Porém tem Vossio para si, que esta Ilha Encuberta, encantada, ou inaccessivel naõ he outra, que huma das Canarias, a que chamaõ Teneriffe, e que a razaõ de apparecer, e desapparecer aos que com os olhos a buscaõ he, que das mais Ilhas Canarias só ella he cuberta de neve, e por ser summamente alta, se deixa ver 260. mil passos de longe; mas só nos crepusculos matutinos da Aurora, ou nos vespertinos depois do Sol posto, porque naquelles tempos as especies dos objectos remotos, pela condensaçaõ dos vapores da noite, e da manhãa, se levantaõ mais alto que de dia, tempo em com a presença do Sol os vapores se dissipaõ. E assim he provavel, que os primeiros navegantes, que puzeraõ a proa para esta Ilha, e que já lhe pareceria pouco distante, depois do nascer do Sol se desvaneceo, e succedendolhe isto duas, ou tres, ou mais vezes, com vento favoravel, e boas singraduras, por engano dos olhos lhes pareceo, que a dita Ilha fugia delles, e com este erro lhe deraõ o nome de Encuberta. Sem embargo de todas estas razoens, naõ faltaõ Authores que querem, que haja tal Ilha no mar; e alguns delles Portuguezes, tanto assim, que o Padre Manoel Leal no seu Crisol Purificativo, faz mençaõ de Ilhas Encubertas, habitadas de Portuguezes, da 4. columna da pag. 644. onde diz (se a referida profecia se póde applicar aos Religiosos Agostinhos do Mosteiro de Cauliana, &c. os quaes no anno de 715. com o seu Bispo Maximo, e muitos Portuguezes com suas casas, e familias, fugindo dos Sarracenos se embarcaraõ nos portos deste Reyno, e guiados por superior destino, foraõ parar nas Ilhas Encubertas, Deos o manifestará quando for servido.) Pódese esta opiniaõ confirmar com o que da dita Ilha diz certo Author moderno, *Campos ejus dicunt fertiles, & incolas Christianos esse, sed ignorari cujus originis sint, quâve linguâ utantur.*

Encurtar o sono. *Histor. de S. Domingos, 2. part. liv. 1. cap. 18. pag. 38. col. 2.*

END

Endivilha. Termo de Agricultura. He huma casta de empa, que se faz estando a vinha cerrada, e comprimindose mais com este amanho as cepas. He melhor que outras, faz pouca despeza, e frutifica igualmente; com tudo tem o costume introduzido o abuso de se reprovar, sem outra razaõ mais, que porque o naõ costumaraõ os Antigos. *Alarte Agricultura das vinhas, pag. 64.*

Endovellico. He o nome de hum Deos, que antigamente foy adorado em Portugal, e teve hum Templo muy perto de Villaviçosa, onde agora se acha hum lugar chamado *Therena.* Foy este Templo fundado por Maharbal, Capitaõ Carthaginez, que da Provincia de Andaluzia tinha passado a Portugal, e no dito Templo foy collocada a figura de Cupido Deos do amor, feita de prata, da qual conta Alladio, *De Sacrificiis Lusitanorum*, que o fizeraõ sem olhos, com o coraçaõ na boca, e humas azas

nos

nos pés, seguindo nisto a traça, que os de Chypre lhe haviaõ dado. Das Annotaçoens do Bispo Pinheiro, part. 2. se collige, que na lingoagem dos Portuguezes daquelle tempo, este nome *Endovellico* vinha ser o proprio, que hoje chamamos *Cupido*. De partes remotas vinhaõ a este Templo offerecer sacrificios, e cumprir romarias, principalmente mancebos, e Damas, que pertendiaõ daquelle Idolo algum bom successo nas emprezas do amor. Houve neste Templo de Cupido algumas Sacerdotizas, que o tinhaõ limpo, e muy concertado, as quaes pela mayor parte eraõ moças de bom parecer, e da mais nobre gente da terra; havia tambem hum Sacerdote, debaixo de cujo governo estavaõ todos os outros ministros do Templo, a quem competia offerecer todos os donativos, que alli vinhaõ, e matar nos primeiros dias dos mezes hum cordeiro branco diante do Idolo, e por ser notavel o modo de o sacrificar, bom será referir as principaes ceremonias deste culto, deixando muitas outras particularidades em silencio. Chegado o tempo do sacrificio, despia o Sacerdote todos os vestidos ordinarios, até ficar nû, e depois lançava sobre si huma vestidura branca, taõ comprida, que lhe dava pelo peito do pé, e de tal invençaõ, que o braço, e espadoa esquerda ficavaõ descubertos, e tudo o mais vestido, e tomando o cordeiro vivo, lhe abria o peito com a maõ direita, e com a esquerda lhe arrancava o coraçaõ, e o lançava em hum fogareiro de brazas vivas, e a razaõ de ter descuberta a parte esquerda do coraçaõ, era (como diz Alladio) *Ne is, qui corda Deo oblaturus erat, aliquâ labe cor suum coinquinatum habere videretur*; isto he, porque naõ parecesse ter seu coraçaõ cuberto com algum vicio, aquelle que tinha por officio offerecellos a Deos descubertos. No 1. tomo da Monarchia Lusitana, desde a pag. 137. até 139. das quaes tenho tirado quasi *per formalia verba*, estas noticias, achará o Leitor outras, que naõ pareceraõ precisas, e juntamente verá alguns letreiros Latinos, dedicados ao Deos Endovellico, de mancebos pela saude de sua Dama, ou de Damas pela satisfaçaõ de seus amores.

ENDROS. Bicho do Nilo, do qual faz mençaõ na pag. 121. col. 2. do seu Itinerario o Padre Fr. Gaspar de S. Bernardino; parece, que he o Ichneumon. Vid. no seu lugar.

ENDYMIAÕ. Pastor da Caria, neto de Jupiter, e filho de Etlio. Dizem, que pelo apanharem brincando com Juno, fora condemnado a hum sono perpetuo, (como querem alguns) ou só de trinta annos (como he opiniaõ de outros) porém a Lua, que por detraz de hum monte ficava escondida, o vinha buscar de noite, e delle houve muitos filhos. Isto he o que conta a Fabula; mas os Mythologos, que procuraõ descobrir os mysterios della dizem, que Endymiaõ era hum grande Astronomo, que dera as primeiras noticias do curso, e differentes phases da Lua, e gastara trinta annos nesta curiosa indagaçaõ, *Hygin. in Poet. Astronom. Appollon. lib. 4. Argonaut.* Outros dizem, que Endymiaõ fora hum Rey de Elida no Peloponeso, muito amigo da justiça, e que alcançara de Jupiter o privilegio de dormir eternamente. Deste Endymiaõ, Rey da Elida, dizem outros, que fora lançado fóra do seu Reyno, por ter ficado debaixo nos Jogos Olympicos, e que se recolhera na Provincia da Caria, para o monte Latmos, aonde se entregou ao estudo das revoluçoens dos Astros, e em particular da Lua. O que deu lugar à Fabula dos Poetas, da qual mais arriba se faz mençaõ. Na sua ausencia reynou seu irmaõ Epeo. *Strabo*, *liv.* 14. *Plin. liv.* 2. *Pausanias in Eliacis.*

ENE

ENERUAR. Vid. tom. 2. do Vocabul.

Morada foy, que por humanas troca
Cuja memoria, que ainda o tempo
Enerva

Na rua, verde agora se conserva.
Franc. Barreto Landim, Vida de S. João de Deos, fol. 3. vers.

ENF

ENFADAR. Vid. tom. 3. do Vocabul.

Adagios Portuguezes do Enfadar.

Se caçares, naõ te gabes; e se naõ caçares, naõ te Enfades. Naõ ha prazer, que naõ Enfade, e mais se se houver debalde. Quem más fadas naõ acha, das boas se Enfada. Naõ ha manjar, que naõ enfastie, nem vicio, que naõ Enfade.

ENFADONHO. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Muito enfadonho. *Incommodisticus.* Na Latinidade he termo chulo, inventado por Plauto.

ENFANARSE. Enfadarse. Vid. tom. 3. do Vocabul.

ENFERMAR. Vid. tom. 3. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Enfermar.

Se queres Enfermar, lava a cabeça, e vaite deitar. Mais val suar, que Enfermar. Naõ me peza de meu filho Enfermar, senaõ pelo costume, que lhe ha de ficar. Com o que sara o figado, enferma o baço. Tempo cura o Enfermo, que naõ o unguento. Quem de doudice Enfermou, nunca, ou tarde sarou. Mulher se queixa, mulher se doe, mulhér Enferma, quando ella quer. Deitate a Enfermar, saberás quem te quer bem, e quem te quer mal.

ENFERRUJAR. Causar ferrugem. *Alicui rei ferruginem obducere*, (*co, xi, ctum.*) *Plin.*

Enferrujarse. Criar ferrugem em si. *Rubiginem trahere*, ou *contrahere*, (*ho, xi, ctum.*) *Rubigine infici*, *ærugine inquinari.*

Naõ quero que se deixem enferrujar as armas, mas que tenhaõ hum lustre, que cause terror. *Neque arma squallere situ, ac rubigine velim, sed fulgorem inesse, qui terreat. Quintil. lib. 10. cap. 1.*

ENFIAR. Vid. tom. 3 do Vocabular.

Enfiar, e pagar huma renda. Regimento dos Contadores das Comarcas, cap. 70. pag. 57. E se obrigou por si, e por todos os seus bens moveis, e de raiz, havidos, e por haver, e de seus fiadores de Enfiar, e pagar a dita renda aos tempos ordenados; e no Regimento dos Almoxarifes, e Recebedores, cap. 161. fol. 121. Rendeiros, que naõ saõ bastantes para bem poderem Enfiar suas rendas. O mesmo traz o dito Regimento, cap. 163. §. 1. fol. 124.

ENFRONHADO. Vid. Fronha. (Fradinho, Enfronhado em huma pouca de estamenha. Vida de D. Fr. Barthol. dos Mart. fol. 135. col. 3.)

ENG

ENGADDI. Antiga Cidade da Palestina do Tribu de Judá. Era o seu territorio muito fertil, e ha opiniaõ, que nelle se dava bem aquelle admiravel balsamo, do qual a Rainha Sabá (segundo escreve Joseph.) trouxe a Salamaõ huma planta. Nos Cantares faz este Principe mençaõ das vinhas de Engaddi, que eraõ as mais nomeadas da Judea.

ENGALFILHARSE. Termo chulo. Vid. tom. 3. do Vocabul.

Ella Engalfilhouse *em mi.*

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ. Index das Erratas.

ENGANAR. Vid. tom. 3. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Enganar.

Quando o Diabo reza, enganar te quer. Que a raposa ha de enganar, cumprelhe madrugar. O trampolo afinha engana ao cobiçoso. Por muito que o engano se encobre, elle mesmo se descobre. Quem me mente, naõ me engana. Quem mentio, e jurou, naõ me enganou. Quem te faz festa, naõ soendo fazer, ou te quer enganar, ou te ha mister. Quem te honra mais do que soe, ou te quer enganar, ou ver se póde. De amigo sem sangue, guarte naõ te engane. Huma vez engana ao prudente, e duas ao innocente. Quem longe vay casar, ou vay enganado, ou vay enganar. Enganastes-me huma vez, nunca mais me

me enganareis. Amanse sua sanha, quem por si mesmo se engana. A hum engano, outro engano. Em melhor pano ha mayor engano. O mao sempre cuida com enganos. Boas palavras, e maos feitos, enganaõ sezudos, e nescios.

Engeitado. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Menino engeitado, he o que desamparado de seus pays, e exposto no adro de huma Igreja, ou deixado no lumiar da porta de hum Convento, ou de pessoa particular, ou depositado no campo a Deos, e à ventura, cruelmente padece o castigo dos illicitos concubitos de seus pays. Para obviar a crueldade deste infanticidio, e a inhumana desconfiança de alguns, cuja pobreza os obriga a este desatino, por naõ ter com que alimentar familia mais numerosa, em muitas partes da Christandade ha Hospitaes com rodas, onde se poem as tristes criaturas, e se daõ a criar a mulheres escolhidas, e acciradas para este effeito. Em todo o Reyno de Toledo, os Engeitados se chamaõ *Niños de la piedra*, porque em hum pilar da dita Igreja, chamado *La Piedra*, poem os Engeitados, e dalli os levaõ a criar no Hospital do Cardeal Dom Pedro Gonçalves de Mendonça; e cada anno, dia de Nossa Senhora de Setembro, se vem as amas registar com os meninos, e se faz huma solemne Procissaõ. Com todos os seus infortunios, notaveis prerogativas logràõ os Engeitados. Saõ reputados limpos de sangue, sem casta de Mouros, nem Judeos, e por leys antigas, saõ livres do poder paterno. Em muitos destes infelices partos do genero humano tem Deos manifestado o milagroso patrocinio da sua Providencia. Do cestinho em que foy exposto, e entregue às correntes do Nilo, subio Moysés a imperar na Corte de Faraó. A Romulo, e Remo, com o leite da loba, que os criou, se lhes tingio a Purpura do Imperio Romano. Cyro, primeiro do nome, exposto em huma mata brava, e criado na cabana de hum pastor, chegou a conquistar o Oriente, &c.

Engia. Ilha, e Cidade da Grecia, pouco distante de Athenas. A Ilha tem algumas cinco legoas de comprimento. Em todo o seu circuito naõ tem hum porto; os que nesta Ilha tem negocio, saõ obrigados a lançar ferro entre Engia, e Moni, como fazia a Armada Veneziana no tempo da guerra de Candia. No campo ha taõ prodigiosa quantidade de perdizes vermelhas, que no principio da Primavera os moradores se ajuntaõ para descompor os ninhos, e quebrar os ovos, de medo que os perdigotos, que delles poderiaõ sahir, comessem todo o semeado. Ficaraõ alguns vestigios de dous famosos Templos da Antiguidade, hum dedicado a Venus, e outro a Jupiter, e entre as ruinas, vinte columnas de Ordem Dorica, e seus architraves com bella symetria. A Cidade de Engia, Cabeça da dita Ilha, tinha hum Bispo, suffraganeo ao de Athenas. Hoje naõ he mais que Aldea. *Herodot. lib. 6. Coronelli descripçaõ da Morea.*

Engilharse. Vid. Engelarse.

Engordar. Vid. tomo 3. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Engordar.

O olho do amo engorda o cavallo. Comi papas por engordar, faltaõ-me por cea, e por jantar. Quem em velho engorda, de boa mocidade se logra. Se queres cedo engordar, come com fome, bebe de vagar.

Engrandecimento. Augmento, Accrescentamento, no sentido moral. Engradecimento com honras, *Honorum amplificatio*, com palavras *Verbis*, ou *Laudibus amplificatio, onis, Fem.*

Engrecer. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Tambem se diz das vinhas, e cachos de uvas. (Anda a vinha direita, &c. e engrece melhor. Alarte, Agricult. das vinhas, pag. 65.)

Engrovinhado. Encolhido. Estar engrovinhado com o frio. Tambem se diz do papel, que está amassado, ou pouco direito.

Engrovinhar. Empeçar.

Enguirimanço. Vid. Engrimanço, no 3. volume do Vocabul.

Ora de hum Enguirimanço,
Chamado como por nomo
Cabeça de mótes, como
Vos vay, senhor mestre?

Obras Metric. de D. Francisc. Manoel, Viola de Thalia, 244.

ENI

Enipeo. Rio da Thessalia, que banha os campos de Pharsalia, e em cuja visinhança se deu a famosa batalha de Cesar com Pompeo. *Enipeus, ei, Mascul.* Deste rio diz Lucano, liv. 7. vers. 224.

Sanguine Romano quàm turbidus ibit
Enipeus.

Enipeo. Rio da Elida, terra do Peloponeso, hoje Morea, o qual depois foy chamado *Barniches.* No liv. 7. da Odyssea diz Homero, que Tyro, filha de Salmonea, estando namorada do Enipeo; Neptuno amante da dita moça, se transfigurara neste rio, para a lograr, e della tivera Pelias, e Neleo. *Ovid. 3. Amorum 5.*

Enisa, ou Eniso. Segundo Fazello, he hum riacho de Sicilia, no Valle de *Demona.* Metese no mar, perto do Pharo de Messina. Os Gregos lhe chamavaõ *Chrysorrhoas*, nome, que elles daõ a todo o rio, que tem areas de ouro. Nas margens do Enipeo havia huma Cidade chamada *Nisa*, pelo seu assento taõ forte, que della nunca se poderaõ apoderar os Athenienses. Hoje lhe chamaõ *Nisi.*

ENL

Enlodar. (Falta no Vocabulario.) Enlamear. Sujar com lodo. *Cœno fœdare, (o, avi, atum.) Luto aspergere, (go, si, sum.) Luto inficere (cio, feci, fectum.)* com accusativo.

Enlodado. *Lutosus, a, um, Colum. Lutulentus, a, um, Horat. Luto aspersus, a, um, Horat.*

ENN

Enna. Antiga Cidade de Sicilia, no meyo da dita Ilha. Era muy nomeada pelo seu Templo, dedicado a Ceres. Dizem, que este fora o lugar do rapto de Proserpina por Plutaõ. Chamaõ lhe hoje em lingua Italiana *Castro Giovanni.*

ENR

Enredo. Vid. no 3. tom. do Vocabulario. (O primor, e subtileza da Arte Comica consiste principalmente naquella suspensaõ do entendimento, e doce enleyo dos sentidos, com que o *Enredo* os vay levando apoz si pendentes sempre de hum successo para outro successo, encobrindose de industria o fim da historia, sem que se possa entender onde irá parar, se naõ quando já vay chegando, e se descobre subitamente entre a expectaçaõ, e o applauso. *Vieira, Histor. do Futuro*, 198.)

Enresinar. Fazerse a modo de resina. *In resinam converti.* Enresinou. *Factus est resinosus.*

Enricar. Vid. Enriquecer. He usado neste Adagio: Quem quer enricar em hum anno, aos seis mezes o enforcaõ.

Enrulhar. He estar com o curso detido, e como empedernido. Dizem alguns, que he propriedade das camarinhas, causar este effeito. As sorvas enrulhaõ o ventre. *Sorba ventrem durant, Martial.*

ENS

Ensifero. Vid tomo 3. do Vocabulario.

Ensiferos. Ordem. Militar instituida para resistir aos Hereges de Livonia. Vid. Gladiferos, tom. 4. do Vocabular. Desta Ordem trata amplamente Hofman no seu Lexicon Universal, *verbo Ensiferi.*

Ensifero. Tambem he titulo na Corte de Polonia. (Ensifero da Coroa, Gazeta

zeta de Lisboa, anno de 1726. Varsovia, fol. 146.)

Ensoço. Vid. no 3. tom. do Vocabulario.

Bom rosto, boas palavras
Tudo Ensoço *he gran revez*
Que he das vinhas? Que he das lavras?
O pay naõ tem quatro cabras
E tem soberba por dez.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Çanfonha de Eut. pag. 54. e 55.

ENT

Entalaçaõ. Vid. Entaladura.

Entaladura. Dar entaladura, *id est.* Apertar de ambas as partes. Meter em talas. Vid. Talas. Vid. Entalar.

Entejo. Vid. o tomo 3. do Vocabulario.

Tomeilhe tamanho Entejo
De zombar do meu suor.

Obras Metric. de D. Franc. Man. na Viola de Thal. pag. 250. col. 1.

Enterramento. Enterro, pompa funeral. Vid. Enterro.

—— *A fazer o funereo* Enterramento.
Camoens, Canto 4. Oit. 30.

Entheos. He o nome, que a antiga Gentilidade dava aos seus adevinhos. Derivase do Grego *En*, e *Theos*, como quem dissera *Apoderado de Deos*. Em Minucio Felix diz Cecilio, *Enthei, pleni, & mixti Deo vates.* No 6. livro da Eneida, Virgilio diz *Afflati Numine propiore Dei.* Dizem, que estes Entheos, ou Adevinhos, ficavaõ arrebatados de hum furor Divino, depois de comerem algumas folhas de louro, ou depois de alguma outra supersticiosa ceremonia. Em Authores Portuguezes naõ acho esta palavra *Entheo, Atheo*, sim; mas pela mesma razaõ que dizemos *Atheo*, por *Sem Deos*, supponho, que poderemos dizer *Entheo*, por *Com Deos*, ou *Em Deos*.

Enthusiasmo. Vid. no 3. tom. do Vocabulario. Os Heroes, e os Poetas tem seu Enthusiasmo. Para o definir distinctamente, e darlhe huma noçaõ clara, e expressa, o Enthusiasmo he hum esforço extraordinario, com o qual rapidamente se enleva a alma para objectos, que sobrepujaõ a commua capacidade humana. Como pois naõ chegaõ as nossas forças à sublimidade daquelles objectos, e que na esfera da nossa natureza, os que para estes raptos tem melhor disposiçaõ, naõ podem fazer grandes progressos, nem ir muito longe, se os naõ levarem, sempre foy tido por cousa certa, que necessariamente nestes extraordinarios esforços se insinuava hum naõ sey que de Divino, que arrebatava a natureza, e deste naõ sey que, que alguns chamaõ espirito, ou fogo Divino, se compoem a palavra Enthusiasmo, que os Gregos compozeraõ para expressar estes raptos. Agora he de advertir, que os Enthusiasmos, e arroubamentos saõ varios, e de diversa especie, segundo a differença das faculdades enlevadas, e segundo a diversidade dos objectos, para os quaes se enlevaõ. Se o rapto he só pela parte intellectual, e pela imaginativa, potencia subalterna, e subordinada, entaõ tendo o rapto a ideas luminosas, e excelsas, a imagens nobres, e de grande representaçaõ; e subsiste com visoens illustres, e expressoens vigorosas, e magnificas, e he propriamente aquelle Enthusiasmo, que ignorantes, e necios chamaõ a loucura dos Poetas. Se pois este rapto he de toda a pessoa, se a parte intellectual prevalece ao appetite, se a alma arrebata o corpo, e se com mutua, e suave violencia aspiraõ ao bem Divino, e Soberano, ou àquella nobre eminencia, que nesta vida he o ultimo termo da perfeita, e consummada virtude, entaõ esse rapto geral, que he rapto de acçaõ, he o Enthusiasmo, que se attribue aos Heroes, e que na virtude Heroica he buscado dos Filosofos.

Enthymemia. Vid. no 3. tom. do Vocabulario *Enthymema*. (Por Enthymemia, que he huma razaõ curta, de que os Logicos usaõ, a que Tullio chama Argumento, que conclue em huma só

lò cousa. Barros, na 1. folha do Prologo da 2. Decada.

Entralhar. Termo de redes. Tralhas se chamaõ os nós das redes, e entralhar he pôr estes nós. (Naõ vedes, que contra vós se entralhaõ as redes. Vieira, tom. 2. 330.)

Entrar. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Entrar em consideraçaõ de alguma cousa, começar a considerar, porse a considerar. *Entrey em consideraçaõ. Cœpi considerare.* Entrar na consideraçaõ do futuro. *Futura prospicere.* Entrar em sospeita. Só huma conjectura me faz entrar em sospeita disto. *Tantummodò conjecturâ ducor, ad id suspicandum. Cic.* Vid. *Sospeita.*

Entroncar. Termo Genealogico. Na arvore da sua Genealogia fullano vay entroncar com o chefe de tal familia. *Illum cum hujus gentis capite*, ou *cum primâ hujus gentis stirpe, cognatione conjunctum stemma declarat*, ou *demonstrat.*

Entrudo. Vid. mais abaixo, Intrudo.

ENV

Envasadura, ou Invasadura de navio novo no estaleiro. He a madeira, que o sustenta; quando o deitaõ ao mar dizem, largou a envasadura. Metaforicamente se diz, meti a fullano na envasadura, *id est*, em estado de elle conseguir a pretençaõ, o intento, ou officio. *Illi viam munivi, iter aperui, aditum feci, ad munus obtinendum*, ou *ad consequenda optata.*

Envasilhar. Deitar em vasilha. Vid. Envasar, no tomo 3. do Vocabulario. (Depois de estar envasilhado. Alarte, Agricul. das vinhas, 149.)

Enveja. Deidade maligna, que os antigos veneravaõ, receosos de ser perseguidos della. Virgilio diz, que era domestica de Plutaõ. Descreve Ovidio nas suas Metamorphoses a sua morada. Ordinariamente representaõ-na em figura de mulher muito fea, com os olhos encovados. Tem por toucado hum molho de cobras, traz em huma maõ tres serpentes, e na outra huma hydra de sete cabeças; estalhe roendo o peito huma serpente. *Ovid. liv. 2.*

Envelhecer. Adagios deste verbo. A má herva depressa nasce, e depressa envelhece. No tempo, que se come, naõ se envelhece.

Envencilhar. Atar. Prender, Embaraçar. *Vincire, vinxi, vinctum. Cic.*

Peixe grosso, em curta malha,
Mais luta, mais se Envencilha.

Obras Metric. de D. Franc. Man. tom. 2. a Canfonha de Euterp. fol. 55.

Enventanarse. Meter a bola pela ventana, ou ventanilha, que no truque de taco, he o nome das aberturas, por onde cahem as bolas. *Globulum*, ou *pilam per foramen impellere.*

Envergar. Termo de marinhagem. Envergar as vélas, he atar as vélas nas entenas, que tambem se chamaõ vergas. *Antennis aptare vela*, ou *Alligare vela ad antennas.* (As vélas, que levavaõ envergadas. Diogo de Couto, Decada 6. liv. 9. fol. 196. col. 1.)

Envidilha, e Envidilhar. Saõ termos da Agricultura das vinhas. Envidilhar, he fazer hum pandeiro com a mesma vara. Esta casta de empar naõ gasta junco, porque com a ponta da vara, metendo-a pela volta, fica preza. A envidilha sempre se faz estando a vinha cerrada, e comprimindole mais com este amanho as cepas. *Alarte, Agricultura das vinhas, pag. 63. e 64.*

Envolvedouro. Vid. tom. 3. do Vocabul.

Envolvedouro. Para menino. *Fascia, æ, Fem. Cic.* (Levava preparados os envolvedouros para o menino. Macedo, Eva, e Ave, part. 2. cap. 28. pag. 395.)

ENX

Enxame. Tambem se diz de rapazes, e pessoas moças. Cicero diz *Examina infantium.* Plin. Jun. diz, *Examina servorum.* (Achou hum enxame de moçosinhos. Vida de Dom Fr. Bartholomeu

lonicu das Martyres, fol. 129. col. 3.)

Enxaqueca. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Derivase de *Xacaque*, que no Arabico quer dizer, *Apartamento*, ou *Rachadura*, porque a dor he taõ grande, que parece que racha, e parte a cabeça pelo meyo.

Enxarbo. Peixe do mar. Vid. Xateo, mais abaixo no seu lugar Alfabetico. Roncador.

Enxarco, *roccaz*, *espada*. Insulana de Man. Thomás, liv. 10. Oit. 115.

Enxertar. Vid. tomo 3. do Vocabulario. A fórma de enxertar as videiras, he differente da enxertia das outras plantas. O primeiro modo de enxertar á videira, he cortando a cepa por aquella parte onde correr direita em nós; rachase a madeira como nas outras arvores, e se lhe mete o garfo. O segundo modo he enxertarse nas vides, sem se cortar o tronco da arvore. O terceiro modo de meter os garfos, he o que chamaõ de facada, que he cortando a vide em que ha de meter o garfo, ao viés, como quem dá o corte em huma penna para a aparar, e cortar com outro semelhante golpe, o garfo, e unir huma vide com outra, e atalla muito bem. Este modo de enxertia he para vides muito velhas, e carcomidas. O quarto modo he o a que chamaõ de gema, e he quando a vide engrossa o botaõ, e está para arrebentar, tirar este botaõ subtilmente com hum canivete de sorte, que leve madeira da vide, e na outra em que querem meter esta gema, abrem hum buraco do mesmo tamanho. Quinto modo de enxertar trazem os Authores, a que chamaõ de buraco; e he, estando duas cepas juntas, se fura o tronco da cepa com huma verruma grossa, e depois com huma goiva se lhe aliza o buraco, tirandolhe o pao, que se esquentou com ella, e meter huma vide da cepa vesinha, que entre á força, e deixarlhe dous olhos de fóra, e decepar-lhe todas as vides. O sexto modo de enxertar vides, chamaõ communmente

Enxeridos. Vid. na Agricultura das vinhas de Vicencio Alarte, pag. 84.

Enxotar. Vid. tom. 3. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Enxotar.

Vem o demo de fóra, enxota as gallinhas de casa. Quem passaro ha de tomar, naõ o ha de enxotar.

Enxovio. Mouro da Provincia de Enxovia, que he huma das Provincias do Reyno de Marrocos. Nesta casta de Mouros falla Osorio, *lib. 11. De Rebus Regis Emmanuelis*, *mihi pag. 417. Hoc eodem mense quidam Maurorum fœderatorum duces à Noronha auxilium petierunt, quo Enxovienses Mauros aggrederentur.* No mesmo livro 11. pag. 428. diz, *Umbra oppidum est Enxoviense, in edito loco situm, quod Azamore octo & viginti millia passuum distat*; mais adiante, pag. 430. *Mauri Enxovienses, quingentos equites, & magnum peditum numerum contra nostros adduxerunt.*

Enxugo. Tomar o enxugo; Enxugar. Vid. no tomo 3. do Vocabulario. (Quando despeja à vasilha, naõ lhe deixa tomar o enxugo necessario, e as faz bolorentas. Alarte, Agricult. das vinhas pro.

Enxurrar. He usado neste adagio. Cerco de Lua pastor enxuga, se aos tres dias naõ enxurra.

EOL.

Eolo. Deos dos ventos, filho de Hipporas, ou (segundo outra opiniaõ) de Jupiter. No livro 1. Diodoro o faz filho das Ilhas de Vulcano, a que depois se deu o seu nome, e foraõ chamadas *Eolias*. A isto accrescenta o dito Author, que foy Principe muito justo, e pio, que acolhia com boa hospitalidade os estranhos, e que inventou a arte de usar de vélas na navegaçaõ. Pelas mudanças, que elle observava no fogo, ou para dizer melhor, no fumo, prognosticava o vento, que havia de soprar, o que deu lugar para a Fabula, que o fez Deos,

Deos, ou Senhor dos ventos. *Plin. liv. 3. cap. 9.* No livro 1. diz Strabo, que pelo fluxo, e refluxo das agoas formava juizo da calidade do vento, que dalli a pouco havia de reynar, e que assim prognosticava as bonanças, e as tormentas, o que ao vulgo ignorante fez crer, que elle tinha os ventos em seu poder. Parece, que por esta razaõ querem alguns, que na terra dos Lappoens ha feiticeiros, que vendem o vento aos que se embarcaõ, e que fazem levantar aquelle que necessitaõ para a sua viagem; e poderá ser, que por certos sinaes, que elles vem nas agoas, ou nos Astros, conheçaõ o vento que ha de fazer, e com este fundamento fazem aos Pilotos ignorantes o prognostico Os Poetas Latinos chamaõ a Eolo, *Æolius Rex ventorum. Tyrannus, pater, Rex, Princeps, qui ventos carcere vinclis continet, cohibet, compescit. Æquoreis ventos frænat in antris, cui venti parent, qui vim ventis incutit, cui flamina carcer imperio compressa tenet, &c.*

EOO

Eoo. He o nome de hum dos cavallos do carro do Sol. Delle faz mençaõ *Ovid. liv. 2. Metamorph. vers. 153.*

Interea volucres Pyroeis, Eous, & Æthon
Solis equi, quartusque Phlegon hinnitibus auras, &c.

EPA

Epapho. Segundo a Fabula, foy filho de Jupiter, e da Ninfa Io. Reynou no Egypto, e mandou edificar a Cidade de Memphis. Alguns Authores o tomaõ por Apis, e observa Herodoto, que no Grego o nome de Epapho he o mesmo, que o de Apis. *Epaphus, i, Masc.* No livro 1. das Metamorph. diz Ovidio.

Hunc Epaphus magni genitus de semine tandem
Creditur esse Jovis.

EPE

Eperies. Cidade de Hungria, no Condado de Serax, sobre o rio Tarkz, na fronteira de Polonia. Pertence ao Emperador como Rey de Hungria. *Eperiæ, arum, Fem. Plur.*

EPH

Epheso. Vid. no 3. tom. do Vocabulario. Chamaõlhe hoje *Figena*. Fica nas prayas do mar Egeo. Dizem alguns, que o famoso Templo de Diana, que nesta Cidade se via, fora edificado pelas Amazonas, e que Ctesiphon fora o Architecto. Duas vezes prégou S. Paulo nesta Cidade, e se deteve nella o espaço de tres annos. Tambem o Apostolo S. Joaõ esteve nesta Cidade, e na Epistola Synodal do Concilio Ephesino ao Clero de Constantinopla, achamos, que o dito Apostolo morou nesta Cidade com a Virgem Nossa Senhora. Usavaõ os moradores de huma especie de caracteres magicos, donde se originou o adagio de *Ephesiæ litteræ*. Chamaõ os Turcos à Cidade de Epheso *Ajasalouc*, e o nome da Provincia em que está sita para a parte do Archipelago, he *Sarchan*. Naõ ha no Mundo Cidade com mais lastimosos vestigios de sua antiga grandeza, naõ se vem senaõ montoens de pedaços de marmores, columnas derrubadas, fragmentos de estatuas, de sorte, que de Epheso se póde dizer, que agora naõ he outra cousa, que o cadaver do que foy, expressaõ da qual usou Cicero, fallando nas ruinas de algumas Cidades da Grecia. Na estrada, que vay para a Cidade, ainda estaõ em pé alguns arcos do grande aqueducto, que de mais de cinco milhas de distancia trazia agoa para os Cidadãos. Tambem se vê huma gruta debaixo de huma penha, donde dizem está a dos sete Dormentes, na qual fugindo da perseguiçaõ do Emperador Decio, adormeceraõ, e naõ acordaraõ senaõ no reynado de Theodosio II. cognomi-

nominado o moço, parecendolhes, que naõ haviaõ dormido senaõ o espaço de huma noite.

EPI

Epicedio. Vid. tom. 3. do Vocabulario.

Huma voz ao longe mais suave
O Epicedio interrompe.

Eclog. do Conde da Ericeira, pag. 14.

Epiphania. Vid. no 3. volume do Vocabulario. No tocante aos titulos de Magos, e de Reys, que a Igreja dá aos tres Varoens illustres, que vieraõ adorar a Jesus Christo no Presepio, he de advertir, que os Persas, e com elles a mayor parte dos Povos do Oriente, davaõ aos seus Doutores o titulo de Magos, assim como os Hebreos lhe chamavaõ *Escribas*, os Egypcios *Profetas*; os Gregos *Filosofos*, e os Latinos *Sabios*. O titulo pois de Reys, que a mesma Igreja dá a elles chamados Magos, se funda nestas palavras de David, *Reges Tharsis, & Insulæ munera offerent., Reges Arabum, & Saba dona adducent.* Que estes Doutores, ou estes Magos fossem Reys, tambem he tradiçaõ taõ antiga, que naõ se lhe sabe bem o principio; o que he certo he, que nas mais antigas pinturas deste mysterio se representaõ pessoas coroadas com outras insignias de dignidade Real. Naquelle tempo os Povos do Oriente elegiaõ Filosofos para Reys; e se os Reynos eraõ hereditarios, os Principes successores da Coroa eraõ instruidos em sciencias, com que podiaõ merecer o titulo de Sabios. He o que adverte Plataõ, onde trata da educaçaõ dos Principes da Persia; e no mesmo lugar accrescenta, que a Astronomia era tida por sciencia digna de Monarcas. Como pois estes tres Reys, que alguns chamaõ *Gaspar*, *Balthasar*, e *Melchior*, com suas observaçoens Astrologicas viraõ huma Estrella, muito mais resplandecente que as outras, a qual lhes appareceo aos 25. de Dezembro; entenderaõ, que era a Estrella de Jacob, da qual o Profeta Balaam, (de cujas prediçoens sabiaõ) já tinha feito mençaõ, e que devia ser o final de hum Rey, que nasceria para a salvaçaõ de seus Povos. De mais desta luz exterior, tiveraõ na alma huma illustraçaõ, com a qual conheceraõ, que este Astro lhes serviria de guia para acharem o Messias. Com esta consideraçaõ tomaraõ o caminho de Judea, onde por suas tradiçoens sabiaõ, que havia de nascer este Rey, desejado de todas as Naçoens. O Euangelista so diz, que vieraõ do Oriente, isto he, de huma terra, que para Jerusalem, e Belem era Oriental, ou daquella parte do Mundo, chamada absolutamente o Oriente, na qual se comprehende hum grande numero de Provincias, e Reynos. A opiniaõ mais provavel he, que vieraõ da Arabia Felice, que foy habitada dos filhos, que Abrahaõ teve de *Cetura*, sua segunda mulher, a saber, a *Jecsan*, pay de *Sabá*, e *Madian*, pay de *Epha*; o que o Profeta Rey dá a entender dizendo, que o Messias seria adorado dos Reys dos Arabes, e de Sabá, e que lhe dariaõ ouro da Arabia; e em confirmaçaõ do mesmo diz o Profeta Isaias, que de *Madian*, e *Epha* viriaõ sobre camellos reconhecello. Estes Reys depois de suas adoraçoens, e de offerecer ao Menino Jesus os seus presentes, a saber, Ouro, Myrrha, e Incenso, tiveraõ por revelaçaõ aviso, de naõ voltarem para Jerusalem, mas de tomar outro caminho para se restituirem à Patria. Depois da Ascensaõ o Apostolo S. Thomé, que foy para as suas terras, os bautizou, e os sagrou Bispos. A tradiçaõ da Igreja he, que foraõ Martyres, e que as suas reliquias foraõ levadas da Persia a Constantinopla por ordem da Emperatriz Santa Helena, donde foraõ trasladadas para Colonia, anno de 1163. quando o Emperador Federico Barbarroxa saqueou a Cidade de Milaõ.

Episcopaes. He o nome dos que professaõ a Religiaõ dominante em Inglaterra, porque na sua Igreja conservaõ a dignidade Episcopal, e com esta, e ou-

e outras observancias, com que tem mais semelhança com os ritos da Igreja Romana, estaõ separados dos Presbyterianos, ou Puritanos, inimigos da authoridade Episcopal, e do governo despotico da Monarchia. De todos os sequazes das modernas heresias, saõ os que mais se conformaõ com a disciplina Ecclesiastica Romana, e no respeito dos antigos Doutores da Igreja. Entre elles se distingue a dignidade Episcopal, Sacerdotal, e Canonical. O seu formulario da sagraçaõ dos Bispos, foy tirado do Pontifical Romano, que elles traduziraõ quasi todo em Inglez. A sua Liturgia, a que elles chamaõ *Livro das preces communas*, naõ só contem o seu Officio publico, que he quasi o mesmo, que o da Igreja Latina, mas tambem o modo com que administraõ os Sacramentos. Para os seus Domingos tem suas Collectas, ou Missas, (sendo que naõ usaõ desta ultima palavra) e nellas rezaõ Epistola, Euangelho, e algumas Oraçoens, o Symbolo, *Credo in unum Deum*, o *Gloria in excelsis*, *&c.* Tambem cantaõ os *Prefacios* proprios de cada festa; começando pelo que he mais commum, e entoando como nós, *Sursum corda*, *Gratias agamus*, *Verè dignum*, *& justum est*, e o mais. Só mudaraõ o Canon da Missa, e rezaõ o seu Officio em lingua Ingleza. Tambem tem seus dias de festa, e Officio particular para cada festa; celebraõ as festas de Santo André, e de Santo Thomás; e a festa da Conversaõ de S. Paulo. O ministro, que bautiza, depois de pronunciar as palavras, *Eu te bautizo em nome do pay*, *&c.* faz o sinal da Cruz na testa da criança. O Bispo dá o Sacramento da Confirmaçaõ, pondo as mãos na cabeça dos meninos, que elle confirma, e rezando algumas oraçoens, e depois lhes dá a sua bençaõ. Finalmente nesta liturgia, ou livro de preces communas se vê a fórma de administrar o Sacramento do matrimonio, e dar o Viatico aos enfermos, e muitas outras ceremonias usadas na Igreja Romana. Os Episcopaes recebem ainda hoje a communhaõ de joelhos; só em huma das ultimas ediçoens da sua liturgia, no reynado de Carlos II. accrescentaraõ huma nota em fórma de rubrica, na qual dizem, que ainda que recebaõ de joelhos a Eucharistia, naõ a adoraõ. Os Presbyterianos naõ faltaraõ de condemnar esta liturgia, como tyrannica, e supersticiosa, ao que Joaõ Durel respondeo com huma grande *Apologia*, impressa em Londres, anno de 1669. mas que teraõ estes, que responder ao Supremo Juiz, quando com todas estas semelhanças com a Igreja Romana, os condemnará ao inferno, porque com as suas heresias se lhe fizeraõ rebeldes?

Episodio. Vid. no 3. tom. do Vocabulario. Antigamente Episodio era como jornada, ou acto de tragedia, ou Comedia, entresachado, e enxerido nos cantos do coro, donde lhe veyo o nome, composto das palavras Gregas *Epi*, que denota o que está inserto, ou accrescentado, e *Eisodos*, quer quer dizer *Entrada, chegada*. O inventor dos Episodios foy Thespis, anno da Creaçaõ do Mundo 3530. introduzindo hum actor, ou representante, que recitava algum discurso, para dar aos Musicos, e bailadores do coro, lugar para descançar; porque antes delle, o coro só representava toda a tragedia, e naõ havia actores, que recitassem versos no theatro. Como este entremez pareceo bem ao Povo, Eschilo, que vivia alguns cincoenta annos depois de Thespis, fez apparecer dous actores, ou interlocutores; e lhes deu vestidos convenientes, com cothurnos, e calçados altos, para melhor representar heroes, e grandes personagens. Sophocles, que nasceo dez, ou doze annos depois da morte de Eschylo, introduzio no theatro tres Actores, e accrescentou as apparencias, ou mutaçoens das scenas. Assim se vê, que estes Episodios eraõ cousa em certo modo semelhante aos actos da nova tragedia, porque se recitavaõ entre dous cantos do coro, como os nossos

actos, ou jornadas se recitaõ, entre duas symphonias, ou tarambotes. Quando foraõ introduzidos estes Episodios, os Sacerdotes de Bacco, ou por outro nome Dionysio, se queixaraõ dizendo, que nelles se continhaõ materias alheyas do verdadeiro argumento da tragedia, que devia ser tomado das acçoens, ou mysterios do seu Deos, donde nasceo o proverbio (*Nihil ad Dionysium*) *id est.* (Em tudo isto nada de Bacco.) Fallando nesta novidade Plutarco chama a isto desencaminhar a tragedia, e tiralla das honras de Bacco, para entregalla às Fabulas, e paixoens humanas. Mas naõ estorvaraõ as queixas dos ministros de Bacco o progresso deste Poema, que teve taõ bom successo, que finalmente o Episodio chegou a ser a propria tragedia; e como no principio o coro estava sem Actores, os Actores ficaraõ algumas vezes sem coros na Comedia; e hoje as Comedias só tem Actores, ou representantes sem coro; mas tem sómente cinco actos, ou jornadas, nas quaes se representaõ cinco Episodios dos Antigos. *Atheneo liv. 4. Diogenes Laercio in Plat. lib. 3 Hedelin, Pratica do theatro.*

Epistola. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Epistola he palavra apropriada às cartas Gregas, e Latinas dos Antigos, e sobre tudo às cartas dos Apostolos, e dos Padres da Igreja, como tambem às Dedicatorias dos livros. As Epistolas de S. Pedro, S. Paulo, S. Joaõ, Santiago, e S. Judas fazem huma boa parte do Testamento novo, e saõ geralmente chamadas *Apostolicas*; mas excepto as de S. Paulo, as mais se chamaõ particularmente *Catholicas*, porque naõ saõ como as outras dirigidas a Igrejas, ou a pessoas particulares, mas a todos os Fieis em geral.

Epitome. Em Authores Portuguezes acho Epitome por Epithema, ou Epitima. Supponho, que erro da impressaõ. (Appliquey sobre o figado hum *Epitome* refrigerante. Observaç. de Curvo, pag. 367.) (Alguns Epitomes refrigerantes de cerralhas, *ibidem* 556.)

EPO

Epodo, ou Epodon. Vid. no 3. tom. do Vocabul. Segundo outra lição, he o canto, que se fazia depois do hymno, ou da ode cantada em honra dos Deoses. *Scaligero na Poetica, livro 5.* Os Epodos de Horacio saõ excellentes Na 1. parte das Academias dos Singulares de Lisboa, pag. 333. temos este exemplo em Castelhano.

EPODON.

Que palmas, que trofeos, que coronas
Que triunfos, que vivas, y laureles,
O Patria, que te abonas
De hazañas tan fieles,
Que poblaron las Zonas,
Deves a su valor, y a su fortuna?
La que oy le sirves tumba, y fuiste cuna.
Como aquel que a sus hombros te ha llevado,
Sin aliento a tus pies está postrado?
Como pecho tan fuerte
Al golpe se ha rendido de la muerte?
Mas que importa, si en casos tan fatales,
Mas que importa, si en suertes tan esquivas
Muerto le dá la fama eternos vivas,
Vivo le escrive el tiempo los Annales,
Y aunque muerto en efeto
No la patria lo sienta, ni se assombre,
Que ayer venciò su braço, oy su respeto,
Ayer el, oy su nombre,
Y que a su Patria assista, bien se infiere
Pues a su Patria vá, aun quando muere.

Epomea. Monte da Ilha Ænaria; hoje chamada o Monte S. Julião, no mar de Toscana. Os Sicilianos que antigamente habitavaõ nesta Ilha, a desampararaõ, fugindo de hum grande tremor de terra, e de hum incendio, occasionado das torrentes de fogo, que sahiaõ deste monte. Tornou a lançar lavaredas no

Consulado de Lucio Mario, e de Sexto Julio, e tambem nos reynados de Augusto, Tito, e Diocleciano. Depois disto, no anno de 1300. houve outro incendio taõ terrivel, que seus novos habitadores se acolheraõ na Ilha de Santa Maria, ou nas Bayas. *Plinio. Ferrari Mont, ou collis Epomeus.*

Epona, ou Hippona. Moça fermosissima, filha de Fulvio Stella, o qual como inimigo do genero feminino, a houve (segundo escreve Plutarco) de huma egoa. Os Antigos a fizeraõ Deosa dos cavallos, para ter cuidado delles. Tertulliano Apolog. cap. 16. zomba com engenho dos idolatras, que com ridicula veneraçaõ adoravaõ os cavallos, e as bestas de carga com a sua Deosa Epona.

Epopeia. Poema Epico. Os Doutos a definem assim. *Discurso, inventado com arte para dirigir, e regular os costumes, com instrucçoens disfarçadas, debaixo das Allegorias de huma acçaõ notavel, declarada em verso por hum modo verosimil, que recree, e admire.* O Poema Epico perfeito, he o ultimo esforço da Poesia. Aos Gregos deu Homero hum modello delle na sua Iliada, e na sua Odyssea; aos Latinos deu Virgilio outro exemplar na sua Eneida. Em hum, e outro naõ deixaõ os Criticos de descobrir defeitos; como tambem na Jerusalem de Tasso, no Adonis de Marino, e no Rollando de Ariosto, que elles achaõ muito distantes da perfeiçaõ do Poema Epico, por falta da ordem requisita. Dizem estes mesmos, que neste genero de Poesia naõ tiveraõ melhor successo os Francezes, que os Italianos, e que de tantos Poemas Epicos, que os seus compuzeraõ, nenhum delles he verdadeiramente merecedor deste nome; o mesmo affirmaõ da Pharsalia de Lucano, e de outras Historias em verso.

Epopeia. Bulcaõ, o Vulcaõ, e monte ardente, debaixo do qual dizem os Poetas, que fora enterrado o Gigante Typheo. O Scholiastes de Pindaro Strabaõ diz, que os Eretrios, Povos da Ilha Eubea, foraõ obrigados a fugir desta Ilha, por causa dos frequentes tremores da terra, dos incendios, e das inundaçoens, que pareciaõ conjuraçaõ do fogo, da agoa, e da terra, para exterminar os moradores daquelle lugar. Os que Hieron, Tyranno de Syracusa, mandara para tornar a povoar a dita Ilha, naõ tiveraõ melhor acolhimento, que os primeiros, e foraõ obrigados a desamparalla. Querem alguns, que este monte *Epopeia*, seja o mesmo, que o *Epomea*, do qual se tem feito mençaõ neste Supplemento mais acima no seu lugar Alfabetico.

EPU

Epuloens. Ministros dos sacrificios dos falsos Deoses dos Romanos. Traz Pomponio Leto a historia destes Gentilicos Sacerdotes nesta fórma, tomada de hum lugar de Cicero, no livro *De Oratore*. Naõ podendo os Pontifices acudir a todas as obrigaçoens do seu officio, pelos muitos sacrificios, que em Roma se faziaõ sobre os altares do grande numero de Deoses, que nelle se adoravaõ, instituiraõ tres Ministros, a que chamaõ *Epulones*, de *Epulum*, que quer dizer Banquete, e convite publico, cujo officio era preparar o banquete, que se fazia nos jogos; e festas solemnes, e particularmente o de Jupiter, que se chamava *Jovis epulum*. Na solemnidade deste banquete viase Jupiter deitado em hum leito, com hum travesseiro debaixo da cabeça, e a hum, e outro lado Juno, e Minerva assentadas em cadeiras. Depois do sacrificio cobriaõ de pratos a mesa, como se tivessem fome, e podessem comer; mas suppriaõ os Epuloens esta falta. Estes mesmos eraõ os olheiros em todos os banquetes, e tinhaõ a seu cargo zelar a observancia das ceremonias, e no caso de alguma profanaçaõ fazer aviso aos Pontifices. *Epulones, um, Masc. Plur.*

Equi-

EQU

Equipagem. He tomado do Francez *Equipage*, que he todo o necessario para huma jornada, ou para o seu trato honrado, a saber; criados, cavallos, coches, armas, roupas, &c. *Instrumentum viatorium*, ou *Instructus viatorius.* Com bella equipagem o foraõ encontrar, *Splendido admodum instructu ei obviam prodiere. Splendidæ pompæ apparatu illi obviam processere.* Assistiraõ suas Magestades com pomposa equipagem. *Adfuere ibi Rex, & Regina ornatu planè Regio, magnificentissimoque apparatu spectabiles, splendidissimo instructu, luculento apparatu conspicui.*

Estava com muito má equipagem, *Necessario destitutus erat instrumento.*

Equipagem para a guerra. *Instrumentum belli. Cic.* Equipagem para a caça; *Venatorium instrumentum. Plin. Jun.* (Por naõ haverem ainda chegado as suas *Equipagens.* Gazeta de Lisboa 1720. 8. de Fevereiro pag. 42.)

Equipagem para o mar. Vid. *Esquipação.*

Equiseto. Herva. Vid. Cavallinha, tom. 2. do Vocabul.

Equissimo. He superlativo, tomado do Latim *Æquissimus*, que quer dizer *Justissimo*, e he usado de Quintiliano. (Inteireza de arbitros equissimos.) Crisol Purificat. fol. 694.

ERA

Era. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Vid. *etiam Hera*, com aspiraçaõ neste Supplemento. Em Hespanha, aquelle costume Romano de contar pela *Era* de Cesar, se guardava no tempo dos Reys Godos, como se vê do que Santo Isidoro escreveo no mesmo tempo. Continuouse em Castella até o quinto anno delRey D. Joaõ I. que no de 1421. da mesma *Era*, ordenou, que mais se naõ usasse, e só se nomeasse o anno do Nascimento de Christo, que entaõ corria 1383. Já no anno de 1358. tinha introduzido o mesmo em Aragaõ ElRey D. Pedro IV. e em Portugal o ordenou tambem ElRey D. Joaõ I. depois de ganhar Ceita. Em Hespanha, e Italia se começa a contar o anno do Natal, ou do dia da Circuncisaõ do Senhor. Vid. *Hera*, com aspiraçaõ, mais abaixo.

Erasina. Rio do Peloponeso, do qual muitas vezes fazem os Poetas mençaõ. Sahe da lagoa Stimphalide, e depois de banhar a terra de Argos, se mete no Golfo deste nome; hoje lhe chamaõ *Rasino.*

Erato. Huma das nove Musas, que preside na Poesia amorosa, como o declara o seu nome, porque no Grego *Eratos*, quer dizer *Amavel.* A figura em que a representaõ, he de huma moça alegre, coroada de murta, e de rosas, com huma lira na maõ direita, e na esquerda hum arco. Ao pé desta figura costumaõ pôr hum cupido com azas, armado de seu arco, e das suas frechas. *Ichonologia de Ripa.* Querem alguns, que tambem preside na Poesia Heroica. *Erato.* Desta Musa diz Ovidio.

Nunc Erato, nam Tu nomen amoris habes.

Desta mesma Musa diz Virgilio, *Æneid. liv. 7. vers. 37.*

Nunc age, qui Reges, Erato, quæ tempora rerum
Quis Latio antiquo fuerit status, &c.

ERE

Eremiterio. Vid. Eremitorio.

Eremitico. Cousa de Eremita. Vida Eremitica. *Hominis solitarii vita, æ, Fem.*

Eremitorio. Casa de Eremitas. *Solitariorum*, ou *Anachoretarum domus.* (Ao que se accrescenta dos *Eremitorios* de Juliano, com facilidade se responde, que aquelles lugares, a que elle chama *Eremitorios*, naõ saõ casas em que morassem Eremitas de Santo Agostinho, se naõ Mosteiros quasi arruinados, e cahidos, e quasi todos de S. Bento. *Benedictina*

dictina Lusitana, tom. 2. pag. 122. Neste mesmo lugar diz o mesmo Author Eremiterio à imitaçaõ de Juliano, que diz *Eremiterium.*

Eresicthon, ou Erisicthon. Homem nobre da Thessalia, que derrubou quasi todo hum bosque, dedicado a Ceres; estrago, de que ficou a Deosa taõ indignada, que o castigou com huma fome, que o obrigou a gastar quasi toda a sua fazenda, de sorte, que para ter o sustento necessario, naõ reparou em expor a sua filha a huma vergonhosa prostituiçaõ, e assim vivia do que ella com suas torpezas ganhava; finalmente ficou reduzido a taõ miseravel estado, que depois de comer os seus proprios braços, morreo de desesperaçaõ. *Callimaco in hymno in Cererem. Ovidio, lib. 8. Metamorphos.*

ERG

Erguer os folles. Vid. mais abaixo *Folle*, no seu lugar Alfabetico.

ERI

Ericeira. Villa de Portugal, sete legoas de Lisboa, sobre o mar, conhecida pelas suas pescarias, e pelo seu titulo. Os Condes Senhores desta Villa, saõ hum ramo da Casa de Cantanhede, derivado do famoso Governador da India Dom Henrique de Menezes, chamado o Roxo, cujos descendentes, nas armas, e nas letras se fizeraõ celebres no Mundo.

Ericteo. Sexto Rey de Athenas, criado por Minerva. Nasceolhe huma filha, chamada Creusa, singularmente fermosa, da qual Apollo teve hum filho, a que ella chamou Jano. Seu pay Ericteo a casou com Xipheo, matrimonio taõ esteril, que recorreo a Jupiter, pedindolhe successor, digno de occupar o seu Throno depois da sua morte. Apollo por hum Oraculo, pronunciado no Tripode Delphico, lhe mandou que adoptasse, e reconhecesse por filho o primeiro, com que topasse. Casualmente, ou (segundo parece mais verosimil) por industria de sua mulher Creusa, teve o moço Jano a fortuna de ser encontrado o primeiro. Ericteo o perfilhou, e lhe procurou huma educaçaõ propria de hum filho de Rey. Mas elle com a impaciencia de se naõ ver já no Throno, deixou Athenas, e passou para Italia. Outros pelo contrario dizem, que Ericteo teve filhas, as quaes enlouqueceraõ, e se despenharaõ, por terem (contra a ordem de Minerva) aberta a caixa, em que estava guardada a serpente, nascida do sangue de Vulcano. Mas na oraçaõ *Pro Sextio*, quer Cicero, que estas moças foraõ muito valerosas, e que morreraõ em defensaõ da Patria.

Ericthonio. Quarto Rey dos Athenienses, do qual dizem, que era filho de Vulcano: succedeo a Amphyction, anno da Creaçaõ do Mundo 2565. Reynou cincoenta annos. Foy o instituidor dos jogos Panathenaicos, que se costumavaõ celebrar em honra de Minerva. Dizem os Poetas, que Ericthonio depois de nascido, fora metido em hum cestinho de vime por Minerva, que o deu a guardar a Agraulos, Herse, e Pandrosos, filhas de Cecrops, Rey de Athenas, prohibindolhes, que o abrissem. Agraulos, e Herse naõ fizeraõ caso da prohibiçaõ. Minerva indignada desta desobediencia, em castigo da curiosidade destas duas Princezas, as fez taõ furiosas, que ambas se precipitaraõ de huma Torre. Pandrosos, que naõ quiz pôr a maõ no cestinho, naõ ficou sogeita à pena. A tudo isto accrescentaõ os Poetas, que este Ericthonio feito mayor, e considerando a deformidade das suas pernas tortuosas como serpentes, inventara o uso dos carros, para ter occulta a metade do seu corpo. Vejaõ os curiosos a Chronica de Eusebio, e consultem os Authores allegados por Seldeno.

Erigone. Filha de Icario, com a noticia da morte de seu pay, se enforcou de desesperada. Dizem, que Baco consi-

ensinara a Icario a arte de fazer vinho, e que de mais lhe mandara hum odre do mais excellente. Alguns Pastores dos campos de Athenas, amigos de Icario, beberaõ delle com demasia, e perdido o juizo, fizeraõ mil loucuras; muitos, que os viraõ neste estado imaginaraõ, que lhes haviaõ dado peçonha. Com esta imaginaçaõ mataraõ a Icario, e deitaraõ o seu corpo em huma profunda cova, e a cobriraõ com terra. A cadella de Icario, chamada *Mæra*, com seus ladrados deu a conhecer o lugar, em que estava o seu senhor enterrado, e sua filha Erigone, depois de o ter achado, se enforcou em huma arvore. Dalli a algum tempo succedeo, que as moças, e mulheres de Athenas se fizeraõ taõ furiosas, que de si mesmas se foraõ enforcar. Consultado sobre este caso a Oraculo, respondeo, que se originara esta desgraça de se ter deixada impunida a morte de Icario, e de Erigone, e que o remedio era instituir huns jogos em honra delles. Inventaraõ os em que as moças, assentadas em huma corda, preza pelos cabos em duas arvores se embalançavaõ, e logo cessou este furor. Jupiter para remunerar a piedade desta moça, e a fidelidade da cadella, mudou Erigone no Astro, ou constellaçaõ chamada *Virgem*; e *Mæra* foy mudada na que chamaõ *Canicula*; e Icario no Boyeiro, ou Guarda do Norte. *Hygin.*

ERIMANTHO. Monte, e mata celebre da Arcadia, donde sahia hum javali, que destruhia o campo; derrubou Hercules esta fera, e carregando com elle nos hombros, o levou a Euristeo. *Eurimanthus, i, Masc.*

ERINNIS. Nome das Furias infernaes, que algumas vezes se apropria as tres Furias, as quaes (segundo os Poetas) atormentaõ os delinquentes na terra, e no inferno, como quem dissera em Grego *Errein tin noun, Discordia mentis.* Porém parece tem mais fundamento a derivaçaõ de *Erinnis*, do Grego *Eron*, que he *Fazer mal.* Diz Pausanias, que na Cidade de Athenas, perto do Areopago estava o Templo das Deosas chamadas Severas, a que Hesiodo chama *Erinnyas.* O Poeta Eschilo he o primeiro, que lhe tem pegado serpentes. Seguio Virgilio a idea desta pintura. Antes de Hesiodo havia Orpheo feito mençaõ das *Erymeias*, e em hum lugar das suas obras as havia representado como Numes, que tomaõ a vingança das injurias feitas aos pobres.

Das dissençoens, que Erinnis *sempre ordenou.*

And. da Syl. Mascar. Dest. de Hespanha, liv. 4. Oit. 41.

ERIVAN, ou Irivan. Cidade Vid. Irivan.

ERM

ERMITORIO. Cellas de Ermitaens; *Anachoretarum cellæ, arum, Fem. Plur.* (Crisol Purificat. 89. col. 2.)

ERMO. Vid. tom. 3. do Vocabulario. (pelo ermo destes penedos. Vida de D. Fr. Bartholom. dos Mart. 106. col. 3.)

Ermo. Falto. Vid. no seu lugar. (De tudo estava *Erma* a boa pousada. Vida de Dom Fr. Bartholomeu dos Martyres, fol. 122. col. 2.

ERO

☞ EROPE. Filha de Cepheo, Principe de Arcadia, (segundo as Fabulas dos Poetas) foy forçada pelo Deos Marte, e morreo de parto. Sahio à luz do Mundo a criança, e puxou pelas mamas da mãy com tanta força, que ainda que morta, deixou sahir huma grande abundancia de leite. Por isso lhe chamaraõ *Lacturnus*, de mais de *Æropus.*

ERR

ERRAR. Vid. tom. 3. do Vocabular. *Outros Adagios Portuguezes do* Errar.

Quem a todos crê, erra, e quem a nenhum, naõ acerta. Quem erra, e se emenda, a Deos se encomenda. Quem pergunta, naõ erra, se a pergunta naõ he nescia. Boca, que errou, naõ merece

rece pena, nem que paõ lhe falte. Naõ erra, quem a seus semelha. Taõ grande he o erro, como o que erra.

Error. Erro. Vid. no seu lugar.

Venceraõ dando a pares peitos paros
Do Error *por limpos mares torpes mu-*
ros.

Man. de Sousa, Fonte de Aganip. 3. part. Cançaõ 24. fol. 48.

Que a traz o fez tornar de seu Error.

André da Sylva Mascar. Destruiçaõ de Hespanha, liv. 1. Oit. 48.

Error. Tambem no Latim significa *Desvio*, *Errore viarum*, diz Tito Livio, *id est*, por naõ saber o caminho, *Errores Ulyssis*, chama Cicero as voltas, que deu Ulysses para se restituir à Patria. Em Virgilio, *Irremeabilis error Labyrinthi*, val o mesmo, que os rodeos de hum labirintho, donde se naõ póde facilmente sahir.

Bosque breve, e viçoso
Cujo intrincado Error *com verde enredo*
Vejo imitar taõ cedo.

Manoel Tavares, Ramalhete Juvenil, Lyra 1. fol. 44.

ERV

Erva. Vid. tom. 3. do Vocabulario.

Erva do Capitaõ. No Brasil, assim chamaõ os Portuguezes à erva, a que o Gentio chama *Acariçoba*. He planta nodosa, com raizes por intervallos, com que se estende pelo chaõ; e tem muita semelhança com a erva, a que os nossos Botanicos Latinos chamaõ *Nimphæa minor*. Segundo a opiniaõ de Glielme Pison, pag. 91. naõ ha remedio melhor para intemperanças calidas, e obstrucçoens dos rins, e do figado. Jorge Marcgravio diz, que os Portuguezes lhe chamaõ *Os figados*.

Erva do raro, que se dá no Brasil. O Gentio lhe chama *Tangaraca*. Ha de tres especies; as da primeira, e segunda especie saõ muy venenosas, naõ só para ratos, mas tambem para homens, porque naõ acudindo logo com antidotos, mata a quem comer das suas folhas, flores, ou semente; mas tambem as proprias raizes desta planta moidas, e bebidas em vinho, ou outro licor conveniente, saõ sua efficacissima contrapeçonha.

Erva de Nossa Senhora. Vid. no tom. 2. do Vocabul. *Cipo de cobras.*

Erva do vina. De cuja raiz sahem tres, ou quatro asteas redondas, em cuja summidade se abrem humas flores, que tiraõ ao vermelho da purpura; antes de abrirem, os Portuguezes lhe chamaõ *Carapicos*, ou *Carapitos*. He erva do Brasil, os da terra lhe chamaõ *Caapomonga*.

Erva dos feridos. Lança hum talo inteiro a modo de cana, e na parte superior a flor que dá, tem feitio de Assucena, tanto assim, que lhe chamaõ alguns *Lilium Americanum silvestre*. As folhas saõ boas para feridas, e chagas ulcerosas. A raiz he succosa, e os negros a comem. Tem grande virtude para maturar apostemas. Os da terra lhe chamaõ *Albara*, e *Pacivira*.

Ervagem. Pano, chamado droguete de Hamburgo, muy inferior, por ser fabricado de erva. Vid. tom. 3. do Vocabul.

ERZ

Erzeron. Cidade, e terra da Asia, na Fronteira da Asia. Pertence ao Turco. Certo Author moderno pertende, que seja a antiga Cesarea da Cappadocia; segundo a opiniaõ de outros he a antiga *Theodosiopolis*; outros lhe chamaõ diversamente *Aziris*, *Arziris*, *Sinera Senebra*. Ainda que quasi sempre nesta terra faça frio, no espaço de quarenta dias criase a cevada, e o trigo em sessenta.

ES

Es. Hum es naõ es. Hum quasi nada. Vid. Nonnada, tom. 5. do Vocabul.

Item as casas me enfadaõ
Porque por hum Es *naõ* Es
Estas casas saõ casinhas
Donde a gente fay a arder.

D. Franc. Man. Viola de Thal. pag. 215.

ESA

Esaco. Filho de Priamo, e da Ninfa Alixorhoé; com taes extremos se namorou de Hesperia, filha de Cebreno, que se apartou da Corte de seu pay, e da Cidade de Troya, para fazer sua vivenda no campo; como elle se vinha chegando a esta Ninfa, viroulhe as costas, e foy fugindo; mas huma serpente, que estava debaixo da herva, que ella pisou correndo, a mordeo de sorte, que da ferida morreo. Esaco, penetrado da dor, e arrebatado da desesperação, se lançou no mar, onde para eternizar a constancia do seu amor, Thetis o mudou em corvo marinho, ou merguilhaõ. *Ovid. lib.* 12. *Metamorph. Fab. ult.*

ESB

Esbambalhar. Termo chulo. Vid. Descompor. Desconcertar.

Huma taverneira digo
Alli do mal costubado
Esbambalhado *o colete;*
Na cabeça atado hum trapo.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 403.

Esbanjar, ou Esmanjar: verbos chulos. Vid. Gastar, Dissipar.

Esborrolhadouro do forno. Vid. *Varredouro.*

Esbraguilhado. Que traz a camiza de fora da braguilha. Que traz a braguilha desabotoada. Os meninos sempre andaõ esbraguilhados. *Pueris semper prodit indusium ex fissura braccarum.*

Esbulho. Despojo, que se tomou ao inimigo. (Elle repartio o esbulho. Lopes, Vida delRey D. Joaõ o I. part. 2. cap. 147.) Vid. tom. 3. do Vocab.

ESC

Escabellado. Casta de uva, que tambem se chama *Joaõ Paes.* He uva dura, e aspera ao gosto, mas muito valerosa; e dizem, que o vinho, que dá he o mais esforçado. Em toda a terra se dá maravilhosamente. *Alarte, Agricultura das vinhas, pag.* 27.

Escabujar. Termo rustico. Menearse muito, e ajudarse de pés, e mãos, fugindo com o corpo, para se livrar de alguem.

Prendo a jovenca louçam
Por mais que ella Escabujou.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Cansonha de Euterp. pag. 73. col. 2.

Escachapeceguero. Termo chulo, do qual usamos, quando por zombaria queremos encarecer alguma cousa, v. g. mentiras de escachapeceguciro, parvoice de escachapeceguciro. Parece, que este modo de fallar se originou da facilidade, com que o pecegueiro se abre muito, quando lhe daõ huma pancada grande.

Darlhe hum pecego queria,
E escachoume o comprimento
Porque o juizo da moça
He de Escachapecegueiro.

Antonio da Fonseca, Romance em huns encontros.

Escafederse. Vid. tom. 3. do Vocabulario.

Cada qual se escafedia,
Em os vendo de huma legoa.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 333.

Escagalharse de riso. Termo chulo *In risum effundi.* He imitaçaõ de Tacito, que diz, *In lacrymas effusus, a, um.*

Porque já de mim sabiaõ
Que sou fatal personage
No jocoserio, onde todos
Estaõ sempre a Escagalharse.

Oraç. de Fr. Simaõ de Sant. Cathar. Oraçaõ do Secretario, pag 233.

Escaler. Palavra, que nos veyo do Norte. Embarcaçaõ, que serve para andar no rio, com toldo na popa, á maneira de falua.

Escalracho. Termo de Agricultura. Hervas, e raizes, que se criaõ ao pé das cepas, e as damnificaõ. (O quarto proveito he tirar-selhe o escalracho. Alarte, Agricult. das vinhas, pag. 46.)

Escamel. He o banco, em que o Espadeiro

padeiro ſacala as ſolhas. Poderá derivarſe do Francez *Eſcabeau*, ou do Latim *Scabellum*, que he banco.

Escançado. Vid. tom. 3 do Vocabulario. (Fez a nao nove, ou dez viagens taõ bem eſcançadas, que nunca lhe aconteceo deſaſtre. Couto Dec. 7. liv. 9. fol. 209. col. 1.)

Escancarar. Abrir de par em par. He proprio da porta, eſtar eſcancarada. Vid. Eſcancarado, no 3. tomo do Vocabul.

Eſcancarar a conſciencia. Termo vulgar. He admittir ſem vergonha todo o vicio; he commetter ſem eſcrupulo toda a culpa. *Omni ſe vitiorum generi mancipare. Addicere vitam omni intemperantiæ. Sine pudore dedere ſe vitiis omnibus. Apertè, & impudenter tradere ſe libidinibus.*

Escandecerse. Vid. tom. 3. do Vocabulario. (Contra quem ſe eſcandecia. Criſol Purificat. fol. 224. col. 2.

Escanifrado. He chulo. Vid. Magrinho. Delgado.

Escano. Derivaſe do Latim *Scamnum*, que ſegundo o Padre Bento Pereira, na ſua Proſodia, quer dizer *Banco, Banquinho, Eſtradinho para os pés, &c. Scamna*, e *Scamnia*, palavras Gregas, ſe achaõ em Iſocrates; mas nas ſuas Etymologias quer Varro, que *Scamnum* ſeja vocabulo Latino, e para provallo, o deriva do verbo *Scandere*, que he *Subir*, *Quia*, diz elle livro 4. de ling. Lat. *Simplici ſcanſione ſcandebant in lectum, non altum, in altiorem, ſcamnum.* (Todas as cadeiras, *Eſcanos*, *meſas* de qualquer parte que vierem, naõ ſendo cadeiras com couros. Regimento do Paço da Madeira, cap. 6. §. 12.)

Escapula. Vid. tom. 3. do Vocabulario. O Adagio Portuguez diz: Quem faz a bulra, faça a eſcapula.

Escarafunchar. Eſgaravatar com teima, e porfia, como fazem os gandayeiros no lixo, para verem ſe achaõ alguma couſa. *Scrutari*, (ou *Perſcrutari*, *or, atus, ſum.*) Cic. Phedro diz, *Scrutari eſcam in ſtercore.* Falla em certos animaes, que para achar o comer, eſcarafunchaõ em monturos.

Escarapella. Vid. tom. 3. do Vocabulario.

As pobres choromigavaõ
Com tantas Eſcarapellas.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 332.

Escarçar. Vid. no 3. tom. do Vocabul. Tambem he raſgarſe, ou abrirſe a veſtidura na coſtura. Vid. Raſgar.

Escarias. Palavra antiquada. Vid. mais abaixo Iguarias.

Escarmentar. Vid. tom. 3. do Vocabul.

Adagios Portuguezes do Eſcarmentar.

Quem ſe naõ Eſcarmenta de huma vez, naõ ſe Eſcarmenta de tres. Dos Eſcarmentados ſe fazem os arteiros.

Escarnador. Inſtrumento ferreo de Barbeiro, com que eſcarna os dentes para os tirar depois com o boticaõ. Os Gregos lhe chamaõ *Pericharacter*, e Calepino o traz, mas ſem exemplo de Author Latino, e na circumlocuçaõ de que uſa, diz, *Inſtrumentum, quo gingivarum caro à dentibus circumquaque ſeparatur in dentium dolore.*

Escarotico. He palavra Grega de *Scaroticos*, que he couſa, que eſtende, e corrompe a pelle. Remedio eſcarotico, na medicina val o meſmo, que remedio corroſivo.

Escarranchado. Vid. Eſcarrapachado, tom. 3. do Vocabul.

Vedes hum forte burro
Corre cum homem em cima Eſcarranchado.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 303.

Escava das vinhas. Tem muitas utilidades, ſe ſe fizer antes de cahir a folha; primeiro, ſecaõſe as raizes, que deita a vinha à flor da terra, e a ſubſtancia com que nutria eſtas, ſe paſſa às raizes profundas, e tomando a vinha mayor força, lança com mais valentia; ſegundo, a folha, que cahe ao pé fica na eſcava, e entre todos os eſtercos, que mais convem às vinhas, he a ſua folha, e como fica na cova, naõ a leva o vento taõ facilmente como o levara, ſe naõ

eſtivera

estivera escavada; terceiro, com as agoas do Inverno corre a nata da terra para o pé da cepeira, e este he o mais singular effeito de todos; quarto, tirase á cepa o escalracho, que lhe nasce ao pé, e a damnifica; quinto, recebem as raizes mais agoa do Inverno, e assim mais nutridas do humor, que receberaõ, ficaõ mais aptas para as penetrar o Sol.

ESCAVEIRADO. Vid. tom. 3 do Vocabul. (Sahio daquelle hermo taõ macilento, e *Escaveirado*. Agiol. Lusit. tom. 2. pag. 216.

ESCHRAKITES. Seita de Mahometanos, que segue as opinioens de Plataõ. *Aschrak*, em lingua Arabica quer dizer *Luzir*, *Brilhar*; donde se derivou o nome *Eschrakites*, que quer dizer *Alumiados*, ou *Illuminados*. Os que professaõ esta Seita entendem, que o contemplar as grandezas da Mageftade Divina, he o mayor bem do homem. Procuraõ livrarse de todo o genero de vicios, naõ deixaõ de gastar bom humor, e saõ prasenteiros na conversaçaõ. Saõ amigos da musica, compoem Romances, e humas cantigas espirituaes. Como elles fundaõ a felicidade do homem na contemplaçaõ á Divindade, naõ fazem caso das grosseiras imaginaçoens do Paraiso de Mafoma. Os Scheiques, ou Sacerdotes, e mais affamados Prégadores das Mesquitas Reaes saõ desta Seita, a qual tem boa disposiçaõ para a Ley de Christo. *Ricaut*, *Historia do Imperio Ottomano*.

ESCLARECER. Vid. no 3. tomo do Vocabul. Vem o dia esclarecendo. *Lucescit*, ou *Dilucescit*. *Cic*.

ESCLARECIDO. Vid. no 3. tomo do Vocabul.

Esclarecido. Menos carregado na cor, mais claro. (Para lhe abater o *Esclarecido* da cor. Alarte Agricultr. das vinhas, pag. 145.) Falla em vinhos.

ESCLAVONIA. Dividese em geral, e particular. A Esclavonia em geral, he tudo o que fica além do rio Dravo até o mar Adriatico, ou Golfo de Veneza, desde que os limites da Pannonia, e da Illyria ficaraõ confundidos huns com os outros. A Esclavonia particular he propriamente toda aquella parte da antiga Pannonia, que fica entre os dous rios Dravo, e Sawo. Todo este Paiz pela mayor parte he do Turco; o mais he da Casa de Austria. As principaes Cidades saõ, *Posega*, *Zagabria*, *Kopraniz*, *Gradiscia*, *Valpon*, *Soplonga*, *&c.* Dizem, que os Esclavoens descendem dos Scythas; deraõse bem a conhecer nos reynados de Justiniano, e de Phocas. No principio tiveraõ Reys de sua Naçaõ; depois ficaraõ sogeitos aos Hungaros aos quaes pagavaõ tributo. Saõ estes Povos taõ inclinados a exercicios militares, e tem tanta vaidade de serem tidos por soldados, que ordinariamente pedem a Deos, que os faça morrer com as armas na maõ, e que seus inimigos acabem a vida nas suas camas. *Cluvier*, *lib. 4. Intr. Geogr. Sanson*, *Estado do Turco na Europa*.

ESCLITICO. He palavra de Medico, mas errada, porque *Scillito*, he o proprio, e naõ Esclitico. Vid. Scilla, na letra S do setimo volume do Vocabulario. (Oxymel composto, a que chamamos Oxymel *Esclitico*. *Morato*, *Luz da Medicina*, *pag. 193.*) Deve ser erro da Impressaõ. Outros tambem erradamente dizem *Squillitico*.

ESCOLA. Vid. tom. 3. do Vocabulario. No Latim, e no idioma Portuguez tem esta palavra significado muito differente do vocabulo Grego, do qual se deriva, porque na lingua Grega *Scoli*, quer dizer ocio, ou *Vacancia*, porém com o Latim, e com o Portuguez se póde accommodar esta derivaçaõ, dizendo, que para chegar a saber, he necessario *Vacar* ao estudo, e deixadas todas as mais occupaçoens, divertirse unicamente com as letras, e com os Letrados, porque *Filosophia totum hominem desiderat*. E assim a palavra *Scholasticus*, (como advertio o Author do *Hierolexicon*) *pro persona ad studium vacante accipitur*, e nos Concilios, e Authores Ecclesiasticos, muitas vezes se toma por Letrado, e Advogado, e finalmente

por

por pessoa erudita, como se vê em *Valaf. de rebus Ecclesiæ cap.* 25. onde chama a Prudencio, *Scholasticum Hispaniarum.* Em algumas Igrejas Cathedraes o Conego, que possuhia huma Prebenda Theologica, era chamado *Scholasticus.* Finalmente Plinio Junior chama *Scholasticus* ao Orador, ou Declamador, que se exerce na Arte Rhetorica.

Escolar. Peixe do mar. He quasi a modo de corvinota. Tem os olhos da cor de safira; he de bom gosto, mas a quem chupa muito o espinho, principalmente a cabeça, solta o ventre com demasia. Frequenta as prayas da Ilha Terceira. Ordinariamente fica no fundo do mar. Vid. no 3. tom. do Vocabul. *Escolar.*

Escolares. Na Igreja Romana he o nome de huma Ordem, instituida por Innocencio III. no Concilio Lateranense. Dividiraõse depois em Escolares Vagos, e Escolares Palatinos. *Os Escolares Vagos*, foy Seita condemnada no Concilio Herbipolense, anno de 1287. Os Escolares Palatinos (segundo escreve Agathias, no livro 5.) assistiaõ de dia, e de noite nos Palacios dos Emperadores, e quando sahiaõ a publico, os acompanhavaõ por grandeza, e ornamento da Magestade. Vid. *Meursium in Glossario.* Tambem nos Mosteiros os Religiosos moços estudantes, eraõ chamados Escolares, e Escolarios.

Escolastico. Vid. Escola, supra.

Escomilhas, ou Esgomilhas. Panos, que vem da India, transparentes, e alvos; servem para mantos militares.

Escopeta. Vid. tom. 3. do Vocabulario. O Adagio Portuguez diz: Isto he Escopeta de Ambrosio. Fundase este Adagio, em que certo homem chamado Ambrosio, que tinha huma escopeta, e com ella muitas vezes ameaçava, mas sem effeito, porque a dita escopeta naõ tinha fechos. Dizse de cousas inuteis, que naõ servem mais que para a apparencia.

Escopo. He tomado do Latim *Scopus*, que he Baliza, Alvo, Fito, Fim, Mira. Vid. nos seus lugares. (O seu escopo he ensinar com juizo. Crisol Purificat. fol. 343. col. 2.)

Escorchar. Vid. tom. 3 do Vocabulario. Escorchar dinheiro. *Pecuniam corradere.* He de Terencio, que na Comedia, intitulada *Adelph.* diz, *Minas decem corradet alicundè.* Escorchar alguem de dinheiro. *Aliquem argento emungere, go, munxi, munctum. Terent.* (Foy Escorchar ao Tanadar de Dabul de algum dinheiro. Barros, Dec. 4. fol. 424.)

Escorpiaõ. Vid. tom. 3 do Vocabul. O Adagio Portuguez diz: Quem do Escorpiaõ está picado, a sombra o espanta.

Porque qualquer petiçaõ
(Seja qual for a razaõ)
Traz a peçonha no cabo
Como traz o Escorpiaõ.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Viol. de Thal. fol. 209. Vid. Lacrao, tom. 5. do Vocabul.

Escovilho. Ouro de escovilho. Na loge do Ourivez, he o pó, que com a escovinha se ajunta.

Escozer. Magoar. No Thesouro da lingua Portugueza o Padre Bento Pereira diz, *Escozer*, aliás *Magoar. Urere.* (*Tit. Liv.*) *doloris sensum.*

Ora basta já por brinco,
Que o trovar desta feiçaõ,
Sempre Escoze.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Viol. de Thal. 207. col. 2.

Escrever. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Escrever em Bandeira. (Nos principios do Reyno de Portugal, se davaõ os Foraes, e privilegios ás Villas, e Cidades em huma tira, ou tira de pergaminhos, taõ comprida, que em huma, ou duas regras coubesse tudo o que se queria escrever, e se guardava enrolada; chamavase *Escrever em Bandeira*, depois se prohibio. Eva, e Ave de Macedo, part. 1. cap. 19. fol. 152. num. 13.

Escrivaõ. Vid. tom. 3. do Vocabulario. O Adagio Portuguez diz: No Boticario está a chave do Medico, e no Escri-

Escrivaõ a do feito: Mulher de mercador, que fia, Escrivaõ, que pergunta pelo dia, official, que vay à caça, naõ ha mercê, que lhe Deos faça. Maõ sobre maõ, como mulher de Escrivaõ.

Escroto. Das cinco tunicas, ou membranas, que compoem a bolsa, e envolvem as bolotas genitaes, o escroto (segundo a propriedade Anatomica) he a primeira, e he composta da cuticula, e da pelle, que neste lugar he mais delgada, e fina, que nas mais partes do corpo. *Scrotum, i, Neut. Cels.* (se os intestinos descerem atè o *Escroto*. Observaçoens de Curvo, pag. 255.)

Escrutinio. Vid. tom. 3. do Vocabul. Antigamente, no tempo da Quaresma, *Scrutinium*, era o exame dos Cathecumenos em materias pertencentes à Fè, para conhecer a capacidade dos que no Sabbado Santo haviaõ de receber o Sacramento do Bautismo. Este Escrutinio se fazia sete vezes. *Albinus. de Divinis Officiis, cap. 19.*

Esculano. Deidade, que os Gentios haviaõ feito companheiro de *Argentino*, tomado o nome do monosyllabo *Æs*, que quer dizer *Cobre*, e da palavra *Argentum*, que quer dizer *Prata*, metaes de que em Roma se fazia a moeda. Imaginavaõ, que com o favor, e patrocinio deste Deos moedeiro, se augmentariaõ as suas riquezas, e fazendas. No livro da Cidade de Deos faz Santo Agostinho mençaõ deste falso Nume.

Esculapio. Faz a Antiguidade mençaõ de muitos Esculapios. Dá Cicero à Grecia tres. O primeiro, que foy filho de Apollo, venerado dos Povos de Arcadia, e inventou o modo de atar as feridas. O segundo foy irmaõ do segundo Mercurio, e morreo de hum rayo. O terceiro foy filho de Arsippo, e de Arsinoe, que ensinou o modo de se purgar, e de arrancar os dentes, cuja sepultura se via no bosque, que lhe estava dedicado em Arcadia. Para evitar a confusaõ de outros Esculapios, neste lugar naõ faremos mençaõ se naõ do Esculapio Deos da Medicina, e daremos as mais curiosas noticias, que delle se achaõ na Historia, na Fabula, e na Mythologia.

Começando pela Historia, faz Lactancio hum compendio da vida de Esculapio, no qual affirma, que elle nascera na Cidade de Messina, de pays incertos, e em Epidauro fora criado com o leite de huma cadella, e que Chiron tivera cuidado da sua educaçaõ, e lhe ensinara a Arte da Medicina. Na pintura dos Phlegios conta Pausanias, que hum Pastor achando ao menino Esculapio recem-nascido, lhe dera huma cabra do seu rebanho para ama de leite, e pozera a par delle o seu caõ para o guardar. Festo Grammatico contrariando a Pausanias diz, que Esculapio fora criado por huma cadella, e que em memoria desta criaçaõ, se criavaõ caens no Templo de Esculapio. Outros fazem Esculapio filho de Arsinoe, filha de Leucippo Messenio: o que he contrario ao Oraculo de Delphos, que Apollophanes de Arcadia consultou, e lhe respondera, que Esculapio nascera em Epidauro da Ninfa Coronis, filha de Phlegyas; e na realidade os Epidauros foraõ os primeiros, que para Esculapio instituiraõ huma festa, e à sua imitaçaõ delles fundaraõ outra os Athenienses, e pozeraõ a Esculapio no numero dos Deoses, o que tambem fizeraõ os Povos de Pergamo, e os de Smyrna, que lhe edificaraõ hum Templo na praya do mar. Em Cyrenes teve Esculapio outro Templo debaixo do nome de Medico por antonomasia; e nelle era venerado com o mesmo culto, que em Epidauro, excepto, que lhe immolavaõ cabras nos sacrificios de Cyrenes. No Templo de Epidauro a estatua deste Deos era de ouro, e de marfim, obra da maõ de Trasymedes, filho de Arignoto da Ilha de Paros; ficava este simulachro sentado em hum Throno da mesma materia, com hum bastaõ nodoso em huma maõ, e pondo outra na cabeça de huma serpente, com hum caõ a seus pés. nas paredes, e nos pilares do Templo estavaõ pendurados muitos quadros, em que se viaõ repre-

sentadas

sentadas as muitas doenças, que Esculapio curara, juntamente com os remedios que dera.

A estas, e outras noticias accrescentou a Fabula muitas patranhas. Homero, e depois delle Ouvidio fazem a Esculapio, filho de Apollo, e de Coronis, filha delRey Phlegyas, a qual estando prenhe de Esculapio, cujo pay era Apollo, naõ deixou de entregarse a Ischys, filho de Elato. Mas Diana, irmãa de Apollo, indignada da traiçaõ, que fizerá a seu irmaõ, matou a Coronis de huma frechada, e como estavaõ para queimar na pyra o seu cadaver, veyo Mercurio tirar do ventre materno a creatura, que foy chamada Esculapio, nome composto de duas palavras Egypciacas, *Esch*, que quer dizer *Cabra*, e *Chelepb*, que quer dizer *Caõ*, porque fora creado por huma cabra, e guardado por hum caõ. Na 3. Ode das Pythiennas diz Pindaro, que o mesmo Apollo em pessoa o tirara das entranhas da máy. Curou depois doenças incuraveis, e Jupiter indignado de que tirara a Hyppolito das gadanhas da morte, o matou de hum rayo, mas Apollo o levou ao Ceo, onde está entre os Astros. Nas Antiguidades Romanas se acha, que estando Roma infestada de peste, respondera o Oraculo, que para livrarse do contagio, era precisо trazer do Epidauro a Esculapio; naõ querendo os Epidauros consentir neste arbitrio, no navio dos Romanos passou Esculapio em figura de Dragaõ, e em huma Ilha do Tibre escolheo hum lugar, onde lhe levantaraõ hum Templo.

Da confusaõ destas Fabulas naõ deixa de sahir pela Mythologia alguma luz da verdade, e de doutrina para os homens. Esculapio he tido filho de Apollo, para declarar, que o ar temperado, e sadio se deve aos beneficos influxos do Sol, ou de Apollo. O bordaõ com huma serpente enroscada nelle, que os Medicos lhe davaõ, dá a entender, que na Medicina se encosta a vida; mas que he necessario usar della com prudencia, cujo symbolo he a serpente; na qual tambem se significa, que assim como este reptil despe a pelle velha, assim o Medico faz remoçar os doentes, restaura as suas forças, e lhes dá com a saude novo vigor, e alento. Quer Plinio, que a serpente se dedicasse a Esculapio, porque deste animal se tiraõ huns saes, que entraõ na composiçaõ de remedios, excellentes para a conservaçaõ da vida. Tambem significava o bordaõ, que os enfermos convalecidos necessitaõ de cautela, e arrimo por naõ tornarem a cahir na doença da qual sahiraõ. A Esculapio se sacrificava a cabra, porque pelo seu calor excessivo sempre está este animal como febricitante, segundo tem os Medicos observado; offereciaõlhe o corvo, do qual os Antigos tomavaõ presagios para o futuro, porque para a conservaçaõ da saude, he necessario prevenirse para os accidentes, que a podem alterar. Finalmente com os ditos animaes offereciaõ o Gallo, em demostraçaõ da grande vigilancia, requisita na cura das doenças, ou (segundo a advertencia de Plutarco no Tratado dos Oraculos da Pythia, cap. 17) para indicar as horas da manhãa, e mostrar, que este tempo em que estaõ os humores mais socegados, he mais proprio para a applicaçaõ, e utilidade dos remedios. O bordaõ, em que já temos fallado, era nodoso, para demostrar a difficuldade desta Arte. Pintou Albrico a Esculapio com huma grande barba de ouro moсiço, que Dionysio, Tyranno de Syracusa, lhe tirou, dizendo por zombaria, que naõ convinha representallo com barbas, pois seu pay Apollo, que era mais velho que elle, andava sem ellas. A primeira Deidade, pela qual manda Hippocrates a seus discipulos, que jurem, he Apollo Medico; e abaixo delle Esculapio, Hygia, e Panacea. Com tudo, segundo o Liberto Hygino, Apollo naõ he mais, que inventor da Medicina dos olhos; e segundo o dito Hygino, Chiron foy Author da Cirurgia, e Esculapio o da Medicina, chamada *Clinica*, e he a que ensina a visitar,

sitar,

ſtar, e tratar dos enfermos; que eſtaõ de cama; ſe bem nos quer Luciano dar a entender, que Eſculapio pozera em Pergamo huma logea de Boticario; mas poderá iſto ſer zombaria deſte Satyrico.

Esculturа. Segundo a Sagrada Eſcritura, os Idolos de Labaõ, que Rachel levou comſigo, ſaõ provas da antiguidade da Eſcultura. Na Hiſtoria profana, certo Oleiro da Cidade de Sicyone, chamado Tibutades, foy o primeiro Eſcultor; daõ outros eſta primazia a Ideoco, e Theodoro, na Ilha de Samos. Da Toſcana, onde floreccia eſta Arte, mandou Tarquinio vir a Roma hum dos mais celebres da dita terra, chamado Tauriano, para fazer a eſtatua de Jupiter de barro, com quatro cavallos da meſma materia, para os collocar no frontiſpicio do Templo deſte falſo Nume. Na Grecia, outros Eſcultores ornaraõ com figuras de barro o Templo de Ceres, e aſſim os primeiros ſimulacros de todas as Gentilicas Deidades, no principio naõ foraõ outra couſa mais, que barro, ou pao. Com o andar do tempo foy creſcendo nos Gentios para o culto dos ſeus Deoſes o luxo; talharaõ marmores, fundiraõ metaes, lavraraõ materias precioſas, e a idolatria ſe foy fazendo magnifica, e pompoſa. Creſceo com os Artifices a emulaçaõ. Em Athenas ſe fez Phydias invejar de todos os ſeus contemporaneos; ſahiraõ á luz as obras de Polycletes, de Myron, e de Lyſippo, que ſó teve a gloria de fundir em metal a eſtatua de Alexandre, e com a figura deſte Principe fez immortal o ſeu nome. A eſtes ſuccederaõ Praxiteles, e Scopas, cuja memoria ſe eternizou nos cavallos, que ainda hoje exiſtem em Roma diante de hum dos Palacios do Pontifice; competiraõ com Scopas Timotheo, e Leochares, que trabalharaõ na celebre ſepultura de Mauſolo, Rey de Caria. De figuras marmoreas, e metallicas encheraõ a Aſia, e a Europa Filodoro, Canoco, Dedalo, Euphranor, Theodoro, Xenocrates, e mil outros, cujos nomes com as ſuas obras pereceraõ; e ſegundo os monumentos da Hiſtoria, naquelle tempo, em Roma Metropoli do Univerſo, mais eraõ os homens em pedra, que em carne.

No tempo, que Marco Scauro era Edil, correndo por ſua obrigaçaõ o apparato dos eſpectaculos, ornou com tres mil eſtatuas de bronze o ſoberbo theatro, que mandara conſtruir; e poſto que L. Mummio, e Lucullo tiveſſem trazido da Grecia, e da Aſia hum grande numero dellas, ainda ficavaõ em Rhodes mais de tres mil, outras tantas em Athenas, e ainda mais em Delphos. O que neſta materia accreſcenta a admiraçaõ, he o tamanho das figuras, que eſtes Artifices ouſavaõ emprender. Entre as que por ordem de Lucullo foraõ trazidas a Roma, huma de Apollo tinha trinta cubitos de alto. O Coloſſo, que os Povos de Rhodes mandaraõ fazer em honra do Sol por Caretes de Lyndos, diſcipulo de Lyſippo, era ainda muito mayor. A eſtatua de Nero, feita por Xenodoro, ſobrepujava a todas as ſobreditas, porque tinha cento e dez pés de alto.

Escumilha. Pano de ſeda crua, muito ralo. Vem de Caſtella. Serve para toalhas de Regateiras, &c. Vid. tom. 3. do Vocabulario.

ESF

Esfolavaca. No Alentejo dá o vulgo eſte nome ao vento Nordeſte, que ás vezes he taõ violento, e frio, que mata o gado.

Esfusiar. Termo chulo, val o meſmo, que *Fugir*. Poderaſe derivar do Francez *Fuſée*, que he *Foguete*, porque o foguete foge com grande impeto da maõ de quem lhe poz fogo.

Esfusiote. Vid. Esfuſiar. Deulhe hum esfuſiote, *id eſt*, fello fugir, ou deulhe huma reprehenſaõ taõ forte, que o fez fugir.

ESG

Esganacaõ. Uva aſſim chamada, porque he taõ aſpera no goſto, que nem

caens a comem. Porém para vinho he casta excellente, e dá muito, e he de muita valentia. Em outras partes lhe chamaõ *Sarcial*. *Alarte, Agricultura das vinhas, pag. 26.*

Esgaravatar. Vid. tom. 3. do Vocabulario. O Adagio Portuguez diz: Gallinha naõ nasce, que naõ esgaravate.

Esgaravulhar, ou Esgravulhar.

Vistes Esgravulhar *piaõ*
Por naõ ter azas de mosca,
Quando o cordel desenrosca.

Oraç. Acad. de Fr. Simaõ, pag. 340.

Esgaravunhar. Rabiscar. Fazer garatuzas, ou garatujas, como as rabiscas ridiculas, que os rapazes fazem pelos muros, &c. He termo do vulgo.

Esgomilhas. Vid. supra Escomilhas.

Esgorjar. Encarecimento, termo chulo. Desejar com ansia. Estalar com desejos. Estou esgorjando por tabaco, v. g.

Esguardar. Termo antiquado. Considerar. (*Esguardar*, como vieraõ dias em estes Reynos. Lopes, Vida delRey D. Joaõ o I. part. 2. cap. 151)

Esgueirarse. Safarse, irse embora às escondidas. Esgueirar tambem se diz de quem tira alguma cousa com traça, e industria. Esgueirar seis vintens, he tirallos com suas traças, ou à vontade de seu dono, ou sem ella. *Aliquid astu auferre.* Vid. Chupar.

Esguiaõ. Pano de linho, fabricado no Norte, tem quatro palmos de largo, e serve para roupa branca.

Esguio. Alto. Comprido. Vid. nos seus lugares.

Esguncho. Pao escavado, com que egoaõ as naos pela parte de fóra.

ESI

Esi. Deoses, que os Tyrrhenos adoravaõ. Eraõ invocados para os bons successos. *Aisios* em Grego quer dizer Felice, Bem affortunado. *Aisi, orum, Masc. Plur. Hesichio.*

Esis. Antiga Cidade de Umbria, em Italia. Tomou o nome do senhorio, a que hoje chamaõ *Esino*. Hoje o nome da Cidade he *Jesi*. Tem Bispo, suffraganeo a Roma. Diz Silio Italico, que tomara o nome de hum Rey, chamado *Æsis*.

Queis Æsis regnator erat, fluvioque reliquit
Nomen.

Strabaõ lhe chama *Æsion*.

ESL

Esladroar. Termo de Agricultura. Tirar as vergonteas, que nascem ao pé da arvore, que tambem na Agricultura se chamaõ *Ladroens*, porque attrahem a si a substancia, que a natureza encaminha para a planta, e a deixaõ desmedrada *Arborum pullos rescindere*, ou *Stolones resecare*. (Este beneficio do esladroar, he de grande conveniencia. Alarte, Agricult. das vinhas, pag. 99.)

Eslinga. Cidade de Alemanha, sobre o rio Necar, no Ducado de Virtemberga. He livre, e Imperial. Chamaõ lhe outros *Ezelinga*.

ESM

Esmalmado. Vid. Deleixado.

Esmanjar, ou Esbanjar. Verbos chulos. Gastar. Distribuir.

Esmar. (A poucos passos andados deraõ volta, informando plenariamente do numero da gente, que *Esmaraõ*, conforme ao vulto, que fazia. Mon. Lusit. tom. 4. pag. 91.)

Esmechar. Apertar abrazando. Faz Sol, que esmecha. Verbo chulo. Vid. tom. 3. do Vocabul.

Esmerilhado. O pichoso, amigo demasiado de aceyos. *Concinnitatis, & munditiæ studiosior. Mundulus, a, um, Plaut.*

Esmerilhaõ. Vid. tom. 3. do Vocabul. He arma de fogo mayor que arcabuz, e mais comprida que espingarda.

Esmo. Vid. tom. 3. do Vocabul.

Só do bem seguindo o Esmo,
Quando o creste, o imitaste.

Obras Metric. de D. Franc. Man. C, anfonha de Euterp. 100. col. 2.

Eson.

ESO

Eson. Pay de Jason, filho de Chretea, e irmaõ de Pelios, Rey de Thessalia. Segundo conta a Fabula, foy taõ bem afortunado, que Medea o remoçou, por comprazer a seu marido Jason, que queria dar a seu pay esta prova da sua fineza. Esta obra prodigiosa se fez com humas ervas, que a dita feiticeira lançou sobre o corpo de seu sogro, que recuperou o vigor de seus primeiros annos, sem perder a memoria do passado. *Metamorph. lib. 7. Fab. 2.*

ESP

Espaçar. Verbo antiquado. Gastar o tempo divertindose. He tomado do Italiano, *Spasso*, e *Andar a spasso*, que val o mesmo, que ir passear. (Foy por *Espaçar*, correr monte, naõ longe da Villa. Fernaõ Lopes, Vida delRey D. Joaõ o I. part. 2. cap. 147.) Segundo Agostinho Barbosa, no seu Diccionario Lusitanico, espaçar he o mesmo, que passear.

Espaço. Vid. tom. 3. do Vocabular. De espaço. Devagar.

E indo os parabens a pé
Chegariaõ lá de Espaço.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Calfonha de Euterpe, 116.

Espada preta. No segundo tomo do seu Lexicon Mathematico, pag. 800. num. margin. 49. O Padre D. Jeronymo Vital, Clerigo Regular Theatino, chama ao exercicio da espada preta com palavra Grega *Sciomachia*, composta de *Scios*, que quer dizer *Sombra*, e *Machi*, que val o mesmo, que *Peleja*; e dando a razaõ deste nome alatinado, diz: *Sciomachia Græcè dicitur collusio militaris, quasi umbratilis pugna, quæ non seriò, aut ex odio, & vindictæ furore initur, sed vel ad roboris exercitium, militaremque artem comparandam, vel sanè ad jocositatem, & animi remissionem. Etenim in eâ fictè, & amicè pugnatur armis, aut ligneis, aut hebetibus, ut ictus innoxiè cadant; atque interim veris prœliis prælúdatur, & collusores ad scopum collineantes discant arma tractare, assuescantque impactos ab adversario ictus præcavere, ac declinare. Sic enim olim Tyrones exercebantur ad palum, dein gravioribus armis, cum magistris digladiabantur, & nunc insultando, nunc retrocedendo, nunc se se inclinando, nunc exsurgendo, pugnandi peritiam comparant, &* (ut ait Seneca lib. 5. Controvers. 24) *gravioribus armis pugnare magis discunt, quàm pugnant.* Vid. no 3. tom. do Vocabul. *Espada preta.*

Espada. Peixe. Vid. tom. 3. do Vocabul. Nas terras maritimas de Portugal, e particularmente na Villa de Setuval, *Peixe espada*, se chamaõ huns peixes, que enjoados, costumaõ vatar pela terra dentro na praya, onde se apanhaõ à maõ com bicheiros, e ainda com as proprias mãos; tem de comprimento quatro, cinco, e seis palmos, da largura de huma boa maõ travessa, do feitio de huma folha de espada, indo sempre para baixo diminuindo a largura.

Espada. Ordem Militar de Santiago da Espada. Anno de 846. depois de sanguinolentas batalhas de Mouros com Christãos, finalmente na batalha de Clavijo, por D. Ramiro, Rey de Castella, foraõ os Mouros inteiramente derrotados com morte de setenta mil delles. Com visivel assistencia do Ceo se conseguio esta prodigiosa vitoria; porque muitos Officiaes de guerra, que nella se acharaõ, affirmaraõ ter visto no tempo do conflicto ao Apostolo Santiago, pelejando com hum Estandarte na maõ, e nelle huma espada vermelha por divisa. O que obrigou ao dito Principe a instituir em favor destes Cavalheiros huma Irmandade de armas, debaixo do titulo de *Santiago da Espada*, dandolhes por Armas hum escudo de ouro, com huma espada vermelha, e huma concha com estas palavras, *Rubet ensis sanguine Arabum.* Porém a opiniaõ mais seguida sobre a erecçaõ desta Ordem Militar he, que succedera só no anno de 1175. com a occasiaõ dos

dos mesmos Mouros, que com suas correrias estorvavaõ a devoçaõ dos Christãos peregrinos, que hiaõ a Santiago. Naquelle tempo dous Conegos Regrantes de Santo Agostinho, que ministravaõ os Sacramentos na Igreja de Santo Eloy de Galliza, vendo o grande concurso de peregrinos, e o perigo que corriaõ de serem roubados, e maltratados dos Mouros, que naquelle tempo infestavaõ Hespanha, fizeraõ Hospitaes para agasalho, e azylo dos pobres, e dos enfermos. Algum tempo depois huns treze Cavalheiros, que tinhaõ feito huma sociedade para obras de caridade, escolheraõ a Santiago para seu Patrono, e com voto se obrigaraõ a ajudar aquelles Santos Religiosos, e segurar os caminhos das incursoens destes Infieis; e esta propriamente foy a origem da Ordem de Santiago da Espada nas Hespanhas. Anno de 1175. esta Ordem foy approvada pelo Papa Alexandre III. e depois por Innocencio III. anno de 1198. No principio viviaõ estes Cavalleiros em Communidade, e com cercilho, á imitaçaõ dos Conegos de Santo Eloy, e reconheciaõ ao Prior, ou Abbade por seu Superior. Mudaraõ depois de domicilio, e tiveraõ licença para casar. O seu primeiro Graõ Mestre foy Dom Pedro Fernandes, Varaõ de grandes prendas, e virtudes. Por suspeitas de inconfidencia padeceraõ trabalhos no reynado de Ferdinando, Rey de Leaõ; mas com o patrocinio de Affonso Rey de Castella tornaraõ a levantar a cabeça, e na Cidade, e Castello de Velés assentaraõ a Cabeça da Ordem, que favorecida da piedade dos Fieis, e da magnificencia dos Reys, chegou a possuir grandes riquezas; e dilatando as suas Conquistas, até na Estremadura, lançaraõ fóra os Mouros, e se aproveitaraõ dos seus despojos. Da sua visinhança com os Reys de Portugal, resultou o serem chamados para este Reyno, onde em breve tempo adquiriraõ ricas Commendas; e vendo ElRey Dom Diniz esta Ordem em grande augmento quiz, que tivesse hum Mestre independente do de Uclés, e com seus decretos ordenou, que Alcacer do Sal seria Cabeça da Ordem, preminencia, que depois foy concedida a Palmella.

O Padre Fr. Jacintho de Deos, no seu Escudo dos Cavalleiros das Ordens Militares, §. 60. pag. 229. traz a instituiçaõ de huma Ordem de *Santiago da Espada* por outro modo, que he o seguinte.

ElRey Dom Affonso V. a quem o zelo de augmentar nossa Santa Ley accendia o desejo da conquista de Africa, sabendo, que o prognostico de hum Caciz Mouro, depositando na Torre da Menagem de Fez huma espada, promettia, que quando os Christãos a tirassem, se renderia o Africano Imperio, e se perderia esta Cidade, invocava o favor do Apostolo Santiago, açoute, e terror dos Mouros, e patrocinio dos Christãos, e para mais o obrigar, instituhio huma Ordem sob sua protecçaõ, e nome, e deulhe por divisa, e Habito huma Espada, atravessada na Torre, pendente de hum collar, com este titulo, *Santiago da Espada*. Professou o mesmo Rey, com seu filho, e mais vinte e sete Fidalgos dos mais principaes, e mais valerosos, em memoria de outros tantos annos, que ElRey tinha de idade, e como lhe faltou a confirmaçaõ da Igreja, e da Sé Apostolica, com o mesmo Rey teve principio, e fim.

Espada. Outra Ordem de Cavalleiros do Reyno de Chypre. Guido de Lusinhan, Rey de Jerusalem, depois de comprar no anno de 1192. a Ilha de Chypre de Ricardo I. Rey de Inglaterra, instituhio esta Ordem, cujo collar era composto de cordoens redondos de seda branca; da extremidade do collar pendia hum ovado, no qual estava huma Espada nua com a folha esmaltada de prata, a guarniçaõ com cruzamento, e floreteada de lizes de ouro, com a letra, *Securitas Regni*. Conferio ElRey Guido esta Ordem a seu irmaõ Amauri, Condestable de Chypre, e a trezentos Baroens, dos mais escolhidos da nobreza,

queacabara de estabelecer no seu novo Reyno. Esta ceremonia se fez no dia da Ascensaõ do anno de 1195. na Igreja de Santa Sophia, Cathedral de Nicosia. Depois da exhortaçaõ, que este Principe fez à concordia dos animos, e conservaçaõ da paz, o Condestable, e os Baroens fizeraõ voto de empregar a espada na defensa da Fé, serviço do Rey, patrocinio da justiça, e amparo dos pobres. Guardavaõ estes Cavalleiros a Regra de S. Basilio, e possuiraõ no Reyno de Chypre boas Commendas, emquanto foy governado pela Casa de Lusinhan. *Estevaõ de Lusinhan, Hist. Cypr. Theatro de Honra, e de Cavalleiros. Hermant, Histor. de Ordens Militares.*

Espadana. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Nas suas Decadas chama Joaõ de Barros à barbatana dos peixes Espadana. (Pós de rabo, ou *Espadana* de pescada. Observaç. de Curvo.)

Espadana. De se lançar nos dias das Procissoens Espadanas pelas ruas, vem chamaremse tambem Espadanas aos bandarras.

Espadano. He corrupçaõ de Pedaneo. Chamaõ os rusticos *Juiz Espadano*, o que a gente polida chama *Juiz Pedaneo*. Vid. Pedaneo. Dizem, que hum destes Juizes Espadanos, havendo de dar sua sentença, disse, por sentença definitiva digo, que lá se avenhaõ.

Espadarte. Naõ he o peixe, que os Latinos chamaõ *Orca*, ou *Gladius*, como o Padre Bento Pereira da a entender no seu Thesouro da lingua Portugueza, que me fez cahir no mesmo erro, como se vê no tomo 3. do meu Vocabulario, *verbo Espadarte*. Este peixe (segundo o descreve o Padre Fr. Joaõ dos Santos, no livro 3. da Ethiopia Oriental, cap. 16. fol. 94.) tem na ponta do focinho hum osso muito duro, de mais de hum covado de comprido, e mais de meyo palmo de largo, cheo de muy duros, e agudos dentes, ao modo de serra, que porém pelo nome parece *Espada*. Com ella o espadarte, quando peleja, para ferir melhor a balea, sua mortal inimiga, dá hum grande salto para o ar, e virando sobre ella de cabeça, a fere. Ulysses Aldovrando, que no seu livro *De Piscibus, fol.* 693. traz em estampa a figura deste peixe, lhe chama em Latim *Pristis*, e no mesmo lugar diz, que Plinio lhe chama *Serra*, e Luiz Cadamusto, que affirma ter visto muitos nos mares da Ilha da Madeira, lhe chama *Serra aquatica*.

Espalto. Termo de pintura. He a tinta, que se dá nos escuros dos encarnados, depois da figura enxuta, como quem regraxa (Tomay o espalto, e pondeo em hum pequeno de oleo ao fogo. Filip. Nunes, Arte de pintura, pag. 57.)

Espanhol. Vid. Hespanhol, no 5. volume do Vocabul.

Espanholeta. Som muito grave, que se toca em instrumentos de corda.

Espantalobos. Erva, a que se deu este nome, porque (como advertio Lagena, sobre Dioscorides lib. 3. cap. 79. pag. 318.) o grande ruido, que fazem seus folelhos, quando movidos do vento se tocaõ huns com outros, he capaz para espantar animaes. O seu nome proprio he *Colutea*, do verbo Grego *Colobozin*, que he *Mutilar*, *Mouchar* porque (como advertio Chabreo na sua Sciagraphia, pag. 81. col. 4.) *Dicta putatur Colutea, quod mutilata, fractave ejus virgulta, non præcisa, intereant*. E Theophrasto mais brevemente, *Si quis decurtaverit, morietur*, se moucharem esta planta, morrerá. He a Colutea huma casta de arbusto, ramoso, cuja lenha he oca, e quasi como a do sabugueiro; mas mais duro, e sem amago. Tem casca dobrada, cinzenta por cima, verde por baixo, com nove, ou dez folhas juntas, e pegadas a hum pé, as quaes se parecem com as do feno; mas saõ alguma cousa mayores, mais molles, e naõ pontiagudas, e mais verdes, que as do feno. A flor he leguminosa, e de cor amarella; depois de cahida, apparece hum folelho, membranoso, luzidio, tirante a vermelho, e inchado, a modo de bexiga; por

dentro tem humas sementes de figura de hum rim pequeno, amarellas antes de maduras, e depois quasi negras; sabem a favas, ou ervilhas; as ovelhas saõ muito amigas dellas, segundo Theophrasto, lib. 3. cap. 17. As folhas, e os folelhos saõ purgativas; porém saõ pouco usadas na Medicina. Cultivase esta planta nos jardins. *Colutea vesicaria*. Fazem os Botanicos mençaõ de outras coluteas, a saber, *Colutea siliquosa, seu scorpioides maior, colutea humilior, e colutea siliquosa minor*, a que alguns chamaõ *Emerus minus*. Na sua Prosodia diz o Padre Bento Pereira, *Colutea*, Espantalobos, planta semelhante a sene.

Esparragaõ. Pano de seda com lavor muy miudinho; serve para forros de vestido.

Esparrella. Vid. tom. 3. do Vocabulario.

Anda armandolhe Esparrella
Cuma filha bonitinha
Que eu fico que cayá nella.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Viol. de Thal. pag. 239.

Espathario. Que cousa seja, o declara Saavedra na parte primeira da Corona Ghotica, cap. 30. pag. 224. *Governava en aquella sazon la Mauritania Tingitana, que obedecia a los Godos Don Julian, Conde Espathario, officio de gran confiança, y estimacion, de quien hazen mencion Constantino Hermanopolitano, Zonaras, y el Concilio Toletano decimo tercio; llamavanse Espatharios los Condes, que como oy los Capitanes de la Guarda, y segurança de la persona Real, y tomaron este nombre, por la espada ancha, que trabian, quiza desnuda en las antecamaras, segun en estes tiempos se usa en las de los Generales de Alemania.* Pedro Pantino, citado à margem do mesmo Saavedra, diz assim: *Comes Spathariorum, custodum corporis Regii præfectus. Hunc & protospatharium appellatum fuisse existimo de Officiis Gothorum.* Na lenda do glorioso S. Bento se diz, que querendo Totila, Rey dos Godos, experimentar, se o Santo tinha (como se dizia) espirito profetico, lhe mandou o seu *Espathario*, vestido no trage Real, para ver se nelle acompanhado tambem como Rey, era conhecido, e que o Santo lhe dissera, que depuzesse o que trazia, porque naõ era cousa sua. Donde se póde inferir, que era officio particular entre os Godos, naõ da sorte, que o imagina Pedro Pantino.

Especulador. Contemplador. Espia. Olheiro. *Speculator, is. Masc.* Aqui he necessario advertir, que nos Authores antigos *Speculator*, às vezes val o mesmo, que Algoz. *Speculatores erant carnifices*, diz Salmasio, *Notæ in Ælium Spartianum, mihi pag. 30. col. 1.* e algumas regras mais acima, *Speculatores, carnificum officium peragebant, in reis, capite damnatis, decollandis.* Por isso Vicente Riccardo, *In notis ad Sanctum Proclum, Orat. 18. in laud. S. Stephani ad pag. 514. vers. 8. in Comm.* com varias razoens, e authoridades, que no cap. 6. de S. Marcos, vers. 26. onde diz: *Misso spiculatore, præcepit afferri caput ejus in disco*, pertende, que diga, *Speculatore*, e naõ *Spiculatore*. O Bispo Guillelme Durando foy chamado *Speculator*, por ter composto hum livro, intitulado, *Speculum Juris.* Anda esta obra em tres volumes.

Espera. Vid. tom. 3. do Vocabulario Esperas, moeda de prata, que Affonso de Albuquerque bateo em Goa. Barros 2. Dec. fol. 125. Dar esperas, pedir esperas. Termos de Pratica Forense. Vid. *Dilaçaõ*.

Espessura. Vid. tomo 3. do Vocabulario. (Lançouse entre elles na mayor espessura, onde estariaõ juntos até duzentos e cincoenta homens d'armas. Vida do Condestable Nuno Pereir. pag. 11. col. 2. *Intulit se in aciem confertissimam. Ex Cæsare.*

Esphirena, ou Esphyrena, como se acha aportuguezado na Prosodia de Bento Pereira, verbo *Sphyræna*, nome derivado do Grego *Sphyra*, que segundo Favorino, quer dizer *Setta*, e por isso lhe chamaõ em Latim *Sudes*, que antiga-

antigamente era hum dardo militar, ou hum pao agudo, que fincavaõ no chaõ, depois de tostado, para durar mais tempo; destes paos falla Virgilio no livro 7. da Eneida, onde diz:

Stipitibus duris agitur, sudibusque præustis.

He este peixe muito comprido, como o denotaõ os nomes, *Telum*, e *Sudes*, que lhe deraõ os Antigos, e tem o focinho muito agudo, com que se ajuda a buscar na rede a malha mais larga, para escapar por ella, e juntamente abrir aos companheiros prezos a porta. Entre alguns significados do Latim *Sudes*, O Padre Bento Pereira na sua Prosodia, diz o peixe *Esfyrena*, supponho, que foy erro da Impressaõ, em lugar de *Esphirena*, ou *Esphyrena*.

Espicho. Naõ he a torneira, he o paosinho, que tapa o buraco da torneira. Emenda no Vocabular. *Epistomium*, *ii*, *Neut*. *Vitruv*. Querem huns Criticos, que nos Antigos se lea *Epicomium*, Budeo, Filandro, Lipsio, com os quaes me conformo, querem, que se lea *Epistomium*.

Espiga. A Ordem Militar da Espiga. Pelos annos de 1450. Francisco primeiro Duque de Bretanha, filho de Joaõ VI. cognominado o Conquistador, creou esta Ordem e se fez Cabeça, e Gram Mestre della. Deulhe por Habito hum collar, composto de espigas de trigo, entresachadas, e na infima parte hum Arminho, pendente de dous fuzis, ou cadeas de ouro. Com esta letra em Francez *A ma vie*, que val o mesmo; que *A minha vida*, e tambem era a divisa da Ordem do Arminho, animal taõ zeloso da sua limpeza, que antes se deixará matar do caçador, do que sujar o corpo, passando por hum lameiro, e com esta divisa, que tambem era do Duque Joaõ V. seu avó, se dava a entender aos Cavalleiros, que mais lhes convinha perder a vida, do que contaminar com traiçaõ, ou fraqueza a fidelidade devida a seu Principe. Dizem alguns Authores, que os Duques de Bretanha instituiraõ esta Ordem da Espiga; para significar o grande cuidado, que sempre tiveraõ de ter as terras de seus dominios abundantes de todo o genero de paens. O Padre Fr. Jacintho de Deos, no seu Escudo das Ordens Militares, pag. 213. §. 46. dando sentido à dita letra Franceza, *A ma vie*, diz assim, (Huma letra, que dizia *Ama viam*, significava a rectidaõ, que professavaõ.) Esta interpretaçaõ do Francez em Latim he muito ao pé da letra. Neste mesmo lugar chama o dito Author ao Arminho, *Rato marinho*; mas o Arminho he huma especie de doninha, com huma mancha muito negra na ponta da cauda. Esta Ordem seguia a Regra de Santo Agostinho; e foy extincta pela reuniaõ da Provincia de Bretanha com a Coroa de França, no reynado de Carlos VIII. *Argentré*, *Histor. de Bretanha*. *Favin*, *Theatro de honra, e de Cavallaria*.

Espina cervina. He a que o vulgo chama *Cambroens*. Vid. no seu lugar no 2. tomo do Vocabulario. (Xarope de *Espina cervina*, em soro de leite. Observaç. de Curvo, pag. 425.) O livro diz *Servina*, com S, deve ser erro da Impressaõ. Na Farmacia Latina tem esta planta muitos outros nomes; chamaõlhe *Rhamnus Catharticus*. *Rhamnus Solutivus*, *sive spina infectoria vulgaris*. A outras ervas, e a gomas daõ os Botanicos o nome Latino *Spina*. *Spina acida*, id est, *Berberis*. *Spina alba*, id est, *Carduus Marianus*. Outra *Spina alba*. id est, *Scolymus*. *Spina Hirci*, id est. *Tragacanthum*. *Spina hirci minor*, id est, *Poterium*. *Spina Arabica*, id est *Carlina*. *Spina lutea*, id est, *Ononis*; *Spina peregrina*, id est, *Echinopus*; *Spina purgatrix*, id est, *Hippophaes*, &c.

Espinal. Pequena Cidade de Lorena, sobre o rio Mosella. *Spinalium*, *ii*, *Neut*.

Espinçar. Traz o Regimento do Sal esta palavra, cap. 52. onde diz, se entendera fazerse alguma quebrada, vir a marinha *Espinçada*, ou experimentar alguma justa causa, pela qual &c. mas naõ acho, quem me declare o significado della.

Espin-

Espingardada. Tiro de espingarda. *Ferreæ fistulæ*, ou *Glandis in ferream fistulam immissæ emissio*, *onis*, *Fem.* Cicero diz: *Emissiones balistarum*. (Sem fazer calo de muitas espingardadas, que lhe atiravaõ os Mouros. Diogo do Couto, Dec. 8. fol. 217.)

Espinhela cahida. Vid. tomo 3. do Vocabulario. Guilhelme Pison. no seu livro, *De morbis in Brasilia*, *lib.* 1. *cap.* 6 *fol.* 22. chama a este mal *Cartilaginis mucronatæ prolapsus*, e no dito capitulo o descreve amplamente, e traz varios remedios para a cura.

Espinhela. Aparador. Vid. no 1. volume do Vocabul.

Com dourados gomis de ouro em baixella
Agoa às mãos logo daõ os Mestressalas.
Seguemse despojando as Espinhelas:
Pagens gentis, que vestem ricas galas.

Virginidos de Man. Mendes Barbuda, Canto 6 Estanc. 69.

Espinicado. Termo chulo. Homem nimiamente precioso. *Rerum minimarum pensitator*, *is.* Vid. Migalheiro.

Espirado. Voz espirada. Supponho quer o Author dizer voz aspirada. Vid. Aspirado, tomo 1. do Vocabul. (Pronunciar com voz toada, e accento plaino, carregado, depresso, levantado, ou circunflexo da voz *Espirada*, ou naõ *Espirada*. Fr. Jacintho de Deos, Vergel de Plantas, &c. 178.

Espirito Santo. Vid. no 3. tomo do Vocabulario. A's tres Pessoas Divinas, Santo Hilario chama Espirito Santo por concomitancia, aonde diz: *Quod nominatus Spiritus Sanctus videant*, *pro Patre, & Filio frequenter intelligi*, *in quo nihil scrupuli est, sive enim Pater, sive Filius, Spiritus Sanctus est*, *lib.* 2. *de Trinitate.* Tanto assim, que os antigos professores da Theologia Christãa, este mesmo sentido deraõ às palavras do Anjo S. Gabriel, quando annunciando à Virgem o Mysterio da Encarnaçaõ, lhe disse, *Spiritus Sanctus superveniet in te*, *&c. De secunda Persona Divina loquutum fuisse Gabrielem*, *dixerunt. Hierolexicon Macri*, *fol.* 578. *col.* 1.

Espirracanivetes. Termo chulo. Homem agastado, ameaçador, e de má condiçaõ.

Espirradeira brava. Vid. Lingua de cavallo.

Esplendente. Resplandecente. *Splendens*, *tis*, *omn. gen.* Plinio. Claudiano usa do comparativo *Splendentior*, *is.*

Naõ de marmores altos Esplendente
Pedra estranha laurada por nova arte.

Antonio Ferreira, Poemas Lusitanos, fol. 151.

Espora. Ordem Militar da Espora. Foy instituida pelo Papa Pio IV. anno de 1560. Os Cavalleiros desta ordem trazem huma Cruz tecida de fios de ouro. O Papa Innocencio XI. a conferio em Roma ao Embaixador de Veneza, aos 3. de Mayo de 1677. *P. de Bellay.* Vid. mais abaixo *Pios*, Ordem Militar.

Espreitança. O espreitar, o vigiar. Vid. nos seus lugares. (Os mercadores, e os marinheiros velaõ as noites inteiras, tendo só o Ceo por cobertura, huns entre as espreitanças dos inimigos, outros entre as ondas, e rochas. Fr. Amador Arraez, Dial. 3. fol. 9. col. 1.)

Espulgar. Vid. no 3. tomo do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Espulgar.

Castigar velha, e Espulgar cão, duas doudices saõ. Quem ao moinho vay, e naõ madruga, os outros moem, elle se Espulga.

Espulgar a alguem as algibeiras. *Alicujus perulas perscrutari*, (*or*, *atus sum.*) He imitaçaõ de Cicero, que diz, *Arcas perscrutari.* (Naõ me contento com a capa, espulgailhe as algibeiras. Dom Franc. Manoel, Viola de Thalia, pag. 250 col. 1.)

Espumante. Vid. tom. 3. do Vocabulario.

Leves embarcaçoens de pescadores
Sabiaõ ao pelago Espumante.

Destruiç. de Hespanha, livro 6. Oit. 24.

Espumeo. Cousa, que traz, ou faz escumas.

escumas. *Spumeus, a, um.* Vid. *Espumoso*, no 3. tomo do Vocabul.

Triunfante vaga já no estadio quinto
Do Espumeo *labyrintho.*

Man. Tavares, Ramalhete Juvenil, 64.

Espurio. Nas suas questoens Romanas, n. 101. diz Plutarco, que *Spurius* antigamente era prenome, ou antenome, isto he, nome, que se poem antes do nome proprio, como costumavaõ os Romanos, que com huma só letra significavaõ prenomes, e nomes inteiros, *v. g.* Por Tito, Livio, Marco, escreviaõ tres letras, a saber, T, L, P, e outras vezes com as duas, ou tres primeiras letras, v. g. Por Sexto Servio *Sex. Serv.* e assim SP, queria dizer *Spurius*; e esta abreviatura foy causa de que as duas ditas S, P, foraõ interpretadas *Sine Patre*, Guilhelme Xylandro, e M. Zuerio Boxhornio, que traduziraõ do Grego em Latim as ditas questoens de Plutarco declaraõ este lugar nesta fórma. *Spurius quoque duabus litteris indicatur. Iisdem litteris etiam nothos significant S, P, nimirum Sine Patre; quæ res errori ansam præbuit, cum spurius, & incerto Patre natus iisdem litteris notarentur, ut ii quoque spurii usurparentur. Est & alia verùm absurdior ratio. Aiunt à Sabinis, pudenda mulieris spurium nominari, itaque sic ignominiosè appellari, qui ex non nuptâ muliere natus esset.*

ESQ

Esquadrar. Formar hum Esquadraõ, para dar batalha. *Equitum turmam instruere. Ex Cic.* ou *Ordinare, Ex Quinto Curt.*

Com grande conta, e pericia
Os Esquadravaõ.

And. da Sylv. destruiç. de Hespanha, liv. 3 Oit. 51.

Esquivar. Estranhar, Reprehender. Neste sentido he antiquado. (As pousadas vaidades, que saõ muito de esquivar. Lopes, Vida delRey Dom Joaõ o I. part. 2. cap. 193.)

ESS

Essedoens. Vid. Issedoens.

Essenios. Entre os Judeos era huma Seita, da qual (segundo escreve Josepho) hum certo Judas foy o Author. Viviaõ com grande amizade, e concordia, desprezavaõ as delicias da vida, e para se livrarem da molestia, que póde causar a intemperança de mulheres, infieis aos seus maridos, naõ casavaõ. Guardavaõ o Sabbado com taõ grande rigor, que naõ só faziaõ cozer no dia antecedente a carne, que haviaõ de comer, por naõ accenderem fogo naquelle dia de descanço; mas naõ ousavaõ mudar hum vaso de hum lugar para outro. Eraõ divididos em quatro classes, com differentes ritos, e observancias; huns delles com a consideraçaõ de que se o celibato fora universal, brevemente se extinguiria o genero humano, casavaõ, porém naõ dormiaõ com suas mulheres depois de prenhes. Em Baronio se acha, que os Essenios, que debaixo da disciplina de S. Marcos viviaõ em Alexandria, eraõ Christãos; destes faz S. Jeronymo mençaõ no livro dos Escritores Ecclesiasticos, e accrescenta, que no tempo de S. Marcos os bens dos Christãos eraõ communs, e que faziaõ muita oraçaõ, e viviaõ com grande continencia. Santo Epifanio os chama *Jesseos*, nome, que elle deriva de *Jesus*, ou de *Jessé*, pay de David, do qual Christo era descendente; mas estes eraõ muy differentes dos Essenios Judeos, dos quaes o dito Santo faz mençaõ.

Essek. Cidade da Provincia Oriental de Esclavonia; tem huma ponte, que tem 8565. passos Geometricos de comprimento, sobre hum grande paul, e sobre o rio Fenus desde a Cidade atè a Fortaleza de Darda, que fica da outra banda na Hungria Inferior.

Essequebe. Rio da America Meridional, na Goyana.

Essex. Provincia de Inglaterra, que algum dia teve titulo de Reyno. Hoje está dividida em tres Condados.

EST

Estada. Vid. tom. 3. do Vocabulario. (Nem souberão parte, hu morava, nem hu Estada fazia. Mon. Lusit. tomo 6. fol. 500. col. 1.)

Estafa. Estafador. Vid. Estafar no tomo 3. do Vocabul. *Expalponides nummorum.* He palavra inventada por Plauto.

Hum dia de estafeta,
Mas, que ha de ser, se tens nome
Que começa por Estafa.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Viol. de Thal. Decim. 45. fol. 225.

Estalo. Fallar por estalos. Vid. tomo 3. do Vocabulario. No seu livro intitulado Eva, e Ave, part. 2. cap. 4. fol. diz Antonio de Sousa e Macedo, que perto do Cabo de Boa Esperança, certa naçaõ sem formar palavra, falla só por estalos, que dá na boca com a lingua; e juntamente affirma, que elle o experimentou na casa da India de Lisboa, em dous moços, que já fallavaõ Portuguez: Eu (diz elle) dizia a hum em segredo o que de minha parte havia de dizer ao outro pelos estalos, e este me respondia; usey toda a cautela porque naõ houvesse engano, e vi ser verdade, o que por vezes tinha ouvido, e naõ acabava de crer.

Estamagarse. Vid. Estomagarse, mais adiante.

Estaos. Vid. tomo 3. do Vocabulario. Querem outros, que estaos, ou (como querem outros) *Estaes*, se derive de *Estales*, nominativo plural do singular *Estal*, que em Francez val renda portail, como a de certos mercadores; e porque muitos delles frequentavaõ os pateos dos Paços, aos Paços ficou o nome de *Estaos*, como aos de Lisboa, e de Evora, em que hoje estaõ os Paços da Inquisiçaõ.

Estatelado. O vulgo o diz dos que se naõ movem, à maneira de estatuas.

Estatua. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Executar em estatua, he no lugar do supplicio representar em pintura, ou noutra figura o reo ausente, como castigo, a que foy condemnado. *Debitum sonti absenti supplicium, in tabella pictum proponere*, (no, posui, positum.) ou *in publico affigere.* Foy enforcado em estatua. *Patibulo fuit suspensus de tabellâ. De patibulo fuit ejus effigies suspensa. Ei supplicium crucis de tabella statutum est. Ipsi absenti debitum supplicium crucis in tabellâ pictum, propositum est.*

Estatuir. He tomado do Latim *Statuere.* Determinar. (O que se achou estatuido na idade passada, he seguro seguir os passos da Antiguidade. Manoel Rodrigues Leitaõ, Tratado Analyt. &c. pag. 660.)

Este. Cidade de Italia, no territorio de Padua, sobre o rio Barchiglione. Algum dia teve Bispo, e titulo de Marquezado. Pelos annos de 1247. foy destruida pelo Tyranno Ezzelino. Plinio, Tacito, e Ptolomeo fazem mençaõ desta Cidade. *Ateste*, ou *Este*, *Urbs Estensis.*

Esterco. Vid. tom. 3. do Vocabulario. O Adagio Portuguez diz: Deita esterco ao paõ, que as terras to pagaraõ.

Estiba. Fazer estiba. Lançar a conta à quantidade. He usado na India. (Que fizera *Estiba* do arroz, que se recolhera. Decada 8. de Couto fol. 144. col. 2.)

Estil. Certa medida de terra, em que ordinariamente se repartem os paus a diversos lavradores.

Estirar. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Estirar as leys. Darlhes hum sentido, que chegue a dizer o que queremos. *Leges ad sua consilia adducere.* (Sem Estirar as Leys. Vida de Dom Fr. Barthol. dos Mart. fol. 94. col. 4.)

Estirena. Peixe. Vid. Esphirina, supra.

Esto. He tomado do Latim *Æstus*, que he maré, ou preamar. (Quando a vasante he mayor na occasiaõ dos *Estos.* Historia Serafica de Fr. Manoel da Esperança, part. 2. 459. col. 1.) Querem alguns, que *Esto* seja palavra dos lavradores de Ribatejo, por enchente do rio.

Estofas, ou Estofos. Panos, tecidos com lãa, e seda, e alguns com prata, e ouro,

e ouro, e de varias castas, a que tambem chamaõ *Droguetes*; e os Francezes a todo o pano chamaõ *Estoffes*, ainda que escrevaõ *Etofes*.

Estomagado. Vid. tom. 3. do Vocabulario. (Estolido, Estomagado, Estomago. O Padre Bento Pereira no Thesouro da lingua Portugueza.)

Estomentar. He usado neste Adagio: A Juiz fraco, estomentallo. Parece quer dizer *Estonallo*, porque estonar he esfollar, escascar, ou tirar a tona; e estonamento he o estonar.

Estopagados. Saõ huns passaros pequenos, pardos pelas costas, e pelas barrigas brancos, que andaõ voando sobre agoa. Vemse na derrota de Angola para as Indias. Pimentel, Arte de Navegar, pag. 230. anno 1699.

Estopar. Prégos estopares saõ huns prégos com a cabeça muito larga, e o pé delgado, do tamanho de huma polegada. Servem nos navios, para pregar pranchas de chumbo, e os mangotes nas bombas, e embornaes.

Estorninho. Ave. Vid. tomo 3. do Vocabulario. Nos Collegios os Estudantes se chamaõ Estorninhos, porque sahem das Classes em bandos.

Estorvar. Termo de pesca Estorvar o anzol. (Saber *Estorvar* o anzol, para que o peixe o naõ corte. Vieira, tomo 3. pag. 70.)

Estouvado. Nome, que se dá a quem tem pouco assento, e juizo.

Estrabuxar. Se he fazer estrondo com os pés, (como ouvi dizer a alguns) dirás em Latim, *Solum pedibus densius ferire, crebriùs quatere, tundere*. Outros lhe daõ outros significados. Vid. Estribuxar, tom. 3. do Vocabul.

Mas com todas Apollo estrabuxando,
O coice, e o pontapé foy laborando.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 412.

Estranhavel. Cousa digna de estranhar. (Por amor do mesmo Senhor te peço, naõ cayas daqui em diante numa taõ estranhavel ingratidaõ. Motivos para acompanhar o Santissimo Sacramento, Motivo 4. *sub finem*.)

Estrea. Vid. tomo 3. do Vocabulario. Homem de estrea, *id est*, homem bem afortunado.

Naõ eras o mais galante,
Mas assi home de Estrea.

Obras Metric. de Dom Franc. Manoel Çanfonha de Euterpe, pag. 70. col. 1. O livro diz *Astrea*, deve ser erro da Impressaõ.

Estreito. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Fazer estreitas diligencias para algum fim. *In aliquâ re faciendâ diligentiam adhibere maximam. Aliquid magno studio, atque diligentiâ præstare. Ad aliquid singularem conferre diligentiam.* (Multiplica do neste ponto *Estreitissimas* diligencias. Vida de Dom Fr. Barthol. dos Martyr. liv. 4. cap. 5. fol. 164. col. 3.)

Estreita Inquiriçaõ. *Accurata*, ou *diligens inquisitio*. (Tanto seja mais estreita a inquiriçaõ do procedimento. Ibid. fol. 117. col 4.)

Estreita residencia. (Em residencia *Estreita*, que se lhes tomava por Ministros Superiores. Ibid. 128. col. 1.) Deu este favor em huma muy *Estreita* familiaridade. Ibid. fol. 87.)

Estrella. A Ordem Militar da Estrella. Na Historia da instituiçaõ desta Ordem variaõ muito os Authores. Direy o que me parece mais verosimel. Dizem alguns, que Roberto filho de Hugo Capeto fora o instituidor della. Conformo-me com a opiniaõ dos que attribuem a erecçaõ desta Ordem a ElRey Joaõ. No principio do seu reynado, com a noticia das facçoens, que ElRey de Navarra somentava em França para as atalhar, com demostraçoens de estimaçaõ, e benevolencia aos Magnates do Reyno, instituhio o dito Rey Joaõ a Ordem da Estrella no anno de 1352. em Clichi, perto de Pariz; e para mais ennobrecella quiz, que fosse composta só de trinta Cavalleiros, cuja Cabeça fosse elle, e seus successores, Reys de França. A cada Cavalleiro deu huma cadea de ouro, de cinco fuzis cada huma, da qual pendia huma Estrella de ouro; a letra era,

Mon-

Monstrant Regibus astra viam; e o significado era, que assim como a Estrella guiara aos Reys Magos, e lhes fora mostrando o caminho para Belem, aonde haviaõ de adorar a Jesu Christo; assim os que se viaõ honrados com as insignias desta Ordem, haviaõ de tomar ao Senhor para norte, e regra de suas acçoens, e caminhar direito para elle, por meyo da Estrella, que traziaõ pendente do collar. No seu Habito para a parte mais alta do hombro esquerdo haviaõ de trazer huma Estrella de ouro bordada, capa de damasco branco, mantelete, e forro de damasco encarnado, e a cota darmas do mesmo modo. Além do juramento de fidelidade, que os Cavalleiros davaõ nas mãos do Gram Mestre, obrigavaõse a procurar as conveniencias da Religiaõ Christãa, amparar as viuvas, soccorrer os pobres, visitar os doentes, e os prezos, e enterrar os mortos. Com a confusaõ das guerras civis envileceo esta Ordem, e ficou profandada pela indignidade, e grande numero das pessoas, a que foy conferida.

Estrella. Destino Sorte. Vid. tom. 3. do Vocabulario. (Com haver nascido com Estrella de ser perseguido. Crisol Purificat. fol. 566. col. 1.)

Estriado. Vid. *Striado*.

Em largos fios conchas azuladas
Quaes Estriadas *saõ, e quaes saõ lizas*.

Man. de Far. e Sous. tom. 4. da Fonte de Aganip. Ecclog. 2. pag. 17. vers.

Estro. Derivase do Grego *Oistros*, que he a mosca, a que chamamos *Tavaõ*, que persegue os animaes, e particularmente ao gado *Vacum*, do qual costumamos dizer, que lhe deu a mosca, quando sentindo as picadas deste insecto, bota a fugir com furia. Por metafora chamamos Estro ao furor Poetico, ou Bacchico. *Oestrum*, *i*, *Neut.* O Poeta, a que deu o *Estro*. *Poeta Oestro percitus*. Vid. Furor. Vid. Enthusiasmo. (O discurso, em que influe o *Estro* das paixoens. Arte Nova de Conceitos de Franc. Leitaõ, tom. 2. liçaõ 8. num. 42.)

Estrombotico. Termo chulo.

Sempre estaõ roendo as unhas
Fabricando Estrombolicas *idéas*.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, fol. 197.

Estrôvo. Corda, que serve para segurar o remo.

Estuche. He quando no jogo da espadilha se ganha com espadilha, manilha, basto, rey, e cavallo.

Estudioso. Vid. tom. 3. do Vocabulario. (Medalhas celebradas dos Estudiosos de antigualhas. Vida de Dom Fr. Barthol. dos Martyr. fol. 92. col. 4.)

Estuprar. Violar. Deshonrar. Estuprar huma donzella. *Stuprare virginem* (*o*, *avi*, *atum*, *Cic.*) (Muitas dellas foraõ estupradas. Crisol Purificat. fol. 568. col. 2)

Estupro. Vid. tom. 3. do Vocabulario. No Commento da Oitava 47. do Canto 10. da Lusiada, vers. 2. onde se lê;

Nem violento Estupro *em Virgem pura*.

Diz Manoel de Faria e Sousa, que a palavra Estupro se deriva, de que as donzellas, quando hiaõ a desposarse, levavaõ a cabeça coroada de verbena, que se chamava Estupro. Se o dito Commentador nomeara o Author, do qual tomou esta noticia para esta etymologia, naõ me tivera eu cançado de balde em revolver todos os meus Diccionarios para achar, que teve a dita erva tal nome.

ESU

Esula. Especie de Titymalo, que lança muitas asteas ramosas, guarnecidas de folhinhas estreitas como as de pinheiro, cheyas de leite: a raiz he delgadinha, e vermelhinha. *Esula vulgaris*, *pithyusa*, *sive pinea*. No Memorial de varios simplices, o Doutor Joaõ Curvo lhe chama Raiz de Joaõ Pires, pag. 19. Neste mesmo lugar declara algumas das suas grandes virtudes.

Esurino. Termo de Medico. Derivase do Latim *Esurire*, que val o mesmo, que ter fome, desejar de comer. Succo esurino, Acido esurino, he

aquelle

aquelle licor fermentativo, e excitativo da fome; ministrado das glandulas do estomago, as quaes defecadas pelo grande calor, e fervura do sangue; como nos febricitantes, e nos que bebem muito vinho, rosa solis, e agoa ardente, tiraõ a vontade de comer, e causaõ grande fastio. *Succus, vellicans stomachum, & famem excitans. Succus, ciborum appetentiam ciens, afferens, adducens.* (Tanta copia de succo acido *Esurino*, que naõ comer, que lhes baste. Polyanthea de Curvo, Trat. 2. cap. 108. pag. 704.)

ECT

ETCETRA. He tomado do Latim *Et cetera*, que val o mesmo, que *E o mais*, e na Escritura se exprime com este caracter, *&c.*

Desta maneira, crede que o soletra
O meu amor, que toda a leo, sem erro.
Desde o final da Cruz, até o Etcetra.
Obras Metric. de D. Franc. Man. C, antonha de Euterp. 119.

ETE

ETERNIDADE. Perpetuidade de tempo, da qual nenhum tempo pó le ser medida. Segundo Censorino no seu *Dia Natal*; a Eternidade he hum tempo immenso, infinito, e sem origem, o qual sempre foy, e sempre será. Segundo Santo Thomás, q. 10. art. 1. e Boecio, he a posse perfeita, e toda junta de huma vida interminavel, segundo a definem outros Theologos. A Eternidade he attributo absoluto de Deos, e a medida da Sciencia Divina. He propriedade intrinseca, e necessaria da Eternidade o naõ ter principio, nem fim. Era a Eternidade do numero das Deidades, adoradas em Roma. Nas medalhas, que nos ficaraõ, se vê diversamente representada. Na sua estatua, o seu trage era de matrona Romana com huma lança na maõ direita, na esquerda huma cornucopia, e com o pé esquerdo sobre hum globo. O Emperador Adriano fez abrir a sua figura, com duas cabeças nas mãos. Nas medalhas de Filippe se vê ainda hoje a Eternidade sentada em hum elefante, ou em hum carro tirado por dous Elefantes, ou por dous Leoens, com esta palavra *Æternitas*. No Panegyrico, que Claudiano fez a Stilicon, achará o Leitor huma bella descripçaõ da Eternidade. Os Poetas Latinos chamaõ à Eternidade, *Tempus, fine carens. Ævum perpetuum vitâ perennis. Nescia finis vita, quæ spatio non clauditur ullo, quæ semper adest semperque fuit, semperque manebit.*

ETESIO. Ventos Etesios. Vid. Etesias, tomo 4. do Vocabulario. No seu lugar naõ traz esta palavra termo Latino, porque se explique. Os Authores Latinos com este mesmo nome Grego alatinado se explicaõ. No livro 4. das suas questoens naturaes, cap. 2. mihi pag. 819. diz Seneca: *Si Thaleti credis, Ethesiæ descendenti Nilo resistunt, & actu contra ostia mari sustinent.* Lucrecio pois lhes dá o nome de *Etesiæ* no genero feminino; mas tambem fórma o adjectivo *Etesius, a, um*, como se vê no livro 5. vers. 746.

Inde loci sequitur calor aridus, & comes una
Pulverulenta Ceres, & Etesia flabra Aquilonum.

Em huns exemplares acho *Ethesiæ* com aspiraçaõ, em outros sem ella. Em certas partes, e em certos tempos, sopraõ os ventos Etesios todos os annos, particularmente na Grecia, Macedonia, Bolnia, Thracia, na Asia Menor, e no Egypto. Segundo Aristoteles, *Lib. de Mundo*, saõ ventos do Veraõ, e affirma o dito Filosofo, que algumas vezes se mudaõ em Zephiros. No cap. 47. do livro 2. faz Plinio mençaõ delles, e diz *Hujus (Caniculæ) exortum diebus octo ferme Aquilones antecedunt, quos prodromos appellant; post biduum autem exortus, iidem Aquilones constantiùs perflant diebus quadraginta, quos* Etesios *vocant.*

ETH

Ethnico. Derivase do Grego *Ethnos*, que val o mesmo, que Gente, ou Nação, ou cousa sua propria, e particular, e neste significado he nome commum. Mas nas letras Divinas *Ethnici*, particularmente significa os que ignorão o culto Divino, e se naõ governaõ pelas Leys do Direito Civil Christaõ; e assi o em S. Matthens, cap. 18. vers. 17. tomase *Ethnicus* por infiel, irreligioso, e sem conhecimento da Ley de Deos. *Si autem Ecclesiam non audierit, sit tibi sicut Ethnicus, & Publicanus.* Em outro lugar (segundo a versaõ Syriaca) Ethnico vem a ser o mesmo, que *Incredulo*; e (como advertio Mathias Martinio no seu Lexicon Filologico) *Ethnico*, póde ser synonymo de *Gentio* (Como disseraõ Aristoteles, e Livio *Ethnicos*. Eva, e Ave de Macedo, part. 1. cap. 14. fol. 59.)

Ethon. He o nome, que os Poetas daõ a hum dos quatro cavallos do Sol. Derivase do Grego *Aithein*, Arder, o que para nós he proprio do Sol nas horas do meyo dia. *Æthon. Ovid. livr. 2. Metamorph. Fab. 1.*

O radiante carro encaminhava
Para a Occidental longinqua meta
Onde Eoo, Ethon, *Phlegon, e Pyrois lava*
Como parte do Mundo mais secreta.

Insul. de Man. Thomás, livro 2. Oit. 1.

Ethra. Filha do Oceano, e de Thetis, e mulher de Atlas, teve hum filho chamado Hyas, e foy mãy de sete filhas. Este Hyas passando pela Lybia, foy devorado de hum Leaõ; desgraça, que as irmãas sentiraõ com tanto extremo, que morreraõ de sentimento. Para premiar taõ justa, e nobre fineza, Jupiter as mudou nas Estrellas chuvosas, a que os Gregos chamaõ *Hyades*, e os Latinos *Suculæ*; nome, que se naõ deriva de *Sus*, etymologia falsa, que Tiron attribuhia aos Latinos, accusando-os de derivar a palavra Grega *Hyades*, de *Hys*, *Sus*, em lugar de *Hyein*, chover. *Æthra, æ, Fem.* He de Virgilio, que no 3. da Eneida diz:

Nec lucidus Æthrâ sydereâ polus.

No 12. diz o dito Poeta.

Rubrâ fulvus jovis ales in Æthra
Littoreas agitabat aves.

Nestes lugares, *Æthra propriè est Ætheris splendor.*

ETI

Etiqueta. Vid. tomo 4. do Vocabulario.

Para ser grande Poeta,
Quiz guardar a Etiqueta.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 385

ETN

Etneo. Cousa do monte Etna *Ætnæus, a, um.* Chama Virgilio aos Cyclopes, Ferreiros do monte Etna, *Ætnæi fratres.*

O fumo, que lançava naõ se sofre
Por ser como o do Etneo *enxofre.*

Andre da Sylv. Mascar. Dest. de Hespanha, liv. 7. Oit. 6.

ETO

Eto. Derivase do Grego *Aëtos*, que quer dizer *Aguia*. Davaõ os Antigos este nome ao Nilo para expressar o seu rapido curso. Nas terras dos Scythas, havia outro rio deste nome, que muitas vezes tresbordava, e destruhia todas as fazendas de Promethco. Deste estrago tomaraõ os Poetas motivo, para fingir, que hum Abutre, ou huma Aguia esta perpetuamente roendo, e devorando o coraçaõ deste Prometheo. *Cælio Rhodig. liv. 7. cap. 20. & liv. 20. cap. 13. Ætus.*

ETY

Etymologia. Vid. tomo 4. do Vocabulario. Na sua obra, intitulada, *Adversariorum, &c. livro 37. cap. 12.* diz Gaspar Barthio, que achara em hum per-

gaminho

gaminho antiquiſſimo humas etymologias, das quaes as principaes, e mais dignas da curioſidade dos homens eruditos, ſaõ as ſeguintes.

Ceres Latinè à creando dicta eſt. Cibele, à monte Cibelo, ubi colitur, vel à Cibelo, qui fuit primus ejus Sacerdos. Myſterium Secretum, vel Sacramentum. Palinodia eſt iteratum, vel contrarium carmen Sic Eſodius, ou (como querem outros) *recantat opprobria Helenæ. Oecume, orbis terrarum unde œcumenicus, univerſalis. Genea, Generatio Ceroma, unguentum ponitur, & pro Paleſtra; quod eo Paleſtrici unguntur. Aſciterium, locus longè diſtans à theatro, unde Aſciteria, quæ habitat in Aſciterio. Mango eſt deceptor, qui mancas, & detruncatas menſuras facit. Cupa, & Cupes à cupiendo, unde per unum p ſcribitur, quod benè congruit illi exemplo, non acuit cupi tua, quod qui ſæpe tali vaſculo bibit, mens ejus potius obtunditur, quàm acuitur; & alibi cupas, & cupudia antiqui lautiores cibos vocabant à cupiditate dicta. Apocima, genus potionis. Celeuma, nauticus clamor. Preteriola, domuncula in navi. Coſmo, orno, unde coſmabæ, ornatrices. Cauterizo, comburo. Epitome, Excerptum. Turantes, claudentes, tractum à ritibus Sacerdotum, qui quando in ſacrificiis carmina cantabant, ne tumultu impedirentur, aures ſuas thure claudebant. Lectus dicitur à lectis & mollibus herbis, ſuper quas Antiqui quieverunt. Sodales, quaſi ſimul edales. Ope, Græcè, caverna, unde opobalſama, quæ perfluunt per cavernas, factas in cortice.*

EU

Eu. He tomado da interjeiçaõ Latina de dor, Heu.

Eu! *que cometto inſano, e temerario.* No Commento deſte verſo de Camoens no Canto 7. Oit. 78. diz Manoel de Faria. *Eu, voz de ſentimiento, y con eſte intento aſsida aqui del Poeta.*

EVA

Evacuaçaõ. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Evacuaçaõ de gente de guerra; ſahida de ſoldados de huma Praça, ou de huma terra, em virtude de algum Tratado. Evacuaçaõ do preſidio de huma Praça. *Præſidiorum ex arce deductio, onis, Fem.* Fazer eſta Evacuaçaõ. *Præſidium ex arce deducere (co, xi, ctum).* Ceſar diz: *Deducere præſidia ex oppidis. Deductio*, tambem he palavra Latina, e uſada de Cicero. (*Evacuaçaõ* dos Caſtelhanos da Ilha de Sicilia; no anno de 1720. Gazeta de Lisboa do dito anno em varios lugares.

Euangelistas. Na Igreja Primitiva eraõ os que annunciavaõ aos Povos o Euangelho. Os Apoſtolos, que peſſoalmente naõ podiaõ prégar em toda a parte o Euangelho, elegiaõ para eſte miniſterio os ſogeitos, que lhe pareciaõ mais capazes. Hum delles foy Filippe, que depois de feito Diacono da Igreja de Jeruſalem, tambem foy declarado Euangeliſtá, e no cap. 21. dos Actos dos Apoſtolos ſe lhe dá eſte titulo. Outro tal como eſte foy Timotheo, ao qual no cap. 4. da Epiſtola, que lhe eſcreve, lhe encommenda, que obre como Euangeliſta. O meſmo ſuccedeo a Tito a quem diz S. Paulo, que o deixara em Candia para ir conſtituindo de Cidade em Cidade Paſtores. Finalmente o meſmo, que os ſobreditos fizeraõ S. Lucas, S. Marcos, Sylas, ou Sylvano, Soſthanes, Tychico, e outros que ſeguiaõ a S. Paulo, e o ajudavaõ na edificaçaõ das Igrejas. Eſtes ſaõ os Euangeliſtas, que na Epiſt. 4. aos Epheſios S. Paulo poem abaixo dos Apoſtolos, e dos Profetas; mas aos meſmos lhes dá lugar ſuperior ao dos Paſtores, e Doutores, e ſaõ os que Theodoreto judicioſamente chama Apoſtolos da ſegunda ordem. Naõ tinhaõ elles a ſeu cargo hum ſó rebanho em particular como os Biſpos, e Paſtores ordinarios; mas hiaõ a toda a parte para onde os mandavaõ os Apoſtolos, e a elles ſe reſtituiaõ

depois de executar o que lhes fora mandado. Este offi.io pois de Euangelistas teve fim juntamente com o dos Apostolos; e o titulo de Euangelista foy particularmente apropriado aos quatro Santos Varoens, que Deos escolheo para escrever a Historia de Nosso Senhor Jesu Christo, a saber, S. Mattheus, S. Marcos, S. Lucas, e S. Joaõ. Dos Euangelistas. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Costumaõ pintar aos Euangelistas, cada hum com sua insignia, a S. Mattheus com a figura de hum homem, a S. Lucas com hum boy, a S. Marcos com hum Leaõ, e a S. Joaõ com huma Aguia. No seu Prologo dos Euangelhos dá Pedro Rigense a razaõ destas figuras nos versos, que se seguem:

Matthæum signat vir, Bos Lucam, Leo Marcum;
Ales Discipulum, qui sine labe fuit.
Matthæo species humana datur, quia scripto
Indicat, & titulo quæ Deus egit homo.
Lucam designat Bos victima, qui specialem
Materiam sensit de cruce, Christe tuâ.
Marcum declarat Leo, qui depingit apertè
Quantâ surrexit vi tua Christe, caro.
Discipulum signat species Aquilina pudicum,
Qui super astra volans, cœlica verba sonat.

Evano. Vid. Ebano. (O *Evano*, a canella, o cravo. Vieira, Historia do Futuro, pag. 280.)

EVE

Eversaõ. Destruiçaõ, Ruina. *Eversio, onis, Fem. Cic.*

——— *Impeto furibundo*
Reciproca Eversaõ *dispoem ao Mundo.* Man. Tavares, Ramalhete Juvenil, fol. 66.

Eversor. Destruidor. *Eversor, is, Masc. Cic.* (Deixar de observallos, era naõ ser edificador, mas *Eversor.* Manoel Rodrigues Leitaõ, Trat. Analytic. &c. 661.)

Evora. Cidade. Vid. tomo 4. do Vocabul.

Evora. Bairro da Cidade de Marrocos. Na Chronica del Rey Dom Fernando de Castella, se acha, que quando o Conde D. Fernando de Lara fugio para Marrocos, viveo naquella Cidade, e morreo em hum bairro, ou arrebalde chamado *Evora*, aonde os Christãos residiaõ. A razaõ deste nome (segundo o Chantre de Evora, Manoel Severim de Faria) he, que os Mouros na entrada, que fizeraõ em Hespanha, levaraõ de Evora toda a gente nobre para Marrocos, e lhe deraõ este bairro, a que puzeraõ o nome da Patria, e nelle se conservaraõ até o tempo del Rey Dom Joaõ I. de Castella.

EUR

Eurialo. Vid. Euryalo.

Euridice. Vid. *Eurydice.*

Euro. He o nome de hum vento que sopra entre o Nascente, e o Sul. Chamase assim da palavra Grega *Euros*, que quer dizer *Largura*, porque he vento, que sopra por hum largo espaço de Paiz. Os Latinos muitas vezes confundem o vento Euro com o Vulturno, porque ambos sopraõ da parte Oriental, hum pela maõ direita, e outro pela parte esquerda do Oriente Equinocial. *Plin. lib. 2. cap. 47. Columel. lib. 2 cap. 5. Eurus, i, Masc.* Daõlhe os Authores muitos epithetos. *Vocatur Phœbeus, quia abortu Solis flat; Nabathæus, à Nabatha, regione Arabiæ, quæ Orientem spectat; Riphæus à Riphæis montibus Scythiæ.* Na sua Prosodia, diz o Padre Bento Pereira, que o vento Euro he Sueste partida do Soaõ para o Sul.

Europa. Filha de Agenor, Rey de Phenicia, e irmãa de Cadmo. Dizem, que Jupiter namorado desta Princeza, se disfarçou em touro, e arrebatando-a perto do mar, a levou para esta parte do nosso Continente, que do seu nome se chama Europa. Outros com mais verisimilitude

similitude crem, que Asterio, ou Minos a roubaraõ no tempo da guerra, que faziaõ aos Phenicios. A isto accrescentaõ, que fora levada em hum navio, chamado o Touro, e depositada na Ilha de Creta, onde casou com ElRey Asterio, a quem por sua grande bondade se deu o nome de Jupiter; e que ella foy mãy de Minos, Rey de Creta, de Rhadamanto, que reynou em humas Ilhas vifinhas da Asia, e de Sarpedon, Rey de Lycia. Tem para si Bocharto, que o nome Europa se deriva das palavras Phenicias *Chur-appa*, que querem dizer *Rosto alvo*, porque os Europeos saõ brancos, em comparaçaõ dos Africanos. *Bochart. Phaleg. e Canaan. Ovid. liv. 2. Metamorph. Eusebio in Chron. Herodot. lib. 1. in Clio.* Contaõ outros esta fabula por este modo. Europa, filha de Agenor, e requestada de Jupiter pela sua belleza, estando hum dia com suas companheiras na praya do mar, e brincando com ellas, appareceo hum touro, taõ bemfeito, e taõ manso, que saltou nelle. O animal no mesmo instante, que a teve nas costas, deu hum salto no mar, e tomou o caminho da Grecia. A triste Princeza toda envergonhada, pegando com a maõ de huma das pontas, para se ter mais firme, e com a outra maõ na toalha, ou veo, resistindo à força do vento, voltou a cara para as companheiras, que chorando na praya lhe abriaõ os braços; mas no mesmo instante suspenderaõ os ventos o seu curso, o mar se fez de leite, sahiraõ mil cupidos voando ao redor della, huns com a tocha nupcial nas mãos, outros cantando o hymineo, e atraz delles huma caterva de Deoses marinhos, e Nereides montadas em delfins, e acompanhadas de tritoens, que com folias a recreavaõ. Tomaraõ a dianteira Neptuno, e Amphitrite, representando o pay, e a mãy da noiva; Venus levada por dous tritoens em huma concha, hia juncando o mar com flores. Desde a costa de Phenicia durou este festivo triunfo até a Ilha de Creta, onde Jupiter saltando em terra, tomou a sua primeira figura, e levando pela maõ a sua amiga, a introduzio na caverna Dictea. Contra os que querem desta Princeza tomasse a nossa Europa o nome, dizem alguns, que foy denominada de *Europo*, seu primeiro dominador.

Eurydice. Mulher de Orpheo, que fugindo dos abraços de Aristeo, Rey de Arcadia, poz o pé numa serpente, que lhe deu huma picada, da qual morreo. Orpheo, inconsolavel na consideraçaõ desta perda, baixou aos infernos, onde com a suave harmonia da sua lyra entrou na graça de Plutaõ, e de Proserpina, de sorte, que lhe concederaõ o regresso da sua Eurydice, com condiçaõ, que até naõ chegar à luz, naõ voltaria a cabeça para a ver; mas a impaciencia do seu amor obrigando-o a olhar para traz, lhe fez perder para sempre a sua esposa. *Diodoro de Sicilia, lib. 19.* Vid. *Ovid. lib. 10. Metamorph.*

Euridice. Faz a Historia mençaõ de outras duas Euridices; huma foy filha de Amyntas III. Rey de Macedonia, e casou com Arideo, filho natural de Filippe, Rey de Macedonia. Esta Princeza, ciosa da gloria de Olympias, mulher de Filippe, e mãy de Alexandre, tomou as armas, para se livrar della, mas por sua desgraça ella mesma ficou preza. Entaõ Olympias sabendo, que Euridice lhe rogava grandes pragas, mandoulhe huma espada, hum baraço, e veneno, dandolhe a escolher o genero da sua morte; naõ se perturbou Euridice à vista destes funestos presentes, e pedindo aos Deoses, que algum dia se visse Olympias obrigada a fazer semelhante escolha, tomou o baraço, e se affogou a si mesma. *Diodoro, liv. 19.*

Outra Euridice era mulher de Ptolomeu, filho de Lago, primeiro Rey do Egypto. Vivia no anno 435. da fundaçaõ de Roma. Foy mãy de Ptolomeu, cognominado *Ceranno*.

Eurynomo. Certo Deos, venerado dos Delfos, do qual dizem, que comia os cadaveres dos mortos sem deixar delles mais, que os ossos. Pausanias, que

faz a descripçaõ deste sujo Nume diz, que era todo negro, da cor das moscas, e o representa assentado na pelle de hum Abutre, arreganhando os dentes. *Cartari, nas suas imagens dos Deoses. Eurynomus, i, Masc.*

EUT

Euterpe. He huma das nove Musas, que inventou as Mathematicas, ou (como querem outros) a frauta. Tomou o nome da suavidade do seu cantar., porque no idioma Grego, *Eu*, quer dizer *Bem*, e *Terpein*, deleitar. Representaõna coroada de flores, tangendo huma frauta, e com outros instrumentos de assopro aos pés. *Iconolog. de Ripa.* Desta Musa diz Virgilio *in Epigram.*

Dulciloquis calamos Euterpe flatibus implet.

EXA

Examilion. Muro famoso, que no anno de 1413. o Emperador Manoel mandou levantar no Isthmo de Corintho, para defender o Peloponeso, ou Morea da invasaõ dos Barbaros. Chamavaõlhe assim do Grego *Ex*, que quer dizer seis, porque o seu comprimento era de seis milhas. Depois de levantar o sitio de Constantinopla Amurate II. mandou arrazar o Examilion, sem embargo da paz, que acabava de concluir com o Emperador Grego. Os Venezianos para conservar os seus Estados na Morea, trataraõ de reedificar este baluarte; e no anno de 1463. Luiz Loredano, General do mar, desembarcou naquella parte as suas tropas, e as ajuntou com as de Bertholdo d'Este, para empregallas na restauraçaõ desta grande obra. Trabalharaõ nella trinta mil homens, e no espaço de quinze dias a pozeraõ corrente, com o accrescentamento de fossos dobrados, e cento e trinta e seis torres. Vieraõ os Infieis acometer este grande muro; mas foraõ repachados, e nos contornos se entrincheiraraõ. Passou Loredano ao sitio de Corintho, e pouco tempo depois se restituhio Bertholdo ao campo, onde recebeo huma pedrada, que lhe tirou a vida. Bertino de Calcinato, que lhe succedeo no governo do Exercito, desconfiando das suas forças contra as do Beglierbey, que se vinha chegando na testa de oitenta mil homens, desamparou o sitio, e a defensa deste notavel muro, cuja fabrica custara tanto trabalho, e dinheiro. *Coronelli, Descripçaõ da Morea.*

Exactidaõ. Até agora naõ achey em Author algum este vocabulo; porém parece necessario, como substantivo do adjectivo Exacto. Vid. Exacçaõ tom. 3. do Vocabulario. Fazer huma cousa com exactidaõ, *Aliquid accuratè facere. Magnâ cum curâ aliquid praestare.*

Exautorado. He palavra tomada do Latim *Exauctoratus*, que se diz do official, ou soldado, que ou voluntariamente deu baixa, ou por alguma culpa foy reformado, e deposto. No primeiro sentido usa Tito Livio desta palavra; no segundo Cicero.

Mas do militar habito primeiro
Exautorado, *e excluso o despedia.*

Francisco Barreto Landim, Vida de S. Joaõ de Deos, pag. 17.

EXC

Excellencia. Titulo honorifico. Os Reys de França da primeira, e segunda casta foraõ tratados de *Excellencia*; e por outra parte achamos, que Carlos Magno, e Alano tambem trataraõ de *Excellencia* ao Papa Adriano. Kerulpho, Rey dos Mercianos, deu o mesmo trato ao Papa Leaõ III. e Yvo, Bispo de Chatres, a Pascoal II. O titulo de *Excellencia* foy o primeiro, que em França se deu aos Principes do sangue, e a outros de Casas Soberanas; mas vendo, que muitos Senhores, que naõ eraõ Principes, se faziaõ tratar de *Excellencia*, os ditos Principes, para se distinguir, se apropriaraõ a Alteza. Na Curia Romana se tem assentado, que a *Excellencia*, he titulo secular, e se naõ póde dar a Ecclesiasticos. No tocante aos Embaixadores,

dores, o titulo de excellencia, que se lhe dá, se origina de que Henrique IV. Rey de França, no anno de 1593. mandara a Roma o Duque de Nevers com a calidade de seu Embaixador, e em razaõ do seu nascimento, o trataraõ de Excellencia; desde entaõ todos os mais Embaixadores, até os dos Principes de Italia, Alemanha, do Graõ Mestre de Malta, tomaraõ o titulo de Excellencia. No anno de 1636. o Emperador, e o Rey de Hespanha consentiraõ, que se désse aos Embaixadores de Veneza Excellencia. Nenhum Rey trata de Excellencia aos Embaixadores, só os Estados Geraes, e os Principes de Italia lhes daõ este trato. A Republica de Veneza os trata de *Senhoria*. Os Cardeaes, e Principes Romanos daõ Excellencia ao Cancellario, e aos primeiros Presidentes do Parlamento, e Curias superiores de França, aos Presidentes do Conselho de Castella, ao Cancellario de Polonia, e aos que occupaõ os primeiros lugares dos Estados, com tanto que naõ sejaõ Ecclesiasticos, porque neste caso naõ lhes daõ se naõ *Senhoria illustrissima*.

EXCOMMUNHAÕ. Tambem na Gentilidade havia huma especie de Excommunhaõ, que com certas ceremonias, e em certos casos os seus Sacerdotes fulminavaõ. A este genero de excommungados lhes era prohibido entrar nos Templos, assistir aos sacrificios, e estar na presença dos Simulacros dos seus Deoses; com certas imprecaçoens entregavaõ-nos aos Demonios, e às furias infernaes, o que se expressava com estas palavras, *Sacris interdicere*, *Diris devovere*, *Exsecrare*. Como este castigo era terrivel, naõ se dava, se naõ quando a obstinaçaõ do reo obrigava a este rigor. Por esta razaõ a sacrificadora Theano, filha de Menon, foy muito louvada por naõ querer excommungar a Alcibiades em Athenas, ainda que assim o mandasse o Povo; como pelo contrario os Sacerdotes Eupolmides, que o fizeraõ; foraõ muito vituperados. Por isto no livro 7. das leys prohibe Plataõ a todos os Sacerdotes, e Sacerdotizas, que procedaõ com excommunhoens, se naõ observando pontualmente todas as leys, e em caso de extrema necessidade.

Entre os Romanos temos hum notavel exemplo de excommunhaõ na pessoa de M. Crasso, referido por Plutarco na sua vida. Atteio, Tribuno do Povo, naõ podendo impedir a sua jornada de Syria contra os Parthos, foy correndo para a porta da Cidade, por onde Crasso devia sahir, e no meyo della poz hum fogareiro com brazas, e como Crasso se vinha chegando, deitou nellas huns cheiros, rogandolhe humas pragas, que faziaõ tremer a gente, e chamando por huns Deoses, cujos nomes faziaõ horror, por este modo o excommungou.

Antigamente nas Gallias o mais rigoroso castigo, que os Druidas davaõ, era a excommunhaõ. Delles diz Cesar no capitulo 6. (em havendo alguem, que se opponha aos seus estatutos, privaõ-no da communicaçaõ dos seus mysterios. Os em que deu este rayo, saõ tidos por impios, todos fogem de praticar com elles; se tem algum negocio, naõ lhe fazem justiça, naõ saõ admittidos às honras, e dignidades, e morrem aborrecidos, e infamados.)

EXE

EXECRAÇAÕ. Figura da Rhetorica; he quando rogamos algum mal; v. g.

Dî tibi dent nullosque lares, inopemque senectam:
Et longas hyemes, perpetuamque sitim.

EXI

EXICIO. He tomado do Latim *Exitium*, que quer dizer perda, ruina, grande desgraça. *Exitium, ii, Neut. Cic. Horat. Virgil.*

Ha de precipitarse em tal Exicio
Crime taõ torpe, taõ horrendo vicio.

Man. de Far. e Souf. Fabula de Narciso, e Eccó, pag. 100.

Já

Já com Exicio
Parocismo mortal tudo extermina.
Man. Tavar. Ramalhete Juvenil, pag. 37.

Exiguo. He tomado do Latim *Exiguus, a, um.* Pequeno. (Pequena, e Exigua era a nossa custodia de Malaca. Fr. Jacintho de Deos, Vergel de Plantas, pag. 308.)

EXO

Exordial. Cousa pertencente a Exordio, ou principio.

Nas cores sendo em taes encomios lidas
As letras Exordiaes *as arvoredas.*

Virginidos de Man. Mendes de Barbuda Cant. 19. Estanc. 86.

Exornar. Ornar, adornar. *Exornare, (o, avi, atum.)* Cic. (As prendas de que se compoem, e se exorna hum sogeito amavel. Histor. dos Loyos, pag. 448.)

Exotico. He tomado do Latim *Exoticus, a, um.* Vid. Estranho. Vindo de fóra da terra.

EXP

Expiaçaõ. Antigamente na Gentilidade, entrar nos Templos, lançarse ao pé dos Altares, e chamar pelos Deoses com oraçoens, era hum principio da expiaçaõ. Traz Homero no discurso de Fenix a Achilles, entre as razoens, com que procura induzillo a perdoar esta, que os Deoses, quanto mais saõ poderosos, mais facilmente se inclinaõ ao perdaõ pelos rogos, pelas supplicas, e oraçoens, que saõ filhas de Jupiter, as quaes tirandolhe das mãos as armas, o obrigaõ a mandar à Deosa da vingança para a destruiçaõ dos que naõ querem admittir reconciliaçaõ. Estranha Ovidio, que naõ havendo para os Deoses crime inexpiavel, de huns homens para outros possa haver culpas inexpiaveis; e juntamente se admira, de que lhe naõ perdoe Augusto hum delito, que certamente lhe perdoou Deos, porque delle tem huma dor sensivel, e hum arrependimento taõ grande, que a pena, que interiormente sente de haver delinquido, he incomparavelmente mayor, que a de se ver desterrado.

Sæpe levant pœnas, ereptaque lumina reddunt,
Cum bene peccati pœnituisse vident.
Pænitet, ò, si quid miserorum creditur ulli,
Pænitet, & facto torqueor ipse meo.
Quamque sit exilium magis est mihi culpa dolori,
Estque pati pænas, quàm meruisse minus.

Conta Herodoto, que hum Principe da Phrygia, criminoso, entrara no Palacio del Rey Creso, e lhe pedira, que o expiasse; deferio Creso à petiçaõ do delinquente com as ceremonias dos Lydios, que eraõ quasi as mesmas, que as dos Gregos.

Diz Dionysio Halicarnasseo, que Horacio o moço fora absolto da morte de sua irmãa; mas que naõ ficando o Rey dos Romanos satisfeito da absolviçaõ quiz, que o matador fosse purificado com todas as expiaçoens, determinadas dos Pontifices para homicidios involuntarios. Expoem o dito Author a ceremonia observada nesta Expiaçaõ, dizendo: Levantaraõ dous altares, hum a Juno, e outro, a Jano; offereceraõ-se sacrificios, e fizeraõ passar o dito Horacio por debaixo do jugo. Constava este jugo de hum pique, atravessado sobre outros dous a plumo; debaixo deste portal de tres piques, faziaõ os Romanos passar os inimigos, que elles haviaõ vencido na guerra; o que se tinha por grande infamia, porque era passar por huma especie de patibulo. Faz Cesar mençaõ desta ignominosa passada, onde diz: *Exercitum sub jugum mittere.*

Affirma Plutarco, que Theseo se fizera Expiar dos homicidios, que commettera. Do Egypto vieraõ para a Grecia os Mysterios, com que se faziaõ as Expiaçoens. Nas mais mysteriosas era necessario o jejum; tanto assim, que Clemente Alexandrino escreve, que os Cathecumenos (para assim dizer) destes profanos mysterios, respondeo às perguntas,

guntas, que se lhes faziaõ, respondiaõ, jejuey; *Symbolum mysteriorum Eleusiniorum (jejunavi.)* Tambem nestas Expiaçoens era praticada a continencia, por isso diz S. Jeronymo, que os Sacerdotes para a guardar mais facilmente, usavaõ da erva cegude, ou ançarinha, que he summamente fria.

A Expiaçaõ mais usada era a das abluçoens, ou lavatorios; donde se infere, que muitas destas ceremonias Gentilicas eraõ tomadas dos Hebreos. No seu Edipo Tyranno affirma Sophocles, que os crimes voluntarios, e involuntarios se expiavaõ na agoa. Em Virgilio encomenda Eneas a seu pay Anchises, que leve comsigo os seus Deoses Penates, por se conhecer manchado do sangue derramado na defensa de Troya, e que ainda naõ estava purificado.

——— *Donec me flumine vivo*
Abluero.

Expiar. Vid. no 3. tom. do Vocabul.

Na inclyta Cidade de Granada
Já dos Barbaros ritos Expiada.

Francisco Barreto Landim, Vida de S. Joaõ de Deos, fol. 31.

Exprobrar. Vid. no 3. tom. do Vocabulario.

Desenganado entaõ lhe manifesta
A tençaõ, e o intento que trazia,
Delle se Exprobra, *delle se arrepende*
Naõ a affronta, a noticia he que o offende.

Francisco Barreto Landim, Vida de S. Joaõ de Deos, pag. 102. vers.

EXT

Extramural. Cousa fóra dos muros. *Extra muros situs*, ou *positus, a, um.* (Lugar extramural. Fr. Jacintho de Deos, Vergel de Plantas, pag. 133.)

Extravagantes. Vid. tom. 3. do Vocabulario. Outras se chamaõ *Extravagantes communas*; porque naõ saõ de hum só Papa; mas de muitos, e entre outros de Eugenio IV. Calixto III. Paulo II. e Sixto IV. Nenhuma dellas foy aprovada por Pontifice algum. Naõ deixou de ter authoridade esta collecçaõ, posto que o Author della se ignora.

EXU

Exular. Andar fóra da Patria. Estar desterrado. He tomado do Latim *Exulare, (o, avi, atum.)*

Entra dentro Joaõ, barato pede
Para os pobres, por quem ardendo Exula.

Francisco Barreto Landim, Vida de S. Joaõ de Deos, pag. 95. vers.

Exultar. He tomado do Latim *Exultare*, que val o mesmo, que *Saltar de prazer.*

Exulta *o coraçaõ de Joaõ Santo,*
Ouvindo cousa, que deseja tanto.

Francisco Barreto Landim, Vida de S. Joaõ de Deos, fol. 22. vers.

F

FA

FA. Termo de Solfa. A quarta das seis vozes da Musica.

FAB

FABORDAÕ. He tomado do Francez *Fauxbourdon*. Musica simplez. Casta de cantar, que naõ he taõ regular, como o da Solfa, ou contraponto. *Musicus concentus rudior*.

FAC

FACE. Vid. tom. 4. do Vocabulario. Agradame o Mundo á primeira face. *Prima mihi mundi facies placet.* (Formal parece este discurso á primeira face. Crisol Purificat. fol. 414. col. 1)

FACEIRA. Vid. tom. 4. do Vocabulario.

Faceira. Vaidade. Ostentaçaõ.

Naõ he cuidar de mim tanto,
Nem bazofia, nem faceira.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 376.

FACESINHA. Diminutivo de face. Vid. Rostinho, mais abaixo no seu lugar alfabetico.

Olhos porque o Sol se assome
Facesinhas *de escarlata*
Naõ he cousa, que se come;
Belleza naõ mata a fome,
E a fome naõ morta, mata.

Obras Metric. de Dom Franc. Manoel, tomo 2. pag. 57. col. 2.

FAE

FAENÇA. Cidade de Italia, sobre o rio Amone, entre Imola, e Forli. *Faventia, æ, Fem.*

FAETAÕ. Vid. Phaetonte.

Vistes já Faetaõ *pintado?*

Obras Metric. de D. Franc. Man. Canfonha de Euterppe, pag. 80. col. 2.

FAL

FALACA. Castigo, que os Turcos de Alger costumaõ dar aos Christãos escravos. Por huma taboa de mais de cinco palmos de comprimento, aberta em dous lugares, por onde fazem entrar os pés do padecente, que está deitado no chaõ, de bruços, daõlhe com hum pao, ou com hum vergalho de boy até cem pancadas. Chamaõ isto dar a falaca.

FALCAÕ. Ave de rapina. Vid. tom. 4. do Vocabulario.

Falcaõ. A parte inferior do talhamar do navio.

FALCOADA. Tiro de peça de artilharia, chamada Falcaõ. (Chegaraõ á galé a tiro de Falcaõ, e disparou nella algumas falcoadas. Couto, Dec. 7. livro 8. fol. 157. col. 3.)

FALESA. Cidade de França na Normandia Baixa, sobre o rio Ante. *Falæla*, ou *Falesia, æ, Fem.*

FALHAR. No jogo das Tabolas Reaes, he naõ ter casa para entrar. Falha, he esta falta.

FALHAS. Para os das Minas do Rio de Janeiro, he parar na jornada; fez tantas falhas, *id est*, tantas paradas.

FALLAR. Ter copula, Dormir. Em dous lugares do cap. 13. de Daniel usa a Escritura deste termo, o qual passou ao idioma Portuguez, para se exprimir com mais decencia o seu natural significado. No verso 57. do dito Capitulo diz Daniel aos dous velhos de Susana, *Sic faciebatis filiabus Israel, & illæ timentes loquebantur vobis;* isto he, (diz Menochio neste lugar) *Concumbebant vobiscum*; no verso 54. do dito Capitulo diz Daniel: *Dic sub quâ arbore videris eos colloquentes sibi, id est*, diz neste lugar Tirino, *Commercium adulterii inter se habentes*; a versaõ Grega diz, *Omilountas, quæ vox* (diz neste lugar Menochio) *Concumbentes*

cumbentes verti poterat, & colloquentes, hoc maluit interpres; ut rem turpem honesto vocabulo significaret.

FALLIVEL. O contrario de infallivel. Vid. Infallivel

FALQUETA. No jogo do truque de taco; he o levantar huma bola por cima da outra.

FALSA. (Em nome delRey, fahio com huma falsa. Resende, Vida delRey D. Joaõ o II. col. 4.)

FAM

FAMACO. Vid. no tom. 4. do Vocabulario.

Day vós ò demo ò Famaco
Como elle os homens estreita.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Viola de Thalia, pag. 244. col. 1.

FAMELICO. Faminto. Vid. tom. 4. do Vocabulario.

Iraõ soldados inclitos fazendo
Mais que leoens Famelicos, e touros.

Lusiada de Camoens, canto 10. Oit. 43.

FAMIGERADO. Celebre. Celebrado da fama. *Famigeratus, a, um, Apul.* (Authores, que os Doutos veneraõ por verdadeiros, e Famigerados. Crisol Purificat. fol. 128. col 2.)

FAMINTO. Vid. tom. 4. do Vocabul. *Adagios Portuguezes do* Faminto.

Mal se doe o farto, e rico do pobre Faminto. Risse o Diabo, quando o Faminto dá ao farto. O Faminto naõ morre de fastio. Lobo Faminto, naõ tem assento.

FAN

FANADO. Vid. tomo 4. do Vocabulario. (Quanto lhes tendes chupado? *Fanados* quatro tostoens. D. Francisco Manoel, Viola de Thalia, pag. 256. col. 2.)

FANARI-KIOSC. Palavra Turquesca, que val o mesmo, que *Pavilhaõ do farol.* He o nome de huma casa de prazer do Graõ Turco, perto do porto de Calcedonia na Natolia, junto da entrada do Estreito de Constantinopla. Está assentado em hum pequeno Cabo, ou promontorio, na extremidade do qual se vê hum farol no alto de huma torre, que serve de alumear os navios, que de noite chegaõ a esta costa. Este Kiosc fica no meyo de hum bello jardim, e o mais bem cultivado de todos os que ha na Turquia; deste lugar se descobre a mayor parte de Constantinopla, e Galata. Consta de muitas columnas em quadrado, com galarias ao redor, cubertas de hum grande telhado, a modo de pavilhaõ. No meyo da sala ha hum grande estrado, cuberto de ricas alcatifas, e almofadas, e cercado de humas grades, ou balaustes de marmore. Ao redor do estrado ha muitos esguichos de agoa, que aos poucos vaõ enchendo o banho, ou tanque, que domina em toda. Mandou Solymaõ II. edificar este Kiosc, para recrearse nelle com suas Sultanas. *Grelot, Viagem de Constantinopla.*

FANFURRIA. Vid. no tom. 4. do Vocabulario Fanfarrice.

Fanfurria. O fanfarraõ. Vid. Fanfarraõ.

FANGAPERA. Termo do Gentio do Maranhaõ, huma especie de partezana. (E as partezanas de partir pedra, que chamaõ Fangaperas. Vieira, Histor. do futuro, pag. 579.)

FANICOS. Migalhinhas. Fazer em fanicos. Chulo. Fazer em pedacinhos. *Frustillatim*, ou *in frustula dividere. Frustillatim*, e *frustulum*, saõ de Plauto.

FANO. Cidade Episcopal de Italia no Estado Ecclesiastico, na borda do mar, e perto do lugar, onde antigamente havia hum Templo, dedicado à Fortuna, que os Romanos edificaraõ em memoria da celebre batalha, que ganharaõ no anno 547. da fundaçaõ da sua Cidade, perto do rio Metro. Morreraõ nesta batalha com Asdrubal, irmaõ de Annibal, cincoenta mil homens. Ainda permanece em Fano hum arco triunfal de marmore, que tem trinta cubitos de alto, e he hum dos mais magnificos de Italia. *Fanum Fortunae. Leander Albert. Descriptioni. Ital.*

Fantasia, ou Fantesia. Costumaõ fazerse nas violas humas peças, que constaõ de varias posturas, e multiplicadas, que pastas por todos os oito tons da solfa, se chamaõ Fantesias, porque saõ conforme as fantesias, e idéas dos seus authores. Vid. tom. 4. do Vocabul.

FAR

Faraçola. Termo da India. (Duas Faraçolas, que seraõ trinta e seis arrateis dos nossos, de contas de Cambaya. Barros, Dec. 1. fol. 205. col. 2.)

Farça. Humas farças, que para recrear o Povo, se faziaõ no fim das Comedias, se chamavaõ *Atellanæ Comediæ*. Foraõ inventadas em *Atella*, Cidade de Campania (entre Capua, e Napoles) cujos moradores eraõ mordazes, e soltos de lingua em palavras obscenas. Diz Festo, que estas farças se faziaõ por moços mascarados; Tito Livio accrescenta, que naõ permittiaõ os Cidadãos de Atella, que Bobos, Histrioens, nem Comediantes representassem esta casta de farças; porque naõ eraõ tidos por infames, nem ficavaõ excluidos da Arte militar, como os mais Comediantes. *Tertia species est fabularum Latinarum, quæ á civitate Oscorum Atellá, in quâ primum cæptæ, Atellanæ dictæ sunt.* Diomedes o Grammatico. Tambem nas tragedias, e Comedias dos Antigos, *Exodion*, era huma especie de farça, que se fazia no fim, por huns representantes, chamados *Exodiarios*, do Grego *Exodos*, que quer dizer *Sahida*, ou *Fim*. Servia de aliviar a attençaõ do Povo enfastiado de objectos tragicos, e funestas catastrofes, ou tediosos enredos.

Farda. Vestia, calçoens, camiza, garavata, chapeo, meyas, sapatos, e tudo o mais concernente ao vestido do soldado. (Os panos das *Fardas* seraõ das fabricas do Reyno. Gazeta de Lisboa de 1722. Lisboa 26. de Fevereiro, pag. 72. Vid. Farda, tom. 4. do Vocabulario.

Fardo. Na India he o nome, que os Portuguezes deraõ a hum certo peso. No Capitulo 35. das moedas, e pesos dos Portuguezes da India, pag. 46. col. 1. diz Joaõ Hugo Linscotano, *Fardus communiter tres mannus cũm dimidio continet.* Algumas regras mais acima diz o dito Author, *Pondus habent*, *Maõ dictum, quod mannum significat 12. pondo habet, ac ad butyrum, mel, saccharum, aliasque materias usurpetur.*

Farelinho. Na restea do Sol. Vid. Atomo, tom. 1. do Vocabul.

Farelorio. Termo chulo. O que he vil, de pouco preço, como feito de farelos. Tambem em Lisboa, aos doces feitos de farinha, e açucar, v. g. cavacas, fartens, &c. lhes chamaõ *Farelorios.*

Farfalhada. A inquietaçaõ, murmurio, reboliço, como o estrondo, que fazem as folhas da arvore com o vento. Voz vulgar. *Murmur nemorum*, he de Virgilio, que diz: *Et nemorum increbescere murmur.* *Frondium strepitus*, ou *fremitus*, *us*, *Masc.*

Farfanes. Os Christãos, descendentes daquelles miseraveis, que na perda geral de Hespanha foraõ mudados para Marrocos, pelo nome Mourisco se nomeavaõ *Farfanes*. *Historia Serafica de Fr. Manoel da Esperança, part. 2. pag. 636.*

Farnento. As uvas, chamadas *Farnento*, saõ humas uvas pretas de boa casta, porque ordinariamente daõ boa novidade, e tingem bem. Em algumas partes lhes chamaõ *Milheiro*; he casta excellente, porque daõ muita novidade, e tingem bem. *Alarte, Agricultura das vinhas, fol. 33.*

Farnesim. Vid. Frenesis, tomo 4. do Vocabulario.

Respondilhe, tenho dò
Do Farnesim, *que vos deu.*

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 337.

Farregoulos. Vid. Farragoulos.

Trazendo logo ao pobre Cavalleiro.
De seus dous Farregoulos *o dinheiro.*

Franc. Bar. Landim, Vida de S. Joaõ de Deos, fol. 23. vers.

Farraparia. Muito farrapo junto. Vid. Farrapo, tom. 4. do Vocabulario. (Outra Farraparia como esta. Crisol Purificat. 196. col. 1.) Falla o Author no sentido figurado.

Farregoulo. He tomado do Italiano Ferraivolo, que he certa casta de capa.

Trazendo logo ao pobre cavalleiro
De seus dous Farregoulos *o dinheiro*
Franc. Bar. Landim, Vida de S. João de Deos, fol. 23. vers.

Farripas. Vid. Falripas, tom. 4. do Vocabulario.

Pois mais se estimaõ Farripas
Do que hum cercilho bem feito.
Oraç. Academ. de Fr. Simaõ; pag. 182.

Farroupilha. Termo chulo. O que anda mal vestido, e desfarrapado. Pobretaõ. *Pannosus. Cic. Pannucius. Pers.*

Fartach. Cidade, e Provincia da Arabia Felice, perto do mar da Arabia. Alguns Authores lhe chamaõ *Hadrimuth.* Teve antigamente outros nomes.

Fartar. Vid. tomo 4. do Vocabula.

Outros Adagios do Fartar.

Quem sua vianda vê aparelhar, fartase, antes de cear. Naõ ha casa farta, onde a roca naõ anda.

Fartavelhaco. Ameixas deste nome, grossas, redondas, pouco saborosas, que enchem muito; tambem se diz de outra fruta, v. g. de humas peras grandes, e farelentas, que naõ tem gosto, e de tremoços, que cançaõ o queixo, e naõ chegaõ a fartar.

FAT.

Fataxa. Termo chulo. Vid. Façanha.
Pois eu sey quem cum chapim,
Faz Faraxas, *como hum Cide.*
Obras Metric. de D. Franc. Man. Viol. de Thalia, pag. 241. col. 1.

Fatiota. O fato. Por chularia dizem: levou, ou levantou a fatiota, *id est*, levou tudo o que tinha de seu, foise embora. Emfatiota, ou Enfatiota, ou Infatiota. Vid. *Emphitenta*, tom. 3. do Vocabulario.

FAV

Fava de manilha. A que chamaõ *Fava de Santo Ignacio.* Em hum manuscrito Portuguez, que me veyo à maõ acho, que se daõ a este legume notaveis virtudes. Se he verdade o que desta fava dizem, he remedio contra as bruxas, e feiticeiras, trazendo-a comsigo; contra os feitiços, e embruxados, amarrando-a em alguma parte do corpo; contra o veneno, bebida; contra o espasmo, moida em vinho; contra febres, e frios, em agoa, ou em vinho; contra o mal contagioso, trazendo-a comsigo; contra a toce do estomago, moida em agoa; para as mulheres, que naõ podem parir, com vinho; para conhecer, que huma mulher he bruxa, ou feiticeira, tendo-a na maõ, e pondo-a em cima da pessoa em quem ha suspeita; para cursos de frio, ou quentura, com agoa, ou vinho; para dores de colica, se for quente, com agoa; se for fria, com vinho.

Favios. Eraõ huns mancebos, que segundo a instituiçaõ de Romulo, corriaõ nùs, celebrando a festa do Deos Fauno, cubertos só de huma pelle na parte, que a natureza se peja de descobrir.

Favissas, ou Flavissas. Eraõ a modo de covas, ou cisternas, em certas partes do Capitolio, nas quaes se guardavaõ os thesouros, e os donativos mais preciosos, que a gente offerecia aos Deoses. *Favissas*, he corrupçaõ de *Flavissas*, porque os primeiros Authores Latinos chamavaõ *Flavissas*, o que os Gregos chamavaõ *Thesouros. Quos Thesauros*, (diz Varro) *Græco nomine appellaremus, Priscos Latinos Flavissas dixisse, quod in eas non rude æs, argentumque, sed flata, signataque pecunia conderetur. Varro, in Epist. ad Serv. Sulpit. allegado por Nonio. Aulo-Gell. lib. 2. cap. 10.* Este ultimo Author diz, que nas Favissas se lançavaõ vasos quebrados, ou estatuas velhas, e fragmentos dellas, e outras cousas, que já naõ tinhaõ serventia.

Favonio. Vento, que sopra da linha Equinocial do Occidente, isto he, da parte em que se poem o Sol no tempo do Equinocio da Primavera. Chamaraõ-lhe *Favonio*, do Latim *Favere*, Favorecer, ou de *Fovere*, Criar, fomentar, e sustentar brandamente; porque este vento he criador, favorece o nascimento das plantas, e com brandura lhes dá vigor, de sorte, que os Latinos muitas vezes o confundiraõ com o vento Zephiro, seu collateral, e visinho, que produz quasi os mesmos effeitos. *Favonius*.

Favor. Fabulosa Deidade, a que huns deraõ por mây a Fortuna, outros a fermosura, outros o espirito. Fez Apelles huma notavel pintura do favor. Viase este Nume acompanhado da lisonja, que andava apar delle: A riqueza, as honras, o fasto, os prazeres o cercavaõ; a enveja o seguia de perto. Tinha o Favor azas, para voar, e fugir com a primeira occasiaõ; era cego, e como tal, incapaz de enxergar, e reconhecer os amigos, e debaixo dos pés tinha a roda da fortuna sua mây, da qual nunca se aparta. *Lilio Giraldi. Cartari, Imagens dos Deoses.*

Favor. Vid. tomo 4. do Vocabulario. Indigno de todo o favor. Que naõ merece favor algum. *Infavorabilis, le, is, Neut. Cels.*

Fautoria. Termo do Tribunal da Inquisiçaõ. He o peccado de quem depois de confesso, naõ accusando os complices, parece fautor da propria heresia, que confessou. *Fautoris crimen, inis, Neut.*

FAZ

Fazenda. Vid. no tomo 4. do Vocabulario.

Fazenda. A palavra *Fazendas*, no idioma antigo, era o mesmo, que *Obras, acçoens*, e *procedimentos*. O Padre Fr. Manoel da Esperança o prova com as palavras da antiga instituiçaõ de hum Mosteiro, fundado para receber Fidalgas pobres, às quaes poderia a pobreza dar occasiaõ de cometter baixezas. A Escritura diz assim: *Pera serem hi mantendas, que por lazeira, nem mingoa* (ficando no Mundo) *naõ ouvesse razom de fazer mal de suas* Fazendas, *nem perdessem suas almas. Historia Serafica, part. 2. fol. 165. col. 2.*

FE

Fé. Fidelidade. Deidade venerada dos Antigos, que lhe deraõ por morada o Ceo. Dos seus Sacerdotes diz Tito Livio, que sacrificavaõ vestidos de linho muito fino, e muito alvo para denotar o candor, e singeleza da Fé. Representavaõ-na com duas mãos juntas, ou com duas figuras, que se davaõ a maõ huma à outra. Foy Numa Pompilio o primeiro, que levantou à Fé publica hum Templo, e em sua honra instituhio sacrificios à custa do publico (segundo escreve Dionysio Halicarnasseo) seus Sacerdotes, ou Flamines lhe sacrificavaõ sem effusiõ de sangue, com vestiduras brancas, assentados em hum carro, com a maõ direita cuberta.

Fe, ou Fo. He o nome do primeiro Deos, que os Chinas adoraõ, como Soberano Monarca do Ceo. Representaõ-no cercado de resplandores, com as mãos escondidas debaixo da opa, para dar a entender, que o seu poder faz tudo invisivelmente. A' maõ direita tem o famoso Confucio, que estes Gentios tem posto no numero dos Deoses; ao lado esquerdo fica Lanzu, ou Lançu, Cabeça da segunda Seita da sua Religiaõ. *Kircker na sua China Illustrada.*

FEA

Feanchaõ. Muito feo. Feissimo. Termo chulo. Vid. Feo, no tom. 4. do Vocabul.

FEB

Febe. A Lua, irmãa de Febo. *Phœbe, es, Fem. Virgil.*

Camaroens, e cangrejos, e outros mais,
Que recebem de Febo *crecimento.*

Camoens

Camoens, Cant. 6. Oit. 18. No Commento destes versos diz Manoel de Faria e Sousa, que na ediçaõ pequena da Lusiada, o que a mandou fazer, poz *Febo* por *Febe*, parecendolhe, que este nome só tocava ao Sol, naõ advertindo, que este Planeta naõ tem que ver com o marisco; mas bem sim a Lua; por cuja virtude, ou falta della, quando crece, ou mingua, camaroens, cangrejos, e outros mariscos, naõ se fazem mayores, ou menores no vulto do corpo; mas na quantidade da substancia interior; de sorte, que no minguante da Lua, abris hum marisco destes, o achais quasi sem cousa alguma dentro; e se ao crescer della, o achais cheo.

Febra, Fevera, ou Fibra. Vid. no 4. volume do Diccionario.

Felice Arabia, donde a fertil copia
Dè ouro em Febras *satis prolixa sia*
A natureza propria.

Manoel de Faria e Sousa, 3. part. da Fonte de Aganippe, Cançaõ 19. fol. 36. vers.

Febre. Vid. tomo 4. do Vocabular. Raiz das febres. He huma raiz de cor preta, que cheira a modo de sandalos; e a que he mais cheirosa, e mais preta, he a melhor. Tem esta raiz tanto poder, e virtude, contra todo o genero de febres, principalmente malignas, e acidentes, que na India muitos lhe chamaõ *Raiz da senhora das febres.* Tomase quantidade de meyo palmo, e para a gente forçosa, de hum palmo, e moese em agoa ordinaria de fonte, em quantidade de quatro até seis onças, e se o doente estiver com grande febre, se lhe dará mayor quantidade, e póde ser meya canada de agoa, conforme a secura, que padecer. Muitas outras circunstancias traz a receita, da qual tomey estas noticias, que como saõ mais proprias de hum livro de Medicina, que de hum Vocabulario, as paslo em silencio.

Februa. Deosa, que os Romanos faziaõ presidir na purificaçaõ do achaque menstrual das mulheres, e particularmente no lançar as pareas. Derivase este nome do verbo Latino *Februo*, que em Varro significa *Purificar, i. purgar, alimpar. Februa, æ, Fem.*

Februo. Epitheto de Plutaõ, do qual faz mençaõ Macrobio, Sat. lib. 1. cap. 78. onde diz *Pluto Februus.*

A causa pois das naos considerada
Da Lusitana gente duvidosa,
Por voragem, na vista foy julgada
Via da Februa *casa temerosa.*

Man. Thomás, Insul. liv. 3. Oit. 6. pag. 119.

Na margem do verso, que diz *Via Februa*, estaõ estas duas palavras, *Derivitur à Febrius*, para bem quem as poz, havia de dizer *Februus*; porque o Author falla em huma voragem, que parecia lago infernal, e morada de Plutaõ, Fabuloso Deos do Inferno, a quem os Romanos chamavaõ *Februus*; porque lhe faziaõ festas no mez de Fevereiro, em Latim *Februarius*, e segundo esta noticia, *Via Februa*, se poderia interpretar caminho, que vay ao inferno, casa do Nume *Februo*, isto he, Plutaõ; e assim na Oitava 58. diz o dito Author.

Diziaõ ser o lago tenebroso
Que a Plutaõ nega a clara luz do dia.

FED

Fedagoso, ou Fedegoso. Erva, assim chamada dos Portuguezes, no Brasil, o Gentio lhe chama *Aguaracimba-acu.* Tem as folhas mais picantes, que as da ortiga. Todo o talo he cuberto de bicos, sempre verdes; e a summidade de cada talo se dobra ao modo da cauda do escorpiaõ; e he a razaõ porque na opiniaõ de alguns, he huma das especies da planta, chamada em Latim, *Scorpioides.* Os Botanicos a poem no numero das plantas abstergentes, e mundificantes. *Glielmo Pison, De facultatibus Simplicium, lib. 4. cap. 78. pag. 109.*

FEF

Fefe. He o nome de hum animal do Reyno de Junnaõ na China. He huma especie de homem sylvestre, que tem os braços

braços muito compridos, o corpo negro, e cabelludo, he velocissimo; quando topa com algum homem, poemse a rir, como se tambem o fora, e logo salta nelle, e o mata. *Kircker, China Illustrada, pag. 293. col. 2.* Em outras partes se tem visto destes monstros com figura humana; mas tem para si o dito Author, que saõ monos, que andaõ em pé, e arremedaõ o riso humano, arrugando a testa, e descobrindo os dentes; mas o coraçaõ he ferino, e póde succeder, que tambem se achem homens verdadeiramente sylvestres, que foraõ meninos desamparados, que nos matos se criaraõ entre feras, como aquelle, que no anno de 1663. foy achado nos matos da Lithuania, o qual foy achado entre ursos, com voz, e gesto semelhante ao seu delles, sem querer comer carne, senaõ crua, até que finalmente com grande trabalho o acostumaraõ a comer como gente, e a fallar.

FEI

Feijoens de empigem. No Brasil deraõ os Portuguezes este nome a huma erva trepadeira, a qual em bainhas muito compridas, dá huma especie de feijoens acres, e frios, com os quaes quem repetidas vezes se esfrega, sara da empigem. *Guilielmus Piso, de Facultatib. Simplicium, lib. 4. pag. 119.*

FEL

Felicidade. A Felicidade, da qual fizeraõ os Gentios huma Deosa, segundo Euripides, e Pausanias, era filha de Hercules. Mereceo, e conseguio honras Divinas, por se ter sacrificado a si mesma em favor dos Athenienses contra os Lacedemonios, obedecendo à reposta do Oraculo. Nos Escritores da Historia Romana se acha, que a Felicidade publica tinha em Roma muitos Altares, e Templos; chamavaõlhe *Faustitas*, quando se tratava da felicidade particular, e privada. Neste sentido se devem entender estas palavras de Horacio.

Tutus bos etiam rura perambulat,
Nutrit arva Ceres, almaque Faustitas:

No livro 4. da Cidade de Deos, cap. 18. faz Santo Agostinho mençaõ desta Deidade, e juntamente mostra, que se naõ póde distinguir da Fortuna, ao menos da boa, e prospera Fortuna, e finalmente accrescenta, que os Romanos conheciaõ, que a Felicidade, a Virtude, a Vitoria, naõ eraõ Deosas, nem Deoses; mas dadivas de Deos; já, que elles as pediaõ a Jupiter. E assim penetrando no interior da sua tençaõ, se póde piamente crer, que o adorar a Felicidade, a Virtude, e a Vitoria, como Deidades, naõ era outra cousa, que adorar a suprema Divindade, como dispensadora destes beneficios. Representavaõ a Felicidade em figura de veneranda matrona, sentada em hum throno, com hum caduceo na maõ direita, e na esquerda huma cornucopia, e huma letra, que dizia *Felicitas publica*; como se vé na medalha da Emperatriz Julia Mammea. Luculo lhe edificou hum Templo; Julio Cesar, sendo Dictador, deu principio a outro, que foy acabado por Lepido. Tambem foy representada com huma taça na maõ direita, e na esquerda hum sceptro, como se vê nas medalhas de Hadriano, e de Alexandre Mammea. Os modernos a pintaõ com os olhos vendados, tendo em huma maõ huma espada, e na outra huma balança com os copos em equilibrio.

Felicitar. Vid. tomo 4. do Vocabulario. Felicitar. Dar parabens. Neste sentido he tomado do Francez *Feliciter*, e começa de ser usado em Portugal. (Havia sido a sua primeira audiencia, e *Felicitado* ao Czar. Gazeta de Lisboa 1722. Ingria, Petrisburgo 22. de Dezembro, pouco mais abaixo diz a mesma Gazeta. (Foraõ Suas Magestades *Felicitados* por toda a Corte.)

Felepecim. Vid. mais abaixo Felpechim.

Felipendula. Vid. mais abaixo *Filipendula.*

Fel-

Felpado. Vid. Felpudo no tom. 4. do Vocabulario.

Quando a fera veloz mais que outra
alguma
Me recolheo em seus Felpados *braços.*

Man. de Far. e Sous. Fonte de Aganippe tom. 4. Ecclog. 5. 66. vers.

Felpechim. Pano de lãa, fabricado em Inglaterra, de tres palmos de largo, o qual depois de tinto, o emprensaõ com ferros quentes, com os quaes lhe ficaõ huns lavores muy lustrosos.

Nos vestidos guapas: todas
Que humas trazem os fradelins
De brocado de tres altos,
E outras de Feipechim.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, fol. 548.

FEN

Fendeleira. Termo de Ferreiro. He huma como cunha de ferro, que metida em hum vergueiro, se costumaõ com ella fender as barras de ferro, para se fazerem os pregos, ferraduras, &c.

Feno. Vid. tom. 4. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Feno.

Em anno bom o graõ he feno; e em o mao, a palha he graõ. Feno, ou alto, ou baixo, em Junho he segado. Meu ventre cheyo, se quer de feno.

FER

Feraes. Dias, ou Festas Feraes. Derivase do Latim *Feralis*, que quer dizer, *Triste*, *funebre*, *mortal*. Chamavaõ os Romanos aos dias deputados para a memoria dos defuntos *Feralia*; nós, já que dizemos, *Dias Feriaes*, porque razaõ naõ poderemos dizer, *Dias Feraes*? No antigo Kalendario Romano eraõ estes dias notados aos 21. de Fevereiro, isto he, aos 9 das Kalendas de Março, ou (segundo Ovidio) aos 17. de Fevereiro, que era aos 13. das Kalendas de Março. Foy esta festa instituida, para dar aos defuntos as ultimas honras, e aplacar os seus manes. Querem alguns, que fosse Eneas o primeiro Author deste funebre obsequio, ao qual accrescentou Numa muitas ceremonias, que nelle se usavaõ.

Celebravase esta festa pelo espaço de onze dias. Ajuntavaõse os parentes, e os amigos no lugar das sepulturas, andavaõ ao redor dellas dizendo suas oraçoens, e depois hiaõ assistir a hum banquete, preparado sobre hum penedo, chamado *Silicernium*, e ordinariamente toda a substancia delle era mel, vinho, e leite. Juncavaõ com flores o chaõ, queimavaõ incenso, e outros preciosos perfumes segundo a calidade das pessoas. *Silicernium* (diz Donato) *Cæna, quæ infertur Diis manibus, quod eam silentes cernant*, ou *quod epulæ* (diz Servio) *ponerentur super nudum silicem.*

Tinhaõ os Antigos por cousa certa, que pelos onze dias em que se fazia oraçaõ aos Deoses subterraneos, as almas dos defuntos naõ padeciaõ; e que lhes era licito andar passeando ao redor dos seus sepulchros, e regalarse com os guizados, que achavaõ. Em todo este tempo naõ se celebravaõ matrimonios; estavaõ fechados os Templos dos mais Deoses, porque imaginavaõ, que as sombras passeavaõ, e que tudo era profano. Isto nos quiz dizer Ovidio com estes versos:

Dum tamen hæc fiunt, viduæ cessate
puellæ,
Expectet puros pinea tæda dies.
Di quoque templorum foribus celentur
opertis,
Thure vacent aræ, stantque sine ig-
ne foci,
Nunc animæ tenues, & corpora functa
sepulchris
Errant, nunc posito pascitur umbra
cibo.

Nestes dias Feraes se offereciaõ sacrificios à Deosa *Muta, id est, Muda.* Huma velha feiticeira fazia as ceremonias da festa, acompanhada de muitas moças, que guardavaõ hum profundo silencio todo o tempo do sacrificio. *Macrob. Saturnal. lib. 1. cap. 13. Ovid. Fastor. 2. Feralia, ium, Neut. Plur. Ovid.*

Ferentina. Deosa, adorada dos Roma-

Romanos, assim chamada, porque perto da Cidade de *Ferentino*, hoje Fiorentino, na campanha de Roma, tinha hum Templo. *Tito Liv. Dec.* 1. *livro* 1. *cap.* 50.

Feretrio. Epitheto, que os Antigos derão a Jupiter, tomado do Latim *Ferre*, porque ao seu Templo se levavaõ os despojos dos inimigos; ou do verbo *Ferire*, porque antes de ir guerrear, hiaõ os Romanos pedir aos Deoses, que lhes déssem forças, e valor para desbaratar os seus inimigos. Foy esta ceremonia instituida por Romulo, que depois da derrota, que deu aos Sabinos, dedicou hum Templo a Jupiter Feretrio.

Ferias, ou dias feriados, e festivos. Segundo o uso dos Romanos, havia Ferias publicas, e particulares; as publicas eraõ communs a todo o Povo em geral, as particulares eraõ proprias de certas familias. As Ferias publicas eraõ de quatro sortes; *Feriæ stativæ*, fixas, e immoveis; *Imperativæ*, mandadas, ordenadas; *Conceptivæ*, indicadas, significadas; *Nundinæ*, dias de Feira.

Stativæ, eraõ Ferias immoveis, apontadas no Kalendario, que sempre cahiaõ no mesmo dia do anno; as tres principaes eraõ, as *Agonaes*; as *Carmentaes*, e as *Lupercaes*.

Imperativæ, eraõ as extraordinarias, ordenadas segundo as occasioens, e necessidades da Republica, v. g. para dar graças aos Deoses de algum notavel beneficio, ou para aplacar a ira delles, ou para desviar calamidades publicas: nesta casta de festas entravaõ as procissoens, os jogos, o Lectisternio, ou a cama dos Deoses.

Conceptivæ, eraõ as Ferias mandadas todos os annos para certo dia, segundo a vontade dos Pontifices. Deste numero eraõ as Ferias Latinas, as Paganaes, as Sementinas, e as Compitaes.

Nundinæ, eraõ dias de feira, e de mercados extraordinarios.

Primeiro que Flavio désse ao publico o Kalendario Romano, as Ferias immoveis se publicavaõ pelos Curioens, que pelas Nonas de cada mez, hiaõ saber do Rey dos sacrificios, as festas, que se haviaõ de guardar no discurso de cada mez; e depois as davaõ a saber a cada Curia, ou Parochia. As Ferias imperativas, e conceptivas se manifestavaõ por hum pregoeiro nas Praças publicas, com estas palavras, *Levatio Deûm matris est hodie; Jovis epulum cras est.* Taõ religiosamente guardavaõ os Romanos estas festas, ou Ferias, que (segundo escreve Macrobio) dizia o Pontifice Mucio Scevola, que os profanadores dellas naõ podiaõ ser perdoados, senaõ no caso, que tivessem commettido por imprudencia este delito, e sendo assim, ficavaõ livres, e absoltos, offerecendo hum porco em sacrificio.

Feriæ Latinæ; sua instituiçaõ attribuem alguns Authores aos Consules Sp. Cassio, e Posthumio Cominio, por hum tratado, que fizeraõ com os Latinos, em nome do Senado, e do Povo Romano. Porém Dionysio Halicarnasseo, e outros muitos Authores querem, que Tarquinio o Soberbo fosse o instituidor dellas. Celebravase esta Festa no monte Albano, e no mesmo tempo davaõ huns carros carreiras no Capitolio, e ao vencedor davaõ de beber hum grande trago de Absinthio, com pretexto, que era excellente para a saude. *Latinorum feriis* (diz Plinio) *quadrigæ certant in Capitolio, victorque absynthium bibit; credo sanitatem premio dari honorificè.*

No tocante à etymologia de Feria, saõ varios os pareceres. Huns derivaõ esta palavra da immolaçaõ das victimas; *A' victimis feriendis*, mas tem suas duvidas esta derivaçaõ, porque se bem havia sacrificios nos dias de Ferias, como tambem se naõ trabalhava nas festas dos sacrificios, naõ eraõ as Ferias propriamente destinadas para sacrificar, nem taõ pouco os sacrificios para naõ trabalhar; de mais disto havia Ferias, em que se naõ fazia nenhum sacrificio. Derivaõ outros o nome *Ferias* dos banquetes, que reciprocamente se davaõ, *A' ferendis*

dis

dis epulis; dizem outros, que *Feriæ*, vem de *Festæ*, substantivo originado do adjectivo, *Festus*, do qual usamos fallando em dias de festa, *Dies Festus*. Mas para vir de *Festa* a *Feria*, he necessario dar huma grande volta.

Dar ferias ao entendimento. Descançar do estudo, ou outra aplicação. *Relaxare animum. Cic. Dare remissionem animo. Ex Seneca.*

Fero. Ilhas de Fero. São Ilhas do mar Britanico, ou (segundo a opinião de alguns) do mar de Dinamarca, a cujo Rey pertencem. Das quinze, as principaes são Sudro, Stromo, Ostro, Bordo, Sando. *Insulæ Ferenses.*

Feronia. Deosa da Gentilidade, que presidia nos bosques, e pomares. Chamouse assim da Cidade de *Feronia*, sita ao pé do monte Soracte, onde tinha esta Deidade hum Templo, em cima do monte havia hum bosquete, que lhe fora consagrado. Dizem, que fortuitamente se queimara hum dia este bosquete; e que os moradores espantados deste successo, quizerão mudar o idolo da Deosa para outra parte; mas de repente brotarão novos troncos, estenderãose novos ramos, vestirãose de folhas, e com prodigiosa vegetação tudo reverdeceo. Accrescenta Strabão outra patranha, e he, que os que offerecião sacrificios a esta Deosa, arrebatados da vehemencia do seu espirito, andavão com pés descalços sobre brazas, sem lesão. Os Libertos, ou escravos feitos forros, a tinhão tomado por sua protectora, porque no seu Templo tomavão o chapeo, ou barrete, que era a insignia da recuperada liberdade. Segundo a opinião de Servio, Feronia, e Juno erão a mesma Deosa. *Strabo livro 5. Feronia, æ, Fem.* He de Virgilio, que no livro 7. da Eneida diz:

Et viridi gaudens Feronia luco.

Ferreiro. João de Barros no terceiro tomo das suas Decadas, livro 4. cap. 2. mihi pag. 88. col. 1. fallando nos Povos da Ethiopia, diz dos Officiaes Ferreiros o que se segue. (He tão estranha cousa entre elles algum artificio, do pouco uso, que têm da policia, que atè hum Ferreiro, que lavra o ferro para suas necessidades, tem por cousa, que se faz por arte diabolica; e por esta causa são entre elles infames; e se acertão de ver pela manhãa hum Ferreiro, e adoecem naquelle dia, dizem, que do olho do Ferreiro lhe veyo aquelle mal; e chega esta ignorante opinião a tanto, que vivem estes Ferreiros quasi apartados do consorcio da outra gente, e não os deixão entrar nas Igrejas.)

Ferreri, ou Ilha do ferro. Vid. Ferro.

Ferrete. Cidade de Alemanha, na Alsacia, com titulo de Ducado, tres legoas de Basilea.

Ferro. Ilha do Ferro na Africa, he a mais Occidental de todas as Ilhas Canarias. He muito nomeada pela arvore, da qual dizem, que corre agoa para os moradores, que em toda a Ilha não tem com que apagar a sede. Verdade he, que os Authores fallão muito diversamente nesta materia. O que nella posso affirmar he, que na parte nona da Historia da India Oriental, impressa em Francfort na Officina de Vulfando Richtero, anno de mil e quinhentos e doze, entre as estampas, abertas por João Theodoro de Bry, tenho huma, em que se representa a dita arvore cercada de huma nuvem com agoa, que das folhas continuamente destilla, e com muita gente, que debaixo da arvore recolhe nos seus vasos a agoa, que cahe. O letreiro da dita estampa diz assim: *Inter Canarias Insulas, quædam est* El Ferro *dicta, aquâ dulci, & potabili planè destituta: ne tamen penuria ejus hominibus, reliquisque animantibus exitio sit, Deus defectum ejus ita supplevit. Reperitur in Insula arbor quædam ingens admodum, & procera, ca nube obscurâ perpetuò involuta, & concecta latet, unde folia tantum contrahunt humoris, ut aquam perpetuâ destillatione fudent, atque profundant. Itaque incolæ vasa omnis generis, vel ramis appendunt, vel sub arbore collocant, ut aquam*

aquam inde excipiant, & ad usus necessarios adhibeant, quod quidem miraculum Dei non exiguum existimandum est.

Fervedouro. Vid. tomo 4. do Vocabulario F.

Fórma tal Fervedouro *de querelas.* Obras Metric. de D. Franc. Man. Canfonha de Euterp. pag. 150.

Fervenças de Avila. He o nome de hum lugar na Cidade de Avila, aonde ElRey de Aragaõ Affonso VI. mostrou o grande odio, que tinha aos Castelhanos, mandando cozer as cabeças dos que havia feito fazer pedaços. Prudencio de Sandoval, Bispo de Pamplona, na sua Historia dos Reys de Castella, e Leaõ, contando esta barbara atrocidade, diz assim, pag. 117. (Por esto dizen los de Abila, que el lugar, donde fue este hecho inhumano, se llamò el lugar de las *Fervencias*, por haver hervido, y cozido las cabeças de sus nobles ciudadanos. Si bien es verdad, que alli ay unos mananciales de agua, que parecen estar herbiendo.)

FES

Festa. Tinhaõ os Romanos muitas festas, como consta do seu Kalendario, e com grande observancia as guardavaõ. Nos dias das expiaçoens, e lustraçoens dos campos, naõ havia obras de mãos, como o nota Tibullo.

Quisquis adest, faveat, fruges lustramus, & agros.
Omnia sunt operata Deo, non audeat ulla
Lanificam pensis imposuisse manum.

Porém faz Virgilio mençaõ de alguns leves exercicios, que (segundo elle dá a entender) naõ eraõ prohibidos em dias de festa.

Quippe etiam festis quædam exercere diebus
Fas & jura sinunt; rivos deducere nulla
Religio vetuit; segeti prætendere sepem,
Insidias avibus moliri, incendere vepres,
Balantumque gregem fluvio mersare salubri.
Sæpe oleo tardi costas agitator aselli,
Vilibus aut onerat pomis.

Georgic. lib. 1. vers. 270.

Nenhum destes exercicios parecia incompativel com a celebridade das festas. Tambem tinhaõ os Romanos suas oitavas, e novenas. Para a provar, basta o lugar de Polybio, onde diz, que para darem graças aos Deoses da vitoria, que tiveraõ em huma batalha naval, foy ordenado, que pelo espaço de nove dias cessaria o trabalho manual.

Festeiro. Aquelle por cuja conta, e agencia corre a festa. *Qui festo agendo, vel celebrando præest.*

FEV

Fevereiro. Naõ se acha este mez no Kalendario de Romulo, no qual o anno era só de dez mezes. Mas no reynado de Numa Pompilio, foy o Kalendario reformado a primeira vez. Tinha este Principe tido trato particular com Pythagoras, que lhe havia ensinado muitas cousas concernentes à Astronomia, das quaes se valeo particularmente nesta materia, seguindo com bastante pontualidade a ordem, que os Gregos haviaõ guardado na distribuiçaõ dos tempos. Verdade he, que em lugar de trezentos e cincoenta e quatro dias, que estes davaõ aos seus annos communs, deu elle ao seu anno trezentos e cincoenta e cinco, só para que fosse impar o numero; e isto por huma superstiçaõ emanada dos Egypcios, que tinhaõ aversaõ aos numeros pares, imaginando, que eraõ infelices. E assim tirou Numa hũ dia de cada hum destes seis mezes, *Abril*, *Junho*, *Sextil*, (que era o sexto mez do anno, principiando por Março, e depois foy chamado *Augustus*) *Setembro*, *Novembro*, e *Dezembro*, aos quaes tinha Romulo dado trinta dias, para que naõ tivessem mais que vinte e nove, deixando aos mais os trinta e hum dias, que tinhaõ. Depois accrescentando estes seis dias a cin-

cincoenta e hum, que faltavaõ no anno de Romulo de trezentos e cincoenta e quatro dias, para chegar ao seu de trezentos e cincoenta e cinco, fez cincoenta e sete dias, que elle repartio em outros dous mezes, que elle poz diante do mez de Março, a saber, Janeiro de vinte e nove dias, e Fevereiro de vinte e oito. Naõ se lhe deu, que este ultimo mez tivesse dias de numero par, porque o tinha destinado para os sacrificios, que se faziaõ aos Deoses infernaes, aos quaes este numero, como infausto, devia pertencer. Chamoulhe *Februarius*, alludindo ao Deos chamado *Februus*, que presidia nas purificaçoens, ou por causa de Juno, cognominada *Februa*, *Februata*, ou *Februalis*, porque em honra sua della se celebravaõ os *Lupercaes*, nos quaes as mulheres eraõ purificadas pelos Sacerdotes de Pan, ou Lyceo, chamados *Lupercos*.

Nas Kalendas, ou no primeiro dia deste mez cahia a festa de Juno Sospita, que tinha hum Templo no monte Palatino junto àquelle da grande mãy dos Deoses. Naquelle mesmo dia celebravase a festa do *Bosque do Asylo*, chamada Lucaria, que Romulo havia instituido para povoar de moradores à sua nova Cidade; e no mesmo dia se fazia hum sacrificio nos Templos de Vesta, e de Jupiter Tonante, a quem se immolava no Capitolio huma ovelha de dous annos. Muitas outras festas, cujos nomes eraõ *Charistia*, *Terminalia*, *Vinalia Priora*, *Regifugium*, *Equiria*, &c. se celebravaõ no dito primeiro dia de Fevereiro.

FIA

Fiadilho. He hum retroz baixo, por outro nome, borta de seda, com a qual se guarnecem os atafaes das albardas.

Fiambre. Vid. no tomo 4. do Vocabulario. Já que fiambre he comer de carne fria, em antes differa Friambre, que Fiambre. Mas ordinariamente mais póde o uso, que a razaõ.

FIC

Ficar. Vid. tomo 4. do Vocabular.

Triste vida, e carregada
Quem queres tu que a deseje
Vá se ella a donde he rogada,
Que eu te Fico, que sobeje
Aquelle em que mal fadada.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Canfonha de Euterpe, pag. 71. col. 1.

FID

Fidalgo. Vid. Fidalguia.

Fidalguia. O Padre Fr. Fradique Spinola na 3. parte da sua Eschola Decurial, Decuria 3. liçaõ 9. deu a esta palavra huma notavel etymologia, que até agora só neste seu livro achey. Diz assim. (Teve principio este nome (*Fidalguia*) de hum Varaõ illustre, chamado *Fidal*, casado com huma Senhora, por nome *Guia*. Eraõ estes dous, além de illustres, de grande estado, e muy conhecidos, taõ conformes nas vontades, que foraõ o que Deos quer que sejaõ, &c. e taõ sabios, e de natural industria, para as cousas do genero da Republica, que lhe deraõ o governo de Roma; no qual se houveraõ com tanta prudencia, e sagacidade, que lhe rogaraõ escrevessem alguns documentos à cerca do bom regimen, o que fizeraõ naõ só do governo da paz, mas tambem para a guerra, e Cavallaria, e a estes seus escritos chamaraõ os Romanos *Fidalguia*, tomado dos nomes de ambos. Os mais generosos vendo, que por este nome *Fidalguia*, se davaõ a conhecer as obras, e lellos Heroes, lançaraõ maõ delle dizendo, que por suas obras lhes era devido o nome de *Fidalguia*, e se vieraõ a chamar *Fidalgos*, e com razaõ porque Fidalgos naõ tanto os pays illustres, como as acçoens generosas saõ os que os fazem.) No tempo, que eu estive no Real Mosteiro de Alcobaça, tive muita amizade com este Padre, e sempre me pareceo muito amigo da verdade; supponho, que naõ

naõ inventou esta etymologia, mas atè naõ achalla em Author antigo fidedigno confesso, que sempre a tercy por patranha.

Fidelidade. He o nome de huma Ordem Militar, instituida por Federico III. Rey de Dinamarca, anno de 1670. He esta Ordem composta de dezanove principaes Cavalheiros, e Ministros do Reyno. A sua insignia, he huma Cruz branca, pendente de huma fita branca, e vermelha, em memoria da que (segundo dizem) milagrosamente appareceo a Valdemaro II. quando andava em guerras com os Gentios na Livonia. *André da Roca.*

Fidio. Certo Deos, que os Romanos, e os Sabinos consideravaõ como protector da boa fé, com que os homens devem obrar no trato da vida humana. Tinha hum Templo em Roma no monte Quirinal, no qual cada anno celebravaõ em sua honra huma festa nas Nonas de Junho. Na dita Cidade ainda se vê o seu simulacro, aberto em huma pedra de marmore. Saõ tres figuras debaixo de huma especie de pavilhaõ, ou docel. A' maõ direita està a honra, em figura de homem de meya idade; à maõ esquerda fica a verdade em figura de mulher coroada de louro, dando a maõ à honra, e a honra lhe dá a sua; no meyo dellas apparece o amor em figura de menino com esta letra, *Simulachrum Fidii.* Era este Nume particularmente venerado debaixo dos nomes *Sanctus*, *Sabus*, e *Semipater*. *Fidius*, *ii*, *Masc.*

FIL

Filaça. He tomado do Francez *Filasse*, que saõ fios de linho canhamo, cardados, e preparados para a roca; mas parece, que por *Filaça*, entendem os Portuguezes o mesmo, que os Castelhanos por *Hilaza*, que (segundo Cobarruvias) *Es el filo, que sale gordo, y desigual.* (Hum pedaço de filaça, com tantos nós. Brito Viagem do Brasil, fol. 61. num. 8.)

Filaça. *Linum crassius*, ou *crassioris lini fila*, *orum*, *Plur.*

Filhadalgo. Vid. Fidalga. (Esta Dona era muy filhadalgo. Vida do Condestable Nuno Pereir. pag. 3. col. 1)

Filipendula, ou Felipendula. Erva, assim chamada, porque as cabecinhas da raiz desta planta, parecem pender de huns fios. Ella nas folhas se parece com a pimpinella saxifragia; porém saõ mais estreitas, e mais retalhadas, e ficaõ quasi emparelhadas. Do meyo dellas se levantaõ huns talos, duros, encanados, redondos, tirantes a vermelho, sustentando na sua summidade huns ramalhetes, nos quaes cada flor tem seis folhas brancas por dentro, vermelhinhas por fóra, em figura de rosas, em que tem maõ hum calix adentado, ou franjado. A raiz desta erva he usada na Medicina, porque he attenuante, detersiva, e diuretica, boa para colicas ventosas, e para almorreimas. *Filipendula*, *æ*, *Fem.* Ha duas castas della. *Filipendula angustifolia*, e *Filipendula maior.* Chamaõlhe alguns com nome Grego, que quer dizer *Flor de vinha*; mas (como advertio Chabreo na sua Sciagrafia, pag. 407. col. 2.) Oenanthe, he palavra muito equivoca, porque tambem significa, *Flor de Labrusca.* Vid. *Domestica*, humas flores silvestres, chamadas dos Erbolarios Latinos *Armerias*, e a flor a que chamaõ *Lilium convallium.* (Tomaraõ huma erva, a que chamaõ *Felipendula seca.* Alarte, Agricult. das vinhas, cap. 18. pag. 153.) O Padre Bento Pereira, sobre a palavra Oenanthe na sua Prosodia diz: *Filipendula.*

Filistria. Aventura. Industria perigosa. Termo do vulgo.

FIN

Finanças. He tomado do Francez *Finances*, que val o mesmo, que *Fazenda Real*, ou o dinheiro, que procede das sizas, alcavalas, e tributos, que se pagaõ ao Principe. Os Etymologicos Francezes Cesanove, e Menage derivaõ a palavra

lavra *Finance* de *Finis*, que antigamente em Latim barbaro significava a promessa de dar huma tal somma de dinheiro, e segundo a opiniaõ de Ducange, chamaraõlhe *Finis*, porque *Finance*, *est pecunia*, *quâ exsoluta lis finitur*. E assim no idioma Francez, *Finer*, significava *Cobrar*, *Arrecadar*, *e fazer forçosamente huma composiçaõ de dinheiro com alguem*. Temos Author Portuguez, que aportuguezou a palavra *Finances*, em *Finanças*, mas he quando falla na *Fazenda Real* dos Reys de França, e só neste caso me parece poderá ser licito o uso do dito vocabulo. (Haviase esgotado aquelle manancial caudalosissimo das *Finanças*, convertendose o dinheiro, &c. Joaõ Ribeiro Cabral, Vida do Cardeal Mazarino, pag. 87.)

FIO

Fio. Vid. tom. 4. do Vocabulario.

Olhai o bom Portuguez
Sempre foy como o bom pano
Bem que o Tozador errado
O toze com desvario;
Mais poido, *e mais çafado*
Mostra o Fio *mais delgado*
Mas que esteja por hum Fio.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Çanfonha de Euterp. pag. 101. col. 1.

FIT

Fiteira. (Tiraõ para Fiteira, que para este effeito tem Fr. Jacint. de Deos, Vergel, &c. 200.)

Fivela. Na 5. parte das cousas memoraveis de Pancirolo, pag. 159. acharás hum Tratado das fivelas dos Antigos. Tit. 44.

Fivelado. Prezo com fivela. *Infibulatus*, *a*, *um*. Vid. *Fivela*.

Das aljavas pendentes
De cordoens, *ou correas* Fiveladas.

Man. de Far. e Sous. tomo 4. da Fonte de Aganip. Eccleg. 5. 66.

FIU

Fiusa. Vid. tom. 4. do Vocabulario. (Esta Fiusa ouve sempre em vós. Vida do Condestable Nuno Pereir. pag. 9. col. 3.) Neste mesmo sentido os Castelhanos (segundo Oudin no seu Diccionario) dizem *Fiusia*, mas he palavra antiquada. Na Vida delRey Dom Joaõ o I. parte 2. cap. 141. escrita por Fernaõ Lopes, se vê claramente, que Fiusa he confiança, onde diz: Esperava em Deos com firme *Fiusa*.

FLA

Flamengo. Vid. tomo 4. do Vocabulario.

Flamengo. Prato de mediana grandeza. Na Gazeta de Portugal do anno de 1723. achará o Leitor esta palavra neste sentido.

Flamine. Havia duas classes de Flamines; os Flamines grandes, estes eraõ Patricios; e os Flamines pequenos, estes eraõ do Povo. O *Flamen Dialis*, que era superior a todos, lograva grandes honras, e privilegios. Tinha seu Lictor, assentavase em cadeira de marfim, vestia opa Real, e trazia anel de ouro. Entrando na sua casa algum criminoso, e lançandose a seus pés, livravao das mãos da justiça; era elle o que benzia os Exercitos, e traçava conjuraçoens; naõ podia exercer cargo algum na Republica, todo o seu tempo era consagrado ao culto de Jupiter. O seu barrete era feito da pelle de alguma ovelha branca, que elle tinha sacrificado ao dito Nume. Na summidade do barrete trazia hum raminho de oliveira, atado com huma fita. Dos outros Flamines se fazia a eleiçaõ nas Curias, o seu Pontifice os sagrava a todos. Naõ lhe era licito montar cavallo, nem jurar, nem pernoitar fóra da Cidade. Morrendolhe a mulher, era obrigado a largar o Sacerdocio. Ao pé de huma planta, chamada Lentisco, enterravaõ as aparas das suas unhas, e os cabellos, que lhe cortavaõ, *Subter arborem*

rem filiquam, terra operiantur. Naõ lhe era permittido pôr a maõ em cabra, lebre, nem em favas. Naõ punha pê em casa, onde havia defuntos, e era obrigado a mudar de camiza às escondidas, para que naõ o visse Jupiter em couros. *Tito Livio Aul. Gell. livro 10. cap. 15. Rosin. Antiquit. Roman. livro 3. cap. 15.*

Flaminica. A mulher do Flamen, ou Flamine Dial. Gozava como elle a dignidade Sacerdotal; e era obrigada a observar as mesmas ceremonias, que elle. Naõ lhe era licito pentear, nem compor os cabelos, quando no mez de Mayo hia assistir à festa dos Argeos, porque entaõ trazia luto. Seu principal adorno era huma banda, ou camarabando de purpura, franjado ao redor. A sua criada le chamava *Flaminia*, e os criados de seu marido, *Flaminii Camilli.*

Flandrisco, ou Frandisco, (como vulgarmente dizem muitos. (Aço Flandrisco chamaõ os Ferreiros ao que vem de Flandes. *Chalybs Flandricus.*

Flato. Metaforicamente, brio, vaidade, orgulho. Vid. no Vocabulario.

E com fitas de peso lhe apertaraõ
A cabeça por quanto imaginaraõ
Que o vento a levaria
Porque o Flato *de noiva a conduzia.*

Au ómo de Lima Barros, obras varias a certa viuva, pag. 87.

Flávia. Cidade de Hespanha Tarraconeza, (segundo Ptolomeo) mas Baudrand a poem perto de Galliza. Querem alguns, que hoje seja *Fuensia*, Castellejo nos confins das Asturias, na opiniaõ de outros he *Bivadaria*, sobre o Minho, na visinhança de Portugal.

Flavia. He outra Cidade, que (segundo alguns) he a Cidade principal dos Heduos, na Gallia antiga. Outros se persuadem, que he Flavigny, Cidade de Borgonha, entre Dijon, e Semur. *Ferrarius.*

Flavinhy. Cidade de França na Provincia de Borgonha. Chamaõlhe alguns *Flavia Æduorum*, que parece mais proprio para *Autun.* Seu nome mais certo he *Flaviniacum, i, Neut.*

Flavona. Cidade da Illyria, em hum monte, em que se vê huma fonte, que faz andar vinte e dous moinhos, antes de chegar à planicie. Chamaõlhe outros *Flammona. Leand. Alberti, Descripçaõ de Italia.*

FLE

Flexibilidade. Facilidade em se deixar dobrar. No sentido natural, eu differa *Flexilis*, ou *flexilis alicujus rei firmitas, atis, Fem. Flexibilitas*, naõ se acha em bons Authores Latinos.

Flexibilidade de condiçaõ. Tem huma notavel flexibilidade. *Ingenio est tenero, ac flexibili, quod sequitur quocunque ducas. Flectitur ejus indoles in quamvis partem sine vi. Cereum, teneriorem que ipsius animum arbitratu tuo finges.*

FLO

Flor. Vicio do vinho, depois de cozido. (Para o vinho naõ fazer *Lia*, a que chamaõ *Flor.* Alarte, Agricultura das vinhas. Vid. Lia, no 5 tom. do Vocabulario.

Flor. Nas Rimas de Camoens achará o Leitor os sentidos das flores.

Floraes. Festas instituidas em honra, e memoria de Flora. Vid. Flora.

Floraõ. Carruagem, cuja invençaõ vem de Castella, ou do Norte. He mais segura que coche, porque tem a caixa assentada entre dous varaes; e a caixa do coche, sem embargo de estar sobre huma viga, que prende do jogo dianteiro com o de traz, naõ descança nella; mas fica sobre correoens. (Tornou a mandar hum rico *Floraõ*, que lhe tinha mandado. Gazeta de Lisboa 26. de Junho, de 1721. pag. 208.

Floreta. Termo de dança. He no sarao huma volta, que se dá com a perna no ar. *Suspenso pede saltatio in orbem*, ou *in gyrum.*

Floripondio. Segundo Cesar Oudin no seu Diccionario Castelhano, e

Fran-

Francez, he huma arvore da India Occidental, que dá bellas flores, que se parecem com as da Olaya.

FLU

FLUCTISONANTE. Termo Poetico, composto do Latim *Fluctus*, Onda, e *Sonans*, cousa, que soa. *Fluctisonus*, ou *Undisonus, a, um*, este ultimo he de Propercio, que diz:

Cogor & undisonos nunc prece adire Deos.

Derivado raudal Fluctisonante. Man. de Far. e Sous. Fabul. de Narciso, e Ecco, Estanc. 3.

FLUENTE. He tomado do Latim *Fluens*, que val o mesmo, que Fluido, ou corrente, fallando em agoa, ou outro licor. *Fluens, tis, omn. gen.* He de Virgilio, que no livro 11. da Eneida diz:

——— *Ad terram non sponte fluens.*

Tributario Fluente, *e falso assento,*
Com taças de cristal, liquido argento. Manoel de Far. e Sous. Fab. de Narciso, e Ecco, Estanc. 6.

FOC

FOCHIEN, ou Fokin. Provincia da China, sita ao longo do mar, entre as de Chequian, e Canton. A Metropoli, he Fochen, aonde ha huma Corte de Mandarins.

FOCINHADA. Pancada, que se dá com os narizes. Golpe, que se dá com os focinhos no chaõ, ou na parede. Dar huma focinhada na parede. *Nares parieti*, ou *in parietem impingere*, ou *illidere*.

FOG

FOGIA. Pequena Cidade de Italia no Reyno de Napoles, na Provincia de Capitanata. Fica a par do rio Cervaro, sete, ou oito legoas do mar Mediterraneo.

FOGO. Vid. tom. 4. do Vocabulario.

Fogo Grego. Vid. mais abaixo Grego.

Fogo. Que se naõ apaga. Na sua Viagem da Persia, livro 2. pag. 299. escreve Thomás Herbert, que perto da Cidade de Samarchant, no monte *Albors*, ha hum Templo dedicado ao fogo, que desde mil e quinhentos annos está ardendo. No meyo do dito Templo pequeno, e baixo, ha hum Altar, ao qual por cinco degraos se sobe, e diante delle ha huma abertura, em que se guarda este notavel fogo; naõ he elle material, nem elemental, que de materias combustiveis se alimente. Neste lugar sacrificaõ os da terra seus filhos, e algumas vezes homens de idade; todos cuidaõ, que com este sacrificio se vay direito ao Ceo. No dia destinado para esta cruel ceremonia, ajuntase a gente na porta do que se quer queimar, sahe cuberto de flores; poemse em huma mulla, o *Jesop*, ou Sacerdote o unta com hum oleo mysterioso, lançase no fogo, e em hum instante fica reduzido a cinzas. Primeiro que os filhos deste martyr se recolhaõ, e antes de estar acabada a Musica, o dito Sacerdote, depois de fallar com o diabo, os exhorta a preparar hum banquete para certo dia em que o espirito, ou alma de seu pay, os virá ver; aos tolos cada instante da dilaçaõ deste gosto lhes parece huma eternidade. Chegado o dia, tomando a figura do pay delles, entra o diabo no lugar em que estaõ comendo com os amigos, e fica algum tanto distante da mesa, fazemlhe perguntas sobre a bemaventurança, que logra: responde, que certamente naõ ha lugar mais delicioso, que o paraiso; mas, que naõ póde entrar nelle; e vendo, que se admiraõ da impossibilidade, continua dizendo, que a razaõ disto he, que naõ compriraõ perfeitamente a sua ultima vontade, e que para ser completamente felice, he preciso, que da sua herança se façaõ tres partes, huma para o Altar, outra para o Sacerdote, e a terceira para seus filhos, e depois de encomendarlhes a execuçaõ disto, desapparece.

Outros Adagios Portuguezes do Fogo.

Amor, fogo, e tosse a seu dono descobre. Assim medre meu sogro, como crò detraz do fogo. Hum ovo ha mis-

ter fal, e fogo. Fogo vifte lingoiça. Naõ compres do ladraõ, nem faças fogo de carvaõ. O homem he fogo, e a mulher eftopa; vem o diabo, e affopra. O Fidalgo, e o galgo, e o raleigo do fal, junto do fogo os haõ de achar. Naõ deiteis azeite no fogo. Nem Dona fem Efcudeiro, nem fogo fem trasfogueiro. Fazenda de fobrinho, queimea o fogo, ou levea o rio. Por fogir do fogo, cahio nas brazas. Por Natal ao jogo, e por Pafchoa ao fogo. Do fogo te guardarás, e do mao homem naõ poderás.

FOGUETE de repofta. Vid. Repofta.

FOGUETEIRO. O Padre Defchales, na Pyrotheenica do feu Mundo Mathematico, pag. 53. lhe chama *Pyrobolifta*, *æ*, nome Grego, inventado por elle.

FOI

FOIKIAO, ou Foqnexus. He o nome de huma Seita da Religiaõ dos Japoens. O Author della foy Xaca, que a eftes Idolatras deu a entender, que para ir ao Ceo, baftava pronunciar muitas vezes eftas cinco palavras, *Nama*, *Mio*, *Faren*, *Qui*, *Quio*, das quaes até agora nenhum homem da dita Naçaõ pode entender o fentido. *Kirker*, *China Illuftrata*.

FOL

FOLGANÇA. Vid. tomo 4. do Vocabulario.

FOLHA. Vid. tomo 4. do Vocabul.

Folha, termo da carregaçaõ do fal de Setuval. He huma folha de papel, porque fe coftumaõ defpachar os navios, na qual vaõ carregados os moyos, que cada dono de marinha carrega à nao, a que fe dá a dita folha. (E fem embargo de que pelos livros, e *Folhas* da repartiçaõ confte evidentemente toda a quantidade do fal, &c. Regimento do Sal de Setuval, cap. 84.) Dizer à folha, ou dar a folha, he fazer na mefma folha do defpacho declaraçaõ o dono da marinha dos moyos de fal, que entregou, e dinheiro, que recebeo, &c. (E moftrando pelos carregadores, que os donos do fal embarcado tem *dito à folha* per fi, ou por feus Procuradores, &c. Regimento do Sal de Setuval, cap. 34.)

FOLHAÕ. Cavallo folhaõ. (Hia em hum cavallo folhaõ, e que fe hia pondo fobre as pernas. Diogo do Couto, Dec. 5. fol. 145. col. 4.)

FOLHETA. De ouro.

FOLINHO. Cidade Epifcopal de Italia na Umbria, ou no Ducado de Spoleto, fobre o rio Topino. Vid. Fulinho, mais abaixo.

FOLLE. Vid. no tomo 4. do Vocabulario. Erguer os folles. *Folles inflare*, ou *Folles inflandis organis movere*.

Os Folles da vaidade
Na Aldea cá naõ nos ergas,
Voltaos lá para a Cidade.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Canfonha de Euterp. pag 63. col 1.

FON

FONDI. Cidade Epifcopal de Italia, caminho de Roma na entrada do Reyno de Napoles. No anno de 1594. foy faqueada pelos Turcos. Muito antes havia fido deftruida pelos Piratas, debaixo do mando de Barbarroxa. Dizem, que Julia Gonzaga, viuva de Vefpafiano Colona, fora a caufa defta ruina. Era efta Princeza huma das bellas Damas do feu tempo. Tentou Barbarroxa roubala, para fazer della hum prefente a Solimaõ. Para efte effeito, mandou de noite humas tropas. Mas ficou fruftado o intento; porque ao eftrondo, que os moradores fizeraõ, acordou efta Senhora, e em camiza a cavallo fugio. Os Piratas raivofos do fucceffo, puzeraõ fogo à Cidade. Depois defte incendio foy reedificada.

FONING. Grande Cidade da China, na Provincia de Fokien. No arrabalde de Tingteu, que he huma das Cidades, que dependem de Foning, ha huma Igreja de Chriftãos. O monte de Taleo he notavel, porque no Outono fahe delle hum ribeiro, cuja agoa he azul, e aos

pallos,

panos, que nella se lavaõ, dá a mesma cor.

Fontarabia. Vid. tom. 4. do Vocabulario, Fonterabia.

Fontenai, ou Fontené. Villa de França, na Provincia de Borgonha. He celebrada pela grande batalha, que nos seus campos se deu anno de 841. pelos quatro filhos de Ludovico Pio, *Carlos o Calvo*, e *Luiz o Germanico* de huma banda, e *Lothario*, Emperador, com *Pepino*, filho de seu irmaõ do mesmo nome, da outra. Todas as forças de França com todos os melhores Cabos estavaõ com estes quatro Principes, que com a sua presença os animavaõ. Foy a peleja taõ renhida, e taõ sanguinolenta, que morreraõ nella mais de cem mil homens. Desde o seu principio naõ teve a Monarchia de França taõ grande perda, nem até agora se derramou em batalha alguma tanto sangue Francez. Os dous irmaõs moços Carlos, e Luiz sahiraõ vitoriosos. *Du Chesne na indagaçaõ das antiguidades de França*.

Fonte dos Amores. No Claustro do antigo Convento das Religiosas de Santa Clara, edificado pela Rainha Santa Isabel, nas margens do Mondego, havia hum tanque, em o qual desaffogavaõ muitas fontes por differentes figuras, e a mayor esguichava pela boca de huma serpe, enroscada no braço de huma Ninfa. Vinha a agoa de fóra, por hum cano, que se chamou *Dos Amores*, por razaõ de huma fonte deste nome, onde tem o seu principio. Na sua Historia Serafica, parte 2. pag. 35. O Padre Fr. Manoel da Esperança, com a authoridade de huma Escritura do anno de 1360. refuta a opiniaõ, e fabula do vulgo, que nos quer persuadir, que pela levada do dito cano, remetia o Infante D. Pedro os seus escritos d'amores a Dona Ignez de Castro, e que por esta razaõ tem o dito appellido.

Fontinaes. Festas, que os Romanos celebravaõ aos 13. de Outubro, em honra das Ninfas das fontes, e dos poços. Consistia a ceremonia em lançar ramalhetes nas fontes, e pôr sobre os poços coroas. O Templo em que se offereciaõ os sacrificios desta festa, era junto da porta Capena, que por isso foy chamada *Porta Fontinal*. Hoje lhe chamaõ *Porta de S. Sebastiaõ*. *Varro, De ling. Latina, lib. 5. Fontinalia Sacra*.

FOR

Forças. Postura, que na viola se faz com os dedos todos juntos, e se chama assim, porque para fazerse, necessita de força.

Foreca. Palavra antiquada. Era o mesmo, que caderno. Achase na doaçaõ delRey D. Fernando a Alcobaça.

Foriculo, ou Forculo. Deos da Gentilidade, inventado dos Romanos, e constituido para guardar as portas, que elles chamavaõ *Fores*, donde lhe veyo o nome. Aqui he necessario advertir, que a palavra Latina *Fores*, significa só o que tapa a entrada da porta, quer seja pao nas portas de madeira, quer seja ferro nas portas de ferro; a abertura pois por onde se entra, e sahe, he o que propriamente se chama *Porta*. Supposto isto, a superintendencia deste Deos Foriculo, era fechar, ou tapar esta abertura. Porque para a superticiosa Gentilidade havia outro Nume, para guardar o lumiar, ou limiar da porta, que he o chaõ onde se poem o pé quando se entra. Tambem havia outro, para presidir no que chamamos couceiras. O Deos do chaõ, ou limiar da porta se chama *Limentinus*, porque este chaõ se chama *Limen*, e para as couceiras havia huma Deosa chamada *Cardea*, ou *Cardinea*, porque *Cardo* em Latim he couceira. (Naõ se contentaõ (diz Santo Agostinho) de pôr para guardar a sua casa hum só porteiro, porque este porteiro he homem. Os Idolotras constituiraõ para este officio tres Deoses. Pozeraõ ao Deos *Forculo* na porta, a Deosa *Cardinea* nas couceiras da porta, e no limiar della ao Deos *Limentino*. O Deos Forculo naõ era capaz para guardar juntamente tanta cousa, a porta,

porta, as coucciras, e o limiar della) *Santo Agostinho livro 4. da Cidade de Deos, cap. 8.*

Formaõ. Vid. tomo 4. do Vocabulario.

Formaõ. Vid. Salvoconduto; tomo 7. do Vocabulario. (Dizem, que tinha Formaõ do Graõ Turco, para poder ir por terra, para o Reyno, e levar, &c. Diogo do Couto, Dec. 8. cap. 15. fol. 48. col. 4.) (Se lhe passou hum Formaõ com letras grandes, e fermosas, em que perdoava ElRey, &c. Couto Dec. 6. cap. 7. livro 7. fol. 171. col. 1.) (Huma carta delRey, a que chamaõ Formaõ. Barros, Dec. 4. fol. 337.)

Formia, ou Formias. Cidade de Italia, na Campania maritima, perto de Gaeta. Antigamente foy habitada de huns Povos barbaros, e antropofagos, chamados *Lestrigones.* Horacio lhe chama *Formiæ, arum*, no plural. Marcial diz *Formia æ*, no singular, liv. 10. Epigram. 30.

O temperatæ dulce Formiæ litus.

Formidando. He tomado do Latim *Formidare.* Temer muito. Vid. Formidavel.

—— *Todo o valor dos Povos dilatados*
Da Formidanda *Europa.*

André da Sylv. Masc. Destruiç. de Hespanha liv. 3. Oit. 14.

Formidoloso. He palavra Latina de *Formidolosus, a, um*; que tem duas significaçoens, activa, e passiva; em significaçaõ activa, quer dizer *Timido*; em significaçaõ passiva, quer dizer *Temido*, ou muito para se temer, e assim *Bellum formidolosissimum*; em Cicero quer dizer guerra, muito para temida, ou que causa grande medo: na lingua Portugueza temos exemplos destes dous significados; do primeiro nestes versos de Manoel Tavares, Ramalhete juvenil, 55.

——— *Por campina espaçosa*
Nunca a designios teus Formidolosa.

Do segundo em Francisco Barreto Landim, *Vida de S. Joaõ de Deos, fol. 77. vers.*

E tu Formidoloso, *e graõ gigante,*
Que de taes ruinas adornaste a fronte
Vertebas cahido, triste, e lacrimante.

Fornacaes. A festa dos fornos. Celebravase em Roma esta festa, em memoria dos fornos antigos, nos quaes se assava o trigo, antes da invençaõ de o moer para fazer paõ. Nesta festa se offereciaõ sacrificios à Deosa *Fornax*, como em agradecimento do bom uso dos fornos, para nelles cozer o principal sustento da vida humana. Faziase esta festa aos 18. de Fevereiro. *Fornacalia, ium, Neut. Plur. Plin. lib. 18. cap. 2.*

Fornada. O muito vinho, que se tem bebido. Em frase chula se diz: vá cozer a fornada. *Edormi crapulam, & exhala. Cic. 4. Academic. 52. Haustum copiosius temetum, somno decoque.*

Fornice, ou Forniz. He palavra Latina de *Fornix, icis*, que quer dizer arco, ou abobeda. (Tem oito portas, que saõ oito espaçosas Fornices, e olhais. Fr. Jacint. de Deos, Vergel de &c. 244. Na pag. 251. diz: Tres fornizes.

Fornimento. Taboas de borilo. Vid. Furnimento, tomo 4. do Vocabulario.

Foro. Vid. tomo 4. do Vocabulario.

Foro limitado. Na India Portugueza se chamaõ as propriedades, e fazendas, que pagaõ certo foro annualmente à gancaria, ainda que a terra naõ renda nada, e naõ entra a ganhos, e perdas.

Foro corrente. Na India Portugueza saõ aquellas fazendas, e propriedades, que entraõ a ganhos, e perdas, e nellas se reparte o proveito das vargeas, e naõ abrangendo, se paga a perda pelos frutos das propriedades, e tem certo numero, que se chamaõ *Tangas de Vanti*, naõ ha tangas do cunto, por serem annexas às vargeas as mesmas fazendas de foro corrente.

Foro juzgo. He o nome de humas leys, que se assentaraõ no decimosexto Concilio Toledano na Igreja de S. Pedro, e S. Paulo, no qual ElRey Godo Egica, solicitou os Bispos sobre a reformaçaõ das Ordenaçoens do governo publico.

publico. *Ambrosio de Morales*, lib. 12. cap. 61. *Monarchia Lusitana*, tomo 2. livro 6. cap. 29. fol. 256. col. 4.

Estar posto em foro de fazer huma cousa. *Jus habere aliquid faciendi.* He imitaçaõ de Quintiliano, que diz: *Habere jus abdicendi.* (Estaraõ postos em foro de, &c. Barros, Dec. 5. fol. 609.

FORSURA, ou Forçura. He corrupto de Fressura. Vid. mais abaixo Fressura. No Patio das Comedias, aos assentos da mediana nobreza, ou dos que querem parecer della tal, ou qual jerarquia, lhes chamaõ *Forçuras*, porque estaõ no centro do Patio, como as *Forsuras* no centro do carneiro, ou de outro animal.

Chama o Povo por chularia aos Freires de Palmela, *Forsuras*. A accommodaçaõ de tal nome naõ he facil de achar.

FORTUNA. Em muitos lugares faz Pausanias mençaõ dos muitos Templos, que os Gregos tinhaõ levantado à Fortuna. O primeiro, que em Roma èdificou à Fortuna hum Templo, foy Anco Marcio, quarto Rey dos Romanos; pozlhe esta inscripçaõ, *Fortunæ virili*, porque para ganhar batalhas, e sahir victorioso, naõ ha mister menos varonilidade, e valor, que Fortuna. No Capitolio Servio Tullio lhe edificou outro com o titulo de *Primogenia*. Em Athenas tinha huma estatua, que nos braços trazia a figura de Plutaõ, Deos das riquezas. Pintou Apelles a Fortuna deitada, ou assentada, e quando lhe perguntaraõ a razaõ da postura, respondeo, atè agora naõ descançou. Deraõ os Romanos muitos nomes à Fortuna, e lhe edificaraõ Templos, e Capellas com muitos epithetos, chamandolhe, *Fortuna libera, Redux, Publica, Primigenia, Equestris, Parva Fortuna, Fors*, ou *Fortis Fortuna; Fortuna virilis, & Feminea.* No monte Esquilino levantaraõ os Romanos hum Templo à má Fortuna, do que pia, e doutamente fez Santo Agostinho zombaria, *No livro 4. da Cidade de Deos, cap. 18.*

FORTUNATITOS. He o nome, que se deu a huns Judeos, que adoravaõ a Fortuna, e lhe offereciaõ sacrificios com a invocaçaõ de *Rainha do Ceo.* Destes Idolotras fez mençaõ o Profeta Jeremias, no cap. 44. onde reprehende os Judeos da impia obstinaçaõ com que disseraõ: *Sacrificemus Reginæ Cæli, & libemus ei libamina. Alexand. ad Alexand. Genial. Dier. lib. 1.*

FRA

FRADARIA. Muito Frade junto, ou Religiaõ de Frades, ou acçaõ de Frade, quando se toma em má parte.

FRADES. Nos prelos da Impressaõ, saõ os claros de algumas letras, que ficaõ por assignar no papel, por lhes faltar a tinta.

FRADESCO. Cousa de Frade. Vid. tomo 4. do Vocabulario. Meyas fradescas. As que saõ tecidas de cor parda, e branca.

FRADINHO. Feijoens fradinhos. Vid. Feijaõ.

Fradinho da maõ furada. Vid. tomo 4. do Vocabulario. Na sua Prosodia, declarando os significados da palavra *Pan*, diz o Padre Bento Pereira, *Pan, Deos dos Pastores em Arcadia, Item o Fantasma, Fradinho da maõ furada.* Se me naõ engano, o fundamento deste Author, para dar a Pan o nome de Fantasma, e Fradinho da maõ furada, he, que no Egypto, era Pan adorado em figura de cabraõ, e os demonios, ou espiritos malignos, a que o vulgo chama *Duendes, Trasgos, e Fradinhos da maõ furada*, quando apparecem, tomaõ figura de cabraõ; por isso na Sagrada Escritura muitas vezes estes demonios saõ chamados *Pilosi*, isto he, *Cabroens*, ou cabelludos, como cabroens. No cap. 34. verso 14. onde diz o Profeta Isaias, *Pilosus clamabit alter ad alterum*, lê o Chaldeo, *Dæmones inter se colludent*; e no commento das ditas palavras do Profeta, diz Menochio, *Dæmones, specie hircorum hirsuti, quos vetustas Faunos, & Satyros dixit.* E no cap. 13. vers. 21. onde o mesmo Profeta diz: *Et Pilosi*

 falta-

saltabunt ibi, lê Pagnino, *Et Dæmones saltabunt ibi.*

FRAGALHOS. Pedaços de pano de cor, rotos. *Panniculi, orum, Masc. Plur.* Juvenal. *Detriti panni resegmina, um, Neut. Plur. Resegmen*, he de Plin. Vid. Fragalho, tom. 4. do Vocabul.

FRAGMENTO. Vid. tomo 4. do Vocabulario. Joaõ Peres de Moya, intitulou a sua obra *Fragmentos Mathematicos*, porque eraõ materias Geometricas, Geograficas, &c. traz só huns como pedaços das ditas Artes, ou Sciencias.

FRAGOSO. Picos fragosos. Vid. Infra.

FRAGRANTE. Apanhar em fragrante delicto. Vid. Fragante no 4. tom. do Vocabulario. Na sua Prosodia verbo *Deprehendere*, o Padre Bento Pereira diz: Fragrante delicto.

FRALDAR. Cozer fraldas. *Lacinias assuere. Laciniare*, se acha só em Apuleyo.

FRALDIDO. He usado nos adagios, que se seguem. Lume faz cosinha, e naõ mulher fraldida. Cuidado anda caminho, que naõ moço fraldido.

FRAMENGO. Vid. tomo 4. do Vocabulario.

Peras framengas. Saõ as que no termo de Lisboa vem por Agosto, de bom tamanho, e muito çumo.

FRANDULAGEM. Termo do vulgo, Cousa de vil preço. Traparia. Farelorio. *Res nihili, Futilia, um, Neut. Plur.*

FRANDUNO. Diziase chulamente do moço de la vida airada, vindo de Flandes.

FRANZIDO. Vid. tom. 4. do Vocabulario.

Vase o demo para demo
Anda o teu gado perdido,
Andas passado, e Franzido
Bofé Franco que te como.

Francisco Rodrigues Lobo, nas Ecclog. 44. vers.

FRATICELLOS. He tomado do Italiano *Fraticelli*. He o nome de huns vagabundos, que em Italia se levantaraõ na Marca d'Ancona anno de 1294. Quasi todos eraõ huns Frades Apostatas, cuja Cabeça tambem era Apostata, e se chamava, *Herman de Pongiloup*. Com pretexto de devoçaõ, acarcavaõ mulheres, e nos seus congressos nocturnos se ajuntavaõ com ellas. Entre elles todos os bens eraõ communs, assim fazendas, como mulheres. Aos Soberanos negavaõ obediencia cegamente, persuadidos, que naõ podia haver soberania entre Christãos. A ossada deste irmaõ Hermaõ, que os tinha enganado, foy desenterrada, e queimada alguns dezoito, ou vinte annos depois da sua morte. A licenciosa vida destes impios tinha accrescentado muito o numero dos imitadores da sua dissoluçaõ. *Spondan. A.C. 1297. num. 8. & seq. Bzovio, Rainaldi, &c.*

FRATRICIDIO. Vid. tomo 4. do Vocabulario. (O Fratricidio de Caim, de que a terra com vozes de sangue lhe pedia vingança. Estrella Dominica, tomo 2. pag. 181.)

FRAUDULENTO. Vid. tom. 4. do Vocabulario.

Que escrevemos de homens Fraudulentos?

Obras Metric. de D. Franc. Man. Canfonha de Euterpe, 128.

FRAXINETO. Celebre covil de Sarracenos, no nono, e decimo seculo. Naõ convem os Authores na paragem. He provavel, que havia muitos destes crueis asilos. O mais nomeado de todos era o da Provincia de Provença, em França, na Diocesi de Frejus; ainda hoje lhe chamaõ o Forte, ou Castello de Fraxinet. Assolavaõ estes Barbaros todas as terras circunvesinhas; faziaõ correrias até nas terras mais remotas; roubavaõ quanto achavaõ de precioso, e o levavaõ para o seu Forte; recolhiaõ huns facinorosos, que lhes ensinavaõ os caminhos, e lhes serviaõ de guia, nos Paizes que naõ conheciaõ. Adelberto, perseguidor da Igreja, e inimigo do Papa Joaõ XII. se associou com os Sarracenos de Fraxineto, para ter hum valhacouto contra o Emperador Othon II. Os Historiadores chamaõ a este lugar *Guarda Fraxinet.*

FRE

Frielas. Vid. mais abaixo, Frielas.

Fregir. Vid. mais abaixo Frigir.

Fressura. Vid. tomo 4. do Vocabulario. Derivase do Francez *Fressure*, e este de *Frixura*, que na baixa Latinidade val o mesmo, que entre nós *Frigidura*, e como em França costumaõ *Fregir* as partes do animal, a que os Latinos chamaõ *Exta*, no seu idioma chamaraõ às ditas partes *Fressures*, como quem dissera, *Frigiduras*; e assim no seu inventario da lingua Latina às fressuras de cabrito fritas, *Frixum ex hœdinis visceribus*, e *Exta hœdina frixa, orum*, *Neut.* Plur. Vid. Forçura, supra. (Fressura de animal qualquer. Bento Pereira, Thesouro da Lingua Portugueza.

Fressureira. Mulher, que vende fressuras. *Mulier, quæ animalium exta vendit. Venditrix*, naõ he de bons Authores Latinos.

Fretamento. Vid. Frete, tom. 4. do Vocabulario. (Por vir na dita nao o dono dellas, e naõ trazer Fretamento mais, que à ordem do dito mercador. Foral da Alfandega de Lisboa, cap. 79. mihi pag. 58.)

Frey. Vid. tomo 4. do Vocabulario. Na primeira, e segunda parte da sua Historia Serafica, o Padre Fr. Manoel da Esperança mostra, que nos tempos antepassados, os Terceiros Seculares, que viviaõ em suas casas, ou retirados nos montes, usavaõ do prenome *Frey*, e eraõ chamados *Frades*, deduzindo o vocabulo do nome Latino *Fratres*, que communmente convertemos em irmãos. Na 2. parte da dita Historia, pag. 599. traz o dito Author varios exemplos de Escrituras antigas. No fim do Prologo da primeira parte da Alcobaça Illustrada, diz seu Author, que as Religioens de S. Domingos, e de S. Francisco introduziraõ na Igreja a prenominaçaõ de *Frey*, aos Monges, porque como os ditos Religiosos começaraõ a viver nas Cidades, e povoados, e os Monges pelo contrario viviaõ retirados pelos desertos, prevaleceo no vulgo, pelo mais commum trato, e communicaçaõ o modo de fallar, que introduziraõ os ditos Religiosos, e pela sua mesma fraze começaraõ a tratar até hoje indistamente a todos os Religiosos, tratando a todos de *Frey*.

FRI

Friacho. No Thesouro da lingua Portugueza do Padre Bento Pereira, he synonymo de Tibio. Vid. Tibio, tomo 8. do Vocabulario. Vid. Frio, tom. 4.

Friagem. Naõ he propriamente frio, nem frioueira, nem frieiras, nem frialdade; mas certo principio, ou indicio de frio, como nevoas, tempo brusco, geadas, e humidades frias, que se experimentaõ em alguns dias do Inverno. Eu chamo às friagens *Frigedines*, que supposto entre os Antigos, como se vê em Varro, *Frigedo*, era synonymo de *Frigus*, parece, que *Frigus*, diz alguma cousa mais, que *Frigedo*.

A primeira, sem visages
A direy de mil maneiras;
E he que em mim saõ frioleiras
Quanto no Inverno Friages.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 351.

Fricassê. He tomado do Francez *Fricassée*, que he comer, feito em sertãa, ou outro engenho de frigir com azeite, manteiga, ou gordura, para ser cozido com brevidade. *Cibus, frixus*, ou *frictus*.

Fricassé de carne de vitella. *Caro vitulina, frixa*, ou *vitulinum frixum*, ou *vitulinæ carnis frictum*, i, *Neut.*

Frielas, ou Freelas. Lugar, junto a Lisboa, no qual tinha ElRey D. Diniz Paços, que ElRey Dom Fernando deu aos Religiosos de S. Jeronymo, e foraõ depois arruinados pelos Castelhanos, quando cercaraõ Lisboa. *Mon. Lusit. tom. 6. fol.* 198.

Frigir, ou Fregir. Vid. no 4. tomo do Vocabulario. Ao frigir dos ovos o vereis. He hum modo de zombar de quem por descuido, ou tolice pergunta

o que

o que brevemente verá com perda, ou com menos ventagem da que esperava. Entrou em huma casa hum tonante, ou ladraõ, e naõ achou, que furtar mais à maõ, que huma sertãa, perguntoulhe a dona da casa, que levais ahi irmaõ? Respondeolhe o tonante, *Ao frigir dos ovos o vereis*; e assim foy, porque naõ conheceo, que lhe faltava a sua sertãa, se naõ quando quiz frigir huns ovos. Nos Adagios Portuguezes traz o Padre Bento Pereira outro Adagio, que diz: Ao frigir o veremos, e no Latim poem, *Cuncta numerabimus exta.*

FRO

FRONDENTE. He tomado do Latim *Frondens, a, um*, cousa, que tem folhas, ou de *Frondosus, a, um*, cousa, que tem muita folha. O primeiro he de Virgilio, o segundo de Tito Livio.

Firme se estevo nos doceis Frondentes, Man. de Far. e Sous. tom. 4. da Fonte de Aganipe, Eccleg. 71. 145.

FRONHA. Vid. tomo 4. do Vocabulario. Portas fronhas, no Minho se chamaõ as portas mayores das casas, que tem patios; chamaõse fronhas, como quem dissera *Forenhas*, porque ficaõ separadas das casas, e como fóra dellas.

FRU

FRUTAR. Frutificar. Dar fruto. Vid. nos seus lugares.

Que as bellezas mayores, plantas saõ
Que em Frutando, *perdem flores*

Manoel de Far. Fonte de Aganip. tom. ... Eccloga 5. pag. 171. vers.

FUC

FUCAMENA. Arvore do Brasil. Vid. Quitiato.

FUG

FUGAES. Festas, celebradas dos Romanos em recordaçaõ da liberdade, que recuperaraõ com a expulsaõ dos Reys. Celebravaõse no mez de Fevereiro no mesmo dia, que Tarquinio o Soberbo fugio para Porsenna. *Fugalia, ium, Neut. Plur.* ou *Regifugia*, no livro 2. da Cidade de Deos, faz Santo Agostinho mençaõ destas festas.

FUGALAÇA. Termo chulo. Regabofe. Desafogo alegre, ou espaço, liberdade, refugio, v. g. melhor he prometter dentro de oito dias, que dentro de quatro, porque nos oito ha mais fugalaça, para poderse comprir a palavra. *Maius temporis spatium*, ou *longius intervallum.*

Fugalaça. No sentido natural usa Diogo de Couto deste termo, Decada 6. cap. ultimo, fol. 235. onde fallando no laço com que huns Mouros prenderaõ hum peixe muito grande diz: Largando as betas todas, e dandolhe *Fugalaça*, porque os naõ metesse no fundo, levaraõ o monstro à toa pela barra fóra.

FUGIDISSO, ou Fugidiço. Vid. Desertor, tomo 3. do Vocabulario. (Fazerse fugidisso para a outra banda. Couto, Decad. 6. livro 7. fol. 132. col. 1.)

FUL

FULA. Vid. Empola, tom. 3. do Vocabulario. (Estava danada a cera, e corrupta, e se desfazia em pô, nem fazia fulas, ou empolas. O Padre Fr. Jacinto de Deos, Vergel, &c. 324.

Fula. Os Europeos Canarins, estabelecidos em Goa, chamaõ fula a flor. O champeira, e mogarim saõ fulas, que cheiraõ a jasmim.

Fula. Ouço dizer, que em Portugal chamaõ fulas às negras embaciadas, e amulatadas.

Fula. Pressa. Vid. tom. 4. do Vocabul.

FULGURAR. He tomado do Latim *Fulgurare.* Vid. Relampaguear.

Fulgurando *o relampago luzente.* Man. de Far. e Sous. Fonte de Aganipe Centur. 5. Soneto 83.

FULHERIA. Trapaça no jogo. *Dolus*, ou *Fallacia in ludo.* Vid. Fulheiro, logo mais abaixo.

FULHEIRO. Derivase do Castelhano *Fulhero*,

Fullero, que (segundo Cobarruvias) se deriva do Latim *Fallere*, Enganar.

Fulheiro, pois he o trapaceiro no jogo, que com cartas, ou dados falsos, ou amassando as cartas, e fincando os dados, engana, e ganha aos que jogaõ com elle. *Qui collusorem dolis fallit*, ou *in ludo decipit*.

FULINHO. Cidade de Italia. Vid. no 4. tomo do Vocabulario. Os moradores tem fama de vingativos. Com razaõ se gloreaõ da sua antiguidade, pois Strabaõ, Plinio, e Appiano Alexandrino fazem mençaõ desta sua Cidade. He povoada de mercadores ricos, e ornada de magnificas Igrejas. Na dos Padres de S. Francisco, se vê o corpo de Santa Angelinha de Fulinho, ou Folinhi. Muitos annos foy esta Cidade dominada dos Tyrannos da Casa Terzi, Cidadãos poderosos, que se mantiveraõ com o sangue, que derramaraõ, e destruiraõ muitas familias. No anno de 1439. o Cardeal Vitelleschi expugnou esta Cidade, e fez morrer o ultimo destes Tyrannos.

FULMINAR. Vid. tomo 4. do Vocabul. (*Fulminando* inhibitorias, e excommunhoens. Vida de Dom Fr. Barth. dos Mart. fol. 124. col. 4.)

FUM

FUMEIRO. Vid. tomo 4. do Vocabul. *Outros Adagios Port. do Fumeiro.*

Em Janeiro, hum pouco ao Sol, outro ao fumeiro. Em Janeiro, sua a ovelha suas madexas no fumeiro, e em Março no prado, e em Abril vay ordir. Bacoro de Janeiro, com seu pay vay ao fumeiro.

FUMIFERO. He tomado do Latim *Fumifer*, *a*, *um*. Cousa, que traz, e lança fumo. *No liv. 9. da Eneida, vers. 522. diz Virgilio:*

Pinum, & fumiferos infert Mezentius ignes.

Quando de sua maõ escrito achey
A vista lhe queimei no ardor Fumifero.
Do alecrim odorifero.

Man. Tavares Ramalhete Juvenil, 160.

FUN

FUNAMBULO. He tomado do Latim *Funambulus*, que quer dizer *Bolatim*. (Naõ folgo de ver estes funambulos, ou bolatins da castidade, brincando, e revolvendose sobre a maroma da occasiaõ. Bernardes, Floresta tom. 2. pag. 289.)

FUNDAMENTAL. Vid. tom. 4. do Voc.

Fundamental. Titulo Antonomastico. Fr. Egidio Romano, Arcebispo de Bourges em França, Doutor Parisiense Religioso de Santo Agostinho, foy chamado por antonomasia o *Fundamental*.

FUNEBRE. Vid. tom. 4. do Vocabulario. Jogos funebres. Os Romanos os faziaõ em honra dos defuntos para aplacar os seus manes. Eraõ huns combates de muitos Gladiatores, que pelejavaõ junto à Pyra, em quanto se faziaõ as ceremonias das exequias; foraõ estes jogos introduzidos em lugar dos sacrificios, que mais antigamente se faziaõ dos escravos, immolados aos manes. Pareceo melhor obrigallos a estes conflictos, do que matallos; suavizandose a crueldade deste espectaculo; com a liberdade, que se lhe dava de pelejar em sua defensa; e com a esperança da vida, que aos vencedores se dava. Dizem, que para honrar o funeral de seu pay, Junio Bruto, primeiro Consul de Roma fora o primeiro inventor destes jogos. Tambem nelles se representavaõ Comedias, com gastos taõ excessivos, que por especial decreto do Emperador Tiberio a nenhuma pessoa, que naõ tivesse sessenta mil sestercios de seu, era licito fazer jogos desta natureza. O Emperador Claudio havia mandado, que todos os annos se celebrassem no Circo jogos funebres, dos quaes tinhaõ os Edís a incumbencia, mas causoulhe horror esta inhumanidade. Porém a continuaçaõ delles foy dissimulada nos particulares, até o tempo de Theodorico, Rey dos Ostrogodos em Italia, que totalmente os extinguio pelos annos 500. da Redempçaõ do Mundo. *Rosin. Antiquitat. Roman. lib. 5. cap. 24.*

FUNERA-

Funera. Deraõ os Antigos Romanos este nome à parenta mais chegada do defunto, a qual fechada em casa com as mais parentas, cumpria com as obrigações desta luctuosa ceremonia, em quanto outra mulher, chamada *Præfica*, fazia fora, e em publico os devidos lamentos. Em dous versos do Epitafio de Ennio, referidos por Cicero no liv. 1. das Tusculanas, se faz mençaõ deste costume.

Nemo me lacrymis decoret, neque funera fletum
Faxit; cur? Volito vivum per ora virum.

Porém lem alguns, *Neque funera fletu faxit*, em lugar de, *Funus cum fletu faxit. Varro de lingua Latina, lib. 6.*

Funileiro. Official, que faz funis, e outras obras de folha de Flandes. *Infundibulorum artifex, icis.*

FUR

Furias. Segundo a ficçaõ Poetica, saõ tres Deosas do inferno, que tomaraõ o nome do *Furor*, que inspiraõ. Os Gregos lhes chamaõ *Erinnyas*, como quem dissera, *Erinnon, id est, Discordia mentis*. Vossio he de opiniaõ, que o nome *Furia*, poderia derivarse do Hebraico *Fara*, que quer dizer *Vingança*. Tambem se podera derivar *Erinnyas*, do Grego *Eran*, que quer dizer *Fazer mal.* As etymologias das tres Furias, *Tisiphone*, *Alecto*, *Megera*, segundo Tzerzes, saõ estas; *Tisiphoni*; Tisisphonou, *Ultio cædis*; *Alecto*, *Quietis nescia*; Megaira, *Odiosa*. Parece, que a origem do culto destas tres Deidades, naõ foy outra cousa, que huma demostraçaõ de respeito à justiça, vingadora dos delitos, mas foraõ os Poetas accrescentando humas circunstancias proprias para representar os terriveis executores desta justiça. A este proposito diz Pausanias, que na Cidade de Athenas, junto do Areopago, estava o Templo das Deosas, chamadas *Severas*, *Theas semnas*, a que Hesiodo chama *Erinnyas*; a isto accrescentara o dito Pausanias, que o Poeta Eschylo he o primeiro, que as representou com serpentes, e finalmente, que as estatuas destas Deosas, como tambem as outras dos Deoses subterraneos, que no dito Templo se vem, naõ tem nada que cause horror. Tambem em outra parte colloca este Historiador as estatuas destas Deosas Severas com as de Jupiter, de Ceres, de Minerva, e de Proserpina. Em outro lugar diz, que a mesma Ceres foy cognominada *Erinnys*, por causa do furor, com que insultou a Neptuno, quando quiz violar o seu pudor, à verbo *Erinnein*, *quod furere Arcadibus est*. Finalmente faz Pausanias mençaõ das *Manias*, que na sua opiniaõ saõ as Eumenidas, ou as Furias; diz, que appareceraõ vestidas de negro a Orestes, depois que matara a sua máy; mas depois de passado o seu furor, se lhe manifestaraõ vestidas de branco, e a estas candidas Deosas levantou hum Templo. Dizem alguns Historiadores, que no Templo destas Deosas Severas, que ficava perto do Areopago, os Senadores deste Tribunal, escolhiaõ para Sacerdotes do dito Templo algum dos seus Areopagitas; foy Demosthenes hum dos escolhidos. Primeiro, que Hesiodo, fizera Homero mençaõ das Erinnyas, e as havia representado como vingadoras dos aggravos, feitos a pobres. Seguio Eschylo a Virgilio na pintura, que nos deixou dellas.

Continuo sontes ultrix accincta flagello
Tisiphone quatit, insultans, torvosque sinistrâ
Intentans angues, vocat agmina sæva sororum.

Faz Horacio hum prudente reparo, dizendo, que naõ começaõ as Furias a perturbar o espirito do delinquente, depois de commettido o delito; mas que já principiou esta perturbaçaõ, quando determinou commettello, e juntamente quando chegou a executallo

An tu reris, eum occisa insanisse parente
Ac non ante malis dementem Furiis, quam

In matris jugulo ferrum tepefecit acutum?

Furina. Deosa do furor, era adorada na Gentilidade, e em muitos lugares tinha Templos. No 3. livro *De Natura Deorum*, faz Cicero menção do Templo, que tinha em Athenas, fallando nas Furias, que erão o mesmo, que a Deosa Furina; mas que com numero ternario era adorada, em razão das tres paixoens dominantes, que induzem os homens a commetter os mais atrozes delictos, pelos quaes se fazem dignos dos mayores castigos desta Deidade. Estas tres paixoens são soberba, avareza, e luxuria. Da primeira se originão os odios, as atrogancias, e as vinganças; da segunda nascem as injustiças, as violencias, as traiçoens, as fraudes, e os latrocinios. A terceira incita a quebrantar as leys mais sagradas, para se contaminar com voluptuosas torpezas. Segundo os Poetas, todas tres erão donzellas, o que com admiravel sentido significava, que erão incorruptiveis, e que nenhum dos criminosos, qualquer meyo que tomassem, podia esperar perdão. Attribue Cicero à consciencia tudo o que à Deosa Furina se attribue; e na realidade, nenhum culpado escapa da propria consciencia, a qual he hum verdugo, que comsigo leva. Tinha a Deosa Furina suas festas particulares, chamadas *Furinalia*, posto que em Festo se acha *Furnalia*, o que foy erro do Amanuense, como se póde ver em Varro.

Esta Deosa *Furina*, não he o *Furor*, do qual fazem menção Virgilio, e Petronio; o primeiro o descreve a modo de homem, carregado de cadeas, sentado em hum montão de armas; o segundo o pinta a modo de hum furioso, que tem despedaçado as suas cadeas, e grilhoens; Este he o furor da guerra, na fórma em que os Poetas o representão, mas não era reconhecido por Divindade. *Varro de lingua Latina cap. 4. cap. 6. Plutarc. in Græccho. Cicero pro Roscio Amerino, & 3. De Natura Deorum.*

Furtapasso. Andar de furtapasso; he dos cavallos, e bestas de serviço. Vid. Andadura, tom. 1. do Vocabul.

Furto. Vid. tomo 4. do Vocabulario. Vid. Ladrão no tomo 5. Valhame Deos, que de ladroens ha no Mundo, e que de modos de furtar. Não furta só quem toma nos termos, que o Direito define o furto. Tambem furtão os que mentem, enganão, dilatão os despachos, repartem mal, não pagão o que devem, tendo com que, e por qualquer modo prejudicão. Huns com a penna furtão a letra, outros com papeis alheyos, que se aproprião, furtão a homens doutos as letras. Os ignorantes, e teimosos furtão o corpo à razão. Os ociosos, e preguiçosos furtão a si mesmos o tempo, cousa tão preciosa, que só por momentos Deos o distribue. Com dinheiro, não ha de quem fiar-se no Mundo. O famoso Poeta Lyrico Arion, navegando de Italia para a Ilha de Lesbos sua Patria, e conhecendo, que os marinheiros o querião roubar, se lançou ao mar, e hum Delfim o tomou às costas, e o poz em salvo; porém se o bruto nadante soubera, que cousa he ouro, não havia de valer a Arion a harmonia da sua Lyra.

FUS

Fustete. Casta de pao, que se cria no monte Apenino, e em outros lugares. Serve para tinta amarella, e o cozimento das folhas he bom para curar chagas. (Pao fustete, quintal dous mil reis. Pauta dos Portos Secos, e Molh. pag. 86. lit. P.)

FUZ

Fuzada. He usado no Adagio, que diz: Fuzada miuda, a seu dono ajuda.

Fuzil. Vid. tom. 4. do Vocabulario. Viver ao lume de seu fuzil. *De suo vivere. Terent. Adelph. 1. 2. Plaut. Bacch. 2.*

Fuzil. Relampago, chamado assim do *Fuzilar*. (Começouse a toldar o Ceo, com tamanhas carrancas, e fuzilis, que &c. Diogo de Couto, Decada 6. liv. 9. cap. 21. fol. 195. col. 4.)

G

GAB

GABAÕ. Vid. tom. 4. do Vocabulario. O Adagio de Setuval diz: *Quem naõ molha Gabaõ, naõ ganha quinhaõ.* Allude aos Chincheiros, que trazem quando pescaõ esta casta de vestido, e andaõ metidos na agoa atè a cintura, quando chegaõ a rede a terra, e tiraõ o peixe.

GABAONITAS. Moradores da Cidade de Gabaon, na Palestina. Estes Povos, com o receyo, que tinhaõ das armas de Josué, lhe mandaraõ huns Embaixadores, que fingiraõ vir de terras remotas para se colligarem com o Povo de Deos, o que lhes succedeo à medida do seu desejo. Foy descuberto o engano da proposta, e os quizeraõ matar; acudio Josué, e os livrou do furor do Povo, por naõ violar o juramento, que lhes tinhaõ dado. Só em castigo da sua fraude, foraõ condemnados a rachar lenha; e a levar agoa para o Tabernaculo. Foraõ chamados *Nathineos*, isto quer dizer *Dados*. Adonisedech, Rey de Jerusalem, levando a mal a aliança, que tinhaõ feito com os Israelitas, pelos annos de 2548. da Criaçaõ do Mundo, fez, para pôr à sua Cidade o cerco, liga com *Ohaõ*, *Pharaõ*, *Japhia*, e *Dabir*, que eraõ huns pequenos Principes seus visinhos. Deulhes Josué soccorro com taõ felice successo, que os seus inimigos foraõ desbaratados. Depois disto fizeraõ morrer todos os descendentes de Saul, excepto Miphiboseth. *Josué cap. 9. e 10. 11. Regum Torniel, anno M. 2548. n. 19. 20. 3007. num. 1.*

GAD

GADAMO. (Buscou a sombra de hum navio, que à margem do rio se sustentava em *Gadamos*. Fr. Jac. de Deos, Vergel, pag. 67.)

GADARA, ou Gaderis. Antiga Cidade da Palestina, no Tribu de Manasses, alèm do Jordaõ, perto do rio do mesmo nome. Nas varsens circunvisinhas desta Cidade, estava pastando a vara de porcos, que os demonios lançaraõ no lago de Genesareth, depois de se apoderarem dos seus corpos, sahindo do obsesso, que Jesu Christo havia livrado. Aqui he necessario advertir, que o lago de Genesareth, chamado por outro nome, *Mar de Tiberiades*, e *mar de Galilea*, algumas vezes he tambem chamado *Lago de Gadara*; sem embargo de que alguns Interpretes tomaraõ este lago de Gadara, por hum tanque, ou lagoa, separada do mar de Galilea; mas alèm de que esta Topografia he contraria à de todos os Geografos, que naõ fazem esta distinçaõ, tambem he opposta à opiniaõ de S. Jeronymo, que diz claramente, que o mar de Tiberiades foy o lugar onde os ditos porcos foraõ lançados. *Baronio ad annum 31. num. 69.*

GAF

GAFA, e Gafar. Vid. tom. 4. do Vocabulario. Segundo a etymologia dos que derivaõ *Gafa*, do Hebraico *Cafaf*, que significa encurvar, entortar, arquear, he facil de entender os differentes sentidos em que se tomaõ estas palavras; porque gafa, instrumento, com que se curva a bésta, faz hum effeito, semelhante à gafa, ou lepra, doença, que encolhe os nervos de mãos, e pés. *Gafar*, he arrebatar com as unhas; e gafarse de piolhos, he encherse dos ditos insectos, que afferraõ na carne, e com picadas a molestaõ.

GAI

GAJADEROPA. Por outro nome, *Pé de burro*, he huma casta de marisco como ameijoa,

ameijoa, mas muito mayor. Na Villa de Setuval ha bastantes. Este nome *Gajaderopa*, ou (como dizem outros) *Gaideropa*, he composto do Grego *Gaidaron*, que (segundo Aldovrando, lib. 3. de *Testaceis*, pag. 294. e na linguagem dos Gregos modernos) quer dizer *Burro*, e *Pous*, genitivo *Podos*, tambem no Grego que quer dizer *Pê*. O Padre Bonanno no seu livro, *Recreatio mentis, & oculi, part. 2. clas. 2. pag. 100.* descreve este marisco na fórma seguinte, *Spondylus, sive ostrea Gaideropoda, dicitur hæc concha, quasi Asini pes, cùm ab ea represententur scopulis nascitur; Imò pars eorumdem propter saxeam substantiam videtur, nec nisi ferreis sarculis, & labore avelli potest. In medio cardine vinculum nerveum prædurum inseritur Testa admodum inæqualis est, & sinuosa, inferior valde scabra, & veluti saxeis squammis tecta, superiorem cavo superat. Superior verò bronchis canaliculatis, & spissis armatur.* Esta palavra *Gajaderopa*, se acha na Prosodia de Bento Pereira, verbo *Spondylus*, como termo vulgar, e usado no Reyno.

Gajatzo. Cidade do Reyno de Napoles, na terra de Labor. *Calatio.*

Gaichete. Corda, feita em trança; serve para ferrar as vélas.

Gaifonas. Vid. mais abaixo, Gayfonas.

Gaivota. Vid. tom. 4. do Vocabulario. Sobre o nome Latino desta ave, ha muito que dizer. O Padre Bento Pereira, que na sua Prosodia dá a entender, que *Fulica*, em Latim, em Portuguez he gaivota; no Thesouro da lingua Portugueza declara, que gaivota se chama em Latim, *Gavia*, ou *Larus*. Que *Fulica*, seja o proprio nome Latino de gaivota, naõ parece verosimil, porque a gaivota he ave branca; e *Fulica*, he ave negra, e ha huma casta dellas, taõ escuramente negra, na sua Historia natural *De avibus, cap. 4. pag. 99. col. 1.* diz Joaõ Jonstono, que os Francezes lhe chamaõ, *Diabo do mar*. Na etymologia do seu proprio nome traz este passo o significado da sua negridaõ, porque huns derivaõ *Fulica*, de *Fuligo*, que no Latim he a *Ferrugem* da chaminé; outros com Peroto derivaõ *Fulica*, do adjectivo Latino *Furvus*, negro, fusco, escuro, donde na antiga Gentilidade Romana, *Furvæ*, eraõ humas rezes negras, sacrificadas a Plutaõ. Finalmente no livro 3. da sua Ornithologia, pag. 239. diz Francisco Villugbeo, Author inglez, §. 1. *De Fulica, pennæ circa collum, & caput molles, color ubique niger.* No que toca a *Gavia*, naõ basta a analogia, que tem com *Gaivota*, porque (segundo Plinio, livro 10. cap. 32.) he ave, que faz seu ninho em pedras; e na sua Prosodia o Padre Bento Pereira lhe chama *Guincho*. Só de alguma das muitas especies de *Larus*, (que segundo a Prosodia do Padre Bento Pereira) tambem he gaivota, se poderá tirar alguma conjectura para o nome Latino desta ave, porque supposto ha *Larus cinereus, fuscus*, e *niger*, segundo Bellonio ha *Larus albus, nivis instar candidus.* O Adagio Portuguez diz: Gaivotas pela terra, he sinal de chuva.

GAL

Gala de lâa. He o mesmo, que estofo, mas sem seda. Serve para vestidos.

Galagala. Betume, para o fundo dos navios, para naõ entrar agoa, e naõ furar o gusano.

Galanga. Derivase do Arabico *Galingia*, que significa o mesmo. He a raiz de huma planta a modo de cana, cujas folhas se parecem com as do iris. Cultivase na Ilha de Java, no Malavar, e na China, de donde nola trazem seca. Ha de duas grandezas; a mayor he pezada, e cuberta de huma casca, tirante a vermelho, branca por dentro, compacta, picante ao gosto, e algum tanto amargosa. A menor tem a casca vermelha por dentro, e por fóra de gosto muito mais aromatico, e forte do que a mayor. Os Medicos usaõ della para fortificar o estomago, e o cerebro, e expellir os ventos.

ros. Os vinagreiros daõ com ella mayor força ao vinagre. Na pauta dos Portos Secos, e Molhados se faz mençaõ desta raiz. Na falta della suppre o acoro.

Galardaõ. Vid. tom. 4. do Vocabular. O Adagio Portuguez diz: Quem bem serve, galardaõ merece.

Galassa. Vid. tom. 4. do Vocabular.

Galathea. Ninfa, e Deosa marinha, era filha de Nereo, e de Doris. Foy amada do Cyclope Polyphemo, filho de Neptuno; mas ella se entregou ao pastor Acis, que por este Gigante foy esmagado debaixo de huma rocha. *Natalis Comes in Mytholog.* No commento do primeiro verso da Oitava 90. do Canto 11. onde diz Camoens.

Assi mesmo a fermosa Galathea
Dizia ao fero Noto, que &c.

Diz Manoel de Faria e Sousa, que houve tres Galatheas, huma filha de hum Rey dos Celtas, de que resultou a França o nome de Gallia; outra, a que Virgilio introduz na Egloga 1. e esta, que vemos aqui amada de Noto. Em todos os Authores he epitheto seu de fermosa, porque todos a tem em conta da perola das Damas marinhas, e isto quer dizer Galathea, que he resplandor, e alvura.

Galatriste. Erva. Vid. Gallitrico.

Galeato. Armado com capacete, que no Latim se chama *Galea.* No principio dos livros sagrados, traduzidos por S. Jeronymo de Hebreo em Latim, poz este Santo por titulo, *Prologus galeatus*, porque assim como o capacete he arma defensiva da cabeça, assim com o seu *Prologo galeato*, no principio da sua traducçaõ, quiz S. Jeronymo defendella dos tiros dos seus adversarios. A' imitaçaõ deste Santo, no principio do 1. tomo da Historia, e Vida da Virgem Mãy de Deos, manifestada a sua escrava Soror Maria de Jesus, o Padre Fr. Joseph Ximenes Samaniego, faz hum preambulo aos doutos, intitulado, *Prologo galeato*, porque considerando, que as singularissimas maravilhas desta obra, poderiaõ ser combatidas de Criticos incredulos, lhe pareceo preciso armarse com o elmo, ou *Galea* de razoens capazes para rebater os argumentos contrarios. *Prologus galeatus*, este adjectivo he de Cicero.

Galeotos. Na Ilha de Sicilia eraõ huns homens, que eraõ consultados, como peritos na arte de adevinhar. Pertende Bochard, que se derive este nome da palavra Syriaca *Gala*, que quer dizer *Revelar.* Os Mythologistas, que ignoraraõ esta origem, recorreraõ à Fabula, e derivaõ este nome de hum certo Galeoto, filho de Apollo, e de Themiste; do qual faz mençaõ Estevaõ Bysantino. Tambem falla nelles Cicero, *Lib. 1. de Divinat.*

Galgaz. He usado neste Adagio: Cavallo galgaz corre à carreira.

Galharda. Peça, que se toca em instrumento de corda, e costuma dançarse.

Huma alta, hum pé de xibao,
Galharda, *pavana rica.*

Obras Metricas de D. Franc. Man. Viola de Thalia, tom. 2. fol. 143. A outros ouvi dizer Galhurda.

Galhofa. Vid. tom. 4. do Vocabulario. Fazer galhofa de alguem. *Aliquem ludificari, or, atus sum. Cic. Terent. Aliquem ludos facere Plaut.*

Na estimaçaõ do Convento
Fazem Galhofa *de mim.*

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 141.

Galhofeiro. O que anda por galhofas. O que usa dellas. Vid. Galhofa, tom. 4. do Vocabul.

Sò poderaõ beijalla
As Musas Galhofeiras.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 56.

Galilè. Vid. tom. 4. do Vocabulario. Na 2. part. da Historia Serafica pag. 176. O Padre Fr. Manoel da Esperança deriva este nome *Galilè*, do Hebraico *Galal*, que quer dizer *Apartar*, e *Revolver*, e diz, que os que nos cemiterios deste nome se enterravaõ, davaõ a entender, que tinhaõ huma firme esperança, que se haviaõ de revolver seus ossos, para sahirem das covas na resurreiçaõ futura cada hum em seu lugar, orga-

organizando os corpos, que no Ceo haõ de viver em muito melhor estado.

GALLEGO. Vid. tom. 4. do Vocabulario. Uvas gallegas saõ boas para terras arcentas, que nas grossas, e fortes naõ fructificaõ; daõ bom vinho, e muita uva. *Alarte; Agricultura das vinhas, pag.* 28.

GALLES. Pano de galles. (Huma camarra de pano de galles. Vida do Condestable Nuno Pereira, pag. 63. col. 2.)

GALLITRICO, ou Galatrisse. O Padre Bento Pereira traz estes dous nomes, o primeiro na sua Prosodia, onde diz: *Gallitrichum*, gallitrico, erva cheirosa; o segundo no Thesouro da lingua Portugueza, onde diz Galatrisse, erva, *Gallitrichum*. Segundo Laguna, sobre Diosc. corides, lib. 3. cap. 139. na sua annotaçaõ, pag. 356. os Castelhanos chamaõ a esta erva, *Gallocresta*, e no mesmo lugar dá o dito Author a entender, que he huma das duas castas de Horminio. Vid. Horminio, tom. 4. do Vocabul.

GALLICO. Humor Gallico. Vid. Mal Francez. Vid. Boubas.

GALLO. Vid. tom. 4. do Vocabular. Gallos; em Latim foraõ chamados *Galli* os Sacerdotes de Cybele, mãy dos Deoses, porque do rio chamado *Gallus* bebiaõ antes dos seus sacrificios, imaginando, que as agoas deste rio lhes infundiaõ hum furor, que elles chamavaõ Divino. Celebravaõ suas festas, correndo como doudos, e fazendo tregeitos extravagantes, em quanto tocavaõ seus pequenos atabales de cobre. Capavaõ-se depois de beber da agoa do dito rio Gallo, porque no serviço da dita Deosa Cybele, naõ entravaõ senaõ Sacerdotes eunucos. Faziase isto em memoria de Atys, mimoso de Cybele, o qual de quebrantar com a Ninfa Sangaris, o voto de castidade, que havia feito à dita Deosa, por desesperaçaõ se tinha feito impotente. *Rosin Antiquit Roman. lib.* 3. *cap.* 27. *& liv.* 2. *cap.* 4.

GALLONADO. Guarnecido de galões, *Vittis descriptus, virgatus, segmentatus. Textilibus fasciolis ornatus.* Saõ frases, tomadas dos Diccionarios dos Padres Pomey, e Monet da Companhia, na palavra *Gallonè*, que no Francez val o mesmo, que *Gallonado*. Na Amalthea de Joseph Lourenço se acha *Limbatus*; mas sem exemplo de Author, e ainda que allegara com Author Classico, *Limbatus*, naõ significara se naõ *Bordado*, o que me esqueceo advertir no meu Vocabulario, verbo *Gallaõ*, porque *Limbus*, rigurosamente fallando, naõ significa se naõ gallaõ, passamane, ou cousa semelhante na borda da vestidura. (Bonetes gallonados de ouro. Gazeta de Lisboa.

GALOCHA. Termo de construcçaõ de navios. Saõ prégos de dous tamanhos, e se diz prégos de galocha, e de meya galocha.

Galocha. Termo de Agricultura. He a varinha, que nasce do enxerto. *Partis insitæ surculus, i. Masc.*

GALOCHAS. No idioma Portuguez, he usado no Adagio, que diz: A quem naõ davamos vida, em Galochas vay à Missa. Saõ galochas certo calçado de pao, de que usaõ os Rusticos em França, onde lhe chamaõ *Galoches*, em Castella, onde tem o mesmo nome, que entre nós, e (se me naõ engano) saõ usados no Minho, ou na Beira, donde manou o dito Adagio. Alguns Etymologistas derivaõ *Galochas* do adjectivo Latino *Gallicæ*, que se acha na segunda Filippica de Cicero, onde diz: *Cum Gallicis, & lacerna cucurristi.* Porém he de advertir, que os Commentadores de Cicero, e Aulo Gellio, que à imitaçaõ de Cicero usaõ da palavra *Gallicæ*, naõ declaraõ se era calçado de pao, ou de couro. Cobarruvias, que no seu Thesouro traz esta palavra diz: *Galochas, cierto genero de calçado de madera.* O Padre Filiberto Monet, no seu Inventario das duas linguas, dá a entender, que o *Galoches* dos Francezes, he hum calçado de sola de pao, com couro por cima. Henrique Spelmano, no seu Archeologo quer que estas mesmas galochas Francezas sejaõ chinellas, ou tamancos, porque lhes chama *Crepidæ*; mas tambem

diz: *Calcei lignei sunt Galoches* (diz este Author) *hodie apud Gallos crepidæ, seu calcei quidam lignei, quibus in rure utuntur coloni.* Agora digaõ os Minhotos, ou os Beiroens, que genero de calçado saõ as galochas.

Galveta. Nome de humas embarcaçoens da costa do Norte, atè Goa. Servem para o commercio, e trazem cartas, e avisos ao Vice-Rey da India, quando o General do Norte as despacha; tem sua vela de penaõ, e saõ mareadas por Lascares Mouros. As galvetas pescarejas saõ muito mais pequenas.

GAM

Gambea. Reyno de Africa, na Nigricia, ou Terra dos Negros, situado para onde se mete no mar o rio Gambia, que he hum dos braços do rio Niger. Tem a boca deste rio algumas cinco legoas de largo, mas para as embarcaçoes naõ he navegavel, se naõ algumas sessenta legoas, por causa dos muitos parceis, e bancos de area, que nelle se achaõ.

Gamenho. Guapo, ou garanhaõ. Aceado. Concertado. He termo chulo.

GAN

Gancares. Na lingua Canarim da Ilha de Goa, e suas terras de Salsete, e Bardez, val o mesmo, que Bemfeitor: os descendentes destes, que abriraõ as terras, encanaraõ os rios, e edificaraõ Pagodes, e depois de convertidos, Igrejas; conservaraõ o mesmo nome de Gancares, ou Bemfeitores, cultivando certas porçoens de terras; de que pagaõ foro a ElRey nosso Senhor, precedendo entre si pelo seu vangor, ou precedencia, elles saõ quem fazem as repartições; quem depois de pagos os foros, tiraõ segundo o rendimento da terra, que cada hum cultiva a porçaõ de dinheiro, que lhe cabe para as despezas do encanar dos rios, vallados, obras da Igreja, e donativos extraordinarios para a guerra, e outras necessidades do Estado da India.

Gancaria. Ajuntamento dos Gancares, convocados por pregaõ lançado, ou aviso feito por *Anssans*, para disposiçoens, pertencentes á Communidade de cada Aldea, e sendo em muitas mais de trezentos os votos, que saõ só os Gancares, basta, que hum, ainda que seja menor diga, que naõ convem em que se tire *Neino*, para esta, ou aquella despeza para que a pluralidade dos votos naõ prevaleça. Vid. *Neino*, e *Vangor*. Os foros das Aldeas foraõ impostos por hum Principe Gentio, que descendia dos Gatas, e depois de os avassallar sem guerra, lhe comprou as terras. (A jurisdiçaõ destas *Gancarias*, he em ordem à cultura das terras. Oriente Conquist. part. 1, 170.)

Ganchorra. He hum pao ferrado, com que se seguraõ os barcos, quando querem passar de hum a outro.

Ganchorra. Tambem he a modo de arreburrinho, em que andaõ os marotos à roda.

Gandares. Panos da India, brancos, e azuis, grosseiros; servem para os negros.

Gandra. Nas partes de Cantanhede, e Coimbra, he charneca.

Gandô. Era hum som, que antigamente se tocáva na viola.

Gange. Rio. Vid. tom. 4. do Vocabulario. De todo o Gentio Oriental he este rio taõ celebrado em nome por a copia de suas agoas, como venerado por religiaõ, e santidade, que todos pozeraõ nellas. De maneira, que como entre nós, por salvarmos as nossas almas no tempo, que estamos enfermos, pedimos confissaõ, e os outros Santos Sacramentos, que daõ remissaõ de peccados, assim elles mandaõse levar às correntes deste rio Gange, onde lhe fazem huma choupana, e alli morrem com os pés na agoa, crendo, que no lavatorio destas agoas correntes de santidade deste Gange, lavaõ seus peccados, e vaõ salvos, ou ao menos quando em vida naõ podem, por sua morte mandaõ lançar nelle as cinzas do seu corpo, depois de queimado. *Barros, Dec. 1. fol. 175. col. 2.*

Ganhadeiro. He usado neste Adagio: Almocreve Cavalleiro, naõ Ganhadeiro.

Ganinfa. Capa de Mouro.

Ganóga. Certo peixe, bom ao gosto, e leve no comer; algum tanto molle, de escamas miudas, do tamanho de goraz; mas naõ taõ largo.

Gantas. Termo da India. (Em cada Provincia, hum Gantas, *id est*, hum Visitador. Fr. Jacinho de Deos, Vergel de &c. 237.)

Ganymedes. Filho de Tros, Rey da Phrygia. Fingiraõ os Poetas, que foy arrebatado ao Ceo pela Aguia de Jupiter, ou pelo mesmo Jupiter, que lhe queria muito. Dizem os mesmos, que servira de escançaõ, ou copeiro no banquete dos Deoses, depois do casamento de Hebe com Hercules. *Ganymedes, is.* Os Poetas Latinos lhe chamaõ *Pincerna Jovis*, e *Pulcher Puer*; *qui Pocula temperat Tonanti.*

GAR

Garabôlha. Segundo Duarte Nunes de Leaõ, *Origem da lingua Portugueza*, *pag.* 93. he embrulhada, ou conluyo, e se deriva do verbo Arabico *Garab*, que quer dizer *Mexericar*, o livro diz *Crarabulha*, mas he erro da impressaõ.

Garajaõ, ou Garanjaõ. Por zombaria se diz de quem he muito alto do corpo. Tambem chulamente lhe chamaõ Garanjola, ou Tarangola.

Garante. He tomado do Francez *Garanter*, que (segundo o Diccinario das Artes, e das Sciencias da Academia Franceza, impresso em Pariz anno 1694. no tomo 3. pag. 480.) he palavra antiquada, que significava *Prometter*; e hoje no idioma Francez *Garant*, he fiador, que abona o que se prometteo; e no dito idioma *Garantie*, he este abono. Em hum Tratado de Paz, impresso em Lisboa, anno 1713. se acha no dito sentido, *Garante*, e *Garantia*. Mais particularmente *Garante*, he aquelle, que se obrigou a manternos na posse do que nos foy dado, ou cedido; e *Garantia*, he o manter a pessoa nesta posse. Garante, he o que os Latinos chamaõ *Auctor*, ou (segundo Cicero) *Secundus auctor.* O Senado he Garante das leys, que faz o Povo. *Auctore Senatu leges perfruuntur à populo.* Cic.

Garantia. *Auctoritas*, *atis Fem.* *Cic.* Vid. Garante. Naõ querer ser Garante *Auctoritatem defugere.* *Cic.* Se se dividirem as herdades, que Cesar vendeo, que Garantia se achará destas vendas, ou quem será o Garante dellas? *Si ea prædia dividuntur, quæ ipse Cæsar vendidit, quæ tandem in ejus venditionibus esse poterit auctoritas?* Cic.

Garatusa, ou Garatuja. Figura descompassada, que os rapazes pintaõ pelas paredes com carvaõ, v. g. huma figura como de homem com perninhas muito pequenas, cabeça muito grande, e mal feita. He termo chulo, e proprio de quem pinta o que naõ sabe.

Garatusa. Com outro significado. Vid. tom. 4. do Vocabul.

Ainda assim naõ era tolo
Cardilio em taes Garatusas.

Oraç. Acad. de Fr. Sim. pag. 385.

Garça de Italia. Pano, feito de seda muy leve, lavrado com ramos, e muy transparente, e vistoso; serve para toucas, e veos de mulheres.

Garçaõ, ou Garsaõ. He tomado do Francez *Garçon*, que quer dizer moço, rapagaõ, filho macho; e he palavra, que segundo Justo Lipsio na Epistola 44. da 3. Centuria das suas cartas *Ad Belgas*, se deriva de *Garrio*, substantivo, que na opiniaõ do dito Author, foy formado do Latim *Garritus*; *jam verò* (diz elle) *Gallorum Garzons*, *manifestò sunt Garriones Latinis*, *à Garritu*, e em Pedro Blesense se acha *Garriones* por meninos de serviço.

Que com tudo tenho medo
De lhe chamar, sem resguardo
Senhor avô a hum Garsaõ.
Mais louçaõ, que D. Reynaldo.

Obras Metricas de Dom Francisco Manoel

noel, Çanfonha de Euterpe, pag. 116. col. 2.

Garçota. Vid. Ayrão. Vid. Garçotas, tom. 4. do Vocabul.

Gardingo. Segundo o que se póde entender das leys Gothicas, era officio de justiça correspondente a Desembargador do Paço. (O casamento, que tinha assentado com hum *Gardingo* delRey. Mon. Lusit. tom. 2. liv. 6. cap. 23. pag. 230.)

Gargalhada. He tomado do Castelhano *Carcaxada*, que (segundo Cobarruvias) *Es risa descompuesta, quasi arcaxada, porque sale de las arcas, y de los pulmones aquel ayre, y por su fuerça, y violencia duelen las arcas.* Vid. Gargalhada, no tom. 4. do Vocab.

Aprende Aganipe a rir
A Gargalhadas de aljofar.

Oraç. Academ. de Fr. Sim. pag. 433.

Garnear. Termo de Corriciro. He bornir os couros com a maceta, para lhe tirar alguma verruga, que tiverem, e poderem ficar lisas.

Garrafa. Vid. tom. 4. do Vocabulario. O Adagio Portuguez diz: Quem deita agoa na garrafa de golpe, mais derrama do que colhe.

Garrayo. Vid. tom. 4. do Vocab. Tambem chamaõ *Garrayo* ao Prégador novato, e aprendiz na arte da prédica.

Garrida. Fazer garrida, fazer sua volta, dar sua volta como v. g. o barco, a nao.

E estimando em pouco a vida
Sem fazer no mar Garrida,
Morre porque vay à véla.

Passatempo honesto, adevinhaç. 18.

Garrucha. Vid. tom. 4. do Vocabulario. Tambem significa albarda em Escrituras antigas, onde se diz: Privilegiados da Bulla naõ tem obrigaçaõ de sustentar besta com *Garrucha*. Vid. Albarda.

Garrûlo. He palavra Latina de *Garrulus, a, um.* Fallador, palreiro.

O passarinho Garrulo, *e agudo.*

Andr. da Sylv. Malc. Destr. de Hespanha liv. 6. Oit. 28.

GAT

Gata. Vid. tom. 4. do Vocabulario. Tomar a gata, em frase chula he embebedarse. Costuma dizerse a hum, que vay bebado, larga a gata; derivase dos navios, que largandose faz endereitar a nao, e dizendo a hum, que largue a gata, se lhe diz, que se endireite, porque vay fazendo gambetas.

Gata. Em tempo delRey D. Fernando, e D. João o I. era hum certo engenho de madeira, que servia de anteparo, para chegarem de fóra a picar o muro, empurrandose desta sorte contra os virotoens, setas, e pedras, &c.

Gatazio. Unhada, como de gato. *Unguis felini laceratio, onis, Fem.*

Gatazio. Engano de marca mayor. Pregar hum gatazio, em frase chula, he fazer hum grande engano; he imitar ao gato goloso, que préga os dentes no queijo, e ainda que ninguem o veja, bota a correr.

Aquelle gato affamado
Que ao famoso Mizifut
Pregou o mayor Gatazio.

Oraç. Academ. de Fr. Sim. pag. 409.

Gate. Serra de Gate. Na Peninsula da India, *intra Gangem*, he aquelle grande espinhaço, e corda de serranias, que vay do Norte para o Sul, até acabar no Cabo de Comorii, que cahem para o mar, nas terras de Curale, Saltim, Parvolide, e Banda, que ficaõ acima de Goa. *Barros, Dec.* 4. *fol.* 420.

Gatilho. Ferro, que nos fechos das espingardas, os faz desarmar.

Gatinara, Cidade, e Condado de Italia, no Piemonte.

Gato. Vid. tom. 4. do Vocabulario. O Adagio diz: Lançar o gato nas barbas.

Gatos. Saõ quatro paos, em que anda o eixo; os trazeiros costumaõ ser como chavelhaõ do arado, os dianteiros saõ direitos.

Gatuno. Termo de chularia. Velhacaõ, tonante.

Gaveta.

GAV

Gaveta. Vid. tom. 4. do Vocabulario. (Seja exemplo de como Pindaro comparou as minhas casas, que por serem pequenas, muitas, e bem guarnecidas, lhes chamou *Gavetas de Escritorio. Corte na Aldea, pag. 236. Dialogo 2. versus finem.*)

Gaviete. Termo de Tanoeiro. He hum ferro de quarro, ou cinco palmos de comprido, com outro metido por elle, em fórma quasi de cravaica de Sapateiro, o qual serve para meter os arcos de cabeça, quando por apertados naõ querem entrar.

Gauros. Povos espalhados pela Persia, e na India, que professaõ huma Religiaõ muito particular. Dizem, que o pay do seu Profeta èra Franca, ou Frangue de naçaõ, e se chamava *Azer*; e o seu officio era de Esculror. Sahio da sua Patria, para vir morar com elles, que entaõ viviaõ em Babylonia, onde casou com huma mulher, chamada Dogdon. A isto accrescentaõ as patranhas, que se seguem. Esta mulher depois de visitada por hum Anjo, que Deos lhe enviou do Ceo, ficou cheya de huma luz celeste, e se achou prenhe, e pario hum filho, que foy o Profeta, que elles chamaõ *Ebrahim Zer Ateuet*. Pelas observaçoens, que fizeraõ nos Astros os Astrologos daquelle tempo, conheceraõ, que brevemente nasceria este menino, e ao Rey chamado Nenbrout deraõ esta noticia. Mandou este Rey matar todas as mulheres, que em todos os seus estados estavaõ pejadas; mas como a prenhez da mãy do seu Profeta naõ apparecia, naõ foy morta, e a seu tempo pario do seu Profeta. ElRey de Babylonia, (pelo que dizem) teve noticia do nascimento deste menino, e mandando, que lho trouxessem, o quiz matar à espada, mas castigou-o Deos no mesmo instante, porque se lhe secou o braço. Irado, e enfurecido com este castigo, mandou accender huma grande fogueira, para nella queimar o menino, mas no meyo das brazas descançou o menino, como se estivera em cama de rosas. Aquelles, que logo naquelles principios começaraõ a venerar o menino Profeta, tomaraõ deste fogo, e o guardaõ (dizem elles) em recordaçaõ do grande milagre, que deu a conhecer o merecimento do Profeta. O dito Rey, sem se render à vista das duas taõ notaveis maravilhas, mandou preparar novos supplicios para o menino. Castigou Deos a sua incredulidade com mosquitos taõ mortiferos, que todos os a que elles picavaõ, pouco tempo depois morriaõ. Hum destes mosquitos entrou no ouvido do Rey, e morreo como cаõ danado. O seu successor se chamou *Cha-clocthes*; tambem quiz perseguir ao menino Profeta, mas finalmente se reduzio, vendo os milagres, que fazia, e à imitaçaõ do Povo, o adorou. Este Profeta depois de obrar muitos prodigios, se escondeo, e desappareceo. Seguem alguns, que em corpo, e alma sobira ao Ceo. Dizem outros, que achando perto da Cidade de Bagdat hum ataude de ferro, se deitara nelle, e que os Anjos levaraõ este ataude ao Ceo. Elles crem, que hum dia todas as naçoens receberaõ a Relegiaõ do seu Profeta, e que a isto se seguirá a resurreiçaõ universal. Do que se tem dito he facil de inferir, que estes Gauros tem hum conhecimento confuso da Religiaõ Christãa, que elles com fabulas misturaraõ.

O seu Profeta *Ebrahim Zer Ateuet*, depois de estar no Ceo, alcançou, que mandasse Deos a estes Povos sete livros, para se instruirem na verdadeira Religiaõ; os mesmos receberaõ depois outros sete, que continhaõ a explicaçaõ de todos os sonhos; e finalmente outros sete, em que estavaõ escritos todos os segredos da Medicina. Mas Alexandre Magno depois de conquistar as suas terras, fez queimar os sete livros, que tratavaõ da sua Religiaõ, porque ninguem entendia a linguagem, em que estavaõ escritos. Depois da morte de Alexandre,

dre algũs Sacerdotes, e Doctores, que se tinhaõ acolhido aos montes, para salvar as vidas, compuzeraõ hum novo livro, sobre o que lhe dictou a memoria da liçaõ, que haviaõ tido dos livros mandados do Ceo. Este livro, que he de bom tamanho, he muito differente dos livros dos Persas, Arabes, e Indios, e hoje os Sacerdotes dos Gauros, naõ o entendem senaõ com a declaraçaõ, que achaõ em outros livros dos seus Doutores. Quanto ao bautismo, e casamento dos Gauros acho, que naõ admittem a circuncisaõ. Só depois do nascimento de seus filhos, os lavaõ em agoa, onde deitaõ algumas flores a ferver, e entretanto faz o Sacerdote humas oraçoens, que lhe servem de bautismo. Ainda que os Gauros possaõ ter cinco mulheres, huma dellas he a senhora das mais. No tocante à adoraçaõ do fogo, naõ fazem a este elemento as honras, que se poderiaõ entender debaixo desta palavra adoraçaõ. Reconhecem os Gauros hum só Deos, Creador do Ceo, e da terra, e só veneraõ o fogo, em que no meyo das chammas foy o seu Profeta perservado. Os seus Sacerdotes, a que elles chamaõ *Cazi*, lhes distribuem huma vez cada mez este para elles sagrado fogo; tomaõ-no para testemunha dos seus juramentos; ninguem se atreve a jurar falso na presença deste fogo, a que elles chamaõ Celeste. *Joaõ Bautista Tavernier, Viagem da Persia.*

GAY

Gayfonas. Vid. Gaifonas, tom. 4. do Vocabular. He termo jovial, e chulo. Val o mesmo, que Galhofas, festas.

GAZ

Gazia. A Gazia, he hum ajuntamento de gente militar, da qual se valem os Principes Mouros para a propagaçaõ da sua Religiaõ, como entre Christãos a Cruzada para a defensaõ, e dilataçaõ da Fé. Almansor. II. entrou em Hespanha com hum Exercito de quatro centos mil homens, que elle levantara para este effeito, no anno de 1200. *Marmol, Histor. de Africa, livro* 2. Outros lhe chamaõ *Gazuá*. Vid. Gazua.

GEA

Geada. Vid. tom. 4. do Vocabul.

Adagios Portuguezes da Geada.

Herva má, naõ lhe empeça a geada. Naõ ey medo ao frio, nem à geada, senaõ à chuva porfiada. O nabo, e o peixe, debaixo da geada cresce. Branca geada, mensageira da agoa.

GEB

Geba. Vid. Corcova. Derivase do Latim *Gibba*, que em Juvenal he corcova.

Gebo. Vid. Corcovado. Corcoz. Termo do vulgo, a que daõ outros sentidos. He tomado do Latim *Gibbus*, corcovado.

GEH

Gehan-abad. Cidade da Provincia de Dehli, no Imperio do Mogor. A Cabeça desta Provincia tambem se chamava Dehli; mas está quasi destruida desde que *Cha-gehan* fez edificar em pouca distancia, esta nova Cidade *Gehan abad*, à qual deu o seu nome, e para a sua habitaçaõ, a preferio a Agra, pela benignidade do clima. Todas as casas dos particulares saõ humas grandes cercas, no meyo das quaes fica o edificio, para que ninguem se possa chegar aos quartos das mulheres. A mayor parte dos Cavalheiros tem fora da Cidade a sua vivenda, pelo mayor commodo, e abundancia de agoa. O Palacio do Rey tem huma boa meya legoa de circuito. Os muros saõ de cantaria, com suas ameas, e de dez em dez ameas tem huma torre. Os fossos saõ cheyos de agoa, e tambem guarnecidos de cantaria. Os *Omrhas*, isto he, os Fidalgos, e Senhores principaes do Reyno (como os Baxás em

Tur-

Turquia, e os Kans na Persia) estaõ pessoalmente de guarda no segundo pateo. O Divan, ou Sala da audiencia fica no terceiro pateo; em trinta e duas columnas de marmore descança a abobeda deste Divan; e todas as paredes saõ ornadas de flores de varias cores. Dos sete Thronos magnificos do Mogor, em varias partes do seu Palacio, o mais precioso he o que se vê na sala do primeiro pateo. Os pés delle saõ cubertos de ouro esmaltado, e guarnecidos de muitos diamantes, rubins, e outras pedras finas. No meyo de cada barra se vè hum grande rubim, com quatro esmeraldas ao redor, que formaõ huma cruz quadrada. Ao longo das barras brilhaõ outras cruzes semelhantes, das quaes tem algumas outra disposiçaõ, porque a esmeralda fica no meyo, e os rubins ao redor, o que faz para a vista hum admiravel effeito. Os vãos, que ficaõ entre os rubins, e as esmeraldas saõ coalhados de diamantes, ou de perolas engastados em ouro. Atase a este Throno hum alfange, e huma maça d'armas, huma rodela, hum arco, huma aljava com suas frechas, e todas estas peças saõ guarnecidas de pedras finas. O vaõ da parte superior do docel he cheyo de perolas, e diamantes com huma franja de perolas ao redor. O docel, feito a modo de abobeda, tem por remate hum pavaõ, cuja cauda he ornada de muitas safiras azuis, e outras pedras de varias cores; o corpo he de ouro esmaltado, e no peito tem hum grande rubim, do qual pende huma grande perola comprida a modo de pêrinha. As doze columnas em que descança o docel, saõ cercadas de muitas fileiras de perolas redondas. Na parte, que dá no pateo, e defronte do assento delRey ha huma joya furada, da qual pende hum diamante muito grande, cercado de rubins, e esmeraldas. Nos lados do Throno se vem dous chapeos de sol de veludo vermelho bordado de ouro com huma franja de perolas, e os paos que o sostem, saõ cubertos de diamantes, rubins, e perolas. Este famoso Throno, principiado por Tamerlaõ, e acabado por Cha-Gean, segundo *Bernier*, Author Francez, custou mais de cento e sessenta milhoens de libras Francezas, que em moeda de Portugal fazem alguns oitenta. Quasi no meyo do dito terceiro pateo, ha hum pequeno canal, onde todo o tempo, que está o Rey no seu Throno todos paraõ, sem exceituar os mesmos Embaixadores. Quando qualquer delles chegou até o dito canal, o Introdutor virado para o Divan, diz em voz alta, que tal Embaixador pede audiencia a Sua Magestade; entaõ hum dos Secretarios de Estado o repete a ElRey, que pondo os olhos no Embaixador, faz ao Secretario final, que o faça chegar. Pela parte do pateo, onde está o *Divan*, apparece huma pequena Mesquita, cujo zimborio he cuberto de chumbo, taõ perfeitamente dourado, que a muitos parece, que he todo de ouro maciço. A esta Mesquita todos os dias vay ElRey fazer oraçaõ, excepto as sestas feiras, porque nellas deve ir à Mesquita mayor, a qual he muy fermosa, e está assentada em huma grande plataforma, mais alta que as casas da Cidade, aonde se sobe por humas grandes escadas.

As estrebarias delRey, edificadas no lanço direito do pateo, sempre estaõ cheyas de bellos ginetes; o mais ordinario terá custado tres mil patacas; alguns chegaraõ a custar dez mil. Naõ os sustentaõ com feno, nem com palha, nem com cevada, pela manhãa daõlhes de comer hum bolos de farinha de trigo, amassada com manteiga. No tempo das canas de açucar, e do milho, daõlhe huma raçaõ pelo meyo dia, e à noite tem huma medida de grãos, machucados entre dous calhaos, e molhados em agoa. *Tavernier, Viagem da India.*

GEHENNA. Diz S. Jeronymo, que perto da Cidade de Jerusalem havia hum Idolo de Baal, em hum valle, chamado *Tophet*, que quer dizer *Tambor*, *Tympanum*, para naõ serem ouvidos os gritos dos meninos, que eraõ lançados no

fogo

fogo, e sacrificados ao dito Idolo. Este valle se chamava tambem *Ge-hen-Ennon*, e por abreviaç. *Gennon* de *Ge*, que quer dizer *Valle*, e *Ennon*, que se deriva de *Nahan*, que significa *Gimer*. Dizem outros, que este Idolo era o de *Moloch*, ao qual os Ammonitas sacrificavaõ meninos. Pedro Danet, que no seu livro, entitulado *Dictionarium Antiquitatum Romanarum, & Graecarum*, pag. 425. col. 1. diz, que o dito valle se chamava *Tophet*, *id est*, *Tambor*, dà a entender, que quando os sacrificadores lançavaõ os meninos no fogo, havia tambores, que tocavaõ a caixa, para o Povo naõ ouvir, e se naõ compadecer dos pobres meninos, que se queimavaõ. Vid. tom. 4. do Vocabulario Gehenna.

GEI

Geira. Vid. tom. 4. do Vocabular. Querem alguns, que Geira se derive de *Omogiro*, que foy o primeiro, que ungio boys para lavrar a terra.

GEL

Geloens. Povos da Scythia Europea, que confinavaõ com os Agathyrses. Na guerra aturavaõ com notavel paciencia a fome, e o seu sustento ordinario era leite misturado com o sangue, que tiravaõ a seus cavallos. Costumavaõ esfolar os seus inimigos, e com as suas pelles faziaõ huns vestidos, para se fazerem mais formidaveis. Tambem para causar terror na guerra, pintavaõ o corpo com varias cores. *Mela*, *liv*. 1. *Alex. ab Alex. lib*. 1. *cap*. 19.

GEM

Gemeos. He o nome de hum dos doze Signos do Zodiaco, que consta de dezoito Estrellas. No mez de Mayo entra o Sol neste Signo. Fingem os Poetas, que estes Gemeos, saõ Castor, e Pollux, filhos de Leda, os quaes foraõ levados ao Ceo, e mudados por Jupiter nesta Constellaçaõ. *Caesius*, *Astronomia Poetica*.

Gemer. Termo de Agricultura. Gemer a vide, he enxertalla de Gema. Vid. mais acima Enxertar. (Como voltaõ a vide, gemendo-a, sempre lança a vara curta, o que naõ he, quando arrebenta de gemida. Alarte, Agricultura das vinhas, pag. 63.)

Gemino. He palavra Latina de *Geminus*, *a*, *um*. Dobrado, ou duplicado.

Sospeita se Latona em naõ rompia
Com Gemino *esplendor nacar sagrado*.

Man. de Far. e Sous. Fabul. de Narciso, e Ecco, Estanc. 12.

Gemma. He palavra Latina, que val o mesmo, que pedra fina, pedra preciosa. *Gemma*, *ae*, *Fem*.

Porém se em atrahir me tens motora
Propriedade gentil de Gemma *Electra*.

Manoel de Faria e Sous. Fabula de Narciso, e Ecco, Estanc. 24. Vid. Alambre, no tom. 1. do Vocab.

Gemmante. He tomado do Latim *Gemmans*, ou *Gemmatus*, *a*, *um*. Guarnecido de pedras preciosas, ou cousa, que se pareça com ellas. Stacio diz, *Gemmatae alae pavonis*. As azas do pavaõ brilhantes como diamantes; Lucrecio diz, *Herbae Gemmantes rore*. Hervas cubertas de gotas de orvalho, que parecem perolas, ou pedras preciosas.

Triunfante admira, já dos mares fóra
Gemmantes *berços da rosada Aurora*.

Manoel Tavar. Ramalhete Juvenil, Lyra 1. fol. 66.

Gemonias. Sobre o verbo Latino *Gemo*, diz Vossio, que em Roma se chamava *Gemoniae Scalae*, ou *Gradus Gemonii*, hum poço, para o qual se decia por degraos, a modo de escada, no qual poço se lançavaõ os corpos dos malfeitores, depois de arrastrados com ganchos de ferro, atè o dito lugar. Segundo Suetonio, as Gemonias eraõ a modo de forcados particulares, em que deixavaõ por algum tempo suspensos os corpos dos padecentes, depois de trazidos ao lugar do seu supplicio, donde tambem com arpéos os levavaõ à borda do

do rio Tybre, onde os lançavaõ. Sobre isto póde o curioso ver *Plinio, no livro 8. cap. 40.* onde faz mençaõ de hum caõ, que naõ se apartou de seu dono depois de dependurado nas gemonias. Querem alguns, que tomassem este nome de hum malfeitor, chamado *Gemonio*, que foy o primeiro que nellas foy exposto, ou do nome daquelle, que as construhio, ou do Latim *Gemo*, porque era lugar de gemidos, e lamentos. Ficava este lugar junto do monte Aventino, e depois da derrota dos *Veyos*, Camillo o destinou para nelle expor à vista do Povo, os corpos dos malfeitores nûs, e guardados por soldados, para que a gente os naõ levasse de noite.

GEN

GENERALISSIMA. Deste superlativo feminino usa Manoel de Faria, e Sousa, *Na 3. part. da Fonte de Aganipe, Cançaõ 24. 48.*

O coro das Sirenas
Em torno hia cantando
O' tu Generalissima *ditosa*,
Que agora governando
Flores, e luzes vás, taõ singulares.

GENITOR. He palavra Latina, que quer dizer pay. *Genitor, is, Masc.*

Como fez a vossos Genitores
Joãos, sempre na guerra vencedores.

André da Syl. Mascar. Destruiç. de Hespanha, liv. 1. Oit. 12.

GENITORIA. Geraçaõ. Vid. Genitura, tom. 4. do Vocabulario. (Sua antiga genitoria, e gloriosa estirpe. Crisol Purificat. fol. 692)

GENNADES. He o nome, que os Latinos davaõ às mulheres nobres, que casavaõ inferiormente à sua calidade, como fez Virginia, que sendo de familia Patricia, casou com homem Plebeo. *Tit. Livio lib. 10. cap. 8. livro 1. C. de Dig. 1. femina ff. de Senatu.*

GENTIL. Gentio. Vid. no seu lugar, no Vocabul.

Que era Comedia, e gram festa
Dos Deoses deste Gentil.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Canfonha de Euterpe, pag. 110. O Gentil, ou Gentio, em que falla, he Seneca.

GENTILHOMEM. Vid. tom. 4. do Vocabulario. Andar gentilhomem em huma cousa. Obrar bem, haverse hontadamente. *In aliquâ re pulchrè se gerere.* Em Calepino *Pulchrè*, he synonymo de *Bellè*, e *Præclarè*. (Nesta revolta andou Gomes Eanes muito Gentilhomem. Diogo do Couto, Dec. 8. livro 1. pag. 216. col. 2.)

GENTIO. Vid. tom. 4. do Vocabular.

Gentio. Derivase do Latim *Gens*, que segundo a etymologia do Orador *Fronto*, val o mesmo, que *Populus genitus*, mas como nem todo o Povo gerado he o mesmo; por esta palavra *Gentio*, entendem os Christãos a *Gente*, que fica na mesma fórma, que foy *Gerada*; e assim naõ foy circuncidada, como saõ os Judeos, nem he bautizada, como saõ os Christãos; mas permanecendo *In puris naturalibus*, està como sahio do ventre da mãy, e naõ conhece a Deos, nem cousa sua.

GER

GERANIA. Antiga Cidade da Mesia, para as terras da Thracia, e do monte Hemo. Era a terra dos Pygmeos, taõ celebrados dos Poetas, que os tem pintado taõ pequenos, que só tinhaõ hum covado de alto. Tambem fingiraõ, que essa pequena gente, acometida dos Grous, foy vencida, e lançada fóra do seu Paiz. A esta patranha accrescentaõ outra, a saber, que as suas mulheres concebiaõ desde a idade de cinco annos, e chegando aos oito, já eraõ velhas. Muitas outras fabulas se contaõ desta gente, que por recreaçaõ se podem ver em Plinio, *Lib. 4. cap. 11.*

GERBES. Ilha de Africa, na Costa do mar Mediterraneo, sogeita ao governo de Tripoli. Os Arabes lhe chamaõ *Zerbi*; os Antigos lhe deraõ varios nomes, porque ella he o *Lathophagitis* de Ptolomeo, a *Myrmex* de Polybio, e a *Meninx* de Strabaõ, e de Plinio. Os Castelha-

telhanos foraõ Senhores desta Ilha, mas no anno de 1560. os Infieis os lançaraõ fóra. Nesta Ilha o famoso Corsario Dragut escapou a André Doria. Vid. *o livro 26. da Historia de Thou.*

Gerebita, ou *Geribita*. Vid. Gerebita no 4. tom. do Vocabul.

Por hum lenço tomado
Em Geribita *ensopado*,
Se o fogo se lhe puzer,
A Gerebita *ha de arder*,
Sem ser o lenço queimado.

Gregorio de Mat. em huma Satyra.

Gergenti. Cidade Episcopal de Sicilia. Vid. Agrigento.

Geriaõ. Vid. infra Geryaõ.

Geribita. Vid. supra Gerebita.

Geriçal. Vid. infra Pacharil.

Germinante. He tomado do Latim *Germinare*, Brotar a arvore.

Ao plectro ofreça altisono instrumento
Germinante *Thalia em culta idade*.

Man. de Far. e Sous. Fabula de Narciso, e Ecco, Estanc. 1. Falla o Poeta em sentido figurado.

Geryaõ. Filho de Chrysaor: era Rey das tres Ilhas da costa de Hespanha, chamadas *Baleares*, e *Ebusa*; hoje lhe chamaõ *Malhorca*, *Menorca*, e *Yviça*, ou *Evissa*; o que deu lugar à Fabula para dizer, que Geryaõ tinha tres corpos. Dizem outros, que se chamava Geryaõ *Tricorporeo*, porque havia tres irmãos deste nome, os quaes viviaõ taõ unidos, e concordes, que pareciaõ ter huma só alma. Dizem, que este Geryaõ foy morto por Hercules, que levou os seus boys para a Grecia. Segundo alguns Mythologistas, com estes tres corpos de Geryaõ, entendia a Antiguidade o rayo, composto de huma materia sutil, que penetra; de huma materia ventosa, que aparta, e dissipa, de huma materia viscosa, que queima. Delli nasceo, que representavaõ o rayo de Jupiter com tres dardos, ou pontas; e no tocante aos boys, cujo mugido atroa os ares, era o emblema do trovaõ, que dá horriveis estampidos.

A Fabula de Geryaõ era huma patranha da Phenicia, cuja explicaçaõ he esta. O Hercules, que desembarcou na Ilha de Gadir, foy acomettido por tres companhias de moradores da dita Ilha, que elle desbaratou. No seu idioma declaravaõ os Fenicios este successo com estas palavras, *Hacche thelath resche Geryon*, o que palavra por palavra quer dizer, *Destruhio as tres cabeças de seus moradores*. Os Mythologos dizem, que o caõ de Geryaõ se chamava *Gargitius*, isto quer dizer *Gere-chitta*, ou *terror dos estranhos*. *Hesiodo na Theogonia*. Os Poetas Latinos chamaõ a Geriaõ *Rex triformis*, *triplex*, *tricorpor*, *tergeminus*. Claudiano diz: *Hoc neque Geryon triplex, nec turbidus orci*. Virgilio diz: *Tergemini nece Geryonis, spoliisque superbus*.

GHE

Gheneoa. Reyno, ou Provincia de Africa na terra dos Negros, para a foz do rio Niger. Em toda esta terra naõ se acha nem Cidade, nem Castello. O Governador tem seu assento em huma grande Villa, com seus Alfaques, ou Magistrados, e a gente mais nobre do Paiz. O rio Niger, no mesmo tempo que o Nilo trasborda, fórma desta Villa huma Ilha nos mezes de Julho, Agosto, e Setembro; e quando começa a agoa a crescer, os mercadores do Tombut carregaõ suas mercancias em barcos, e canoas. A Provincia de Chencoa he abundante de cevada, e arroz; tem muito gado, e muito peixe, mas naõ tem fruta.

Ghet. Carta de repudio entre Judeos. Vid. Guete.

GHI

Ghiaour. Daõ os Turcos este nome aos que elles consideraõ como Gentios, ou Infieis. Tambem quasi sempre daõ este mesmo nome aos Christãos. Traz este nome a sua origem da Persia, onde os que observaõ a antiga Religiaõ dos Persas, e que adoraõ o fogo, tambem saõ chamados *Ghiaours*, ou *Chiabers*.

bers. Ricaut, Historia do Imperio Ottoman.

GIG

Giga. Além do que traz o Vocabulario, bom he de advertir, que naõ só se chamaõ *Gigas*, as que saõ muito largas, e tem hum palmo de altura; mas em algumas terras, e particularmente em Setuval, o que chamaõ *Gigas*, saõ huns cestos grandes, de tres palmos de alto, e dous de largo, pouco mais, ou menos; nellas se carrega a sardinha, e o sal. (Se encheráõ as *Gigas* com o sal, que estiver medido pela dita fanga. Regimento do Sal de Setuval, cap. 17.)

Gigante. Vid. tom. 4. do Vocabulario. Na Historia do Mundo Novo diz Laet, que na Virginia, terra da America Septentrional, ha huns homens de taõ alta estatura, que comparados com os Europeos, e outros salvagens da America, parecem gigantes. Os Nacionaes lhes chamaõ *Sesquesahanoxes*. Joaõ Smith, Author Inglez, na descripçaõ, que faz de hum destes salvagens diz, que tomandolhe a medida da grossura da barriga da perna em roda, achará, que fazia tres quartos de huma vara de Inglaterra. A isto accrescenta, que era bem proporcionado, e gentilhomem. As settas, que trazia, tinhaõ vara, e meya de comprido, com hum seixo agudo no cabo em lugar de ferro; em huma maõ tinha o arco, a clava na outra, e mostrava ser valente.

Gigeri. Cidade de Africa, em Barbaria, no Reyno de Argel. He huma das principaes da Provincia de Bugia. A empreza dos Francezes no anno de 1664. sobre esta Cidade, naõ teve successo.

GIL

Gilboa. Especie de lagoa.

Gilgul. Esta palavra, que muitas vezes se acha nos livro dos Judeos, particularmente dos Authores Allegoricos, significa *Revolvimento*, *volta*, ou *volteadura*. Elles tem para si, que os de sua naçaõ, que estaõ dispersos pelo Mundo, e morrem fóra da terra de Canaan, no dia do Juizo naõ resuscitaráõ, senaõ por meyo deste *Gilgul*. O que elles explicaõ por este modo. Os que estiverem sepultados em outra terra, que na de Canaan, daráõ voltas pelas gretas, e aberturas da terra, até o lugar, do qual haõ de resuscitar. Alguns delles tem isto por cousa taõ certa, que algum tempo antes da sua morte vaõ para a terra de Canaan, para naõ ficarem sogeitos a estas voltas, ou *Gilgul*, do qual se faz mençaõ no *Talmud*, e nos antigos *Medrascim*. Segundo Rabbi Leaõ de Modena, há Judeos, que segundo a doutrina de Pythagoras, entendem, que as almas passaõ de hum corpo para outro, o que tambem chamaõ *Gilgul*. Este segundo *Gilgul*, he taõ ridiculo, como o primeiro.

Gilvaz. Vid. tom. 4. do Vocabulario. Na sua carta escrita ao Abbade de Alcobaça, depois da batalha de Aljubarrota, diz Dom Lourenço Arcebispo de Braga, que se achou nella: *As ribeiradas do meu* Gilvaz *já som vedadas.*

GIM

Gimbo. Vid. Zimbo.

GIN

Gineta. A Ordem Militar da Gineta, foy instituida por Carlos Martel, Duque dos Francezes, depois da batalha, em que desbaratou o Exercito de Abderama, Principe dos Sarracenos. Dizem os Historiadores, que em agradecimento desta grande vitoria mandara Carlos Martel edificar no mesmo lugar huma Capella em honra de S. Martinho Turonense, segundo Apostolo das Gallias, a qual foy chamada S. Martinho da Batalha, e depois por corrupçaõ S. Martinho o Bello, tomando este nome do Latim, *Oratorium Sancti Martini de Bello*. Entre os despojos dos inimigos se acharaõ muitos forros de pelles de gineta,

neta, e juntamente muitos destes animaes vivos, que foraõ presentados a Carlos Martel, que as distribuhio com Principes, e Cavalheiros, que militavaõ no seu Exercito; e para conservar a memoria de huma taõ notavel vitoria, instituhio a Ordem, que elle chamou da Gineta. Carlos Martel recebeo o primeiro, o collar da dita Ordem, o qual constava de tres cadeas, entresachadas com rosas esmaltadas de vermelho, de cuja extremidade pendia huma Gineta de ouro, esmaltada de negro, e vermelho. Foy esta Ordem muito estimada em França, no reynado dos Reys da segunda casta; mas Roberto, filho de Hugo Capet, com a instituiçaõ da Ordem da Estrella, extinguio a da Gineta. *Favin, Theatro de Honra, e de Cavallaria.*

Ginete. Capitaõ de Ginetes. Este cargo, e nome achamos em Portugal desde o tempo delRey Dom Affonso o V. Gonsalvo de Sousa foy o primeiro, que o teve. Segundo a linguagem de hoje na milicia, responde este officio a General da Cavallaria do Reyno. *Cabed. Decis. part. 2. Decision.* 103.

Gingi. Cidade, e Provincia da India, na Peninsula, àquem do Ganges, na costa de Coromandel. Tem esta Provincia hum Principe particular, a que os da terra chamaõ *Naique*; dizem, que paga tributo ao Rey de *Visapur*. A Cidade de Gingi, da qual tomou a Provincia o nome, he grande, e bem povoada. As outras Cidades saõ *Caloran, Candabatan*, &c.

GIO

Gionullos Saõ no Imperio do Turco huns Aventureiros, que à sua custa se mantem nos Exercitos, com a esperança de merecer, e alcançar com algum feito insigne o lugar dos *Zains*, ou dos *Timariotes*, quando na guerra os mataõ. Muitas vezes obraõ estes homens cousas quasi incriveis, e assinalaõ o seu valor, expondo a vida aos mayores perigos. Observase, que em hum só dia, foy conferida à honra do mesmo *Timar* a oito destes valentoens, dos quaes os primeiros sete foraõ successivamente mortos hum a traz do outro em hum assalto, que no anno de 1663. os Turcos deraõ à Fortaleza de Serim em Hungria, de sorte, que só o oitavo logrou o *Timar*, e naõ gozaraõ os outros deste titulo, se naõ hum instante. Entendese, que *Gionullu*, se deriva de *Gionum*, que quer dizer *Impeto furioso*, do qual *Gionum*, se fórma *Gionullu*, que significa hum furioso, que temerariamente se expoem a grandes perigos. *Ricaut, Historia do Imperio Ottomano.*

Gior. Reyno, sito no tracto dos Malayos, e na terra firme, opposta à Ilha de Sumatra. Vay correndo costa mar de Malaca atè Talangane, e juntamente comprehende hum numero innumeravel de Ilhas, das quaes se formaõ muitos estreitos. Fica a Corte deste Reyno entre o segundo, e terceiro grao da linha Equinocial, para a parte do Norte; com esta ventagem, que estando esta terra no centro da Zona Torrida, naõ experimenta os excessivos calores, que havieraõ de causar os rayos directos do Sol; he fresca, e aprasivel, e logra huma quasi perpetua Primavera, por causa da muita agoa, já dividida em muitos canaes, já dilatada em grandes lagos, e já despedida de perennes fontes, e quasi todos os dias accrescentada das muitas chuvas, em que se resolvem os vapores, e que refrescando a terra, a fertilizaõ. A gente natural da terra he parda, pela mayor parte Mahometana de Religiaõ, maligna, e atreiçoada. Bom numero dos subditos deste Reyno tem seu perpetuo domicilio em barquinhos no meyo da agoa, o que he muito ordinario em toda aquella parte da Asia, atè a China. A terra de si he fertil; mas as muitas guerras a fazem esteril. Abunda de pimenta, ouro, pao de aguila, canfora, &c. e dá mastos para qualquer sorte de navios, porque produz paos fortes;

fortes, direitos, e compridos. Anda huma Relação manuscrita do que succedeo a Antonio de Albuquerque Coelho, Governador, e Capitaõ General de Macao, quando entrou em Giór, e de como o Rey do dito Reyno o recebeo.

Giovenaço. Pequena Cidade do Reyno de Napoles, na terra de Bari. Tem Bispo. Os Authores Latinos lhe chamaõ *Juvenacium, i, Neut.*

GIR

Giraçal. He o nome da melhor casta de arroz de toda a Costa da India. Dá-se com abundancia nas varzeas da Cidade de Baccalá na costa do Canará. *Couto, Decada 5. fol. 193. col. 2.*

Girante. Cousa, que dá giros, que rodea. *Gyros agens. Seneca, Gyros ducens. Sil. Italico.*

O esgabelo terreno
Com Girante *licor vagas ameno.*

Manoel Tavares, Ramalhete Juvenil, fol. 5. e 12. Vid. Girar, tom. 4. do Vocabulario.

Giria, ou Gira. Vid. tom. 4. do Vocabulario.

Outras palavras da Giria.

Alfarreca, Cabelleira.
Altenado, Amo.
Alvada, Carapuça.
Arame, Espada.
Bolonio, Simplez, Pobrete.
Calcos, Sapatos.
Cheta, Vintem.
Cascunhar, Ver.
Crivantes, Dentes.
Encanhas, Meyas.
Entrugir, Entender.
Espigas, Bigodes.
Estardaro, Euoque.
Falso, Lenço.
Gabio, Chapeo.
Galrar, Fallar,
Gambias, Pernas.
Galradeira, Lingua.
Garracha, Unha, Maõ.
Geba, Máy velha.
Graõ, Cruzado novo.
Lancho, Penedo.
Moquideira, Boca.
Nieme, Naõ sabes, ou nantesuem.
Rasa, Fome.
Razó, Frade, ou Clerigo.
Sonar, Dormir.
Suquir, ou Soquir, Comer.
Terne, Costas.
Tiba, Faca.
Terragoza, Lisboa.
Traquete, Garavata.

Girigote. Velhacaõ, extravagante destro na tonantaria.

Giribanda. Na India he huma correa, que todos os cavallos da Asia trazem para lhes firmar a cabeça, por falta de sciencia dos que os ensinaõ, e tambem dos Freyeiros, em Portugal se chama gamarra à correa, que tem o mesmo uso.

GIS

Gis, ou Gys, ou Gyz. O Padre Bento Pereira no Thesouro da lingua Portugueza diz *Giz*; Jeronymo Cardoso no seu Diccionario, e outros escrevem *Gis*. Vid. Gesso, tom. 4. do Vocab.

Porque só pinto o que vejo
Naõ lanço adiante o Gis.

D. Franc. Man. Obras Metric. tomo 2. Viola de Thalia, fol. 220. col. 2.

GIU

Gius-chon. Na lingua Turca val o mesmo, que *Leitor do Alcoraõ.* Nas Mesquitas Reaes ha trinta destes *Gius-Choens*; cada dia lê cada hum delles huma das trinta Secçoens do Alcoraõ, e assim todos juntos lem todos os dias todo o dito livro. *Gius*, quer dizer *Porçaõ*, ou *Secçaõ*; *Chon*, ou *Chan*, significa *Leitor*, como quem dissera, *Leitor de huma Secçaõ.* Fazem os Turcos esta liçaõ para descanço das almas dos que deixaraõ algum legado com este intento, por isso fazem junto das sepulturas esta liçaõ nas Mesquitas, ou nos Turbés. *Ricaut, Histor. do Imperio Ottomano.*

GLA

Gladiar. He tomado do Latim *Gladiari*, esgrimir, pelejar á espada. Na sua Prosodia, o Padre Bento Pereira, declarando em Portuguez a palavra Latina, *Bustuarii* diz, homens armados, que andavaõ gladiando em roda dos sepulchros nobres.

Glasco. Cidade de Escocia; na Provincia de Clydesdale. Tem Arcebispo, e Universidade. *Glasquum*, ou *Glascovium*, ii, *Neut.*

Glascon. Pequena Cidade do Condado de Sommerset; na parte Occidental de Inglaterra; onde antigamente havia huma Abbadia muito celebre, que foy destruida por ElRey Henrique VIII. Dizem, que era o lugar onde aportou Joseph d'Arimathea com os companheiros do seu desterro, quando no reynado do Emperador Nerò, foy exterminado de Judea. No anno pois 50. do Nascimento do Senhor, Arviragne, Rey dos Bretoens, lhe deu licença, para neste lugar edificar hum Templo ao Deos do Ceo. Assim o escreveo ha mais de mil e duzentos annos Gildas Bretaõ, Author Christaõ, cognominado o Douto, e todos os Annaes de Inglaterra o confirmaõ. Porém os mais doutos Criticos modernos poem suas duvidas, e naõ podem convir em hum feito como este, destituido do soccorro das provas. Lucio, Rey dos Bretoens, depois de bautizado, ornou este lugar. Inas, Rey dos Inglezes Occidentaes; que fez seu Reyno Tributario à Santa Sé de Roma, no dito lugar mandou edificar hum magnifico Mosteiro, que depois os Reys de Inglaterra ricamente dotaraõ, e chamaraõ este lugar a primeira terra dos Santos. *Sandero*, *Historia da Sisma de Inglaterra.* Hoje chamaõ a esta Cidade *Glastenbury.*

Glauco. Na sua Prosodia traz Bento Pereira esta palavra, por nome do peixe *Galeus*, do qual traz Hadriano Jun. tres especies.

GLO

Globifero. He palavra composta do Latim *Globus*, e *Fero*, que quer dizer *Levo.*

Globiferos *pinheiros*

Bombardas verdes sobre si levantavaõ.
Man. Tavares, Ramalhete juvenil, fol. 17.

Globoso. He tomado do Latim *Globosus*, *a*, *um*, *Cic.* Redondo, cousa feita globo, ou bola.

Naõ ves aquella nuvem mais Globosa.
Manoel de Far. e Sous. Eccleg. 10. fol. 136. Na Fabul. de Narc. e Ecco.

Glomerar. He tomado do Latim *Glomerare.* Dobar, ennovelar, amontoar, ajuntar.

Eolo densas nuvens Glomerando
Naufragio ameaça horrendo, e duro.
Franc. Bar. Landim, Vida de S. Joaõ de Deos, fol. 108. vers.

Goa. Vid. tom. 4. do Vocabulario. Da etymologia de Goa diz Diogo de Couto, Decada 4. livro 10. fol. 199. que antigamente nos Canarins, e entre Estrangeiros andava por adagio: vamonos recrear nas frescas sombras de Goa, e a gostar da doçura do seu betre; e assim lhe chamavaõ por excellencia *Goemoat*, que na sua antiga linguagem quer dizer *Terra fresca*, e fertil, e pela continuaçaõ do nome veyo a abreviar, e a lhe chamarem *Goe*, e os Portuguezes mudandolhe a letra E, lhe chamaraõ *Goa*. Os naturaes Canarins della lhe chamaõ *Tis vari*, que quer dizer *Trinta Aldeas*, por serem tantas as que esta Ilha tem.

GOB

Gobeleins. Famoso edificio, na Cidade de Pariz, no Arrabalde de S. Marcello. Algum dia foy habitado de huns celebres Tintureiros em lãas, dos quaes o primeiro chamado *Gil Gobelin*, no reynado de Francisco I. achou o segredo de tingir a bella escarlata com as agoas de hum rio pequeno, tambem chamado

mado *Gobelin*, que tem para este effeito notavel virtude. Hoje saõ casas cheas de excellentes Officiaes em tapeçarias, esculcura, e obras de ourives, todas destinadas para ornato das casas Reaes.

GOD

Goda. Parece, que era moeda dos Reys *Godos*. (Duas *Godas* de ouro baixo. Agiol. Lusit. tom. 3. 760. col. 2.)

Godrim. Vid. no 4. tom. do Vocabulario. Na 2. parte da Historia da India Oriental de Joaõ Hugo Lintscotano, cap. 11. pag. 33 se faz mençaõ dos Godrins da India; onde diz o Author *Godrins, colchas vocati sunt longè pulcherrimi, & artificiosissimè ex serico, aut gossipio facti, colore, & opere omnigeno.*

GOE

Goeghy. He o nome de huma Seita de Banianes na India. Estes conhecem, que o Deos, que elles chamaõ *Bruin*, tem criado todas as cousas, e as mantem todas com seu poder. Naõ crem na Metempsycosi, ou Transmigraçaõ das almas, como os mais Bancanes, mas esperaõ, que depois de sahirem deste Mundo, estaraõ eternamente com Deos. Fazem suas oraçoens, e adoraçoens em Aldeas, ou em casas velhas, e pardiciros, porque vivem no campo, em matas, e desertos, e naõ tem Mesquita alguma; nem nos Templos das outras Seitas entraõ, se naõ nos da Seita de Samarath; mas he só para pernoitar nelles, quando naõ tem parte, onde se possaõ recolher. Naõ possuem bens alguns, andaõ nús, exceptas as partes, que o pudor manda occultar. Esfregaõ a cara, e o corpo todo com cinzas, o que summamente os desfigura; como tambem os jejuns, e notaveis austeridades com que se maltrataõ, ainda com mais rigor, que os da Seita de *Ceurevath*. Veneraõ muito hum certo Meeis, a que elles chamaõ o Servo de Deos. Todas as mais Seitas de Banianes tem respeito aos *Goeghys*, excepto os da Seita de *Ceurevath*, que fogem de conversar com elles. Elles naõ casaõ, e vivem com castidade taõ melindrosa, que naõ permitiriaõ, que mulher alguma pozesse nelles a maõ. Tambem ha mulheres desta Seita; mas poucas, porque a delicadeza do sexo naõ póde com o rigor da penitencia. *Mandeslo*, *tom. 2. de Oleario.*

Goerea. Ilha pequena, que depende do Reyno de Alé na Nigricia em Africa, tres legoas de Cabo Verde. Goerea tambem he huma das Ilhas de Zelanda, onde ha huma Fortaleza deste nome.

GOG

Gog, e magog. No capit. 20. do Apocalypse, num. 7. se faz mençaõ destes dous nomes: *Seducet gentes, quæ sunt super quatuor angulos terræ Gog; & Magog.* Segundo a interpretaçaõ de Cornelio Alapide, neste lugar *Gog*, e *Magog*, saõ os nomes de huns Principes de ferozes, e barbaras naçoes, que em varias partes do Mundo ajudaraõ o Anti-Christo a perseguir os Christãos. O que segundo o dito Alapide, e outros Authores, particularmente se experimentará nas terras dos Arabes, ou dos Scythas, ou dos Tartaros. No livro 10. da quarta Decada, cap. 1. traz Diogo do Couto muitas razoens, e authoridades para provar, que Tartaros, e Mogores saõ os que na Provincia de Tenduc, se chamavaõ *Ung*, e *Mongal*, e que os da naçaõ *Ung*, saõ *Gog*, e os da *Mongal*, *Magog*, ou *Magores*, e *Tartaros*.

GOI

Goiame. Reyno de Africa, na Abassia, ou Ethiopia alta. Fica na parte donde sahe o Nilo da lagoa de Gambea, segundo o parecer do Padre Jeronymo Lobo da Companhia de Jesus. Deste Reyno diz o Padre Fr. Joaõ dos Santos, na sua Ethiopia Oriental, livro 4. cap. 1. fol. 102. col. 4. que he muito rico, assim por respeito das minas de ouro,

ro, que tem, como do infinito algodaõ, gados, cavallos, e mullas, que nelle se criaõ, e de tudo isto pagaõ os naturaes ao Preste Joaõ em cada hum anno tres mil cavallos, tres mil mullas, tres mil panos grandes, gadelhudos, como taperes feitos de algodaõ, muy estimados, a que chamaõ *Bazutos*; trinta mil panos de algodaõ de baixa sorte, e trinta mil ouquias de ouro, que tem cada huma pezo de doze cruzados.

GOL

Golelhar. Chocalhar, Fallar muito. Ser chocalheiro, verbo chulo. Tambem chulamente chamaõ Golelha, ou Golhelho ao palreiro, ou chocalheiro, que naõ guarda segredo a ninguem.

Golfaõ. Erva, cujas folhas saõ grandes, redondas, e de hum verde escuro, a qual se dá nos pégos, donde lança hum talo, como amarello, até à superficie da agoa, no remate do qual se estende a folha por cima. Vid. Golfaõ, tom. 4. do Vocabulario.

Golodice. Vid. tom. 4. do Vocabulario; Golodices. *Luxuriantis gulæ irritamenta, orum, Neut. Plur.*

GOM

Gombeta. Ley estabelecida, ou renovada por Gondebaud, Rey de Borgonha, que morreo no anno de 516 Entre Borgonhoens era observada, como entre Francezes a Ley Salica. Aqui tem o Leitor alguns artigos mais notaveis da dita Ley. Toda a pessoa livre, podia comprar com dinheiro o castigo dos seus delitos, pagando o que a ley ordenava para satisfaçaõ da parte, e da multa para o Principe; homicidios, latrocinios de estradas, e roubos de gados naõ entravaõ neste perdaõ; nestes tres casos havia pena de morte. Na idade de quinze annos, os Borgonhoens estavaõ emancipados. Comprava o marido sua mulher, dando sessenta escudos de ouro; comprava a mulher o marido com cincoenta. Colhendo o marido a mulher em adulterio, era obrigado a matar os dous adulteros em fragrante delito; matando sò hum, ficava devendo o preço. Aos Juizes era prohibido aceitar presente algum, nem salario. *Mezeray Historia de França, no reynado de Childeberto 1. livro 6.*

Gomma. Vid. tom. 4. do Vocabulario. Tambem ha *Gomma lassa*, que se vende nas boticas, e tambem serve para Tintureiros. *Gomma Edra*, da qual se fazem varios unguentos nas boticas; chamase *Edra*, do Latim *Hedera*, que ha planta, a que chamamos *Era*; e esta gomma he huma como lagrima, de cor amarella, tirante a vermelho, que ou de si mesma, ou por incisaõ destilla da dita planta, e serve de apagar as cicatrizes, matar lendes, e mastigada bem, escalda de sorte, que em breve tempo pela qualquer parte do corpo, por peluda que seja.

Gomma Armonica, ou Armorica. He corrupçaõ de *Ammoniaco*. Vid. no 1. tomo do Vocabulario.

GOR

Gorage. Reyno de Africa, situado perto do rio Nilo da parte do Levante, cinco graos da linha para o Tropico de Cancro. He povoado de Gentios barbaros Cafres de cabello revolto. Entre estes ha grandes feitiçeiros, e adevinhadores. Fazem seus feitiços nas entranhas do animal, que mataõ, adevinhando nellas quanto querem; fazem parecer, que naõ queima o fogo; e para isso mataõ hum boy, fazendo certas ceremonias, e dizendo certas palavras, e untaõse com o cebo do mesmo boy, e depois fazem huma grande fogueira, e assentaõse nella, e de dentro respondem a todos os circunstantes, adevinhandolhe as cousas, que lhe perguntaõ, sem se queimarem; e desta maneira ganhaõ de comer, e saõ temidos, e venerados por esta arte. Neste Reyno ha grandes Povoaçoens debaixo do chaõ, abertas em

em ladeiras muito ingremes de serras muy altas, aonde escaçamente podem subir os donos das casas, ou lapas. O vaõ de cada huma dellas he quadrado, e capaz de recolher sete, ou oito pessoas, o portal muito estreito, e baixo. Quem vê de longe estas ladeiras, cheas de portaes, pareceelhe, que saõ pombaes cheos de buracos, em que criaõ pombos. *Liv. 4. da Ethiopia Oriental de Fr. Joaõ dos Santos*, *cap.* 1.

Gordal. Uva, que às vezes degenera, a que chamaõ camarate, e carrega besta. Naõ convem plantarse, porque he taõ perniciosa à vinha, como a que chamaõ *V*. *Vocabul*. *Alarte*, *Agricultura das vinhas*, *pag.* 28.

Gordo. Vid. tom. 4. do Vocabular. *Adagios Portuguezes de cousas Gordas*.

A velha gallinha faz gorda a cosinha. Naõ ha gallinha gorda de pouco dinheiro. A magra bailha na boda, e naõ a gorda. A gallinha da minha visinha, he mais gorda que a minha. Carne magra, de porco gordo. Ou magro, ou gordo, aqui està o porco todo. Perdigaõ gordo, passara magra. Vedella gorda, e vermelha, pelo papo lhe entra, que naõ pela orelha. Quem a vaca delRey come magra, gorda a paga. Mais val magro no rear, que gordo no monte.

Gorgolejar. Vid. Gargantear.

Dedilhando sois Orpheo,
Gorgolejando, *Anfion*.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 454. He chulo.

Gorgoly. Instrumento de que se usa na India, especialmente para o Norte para fumar tabaco, como tambem em Moçambique, e outras partes da Costa de Africa. O Gorgoly he hum coco cheyo de agoa, pela qual passa o fumo do tabaco, que chega à boca por meyo de hum bambû, ou cana, tendo em cima de outro canudo mais curto o tabaco, e huma braza de lume.

Gorne. Termo de navio. He a roldana, que serve para pregar os cabos de laborar por dentro dos moitoens, e assim ha moitoens de hum, de dous, e de tres gornes por donde correm outros tantos cabos.

Goro. No Commento da Oitava sessenta e quarto do Canto oitavo da Lusiada, onde Manoel de Faria e Sousa, dá a etymologia da palavra *Allegoria*, tambem traz a de goro, e ovo goro; e diz assim. (Alegoria derivase de *Ale*, que vale *Ageno*, y de *Goro*; que suena *Sentido*, y todo junto significa cosa, que pareciendo una en las palabras, es otra en el entendimiento, y quien haze Poesias sin esto, haze Coplas sin Poesia, porque dellos los membros inferiores son el numero, la rima, y las locuciones por mas que todos sean perfetissimos; y pienso yo, que em Portuguez se dix. *Goro*, al huevo, que parecia tener un pollo, y no le tenia, de esse nombre Griego; dando con el a entender, que el huevo no correspondiò a lo que parecia.) Vid. Goro no tom. 4. do Vocab.

Gory. Pequena Cidade do Gurgistaõ, ou da verdadeira Georgia. Fica entre dous montes, em huma planicie, na margem do rio Kur. Os moradores desta Cidade saõ todos mercadores, e abastados. *Chardin*, *Viag. da Persia* 1673.

GOS

Gosos. He o nome dos principaes mercadores, que negoceaõ para o Graõ Duque de Moscovia. Quando se dá audiencia a algum Embaixador, tiraõse da guardaroupa do Graõ Duque alguns ricos vestidos, para enfeitar estes Gosos, que apparecem em huma grande sala com tunicas bordadas, e grandes barretes, forrados de pelles de marta. *Oleario*, *Viagem de Moscovia*.

GOT

Gota. Vid. tom. 4. do Vocabulario O Adagio Portuguez diz, gota, e gota, o mar se esgota. (Escreve Plinio, livro 28. cap. 24. que se huma donzella tocar com o dedo polegar da maõ direita a quem estiver cahido com gotta coral, se levan-

levantará logo. Eva, e Ave de Macedo, 1. parte cap. 45. fol. 245.)

GOV

Govaliar, ou Govaleor. Cidade de huma Provincia do mesmo nome, no Imperio do Mogor, na India, à quem do Ganges. Nesta Praça se guardaõ os thesouros do Emperador, e he a sua prizaõ de inconfidencia, para a qual manda os Principes, e Magnates, quando se quer segurar delles, ou tirarlhes secretamente a vida. *Tavernier, Viagem da India*.

Governo. Villa do Estado de Veneza, sobre o rio Pó, ou Pado, no lugar onde o dito rio recebe o Menzo, e no Ducado de Mantua, entre Mantua, e Concordia. Governo he lugar celebre pelas vistas, que o Papa Leaõ I. teve com Attila, Rey dos Hunnos.

Govete. Termo de Carpinteiro. Instrumento, que serve de fazer as molduras no taboado, para o que tem hum ferro, como de lingua de cobra.

Goulaos. Na Persia saõ escravos, ou filhos de escravos, de toda a casta de naçoens, principalmente de Georgianos, que formaõ hum segundo corpo do Exercito delRey da Persia. O seu General se chama *Koullar Agasi*. Muitos grandes Senhores militaõ neste corpo. *Thevenot, Viagem do Levante, tom. 2.*

Gouvir. Achase em Escrituras antigas. Segundo Duarte Nunes na Origem da lingua Portugueza, fol. 113. significa *Lograr*, e parece derivado do Francez *Jouir*, que tambem quer dizer *Lograr*.

GOY

Goyalva. He o nome de huma flor Ethiopica, da qual dizem alguns Authores cousas taõ admiraveis, que outros duvidaõ muito da verdade dellas. Tem astea alta, a modo de Heliotropio, ou Girasol, e como a Lua he o astro, que esta flor namora, chamaõlhe alguns Gira-Lua. O Padre Nicolao Godinho da Companhia de Jesu, a descreve assim: *Inter floriferas herbas unam esse, quæ ab aliis omnino locis exulat, longum habere scapum, heliotropii instar; frondes hederæ similes, florem in capite unum, magnitudine eximiâ, in eo flore folia mille, tantâ colorum varietate distincta, ut nullus ibi videatur deesse ex iis, qui cæteris sunt in rebus; nihil eodem flore excogitari posse, aut visu pulchrius, aut odoratu suavius; præ illo sordere rosas, lilia, hyacinthos, violas, fætere muscum, & quæcunque alia in toto orbe odoramenta sunt, odorumque compositiones; Solis motum sequi, longè diversâ ab aliis solaribus herbis ratione. Cùm primum Sol à Meridie in occasum declinare incipit florem istum paulatim pandere se se, & folia explicare, quò verò magis aperit sinus, redolere efficaciùs; sub noctem, omnino explicatum, quàm longissimè suavissimum halitum ejaculari; ubi ad noctem mediam ventum, tum verò Solis occasu veluti indignatum, colligere folia, odoremque retrahere, atque ita ad Meridiem usque clausum permanere; Indè iterum paulatim aperiri, & odorem exhalare; Æthiopes vocare hunc florem* Govalvain, *hoc est florem Lunæ, quòd noctem, & ejus astrum videatur amare, diei, ac Solis inimicus.* De outras maravilhas, que desta flor se contaõ, e particularmente da avesinha, que (segundo o que della diz o Padre Lubrani, Italiano, no tomo 2. do Cibo Dominico, pag. 198.) continuamente assiste a esta flor voando ao redor della, defendendo-a da pedra com as azas, e das bespas com o bico; abrindolhe as folhas, quando se dobraõ, tirandolhes o pó, que as deslustra, e sempre occupada em pentealas, e enfeitalas, volatil artifice de mil primores, fazem mençaõ varios Authores; mas a muitos parecem Fabulas, e no livro 3. da sua Arte Magnetica, parte 5. mihi pag. 513. o Padre Athanasio Kirker affirma, que nos livros dos Ethiopes, que elle leo com muita attençaõ, naõ achara taes noticias, nem os mesmos Ethiopes, dos quaes se informara em Roma, lhas deraõ.

Goyava. No Brasil; na India, *Pera*. Ha de duas castas; vermelhas por dentro, como os nossos murtinhos; as brancas saõ mais sadias, e assadas se daõ aos doentes: A primeira vez, que se comem, sabem a persovejos, a continuaçaõ as faz agradaveis ao gosto.

GOZ

Gozaria. Cousa de caens gozos.

Pois entendeivos lá com a Gozaria,
Da plebe, que mordaz em tudo entende.

André da Sylv. Masc. Destruiç. de Hespanha, livro 5. Oit. 81.

GRA

Graça. Nome, como quando se diz, como he a vossa graça. Parece, que este modo de fallar se funda, em que no Bautismo, que para o Christaõ he principio de graça, se poem o nome.

Graça principal. A Rainha Margarita, filha de Henrique II. Rey de França, nas suas memorias diz, que no seu tempo se dava o titulo de *Graça* ao Bispo de Liege, que he Principe do Imperio. Mas hoje na Alemanha Alta, e particularmente na Austria Alta, naõ ha Baraõ algum, que se naõ faça dar este titulo; o qual tambem em Inglaterra se dá aos Bispos, e Cavalheiros da primeira esfera, abaixo dos Principes. Em Alemanha se dá o titulo de *Graça principal* aos Principes, que naõ saõ Principes da primeira ordem.

Gracia a Dios. He o nome, que em todas as Relaçoens corre em lingua Castelhana de huma Cidade, e Cabo das Honduras, Provincia da Nova Hespanha na America Septentrional. A terra he habitada de Indios bravos, mas valentes; e naõ deixaõ de se facilitar com Inglezes, e Francezes, e embarcarse nos navios das ditas duas naçoens. Depois de tres, ou quatro annos de serviço, e sabendo fallar bem a lingua Franceza, ou Ingleza, voltaõ para a Patria, sem pedirem outro premio, que alguns instrumentos de ferro, porque naturalmente desprezaõ dinheiro, vestidos, e outras cousas de que os Povos da Europa fazem taõ grande estimaçaõ. O seu governo he quasi a modo de Republica, porque naõ conhecem nem Principe Soberano. Quando vaõ à guerra, escolhem para Cabo o mais valeroso, e experimentado dos seus, e restituidos à sua terra, este Cabo naõ tem mais poder, que os outros.

Todo o Paiz, que elles occupaõ, poderá ter algumas cincoenta legoas de comprido, e entre todos fazem o numero de alguns quinhentos, ou seiscentos homens, separados em dous ranchos, ou tropas, que constituem duas como Colonias. Huns estaõ no Cabo de *Gracia a Dios*, e os outros ficaõ em *Moustique*.

Naõ professaõ Religiaõ alguma. Seus antepassados adoravaõ falsos Numes, e nos seus sacrificios se observaõ notaveis ceremonias. Aos seus Sacerdotes davaõ cada anno hum escravo, para representar o Idolo, que elles adoravaõ. Lavavaõ no muito bem, e o vestiaõ, e enfeitavaõ com todos os brincos do Idolo, e lhe punhaõ o seu nome; de sorte, que por todo aquelle anno era venerado como hum Deos. Assistiaõlhe doze guardas, que tambem o vigiavaõ, para que naõ fugisse. Vivia em hum Templo, onde os Magnates lhe hiaõ fazer os seus obsequios. Quando andava pelas ruas, os Senhores, e os sacrificadores o acompanhavaõ, elle na maõ trazia huma frauta, e por intervallos a tangia, para que soubesse, que elle hia passando. Sahiaõ logo as mulheres com seus filhinhos, e lhos offereciaõ, para receberem a sua bençaõ. A mais gente se debruçava a seus pés, e o adorava. De noite o guardavaõ com mais cuidado, que de dia em huma apertada prizaõ. Durava este culto o espaço de hum anno, no fim do qual sacrificavaõ o miseravel escravo, que havia feito o papel de Idolo, e recebido innumeraveis adoraçoens. Aos Sacerdotes entregavaõ outro escravo, para no anno seguinte ser adorado como

hum

hum Deos, e com successiva crueldade hiaõ perpetuando esta abominavel superstiçaõ. *Oexmelin, Historia das Indias Occidentaes.*

Gracèta. Gracinha. Galantaria breve.

Gracil. He tomado do Latim *Gracilis*, delgado, subtil.

Deixai o metro Gracil, *e confuso*
Choray a magoa, que hoje o Mundo chora.

Franc. Bar. Landim, Vida de S. Joaõ de Deos, fol. 113.

Gracinha. Diminutivo de graça. He usado no discurso familiar. *Joculus, i, Masc. Plaut.*

Se cuidais, que he Gracinha, *o ser ingrata.*

Obras Metric. de D. Franc. Manoel, Tuba de Calliope, pag. 16.

Graciosidade. Vid. Graça, tomo 4. do Vocabul.

Gracioso. Vid. tomo 4. do Vocabulario.

Gracioso. Casta de uva. Vid. *Roupeiro*, mais abaixo, no seu lugar Alfabetico.

Graçola. Termo chulo. Vid. supra Gracinha.

Gradivo. Epitheto, que deraõ os Poetas ao Deos Marte, *A' Gradiendo*, porque se dá ordem à guerra como por degraos, (como advertio Festo Grammatico) ou se lhe deu este nome do vibrar, e sopezar a lança, acçaõ, que no Grego se chama *Gradevein*, *Gradivus, i, Masc.* Faz Virgilio a primeira syllaba deste nome longa.

Gradivumque patrem Geticis qui praesidet arvis.

Outros a fazem breve.

Inclyta Amazonidum magnoque exorta Gradivo.

Toma espada o Gradivo *soberano.*

Faria, Fonte de Aganipe, liv. 1. Centuria 6. Soneto 84.

Grado. Vid. tom. 4. do Vocabulario. Mal de teu grado. *Tuis ingratiis Plaut.* Mal de vosso grado de ambos. *Vobis invitis, atque amborum ingratiis. Plaut.* Fallo nisto, mal de meu grado. *Invita in hoc loco versatur oratio. Cic.* He necessario obrigallo a dar mal de seu grado o que naõ deve. *Extorquendum est invito, atque ingratiis, quod non debet.* (Os fizeraõ assanar mal de seu grado. Barros, Dec. 4. fol. 666.)

Gradüaçaõ. Figura da Rhetorica: He quando de huma proposiçaõ subimos a outras, como por degraos, v.g. Atar hum Cidadaõ Romano, he malfeiro; açoutallo he crime; matallo; he parricidio; que nome poderey eu dar ao escandalo de o cravar em huma cruz, naõ ha nome suficiente para exprimir taõ grande delicto. Em Demosthenes achamos o exemplo, que se segue. *Et non dixi haec quidem; non autem scripsi; nec scripsi quidem; non profectus sum autem ad legationem; nec profectus quidem; non persuasi autem Thebanis. Gradatio, onis, Fem. Cic.* ou com nome Grego, *Climax, cis*, ou *Ascensus, us, Masc.* (Exclamaçaõ, *Graduaçaõ*, interrogaçaõ. Systema Rhetorico, pag. 126.)

Graduaçaõ. Grao de dignidade; honra, e estimaçaõ de huma pessoa. *Honoris gradus, us, Masc. Gradus dignitatis, Cic.*

Gradülem. He tomado do Francez *Gris de lin*, cor aviolada, ou roxa, que por degraos vay subindo do mais claro ao mais pardo. Entre nós (pelo que me dizem) *Gradulem*, he a cor composta de roxo, e encarnado. Fita, primavera, baeta gradulem, he a fita, &c. desta cor. O Padre Pomey chama ao *Gradulem*, ou *Gris de lin*, dos Francezes *Color violaceus dilutior.*

Grainha. Vid. tom. 4. do Vocabulario. No cap. 17. da Agricultura das vinhas, pag. 93. seu Author Vicencio Alarte, ensina o modo de fazer uvas, cujo bago naõ tenha grainha.

Gralha. Arvore de gralha. Chamase assim, porque as gralhas gostaõ do seu fruto, que por dentro he semelhante ao figo na cor; e na grandeza, aos murtinhos. Nas campinas de Suriate atè Limodre ha muitas destas arvores. (As arvores de gralha, além das raizes, com

que se fixaõ na terra, lançaõ dos ramos outras raizes, que prendem no chaõ, e vaõ engrossando de sorte, que formaõ huma estacada, como se quizessem cobrir, e defender o tronco, donde procederaõ. *Oriente Conquistado, tom. 2. pag.* 160.

Gralhada. Gritaria de rapazes juntos. Tomase do estrondo, que fazem as gralhas.

Gramineo. He palavra Latina, de *Gramineus, a, um*; que he cousa de grama, ou de relva.

Sylvestres campos, desiguaes penedos
Gramineos *valles, verde bosque umbroso*
Das bellas Nayas claro senhorio.

Man. Tavares, Ramalhete Juvenil, Lyra 1. fol. 152.

Os campos de boninas, e de flores,
Que de Gramineo *aljofar borrifava.*

André da Sylv. Masc. Destruiç. de Hespanha, liv. 6. Oit. 14.

Grammatico. Vid. tom. 4. do Vocabulario. O Adagio Portuguez diz: Grammatico desfavorecido, naõ tem assado, nem cozido.

Granada. Parte da America Meridional, que os Geografos chamaõ *Castilla la Nueva*, ou *Castilla de Oro*. Tem algumas trinta legoas de comprido, e trinta de largo. Suas principaes Colonias saõ *Bogota*, e *Tunia*. Seus moradores, *Bogotes*, e *Tunios*, saõ bem apessados, e tem o corpo agil. As mulheres saõ fermosas, e alvas. Cobremse com capas, matizadas de muitas cores, e apertadas com hum cinto; enfeitaõ os cabellos com flores feitas de algodaõ, e tintas com cores, que lhes daõ muita graça. Saõ muy amigos de dançar, e cantar. Antes de communicar com os Castelhanos, seu mantimento ordinario eraõ formigas. Os Gentios, chamados Canapeyos, saõ os mais bravos, e se dividem em *Musos*, e *Colymos*. Fazem sua vivenda perto de hum rio, chamado o rio grande da Magdalena, em huma terra, que tem dous Estios, e dous Invernos. O primeiro Estio principia nos primeiros dias de Dezembro, e dura atè o fim de Fevereiro: o primeiro Inverno principia no mez de Março, e dura atè o fim de Mayo. O segundo Estio apanha os mezes de Junho, Julho, e Agosto, e o segundo Inverno os de Setembro, Outubro, e Novembro; porém naõ se distinguem estas Estaçoens com frios, e calmas; mas porque nos ditos Invernos chove muito, e nos ditos Estios sempre està sereno o Ceo. As chuvas quasi sempre cahem de noite, raras vezes de dia. Vid. tom. 4. do Vocabul. verbo, *Granada.*

Granal. Sogeito granal. Achase nas cartas de D. Francisco Manoel, por sogeito cabal, grave, sciente, perfeito. Podese derivar de *Grãa*, com que se faz a cor vermelha, e purpurea, que sobre todas realça.

Granates, ou Granadas. Pedras, que se parecem com rubins escuros; assim chamadas, porque tem alguma semelhança com os graõsinhos de romeira, a que os Latinos chamaõ *Malum Granatum*. Os Orientaes, tiraõ à cor do sangue melancolico, e vem de Calecut, Cambaya, Egypto; os de cor de violeta saõ os melhores; os Occidentaes vem de Castella, ou de Bohemia, e saõ mais pequenos, mas nem por isso peores. Os Orientaes preferem a todos, saõ bons para desseccar, fortificar, remediar a palpitaçaõ do coraçaõ, resistir à melancolia, rebater a força dos venenos, vedar os escarros de sangue, e resolver o tartaro no corpo. Dizem, que pendurados no peito tem a mesma virtude. Nas Boticas chamaõlhe *Granati, orum, Masc. Plur.*

Grandulim. Os Turcos chamaõlhe Catrás. Saõ passaros da Arabia Deserta. Vid. Cattá, no 2. volume do Vocabulario. (Assamos huma grande quantidade de ovos de *Grandulins*, ou Cattás. Godinho, Viagem da India por terra, 143.)

Grangea. Confeitos miudos, que chamaõ de rosa. Servem para salpicar as filhozes, e no Entrudo atirar com elles à gente

à gente. Este vocabulo parece deriva-do do Francez *Dragée*, que tambem he doce de confeitinhos; e segundo os Etymologicos Francezes, se deriva do Grego *Tragema*, ou no plural *Tragemata*, que significa *Doces*, e postpastos, ou manjares de sobremesa. Grangea. *Durati sacchari globulus*, *i*, *Masc.*

Grangearia. Vid. tom. 4. do Vocabulario. Grangearia no sentido moral. (Naõ se deviaõ elevar as queixas, onde as dores eraõ *Grangearia*. Estrella Dominica, tom. 2. pag. 68.)

Granico. Rio da Asia, na Phrygia Menor; tem seu nascimento no monte Ida, e metese na Propontide, ou mar de Marmora. He este rio celebre pela vitoria, que nas suas ribeiras teve Alexandre Magno dos Satrapas de Dario, Rey da Persia, anno da fundaçaõ de Roma 420. e antes da Era Christãa 334.

Granvilla. Cidade de França, na Provincia de Normandia, na praya do mar, com porto. *Grandisvilla*, ou *Magnavilla*.

Graõ. Na escritura, he como abreviatura de Grande. A cada passo se topa em livros Portuguezes, Graõ Turco, Graõ Cairo, e naõ se diz Grande Cairo, nem Grande Turco, porque o Francez, donde se tomou diz: Grand Caire, Grand Turc, &c.

Graõ. Vid. tom. 4. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Graõ.

Hum Graõ naõ enche o celleiro; mas ajuda a seu companheiro. Em anno bom, o graõ he feno; e em o meo, a palha he graõ. Do graõ te fey contar, que em Abril naõ ha de estar nascido; nem por semear. Graõ, e graõ enche a gallinha o papo. Graõ de milho em boca do asno. Muita palha, e pouco graõ.

Gratificio. Gratidaõ, ou Gratificaçaõ. Vid. tom. 4. do Vocab.

Nunca o favor aceito
Gratificio negou, que faz possivel,
Que emporta o Gratificio;
Para se repetir o beneficio.

Man. Tavares, Ramalhete Juvenil, Lyra 181.

Gravata, ou Carvata. Vid. *Carvata.*

Graudo. Crescido. Grande. Taludo. Vid. nos seus lugares.

Gravidar. He tomado do Latim *Gravidare*, *Emprenhar*, *Encher.* Vid. no seu lugar.

O Paracleto alado, ardendo amores,
Favoravel soprando
Com excelsos ardores
As velas da pureza Gravidando.
A vós chegou suave.

Manoel de Far. e Soul. Fonte de Aganip. 3. part. Canç. 23. à Conceiçaõ de Nossa Senhor. 45. verso.

GRE

Grego. Fogo Grego. Era hum fogo de artificio, do qual usaraõ os Gregos no fim do setimo seculo. Foy inventado por hum Engenheiro da Cidade de Heliopoli, na Syria, chamada Gallinicio, que com taõ bom successo o empregou na batalha dos Generaes da Armada do Emperador Constantino Pogonato, contra os Sarracenos, perto de Cyzico no Hellesponto, que lhes queimou todos os seus navios, em que andavaõ mais de trinta mil homens, que todos foraõ abrazados no meyo das ondas; porque a propriedade deste fogo he arder, e queimar atè dentro do mar, e augmentar na agoa a sua força. Tambem obra com impeto para baixo, segundo a violenta impressaõ, que recebe de quem o sabe lançar. Antigamente o lançavaõ com engenhos, que tendo molas, o despediaõ como settas, ou o assopravaõ com sarabatanos compridos, ou canos de cobre, dos quaes este fogo liquido rompendo com violencia, hia dar nas cousas, que o Engenheiro queria queimar, e se pegava de sorte, que só com azeite o podiaõ apagar, (ao contrario do outro fogo, que com azeite mais se accende) ou com vinagre misturado com ourina, e area. Era este fogo composto de enxofre, naphta, pez, gomas, betume, e outras drogas proprias para pro-

produzir taõ notavel effeito. Perdeose elle inventro particularmente depois do uso da polvora, que com canhões, bombas, e outras peças de artelharia faz, o que este fogo Grego naõ podia obrar, se naõ com bestas de mola, ou com o alfospro, ou com canos. *Vitry, livro 3. O Padre Maimbourg, Historia das Cruzadas, livro 8.*

GRI

Grimarico. Termo da India Portugueza. He aquelle, que alvidra os frutos, e por sua fé faz o Escrivaõ da Aldea carga no seu livro, para se cobrar dos vigiadores, por ser o mesmo, que Juiz louvado da Aldea, e tem cada bairro hum Grimarico.

Grimpa. Vid. tom. 4. do Vocabulario. Levantar a grimpa, se diz chulamente por levantar a voz. Fazer gritaria.

Gripho. No livro do Padre Eusebio Nieremberg, intitulado *Historia Naturæ, liv. 5. cap. 22. pag. 89. e 90.* achará o Leitor huma dilatada questaõ sobre os Griphos. Vide o que nesta materia tenho dito no tom. 4. do meu Vocabulario.

Gris. He tomado do Francez *Gris*, que he huma cor entre branco, e negro. Os Tintureiros de França daõ a esta cor varios graos, e chamaõ *Gris* a huma cor cinzenta. (Huma arvore forrada de penas *Gris*. Vida do Condestab. Nuno Pereira, pag. 63 col. 2.)

Ambar gris. Vid. Ambar, tomo 1. do Vocabul.

Sem falta a moça naõ come
Outro paõ que de ambar Gris;
Segundo vem perfumados
Seus nãos, quanto mais seus fins.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Viola de Thalia, 220. col. 1.

GRO

Gronho. Casta de pera de bom gosto, e de bom cheiro. Os melhores vem da Beira.

Groninga. Cidade, e Senhorio. He huma das Provincias dos Paizes Baixos. Fica na Frisia, porém he Estado particular, e separado; tem sua jurisdiçaõ, e suas leys. A Cidade he grande, fermosa, rica, forte, e povoada. Foy Cidade Episcopal, e fundaçaõ do Papa Paulo IV. anno de 1559.

GRU

Gruta de Napoles. He na estrada de Napoles para Puçoli, huma grande abertura pelo pé do monte Posilipo, que terá meya legoa de comprido, doze pés de alto, e outros tantos de largo, que foy feita para abreviar o caminho de huma destas duas Cidades para a outra. Em abrir este admiravel caminho, occupou Luculo cem mil homens, e em quinze dias de tempo foy acabada a obra. Na entrada desta gruta se vê o sepulchro de Virgilio. *Schrad. Mounment. Italic.* Os Italianos lhe chamaõ *La Grotta di Napoli. Crypta Neopolitana.*

A gruta do Leite. Cova, ou caverna, muito nomeada, duzentos passos de Belem. Na entrada, que he muito baixa, por seis degraos se desce. Tres columnas tem maõ na abobeda, que naõ caya, porque naõ só os Christãos, mas Turcos, e Mouros, continuamente tiraõ a terra, a qual tem a virtude de curar muitas vezes as febres, dar leite às mulheres, que por algum achaque o perderaõ, ou accrescentallo nos que tem pouco. Entendese, que se lhe communicou esta virtude, depois que a Virgem Santissima, hum dia, que se recolhera nella, dando de mamar ao Menino Jesus, deixara cahir no chaõ algumas gotas do seu leite. No meyo da gruta ha hum Altar, no qual os Religiosos de Belem celebraõ algumas vezes o Santo Sacrificio da Missa. Duzentos e cincoenta passos desta gruta ha huma pequena Capella, em cujas ruinas dizem estava huma pequena casa, na qual trabalhara S. Joseph os quarenta dias que esteve em Belem. Tambem he opiniaõ de alguns, que na

dita casinha morara a Virgem com o Menino Jesus, e que este fora o lugar, no qual os Reys Magos o foraõ adorar. *Doubdan, Viagem da Terra Santa.*

A gruta dos Caens. Fica perto da lagoa de Anhano, quatro legoas de Napoles, para *Puçoli.* Deraõlhe este nome, porque (segundo dizem) se nella se deitar hum caõ, logo morre, e se depois de o tirar, o merguiharem na lagoa, torna a viver. Tambem chamaõ a esta gruta, a *Caverna de Caronte*, porque o ar, que nella se respira, he taõ pestilero que mata a gente, e (segundo a ficçaõ Poetica) a manda para a Barca do Caronte. Perto da dita caverna ha huma casa, onde cria hum Villaõ alguns caens, para fazer experiencias da contagiosa qualidade do dito lugar. No anno de 1638. o Padre Athanasio Kircker foy a esta gruta, e vio, que hum caõ, que lançaraõ nella, atado em hum varapao, ficara sem movimento, e como morto, mas que tirado para fora, o lançaraõ na lagoa de Anhano, e começou a bulir, e andar como dantes. *Kircker, Mundi Subterranei, tom. 1.*

GUA

GUADAMECI. Vid. no 4. tom. do Vocabulario.

Já nem para homem de Guadameci
Tenho figura, nem para de pê.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Tuba de Calliope, pag. 18.

GUALID, ou Beni-Gualid. Monte da Provincia de Errife, no Reyno de Fez, em Africa. He habitado de hum Povo tico, e livre de tributos; porque naõ podéra o Rey de Fez, ou de Mequinez facilmente sobjugallo, pelos passos difficultosos, que fazem quasi inaccessivel o monte, que tem algumas sessenta boas Villas, que fazem mais de seis mil homens de peleja; e de mais a mais o terreno lhe dá quanto he necessario para a vida. Elles tem privilegio, que em cada mudança de novo Principe fazem confirmar, e com elle tem faculdade, para recolher como em asylo inviolavel todo o criminoso, que fugir da justiça. Na Cidade de Fez, e em qualquer outra parte, donde vaõ negociar, se se lhe fizer algum aggravo, naõ se cançaõ em pedir justiça, mas vaõ agarrar alguns parente da pessoa, que os offendeo, e o naõ largaõ até, naõ ficarem satisfeitos. Só para terem licença para negociar na Cidade de Fez, pagaõ hum leve tributo. *Marmol, Historia de Africa, liv. 4.*

GUARÀS. Passaro do Maranhaõ. He todo vermelho, sem mistura de outra cor. Das pennas desta ave se enfeitaõ os Gentios, quando se querem pôr bisarros, e principalmente quando vaõ á guerra, ornando com ellas todo o genero de armas, porque naõ só levaõ empenadas as settas, senaõ tambem os arcos, e rodelas, e as partazanas de pao, e pedra, que chamaõ *Fanga penas*, e quando a guerra era naval, empavezavaõse as canoas, com azas vermelhas dos guarás, e as mesmas levaõ penduradas dos goroupés, e maracas das proas. *Vieira, Historia do Futuro, pag. 309. 310.*

GUARDALAMA. He na sege hum arco de ferro, cuberto de vaca, ou oleado; anda entre os varaes, e serve de livrar da lama.

GUARDAMATO. He na espingarda huma chapa, em que estriba o gatilho.

GUARDANAPO. Vid. tom. 4. do Vocabulario. Querem alguns, que seja erro na lingua Portugueza chamar *Guardanapo* ao pano, com que nos alimpamos quando comemos, porque segundo o Nebricense no seu Diccionario, lit. M. *Mapa, mapæ*, ou *Mapum, Mapi*, quer dizer a toalha de mesa, a que os Castelhanos chamaõ *Manteles*, e no Entre Douro, e Minho, e Trafosmontes, chamaõ *Mantezes*, ou *Mantens*, e como o guardanapo serve de guardar a toalha, para que se naõ alimpem a ella, querem que seja mais proprio chamarlhe *Guardamapo*, compondose este vocabulo das duas dicçoens *Guarda*, e *Mapo.* Mas já que o uso tem introduzido

xido *Guardanapo*; parece mais acertado continuar com elle, quanto mais, que sem recorrér ao *Mappum* do Nebricense, temos no idioma Francez *Nappe*, por *Toalha*, e mais propriamente se póde derivar *Guardanapo* de *Nappe*, que de *Mapo*.

Guardas do Norte. Vid. tom. 4. do Vocabul.

Deixai só para mi, pena, e cuidado
Que essas são só às Guardas *do meu*
Norte.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Tuba de Calliope, pag. 17.

Guardapuxa. Anexim chulo. Significa Irrisaõ, ironia, chança, approvaçaõ, v. g. He excellente: guardapuxa.

Guardar. Vid. tom. 4. do Vocabulario.

Outros Adagios Portug. do Guardar.

O que lavra, crie, e o que guarda, naõ fie. Para a parte de Fevereiro guarda lenha. O Enxame de Mayo, quem ro pedir, dalho; e o de Abril, guarda para ti. Do mal, guardado como o gato. Duas aves de rapina, naõ se guardaõ companhia. O que naõ tem mulher, cada dia a mata; mas quem a tem, sem a guarda. Guarda prado, acharás gado. Jejuar o dia, guardar a vespera. A justiça a todos guarda, mas ninguem a quer em sua casa. Quem ley estabelece, guardalla deve. Guardar paõ para Mayo, e lenha para Abril. Guarda na mocidade, para a velhice. Guarda que comer, e naõ que fazer.

Guardareposta. Dizse do foguete, quando rebenta, dá hum grande estouro.

Guardaroupa. Segundo Pedro Danet, no seu Diccionario *Antiquitatum Romanorum, & Græcarum*, chamavaõ os Romanos à guardaroupa dos vestidos do Principe *Scrinium vestimentorum*; e segundo o dito Author, os moços da guardaroupa eraõ chamados *Servi à veste*, ou *ad vestem*; o que consta de antigas Inscripçoens, como se vê nestas.

CATULINO ET APRO. COSS. DULCISSIMÆ MEMORIÆ.
EJUS VALENS AUG. LIB. PHEDIANUS *A VESTE*
BEN. MER. FECIT.
T. STATILIUS MALCHIO, *AD VESTEM*.

Guardiaõ da nao. Na parte 3. da Historia da India Oriental, cap. 2. *De Lintschotani ex India in Portugalliam navigatione*, *pag.* 25. aonde dá noticias do officio de Guardiaõ de nao Portugueza, diz assim: *Guardianus propter malum maximum ad lævam extrorsum divertit. Nam parte dextrâ antlia, & focus coquendo necessarius posita sunt. Hic cameram suam habet, & itidem argenteâ fistulâ instructus imperium in sentinatores habet. Hujus cura est navim sentinâ exinaniri, eluique, funes asservari, scapham maiorem commodè regi.*

Guarecer. Valer alguma cousa. Fazer numero huma cousa pequena, à vista de outra mayor. (Nem havia homem, que os visse, que podesse cuidar, que os Portuguezes entre elles podessem *Guarecer*. Fern. Lopes, Vida delRey D. Joaõ I. part. 2. cap. 34.)

Guastar. (*Guastar* os corpos, e guastar os bens. Vid. do Condest. Nuno Pereir. 63. col. 2.)

Guatimala. Governo grande da nova Hespanha, na America Septentrional, assim chamada da Provincia *Guatimala*, na linguagem do Gentio da terra *Quatuemallac*, que quer dizer *Arvore podre*. Tem muitos montes, e grandes matas, e muitos rios, que a fazem terra de muita caça, e muita pesca. Tambem tem muita abelha, que fazem seu mel branco, como tambem a cera. A gente da terra he docil, mas depois de convertida à Fé de Christo, se se naõ tem cuidado della, facilmente torna a cahir nas superstiçoens, com que foy criada. A Cidade,

Cidade, Cabeça da Provincia propriamente chama lá Guatimala, he Santiago de Guatimala; tem Bispo, suffraganeo do Arcebispo do Mexico. Fica esta Cidade no meyo de hum valle, banhado de hum bello rio, entre dous vulcãos, dos quaes o que está mais chegado à Cidade, raras vezes lança fogo, e o que fica distante duas legoas, bota algumas vezes labaredas, cinzas, e pedras queimadas. Em hum lugar, a que deu o Gentio hum nome, que responde a *Inferno*, se vem huns olhos de agoas, que sahem fervendo com variedade de cores, humas claras, outras turvas, outras vermelhas, e outras amarellas, o que provavelmente procede da differença dos metaes, ou mineraes por onde passaõ. *Laet, Historia do Mundo Novo.*

GUAXACA. Provincia da America Septentrional na Nova Hespanha, entre os mares do Norte, e do Sul. O valle de Guaxaca he celebre pelo titulo de *Marquez do Valle*, que deu a Fernaõ Cortez, conquistador daquella terra. Tem minas de ouro, e prata, e muita rocha de christal. Nesta Provincia acharaõ os Castelhanos muita amoreira, e da Europa levaraõ outras muitas, cuja uniaõ deraõ ao commercio da seda muito nome, e muito lucro. Contaõ se no seu ambito trezentas e cincoenta Villas grandes, e trezentas Aldeas; cento e vinte Conventos de Religiosos de S. Domingos, e muitos Collegios de Ecclesiasticos. *Laet, Historia do Mundo Novo. Herrera, cap. 10.*

GUE

GUEDRE. No Thesouro da lingua Portugueza o Padre Bento Pereira dá a entender, que he flor, e chamalhe em Latim *Sambucus femina.*

GUEÔ. Nas embarcaçoens a que chamaõ *Javeiras*, em Setuval, &c. he hum como armario pequeno, ou escondedouro na poppa. O Adagio diz: Já cá vay o choquinho no gueo.

GUEONIM, ou Gehonim. He palavra Hebraica, que quer dizer *Excellentes*, e he o titulo, que alguns Rabbinos tomaraõ, (como advertio Ricardo Simaõ no seu Supplemento das ceremonias Judaicas.) Observa o dito Author, que os Arabes depois de apoderados da terra de Babylonia, e destruidas as escholas dos Judeos, os Gueonios se recolheraõ para a Europa, e particularmente para Hespanha.

GUERANDA. Cidade de França, na Provincia de Bretanha, perto do Occeano, entre as fozes dos rios Vilena, e Loera.

GUI

GUIA. Vid. tomo 4. do Vocabulario. Derivase do Francez *Guide*. Das muitas etymologias que achey do Francez Guida, a que me parece mais certa, he a que deriva *Guide* do Latim *Viæ dux*.

GUIDOENS. Em Roma instituhio Carlos Magno huns Clerigos, chamados *Guidones*, cujo officio era guiar os peregrinos, que hiaõ visitar os lugares sagrados de Roma, e juntamente darlhes sepultura em caso que morressem, e chamavase esta instituiçaõ *Collegium Guidonum*; e como elles moravaõ junto da Basilica Vaticana, huma das cinco portas da dita Basilica, se chamava *Guidonea porta*.

GUINAR. Vid. tomo 4. do Vocabulario. (Guinando sobre a quarta de Oeste, sem dar outro abatimento. Pimentel, Arte Nova de navegar.)

GUINDE. Val o mesmo, que Jarro entre os Portuguezes da India.

Guinde. O guindar. Vid. Guindar, tom. 4. do Vocabul.

GUINGOENS. Pano de algodaõ, e seda, que vem da India, de que se fazem varias cousas, e o commum saõ habitos dos Terceiros de S. Francisco. Vid. Guingaõ, tom. 4. do Vocabul.

GUIRLINDAO. He huma chapa de ferro, que se poem na ponta do maço, para subjugar o mastarco.

GUISA. Vid. tomo 4. do Vocabulario. (Esta Dona era muy Fidalga, e de graõ

gram *Guisa*. Vida do Condestab. Nuno Pereir. pag. 3. col. 2.) (Em tal guisa, que por seu bom gasalhado. Idem, pag. 5. col. 2.) Guisa, he tomado do Francez *Guise*, e segundo Cluverio, livro 1. da sua antiga Germania, cap. 9. se deriva do Alemaõ *Weise*, *quod morem, vel modum significat*?

Guiso. Cascavel pequeno. *Æneum crepitaculum*, ou *crepitacillum*, este diminutivo he do Poeta Lucrecio, livro 5. onde diz: *Nec crepitacillis opus est*.

GUL

Gulistaõ. Em lingua Turquesca significa *Jardim de rosas*. He o titulo de hum livro Turco, muito nomeado, que em varios idiomas foy traduzido. Contem muitos Apophthegmas, sentenças, proverbios, e historias, que podem servir para o trato da vida humana. Seu Author se chamava *Saadi*. *Ricaut, Historia do Imperio Ottomano*.

GUN

Gungy. He huma planta da India Oriental; sobe pelas arvores como a era; as suas folhas saõ como as de fenne, o seu sabor he taõ doce como o alcassus; produz humas favas, que tem dentro sementes redondas, do tamanho de hum graõ de pimenta; saõ vermelhas, o graõ, que està em cima dos outros he negro, e o que fica no meyo, he branco da fórma de hum olho. Huma oitava de folhas desta planta pizada, e cozida em dez onças de agoa, que fervida venha a reduzirse a tres, bebida em jejum, com meya colher de assucar, continuando varias manhãas, serve para queixas gallicas; as folhas pizadas postas sobre a sarna, a curaõ. *Memorias manuscritas*.

Guntsperga. Cidade de Alemanha. Os Authores Latinos lhe chamaõ *Guntia*, porque he sita nas margens de hum rio, chamado *Guntz*. Ha outra Cidade deste nome perto de Ausburgo.

GUR

Gureigura, ou Guregra. Monte de Africa, treze legoas da Cidade de Fez, para o monte Atlas. Os moradores saõ ricos em trigo, cevada, e gado miudo. Tem muitas Villas bem povoadas, mas naõ tem Cidades, nem Castellos, nem Povoaçoens muradas, porque nos barrancos, e maos caminhos da terra tem sua defensa. Nas matas ha muito leaõ, e muito leopardo; mas todos saõ domesticos, ou taõ fracos, que até mulheres com paos os enxotaõ como caens. *Marmol, liv. 4. da Africa*.

Guriz, ou Goritz. Cidade Episcopal de Alemanha, na Carinthia. *Guricum*, *i*, *Neut*.

Gurgutuô minha vida. Anexim chulo. O mesmo, que Acabouse, naõ tem remedio.

GYG

Gyges. Rey da Lydia, tinha sido guarda delRey Candaules, que o fez seu valido. Esse Rey, louco de amor pela Rainha sua esposa, e com a imaginaçaõ, que era a mais fermosa mulher do Mundo quiz, que seu valido Gyges a visse em couro, e para este effeito o teve escondido na sua camara. Mas como entre Lydios, até para homens era cousa vergonhosa, ser visto nù; teve a Rainha taõ grande pena desta cruel injuria ao decoro da sua honestidade, que persuadio a Gyges, que matasse a ElRey. Tirou Gyges a Candaules a vida, casou com a Rainha, e reynou quarenta e nove annos. Dizem, que trazia hum anel, cuja pedra o fazia invisivel, voltando para si a palla, donde nasceo o adagio, *Gygis annulus*. Faz Ovidio mençaõ de outro Gyges, Gigante com cem mãos, filho do Ceo, e da terra, e irmaõ de Briareo.

Centimanumque Gygen, semibovemque virum.

4. Trist.

GYM

Gymnico. Jogos Gymnicos, que se celebravaõ na Grecia. O primeiro exercicio destes jogos, eraõ as *Carreiras*, e era o principal, e o mais antigo. O segundo era o *Salto*. O terceiro o *Disco*, que era, ou de pedra, ou de ferro, ou de cobre, talhado em redondo, e bastantemente pezado; os que o lançavaõ mais longe, ou mais alto, levavaõ o premio. O quarto era a *Luta*, quando dous homens nús, e com o corpo pingando azeite, se abraçavaõ, e procurava cada hum delles deitar no chaõ o seu adversario. O quinto era o *Cesto*, a modo de manopla com correoens, em que estavaõ pegadas humas bolinhas de ferro com que se feriaõ, e às vezes se matavaõ.

Destes jogos faz Luciano mençaõ no *Dialogo dos exercicios do corpo*, onde introduz a Anacharsis praticando com Solon nesta fórma. *Anacharsis.* Que pertendem estes mancebos, investindose com furor, dandose cambapés, derrubandose no chaõ, revolvendose na lama, como porcos, e procurando suffocarse, e tirarse a respiraçaõ. Untavaõse com azeite, e se rapavaõ reciprocamente, com bastante socego, e logo de repente, abaixando a cabeça, marraõ huns nos outros, como carneiros, hum delles levanta o companheiro no ar, e dá com elle no chaõ, e lançandose sobre elle, para que se naõ possa levantar, carregalhe com o cotovelo na garganta, e apertando-o com as pernas, o quer affogar, ainda que o outro dandolhe com a maõ nas costas lhe peça, que o largue, como quem se confessa vencido. A mim me parece, que depois de untados naõ se haviaõ de enlodar, e dá-me vontade de rir, quando vejo, que das mãos dos contendores escapaõ como enguias, quando as comprimem. Eisahi outros, que a modo de gallinhas, se espojaõ na area, antes de vir às mãos, para que naõ escorregue facilmente a maõ do adversario, pelo azeite, ou pelo suor. Outros, tambem cubertos de pó, jogaõ aos couces, e às punhadas sem abraçarse como os primeiros para se derrubar; este, da punhada que recebeo nos queixos, cospe com area, e sangue os dentes, sem que o Juiz da festa, que vestido da purpura preside, tome o cuidado de os apartar; aquelle dando saltos no ar, levanta poeiras, como os que daõ carreiras, para conseguirem o premio. *Solon.* Este he o theatro dos exercicios, e o Templo de Apollo, cognominado o *Lycio*, cuja estatua se vê no alto daquella columna, representando a figura de homem cançado, com a cabeça encostada na maõ direita, e com o arco na outra. Os que estás vendo cubertos de pó, e de lodo, estaõ lutando; os outros, que daõ couces, e jogaõ os murros, jogaõ de Pancracio. Tambem ha outros exercicios, a saber, o salto, o Disco, e o Pugilato; em todos elles o vencedor he coroado.

Na Grecia, quatro vezes no anno se celebravaõ estes jogos, a saber na Olympia, na Provincia de Elida, e por isso foraõ chamados *Jogos Olympicos*, em honra de Juditer Olympio, no Isthmo de Corintho, chamados por isso *Isthmios*; a Neptuno, na Floresta Nemea, por esta razaõ chamados *Nemeos*; e os *Pythios*, a Apollo, por ter morto a serpente Python. Os que tinhaõ a superintendencia destes jogos, se chamavaõ *Gymnastæ*.

GYN

Gyndes. Rio da Assyria; que dos Montes Dardanios desagoa no Tigres, e metido no mar Roxo, perde o nome. Dizem, que atravessando este rio o caminho por onde vinha Cyro com o seu Exercito contra os Babylonios, se affogara nelle hum grande valido do dito Rey, o qual para se vingar do aggravo, jurara, que brevemente sangraria o rio de sorte, que mulheres o poderiaõ passar a vao. E assim o fez, porque pelos seus

feus foldados mandou abrir quarenta e feis canos, ou (como querem outros) trezentos e fessenta fossos, por onde divididas as agoas correraõ, e deixaraõ o rio em fecco. *Herodot. lib.* 1. *Seneca, lib.* 3. *de ira.* Querem outros, que désse Cyro às agoas do Gyndes este castigo, por terem levado, e absorto o seu cavallo. *Gyndes.*

Rapidus Cyri dementia Gyndes. Tibul. lib. 4. Eleg. 1. vers. 14.

Gyneceo. He tomado do Grego, e significa o quarto das mulheres, na parte interior, ou (fegundo escreve Dydimo) na parte fuperior das cafas, para fer mais difficultofo o ingresso. *Mulieribus, in superiori ædium parte, thalamos, seu cubicula extruxerunt, quò non ita facilè adiri possent.* Se a estes quartos fe fobia por escadas de maõ, ou por degraos de pedra, ou madeira, naõ fe fabe de certo. Esta morada de cafas era ovada; donde parece fe originou a Fabula de nafcer Helena de hum ovo, porque em hum quarto destes foy gerada, e criada. *Gynæceum, i, Neut. Cic. Secretior in ædibus locus, ubi mulieres degebant. Gynæconitis, itidis, Fem. Vitruv. Cornel. Nepos.*

GYR

Gyrovagos. Vid. no 4. tom. do Vocabul. Girôvagos.

H

HAD

Hadaras. Isto he, *Cortezãos*. Nome, que os Arabes de Africa daõ por zombaria aos seus nacionaes, que vivem nas Cidades. Saõ descendentes daquelles, que *Odman* terceiro Califa, mandou a Africa, anno de 651. capitaneados pelo General *Occuba*. Mas deixando o cuidado dos gados aos que quizeraõ viver no campo, passaraõ para as Cidades, e se applicaraõ ao negocio, e tambem ao estudo das sciencias; o que os fez desestimar dos mais Arabes, porque deixando seu antigo modo de viver, com naçoens differentes da sua se aparentaraõ com matrimonios. *Marmol, Histor. da Africa, liv.* 1.

Hadepucha. particula admirativa, com jocosa affirmaçaõ. Mais brevemente, he hum arrelá cortezaõ.

Hadepucha, *que joya soes. Má hora*
Se cuidais, que he gracinha o ser ingrata.

Obras Metric. de D. Franc. Man. part. 2. na Tub. de Calliop. Sonet. 30.

HAF

Hafizi, ou *Hafizan*, ou *Hafizler*. Na Turquia, saõ os que tomaõ de cór todo o Alcoraõ; e he a razaõ porque o Povo os considera como homens sagrados, de quem fiou Deos a sua ley, e os depositarios della. Em lingua Arabica *Hafizi*, quer dizer Gente, que guarda alguma cousa, e pelo conseguinte os que conservaõ alguma cousa na sua memoria. *Ricaut, Historia do Imperio Ottomano.*

HAG

Hagiomaco, ou mais propriamente, segundo a sua derivaçaõ do Grego, *Agios*, Agiomaco. *Agios*, quer dizer Santo, e *Machi*, peleja, e assim *Hagiomaco*, vem a ser o mesmo, que inimigo do culto devido aos Santos. No seu Epitome Chronologico, Genealogico, e Historico, livro 4. fol. 444. diz Antonio Maria Bonucci, fallando em Leaõ Isauro, entre os Emperadores o primeiro Heresiarca. (Foy tambem *Hagiomaco*, negando a intercessaõ dos Santos, e o culto de suas reliquias.) Vid. *Iconoclaste*.

Hagvenau. Cidade Imperial, e Cabeça da Alsacia Inferior, sobre o rio Mater, duas legoas do Rheno.

HAI

Hainaõ. Ilha do mar da China, para a costa da Provincia de Quangtung. Os nacionaes occupaõ o interior da terra, com independencia, e liberdade; só negoceaõ com os Chins, dos quaes tiraõ sal, e roupas para se vestir. Em nenhuma parte se achaõ tantas perolas, como nas prayas desta Ilha. Nos seus montes ha muito pao aguila, rosa, ebano, e pao Brasil, e hum fruto, chamado jaca, que he o mayor dos que a terra produz. Tambem nella Ilha se cria huma erva maravilhosa, a que elles chamaõ *Chifung*, palavra, que quer dizer, *Mostra o vento*, porque os homens do mar usaõ della, para saber se haverá tormentas, e em que tempo; e assim dizem, que quanto menos nós tiver a raiz, menos tormentas haverá, e que as distancias de hum nó desta planta a outra, denotaõ os intervallos do tempo em, que os ventos excitaráõ tempestades. *Thevenot. vol.* 3.

Hairetitas. Seita de Mahometanos, que como os antigos Pyrrhonios, de tudo duvidaõ. Derivase esta palavra de *Hairet*, que quer dizer *Pasmo*, *Incerteza*; donde se fórma Hairetitas, que val o mesmo, que *Pasmados*, *Incertos*. Dizem, que naõ he possivel distinguir a men-

mentira da verdade, e que he tempo perdido buscar demostraçoens. Todas as vezes, que se trata de algum ponto controverso, dizem, *Sabeo Deos, naõ o podemos nòs saber.* Alguns desta Seita chegaraõ à suprema dignidade de Mufti, e quando assinavaõ sentenças, accrescentavaõ quasi sempre, *Sabe Deos o que he melhor.* Ordinariamente tomaõ xaropes, em que entra opio; da frequencia destas bebidas procede o seu pasmo, e estupor natural. *Ricaut, Historia do Imperio Ottomano.*

HAL

Halea. Cognome, que foy dado a Minerva, em memoria de hum certo *Haleo* de Tegea, que havia edificado hum Templo a esta Deosa, o qual depois de queimado, foy reedificado pelos Tegeates com mayor magnificencia, que dantes. Depois da batalha de *Accium*, achou Augusto neste Templo os dentes do javalì Calydonio, que eraõ notavelmente compridos, e os mandou a Roma. Tambem Apollo foy cognominado Haleo por Philoctèto, que cançado de andar pelo Mundo, finalmente quiz repousar, e edificou a Apollo Haleo hum Templo.

Hales. Ha tres Cidades deste nome, huma na Beocia, outra em Cilicia, e a terceira em huma terra chamada *Maseta*. Tambem ha hum rio deste nome na Jonia.

Halie. Ninfa marinha, filha de Nereo, e de Doris. Tambem se faz mençaõ de huma Cidade deste nome no Peloponeso.

Halias. Festa, que os de Rhodes celebravaõ com grande solemnidade. Chamouse assim do Grego *Halios*, que segundo o Dialecto Dorico, he o mesmo, que *Elios*, que quer dizer *Sol*, astro a que estes Povos tinhaõ particular veneraçaõ, e em cuja honra levantaraõ o famoso Colosso, que foy posto no numero das maravilhas do Mundo. *Atheneo, livro 13.*

Hall. Cidade Imperial de Alemanha, na Suevia, entre o Palatinado do Rheno, a Franconia, e o Ducado de Virtemberga. Tem quatro fontes de sal, que lhe daõ nome. Faz Tacito mençaõ das guerras, que houve entre os Cattes, e Hermoduros, sobre quem seria senhor destas fontes de sal. *Hala, æ, Fem.* Na Saxonia ha outra Cidade deste nome, chamada *Hala Saxonum.*

Halonnesa. Ilha do mar Egeo, para a costa da Thracia, da qual dizem, que passados ao fio da espada todos os machos, ficaraõ as mulheres senhoras della. Ha outra Cidade deste nome perto da costa da Jonia.

HAM

Hamaxa. He palavra, que na antiga linguagem dos Asiaticos, queria dizer *Carro.* Daqui nasce, que foy dado este nome à pequena Ursa, por parecer, que esta celeste constellaçaõ, pela disposiçaõ das Estrellas de que he composta, tem alguma semelhança com hum carro. *Leand. in Mus.*

Hamaxobios. Povos da Sarmacia Europea, quasi nos confins da Scythia pequena, hoje parte meridional da Moscovia. Naõ tinhaõ lugar fixo, nem outras casas, que humas choças de couro, que elles levavaõ em carros. Tambem em Africa houve Povos deste mesmo nome, e que viviaõ do mesmo modo; delles falla Horacio nesta fórma:

Quorum plaustra vagas ritè trahunt domos.

Silio Italico os pinta nestes versos:

Nulla domus, plaustris habitant, migrare per arva
Mos atque errantes circumvectare Penates.

Esta palavra *Hamaxobios*, he nome Grego, composto de *Amaxa*, carro, e de *Bios*, vida.

Hamelen. Cidade de Alemanha, na Saxonia Inferior. He do Duque de Hannover. Tem os moradores huma notavel epoca de hum Charlataõ, que (segundo

gundo elles dizem) com o som da frauta embabacou seus filhos de sorte, que os foy levando para a Transilvania. Veja o Leitor *M. SchoKii, Fabula Hamelensis*.

HAMMER. Cidade Episcopal na Noruega: Os Authores Latinos lhe chamaõ *Hammaria, æ, Fem.*

HAN

HANAU. Condado de Alemanha, e parte da Veteravia, com Cidade do mesmo nome, fermosa, e bem fortificada, sobre o rio Kingtz, quatro legoas acima da Cidade de Francfort. Os Condes de *Hanau* saõ Principes do Imperio. *J. Spener. Historia Genealogica.*

HANCHUNG. Cidade da China, na Provincia de Xensi. O terreno todo rodeado de montes, e matas grandes lhe serve de fortificaçaõ, e dá muito mel, muita cera, cinabrio, e almiscar. Veados, e corsas andaõ em bandos, e grande numero de ussos, inimigos dos veados. Tem cinco Templos, dos quaes o mais magnifico, he dicado a Changleango, General do Exercito de Lieupango, em memoria da famosa ponte, que elle mandou fazer nos montes, para a gente passar caminho direito de Hanchung a Sigan. Esta ponte, a que os Chinas chamaõ *Cientao*, isto he, *O caminho dos encostos*, he obra maravilhosa, na qual o dito Changleango fez trabalhar mais de trezentos mil homens, com todos os soldados do Exercito, os quaes aplainaraõ o meyo da grande cordilheira de montes, que rema desde Hanchung até Sigan, e em muitas partes fizeraõ pontes para unir montes muito distantes, ou para passar os valles, e as torrentes. Todo este caminho he cuberto de terra, com grades de ferro nas bordas para a segurança dos viandantes. Tem esta ponte algumas cincoenta legoas de comprido. O Padre Martim Martini, *Descripçaõ da China, na Collecçaõ de Thevenot*, vol. 2.

HANGCHEU. Cidade da China, e Cabeça da Provincia de Checkiang. Querem alguns, que esta seja a Cidade, que Paulo Veneto chama *Quinsai*, em lugar de *Quingsu*; porém como no Diccionario de Moreri acho na descripçaõ de *Hangcheu* muitos particulares, que naõ vejo na de Quinsai, direy neste lugar os que me parecerem mais dignos da curiosidade do Leitor. He esta Cidade cheya de canos, ou canaes, sobre os quaes para a passagem da gente se tem edificado hum notavel numero de pontes de admiravel estructura. A agoa destes canaes vem da lagoa *Sihu*, que fica junto à Cidade, e se póde considerar como parte della, porque hum, e outro lado he ornado de Palacios, Templos, Collegios, e outros edificios particulares, e publicos. Em muitas partes da Cidade se vem arcos triunfaes magnificos, a Praça mayor tem mais de trezentos, que saõ outros tantos padroens, e monumentos publicos, levantados em honra dos Magistrados, e Cidadãos, que com acçoens illustres merecceraõ estas memorias. Tem quatro grandes torres de porcellana, quasi do tamanho da de *Nanquim*. Os Templos, e os Idolos saõ tantos, que para os servir, se contaõ alguns quinze mil sacrificadores. He a Cidade taõ povoada, que (pelo que dizem) se gastaõ nella dez mil sacas de arroz, e cada saca contém o que cada dia basta para o sustento de cem pessoas. Os Padres da Companhia tem huma Igreja magnifica, e nos arrabaldes, duas Ermidas.

Em todo o Paiz ha muito tigre; Paulo Veneto lhe chama leoens, mas em toda a China naõ ha hum leaõ. Perto da Cidade de Changhoa, que he huma das sete, em que esta tem jurisdiçaõ, na lagoa de Cinking, se pescaõ huns peixinhos dourados, que se chamaõ *Kinyn*, que os senhores da primeira calidade compraõ muito caro, para os criar nos viveiros das suas casas de campo. Ainda que naõ sejaõ mais compridos que o dedo, cada hum delles custa tres escudos de ouro. A causa desta estimaçaõ he,

he, que a sua pelle brilha, e parece semeada de pós de ouro; fazemse domesticos com as pessoas, que lhes daõ de comer com a maõ, e fazem na agoa mil brincos com elles.

Na parte Occidental de *Nangcheû*, que he outra Cidade da dita jurisdiçaõ, se vê o oiteiro de *Fihuisung*, onde assistem mais de tres mil sacrificadores, dos quaes muitos tém sua vivenda em cavernas, e covas profundas, como em prizaõ perpetua, recebendo o alimento necessario por huma corda, que os outros lhe deitaõ de cima.

He notavel o rio *Ché*; no dia dezdito da Lua oitava, (que cahe em Outubro) perto da Cidade cresce muito, e a modo de preamar se faz mais caudaloso, que em todos os dias do anno; mettemse nelle as agoas com taõ grande impeto, e com taõ violentas ondas, que naõ ha embarcaçaõ, que naõ entornem. Naquelle dia, pelas quatro horas da tarde, toda a Cidade com o Governador acode para ver a prodigiosa violencia desta maré, que dá a conhecer, que ainda que o fluxo, e refluxo do mar em certo modo se accommode com os periodos da Lua, naõ depende absolutamente delles, mas tambem da disposiçaõ da terra, e da agoa, e das exhalaçoens subterraneas, que em certos tempos sahem destes dous elementos. *Martim Martini. Descripçaõ da China, na Collecçaõ de Thevenot, vol. 3.*

HAO

Haoax. Rio de Africa, que dos altos montes da Ethiopia, baixa até os limites das Provincias de Xaôa, e d'ogge. Recebe em si outro rio, chamado March, com o qual se encaminha para o Oriente ao Reyno de Adel, ou de Zeyla, como os Portuguezes lhe chamaõ. Se havemos de dar credito a Vossio, este rio he quasi do tamanho do Nilo. Tambem sahe da máy, e com o limo, que pelos campos espalha, os fertiliza.

HAR

Harmonia. Filha de Marte, e de Venus, e mulher de Cadmo, que com elle foy mudada em serpente. Falla Vitruvio na Musica Harmonica de Aristoxenes, discipulo de Aristoteles, opposta à dos Pythagoricos, em que estes para julgar dos tons, naõ attendiaõ senaõ às razoens das proporções, e aquelles entendiaõ, que era preciso ajuntar o juizo do ouvido, ao qual particularmente incumbe regular o que pertence à Musica. Constituhia tres generos de canto, que saõ os que os Gregos chamaõ *Enarmonico*, *Chromatico*, e *Diatonico*. O *Enarmonico*, he hum modo de dobrar a voz, no qual dispoem a arte os intervallos de modo, que o canto tem grande poder para abalar, e mover os animos. O *Chromatico*, apertando com subtil artificio os intervallos, causa mais delicadeza, e suavidade. O *Diatonico*, como mais natural, naõ faz intervallos senaõ faceis, o que o faz mais facil que os outros.

Harpias. Vid. mais abaixo, Harpyas.

Harpocrates. Os Egypcios o consideravaõ como filho de Isis, e de Osiris, depois de cuja morte nasceo, e delles era tido por Deos do silencio. Representavaõ-no como Deos do silencio; com o dedo na boca, tapando o caminho da falla: o dito dedo era o segundo, a que os Latinos chamaõ *Salutaris*; parece queriaõ dar a entender, que o callar era cousa salutifera. Dizia Varro, que neste Deos naõ queria fallar, por naõ violar o silencio, que elle encommenda.

No tempo da Gentilidade se viaõ estatuas de Harpocrates nas Praças, e nos Templos. Os abridores do Egypto o representavaõ em pedras finas, lavradas em certos aspectos de Planetas, e em metaes capazes para receber a impressaõ de cada Astro celeste, para servir de remedio às doenças actuaes, ou para preservativo de futuras.

Na ſetima Diſſertação das indagações da Antiguidade pag. 124. Carlos Spon, ou Jacobo ſeu filho, traz muitas imagens, ou medalhas de Harpocrates. Em huma dellas ſe vê Harpocrates, ſentado em hum abeſtruz, e no averſo o Sol, e a Lua, dos quaes era tido por filho, já que Oſiris, e Iſis eraõ para os Egypcios, o que para as mais naçoens ſaõ o Sol, e a Lua. Com os mais Deoſes pintavaõ os Antigos ao Deos do ſilencio Harpocrates; podia eſta figura enſinarnos, que todos os Deoſes, que atè agora os homens adoraraõ, eſtaõ em hum ſó, que nos impoe o ſilencio. Huns repreſentaraõ a Harpocrates com cabeça reſplandecente; outros reveſtido de huma opa talar, e na cabeça hum ramo de peceguciro, arvore dedicada a Harpocrates, por ter o ſeu fruto ſemelhança com o coração, e as folhas com a lingua (como advertio Plutarco) com o que quizeraõ os Antigos ſignificar o conſenſo, e uniaõ, que deve ter a lingua com o coração. Outros finalmente repreſentaõ huma figura com o diſtinctivo de Harpocrates, a ſaber, com o dedo na boca, com azas, e aljava, a modo de Cupido, e a ſerpente enroſcada em hum pao, inſignia de Eſculapio. Harpocrates unido com Cupido, quer dizer, que no amor ha miſter ſegredo; e o meſmo Harpocrates junto com Eſculapio, ſignifica o ſegredo do Medico nas materias, que delle tem fiado o enfermo. De Harpocrates fizeraõ os Pythagoricos huma virtude, e os Romanos huma Deidade, a que (ſegundo diz Plutarco) deraõ por nome *A Deoſa Tacita.*

Harpyas. O fundamento da Fabula das Harpyas, he eſte. Phineo, Rey de Peonia, perdeo a viſta, e depois de mortos os ſeus filhos, ſuas filhas eſtragaraõ a ſua fazenda, atè que Zethes, e Calaïs ſeus viſinhos, lançaraõ eſtas Senhoras fóra da Cidade, e tornaraõ a meter a Phineo de poſſe da ſua fazenda. Vid. tom. 4. do Vocabul.

HAS

Hastarios. Termo da antiga milicia Romana, Vid. Haſtatos, tom. 4 do Vocabulario.

Que romperaõ em breve os numeroſos
Eſquadroens dos Triarios, e Haſtarios.

André da Sylv. Maſc. Deſtruiç. de Heſpanha, liv. 4. Oit. 54.

HAU

Haure de gracia. Vid. Avre, &c. no 1. tom. do Vocabul.

HEB

Hebe. Filha de Jupiter, e de Juno. Variaõ os Authores. Huns dizem, que era filha de Juno unicamente. E o caſo deſte parto ſem Jupiter foy, que Juno convidada por Apollo a hum banquete, comeo para ſe refreſcar tanta alface, que ſendo atè entaõ eſteril, concebeo, e ficou pejada de Hebe. A iſto ſe accreſcenta, que da fermoſura de Hebe, tomaraõ motivo para a fazer Deoſa da mocidade, e que no Ceo tinha o officio de dar de beber a Jupiter. Mas que hum dia cahindo na preſença dos Deoſes, por ficar deſcompoſta, Jupiter lhe tirara o officio, e o dera a Ganymedes. Succedeo depois, que Hercules poſto no numero dos Deoſes, caſou com Hebe, a qual em contemplaçaõ de ſeu novo eſpoſo, tornou moço a Jolao, filho d'Iphiclo, que entaõ eſtava caduco. Os Corinthios offereciaõ ſacrificios a Hebe em hum boſque, que era valhacouto de todos os criminoſos; e os eſcravos reſtituidos à ſua liberdade, penduravaõ nas arvores as ſuas cadeas, e outros ſinaes do ſeu cativeiro. Repreſentavaõ-na em figura de mulher moça, coroada de flores.

HEC

Hecate. Deosa dos Infernos, sobre cujo nascimento saõ muy diversas as opinioens. Orpheo a faz filha de Jupiter, e de Ceres; outros lhe daõ por pays a Jupiter, e Asteria. Apollodoro quer que Hecate, Diana, a Lua, e Proserpina sejaõ o mesmo; e por isso chama á Hecate, *Hecate triplex*; e os Poetas, *Triceps*, *Triformis*, e *Tergemina*, porque no Ceo he a Lua; na terra Diana, Proserpina, ou Hecate nos Infernos. Chamavaõlhe *Trivia*, porque nas encruzilhadas punhaõ os Antigos a sua imagem, ou figura, por causa do ruido, que de noite se fazia à imitaçaõ dos gritos de Ceres, buscando a Proserpina, ou porque (como já temos dito) era Lua no Ceo, Diana na terra, e nos Infernos Proserpina, ou Hecate, segundo o diz o Scholiastes de Aristofanes, *Hecaten colluere antiquitùs in triviis, propterea quod eandem, & Lunam, & Dianam, & Hecaten vocarent.*

Tambem foy representada com terrivel semblante, toucada de serpentes, em magicos encantamentos era invocada, e lhe sacrificavaõ victimas, cujo sangue lançavaõ em huma cova, que de proposito se fazia para este effeito.

Pelo que toca à etymologia, diz Servio, que foy chamada *Hecate*, do Grego *Ecatòn*, cem: porque lhe offereciaõ cem victimas de huma vez; ou porque (segundo a Fabula) pelo espaço de cem annos detinha alèm do rio Styx, as almas dos que eraõ falecidos sem sepultura.

Finalmente dizem alguns, que algum dia reynara na Chersoneso Taurica, e que sendo muito amiga da caça, e andando por montes, e valles, conhecera a virtude de muitas ervas, com as quaes compuzera venenos, e com hum delles matara a seu pay. Depois deste parricidio, se recolheo na casa de seu tio Aëtes, que casou com ella, e della houve a Circe, e Medea.

Hecatombe. Em varios exemplos do uso desta palavra, no idioma Portuguez, que tenho trazido no 4. volume do Vocabulario, alguns Authores fizeraõ Hecatombe de genero feminino; para quem quizer o dito vocabulo de genero masculino, aqui lhe offerecemos hum exemplo.

Diante do solio ardiaõ
Cem victimas, que abrazadas
Lhe formavaõ hum Hecatombe
Ao Nume, que alli naõ estava.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 375.

Hecatompolis. Deuse este nome à Ilha de Creta, ou Candia, e à Laconia, porque cada huma destas terras tinha cem Cidades.

Hecatompyla. Derivase do Grego *Ecaton*, Cem, e *Pili*, Porta. Davaõ os Antigos este nome à Cidade de Thebas no Egypto, e à Metropoli dos Parthos, edificada pelos Gregos, hoje Hispahan, porque cada huma dellas Cidades tinha cem portas.

Hecla. Monte altissimo da Islandia, na parte meridional desta Ilha. Ainda que esta terra seja summamente fria, e perto do Circulo Polar, lança fogo com espantoso ruido, do mesmo modo que os montes Ethna, e Vesuvio; e cobre de cinzas as terras visinhas, atè duas, ou tres legoas em roda. Os que quizeraõ examinar de perto as causas deste terrivel incendio, castigados da sua curiosidade, naõ vieraõ dar conta do que viraõ. Dizem, que ao pé deste monte ha humas voragens, que se naõ enxergaõ, em que subitamente ficaõ sumidos os que se chegaõ. Na linguagem da terra he huma das bocas do Inferno. *Baudrand, Lexicon Geograf.*

Hecuba. Filha de Dymas, Rey da Thracia, e mulher de Priamo, Rey de Troya, do qual teve dezasete filhos; alguns dizem cincoenta. Na expugnaçaõ de Troya, coube por sorte a Ulysses, e ficou sua escrava. Vendo sacrificar sua filha Polyxena sobre o sepulcro de Achilles, e achando a seu filho Polydoro, cruelmente morto pelo seu genro Po-

lymnestor, foy tal a sua desesperaçaõ, e raiva, que se lançou a elle, e lhe tirou os olhos; e querendo escapar dos que a perseguiaõ, rogando pragas aos Gregos, foy convertida em cadella. *Ovidio, livro 13. das Metamorph. Hecuba, æ, Fem.* Os Poetas Latinos lhe chamaõ *Priameia conjux, Mater Hectoris, Trojana, longæva, captiva, &c.*

HEI

Heiduques. Saõ os guardas dos coches dos Reys de Polonia: acodem, quando estaõ em risco de tombar. (O coche do Emperador rodeado de doze Heiduques. Gazeta de Lisboa, 1725. Vienna.)

HEL

Helena. Filha de Jupiter, ou de Tyndaro, Rey de Lacedemonia, e de Leda. Desta famosa matrona se tem fallado tanto, e taõ diversamente, que para acertar com Historia, ou Fabula taõ intricada, e duvidosa, determino trazer em differentes paragrafos, o que achey della em varios Authores.

Dion Prusico, antigo Sofista, e Filosofo, escreve ter sabido dos Sacerdotes do Egypto, que Helena, filha de Tyndaro, a mais fermosa donzella de toda a Grecia, fora requestada de muitos Principes moços da Grecia, e que chegando até na Frygia a fama da sua belleza, Paris Alexandre, filho delRey Priamo, quiz ser do numero dos seus amantes, e com a fortuna, que teve de ser preferido a todos os Principes pertendentes, para seu esposo, movido da sua gentileza, e da magnificencia do seu estado, a levara logo para a Cidade de Troya. Menelao, e outros Principes Gregos, indignados desta preferencia, puzeraõ em campo hum grande Exercito, debaixo do mandado de Agamemnon, e foraõ pôr sitio a Troya, onde foy morto Achilles, e os Gregos se viraõ obrigados a fazer pazes com os Troyanos, pela intervençaõ de Ulysses, e em desconto, e satisfaçaõ dos damnos, causados por elles no assedio de Troya, offereceraõ a Minerva hum cavallo de pao dourado, e voltaraõ para Grecia, sem Helena, que Hector depois da morte de Paris, deu por esposa a Deifobo; mas algum tempo depois foy morta por Orestes, filho de Agamemnon.

Conta Herodoto, que depois do falecimento de Menelao, dous Cavalheiros Lacedemonios, Nicostrato, e Megapentho, lançaraõ a Helena da Cidade, e do Reyno de Sparta. Recolheose em Rhodes na casa de Polypo, viuva de Tlepolemo, Rey desta Ilha, a quem no sitio de Troya Sarpedon matara. Deulhe a viuva *Polypo* bom acolhimento; mas na ausencia as suas Damas a affogaraõ, e a penduraraõ em huma arvore. Chama Pausanias a esta Rainha *Polibo*, e a faz natural de Argos, e finalmente diz, que ella mesma, por seas moças, vestidas a modo de Furias, mandara enforcar a Helena, e que saltaraõ nella no tempo que se estava banhando.

Na obra, em que faz mençaõ da Ilha de Sparara, escreve Menelio, que Helena concedera a Paris seus primeiros favores, e que na praya da terra firme, que fica fronteira á Ilha, depois da sua conquista, fizera este amante levantar hum Templo a Venus, em memoria, e agradecimento da merce recebida, e juntamente dera a Venus o attributo de *Migonitis*, e chamara áquelle sitio *Migonion*, palavra, que significava o logro do amoroso mysterio. Tambem diz o dito Author, que dezoito annos depois que lhe haviaõ roubado Helena, Menelao seu infelice esposo, fora visitar o dito Templo, cuja area havia sido testemunha da sua injuria, e da infidelidade de sua mulher, mas que o naõ arrazara, só mandara pôr nos lados da estatua de Venus as figuras das outras duas Deosas, a de *Thetis*, e a de *Praxidice*, como quem dissera *A Deosa dos castigos*, para mostrar, que naõ deixaria este aggravo impunido. Mas naõ teve o gosto de se ver vingado de Helena, porque ella

ella o venceo em dias; entre tanto tinha Menelao tomado toda a vingança, que podia desejar, com a destruiçaõ do Reyno de Priamo, pay do author do rapto.

Outros fazem hum compendio dos mais notaveis successos da vida de Helena com alguma variedade, nesta forma: Nasceo Helena de Leda, que Jupiter conheceo debaixo da figura de hum Cisne. Fingem os Poetas, q̃ pozera Leda dous ovos, de hum dos quaes nascera Helena, e Pollux, e do outro Castor, e Clitemnestra. Helena, que era fermosissima, foy amada de Theseo, que a roubou, e depois a restituhio aos seus dous irmãos, que a casaraõ com Menelao, irmaõ do Rey de Mycenes; do qual teve a Hermiona. Segunda vez foy roubada por Paris, filho de Priamo, Rey de Troya, attrahido para a Grecia pela fama da sua belleza, e deste rapto se originou a guerra de Troya. Morto o seu marido, casou com seu irmaõ Deiphobo, que Menelao matou, quando Helena o introduzio na sua camara. Depois deste homicidio, no qual ella foy complice, foy seguindo a este primeiro marido, e depois de elle morto dizem, que se recolhera para a Ilha de Rhodes; onde huma das suas companheiras lhe tirou a vida. *Plutarco na Vida de Theseo. Pausanias in Corinthiacis. Eusebio in Chron. Homero, Virgilio, Ovidio, &c.* (Em fim ouve às mãos a Helena desta guerra. Vida de D. Fr. Barth. dos Mart. fol. 130. col. 4.)

Helena. Ilha da Attica, assim chamada em memoria da famosa Helena, que desembarcou nella, voltando para a Grecia com o seu primeiro marido Menelao, depois da expugnaçaõ de Troya. He huma das Sporades, perto do Cabo *Sunium*. Tambem foy chamada *Macris*, em razaõ do seu comprimento, hoje segundo Sophiano, lhe chamaõ *Macronisi*. Na Ilha de Chio ha huma fonte deste nome, onde dizem, que Helena se banhara.

HELENÓPOLI. Segundo Procopio, ha suas Cidades deste nome, huma em Bithynia, outra na Palestina; ambas deduas edificadas em honra de Santa Helena, mãy de Constantino Magno. Tambem por esta razaõ foy chamada *Helenopontos*, aquella parte do Ponto Euxino, que fica entre Paphlagonia, e Bithynia.

HELÉPOLI. Antiga maquina Bellica, inventada por Demetrio, para destruir Cidades. Era huma torre de madeira, cuberta com tecidos de pellos de animaes, e de couros de boys novamente esfollados de sorte, que resistia a todo o genero de fogo. Com este formidavel engenho, o seu inventor tomou Rhodes; e outras Cidades; por isso foy chamado *Poliocertes*, *id est*, *Expugnator urbium*. No segundo Lexicon Mathematico do Padre Dom Jeronymo Vital, Theatino, impresso em Roma, achará o Leitor huma bella, e ampla descripçaõ desta maquina. *Helepolis*.

HELIOGNOSTICOS. Seita de Judeos, assim chamados do nome Grego *Ilios*, Sol, e *Gnosco*, conheço, porque os desta Seita conheciaõ o Sol por Deos, e o adoravaõ à imitaçaõ dos Persas. Devia esta idolatria ser muito antiga entre Judeos, pois lhe prohiba Deos no *Cap. 17. do Deuteronomio*.

HELLESPONTO. Vid. tom. 4. do Vocabulario. Diziaõ os Antigos, que este Estreito fora chamado assim de Helle, filha de Athamas, Rey dos Thebanos, que nelle morreo affogada. Este foy o lugar, em que Xerxes, indignado de ver, que o mar encapellado estorvava com a agitaçaõ das ondas o seu intento de passar para a Grecia, o mandou açoutar, e fez construir huma ponte de barcas, liadas com cadeas de ferro, que pouco tempo depois as ondas em huma furiosa tormenta embravecidas despedaçaraõ, de sorte, que com este orgulhoso Principe se vio obrigado a porse em salvo em hum esquife, ou barco de pescador, para meterse em Abidos, depois de perder a batalha de Salamina. *Ovid. lib. 7. Metamorph. Grelot. Viagem de Constantinopla.*

Helvios. Povos da Gallia Celtica; dos quaes faz Cesar mençaõ no livro 1. da guerra, que elle fez naquellas partes; neste mesmo lugar elle os separa dos Povos de Alvernia, com o monte *Gebenna*, hoje as *Cevennas*, e no livro 7. os constitue na Provincia dos Romanos, ou Gallia Narbonense; porque no levantamento da gente de Alvernia, Chartres, e Berry, os Helvios se conservaraõ fieis, e constantes na amizade dos Romanos, e se uniraõ com seus visinhos os Vellanos, e Gaballos contra o Capitaõ Francez *Vercingetorix*, que veyo acometer a Cesar. Segundo Baudrand, elles occupavaõ o Paiz, a que hoje chamaõ o *Vivarez*, cuja Cabeça he *Viviers*, que entaõ era a quarta Cidade da Provincia de Vienna. *Adriaõ de Valois, Notit. Gallic.*

Hemerologio. He palavra composta do Grego *Imera*, dia, e *Logos*, falla. Val o mesmo, que Diario, Folhinha, Kalendario. (Os dias da Lua vaõ apontados no *Hemerologio*. No Prosthema do Hemerol. pag. 52.)

HEN

Henioços. Povos da Sarmacia Asiatica, entre o Ponto Euxino, e o monte Corax, que fazia parte do monte Caucaso. Ha opiniaõ, que descendem dos Lacedemonios, que mandaraõ huma Colonia, guiada por Rhecas, e Amghistrato, cocheiros de Castor, e Pollux. Habitavaõ a terra, chamada hoje Avogasia, na Circassia. Dizem, que nas exequias de seus parentes faziaõ banquetes, e comiaõ as suas entranhas. *Plin. lib. 5. Strab. lib. 11.*

Henoticon, ou Decreto de uniaõ. He hum edital, que o Emperador Zeno publicou à instancia de Acacio Patriarca de Constantinopla, para reconciliar os Catholicos com os Eutychianos, com o pretexto do grande bem que esta reconciliaçaõ havia de causar na Igreja. Era este Edicto composto de palavras na apparencia Orthodoxas; mas com a simulaçaõ de receber os Symbolos da Fé, instituidos nos Concilios geraes de Nicea, Constantinopla, e Epheso, como tambem de anathematizar a Nestorio, e a Eutyches, e de approvar os doze capitulos de S. Cyrillo: pronunciava este Edicto anathema contra o Concilio Chalcedonense.

Henrique. Nome, que muitas vezes se acha nas Historias, em que se faz mençaõ de Emperadores, Reys, Principes, e outras pessoas illustres. Fr. Filadelfo, e Cambden o derivaõ de *Honorico*, Principe Vandalo, no reynado do Emperador *Honorio*, segundo o dà a entender Procopio. Outros derivaõ *Henrique* de *Ener-rich*, que quer dizer, *Sempre poderoso*. Outros recorrem a humas conjecturas, fundadas na lingua Ingleza.

HER

Hera. Alguns contaõ a *Hera* escrita com aspiraçaõ, quarenta e dous annos de Christo, tempo em que Augusto começou a ter poder, derivando-a da palavra *Herus*, que em Latim significa *Senhor*, quasi dizendo, *Anno da Monarchia, ou Dominio de Cesar*; mas com menos fundamento, pois ainda entaõ naõ era Augusto Monarca, nem se achava taõ poderoso, como se suppoem; antes com forças taõ duvidosas, quanto eraõ forçosos seus competidores; só ficou absoluto, passados quatro annos, que vem a ser aos trinta e oito antes, donde se contou a *Era*, porque já vencedor poz o tributo em muitas Provincias. Vid. *Mexiam*, supra *Emmanuel. Barbosam., remiss. ad nostram Ordinat. dict. liv. 1. tit. 80. §. 7. num. 2.* Vid. Era, tom. 3. do Vocab.

Heracleópoli. No Egypto ha duas Cidades deste nome, huma perto de Canope nas fozes do Nilo; e outra, que foy Patria do Fysico Theophanes. Keme, allegado por Volaterrano, faz mençaõ de huma terceira, perto de Perusa.

Heracleopolitas. Nome dos

Reys do Egypto, que reynaraõ em Sethron, Cidade do Egypto Inferior. Os Gregos chamaraõ a esta Cidade, *Heracleopolis*. *Paulo Pezron*, *Antiguidade dos tempos*.

Heraclides. He o nome geral dos descendentes de Hercules; mas na Historia Grega significa particularmente os descendentes deste Heroe, que habitavaõ o Peloponeso; o regresso a esta terra, depois de lançados fóra della, he huma das mais celebres Epocas dos Gregos.

Herbatico. Cousa de hervas. *Herbidus, a, um*, Tit. Liv.

Ferve toda a campina, e ferve a mera
Fragrancia dos Herbaticos *odores*.

Andr. da Sylv. Masc. Dest. de Hespanha, liv. 1. Oit 73.

Herboso. Cheyo de hervas, cuberto de hervas. *Herbosus, a, um*. Ovid.

Pede que a tomar vaõ Herboso *estrado*.

Virginidos de Man. Mendes Barbuda, Canto 19. Estanc. 44.

Hervoso. Vid. supra Herboso.

O Sol bordando de ouro o campo Hervoso.

Virginidos, Cant. 11. Estanc. 127.

Hercules. Sem embargo do que temos dito no tomo 4. do Vocabulario, sobre a palavra Hercules, a saber, que a este genero de obra naõ pertencem noticias de appellidos, considerando a utilidade, que a Poetas, e outros curiosos póde resultar da noticia da Historia fabulosa, neste Supplemento temos mudado de parecer, e o temos enriquecido de muitos nomes de pessoas, de que as Fabulas fazem mençaõ, e com cujos, ainda que ficticios acontecimentos, se póde ornar a Filologia, a Mythologia, e toda a Poetica, e Academica erudiçaõ. E assim à Constellaçaõ, a que os Astronomos chamaõ Hercules, accrescentaremos neste lugar muitas noticias de outros Hercules, ou verdadeiros, ou fabulosos. Celebrou o mundo os nomes, e as acçoens de muitos Hercules. Os mais antigos delles foraõ o de Tyro, e o do Egypto. Na Genealogia dos Deoses da Phenicia, faz Sanchun-Jathon mençaõ de hum Hercules, que elle diz ser filho de Demaron, e que lhe chamaraõ *Melchartus*, que na lingua Hebraica, e Phenicia, quer dizer *Rey da Cidade*; o que advertio Hesychio, porque *Melech*, quer dizer Rey, e *Cartha*, Cidade. Parece, que ao Hercules do Egypto, quer Herodoto dar a primazia na Antiguidade, porque o poem no numero dos doze primeiros Deoses, e quer, que depois de muitos seculos tenhaõ os Gregos tomado deste o seu Hercules, filho de Alcmene, e de Jupiter, ou de Amphitryaõ.

Nas suas Antiguidades Judaicas nos tem Joseph conservado hum fragmento de Meandro Ephesino, o qual fallando em Hiraõ, Rey de Tyr, que deu a Salamaõ madeira para o Templo de Jerusalem, affirma, que tambem elle mesmo levantara na Cidade de Tyr novos Templos a Hercules, e a Astarte, depois de ter destruido os antigos. Segundo o que escreve Macrobio, o Hercules do Egypto deve ser muito mais antigo. *Deus Hercules, religiosè quidem apud Tyron colitur; verùm sacratissimâ, & augustissimâ Ægyptii eum religione venerantur. Ipse creditur & Gigantes interemisse, &c.* Se o Hercules dos Egypcios era do tempo da guerra dos Gigantes, naõ lhe póde negar a glorie da antiguidade. Sallustio faz mençaõ do Hercules da Lybia, que havia fundado a Cidade de Capsa, e Orosio lhe dá o titulo de Hercules Phenicio.

Traz Eusebio hum texto de Diodoro Siculo, o qual dá a entender, que os Gregos falsamente se attribuiraõ os Heroes, e os Deoses do Egypto, e entre outros a Hercules. Este discurso de Diodoro sahia da boca dos Egypcios, cujas provas tinhaõ vigor. Porque já que se convem em que Hercules pelejou com os Gigantes, naõ era logo o Hercules Grego, que só de cem annos precedeo o sitio de Troya.

Pelejava Hercules com huma clava, e andava cuberto de huma pelle de leaõ;

só daquelle tempo era propria esta armaçaõ, porque ainda naõ havia as armas, que depois foraõ chamadas offensivas, e defensivas. Alimpou Hercules a terra de muitos animaes notaveis, que a infestavaõ; era logo pouco depois do diluvio, e no Egypto aonde abundavaõ monstruosas alimarias.

Traz Diodoro tres Hercules à baila. O mais antigo he o do Egypto, que subjugou parte do Mundo, e levantou em Africa huma columna. O segundo he o de Creta, que instituhio os Jogos Olympios; o terceiro, filho de Jupiter, e de Alcmene, que executou o que Euristêo lhe mandou, e levantou huma columna nos confins da Europa. Mas como nestes Hercules huns eraõ as copias, e treslados de outros, accommodavaõ ao ultimo tudo o que era proprio dos primeiros, e a semelhança do nome fez, que se attribuissem a hum só todas as acçoens dos mais, como se nunca houvera havido mais que hum só Hercules no Mundo. *Nominis verò, & studiorum similitudo effecit, ut post obitum Antiquorum res gestas huic soli, ac si unus per omne ævum Hercules tantùm extitisset, posteritas ascriberet.*

Este mesmo Author, em outro lugar amplamente descreve os trabalhos do Hercules Grego. Poem-no a conversar com o famoso Astrologo Atlas, e depois faz, que communique aos Gregos a Astrologia; donde tomaraõ os Gregos motivo para dizer, que hum, e outro sustentara o Ceo. Diz, que depois de morto, lhe fizeraõ as honras, que se costumavaõ fazer aos Heroes; os Athenienses lhe offereceraõ sacrificios, como se fora hum Deos, a cuja imitaçaõ fizeraõ outras naçoens o mesmo. O que o dito Author conta da passagem de Hercules para as Gallias, cheira a Fabula Grega; o mesmo se poderá dizer das jornadas de Hercules por Italia, se as naõ authorizara o grande numero de Authores, que fazem mençaõ dellas.

Muito mais provavel parece o que o dito Author diz do magnifico Templo do Hercules de Tyr, edificado pelos Fenicios na Ilha de Cadiz em Hespanha. Obriga isto a crer, que as columnas de Hercules na extremidade da Europa, antes foraõ postas pelos Fenicios em memoria do seu Hercules, ou levantadas pelo seu proprio Hercules, que pelo Hercules dos Gregos. Pelo que toca ao Hercules da India, do qual tambem este Author faz mençaõ, he mais provavel, que era o do Egypto, que com suas armas vitoriosas entrara mais dentro das Provincias do Oriente, às quaes por pouco distantes que fossem, se dava entaõ o nome de India.

Naõ falla Strabaõ com menos acerto nas columnas de Hercules; diz elle, que na opiniaõ de alguns, estas columnas eraõ as extremidades do Estreito de Gibraltar, outros a Ilha de Cadiz; outros o monte Abila em Africa, fronteiro a Calpe em Hespanha; outros os dous Ilheos aos pés dos ditos dous montes; queriaõ outros, que fossem oito columnas de bronze, que os Fenicios collocaraõ no Templo de Hercules em Cadiz, e nas quaes escreveraõ o gasto, que tinhaõ feito na construcçaõ do dito Templo.

Escreve Plinio, que os montes Abila em Africa, e Calpe na Europa, saõ as columnas de Hercules, e que os moradores crem, que separara Hercules estes dous Cabos, e por elles dera entrada ao mar, que chamamos Mediterraneo.

Na vida de Theseo, fallando Plutarco no Hercules dos Gregos, diz muitas cousas, que com justa causa se podem attribuir aos outros Hercules. Porque repara, que nos seculos antepassados, mal morigerados, houve homens de extraordinaria força, e valor, como entre outros Hercules, e Theseo, que para alvo das suas expediçoens, emprenderaõ livrar o Mundo de muitos monstros de iniquidade, que infectavaõ o genero humano, e se empenharaõ em fazer todas as naçoens barbaras taõ polidas, e bem governadas, como era razaõ que fossem.

fossem. Propoem Cicero a Hercules, para exemplar da virtude, como varaõ intrepido, que naõ repara em se expor a todo o genero de perigos, e sofrer todos os trabalhos para o bem do genero humano. Dionysio Halicarnasseo faz do Hercules dos Gregos hum Heroe perfeitissimo, empenhado em avassallar toda a terra, para restituir em toda a parte a paz, a concordia, e a justiça; e por boca de Eliano, promette o Oraculo a Hercules, que fazendo bem a todos, será deificado.

Affirma Pausanias, que o Templo, do qual diziaõ, que Hercules se mandara edificar a si proprio, era mais antigo, que o Hercules Grego, e que era cousa sabida, que os de Creta tinhaõ outro Hercules, e os Tyrios o seu, como tambem os de Erythrea na Jonia. Razoens houve para se crer, que o Hercules dos Erythreos he o dos Arabes, ou dos Assyrios, porque os antigos Erythreos eraõ os Idumeos, ou os Arabes. Os Geografos sabem, que o mar Roxo se chama em Grego *Erythræum*, ou *Idumæum*, em lingua Fenicia, porque a palavra *Edum*, significa *Vermelho*. Finalmente naõ faltavaõ a este Author noticias do Hercules dos Egypcios, pois elle diz, que o Hercules Grego, naõ podendo reduzir a Sacerdotiza de Delphos, levara comsigo a mesa dos tres pés, em que Apollo dava os Oraculos, e a dita Sacerdotiza gritara, que bem se via, que elle era o Hercules Grego, e naõ o Egypcio, *Nam & ante, Ægyptius Hercules, Delphos venerat*. Em outro lugar traz Pausanias hum exemplo, de como com o andar dos annos, estes Hercules taõ differentes huns dos outros se confundiraõ, e se reduziraõ a hum, porque diz, que os Thacios vindos de Fenicia para a Grecia, honraraõ logo ao Hercules de Tyro, mas, que misturados depois com os Gregos, começaraõ a honrar o Hercules dos Gregos.

Na Cassandra de Lycophron se acha, que Hercules fora devorado por hum caõ marinho, chamado *Carcharias*, mandado contra elle por Neptuno, porque esse peixe estando para tragar a Hesiona, filha de Laomedon, chegou Hercules, e armado como estava se lançou nelle pela boca, e depois de lhe rasgar as entranhas, sahio illeso sem perder outra cousa, que os cabellos. Isto diz o Scholiastes de Lycophron, e juntamente accrescenta, que deste successo fora Hercules chamado *Triesperos*, porque ficara o espaço de tres noites no ventre deste monstro. Faz Theophylacto mençaõ desta Fabula, e da sua accommodaçaõ, ou allusaõ a Jonas, engulido da balea.

O Hercules Grego era filho de Jupiter, e de Alcmene, mulher de Amphytriaõ. Estando ainda no berço, affogou este duas serpentes, que Juno por ciumes da mãy delle, mandara para o engulir. Contaõ deste doze prodigios de valor, que ordinariamente se chamaõ os doze trabalhos de Hercules.

I. Euristeo, filho de Steleno, Rey de Mycene, querendo desfazerse de Hercules, lhe ordenou se fosse oppor aos insultos do leaõ do bosque Nemeo, que era cahido do Ceo da Lua, e assolava todo o Paiz. Foyse Hercules a elle, e lhe deu alcance, e acuando-o em huma caverna, lhe desconjuntou com as mãos os queixos, e desde entaõ sempre andou coberto com a pelle daquelle leaõ.

II. Depois desta expediçaõ lhe foy preciso passar para a lagoa de Lerna perto de Argos, para degollar a Hydra, bicho de sete cabeças; mas como ao mesmo passo, que elle cortava huma, outra renascia, esforçando o vigor, as cortou todas sete de hum golpe.

III. Foy perseguindo hum medonho javalí, que do monte de Erymantho, em Arcadia, baixava a destruir as searas; apanhou-o vivo, e carregando com elle ás costas, o levou a Euristeo, que vendo-o, quasi morreo de medo.

IV. Tambem correo a traz da Corsa dos montes de Menalo, que tinha pés de cobre, e pontas de ouro, e a apanhou

nhou depois de perseguilla o espaço de hum anno.

V. Affugentou as aves do lago Estymphalo, que eraõ em taõ grande numero, e taõ corpulentas, que abrindo as azas, toldavaõ os ares, e cahindo na gente, a arrebatavaõ para a devorar.

VI. Pelejou com as Amazonas da Scythia, perto do mar Hircano; desbaratou-as, e apanhou a sua Rainha, chamada Hippolyta, que Theseo tomou por mulher.

VII. Alimpou os curraes, ou estrevarias de Augias, Rey de Elide, onde se recolhiaõ mil boys, cujo esterco inficionava os ares; para conseguir o intento, divertio o curso do rio Alpheo, e dandolhe entrada pelas ditas estrevarias, levou a agoa toda a immundicia.

VIII. Lançou maõ do touro, que lançava fogo, e fora mandado para a Grecia por Neptuno, que com este bruto incendiario se quiz vingar de algum aggravo.

IX. Deu geito a que os cavallos de Diomedes, Rey de Thracia, o comessem vivo, para castigallo da crueldade com que o dito Rey entregava os estranhos à voracidade dos seus cavallos. Com outro semelhante supplicio castigou a Geriaõ, do qual diziaõ tinha tres corpos, e cujos boys devoravaõ os viandantes.

X. Emprendeo pôr nas mãos de Euristeo as maçãas de ouro do jardim das Hesperides, que as filhas de Hespero guardavaõ, assistidas da vigilancia de hum dragaõ de horrivel aspecto, e grandeza.

XI. Baixou aos infernos, delles tirou ao caõ Cerbero, e o trouxe prezo com tres cadeas.

XII. Com esta occasiaõ, tambem tirou do inferno a Theseo, que para o inferno tinha descido, para fazer companhia a seu amigo Pirithoo.

A estas doze façanhas, chamadas trabalhos, accrescentaõ os Poetas outras muitas notaveis acçoens, porque dizem, que Hercules matara a Caco, filho de Vulcano, e só meyo homem, que vomitava fogo. A esta accrescentaõ as seguintes. Matou Hercules a Lacino, outro ladraõ, que assollava parte de Italia, e nella edificou hum Templo a Juno Lacinia. Affogou ao Gigante Antheo, lutando com elle. Venceo a Tyrrheno, Rey de Eubea, que andava em guerra com os Beocios, e o mandou esquartejar por cavallos. Venceo a Albion, e Bergion, que lhe queriaõ impedir o passo nas bocas do Rhodano, occasiaõ em que para o defender, lhe acudio Jupiter com huma chuva de pedras. Domou os Centauros, que eraõ huns monstros meyos homens, e meyos cavallos. Saqueou a Cidade de Troya, e a Ilha de Cò, e fez morrer a ElRey Euripides, com sua mulher, e filhos. Matou às frechadas a aguia, que estava roendo os figados a Prometheo, atado a hum rochedo no monte Caucaso. Na Ilha de Tine, perto de Delos, matou a Calais, e Zethes, filhos de Borea, que tinhaõ azas, e no seu sepulchro mandou levantar duas columnas. Matou a Eurite, Rey d'Oechalia, e roubandolhe a filha, que lhe negavaõ depois de lha prometter por esposa, levou-a para a Ilha Eubea. O que chegando à noticia de Deianeira sua mulher, ella lhe mandou huma camiza, tinta no sangue do Centauro Nesso, imaginando, que era Philtro, para se fazer amar do seu marido, mas logo que a vestio, entrou em taõ grande raiva, e furor, que no monte Oeta se lançou em huma fogueira, e se queimou vivo.

O Hercules Cretense, chamado *Telchino*, hum dos Dactylos Ideos, ou Curetes, foy hum celebre encantador, e hum famoso Capitaõ, e segundo Diodoro de Sicilia, instituhio os Jogos Olympicos.

Houve hum Hercules Romano, que tambem foy chamado *Sangus*, *Sancus*, *Sanctus*, *Sancus*, e *Fidius*. No livro 4. das Leys falla Varro delle Hercules nesta fórma. Cuidava a gente, que *Fidius*, tomava o nome de *Sanctus*, da lingua dos Sabinos, e o de *Hercules* da lingua Grega; e diz Festo, que quando queria

queria alguem fazer huma jornada, perto da entrada fazia hum sacrificio a Hercules, ou a *Sancus*, que era o mesmo Deos.

Tambem se tem falla de em hum Hercules Alemaõ, ou Celtico, (segundo escreve Elio Schedio, pag. 476. no seu livro dos Deoses dos Alemaens.) Tambem falla delle Tacito no Tratado dos costumes dos Alemaens, nesta fórma; dizem, que tiveraõ hum Hercules, e quando vaõ à guerra, fallaõ delle nas suas cançoens, como do mais valeroso Capitaõ do Mundo. *No livro 1. dos Annaes dos Boios*, escreve Aventino, que este Hercules Alemaõ trazia nas suas Armas hum leaõ, e fora o ultimo dos antigos Reys de Alemanha, dos quaes faz Beroso mençaõ, e juntamente, que forao primeiro fundador do Estado dos *Boios*.

Finalmente houve hum Hercules Gallico, chamado Oymio, que foy representado como symbolo da Eloquencia. Os Gallos o pintavaõ com barba branca, cabeça calva, cara arrugada, e cor baça, semelhante àquelles velhos marinheiros, ou ao barqueiro Caron, ou a Japet, hum dos mais antigos homens do Mundo. Nem deixavaõ de o representar com clava, e pelle de leaõ, com arco armado na maõ esquerda, e com aljava nos hombros. Quando vi esta figura, entendi, (diz Luciano) que o intento de quem a mandara fazer, foy zombar dos Gregos, ou vingarse das carreiras, e insultos, que fizera, quando passou para Hespanha. Mas o que me causou mayor admiraçaõ, foy ver muita gente pendente da sua lingua por huns fios de ouro muito delgados, que o hia seguindo, e sem repugnancia se deixava levar como larisfeita da sua escravidaõ. Certo Doutor da terra, perito no idioma Grego, vendo que com certa indignaçaõ eu estranhava este espectaculo, me disse, que me queria declarar o mysterio deste enigma. Nós (disse elle) naõ cremos, como os Gregos, que Mercurio he o Deos da Eloquencia; damos este titulo a Hercules, que he muito mais poderoso, que elle; e juntamente entendemos, que tudo o que nelle admiramos, naõ foy obra do seu braço, mas do seu juizo. Por isso o pintamos velho, porque só naquella idade està o juizo na sua perfeiçaõ; tem este velho todo o Mundo encadeado, e prezo pelos ouvidos, effeito, e poder atractivo da razaõ; e a lingua, da qual pendem, he o instrumento do seu cativeiro; as suas razoens saõ as suas settas, e estas saõ empennadas, porque como disse Homero, as palavras tem azas. Na Cidade de Tyro, em Roma, e em Hespanha edificaraõ a este Hercules muitos Templos, e muitos Altares; hum delles era chamado *Ara maxima*, por causa de hum grande montaõ de pedras de que era composto; sobre este Altar se faziaõ os juramentos solemnes, e nelle se offerecia o dizimo dos despojos. Certo mercador, que Hercules havia livrado das mãos dos Piratas, lhe fez edificar hum Templo de figura redonda, com o titulo *Deo Herculi invicto*. Dizem, que neste Templo, nem caens, nem moscas entravaõ, porque delle lançara Hercules a *Myagro*, Deos das moscas, e na entrada do dito Templo tinha deixado a sua clava.

Ha paineis, ou medalhas, em que se vê Hercules representado com tres maçãas de ouro. Alguns annos ha, que em Roma na feira dos boys, se achou huma grande figura de Hercules em bronze, com huma maçãa na maõ. O choupo, ou alemo era a arvore consagrada a Hercules, *Populus, Alcidæ gratissima*, diz Virgilio, e Phedro, *Populus Herculi*. Donde nasce, que em huma medalha Grega se vê a figura de Hercules coroada de ramos de choupo, ou alemo, com sua pelle de leaõ ao redor do pescoço.

O Emperador Commodo desprezou o appellido da sua Casa, e em lugar de Commodo, filho de Marco Aurelio, se fez chamar *Hercules, filho de Jupiter*, e largando as insignias Imperiaes, appareceo

recuo com as de Hercules, a saber, pelle de leaõ, e clava, e com ellas sahio em publico; e naõ satisfeito disto, fez cunhar moedas de ouro, prata, e bronze com sua figura, coroada de huma pelle de leaõ de huma parte, e da outra com clava, arco, e aljava chea de settas, com esta inscripçaõ: *Herculi Romano invicto*, titulo, que tambem tomava nas suas cartas ao Senado, *Romanus Hercules*. Até nas jornadas que fazia, fazia andar diante a clava, e a pelle de leaõ.

Os Poetas Latinos chamaõ a Hercules, *Alcides*, *Tyrinthius*, *Heros Amphitryoniades*. *Cœlifer*, *Indomitus*, *Interritus*. *Alcmenâ genitus*, *Alcmenæ natus*, *Jove natus*, *Claviger Heros*, *monstrorum domitor*, *Vastator*, *Junonis nepos*, *Hydræ domitor*, *domitor Orbis*.

HERDEIRO. Vid. tomo 4. do Vocabulario. Segundo as leys Romanas, havia tres castas de herdeiros. *Herdeiros necessarios*. Estes eraõ escravos instituidos por seus senhores, com liberdade, ou carta de alforria; estes foraõ chamados necessarios absoluta, e simplezmente, porque como instituidos por seus senhores, forçosamente, e contra a sua vontade, haviaõ de ser herdeiros, nem podiaõ renunciar a herança por onerosa que fosse, e chea de dividas, e encargos. Outros herdeiros eraõ chamados *Sui*, *& necessarii*; estes eraõ os filhos, que se achavaõ em poder do defunto na hora da sua morte. Chamavaõse *Necessarii*, porque queiraõ elles, ou naõ queiraõ; sempre saõ herdeiros; eraõ chamados *Sui*, porque saõ como proprios domesticos do testador, e proprietarios dos bens do defunto. Os terceiros herdeiros eraõ os Estrangeiros, *id est*, aquelles, que nem escravos saõ, nem filhos do defunto, e estes saõ voluntarios, porque na sua maõ está aceitar, ou recusar a herança, que lhe vem.

Pelo que toca aos primeiros, que eraõ escravos do testador, saõ livres, e herdeiros só pelo beneficio da ley, sem ser necessario acto algum, nem aceitaçaõ, e taõ fóra estaõ de poder renunciar, que tem obrigaçaõ de pagar todas as dividas, ainda com seus proprios bens adquiridos depois de forros, se por ventura naõ impetrassem do Pretor beneficio de separaçaõ.

Pelo que toca aos filhos, que ficavaõ debaixo do poder do defunto, naõ havia nelles differença alguma dos escravos, no particular da necessidade de serem herdeiros, e assim o eraõ no instante da morte, de sorte, que depois do falecimento de seu pay, mais era continuaçaõ de dominio, do que nova adquisiçaõ.

Os terceiros, chamados estranhos; *id est*, que naõ saõ nem escravos, nem filhos do defunto, lhes he licito aceitar, ou engeitar a herança, o que devem fazer por acto judicial.

Nos textos do Direito, ha tres differentes modos de adquirir, ou aceitar huma herança, a saber, *Aditio hæreditatis*, que era hum acto solemne, que se fazia na presença do Magistrado; *Gestio pro hærede*, que he qualquer acto de propriedade, como vender os bens, receber as dividas, colher os frutos; em termos juridicos diversamente se expressa este modo, porque na pessoa dos herdeiros estrangeiros, chamase *Gestio pro hærede*; mas na pessoa dos filhos chamase *Immixtio*; o terceiro modo he a simplez, e nua vontade.

Tambem por tres differentes modos se recusava a herança, a saber *Repudiatio*, que era acto Juridico, passado em téla de juizo; *Abstentio*, que era para os filhos; o ultimo era a simplez vontade, quando hum sogeito declara, que naõ quer ser herdeiro.

Antigamente o termo para aceitar huma herança era de cem dias, hoje se daõ só quarenta, que se naõ contaõ, se naõ do dia que os acredores nomearaõ.

Herdeiro. Vid. tom. 4. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Herdeiro.

De filhos, e herdeiros, campos cheyos.
Faze a teu filho teu herdeiro, e naõ teu despenseiro. O que em tua vida naõ fizeres,

fizeres, de teus herdeiros o naõ efperes. Fazenda alheya, naõ faz herdeiro. Mete o ruim no teu palheiro, quererá fer teu herdeiro. Quem ganha fem difpender, naõ lhe lembra, que ha de morrer, nem que herdeiros ha de ter. O bom pagador faz herdeiro no alheyo. Lagrimas de herdeiros, rifos fecretos.

Hermanstein. He huma das mais fortes Cidadellas de toda a Alemanha. Fica fobre o Rheno, defronte do lugar, onde elle fe ajunta com a Mofella, e nos Eftados do Eleitor de Treveris. O rochedo por todas as partes alcantilado, em que eftá affentada, a faz inexpugnavel. *Eremberti lapis.*

Hermanubis. Deidade dos Egypcios, compofta de Mercurio, a que os Gregos chamaõ *Hermes*, e de *Anubis.* Achafe reprefentada por dous modos, ora como homem, com cabeça de açor, e hum caduceo na maõ, e ora com cabeça de caõ. O caduceo he o fymbolo ordinario de Mercurio, na cabeça de açor fe denota a caça de alta volateria, e com huma deftas duas cabeças reprefentavaõ a Anubis, porque fora hum grande caçador. Achaõfe algumas figuras defte falfo Nume com roga Senatoria, com o caduceo na maõ efquerda, e com o *Siftro* dos Egypcios. Allude Tertulliano a efte modo de reprefentar efte Idolo, com eftes verfos, com que zomba de certo Senador.

Teque domo propriâ pictum cum fafcibus ante,
Nunc quoque cum fiftro faciem portare caninam.

Faz Plutarco mençaõ defta Deidade, e os Efcritores de Jeroglyficos declaraõ as moralidades, que della fe pódem tirar. *Spon. Indagaçoens curiofas da Antiguidade.*

Hermathenes. Eraõ humas eftatuas collocadas fobre humas bazes quadradas, ao modo dos *Hermes*, mas que reprefentavaõ a Mercurio, e Minerva, porque *Ermis*, em Grego quer dizer *Mercurio*, e *Athini*, para os Gregos he *Minerva.* Na Cidade de Athenas achou Pomponio Attico huma deftas eftatuas, e a mandou a Cicero, que como fe vê na Epiftola 3. do livro 1. a eftimou muito para ornar com ella a fua Bibliotheca. Naõ he para eftranhar a uniaõ de Mercurio, e Minerva nefte genero de eftatuas, porque muitas vezes lhes faziaõ os Antigos feftas, e facrificios, communs a ambos os dous, por quanto hum prefidia à eloquencia, e outro à fciencia; e a eloquencia fem erudiçaõ naõ he outra coufa mais, que hum fom infructuofo, e a doutrina fem eloquencia, hum thefouro inutil. Naõ he pois maravilha, que efta figura de Hermathenes foffe feita, e dedicada pelos Athenienfes, que naquelle tempo eraõ os mais doutos, e mais eloquentes homens do Mundo. Achafe efta Hermathenes no avefso de huma medalha dedicada ao Emperador, que tinha na conta de Principe muito douto, e eloquente.

Herm-Eros. Eftatua de bronze, que reprefenta hum Deos, compofto de *Ermis*, que quer dizer Mercurio, e de *Eros*, nome tambem Grego, que fignifica *Amor.* Pintaraõ os Antigos efte Cupido com o caduceo, e a bolça na maõ que faõ os dous caracteres, com que coftumaõ reprefentar a Mercurio; com efte emblema parece queriaõ fignificar, que eloquencia, e dinheiro eraõ neceffarios para hum amante.

Herm-Harpocrates. Figura de Mercurio, chamado dos Gregos *Hermis*, e d'Harpocrates, o qual tem azas talares, como Mercurio, e que fobre a boca poem o dedo, como *Harpocrates*, venerado dos Egypcios por Deos do filencio. Quizeraõ os Antigos darnos a entender, que talvez era o filencio eloquente, principalmente nos namorados, que ordinariamente mais fallaõ com os olhos, que com a boca.

Herm-Heracles. Palavra compofta de *Ermis*, que em Grego fignifica *Mercurio*, e de *Heracles*, que tambem em Grego quer dizer *Hercules.* Hermheracles era a eftatua de hum Hercules, fobre a baze de hum Mercurio, com clava,

clava, e pelle de leaõ. He huma imitaçaõ dos Gregos, que antigamente na Academia costumavaõ ter a estatua de Mercurio juntamente com a de Hercules; porque hum, e outro presidiaõ nos exercicios da mocidade, a saber, luta, carreiras, cestos, e outros combates proprios dos Athletas. A uniaõ de Mercurio com Hercules significava, que a força devia ser acompanhada da eloquencia, e que a eloquencia tem poder para domar monstros. Em Athenas muitas vezes representavaõ Mercurio em huma pedra singela cubica, no meyo da qual assentavaõ a cabeça do Deos, que lhes vinha à imaginaçaõ. A origem deste uso he, que naquelles tempos as estatuas de Mercurio tinhaõ esta singularidade, que sempre se punhaõ sobre penedos quadrados, para demostrar o solido das obras das Artes, sobre tudo da Arte da eloquencia, da qual elle era o inventor. Succedeo depois, que estas bazes quadradas sem mais nada representavaõ a sua figura; começaraõ depois de assentar nellas as figuras de outros Deoses, para os honrar, e assim lhes servia de sustento, significandose, que só por elle eraõ dignos de estimaçaõ, isto he, pelo cuidado, que tinha de fazer suas embaixadas, e intimar as suas ordens, que era seu principal officio. Deuse pois a este ajuntamento o nome dessoutra Deidade junto com o de Mercurio, e assim o todo era hum Hercules collocado sobre hum Mercurio.

Hermes. Sobrenome, que se deu a Mercurio. Eraõ os Hermes humas estatuas do Deos Mercurio, ordinariamente de marmore, e algumas vezes de bronze, sem braços, nem pernas, que os Gregos collocavaõ nas encrusilhadas. No seu Commentario, sobre o oitavo livro da Eneida de Virgilio, traz Servio a origem dos Hermes. Diz este Author, que huns pastores encontrandose hum dia com Mercurio, chamado dos Gregos *Hermes*, adormecido em hum monte, lhe decepáraõ as mãos, donde nasceo, que depois foy chamado *Cyllenio*, como tambem o monte onde isto succedeo, porque *Cyllòs* em Grego quer dizer, *Mutilado dos braços*, ou *aleijado de algum membro*; que tambem he a razaõ, porque se chamaõ *Hermes* certas estatuas sem braços. Mas esta etymologia he reprovada de alguns Criticos, e querem, que o epitheto *Cyllenio* procede de *Cyllene*, Cidade de Arcadia, e Patria de Mercurio.

Declara Suidas moralmente este costume de fazer estatuas de Mercurio sem braços. Os Hermes (diz este Author) eraõ estatuas de pedra, que na Cidade de Athenas se collocavaõ nos vestibulos das casas, e nos adros dos Templos, porque como tinhaõ a Mercurio por Deos da palavra, e da verdade, faziaõse estatuas quadradas, e cubicas, para significar, que os corpos assim figurados, de qualquer parte que cayaõ, sempre cahem direitos; assim a verdade he sempre semelhante a si mesma.

Hermioens. Antigos Povos de Alemanha, e dos mais celebres daquella dilatada regiaõ. Tem para si alguns Authores, que elles habitavaõ a terra, a que hoje chamaõ Pomerania, ao longo do mar Balthico, mas naõ diz isto com o que diz Tacito.

Hermiona. Filha de Marte, e de Venus, e mulher de Cadmo. Ambos de dous foraõ mudados em serpentes. *Ovid. Virgil. Hygino.*

Hermo. Vid. Ermo tom. 4. do Vocabulario.

Heroa. Vid. *Heroe.*

Dos mais claros Heroas hum que cante
Escolha teu espirito Real sugeito
Tens na alta geraçaõ do grande Infante.

Antonio Ferreira, Poemas Lusitanos, 148. e 163.

Herse. Filha de Cecrops, Rey de Athenas, era irmãa de Agraulos o moço, e de Pandresos. Dizem os Poetas, que teve a mesma curiosidade, que Agraulos sua irmãa, e abrio com ella o cestinho de vimes, em que Minerva tinha fechado o menino Erycthonio; do

que

que ficou esta Deosa taõ indignada, que as fez furiosas, e as incitou a despenharse do alto de huma torre. *Apollodoro, in Bibliotheca, lib. 3.*

HERTA. Ficticia Deidade, adorada dos Alemaens, na Ilha de Rugen. Escreve Tacito, que no meyo de hum bosque havia hum carro sagrado, cuberto de huma alcatifa, no qual carro ninguem podia pôr a maõ se naõ hum Sacerdote, por quanto só elle sabia o tempo, em que a Deosa, que nelle se adorava, se vinha pôr neste lugar; e entaõ andava o dito Sacerdote seguindo o carro, e fazendo profundas inclinações. Depois da Deosa restituida ao seu Templo, os ministros desta ceremonia, que eraõ huns servos, eraõ as victimas, e como taes eraõ lançados em huma lagoa visinha. Ainda hoje na Ilha de Rugen, perto do Promontorio *Stubbenkamer*, se vê hum bosque muito copado, a que chamaõ *Stubbenitz*, no qual ha hum lago, cuja agoa he muito negra, por ter muito fundo, e tem muito peixe, porque os pescadores se naõ atrevem a pescar nelle; porém dizem, que nestes ultimos annos houve pescadores mais alentados, que puzeraõ no dito lago hum barco, para no dia seguinte ir pescar nelle, mas indo pela madrugada, para se meter nelle, o naõ acharaõ. Seja o que for, varios Historiadores affirmaõ, que na Ilha de *Rugen*, e quasi em toda Alemanha, antigamente se offereciaõ à Deosa Herta desta casta de sacrificios. *Embaixada dos Hollandezes no Japaõ.*

HERULOS. Antigos Povos de Alemanha, para o mar Balthico, nas terras, a que hoje chamaõ Mekelburgo, segundo o que diz Ferrari, ou segundo Procopio, habitadores dos campos além do Danubio. Feitos mais poderosos que os seus visinhos, avassallaraõ os Lombardos. Mas vencidos, e debellados por outras naçoens, cahiraõ debaixo do jugo dos Romanos; mas o Emperador Justiniano lhes deu terras, boas de cultivar, beneficio, que os cativou de sorte, que naõ só lhe deraõ obediencia, mas tambem abraçaraõ a sua Religiaõ. Feitos Christãos, começaraõ a tomar huma fórma de viver, mais conforme com a honestidade, e a razaõ; porque antes da sua conversaõ, nas batalhas que davaõ, peleijavaõ nús, sem outra cousa d'armas, que a pelle; aos seus Deoses sacrificavaõ victimas humanas, mataváõ os velhos, e os enfermos, obrigavaõ as mulheres casadas a naõ ficar vivas depois da morte dos maridos, por naõ incorrerem no odio dos parentes do defunto, e no desprezo de todo o Mundo.

Finalmente a luxurias, e outros vicios eraõ mais dados, que todas as naçoens. Mas ainda que depois de allumiados com a doutrina do Evangelho, pareciaõ mais amigos da razaõ, e da verdade, naõ se poderaõ totalmente emendar de sua natural perfidia, e do insaciavel desejo da fazenda alheya, o que para elles naõ era peccado. *Spener, Historia geral.*

HERVORDEN. Cidade Imperial, e Anseatica de Alemanha, na Vestphalia, he do Eleitor de Brandemburgo.

HES

HESDIN, ou Hesdin-Fert. Cidade dos Paizes Baixos, na Provincia de Artois, sobre o rio de Canche, nos confins de Picardia. *Hesdina, æ, Fem.* ou *Hesdinum, i, Neut.*

HESIONE. Filha de Laomedon, Rey de Troya, que a desamparou, e a deixou exposta em huns penedos do mar, para aplacar a ira de Neptuno, e de Apollo, que elle enganara, naõ lhes dando o salario, que elles mereciaõ pelo trabalho de ajudallo na construcçaõ dos muros de Troya. Offereceose Hercules para livrar a Hesione, com condiçaõ, que lhe daria huns cavallos notaveis, que elle tinha; mas faltando com a palavra, Hercules o matou, nos seus proprios Estados, de que elle se apoderou, e de seu filho, e lhe roubou Hesione sua filha, que elle deu por mulher a Telamon, Rey de Salamina.

Hesitaçaõ. Duvida. Difficuldade. Incerteza. Gagueira. Embaraço no fallar. *Hæsitantia linguæ. Cic. Hæsitatio, onis*, que tambem he de Cicero, quer dizer Incerteza do animo. Irresoluçaõ.

Heso. Deos dos Gallos antigos, que para estes Povos guerreiros era o mesmo, que o Deos Marte entre os Romanos. No livro 6. De bello Gallico diz Cesar, que os Gallos invocavaõ a Heso como o Deos da guerra, e que no principio da batalha promettiaõ de lhe sacrificar o primeiro inimigo, que apanhassem na peleja; por isso falla Lucano de Heso no primeiro livro da sua Farsalia, nesta fórma:

Teutates, horreusque feris altaribus Hesus.

Segundo Bocharto, *Hesus*, ou *Heso* no idioma Hebraico queria dizer, *Homem forte*, e Jamblico, allegado por Juliano, *Orat. in Solem* diz, que os Fenicios davaõ este epitheto a Marte. Este falso Nume, que os Romanos chamavaõ *Hesus*, com terminaçaõ Latina, era chamado dos Germanos *Heos*, ou *Hies*, e deste nome tomaraõ a palavra *Hiesdag*, ou *Hisesdag*, que entre elles significa o dia de Marte, como entre nós *Terça Feira. Vossio de Idolatria, liv. 2.*

Hesperides, ou Hesperidas. Vid. tomo 4. do Vocabulario. Na terra de Cabo Verde, a que Plinio chama *Hesperium cornu*, collocaraõ os Poetas ao jardim das Hesperidas, celebre pelas maçãas de ouro, que levou Hercules à pezar do dragaõ de cem cabeças, que as guardava, gerado por *Typhon*, e *Echidna*. Todos sabem, que he fabula; tambem naõ ignoraõ a moralidade, que della se tira. Naõ era este jardim outra cousa, que hum grande prado, e que as maçãs de ouro eraõ humas ovelhas, cujo vélo era taõ precioso como ouro. O dragaõ pois, era hum golfo, ou braço de mar, que cercando este prado com cem canaes, deu muito trabalho a Hercules, que finalmente as levou, e com ellas enriqueceo Hespanha, que hoje dá a melhor lãa de toda a Europa. As tres filhas de Hespero, saõ tres bellas Ilhas, que ficaõ para o Oüest deste jardim, antigamente chamadas *Ægla, Arethusa*, e *Hasperthusa*, e hoje, *Mayo, Sal*, e *Bonavista*. Na visinhança ha outras tres, chamadas as *Atlantidas*.

Hesychastes. He palavra Grega, derivada de *Isixasein*, que quer dizer, Viver com tranquillidade. Deuse este nome a huns Monges, que apartados do commercio, e conversaçaõ dos homens, passavaõ a vida na contemplaçaõ das cousas Divinas. *Hierolexicon Macri. Justinian. Novel. 1. tit. 3.*

HIA

Hiacte. Embarcaçaõ do Norte, propria para bordejar, e dar passeos no mar. Tem dous mastos hum grande, outro pequeno, e hum bocado de masto. Tem sua ponte, ou convez. (Que se mandem a Hollanda os *Hiactes* a criados de Sua Magestade. Gazeta de Lisboa 21. de Novembro de 1720. titulo Grãa Bretanha, pag. 375.) Os Inglezes escrevem *Yacth*; e entre elles, tambem he o nome de huma bandeira. O Padre Pomey escreve *Yac*, e chamalhe em Latim *Gaulus vectorius*.

Hiamuen. Forte da Provincia de Fokien, na China, em huma Ilha perto da terra firme. Iquon, famoso pyrata, foy antigamente senhor deste Paiz, onde muitas vezes teve Armadas de tres mil grandes navios da China. Ainda que esta Cidade tenha grandes edificios, e muito commercio, os Chins lhe naõ chamaõ se naõ Forte, porque tem presidio. *Martim Martini, Thevenot, vol. 3. da Collecçaõ, na descripçaõ da China.*

HID

Hida. Parte de huma Regiaõ, na Heptarchia dos Saxoens. Continha a Heptarchia sete Reynos, cada Reyno era dividido em Regioens, e cada Regiaõ em Hidas.

HIE

Hienia. Vid. Hyenia.
Hierapoli. Vid. Jerapoli.
Hierophantes. Sacerdotes dos Athenienses, que tinhaõ a superintendencia dos sacrificios, e guardavaõ as cousas sagradas, e a seu tempo as mostravaõ. Derivase este nome do Grego *Ieros*, sagrado, e *Phanein*, mostrar. No seu livro contra Joviniano escreve S. Jeronymo, que os Hierophantes bebiaõ cigude para apagar o fogo da concupiscencia, e servir mais castamente aos Deoses. *Alexander ab Alexand. livro 4. cap. 17.*

HIL

Hilarias. Os Latinos dizem *Hilaria*, os Gregos diziaõ *Ilaria*, e nós poderiamos dizer *Alegraõ*, que se dá ao Povo. Os Romanos, que tinhaõ tomado dos Gregos estas festas, as celebravaõ nos 25. de Março, em honra da mãy dos Deoses. Ainda que todas as festas fossem dias de alegria, ás Hilarias se deu particularmente este nome, porque se faziaõ com demonstraçoens de muito mayor alegria, que as outras. A qualquer pessoa do vulgo, lhe era licito tomar naquelle dia as insignias da dignidade mais de seu agrado. Na vespera deste dia preparavase a gente para esta festa com notaveis apparencias de tristeza, e por isso lhe chamaraõ os Latinos, *Dies sanguinis. Isaac Causobono Not. in L. Lamprid.*
Hilaro-tragedia. Palavra composta do Grego *Ilaros*, Alegre, como quem dissera, *Tragedia alegre*. He huma obrasinha Poetica, misturada de cousas jocoserias, que no theatro se representava cantando, e dançando com gestos, que segundo o methodo dos Pantomimos, expressavaõ o sentido das palavras. Querem alguns, que Hilaro-Tragedia, seja obra Theatral, usada entre os Gregos, e semelhante ao que chamamos *Tragi-comedia*, isto he, cujo desfecho he alegre, e festivo; mas parece, que naõ he assim. He verdade, que em Suidas se acha, que *Rhinton*, Poeta Comico, inventara huma casta de Poesia, que elle chamara *Hilaro-Tragedia*; mas naõ he provavel, que fosse Poema Dramatico, representando segundo as leys do Theatro, e cujo assumpto fosse heroico, e enfim alegre. Porque sendo esta obra invento de Poeta Comico, naõ podia o assumpto ser grave, e serio; ou se isto fora, houvera sido tratado por hum modo ridiculo; como o Amphitryaõ de Plauto. Chama Suidas à dita obra, *Escrito Burlesco*; Hesychio chama ao Author chocarreiro, e zombador; outros lhe chamaõ Author de Poesia ridicula, e usa Varro do nome *Rhinton*, por dançador, e Farcista. Supposto isto, este nome Hilaro-Tragedia naõ póde competir a tragedia, que vá parar em alguma felicidade extraordinaria, ou em alguma insperada fortuna, mas só póde convir a alguma obra theatral, em que haja hum mixto de cousas serias, e ridiculas. *Atheneo, livro 14. Hedelin, Pratica do Theatro.*
Hildesheim. Cidade Episcopal de Alemanha, na Saxonia Inferior, sobre o rio Inerste. De toda a Saxonia, he a unica Cidade, que se conservou Catholica, como tambem toda a sua Diocesi. Os Authores Latinos lhe chamaõ *Hildesia*, e *Hildesheimum*, mas he mais provavel, que seja o *Ascalingium* de Ptolomeo, como he opiniaõ de alguns.

HIN

Hingoa. Cidade da Provincia de Fokien, na China. He muito grande, e cercada de muitas Villas. Vemse nella muitos arcos triunfaes, e nos oiteiros visinhos muitas sepulturas. Perto do monte de *Chinyven*, está o lago de Chung, nas margens do qual se tem edificado hum grande Palacio, muito nomeado, porque quando quer chover, ou vem chegando o mao tempo, se ouve nelle hum estrondo, que parece som de hum

hum grande fino. Na coroa do monte de *Hucung*, se vê hum poço, chamado *Hiai*, cuja agoa se incha, e se encolhe com periodos semelhantes às de maré enchente, e vasante. *Martim Martini, Thevenot; Descripç. da China, vol. 3. da Collecçaõ.*

HIP

Hippobotes. He hum nome Grego, que deu Strabo a hum prado, que fica ao pé de huma abertura, ou entrada, chamada *As portas Caspias.* He este prado taõ vasto, que nelle tinhaõ os Reys huma cria de cincoenta mil egoas. *Strabo, livro 2.*

Hippoglosson. Vid. mais acima, na letra B *Bislingua.*

Hippomene. Filho de Macareo, achou o modo de vencer correndo, e deixar atraz de si a fermosa Atalanta, lançando pelo caminho tres maçãas de ouro, que ella se deteve em colher. Em premio da sua vitoria casou com ella, mas como faltou de dar as graças a Venus, que lhe tinha dado este conselho, conta a Fabula, que esta Deosa lhe perturbou o juizo com paixaõ taõ violenta, que quiz lograr a Atalanta no proprio Templo de Cybele. Ficou a mãy dos Deoses taõ indignada desta profanaçaõ, que mudou ao profanador em leaõ, e a sua mulher em leoa. *Ovid. Metamorph. 10.*

Hippona, ou Hipponia. Cidade de Africa, no Reyno de Argel. Diz Marmol, que os Mouros lhe chamaõ *Bled el Ugueb.* Foy Santo Agostinho Bispo desta Cidade; morreo no tempo que os Vandalos lhe tinhaõ posto cerco. Os Latinos lhe chamaõ *Hippo Regius.* Em Africa ha outras duas Cidades deste nome. Vid. Bona no seu lugar Alfabetico.

Hippopodes. Povos, que viviaõ na costa do mar da Scythia. Chamaraõ-lhes assim do Grego *Ippos*, cavallo, e *Pous* pés, porque tinhaõ os pés feitos como os dos cavallos. Deu lugar a esta Fabula a grande agilidade com que corriaõ. *Mela, libro 3.*

HIR

Hirpinos. Povos de Italia, na Regiaõ dos Samnitas, sua Cidade principal era *Hirpinum*, que hoje (segundo Leandro) naõ he mais que Aldea, e està chamada *L'Arpaia.* A terra dos Hirpinos he hoje o que se chama *Principado ulterior*, Provincia do Reyno de Napoles, cujas principaes Cidades saõ, *Benevento, Conza, Avellino, &c. Strab. lib. 5.*

Hirpios. Certas Familias antigas de Italia, na terra dos Faliscos, hoje chamada o Estado Ecclesiastico, perto de Roma; tinhaõ entre os Romanos muita estimaçaõ, porque no sacrificio, que todos os annos se fazia a Apollo, ou (segundo outra opiniaõ) a Feronia, Deosa dos bosques, no monte Soracte, hoje *Il monte de S. Oreste*) todos aquelles desta geraçaõ, e deste nome, andavaõ pelo meyo de huma grande fogueira, sem se queimarem; e era taõ notavel esta prerogativa, que por aresto do Senado, eraõ isentos da obrigaçaõ de ir à guerra, e juntamente eraõ livres de todos os cargos da Republica. *Hirpinæ Familiæ. Plin. liv. 7. cap. 2.*

Hirundinaria. Erva, assim chamada do Latim *Hirundo*, andorinha, porque as suas bainhas abertas, com sua branca lanugem à vista, tem alguma semelhança com andorinha, quando voa. Vid. *Asclepias* neste Supplemento, e *vincetoxicum* no tom. 8. do Vocabul. (Asclepias, chamada ordinariamente Hirundinaria. Polyanthea de Curvo, a fol. 821.)

HIS

Hispano. Vid. Hespanhol.
Disbarate da Hispana Christandade. André da Sylv. Malc. Destruiç. de Hespanha, liv. 1. Oit. 24.

HIZ

Hizrevitas. Religiosos Mahometanos, cujo fundador se chama Hizr, ou

Herevi. Dizem, que era grande Chymico, e que aos que entravaõ na sua Ordem, dava moedas de ouro. Trazia huma roupeta verde, e fazia huma vida muito austera. Seus sequazes tem em Constantinopla hum Convento, mas naõ imitaõ a abstinencia de seu Fundador. *Ricaut, Histor. do Imperio Ottomano.*

HOD

Hodierno. He tomado do Latim *Hodiernus, a, um*, cousa de hoje, deste dia, e deste tempo.

Da oraçaõ Hodierna *o forte muro*
Te faltou, e sem ella em tal jornada.

Franc. Barreto Landim, Vid. de S. Joaõ de Deos, fol. 15. vers.

HOJ

Hoje. Vid. tom. 4. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Hoje.

Hontem Vaqueiro, hoje Cavalleiro. Paõ de hoje, carne de hontem, vinho de outro Veraõ, fazem o homem saõ. Hoje em nossa figura, e à manhãa na sepultura. Hoje somos, à manhãa naõ.

HOL

Holleriana. Erva. Antonio Ferreira, no livro 3. da sua Cirurgia, pag. 119. confunde esta erva com a Herniaria. Vid. Herniaria. (A erva chamada Herniaria, ou Holleriana, he efficacissima.)

Holmia. Antiga Cidade maritima da Pisidia, na foz do rio Calycendro. Tambem foy chamada *Seleucia*. Na sua Theogonia falla Hesiodo de *Holmium*, mas dá a entender, que he rio; e segundo Strabaõ, *Holmium*, e *Permessis*, saõ dous ribeiros, que sahem do monte Helicon, e se metem no lago Copaide, perto de Haliarte.

Holocaustar. Vid. Sacrificar. Vid. Offerecer.

A Jove adoraõ suspensos
Holocaustandolhe *incensos.*

Oraç. Academ. de Fr. Sim.

HOM

Homaca. Certo barco da Cochinchina. (Fomos pelo rio em humas homacas, cubertas. Fr. Jacintho, Vergel de Plantas, 147.)

Homophagia. Palavra de Medicos, tomada do Grego, val o mesmo, que comida de mantimentos crús, *Crudorum ciborum comestio, onis*, Fem.

HON

Honor. Vid. tom. 4. do Vocabulario. O Adagio Portuguez diz: Por temor, naõ perças honor.

Honorar. Vid. Honrar.

A luz de que a belleza mais se Honora.

Man. de Fab. Fonte de Aganip. Centur. 5. Soneto 83.

Honorario. Presente, donativo, dadiva, que no tempo dos Romanos a Cidade fazia ao Principe na sua entrada; ou o mimo dos litigantes ao Advogado, ou de outros a pessoa constituida em dignidade. *Honorarium, ii, Neut.*

Honra. Nomes de honra, e titulos de Senhores, e Principes Persas, Turcos, Mouros, Indios, conforme aos attributos das dignidades da Europa.

Xiah, que em lingua Arabiga significa Governador, ou Capitaõ, junto a qualquer nome proprio, daõ os Persas a seus Reys, e acerca delles denota Emperador, donde vem chamaremlhe Xiah Ismael, Xiah Tamas. *Bec* responde à dignidade de Conde. *Emir*, que quer dizer Capitaõ, he titulo, que se dà ao Fidalgo. *Xech*, em Arabigo, e *Cogia* em Turquesco, significa homem velho, e de authoridade. *Räez*, denota em Arabigo, Principe, e Capitaõ, que manda navio, pelo que usaõ delle os Governadores dos Reynos. Os Turcos chamaõ a seu Rey *Paderan*; e *Vazir*, que quer dizer Conselheiro, he dignidade igual à do Duque, e *Baxia*, à do Conde. *Sangiac*, he o mesmo, que Capitaõ de ban-

deira. *Chiau*, he Cavalleiro da Casa delRey, *Janglichieri*, escravos delRey, a que nós chamamos *Janiçaros*. Os Arabios no tempo da sua potencia, chamavaõ *Soltaõ* ao Rey do Cairo, o qual nome os Turcos tomaraõ delles. Destas naçoens dos Mouros, tomaraõ outros seus appellidos de honra; como os do Reyno de Cambaya o nome de *Soltaõ*, que deraõ ao seu Rey. Os Capitaens do Reyno de Decan accrescentaõ a seus nomes proprios outros de honra, de que se mais prezaõ, chamandose *Iniza Malmulco*, que quer dizer Lança da terra, *Cota Malmulco*, Fortaleza da terra, *Adilchan* senhor da justiça, e nós corrompendo estes nomes, lhes chamamos *Nizamaluco*, *Cotamaluco*, e *Hidalchan*. Os Mouros Malayos tem hum termo, que he *Raja*, que quer dizer delRey, o qual accrescentaõ à seus proprios nomes, com que ficaõ significando Cavalleiro delRey, Braço delRey. Entre os de Maluco, ha hum prenome de honra, que he *Cachil*, como entre nós *Dom*, e dizem *Cachil Daroes*, *Cachil Vardua*. No Reyno de Cambaya o mais commum he o de *Chan*, que Soltaõ Badur deu a Mustafá, chamandolhe *Rumechan*. Tudo isto he tomado de João de Barros, tomo 4. pag 237. e 238.

Outros Adagios Portuguezes da Honra.

Honra, que em baixo amigo se procura, pouco dura. Da honra a quem a tem. Comey mangas aqui, que a vós honraõ, e naõ a mim. Honra o bom, porque te honre, e ao mao, porque te naõ deshonre. Braza deitá no seyo, quem se honra com erro alheyo. Dar, he honra, e o pedir, deshonra. Quem com seus avós se honra, comsigo traz deshonra.

HOR

Horda. He termo, que se diz das catervas daquelles Povos errantes, como v. g. Arabes, e Tartaros, que naõ vivem em Cidades, nem tem domicilio certo, mas correm a Asia, e Africa, e depois de correr hum Paiz, passaõ a outro, e nos seus carros se recolhem. (Para o Kan dos Tartaros estar prompto a marchar com todas as suas Hordas. Gazeta de Lisboa 11. de Abril de 1726. Russia. fol. 114.)

Hordaes. Festas dos antigos Romanos, em que se sacrificavaõ vacas prenhes, chamadas em Latim *Hordæ*. Até nos dias aziagos, em que todas as mais festas eraõ prohibidas, era licito celebrar estas. *Hordicidia*, *Neut. Plur.* Achase esta palavra em Festo Grammatico.

Horna. Cidade dos Paizes Baixos, na Nort-Hollanda, sobre o mar, com bom porto; tem voto na junta dos Estados Geraes. No Brabante ha outra pequena Cidade deste nome, àquem do rio Mosa, perto de Ruremonda; tem bom Castello.

Horo. Filho de Isis, debaixo de cujo nome os Egypcios adoravaõ o Sol. Querem alguns, que houve hum Horo, Rey de Assyria, e grande Filosofo, que distinguio as Estações do anno, os dias, e as horas, as quaes tomaraõ delle o nome de *Horæ*. Tambem he opiniaõ de alguns, que Harpocrates, com Horo, e o Sol, saõ o mesmo Deos.

Horto. O que antigamente os Romanos chamavaõ *Hortus*, naõ era o mesmo, que entre nós he *Horta*, ou *Jardim*. *Hortus*, entre elles, naõ só significava hum lugar com arvores, e canteiros de flores, mas era casa de prazer, em que se comprendiaõ jardins, bosques, prados, e vinhas. E neste sentido fizeraõ os Antigos mençaõ dos bellos jardins de Cesar, de Sallustio, e de Mecenas, edificados em Roma, e fóra de Roma com notavel magnificencia. *Hortus*, (diz Festo Grammatico) *apud antiquos omnis Villa dicebatur*. E segundo Santo Isidoro, lib. 17. cap. 10. *Hortus nominatur, quod semper ibi aliquid oriatur*. Tambem chamavaõ Hortos Pensiles, huns vasos, ou caixoens, suspensos sobre rodas, que os Jardineiros traziaõ ao ar descuberto em tempos serenos, e recolhiaõ no Inverno em lugares abrigados.

gados. Estes jardins eraõ cubertos de pedra specular, transparente, a modo de talco, pela qual penetrando os rayos do Sol, amadutavaõ, e sazoavaõ os meloens, as uvas, os pepinos, e outros frutos, que necessitaõ deste soccorro. No Epigramma 14. do livro 8. falla Marcial na curiosidade desta Agricultura.

Pallida ne cilicum timeant Pomaria brumam,
Mordeat, & tenerum fortior aura nemus.
Hibernis objecta notis specularia puros
Admittunt Soles, & sine fæce diem.

Sobre esta mesma materia poderá o Leitor ver o Epigramma 68. do mesmo livro, em que compara as vides, que na gema do Inverno; Entello conservava taõ verdes, e taõ ricas de cachos, como no Outono. Dá Plinio a entender, que com este mesmo artificio em casas, com janellas da dita pedra specular, conservava Tiberio os frutos dos seus hortos. *Nullo quippe die contigit ei pensiles eorum hortos promoventibus in Soles olitoribus, rursusque hibernis diebus intra specularium, &c.*

HOS

Hosaná. Vid. mais abaixo, Osaná.

Hostia. Fazem os Authores differença de Hostia a victima. No livro 6. cap. 18. diz Santo Isidoro, que *Hostia* propriamente era o animal, que o Emperador, ou General do Exercito sacrificava antes de marchar para o inimigo, para com o favor dos Deoses vencer o inimigo, e assim de *Hostis*, inimigo, e do verbo *Hostire*, rebater, e ferir o inimigo, se deriva a palavra *Hostia*: *Hostiæ apud veteres dicebantur sacrificia, quæ fiebant antequam ad hostem pergerent; victimæ vero sacrificia quæ post victoriam devictis hostibus sacrificabantur.* Entre *Hostia*, e *Victima*, faz Aulo-Gellio esta differença, que a hostia podia ser immolada indifferentemente por toda a casta de Sacerdotes, mas que naõ podia ser sacrificada se naõ por aquelle, que sabira vitorioso. No cap. 13. do livro 5. quer Santo Isidoro, que a victima fosse para os mayores sacrificios, a hostia para os menores; entaõ só do gado grosso se tomava a victima, e do gado miudo a hostia. A isto allude Horacio na Ode 17. livro 2. exhortando a Mecenas ao comprimento do voto, que fizera para cobrar saude, e juntamente a sacrificar victimas, em quanto da sua parte elle sacrificaria hum cordeiro.

Reddere victimas
Ædemque votivam memento;
Nos humilem feriemus agnam.

Seja o que for da differença de hostia a victima. As hostias, que se offereciaõ para expiar hum crime, se chamavaõ, *Hostiæ piaculares.*

As que o fogo consumia, sem ficar nada para os sacrificadores, *Hostiæ prodigæ.*

As de cujas entranhas se tomavaõ agouros, *Hostiæ arvigæ*, ou *Arugæ.*

As negras, que se sacrificavaõ pelo meyo dia, *Hostiæ mediales.*

As que ainda naõ haviaõ sido tomadas no jugo, *Hostiæ injuges.*

As escolhidas de huma manada, destinada para o sacrificio, *Hostiæ eximiæ. Eximia pecora*, diz Donato, *dicuntur ea, quæ à grege excepta sunt, ut uberiùs pascantur*; e o declara Virgilio 4. *Georg. vers.* 537.

Quatuor eximios præstanti corpore tauros.

As que eraõ levadas ao redor da Cidade de Roma, *Hostiæ amburbiales.*

As que antes do sacrificio eraõ levadas ao redor dos campos em huma especie de procissaõ, que se fazia para a conservaçaõ dos bens da terra, *Hostiæ ambarvales.*

As que de cinco em cinco annos, ou cada anno para o Collegio dos Pontifices se offereciaõ, e eraõ rezes decepadas até a cauda, *Hostiæ caviares*, ou *caviæ.*

As que successivamente eraõ degolladas humas atraz das outras, como os vinte touros, que Paulo Emilio offereceo a Hercules, estando para dar batalha,

lha a Perses, Rey de Macedonia, *Hostiæ succidaneæ*. Esta ultima palavra se deriva de *Succedo*, ou de *Subcædo*.

As que eraõ sacrificadas na vespera das festas solemnes, *Hostiæ præcidaneæ*; derivase a ultima palavra de *Præ*, e *Cedo*.

As rezes de poucos dias como cordeirinhos, ou leitoensinhos de oito dias, *Hostiæ puræ*.

Hostil. Derivase do Latim *Hostis*, e val o mesmo, que cousa do inimigo. Vid. Hoste, tom. 4. do Vocabul.

Joaõ só no Hostil-*Mouro*, *e Gentio*
Feitos de eterna fama vay obrando.

André da Sylv. Masc. Destruiç. de Hespanha, liv. 5. Oit. 30.

Hostilina. Deosa, a que os Gentios attribuhiaõ o cuidado do trigo, no tempo, que as ultimas espigas chegavaõ à altura das outras, e que toda a superficie da seara ficava igual. Em Latim antigo, *Hostire*, queria dizer *Igualar*, e *Hostimentum*, Igualdade. *Varro*. *Santo Agostinho de Civit. Dei, lib. 4. cap.* 8.

HOY

Hoya. Ilha do mar de Escocia, e huma das Orcadas.

Hoya. Cidade de Alemanha, na Westphalia, com titulo de Condado, he do Duque de Brunsvich.

HOZ

Hozana. Vid. mais abaixo Osana.

HU

Hu. Termo antigo, que em Portugal significava onde. Os Francezes dizem *Ou*. (Aos lu gares *Hu* lhe pertenciaõ. Lopes, Vida delRey D. Joaõ I. part. 2. cap. 156.)

HUD

Hudekim. He o nome de hum Duende, que segundo a tradiçaõ, appareceo ha tempos na Diocesi de Hildesheim na Saxonia. Dizem delle cousas maravilhosas. Hum dia apparecia em trage rustico, e gostava muito de conversar com homens, outro dia praticava com elles, sem se deixar ver. Muitas vezes dizia a Senhores grandes o que lhes havia de succeder, e fazia serviços ora a huns, e ora a outros. Seu aposento ordinario era a cosinha do Bispo, onde conversava com os cosinheiros, e os ajudava em todas as cousas concernentes ao seu officio. Naõ molestava a ninguem, quando naõ entendiaõ com elle; mas raras vezes perdoava, como o experimentou hũ moço da cosinha do Bispo, que lhe tinha rogado muita praga. Fez Hudekim sua queixa ao Mestre cosinheiro, e vendo, que lhe naõ dava satisfaçaõ, affogou ao bicho da cosinha, estando dormindo, e feito em bocados, o poz a cozer ao lume; nem ainda satisfeito desta vingança, começou a fazer peças aos officiaes da cosinha, e a maltratar os principaes criados do Bispo, que finalmente a poder de exorcismos o obrigou a sahir da sua Diocesi. Trata, o Abbade Trithemio esta historia mais largamente. *Histor. Monasterii Hirsangiensis, sub Ann.* 1132. *Beyerlinck, liv.* 7.

HUI

Hui. Interjeiçaõ. Vid. mais abaixo *Huy* no seu lugar Alfabetico.

HUL

Hull. Cidade de Inglaterra, na Provincia de Yorck, na foz do rio, ou braço do mar de Humber. *Hullum*, i, *Neut.* ou *Petuaria*, æ.

Hulst. Cidade dos Paizes Baixos no Condado de Flandes, e Cabeça do Paiz de Vaes, quatro legoas de Rupelmonda. He dos Hollandezes.

HUM

Humanas letras. Vid. mais abaixo letras.

Humente.

Humente. Humido. *Humens, tis. omn. gen.* He de Virgilio, na Eneid. liv. 4.

Humentemque Aurora polo dimoverat umbram.

Traz elle vinha andando a noite Humente.

And. da Sylv. Masc. Destruiç. de Hespanha, liv. 1. Oit. 77.

HUN

Hunos, ou Hunnos, por outro nome, segundo Paulo Diacono *Avaros*. Eraõ Povos da antiga Sarmacia, nos contornos da lagoa Meotis, que sahidos da sua terra habitaraõ a Pannonia. O seu Rey Attila, que se fazia chamar *Flagello de Deos*, os levou para a Germania, e Italia, e os meteo em França, onde Meroveo, e Accio, General dos Romanos, lhe mataraõ mais de duzentos mil homens, no anno de 450. Depois desta perda recolheraõse os Hunnos na Pannonia, onde sustentaraõ muitas guerras, e se mantiveraõ até, que os Hungaros, Povos originarios da Scythia, que se deraõ a conhecer no reynado de Carlos Crasso, os lançaraõ fóra. Dos Hunnos diz Ammiano Marcellino, que estavaõ continuamente a cavallo, e que neste estado comiaõ, dormiaõ, e trataváõ dos seus negocios. *Ammian. Marcell. lib. 31. Hist. Paulo Diacono, Agathias, &c.*

HUQ

Huquang. Provincia da China, quasi no meyo das mais Provincias, pelo rio *Kiang*, he dividida em Meridional, e Septentrional. Os Chinas lhe chamaõ tambem *Junichiti*, isto quer dizer, *A terra do peixe, e do arroz*, porque destes mantimentos tem grande abundancia. Além de quinze Cidades mayores, tem esta Provincia outras cento e oito Cidades grandes, com grande numero de Villas, e Aldeas, e sem contar as Cidades de guerra, e Fortalezas *Martim Martini. Thevenot, Collecçaõ da Descripçaõ da China.*

HUS

Hussartos, ou Hussardos. He o nome de huma gente de guerra, criada em Hungria, e em Polonia. Vaõ com cabeça rapada, excepto hum topete no meyo della, trazem hum grande bigode, que lhe pende sobre o estomago, e hum barrete forrado, e ornado de huma penna de gallo. Seus Cabos tem huma penna de aguia, e trajaõ à Turquesca. Entre elles os que saõ soldados de cavallo, trazem juboens, e calças largas, sem casaca, nem capa, nem camiza; só para se defenderem das injurias do tempo, leva cada hum delles a tiracollo huma pelle de tigre, que elles passaõ de hum hombro ao outro, segundo o vento. Muitos delles andaõ com botas sem meyas. Naõ daõ quartel, quando se vem mais fortes, e quando se achaõ com menos forças, naõ o pedem. Com armas de fogo naõ saõ muito destros; mas com alfange na maõ tem summa destreza. Porém na batalha de Fribourg, anno de 1690. no mez de Março os Francezes os degollaraõ a todos. Do seu Cabo, que nesta acçaõ foy feito prisioneiro, se dizia, que com a sua catana, naõ errava de vinte cabeças huma. Quando depois da guerra, se restituem aos seus quarteis, o seu General lhes dá tantas moedas de prata, quantas cabeças lhe trazem. O castigo, que elles daõ aos desertores, he horrendo, espetaõ-nos, e os assaõ vivos. *Memorias do tempo.*

HUY

Huy. Interjeiçaõ. Vid. tomo 4. do Vocabulario.

Hum diz: Huy: *outro diz, ay*
Nenhum naõ cumpre o que diz;
Outro diz (sem dar) tomay;
Outro toma, e diz guarday;
Hi tambem era o juiz.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Cansonia de Euterp. fol. 95. col. 1.

Hyale.

HYA

Hyale. Huma das companheiras de Diana. Ovid. Metamorph. 2. Tambem he o nome de huma Cidade nas fozes do rio Indo, cujo governo era femelhante ao dos Spartanos. Criavaõ dous Reys de duas familias, que manejavaõ os negocios militares, dos politicos tinhaõ cuidado os Magiftrados. Diodoro, liv. 17.

HYD

Hydra. Houve tres Ilhas defte nome; huma no mar Mediterraneo, outra no Adriatico, e outra habitada dos Dolopes. Tambem houve huma Cidade, e hum Cabo defte nome.

HYE

Hyenia. Pedra fina, que fe acha nas meninas dos olhos da Hyena, e fegundo affirmaõ muitos Authores, pofta debaixo da lingua do homem, lhe faz proofticar futuros. Os Authores, que daõ efta noticia faõ, Solino cap 40. de Polyhiftor. Plinio, livro 37. cap. 10. Santo Ifidoro liv. 16. cap. 14. Alberto Magno, lib. 2. Mineralium, tract. 2. cap. 8. Cauffino lib. 11. de Lapillis, cap. 39. A ifto efte ultimo Author accrefcenta, que a dita pedra he o fymbolo da prudencia no fallar, porque he precifo ter olhos na lingua, ifto he, muita attençaõ, e confideraçaõ em tudo o que fe diz, principalmente quando fe falla em coufas futuras, e incertas.

HYL

Hylas, ou Hilas, filho de Theodamas, muito amado de Hercules pela fua gentileza. Foy roubado pela Ninfa da fonte donde eftava tomando agoa para Hercules. Porém dizem outros, que na dita fonte cahira Hylas, e fe affogara; e que Hercules o fora bufcando por toda a Myfia. Os Prufios inftituiraõ em fua memoria hum fefta, em que a gente vay correndo pelos montes, e pelas matas gritando, *Hylas, Hylas.* Contaõ outros efta Fabula por outro modo.

Hyllis. Peninfula, ou promontorio do mar Adriatico, ao longo da Cofta de Dalmacia, debaixo do dominio da Republica de Raguza. Chamaõlhe hoje *Capo cifta*, ou *Sabionello*; outros lhe chamaõ *S. Arcanjo*, ou *Mirara.*

Hylobios. Entre Italianos era huma Seita de Filofofos, affim chamados do Grego *Hili*, bofque, e *Bios* vida, porque bufcavaõ matas, e bofques copados, para fóra do commercio humano entregarfe à contemplaçaõ. *Voffio no feu Tratado das Seitas dos Filofofos.*

HYP

Hyperiaõ. Pay do Sol, ou (fegundo outros) o proprio Sol, affim cognominado porque anda paffeando por cima da terra; he tomado do Grego *Hyper*, que quer dizer *Sobre*, e *Eo*, ando, Diodoro o faz irmaõ de Saturno, e filho do Ceo, e juntamente diz, que foy o primeiro, que obfervou o curfo do Sol, da Lua, e dos mais Aftros, e que diftinguio as horas. Muitas vezes dá Homero efte epitheto ao Sol.

Hypogeo. Edificio fubterraneo. Vid. no 7. tom. do Vocabul. Subterraneo.

Hyposphagma. Termo de Medico. He palavra Grega do verbo *Hipofphattein*, ferir por baixo. Dizfe de humas roturas das veas por algum golpe nos olhos. Os noffos Medicos ufaõ defta palavra por fugillaçaõ. Vid Sugillaçaõ no tom. 7. do Vocab. (Sugillaçaõ, ou *Hypofphagma*, he huma nodoa vermelha, roxa, &c. *Polyanth. de Curv. pag. 246.*)

Hyppolito. Sua Fabula. Vid. mais abaixo no feu lugar Alfabetico *Virbio.*

HYS

Hysopar. Borrifar com hyfopo *Aquâ hyffopo diffufâ aliquid, vel aliquem afpergere.*

Eftas agoas guardou linda a muchacha
Por Hyfopar *do Prefidente a fecha.*

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 336.

I

JA

JA' vou. *Jam ibo.* He imitaçaõ de Terencio, que diz, *Jam conveniam ipsum*, ou *Jam jam ibo*, à imitaçaõ de Plauto, que diz, *Jam jam faciam.* Dizem, que já vem. *Jam hic adfuturum aiunt. Plaut.*

Já. Certa moça, que foy mudada em violeta. No Grego *Já*, quer dizer violeta. *Arnob. liv.* 5.

JAC

JACA. Segundo o Padre Bento Pereira, no Thesouro da lingua Portugueza, he bolça.

JACAÕ. No Thesouro da lingua Portugueza, o Padre Bento Pereira, lhe chama em Latim, *Pomum Indicum.*

JACAREO. Nos Refeitorios dos Padres da Companhia de Jesus em Portugal, jacareo he hum vaso de estanho, que poderá ter quartilho e meyo, que se dá de vinho a cada Religioso.

JACATAI. Vid. Jacatá, no 4. volume do Vocabulario. Joaõ Lintschotano no cap. 26. da descripçaõ do Japaõ, diz *Jacatai*: *Reges nominantur* Jacatai; *hi absoluti Domini terrarum existunt.*

JACCO. He hum dos nomes, que deraõ a Bacco, e se deriva do Syriaco *Janko*, ou jacco, que he o mesmo, que *Puer lactens*, e muitas vezes nesta fórma representavaõ Bacco; tanto assim, que estas palavras de Virgilio *Mystica vannus Jacchi*, se podem entender do berço de Bacco. Derivaõ alguns esta palavra do Grego *Jaxeein*, que significa fazer estrondo gritando, berrando, huivando, o que faziaõ as Baccantes nas Orgyas, e festas de Bacco. *Jacchus*, i, *Masc.* He de Virgilio, que diz:

——— *Gratissima vitis Jaccho.*

JACERINA COTA. He Castelhano. Vid. Cota de malha.

JACKAL. No termo de Gomrom, Cidade da Caramania na Persia, nove legoas de Ormuz, he huma fera taõ daninha, que naõ só fura os muros da Cidade, e as paredes das casas, para entrar nellas, mas tambem abre as sepulturas, para tirar dellas os cadaveres, e devorallos, dando no mesmo tempo huns uyvos, que acordaõ a gente. Thomás Herbert, que com outros Inglezes foy à caça delles, na Relaçaõ da sua viagem da Persia, pag. 204. he de opiniaõ, que he o animal, chamado em Latim *Crocuta*, e no Grego *Alopecida*, ou *Lycisca*, do qual diz Virgilio:

——— *Multùm latrante Lycisca.*

Parece, que he especie de animal gerado de raposo, e cadella; ou saõ caens da Europa, que mudando de terra, e clima, tem tomado com o tempo outra fórma, como se vê em outros animaes, e frutos da terra. Querem alguns, que os lobos cervaes, sejaõ filhos dos nossos gatos. Na nova Hespanha se achaõ caens de Castella, degenerados em lobos, assim como meloens transplantados em má terra, se fazem pepinos.

JACINTHIDAS. Mulheres, cujo nascimento, numero, e nome se achaõ com variedade nos Authores antigos. Harpocracion as faz filhas de Jacintho de Lacedemonia. Apollodoro diz, que saõ quatro, a saber, *Anteis*, *Egleis*, *Euthenis*, e *Lytea*, e juntamente accrescenta, que por ordem de hum antigo Oraculo, foraõ sacrificadas para o bem publico no sepulchro do Cyclope Gereste. Demosthenes as faz filhas de Erechteo, *Orat. Fun.* Dizem outros, que eraõ seis, a saber, *Protogenia*, *Pandora*, *Procris*, *Creusa*, *Orithya*, e *Chebenia*; e dizem, que as duas primeiras foraõ immoladas em hum oiteiro, chamado Jacintho, donde todas tomaraõ o nome. Hygino faz mençaõ de huma só, e diz, que se chamava *Spartiantis*. Naõ pedio o Ora-

o Oraculo fenaõ a morte de huma, mas para a gloria da Patria, quizeraõ todas morrer, e todas com o pay mereceraõ fer poftas no numero das Deofas. *Hyacinthides*, Cic.

JACINTHO. Filho de Amyclas, Rey de Efparta, foy no mefmo tempo querido de Apollo, e de Zephyro. Dizem os Poetas, que hum dia jugando Apollo a conca com Jacintho, ficou Zephyro envejofo, e ciofo defte favor, que para fe vingar, affoprou na conca com tanta força, que foy dar na cabeça de Jacintho, e com a violencia do impulfo, o eftendeo em terra morto. Notavelmente fentio Apollo efta morte; para o confolar, mudou a terra o fangue de Jacintho em huma flor do feu nome. Celebravaõ os Lacedemonios em honra fua humas feftas nocturnas, chamadas *Hyacinthos*. *Ovid. 10. Metamorph. Nicander in Theriacis*.

JACOBEOS. Em certo Convento defta Cidade de Lisboa, coftumavaõ ajuntarfe alguns Religiofos em huma efcada, onde faziaõ feus colloquios, e conferencias efpirituaes, e por efta razaõ lhe chamaraõ *Efcada de Jacob*, como imitaçaõ daquella, por onde fubiaõ, e deciaõ Anjos. Hum dia pois, como eftes Religiofos eftavaõ pela dita efcada fazendo fua Angelica converfaçaõ, certo fogeito do mefmo Convento, paffando por elles diffe: *Valhame Deos fempre hey de topar com eftes Jacobeos*. Daqui lhes ficou a eftes Religiofos o nome de *Jacobeos*; o qual nome depois fe communicou em Conventos de Frades, e Freiras, que fe querem diftinguir dos outros com alguma devoçaõ particular, ou affectada beatice. Tambem lhes chamaõ alguns Jacobitas, mas impropriamente, porque os Jacobitas faõ Hereges, cujo Author fe chamava *Jacobo*, &c.

JAL

JALECO. Veftidura, como colete, que fe aperta pelas ilhargas com colchetes. Commummente fe ufa fó no Inverno.

JAM

JAMABUXOS. Termo do Japaõ. He certa cafta de Bonzos, que fallaõ vifivelmente com o diabo, e o adoraõ, e fazem pacto com elle; e quafi todos os Fidalgos, que fe converteraõ em Bungo, eraõ defta Seita, e adoravaõ o diabo, conhecido por tal em imagens de figuras efpantofas, e horriveis, ardendo em fogo. Tem eftes por officio todo o genero de feitiços, e lançar fóra dos corpos os demonios, naõ por força, e com imperio, como fazem os Miniftros da Igreja, fenaõ com muitos rogos, promeffas, e ceremonias, e o demonio muitas vezes os engana, fahindofe dos energumenos por fua vontade, para que os prefentes o firvaõ, e adorem. *Oriente Conquiftado*, *2. part. pag. 476*. Deftes mefmos diz Diogo do Couto, *Dec. 5. fol. 186. col. 1.* que de ordinario lhes apparece o diabo em fórma de rapofa, e cada vez que querem delle alguma coufa, o chamaõ com huma bozina, e pelo pacto que com elle fizeraõ, cada vez que lho mandaõ, entra, e torna a fahir do corpo da peffoa, que elles querem; e affim como tem odio a alguem, logo fe vingaõ pela maõ do diabo, porque fe mete no corpo da peffoa, e a atormenta.

JAMBO. Fruta muito deliciofa da India Oriental; em Goa lhe chamaõ Jambos de Malaca, por fer trazida defta para aquella Cidade; he do tamanho, e tem quafi a mefma cor dos noffos damafcos, naõ tem fumo, o caroço he redondo, e pequeno; chocalha dentro da fruta, a qual fe come com cafca, que he fummamente delgada, o cheiro, e ainda o gofto, he o mefmo, que o de huma rofa.

JAM DA CRUZ. Vid. mais abaixo Jan da Cruz.

JAM DA CADENETA. Jogo pueril.

JAMIJAÕ. Vid. mais abaixo, Joaõ mijaõ.

JAMPÁNAÕ. Termo chulo. Mal veftido. Trapalheiro.

JAM REDONDO, e Maria das flores. Affim

Assim se chamaõ os bonifrates, que os cegos da çansoninha mostraõ, e fazem bailar por dinheiro, que lhe daõ.

JANVARADIM. Vid. Janvaradim.

[illegible]

[illegible] JAN. [illegible]

[illegible]

JANACA. Animal de Africa, do tamanho de cavallo, mas naõ taõ comprido, e mais gordo. Tem o pescoço comprido, e tirante a vermelho. Dá grandes saltos; & tem na cabeça pontas taõ compridas, como as dos nossos Boys. Na ilharga tem humas bexigas, de muita serventia para adevinhos, e embaidores; que as inchaõ, e mugem por ellas, para o Povo tomar as suas palavras por oraculos. *Dapper, Descripçaõ de Africa, pag. 255. no fim.*

JANO DA CRUZ, ou João da Cruz. Chulo. Vid. Dinheiro. Fundase este modo de fallar, em que na mayor parte das moedas dos Principes Christãos, se vè de huma banda a figura da Cruz. E ali mais, para significarem, que hum homem naõ tem dinheiro, costumaõ os Francezes dizer, *Il n'a ny croix ny pile*, id est, *naõ tem, nem Cruz nem pilà*. A qui o *Pilè* Francez, quer dizer o avesso da effigie do Principe, ou da figura da Cruz, representada na moeda; e responde ao que em Portugal, no jogo das chapas, chamamos *Cunhos*, e assim dizemos, *Botar cunhos, ou Cruzes*.

JANEANES. Casta de uvas, que saõ boas para terras altas, por serem temperans, saõ a meiras, fermosas, e excellentes para comer. Na sua Agricultura das vinhas, pag. 27. diz Alarte, que em algumas partes lhes chamaõ, *Uvas sem nome*.

JANEIRO. *Januarius.* No antigo Kalendario de Romulo naõ estava este mez, mas Numa lho accrescentou, e o poz no Solsticio Hiberno, no lugar de Marco, que Romulo havia collocado no Equinocio da Primavera. Foy chamado *Januarius* em honra de Jano, porque tinha este Nume a presidencia a todos os principios, e este mez abria a porta ao novo anno, ou porque pintavaõ a Jano com dous rostos, para dar a conhecer a sua prudencia, considerando o passado, e olhando para o futuro; e pareceo razaõ, q̃ se lhe consagrasse hum mez, constituido entre o anno passado, e o futuro. As Kalendas, ou o primeiro dia destes mezes, era como todos os mais primeiros dias dos mezes, debaixo da protecçaõ de Jano; porém com particular observancia em Janeiro dedicado a Jano, ao qual naquelle dia se offerecia hum bolo de farinha nova, ao qual chamavaõ *Januał*, com sal novo, incenso, e vinho.

Neste mesmo dia todos os officiaes ensayavaõ as suas obras, e o mesmo faziaõ os homens de letras, com a esperança de que dando a sua industria, e trabalho principio ao anno, tudo o mais teria bom fim. Tambem naquelle tomavaõ posse do seu consulado os Consules nomeados; subiaõ ao Capitolio acompanhados de huma grande multidaõ de gente, e com novas vestiduras sacrificavaõ a Jupiter Capitolino dous touros brancos, que ainda naõ tinhaõ tomado o jugo, e com cheiros perfumavaõ o Templo.

Neste mesmo tempo faziaõ os Flamines votos, e preces para a prosperidade do Imperio, e saude dos Emperadores; como tambem os Magistrados, e o Povo; reconciliavaõse os desavindos, e guardavaõse todos de deixar sahir da boca palavra, que podesse ser de mao agouro, *Cautum erat apud Romanos*, (diz Plinio) *ne quòd mali ominis verbum, Kalendis Januarii efferretur.*

Costumavaõ os amigos mandar huns aos outros humas janeiras, ou mimos, chamados naquelle tempo *Strenæ*, uso introduzido por T. Tacio, Rey dos Sabinos, depois de reconciliado com Romulo; porque he fama, que para demostrar a estimaçaõ, que elle fazia dos que o tinhaõ servido bem na briga, que teve com os Romanos, mandàra a cada hum delles no principio do anno hum ramo de loureiro, colhido no bosque da Deosa Strenia; juntamente com hum

comprimento, e desejo de bons annos, *Strenarum usus* (diz Symmaco, liv. 10. Epist. 28. aos Emperadores Theodosio, e Arcadio) *adolevit, auctoritate Tatii Regis, qui verbenas felicis arboris ex luco Strenuæ, anni novi auspices, primus accepit.*

Finalmente tratavaõ os Romanos de passar alegremente o primeiro dia do mez de Janeiro, persuadidos de que com este alegre principio se conformariaõ todos os mais dias do anno.

Janella. Vid. tomo 4. do Vocabulario.

Janella. O espaço de papel, que na escritura se deixou em branco, para depois lhe accrescentar o que falta, *Lacuna, æ, Fem.* Naõ traz Calepino exemplo de Author, para esta palavra neste sentido; mas diz, *Lacuna item dicitur in iis rebus, in quibus aliquid ad perfectionem, & impletionem deest, ut in libris lacunæ dicuntur loca hiantia, & mutilata, in quibus ad perfectionem aliquid desideratur. Hinc explere lacunam, &c.*

Jangaz. Chularia. Homem muito comprido.

Janiannes. Termo chulo. Homemsinho. Antigamente tomavaõ os filhos o sobrenome dos nomes de suas mãys, v. g. Pedro, filho de Anna, ou de Joanne lhe chamavaõ *Pedre Annes*, e assim como *Janiannes* com pouca corrupçaõ seja o mesmo, que *Joaõ*, filho de *Anna*; por isso a qualquer homemsinho de pouco mais, ou menos lhe chamaõ *Janiannes*, ou *Janianes* com hum só N.

Janistroques. Chularia. Homemsinho.

Jano. Naõ convem os Authores na etymologia do nome Jano. Alguns o derivaõ do verbo Latino *Ire*, como quem dissera *Eanus*, porque este Deos presidia no principio de toda a acçaõ, que se emprendia. Por isso lhe offereciaõ os preambulos de todas as preces, e oraçoens, como ao Nume, pelo qual se achava accesso aos mais Deoses, como tambem porque as portas das casas, como saõ as entradas, por onde he preciso passar para ver o que nellas ha, foraõ chamadas *Januæ* de *Janus*, e a elle eraõ dedicadas. He o que diz Cicero no livro *De natura Deorum. Cumque in omnibus rebus vim haberent maximam, prima, & postrema, Principem in sacrificando Janum esse voluerunt, quod ab eundo nomen est ductum, ex quo transitiones perviæ Jani, foresque in liminibus profanarum ædium Januæ nominatur.*

Diz Vossio, e outros, que parece que a palavra *Jano*, se deriva do Hebraico *Jain*, que quer dizer *Vinho*.

Tambem o nascimento, e origem de Jano saõ muy duvidosos. Querem alguns, que Jano seja o mesmo, que o Mundo, e o Sol. Dizem outros, que Jano he o mesmo, que Ogyges, Rey antiquissimo, que edificou a Cidade de Thebas, mais de mil e quinhentos annos antes da fundaçaõ de Roma. Outros com Ovidio confundem Jano com Noe. Daõlhe a gloria de ser o segundo progenitor do genero humano, e de ser o unico, que vio o Mundo antigo, e o novo, antes, e depois do Diluvio. Com tudo os que querem, que tenha Noe repartido toda a terra com seus filhos, dando a Japhet a Europa, tem mais fundamento para dizer, que este Japhet fora chamado Jano, e escolhendo por seu domicilio Italia, ensinara a seus moradores muitas cousas utilissimas para a vida humana.

Escreve Fabio Pictor, que aos Toscanos ensinara a cultivar a terra, semear trigo, e fazer paõ, construir Altares, e levantar Templos, contentandose os antigos com adorar em bosques as suas Deidades.

Foy este Jano o primeiro, que consagrou os muros das Cidades, assim por fóra, como por dentro; e assim Romulo querendo edificar a sua Cidade, mandou vir huns Toscanos, que pontualmente observaraõ todas as formalidades, e ceremonias, que para este effeito Jano lhes ensinara. Foy o que inventou Ritos, ou formularios de preces em honra dos Deoses, e por isso se dirigia a elle o prefacio dos sacrificios, e era invocado

vocado em primeiro lugar, como aquelle, por cuja via as oraçoens eraõ presentadas aos Deoses, e a quem se fazia a primeira offerta do vinho, e do trigo. Tambem dizem, que Jano inventara as fechaduras, e as chaves para a segurança das casas. A Jano deraõ por mulher *Vesta*, instituidora do fogo sacro, destinado para a guarda de humas virgens, chamadas *Vestaes*, de *Vesta* sua fundadora.

Teve Jano muitos nomes, cognomes, e epithetos. Chamaraõlhe *Deus Deorum*, por entenderem, que era o mais antigo dos Deoses, e *Janus Pater*, porque para seus subditos foy pay, pelas boas leys, e ordenaçoens, que fez no seu reynado.

Chamaraõlhe *Junonius*, porque as Kalendas, ou primeiros dias dos mezes lhe eraõ consagrados como a Juno; e (segundo Varro) esta he a razaõ porque no seu Templo tinha doze Altares.

Chamaraõlhe *Consivius à conserendo*, porque ensinara a plantar vides, e semear paens.

Chamaraõlhe *Patuleius*, porque em tempo de guerra ficavaõ as portas do seu Templo abertas, e patentes a todos; e como em tempo de paz estavaõ fechadas, lhe deraõ por nome *Clusius*, *à claudendo*. A razaõ desta ceremonia de fechar, e abrir o Templo de Jano he, que o Consul, nomeado para tomar o governo do Exercito, estando a pique da partida, hia para este Templo, acompanhado do Senado, dos Magnates da Cidade, e do soldados, em habito militar, e abria as portas deste Templo; e he muito para notar, que o dito Templo ficou sempre aberto o espaço de setecentos e vinte e quatro annos, até o reynado de Augusto, quando se vio senhor do Egypto. Só tres vezes foy este Templo fechado, a primeira no reynado de Numa Pompilio, a segunda no Consulado de Tito Manlio Torquato, e de C. Attilio Balbo, alguns sete, ou oito annos depois da primeira guerra de Carthago; e a terceira vez no anno 724. da fundaçaõ de Roma, vinte e nove annos antes do Nascimento de Jesus Christo, quasi no fim do reynado de Augusto.

A Jano naõ edificaraõ os Romanos senaõ tres Templos, e huma Capella. No primeiro fez Romulo pôr huma estatua de Jano com dous rostos, para mostrar a uniaõ das duas naçoens, Sabina, e Romana, ou para significar, que os dous Reys, Romulo, e Tacio, eraõ huma só cabeça para o governo de huma Republica. O segundo Templo de Jano foy construido por Cn. Duillio na praça das Hervas, depois da primeira guerra de Carthago. O terceiro Templo foy edificado com o titulo de *Janus Quadrifrons*, por Numa, e reedificado por Augusto. A fabrica deste Templo era segundo a ordem Jonia, todo de marmore, e de figura quadrada. Fizeraõ os Romanos este Templo de quatro faces, porque depois da tomada da Cidade de Faleria, na Toscana, acharaõ huma estatua de Jano com quatro caras, que segundo alguns, significavaõ as quatro Estaçoens do anno.

Tambem na mayor Praça de Roma havia tres estatuas de Jano, huma na entrada, outra no meyo, e outra na sahida. A do meyo era a mais celebre das tres, porque era o paradeiro, onde se ajuntavaõ os homens de negocio, banqueiros, e onzeneiros. E assim querendo os Authores exprimir com perifrasi a occupaçaõ de hum banqueiro, diziaõ, *Ad Janum medium sedet*, e fallando em hum homem, que perdera a sua fazenda, por tomar dinheiro a razaõ de juro muy subido, diz Horacio:

——Postquam omnis res mea Janum
Ad medium fracta est, aliena negocia curo,
Excussus propriis.

Os que procuraõ descobrir nas ficçoens da Fabula a verdade da Historia dizem, que Jano foy hum dos primeiros Reys dos Aborigenes em Italia. Compararaõno com Noe, porque cultivando o primeiro aquella terra, plantou vides. Dizem, que recebera a Saturno em Italia, porque em Italia deraõ o nome de Saturno

turno àquelle, que deu principio às lavouras, e a estercar os campos, o que se fez no mesmo tempo, que cultivava Jano as vinhas. Naõ duvida Plutarco, que da Grecia passasse Jano para Italia; quer o dito Author, que esta seja a razaõ, porque o pintavaõ com dous rostros, como dando a entender, que era de duas naçoens, a saber, Grego, e Italiano, ou porque mudou a rusticidade dos Italianos daquelle tempo em melhor fórma de viver. Finalmente em outro lugar diz Plutarco, quer fosse Jano Deos, ou Rey, foy muito sabio, e grande politico, emendou os barbaros costumes de seus subditos, e foy tido por Deos da Paz, posto que nunca o invocavaõ senaõ em tempo de guerra.

De mais dos nomes sobreditos, deraõ os Poetas a Jano estoutros; *Biceps Deus, Biforme Numen. Claviger, quod alterum mundum quasi aperuerit; Annorum Sator*:

Jane bifrons, anni tacitè labentis imago
Solus de superis qui tua terga vides.
Annorum, nitidique sator pulcherrime mundi,
——— *Ancipiti mirandus imagine Janus.*
Idque quod à tergo est, idque quod ante videns.

JANTAR. Vid. tom. 4. do Vocabul. Do Can, ou Cham dos Tartaros, escreve Thomás Herbert na Relaçaõ da sua viagem da Persia, e India, pag. 334. que *Cingis Cham*, que no seu tempo reynava, esquecido de ser neto de hum ferrador, se fazia chamar Sol do Altissimo Deos, e quinta essencia dos espiritos mais puros; e que desta ridicula arrogancia nasceo o costume dos seus successores, os quaes acabando de jantar, fazem lançar por hum Araldo hum pregaõ, em que se declara a todos os mais Monarcas, e Principes, que elle tem jantado, e que se quizerem, podem ir jantar, como se esperassem por esta ordem. Na dita Relaçaõ, pag. 467. escreve o dito Author, que em se levantando ElRey de Calecut da mesa, tomaõ os Bramenes os sobejos do jantar, e o levaõ ao pateo, aonde daõ tres palmadas, e ao soido dellas apparecem huns corvos, que comem o que sobejou da mesa Real, e a isto os costumaõ d'antemaõ.

JANVARANDIM. He o nome de humas raizes delgadas, e compridas, que nascem na Bahia, ou em Pernambuco, cuja virtude he milagrosa contra todas as mordeduras de animaes venenosos, pizando-as, ou verdes, ou secas sobre a parte mordida. Provocaõ muito as ourinas, fazem cuspir muito, mascando-as, e tem outras muitas virtudes, que pouco a pouco se vaõ descobrindo.

JAO

JAO. Morador da Ilha de Jaoa, ou Java No tom. 4. do Vocabulario se faz mençaõ dos Jaos, verbo *Jaoa*. Destes Povos ha muito mais que dizer. Saõ todos homens muitos exercitados na arte da navegaçaõ, e elles se tem mais antigos nella, que todas as mais naçoens, ainda que muitos daõ esta honra aos Chins, e affirmaõ procederem delles os Jaos. Mas he certo navegarem estes já até o Cabo de Boa Esperança, e terem communicaçaõ na Ilha de S. Lourenço, da banda de fóra, aonde ha muitos naturaes, bassos, e ajavados, que dizem procederem delles. Saõ os Jaos homens taõ soberbos, que passando hum Jao por huma rua, se acertar alguma pessoa de outra naçaõ estar sobre algum poyal, ou algum lugar mais alto, que aquelle por onde elle passar, se se logo naõ descer abaixo, até que elle passe, o matarà, porque naõ consente cuidar alguem, que póde ficar mais alto que elle, e assim naõ porá hum Jao sobre sua cabeça hum pezo, ou carga, ainda que por isso o matem. Os Jaos por qualquer offensa, que se lhe faz, se fazem amoucos, para se vingarem della, e posto que lhe ponhaõ huma lança nas barrigas, vaõse enfiando, e metendo por ella, até alcançarem o contrario, e tirarlhe a vida. A noticia, que dá Nicolao de Conti, Veneziano, a saber, que na Ilha da Jaoa nasce huma verga de ferro muy

muy subtil, e de tanta virtude, que quem a trazia a par da carne, naõ podia ser ferido por arma alguma, parece falsa, porque perguntando huns Portuguezes a alguns Jaos, se era verdade, todos se riraõ da pergunta. *Diogo do Couto, Decada 4. livro 3. cap. 1. fol. 41. col. 4.*

JAO. No livr. 18. dos Saturnaes acha Macrobio affinidade entre o santo nome *Jehovah*, e o de *Jaõ*, que a Gentilidade adorava, assim pelo toante da voz, que podia ser corrupta, como porque a *Jaõ* tinhaõ os Gentios pelo mayor Deos de todos, como dizia hum verso Grego, que trasladado em Latim diz:

Summum cunctorum Divum, Tu dicito Jao.

E allega a Diodoro Siculo, que disse, que Moysés recebera a ley de *Jao*, a que os Hebreos invocavaõ por Deos. No livro 6. *De Civitate Dei* cap. 7. e no livro 7. cap. 5. escreve Santo Agostinho, que Varraõ o teve por Jupiter, que os Romanos chamavaõ tambem *Jove*; em cuja voz ha a mesma affinidade, e os mais sabios debaixo do nome *Jove*, veneravaõ hum só Deos verdadeiro.

JAOCHEU. Cidade da Provincia de Kiangsi, na China, e Cabeça do territorio do mesmo nome. Perto da Cidade de *Yukan*, que he huma das seis, em que esta tem jurisdiçaõ, fica o monte *Xebung*, do qual cahe hum ribeiro, cujas agoas sempre representaõ hum Iris, ou (como diz o vulgo) hum arco da velha. *Martim Martini, Descripçaõ da China, na Collecçaõ de Thevenot, tom. 3.*

JAÕMIJAÕ, ou Jamijaõ. Termo chulo. Homem deslairoso, mal atacado, mal amanhado, que parece anda mijando por si.

JAP

JAPAÕ. Vid. tomo 4. do Vocabulario. No tocante às differentes Seitas do Japaõ, a mais extravagante, e ridicula de todas, he a cujas escrituras dizem, que hum gigante, que era senhor dos Ceos, e da terra, tamanho, que tinha hum pé em cima, e outro em baixo, de hum ovo, que poz hum gallo, formara o Mundo todo, da gemma os Ceos, e da clara os elementos, e que arremeçara de cima dos Ceos huma lança, que cahira sobre huma Ilha do Japaõ, e se mettera pela terra, e que da abertura della sahira huma mulher fermosa, que estando hum dia assentada à borda da agoa, sahira hum crocodilo, e ferrara della, e a communicara por força, ficando daquelle accesso prenhe, e que por tempo parira hum filho delle, e della, de quem se povoara toda aquella Ilha. E ha Fidalgos da Casa do Rey, que se prezaõ de virem direitamente daquella casta, e tanto se honraõ desta illustre descendencia, que trazem nos calçoens huns rabos dependurados à maneira dos crocodilos. *Couto, Decada 5. fol. 185. col. 1. e 2.*

JAPARA. Cidade, e Reyno da India, na Ilha de Java, na Costa Septentrional tem muito bom porto.

JAPET. O Japet dos Gregos nada tem de commum com o Japhet da Escritura, que era hum dos filhos de Noé. Do Japet dos Gregos conta a Fabula, que elle era irmaõ de Saturno, e que Jupiter o lançara no Inferno, com o restante dos Titanos. Representaõ-no a modo de velho decrepito, e dizem como proverbio, *Mais velho que Japet.* Mas como elles o fazem avô de Deucaliaõ, que foy contemporaneo de Moysés, devia de ser mais moço, que Japhet, filho de Noé.

JAQ

JAQUETA. Vid. tom. 1. do Vocabul.

Jaqueta. He o nome, que os Portuguezes deraõ a hum peixe, a que o Gentio do Brasil chama *Jaguacaguare.* A razaõ deste nome he, que parece cuberto de hum pano de cor, com que naquellas partes se cobrem os negros. Tem a boca muito pequena, respectivamente ao corpo; negreja a cabeça, alveja a barriga, e tira a azul. He bom de comer.

JAR

Jardim. Vid. tom. 4. do Vocabulario. Tambem chamaõ jardim aos corredores da poupa do navio.

Jarreta. Em frase chula, hum jarreta, he hum bebado, ou official muito baixo, e de nenhuma conta.

Jarzana. Casta de uvas negras muito boa, e da mesma qualidade, que o tintureiro.

JAS

Jasion. Filho de Jupiter, e de Electra, foy muito querido de Ceres, e delle houve Plutaõ, Deos das riquezas.

Jason. Filho de Æson, Rey da Thessalia, e d'Alcimede. Morto Æson, ficou seu filho Jason herdeiro do Reyno, debaixo da tutela de seu irmaõ Pelias, que tomou a seu cargo a sua criaçaõ. Aggregou-o aos que foraõ à conquista do vellosinho de ouro, do qual estava de posse Æta, Rey da Colchida. Ficava este thesouro depositado em hum bosque consagrado ao Deos Marte, e guardas delle eraõ huns touros bravos, com pés de bronze, que vomitavaõ fogo. Para esta expediçaõ mandou Jason fabricar hum baixel por hum constructor, chamado Argos. Cincoenta valerosos Capitaens se embarcaraõ nelle com Jason, e finalmente depois de correr muitos perigos, chegou a colchida, donde tirou o dito vellosinho pelos artificios de Medea, que com sua Arte Magica encantou os monstros, que o guardavaõ. Casou depois com Medea, que lhe deu dous filhos; mas mudando de afeiçaõ, e namorado de Creûsa, filha de Creson, Rey de Athenas, para se vingar do aggravo, poz Medea fogo no seu Palacio, no qual com sua nova esposa ficou queimado. Dizem alguns, que Jason se reconciliara com Medea. Eis ahi a Fabula; eis aqui a Historia.

Conta Strabaõ as expediçoens de Phryxo, e de Jason, ou dos Argonautas para a Colchida, para se apoderarem dos seus thesouros, particularmente do ouro, que se tinha ajuntado das areas do rio, coandoas por huma pelle de carneiro; e conclue o dito Author, que tudo o que nesta materia disseraõ os Poetas, naõ he outra cousa, que huma verdadeira historia, ou da natureza daquellas terras, ou das navegaçoens, que realmente para ellas se faziaõ em varias Estaçóes do anno. Assim prova este Author com Cidades, e outros monumentos, que ainda conservavaõ os nomes de Phryxo, e de Jason, que estes dous Senhores tinhaõ effectivamente emprendido a conquista dos ricos metaes da Colchida.

Tem para si Bochardo, que se os Poetas por hum vellosinho expressaõ os thesouros da Colchida, poderia ser, porque a palavra *Gasa*, no seu idioma originario, que he o Syriaco, he ambigua; porque significa thesouro, e com este sentido foy introduzida na lingua Latina, e em todos os seus Dialectos e juntamente significa *Vello*, ou *Vellosinho*, e com esta allusaõ se recrearaõ as Musas dos Poetas.

Tambem se póde dizer, que os dous quadrupedes, que guardavaõ este thesouro, saõ os dous muros, que cercavaõ o Castello em que se guardava, porque o vocabulo Syriaco *Sour*, significa *Boy* juntamente, e *Muro*. O dragaõ guarda do dito thesouro, era a porta de ferro do Castello, porque *Nachar* quer dizer *Dragaõ*, e ferro, ou aço. Esta he summariamente a Historia, e a Physiologia, que deraõ fundamento a todas as ficçoens, que nas Argonauticas de Orpheo, e de Apollonio se achaõ.

Jasca, ou Jasco. Principado, no Reyno da Persia, na Costa de Kerman. He senhoreado de tres pequenos Principes, dos quaes hum he Mahometano, e he o mais poderoso dos tres; os outros dous tem os seus dominios para o Oriente, e saõ idolatras.

Jassi, ou Yasi. Cidade da Moldavia, sobre o rio Pruth, vinte e cinco legoas da

da fronteira de Polonia. Tem huma boa Fortaleza, e às vezes he habitada dos Vaivodas.

JAT

Jatraleptica. Derivase do Grego *Jatros*, Medico, e *Alephein*, Untar; e significa a parte da medicina, que cura com unturas, e unguentos. *Jatralepticæ, es, Fem. Medicina unguentaria, atque oleorum illitu morbos curat, aut bonam valetudinem tuetur.* (Prodico inventou hum modo de curar, chamado *Medicina Jatraleptica*. Eva, e Ave de Macedo, part. 1. cap. 47. fol. 249.)

JAV

Javradoura. Termo de Tanoeiro. He o instrumento, com que se abre o javre nas vasilhas, ao qual outros chamaõ *Cepo de Javre*. Vid. tom. 4. do Vocabul.

ICA

Icaria. Monte da Attica, cujos moradores foraõ os primeiros, que sacrificaraõ a Bacco hum bode, por ter destruido as vinhas. Foraõ estes Povos os inventores da antiga Comedia, ou Tragedia. *Joaõ Spon Viagem de Italia.*

Icaro. Filho de Dedalo, que escapado com seu pay do labyrintho, em que ElRey Minos os mandara encerrar, tomando o voo muito alto, com azas de cera, que pela visinhança do Sol se derreteraõ, teve a desgraça de cahir no mar, que do seu nome foy chamado Icario, como o diz Ovidio:

Icarus Icarias nomine fecit aquas.

A verdade he, que para se livrar da ira de Minos, Dedalo se embarcou com seu filho Icaro, e das vélas do navio fizeraõ azas os Poetas.

Outro Icaro houve filho de Ocbalo, e pay de Erigone, que deu a huns pastores de Attica hum vinho, do qual naõ tendo ainda bebido, imaginando, que estavaõ envenenados, o mataraõ, e o lançaraõ em hum poço. A sua cadellinha *Mera*, se foy para onde estava Erigone, mãy do dito Icaro, e a trouxe para o lugar onde tinhaõ lançado o corpo de seu pay; ella depois de rogar muita praga aos matadores, se enforcou de sentimento; mas os Deoses movidos de piedade, mudaraõ a cadella Mera no signo da Canicula, Icaro no signo de Bóotes, e Erigone no de Virgem.

ICH

Ichacorvo. Segundo o Padre Bento Pereira no seu Thesouro da lingua Portugueza, he o mesmo, que Embusteiro.

Ichoglans. Pagens do Turco, das portas adentro do Cerralho. *Ich*, ou *Iich*, quer dizer dentro, e *Oglan*, significa *Criado*. Os Turcos com politica particular affectaõ naõ tomar para seu serviço senaõ Christãos escravos, e naõ servos Turcos, fundados em que estes miseraveis escravos, como homens esquecidos da sua Patria, e dos seus parentes, naõ teraõ outra mira, que as conveniencias de seu senhor. Com esta consideraçaõ manda o Turco os *Ichoglans*, como creaturas dedicadas ao seu serviço, e os levanta aos mais altos officios do Imperio. Nos cerralhos de Pera, Andrinopla, e Constantinopla tem estes pagens huns Mestres, a que chamaõ Odas, que (segundo a differença dos genios) lhes ensinaõ linguas, ou os mysterios do Alcoraõ, ou exercicios militares, e com rigurosa disciplina castigaõ as culpas mais leves, porque entre Turcos he doutrina corrente, que naõ he possivel, que hum official que naõ aprendeo a obedecer, possa saber a arte de mandar. *Memorias Historicas.*

ICO

Iconômaco. Vid. no tom. 4. do Vocabulario. *Iconoclaste*, saõ termos Gregos, que significaõ quasi o mesmo. *Iconomaco*, quer dizer, Impugnador das Ima-

Imagens. *Iconoclaste*, he destruidor de Imagens.

IDI

Idiota. Segundo os Jurisconsultos Inglezes, *Idiota* he aquelle, que naõ sabe contar atè vinte, nem sabe os nomes de seus pays, nem que idade tem, &c. mas senaõ estiver taõ destruido de engenho, que com o ensino de algum mestre possa aprender alguma cousa, quando naõ fora mais que medir huma vara de pano, naõ he tido por idiota. *Rastail.* No seu livro de *Narthece Veteris Ecclesiæ*, diz Leaõ Allacio, que nas Religioens os Irmãos leigos, como sogeitos, que naõ tem Ordens Sacras, nem letras, se chamaõ em Latim *Idiotæ*.

IDO

Idoneamente. Digna, e convenientemente. Por hum modo proprio. *Idoneè*. Cic. (Naõ poderiaõ *Idoneamente* servir as Igrejas. Vida de D. Fr. Barth. dos Mart. pag. 113. col. 4.)

IDY

Idylio. Vid. no tom. 4. do Vocabulario. (Os *Idylios* de Theocrito, e Pindaro. Disc. Var. de Manoel Sever. Epist. ao Leitor, pag. 3.)

JEL

Jelçala. Moeda de cobre grossa, e redonda, que valia treze reis na India. Com estas moedas carregaraõ os Portuguezes às instancias dos seus inimigos a grande peça de artilharia, que hoje està na Fortaleza de S. Giaõ, na Cidade de Lisboa. *Couto*, *Decada* 8. *livro* 4. *cap.* 1. *fol.* 65. *col.* 1.

JEN

Jenolim. Termo da pintura. He huma das cores, que servem para a illuminaçaõ. Vid. Macicote. (*Jenolim*, ou Macicote, o de paços he o melhor. Phel. Nun. Arte da Pintura, pag. 62 verso.)

JES

Jesual. Reyno da India nos Estados do Mogor, entre o Reyno de Patna, e o Ganges. *Rajapora* he sua Cidade Capital.

Jesvatos. Ordem Religiosa, cujo Fundador foy S. Joaõ Columbino, Senense, no seculo 14. Tambem foraõ chamados *Jeronymitas*, de S. Jeronymo. O Papa Urbano V. aprovou este instituto no anno de 1367. e outros Pontifices lhe concederaõ notaveis privilegios. Além dos nomes sobreditos, tambem foraõ chamados *Clerigos Apostolicos*. Faziaõ os tres votos das mais Religioens; o seu Habito era huma capa de cor cinzenta, sem capello. No anno de 1668. Clemente IX. extinguio esta Ordem. *Spon. Anno Christi* 1367. *n.* 6. *&c.*

IGA

Igarvana. Palavra do Maranhaõ, que val o mesmo, que Nautico, ou Senhor da nao. (As suas embarcaçoens, que saõ canoas, se chamaõ na sua lingua *Igara*, e desse nome *Igara* derivaraõ a denominaçaõ de *Igaravanas*, como se dissessemos os Nauticos, os Artifices, ou os senhores das naos. Vieira, Historia do Futuro, 305.)

IGB

Igbanemixama. Arvore do Brasil, que tem fruto a modo de ameixas caragoçanas. *Vasconcel. Noticias do Brasil*, *pag.* 264.

IGN

Ignaro. He palavra Latina de *Ignarus*, *a*, *um*. Vid. Ignorante.

Os mayores senhores saõ criados
Em deleites, que ignaros *appetecem.*

Andr. da Sylv. Masc. Destruiç. de Hespanha, liv. 4. Oit. 75.

Igneo.

Igneo. He nome Latino de *Igneus, a, um*, que val o mesmo, que *cousa de fogo, acceza, fogosa*. Deuse este titulo a hum sogeito da Familia Aldobrandina, em Italia. Era Religioso da Ordem de Valumbrosa, fundada por S. Joaõ Gualberto. No anno de 1063. foy escolhido para a prova do fogo, que o Povo Florentino pedia, para sustentar a causa dos Frades contra o Arcebispo de Florença, que elles tinhaõ accusado de heresia, e simonia. Determinado o dia na quarta feira da primeira semana da Quaresma, fizeraõ duas grandes fogueiras, cada huma de dez pés de comprido, sobre cinco de largo, e quatro e meyo de altura; ficavaõ as ditas fogueiras distantes huma da outra, por huma vereda, e de hum cubito de largo, e cheas de huma lenha miuda muito secca. Cantou Pedro Aldobrandino a Missa, alguns frades com Cruz alçada, a pia da agoa benta, o thuribulo, e doze velas bentas accezas, puzeraõ fogo às duas grandes fogueiras; que em breve tempo ficaraõ accezas, como tambem o espaço intermedio, que todo se reduzio a brazas. Despio Aldobrandino a Casula, e com os mais ornamentos Sacerdotaes se encaminhou para as fogueiras, com huma Cruz em huma maõ, e o seu lenço na outra; e seguido dos Frades, e Clerigos, que cantavaõ as Ladainhas, e da muita gente, que acudio a ver taõ extraordinario espectaculo, pela vereda chea de brazas entrou com passo grave, e entre as duas fogueiras foy andando até o cabo, donde voltou para traz, para buscar o lenço, que lhe cahira, e o tirou do meyo da chammas illeso, e taõ alvo como dantes. O Povo o levou como em triunfo pela Cidade, e o restituhio ao seu Mosteiro, entre os vivas dos Cidadãos, que escreveraõ ao Papa huma carta, em que lhe davaõ conta de taõ maravilhoso acontecimento.

Os Escritores daquelle tempo, e sobre tudo Desiderio, Abbade do Monte Cassino, que depois foy Papa, com o nome de Victor III. trazem este caso como cousa certissima, e quem hoje quizesse negar hũ facto taõ authenticamente provado, temerariamente se empenhara em destruir os mais solidos fundamentos da Historia. Poderase dizer, que haveria lugar para pôr em duvida, se este caso succedeo por milagre, ou por alguma via natural. Muitas vezes se tem visto por experiencia, que com segredos, ou feitiços se tem embargado a violenta actividade do fogo; mas a Santidade do dito Religioso, e as circunstancias do successo naõ permittem, que se possa suppor artificio em occasiaõ, em que com meyos naturaes naõ podia ser vencida a violencia de taõ grande fogo.

Acabouse com grande applauso esta notavel funçaõ, e passado algum tempo, Pedro Aldobrandino, que depois foy cognominado *Pedro Igneo*, foy feito Abbade; e o Cardeal Hildebrando, que no anno de 1073. subio à Cadeira de S. Pedro, com o nome de Gregorio VII. o fez Cardeal, e Bispo de Albano. *O Abbade de Usperg. Desid Cass. Dial. cap. 5. Maimbourg. Declinaçaõ do Imperio.*

Ignifero. He palavra Latina de *Ignifer, a, um*, cousa, que traz, tem, ou lança fogo.

Que do tremendo horror do duro Averno
Trouxe flammas Igniferas *para elle.*

Franc. Barreto Landim, Vida de S. Joaõ de Deos, fol. 100.

Ignizarse. Fazerse em fogo. Accenderse como fogo. *Ignescere. Virgil. Carvalho, Nova Summa Theologica, tom. 1. part. 1. tom. 2. part. 2.*

Ignobre. He tomado do Latim *Ignobilis*, cousa vil, baixa, naõ nobre, desconhecida, humilde.

Vendo tanta simpleza o Conde Ignobre.

André da Sylv. Masc. Destruiç. de Hespanha, liv. 2. Oit. 26.

Ignoto. He palavra Latina de *Ignotus, a, um*. Naõ conhecido, ignorado. (Tanto thesouro estava encerrado, e *Ignoto*. Historia dos Loyos, pag. 449.)

Igua-

IGU

IGUARIA. No Commento do Canto X. da Lusiada, Oit. 111. sobre estes versos de Camoens.

De Iguarias *suaves, e Divinas,*
A que naõ chega a Egypcia antiga fama, &c.

Diz Manoel de Faria e Sousa, *Llamamos los Portuguezes* Iguarias *a los manjares, ni sè si derivado del* Guarir *Italiano, que vale recobrarse, o restorarse, que es lo que el Poeta en lo ultimo verso de la estancia antecedente, venian a hazer con las iguarias los navegantes. Sè, que entre nos otros tiene singular sonido esta voz, para expressar la variedad de buenos mantenimientos, y que por esso está aqui muy bien usada; y tambien sè, que antigamente diziamos* Escarias, *tomado del Latin, que llama a los vasos, en que se come, o guisa,* Vasa escaria; *mas me acomodo a lo primero.*

ILH

ILHOTA. Ilha pequena. Vid. Ilheo, no Vocabulario. Se bem querem alguns, que Ilheo se difference de Ilhota, em que Ilheo sobre ser Ilha pequena, he totalmente deshabitado, e deserto. (A costa do Japaõ he semeada de grande numero de *Ilhotas*. Oriente Conquistado, tom. 1. 478.) Tambem ha quem diz, que os Ilheos saõ os filhos das Ilhas, ou Ilhotas, porque ordinariamente a par de huma Ilha, ou Ilhota, ha hum Ilheo.

ILI

ILITHYA. Deidade, que as mulheres invocavaõ no parto. A verdadeira origem desta palavra he Hebraica; naõ se deriva do Grego *Eleuthio*, como se esta Deosa viesse ao soccorro. Dionysio Halicarnasseo faz mençaõ della nos termos, que se seguem: *Ilythiam Romani vocant Junonem Luciferam*, mas nos seus Hymnos diz Orpheo: *Diana Ilithya, & casta eadem Prothuræa.* Plutarco diz claramente, que he a Lua, *Unde censeo etiam Dianam Lochiam, sive partus præsidem, & Ilithyam, ut quæ non alia sit, à Luna esse nominatam.* Della Deosa diz Ovidio:

——— *Tunc cum matura vocabis*
Præpositam timidis parientibus Ilithyam.

ILL

ILLAPSO. Termo Ascetico. He tomado do Latim *Illapsus*, que quer dizer *Descida, queda.* Os Mestres da Vida espiritual, por *Illapso Divino*, entendem aquelle inexplicavel suavissimo influxo, com que se communica Deos à alma. Segundo os ditos Doutores, estes illapsos saõ por tres modos, *Illapso natural*, ou *commum*, pela immensidade Divina; *Illapso sobrenatural*, ou *gratuito*, pela graça santificante, ou justificante, (que he a mesma) *Illapso beatifico*, nos Bemaventurados, que estaõ no Ceo, no qual illapso, (segundo os ditos) consiste a Bemaventurança formal; e o *Illapso mystico*, quando se communica Deos às potencias d'alma, particularmente à vontade, mostrandose, e descobrindo se objectivamente, como sum*m*o bem. *Sand. Theol. Myst.* (Aqui saõ os *Illapsos*, e communicaçoens de Deos Bernardes, Luz, e Calor, num. 36)

ILLECEBRO. He tomado do Latim *Illecebra*, que quer dizer Meiguices, caricias, carinhos, affagos, &c.

Neste felice, neste doce estado
Com Illecebro *manso, e piadoso*
Dos amorosos pays era criado.

Franc. Barreto Landim, Vida de S. Joaõ de Deos, fol. 6.

Na Oitava seguinte diz este mesmo Author:

Quando de hum fervor novo estimulado
Dos pays deixou o Illecebro, *e respeito.*

ILLUMINATORIO. Antigamente chamavaõ *Illuminatorius* ao Baptisterio. Vid. no seu lugar, tom. 2. do Vocabulario.

lario. Na Vida de S. Marcos Presbytero se acha o seguinte. *Quomodò pulcherrimi ab eo constructi Illuminatorii, quod quidem solemus vocare Baptisterium.* Na Vida do mesmo Santo, *Illuminatio*, quer dizer Bautismo.

ILLUSTRANTE. Cousa, que illustra, ennobrece, allumea, &c.

Naõ he porém virtude a mais brilhante
Que de retribuiçaõ padece inopia,
Digna de ser por isso exterminada
Porque além de esta ser cousa Illustrante
Elle premio cabal he de si propria.

Man. Tavares, Ramalhete Juvenil, Lyra 1. fol. 200.

IMA

IMAO. Famoso monte da Asia, na Tartaria deserta; chamaõlhe *Monthegar*; e na outra *Belgian*, e *Althai*, onde se achaõ sepulturas dos Reys Tartaros. No Imperio do Mogor chamaõ a este monte *Dalanguer*, e *Naugracut*. Plinio, Strabaõ, e Ptolom. fazem mençaõ delle.

Imao. Tambem he o nome de hum Principe, que foy muy poderoso na Arabia, o qual se intitulava *Zelador da ley de Mafoma*, e *Hercules contra os inimigos da sua Seita.* Dos principios, e progressos da sua boa fortuna, vid. *Viagem de Godinho à India por terra*, pag. 55. e 56.

IMB

IMBOCAR. Termo de pintura. (Depois de imbocar, se poem logo a primeira cal. Nunes, Arte de Pintura, 62. verso.)

IMBUTO. He tomado do Latim *Imbutus*, *a*, *um*. Vid. Embebido.

Exercitastes alta caridade
De que era o vosso coraçaõ Imbuto,
He tempo que colhais a flor, e o fruto.

Franc. Barreto Landim, Vida de S. Joaõ de Deos, fol. 113. vers.

IME

IMERETE, ou Imirete. Reyno, que os Geografos poem na Mingrelia, tomada em geral. He huma terra de matos, e montes, mas com seus valles, e varzeas muito aprazivels. ElRey de Imerete com outros dous Principes seus visinhos está debaixo do Dominio do Graõ Turco, o qual porém os deixa viver com sua liberdade, particularmente em materia de Religiaõ, porque como a terra naõ tem quasi nada de bom mais, que vinho, e porcos, naõ se póde estabelecer nella a observancia do Mahometismo, e como as moradas das casas ficaõ espalhadas, em qualquer lugar, que se fizessem fortalezas, cada huma dellas naõ poderia descortinar se naõ sete, ou oito edificios. ElRey de Imerete se faz chamar *Meppe*, que em lingua Georgiana quer dizer *Rey*; tambem toma o titulo de *Meppe dos Meppes*, que significa *Rey dos Reys. Chardin, Viagem da Persia, anno* 1673. Vid. Diccion. de Moreri.

IMM

IMMANIDADE. He tomado do Latim *Immanitas*, *atis*, *Fem.* Vid. Crueldade. (Com a fereza, e immanidade dos brutos. Diogo do Couto, Dec. 8. fol. 168. col. 1.)

IMMEDIATO. Em certas Religioens, he o Exprovincial, que acabou, e fica immediato ao Provincial actual. (Foy eleito Padre Immediato, Fr. Jacintho de Deos, Vergel de Plantas, fol. 471.)

IMMERSOR. He tomado do Latim *Immergere*, Mergulhar. Nos seus bautismos costumaõ os Gregos occupar tres Ministros; o mais digno delles he o que benze a agoa; o segundo pronuncia o exorcismo; o terceiro he o que mergulha a criança na fonte bautismal, e chamase *Immersor*. Vid Immersaõ, tom. 4. do Vocabul.

IMMOLAR. He tomado do Latim *Immolare*, que val o mesmo, que *Sacrificar*. Vid. no seu lugar.

Por

Por tanto a Aura do divino Apollo
Me alcançai, raro assombro desta idade,
A quem o humilde, e rude canto immolo.
Franc. Barreto Laudim, Vida de S. João de Deos fol. 24.

IMMORTALMENTE. Eternamente. *Æternùm.* Virgil. Em Cicero se acha o adverbio *Immortaliter*, mas no sentido que se segue. *Immortaliter gaudeo.* Tenho hum gosto, sinto huma alegria, que será immortal, que nunca terá fim, que nunca acabará.

IMP

IMPINGIR. Tem varios significados em frase chula. Impingir, he meter na cabeça com malicia. Impingiolhe dous Sermoens a eito, isto he, Fezlhe huma rediosa repetição de dous Sermoens, sem descanço. No tempo de Horacio naõ faltavaõ compositores, que como no dia de hoje, traziaõ as algibeiras cheas de seus papeis, e com liçaõ importuna, a cada passo os impingiaõ aos amigos. De hum destes empurradores diz Horacio no fim da sua Arte Poetica:

Indoctum, doctumque fugat recitator acerbus,
Quem verò arripuit, tenet, occiditque legendo.

Impingir huma bofetada, huma punhada. Pareceme, que neste sentido poderamos usar do verbo Latino *Impingere*, (*pegi, pactum*) e já que Phedro diz *Impingere alicui lapidem*, por lançar a alguem huma pedra; e já que Celio escrevendo a Cicero diz, *Impingere fustem alicui*, eu naõ fizera escrupulo de dizer *Alapam*, ou *colaphum in os alicujus impingere*, quanto mais, que em hum lugar de Plauto acho, *Pugnum in os impinge.*

IMPIO. Desprezador da Religiaõ. Profanador de cousas sagradas. O homem he animal naturalmente pio. Naõ ha no Mundo naçaõ taõ barbara, que naõ tenha seus Templos, seus Sacerdotes, e suas ceremonias. Até na Gentilidade se tem castigado com grande rigor o crime da impiedade. Condemnavaõ os Babylonios todo o impio conhecido à morte, deitavaõ ao ar as suas cinzas, e mandavaõ arrazar as suas casas, para que naõ ficasse na terra memoria alguma de taõ má gente. Os Gregos os faziaõ queimar vivos, ou os affogavaõ no mar, ou os lançavaõ em profundas voragens, para todos os elementos concorrerem na execuçaõ de taõ necessaria justiça. Os Ethiopes os obrigavaõ a beber do çumo de huma erva, que lhes tirava o juizo, e com medonhas fantasmas, representadas na imaginaçaõ, os faziaõ cahir em furiosas desesperaçoens. Os Athenienses queimaraõ, saquearaõ, e despovoaraõ a Ilha de Melos, chea de Atheos, e impios, naõ permittindo seu zelo, que subsistisse huma casta de gente, que era a deshonra do genero humano. *In legum constitutionibus* (diz Plutarco adversus Colot.) *Primum est, & maximum de Diis opinio, quamobrem & Lycurgus Lacedemonis, & Romanorum, & Jon antiquos Athenienses, & Deucalion Græcos ferè universos, Diis consecrarunt votis, Sacramentis, vaticiniis.* Se para a observancia, e authoridade de Religiões Gentilicas se derao aos impios em todas as naçoens rigurosos castigos, com muito mayor rigor devem ser castigados na Christandade os profanadores da verdadeira Religiaõ. No Templo naõ açoitou Jesu Christo onzeneiros, mentirosos, maledicos, e outra casta de peccadores, que frequentavaõ o Templo, mas com pia severidade enxotou os Nummularios, ou Banqueiros, que com negocio mercantil profanavaõ a casa de Deos; que o primeiro, e mais intenso fervor do zelo dos Principes ha de ser contra os impios, porque a irreverencia para as cousas sagradas he hum crime, que converte o remedio em veneno, e provoca a divina justiça, pelos meyos com que a poderia aplacar. *Impius, a, um.* Virg. Cic. *Dei contemptor. Dei jussa spernens. Quem nulla movet pietas. Quem cæca rapit impietas. Qui loca sacra, & religiosa violat. Qui profanat res sacras.*

IMPLUME.

Implume. He tomado do Latim *Implumis*, cousa sem penna, sem pello, ou depennada.

Os que Implumes *estando em ninho patrio:*
Man. de Far. e Sous. tom. 4. de Aganip. Eclog. 11. fol. 141.

Impor. Vid. tom. 4. do Vocabular.

Impor as mãos. He frase da Escritura na administraçaõ do Sacramento da Ordem. (*Orantes imposuerunt eis manus. Actor. Apost. cap. 6*) *Imponentesque manus dimiserunt. Ibid. cap. 13.* Vid. Imposiçaõ das mãos, tom. 4. do Vocabulario.

Improver. Empobrecer. Vid. no seu lugar.

Nunca teu exercicio Improver *pude*
Que quando a outra he vicio, tu virtude.
Franc. Barret. Landim, Vida de S. Joaõ de Deos, 108. vers. Falla na prodigalidade santa.

Impudencia. Deidade Gentilica. Tinha seu Templo em Athenas, onde era venerada como Deosa no mesmo tempo, que em outro Templo a Pudicicia, em figura de Deosa, era adorada. Pelo contrario entre Lacedemonios a Pudicicia, e naõ a Impudencia era com honras Divinas celebrada. A perdiz era a ave dedicada à Impudencia, e era o seu symbolo, em razaõ da sua propensaõ à luxuria. *Plutarco na Vida de Solon. Giraldi, Histor. Deorum.*

Impudicamente. Deshonestamente. Luxuriosamente. *Inhonestè. Impurè. Cic.*

INA

Inabalavel. Cousa taõ firme, que naõ póde ser abalada. *Inconcussus, a, um.* Seneca, Phil. (Aliança estabelecida sobre hum fundamento inabalavel. Gazeta de Lisboa, 24. de Janeiro 1726. fol. 30.)

Inacabavel. Obra inacabavel. *Opus, quod absolvi non potest*, ou *cui nequit finis imponi.*

E se lhe renda Inacabavel *canto.*
Desde a paga de Pedro militante,
Que os muros do Orco horrendo faz espanto.
Man. de Far. e Sous. Fonte de Aganip. 3. part. Eleg. 22. 228. vers.

INC

Incensario. Vid. Thuribulo, tom. 8. do Vocabulario. No Templo de Salamaõ havia secenta mil incensarios de ouro. *Eva, e Ave de Macedo, part. 1. cap. 14. fol. 66. Ex Josepho de Antiquit. lib. 8. cap. 2.*

Incepto. He tomado do Latim *Inceptus, a, um*, que he de Cicero. Vid. Principiado. (Tres annos, ou inceptos, ou completos. Crisol Purificat. fol. 170. col. 1.)

Incessavel. Vid. Incessante, tom. 4. do Vocabulario. (Os Anjos, que com incessavel voz louvaõ ao Senhor. Crisol Purificat. fol. 236.)

Incesto. Vid. tom. 4. do Vocabular.

Naõ será a culpa abominoso Incesto.
Camoens Oitava 47. do Canto 10. da Lusiada. No seu Commento diz Manoel de Faria e Sousa, que o Poeta deu ao incesto o epitheto de *Abominavel*, por ser culpa de brutos, porquanto os brutos naõ respeitaõ parentescos.

Incestuoso. No seculo undecimo se deu este nome a huns Jurisconsultos, que se deixaraõ persuadir, que era licito o matrimonio no quarto grao de consanguinidade, naõ obstante a prohibiçaõ deste incesto nos Sagrados Canones. O Cardeal Pedro Damiaõ, escreveo contra elles, e foraõ condemnados em dous Concilios, convocados em Roma por Alexandre II. anno de 1065. *Baronio, Anno Christi* 1065.

Incivilidade. Grossaria no trato. Descortezia. Vid. nos seus lugares, tom. 3. e 4. do Vocabular.

Incomplacencia. Falta de complacencia. *Rudis, & inofficiosa agendi ratio, onis. Fem.* Vid. Complacencia, tomo 2. do Vocabulario. (O defeito, que lhe

lhe he oppofto; he a Incomplacencia. *Belam, Efchola do Mundo, tomo 1. Dialogo 3. pag. 126.)*

Incompleto. Naõ acabado. *Non absolutus, non cumpletus, inchoatus, a, um. Non perfectus, omnibus suis numeris non expletus, a, um.* (Outras vezes exclue o Incompleto. Crifol Purificat. fol. 168. col. 2.)

Inconsequencia. Vid. tom. 4. do Vocabulario. (Dar por teftemunho a Bulla do Pontifice, e naõ dar credito ao que ella diz, he *Inconfequencia*, a que fe naõ acha evafaõ, ou fubterfugio, que a defculpe. Crifol Purificat. fol. 531. col. 2.)

Incontestavel. He tomado do Francez *Incontestable*, que val o mefmo, que coufa indubitavel, fobre a qual he inutil contender. *De quo, jure contendi non poteft, minimè dubius, aut controverfus, a, um. Quòd jure in contentione poni, aut in controverfiam vocari, ou adduci non poteft, de quo nulla controverfia effe poteft.* Tudo ifto he de Cicero. Em hum Tratado de Paz, impreffo em Lisbóa, anno de 1713. em lingua Portugueza, achey o adverbio inconteftavelmente. Em Latim diremos com Ciceru, *Sine ulla controverfia.*

Incumbencia. Encargo. Obrigaçaõ de officio. Tenho efta incumbencia. *Hoc mihi incumbit.* Vid. Incumbir, tom. 4. do Vocabul.

Incurso. Vid. tom. 4. do Vocabul. (Sem temer o *Incurfo* de graviffimas cenfuras. Fr. Jacinth. de Deos, Vergel de Plantas, &c. 131.)

IND

Indecôro. Vid. no 4. tom. do Vocabul. Vid. etiam Indecorofo.

Offendes Indecoro *as bellas Ninfas.* Man. de Far. e Souf. tom. 4. de Aganip. Ecclog. 6. fol. 87. verf.

Indefectivel. He tomado do Latim *Indefectus*, do qual ufou Apuleyo por coufa que naõ faltou, e por indefectivel fe fignifica o que naõ póde faltar. *Indefectibilis* naõ he Latino, poderás dizer *Indeficiens, tis, omn. gen.* He de Tibullo, que no liv. 4 diz, *Horrea fœcundis in deficientia menfis.* (Continuada defcendencia, ou propagaçaõ indefectivel. Crifol Purificat. fol. 457. col. 1.) (Por fucceffaõ indefectivel; ibidem, fol. 539. col. 1.)

Indefeso, ou Indefenfo. Aquelle, que naõ defende, ou naõ tem com que defender a fua peffoa, ou a fua caufa. *Indefenfus, a, um.* Vid. tom. 4. do Vocabulario.

India. Da India differaõ Portuguezes praticos, e experimentados, o que fe fegue:

A India he fepultura de homens honrados.

A India he Praça de Cavalleiros.

He huma feira de feitos illuftres.

He fronteira de inimigos.

He huma miftura de homens.

He huma medida igual de peffoas defiguaes.

He huma vida livre, ou liberdade de vida.

Na India todos faõ ricos, porque lhes bafta pouco.

Na India primeiro os homens devem, do que tenhaõ.

Na India os mais vivem de efperança, e o commum morre fem paga.

A' India mais vaõ do que tornaõ.

Na India mais morrem do que efcapaõ.

A India, ou vende caro o que tem, ou o troca com ventagem.

Da India melhor fora a nomeaçaõ, que o fenhorio; melhor a propriedade que o ufo; melhores as pirias, que as rendas, pois tanto valem mais os empregos, que os retornos.

Indevidamente. Injuftamente, fem razaõ. *Immerito. Cic. Sine caufâ. Indebitò*, que fe acha em Ulpiano, quer dizer, fem a coufa fer devida. (Indevidamente lhe chamamos pobre. Mifcellanea de Leitaõ, Dialg. 4. fol. 46.)

Individualmente. Com individuaçaõ. *Singulari differentiâ.*

Indo. Rio da Afia. Vid. tom. 4. do Vocabulario, e na Decada 4. de Diogo do

do Couto, livro 9. cap. 6. Vide donde nasceo o erro dos Geografos lançarem o rio Indo na enseada de Cambaya.

Indolencia. Insensibilidade à dor. *Indolentia, æ, Fem.* Cic. Até agora naõ achey esta palavra em Author Portuguez. Indolencia porém, como derivada do Latim, parece necessaria, para evitar circunloquio. Os Francezes dizem *Indolence.*

INE

Inefficacia. Falta de forças para o effeito. *Vis*, ou *Virtus, & potestas inefficax.*

Inefficaz. Que naõ tem efficacia. *Inefficax, acis.* Mais inefficaz. *Inefficacior*, he de Plinio. Chama Seneca aos Deoses dos Gentios, *Dii inefficaces*, Deoses, que naõ tem prestimo para nada. Argumento inefficaz. *Argumentum nihil habens ponderis.* (Argumento fallivel, e inefficaz. Crisol. Purificat. fol. 221. col. 2.)

Ineluctavel. He tomado do Latim *Ineluctabilis*, cousa, que se naõ póde vencer, ou evitar. He de Virgilio, no liv. 8. da Eneida:

Fortuna omnipotens, & ineluctabile fatum.

——— *Nem mares formidaveis*
Contrarios teus seraõ, nem duro emprego
Ventos Ineluctaveis.

Man. Tavar. Ramalhete Juvenil, Lyra 1. fol. 55. (Estragos antecedentes àquelle ineluctavel dia. *Crisol Purificat. fol. 634. col. 1*)

Inexplivel. He tomado do Latim *Inexplebilis*, cousa insaciavel, que se naõ póde encher, fartar, &c. He de Cicero, que no 5. das Tusculan. 16. diz, *Inexplebilis cupiditas.* (A sede, e o appetite inexplivel da naçaõ. Fr. Jacinth. de Deos, Vergel de Plantas 107.)

INF

Infançoa. Antigamente chamavaõ em Portugal às ricas Donas, e Senhoras principaes, *Infançoas. Mon. Lusit. tom. 5. fol. 68. col. 2.*

Infantal. Principe Infantal. Vid. Infante.

Chegando pois o Principe Infantal,
Com legioens ao todo vinte e sete.

André da Sylv. Masc. Destruiç. de Hespanha, liv. 5. Oit. 4.

Infante. Segundo a sua derivaçaõ da particula Latina *In*, negativa, e do verbo *Fari*, Fallar, *Infante*, vem a ser o mesmo, que *Naõ fallante* propriedade de menino, porque até certa idade naõ falla. Neste sentido de naõ fallar, em escrituras antigas se achaõ promiscuamente estes dous termos, *Infantes*, e *Pueri*, porque antigamente eraõ reputados por meninos os filhos familias, que ainda estavaõ debaixo de tutor, e assim como dos Religiosos, que ainda naõ saõ Capitulares dizemos, que naõ tem voz em Capitulo; assim com razaõ se chamavaõ *Infantes*, ou *Meninos*, os filhos, que ainda naõ tinhaõ tomado posse dos bens paternos, e como meninos, e mudos, obedeciaõ sem replica aos administradores delles; e assim vemos, que nas Chronicas Schonense, e Audense, o filho do Emperador Federico Henrique II. a quem pela parte da mãy pertencia o Estado da Apulha, he chamado *Puer Apuliæ*, o menino da Apulha, e o primogenito dos Reys de Inglaterra se chama *Puer Anglicus*, o menino de Inglaterra. Tambem *Infante* significa às vezes *Menino Varaõ*, tanto assim, que segundo a regra do Manual, em Castella, trazendo os padrinhos hum menino a bautizar, e perguntandolhes o Cura, que traeis, *Infante*, o *Infanta*, responderaõ outros rusticos, *No traemos sino un hijo del herrero.*

Infanticidio. Morte violenta, ou matança de meninos. No Reynado dos Emperadores Gentios, huma das mayores calumnias, que os inimigos da nossa Santa Fé inventaraõ foy, que os Christãos matavaõ os meninos, e os comiaõ. Esta falsa opiniaõ, embebida na imaginaçaõ do vulgo ignorante, causou horror a mui-

a muitos, e atrazou muito os progressos da Igreja. No livro 2. do seu Apologetico, cap. 7. falla Tertulliano neste falso testemunho, onde diz, *Dicimur sceleratissimi de Sacramento infanticidii, & pabulo inde*; Aqui *Sacramento*; quer dizer *Sacrificio*. Destes horriveis crimes, que os Infieis acharaõ aos primeiros Christãos; amplamente fallaõ *Salviano, lib. 4. de Gubernat.* e *Eusebio lib. 4. cap. 7.* O verdadeiro Infanticidio foy o que commetteo Herodes, quando para se livrar do novo, e verdadeiro Rey, recemnascido, mandou satellites, verdugos, e assassinos a Belem, e lugares circunvisinhos, para que matassem todo o menino macho de menos de dous annos. Foy a matança taõ grande, que (segundo escrevem graves Authores) morreraõ nella alguns quatorze mil Innocentes. *Infanticidium, ii, Neut.* He usado dos Authores Ecclesiasticos.

Infectuoso *Incestus, a, um. Tacit.*

Mancha a taõ puro amor Infectuosa
Da paixaõ amorosa.

Man. Tavares, Ramalhete Juvenil, Lyra 1. 186.

Inferio. Infernal. Vid. no seu lugar.

Assim como nos vãos Reynos Cocytos
Entre as chammas Inferias *trabalhosas.*

André da Sylv. Masc. Destruiç. de Hespanha, liv. 1. Oit. 98.

Infernalidade. Palavra inventada, para brevemente significar grandes desordens, furias, tormentas, estragos, &c. *Infernae perturbationes, & strages.* O adjectivo *Infernus, a, um*, he usado de bons Authores Latinos por cousa Infernal. Marcial diz, *Umbrae Infernae.* No Calepino se acha *Infernales furiae*, mas sem exemplo de Author. (As batarias se faziaõ com tamanho fervor, que o ar andava despovoado das aves, &c. mas os esforçados Portuguezes, contra quem se desfazia toda aquella Infernalidade, naõ se apartavaõ hum só passo dos seus lugares. Diogo do Couto, Dec. 8. fol. 215.)

Infernar. Vid. tom. 4. do Vocabulario. (Desgovernar, ou Infernar suas almas, Vida de D. Fr. Barthol. dos Mart. 126. col. 3.)

Inferno. Vid. tom. 4. do Vocabulario. Os Poetas Latinos chamaõ ao Inferno *Infernae sedes, domus, umbrae, tenebrae, fauces, aquae, paludes, undae. Inferni specus, lacus, hiatus. Infernus gurges, carcer. Inferna vorago. Infernum barathrum, specus, antrum. Tartareae, Taenariae, Avernae, Stygiae, Acheronteae, Phlegetonteae sedes. Illaetabile Regnum. Immanes Erebi hiatus. Caeca nox Averni. Tristes recessus, imae sedes Erebi. Noctis aeternae chaos. Tristes sine sole domus. Silentes nocte perpetuâ domus. Luce carentia Regna. Ditis inamabile Regnum. Ditis opaca domus. Vasta Erebi loca. Loca plena timoris. Stygii Regna Tyranni. Dira furiarum loca. Regna Diis invisa. Invisa vivis Plutonia domus. Tartareus carcer. Aeternae caliginis umbrae. Stygiae ergastula noctis. Formidabile Regnum mortis inexpletae. Vindices ignes. Ultrices flammae. Aeternis nigris fornacibus ignes. Ditis profundi pallida Regna. Nigri Regia caeca Dei. Sonti plaga decreta turbae. Damnatorum horrendus carcer.*

Infrequencia. Falta de frequencia. A pouca gente, que se acha em huma junta, em hum concelho. *Infrequentia, ae, Fem.* Nenhuma cousa se podia obrar pela infrequencia do Senado, ou dos Senadores. *Nec agi quicquam per infrequentiam poterat Senatus, libro 2. ab urbe.* Em huma Epistola a seu irmaõ Quint. diz Cicero, *Summa infrequentia quum vellet exire a Coss. retentus.*

Infrequente. Que naõ he frequente, que naõ frequenta. Vid. Frequentar. Atè agora em Authores Portuguezes naõ achey infrequente; porém achey frequente. Do famoso Viso-Rey da India D. Joaõ de Castro, diz Jacintho Freire no livro 4. da sua vida, num. 110. *Era frequente em visitar Templos.*

Infulado. He tomado do Latim *Infulatus*

fulatus, *a*, *um*, que significava aquelle que trazia na cabeça, o que antigos Romanos chamavaõ *Infula*, ou *Infulæ*, no plural, que o ornato de cabeça dos seus Flamines, e Vestaes; e entre nós se toma por Mitra de Bispo, e *Infulatus* por Bispo, ou Prelado Ecclesiastico Mitrado. (Maximo entre os Infulados. O Author do Crisol Purificativo, no principio da sua Epistola Dedicatoria a S. Paulino, Bispo de Nola.

Infusa. Vid. tom. 4. do Vocabular.

As Musas, se tal souberem
Quebrariaõ as Infusas.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 456.

Infustamento. He huma casta de fedor, que as vasilhas tomaõ, e as deita a perder. Derivase do Francez *Fust*, que significa Tonel. (Desta sorte naõ tomaõ as vasilhas *Infustamento*. Alarte, Agricultura das vinhas, 128.)

ING

Ingenuidade. Synceridade. Vid. tom. 4. do Vocab.

Ingenuidade. Nobreza do animo, que neste sentido tambem se toma em Latim *Ingenuitas*, e deste segundo significado se valeo o Author do Crisol Purificativo, fol 413. col. 1 aonde diz de certo Author. (Naõ presumo de sua ingenuidade ousaria chamar idiotas a estes Santos Padres.

INI

Iniciado. He tomado do Latim *Initiatus*, que segundo os ritos da antiga Gentilidade Romana significava, *Introduzido nos mysterios de huma Religiaõ*. Iniciado com Ordens Sacras, *Sacris Ordinibus initiatus*. Cicero tem dito *Initiatus litteris*, por *Principiante no estudo das boas letras*. (Ordenados Sacerdotes, ou iniciados com Ordem Clerical. Crisol Purificat. fol. 18. col. 2.)

Inicial. Letra inicial, he a primeira letra de qualquer dicçaõ, e particularmente das dicçoens, que começaõ por letra maiuscula. No Calepino se acha *Initialis*, mas sem exemplo.

Inicio. He tomado do Latim *Initium*, *ii*, *Neut.* Vid. Principio.

Que he corroboraçaõ para a vitoria
Depois que celebrou no primo Inicio
Da Missa o Soberano Sacrificio.

Franc. Barreto Landim, Vida de S. Joaõ de Deos, fol. 119.

Inico. Vid. Iniquo, tom. 4. do Vocabulario.

Logo que he rico, he Inico.

Obras Metricas de D. Franc. Man. Canfonha de Euterp. pag. 104. col. 2.

Inimistar. Inimistarse a alguem. Fazerse seu inimigo. *Alienare ab aliquo suam voluntatem*. Cic.

Vendo, que admitto o bem, se me Inimista.

Manoel de Far. e Sous. Fonte de Aganip. Sonet 23.

Injuriarse de alguma cousa. *Accipire aliquid cum offensione*. He imitaçaõ de Cicero, que diz, *Quæso, oro que vos, ut accipiatis sine offensione quod dixero*. Peço vos, que vós vos naõ injurieis do que quero dizer.

INN

Innegavel. Cousa, que com razaõ se naõ póde negar. *Res certissima*, *Res indubitata*. (Documentos fundados em principios innegaveis. Crisol Purificat. fol. 229. col. 1.)

Innocentes. Vid. tom. 4. do Vocabulario. Dos Innocentes, a que Herodes mandou matar, notavel foy o estrago. Quatorze mil meninos lograraõ a gloria do martyrio. *Salmeiraõ*, *lib.* 3. *tract.* 4. Gostaraõ a morte antes da vida, criminosos em haverem nascido, gloriosos em pagarem por seu Creador, fidelissimos soldados, que quizeraõ morrer primeiro, que seu Capitaõ, militaraõ antes de andar, pelejaraõ antes de brincar; derramaraõ sangue, antes de os criar o leite; dos berços das mãys voaraõ a triunfar dos inimigos; trocaraõ os affagos pelos golpes; passaraõ ao Ceo,

sem habitarem na terra, e foraõ grandes, logo em nascendo. *Eva, e Ave de Macedo, pag.* 427.

Innodado. He tomado de *Innodatus*, palavra da baixa Latinidade, por Atado, embaraçado, metido.

—— *Terras*

Em vicios, e em torpezas Innodadas.

André da Sylv. Masc. Destruiç. de Hespanha, liv. 1. Oit. 29.

INS

Inscripto. He tomado do Latim *Inscriptus, a, um.* Aberto com buril, gravado, ou escrito, Cicero diz, *Fasciculus litterarum, qui est M. Curio inscriptus.* (Com seus letreiros *Inscriptos.* Dial. de Fr. Amador Arraiz, fol. 115. col. 1.)

Insensivo. Vid. Insensivel.

Mas lhe estaõ a seu modo dando vivas
Com lingua muda as cousas Insensivas.

Franc. Bar. Landim, Vida de S. Joaõ de Deos, fol. 5.

Insepulto. He tomado do Latim *Insepultus, a, um.* Naõ enterrado, naõ sepultado.

Fazendose Insepultos *por quererem,*
Tirarse a vida a si desesperados.

Man. de Far. Fonte de Aganip. Canto 5. Soneto 65.

Insibidade. Palavra antiquada. Vid. mais abaixo *Insipiencia.* (Por erro, e *Insibidade* do dito procurador. Anda em huma escritura antiga. Vid. Alcobaça Illustrada, pag. 179. col. 1.)

Insipiencia. Falta de saber. Ignorancia. Imprudencia. *Insipientia, æ, Fem. Cic.*

Insipiente. He tomado do Latim *Insipiens*, necio ignorante.

Desprezareis de ser sempre cantado
No arame deste plectro Insipiente.

André da Sylv. Masc. Destruiç. de Hesp. livro 1. Oit. 7.

Insofrido, Insofrivel. Vid. no seu lugar.

Nadando sobre as ondas Insofridas.

André da Sylva Mascarenhas, Destruiç. de Hespanha, livro 5. Oitava 14. Tambem usa Camoens deste epitheto, neste sentido. Vid. no tom. 4. do Vocabular. Insofrido.

Insoluvel. Cousa, que naõ tem soluçaõ, como argumento insoluvel. Vid. Soluçaõ no 7. tom. do Vocab.

Insonte. He tomado do Latim *Insons*, innocente.

Deste sangue purissimo, e Insonte.

André da Sylva Mascarenhas, Destruiç. de Hesp, liv. 1. Oit. 19.

Insua. Vid. tom. 4. do Vocabulario. A Insua velha, he hum sitio, que antes foy Ilha, e tem hum Convento de S. Francisco, chamado *Santa Maria in Insulis*, id est, *Santa Maria nas Insulas.* Na 2. parte da sua Historia Serafica, pag. 459. diz o Padre Fr. Manoel da Esperança, que em hum Cartorio do Convento achara escrito, que o Latim *Insula*, era diminutivo, e que neste lugar mostrava os seus estreitos limites, mas doutamente repara o dito Author, que he contra a Grammatica, porque a todas as Ilhas assim grandes, como pequenas, póde quadrar o nome *Insula.* Tambem diz, que erraõ os que lhe chamaõ *Peninsula*, porque he perfeita Ilha, cercada do mar à roda. Os Portuguezes lhe chamaõ *Santa Maria da Insula*, os Gallegos, *Santa Maria de Carmes*; os Mareantes *Santa Maria de Boa Viagem*, ou *Santa Maria da Sylva*, em razaõ de que costumaõ salvalla.

Insueto. He tomado do Latim *Insuetus, a, um*, cousa desacostumada, desusada, naõ usada, extraordinaria.

E o mordomo com liberdade
De esmolas Insuetas *o provia,*
Por ordem do Marquez, e por vontade.

Franc. Bar. Landim, Vida de S. Joaõ de Deos, fol. 96.

Insular. Vid. no tom. 4. do Vocabulario (Illustre Missionario da Asia *Insular.* Oriente Conquist. tom. 2. 336. Asia Insular, quer dizer, Ilhas da Asia, como saõ Amboino, Moro, as Malucas, &c.

Insulso. Sem sal, sem graça, desemxabido. *Insulsus, a, um. Terent. Cic.* Em Petronio se acha o superlativo *Insulsissimus, a, um.* (Sem este discurso ficará a Historia insulsa. Monarchia Lusit. tom. 6. fol. 236. col. 2.)

INT

Intemerado. He tomado do Latim *Intemeratus, a, um*, cousa pura, perfeita, incorrupta.

Interceder. Rogar. Pedir. Vid. tom. 4. do Vocabul.

Interceder. Estar entre huma cousa, e outra. *Intercedere, (do, cessi, cessum) Cic.* (Intercedem tres dias. Crisol Purificat. fol. 170. col. 2.) (Os vinte e oito, em que intercedem os ditos nove annos. Crisol Purificat. fol. 171. col. 2.)

Interciso. Derivase do Latim *Intercidere*, cortar pelo meyo, fazer em postas. Deuse este epitheto a Santiago Martyr, que nasceo na Persia, na Cidade de Elape, da melhor nobreza daquelle Reyno. Fezse Christaõ, e depois se arrependeo, mas entrado em si, tornou a professar a nossa Santa Fé, do que El-Rey Ildegerdes enfadado, e enfurecido, o mandou despedaçar. (Tomaraõno os Ministros, e em sua presença o foraõ (daqui se chamou *Interciso*) retalhando, e despedaçando por todas as juntas do corpo. Dom Rodrigo da Cunha, Historia dos Arcebispos de Braga, cap. 10. pag. 41. col. 2.)

Interessal. He usado no adagio seguinte. Com homem interessal, naõ juntes teu cabedal. Vid. Interesseiro, tomo 4. do Vocabul.

Interjacente. Cousa, que está de per meyo. Cousa, que fica entre dous. *Interjacens, tis, omn. gen.* Sem embargo da estrada interjacente. *Quanquam viâ interjacente. Plin. Jun.* Tambem poderas dizer *Interjectus, a, um*, Cicero diz, *Nasus oculis interjectus.* Calculando com os interjacentes o ultimo, e primeiro. *Crisol Purificativo fol. 170. col. 2.*

Interino. Termo de pratica Forense, derivado do adverbio Latino *Interim.* Chamaõse Internos os que servem hum officio por algum espaço de tempo.

Intermedio. Vid. Entremeyo, tomo 3. do Vocabulario. (Neste *Intermedio* o vio hum Religioso. Agiol. Lusitano tom. 2. 214.)

Intimorado. Destemido. Vid. no seu lugar.

Cujo accento final, e graça viva
Penetra o peito mais intimorado.

Franc. Barreto Landim, Vida de S. Joaõ de Deos, fol. 52.

Intrudo, ou Entrudo. Vid. tom. 4. do Vocabulario. Com o titulo de Festas Bacchanaes descreveo Antonio Serraõ de Castro o Entrudo no Soneto seguinte.

Filhós, fatias, sonhos, mal assadas:
Gallinhas, porco, vaca, e mais carneiro,
Os perús em poder do pasteleiro,
Esguichar, deitar pulhas, laranjadas;
Enfarinhar, pôr rabos, dar risadas,
Gastar para comer muito dinheiro,
Naõ ter mãos a medir o Taverneiro,
Com resteas de cebolas dar pancadas.
Das janellas com tanho dar na gente,
A bozina a tanger, quebrar panellas,
Querer em hum só dia comer tudo;
Naõ perdoar arroz, nem cuscuz quente,
Despejar pratos, e alimpar tigellas,
Estas as festas saõ do gordo Entrudo.

Intumecer. Em significaçaõ activa.

Já em campos de cristal ardente brio
Intumecendo *esferas se adianta,*
Como em remanso do tocado rio,
Meyo globo de vidro se levanta.

Man. de Fat. e Sous. Fabula de Narciso, e Ecco, Estanc. 17.

INV

Inverno. Vid. tom. 4. do Vocabulario. Os Poetas Latinos chamaõ ao Inverno, *Hybernum tempus, Hyemale*, ou *brumale tempus. Hybernum sidus, Hybernum frigus. Hyemis horror, vis, furor, asperitas, frigora, pruinæ. Frigida*

gida tempora. *Hyberni Soles; dies; menses. Brumæ intractabilis horror. Hybernæ tempora brumæ. Horrida cano brumæ gelu. Glacialibus aspera ventis. Rigidis Aquilonibus horrens. Contristans frigore Cœlum. Rura gelu astringens. Nimbis horrida. Incana gelu. Grandine armata. Canos hirsuta capillos. Silvas frondibus spolians. Tremulo venit horrida passu.*

Adagios Portuguezes do Inverno.

Bacoro fiado, bom Inverno, e mao Veraõ. A vaca do Villaõ, se no Inverno dá leite, melhor o dará no Veraõ. Quem naõ tem calças no Inverno, naõ fies delle teu dinheiro. Ao Veraõ Taverneira, e ao Inverno Padeira. Primeiro dia de Agosto, primeiro dia de Inverno. Sol de Inverno sahe tarde, e poemse cedo. Veraõ fresco, Inverno chuvoso, Estio perigoso. Amizade de genro, Sol de Inverno. Em o Veraõ por calma, e o Inverno por frio, naõ lhe falta achaque de vinho. Nem no Inverno sem capa, nem no Veraõ sem cabeça.

Invito. He tomado do Latim *Invitus, a, um.* Constrangido, cousa dita, ou feita contra a vontade. (Protestando naõ prejudicar a seu direito o consenso *Invito*. Crisol Purificativo, fol. 633. col. 1.)

IO

Io. Filha de Inaco, e de Ismena, depois de namorada per Jupiter, foy mudada em vaca, e Juno a entregou ao vigilantissimo Argos, o qual porém com seus cem olhos, naõ vio, que Mercurio a roubava, porque com a suavidade da sua frauta, o dito Mercurio o adormentara. Juno irada, para se vingar deste rapto, fez danar a Io de sorte, que arrebatada da raiva, foy correndo muitas terras, passou além do Bosphoro de Thracia, e chegou ao Egypto, onde Jupiter, compadecido da sua desgraça, lhe restituhio a sua primeira figura, e ella se casou com o Rey Osiris. Logo ficou feita Isis, e venerada dos Egypcios, e depois de falecida, foy posta no numero das Deosas, e foy adorada debaixo do dito nome Isis. Escreve Herodoto, que os Egypcios lhe consagravaõ todas as vacas, e juntamente as femeas de todo o gado, e affirmaõ Diodoro, e Philostrato, que a representavaõ com pontas de boy. Dizem, que de Jupiter, e della nascera Epapho, e que passando perto de seu pay, se dera a conhecer, escrevendo com a ponta do pé o seu nome na area. *Ovidio, livro 1. Metamorph. Pausanias in Corinth. &c.*

JOA

Joannes. Pós de Joannes, saõ huns pós, inventados por Joan, ou Joannes de Vigo, que (segundo dizem) saõ excellentes para chagas corrosivas. (Enxuto se cure com pós de Joannes. Cirurgia de Ferreira, pag. 298.)

Joaõ da cruz. Vid. supra Jandacruz.

Joaõ Lopes. A raiz deste nome, serve para feridas frescas, moida com huma pequena de agoa, e se applica à mesma ferida. Tambem serve para feridas antigas, mas deve ser com a folha de tanchagem, applicando por cima da ferida alguns pós secos.

Joaõ redondo, &c. Vid. supra, Jam redondo.

JOC

Jocasta. Filha de Creon, Rey de Thebas, o qual por ouvir dizer ao Oraculo, que hum dos seus filhos o havia de matar quiz, que Jocasta, que elle tinha casado com Laio, mandasse matar todos os filhos varoens, que nascessem do seu matrimonio. Oedipo, sahindo à luz do Mundo, foy entregue a hum soldado, para ser morto, segundo a ordem del-Rey; mas o soldado com o horror, que teve de tirar a hum innocente a vida, se contentou cõ passarlhe por ambos os pés huns vimes, e atallo a huma arvore com a cabeça para baixo. Hum dos pastores de Polybio, Rey de Corintho, que passando

sando acaso por aquella parte, o vio, o desatou, e o levou à Rainha, que o mandou criar. Feito já mayor, passou à Phocide, Provincia da Grecia, para (segundo o dito do Oraculo) descobrir seu pay. Naquelle tempo havia na Cidade de Thebas hum monstro, chamado *Sphinx*, que com rosto, e voz de moça donzella, tinha corpo de caõ, rabo de dragaõ, azas de ave, e garras de leaõ. A todos os que hiaõ passando, propunha este monstro huns enigmas, e nos que os naõ podiaõ soltar, saltava, e os devorava; o que dava grande trabalho aos moradores de Thebas; mas desta cruel sogeiçaõ Oedipo os livrou, porque obrigou o monstro a que se matasse a si proprio depois de explicar o enigma, que lhe foy proposto, a saber, qual era o animal, que pela manhãa andava com quatro pés, crescendo o dia com dous, e pela tarde com tres. Respondeo Oedipo, que este animal era o homem, porque na sua infancia andava com pés, e mãos engatinhando, na sua adolescencia, e idade varonil com dous, e na idade decrepita sustentava com hum bordaõ a fraqueza dos pés na velhice. Em premio deste beneficio, que fez à Cidade de Thebas, deraõ a Oedipo por mulher a Jocasta, que (sem ninguem o saber) era sua mãy; e assim Laio, Rey de Thebas, e Jocasta sua mulher, querendo evitar a fatalidade da prediçaõ, que seu filho mataria a seu pay, e casaria com sua mãy, foraõ instrumentos, e ministros do comprimento do Oraculo; porque Oedipo matou a Laio seu pay, sem o conhecer, e casou com sua mãy Jocasta, viuva de Laio, que Creon havia promettido a quem explicasse o enigma, do qual temos feito mençaõ.

JOG

Jogo de livros. He hum certo numero de volumes das obras de hum, ou de muitos Escritores. Neste sentido se diz: Ha hum jogo de Poetas Gregos, ha hum jogo de Poetas Latinos. Ha hum jogo de todas as obras deste Author. *Hujus Auctoris opera omnia in unum corpus redacta sunt.* Vid. no 2. tom. do Vocabulario, Corpo do Direito Civil, ou Canonico.

Jogo de coche, berlina, paquabote, forlaõ, &c. Saõ as rodas com seus ferros, o leito, taboas, e paros, a viga, ou varaes em que assenta a caixa, e tudo o mais, que naõ he eixo. Tambem os carros tem seu jogo.

Da carroça dos Reys de coral lizo
Bem chapeado de ouro he todo o jogo.
Os assentos das columnas tecto, e frizo,
Pareciaõ arder em roxo fogo,
Porque tudo rubins eraõ ardentes
Engastados com traças excellentes.

Faria, Aganipe, tom. 4. Eglog. 6. 85. vers.

Jogos no plural, em Latim *Ludi*, eraõ humas espectaculos, e representaçoens publicas, que antigamente faziaõ, como os Jogos Olympicos, e Pythicos dos Gregos, e os Jogos do Circo dos Romanos. Entre os quatro jogos celebres da Grecia, observa Ausonio, que dous delles eraõ dedicados aos Deoses, e outros dous aos Heroes. Segundo a divisaõ dos antigos Authores, havia tres castas de jogos; chamavaõlhe Cursos, ou carreiras, combates, e espectaculos. Os primeiros eraõ chamados *Ludi equestres, sive Curules*, eraõ humas carreiras, que se davaõ no Circo, e eraõ dedicados ao Sol, e a Neptuno. Os segundos se chamavaõ *Agonales*, ou *Gymnici*, e eraõ os combates, e as lutas, assim de homens, como de animaes, que se faziaõ no Amphiteatro, dedicados a Marte, e a Diana. Os terceiros se chamavaõ *Scenici*, *Poetici*, e *Musici*; e eraõ tragedias, comedias, e bailes, que se representavaõ nos theatros, e eraõ dedicados a Venus, a Bacco, a Apollo, e a Minerva. O Emperador Constantino, depois de bautizado, prohibio os jogos sanguinolentos do Amphiteatro.

Jogos pueris. Vid. tom. 4. do Vocabulario.

Outros jogos pueris. Anel. Bilharda.

da. Cornetela, ou Corneta. Covinha, Eu te rogo Barqueiro. Minha ponte derriada. Paos mandados. Passarinho á orelha. Petisca. Saca la mano. Talinhas.

Jonno. Termo da India Portugueza. Ha duas castas de Jonnos; Jonnos pessoaes, e Jonnos fateosins. *Jonnos pessoaes*, saõ as pessoas, e numero certo, que se faz assim dos Gancares, como dos Culacharins, tendo a idade, que se tem determinado em cada Aldea, e nelle se reparte a quantia, que fica della, pagos os fóros, e contribuiçoens, e morrendo algum, se extingue, e da mesma sorte havendo mais, se accresce o numero, que se liquida na repartiçaõ. *Jonnos fateosins*, saõ os que antigamente se deraõ a certas pessoas com alguma obrigaçaõ de serviço, ou pelo beneficio recebido entraõ a ganhos, e perdas; mas saõ perpetuos, e ainda que accresçaõ os filhos desta familia, se lhe naõ accrescem os Jonnos, e pelo conseguinte se naõ extinguem com a morte, e se póde vender, e herdarem as filhas, e outras pessoas estranhas.

Jorne. No Thesouro da lingua Portugueza acho esta palavra, que parece synonymo de *Coroça*; pois o Padre Bento Pereira lhe chama em Latim *Vestis imbricata*, que val o mesmo, que *Capote feito a modo de telhado*, porque no Minho com juncos amassados, e atados com cordeis fazem os Rusticos este genero de defensivo da chuva. Vid. tom. 2. do Vocabular. Vid. Coroça.

Jorra de Ferreiro. He a escoria do ferro, que fica na forja, e os Ferreiros lançaõ fóra. *Ferri recrementum*, ou *retrimentum*, i, *Neut*.

JOV

Jove. Jupiter. Antigamente se tem dito em Latim *Jovis* no nominativo, por *Jupiter*. Temos hum exemplo no Poeta Ennio, *Annali primo*, onde diz:

Juno, Vesta, Minerva, Ceres, Diana, Venus, Mars,
Mercurius, Jovis, Neptunus, Vulcanus, Apollo.

Depois se disse *Jupiter*, como quem dissera, *Jovis pater*, o pay Jove, e assim com mais conformidade ao nome antigo, os nossos Poetas dizem *Jove* em lugar de *Jupiter*.

Quando no Flegréo campo o soberano
Jove, os ferio com rayos de Vulcano.

Ulyssea de Gabriel Pereir. Canto 4. Oit. 63.

Jovenca. He tomado do Latim *Juvenca*, æ, *Fem*. Moça.

Prendo a Jovenca louçam
Por mais, que ella escabujou.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Cansonha de Euterp. pag. 73. col. 2.

Jouver. Palavra antiquada. Vid. Estar. (Eu *Jouve* aqui encerrado. Lopes, Vida del Rey D. Joaõ I. part. 2. cap. 153.)

IPE

Ipecacuanha. Planta da America. Vid. Cipó, no seu lugar Alfabetico.

IPH

Iphigenia. Ficando a Armada dos Gregos em *Aulis*, por causa dos ventos, o adevinho Calchas declarou, que embargaria Diana os ventos favoraveis, até que lhe sacrificassem Iphigenia, filha de Agamemnon. Obedeceo este Rey, e mandou buscar Iphigenia, com pretexto de a casar com Achilles. Trouxe Clitemnestra sua filha Ifigenia, e sabedora do verdadeiro intento de Agamemnon, se oppoz vigorosamente com Achilles, que naõ quiz sofrer, que servisse o seu nome de capa a huma injuria. Finalmente terminou Iphigenia a contenda com o desejo, que manifestou de ser immolada para o bem da Grecia. Como a levavaõ ao lugar do sacrificio, em seu lugar substituhio Diana huma corsa, e a levou a Tauros, onde ella foy feita sacrificadora, e era a que sacrificava a Diana todos os estrangeiros, que aportavaõ á dita Cidade.

Notavel he o artificio, e confiança dos Poetas em disfarçar com mascaras da

da Fabula a verdade da Historia. O sacrificio, que fez Agamemnon de sua filha Iphigenia, tanta semelhança tem com o da filha de Jephte, que logo se conhece, que aquelle foy arremedo, e copia deste. Até o nome de *Iphigenia*, sem certo modo nos insinua, que he o mesmo, que o da filha de Jephte, como se fora *Jephtigenia*. O modo com que faz Cicero menção do voto de Agamemnon, e do sacrificio de Iphigenia, muito mais se conforma com a Historia de Jephte, do que a maneira com que ordinariamente se conta; porque diz, que o dito Agamemnon fez inconsideradamente o voto de sacrificar a Diana a cousa mais fermosa, que naquelle anno nascesse no Mundo, o que o obrigou a sacrificar sua filha.

IRE

IRENARCHA. He palavra Grega, composta de *Eirini*, Paz; e *Archos*, Principe; val o mesmo, que *Principe da Paz*. He hum dos Elogios, que Isaias deu em profecia a Jesu Christo, porque com seu Eterno Pay reconciliou o genero humano: *Vocabitur nomen ejus Consiliarius*, &c. *Pater futuri sæculi*, *Princeps pacis*, *cap. 9. 6.* Escreve Miguel Syncello, que *Irenarcha*, foy nome de hum officio militar, que consistia em procurar, e conservar a paz nas Provincias, e emendar os maos costumes, como se vê no livro *7. do Codex Theodosiano*. Porém por usarem mal da sua authoridade, e antes perturbarem, que pacificarem a Republica, os Emperadores Theodosio, e Honorio os extinguirão; mas o Emperador Justiniano os restituhio. Vid. *Lexic. Juridic. Calvini.*

IRI

IRIS. Vid. no tom. 4. do Vocabulario. Além da etymologia do verbo Grego *Eirin*, Annunciar, porque o Iris annuncia melhor tempo, temos outras origens da dita palavra. Segundo o que diz Vossio, poderia *Iris* derivarse do Hebraico *Ir*, ou *Hir*, que quer dizer *Anjo*, ou *Mensageiro*, e na Escritura se dà aos Anjos este nome, por causa da sua vigilancia; porque propriamente fallando, esta palavra *Hir*, quer dizer *Vigiador*. A imitação de Hesiodo derivou Servio a dicção *Iris*, do Grego *Eris*, Contenda, ou peleja, dizendo, que suas mensagens tendião à discordia; a isto accrescenta o dito Poeta Hesiodo, que chegando algum dos Deoses a mentir, manda Jupiter o Iris, que và buscar agoa do rio Styx em hum vaso de ouro, pelo qual deve o mentiroso julgar; e jurando falso, fica sem vida, e sem movimento o espaço de hum anno; mas anno taõ grande, que contém milhares de annos. E assim a mensagem de Iris suppoem na realidade alguma discordia, mas he para a aplacar. Parece quer Estaço dar outra razaõ, para ser Iris a mensageira dos Deoses, a saber, a sua situaçaõ, porque o Iris, ou (como lhe chama o vulgo, o Arco da velha) une em certo modo a terra com o Ceo. Tambem observa Servio, que sempre as mensagens de Mercurio tendem à paz, e concordia; e os de Iris à guerra, e discordia; donde (como já temos dito) se deriva o seu nome. Mas (como advertio o dito Grammatico) o officio do Iris he naõ suscitar discordias, pois sua primeira instituiçaõ foy annunciar a reconciliaçaõ de Deos com os homens. He verdade, que poderá ser, que este arco celeste se deixasse ver dos homens antes do diluvio, porém por todo aquelle tempo naõ appareceo, porque entaõ estava todo o Ceo nublado, e naõ só faltavaõ luzes do Sol para pintar seu bello matiz, mas nem havia pano de nuvem capaz, para representar o reflexo dos rayos Solares. E assim foy o Iris indicio, e final proprio para significar, que dalli por diante naõ haveria mais diluvio no Mundo. Os Poetas Latinos chamaõ o Iris *Nuncia Junonis*. *Thaumantia Proles*. *Roseo Thaumantias ore*. *Picto spectabilis arcu*. *Varios induta colores*. *Mille ferens variatâ luce colores*. *Variis distincta coloribus Iris*. *Cincta nimbis*. *Nubibus*

bibus succincta: Variis coloribus aera pingens. Vario cinctu nubila circundans.

IRR

Irra. Expressaõ do vulgo, com que manifesta a aversaõ, que tem a alguma cousa. Parece derivada do Latim *Irritare*, porque ha objectos, que em se fallando nelles, e pessoas, cuja vista, e presença em certo modo *irrita* a gente, e faz pronunciar os dous *RR* de *Irra*, quasi com aborrecimento, e colera, como o caõ, do qual, quando se assanha range os dentes, fizeraõ na baixa Latinidade o verbo *Irrire*. *Irre* (diz Turnebo) *proprie de canibus dicitur, dum ringuntur, & irritantur*. Vid. Irra, tom. 4. do Vocabulario.

Irrecompensavel. Cousa, que naõ póde ser compensada. *Res, quæ aliâ re compensari non potest*. (He perda irrecompensavel. Eva, e Ave, part. 1. cap. 21. fol. 102. no fim.)

Irreduzivel. Vid. tom. 4. do Vocabulario. (Em materias de entendimento todos querem parecer Anjos em serem Irreduziveis. Crisol Purificat. fol. 108. col. 2.)

Irremeavel. He tomado do Latim *Irremeabilis*, cousa de donde naõ ha regresso, de donde se naõ póde tornar.

Da força Eolia auxilio favoravel
Passais do Irremeavel
Imperio Neptunino
Liquido, lhano, raro, cristalino.

Man. Tavares, Ramalhete Juvenil, fol. 71. e 205.

Irrisôr. Zombador. Escarnecedor. No 4 volume do Vocabul. achará o leitor *Irrisaõ* com exemplo de Author Portuguez. *Irrisor, oris, Masc. Cic.*

ISA

Isabel. He vocabulo Francez, hoje em cor de cavallo, usado em Portugal. He huma cor media entre branco, amarello, e cor de carne. Os Authores Francezes lhe chamaõ em Latim, *Color melinus subalbidus, color gilvus, color ex albo rutilans.*

ISI

Isis. Do que muitos Authores escreveraõ, consta, que o que os Gregos chamaraõ Io, os Egypcios Isis, e os Romanos Cybele; a saber, a Terra, ou a Natureza, he o mesmo. Os Egypcios casaraõ Isis com Osiris, que he o Sol, para a fazer fecunda, e mãy de todas as producções, que no seu seyo se fazem. Abona Plutarco esta opiniaõ, e Apuleyo faz fallar a Isis nesta fórma, *Rerum natura, parens sum omnium elementorum.* Tambem diz Macrobio, que Osiris naõ he outra cousa mais, que o Sol, e Isis a terra, e a natureza. Nos retratos, medalhas, e figuras, que nos ficaraõ dos Antigos, se vê claramente, que para os Romanos era Cybele o mesmo, que Isis para os Egypcios. Tinha Cybele huma torre na cabeça, e era acompanhada de leoens, com huma especie de adufe, ou pandeiro nas mãos, e huma letra, que dizia *Magna mater*, que he a natureza. Tambem tinha na cabeça huma torre, como se vê em muitas suas figuras, e particularmente na que foy achada em Roma no Pontificado de Leaõ X. Tambem lhe faziaõ leoens companhia, como o manifesta a celebre taboa do Cardeal Bembo, que o Padre Athanasio Kircker fez abrir. Na maõ tem esta mesma Cybele hum sistro, pandeiro dos Egypcios, ou instrumento sonoro, a que alguns Authores chamaõ *Cornu recurvum*, ou *Crepitaculum æneum*, *quo Ægyptii Sacerdotes in Isis sacris uti solent.* Finalmente com estes adornos representada, he chamada *Terra*, e *a mesma Natureza.* Por isso em muitas pinturas se vê effigiada com muitas mamas.

Escreve Apuleyo, que em toda a parte era esta Deidade venerada, mas com nomes, e retratos diversos, pois elle mesmo lhe chama Diana, Ceres, Venus, e Proserpina. E he para notar, que Isis era Rainha do Egypto, onde com seu marido

ço Osiris reynava no tempo dos primeiros Israelitas, pois diz Tacito, que no reynado de Isis, o grande numero de Judeos notavelmente accrescentado, capitaneado por Juda, inundou as terras visinhas.

Como Isis era mulher de grande espirito, e amiga de arduas emprezas, mandou construir hum navio, e com elle foy navegando para terras remotas, e barbaras, como antigamente eraõ as Gallias, e Alemanha, onde (segundo affirma Tacito) achando Povos incultos, e rudes, lhes ensinara a cultivar a terra, e semear trigo para sustento, beneficios, com que ella se fez taõ amada, e estimada, que se persuadiraõ, que ella era a propria Deosa da terra.

Neste mesmo lugar diz Tacito, que Alemaens da Suabia a adoravaõ debaixo da figura de hum navio, por ventura para lembrança do navio, que a trouxera às suas terras, para ensinarlhes cousas taõ precisas para a vida.

Dos Sacerdotes da Deosa Isis, diz Plutarco, que observavaõ castidade, andavaõ com cabeça rapada, pés descalços, e vestidos de pano de linho, que he a razaõ porque Juvenal lhes chama *Linigeri.*

Nunc Dea linigerâ colitur celeberrima turbâ
Qui grege linigero circundatus, & grege calvo.

Teve Isis varios Templos em Roma; hum delles, e outro dedicado a Serapis (segundo affirma Lampridio) foraõ ornados pelo Emperador Alexandre Severo, e affirma Josepho, que o Emperador Tiberio mandara arrazar o Templo desta Deosa, lançar no rio Tibre a sua estatua, e enforcar os seus Sacerdotes, por haverem sido terceiros dos amores de hum Cavalheiro moço, com huma Dama chamada Paulina.

O Emperador Commodo favoreceo muito as festas, e sacrificios da Deosa Isis, como o refere Lampridio na sua vida. *Sacra Isis coluit, ut & caput raderet & Anubin portaret*; mas esta apparente veneraçaõ tinha por fundamento as dissoluçoens, e deshonestidades, que se faziaõ nas ditas festas, e sacrificios.

Aqui tem o Leitor hum Elogio de Isis, allegado por Diodoro na fórma, em que se acha aberto em huma columna.

Eu sou Isis, Rainha do Egypto, doutrinada por Mercurio. Ninguem poderá annullar os meus estatutos. Sou a esposa de Osiris. Sou a inventora do trigo. Sou a mãy del Rey Horo. Resplandeço na Estrella da Canicula. Por mim foy edificada a Cidade de Bubastia. Alegrate logo Egypto, alegrate. Tu criasteme. Tu me alimentaste.

Criaõ os Egypcios, que as inundaçoens do Nilo procediaõ das lagrimas, que Isis vertia pela morte de seu marido Osiris.

Ainda fica em pé huma estatua de Isis, vestida como Dama Romana, com hum crescente no alto da cabeça, a maõ direita virada para o Ceo, e a esquerda para a terra. Tambem persevera huma medalha do Emperador Commodo, em que se vê Isis toucada do seu crescente, com huma esfera na maõ direita, e na esquerda hum vaso cheyo de fruta. A esfera denota a Astrologia, em que foraõ insignes os Egypcios; e nos frutos se significa a fertilidade do Egypto.

Tambem para os Egypcios era Isis o mesmo que Ceres; e o affirma Herodoto, onde diz *Ægypciâ linguâ Isis & Ceres*, e Santo Agostinho o confirma com as palavras, que se seguem: *Isis invenit hordei segetem, atque inde spicas marito Regi, & ejus consiliario Mercurio demonstravit, unde eandem & Cererem volunt.*

ISITES. He o nome de huma Seita de Turcos. Tomaraõ este nome do seu primeiro Doutor, chamado *Isa-Merdad*, que ensinou, e pertendeo provar, que o Alcoraõ de Mafoma fora creado, o que entre os Turcos se julga notavel impiedade. Quando a estes *Isites* se lhe repete o anathema de seu fallo Profeta, *Seja tido por infiel aquelle, que disser, que o Alcoraõ foy creado*, respondem, que naquelle lugar falla Mafoma no original, e

naõ na copia; e juntamente dizem, que verdadeiramente está no Ceo este original, e que o mesmo Deos o tem escrito, mas que o Alcoraõ de Mafoma he só o traslado do dito original, que foy feito temporalmente. *Ricaut, Historia do Imperio Ottomano.*

IST

ISTHMIO. Jogos Isthmios, ós que de tres em tres annos se celebravaõ na Grecia, em honra de Melicerio, que (segundo a Fabula) foy mudado em Deos marinho, depois de se lançar no mar. Chamaraõlhe Isthmios do Isthmo de Corintho, onde se celebravaõ. Parece quer Plutarco differençar estes jogos, dedicados a esta Deidade, dos Isthmios, porque diz, que estes ultimos foraõ instituidos por Theseo em honra de Neptuno. Seja o que for, o certo he, que os de que se faz aqui mençaõ, se celebravaõ com grande aparato, e eraõ huma das quatro grandes solemnidades, e concursos da Grecia, nos quaes davaõ os Heroes provas do seu valor, e destreza. O premio da vitoria era huma corea de pinheiro, ou de murta. Pelo tempo adiante se deu dinheiro ao vencedor, por mandado de Solon, que acrescentou o valor do premio, e o taxou em cem drachmas. *Paschal, Chron. livro 6. cap. 21. Scholiastes de Pindaro ad Isthmionica.*

ISTO. Pronome demonstrativo, e indeclinavel, que se diz da cousa, que se mostra, ou se offerece. *Id, ejus. Illud, illius. Hoc, hujus, Neut. Cic.* Bom he advertir, que os Authores antigos raras vezes usaõ destes tres pronomes neutros neste sentido, nem no genitivo, nem no dativo singular, v. g. se se houver de dizer, *Lembreime disto,* antes diraõ, *Ejus rei, illius rei memini,* do que *Ejus,* ou *Illius,* ou *Istius,* ou *Hujus.* Deraõ-me a incumbencia disto. *Hujus rei mihi cura delegata est;* e naõ *Hujus,* ou *Ejus,* ou outro. Naõ ha cousa como isto. *Nihil huic rei simile est.* Para remediarmos a isto. *Ut huic rei medeamur.* No ablativo naõ corre a mesma razaõ, porque dizem, e dizem muito bem, *Qui hoc,* ou *Eo melius?* Que cousa ha melhor, que isto? Poderey passar sem isto. *Hoc,* ou *Eo facilè carebo;* tambem poderás dizer, *Eâ re.*

Adagios Portuguezes do Isto.

Isto saõ cocos de menino. Isto he escopeta de Ambrosio. Isto sabem-no caens, e gatos. Isto tem dente de coelho. Isto vos ha de dar na cabeça. Isto demanda mais agoa. Isto he fallar Portuguez, *id est,* claro. Isto he muito tresler. Isto está ainda muito verde. Isto quer Martinho, sopas de vinho. Isto me dá Barbeiro; que o direito, tudo he cortar. Direy isto em duas palavras. Com isto me embalaraõ.

ITO

ITO. Segundo Diogo do Couto, Decada 8. fol. 98. *Ito,* he o verdadeiro nome da Ilha de Amboino. Neste mesmo lugar achará o Leitor huma curiosa, e ampla descripçaõ desta fermosa Ilha. Vid. Amboino, tom. 1. do Vocabulario. Itos tambem se chamaõ os Povos da dita Ilha Ito, ou Amboino.

ITY

ITYS. Filho de Tereo, Rey da Tracia, e Daulida, e de Progne, filha de Pandion, Rey de Athenas. Sua mãy Progne o matou, e em hum prato o deu de comer a seu pay Tereo, por ter forçado Philomela. Crueldade, que Tereo conheceo pela cabeça do filho, e para a castigar, foy perseguindo com a espada a Progne, e a Philomela, mas aquella se converteo em andorinha, esta em rouxinhol, ou Phiomela, e Itys em phaisaõ. *Itys, ys,* ou *yos.* Na sexta parte da sua Altaneria, cap. 21. pag. 117. 128. traz Diogo Ferreira muitas outras circunstancias desta Fabula; entre outras diz, que a ave em que Itys fora mudado, foy ayvaõ, porque no seu canto parece, que grita como menino; e que Tereo se mudara em poupa, cujo topete significa a

ſua coroa, e a fermoſura da plumagem a veſtidura Real. Segundo o dito Author, ordenou o Poeta eſta Fabula, por ver, que o rouxinol quaſi naõ tem lingua, e a andorinha ſer veſtida de preto, e no preto ter humas nodoas vermelhas, e ter o canto triſte, como que conta a hiſtoria da maldade do marido, e as pennas roxas como ſangue da crueldade, que teve de matar o filho em vingança da irmãa, &c. Vid. Philomela, e Progne, tom. 6. do Vocabulario. Vid. Tereo neſte Supplemento. Na Traducçaõ das Ecclogas de Virgilio, fol. 26. verſo. Leonel da Coſta deſcreve eſta Fabula amplamente, e diz, que Itys fora convertido em faiſaõ. A outros ouvi dizer, que fora convertido em piſco.

JUG

Jugar. Vid tom. 4. do Vocabulario. Joga a arrelharia. *Tormenta bellica, in hoſtem explodimtur, contorquentur, emittuntur.*

Porém ſe em deſcuberto eſtá Jugando
E livremente as balas deſempena
Entaõ fica os contrarios deſtroçando.

André da Sylv. Maſc. Deſtruiç. de Heſpanha, liv. 3. Oit. 82. Falla o Poeta em artelharia.

JUI

Juiz do Barrete. Vid. Barrete, no Vocabul.

Juiz Ordinario nas Villas, he quando naõ ha Juiz de fóra.

Juiz de Fóra. Vid. tom. 4. do Vocabul.

Juizes de Fora. Saõ Miniſtros, que ElRey poem nas Villas mayores, e de muito Povo, para bom expediente da Juſtiça. O nome de fóra paſſa já em titulo, dado que nos principios foy ſó para ſe differençarem dos Juizes Ordinarios das Villas pequenas, e de menos calidade, nas quaes ſaõ eleitos do corpo do Povo, e pelo meſmo Povo. Eſtes ſaõ Idiotas, e annuaes, ſervem ſem eſtipendio preſente, e ſem eſperança de premio futuro. Vivem livres da ſogeiçaõ de reſidencia particular, mas naõ de caſtigo, ſe ſaõ comprehendidos em culpa. Os de Fóra ſaõ Letrados, o ſerviço he triennal, levaõ ſalario da fazenda Real, e vaõ ſobindo a cargos mayores, ſegundo a calidade do ſerviço, e a conta, que daõ, he em reſidencia eſtreita, que ſe lhe toma por Miniſtros ſuperiores; e acontece chegarem por ſeus degraos, e merecimentos aos mayores officios, que no Reyno eſtaõ deputados para eſte genero de letras.

JUL

Juliana. Peixe, do qual diz o Author do Eſplendido Banquete, num. 85.

A Juliana
He dos Peſcados cigana,
Diz, que he peſcada, e engana.

JUM

Jumala. Idolo, e falſo Deos dos antigos Povos da Finnonia, e da Laponia, era venerado com figura de homem, ſentado em huma eſpecie de Altar, com huma coroa guarnecida de doze pedras precioſas na cabeça, e hum collar de ouro de grande pezo. Dizem outros, que em vez de collar, tinha ao redor do peſcoço huma fita, da qual pendia huma eſpecie de medalha de ouro, aberta ao buril, e cuberta de pedras finas. Davaõ os Lapoens a eſte Deos huma authoridade ſuperior a todos os pequenos Deoſes, com imperio abſoluto nos elementos, na vida, e na morte. Sobre os joelhos tinha huma grande taça de ouro, chea de moedas deſte metal. Ficava o ſeu Templo no meyo de huma grande mata, cercada de hum tapume muito denſo, com huma ſó porta, por onde entravaõ os que lhe hiaõ offerecer ſuas adoraçoens. *Schefer, Hiſtoria da Laponia.*

Jumento. Vid. tom. 4. do Vocabulario. Segundo Santo Agoſtinho, *Jumento*, ſe deriva do Latim *Adjumentum*, porque he animal, que em muitas couſas

ſas ajuda o homem. *Diverſa animalia ad uſus hominum, dicuntur jumenta, quaſi adjumenta. Serm. 4. in verb. Domini.*

JUN

Juncar. Vid. no tom. 4. do Vocabulario. Derivaſe *Juncar* do Francez *Joncher*, que he eſpadanar, e eſta ſe deriva do Latim *Juncus*, que he *Junco*, ou *Junça*, com que em certos dias ſolemnes ſe juncavaõ, ou eſpadanavaõ com juncos as ruas, ou ſalas das peſſoas de calidade. Deſte coſtume ſe faz mençaõ no Cartulario do Abbade de Vandoma, *Domus erat recenter juncata, ſicut ſolemus facere, quando aliquem perſonæ potentis, vel Dominum ſuſcipimus, vel amicum.*

Juncar. Tambem ſe toma por cobrir, ou alaſtrar (A noſſa artelharia juncava a terra com os corpos delles. Barros, Decada 1. fol. 197. col. 4.)

Jungir. He tomado do Latim *Jungere*, Ajuntar.

Junge a quadriga tua, e ſabe do Gange
O Phebo.

Man. de Far. e Souſ. Font. de Aganipe, Cant. 6. Sonet. 29.

Junhaõ. Cidade, e Provincia da China, ao Poente do dito Imperio, e para o Reyno de Tunquin. No termo deſta Cidade ha muito mato, onde ſe apanhaõ os animaes, que daõ almiſcar. Os Chinas chamaõ a eſte animal *Xechiam*, iſto he, o *Animal do almiſcar*; ou *Ye-Hiam*, que quer dizer *Veado defenſor*. E na realidade (ſegundo dizem) tem alguma ſemelhança com veado; mas naõ tem cornadura, o pello he algum tanto mais negro, e a cabeça he quaſi ſemelhante à do lobo. Tem dous dentes encurvados, como os de javalí, que lhe ſahem da parte ſuperior da boca; e junto do embigo tem hum tumor a modo de bolça, cercado de huma ſeda macia, e chea de hum ſangue, ou humor cheiroſo, e congelado, que lançada ſobre brazas, e queimada, ſe exhala hum fumo, que parece de incenſo. Vid. Almiſcar, no Vocabul.

Juno. Filha de Saturno, e de Rhea, e irmãa de Jupiter. Dizem, que naſcera em Argos, Cidade da Grecia, donde teve dos Poetas o cognome de *Argiva Juno.* Daõlhe outros a Cidade de Samos por Patria, e por iſſo lhe chamaraõ *Samia.* Caſou Juno com ſeu irmaõ Jupiter, que (ſegundo a Fabula) transfigurado em cuco, ſe abraçou com ella, e tornando a tomar figura humana, a logrou com condiçaõ de ſer ſeu eſpoſo, o que elle executou. Naõ convem entre ſi os Poetas ſobre o numero de filhos, que pario de Jupiter, nem ſe conformaõ no modo com que ella os concebeo. Quer Pauſanias, que de Juno naſceſſem Marte, Ilithya, e Hebe. Em hum dos ſeus Dialogos affirma Luciano, que ſem cohabitar com ſeu marido, parira a Vulcano, e que ficara pejada de Hebe, por ter comido muita alface.

Eſcreve Dionyſio Halicarnaſſeo, que ElRey Tullo mandara, que para todo o menino recemnaſcido ſe levaſſe ao Templo de Juno em Roma huma certa moeda, como ſe coſtumava no Templo de Venus Libitina para os defuntos, e outra no Templo da mocidade para os que tomavaõ a toga viril. Por eſte modo havia huma liſta, ou catalogo exactiſſimo de todos os que em Roma naſciaõ, ou morriaõ, ou eſtavaõ em idade de trazer armas. Ora eſta Juno, da qual diziaõ, que preſidia no naſcimento dos homens, dos Romanos era chamada *Lucina*, e dos Gregos *Ilithya.*

Porém ha Authores, que querem, que Lucina ſeja, ou Diana, ou outra Deoſa differente de Juno; mas muitas vezes confundem os Gentios as Deoſas com Juno, como ſe póde ver em Luciano na Deoſa da Syria. E na realidade, aſſim como houve quem reduzio todos os Deoſes a Jupiter, aſſim os que no lugar de Luciano, (do qual acabamos de fazer mençaõ) fizeraõ a imagem de Juno, quizeraõ incorporar em Juno todas as Deoſas. Diz Lactancio, que Cicero deriva o nome *Juno*, como tambem o nome *Jupiter*, *à Juvando*, iſto he, da ajuda,

e ſoc-

e loccorro, que destes Numes (segundo a superstição Gentilica) os homens recebiaõ. Presidia Junò nas vodas, e nos partos; para o bom successo delles, as mulheres a invocavaõ, como o dá Terencio a entender na pessoa de Glyceria, estando com as dores do parto, *Juno Lucina fer opem.*

Nas suas obras deraõ os Poetas a Juno muitos epithetos, chamaraõlhe *Lucina*, *Opigena*, *Juga*, *Domiduca*, *Cinxia*, *Unxia*, *Fluonia*.

Lucina Juno. Foy Juno chamada assim, porque ajudava as mulheres a fazer sahir seus filhos á luz do Mundo.

Opigena, e *Obstetrix*, porque assistindo nos partos, aliviava as dores das paridas.

Juga Juno, porque dominava no jugo matrimonial, e fomentava a uniaõ do marido com a mulher; com este titulo teve Juno hum Altar em huma das ruas de Roma, que por isso foy chamada *Vicus Jugarius*, a rua dos Jugos.

Domiduca, porque conduzia a noiva para a casa do noivo.

Unxia, porque a noiva entrada na casa do noivo, ungia as ombreiras da porta do marido.

Cinxia, porque ajudava o marido a soltar o cingulo, ou cingidouro da esposa.

Fluonia, porque vedava o sangue das paridas nos partos.

Muitos outros nomes lhes deraõ os Romanos; chamaraõlhe *Juno Caprotina*, *Moneta*, *Sospita*, *Regina*, e *Calendaris*.

Juno Caprotina, porque (segundo Plutarco na vida de Romulo) depois da expugnaçaõ de Roma pelos Gallos, os Sabinos, e outros Povos de Italia, vendo as forças dos Romanos debilitadas, quizeraõ valerse da occasiaõ para os destruir de todo. Para este effeito ajuntaraõ hum grande Exercito, e lhes declararaõ guerra, no caso que lhes naõ mandassem suas filhas, para se recrear com ellas. Certa escrava, chamada Philotis, vendo a irresoluçaõ de seus senhores, se offereceo com outras suas companheiras, para os livrar de taõ sensivel injuria, e ficou com elles, que estando o inimigo cozendo o vinho, e incapaz de se defender, faria aviso; como ella fez, subida em huma figueira brava, da qual deu final ao Exercito Romano, que cahindo improvisamente sobre o inimigo, facilmente o destruhio. Em memoria desta victoria instituiraõ os Romanos huma solemnidade annual, dedicada a *Juno Caprotina*, ou da figueira brava, chamada em Latim *Caprificus.* Nesta festa sahiaõ as escravas em trages de senhoras, e com notaveis festejos se recreavaõ.

Juno Moneta, he outro epitheto, derivado *A monendo*, e que foy dado a Juno, porque *Monere*, quer dizer *Avisar*; e quando os Gallos tomaraõ Roma, advertio aos Romanos, que lhe sacrificassem huma porca prenhe, ou porque no tempo da guerra dos Romanos contra Pirrho, tinhaõ recorrido á Juno na extrema necessidade de dinheiro, em que se viraõ. Lançado pois fóra de Italia Pirrho, lhe edificaraõ hum Templo com esta inscripçaõ *Junoni monetæ*, onde se guardava o dinheiro amoedado.

Juno Regina. Depois da tomada de *Veyos*, Cidade de Hetruria, onde tinha Juno hum Templo magnifico, mandou Camillo construir outro no monte Aventino, perguntandolhe primeiro, se ella se dignaria de vir á Roma, para ser adorada, e com o final, que fez dandolhe ella a entender, que sim.

Juno Calendaris; porque os primeiros dias de cada mez, chamados *Calendæ*, eraõ dedicados a Juno. Ordinariamente lhe sacrificavaõ huma vaca branca, ou huma cabra, donde lhe veyo o cognome *Ægophagos*, que quer dizer *Comedora de cabras.*

Os Assyrios, e os Africanos chamaraõ ao ar, *Juno*; á sua imitaçaõ os Gregos, e os Romanos fizeraõ o mesmo; e assim he opiniaõ de alguns, que o nome Grego de Juno *Ira* naõ he outra cousa, que huma transposiçaõ das letras de *Air.* Explica Cicero a Fabula de Juno com a nature-

za do ar. *Aer*, *ut Stoici disputant*, *interjectus inter mare, & Cœlum*, *Junonis nomine consecratur*, *quæ est soror, & Jovis conjux*, *quod ei similitudo est Ætheris, & cum eo summa conjunctio.* Esta he a razaõ do parentesco, e casamento de Jupiter com Juno, *id est*, do Ceo com o ar. Isto mesmo significa a Fabula de Homero, onde diz, que Jupiter suspendera a Juno em huma cadea com duas bigornas pendentes de seus pés, porque naõ he isto outra cousa, que a dependencia, que o ar tem do Ceo, e a que a terra, e o mar tem do ar. Finalmente se os Poetas Gregos deraõ a Juno o titulo de *Atra*, *Albis ignis*, he em razaõ da transparencia do ar. Os Poetas Latinos chamaõ a Juno, *Deûm Regina*. *Germana Tonantis*. *Jovis & Soror & conjux*. *Saturni Regia Proles*. *Magni consors Jovis*. *Syderei Regina Poli*. *Cui vincla jugalia curæ*. *Tori Præses*. *Sacris præfecta maritis*.

JUNONAES. Festas, que em Latim se chamavaõ *Junonalia*, e antigamente em Roma Gentilica se celebravaõ em honra de Juno. No livro 7. da 3. Decáda faz Tito Livio mençaõ desta solemnidade, instituida na occasiaõ de certos prodigios, que succederaõ em Italia. Para a celebrar mandaraõ os Pontifices, que vinte e sete moças, divididas em tres turmas, fossem cantando hum Cantico, composto pelo Poeta Livio. Mas succedeo, que no tempo, que o estavaõ tomando de cor no Templo de *Jupiter Stator*, no monte Aventino, cahio hum rayo no Templo de *Juno Rainha*. Consultados sobre este caso os adevinhos, responderaõ, que este acontecimento era para as Damas Romanas, e que para aplacarem a Deosa, convinha, que lhe fizessem alguns donativos, e sacrificios. Com este intento fizeraõ huma collecta de dinheiro, com o qual compraraõ huma palangana de ouro, e a foraõ offerecer à Deosa no monte Aventino.

Depois disto determinaraõ os Decemviros o dia, em que se faria hum solemne sacrificio com a ordem, que se segue.

Do Templo de Apollo fizeraõ entrar em Roma pela porta Carmental duas vacas brancas; levavaõ huns homens duas figuras de Juno Rainha, feitas de pao de cipreste; apoz elles hiaõ andando vinte e sete moças com vestes roçagantes, que cantavaõ hum hymno em honra da Deosa. Seguiaõse os Decemviros coroados de loureiro, e com ropa bordada de purpura. Pela rua dos Jugos passou este pomposo acompanhamento, e foy parar na Praça mayor de Roma, onde as moças se puzeraõ a dançar ao som do hymno. Dalli continuando a marcha pela rua Toscana, e pelo Velabro, atravessando a feira dos boys, chegaraõ ao Templo de Juno, onde depois de collocada pelos Decemviros as figuras de cipreste, foraõ sacrificadas as victimas.

JUP

JUPITER. Vid. no 4. tom. do Vocabulario, pag. 227. col. 1. e 2. Teve Jupiter muitos outros epithetos. Os principaes saõ os seguintes. *Jupiter Inventor*, *Feretrius*, *Stator*, *Elicius*, *Capitolinus*, *Latialis*, *Sponsor*, *Pistor*, *Victor*, *Imperator*, *Tonans*, *Ultor*, *Ammon*, ou *Hammon*, *Olympius*, ou *Eleus*, *Anxurus*, *&c.*

Jupiter Inventor. Deulhe Hercules este nome porque lhe ensinou o modo de recobrar as vacas, que Caco lhe roubara.

Jupiter Feretrius. Deulhe Romulo este epitheto *A' ferendo*; (isto he, de trazer, ou levar) por entender, que lhe tinha Jupiter dado forças para vencer seus inimigos, e levar os despojos para o seu Templo no alto do Capitolio.

Jupiter Stator, à *Stando*, ou *Sistendo*, que he *Parar*, porque na batalha, que deu aos Sabinos, vendo que os seus soldados fraqueavaõ, e que estavaõ para dar as costas, e fugir, pedio Romulo, que lhes désse valor para peleijar a pé quedo, prometendolhe, que lhe man-

mandaria edificar outro Templo; e conseguindo o intento, comprio o voto, e lhe edificou hum Templo ao pé do monte Palatino, com o titulo *Jovi Statori.*

Jupiter Elicius, ab Eliciendo Jovem. E o caso foy; que no tempo de Numa, o monte Aventino ainda naõ estava habitado, e encerrado dentro de Roma. Só na coroa do dito monte havia huns bosques, e humas fontes, onde muitas vezes hiaõ beber *Preo*, e *Fauno*, dous Satyros, que com certos encantos curavaõ todo o genero de doenças. O que chegando aos ouvidos de Numa, quiz este Rey vellos, e aprender os seus segredos. Pelo conselho da Ninfa Egeria mandou este Rey deitar vinho na fonte, e mandou pôr huns homens à espreita, para apanhallos quando viessem beber. Naõ faltaraõ de vir, segundo o seu costume, e como o vinho os adormeceo, sem trabalho os apanharaõ, e os levaraõ a Numa, que delles aprendeo o segredo de fazer baixar Jupiter à terra, *Elicere Jovem.* No mesmo tempo fez Numa a prova com effeito, e por isso lhe fez construir hum Templo, com o titulo de *Jupiter Elicio.*

Jupiter Capitolinus, assim chamado pelo Templo, que Tarquinio o Velho lhe começou a edificar no Capitolio, na guerra contra os Sabinos, e foy acabado por Tarquinio o Soberbo.

Jupiter Latialis; porque depois da derrota de Turno, teve hum Templo no monte Albano, o qual era commum a todos os aliados, e todos os annos se fazia nelle hum sacrificio nas ferias *Latinas.*

Jupiter Sponsor, *à Spondendo*, prometter, porque presidia nas fianças, promessas, e na boa fé das pessoas. Teve hum Templo no bosque de Bellona.

Jupiter Pistor, id est, *Padeiro*, porque no cerco, que os Gallos puzeraõ ao Capitolio, inspirou Jupiter aos Romanos, que ainda que apertados da fome, fizessem paõ do trigo que lhes ficava, e o lançassem no campo do inimigo, o que fizeraõ, e os Gallos desconfiados de os poder render por fome, levantaraõ o sitio; em agradecimento desta taõ salutifera inspiraçaõ, levantaraõ hum Altar a Jupiter Padeiro.

Jupiter Victor, o primeiro Papyrio Cursor fez edificar hum Templo com este titulo, por ter vencido os Samnitas, e os Gallos.

Jupiter Imperator, cujo simulacro estava no Capitolio, e por Tito Quincio, Dictador, fora trazido da Cidade de Preneste, e que elle poz no dito lugar com huma lamina, ou taboa em que estavaõ gravadas as suas gloriosas acções.

Jupiter Tonans; epitheto, que lhe poz Augusto no Templo, que lhe construhio no Capitolio, em agradecimento de que andando huma noite contra os Biscainhos, cahira hum rayo perto da sua liteira, e matára hum dos seus domesticos, que levava huma tocha, e o verse livre de taõ grande perigo, (como adverte Suetonio) o obrigou a fazer ao Graõ Tonante esta devota demostraçaõ.

Jupiter Ultor, quer dizer, que aquelle que toma vingança dos crimes, teve hum Templo, que lhe foy dedicado por M. Agrippa.

Jupiter Herceus, he derivado do Grego *Erxos*, quer dizer o *Jupiter das casas particulares*, onde elle tinha hum Altar; os que tinhaõ este privilegio, eraõ tidos por Cidadãos de Roma. *Quicunque* (diz Arnobio) *Herceum Jovem habebant, jus Civitatis etiam habebant.*

Jupiter Ammon, ou *Hammon.* Na Lybia tinha hum Templo, e huma estatua em figura de carneiro, donde lhe veyo o nome de *Corniger Hammon.*

Jupiter Olympius, cognominado *Eleus*, celebre pelos jogos publicos, que se faziaõ em *Elide*, chamados jogos *Olympicos.*

Jupiter Anxurus, naõ porque, como fabularaõ alguns, com este nome se dava a entender, que Jupiter nunca se fizera a barba à navalha; mas porque (como advertio o Padre Rueo, no commento destas palavras do verso 799. do livro 7. da Eneida.

Queis

—— *Queis Jupiter Anxurus arvis Præsidet.*)

Era *Auxur* huma Cidade, em que era Jupiter singularmente venerado. Por naõ encher estas paginas de noticias fabulosas, e como taes de pouco proveito, deixo em silencio a declaraçaõ de muitos outros nomes, ou sobrenomes de Jupiter; bastará dizer, que Jupiter foy tambem chamado *Acræus*, *Apatenor*, *Cacuminarius*, *Chonius*, *Epacrius Fagutalis*, *Fulguritor*, *Lycæus*, *Muscarius*, *Omolius*, *Panomphæus*, *Parnethius*, *Pecoralis*, *Poliæus*, *Pluvius*, *Rex*, *Salvator*, *Custos*, *Conservator*, *Scyllæus*, *Serenus*, e *Deispiter*, *quasi diei Pater*, &c.

Huma das razoens de tantos, e taõ diversos nomes, e epithetos he, que (segundo escreve Varro) houve alguns trezentos Jupiteres de Paizes, e terras differentes. Como pois o primeiro, que teve este nome, foy amigo da virtude, e fez bem a muitos; ao seu Principe, depois de morto dava cada naçaõ o nome de Jupiter, para honrar, e eternizar a sua memoria. Por esta mesma razaõ houve muitos Hercules, e muitos Cesares.

Das Metamorphosis de Jupiter em touro, em cisne, em aguia, e alguma vez em ouro para amorosas conquistas, zomba Momo com galantaria nos Dialogos de Luciano, onde diz: Senhor Jupiter, grande cuidado me deraõ as varias figuras que tomaste. Quando te considerava transformado em touro, receava, que te puzessem o jugo em carro, ou arado; quando te via cisne, parecia-me, que te queriaõ depennar, espetar, e assar, e comerte; e quando se me representava, que estavas feito ouro, ay, dizia eu, que o deitaráõ no chrysol, para o purgar. Os Poetas Latinos chamaõ a Jupiter *Deûm Pater*, *Rex*, *Sator*, *Cæli Rex*, *Deum regnator*, *Rex Cælicolum*, *Regnator Olympi*, *Pater Omnipotens*, *Deûm Pater*, *atque hominum Rex*, *Mundi origo*, *Rex ætheris altus*, *Stellantis Olympi rector*, *Saturnius Pater*, *Rex Dictæus*, *Divûm æterna potestas*, *Saturni filius*, &c.

JUR

JURAMENTO. Vid. tom. 4. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Juramento, *e do jurar.*

Juramento de quem ama mulher, naõ he para crer. Juraràs, juraràs, e naõ seràs crido. Quém mentio, e jurou, naõ me enganou. A mulher, que se fia de homem jurar, o que ganha he chorar. Jurado tem as agoas, das negras naõ fazerem alvas.

JURUDACA. Termo da India, que responde a Interprete, ou lingua. Fern. Mend. Pinto, pag. 256.

JURUPANGA. Na India he certa casta de embarcaçaõ. *Fern. Mend. Pinto, pag. 255.*

JUS

JUSTIFICAR. Termo de Impressor. He ajustar, unir, e endireitar as regras no componedor, para que quando se botaõ, sayaõ direitas na impressaõ.

JUV

JUVENTUDE. Mocidade.

Da nova Juventude *espiritos novos*
Man. de Far. Fonte de Aganip. 3. part Eclog. 22. fol. 228. vers.

Tu que na Juventude *a ser soldado*
Com caixas, e clarins os chama a guerra.
Franc. Bar. Landim Vida de S. Joaõ de Deos, fol. 13.

IXI

IXIAÕ. Rey dos Lapithas na Thessalia, e filho de Phlegia, casou com a Princeza Dia, filha de Deioneo, ao qual (segundo o costume da terra) prometteo fazer huns mimos. Mas faltando à promessa, seu sogro lhe tomou os cavallos. Dissimulou Ixiaõ o aggravo, e convidou para a sua casa ao dito Dioneo, e por huma especie de alçapaõ o fez cahir em

em hum forno accezo, onde ficou abrazado, e consumido. Porém desta cruel perfidia ficou arrependido, e pelo que dizem os Poetas, chamou-o Jupiter à sua mesa para o consolar. Elle olhando mais para Juno, que para o prato, ficou namorado della, e lhe manifestou o seu amor, mas lhe naõ guardou a Deosa segredo, declarou o intento de Ixiaõ ao marido, o qual para se certificar da verdade, formou com huma nuvem hum vulto, que se parecia com Juno, e em lugar secreto lho fez apparecer; no mesmo instante seguio Ixiaõ o impulso do appetite; e Jupiter indignado da sua impudente temeridade, o lançou de cabeça abaixo no Inferno, onde logo o ataraõ juntamente com humas serpentes a huma roda, que em perpetuo giro andava, o que Ovidio discretamente exprime com este verso.

Volvitur Ixion, & se sequiturque fugitque.

A este caso accrescentaõ os Poetas, que esta nuvem pario os Centauros, monstros meyo homens, e meyo cavallos. Os que nas Fabulas procuraõ descobrir verdades dizem, que Jupiter era hum Rey muito poderoso, que tomou Ixiaõ na sua casa, depois do seu delicto, e que este ingrato, quiz preverter a Rainha, em cujo lugar puzeraõ huma moça, chamada *Nephele*, que em Grego quer dizer *Nuvem*. *Hygin. Fab. 62. Diodoro liv. 4. Fulgencio, liv. 2.*

IZE

IZENTIDAÕ. Termo antiquado. Vid. *Izençaõ.* Usaõ desta palavra Fr. Hector Pinto nos seus Dialogos, e Gonzalo Fern. pag. 42. (*Parecia, que era com huma Izentidaõ sobeja.*)

No

K

NO principio do tomo quinto do nosso Vocabulario Portuguez, e Latino, seguindo os preceitos da Orthografia de Duarte Nunes de Leaõ, temos deixado a letra K, quasi em branco como letra, no Alfabeto Portuguez inutil, e ociosa; porém considerando, que em livros de linguagens Septentrionaes, e outras tambem estranhas, sahe a letra K no principio de muitas dicçoens, temos achado, que neste Supplemento convinha fazer mençaõ dellas, segundo a Orthografia da terra, por naõ ficarem os Portuguezes privados das noticias, que dellas dependem.

KAB

Kabin, ou Quebin. Especie de matrimonio, permittido em Turquia, e na Persia. Toma hum homem huma mulher por algum tempo, com o ministro, chamado *Cadi*, convem no dinheiro, que se obriga a dar à mulher, quando expirado o termo, elle quizer desquitarse. *Kabin*, ou *Kebin*, em lingua Turquesca, quer dizer *Arras*, ou *Donativo*, que se faz à mulher. Dizem alguns Authores, que este semi-matrimonio naõ tem lugar, senaõ entre os Persas da Seita de Ali, e que de todos os Turcos he reprovado. *Ricaut*, *Historia do Imperio Ottomano*. *Pedro de la Valle*, *tom.* 3.

KAC

Kachemira, ou Kaquemira. Cidade, e Reyno da India, nos Estados do Mogor. Tem algumas trinta legoas de comprido, sobre doze de largo, com muitos, e muito aprasiveis outeiros. Para hum dos lados da Cidade ha hum lago, que tem quatro, ou cinco legoas de circuito, e está cheyo de Ilheos, que saõ outros tantos jardins de recreyo; outros mais bellos, e com melhores vistas occupaõ as ladeiras dos montes circumvisinhos; o delRey he deliciosissimo, e o seu Palacio he muito magnifico. Os Mogores chamaõ à terra de Kachemira *Paraiso Terreal da India*. *Bernier*, *Historia do Mogor*, *tom.* 4.

KAD

Kadezadelitas. Seita de Mahometanos, cuja Cabeça se chamava *Birgali Efendi*. Inventou este homem muitas ceremonias, usadas nos enterros; quando se fazem oraçoens a Deos pelos defuntos. O seu Iman, ou Sacerdote grita em alta voz com a boca nos ouvidos do cadaver, que se lembre, que naõ ha senaõ hum só Deos, e hum só Profeta. A mayor parte dos sequazes desta Seita saõ Povos da Russia, e outros Christãos renegados, que ainda conservaõ alguma idea do Purgatorio, e das oraçoens para as almas. *Ricaut*, *Histor. do Imperio Ottomano*.

KAI

Kaimachitas. Povos da Tartaria, que occupaõ huma parte muito grande destes vastissimos Estados. O seu Paiz, chamado *Kaimach*, ou *Neiman*, fica nos contornos do grande rio Ghammas.

KAM

Kam, ou Cham, ou Chan. Na lingua Turca, e Persiana, val o mesmo, que *Grande*, e *Poderoso Senhor*. Tomaõ este titulo os Reys da Tartaria, particularmente o mais poderoso delles, e chamaõlhe o Graõ Kam da Tartaria. Tambem na Persia se dá o titulo de Kam aos magnates da Corte, e aos Governadores das Provincias. Muitos destes Kams tem obrigaçaõ de sustentar certo numero de soldados, que haõ de estar prestes

prestes para servir nos Exercitos em caso de necessidade. De todos os titulos, que os Emperadores Ottomanos se attribuem, o de Kam he o primeiro; e assim descrevendo a sua Genealogia os Authores Turcos, dizem *Mohammed Kam, Ben. Ibraim Kam, Ben. Amed Kam.* Tambem no titulo dos seus Alvarás tomaõ os ditos Emperadores o titulo de Kam. Vid. Chan no 2. tom do Vocabulario.

Kaminieck. Cidade Episcopal de Polonia, e Cabeça da Provincia de Podolia a Alta, nas fronteiras da Moldavia. He Praça d'armas muito forte, e tem huma boa Cidadella entre penhas. Tem resistido a grandes Exercitos de Turcos, Tartaros, Transilvanos, e Valacos: Os primeiros a tomaraõ no anno de 1672. mas foy restituida aos Polacos na paz de Carlovitz anno de 1699. Os Authores lhe chamaõ em Latim *Camenecia*, e *Camienicum.*

KAN

Kanisa. Cidade de Hungria, na fronteira da Syria.

KEB

Kebberes. He o nome de huns Gentios, que os Persas toleraõ na Cidade de Aspaõ, Cabeça do Reyno. Tem sua morada no arrabalde de Rebrabath, na dita Corte. Kebber significa Infiel, e se deriva da palavra Kiaphir, que em lingua Turca quer dizer Renegado. Com os Persas naõ tem estes Infieis cousa commua, senaõ a falla. O seu trage he totalmente diverso. Contra o costume da terra, trazem grandes barbas. Naõ tem bautismo, nem circumcisaõ, nem Templos, nem Sacerdotes, nem livro algum de devoçaõ, ou doutrina moral. Com tudo naõ deixaõ de crer a immortalidade d'alma, e alguns dos pontos, que os antigos Pagãos deixaraõ escrito do Inferno, e dos Campos Elysios. Quando algum delles morreo, butaõ da casa do defunto hum gallo, e o enxotaõ para o campo; se a raposa o leva, tem para si, que se salvou sua alma. Tambem daõ credito a outra prova, que para elles he a mayor. Vestem o defunto com as melhores roupas que tem, e o enfeitaõ, e ornaõ com aneis, joyas, cadeas de ouro, e tudo o que tem de mais precioso; com estes adornos o levaõ ao cemiterio, aonde os deixaõ em pé, encostados no muro, e com hum forcado debaixo da barba, para ter maõ na cabeça. Se os corvos, ou outras aves lhe arrancaõ o olho direito, tem-no por bemaventurado, e com grandes ceremonias enterraõ o corpo; mas se por desgraça as aves lhe cavaõ o olho esquerdo, desconfiaõ da sua salvaçaõ, e considerando-o como condemnado, o lançaõ em huma cova de cabeça abaixo. *Oleario, Viagem da Persia.*

Keblins. Povos, que vivem no campo, algumas trinta legoas de Alepo na Syria. Nem Turcos saõ, nem Christãos; mas tem mais affeiçaõ à Ley de Jesu Christo, que à do falso Profeta Mafoma. *Miguel Fevre, Theatro da Turquia.*

KEN

Kent. Provincia de Inglaterra, na parte Meridional. Antigamente era Reyno; hoje tem só titulo de Condado. Sua Cidade principal he Cantorbery. *Cantium, ii, Neut.*

KER

Kerci, ou Chierche. Pequena Cidade da Tartaria Precopense na Europa, na boca do Estreito de Caffa, no mar Negro. Antigamente viviaõ estes Povos no campo em bandos, e eraõ Gentios. Quando o seu Sacerdote sacrificava, tomava sangue, leite, e esterco de cavallo, que elle misturava com barro em hum vaso; depois subia em huma arvore, donde acabando de fazer ao Povo, que o cercava, huma exhortaçaõ, os borrifava com esta composiçaõ para os purificar,

rificar, e servirlhes de preservativo contra todo o genero de males. *Alex Guaguin in Tartaria.*

Kerling. Antiga Cidade de Inglaterra. *Kirlintonium, ii, Neut.*

KES

Kessel. Cidade da Gueldria Alta, para o Brabante. *Menapiorum Castellum, i, Neut.*

KI

Ki. No idioma Persiano, e Turco, quer dizer Rey, ou Emperador. Os antigos Reys da Persia muitas vezes tomavaõ este titulo, e o punhaõ antes do seu proprio nome; e assim entre os ditos Reys, Ki Kobad, Ki-Bahman, &c. queria dizer, ElRey Kobad, ElRey Bahman.

KIB

Kiblah. O Templo de Meca, ou mais propriamente a torre quadrada no meyo do amfitheatro da Mesquita. Em lingua Arabica Kiblah significa lugar, para o qual volta a gente o rosto, e os Turcos daõ este nome a este lugar da Mesquita da Meca, porque quando fazem oraçaõ, tem obrigaçaõ de olhar para ella; e por esta razaõ todas as Mesquitas de Turquia tem hum nicho no muro pela parte que olha para a Meca, e este nicho tambem se chama Kiblah. *Ricaut, Histor. do Imperio Ottomano.*

KIE

Kiel. Cidade de Alemanha, ou de Dinamarca, no Ducado de Holstein, ou Hollacia, sobre o mar Balthico, he muito mercantil, e tem bom porto. *Chilonium, ii, Neut.*

Kienning. Cidade da China, na Provincia de Fokien. He muito mercantil, porque por ella passaõ as embarcaçoens, que vaõ para a Provincia de Chekiang; em ellas chegando à Cidade de Pucing, se desembarcaõ as mercancias, e por tres dias de caminho entre montes, e valles os homens de ganhar as levaõ até a Villa de Pinghu. Saõ estes mariolas em numero dez mil, com cordas, e alavancas repartem entre si o pezo taõ destramente, que andaõ com grandes pedras, e marmores às costas, que bestas de carga apenas poderiaõ levar à rasto. Perto de Pucing ha huma ponte de barcos, e hum famoso Templo dedicado a Chuvencungo, Interprete da Filosofia de Confucio. He este Interprete taõ venerado, que por ordem do Emperador da China, em todas as Universidades se lem as suas postill s. Perto da Cidade Kunggan està o monte de Uvy, celebre pelos muitos Templos, e Mosteiros de Ermitaens, que desprezando as riquezas, e honras do Mundo se acolheraõ a elles. No meyo do seculo decimosexto hum destes solitarios, que governava dous destes Templos, se fez Christaõ, e depois de quebrar os Idolos, poz em hum dos Templos a Imagem de Jesu Christo, e em outro o da Virgem Nossa Senhora. Desde aquelle tempo ha no dito lugar muitos Christãos, e Ermitaens, que vivem santamente. *Martim Martini, Descripçaõ da China, na Collecçaõ de Thevenot, vol. 3.*

KIL

Kil. Rio, perto da Cidade de Treves. *Gelbis, is, Masc.*

Kilan, ou Kilaõ. Grande Provincia do Reyno da Persia, que em figura de crescente corre ao longo do mar Caspio, que por isso se chama Mar de Kilan. Esta Provincia he cercada de huma cordilheira de montes cubertos de arvores, que formaõ huma especie de Amfitheatro, donde sahem muitos rios, que regaõ, e fertilizaõ o campo. O vinho destas terras he excellente; dizem, que nas vinhas ha cepas mais grossas, que o corpo de hum homem. A Cidade, Cabeça desta Provincia, se chama *Rescht.*

KIN

Kinsale. Cidade perto do mar, em Irlanda no Condado de Kork, em Mommonia.

KIS

Kisico, antigamente *Cyzicus*. Cidade, ou para dizer melhor, ruinas, e vestigios de huma famosa Povoaçaõ, na costa Oriental do mar de Marmora, na Natolia. Querem alguns, que fosse edificada pelos Argonautas, quinhentos annos antes da fundaçaõ de Roma. As casas eraõ quasi todas de marmore. Havia nesta magnifica Cidade tres Arsenaes, ou armazens cheyos de armas, mantimentos, e de tudo o que fosse necessario para os Cidadãos. O Templo, que nella foy edificado em honra do Emperador Augusto, era superior a tudo. Hoje naõ se vem senaõ destroços de grandes Palacios, com as reliquias de hum grande amfitheatro de figura oval, em que cabiaõ mais de doze mil espectadores. *Grelot, Viagem de Constantinopla.*

KOM

Kom. Cidade da Persia, na Provincia de Yerac, em huma planicie entre Aspaõ, e Casbin; dizem, que tem quinze mil casas. Entre as Mesquitas, que saõ muitas, a mais soberba he a em que estaõ sepultados Cha Sophi, e Cha Abbas II. Reys da Persia. A estructura deste edificio he admiravel. No cabo de hum quarto pateo, se vê a face de tres magnificas Capellas de marmore transparente; e em cima do zimborio da Capella do meyo se levanta hum obelisco, ou agulha, que tem vinte pés de alto, e he composta de bolas de ouro, humas sobre outras, e rematadas de hum crescente do mesmo metal. Tambem as duas Capellas lateraes saõ dignas de admiraçaõ; o pavimento he de grandes lages de porfido, nas abobedas com notaveis primores se tem apurado o engenho do Architecto, em toda a parte interior, mouriscos, ou brutescos com azul, e ouro, cegaõ os olhos, as vidraças saõ laminas de cristal, pintadas de ouro, e azul, e encaixadas em ouro moçiço. Todos os paramentos, e ornatos das Capellas saõ de ouro, e prata. Oito Mollas tem salario para lerem a giros o Alcoraõ de dia, e de noite na Capella do meyo, diante da sepultura de Fathme, filha do Califa Mousa-Cazem, muy venerada dos Persas. Outros doze fazem a mesma funçaõ diante da sepultura de Sophi, e vinte e cinco diante da sepultura de Abbas. Tem esta Mesquita tres mil e duzentos tomans de renda, que fazem alguns setenta mil cruzados de moeda Portugueza. Tres grandes Senhores do Reyno saõ os administradores deste cabedal. Hum dos pateos desta Mesquita he couto para o que naõ tem com que pagar as suas dividas; e tem quartos onde se agasalhaõ, e comem das rendas da Mesquita, em quanto os seus procuraõ de compor as partes, e satisfazer os acredores. *Tavernier, e Chardin, Viagens da Persia.*

KON

Konisberga. Cidade da Prussia Ducal. He Cidade Anseatica, grande, bella, e de grande commercio. Fica sobre o rio Pregel, o qual se mete no *Hab*, lago que se une com o mar, e tem algumas quinze, ou dezaseis legoas de comprido, e duas de largo. *Mons Regius*, ou *Regiomons*, ou *Regiomontum*, *i*, *Neut.* Cousa de Konisberga. *Regiomontanus, a, um.*

KOR

Korsum. Cidade, ou Villa de Polonia, na Ucrania. Estevaõ Bathori, Rey de Polonia, depois de vencer em varias batalhas aos Moscovitas, a fez edificar, sobre o rio Ross. *Korsuma, æ, Fem.*

KRE

Krempe. Cidade de Holsacia. *Kempa, æ, Fem.*

Krems. Cidade de Austria, sobre o Danubio. *Cremisium, ii, Neut.*

KUL

Kul. Em lingua Turca quer dizer *Escravo*. Todos os que servem officios dependentes da Coroa, ou recebem moradias, tomaõ o titulo de *Kul*, ou escravo do Graõ Senhor. O proprio Graõ Visir, e todos os Baxás do Imperio, se prezaõ deste nome, que para elles he incomparavelmente mais honorifico, que o de subdito, ou vassallo. Hum escravo do Sultaõ tem authoridade para maltratar aos que só tem a calidade de subditos do Principe; mas o subdito sem arriscarse a hum grande castigo, naõ póde fazer o minimo acinte a hum escravo. Os que tomaraõ este titulo, cegamente obedecem ao Emperador em tudo o que elle manda, e tem por certo, que a morte a que por ordem do Emperador se sogeitaõ, he hum santo martyrio, com o qual vaõ lograr a gloria. *Ricaut, Histor. do Imperio Ottomano.*

KYR

Kyrie eleison. Estas duas palavras, ainda que Gregas, se fizeraõ pela continuaçaõ das Missas taõ communas, que em todas as partes da Igreja Catholicas, até mulheres, e rapazes, ainda que as naõ entendaõ, as dizem; mas a mayor parte naõ sabe o que diz; em Latim querem dizer, *Domine miserere*, Senhor, misericordia; e se repetem nove vezes, tres ao Pay, tres ao Filho, tres ao Espirito Santo, para o Sacerdote impetrar a graça de chegar a ser digno intercessor para o Povo Christaõ. O Papa S. Silvestre introduzio os Kyrios na Igreja Latina; no anno mil da nossa Redempçaõ se começou a usar delles, quando Dunstano, Bispo Cantuariense, estando para dizer Missa, ficou absorto dos sentidos, e ouvio em extasi vozes Angelicas, que com celeste harmonia cantavaõ os Kyrios ás tres Pessoas Divinas. *Vincent. Bellovacens. libro 4. Specul. Historial. cap.* 85. Nas Procissoens de Roma cantavase cem vezes *Kyrie Eleison*, e cem vezes *Christe Eleison*, e outras cem vezes *Kyrie Eleison*. *Authores penes Floravant.*

L

LAB

LABE. He tomado do Latim *Labes*, Nodoa, macula, mancha, labeo. Vid. nos seus lugares.

Lavado pois naquella fonte pura,
Que a Labe *original extingue, e mata.*

Franc. Barret. Landim, Vida de S. João de Deos, fol. 6.

LAC

LACAÕ do porco. Vid. Presunto, tomo 6. do Vocabulario. Naõ acho razaõ alguma para chamarmos ao presunto *Lacaõ*, senaõ quizermos dizer, que como os presuntos de Lamego saõ excellentes, e segundo Strabo na sua Geografia, os fundadores da Cidade de Lamego foraõ huns Povos da Grecia, chamados *Lacones*, donde a dita Cidade de Lamego foy chamada *Laconimurgo*, poderia ser, que pela figura mitonymia, que he transnomeaçaõ, ou transposiçaõ de nome, aos presuntos de Lamego se communicasse o nome Grego de Lamego, e assim se chamassem *Lacoens* os presuntos dos Povos chamados *Lacones*. Desta sorte de transnomeaçaõ ha muitos exemplos, entre outros huns chapeos, fabricados em França na Cidade de *Caudebec*, ou *Codebec*, em Normandia se chamaõ, ou quando eraõ mais à moda, se chamavaõ *Codebecs*.

LACAYA. Criada. Moça, que serve senhora. Vid. Lacayo no Vocabul.

Como os brincos das Lacayas
Da senhora Dona Ignez
Pendurados dos ouvidos
Naõ cessaõ de lhos roer.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Viola de Thalia, pag. 218.

LACERNA. He o nome Latino de huma especie de gibaõ, ou o de que antigamente usavaõ os Romanos contra a chuva, e o frio. *Lacerna, æ, Fem. Cic.*

LACONICAMENTE. Com brevidade Laconica, com estylo Laconico. *Laconica brevitate.*

LACONICO. Substantivo. Chamaraõ os Antigos *Laconicum* à estufa, ou suadouro, porque os de Lacedemonia introduziraõ o uso deste remedio; e condemna Mercurial os que confundem o *Laconicum*, que era o lugar onde se tomavaõ suores, com o *Hypocaustum*, onde estava o fogo, que aquentava o *Laconicum*.

LACONISMO. Falla breve, e sentenciosa, à imitaçaõ dos Laconicos, ou Lacedemonios, inimigos da verbosidade, e amigos de dizer muito em poucas palavras. No tempo que com os Argivos contendiaõ os Lacedemonios sobre os limites dos seus dominios, escreveraõ os Argivos huma carta muito larga, com grandes ameaços, naõ querendo ceder do direito que pertendiaõ ter neste particular. Toda a reposta dos Lacedemonios se encerrou nella unica palavra , que traduzida do Grego em Portuguez, quer dizer *Se*; e vinha a ser, *Se tiverdes forças bastantes, chegareis a executar o com que agora com tanta arrogancia nos ameaçais*. O fallar Laconico he propriedade de Principes, porque quem manda, naõ ha de ser diffuso, que a prolixidade desauthoriza o imperio. *Quilibet Dominus*, dizia hum discreto, *servo monosyllabus sit*. O fallar muito he achaque de quem pede, ou de quem se queixa. *Laconismus, i, Masc.* He de Cicero, porém com caracteres Gregos.

LACRA. Vid. Lacre, no tom. 5. do Vocabulario.

Das bocas, e das faces Lacra *pura*
Aprendem rosas.

Manoel de Far. e Sous. Aganip. livro 1. Cent. 6. Sonet. 62.

LACRIMANTE. He tomado do Latim *Lacrymans*. Vid. Choroso.

E tu formidoloso, e gram Gigante
Que de taes minas adornaste a fronte
Vertebas cubido, e Lacrimante.
Francisco Barreto Landim, Vida de S. Joaõ de Deos, 77. verso, e na fol. 78. diz: Na Lusitana terra *Lacrimante*.

Lacrimoso. He tomado do Latim *Lacrymosus, a, um* Cousa, que faz chorar, cousa digna de lagrimas. Ovidio diz *Lacrymosa funera*. Funeraes em que se chora. Horacio diz, *Poemata lacrymosa*. Poemas, que fazem chorar.

Cruel fortuna, Lacrimosa *historia*
Por todo o Mundo largo assaz notoria.
Franc. Barr. Landim, Vida de S. Joaõ de Deos, 78. vers.

Lactucina. Deosa, que os Antigos faziaõ presidir nos frutos, quando antes, ou pouco depois de vingar, ainda estaõ com o leite, ou primeiro suco, e substancia da planta. *Lactucina, æ, Fem.* Alguns lem em Santo Agostinho *Lacturnus, i, Masc.* e segundo Servio liv. 2. Georg. vers. 315. Varro lhe chama *Lactens Deus*.

LAD

Ladraõ. Vid. tom. 5. do Vocabul.
Outros Adagios do Ladraõ.
Ao gato, por ladraõ, naõ lhe des de maõ. Quem tem filho varaõ, naõ dê vozes ao ladraõ. Naõ ha geraçaõ, sem rameira, ou ladraõ. Com os grandes ladroens, enforcaõ os menores.

Ladraõ jayaõ. Na 3. parte da Monarchia Lusitana, fol. 201. col. 1. o Author diz ladraõ gayaõ; porém na sua Miscellanea, pag. 23. diz Miguel Leitaõ de Andrade, que se deve dizer *Ladraõ jayaõ*, que na lingua antiga queria dizer *Homem gigante*. Vid no tom. 8. do Vocabular. Torre de Ladraõ Gayaõ.

Ladrar. Vid. tom. 5. do Vocabul.
Adagios Portuguezes do Ladrar.
Ladreme o caõ, naõ me morda. Mal ladra o caõ, quando ladra de medo. Nunca falta hum caõ, que vos ladre. O caõ velho, quando ladra, dá conselho.

Ladreta. Peixe. Saõ humas como chopinhas muito pequenas.

LAG

Lagarticha. Vid. tom. 5. do Vocab.
Fazer lagarticha. Na India Portugueza, he correr com os dedos a cabeça, coçandoa, &c.

Lagenia. Provincia de Irlanda na parte Oriental. Os naturaes lhe chamaõ *Leighnig*. Tem para si alguns, que he a terra dos Povos, que Ptolomeo chama Menapios, Brigantes, e Blanios. He esta Provincia banhada dos rios Suir, Nure, Barow, &c. Tem sete Condados, e quinze Cidades mercantins. Dublin he a Cabeça de todas. *Camden, Descript. Britan.*

LAH

Laholm. Cidade do Reyno de Suecia, na Provincia de Hollanda, na Gothia Occidental. Fica na costa do mar Balthico.

Lahor. Cidade da India nos Estados do Mogor, sobre o rio Ravée. He Cabeça do Reyno de Peng-ab. He grande, e tem hum magnifico Palacio.

LAI

Laia-laia. Vid. mais abaixo, Laya-laya.

Laidar. Termo antigo, que se acha em muitas escrituras do principio do Reyno, e val o mesmo, que *Lidar*. *Faria, Europa*, 3. *part.*

LAM

Lama ligeira. Lama lavrada. He hum pano de seda ligeiro, com palheta de prata, ou ouro, hoje pouco usado.

Lambaz. Termo chulo. Lambepratos. Comilaõ.

Lambelhe os dedos. Pera, a que por outro nome chamaõ *Dimorim*, e na Beira, *Pera da agoada*; he sumarenta, e de muito bom gosto.

Lam-

Lambisqueiro. Termo chulo. Lambaz. Vid. goloso.

Lamentação. Vid. tom. 5. do Vocabulario. Na Igreja Romana chamaõ *Dias de lamentação* a quarta, e sexta feira de Paixaõ. Em Roma neste triduo naõ he licito aos Judeos sahir de casa. *In diebus lamentationis, & Dominica Passionis, in publico nimimè prodeant Judæi, eo quod nonnulli ex ipsis, & ornatius non erubescant incedere, ac Christianis, qui Sanctissimæ Passionis memoriam exhibentes, lamentationis signa prætendunt, illudere non formidant. Decretal. lib. 5. cap. 5. tit. 6.*

Lampadas sepulchraes. Saõ as que os Antigos fechavaõ nos sepulchros, e cuja luz se conservava sempre pela virtude de hum oleo, ou azeite, que se naõ consumia, e juntamente de huma torcida incombustivel. Dizem, que no Pontificado de Paulo III. se achara huma destas na sepultura de Tullia, filha de Cicero, onde fora metida 1550. annos antes do seu descobrimento. Tambem escreve Solino, que dentro de hum sepulchro se achara huma véla, que estava ardendo desde mil e quinhentos annos. Supponho, que foy esta a lampada, que todo este tempo ardeo no sepulchro de Olybio, illustre Cidadaõ de Padua, que no dito lugar foy achada entre dous vasos, hum de ouro, e outro de prata, cheyos de hum licor clarissimo, com huma inscripçaõ; da qual eisaqui os dous ultimos versos.

Donum hoc maximum Maximus Olybius
Plutoni sacrum fecit:

Foy esta lampada achada por huns homens, que estavaõ cavando no chaõ d'Aste, hoje Este, no Estado da Republica de Veneza. Imaginaraõ alguns, que este Olybio era hum Gentio muito douto, e que cria a immortalidade d'alma, que elle tinha symbolizado por este fogo, que nunca se apagava, e que nas duas ambulas, ou redomas de ouro significava a vontade, e a de prata representava o espirito. Querem outros, que as duas ambulas fossem cheas de hũa essencia, que continha os elementos chymicos, e a materia da Pedra Filosofal. He opiniaõ de muitos doutos, que ha materias, que ardendo se conservaõ, sem que as consuma o fogo, como v. g. a pedra Asbesto, e o Amianto, e he provavel, que com estas materias perseveraraõ as lampadas sepulchraes em arder. Os curiosos convem, em que huma torcida de Asbesto seria incorruptivel. Affirma o Padre Kirker, que pelo espaço de dous annos vira arder no seu candieiro huma torcida destas sem quebra. Toda a difficuldade está em saber tirar bem do Asbesto, ou do Amianto hum oleo perfeito. Que deste, ou de outro artificial, ou natural ingrediente se valessem os Antigos para allumiar suas cinzas, naõ ha duvida. Pelo que dizem os Arabes, e alguns celebres Escritores, he certo, que nos seus sepulchros tiveraõ os Egypcios lampadas inextinguiveis, sem se valerem do oleo de Asbesto; e segundo escreve Schianga, famoso Arabe, o artificio era este. No Egypto ha muitas betas, ou veas de betume, ou oleo de pedra. Os naturaes, que as descobriraõ, fizeraõ canos subterraneos desde as ditas veas até a seus jazigos, onde deixando huma lampada, ou candieiro, provido de huma inextinguivel torcida, e em lugar onde communicasse com algum dos ditos canos, como a torcida se naõ consumia, e sempre vinha acudindo o oleo, a lampada huma vez acceza, naõ se apagava mais. Nesta materia filosofaõ outros por este modo. Dizem, que com o andar do tempo, e com os vapores crassos, que de materias subterraneas exhalaõ, contrahe o ar hum certo grao de espessura, e consistencia, da qual succede, que logo ao entrar de hum ar fresco, facilmente toma fogo, por causa da opposiçaõ das qualidades contrarias. Em cimiterios, e em terras apauladas, donde se levantaõ muitas exhalaçoens densas, às vezes se vem luzir huns fogos, e os que trabalhaõ nos montes dizem, que quasi todas as vezes que elles abrem novas

novas cavernas, quasi sempre vem sahir algumas lavaredas. Pertende o Abbade Trithemio, que o seu oleo, composto de flor de enxofre, borax, ou tincal, e espirito de vinho, fique ardendo muitos annos sem se gastar. Tambem se fazem torcidas perpetuas com Amianto, que he huma especie de pedra hume incombustivel, ou com ouro preparado com magisterio chimico, atè ficar esponjoso. Querem alguns, que as lampadas sepulchraes, naõ sejaõ outra cousa, que phosforos, que só começaõ a arder, quando os descobrem. *Lucerna sepulchralis inextincta.* O adjectivo *Inextinctus, a, um*, he de Ovidio.

Lampedusa. Ilha do mar Mediterraneo, entre Sicilia, a costa de Tunes, e a Ilha de Malta. Ainda que pequena, e deserta, he muy celebrada, porque ha nella huma Capella dedicada à Virgem Nossa Senhora, que he azylo para todos os escravos, assim Christãos, como Turcos, que nella se podem pôr em salvo. Todos os navios, que nas prayas desta Ilha lançaõ ferro, o que muitas vezes succede, deixaõ nella alguns mantimentos, alguns vestidos, e algum dinheiro; huma ametade da Capella he para os Christãos, e outra para os Turcos. Dizem, que todas as vezes, que algum marinheiro teve o atrevimento de tirar qualquer cousa, lhe naõ foy possivel sahir do porto, sem primeiro restituir o furto. Só às galés de Malta he licito tomar o dinheiro, que achaõ sobre o Altar, e levallo a Nossa Senhora de Trapani, ou Drepano em Sicilia, para onde foy trasladada a Imagem da Senhora, que estava na Ilha de Lampedusa. Anno de 1551. perto desta Ilha fez naufragio a Armada do Emperador Carlos V. *Baudrand, Memorias Historicas, Ptolom. liv. 4. Senut, liv. 5.*

Lampeaõ. Vid. Lampadario tom. 5. do Vocabul.

O Lampeaõ *môr, que dà luzes*
A todo esse azul turqui.

Oraç. Academ. de Fr. Simaõ, pag. 138.

Lampeiro. Vid. tomo 5. do Vocabulario. (Vindes Lampeiro, que horas saõ? Obras Metricas de D. Franc. Manoel, Viol. de Thal. 250.)

Lampinho. He tomado do Castelhano Lampiño, que segundo Cobarruvias no seu Thesouro *Es el que aviendo ya de tener pelos en la barba, no le salen, por esta causa le queda el cuas de las mexillas liso, y terso, y resplandeciente, de donde tomò el nombre del nombre Lampas. Impubes, genit. Impuberis, Masc. & Fem.* ou *Impubis, is, Masc. & Fem. Cic.* Plinio diz *Impubescens. Impuber*, segundo Danet; do mesmo lampinho dizem os Poetas Latinos, *Roseis nondum venit umbra genis. Nondum signatæ primâ lanugine malæ. Nondum tibi ridenti lanugine ætas ora vestit. Per tua nondum lanugo serpere cæpit ora.* (Dizendo, que naõ convinha ser taõ barbado filho de Apollo, que se pintava Lampinho. Eva, e Ave de Macedo, part. 1. cap. 47. fol. 146.)

LAN

Lanada. He hum paõ, com sua pelle de carneiro atada na ponta, que serve de alimpar as peças.

Lançar de mais prova. *Aliquem depellere de jure causæ deinceps probandæ. Detrudere aliquem de copia tuendæ, probandæque causæ.* Vid. Prova no 6. tomo do Vocabulario.

Langarà. Termo de que se usa na India Portugueza para dizerse, que hum homem he coxo, aleijado.

Languor. He palavra Latina de *Languor*, ou *Langor*, fraqueza, ou deslaixamento.

Repetiçaõ duravel
De inflammado Languor *egra porfia*
De angustia intoleravel.

Man. Tavares, Ramalhete Juvenil, Lyra 1. fol. 35.

Levando a curar nesta figura
Quem nossos males, e Languores *cura.*

Franc. Bar. Landim, Vida de S. João de Deos, fol. 58. vers.

Langofim. He hum pequeno panno de

de algodaõ, que os Asiaticos prendem a huma fita, atada à cintura, para que o langorim cubra aquellas partes, que a vergonha occulta.

Lanhy. Cidade de França, na Provincia da Bria, sobre o rio Marna, seis legoas de Pariz, *Latiniacum, i, Neut.*

Lanifero. He tomado do Latim *Lanifer, a, um*, cousa, que traz, ou cria lãa. A Arte Lanifera, ou a Lanifera, sem mais nada, he a arte de fiar, cardar, preparar, e trabalhar a lãa. *Lanificium, ii, Neut. Ars Lanifica*, he de Claudiano, que diz *Artis Lanificæ doctissimus.* (*A' Lanifera* deraõ por objecto a lãa, por fim o vestido, por inventor Boccio. Academ. dos Singular. part. 1. pag. 356.)

Lansgrave, ou Landgrave, ou Lantgrave. Vid. no tomo 5. do Vocabulario Landgrave. (Luiz, Lansgrave de Thuringia, &c. Mon. Lusit. tomo 5. fol. 67. col. 2.)

Lanudo. Cousa, que tem lãa, cuberta de lãa. *Lanatus, a, um. Columel. Lanatior*, e *Lanatissimus*, saõ usadas.

Vestese com tanta propriedade
Os Lanudos *despojos desta fera.*
Man. de Far. e Sous. Ecclog. 5. 69.

Lanuge. Vid. Lanugem, no 5. tom. do Vocabulario.

Quem com aurea Lanuge *houve que orlasse*
Purpureo rosto, &c.
Aganipe de Faria, 3. part. Ecclog. 24. 337.

LAO

Lao, ou Laos. Reyno da India, ao Levante do Reyno de Tunquim, e ao meyo dia do Reyno de Camboja. As cordilheiras dos montes, que o cercaõ, e as grandes matas de arvores altissimas aos pés dos ditos montes, o fechaõ de sorte, que o fazem quasi impenetravel aos Povos visinhos, se o quizessem invadir. Tem hum grande rio, tambem chamado Lao, dividido em muitos canaes, pela mayor parte navegaveis, e por muitos rios que correndo receba em si, nunca tresborda, porque tem margens muito altas; e he cousa notavel, que os peixes deste rio, entrando no de Camboja, morrem; e aos do rio Camboja, passando para o rio Lao, succede o mesmo. A terra he fertilissima. Na parte que olha para o Oriente dá hum arroz, que tem hum cheiro, e sabor admiravel; e nos campos, que daõ arroz, logo depois da colheita fica huma especie de escuma, que se condensa, e se congela em hum sal, do qual se faz hum grande commercio.

No meyo do Reyno tem a Corte do Rey o seu assento, e o seu Palacio he taõ vasto, que parece huma Cidade. O quarto do Rey he todo de madeira incorruptivel por fora, e por dentro ornado, e brincado com relevos admiraveis, e taõ perfeitamente dourado, que antes parece cuberto com laminas de ouro, que com folhas deste metal. Os quartos das mulheres do Rey, e dos Mandarins tem preciosos, e pomposos adereços; verdade he, que a fabrica he só de tijolos, mas he, que só aos Talapoens, ou Sacerdotes dos Idolos he licito ter casas de cantaria.

Tem este Reyno muita gente; na resenha, que se fez nos annos de mil e setecentos, se acharaõ quinhentos mil homens capazes para as funçoens militares, sem fallar em velhos, que ainda na idade de cem annos podiaõ servir na guerra em caso de necessidade. Os Povos de Lao saõ muito doceis, e cortezes para com os estrangeiros; prezaõse de fieis, e synceros; dos bons officios que fazem, o primeiro que elles mais estimaõ he, que a pessoa que da sua agencia se valeo, celebre a sua fidelidade.

Comem largamente quatro vezes no dia; em cada pasto ha arroz, peixe, carne de busaro, e varias castas de legumes; raras vezes comem vaca, ou aves de penna; quando as poem a assar no espeto, naõ as depennaõ, nem se lhes dá do mao cheiro causado do fumo. Dos furtos que se fazem nas estradas, os moradores mais visinhos tem obrigaçaõ de

de pagar o valor. Nesta terra muito podem os feiticeiros; tem drogas para adormecer a gente; e em quanto dorme, despojaõ a casa. Tambem se diz, que tem poder para fazer entrar o demonio nos corpos, para atormentar a quem querem certo espaço de tempo. Pelo que toca à Religiaõ, saõ Idolatras, e summamente supersticiosos; porém naõ offerecem sacrificios, nem aos seus Idolos immolaõ victimas; só os perfumaõ com cheiros, e com flores cobrem os seus Altares. Os seus Doutores chamados Telapaens saõ grandes feiticeiros; dos seus Conventos quando querem, podem sahir para casar.

O Rey he senhor absoluto de todas as terras do Reyno, aos filhos dos defuntos só larga alguns moveis, e lhes dá alguma tença. Em cada huma das sete Provincias do seu Estado constitue hum Vice-Rey, mas todos sete sempre assistem na Corte, e mandaõ locotenentes para os seus governos. Naõ se deixa o Rey ver dos seus subditos, se naõ duas vezes no anno por tres dias, nem ordinariamente sahe se naõ para ir ao Templo de algum Idolo. Entaõ sahe com diadema na cabeça, montando em hum Elefante, e cuberto de tantos diamantes, e pedras finas, que sem encarecimento se póde dizer, que traz sobre si as riquezas de hum Reyno; até das orelhas, que tem furadas, pendem em grandes perolas thesouros. Diante delle vay hum coro de musica, seguido de Mandarins, cada hum com seu page atraz, que leva humas caixas de prata, e ouro, pelas quaes se conhece a qualidade, e dignidade da pessoa. Depois disto vem marchando os familiares, e validos do Rey, com os Magnates do Reyno, a saber, o Vice-Rey General montado em hum elefante, e os sete Vice-Reys, levados em cadeiras, cubertas de tela de ouro; finalmente apparece o Rey, seguido de hum grande numero de officiaes em cavallos de preço, que poem fim à cavalgada. Huma das grandes prerogativas del Rey de Lao, he ter muitos Regulos tributarios, e naõ pagar elle tributo a nenhum Potentado, como faz o Rey de Tunquin, o qual ainda que mais rico, e poderoso que este, paga vassallagem ao Emperador da China. *Riancurt*, *Traducçaõ da Historia de Lao do Padre Marini.*

Laocoon. Filho de Priamo, e de Hecuba, na opiniaõ de alguns, ou de Acoetes, segundo Hygino; de Capis, segundo Apollodoro, e de Antenor, segundo Tzetzes; foy por sortes escolhido Sacerdote de Apollo Thymbreo na Cidade de Troya; e segundo escreve Virgilio, fez opposiçaõ à resoluçaõ, que se tomou de receber na dita Cidade o cavallo de pao, dedicado a Pallas pelos Gregos, que nelle tinhaõ fechado gente armada. Ainda assim chegou a lançar na dita machina hum dardo; mas em castigo do seu atrevimento, da Ilha de Tenedos sahiraõ duas serpentes, que com seu veneno mataraõ os dous filhos de Laocoon, a que Hygino chama Antifas, e Thymbre; e que por Servio saõ chamados Ethro, e Melantho. Laocoon querendo acudir a seus filhos, morreo da mesma morte que elles. No seu Commentario sobre o segundo livro da Eneida, diz Servio, que fora Laocoon victima do furor de Apollo, por se ter ajuntado com sua mulher Antiope, diante do simulacro deste Nume.

LAP

Lapidar. Estylo lapidar, agudeza lapidar, se chama tudo o que em Epitafios, Elogios, Epigrammas, titulos, e outras inscripções está escrito, ou aberto em pedra, chamada em Latim *Lapis*, donde sahio o adjectivo *Lapidar*. No seu livro intitulado *Canochiale Aristotelico*, o Conde Manoel Thesauro amplamente trata deste estylo, e da differença, que ha entre o estylo lapidar arguto, e o estylo lapidar trivial; e no capitulo treze da dita obra, pag. 549. conclue dizendo, que o estylo lapidar arguto, he huma composiçaõ media entre o Poetico, e o Oratorio, de sorte que tenha mais

mais viveza, que a Oratoria, e menos que a Poesia; sem ter os pés atados como verso, e sem andar livre, e periodicamente solto como prosa. Arte lapidar com agudeza. *Ars conficiendi*, ou *componendi epigrammata, vel elogia acuta, arguta, ingeniosa, lapidibus incidenda.* O Padre Octavio Boldonio na primeira pagina da Dissertaçaõ Liminar da sua Epigrafica traz para o nome Latino desta arte huns nomes Gregos, funda-los no nome *Lapidaria*, que he o que o vulgo lhe poz em Italia. *Lithographica* (diz este Author) *ut inscriberetur opus, aut meliùs Lithoxoica, contendebat non illiteratus censor, consonante* (*aiens*) *illi, quam vulgus nostratium obtinuisse jam videtur lapidariæ appellatione.*

Lapús. Vid. tom. 5. do Vocabulario.

Lapús. Tambem se diz do comilaõ, e do que anda com as barbas untadas, por comer sofregadamente, e muitas vezes. *Sordidè gulosus.* He hum lapús. *Helluationibus continuis sordidè indulget.*

LAR

Lar, e naõ Lara, como por erro está no Vocabulario. He o nome de huma Cidade, e de hum pequeno Reyno na Persia, na Peninsula de Farsistan, entre Aspaõ, e Ormuz. Em muitos lugares desta terra as agoas saõ pessimas, e nas pernas, entre couro, e carne, aos Estrangeiros que bebem dellas, geraõ huns bichos muito delgados, e que chegaõ a ter varas de comprido. Quando chegaõ a furar a pelle, he necessario tiralos destramente com huma penna, como quem dobando faz hum novello; porque vindo a quebrar-se a parte que fica na carne, causa muita dor.

Lara, ou Laranda. Huma das Ninfas Naiades. Era filha do rio Almon, e foy querida de Mercurio, que della houve os Deoses Lares. Jupiter namorado de Juturna, irmãa de Turno, e desenganado de a poder lograr, porque querendo chegarlhe, se lançara no rio Tibre, chamou a si todas as Naiades do Paiz; e lhes pedio, que naõ permittissem, que a sua amiga ficasse nos seus rios escondida. Prometteraõlhe todas, que o serviriaõ, só Lara, em lugar de imitar as companheiras, foy declarar a Juturna, e mais a Juno o intento de Jupiter; do que ficou este Deos taõ raivoso, que a fez muda, e mandou a Mercurio a levasse aos Infernos; mas pelo caminho se deixou Mercurio enlevar de sorte na gentileza da dita Ninfa, que correspondendo ella à sua estimaçaõ, e fineza, se sugeitou a ter delle dous filhos, que do nome da mãy foraõ chamados Lares. *Ovid. Fast.* 2.

Larario. Era huma especie de Oratorio, em que os Gentios adoravaõ nas suas casas os seus Deoses domesticos, chamados *Lares*. Faz Lampridio mençaõ deste lugar; e chamalhe *Lararium, ii, Neut.*

Largis. Pao de largis, he o de huma arvore do tamanho de hum pessegueiro. As suas folhas saõ coradas. Criase nos confins da Persia, junto a Turquia. Saõ poucas, e muy raras as ditas arvores. Sua principal virtude he da casca, contra a icthericia, trazida no pescoço junto à carne, sem ser cozida, nem preparada em agoa, como algum dia se costumava. Da casca desta arvore, com raiz de losna, e uvas passadas, se faz hum admiravel xarope para itericias, como se pode ver na Polyanthea de Curvo da terceira impressaõ, Trat. 2. cap. 65. fol. 360. num. 13.

Larico. Na sua Prosodia traz o Padre Bento Pereira este nome com significativo de planta, que os Latinos chamaõ *Larix*, e os Castelhanos *Larices*, e querem alguns, que *Larix* se derive de *Larch*, vocabulo Alemaõ, antiquado, ou do Grego *Laros* suave, porque as folhas desta planta saõ cheirosas. He pois o larico arvore sylvestre muito alta, coberta de cortiça muito grossa, que de grao em grao produz seus ramos por todo o ambito do tronco. Tem as folhas mais estreitas, e mais molles, que as do pinheiro, as quaes no fim do Outono se

tornaõ

tornaõ amarellas, e caem todas no chaõ, de sorte, que só esta planta de todas as resinosas fica no Inverno sem folha, naõ obstante que diga o contrario Ruellio. Sobre os troncos do larico nasce o excellentissimo Agarico, do qual duvida Dioscorides se he cogumelo, ou raiz. Tambem com grandes incisoens, q̃na sua casca se fazem, nasce aquella taõ valerosa resina, que os Latinos chamaõ *Resina larigna*, e que vulgarmente se chama *Terebentina*, por ter succedido no lugar da que destila do Terebinto. Tambem dos ramos mais grossos dos laricos, que em França na Provincia do Delfinado Alto, sahem em grande numero particularmente nos contornos de Briançon, sahe hum manà branco, e seco, que em Latim se chama *Manna Laricea*. As folhas, e frutos do larico saõ altringentes. *Larix, icis*. Vitruvio faz este nome do genero masculino, livro 2. cap. 9. Plinio o faz feminino, liv. 16. cap. 10.

Cousa de pao larico *Larignus, a, um*. *Vitruv.* e naõ *Larignus*, como se acha no Author de certo Diccionario, nem *Laricinus*, como se acha em certos livros, que trataõ da quantidade das syllabas, e entre outros no *Amaltheum Prosodicum*.

LAS

Lasca. Termo dos pescadores do alto. He hum pao, por fóra roliço, por dentro com huma concavidade, que encaixa na borda dos barcos, e por elle correm as linhas quando pescaõ. O Adagio Portuguez diz. No arrumar da *Lasca* se vê o pescador.

LAT

Lates. Engenho, com que na India tiraõ a agoa dos tanques. He composto de humas vergas delgadas com a ponta para cima, e o pé grosso para baixo, e hum pezo nelle, armado sobre huma forquilha. *Diogo do Couto, Decada* 8 *fol.* 211.

Laticlavo. Tunica, ou vestia de bocados, ou retalhos de purpura, da feiçaõ de cabeças de pregos largos. Era trage honorifico, e distinctivo entre Romanos, e vestidura propria dos Senadores, que (como o manifesta Suetonio) se chamavaõ de hum só nome *Laticlavii*; *Binos Laticlavios misit*, mandou dous Senadores. Os Consules, Pretores, Ediles, e Triunfadores tambem tinhaõ direito para vestir esta tunica, e no reynado dos Emperadores se concedia aos Governadores das Provincias, e aos que tinhaõ servido bem a Republica, como insignia de honra. *Laticlavia tunica*. Valer. Max. *Latus clavus*. *Plin.* (O Senador, que veste *Laticlavo*. Bento Pereira, na sua Prosodia, verbo *Laticlavius*.)

Later. He tomado do Latim *Latêre*, estar escondido.

Já a serpe, na flor naõ Late,
Sabes onde Late, *e bate?*
Bate, e Late *dentro deste*.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Campanha de Euterp. 101. col. 2.

Latim. Vid. tom. 5. do Vocabulario. Expressoens Latinas, que se acharaõ nas memorias de hum antigo Critico erudito. Dellas faz mençaõ Gaspar Barthio nas suas Adversarias, livro 37. cap. 14. Por raras aqui as trago.

Acceptor, & Accipiter, *Virgilius enim Accipiter dixit, Lucilius, Acceptores, & augures.*
Armarium, *locus, ubi quæcumque Artium instrumenta ponuntur.*
Armamentarium, *ubi tantum tela Armorum.*
Afficimur *honore*, Afficimur *injuriâ*
Accidunt *mala, contingunt bona.*
Ancillor *Blandior, & Adulor significat.*
Assarius, *ab Antiquis dicebatur, qui nunc* As
Anguis, *cum sit masculini generis, dixerunt tamen & feminini Virgilius, Ovidius, & Varro.*
Audacter, *Latinum est, sed* audaciter *melius.*
Autumnus, *genere masculino, & Autum-*

tumnum *genere neutro, Latina sunt.*
Barbam *hominis*, Barbas *pecudum dicas, sed per contemptum hominis.*
Clunis *fæminini generis, sed Verrius Flaccus, masculino dici probat.*
Camara dicitur (ut Verrius Flaccus affirmat) non Camera. *Sed Lucretius,* Cameris ex teretibus dicendo, *posse dici* Cameram, *ostendit.*
Curriculus *masculinè parvus currus est.*
Caseus *masculino genere, sed Pompeius* Molle Caseum *dixit.*
Cassidem *dicimus nos ab eo quod est* Cassis; *sed multi* Cassidam *dicunt.* Auréâ quam nudavit Casside frontem, *Propertius. Aurea vati* Casside. *Virgilius.*
Capo, *nunc, sed Varro, De Latino Sermone ait, Ex Gallo gallinaceo castrato fit* Capus.
Carcer, *ubi homines coercentur.*
Car. eres, *ubi equi effunduntur.*
Fremor *est murmur hominum,* Fremitus *bestiarum.*
Herbelcit *ager, cum herbam generat, sicut adolescit, & pubescit, cùm spicæ proximat.*
Intempesta *nox, est media, quando quiescendum est, dicta, quia inportuna est actioni vigilantium, opportunum enim veteres, tempestum dicebant, à tempore, non perturbatione aeris.*
Inmaturitas, *nocturnum tempus est, non maturum, ut eo quid agatur vigilando.*
Junonis *filia, uxor Herculis, à quâ Junium mensem appellatum in libris Pastor legimus.*
Imberbi *dicuntur, non imberbes. Varro Imberbi Juvenis, ita & Cicero; sed contra Titus Livius.*
Impostura *est cum argentum, vel aurum viliori metallo adulteratur.*
Liro *significat Sulco: sicut boves cùm à rectè sulcando declinant,* delirare *dicuntur, sic & homines, qui de bonis ad mala corde vertuntur.*
Memini *me facere, non fecisse, dicere debemus, non sic duo præterita jungis. Virgilius semel dixit;* Memini Corinthium vidisse senem. *Sed hunc metrum excusat.*
Morticina *sunt mortuorum corpora.*
Noceor, *dixit Hieronymus in Propheta Abacuc, contra præcepta. Grammatica.*
Ocymum, *consuetndo neutrum facit; sed Acmylius Macer ait,* Inter præteritas numerabitur Ocymus herbas.
Palarium, *cum milites ad Palum exercentur.*
Procrastia, *quæ ante castra sunt.*
Pauperies *damnum est,* Paupertas, *ipsa conditio.*
Postulatur *honestè,* Poscitur *improbè. Cic. in Frumentar.* Incipiunt postulare, poscere, minari.
Pugillares, semper plurali dicas. Sed Labatius in Piscatoribus Pugillar *dixit.*
Palumbes *Virgil. feminino genere dixit; Lucilius Masculino;* Macrosque Palumbes; *Varro autem in Scamro* Palumbi *dixit; quod usus quoque usurpavit.*
Pometa, *ubi* poma *nascuntur, ut Oliveta,* Pomaria, *ubi servantur.*
Sagena *per e Retia significat,* Sagina. *Pinguedinem.*
Vallestria, *Antiqui dicebant ut Campestria.*

LAV

LAVADENTE. Reprehensaõ rija. Palavra chula.

LAVADURA. O lavar. *Lavatio, onis, Fem. Lotio, onis, Fem. Vitruv.* Vid. Lavar, num. 5 do Vocab.

Lavadura da mãy dos Deoses. Festa, que cahia nos 26. de Março. Foy instituida em memoria do dia, que esta fabulosa Deidade foy trazida da Asia, e lavada no rio Almon, lugar, em que se mete no Tybre. Seus Sacerdotes, chamados *Galli Cybeles*, acompanhados de huma grande multidaõ de gente, guiavaõ o carro, em que estava a estatua desta Deosa para o lugar onde fora lavada a primeira vez. No livro 2. da Cidade de de Deos, cap. 4. faz Santo Agostinho men-

menção desta lavadura. *Lavatio Matris Deûm.*

Lavadura de gallinha. Vid. Levadura.

LAVAR. Vid. tom. 5. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Lavar.

Huma maõ lava a outra, e ambos o rosto. Até o lavar dos cestos he vindima. Em Veraõ, cada hum lava seu pano. Agoa sobre agoa, nem suja, nem lava. Maõ lavada, sugidade tira.

LAUDATORIO. Cousa em louvor. Vid. Laudatorio no tom. 5. do Vocabular. (Ao Sabio Varaõ Diogo de Payva, Soneto *Laudatorio*. Obras Metric. de D. Franc. Man. Tub. de Calliope, Soneto 36.)

LAVERNA. Deosa dos ladroens, da qual faz mençaõ Horacio, livro 1. Epist. 16. vers. 60. Diz Festo Grammatico, que os Antigos chamavaõ aos ladroens *Laverniones*, porque estavaõ debaixo da protecçaõ da Deosa Laverna, a que se havia dedicado hum bosque, onde faziaõ a repartiçaõ dos seus furtos.

LAVRADOR. Vid. tom. 5. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes do Lavrador.

A Lavrador descuidado, os ratos lhe comem o semeado. A terra lavrada em Agosto, à estercada dá de rosto. O casal de ruim Lavrador; e a vinha do bom adubador. O arado barbudo, e o Lavrador barbado.

LAUREA. He tomado do Latim, e significa a coroa de loureiro (em Latim *Laurus*) que antigamente se dava aos mais celebres Poetas. *Laurea, æ, Fem. Cic. Horat.* (Laura naõ impedio a Petrarca a *Laurea* de Poeta Christaõ. Eva, e Ave de Macedo, part. 1. cap. 26. fol. 128.)

LAUREARSE. Coroarse Poeta. *Apollinari laureâ donari. Horat.*

Os intentos, a que aspiraõ
Naõ saõ mais que Laurearse.

Oraç. Acad. de Fr. Simaõ, pag. 219.

LAURENTAES. Festas instituidas pelo Povo Romano em honra de Acca Laurencia, que se celebravaõ no tempo das festas Saturnaes; e que depois chegaraõ a ser parte dellas. Segundo a opiniaõ de alguns houve duas Laurencias, huma ama de Romulo, outra meretriz famosa, que tinha deixado o Povo Romano seu herdeiro, e desapparecera no proprio lugar onde fora sepultada a primeira. Daqui nasceo o dizerse, que se haviaõ confundido as honras, que se costumavaõ a huma, e outra, as quaes consistiaõ em o Flamine de Marte derramar vinho, e leite no velabro, que na Cidade de Roma era hum bairro de logias de mercadores, principalmente azeiteiros. *Laurentalia, ium, Neut. Plur. Ovid.*

LAURIFERO. He tomado do Latim *Laurifer*, cousa, que traz, tem, cria louro, ou coroado de louro: *Laurifer, a, um. Ovid. Lauriger, a, um. Marcial.*

Aspirando ás Lauriferas *grinaldas.*

Aganippe de Faria, tom. 4. Eclog. 11. fol. 141.

LAYA-LAYA. Termo da India Oriental, que no commercio val o mesmo, que fazendas forcadas; panos laya-laya, &c. tambem quer dizer assim, assim.

Mestiças de agoa
Laya-Laya
Barriga de Canja
Mamas de Papaya.

LAZ

LAZER. Termo chulo. Animo, valor, occasiaõ, tempo, opportunidade. Naõ ter lazer para tal negocio.

LAZEIRA. Vid. tomo 5. do Vocabulario.

Porque com ella passava
Vida farta, e escudeira;
Com ella nada faltava
Sem ella tudo he Lazeira.

Obras Metric. de D. Franc. Man. Canfonha de Euterp. fol. 74.

LAZIOS. Povos da Sarmacia Europea, que tinhaõ sua vivenda nas prayas da lagoa Meotis, ou nas portas Caspias, perto das Iberas. No Pontificado do Papa Hormisdas, estes Povos se converteraõ à Fé de Christo pelos annos de 522.

521. Seu Rey, chamado Zato, passou para Constantinopla a buscar o Emperador Justino, que foy seu padrinho na fonte Bautismal, e na despedida lhe deu huma Coroa, e huma opa Real. *Zônara, Annal.* 3. *Cedreno, in Compendio.*

LEA

Leal. Moeda de cobre, que Affonso de Albuquerque bateo em Goa. *Barros, Decada* 2. *fol.* 125. *col.* 1.

Lealdamento. Acto de lealdar. Vid. Lealdar, tom. 5. do Vocabulario. (Para se evitarem muitos conluyos, e enganos, que poderia haver nos ditos *Lealdamentos.* Foral da Alfandega de Lisboa, cap. 122.)

Leaõ. Vid. tom. 5. do Vocabulario.

Leaõ do mar. Nuno da Cunha, Governador da India, pela sua sciencia, e valor nas batalhas navaes, foy chamado por Soltaõ Badur, *Leaõ do mar. Couto, Dec.* 4. *fol.* 184. *col.* 1. *e* 185. *col.* 2.

Leaotung. Terra da China, entre o golfo de Cang, a grande muralha, e o rio Linhoang. Os moradores se fizeraõ guerreiros com as guerras, que tem quasi continuas com os Tartaros. Tem a mesma Religiaõ, que os Chinas no culto dos Idolos, e na doutrina da Metempsycosi, ou transmigraçaõ das almas de huns corpos para outros. Em lugar de Sacerdotes tem humas mulheres, cujo officio he lançar fóra das casas as doenças, e dos corpos obsessos os malignos espiritos. Para este effeito de dia, e de noite tocaõ as caixas, e batem em tambores, dançando, e saltando continuamente ao redor da casa do doente, e he taõ cega a superstiçaõ daquelle Povo, que dá credito a esta ceremonia, persuadido de que com ella se expellem todas as más influencias, infortunios, e desgraças, que podem cahir sobre qualquer lugar. *Martim Martini, Descripçaõ da China, na Collecçaõ de Thevenot, tom.* 3.

LEB

Leboreiro. Termo de caçador. Caõ leboreiro, bom para caçar lebres. He usado neste Adagio: Em Janeiro, nem galgo leboreiro, nem açor perdigueiro. Vid. Galgo.

Lebre. Segundo Joaõ Froissardo, a Ordem Militar dos Cavalleiros da Lebre, teve este principio. Os dous Exercitos de França, e Inglaterra estando em ponto de dar batalha, entre Virousfoste, e a Flamanqueria, huns Escudeiros Francezes pediraõ ao Conde, que os fizesse Cavalleiros, o que elle fez, e como no mesmo tempo sahiraõ humas lebres, que correraõ o campo, e naõ se deu batalha, foraõ chamados *Cavalleiros da Lebre.*

LEC

Leça. Rio. Vid. Lessa.

Lectisternio. He palavra composta do Latim *Lectus*, leito, e *Sternere*, armar. Neste sentido era huma notavel ceremonia, que raras vezes se fazia, e só em tempo de calamidades publicas, como peste, &c. Das suas bases, ou pedestaes tiravaõ as estatuas, e as deitavaõ em leitos, armados nos seus Templos com travesseiros debaixo das cabeças, e neste estrado lhe ministravaõ o comer com toda a grandeza, principalmente a Apollo, Hercules, e Neptuno, para aplacar a sua ira. Abriaõ-se todas as portas, e em toda a parte se viaõ mesas cubertas de pratos com manjares exquisitos. Os estranhos, quer conhecidos, quer naõ, tinhaõ o comer, e o gasalho de graça, soltavaõ-se os prezos, e se reconciliavaõ os mal avindos. *Lectisternium, ii, Neut. Liv.*

LED

Leda. Filha de Thestio, e mulher de Tyndaro, Rey de Oebalio. Foy amada de Jupiter, que para lhe chegar,

tomou a figura de hum cisne, no tempo que ella se estava banhando no rio Eurotas: delle concebeo hum ovo, que ella pario na Cidade de Amycla, e do qual sahiraõ Pollux, e Helena; no mesmo instante lançou outro ovo, que ella havia concebido de Tyndaro, e no qual estavaõ Castor, e Clytemnestra, mulher de Agamemnon. *Ovidio, libro 6. Metamorph. & Epist.* 16.

LEG

Legado. A quatro castas de pessoas se dá este titulo. Chamaõse Legados, os que os Papas enviaõ aos Concilios Geraes, para em seu lugar presidirem nelles; estes como representantes da pessoa do Pontifice, precedem a todos os mais. Tambem se chamaõ Legados os Vigarios Apostolicos, Perpetuos, que o Papa constitue nos Reynos, ou em Provincias distantes de Roma, como o tem sido em França os Arcebispos de Arles, e de Rhens, que ainda hoje tem o titulo de Legados da Santa Sé Apostolica; em Castella os de Sevilha, e de Toledo; em Inglaterra o Arcebispo de Cantorbery; na Illyria os de Thessalonica, e da primeira Justiniana, ou Justinopoli, Patria do Emperador Justiniano o Antigo. De mais ha Legados, ou Vigarios Apostolicos por commissaõ, e Delegados para certo tempo em varios lugares, para nelles ajuntar Synodos, em ordem a tornar a pôr em pé a Disciplina Ecclesiastica. Esta dignidade tiveraõ em França Bonifacio, nos Pontificados de Gregorio II. e III. Hildebrando no de Victor II. e Hugo, Bispo de Digne, e depois Arcebispo de Leaõ, debaixo de Gregorio VII. e Urbano II. Finalmente se dá o titulo de Legado aos Embaixadores extraordinarios, que os Papas enviaõ aos Emperadores, e aos Reys. Antigamente esta casta de Legaçaõ era commissaõ, que se dava aos Bispos, como consta de muitos exemplos na Historia Ecclesiastica. Mas desde que a Eminencia fez os Cardeaes superiores aos Bispos, só elles tem este emprego, com o titulo de *Legados à latere*, e só elles saõ mandados pelo Pontifice como Embaixadores extraordinarios às Coroas, com authoridade, e jurisdiçaõ nos lugares da sua Legacia, sobre particulares, dos quaes podem tomar conhecimento. *Maimb. Historia do Pontificado de S. Gregorio o Magno.*

Legado à latere. He o Prelado, ordinariamente Cardeal, que estando ao lado do Pontifice debaixo do seu docel, recebe as insignias da sua dignidade, e jurisdiçaõ. Os Gregos lhe chamaõ *Legatus à facie*. Segundo Domingos Macro, rigurosamente fallando, *Legados à latere*, saõ os que com solemne ceremonia saõ creados ao lado do Pontifice, e saõ mandados aos Reys para algum bem publico da Christandade. O Legado à latere, (como consta da Glossa, in Extravag. cap. unico de Præbendis) tem nove privilegios. Tambem tiveraõ os Principes seus *Legados à latere*, como se vè no livro 1. das Formulas de Marculfo, cap. ultimo onde diz: *Quatenus præsente misso illustri viro illo, quem ex nostro latere pro hoc direximus*, *Legati nati*. Saõ os Metropolitanos, como em França o Arcebispo de Rhens; em Italia o de Ravenna, &c.

Legatario. Aquelle a quem se tem deixado alguma cousa por Testamento. *Legatarius, ii, Masc. Pompon. Jurisconf.*

Legatura. Pano de lãa, de que hoje se naõ usa.

Legoa. No Latim *Leuca*, segundo Thierrio, se deriva de *Leuxi*, que no Grego quer dizer *Branca*; e antigamente com pedras brancas se marcavaõ as distancias de hum lugar a outro.

LEI

Ley. Vid. tom. 4. do Vocabulario.

Adagios Portuguezes da Ley.

A ley de reynar, he como a de amar. Esse he Rey, que naõ conhece ley. Mao Rey, bom Rey, a toda a ley, viva El-Rey.

Rey. Qual o Rey, tal a Ley; qual a Ley, tal a Grey. Novo Rey, nova Ley. Naõ saõ boas as Leys, porque mandaõ, mas porque se guardaõ. Lá vaõ Leys, onde querem Reys. Feita a Ley, cuidada a malicia.

Leipsic. Grande, e fermosa Cidade de Alemanha, na Misnia, Principado da Saxonia Alta. Fica sobre o rio Plaiss, onde se metem nelle outros dous rios. *Lipsia, æ, Fem.*

Leiria. Cidade de Portugal. Vid. tom. 5. do Vocabular. *Leiria, æ, Fem.* Antigamente chamavaõlhe em Latim *Collippo* (como advertio Baudrand no seu Lexicon Geografico *Quia erat colli imposita*) hoje ainda que pela mayor parte fica situada em plano, naõ fizera escrupulo de chamarlhe *Nova Collippo*; quanto mais, que o Padre Antonio de Vasconcellos, na Descripçaõ do Reyno de Portugal, pag. 383. fallando nas Comarcas de Portugal, naõ chama à de Leiria *Leiriensis*, mas *Collipponensis. Estremadura sex (continet Comarcas) Ulyssiponensem, Scalabitanam, Nabantiam, Jerabricanam, Collipponensem, Cetobrigensem.*

Leite. Vid. tom. 5. do Vocabular.

Adagios Portuguezes do Leite.

Queijo de ovelhas, manteiga de vacas, e leite de cabras. Disse o leite ao vinho, venhas embora amigo. Naõ me contenta nada moça com leite, nem borracha com agoa. Leite com paõ, até a porta vay. O que no leite se mama, na mortalha se derrama. Bilha de leite por bilha de azeite. Em casa de Maria parda, huns comem leite, e outros nata. A cabra de minha visinha mais leite dá que a minha.

Leitor. Vid. tom. 5. do Vocabular.

Leitor. Na Igreja Catholica, he o cujo officio he ler em alta voz, e de lugar alto as licoens do Officio Divino. *Lector, is, Mas.* Vid. Leitorado.

Leitorado. He huma das quatro Ordens Menores, que dà poder para ler as liçoens do Officio Divino de todo o anno, e guardar os livros Sagrados. No tempo de S. Cypriano naõ se conferia este officio se naõ a homens provectos na idade, e de conhecida virtude, e sciencia. Hoje saõ admittidos a este lugar moços modestos, e bem criados.

LEL

Lela. No idioma Turco quer dizer *Dama*. Na Africa se dá ordinariamente este titulo às Damas mais illustres; e he o titulo honorifico, que na dita terra se dá à Virgem mãy de Deos; à qual tem os Mahometanos muita veneraçaõ, como tambem a seu Divino Filho. Fallando nos Mouros, diz Diogo de Torres: Chamaõ elles a nosso Senhor Jesu Christo *Cidena-Iça*, ou *Sidna-Iça*; isto he, *Nosso Senhor Jesus*; e a Virgem Santissima *Lela Mariam*, id est, a Dama, ou a Senhora Maria. *Ricaut, Historia do Imperio Ottomano.*

LEN

Lengou. Condado do Imperio de Alemanha em Vestphalia, onde tambem ha huma Cidade Imperial, e Anseatica do mesmo nome. *Cluvier Descript. German.*

Lenho. Baixel. Vid. tom 5 do Vocabulario. (Que o Oceano se sugeitasse aos homens, e se deixasse arar de seus *Lenhos.* Vieira, Hist. do Futuro 272.)

Lenir. He tomado do Latim *Lenire*, Abrandar, amansar, aliviar.

Pode a Lyra infeliz Lenir *o monte.*
Man. Tavar. Ramalhete juvenil, Lyra 1. pag. 57.

Lens, ou segundo pronunciaõ os Francezes, Lans. Pequena Cidade dos Paizes Baixos, sobre o rio Souchers, cinco legoas de Arrás. *Nometacum. Lendum*, ou *Lentium*, Balderico lhe chama *Lenense Castrum.*

LEO

Leo. He usado fóra de Lisboa, em algumas terras de Portugal, por occa-

siaõ. Teve leo, ou naõ teve leo para fazer isto, id est, teve, ou naõ teve occasiaõ, para &c.

LES

Lesira: Vid. mais abaixo Lezira.

Lessa, ou Leça. Vid. tom. 5. do Vocabulario. Tem seu nascimento no monte Corva, poucas legoas distante, e corta vagaroso por muitos prados. Navegavase nos tempos passados da sua foz atè a ponte de Guifoens. Celebrou sua frescura a Musa de Francisco de Sà de Menezes com a Cançaõ, que dizia.

O' rio de Lessa,
Como corres manso,
Se eu tiver descanço
Em ti se começa.

Lestes. Naõ he facil de achar a etymologia deste vocabulo. Os Francezes dizem *Leste*, e usaõ da dita palavra, quasi no mesmo sentido, que nós. *Un Soldat Leste, prompt, deliberè, dispost, Alacer, promptus, expeditus miles.* Casanova, Etymologista Francez, procura derivar *Leste* do Alemaõ *Liste*, que antigamente queria dizer *Arte.* O que elle pertende provar com este lugar do Glossario Latino Tudesco de Keron, Monge de S. Gallo, *Ars Liste*, *Artis Lisch.* No idioma Portuguez *Lestes*, he quasi synonymo de Prestes. Vid. Prestes, tomo 6. do Vocabulario. (Obrigados a terem seus aparelhos *Lestes*, e prepara los, &c. Couto, Dec. 4. fol. 163. col. 2.)

LET

Letal, ou Lethal. He tomado do Latim *Lethalis*, mortifero, ou mortal. (Quasi com hum *Letal* accidente. Fr. Jacinth. de Deos, Verg. de Plant. pag. 30.)

Se me julgas sem vida em Letais *settas.*

Manoel de Far. Fabul. de Narciso, e Ecco, Estanc. 4.

Letalmente, ou Lethalmente, he tomado do Latim *Lethaliter*, mortalmente.

Se com tanto rigor quem te namora
Já de ti Lethalmente *se faretra.*

Fama, Fabula de Narciso, e Ecco, Estanc. 16.

Leteõ, ou Letheo. He tomado do Latim *Letheus*, cousa do rio Lethe. Vid. Lethe, no 5. tom. do Vocabul.

Morta a fama deixais no Letheo *pégo.*

Manoel Tav. Ramalhete Juvenil, Lyra 1. pag. 2.

Letras humanas. Vid. tom. 5. do Vocabulario. (Tendo entre si Mestres abalizados nestas letras, que por mais aprazivéis, e dignas de serem sabidas de todo o homem, lhe chamaraõ os Antigos Humanas. Vida de D. Fr. Barthol. dos Mart. fol. 34. col. 3.)

LEU

Levadente. Vid. Lavadente, supra.

Levadura de gallinha. He o seu excremento.

Levana. Deosa, que na antiga Gentilidade tinha o cuidado de levantar as crianças logo depois de nascidas. Tinha em Roma seus Altares, onde lhe offereciaõ sacrificios. Ao menino recem-nascido a parteira o punha no chaõ, e o pay, ou em seu lugar outra pessoa, o levantava, e o tomava nos braços. Era esta ceremonia taõ necessaria, que sem ella o filho naõ era tido por legitimo. No livro da Cidade de Deos faz Santo Agostinho mençaõ deste costume. *Macrobio, Suetonio, Dempster Antiquit. Roman.*

Levar. Vid. tomo 5. do Vocabular. Sete a levar. Termo do jogo da banca. He quando o que faz ponto, se naõ contenta com ganhar a segunda parada, que se chama parolim, e dobra a outra bordinha da carta, parando terceira parada, e se chama sete a levar. No mesmo jogo, quinze a levar, he quando o ponto faz quarta parada. Sessenta a levar, he quando no dito jogo o ponto faz quinta parada.

Leucate. Praça forte de França, no Languedoc, na fronteira de Castella, entre Narbona, e Salzes.

Leu-

Leucosa, ou Licosa. Pequena Ilha do mar de Toscana, perto do Promontorio, chamado em lingua Italiana, *Il Capo della Licosa*. Strabaõ, e Plinio fazem mençaõ della, e dizem, que tomara este nome de huma serea, da qual diz Silio Italico, liv. 8.

Leucosiæ à scopulis; nunc quæ Picencia Fæsto
Mittit, &c.

Leucothoe. Filha de Orchamo, Rey de Babylonia, se entregou a Apollo, enganada por elle, quando Apollo disfarçado com os vestidos de sua mãy Eurynome, se chegou a ella. Cliria, que era amiga de Apollo, revelou este commercio a Orchamo, e este Rey, que de sua natureza era inhumano, e cruel, enterrou sua filha viva. *Leucothoe, es, Fem.*

LEZ

Lezira. Vid. tom. 5. do Vocabulario. Na Decada 4. fol. 174. diz Joaõ de Barros. (A terra, que he assim cercada, e corrada dos rios, chamaõ os Persas *Gizera*, e os Arabes *Leziras*, vocabulo, que entre outros muitos nos ficou delles do tempo, que senhoreavaõ Hespanha.) Os que dizem lisira, ou lisiria, poderáõ derivar estes nomes de *Lisura*, vocabulo Portuguez, porque chamamos *Liso* o que está plano, e naõ tem tropeços; e assim as terras, que no Alentejo chamamos *Lisiras* saõ campos, que naõ tem grandes altibaixos.

LHA

Lhano. Plano.

Imperio Neptunino
Liquido, Lhano, *raso*, *cristalino*.

Manoel Tav. Ramalhete Juvenil, Lyra, 1. 71. e 205.

LIA

Liaes, ou Lines. Passaros, que vem da India.

LIB

Liber. Hum dos epithetos, que se dá a Bacco, ou porque procurou pôr aos Povos da Beocia a liberdade, ou porque como Deos do vinho, com este licor livrou o espirito do cativeiro dos cuidados. Nas medalhas Consulares da familia Cassia, temos os retratos de *Liber*, e de *Libera*, com os nomes, que lhes puzeraõ nos antigos letreiros, a saber, de Bacco macho, e Bacco femea.

No livro 7. da Cidade de Deos, cap. 21. falla Santo Agostinho em *Liber*, e no dito lugar traz humas noticias, a que remetto o curioso leitor.

Liberalidade. Deidade venerada dos Romanos, e virtude muitas vezes exercitada pelos bons Emperadores, particularmente por Cesar Augusto, como o dizem Suetonio, e Tacito; *Congiarium populo, donativum militibus dedit*; ao Povo dava o congiario, que era huns pequenos sestercios, e aos soldados o donativo, que era outra igual somma de dinheiro. Fez Marco Aurelio cunhar humas moedas, nas quaes está aberta a figura da Liberalidade representada em huma Dama Romana, com opa roçagante, tendo na maõ direita huma taboinha, a que os Latinos chamaõ *Tessera*, na circumferencia da qual se lê *Liberalitas Augusti*. Nas medalhas de Adriano, e Alexandre Severo se vê o Emperador sentado em hum estrado, acenando a hum homem, que tem a seus pés, que dê a quantia de dinheiro declarado em huns pontos nos lados do estrado; tambem tem de huma banda a Liberalidade com huma tessera na maõ.

Liberdade. Deosa, que debaixo do nome Eleutheria, foy venerada dos Gregos, e dos Romanos. Tiveraõ os Romanos muitas Praças, e muitos Templos dedicados à Liberdade publica Faz Ovidio mençaõ dellas Praças, e do dia dedicado a Jupiter vitorioso, e à Liberdade.

Occupat Apriles Idus cognomine victor
Jupiter, hæc illi sunt data templa die.
Hac quoque, ni fallor, populo dignissima nostro
Atria Libertas cæpit habere sua.

Eraõ estas Praças rodeadas de arcos, e parece, que nellas se ajuntava o Povo. Formavaõ huma especie de Templo, mas descuberto ao modo daquelle de Jerusalem, onde estava o Altar dos Holocaustos. Além destas Praças, os Historiadores Romanos fazem mençaõ de muitos Templos da Liberdade em Roma, e entre outros daquelle, que Clodio fez edificar no chaõ da casa de Cicero, depois de derrubada, como tambem daquelle, que foy construido a Julio Cesar depois de morto. No livro 43. faz Dion Cassio mençaõ de ambos. A' Liberdade publica dedicavaõ os Romanos estes Templos.

No simulacro da Liberdade se representava huma Dama Romana, com hum dardo em huma maõ, e na outra hum barrete. Das medalhas, que foraõ cunhadas em honra de Bruto, e das de C. Cesar, cognominado Caligula, se póde inferir, que o barrete, ou chapeo era final da liberdade; porque quando os Romanos forravaõ seus escravos, davaõ-lhe hum chapeo, ou barrete, donde vem o *Dare Pileum* dos Latinos, por dar liberdade, e o *Vocare ad Pileum*, chamar hum escravo para lhe dar liberdade.

Liberdades da Igreja Gallicana. Saõ huns Direitos antigos, que a dita Igreja tem conservado de tempo immemorial. Estas liberdades naõ saõ privilegios concedidos pelos Pontifices, mas franquezas, e immunidades, que teve desde sua primeira origem, e com as quaes se manteve atè estes tempos. Os Francezes pertendem, que estas liberdades naõ repugnaõ à dignidade da Santa Sé Apostolica, nem tolhem à Igreja Gallicana, que naõ fique perfeitamente sogeita à Igreja Romana. Ellas só consistem no direito de se defender indefinitamente de toda a novidade, que se quizesse introduzir para restringir, ou abrogar o direito commum antigo.

Libua. Casta de uvas. Vid. Sabra.

Liburnia. Parte do antigo Illirico, cujos Povos mais nomeados eraõ os Japygios. Hoje a Liburnia he parte da Croacia, e da Dalmacia. Tinhaõ os Liburnios inventado para a navegaçaõ huma casta de baixel muito leve, e commodo para andar a corso; do qual se valiaõ para ir saquear as Ilhas da Dalmacia, e do Epiro. A' imitaçaõ destes baixeis, conhecidos na Antiguidade debaixo do nome de *Naves Liburnicæ*, inventaraõ os Romanos huma especie de liteira, em que podiaõ ler, escrever, comer, e dormir commodamente andando de jornada. Faz Juvenal mençaõ dellas na Satyra 3.

——— *Turbâ cedente vehetur*
Dives, & ingenti curret super ora Liburno.

Cluvier. Geograph. Briet.

LIC

Licenciado. Vid. tom. 5. do Vocabulario. No seu Lexicon Sacro, com mais clara etymologia diz Domingos Macro, *Ideo fortassis, à Justiniano, in proemio, Licentiatus, Lyta dicitur à Græco vocabulo Lytos, quod solubilem significat, ex verbo Luo, quod solvere denotat, nam à Magistri disciplinâ solvitur; hinc Licenciado Hispanicè dicitur, quo vocabulo Licentiati, Tridentinum Concilium utitur.*

Lichas. Criado de Hercules, pelo qual sua mulher Dejanira lhe mandou a camiza infecta do sangue do Centauro Nesso, cujo veneno inspirou em Hercules taõ grande furor, que lançou no mar a Lichas, o qual por Neptuno foy mudado em rochedo.

Lichi, ou Li-ci. He o nome de huma planta, que (segundo Joaõ Jonstono pag. 475.) se dá só na China, e só em algumas Provincias do Sul. As folhas se parecem com as do louro; o fruto tem figura de coraçaõ; a cor he de purpura; o sabor de morangos, e uvas; o caroço

he branco, e cheyo de hum succo suavissimo, que cheira a rosa. Fazem deste fruto hum vinho, que he o nectar dos Chinas. *Amon. Sinæ, & Eur. cap. 36.*

LID

LIDIMO. Vid. tom. 5. do Vocabulario. Ladraõ lidimo. *Graphicus fur. Plaut.*

LIG

LIGAR por feitiçaria. Vid. tom. 5. do Vocabulario. Que haja entre casados ligaduras magicas, naõ he só opiniaõ do vulgo, he verdade reconhecida de grandes Doutores, e confirmada com notaveis experiencias. Contra os que negaõ este magico impedimento conjugal, diz Santo Agostinho *Certum est, corporis vires incantationibus, & carminibus vinciri.* Santo Thomás, Pedro Lombardo, 4. *Sententiarum*, e outros affirmaõ, que ás vezes permitte Deos este obstaculo matrimonial, o qual depois de applicados inutilmente os Sacramentos, a oraçaõ, o jejum, os exorcismos, e outros remedios da Igreja, he licito o divorcio. A Ley de Carlos Magno o diz claramente, *Si vir, & mulier conjunxerint se in matrimonium, & postea dixerit mulier de viro, non posse nubere cum eo, si potest probare, quod verum sit, accipiat alium. Capitular. lib. 6. cap. 55.* De casados, magicamente ligados, ha nas Historias muitos exemplos. De hum Rey do Egypto escreve Herodoto, livro 2. que teve alguns annos este impedimento. Eulalio, Conde de Alvernia, Provincia de França, foy ligado pelas suas concubinas. *Gregor. Turon. libro* 10. *cap.* 8. Brunichilde, filha de Athanagildo, Rey dos Visigodos em Hespanha, impedio com sortilegios a consummaçaõ do matrimonio da Princeza, mulher delRey Theodorico. *Aimoinus, libro* 5. *cap.* 94. Foy hum Judeo causa do divorcio delRey de Castella Pedro, e da Rainha sua esposa. Na Chronica de Alberto Argentinense se acha, que Margarida, casada com Joaõ de Bohemia, pelo espaço de tres annos se naõ poderaõ ajuntar, do que resultou a dissoluçaõ do matrimonio. *No liv. 16. de Rerum varietate, cap. 89.* traz Cardano dous remedios, para desfazer o maleficio da ligadura, os quaes sendo certos, poderaõ ter effeito com muita facilidade.

LIM

LIMA. Vid. tom. 5. do Vocabulario. *Adagios Portuguezes da Lima.*

A lima lima a lima. A mulher, e a lima, a mais lisa.

LIMITADO. Foro limitado. Vid. Foro, supra.

LIMPHA. Agoa. Vid. Lympha no tomo 5 do Vocabul.

Do rio a Limpha *candida, e serena.* Francisco Rod. Lobo, nas Eclog. fol. 8. vers.

LIMPHATICO. Aquoso, ou cousa de agoa. Vid. Lymphatico, no 5. tom. do Vocabulario.

Que de huma, e outra parte cerca ameno.

O Aureo Tejo, o claro Guadiana,
Com seu curso Limphatico *serena.*

Fr. Rodr. Lobo, nas suas Eclog. fol. 3.

LIN

LINGUA DE CAVALLO. Erva, assim chamada, porque na sua folha se tem achado alguma semelhança com a lingua do cavallo. Segundo Laguna sobre Dioscorides, he huma mata pequena, que alguns impropriamente querem identificar com o louro Alexandrino. Com vocabulo Grego chamasse *Hippoglossum* de *Ippos*, cavallo, e *Glosson* lingua. E o dito Author tem observado, que em certos Codices se naõ acha *Hippoglosson*, mas *Epiglosson*, por causa da linguinha, que com o *Epiglotis* da cana do peito tem grande semelhança. Chamase tambem *Bilingua*, porque as suas folhas saõ dobres, e cada huma dellas parece

rece duas folhas juntas em huma. Na sua Prosodia, sobre a palavra *Hipploſsa*, o Padre Bento Pereira lhe chama *Bonifacia*, accrescentando, que he semelhante a *Gilbarbeira*, e lógo mais abaixo, sobre a palavra *Hippoglottion*, faz a erva lingua de cavallo, synonymo de *Espirraleira brava*.

Linguada. He casta de azevias, que naõ saõ propriamente azevias.

Lingueiraõ. Parece, que naõ he peixe, como diz o Vocabular. Dizem, que he certo marisco do comprimento, e largura de hum bom dedo, todo hum, taõ largo em baixo como em cima: tem duas cascas iguaes; tiraõse de huns buraquinhos, que se vem nas prayas de area, na fórma de huma fechadura, ou para melhor dizer, de huns como buracos de fechadura muito pequenos; e se tiraõ com humas vergas de arame, compridinhas, viradas na ponta, como anzoes. Naõ se costumaõ vender.

Linha. Vid. tom. 5. do Vocabulario.

Linha. Insignia dos Bramanes, e Gentios na India. Consta de tres fios de algodaõ, que lhe pendem de hum hombro, e vay por baixo do outro braço a tiracolo; trazem-na em memoria dos tres Regentes, que a sua superstiçaõ deu à terra, agoa, e fogo, a saber, *Brahemà*, *Bisnù*, e *Rudra*; e quando se lhes daõ seus juramentos, he naquella linha. *Couto*, *Dec.* 5. *fol.* 128. *col.* 1. *e* 2.

Linho canemo. Vid. tomo 5. do Vocabulario. Na Ilha de S. Lourenço ha casta de linho canemo, que os naturaes chamaõ *Abetſmangha Abetsboude*, e outros *Rongogue*, e com grande cuidado o cultivaõ, porque chupando as folhas da dita erva depois de secas, ficaõ como aturdidos, e adormecem; e depois acordaõ alegres, e lhes parece ter visto no sono cousas, que lhe deraõ grande gosto. Os Ombasses, que saõ os Sacerdotes, e Doutores da terra, e velhos usaõ deste remedio para desterrar a melancolia. Naõ usaõ dos fios da casca deste linho, como nós para panos, ou para cordas; mas deixaõ-nos como cousa inutil. *Dapper*, *Descripçaõ de Africa*, *pag.* 455. Allega com Flacourt, que descreveo a Ilha de S. Lourenço, chamada dos Francezes *Madagascar*.

Lino. Filho de Apollo, e de Terpsichore, ou de Mercurio, e da Ninfa Urania, celebre Musico, e Mestre de Orfeo. Por ter feito zombaria de Hercules, Hercules o matou. Era Poeta Thebano, que da Fenicia trouxe o primeiro as letras aos Gregos. No livro 2. dos seus Discursos diz Hermodoro Platonico, que este Lino compuzera em versos hum livro da Creaçaõ do Mundo; do curso do Sol, e da Lua, e da geraçaõ dos animaes. Dizem outros, que Apollo o matara de huma frechada.

LIO

Liobato. Na Prosodia do Padre Bento Pereira, o Portuguez com que se interpreta o nome Latino do peixe *Leviaria*, he *Liobato*. A's pessoas, que consultey, este vocabulo naõ parece Portuguez. Depois de muitas perguntas inuteis, recorri a Aldovrando, e no livro 13. *De Piscibus*, e no cap. 49. achey, que a huma casta de Raya, que os Romanos chamaõ *Læviraia*, os Gregos lhe chamaõ *Leiobatos*, que no Latim vem a ser *Raia Levis*, e a razaõ deste nome he, que ainda que esta casta de Raya tenha o rabo armado de muitos espinhos, tem as costas muito lisas, e macias, e por esta parte lhe convem o epitheto Latino *Lævis*; que val o mesmo, que *Macio*, e *Liso*; donde tambem lhe veyo o nome *Læviraia*. O seu proprio nome Portuguez naõ o sey.

Lioz. Pedra de cantaria, a mais clara que ha. Parece derivado de *Aliox*, que (segundo Cesar Oudin, no seu Diccionario Castelhano, e Francez) he marmore.

LIQ

Liquidambar. Oleo, ou resina oleoginosa, de cheiro muito suave, e muito forte,

forte, que destilla de huma planta muito fermosa, e muito alta, a que os Indios da America chamaõ *Ococal*, ou *Ocosolt*. Esta resina he composta de duas partes, huma seca, e outra liquida; a parte mais liquida, depois de colhida separadamente, ou espremida, se chama *Liquidambar*, ou *Liquidambra*, que unicamente serve para perfumar luvas, sem uso algum na medicina, como aquella, que de si mesma sahe da resina fresca, sem ser espremida.

LIR

Liria. Vinho, que tem liria. He de Agostinho Barbosa, que no seu Diccionario lhe chama *Vinum mudicum*. *Marcial. lib.* 8.

Lirio. A Ordem Militar do Lirio querem alguns, que seja a mais antiga de toda Hespanha. No anno de 1048. Garcia VI. Rey de Navarra a erigio, e lhe chamou Nossa Senhora do Lirio na Cidade de Naxera. A causa desta instituiçaõ foy, que estando este Principe gravemente doente, mandou fazer oraçoens, e votos em S. Salvador de Leyra, e outros lugares devotos, para cobrar saude. O que na sua opiniaõ contribuio muito para o logro deste bem foy, que neste mesmo tempo, na Cidade de Naxera, onde entaõ costumava residir, foy achada huma Imagem da Virgem Santissima, sahindo de hum Lirio, com o menino Jesus nos braços. Em agradecimento deste beneficio, mandou este Rey edificar hum magnifico Templo em honra da Virgem Santissima, e hum soberbo Mosteiro para Religiosos Cluniacenses, que começava a florecer com grande reputaçaõ; e juntamente instituio a Ordem de Nossa Senhora do Lirio. Declarouse Graõ Mestre da Ordem, e ordenou, que esta dignidade andaria sempre annexa na pessoa dos Reys de Navarra seus successores. Determinou, que os Cavalleiros desta Ordem fossem trinta e oito, todos das mais nobres, e antigas familias de Navarra, Biscaya, e Castella a Velha, que com voto solemne, feito nas mãos do Principe, se obrigavaõ a expor suas fazendas, e vidas para a conservaçaõ do Estado, e para fazer guerra perpetua aos Mouros, que entaõ occupavaõ a mayor parte dos Reynos de Hespanha. Traziaõ estes Cavalleiros sobre o peito hum lirio de prata bordado, e nas festas solemnes huma cadea de ouro, entrelachada com letras Ghoticas antigas (M (m do ultimo fuzil da cadea pendia em hum ovado, hum lirio esmaltado de branco, &c. No Escudo das Ordens Militares, o Padre Fr Jacint. de Deos faz mençaõ de outras duas Ordens Militares do Lirio, huma criada por ElRey D. Sancho IV. no Reyno de Navarra anno de 1023. cuja insignia era entresachar lirios em o vestido. Naõ entravaõ nesta Cavallaria senaõ filhos, e descendentes de Reys, e outros, que em sangue, e dignidade lhe fossem iguaes. O fim de sua profissaõ era defender a honra, e nome de Nosso Senhor Jesu Christo, e rezar cada dia hum numero de *Pater noster*, e *Ave Maria* com grande reverencia. Outra Ordem do Lirio (segundo o dito Author) houve no Reyno de Aragaõ, erecta no anno de 1043. por ElRey D. Fernando, dedicada à Madre de Deos. Tinha o seu Convento em Medina del Campo. O Habito era hum Lirio, posto em vaso. *Jeronymo Romaõ, lib.* 7. *da Republica Christãa.*

LIS

Lisim. Nas pedreiras, he o veyo entre as pedras, que quando naõ saõ inteiras, naõ obra bem o fogo para as voar.

Lista. Vid. tom. 5. do Vocabular. Tambem he o sinal do baixel na agoa. *Sulcus*, *i*.

Pela agoa a quilha vay deixando Lista. Aganipe de Far. tom. 4. Ecclog. 6. fol. 88.

LIT

Lithostrotos. He o nome Grego do lugar, onde na Cidade de Jerusalem os Juizes se assentavaõ para pronunciar

as sentenças, como se vê no cap. 19. de S. João vers. 13. quando Pilatos entregou Christo Senhor Nosso aos Judeos. *Lithos*, quer dizer *Pedra*, e *Strotos*, *Calçado*, e assim *Lithostrotos*, val o mesmo, que calçado de pedra, o que se naõ deve entender só do solho, mas tambem das paredes, com pedrinhas embutidas na cal, representando varias figuras, com o matiz das suas cores, e a ordem das pedrinhas entre si. Com o andar do tempo, subio este ornato às antecamaras, e camaras, e às paredes dos Templos, e Palacios, como hoje os nossos azulejos. Dizem, que foy Sylla, o que introduzio em Roma este modo de vestir as casas, como se vio em Preneste no Templo da Fortuna, 170. annos antes da vinda de Jesu Christo.

Literato. Douto. Sciente. Versado nas letras. *Literatus*, *a*, *um*. *Literatior*, e *Literatissimus*, saõ usados.

Literatura. Erudiçaõ, sciencia, noticia das boas letras. *Literatura*, *æ*, *Fem. Cic.* Homem de grande literatura. *Homo literatissimus. Cic.* Na Sagrada Escritura *Literatura*, quer dizer *Negocio*, para ganhar, para ajuntar fazenda. No Commento das palavras do Psalmo 70. *Quoniam non cognovi Literaturam*, diz o Papa Gelasio, *Quoniam non cognovi negotiationes*, *Can. Consequens*, *distinct.* 88. E nos Decretaes *Literatus* se toma por *Clerigo*, ou *Ecclesiastico*.

LIV

Livreiro. Vid tom. 5. do Vocabulario. Na Companhia, Livreiro he Bibliothecario.

LIX

Lixa. Cidade da Mauritania, onde (segundo a Fabula) estava o Palacio de Anteo, que Hercules affogou tomandoo nos braços; dizem, que tambem nesta mesma Cidade estavaõ os jardins das Hesperides, nos quaes brotavaõ maçãas de ouro, guardadas por hum dragaõ. Os Europeos lhe chamaõ *Larache*. Do rio *Lixo* tomou o nome de Lixa. He Cidade do Reyno de Fez, na Provincia de Asgara. *Lixa*, *æ*, *Fem.*

LOB

Lobo. Entre lobo, e caõ. Usase este modo de fallar, quando no crepusculo da boca da noite, e pela madrugada, naõ se enxerga bem o que se vê, por falta de claridade para distinguir os objectos; como seria a figura do lobo, pela semelhança que tem com a do caõ. *Luce dubiâ. Seneca.* (Esta noite entre lobo, e caõ, vieraõ a elle ao Soveral Vida do Condestable Nuno Pereir. pag. 58. col. 4. Na sua lingua dizem os Francezes o mesmo, *Entre chien, e loup.*

LOG

Logo. Vid. tom. 5. do Vocabul.

Adagios Portuguezes do Logo.

O ruim me compre o amigo, que o bom logo he vendido. Estando alegre, naõ leas carta logo, porque naõ nasça cuidado novo. Do bom logo, bom fogo. Quando Deos queria, ao longe cospia, agora que naõ posso, cuspo aqui logo. Hum dia frio, e outro quente, logo hum homem he doente. A teu amigo ganhalhe hum jogo, e bebeo logo.

Logotheta. Derivase do Grego *Logos*, razaõ, ou conta, e *Ithimi*, Meter, por Estabelecer. Propriamente significa o Revedor das contas, ou Contador môr. No Imperio Grego havia dous destes Ministros; hum para o Paço e outro para a Igreja. Na mençaõ, que faz do Logotheta da Igreja de Constantinopla, diz Codino, que tinha a seu cargo lançar em papel tudo o que pertencia aos negocios, assim do Povo, como dos Senhores. No Catalogo pois dos grandes Officiaes da dita Igreja se acha, que o Logotheta tinha o sello do Patriarca, e que com elle firmava tudo o que o Patriarca escrevia. O mesmo Codino diz, que o Logotheta punha em ordem todos os despachos do Empera-dor,

dor, e geralmente tudo o que necessita-va do sello, ou da bulla de ouro; e esta he a razaõ, porque Nicetas declara a palavra *Logotheta* por Chanceller, ou Cancellario.

LOM.

LOMONDA. Lagoa de Escocia, no Condado de Lexxox. Os moradores lhe chamaõ *Loch Lomond*. He muito grande, e cercada de Cidades, e Villas, e cuberta de Ilhas, das quaes huma he nadante, e o vento a impelle hora para huma parte, e hora para outra, e dá bons pastos para o gado. Contaõ os Authores outras particularidades desta lagoa; e dizem, que os peixes, que nella se criaõ, naõ tem barbatanas, e que de tempo em tempo se inchiõ as suas agoas, e algumas vezes se vem, ainda que sem vento, muito agitadas, &c. *Camden Descript. Magn. Britann. 3. Buchanan, Histor. de Escocia.*

LON

LONA. Pano para vélas de navios. Vid. tom. 5. do Vocabulario. Antigamente se davaõ a este pano varios nomes, para explicar a sua calidade; hoje se explica por primeira, segunda, e terceira sorte.

LOU

LOVANA. Doce da India. Ha lovana, e lovana confeitada. Na lovana naõ entra de cheiros mais, que beijoim; na lovana confeitada entraõ outros ingredientes.

LOUÇÃA. Vid. tom. 5. do Vocabular.

Adagios Portuguezes do Louçãa.

A barba cãa se entrega á moça louçãa. Huma irmãa a outra irmãa, naõ quer ver mais louçãa. Mulher muito louçãa, dar se quer á vida vãa. Moça louçãa, cabeça vãa.

LOUCEIRO. Segundo Agostinho Barbosa, no seu Diccionario Lusitanico Latino, tambem he o lugar onde poem a louça. Vid. Parteleira. *Vasorum receptaculum, i, Neut. Vasarium, ii, Neut.* Era o viatico, alfayas, e outras cousas necessarias, que os Romanos davaõ aos Magistrados, que hiaõ para as Provincias.

LOURA. Vid. tom. 5. do Vocabulario. Tambem costumaõ dar este nome aos moços, que vem da Beira, e Minho para servir.

LOURAR. Fazer huma cousa de cor loura. *Alicui rei flavum colorem inducere, ou indere.*

Manda Venus ao Sol manhãa, e tarde
Que seus crespos cabellos loure, *e estenda*
Quem vir se apresse, quem se torna tarde.

Antonio Ferreira nos seus Poemas Lusitanos, Eleg. 3. fol 53.

LOURAR. Fazerse louro. *Flavescere. Martial.*

LOURETO. Cavalleiros da Ordem de Nossa Senhora de Loureto. No anno de 1587. foy esta Ordem instituida pelo Papa Sixto V. em prova da sua devoçaõ á Mãy de Deos, cujas mercês, e beneficios saõ taõ grandes, e taõ frequentes na sua Capella da Igreja de Loureto; enriqueceo-a com grandes donativos, e com Bulla erigio a dita Igreja em Cathedral. A esta Ordem concedeo este Papa grandes privilegios; e os Cavalleiros, nas promessas, ou votos que faziaõ, se obrigavaõ a defender a Igreja, e expor pela Fé a vida nas guerras contra os Infieis. Podiaõ possuir beneficios, e na Romanha tinhaõ grandes rendas; mas com a morte de Sixto V. ficou extincta esta Ordem de sorte, que della naõ ficou vestigio algũ em Italia. Os ditos Cavalleiros traziaõ sobre o peito huma medalha, em que estava aberta a figura da Senhora, com o Menino Jesus nos braços, na fórma em que he venerada na Igreja do Loureto.

LOURO. Arvore sempre verde, com cujas folhas os Antigos coroavaõ os vencedores. No primeiro dia do anno, e em outros tempos, depois de conseguirem alguma vitoria, se plantava esta arvore

vore junto da porta dos Palacios dos Emperadores. Fallando nas honras, que o Senado fez a Augusto, diz Dion, que mandara plantar hum louro diante do seu Palacio, em final de que sempre vencia os seus inimigos. Faz Tertulliano mençaõ destes louros, onde diz, quem tivera atrevimento para entre dous louros pôr sitio ao Emperador? *Qui sunt, qui Imperatores inter duas lauros obsident?* Quer a Fabula, que Daphne fugindo dos abraços de Apollo, ficara convertida em louro. Vid. Louro, no tom. 5. do Vocabul.

Louvar. Vid. tom. 5. do Vocabulario. Louvar a Deos (como advertio Agostinho Barbosa, no seu Diccionario Lusitanico Latino) he dar graças a Deos. *Agere grates Dei, vel gratias.* Cic. in *Somn. Habere gratias Deo.* Terent. Andre 44. Literalmente louva a Deos, he dizer o *Te Deum laudamus.*

LUA

Lua. Segundo o que della conta a Fabula. No Dialogo intitulado *Icaromanippe*, faz Luciano dizer a Manippe, que hum dia fora levado ao globo da Lua, e que chamando-o com voz clara, e feminina lhe pedira, que representasse a Jupiter a impertinente curiosidade dos Filosofos, que querem saber quanto ella tem dentro de si, e procuraõ dar razaõ das suas mudanças; porque huns dizem, que he povoada de gente, e habitada como a terra, outros, que fica suspensa no ar a modo de espelho, e finalmente, que todos lhe estaõ tomando a medida, como se lhe quizessem cortar hum vestido.

Em outro lugar diz o dito Luciano, que a Lua he huma grande Ilha luminosa, suspensa no ar, e habitada de gente, da qual Endymiaõ he o Rey.

Chama Apuleio à Lua Sol da noite, e diz, que resplandecia no meyo dos Astros Celestes, como Rainha delles, e assim Horacio lhe chama *Siderum Regina bicornis.* Diz Plinio, que passara Endymiaõ parte da sua vida em observar este Planeta, donde nascera a Fabula, que ficara namorado da Lua.

Escreve Plutarco, que na parte superior da Lua estavaõ os campos Elysios, que a parte superior que olha para a terra, se chama Proserpina, e Antichton; que os Genios, e demonios moraõ na Lua, e della baixaõ para pronunciar oraculos, e assistir nas festas, que a Lua sempre está dando voltas, para se tornar a unir com o Sol, e que as almas puras voaõ para o globo da Lua, que vem a ser o mesmo, que Lucina, e Diane.

Na Mesopotamia havia huns Povos, que tinhaõ a Lua em conta de hum Deos, e por isso lhe chamavaõ *Lunus*, e naõ *Luna*, e (segundo escreve Sparciano) tinhaõ estes Povos para si, que os que criaõ, que a Lua era Deosa, e naõ Deos, todos os dias de sua vida seriaõ escravos de suas mulheres, e pelo contrario os que a reconheciaõ por hum Deos, sempre seriaõ senhores de suas mulheres. Por isso (diz o mesmo Author) ainda que os Povos da Syria, e os Egypcios chamem a Lua com nome feminino, nos seus mysterios daõ a entender, que a tomaõ por hum Deos.

Os Poetas Latinos chamaõ à Lua. *Phœbi soror. Latonæ filia. Astrorum decus. Soror æmula Phœbi. Astrorum Regina. Nocti imperans; noctis moderatrix. Noctis sidus. Noctis Dea. Dea noctivaga. Lunare jubar. Nativa luce carens. Solis de lumine lucens. Instabili motu varians su acornua. Sidus post veteres Arcades editum, Arcades enim ante lunam extitisse crediti sunt, propter observatum ante omnes Lunæ cursum; seu potius a Proseleno Rege, Orchomeni filio, qui Arcades,* Proselenos *à se nominavit; unde Fabulæ locus ex conformitate nominis,* Proselenos *enim, vox Græca,* Antelunarem *significat.*

Meya Lua. Termo de fortificaçaõ. Vid. tomo 5. do Vocabulario. *Meyas Luas*; por instituto delRey Numa traziaõ nos sapatos os Romanos mais nobres, mostran-

trandose da Ordem dos Senadores, que entaõ eraõ só cento, numero figurado com hum C. fórma de meya Lua, como explica Alexandre ab Alexandro, *Genial. dierum libro* 5. *cap.* 18. *in principio*; e significando, que por suas acçoens teriaõ depois de mortos a Lua debaixo dos pés, como disse Plutarco 6. *Problem. cap.* 76. ajuntando a nobreza pessoal à dos progenitores.

LUB

LUBENTINA, ou Libentina, ou Lubencia. Deosa, a que a antiga Gentilidade attribuia a superintendencia do gosto, que cada hum tem de fazer tudo à sua vontade, quer bem, quer mal, sem defraudar o genio em cousa alguma. Faz Plauto mençaõ desta Deosa no lugar onde diz, *Lubentiorem te faciam, quàm Lubentia est.* Derivase este nome do Latim *Lubet*, ou *Libet*, Dá na vontade.

LUC

LUCERA. Cidade Episcopal de Italia, na Capitanata, Provincia do Reyno de Napoles. Faz Ptolomeo mençaõ de outra Lucera, ou Luceria na Gallia Cisalpina, que he Lucera, ou Luzara, sobre o rio Pô.

LUCONIA. A melhor, e mayor das Ilhas Filippinas, quatorze graos além da Linha; tem para o Ouest Cambogia, huma das ricas terras da Asia.

LUCIFUGA. Rutilio Numaciano, homem Gentio, no livro 1. do seu Itinerario, chama aos Monges *Lucifugas*, por zombaria, porque saõ homens, que reconcentrados nos seus Mosteiros, fogem da luz, e da gente.

LUF

LUFA LUFA. Chularia, quando queremos explicar a ligeireza, ou brevidade de alguma cousa.

LUFADA. Vid. tomo 5. do Vocabul. Tomase tambem por abundancia ligeira; v. g. Lufada de peixe, que durou pouco tempo.

LUI

LUISIANA. Regiaõ da America Septentrional, ao Sud-Oueste da Nova França. Chamouse assim, porque no tempo de Luiz XIV. os Francezes a occuparaõ, e porque o Gentio daquella terra adora ao Sol, e na sua linguagem lhe chama *Luiz*. He terra muito fertil, tem bellos prados, e muitas vinhas, que pela parte do Sul daõ uvas quasi taõ boas como as da Europa; o vinho dellas he azedinho, mas adubado com o de França, he muito bom. Tem muito boy bravo, que (segundo as Estaçoens) muda de sitio para o pasto.

LUM

LUMA. No Minho, e na Beira communmente se diz por Lua.

Bem como aquelle Cesar, que declara
Luma *sò namorando a fermosura,*
Para a chegar a ver com pena rara
Cria, que lhe tardava a noite escura.

Faria, Fonte de Aganip. 3. part. Oitava 3. 157.

LUMIOSO. Vid. Luminoso.

Em quanto isso passar cà na Lumiosa
Costa de Asia, e America sombria.

Lusiada de Camoens, Canto 10. Oitava 4. No Commento desta Oitava diz Manoel de Faria e Sousa. (*Lumiosa* es linda voz Portugueza por *Luminosa*; y el llamar *Luminosa* a la Asia, y luego sombria a la America, entendiendo por sombria el Occidente, y por luminosa el Oriente, es lance solo de un Camões.)

LUS

LUSITANICO. Cousa da Lusitania. Vid Lusitano.

Montes do Lusitanico *Pactolo.*

Aganip. de Faria, Centur. 5. Sonet. 95.

LUSTRILHO. Tafetá encorpado, fabricado em França, muy lustroso; serve para toucas das mulheres.

LUT

Lutulencia. He tomado do Latim *Lutum*, que he lodo, lama, e metaforicamente termos improprios, erros na Grammatica, barbarismos, solecismos, &c. A lutulencia de hum discurso. *Orationis inquinamentum*, i. *Neut.* Este substantivo he de Aulo Gellio, e parece, que se póde usar delle, pois diz Cicero de Clar. 140. *Admodum inquinatè loqui.* Vid. Lutulento. (A lutulencia da narraçaõ. Crisol Purificativo, fol. 309. col. 2.)

Lutulento. He tomado do Latim *Lutulentus*, cheyo de lodo, sujo de lama. No sentido metaforico, discurso lutulento, quer dizer, que tem muitos erros. *Oratio inquinata*, ou *inquinatissima.* Cicero diz *Sermo inquinatissimus*, 1. 5. 65. (Pelo crasso, e lutulento estylo, com que discurseis. Crisol Purificativo, fol. 691.)

LUZ

Luzeiro. He tomado do Castelhano *Luzero.* Hum, e outro se deriva do Latim *Lucifer*, que segundo alguns Poetas, he a Estrella d'Alva, onde diz Staço, *Tertius Auroram pulsabat Lucifer*; isto he, começava o terceiro dia a apparecer, ou havia tres dias; e chama Ovidio ao dia onze *Undecimus Lucifer.* A Estrella pois d'Alva, ou da manhãa, he o Planeta Venus, que pela madrugada sahe antes do Sol, e chamase *Hesperus*, e naõ se poem senaõ depois do Sol posto, e chamase *Vesper.* Na Poesia Portugueza *Luzeiro*, val às vezes o mesmo, que Estrella, Astro Celeste, Luz do Ceo.

Que muito, que esta planta esclarecida,
Quando robusta, seja luz da terra
Se antes de ser, se vio no Ceo Luzeiro.

Hecatombe Sacra de André Nunes da Sylva, Sonet. 17. pag. 17.

LY

Ly. Hum estadio China, que chamaõ *Ly*, tem trezentos e sessenta passos, hum passo tem seis covados, hum grao tem duzentos e cincoenta estadios Chinas. *Fr. Jacint. de Deos, Verg. de Plantas, &c.* 161. Vid. Ly no tomo 5. do Vocabul.

LYC

Lycaon. Tyranno de Arcadia, que foy fulminado por Jupiter, e mudado em lobo, por ter sacrificado no seu Altar hum menino. Isto diz Pausanias *In Arcadicis.* No livro 1. das Metamorph. dá Ovidio outra razaõ. Diz que Jupiter naõ podendo já sofrer as horriveis crueldades de Lycaon para com os seus hospedes, tomou huma dia figura humana, e foy ao Palacio deste Tyranno, o qual para conhecer se era Deos, ou homem, na mesa lhe poz diante hum prato de carne humana; do que Jupiter indignado, o transformou em lobo. Egregiamente descreve Ovidio esta Metamorphosi, e a causa della.

Arcades hinc sedes, & inhospita tecta Tyranni,
Ingredior, traherent dum sera crepuscula noctem;
Signa dedi, venisse Deum, vulgusque precari
Cœperat, irridet primò pia vota Lycaon;
Mox ait, experiar, Deus hic discrimine aperto
An sit mortalis, nec erit dubitabile verum.
Nocte gravem somno, nec opinâ perdere morte
Me parat. Hæc illi placet experientia veri.
Nec contentus eo est; missi de gente Molossa
Obsidis unius jugulum mucrone resolvit,
Atque ita semineces partim ferventibus artus

Mollit

Mollit aquis, partim subjectis torruit igni.
Quos simul imposuit mensis; ego vindice flamma
In Dominum dignos everti tecta Penates;
Territus ipse fugit, nactusque silentia ruris
Exululat, frustraque loqui conatur; ab ipso
Colligit os rabiem, solitaeque cupidine caedis
Utitur in pecudes, & nunc quoque sanguine gaudet.
In villos abeunt vestes, in crura lacerti;
Fit lupus, & veteris servat vestigia formae;
Canities eadem est, eadem violentia vultus,
Idem oculi lucent, eadem feritatis imago.

LYM

Lymphatico, ou Lymphado. Furioso, raivoso. He tomado do Latim *Lymphaticus*, que he de Plinio, ou de *Lymphatus, a, um*, que he de Cicero, Tacito, e Virgilio, que diz:

Immensam sine more furit Lymphata per urbem.

Segundo a etymologia do Grego, que diz *Nympholiptis*, seria necessario dizer *Nymphaticus*, ou *Nymphatus*, como quem dissera louco, e enfurecido por amor de huma Ninfa, porque segundo a superstiçaõ dos Antigos, quem numa fonte, ou entre agoa via a figura de huma Ninfa, perdia o juizo, e andava como louco obrando desatinos.

LYN

Lynceo. Hum dos Argonautas, que foy com Jason na expediçaõ do Vellocinho de ouro. Dizem os Poetas, que tinha a vista taõ penetrante, que passava os muros, e até no Ceo, e nos Infernos descobria o que se fazia; o que deu motivo para esta Fabula he, que alcançava os mais profundos segredos da natureza, e sabia o modo de descobrir, e abrir minas de prata, ouro, e no curso dos Astros fizera novas observações, admiradas dos Astronomos. *Plinio, libro 2. capit. 17. Valerius Flac. Argonaut.*

Lynceo. Rio da Macedonia, cujas agoas (segundo fabúla) Ovidio, embebedavaõ como vinho. *Lyncestius, ii, Masc. Metamorph. 15.*

Lynco. Rey da Scythia, se mostrou ingrato a Triptolemo, que a Deosa Ceres mandara para ensinar aos homens a arte da Agricultura. Quiz este Rey tirarlhe a vida, mas Ceres o mudou a elle mesmo em Lynce. *Lyncus, i, Masc. Ovid. lib. 5. Metamorph.*

LYR

Lyra. Tambem he hum Astro composto de dez Estrellas, que formaõ a figura de huma Lyra. A Astronomia Fabulosa quer, que seja a Lyra do Orpheo, que Apollo lhe dera, da qual lhe tinha feito Mercurio hum presente, e que as Musas collocaraõ entre os Astros.

LYS

Lys. A Ilha do Lys he huma Ilha pequena, no mar de Toscana. Tem huma Cidade, e hum Castello dez milhas do Monte Argentaro. Algum dia foy da Republica de Genova, hoje he do Graõ Duque de Toscana; mas no Espiritual depende do Abbade das Tres Fontes, perto de Roma. Tudo nella saõ matos, e montes. *Rutillo, libro 2.*

Flores de lyz, Armas do Reyno de França. Vid. Lyz, no 5. tom. do Vocabulario. Dizem os Historiadores Francezes, que no dia em que Clodoveo, Rey de França, primeiro do nome, foy bautizado, que foy em dia de Natal do anno de 495 o Escudo das flores de lyz, por maõ de hum Anjo fora depositado para brazaõ das Armas do Reyno

no de França, nas mãos de hum Ermitaõ, na soledade de Joyanual. Parece, que o dito Escudo veyo do Ceo, semeado de flores de lyz, que depois por Carlos VI. Rey de França foraõ reduzidas a tres (como advertio o Padre Silvestre Pedra Santa nas suas *Tesseras Gentilicas*, pag. 477. onde diz: *At lilia sata eo numero, quo nimirum Deus, & præterea proximi Deo Reges propemodum ex æquo gaudent, aurata quidem, in parvula gemmata saphirino splendore, sunt stemma Regum Galliæ, postquam Carolus VI. basilicos hosce flores, numero tres adamavit potiùs, quàm consitos uti antea fuerant, manu liberaliore.*

F I M.

